

O LIVRO QUE GEROU A MINISSÉRIE DA HBO®

THE PACIFIC™

O INFERNO A UM OCEANO DE DISTÂNCIA

DOS PRODUTORES DE
BAND OF BROTHERS®
THE PACIFIC™
UMA MINISSÉRIE EM 10 CAPÍTULOS
HBO® | MINISSÉRIE |

HUGH AMBROSE

BB
BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**THE
PACIFIC**



THE PACIFIC

O inferno a um oceano de distância

HUGH AMBROSE

Tradução
Milton Chaves de Almeida

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2014

Copyright © 2010 Home Box Office, Inc. Todos os direitos reservados.

HBO e marcas de serviços relacionados são propriedades de Home Box Office, Inc.

Mapas por Martin K. A. Morgan

Título original: *The Pacific*

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2014

Produzido no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A529p

Ambrose, Hugh

The pacific [recurso eletrônico] : o inferno a um oceano de distância / Hugh Ambrose ; tradução Milton Chaves de Almeida. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2014.

recurso digital

Tradução de: The pacific

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-1990-4 (recurso eletrônico)

1. Guerra - Ficção americana. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I.
Almeida, Milton Chaves de. II. Título.

14-17573

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão — 20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0XX21) 2585-2070 — Fax: (0XX21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (0XX21) 2585-3940

THE PACIFIC

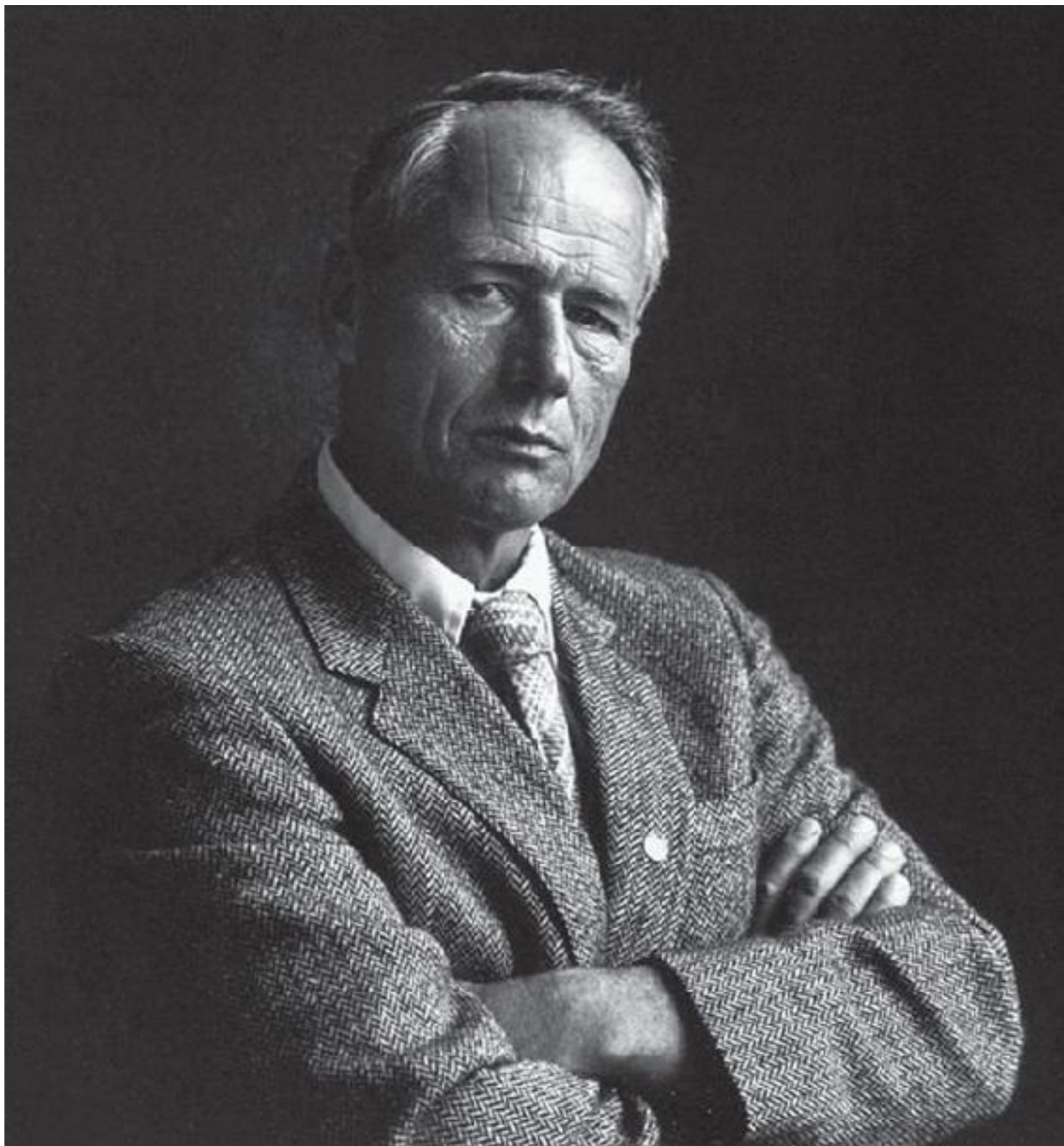


Foto de George Dureau

STEPHEN E. AMBROSE

IN MEMORIAM

1936-2002

PAI,

TIVE A SORTE

DE SER SEU FILHO

E ORGULHO

DE SER SEU PARCEIRO.

AGRADECIMENTOS

A história das razões que me levaram a escrever este livro começa com meu pai, o historiador Steve Ambrose. Ele me telefonou em 1992, enquanto eu terminava o trabalho do curso de obtenção de mestrado em história americana, me perguntou se eu “poderia fazer algumas pesquisas para ele” e depois disse as seguintes palavras mágicas: “Eu vou lhe pagar.” Durante essas pesquisas, para um livro intitulado *Undaunted Courage*, ficamos ambos surpresos e felizes ao descobrirmos que era bom trabalharmos juntos. Com o passar dos anos e o aumento do número e da variedade de projetos, meu pai teve a generosidade de me conceder um papel mais importante, como pesquisador, empresário e arrecadador de fundos para instituições sem fins lucrativos. Foi uma festa.

Quando terminamos o livro dele sobre a primeira ferrovia transcontinental americana, sugeri que escrevesse um livro sobre os dias D da Guerra do Pacífico. Embora estivesse longe de ser uma ideia original, dado o enorme sucesso de seu livro sobre o Dia D, operação militar iniciada na Normandia, ele disse: “Vamos fazer isso.” Durante o processo de compilação de uma nova coletânea de histórias originais, nosso trabalho acabou chamando a atenção do diretor cinematográfico Steven Spielberg. Steven também estava interessado em criar uma história sobre a Guerra do Pacífico. O trabalho em conjunto com esse grande cineasta nos fez viver alguns acontecimentos emocionantes e imprevistos, dos quais o principal foi a criação do documentário *O preço da paz*. Papai e eu ficamos muito orgulhosos de nosso envolvimento nesse filme, dirigido por James Moll.

Quando meu pai adoeceu, chegou à conclusão de que não poderia terminar um livro sobre a guerra contra o Japão. “É simplesmente grande demais”, explicou. Pediu, pois, que eu o terminasse. Quando faleceu, em 2002, fiquei sem saber como eu conseguiria realizar um feito desses, até receber um telefonema de Steven Spielberg, no início de 2003. Steven e seus amigos, Tom Hanks e Gary Goetzman, haviam decidido que a Guerra do Pacífico deveria ser contada de uma forma semelhante à de sua minissérie produzida com a HBO, *Band of Brothers*. Achavam que deveria representar integralmente essa experiência militar e que precisava apresentar uma ligação entre as principais batalhas. Steven (por intermédio de sua empresa, a DreamWorks), Tom e Gary (com a Playtone, a empresa deles) haviam contratado o roteirista Bruce McKenna para compilar a

história da guerra no Japão. Fui convidado para ajudar Bruce, que havia escrito episódios de *Band of Brothers*, bem como a sua equipe de escritores, a achar histórias para a minissérie. Mais uma vez, a sorte havia sorrido para mim, e aceitei a chamada do destino com entusiasmo. Tínhamos um grande desafio pela frente. A guerra contra o Japão foi mais complexa do que a travada na Europa. Todas as forças militares americanas desempenharam papéis fundamentais em muitas batalhas, em diversos países. Achar um fio narrativo para costurar coesamente uma amostra representativa desses conflitos não era fácil.

Bruce já havia começado a ler alguma coisa sobre o assunto e conversou comigo a respeito de dois livros que ele adorou: *With the Old Breed*, de E. B. Sledge, e *Helmet for My Pillow*, de Robert Leckie. Considerei isso um bom sinal. Ele havia achado duas das mais importantes memórias sobre a Guerra do Pacífico. Elas diferiam não apenas quanto ao local e à época em que seus autores haviam servido às Forças Armadas, mas também quanto à forma pela qual os soldados reagiram às suas experiências. Por solicitação dele, eu o coloquei em contato com a família Sledge. Os Sledge se interessaram pelo projeto e, por sua vez, puseram Bruce em contato com o dr. Sidney Phillips. Ao telefonar para mim outra vez depois disso, Bruce estava exultante. O dr. Phillips havia servido na mesma companhia de Robert Leckie e foi um dos melhores amigos de Eugene. Bruce tinha achado uma forma de estabelecer uma ligação entre a primeira batalha da guerra e a última. Além disso, o dr. Phillips já havia escrito um esplêndido livro de memórias sobre a sua atuação como militar, intitulado *You'll Be Sor-ree!*. A história de John Basilone foi acrescentada à coletânea de textos mais tarde, quando deparamos com o feliz acaso em que pudemos estabelecer uma ligação entre John Basilone, Phillips e Leckie. Essa lógica coesão de fatos permitiu que a minissérie incluísse a figura de “John Manila”, uma pessoa singular, com um diferente cabedal de experiências importantes.

A DreamWorks e a Playtone levaram sua ideia de criação de uma minissérie, que abrangeria uma enorme área de atuação das forças militares americanas com base na visão de alguns homens fascinantes, à única entidade que poderia concretizá-la: a HBO. Em minha opinião e na de Bruce, com a HBO a bordo da empreitada, “as estrelas se alinharam”. Enquanto os produtores do programa supervisionavam Bruce e sua equipe na criação da minissérie, continuei a fazer pesquisas originais sobre aspectos que precisavam de maiores esclarecimentos. Muitas outras histórias foram exploradas e cogitadas durante os vários anos em que nos esforçamos para mover céus e terra em busca de informações. Trabalhar para os escritores e produtores de *The Pacific* foi uma experiência fabulosa para mim. O amor que sentiam pelos homens e pelas mulheres que serviram à América, de forma tão magnífica, ficou patente desde o primeiro dia. Embora eu tenha sido apenas uma parte de um gigantesco processo, aprendi muita coisa da arte de contar histórias com Steven, Tom, Gary e Bruce, bem como com outras figuras-chave do projeto, como Tony To e Tim Van Patten.

Por fim, os produtores iniciaram o processo de escolha das histórias que fariam parte da minissérie. Nesse ínterim, fiquei empolgado com outros dois personagens: Austin “Engenhoso” Shofner e Vernon “Mike” Micheel. Embora E. B. Sledge houvesse mencionado Austin Shofner em seu livro, dei pouca atenção a ele, até entrar em contato com o coronel Otto Melsa, também veterano de guerra e grande admirador de Shofner. O entusiasmo do coronel Otto me incentivou a procurar saber mais sobre ele. Por falar em veteranos, gostaria de

agradecer a Arnold Olson, veterano do USS *Enterprise* e um dos fundadores do site www.cv6.org. Embora ele não tivesse a menor ideia de quem eu era, Olson teve a gentileza de me dar informações de contato de alguns fascinantes pilotos da Marinha, inclusive de Vernon “Mike” Micheel. Quanto mais informações eu colhia sobre Mike e o Engenhoso, mais fui me convencendo de que as histórias deles se encaixavam perfeitamente com as outras. Foi assim que começou a ganhar forma a ideia de um livro complementar da minissérie.

Como grande admirador do dr. Sidney Phillips, me senti um privilegiado em poder passar um fim de semana com ele (os verdadeiramente abençoados entre nós conseguem tomar uma cerveja e fumar um charuto com ele). A certa altura de nossa entrevista, ele mencionou que seu amigo John Wesley “Decano” Tatum tinha escrito um diário. O sr. Tatum deixou que eu usasse o diário, que é um documento impressionante, tanto que nos capacitou a contar a história da Batalha de Guadalcanal com mais detalhes. Quanto à história de Basilone, sua sobrinha Diane Hawkins nos concedeu acesso total ao acervo de documentos da família Basilone sobre o tio dela. Esse vasto, rico e inexplorado tesouro de informações, juntamente com o material colhido na Sala de Leitura Basilone da Biblioteca Pública de Raritan e o apoio dos amigos de Basilone (Richard Greer, Clinton Watters, Chuck Tatum, Barbara Garner e outros), nos ajudou a descobrir o verdadeiro John Basilone. As últimas peças do quebra-cabeça apareceram quando visitei os Acervos e Arquivo Especiais da Auburn University. Dwayne Cox e seu assistente, John Varner, foram generosos e eficientes. Os documentos de Eugene Sledge revelaram mais coisas sobre ele e a Companhia King.

Depois que todas as peças foram encaixadas, tive uma nova visão de projeto deste livro. Originalmente, minha intenção em relação a este livro complementar fora a de escrevê-lo de uma forma semelhante à usada por meu pai para escrever seu *Dia D*. Eu pretendia entrelaçar as histórias de centenas de veteranos num todo orgânico, mesmo porque havia criado uma coleção com novas pesquisas capazes de consubstanciar uma obra dessa espécie. No entanto, em vista da história impressionante coligida pelos produtores e escritores de *The Pacific*, e armado com novas pesquisas, decidi tentar algo mais. Resolvi que usaria as novas ligações entre os veteranos para estabelecer uma correlação entre partes fundamentais da guerra ausentes da minissérie. Por exemplo, a guerra não poderia ter sido vencida sem a frota de porta-aviões americanos e seus aviadores navais. Conhecer algo do tipo de império que a liderança japonesa lutou para criar era importante também. Embora um livro possa explorar um território muito maior do que o que pode constar em uma minissérie com dez horas de duração, ainda assim existe um limite no número de histórias que se pode esperar que o leitor acompanhe ao longo do vasto conflito. Para adicionar à obra as batalhas de Bataan e Midway, portanto, eu precisava excluir um dos personagens apresentados na minissérie. Foi uma escolha difícil. No fim das contas, decidi que havia relativamente pouco que eu podia acrescentar ao extraordinário relato direto de Leckie e que a exclusão da colaboração dele, conquanto lamentável, permitiria que o livro permanecesse como um complemento eficaz à minissérie, enquanto continuaria a abarcar mais amplamente o oceano de hostilidades que chamamos de Guerra do Pacífico. A minha visão deste projeto editorial é descrita com mais propriedade na Introdução, a seguir. Gostaria de agradecer a Steven Spielberg e a meus amigos da Playtone, bem como a Kary Antholis e James Costos, da HBO, por me haverem permitido aprofundar a história contada em *The*

Pacific.

Em todos os meus anos de pesquisa, recebi a ajuda de muitas pessoas gentis. Infelizmente, tempo e espaço me impedem de mencionar todas elas aqui. Apresento a seguir, pois, uma pequena lista dessas pessoas. As famílias dos quatro homens que haviam morrido na época em que iniciei este trabalho (Basilone, Sledge, Leckie e Shofner) me ajudaram de uma forma inestimável. Tive a sorte de fazer uma longa entrevista com Phillips e Micheel e obter cooperação total da família Shofner, principalmente de Stewart, Alyssa e William “Wes” Shofner. Gostaria de expressar minha gratidão a Vera Leckie, Joan Salvas e aos outros membros da família de Robert Leckie. Nenhum deles mediu esforços para nos ajudar a contar a história de Lucky Leckie na minissérie. A família do dr. Eugene Sledge — sra. Jeanne Sledge e seus filhos, John e Henry — teve para comigo, com Bruce e o restante da equipe toda gentileza possível e imaginável e doou muito de si mesma para nos ajudar a entendê-lo. Gostei muito dos momentos que passei com todos eles. Espero que aquilo que os veteranos e suas famílias lerão a seguir justifique a confiança que depositaram em mim.

A Associação da 1^a. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais (1^a. DIFN) me ajudou a achar os homens que haviam servido com os cinco personagens deste livro, e as entrevistas que tive com eles fizeram toda a diferença. O Corpo de Fuzileiros Navais Americano (CFNA), tanto por intermédio de seu Departamento de História, quanto por meio de seu Escritório de Comunicação Social com a TV e o cinema, responderam gentilmente a muitas perguntas esquisitas feitas por mim. A Mesa-Redonda da Batalha de Midway (MEREHAM ou BOMRT, da sigla em inglês), uma conversa on-line entre os veteranos de Midway, os historiadores e especialistas na batalha e centenas de fãs me ensinaram muita coisa a respeito dela. Essa mesa-redonda virtual continua a ampliar nosso conhecimento sobre esse acontecimento crítico com um verdadeiro espírito de colaboração. Para mim, a MEREHAM é a concretização dos benefícios promissores da internet. Devo reconhecer também a ajuda de Judy Johnson, que chefia a equipe de arquivistas da Georgia Tech; de Hill Goodspeed, historiador do Museu Nacional da Aviação Naval; e da de meu amigo Tom Czekanski, do Museu Nacional da Segunda Guerra Mundial.

Sou grato também ao diretor do Museu Nacional da Segunda Guerra Mundial, dr. Gordon H. “Nick” Mueller, por me haver permitido continuar a trabalhar com o museu em regime de meio expediente nos últimos anos. Tenho sido beneficiado por um trabalho de equipe muito positivo. Quando possível, contratei pessoas para me ajudar temporariamente com trabalho de pesquisa de campo: transcrição de entrevistas, escaneamento de documentos e coisas do tipo. Portanto, cito, em penhor de gratidão: Julie Mitchell, Kirt Garcia, Rob Lynn, Beth Crumley, Robert Carr, Kristin Paridon, Seth Paridon, Dustin Spence (que localizou Barbara Garner para mim), David Zeiler, Lacey Middlestead, Jonathan Wlasiuk, Warren Howell e Kevin Morrow. Dick Beilen, do Serviço de Localização de Pessoas Físicas americano, me forneceu cópias dos documentos militares de que eu tanto precisava. É sempre bom trabalhar com ele. Agradeço também à minha equipe de especialistas: o advogado Mike McMahon, o contador Mike Lopach e meu agente Brian Lipson, que continuou comigo, mesmo durante os muitos anos de vacas magras.

A equipe da Penguin/NAL entendeu prontamente a minha ideia do livro e me apoiou com entusiasmo.

Agradeço, em especial, a Natalee Rosenstein e a Michelle Vega por fazerem todos os esforços para me ajudar a triunfar.

Alguns amigos e conhecidos me ajudaram de várias formas durante o longo processo de edição do livro. Gostaria de agradecer a James Moll por seus sábios conselhos. Sou grato a Kristie Macosko pelas muitas gentilezas que ela me proporcionou. Não poderia esquecer de agradecer a meu conselheiro acadêmico, dr. Michael Mayer, da Universidade de Montana, que tem sido para mim um grande professor e mentor. A revisão que ele fez da primeira parte do manuscrito significou muito para mim. Deixo registrado aqui meu preito de gratidão aos historiadores coronel Joseph Alexander, coronel Jon T. Hoffman, ao dr. Donald Miller, a Augustine Meaher IV, a Alf Batchelder, a Eric Hammel, ao dr. Allan Millett e a Barrett Tillman por terem permitido que eu me beneficiasse tanto do conhecimento deles. Agradeço a Barry Zerby, do National Archives, e a John Heldt, bibliotecário de obras de referência da Biblioteca do Condado de Lewis e Clark, por me terem facilitado o acesso aos documentos. Meu amigo Martin K. A. Morgan, talentoso historiador militar, me ajudou de inúmeras formas, entre elas desenhando os pequenos mapas do livro. Meus amigos John Schuttler e Kate Cholewa leram um manuscrito inicial da primeira parte da obra; sou grato pelos conselhos e pelo incentivo que me deram. John também fez algumas pesquisas para mim. Lou Reda, da Lou Reda Productions, assessorada por Greg Miller, fizeram para mim as transcrições das entrevistas com Eugene Sledge. Os voluntários do Museu Nacional da Segunda Guerra Mundial sempre me avisavam quando um veterano de Iwo Jima entrava pela porta da instituição. John Innes, apelidado “Nosso Homem em Honiara” por Bruce McKenna, me conduziu duas vezes pelos campos de batalha de Guadalcanal, terreno que ele conhece como a palma da própria mão. Em duas ocasiões, Tangie Hesus me ciceroneou pelos locais mais importantes de Peleliu. Chris Majewski é um “rato de túnel”^{*} por excelência e percorreu Okinawa comigo duas vezes. Preciso agradecer também ao comandante Jack Hanzlik, da Marinha dos Estados Unidos, que providenciou para que Bruce e eu tivéssemos uma conversa a bordo do USS *Ronald Reagan*, passássemos a noite com sua impressionante tripulação e, por fim, fôssemos “catapultados” do convés de voo no dia seguinte, na viagem de volta. Uau!

As experiências que tivemos em nosso esforço de reconstituir as batalhas e nas pesquisas que realizamos deixou uma marca indelével em todos os que participaram deste trabalho. A guerra contra o Japão, embora tenha sido apenas uma parte da Segunda Guerra Mundial, foi diferente da travada contra a Alemanha. A vitória americana transformou o mundo. Permitiu que a civilização avançasse. Os combates no Pacífico exigiram um preço muito alto dos homens que os venceram. Um preço que nos fez sobressaltar em cada curva dos caminhos trilhados para conhecermos os detalhes do conflito. Somos gratos a todos os homens e mulheres que pagaram esse preço por nós. Esforçamo-nos para homenageá-los apresentando ao mundo o máximo que pudemos sobre a história deles, da forma mais honesta possível.

Minha mãe, Moira Buckley Ambrose, leu o primeiro manuscrito da primeira parte da obra. Seu incentivo e suas sugestões foram tudo para mim. Tivesse ela vivido o suficiente para ler o manuscrito inteiro, este teria sido um livro melhor. Entesouro no coração as lembranças de minha mãe. Que ela descanse em paz na companhia

de seu amado Steve.

Termino a seção de agradecimentos manifestando minha gratidão à mais importante de todas as pessoas, Andrea Ambrose. Minha bela e talentosa esposa é minha sócia em todas as coisas. Fizemos juntos a longa viagem que chamamos de *The Pacific*. Sou um homem de sorte.

Nota:

* Alusão à atuação dos soldados americanos na Guerra do Vietnã, que realizavam missões de busca e destruição de posições subterrâneas inimigas durante o conflito, munidos apenas de uma pistola semiautomática M1911 e uma lanterna, na rede de túneis criada pelos vietcongues. (N. T.)

INTRODUÇÃO

Centenas de grandes livros foram escritas sobre a Guerra do Pacífico. A maioria dessas obras é classificável em uma de três categorias: livros sobre a guerra de forma geral; livros que relatam todos os detalhes de uma única batalha ou de um aspecto importante do conflito; ou livros sobre as experiências de um veterano. Embora todas elas tenham seu lugar na historiografia de um acontecimento tão importante como esse, há espaço para mais uma.

O objetivo de *The Pacific* é conduzir o leitor pelos meandros da Guerra do Pacífico, do início ao fim, pela visão de um grupo seletivo de homens que participaram do conflito. Dessa forma, o leitor pode desfrutar do caráter direto da narrativa individual, mas também ver a guerra como um todo. Para alcançar esse objetivo, as cinco histórias incluídas aqui foram escolhidas porque são bem representativas da experiência em si. Esses homens participaram de muitas das grandes batalhas da Guerra do Pacífico. As coincidências e relações que coligam os cinco permitem que suas experiências se aproximem do contexto no qual ocorreram. A visão histórica surge aos olhos do observador de várias formas. Depois de uma cuidadosa escolha das histórias e de desenvolvê-las ao máximo, optei por apresentar ao público apenas uma tênue rede de informações gerais do acontecimento. Considerando seu objetivo, fica evidente que este trabalho não é a história definitiva da guerra como um todo, tampouco das batalhas de que ele trata.

Todas as tentativas de se contar a história da vida de uma pessoa se revelam cheias de perigos. Fontes de informações se contradizem. Os fumos da guerra deixam impressões errôneas. O nevoeiro do tempo obumbra ainda mais interpretações equívocas. Os documentos são incompletos, quando não imprecisos, e sempre mais reveladores da massa de experiências do que a própria experiência individual. O recurso do exame de cartas, relatórios e diários escritos durante a guerra, porém, soluciona a maioria desses problemas.

Livros de história relatam o que aconteceu. Este livro se concentra naquilo que os soldados achavam que ia acontecer, no que sofreram ou testemunharam e no que acham que aconteceu. Determinar o que alguém achava a respeito de algo em dada época, antes que sua compreensão dos acontecimentos fosse moldada depois por novas informações, é muito problemático. Relatos contemporâneos da questão em apreço continuam a ser a melhor fonte de informações. Os desse tipo formam a base desta obra. Por motivos que ficarão óbvios, optei

por não estabelecer distinção entre as observações feitas na época do conflito e as feitas muitos anos depois. Ao contrário disso, tomei o máximo de cuidado para evitar que a deslumbrante luz da memória otimista ofuscasse os fatos.

Os diários, as cartas e os relatórios de Austin Shofner, o amigo de Sid John “Decano” Tatum, John Basilone e Eugene Sledge são novos para os estudiosos da guerra. São elementos e documentos raros e extremamente valiosos. Foram eles que tornaram possíveis as vívidas e impressionantes histórias contadas aqui. Ademais, proporcionam novos entendimentos e informações sobre acontecimentos-chave e pessoas importantes, como bem discernirão os ávidos historiadores militares.

A base das pesquisas sobre quatro das pessoas cujas vidas figuram neste livro (Sidney Phillips, Austin Shofner, Vernon Micheel e Eugene Sledge) constitui um grupo de documentos centrais: suas respectivas vidas militares, cartas, diários, memórias, memórias de amigos, fotografias e entrevistas. Uma vez que este livro pretende contar, o máximo possível, a história desses homens com suas próprias palavras, essas fontes de informação são citadas e parafraseadas com liberalidade (exceto no caso do livro de memórias de Eugene Sledge). Com o intuito de tornar as notas finais do livro menos enfadonhas, essas fontes são citadas na primeira nota final de cada história, em uma “supranota” no fim da obra. O material adicional usado é citado no próprio texto, conforme necessário. A história do quinto veterano, por outro lado, não pôde ser tratada dessa forma. A história de John Basilone foi compilada com base em informações colhidas em centenas de fontes diferentes, nenhuma das quais representa mais do que simples parcela do todo.

O ELENCO

Podemos entender a vasta e complexa guerra contra o Japão acompanhando a atuação de cinco homens que participaram dela. No dia do início da Guerra do Pacífico, foram eles (na ordem em que figuram no livro):

Tenente Austin C. “Engenhoso” Shofner — filho de uma família ilustre, com uma longa tradição de serviços militares, ele se considerava um fuzileiro profissional. Tinha acompanhado de perto a barbaridade da ocupação japonesa e não via a hora de liderar seus homens em operações de combate.

Guarda-marinha Vernon “Mike” Micheel — a perspectiva de ser recrutado o forçara a abandonar a fazenda da família e terminar o curso na escola de pilotagem da Marinha, no outono de 1941. O desafio de tornar-se piloto aeronaval aumentava a cada dia.

Sidney C. Phillips — o tranquilo adolescente foi alistar-se quando a guerra começou porque seu amigo William “Sub” Brown disse que eles deveriam fazer isso. Achavam que entrariam para a Marinha, pois Mobile, no Alabama, era uma cidade com forte presença da Marinha americana.

Sargento “John Manila” Basilone — o filho de imigrantes achara a felicidade na vida simples e prática de fuzileiro. Como havia servido no exterior, John já tivera contato e, portanto, alguma experiência com a política externa pós-colonial americana. Achava que valia a pena lutar em prol dela.

Eugene B. Sledge — filho de um médico famoso, jovem de índole séria e inteligente, ficou observando Sidney Phillips, seu melhor amigo, a alistar-se sem ele. A cena o deixou arrasado. Durante um ano, conformou-se com a recusa dos pais, que se aferravam à ideia de que o serviço militar prestado por Edward, seu irmão mais velho, bastava como contribuição da família ao esforço de guerra.

Robert “Sortudo” Leckie — os que acompanham a minissérie da HBO, *The Pacific*, talvez notem que Robert Leckie, uma das principais personagens da minissérie, é citado brevemente no texto. Verão também que esta obra tem duas figuras centrais, Austin Shofner e Vernon Micheel, que não aparecem na minissérie. A explicação está nos imperativos da versão impressa em comparação com a cinematográfica. Embora, em linhas gerais, o livro e a minissérie tenham em comum a mesma história, são meios de comunicação diferentes, cada um dos quais destinado a fazer o melhor possível de acordo

com sua própria natureza.



ATO I

“CASTELO DE CARTAS”

Dezembro de 1941—Junho de 1942

Na virada do fim da década de 1930 para a de 1940, o povo americano dava pouca importância ao Império Nipônico. Os americanos se preocupavam mesmo era com a economia, que vacilara na beira do abismo por uma década, e queriam ficar longe dos problemas do mundo. A velocidade com a qual a Alemanha nazista havia conseguido dominar a Europa, porém, tinha fornecido capital político suficiente para o presidente Franklin Roosevelt tomar algumas medidas em favor da preparação do país para se defender. Roosevelt e sua liderança militar se opuseram também à agressiva campanha militar japonesa de conquistas de vastas extensões territoriais da China. O governo japonês, governado por uma camarilha militar que incluía o imperador Hirohito, havia criado uma ideologia para justificar suas ambições de conquista colonial e construiu um aparato militar para encenar no palco da vida seus objetivos bélicos. Era óbvio que o Japão pretendia conquistar outras valiosas áreas ao longo do Círculo do Pacífico. Os Estados Unidos controlavam algumas dessas valiosas áreas e alimentavam expectativas de manter essa região aberta ao comércio. Num grande esforço, Roosevelt tentou deter a expansão japonesa com uma série de medidas econômicas e diplomáticas, apoiadas pelas forças militares americanas — as menores e menos equipadas dentre as nações industrializadas do mundo na época.



O primeiro-tenente Austin Shofner acordou dominado pela expectativa da chegada de bombardeiros inimigos a qualquer momento. Logo depois das 3 horas, seu amigo Hugh entrou apressado na cabana em que ele estivera dormindo e disse:

— Shof, Shof, acorde! Acabei de receber uma mensagem do CinCPAC informando que a guerra contra o Japão será declarada daqui a uma hora. Examinei todas as instruções do Oficial do Dia e não achei nada que nos dissesse o que fazer quando a guerra for declarada.¹

Com o ataque inimigo iminente, o tenente Shofner tomou uma medida consequente e lógica:

— Vá acordar o velho.

— Ah! — respondeu Hugh. — Não posso fazer isso!

Mesmo tonto de sono, Shofner entendeu a relutância do colega. A cadeia de comando determinava que o tenente Hugh Nutter deveria dirigir-se ao comandante do batalhão, em vez de ao comandante do regimento. Falar com um coronel do CFNA era como falar com Deus. A situação, porém, exigia isso.

— Seu idiota, vá logo, passe o abacaxi adiante! — Diante da insistência do superior, Hugh disparou correndo pela escuridão que envolvia a base da Marinha na península de Bataan, nas Filipinas.

Shofner seguiu logo atrás, correndo também na direção do cais, onde os recrutas estavam aboletados em um antigo armazém. De repente, viu Hugh tropeçar em um buraco e cair, mas não parou para ajudar. Nisso, soou o apito na estação de força. A sentinela do portão principal começou a tocar o sino do velho navio. Os soldados já estavam acordados e gritando quando Shofner entrou correndo no alojamento, ordenou que sássem todos e entrassem em formação. O corneteiro começou a tocar o toque de tomada de postos. Alguém ordenou que mantivessem as luzes apagadas, para evitar que se tornassem alvo fácil aos ataques inimigos.

Seus homens precisavam de alguns minutos para se vestir e se reunir. Shofner correu à procura dos cozinheiros para fazê-los preparar o rancho. Depois, partiu em busca do comandante do batalhão. Para além do armazém em ruínas, usado por seus homens como alojamento, distante das fileiras de barracas armadas na área do polígono de tiro, em que outros se aquartelavam, erguia-se o belo forte construído pelos espanhóis. Havia muito que seus arcos, outrora graciosos, tinham se tornado parte da paisagem natural. Shofner avançou correndo pela via ladeada de acácias em direção a um passeio bordado de hibiscos de vistosas flores vermelhas e de gardêneas.² Ao chegar ao destino, encontrou reunidos alguns dos oficiais do 4º. Regimento de Infantaria de Fuzileiros Navais (4º. RIFN).¹ Haviam sido informados pelo quartel-general do almirante Hart, situado em Manila, a quase 100 quilômetros dali, que os japoneses tinham bombardeado Pearl Harbor. A frieza deles o surpreendeu.

Não era de esperar, porém, que Shofner fosse tomado de surpresa. Fazia algum tempo que todos os homens do alojamento se mantinham na expectativa da inevitável guerra com o Império Nipônico. Achavam, contudo, que a guerra começaria em outro lugar, muito provavelmente na China. Uma semana antes, o regimento deles estivera estacionado em Xangai, onde observaram as tropas do imperador avançar sem impedimentos pela China nos anos anteriores, à medida que mais e mais divisões do Exército Imperial Japonês (EIJ) desembarcavam em solo chinês. O governo japonês instituíra um governo-fantoches para administrar uma enorme região no norte da China, cujo nome ele havia mudado para Manchukuo.

O 4º. RIFN, com cerca de oitocentos soldados, bem abaixo, portanto, de sua força máxima, não estava em condições de defender seu quartel-general em Xangai, e menos ainda de proteger os interesses americanos na China. A situação ficara tão tensa que os oficiais dos fuzileiros navais criaram um plano para o caso de terem de enfrentar um súbito ataque do inimigo. Planejavam avançar lutando, se necessário, em direção a uma região da China não conquistada ainda pelos japoneses. Se o regimento fosse detido em seu avanço, seus homens, basicamente, receberiam a ordem de “correr para salvar a própria vida”.³ Os oficiais reunidos à mesa na manhã desse dia davam graças ao fato de que o governo americano havia finalmente se rendido ao domínio do Império Nipônico sobre a China e ordenara que se retirassem no fim de novembro de 1941, numa ocasião que se lhes afigurou o último momento possível para fazer isso.

Quando chegaram à Base Naval de Olongapo, em 1º. de dezembro, o 4º. RIFN foi enquadrado pela Frota Asiática do almirante Hart, cujos cruzadores e contratorpedeiros estavam ancorados no porto de Manila, do outro lado da península em que estavam estacionados. Além da frota, as forças americanas contavam com 31 mil soldados do Exército do general Douglas MacArthur, bem como com 120 mil soldados e oficiais do Exército Nacional Filipino. Hart e MacArthur vinham preparando-se para a guerra contra o Império do Japão fazia anos. Portanto, o imperador japonês só podia estar louco com sua decisão de atacar a Frota Americana do Pacífico, em Pearl Harbor. Contudo, já que fizera isso, seus navios e aviões certamente estariam a caminho dali, rumo à ilha de Luzón, que abrigava a capital do governo filipino e o quartel-general das forças americanas. Era provável que o primeiro ataque do inimigo contra eles, concluíram os oficiais, seria feito com

bombardeiros partindo de Formosa.²



Como Shofner viu que, com toda aquela conversa sobre estratégia, não receberia ordens tão cedo, voltou para seus homens. Os integrantes de sua companhia de comando haviam se reunido na praça de armas com os membros das companhias de infantaria. Sobre o ataque japonês no Havaí, a notícia que corria entre eles era breve: “Os japas mandaram Pearl Harbor pelos ares!” Em vez de medo, Austin Shofner, natural de Shelbyville, Tennessee, experimentou certo prazer ao se confirmar a notícia, mesmo porque o “Engenhoso” sempre gostara de uma boa briga. De estatura mediana, mas de compleição robusta, adorava futebol americano, luta livre e jogos de azar de toda espécie. E não gostava muito dos japoneses. Informou a seus homens que, como poderiam sofrer um ataque a qualquer momento, seria feita a distribuição de munição de guerra imediatamente. Em seguida, estampou no rosto um sorriso matreiro e pensou: “Nossos dias de brincadeiras acabaram e agora poderemos começar a fazer jus aos nossos salários.”⁴

Os fuzileiros ficaram esperando o comandante do batalhão na praça de armas para ouvir o seu pronunciamento. Todas as liberdades estavam suspensas. A banda do regimento estava sendo dissolvida, bem como o pequeno destacamento de fuzileiros que guarnecia a estação naval quando o 4º. RIFN chegou. Esses homens passariam a formar pelotões de fuzileiros, que depois seriam distribuídos entre as companhias de fuzileiros.⁵ Todos os soldados eram necessários, pois tinham que defender não apenas a Estação Naval de

Olongapo, mas outra, embora menor, nas montanhas Mariveles, na parte extrema da península de Bataan. O 1º. Batalhão ficou encarregado de proteger as Mariveles e partiria imediatamente.

A partida dessa unidade reduziu o regimento quase pela metade, deixando-o com o 2º. Batalhão, o quartel-general de Shofner e a companhia de serviço, além de uma unidade da Marinha de pessoal da área médica. Os fuzileiros começaram a criar posições defensivas, com a abertura de trincheiras individuais, assentamento de plataformas de canhões e o erguimento de barreiras de arame farpado, a fim de barrarem assaltos inimigos lançados pelas praias. Criaram também pequenos depósitos de munição, em lugares convenientes, e os cercaram com muros de sacos de areia. Defender Olongapo também significava proteger os PBYs, aerobarcos do esquadrão de aviões de reconhecimento de longo alcance da Marinha. Quando não estavam em missão, esses barcos voadores ficavam ancorados próximo às docas. Os fuzileiros posicionaram as metralhadoras desses aparelhos de modo que pudessem enfrentar em terra o ataque dos aviões inimigos. Levantaram barricadas em torno da base, embora isso não fizesse muito sentido, já que o núcleo de civilização mais próximo era a pequena cidade de Olongapo.

Os fuzileiros se empenharam ao máximo na criação desses obstáculos. Todos tinham visto os soldados japoneses em ação do outro lado das barricadas erguidas nas ruas de Xangai. Havia testemunhado quanto eram brutais e violentos para com civis indefesos. A maioria ouvira falar do que os japoneses haviam feito ao povo de Nanquim. Portanto, sabiam o que esperar da invasão japonesa. Shofner sentia certo mal-estar com o fato de que só agora esses preparativos estavam sendo feitos. Desde a chegada deles, o maior exercício que fizeram fora uma excursão de lazer a uma praia. À mente de Shofner veio a lembrança do dia anterior, 7 de dezembro, ocasião em que passara o dia inteiro procurando um lugar para exibir filmes. Mas abandonou logo esses pensamentos, pois estava encarregado de criar um bivaque para o batalhão longe da estação naval. Com certeza, os bombardeiros inimigos teriam como alvos os armazéns e o forte. Próximo ao meio-dia, começou a agir com o entusiasmo de sempre. Atravessou um campo de golfe com a companhia, bem como um riacho, e iniciou a instalação de um acampamento num manguezal.

Do outro lado da Linha Internacional de Mudança de Data, na tarde do dia 7 de dezembro o guarda-marinha Vernon "Mike" Micheel, da Marinha dos Estados Unidos, preparava-se para travar batalha contra a Marinha Imperial Japonesa. Levava consigo um maço de folhas de papel enquanto circulava pela Base Aeronaval (BAeN) de San Diego, conhecida também como North Island. Apesar da agitação ao redor, Mike procurou agir com ponderada rapidez. Passou por vários departamentos da base: do cronometrista, do almoxarife, do chefe de instrução de voo, e assim por diante, esforçando-se para pôr a papelada em ordem. Algumas horas antes, ele e os outros pilotos de seu grupo de treinamento, oficialmente conhecido como Unidade de Treinamento Avançado em Operações de Porta-Aviões (UTAOP), haviam sido informados de que os japoneses tinham bombardeado Pearl Harbor e que, portanto, o treinamento de pilotos deles seria interrompido. Embarcariam imediatamente, pois, no USS *Saratoga* e partiriam para a guerra.

O Sara, tal como a tripulação chamava o porta-aviões, podia ser visto de quase todos os lugares pelos quais

Mike passava. Ele era o maior porta-aviões da Marinha e erguia-se imponente sobre North Island, que abrigava o conjunto de pistas de pouso e hangares aeronáuticos no istmo do antigo porto de San Diego. A nave era o centro das atenções, cercada de guindastes, portalós e pranchas de acesso. Vários esquadrões, dos quais faziam parte equipes de manutenção e pilotos, artilheiros e aviões, estavam sendo embarcados. A maioria desses grupos fora designada para embarcar no Sara nesse dia. O grande porta-aviões tinha sido reformado num estaleiro no litoral norte e, estranhamente, chegou alguns minutos antes da declaração de guerra por parte dos americanos.⁶ Mas navios como Mike não abrigavam no íntimo expectativas dessa espécie.

Micheel preparou-se para o combate, ao contrário de quase todos os que o rodeavam, sem o desejo de vingança contra o inimigo traiçoeiro. Na verdade, ele sabia que não estava preparado, pois nunca havia aterrissado com uma aeronave num porta-aviões. A maioria de suas horas de voo fora dedicada a operações em biplanos. Tinha voado algumas horas em monoplanos de asas metálicas, porém mal começara a operar o novo avião de combate da Marinha. Mesmo quando o alarme do Sara de defesa contra torpedos soava e um ataque parecia iminente, Mike nunca deixava que sentimentos de ódio o dominassem ou que impositivos do ego obscurecessem seu discernimento.⁷

Mike não se considerava um piloto nato. Não fora criado em meio a brincadeiras com aviões de papel e a tietagens das façanhas de aviadores pioneiros, como Charles Lindberg. Em 1940, o fazendeiro de 24 anos de idade de uma fazenda de laticínios foi à cidade dar uma olhada no quadro de recrutamento e descobriu que seria engajado no início de 1941. Caso se alistasse, porém, poderia escolher a arma em que desejasse servir. Suas experiências com o Centro de Formação dos Oficiais da Reserva (CEFOR),³ que o ajudara a pagar a faculdade, havia incutido nele uma grande repulsa por alojamentos em barracas de campanha e ingestão de comida fria. Por sugestão de um amigo, procurou um marinheiro, que o assegurou de que a vida na Marinha era muito melhor do que no Exército, mas então ele soube que Mike tinha diploma universitário.

— Ei, você poderia se encaixar em outro lugar! Na unidade aeronaval! ... É como se você estivesse a bordo de um navio com o pessoal comum da Marinha, mas com um salário maior.

— Isso parece bom! — respondeu Mike, sem aparentar entusiasmo. Ele tinha viajado de avião uma vez. — Foi bom, mas não fiquei muito entusiasmado com a experiência. — O praça, como todo bom soldado, insistiu:

— Ora, você poderia pelo menos tentar. Se não gostar, poderá voltar para a Marinha.

Mais de um ano depois, Mike chegou a North Island com uma missão que o punha na linha de frente da moderna guerra naval. Quando os civis viam as insígnias em forma de asas douradas em seu uniforme de gala, quase sempre achavam que ele era piloto de caça. A nação americana guarda na alma lembranças da Primeira Guerra Mundial permeadas de histórias de pilotos de caça, duelando com o inimigo na amplidão dos céus a uma velocidade de centenas de quilômetros por hora. Essa densa mistura de fascínio e prestígio exaltara também a imaginação dos homens com os quais Mike passara pelo curso de formação de pilotos. Todos os cadetes se esforçavam para serem os melhores, já que só os melhores aviadores se tornavam pilotos de caça. Quando se formavam no Centro de Instrução e Adestramento Aeronaval (CIAA), em Pensacola, os novos

guardas-marinha faziam sua lista de serviços militares preferidos.

Embora houvesse terminado o curso entre os 25 melhores pilotos e conseguido a chance de se tornar instrutor, o guarda-marinha Micheel preferiu servir na unidade de bombardeiros de mergulho. Conquanto poucos tivessem ouvido falar nele antes do curso, o bombardeiro de mergulho era também um avião empregado em porta-aviões e foi usado na linha de frente das Forças Armadas americanas. Em vez de derrubar aviões hostis, sua missão era localizar os navios inimigos e afundá-los. De mais a mais, Mike queria decolar de porta-aviões. Com seu jeito tranquilo, calculou que a maneira mais segura de se tornar piloto de caça era atuar como piloto de bombardeiro de mergulho. Muitos de seus colegas de classe haviam escolhido como opção predileta servir como pilotos de caça. A maioria deles, porém, acabaria depois vendo-se inapelavelmente presa ao posto de pilotos de bombardeiros quadrimotores. Embora oficialmente lotado em um esquadrão de reconhecimento, na prática fora atendido na opção que fizera, pois pilotos de operações de reconhecimento e bombardeio operavam os mesmos aviões e participavam das mesmas missões. Mike foi para North Island com o objetivo de aprimorar seu conhecimento de aeronavegação e tornar-se um grande piloto de missões de reconhecimento, mas também para aprender a arte de destruir navios, principalmente porta-aviões.

Agora, apresentou os documentos e seguiu para o Alojamento dos Oficiais Solteiros, a fim de fazer as malas, mesmo sem que houvesse realizado uma vez sequer a manobra de bombardeio de mergulho. Homens que nunca haviam trajado a farda ou que estavam de licença não paravam de chegar, cheios de perguntas. Micheel e os outros novos pilotos dirigiram-se para o Sara, a caminho do destino para o qual vinham se preparando. Era a primeira vez que subiam a bordo de um porta-aviões, cujos espaços iam ficando lotados de todos os pilotos, mecânicos, aeroplanos, projéteis e bombas possíveis. Os boatos corriam soltos. Os novos pilotos foram para o compartimento dos oficiais, o convés em que ficavam suas cabines.

O embarque estendeu-se pela noite inteira, sem o auxílio de iluminação externa. Horas depois, rompeu o dia. O Sara zarpou de North Island pouco antes das 10 horas do dia 8 de dezembro. Minutos depois, soou o estridente apito de tomada dos postos de combate do navio. Antes de a nave partir, porém, prevalecera certa calma na maioria dos espíritos dos embarcados. Micheel e outros novatos foram dispensados. Enquanto o grande navio se dirigia para o mar aberto, as pessoas que o observavam do cais tiveram a impressão de que o Sara e sua escolta de três contratorpedeiros seguiam direto para a guerra.

Os jornais da segunda-feira noticiaram: os “Japas Atacam Pearl Harbor”, bem como a advertência de líderes civis e militares de que talvez fosse iminente o ataque à costa oeste americana. Os militares de North Island ficaram incumbidos de defender San Diego. Os membros do destacamento de fuzileiros navais estacionados na ilha começaram a abrir trincheiras individuais, a fazer o assestamento e ajustes dos canhões e a proteger edifícios-chave com pilhas de sacos de areia. Já os aeronautas mal sabiam o que fazer como preparativos de defesa, uma vez que o Sara levaria todos os aviões de combate destinados a emprego na unidade de treinamento de Mike. Tudo o que lhes sobrara para pilotar foram os antigos “Brewster Buffalo” e os SNJ, apelidados de “Perigo Amarelo” por causa de sua cor chamativa e dos alunos inexperientes que os pilotavam.

A primeira coisa que Sidney Phillips fez na manhã de 8 de dezembro, uma segunda-feira, foi pegar a bicicleta e ir até a praça Bienville, no centro da cidade, para encontrar-se com seu amigo William Oliver Brown, conforme combinado. De lá, foram a pé para o Edifício Federal, que abrigava os postos de recrutamento de todas as Forças Armadas americanas. A fila de homens esperando para alistar-se na Marinha ia do posto de recrutamento, atravessava o saguão, descia pela escadaria, contornava a esquina da rua St. Georgia e se estendia por meio quarteirão da rua St. Louis.⁸ Mobile, no Alabama, era uma cidade de forte presença da Marinha. Os sujeitos da fila, irritados e furiosos com o inimigo, cuspiam com desprezo a palavra “japa” o tempo todo. Como não eram dados a simplesmente ocupar o devido lugar na fila, atrás de uma multidão à espera da vez, Sid e William, que todos chamavam de “Sub” (de “suboficial”), foram até o início para ver o que estava acontecendo. Um praça do CFNA olhou os dois adolescentes de cima a baixo, aproximou-se deles e perguntou:

— Ei, garotos, vocês querem matar japas?!

— Sim, queremos! — respondeu Sidney.

— Na Marinha, a única coisa que poderão fazer é limpar o convés. — Em seguida, o praça explicou que, se quisessem mesmo matar “japonas”, teriam de se juntar aos fuzileiros navais. — Eu garanto que os fuzileiros navais porão vocês cara a cara com os nipos.

A não ser na expressão em si, nem Sid nem o Sub jamais tinham ouvido falar em fuzileiros navais. E não eram os únicos, o que explicava por que o recruta se dirigia também à fila inteira, de modo geral. Explicou que os fuzileiros navais eram parte da Marinha; aliás, “a melhor parte”. Após algum tempo, o praça tentou uma estratégia diferente: astúcia.

— Mas o fato é que vocês não podem entrar para a Marinha. Seus pais são casados.

Sid soltou uma gargalhada. Em seguida, olhou para Sub e viu que parecia que ele estava pensando a mesma coisa, ou seja, que talvez os fuzileiros navais fossem mesmo o melhor lugar para eles. Todavia, nenhum dos dois podia alistar-se imediatamente, pois, como tinham apenas 17 anos de idade, precisavam buscar documentos em casa e voltar de lá com uma permissão assinada pelos pais. Além disso, um rápido exame de aptidão preliminar revelou que Sidney tinha ligeiro problema de daltonismo. Que ele não se preocupasse, disse o recruta, em tom de consolo, pois que era provável que o teste de daltonismo sofreria mudanças em breve. Pediu que Sid voltasse depois do Natal. O Sub, porém, disse a ele que estava disposto a esperar o amigo.

Sid foi para casa, onde descobriu que conseguir a permissão dos pais seria mais difícil do que previra. Sua mãe argumentou que dois irmãos seus já estavam na Marinha — Joe Tucker era piloto lotado em Pearl Harbor — e que achava que dois parentes seus envolvidos na guerra era suficiente. Seu pai, diretor da Escola de Ensino Médio Murphy, tinha quase certeza, porém, de que seu filho seria recrutado em breve, já que outros jovens estavam sendo engajados e, nesse dia, o presidente Roosevelt havia declarado guerra ao Japão oficialmente. Contudo, havia algo mais a considerar. A ameaça era real. O pai de Sid havia participado da Primeira Guerra Mundial. De mais a mais, na criação dos filhos não se esquecera de ensiná-los a amar a pátria, a ponto de se mostrarem dispostos a lutar por ela. Quando seu filho único manifestou o desejo de fazer isso,

achou que não tinha como impedi-lo.

Embora a discussão entre seus pais houvesse apenas começado, Sid achou que seu pai acabaria conseguindo convencer sua mãe a tempo de ele poder partir com o Sub. No entanto, pelo jeito talvez outro dos melhores amigos de Sid não se juntaria a eles. Eugene Sledge queria alistar-se também, mas seus pais o proibiram. Queriam que Eugene terminasse o ensino médio. Eugene sofria de sopro anormal do coração. Já seu irmão havia entrado para o Exército. O pai de Eugene tinha muitos motivos para não o querer nas Forças Armadas, mas nenhum deles convenceu seu filho caçula. Como Sid, Eugene achava que tinha o dever de servir. Em parte, esse sentimento era alimentado pelo ataque traiçoeiro dos japoneses. Ademais, seu senso de dever vinha da longa tradição da família em prestar serviços militares. Seu pai, que era médico, participara da Primeira Guerra Mundial. E seus bisavôs haviam lutado na Guerra de Secessão.

Além de terem muitos interesses em comum, a paixão que Eugene e Sidney cultivavam pela história da Guerra de Secessão criara sólidos laços de amizade entre eles. Na maioria dos fins de semana, podiam ser vistos em um dos campos de batalha próximo às cercanias de Mobile. Como os pais de Eugene deixavam um automóvel à disposição dele — luxo, aliás, muito raro na época —, podiam ir de carro ao Forte Blakeley ou ao Forte Espanhol. Até certo ponto, esses passeios eram uma fuga da vida rigorosamente disciplinada e planejada que lhes impunham. Como as ruínas dos fortes jaziam abandonadas e esquecidas, Sid e seu amigo “Ugin” podiam divertir-se à vontade. Adoravam escavar os baixos parapeitos de argila à procura de objetos antigos, como balas Minié e fivelas de cintos dos confederados. Quase sempre Eugene levava suas armas para praticarem tiro ao alvo. Liam bastante também sobre a guerra e a batalha travada ali. O Exército dos Confederados manteve o controle do Forte Blakeley mesmo depois de os ianques terem fechado o porto de Mobile e conquistado o Forte Espanhol. No dia em que o general Lee assinou a rendição, em Appomattox, cerca de vinte mil soldados travavam a última grande batalha da Guerra de Secessão em Blakeley. A 82ª Divisão de Infantaria Ohio encabeçou o ataque dos ianques, que acabaram varrendo os confederados de suas posições, aos quais superavam em número de soldados e armamentos. Sid e Eugene adoravam reconstituir as ações de cada uma dessas unidades, recompondo a batalha a partir da base dos morteiros, dos fuzileiros e dos redutos das peças de artilharia.

Sem dúvida, a guerra contra o Japão se tornaria tão importante quanto a Guerra de Secessão. “Os japas imundos”, tal como a maioria dos americanos se referia aos japoneses, haviam lançado um ataque traiçoeiro contra os americanos enquanto seus embaixadores falavam de paz em Washington, D. C. Foi uma traição. Portanto, ardia em Sid e Eugene o desejo de ajudarem o país a conseguir uma vitória gloriosa. Como os rebeldes do Forte Blakeley, que lutaram até a morte por muito tempo depois de haverem perdido a guerra, era grande a vontade deles de provarem sua coragem de uma vez por todas. Mas só poderiam fazer isso se conseguissem a permissão dos pais.

Enquanto todos não paravam de falar sobre o ataque a Pearl Harbor, o cabo John Basilone ficou furioso com o ataque japonês às Filipinas. Mas a reação dele não surpreendeu ninguém na companhia. Embora fosse cabo

entre os fuzileiros navais, Basilone servira durante dois anos no Exército, a maior parte dos quais em Manila, anos atrás. Contara tantas histórias sobre Manila a seus amigos que, havia muito, o apelidaram de “John Manila”.⁹ Os fuzileiros gostavam de contar histórias de suas experiências no mar. Estacionados em um acampamento no litoral da Carolina do Norte, não tinham opções de lazer, exceto bater papo. A tatuagem de uma bela mulher que John tinha no bíceps direito provocava comentários e perguntas. Ele dizia que o nome dela era Lolita e que a conhecera em Manila, “totalmente por acaso, durante uma dessas tempestades que surgem de repente”.¹⁰ Para se proteger da forte chuva, entrou em uma pequena boate, onde a viu pela primeira vez.

John só começou a conhecer os filipinos e seu país quando conheceu Lolita, que o enturmou. Embora pobres, os filipinos — que pronunciavam a palavra como “pilipinos” — trabalhavam duro e se orgulhavam da própria cultura. Haviam travado uma longa guerra de independência e forçaram o governo americano a estabelecer um prazo de retirada de suas tropas. Com a questão da independência resolvida antes de sua chegada, John teve a oportunidade de conhecer uma mulher e um povo que amavam a América, tanto que recorreram ao seu país em busca de ajuda. O primeiro presidente das Filipinas havia pedido ao general Douglas MacArthur que criasse um Exército para os filipinos e o comandasse como marechal de campo. Para proteger a frágil e nascente democracia, até que pudesse se defender sozinha, o Exército americano mantinha uma grande força militar no país. Embora fosse soldado raso, Basilone conseguira entender que a maior de todas as ameaças originava-se no Japão.¹¹ Fazia anos que os japoneses vinham tentando livrar o Extremo Oriente da presença americana.

No dia 9 de dezembro, receberam notícias de ataques dos japoneses a outros países e ilhas do Pacífico. Por mais chocada que tivesse ficado a nação com as amplas conquistas japonesas no local, John dizia a todos que Manila não cairia.¹² O general MacArthur comandava um poderoso Exército da própria suíte no topo do hotel Manila, num dos lados que possuía vista para a baía e, do outro, na área situada para além da principal avenida local, a Dewey Boulevard. A parte norte de Luzón tinha sistemas de defesa impressionantes, o mais importante dos quais John vira certa noite num passeio de barco com Lolita.¹³ Ao sair da baía de Manila com o barco, ela o fez contornar a parte extrema da península de Bataan para entrar na baía de Subic. Continuaram avançando pelo litoral norte de Bataan, na direção de Olongapo, para jantarem num restaurante especial. Fora uma noite inesquecível, em muitos aspectos, mas John lembra-se também de haverem passado pela ilha-fortaleza, que protegia o acesso à baía de Manila: Corregidor, conhecida como “a Rocha”. Seus antigos muros de pedra, encimados por gigantescas peças de artilharia costeira, erguiam-se imponentes acima dos maiores navios construídos até então.

Quando chegou ao fim do serviço militar no Exército, John decidira voltar solteiro para casa. Pouco antes da partida do companheiro, Lolita saiu em seu encalço, mas, por sorte, conseguiu escapar dela, costumava dizer ele em tom de brincadeira, pois ela tinha levado um facão consigo e cortara ao meio a mochila de Basilone.¹⁴

Talvez por serem fuzileiros também, seus amigos acreditavam em quase tudo o que ele dizia.¹⁵ Mas a intenção das histórias que John narrava nunca era fazê-lo parecer uma pessoa boa. É que, simplesmente, gostava de dar umas boas risadas e trocar histórias com os colegas. O ouvinte cuidadoso, porém, conseguiria ver algo mais nessas histórias. John adorava Manila porque tinha sido ali que fora aceito e reconhecido. A vida aventureira e desgastante de soldado profissional arrancara dele uma inquietação e insatisfação fundamente arraigada. Ao contrário das condições enfrentadas nas lutas que travara na vida de civil, John descobrira um talento inato para a vida de combatente.

O caminho trilhado por John Manila, do Exército até o CFNA, fora tortuoso e difícil, mas ele acabou conseguindo deixar Manila em busca de uma situação melhor, no setor de operadores de metralhadora da Companhia Dog, 1º. Batalhão, 7º. Regimento de Fuzileiros Navais (D/1/7), onde enfrentou a guerra seguramente instalado e adaptado no lugar ao sol que a vida lhe reservara. Adorava ser fuzileiro, mesmo porque conhecia bem o seu trabalho. Além de não ser motivo de preocupação para os pais, enviava 40 dólares por mês à mãe.¹⁶ Essa paz consigo mesmo fez brotar nele o que havia de mais natural em sua personalidade: um espírito alegre, tranquilo, amigo da troça, da brincadeira e que atraía, fascinava as pessoas.¹⁷ Trazia inscrito no ombro esquerdo a síntese dos sentimentos que o caracterizavam. Era o desenho de uma espada em que figurava rasgando uma bandeira, com os dizeres: “A morte! A desonra nunca!”

* * *

A guerra travada pelo tenente Shofner foi ganhando forma aos poucos. O inimigo bombardeou as bases em torno de Luzón por alguns dias, antes de começar a desembarcar suas tropas, em 10 de dezembro. Para isso, escolheu áreas isoladas e fez seus soldados avançarem marchando até a praia. O 4º. RIFN recebia relatórios da movimentação do inimigo quase de hora em hora, ao passo que os figurões de alta patente em Manila se esforçavam para criar planos, enquanto suas várias unidades se empenhavam em pô-los em prática. Apesar dos rumores de novas atribuições, o 4º. RIFN continuou em seu posto em Olongapo. Durante o dia, os fuzileiros se prepararam para defender as praias. A sirene de ataque aéreo soava frequentemente, mas, até então, nada acontecera. À noite, os fuzileiros voltaram marchando para o acampamento no manguezal. Impôs-se o blecaute. Os alimentos tiveram que ser racionados. Os soldados recebiam duas refeições diárias ou, como se costumava dizer, “desjejum antes do amanhecer e jantar ao anoitecer”.¹⁸ No espaço de duas semanas, observou um deles com acerto, passaram da ingestão de carne de pato fatiada, com legumes e verduras, à de simples rações de campanha, na forma de enlatados variados, mas frios. Bastaram alguns dias de tempo ruim para tornar horríveis as condições de sobrevivência no acampamento, mas a tempestade trouxe consigo uma trégua no envio de relatórios sobre a realização de novos ataques do inimigo.

Como o dia 12 amanheceu claro e sem nuvens, os fuzileiros ficaram observando alguns PBYs do 10º. Esquadrão de Reconhecimento da Marinha aterrissados na baía. A missão de reconhecimento da manhã havia

terminado, mas os elementos da Marinha tiveram que proteger seus aviões quando cinco caças inimigos se lançaram sobre eles. Munidos de pesadas metralhadoras e canhões de 20 milímetros, os aviões japoneses destruíram rapidamente sete desses barcos voadores, ou seja, o esquadrão inteiro. Em seguida, dois ou três elementos da missão de ataque japonesa arremeteram contra a base dos fuzileiros, com as armas cuspidando fogo. Cerca de quarenta metralhadoras .30 americanas revidaram, porém nenhuma delas atingiu um avião sequer. Infelizmente, a metralhadora .30 não tinha sido projetada para emprego como arma antiaérea, mas os fuzileiros apertaram o gatilho mesmo assim. Um dos artilheiros virou-se muito para acompanhar o alvo e acabou abrindo buracos na torre da caixa-d'água.

No dia seguinte, o alarme soou às 10h30 pela quinquagésima vez, segundo os cálculos de Shofner. Como comandante (CO) da companhia de comando, decidiu voltar a atravessar o campo de golfe e seguiu para o manguezal. Quando olhou para cima, contou 27 bombardeiros cruzando o céu e ouviu um barulho que nunca ouvira antes. Foi um som de que jamais se esqueceu, de bombas caindo em sua direção. Em meio ao trovão das explosões, as aeronaves desapareciam. Shofner resolveu voltar para a base. Pouco depois, soube que uma súbita rajada de vento deslocara as bombas para além da base, fazendo-as cair na cidade, que ardia em meio a vários incêndios, aos quais os fuzileiros acorriam, em socorro das vítimas. Quando lá chegaram, acharam uma dúzia de mortos e um número bem maior de feridos. Bombas haviam caído perto do hospital de campanha do regimento, embora suas barracas, marcadas com grandes cruces vermelhas sobre um fundo branco, tivessem sido montadas a quase 2 quilômetros da cidade. Os fuzileiros concluíram que a Força Aérea do imperador tencionara atingir o hospital, fato que os deixou furiosos.

O ataque levou o superior imediato de Shofner a reavaliar a situação. O comandante do regimento não podia permitir que seus homens fossem mortos antes do início da campanha terrestre. Se os japoneses lançassem um assalto contra Olongapo, encontrariam suas defesas prontas, dispostas e edificadas da melhor forma possível. Mas também não deixaria que sua unidade ficasse parada, impotente, para servir de alvo ao inimigo. O 4º. RIFN transferiu, pois, o acampamento alguns quilômetros na direção das colinas, onde a mata o escondia dos bombardeiros. Uma guarnição com o mínimo de homens permaneceu na base naval durante o dia, mas o restante da tropa se preparou para uma batalha que, de um jeito ou de outro, aconteceria em breve, pois o inimigo estava avançando. Como oficial de suprimentos do batalhão, Shofner concentrou seus esforços na transferência das necessárias provisões para o novo bivaque. Obviamente, como era oficial, não carregava nada, mas tinha que decidir o que poderia caber nos limitados caminhões de transporte de suprimentos. Enquanto isso, membros da companhia de fuzileiros navais recolheram todos os civis japoneses de Olongapo e os entregaram à polícia militar do Exército.¹⁹

Quando as linhas de comunicação com Manila foram interrompidas, concluíram que isso havia sido fruto de sabotagem. Notícias de outros desembarques de inimigos em Luzón continuavam a chegar por intermédio de mensageiros e comunicações radiofônicas. Os bombardeiros inimigos fizeram outra visita a Olongapo antes do anoitecer de 22 de dezembro, dia em que o regimento entrou em alerta máximo, por volta das 13h30. O primeiro relatório do dia informava que quinze navios-transporte de pessoal haviam desembarcado soldados

inimigos no golfo de Lingayen. Os principais comandantes americanos sempre alimentaram a expectativa de que o maior dos assaltos inimigos seria iniciado através das praias de Lingayen. O 4º. RIFN recebeu ordens para preparar-se e partir com o objetivo de rechaçar o inimigo. O comunicado seguinte trouxe a notícia de que eram, na verdade, “87 navios-transporte de pessoal japoneses”. A noite foi longa e cheia de ansiedade. O regimento se manteve firme no lugar, o que levou Shofner a presumir que a unidade fizera isso porque só tinha quinhentos homens. Mais tarde, soube que o regimento fora posto sob o comando de MacArthur. Enquanto o 4º. RIFN aguardava ordens, seus membros avistaram navios-transporte de pessoal japoneses na baía de Subic. Diante da constatação, os fuzileiros navais se lançaram colina abaixo para defender Olongapo, mas depararam com um oceano vazio ao chegar lá.

O comandante do 4º. rifn foi de carro até Manila para avaliar a situação. Às 18 horas de 24 de dezembro, Shofner viu a viatura do coronel retornar do acampamento em alta velocidade. Seguiu-se uma conferência de oficiais de batalhão. O coronel Howard contou que recebera ordens de retirar-se imediatamente para a pequena base nas Mariveles, no ponto extremo da península de Bataan. Unidades do Exército Imperial Japonês haviam esmagado toda oposição com facilidade e tinham avançado até ficarem a uns 65 quilômetros da posição deles. Perante seus oficiais, é provável que ele tenha admitido também toda a abrangente gravidade da situação. A deduzir das conversas que teve com o almirante Hart e depois com o general MacArthur e seu estado-maior, era óbvio que as forças americanas estavam confusas e desordenadas. O chefe do Estado-Maior de MacArthur, general Richard Sutherland, dissera a Howard que os japoneses “estavam convergindo para Manila de três direções”.²⁰ A Força Aérea inimiga havia destruído a maior parte dos 37 novos bombardeiros B-17 e o que restou deles seguiu voando para Mindanao. O almirante Hart decidiu que partiria dali num submarino e levaria o restante de sua frota para o sul. O general MacArthur abandonaria Manila e ordenaria que a tropa inteira se preparasse para uma operação defensiva na península de Bataan. O quartel-general de MacArthur seria transferido para a ilha de Corregidor. Ele ordenou que o 4º. RIFN, após recolher homens e equipamentos do 1º. Batalhão nas Mariveles, seguisse para Corregidor, onde deveria proteger o quartel-general dele. O coronel Howard, por sua vez, ordenou que seus oficiais se preparassem para partir imediatamente.

O trabalho do tenente Shofner como oficial de logística do batalhão exigiu o melhor de seus esforços para embarcar todos os equipamentos e suprimentos nos caminhões e dirigir-se para o sul pela estrada de terra. O primeiro comboio de caminhões partiu por volta das 12 horas do dia de Natal. Shofner e o tenente Nutter, seu amigo, levaram alguns soldados de volta para a base naval, onde teriam umas poucas horas para recolher o indispensável. Quanto ao equipamento individual, cada fuzileiro podia levar uma mochila de campanha. Além disso, o coronel havia autorizado que levassem um armário de oficiais. Todo o restante das coisas deveria ser deixado para trás.

Shofner detestou a ideia de ter que deixar para trás a grande e sortida coleção de objetos pessoais que guardara no armazém do cais. Foi pego de surpresa. Oriundo de uma família próspera, tornara-se oficial e homem íntegro após atuar como presidente de sua fraternidade (Kappa Alpha), destacar-se, ser condecorado

como membro da principal equipe de futebol americano da Universidade do Tennessee e ganhar uma bolsa de estudos da Associação “T” por sua condição de “atleta com as mais altas notas escolares”. Em sua bagagem de campanha, estava levando não apenas alguns uniformes militares e equipamentos esportivos de toda espécie, mas também algumas dúzias de ternos para todo tipo de ocasião — desde gravatas-borboletas pretas de gala a peças de seda e tecidos lustrosos. Em Xangai, havia acumulado uma impressionante coleção de finas peças de mobília chinesa, acessórios, trajes masculinos e objetos de arte. Sem dúvida, algumas das sedosas peças de damasco e objetos de arte em jade entalhados seriam dadas como presentes à namorada, à mãe ou a outros membros de sua grande família. Quando, seis meses antes, fora lotado em Xangai e soube que a guerra era iminente, ficou contente com isso, pois os Shofner haviam lutado em todas as guerras travadas pelos americanos. A ideia de retirada, porém, jamais lhe havia ocorrido.

Shofner abarrotou o armário de artigos de necessidades básicas, incluindo apenas uma pequena lembrança: uma plaqueta com a insígnia dos fuzileiros navais do Clube de Oficiais do 4º. RIFN. Em meio à pressa com os preparativos para partir, guardava no íntimo a esperança de que algum filipino local achasse seus tapetes orientais e estatuetas de marfim.

Shofner chegou à noite a Camp Carefree, um acampamento do Exército destinado ao descanso da tropa, situado na extremidade de Bataan, onde comeu um sanduíche de peru na ceia de Natal. Até onde sabia, Bataan não se preparara para uma operação defensiva. Exausto, quando achou uma cama de campanha vazia no alojamento dos oficiais, deixou-se levar pelas asas do sono. A sirene de ataque aéreo, porém, o acordou à meia-noite. Nisso, correram todos para fora e tomaram posição em um campo aberto, como lhes fora ordenado. De sua posição, Shofner avistou um navio cargueiro em chamas perto do litoral e, mais além, a cidade de Manila, iluminada por uma centena de incêndios vorazes. MacArthur havia ordenado que as forças militares estacionadas no local, conhecido como a Pérola do Oriente, abandonassem a cidade. Chegou a informar ao Exército Imperial Japonês que a cidade estava livre para os objetivos de ocupação deles. Mas os japoneses a bombardearam mesmo assim.

O inimigo tinha absoluta vantagem sobre as forças americanas. Isso ficou óbvio no dia de Natal. Os oficiais e os praças do 4º. RIFN se empenharam na defesa de suas posições até que a Marinha dos Estados Unidos aparecesse com reforços. Tinham como certo que, quando isso acontecesse, os filhos da mãe dos japas iriam ter o castigo que mereciam.

No dia seguinte ao Natal, Sid, Sub e outros mais prestaram juramento para admissão nas Forças Armadas. Após o ato solene, sentiram-se como verdadeiros fuzileiros navais. A essa altura, o povo tinha ouvido falar nos fuzileiros, os mesmos que, na defesa da ilha Wake, haviam repellido a primeira tentativa dos japoneses de invadi-la alguns dias após o ataque a Pearl Harbor. Quando lhe pediram depois que detalhasse suas necessidades de ressuprimento, o oficial encarregado das operações disse pelo rádio: “Podem mandar mais japas pra cá!”⁴ Wake havia sido invadida na véspera do Natal, mas não sem o tipo de aguerrida resistência que os americanos jamais tinham visto em outro campo de batalha. Durante os preparativos para partir, Sid reuniu-

se com Eugene, que deu a Sid um exemplar de *Barrack-Room Ballads*, de Rudyard Kipling, como presente de despedida. O livro continha um de seus poemas favoritos, intitulado “Gunga Din”. Ambos conseguiam citar de memória trechos do livro, como a estância inicial:

*Você até conversa sob o efeito de gim e cerveja
Quando num abrigo está seguro da peleja...
Mas, quando a matança chegar,
Movido a água você vai trabalhar,
E lamberá as botas polidas de quem a tem.
Já na ensolarada Injia,
Onde eu costumava ficar inda
Como servo de Sua Majestade, a Rainha,
Entre todos de rostos escuros, tristonhos,
O sujeito mais legal que conheci, amigo de sonhos,
Foi o carregador de água do regimento, o Gunga Din.
Era o “Din! Din! Din!”
Mancando e se arrastando pelo rubro chão poeirento, o Gunga Din!...”*

Sid nem chegou a abrir o livro no trem a vapor com destino a Parris Island, na Carolina do Sul. A nova vida o embriagava. Ele, o Sub e um vagão cheio de novos e ótimos amigos passaram a viagem cantando. Na chegada, Sid soube que não era fuzileiro, mas um reles bostrácio.⁵ Pelo menos na avaliação do sargento de instrução (SI), que manifestava sua opinião aos berros e colado ao rosto do sujeito, Sid Phillips jamais alcançaria o glorioso status de fuzileiro naval. Para o SI, ele era um erro que sua mãe cometera. Depois dos berros na cara, chegou a hora de correr: correr para pegar o equipamento, correr para o quartel, correr para a praça de armas, correr, correr, correr! Para grande surpresa de Sid, o treinamento tinha como principal objetivo levar o recruta à conquista do privilégio de ser um fuzileiro naval dos Estados Unidos. Apenas ocasionalmente, ele abria uma trincheira individual, espetava bonecos com a baioneta ou aprendia algo sobre técnicas para matar soldados japoneses. O CFNA estabelecera um alto padrão de formação de novos soldados, combinando-o com os rigores dos centros de treinamento de recrutas. As humilhações e ofensas com que os cumulavam, além das amplas obrigações que lhes impunham, iam muito além das impostas nos outros setores do serviço militar. Todas as ações e operações tinham que ser feitas conforme os padrões do CFNA e usando terminologia dele; senão...

Na educação recebida dos pais, Sid, o Sub e John Tatum, o novo amigo deles, também oriundo do Alabama, haviam aprendido o respeito e a obediência devidos às autoridades. Adaptaram-se, pois, à vida no centro de instrução com certa facilidade. Privado, contudo, não apenas dos cabelos, mas também de toda privacidade, Sid não gostou da ideia de que teria de usar a privada na frente de outros sessenta colegas e entrar

na fila para ter o pênis examinado, para que soubesse se tinha gonorreia. Todavia, achou que a perspectiva oferecida por seus instrutores, a de se tornarem os melhores combatentes do mundo, parecia valer o sacrifício. No primeiro dia, todos os recrutas receberam um fuzil, um Springfield 1903, de carregamento manual, com fecho de culatra cilíndrica. Depois disso, Sid não via a hora de chegar o dia em que pudesse usá-lo. Mas o curso de manejo do fuzil viria por último. Enquanto isso, ele e seus colegas recrutas foram submetidos a incessantes treinamentos, aprendendo a marchar a passo travado. Para continuar na corporação, tiveram que aprender a cadência de marcha pessoal de seus instrutores, mesmo porque nenhum dos sargentos de instrução gritava: “Marchar, um, dois, três!”, pois isso exigia demais das cordas vocais. Além do mais, o SI podia facilmente mostrar sua insatisfação com a ralé soldadesca gritando simplesmente algo como: “A-vante!”²¹

Corregidor inspirava confiança nos membros do 4º. RIFN. Depois de chegarem de barca ao Cais do Norte, puseram o equipamento num teleférico e iniciaram a escalada pelo íngreme penhasco. Todos tinham ouvido falar que a Rocha era uma fortaleza inexpugnável. O guia lhes falara dos grandes túneis abertos na matéria rochosa dos subterrâneos locais e das gigantescas plataformas de canhões no alto da colina. A ilha tinha a forma de girino, cuja cauda se estendia pelo porto de Manila adentro e cuja cabeça, arredondada, ficava voltada para o Mar da China Meridional. A maior parte da estreita cauda era formada por praias e rochedos. Dominada pela colina Malinta, na cauda ficavam os cais, a estação de força e os armazéns; essa área era chamada de Baixada. Por fim, chegaram a uma alta colina conhecida como Middleside, situada para além da colina Malinta, onde se localizavam o quartel, um hospital e um clube recreativo. Depois da Middleside, havia outra colina, ainda mais escarpada, chamada Topside, que abarcava a maior parte da ampla área da cabeça do girino. Na Topside, a exuberante floresta dava lugar a gramados bem cuidados, que se estendiam em volta de mansões imponentes para alojar oficiais, além de a um campo de golfe e grande número de casamatas, que abrigavam as gigantescas peças de artilharia costeira. Mais de cinquenta grandes canhões, desde os de três polegadas aos de 12 polegadas de diâmetro, haviam sido instalados ali. A Rocha, geralmente mais fresca do que no território filipino em si, estava com tudo.

Após chegarem ao Quartel de Middleside, em 27 de dezembro, os fuzileiros navais tiveram dois dias tranquilos, nos quais se ocuparam em organizar as coisas. O trabalho de organização dos suprimentos manteve Shofner bastante ocupado. Seu regimento, que agora incluía o 1º. Batalhão, bem como um destacamento de quatrocentos fuzileiros navais de outra base, trouxe mantimentos para alimentar seus mil e duzentos homens por pelo menos seis meses, munição para dez dias de intensos combates, uniformes cáqui suficientes para dois anos, medicamentos e equipamentos para um hospital de cem leitos. Logicamente, Corregidor já tinha um depósito com montanhas de munição.

Quando as sirenes de ataque aéreo silenciaram, por volta do meio-dia de 29 de dezembro, ninguém deu muita atenção a isso. Os japoneses nunca haviam bombardeado Corregidor. Shofner, porém, estava em pé perto do quartel quando viu a formação de aviões inimigos. Os canhões antiaéreos começaram a atirar. Nisso, viu objetos de metal, cintilantes com a luz do sol, caindo na direção dele e correu para dentro do quartel à

prova de bombas, onde se juntou ao restante do regimento, cujos integrantes estavam deitados de bruços no chão. Uma das bombas atravessou o telhado, mas explodiu no pavimento superior; chegaram a ouvir outra atravessar a edificação, porém não detonou. Muitas outras explodiram perto dali. “E assim começou”, escreveu Shofner em seu diário, “o pior dia de minha vida”.

Uma das bombas havia ferido um fuzileiro, que foi levado para o hospital, enquanto todos abandonavam o Quartel de Middleside, pois havia se tornado um alvo gigantesco e outros aviões inimigos sobrevoavam o local. Shofner topou com algumas enfermeiras à procura de um médico, porquanto algumas bombas tinham atingido a parte traseira do alojamento delas. Do pessoal da área da saúde, o único que Shofner conseguiu achar foi um dentista, mas ele o enviou para lá assim mesmo. Dali a pouco, apareceu outro esquadrão de aviões inimigos; depois outro e mais outro. Ele perdeu a conta quando uma dúzia de formações avançou sobre eles, cada uma lançando uma enorme quantidade de bombas de alto poder de destruição. Durante a maior parte do tempo, manteve-se deitado de costas, observando os projéteis dos canhões antiaéreos da Rocha explodirem muito aquém dos alvos, fato que o levou a se perguntar se os aviões estavam voando alto demais, se os seus soldados estavam mirando mal, se não estavam usando detonadores errados ou se talvez a mira ruim fosse consequência de homens pouco adestrados. Em todo caso, não deu para saber. Como aparentemente as bombas eram lançadas sem um critério observável, a única coisa que restava era ter esperança, muita esperança. O último estrondo foi ouvido horas depois. Os fuzileiros navais sofreram quatro baixas, tendo uma delas se tornando fatal algum tempo depois. Os edifícios de Middleside, inclusive o quartel, ficaram impossibilitados de serem usados como abrigos e, mais ainda, de transmitir sensação de segurança.

Irritado pela primeira vez, em razão das dúvidas que o assaltavam, Shofner pôs mãos à obra. Sua companhia recebeu ordens de montar acampamento no desfiladeiro de James. Isso significava a necessidade de organizar uma cozinha para alimentar a tropa, instalar fios de comunicação e fazer outros preparativos, tarefa que o obrigou a trabalhar a noite inteira. As outras unidades do regimento se deslocaram para os setores que lhes indicaram e se prepararam para defender as praias de Corregidor. O 1º Batalhão ficou com o setor mais vulnerável, que abrangia a colina Malinta e a Baixada. O batalhão de Shofner foi incumbido da tarefa mais fácil, a de proteger Middleside, o local em que ele se encontrava, e o Topside. Uma vez que era improvável que o inimigo tentasse desembarcar em outro lugar que não a Baixada, a posição de Shofner era considerada de reserva. Mesmo assim, todos puseram mãos à obra, usando diariamente todo o tempo disponível para montar barreiras de arame farpado, assentar minas terrestres, abrir trincheiras, criar armadilhas antitanque e escavar abrigos. Como o alarme de ataque aéreo falhava de vez em quando, bombas explodiram bem perto dele algumas vezes. Como oficial aprovisionador do batalhão, providenciou para que todos os soldados fizessem duas refeições diárias. Felizmente, havia muita água e, além disso, eles podiam tomar banho no mar. Demoraram um pouco a aprender a se manter perto de abrigos e correrem para salvar a própria pele ao ouvirem o ronco de motores de aviões, tanto que, nos dez dias seguintes, 36 fuzileiros foram mortos e outros 140 ficaram feridos.²²

O mês de dezembro passara em North Island sem quase nenhum treinamento de combate. Mike levantou voo uma única vez. O regime de instruções diárias foi retomado em janeiro. Os pilotos da Unidade de Treinamento Avançado em Operações de Porta-Aviões fizeram verdadeira lambança nos treinos com as aeronaves. Todos os dias, durante uma semana, pelo menos um de seus colegas aterrissou sem antes baixar as rodas do avião ou capotou ao tocar o solo. Esses erros podiam ser consequência da pausa nos treinamentos, ou talvez os guardas-marinha estivessem nervosos com a proximidade da guerra. Quando, em 12 de janeiro, voltaram a acontecer, o comandante reuniu-os no hangar às 16h30 e os advertiu:

— Não quero mais saber de acidentes! — bradou o comandante Moebus. — O primeiro sujeito que provocar um acidente saberá o que pretendo dizer quando afirmo que não quero mais saber de acidentes!

Após a reunião, pouco antes do anoitecer, Micheel levantou voo num chamativo SNJ amarelão para um treino em condições de pouca visibilidade. Minutos antes de escurecer, voltou a se aproximar da pista de pouso. Assim que as rodas do aparelho tocaram a pista, a torre de controle comunicou pelo rádio: “Abortar a aterrissagem! Decole! Avião na pista!” Mike conseguiu arremeter. Ao sobrevoar a pista, olhou para baixo e viu apenas um avião no solo, bem longe do caminho. Irritado, decidiu que não faria uma nova aproximação da pista com base no padrão de manobra do tráfego aéreo. Logo depois, preparou-se para aterrissar: com a hélice sob baixa rotação, uma complexa manipulação das engrenagens e os flapes baixados. Fez a manobra de retorno rapidamente e começou a aterrissar outra vez, com o nariz do avião ligeiramente empinado contra o vento. A torre voltou a falar ao rádio, para informar que ele tinha a pista livre. Pouco antes de tocar o chão, soou a buzina elétrica na torre de controle, indicando que suas rodas estavam recolhidas. Mike havia feito isso na primeira tentativa de aterrissagem. Tratou de acelerar, mas era tarde demais. O Perigo Amarelo deslizou de barriga sobre a pista. Deslizar com a fuselagem guinchando pelo meio da pista o fez corar de vergonha.

A hélice de madeira do avião foi destruída, e o motor precisou ser submetido a reparos, em razão da parada abrupta. Além disso, o mecânico teria que trocar os flapes e fazer trabalho de funilaria na fuselagem. Embora o SNJ não tivesse sofrido danos irreparáveis, Micheel precisaria encarar o comandante Moebus. O guarda-marinha Micheel apresentou-se, pois, ao comandante e admitiu que se distraíra, que não havia revisto a lista de verificação de pouso uma segunda vez. Tal como Mike recebera, o comandante ficou furioso. Acusou Mike de “desobediência direta de ordens” e o proibiu terminantemente de tornar a pilotar. Moebus resolvera fazer de Mike um exemplo para todos os outros alunos. Depois, enviou uma carta ao Birô de Aeronavegação da Marinha, o órgão controlador da aviação naval. Após explicar os problemas crônicos que ele estava tendo com os alunos, além de falar sobre a advertência que dera a Micheel pouco antes de ele haver decolado, Moebus solicitou que o guarda-marinha Vernon Micheel fosse “encaminhado para um serviço que não envolvesse pilotagem”. Achou que somente uma atitude drástica como essa assustaria os alunos.

A carta de Moebus, porém, continha mais do que a irritação de um comandante. Ele atribuía os problemas em sua UTAOP à “inaptidão decorrente da chegada de um grande número de cadetes e ao método de treinamento experimental em grandes centros de formação, que não elimina de forma cabal elementos medíocres”. Em outras palavras, o novo programa de formação de pilotos da Marinha estava sendo um

fracasso. O comandante L. A. Moebus expressou a frustração que muitos diplomados pela Escola de Ensino Superior da Marinha, em Annapolis, sentiam em relação à multidão de civis que estava passando pelo programa do setor de aviação da Marinha. Para eles, homens como Vernon Micheel, que frequentara a faculdade para tornar-se especialista no setor de laticínios, jamais poderia ser um profissional à altura dos oriundos de Annapolis.

Enquanto aguardava a resposta do birô, Moebus ordenou que seu guarda-marinha revel e imprevisível acompanhasse a recuperação do SNJ avariado. No dia seguinte, enquanto os mecânicos o consertavam, o guarda-marinha Micheel iniciou a preparação de um relatório em que listaria o custo de cada nova peça empregada e todas as horas de trabalho gastas na operação de reparo. Mesmo com o ronco dos motores de aeronaves estrugindo constantemente por todo o hangar, Mike tentava não pensar onde iria parar se fosse expulso da UTAOP.

Os japoneses pararam de bombardear a Rocha em meados de janeiro, para grande alívio do tenente Shofner. A trégua deu aos americanos tempo para se recuperarem. O general MacArthur expediu um comunicado a todos os comandantes de unidades. Ordenou que todos os comandantes de companhia transmitissem a seguinte mensagem a seus homens: “Os Estados Unidos estão enviando ajuda. Milhares de soldados e centenas de aviões estão sendo despachados. Ignoramos a hora exata da chegada de reforços... Mas é imperioso que nossos soldados aguentem firme até eles chegarem. Não podemos fazer mais nenhuma retirada. Temos mais soldados em Bataan do que os elementos de combate que os japoneses lançaram contra nós; temos abundância de suprimentos; uma resoluta operação defensiva vencerá o ataque inimigo. Agora, é só uma questão de coragem e determinação. Se lutarmos, venceremos; se nos retirarmos, seremos destruídos.”²³ A mensagem elevou o moral dos soldados na ilha, mesmo com os trovões dos combates em Bataan bombardeando seus ouvidos.

No início de fevereiro, o inimigo começou a bombardear Corregidor com peças de artilharia. Ficou claro para todos que projéteis disparados de grandes canhões feriam muito mais do que bombas lançadas de 1.000 metros de altura. O silvo de projéteis se aproximando durava apenas alguns segundos, ao contrário do longo e monótono zumbido de aproximação de um esquadrão de bombardeiros. Esses sibilos eram ouvidos principalmente em dias chuvosos e à noite. Tornava perigosa a movimentação por terra. Os fuzileiros, que se abrigavam no topo da ilha, começaram a sentir inveja do Exército, a maior parte do qual se espremera no Túnel de Manila, cavado nas profundezas da Rocha.

Shofner foi promovido a capitão em 5 de janeiro e assumiu o comando da companhia de reserva do 2º Batalhão. Seus dois pelotões de fuzileiros e um pelotão de metralhadoras ficaram de prontidão para responder ao chamado de qualquer unidade estacionada nas praias. Como, porém, geralmente os bombardeios partiam os fios de comunicação, houve mais e mais períodos em que ele só ficava sabendo do que conseguia ver. Fez seus homens pegarem pás e acumularem vários metros de terra contra as paredes do Quartel de Middleside, a fim de criarem uma última linha de defesa, e também abrirem pequenas grutas à guisa de abrigo, onde se protegeriam dos tiros de barragem.

Com certeza Shofner, apelidado de “Engenhoso” por seus amigos, porque tinha sempre em mente um artifício e um atalho para a solução de problemas, começaria a notar os problemas com o famoso sistema de defesa da ilha. Os grandes canhões de dez polegadas, por exemplo, não podiam ser virados, de forma que pudessem enfrentar a contento a artilharia inimiga, pois haviam sido projetados para atacar navios no mar. Além disso, algumas das principais baterias de canhões já tinham sido destruídas, já que suas barbetas de concreto os tornavam visíveis a observadores aéreos e a usina de força da ilha fora construída num lugar em que ficava exposta e vulnerável. Os homens do 4º. RIFN aprenderam a se proteger rapidamente, tanto que sofreram menos baixas em fevereiro do que em janeiro, ainda que em fevereiro tivessem sofrido um ataque inimigo mais intenso. À noite, montavam vigilância, atentos a possíveis barcos de desembarque de tropa e torcendo pela chegada de navios da Marinha americana. Quando relampeava, sempre uma ou outra das sentinelas de Shofner dizia: “É a nossa frota que está chegando.”

Não foi possível ocultar à tropa a partida do presidente das Filipinas, Manuel Quezon. O ouro e a prata de seu tesouro já haviam sido tirados dali. Esses inquietantes sinais suscitaram a mesma pergunta na mente de todos: “Ora, bolas, cadê a Marinha?” e “O que será que está acontecendo no nosso país?”²⁴

O guarda-marinha Micheel acompanhou o custo de reparo do avião sem reclamar. Enquanto seus colegas faziam seus motores roncarem nas alturas, ele passou seus dias observando os mecânicos trabalharem. Adorou aprender detalhes do funcionamento dos motores e dos elerões. Somente três semanas depois o comandante o chamou em seu gabinete para informá-lo de que ele havia sido reintegrado. Embora o comandante Moebus não tivesse entrado em detalhes, Mike conseguiu adivinhar a verdade. Após examinar sua ficha, o chefe do Birô de Aeronavegação Naval chegara à conclusão de que a aterrissagem com o trem de pouso recolhido tinha sido um erro isolado e enviou uma resposta a Moebus, quase como se quisesse dizer: “Ei, você sabia que estamos em guerra?!”

Com tudo pelo que passou, Mike acabou perdendo o curso de instrução de pilotos, aeronavegação e missão de reconhecimento aerotática. Fez seu primeiro voo, após o afastamento, no banco traseiro de um SNJ, do qual ficou observando um de seus colegas tentar resolver um problema de navegação. Depois disso, veio um programa de instrução em sala de aula combinado com algumas horas de voo. Dez dias depois, em 19 de fevereiro, a UTAOP recebeu o moderno caça de combate da Marinha. Para alguns de seus colegas de classe, isso significava a chance de pilotar um Wildcat F4F, o melhor avião de caça da Marinha então. Para Mike, significava ter que se contentar com o SBD Dauntless, o avião de reconhecimento e de bombardeio de mergulho da Marinha. Seu esquadrão havia recebido SBD-3s, os últimos modelos dessa aeronave. Iniciou treinos quase diários com o novo avião, com duração de uma hora mais ou menos. Às vezes, um instrutor ia com ele na aeronave, ocasião em que Micheel seguia no banco de trás, na posição do atirador, mas, geralmente, o próprio Mike a pilotava, como parte de um grupo encabeçado por um instrutor. Embora a instrução que recebia diariamente variasse um pouco, duas manobras avançadas foram predominantes sobre as demais.

Micheel fez suas primeiras tentativas de bombardeios de mergulho simulados. Para lançar-se com o avião

em um mergulho de 70 graus de inclinação, de quase 4 mil metros de altitude, caindo com a aeronave em direção ao solo como se fosse uma rocha enorme, era preciso coragem. Com o emprego de flapes especiais nas asas do SBD, chamados freios de mergulho, o piloto conseguia manter a velocidade de mergulho do aparelho em 245 nós (454 km/h). Mas a queda sob inclinação acentuada o tirava do assento e o fazia ficar pendurado no arnês, com uma das mãos segurando o manche e um dos olhos fixos no telescópio, preso ao para-brisa do Dauntless. Através da alça de mira do bombardeiro, via o alvo crescer diante de si rapidamente. Quando ficava a cerca de 600 metros do alvo, acionava o dispositivo de soltura da bomba e saía bruscamente da manobra de mergulho. Ao fazer isso, a força da gravidade o imprensava contra o fundo do assento.

Rotineiramente, parte do dia tinha que ser dedicada a enfrentar outro grande desafio da aviação naval, o de aterrissar com o Dauntless no convés de voo de um porta-aviões. A dificuldade de aterrissagem em porta-aviões já despontara temível no horizonte mental desses combatentes quando frequentavam a escola de pilotagem. Os pilotos praticavam a manobra, logicamente, fazendo aterrissagens em uma faixa da pista terrestre que apresentava os contornos do convés de voo de um porta-aviões.

A manobra devia começar com um padrão de aproximação específico e tinha que ser feita pela traseira do “porta-aviões”. O piloto passava pelo navio a boreste (lado direito), a uns 300 metros de altitude. Feito isso, o piloto entrava na rota de recolhimento (via convencional de aproximação para aterrissagem). Assim que se pusesse a uns 800 metros para além da embarcação (dependendo de quantos aviões estivessem na rota também), ele devia dobrar à esquerda e voltar na direção dele. Após baixar a altitude, os flapes de aterragem, as rodas e, o mais importante de tudo, o “gancho de cauda”, o piloto executava o procedimento padrão de aterrissagem (entrava na rota de aterragem). Com o olhar voltado para a esquerda enquanto se aproximava da popa do navio, ele tinha uma visão livre de qualquer obstáculo dos aviões pousando no convés, na frente dele. Sentinelas antiaéreas posicionadas no convés sinalizavam para ele quando viam um problema com seu avião ou no próprio convés.

Quando o piloto chegava à popa do navio, realizava uma curva bem fechada, que o fazia virar-se 180 graus, pondo-o logo acima da popa. A essa altura, ao olhar para baixo, via um homem em pé num canto da traseira do porta-aviões, a bombordo, com grandes raquetes de sinalização nas mãos. Geralmente usando um macacão amarelo para ficar bem visível, o oficial de sinalização de pouso (OSP) orientava o piloto sinalizando com as grandes raquetes e inclinando o corpo. Se o piloto lhe seguisse os comandos com exatidão, o OSP passava uma das raquetes no pescoço, como quem cortasse a própria garganta. Ao ver o sinal, o piloto desligava o motor e pousava no convés, o gancho da cauda se enganchava em um cabo de travamento e... pronto! Era uma espécie de pouso forçado, mas controlado, sobre um alvo em movimento.

Mike e seus colegas de classe passavam horas, numa parte distante de uma pista terrestre, treinando para dominar os fundamentos da técnica de aterrissagem em porta-aviões. O piloto não podia aproximar-se nem rápido nem lento demais, tampouco muito acima do solo ou perto dele em demasia. Além disso, seu avião tinha que estar na “altitude” certa, com o nariz da aeronave ligeiramente levantado e o gancho abaixado, para realizar uma aterragem tripla perfeita (contato das três rodas) com o convés. Com poucas horas de voo, os

guardas-marinha procuravam fazer o máximo possível de simulações de pousos e decolagens aeronavais: circundavam o “convés” e, após obterem do sinaleiro o sinal de “cortar os motores”, pousavam; depois, era ligar o motor, acelerar e decolar novamente. Após o treinamento, voltavam a encontrar-se nas salas de aula com o OSP, que revia com eles cada uma das técnicas e aferia em detalhes o grau de adestramento dos pilotos.

Como vimos, esse treinamento não era feito em navios-aeródromos. A Marinha, como os guardas-marinha talvez tenham ficado sabendo, embora por meio de boatos, tinha falta desses navios. O *Saratoga* fora torpedeado em janeiro e levado para Bremerton, Washington, onde seria submetido a reparos. Para manter o inimigo na dúvida quanto ao fato de o Sara ter sobrevivido ou não ao ataque, as condições do navio não foram tornadas públicas. Em vez disso, os jornais publicavam reportagens da atuação do almirante Halsey no comando do *Enterprise*, nos ataques a fortalezas japonesas nas ilhas Marshal, no centro do Pacífico. “Pearl Harbor Vingada” dizia uma das manchetes; todavia, mais ou menos nessa época, a fortaleza britânica em Singapura sucumbira ao ataque inimigo.²⁵ A essa altura, os japoneses controlavam metade do oceano Pacífico. Nas conversas informais no clube dos oficiais, os guardas-marinha costumavam conversar sobre o futuro das três frotas de porta-aviões restantes no Pacífico — do *Yorktown*, *Lexington* e *Enterprise* — mais a do *Hornet*, programada para entrar em operação no início de abril. Todos os pilotos já tinham sido designados para atuar em uma delas. O guarda-marinha Micheel sabia que seria encaminhado para o USS *Enterprise*. Como piloto de bombardeiro de mergulho, é possível que Mike se perguntara quantos grandes porta-aviões o inimigo tinha exatamente, já que estava incumbido de afundá-los.

Os praças Sidney Phillips, o Sub Brown e John Tatum, ao qual haviam passado a chamar de “Decano”, porque gostava de fazer citações das escrituras sagradas, partiu de Parris Island ostentando emblemas do CFN dos Estados Unidos: a figura de uma águia, um globo e uma âncora com a amarra envolta nela. Embora poucos de seus colegas tivessem conseguido se qualificar, todos saíram de lá com firmes convicções. Para eles, o CFNA era a melhor corporação de combatentes do mundo. A missão de seus integrantes, de assaltos anfíbios, era a mais difícil das Forças Armadas. Costumavam dizer que, assim que os fuzileiros navais conquistassem uma cabeça de ponte qualquer, a ralé do Exército apareceria para defendê-la e controlá-la. Imbuíram-se dessas convicções enquanto se adestravam no manejo e emprego regular de armas de fogo, que faziam com tanto vigor e entusiasmo que o barulho dos disparos chegava a centenas de metros de distância. Ser uma pequena parte dessa grande equipe fez Sidney experimentar uma sensação de força e uma satisfação que jamais tivera.

Após chegarem de trem a New River, Carolina do Norte, numa tarde dos meados de fevereiro, entraram em formação num grande campo lamacento. Adiante deles, havia uma grande barraca, por cuja entrada podiam ver que o interior era bastante iluminado e movimentado. Todos os soldados foram convidados a entrar, um de cada vez. Lá dentro, Sidney foi entrevistado por graduados (soldados sem patente, como cabos e sargentos). Depois de marchar na lama e responder às perguntas dos graduados, Sid foi encaminhado para a Companhia How, 2º. Batalhão do 1º. RIFN (H/2/1). Foi o caso também do Sub e do Decano. “Que sorte!”, pensaram eles. Algum tempo depois, Sidney soube que todos de seu grupo haviam sido lotados no 2º. Batalhão do 1º.

Os três amigos continuaram juntos, pois, e foram alojados na mesma barraca. No dia seguinte, acordaram cercados por uma camada de neve de quase 7 centímetros de espessura. Mais soldados chegaram, bem como o novo uniforme do corpo de fuzileiros, feito de brim. A farda, com duas peças, de tecido grosso e resistente, destinada a uso nas bases e em combates, foi o primeiro item de equipamento distribuído e criado para emprego na nova guerra, em substituição à usada na Primeira Guerra Mundial. Sidney preferia essa ao uniforme cáqui, pois tinha grandes bolsos e o emblema da unidade estampado no peitilho. O capacete era do mesmo tipo usado por seu pai quando servira na França.

O treinamento começou em 18 de fevereiro, dia em que os graduados os iniciaram no emprego de algumas armas usadas pela companhia: a metralhadora Browning calibre 30 e o morteiro de 81 milímetros. Essas e as outras armas pesadas da Companhia How, disseram a eles, seriam usadas em operações de apoio ao assalto dos fuzileiros de outras companhias do batalhão (a Easy, a Fox e a George). O morteiro de 81 milímetros chamou a atenção de Sid e do Decano. Sempre tiveram fascínio por armas grandes e fizeram questão de dizer isso aos graduados. O Sub ficou feliz da vida em poder usá-las. Outros colegas desprezaram o morteiro, comparando-o a uma “chaminé”, e tentaram obter outro tipo de arma. A escolha voluntária funcionou. Depois de algumas semanas, os graduados encaminharam os três amigos para a mesma equipe de morteiros, a Guarnição da Peça M4 (GP-M4), do pelotão de morteiros de 81 milímetros. Todos os seis membros da GP-M4 eram oriundos do sul, exceto Carl Ransom, que provinha de Vermont. Ransom, ao ouvir que os outros passaram a chamar a unidade de Guarnição Rebelde, disse prontamente, para ser aceito pelos colegas, que fora criado no quarto austral de uma casa no lado sul da rua.

Embora, de vez em quando, tivessem uma tarde de instrução e exercícios práticos envolvendo algo diferente do habitual, os integrantes da GP-M4 se apegaram rapidamente às armas recebidas. Sid estava sempre revendo partes do manual operacional, cujo texto entoava como se fosse música. O morteiro de 81 milímetros tinha a “alma lisa e era carregado pela boca, manualmente, capaz de tiros curvos com grande elevação do tubo...”. O cabo Benson, que comandava a GP-M4, iniciou-os em treinos para o domínio dos movimentos de reunião de tropa precisos, com disparos sucessivos e rápidos. A uma ordem de Benson, um descarregou a placa-base, o outro o bipé e o outro o cano. Naturalmente, a tarefa de encaixar as três peças da arma coube ao Decano. Um pouco mais alto e mais velho, John Tatum levava tudo mais a sério do que Sid e o Sub. O cabo Benson tirou a mira do morteiro do estojo, encaixou-a na arma e a ajustou.

A incessante repetição dos procedimentos e o cantarolante entusiasmo marcial deles acabaram criando rapidamente uma competição entre as guarnições de morteiro. O Decano queria ser o mais rápido de todos, tanto que estudou *O Manual do Fuzileiro Naval*, o livro vermelho distribuído entre os recrutas. Mais ou menos no início de março, o Decano tornou-se cabo da ativa antes mesmo de ganhar essa divisa de graduado. Sid e o Sub não tinham nenhuma vontade de serem promovidos. No entanto, adoravam essa rivalidade, tanto que a GP-M4 montava o morteiro em respeitáveis 55 segundos. Mas o cabo Benson nunca os elogiava por isso.

Como a maioria dos graduados, Benson achava que eram molengas demais para se tornarem bons fuzileiros navais. Quando os novatos se queixavam do frio, diziam a eles que esperassem o verão, época de muito bicho-do-pé e mosquito. Todo fuzileiro que se mostrou contente demais por haver conseguido camas de aço, em 9 de março, foi chamado de frangote, de moloide acostumado à vida boa e fácil. Benson havia morado alguns meses em uma barraca numa ilha chamada Culebra, e isso, assegurou ele, tinha sido muito mais difícil. Às vezes, quando a esquadra dele superava as esquadras do pelotão de morteiros, Benson se sentia inspirado a contar a eles umas histórias sobre a vida de um marinheiro em Porto Rico e na baía de Guantánamo. O 1º. RIFN passara a maior parte dos três anos anteriores no Caribe, desenvolvendo as técnicas de desembarque anfíbio. Seus homens haviam ficado tanto tempo no cafundó de judas que passaram a chamar a si mesmos de “Ralé dos Fuzileiros”. Benson aprendera a praguejar em espanhol e, quando começava com isso, Slid esboçava lentamente um sorriso travesso no rosto. O Decano ficava horrorizado, mas Sidney Phillips adorava uma boa gargalhada.

A chegada de grande número de novos fuzileiros estava levando à promoção dos “veteranos”. Algumas semanas antes, John Manila se tornara sargento.²⁶ Além de novos fuzileiros, sua companhia recebeu também alguns soldados experientes, que haviam solicitado transferência. O regimento do John, o 7º. RIFN, estava pronto para a ativa, pois era óbvio que, no início de março, o 7º. encabeçaria o ataque contra o inimigo. Mesmo porque tinha a maior porcentagem de fuzileiros experientes e estava recebendo todos os novos equipamentos primeiro. Enquanto se preparavam para o primeiro assalto anfíbio — apesar de toda gabolice em torno disso, o corpo de fuzileiros nunca havia travado combate com um inimigo de verdade —, os soldados da seção de metralhadoras do John começavam a perceber que tinham um sargento fora do comum. E não era por causa de suas histórias sobre vida de marinheiro, nem mesmo sua notória insistência em dizer que “desembarcaria na Dewey Boulevard e libertaria Manila”.²⁷ Todos os sargentos tinham histórias para contar e alguns queriam libertar Xangai também. O sargento Basilone, com seu físico de boxeador e pele morena, causava grande impressão, mas seu jeito tranquilo indicava que ele era apenas um homem comum, como todos os demais.

A maioria dos graduados gostava de esfalfar seus homens. Já John Manila considerava os seus, tanto os novatos quanto os antigos, membros de uma turma de amigos.²⁸ Não se esforçava para lhes impor disciplina. E acabou fazendo escola.²⁹ Ele adorava a vida de fuzileiro e achava que os outros a adoravam também. Dava como certo que obedeceriam as suas ordens, já que era isso que, tradicionalmente, os fuzileiros faziam, e que treinariam duro ao longo da semana. Depois, ia a Wilmington ou Jacksonville com os amigos tomar cerveja. Era o que lhe bastava. O melhor amigo do Manila era outro sargento, chamado J. P. Morgan. Este, considerado pessoa difícil, tinha uma tatuagem, tal como John, só que a de Morgan era na base do polegar. Quando, anos atrás, ele a mandara fazer, a tatuagem era considerada um símbolo de sua descendência indígena. Mas, em 1941, os que a viam achavam que era uma suástica, o símbolo do Partido Nazista de Hitler.³⁰ Esse fato, de presumida identificação com o nazismo, pouco serviu para melhorar o jeito de ser de J.P.

John e J.P. comandavam, cada um, uma seção de metralhadoras calibre 30 da Companhia Dog. Nessa época, Manila passava a maior parte dos dias ensinando seus homens da companhia e, até certo ponto, os membros do batalhão a operarem a Browning .30, metralhadora resfriada a água. A fama do poder imenso da metralhadora fascinava muitos jovens entusiastas. Em vez de lições do sargento, recebiam demonstrações diretas e práticas dele. A graciosidade e facilidade com que Manila manjava a arma compensavam as frases curtas e desconexas que usava para descrevê-la.³¹ Apesar da crença popular, a metralhadora não era como uma mangueira de água, capaz de esguichar uma enxurrada interminável de balas. Disparar, à queima-roupa, rajadas com movimentos giratórios do corpo podia até funcionar, mas impediria o atirador de dominar, com o poder de fogo da arma, partes do campo de batalha, anulando assim o objetivo para o qual fora concebida.

Dominar o campo de batalha significava impedir que o inimigo se aproximasse. Disparem rajadas curtas, John deve ter aconselhado. Isso mantinha a arma fria. E, para aproveitar essas rajadas ao máximo, não bastava contar com as mãos e golpe de vista para enquadrar o alvo. Tinham de usar o mecanismo de elevação e de mira dirigida. Pequenos giros nesses anéis reguladores permitem ajustes sutis da mira, que acabam fazendo considerável diferença a 200 metros de distância. Bons atiradores não miravam em indivíduos. Eles criavam zonas de ataque em pontos relativamente distantes do campo de batalha. Matavam o inimigo em grandes grupos ou o forçava a manter a cabeça abaixada o tempo suficiente para permitir que os fuzileiros navais o atacassem. O bom atirador conhecia sua metralhadora muito bem. Começava aprendendo a desmontar a arma em seus principais componentes para poder limpá-la. Como qualquer máquina, porém, a metralhadora podia ser ajustada. A cadência de tiro podia ser regulada e, tal como faziam todos os sargentos das seções de metralhadoras, John impunha à sua uma cadência especial, que considerava fator de equilíbrio entre a necessária capacidade de resistência e a de poder de fogo.

O batalhão do John Manila passou também muitos dias de março em áreas remotas da base, alojado em pequenas barracas de campanha. O comandante do 1/7, major Lewis Puller, exigiu bastante dos membros da unidade. Ao contrário de outros oficiais, o major os seguia em suas longas marchas das 6 horas da manhã pelo campo, acompanhando-lhes o ritmo passo a passo. Gostava de fazê-los enfrentar problemas de campo perto do local em que a artilharia disparava seus canhões de 75 e 105 milímetros.³²

O major Puller, segundo diziam, provara o seu valor nas guerras de guerrilha na América do Sul. Ganhou o apelido de “Peitudo” não porque tivesse um tórax musculoso, mas porque seu peito era deformado. Nada no físico do major lembrava os fuzileiros navais exibidos nos vistosos pôsteres de recrutamento. Era seu jeito direto e agressivo que o fazia sobressair. Antigos soldados do 1/7 gostavam de contar a história da tarde em que o major Puller levara seu batalhão marchando para o cornimboque do diabo. Na ocasião, um tagarela de outra unidade zombara da camuflagem que seus soldados estavam usando. Quando as companhias dele passaram marchando pelo local em que o sujeito se encontrava, Puller avistou o praça Murphy, da Companhia Charlie.

— E aí, meu velho — perguntara Puller a Murphy —, vai deixar que ele fique falando essas coisas a

respeito de sua companhia?!

Murphy saiu da coluna em marcha, deu um soco na boca do falastrão e voltou para a formação. Todos continuaram marchando normalmente, como se nada tivesse acontecido.³³ Embora os novatos tivessem pouco tempo como integrantes da tropa, conquanto o suficiente para saberem que não deviam acreditar em tudo que diziam, sabiam que essa história exemplificava bem o espírito do CFNA, que começava a se incorporar à personalidade deles.

Nas semanas anteriores, Shofner havia achado pilhas de moedas de prata abandonadas. Os fuzileiros navais, que as roubaram enquanto ajudavam a embarcar os objetos preciosos dos filipinos em barças, descobriram que esse dinheiro não valia nada. Três mil dólares em moedas de prata, outrora uma fortuna, não passavam agora de peso morto. Seus fuzileiros achavam que seu futuro seria como o dos colegas de Bataan, que estavam sendo destruídos pelos golpes implacáveis do inimigo. O dinheiro abandonado, embora apenas impressionante, fazia mais sentido para o Engenhoso do que as comunicações radiofônicas que ele ouvia. Uma rádio de São Francisco transmitia regularmente os comunicados do general MacArthur, enviados dos túneis que havia debaixo da área de estacionamento do 4º. RIFN.

Em seus pronunciamentos ao povo americano, MacArthur falara de um conflito diferente, de uma guerra que ele estava vencendo. Seu quartel-general relatara que o “general de divisão Masaharu Homma, comandante em chefe das forças japonesas nas Filipinas, cometera haraquiri”. Segundo ele, o general Homma caíra em desgraça por causa das derrotas sofridas diante das forças de MacArthur. “Um detalhe irônico e interessante dessa história”, informava o comunicado, “é que ele cometeu suicídio, com rituais funerários, na suíte do hotel Manila ocupada pelo general MacArthur antes da invasão de Manila”.³⁴ Três noites após publicar essa fanfarronada, MacArthur e os principais membros de seu estado-maior embarcaram em torpedeiros e fugiram para a Austrália.

A partida do general Douglas MacArthur resultou em derrota, que se aproximou rapidamente na última semana de março. As peças de artilharia pesada do inimigo começaram a ser transferidas de Bataan para Corregidor, enquanto seus bombardeiros pesados retomaram os ataques. As forças americanas postadas na Rocha impediram que a Marinha Imperial Japonesa (MIJ) usasse o porto de Manila e, portanto, o inimigo precisava eliminar a resistência o mais rapidamente possível.

A destruição impunha grandes necessidades a todos. Um esquadrão de bombardeiros provocou incêndios nas casas que havia ao redor do quartel-general de Shofner em 24 de março, que se viu obrigado a improvisar alguns bombeiros. Enquanto combatiam as chamas, uma explosão gigantesca sacudiu a área: uma bomba atingira um estoque de quatro mil projéteis de 75 milímetros, que começaram a explodir e lançar estilhaços para todos os lados. Shofner e seus homens conseguiram impedir que as chamas se espalhassem e depois resgataram um ferido da área das explosões. Na noite seguinte, ele chefou uma turma organizada para impedir que uma estação de rádio fosse destruída pelas chamas. Duas noites depois, bombas incendiárias abrasaram

edifícios situados próximo ao Quartel de Middleside. A impressão geral era de que uma fila inteira de edifícios arderia em chamas, mas o capitão Shofner encabeçou a equipe para deter a disseminação dos focos. Pareceu-lhe que algumas das bombas de fósforo do inimigo tinham espoletas de retardo, destinadas a matar qualquer um que pretendesse participar de tentativas de resgate. Na noite seguinte, ele precisou apagar um incêndio em seu estoque de munições calibre .50, onde enfrentou grande perigo e teve que se esforçar muito. Sem essas munições, não conseguiriam deter a invasão inimiga. Enquanto voltava em busca de abrigo, Shofner ouviu gritos de socorro. Uma das grutas abertas para servir de abrigo havia desabado. Tratou, pois, de reunir alguns homens e procurar um médico para ajudá-lo. Resgataram dois homens dos escombros e dois corpos do local. Algum tempo depois, seus superiores lhe disseram que despachariam cartas recomendando condecorações por seus feitos.

Mesmo com o bombardeio cada vez mais intenso em Corregidor, Shofner conseguiu saber o que estava acontecendo em Bataan. Durante semanas, americanos e filipinos de todos os serviços das Forças Armadas chegavam sem parar ao local, fugidos da península sitiada e duramente golpeada pelo inimigo. Esses homens chegavam necessitados não apenas de roupas e comida, mas também de armas. Alguns deles nunca haviam passado por treinamento militar. Apesar disso, foram distribuídos pelas unidades militares espalhadas pela ilha. O 4º RIFN, bem como outras unidades, estava tentando treiná-los. Algumas das coisas que esses refugiados contaram ele já sabia, mas a maior parte da história foi aparecendo aos poucos.

Desde o início, as Forças Armadas americanas e filipinas estacionadas em Bataan sofreram com a falta de comida e medicamentos e ficaram rapidamente sem munição, apoio da artilharia e cobertura aérea, além de muitas outras coisas. O pior é que esse desastre nunca deveria ter acontecido, pois achavam que Bataan tinha sido preparada justamente para enfrentar esse tipo de situação defensiva. Durante décadas, os Estados Unidos haviam reconhecido que, na eventualidade de uma guerra contra o Japão, suas forças estacionadas em Luzón precisariam se retirar para a península de Bataan e esperar reforços ali. No entanto, o general Douglas MacArthur decidira, no fim da década de 1930, abandonar esse plano. Ficou deliberado, pois, que o Exército filipino, que ele mesmo criara, e o Exército americano, que ele agora comandava, deveriam empenhar-se em derrotar as tropas do imperador na cabeça de praia. A decisão dele significava que Bataan não seria preparada com a criação de armazéns de suprimentos secretos ou a presença considerável de engenheiros militares.

O desempenho de MacArthur como chefe militar não melhorara após as notícias sobre o ataque a Pearl Harbor. Muitas horas depois do início da guerra, os aviões inimigos acharam em terra a frota do Exército de "Fortalezas Voadoras", aeronaves novinhas em folha, estacionadas lado a lado, com as pontas das asas se tocando. As aeronaves não atingidas tiveram que ser retiradas dali. Assim que entrou no jogo, o Exército Imperial Japonês impôs uma derrota humilhante às forças de MacArthur. Os americanos e os filipinos combateram até onde seu treinamento, equipamentos e experiência permitiram. Coragem, por si só, não seria suficiente para deter um inimigo experiente e muito bem-equipado. Quando, finalmente, MacArthur deu a ordem de retirada para Bataan, era tarde demais. Embora unidades de combate houvessem recuado de forma ordenada, toneladas de suprimentos e equipamentos precisaram ser abandonadas. Dezenas de milhares de

soldados e marinheiros americanos e filipinos, junto com uma mistura de membros da Guarda Nacional, soldados da Aeronáutica, fuzileiros navais, enfermeiras e membros da guarda costeira haviam rechaçado o Exército japonês naqueles últimos meses, enquanto caçavam macacos nas árvores para terem o que comer. MacArthur visitara Bataan apenas uma vez.

Quanto mais Austin Shofner sabia a respeito de Douglas MacArthur, mais isso produzia nele e em muitos outros um ódio indelével e profundo. Alguns chegavam a discutir sobre quem era culpado disso ou daquilo, mas ele não. O capitão Shofner estava convicto de que o marechal de campo, designado para defender as Filipinas, era o único culpado por esse fiasco. Muitos concordavam com o Engenhoso, tanto que apelidaram o marechal de “Doug Toupeira”.

Em 6 de abril, correu o boato de que Bataan cairia a qualquer momento. Shofner estava tentando instalar os novos soldados em um quartel-general quando um projétil atingiu a parte externa do edifício. A explosão espatifou a porta em que ele estava encostado, atirando pedaços para longe e fazendo um homem a seu lado desmaiar. Quando se recuperou do golpe, Shofner se dirigiu para o local da explosão. A cena horrenda que deparou o deixou chocado. Cinco soldados haviam sido mortos e 25 tinham ficado feridos. Ele e outros colegas puseram os feridos num caminhão, que Shofner conduziu através da barragem de artilharia até o hospital. O império parecia ter um estoque inesgotável de munição. Algum tempo depois, um socorrista do Exército começou a gritar: “Deixem-me morrer! Deixem-me morrer!” enquanto Shofner o punha em uma maca. Nas horas seguintes, passaram a sofrer ataques cada vez mais perigosos, dos quais escapavam por um triz. As explosões deixaram a ele e a seus homens às escuras. Passaram a maior parte do tempo nas grutas e nos túneis, onde as sacudidas e os tremores da terra eram torturantes.

No dia em que Bataan se rendeu, 9 de abril, pequenos barcos cheios de homens desesperados tentaram alcançar Corregidor. Os fuzileiros chegaram a vê-los. Em volta deles, os primeiros disparos da artilharia inimiga levantavam grandes colunas de água. Aos poucos, porém, os japoneses corrigiram a mira. Alguns projéteis atingiram um ponto da água perto o bastante para danificar um ou dois desses barcos. Os passageiros pularam na água e tentaram fugir nadando. A distância entre ambas as margens era de apenas uns 4 quilômetros, mas poucos deles conseguiram chegar ao destino. O 4º. RIFN passou a noite em alerta, dando como certa uma invasão a qualquer momento. Contudo, não esperavam receber qualquer ajuda de seus compatriotas. O general Wainwright, que havia assumido o comando após a partida de MacArthur, lhes contou a verdade: eles estavam sendo sacrificados.

No início da noite de 10 de abril, John Manila se achava no oceano Atlântico, a bordo do navio americano *Heywood*. O boato se confirmara. O 7º. RIFN encabeçaria o contra-ataque. Além de contar com caminhões, oficinas mecânicas, blindados, unidades de purificação de água e canhões antiaéreos, o 7º. fora reforçado com baterias de artilharia e companhias de engenheiros.³⁵ O 1º. Batalhão de Tropa de Assalto, uma nova unidade do corpo criada para operar atrás das linhas inimigas, também se juntara a eles. Em pé no convés descoberto, John Manila e seu amigo, o sargento J. P. Morgan, devem ter visto os escuros vultos dos outros navios-

transporte de pessoal e os contratorpedeiros que os escoltavam. Nenhuma luz irradiava da flotilha. A pergunta era: para onde estavam indo? No mês anterior, especulações a esse respeito corriam da Islândia, onde o 2º RIFN se encontrava, ao Alasca. Embora ninguém lhes dissesse isso, os fuzileiros navais estavam indo para o sul. Seguindo essa rota, talvez fosse pouco provável que mudassem o rumo e acabassem sendo levados para a Europa. A possibilidade de atuarem no Atlântico transformou-se em certeza quando chegaram ao canal do Panamá. A pergunta então passou a ser: onde começariam a combater os japoneses? Manila havia caído, tal como Guam e Wake; apenas os soldados postados em Corregidor ainda defendiam suas posições.

Não houve exame final. Dez dias antes, Mike ouvira alguns dos outros pilotos conversarem sobre a possibilidade de embarcarem num navio. Minutos depois dessa conversa, o comandante se aproximara dele e confirmara: “Você está certo. Vamos para Pearl.” No início da tarde de 16 de abril, ele se achava no ponto mais alto do navio, observando-o entrar no porto das Pérolas. Sua impressão foi de que as bombas tinham acabado de explodir. Viu que uma camada de uns 12 centímetros de óleo boiava na água. Além de feder, grudava em tudo. Micheel viu homens trabalhando nessa “sopa” horrível, resgatando e recuperando lentamente os navios arruinados. Outros destacamentos de serviço pareciam empenhados em resgatar os corpos dos marinheiros. “Quatro meses antes, neste mesmo lugar”, pensou ele, “soldados haviam morrido afogados em seus próprios navios; outros ficaram presos nos destroços, sem comida, água e oxigênio.” Contudo, uma onda de tristeza pela perda de vidas se desfizera rapidamente, dando lugar a um novo desejo. Mike queria vingar-se, pois estava ali para matar o inimigo. Tratou, portanto, de descer pela prancha de desembarque rumo ao gabinete administrativo do Comandante da Frota Americana de Porta-Aviões do Pacífico, em Ford Island, no meio de Pearl Harbor. Apresentou-se para receber instruções, mas lhe disseram que o USS *Enterprise* havia partido em missão e só retornaria dali a mais ou menos uma semana. Sua unidade, o 6º Esquadrão de Bombardeiros, tinha um escritório na BAeN, do outro lado da ilha, em Kaneohe Bay.

Dois dias depois, Mike fez seu primeiro voo decolando da BAeN de Kaneohe Bay, para familiarizar-se com a região, levando no banco traseiro da aeronave um experiente piloto do esquadrão. Mike, o piloto no banco traseiro, e a ilha de Oahu inteira estavam radiantes com as notícias anunciadas pelas manchetes do dia. Os Estados Unidos haviam bombardeado quatro áreas industriais do Japão, uma das quais ficava em Tóquio. A notícia provinha do governo japonês, que havia condenado “o ataque desumano” a escolas e hospitais.³⁶ Os exultantes americanos responderam à acusação do governo japonês com outra acusação: “Eles bombardearam nosso hospital em Bataan. Que aguentem o troco agora!”³⁷ Para Micheel, natural de Iowa e desafeto a comemorações, as bombas tinham servido de advertência aos japoneses. Os americanos não desistiriam nunca.

Nos dias seguintes, Mike participou dos preparativos do retorno de seu esquadrão ajudando a trazer novas aeronaves para a base. Enquanto isso, os jornais prosseguiram com suas reportagens explosivas. Noticiavam que Tóquio asseverava que o bombardeio fora realizado com aviões B-25, um tipo de bimotor usado pelo Exército americano. Os B-25, ainda de acordo com os jornais, haviam decolado de três porta-aviões americanos e,

depois de atravessarem o território japonês, aterrissaram na China. Jornalistas britânicos confirmaram a chegada de aviões americanos à China, mas os repórteres locais examinavam todos os ângulos possíveis dos fatos. O *Honolulu Star-Bulletin* advertiu os leitores de que a Marinha tinha um bombardeiro de porta-aviões, o *Dauntless*, e duvidava que um avião do tamanho e com o peso do B-25 pudesse ser usado num navio desses.³⁸ Nem a Marinha nem o Ministério da Guerra comentaram a notícia, já que a informação a esse respeito era segredo de Estado. Quando um jornalista perguntou ao presidente Roosevelt de onde haviam partido esses aviões, ele sorriu e respondeu: “Shangri-lá.”

A volta do USS *Enterprise* era assunto secreto também. Horas antes da chegada do navio, o 6º. Esquadrão decolou do convés de voo e aterrissou em Kaneohe Bay. A estreia de Micheel no novo esquadrão foi interessante; os novos colegas não eram receptivos, mas também ele não era sujeito de quebrar o gelo. Felizmente, a unidade estava recebendo novos pilotos, entre os quais se achava John Lough.³⁹ John e Mike haviam passado juntos pelos treinamentos, desde os primeiros tempos em Iowa, antes do contato com aviões e aulas de aeronáutica. Nessa época, nos fins de semana deixavam o centro de instrução de carona no mesmo carro, para que um pudesse conhecer a família do outro. John frequentara a UTAOP em Norfolk, mas acabaram voltando a se reunir para o grande dia. O dia 29 de abril passou como um furacão de preparativos e culminou com o 6º. Esquadrão aterrissando no convés de voo de um navio-aeródromo, conhecido carinhosamente como o Big E. Mike e John aterrissaram acomodados no banco traseiro, e não na cabine do piloto. No dia seguinte, o Big E zarparia para a zona de combate. Mike, John e outros novos pilotos teriam que fazer sua primeira aterragem no convoo do navio e depois realizar outras duas para obterem o brevê de pilotos aeronavais de navio-aeródromo.

O desafio, pois, teria que esperar o dia seguinte. Uma das primeiras tarefas de Mike foi guardar seu equipamento na cabine do navio. Os pilotos recebiam algumas das melhores cabines do porta-aviões, ainda que fossem oficiais subalternos, como o guarda-marinha Micheel, embora os camarotes dos oficiais superiores tivessem antessala. Mike compartilhava uma cabine com Bill Pittman, que estava a bordo desde dezembro, se bem que tivesse acabado de ser transferido do 6º. Esquadrão de Bombardeiros para o 6º. Esquadrão de Patrulha.⁴⁰ Pittman ciceroneou Mike pelo grande labirinto do porta-aviões. Localizados no convés-hangar, perto da proa, seus camarotes não eram difíceis de achar. Em pé na porta, Bill propôs:

— Bem, acho que temos que chegar a um acordo. Quem vai ficar na cama de cima e quem vai usar a de baixo?

— Não sei. Como vamos tomar essa decisão?

— Qual é o seu número de identificação? — perguntou Bill. — Quem tiver o menor número de identificação fica com a cama de baixo.

— O meu — respondeu Mike, recitando-o de memória — é 99986.

— O meu é 99984.

— Tudo bem — concordou Mike —, você fica com a cama de baixo. — Como nunca ligou muito para

isso, jamais lhe ocorreu de pedir que Bill lhe mostrasse o número de identificação.

A parada seguinte foi na sala de pronto do esquadrão. A do 6º. Esquadrão ficava na “ilha”, o centro de comando de operações do navio, uma torre que se eleva acima do convés de voo.⁴¹ A sala de pronto era onde os rapazes passavam a maior parte do tempo. Grandes cadeiras confortáveis, cada uma com sua própria escrivaninha dobrável, ficavam de frente para um tabique cheio de gráficos, mapas, um quadro-negro e um teletipo com um grande monitor. Era aí que Bill Pittman e Mike se separavam. Os veteranos, homens que haviam participado de missões de sucessivos ataques aéreos contra bases inimigas, se mantinham à parte. Costumavam ficar na área frontal da sala. Portanto, os novatos ficavam lá atrás, perto da cafeteira. Antes do jantar, o comandante do esquadrão costumava já ter passado em revista as atribuições do dia seguinte. Alguns dos veteranos realizavam missões de reconhecimento, enquanto outros auxiliavam na qualificação de novos pilotos para operarem no porta-aviões.

No refeitório dos oficiais, onde comissários de bordo negros punham terrinas em mesas cobertas com toalhas brancas, Mike deve ter ouvido de seus novos colegas mais notícias sobre o bombardeio a Tóquio. Chamavam-nos de Ataque Doolittle, em homenagem ao combatente que o liderara. O *Hornet* havia transportado os B-25 do Exército, que quase não conseguiam decolar do convés de voo, ao passo que os aviões do *Enterprise* atuavam como escolta. Os aviões do coronel Jimmy Doolittle haviam sido forçados a partir cedo, pois tinham sido localizados por barcos de pesca japoneses. A presença desses barcos significava que os pilotos do Exército podiam ter como certo que enfrentariam aviões de caça nos céus de Tóquio. Embora as perspectivas de execução da missão não fossem ruins, os B-25 tiveram que ter suas armas removidas, já que eram pesadas demais para serem usadas na operação. A missão Doolittle fora algo muito próximo de uma operação suicida. Além de haverem transmitido a Mike informações de primeira mão sobre a missão, os pilotos teriam compartilhado com ele outra parte da história, não divulgada pela imprensa.

Os B-25 não tinham pousado no *Hornet* para depois realizarem a missão no Japão — tal como os jornais haviam especulado, pois isso teria sido impossível; na verdade, eles haviam sido postos a bordo do navio em São Francisco. Uma vez que fora impossível manter em segredo a presença dessa carga no navio, a Marinha havia simplesmente publicado uma declaração dizendo que os aviões estavam sendo levados de navio para o Havaí. O problema começou quando se espalhou a notícia de que o *Hornet* estava partindo com destino a Pearl Harbor. Centenas de fornecedores haviam exigido um lugar no navio para seguir viagem. Todos alegaram que seus negócios em Pearl Harbor eram vitais ao esforço de guerra nacional e que não havia outra forma de chegar lá. Os esforços da Marinha para tentar despistá-los quase funcionaram. Segundo consta, um deles apareceu “trovejando no porto e insistindo que lhe dessem uma carona para Honolulu”, pois, do contrário, ele “iria a Washington”.⁴² Em vez de atrair mais atenção ainda e, assim, despertar a desconfiança de espiões inimigos, a Marinha decidira deixar o queixoso e indiscreto empresário pegar uma carona no navio com passagem pelas águas territoriais japonesas.

Enquanto jantavam, a força-tarefa Big E seguia para o sul, em direção ao equador. Acompanhada pelo

Hornet, estava levando um esquadrão de aviões de caça do CFNA para Efate, uma das ilhas das Novas Hébridas (atual Vanuatu), ao sul do equador. Nenhum trecho dessa viagem podia ser considerado seguro. Todas as operações, inclusive as de voo, seriam realizadas sob silêncio de rádio.

Na manhã seguinte, 30 de abril, o dia começou com os tripulantes do navio entrando em formação geral, ou tomando seus postos de combate, ao amanhecer. Os pilotos dirigiram-se às pressas para suas salas de pronto, onde receberiam orientações sobre a missão, a sequência de lançamento, as condições do tempo e outras coisas mais. O comandante do esquadrão deu a cada aeronauta o número do avião que ele pilotaria. Quando Mike pôs os pés no grande convés de voo de madeira, sentiu um vento forte, de uns 25 nós (46 km/h), produzido pelo deslocamento do navio. Aquilo que o Big E não conseguia, ainda quando a favor do vento, criava com suas grandes turbinas, trabalhando com enorme potência, a uns 25 metros lá embaixo.

Alguns Wildcats partiram, incumbidos de proteger o navio e as suas naves de escolta contra ataques inimigos. Alguns saíram à caça de navios ou submarinos da Marinha Imperial Japonesa (MIJ). Havia chegado a hora de os novos pilotos de todos os esquadrões obterem a devida qualificação. O Big E, conhecido oficialmente como CV-6, de acordo com a terminologia da Marinha, levava quatro esquadrões, o 6º. Esquadrão de Caças de Combate, que operava os Wildcats; o 6º. Esquadrão de Aviões Torpedeiros, cujos membros pilotavam os aviões TDB; e dois esquadrões que usavam os SBD Dauntless. Embora identificados como 6º. Esquadrão de Bombardeiros e 6º. Esquadrão de Patrulha, os dois compartilhavam os mesmos deveres. Todos os aviões tinham o mesmo padrão de cores: dois tons de azul-claro enfeitados com estrelas brancas.

Mike apresentou-se ao capitão do avião que fora incumbido de pilotar, aeronave número 4563. O capitão tratava o Dauntless 4563 como se fosse sua própria aeronave. Nunca deixava de providenciar para que estivesse sempre pronta para ser usada por qualquer piloto encarregado de pilotá-la. Todo bom capitão de avião ajudava o piloto, sempre sobrecarregado com o paraquedas e sua prancheta de tiro, a firmar-se e acomodar-se na cabine. Mike, mesmo sendo de estatura mediana, quase não cabia nela. Um saco de areia fora posto no assento traseiro de seu avião, pois ninguém arriscaria a vida voando com um guarda-marinha inexperiente na cauda. Do lado de fora, o capitão do avião girou a manivela de arranque com rapidez crescente, até achar que o volante do motor houvesse atingido a velocidade adequada. Feito isso, gritou: “Decolar!”, como aviso à guarnição do convés de voo. Mike ligou o motor e ficou observando os indicadores no painel de controle. Quando chegou sua vez, levou o Dauntless para o centro do convés.

À direita dele, a torre de comando erguia-se a vários metros acima, com suas bandeiras e grandes antenas, ainda mais altas. Geralmente, espectadores enchiam os passadiços de cada pavimento da ilha. Com a visão perfeita que ela proporciona quando ocorrem acidentes, esses passadiços eram conhecidos como “Mirantes dos Abutres”, com exceção do lugar em que ficavam os aeronautas. Conhecida como Controle de Voo Primário, essa parte da torre era reservada ao comandante do grupo aéreo. Ninguém lá embaixo, porém, no movimentado convés de voo, dava a mínima para esses observadores, pois o ajuste dos flaps, da hélice e de outros itens da lista de controle operacional exigia total atenção do piloto.

Quando o avião da frente partiu, Mike avançou devagar, até que a ponta de sua asa de boreste (direita) ficasse rente com o oficial de lançamento, vestido de branco. Para parar, pisou firme no freio das rodas. Nisso, o oficial de lançamento fez um volteio esquisito com o braço e, em resposta, Mike acelerou ao máximo, usando toda a potência do motor. O barulho e as vibrações da nave, a essa altura velhos conhecidos seus, eram impressionantes. Mike olhou para o painel de controle, prestando especial atenção nos magnetos. Satisfeito, desviou o olhar para o oficial de lançamento. Ambos estavam de ouvidos atentos ao ronco do motor, para ver se ouviam zumbidos e estalos. Passaram-se alguns segundos. Quando o oficial de lançamento achou que o avião estava pronto e que o convés de voo achava-se livre para a decolagem, deu a Mike um sinal afirmativo com os polegares em riste. Mas era uma pergunta:

— Pronto?

— Pronto! — respondeu ele com outro sinal, punho cerrado e o polegar levantado também.

O oficial de lançamento se ajoelhou e apontou para a proa do navio. Mike soltou os freios, e o *Dauntless* ganhou velocidade. O convés de voo do *Enterprise* tinha uns 250 metros de comprimento, porém nem chegou a usá-lo todo, já que, dependendo de onde estivera antes de decolar, é possível que tenha tido uns 200 metros pela frente, embora, então, não lhe parecesse longo o bastante para fazer isso. Como sempre, seu avião sofreu ligeira caída assim que perdeu o contato com o fim do convés, antes de iniciar uma lenta subida.

Mike pilotou por mais de uma hora, seguindo um voo padrão dos treinamentos, durante o qual ficou observando as operações de voo nos conveses do *Hornet* e do *Enterprise*. Alguns contratorpedeiros e cruzadores, pequenos se comparados com um porta-aviões, os escoltavam. Em dado momento, seu chefe de voo fez um sinal com a mão, indicando que era hora de ele entrar na rota de recolhimento. Tal como fizera desde seu primeiro voo sozinho, Mike concentrou-se nos componentes mecânicos do conjunto e repassou mentalmente a lista de controle operacional: “Você precisa ficar a essa distância do navio, nesta posição; fazer a curva nesse momento, quando estiver perto da popa. Se... o vento estiver muito forte, tem que fazer a curva antes, de forma que o vento não o faça voltar para cá.” Na última curva, viu o OSP no convés, por sua asa esquerda, que sinalizava com suas raquetes: pelo visto, estava “indo bem”. Quando Mike terminou de fazer a curva, o OSP fez o sinal de cortar o motor. Foi o que ele fez. O avião pousou no convés e o gancho da cauda prendeu-se no cabo de contenção. Logo após sua primeira aterrissagem, veio a segunda, e pouco depois a terceira, embora num avião diferente, com outro saco de areia, em vez de alguém na cauda. Bastante satisfeito, registrou essas aterrissagens no diário de bordo. Esses foram seus últimos voos do mês de abril de 1942. Seu comandante, tenente W. E. Gallaher, assinou o livro de bordo dele, e Mike se tornou piloto de aviões de navio-aeródromo. O diário de bordo indicava que Mike havia realizado 371,9 horas de voo em seu porta-aviões.

Os primeiros dias de maio testemunharam um bombardeio de proporções apocalípticas, durante o qual cerca de 16 mil projéteis, de todos os calibres, foram disparados num período de 24 horas.⁴³ O Exército do imperador havia instalado, na orla da baía, umas 37 baterias de peças de artilharia, todas apontadas para a Rocha. A essa altura o inimigo não a atacava mais de forma indiscriminada. Duas semanas antes, dois balões

havia sobrevoado a península, de cujos céus os espiões da artilharia inimiga tinham uma vista privilegiada do local.⁴⁴ Agora, passavam a mirar seus canhões em alvos específicos. Edifícios, árvores, pássaros, cervos — tudo estava sendo destruído. A onipresente hostilidade do inimigo podia tornar difícil até o simples ato de respirar e, mais ainda, o de dormir. Shofner, que começou a sofrer de disenteria (diarreia), comparou sua situação e a dos colegas à de uma pessoa que levasse uma “vida no centro do alvo”.

Poucos homens não se intimidaram, principalmente os que tinham vindo de Bataan, pois haviam visto isso antes. Durante as horas da agressão inimiga, os fuzileiros ficavam se perguntando o que podia ter ocorrido com os milhares de soldados alojados nos profundos Túneis de Malinta; nos últimos tempos, poucas de suas unidades tinham sido vistas na superfície. Corria o boato de que os oficiais estacionados nos túneis tinham criados para lavar seus uniformes.⁴⁵ Para Shofner e o 4º. RIFN, dos quais se esperava que conseguissem manter a capacidade das unidades de repelir uma invasão, o sumiço deles era sinônimo de covardia. Chegaram a criar um termo para a “doença”: “tunelite.” Os fuzileiros abriam túneis até onde fosse possível, obviamente, mas para isso tinham que se arriscar todos os dias. Eles, bem como as unidades de artilharia costeira, tinham que reparar os danos causados às suas trincheiras e posições de combate, para que estivessem em boas condições quando chegasse o dia da invasão, ainda que os ataques inimigos devastassem a paisagem, cobrindo-a de luto e cinzas. Em noite de céu claro, os fuzileiros viram que as luzes tinham voltado a ser acesas em Manila. Talvez os japoneses estivessem se divertindo bastante.

Em 2 de maio, os espiões inimigos localizaram uma das últimas grandes baterias ainda operacionais na Rocha, a Bateria Geary. Embora somente após três horas de ataque, um de seus projéteis atingiu o depósito de munições da Geary. A detonação de todo esse material explosivo chegou a sacudir o túnel de Shofner, embora o local ficasse longe do ataque, em Middleside. Shofner foi socorrê-los e, quando chegou lá, viu que, dos oito morteiros de 12 polegadas, haviam sobrado apenas alguns estilhaços. Pedacos de concreto e metal entulhavam a extremidade ocidental da ilha. Todas as árvores num raio de 100 metros haviam sido decepadas quase rente ao solo. Ele e outros colegas acabaram conseguindo resgatar cinco homens de um depósito adjacente.

Algumas noites depois, Shofner calhou de captar a rádio de Tóquio, que previa que “a guerra nas Filipinas terminaria em pouco tempo”. Passadas umas poucas horas dessa transmissão, chegou-lhe um relatório informando que estava ocorrendo um tiroteio de armas portáteis nas praias da Baixada. O Engenhoso ficou na entrada de seu túnel em Middleside, observando. Poderia ser alarme falso, pois, algumas semanas antes recebera um informe comunicando que um suposto desembarque de tropas inimigas não passara de acidental troca de tiros entre dois de seus pelotões. Todavia, antes da meia-noite ele recebeu a confirmação de que ocorreria um pequeno desembarque no setor do 1º. Batalhão. Com ele, veio a ordem de se prepararem para uma retirada imediata. Depois da meia-noite, ele viu lá embaixo nas praias os clarões da batalha. No amanhecer do dia 6 de maio, ficou observando cerca de quarenta barcos partirem. O desembarque inimigo tinha sido repellido, constatou, aliviado.

Shofner queria trazer seus homens para a superfície e levá-los para o quartel, onde pudessem fazer

refeições decentes, mas, como o tiro de barragem do inimigo não cessava, tiveram que continuar se alimentando de rações C. Das praias lá embaixo, ecos de disparos de metralhadoras e canhões ainda chegavam aos seus ouvidos. Ainda havia colegas seus combatendo o inimigo. Por volta das 11h30, o telefone tocou. O comandante ordenou que ele executasse o plano “Pontiac às 12 horas”. Em outras palavras, Shofner recebera ordens para se render.

Isso foi um choque para ele, mesmo porque não haviam disparado um tiro sequer, tampouco tinham sido convocados para ajudar a rechaçar o desembarque inimigo. O comandante ordenou também que providenciasse para que seus homens destruíssem as armas. Ele deveria se preparar para conduzi-los até um ponto de reunião, onde, além de não oporem nenhuma resistência ao inimigo, não deveriam reagir aos insultos que certamente sofreriam. O capitão Shofner reuniu seus homens e anunciou que todos os soldados que estiveram com ele nos últimos meses eram agora membros do 4º. RIFN, independentemente de suas unidades de origem. Disse também que estava orgulhoso de todos. “Fuzileiros”, pronunciou-se ele antes de a voz ficar embargada e os olhos se encherem de lágrimas, já que meses de angústia não tinham servido para nada. Viu que outros soldados tinham os olhos marejados também, entre os quais até os sargentos, enquanto seu capitão se esforçava para achar palavras adequadas. Por fim, ouviram-no dizer: “Rapazes, perdemos, mas precisamos viver, embora, no fundo de nossas almas, jamais nos renderemos!”

Feito isso, o capitão Shofner desembainhou sua Mameluke, a tradicional espada que os oficiais do CFN dos Estados Unidos portavam. Nenhuma unidade dos fuzileiros navais jamais havia se rendido em batalha. Ele partiu a lâmina da espada em vários pedaços. Estava tudo acabado. Ordenou que comesçassem a inutilizar as armas e que iniciassem o processo pelas de calibres maiores, até chegarem aos fuzis, revólveres, pistolas e armas brancas.

A destruição terminou ao meio-dia, ocasião em que hastearam lençóis em mastros e estenderam outros no chão. Austin Shofner exortou seus homens a voltarem a seus antigos quartéis para pegarem as mochilas, roupas, equipamentos e pertences. Quando eles se espalharam para agir, ele fez o mesmo. O Engenhoso teve bastante cuidado na escolha e no acondicionamento do próprio equipamento. Sabendo que seria revistado, pensou em formas inteligentes de esconder pequenas coisas de valor, como enrolar pesos filipinos em seu rolo de papel higiênico. Afeito a tradições, separou a plaqueta do Clube de Oficiais do 4º. RIFN, que exibia o emblema de seu querido corpo de fuzileiros e sem a qual não conseguiria ficar, tanto que a entregou a seu mensageiro, cabo Arthur Jones, argumentando que o praça não seria revistado de forma tão completa quanto o oficial.

— Não desgrude desta placa.

— Sim, senhor!

Alguns homens começavam a se barbear e a fazer a higiene pessoal quando,⁴⁶ de repente, uma primeira saraivada de artilharia pegou todos de surpresa. Logo depois, ouviram o zumbido de bombardeiros se aproximando. O ataque inesperado matou vários de seus homens e provocou um número de feridos ainda

maior.⁴⁷ Um dos projéteis lançou o Engenhoso por terra. Porém, mais uma vez, ele conseguiu voltar para o túnel, onde ficou ouvindo a rádio KGEI, de São Francisco, transmitir a notícia da rendição. Depois, deitou-se e dormiu. Na manhã seguinte, logo após haver cessado o bombardeio, chegaram os primeiros soldados japoneses.

Assim que os inimigos tiveram a certeza de que não haveria mais resistência, penduraram o fuzil no ombro.⁴⁸ Aparentando grande satisfação, os soldados japoneses revistaram os prisioneiros em busca de armas, apossaram-se de todos os objetos de valor e depois os levaram marchando para a praia. O 4º. Regimento de Infantaria dos Fuzileiros Navais não existia mais.⁶

Após semanas de treinamentos nas florestas e mangues às margens do New River, os membros da GP-M4 tornaram-se capazes de montar o morteiro em 38 segundos. A recompensa dessa agilidade veio na primeira semana de maio, quando seus integrantes fizeram os primeiros disparos com balas de guerra. Municiados com dezesseis projéteis, Sid, o Sub, o Decano e outros membros da unidade se revezaram na função de enfiar o projétil no tubo do grande morteiro. O projétil partia com um som monótono, mas metálico e ressonante, descrevia um grande arco no ar e explodia a algumas centenas de metros adiante. O Decano, o atirador do esquadrão, achava isso uma “beleza”.

Sid, o ajudante de atirador, gostava da complexidade do morteiro de 81 milímetros. Mirar e disparar essa arma exigia muita habilidade. Ele e o Decano tinham que efetuar tiros indiretos e fazer o cálculo do alcance e da deflexão. Consultavam tabelas de alcance para determinar a propulsão correta e o ângulo apropriado de lançamento do projétil a determinada distância. O esquadrão de morteiros começou a aplicar esse conhecimento também em circunstâncias específicas ou no que chamavam de problemas de campo. A mira contra alvos imóveis deu lugar a descargas múltiplas, como de fogo por zona e de tiro de varredura.

Nos fins de semana, geralmente folgavam. Quando deixavam o quartel com o Decano, iam para Wilmington, onde assistiam a um espetáculo organizado pela USO, e talvez até para conhecer algumas garotas. Contudo, entre eles não rolava álcool, pois o Decano não suportava esse tipo de coisa. Seu apego aos princípios da Igreja Batista fazia dele um fuzileiro naval incomum. Para Sid e o Sub, isso não chegava a ser grande problema, já que nem sempre tiravam folga com o Decano. Num dos sábados de folga, disseram ao Decano que iriam para Wilmington, mas foram para o antigo campo de batalha da Guerra de Secessão em Bentonville, Carolina do Norte. Mesmo sem procurar conhecer a opinião dos outros colegas, Sid e o Sub sabiam que, se soubessem que gastavam seus dias de licença dessa forma, todos do esquadrão os chamariam de estúpidos. Com a recente partida do 5º. RIFN, em breve o 1º. RIFN seria levado também para seu próprio campo de batalha, em algum lugar do mundo.

Com novos pilotos qualificados a bordo, os veteranos do 6º. Esquadrão de Bombardeiros pareciam ter grande satisfação em lhes proporcionar a chance de praticar sua técnica participando de missões de reconhecimento. Os oficiais superiores não aguentavam mais participar de missões que, aparentemente, se destinavam mais a elevar o moral deles do que alcançar “resultados militares significativos” e levar aviões para alguma ilha usada como base.⁴⁹ Segundo um dos veteranos, “isso parece mais outro assalto ao quartel de Wake”.⁵⁰ Na primeira semana de maio, enquanto a força-tarefa se dirigia para o sul, Mike pilotou quase todos os dias. Em quatro horas, percorreu mais de 200 quilômetros com o avião, fez uma curva de uns 50 quilômetros e voltou para o navio.

Incumbido de localizar submarinos japoneses, Mike partira preocupado, sem saber se conseguiria achar o caminho de volta para o porta-aviões. O tempo necessário para cobrir uma área de 700 quilômetros de extensão em busca de embarcações inimigas criava um oceano de possibilidades para ele se perder. Além de o regime predominante de ventos e o aglomerado de nuvens afetarem sua rota e a velocidade do avião, seu porta-aviões mudava de direção e variava as velocidades de percurso, como parte da operação. A Opção Ponto, o planejado local de encontro entre seu avião e o navio, quatro horas depois, era apenas uma estimativa geográfica. Antes de Micheel deixar a sala de apronto, o tenente Dickinson, subcomandante do esquadrão, procurou verificar se o piloto informara corretamente todos os dados em sua *Ouija Board* (mesa topográfica, de planejamento e mapeamento). Embora não deixasse transparecer, Dickinson não gostava de pilotos inexperientes, que lançassem bombas contra quaisquer vultos localizados na água e, no fim das contas, acabassem matando apenas cardumes de peixes.⁵¹ Mike achava as patrulhas antissubmarino muito solitárias.

Apesar de todas as informações exibidas pelos mostradores do painel de controle da aeronave, duas delas, fundamentais, não eram exibidas: a velocidade e a direção do vento. Ele assinalara isso na mesa de mapeamento antes de partir, sabendo que esse último fator poderia mudar drasticamente durante uma longa missão de voo. Mike, porém, aprendera a interpretar a superfície do oceano com os binóculos: sabia que, quanto mais forte o vento, maiores as ondas. Mesmo vista de 2.400 metros de altitude, a espuma que se soltava da crista das ondas indicava-lhe a direção do vento. Durante um voo de 2.000 milhas náuticas (uns 3.704 quilômetros), o vento leste podia mudar de 10 nós (cerca de 19 km/h) para um vento oeste de 20 nós (pouco mais de 37 km/h). Essas mudanças produziam efeitos drásticos na velocidade efetiva do avião, no consumo de combustível e na rota. Caso o Pacífico estivesse calmo e suas águas apresentassem tons de um azul esverdeado, então seu curso não havia sido alterado.

Além de acompanhar as condições do vento, Mike tinha uma arma secreta para ajudá-lo a achar o caminho de volta: um dispositivo de auxílio à navegação chamado YE/ZB. Próximo do fim de sua missão aérea, no dia 7 de maio, quando começou a aproximar-se do Ponto de Opção, Mike subiu com a aeronave para cerca de 8.000 metros de altitude. Após desligar o rádio de comunicação de longa distância, ligou o YE/ZB, que passou a receber um sinal radiofônico cifrado simples do porta-aviões. O aparelho fornecia, dentro de uma área limitada, informações de orientação geográfica suficientes para localizar o navio. Subir com o avião para

grandes altitudes era seu momento da verdade. Se o YE/ZB não funcionasse ou se ele tivesse deixado de informar por escrito o código de navegação do dia do sinal do aparelho, ou ainda se tivesse errado os cálculos e ficasse fora de alcance, ele e seu atirador desapareceriam para sempre. Dois aviões de busca e resgate tinham desaparecido seis dias antes, um deles pilotado por um piloto experiente. As dúvidas o assaltaram, até poder verificar o curso que estava seguindo. De repente, recebeu o sinal de forma clara e sonora. Voltou, pois, a ligar o rádio de comunicação e lançou-se na direção do Big E.

Depois de fazer sua oitava aterrissagem, Mike foi para a sala de pronto do esquadrão, em busca de notícias. O USS *Lexington* e o USS *Yorktown*, os outros dois navios-aeródromos americanos em operação, haviam localizado porta-aviões japoneses no Mar de Coral, ao norte da Austrália. Os aviões do *Lexington* tinham afundado um porta-aviões inimigo. O comandante do esquadrão de patrulha do Lex transmitiu a inesquecível mensagem: “Acertei um porta-aviões!” Com certeza, a notícia do afundamento do *Ryukaku* faria todos sorrir.⁷ Em sua primeira batalha contra porta-aviões inimigos, o *Dauntless* provara ser capaz de fazer um bom trabalho. Os operadores de rádio do centro de comunicações do Big E eram alvos de assédio constante de colegas querendo saber notícias sobre o andamento da batalha. Os que conseguiam obter notícias as espalhavam pelo navio inteiro. Era a única coisa a respeito da qual todos podiam falar.⁵² A força-tarefa do inimigo era composta de dois navios-aeródromos que haviam bombardeado Pearl Harbor, o *Shokaku* e o *Zuikaku*. Todavia, depois da bonança, veio a tempestade de más notícias, já que os aviões inimigos atingiram alguns dos navios americanos no Mar de Coral antes do anoitecer.

Debruçados sobre os mapas, os pilotos do 6º. Esquadrão puderam ver que o destino objetivado por eles, a Efate, os poria a apenas dois dias da batalha no Mar de Coral. Assim, foram dormir refletindo sobre as possibilidades. Como Mike não partiu em missão no dia seguinte, teve pronto acesso aos últimos relatórios, que traziam notícias ruins. Por volta do meio-dia, pilotos japoneses conseguiram acertar dois torpedos no *Lexington* e lançaram uma bomba sobre o *Yorktown*. Próximo ao fim do dia, pilotos americanos conseguiram acertar alguns tiros no *Shokaku*. O Lex, porém, afundou nas horas mortas dessa noite fatídica. Os pilotos experientes do esquadrão de Micheel conheciam muitos dos que serviam no Lex e no *Yorktown*. Até pouco tempo atrás, os membros da aviação naval formavam entre si uma espécie de pequena irmandade. No dia seguinte, notícias sobre a batalha confundiram a situação.⁵³ O Ministério da Marinha alegou que afundara nove navios e danificara outros três. Já um boletim de notícias irradiado pelos australianos aumentava esse total para dezoito, ao passo que o Império do Japão alegava que seus navios haviam feito soçobrar um navio de guerra, o *Califórnia*, dois porta-aviões americanos (o Lex e o *Yorktown*) e um porta-aviões britânico, o *Warspite*.⁸ Na sala de oficiais do Big E, os oficiais da Marinha atentos às alegações dos inimigos devem ter rido muito disso — o couraçado *Califórnia* ainda estava em Pearl Harbor. O subcomandante do 6º. Esquadrão, Dickinson, asseverou que, com sua atuação, o Lex “havia mais do que pago, em moeda japonesa”, o investimento feito em si pelo povo americano.⁵⁴ Não obstante, prosseguiu ele, precisavam refletir no que essa perda significava para eles. Quanto ao *Yorktown*, ninguém sabia a extensão dos danos que ele sofrera. Àquela

altura, talvez os Estados Unidos só tivessem dois porta-aviões em condições de operar, enquanto a Frota Imperial Japonesa dispunha, pelo menos, de oito navios-aeródromos de vários tamanhos, ou até mais.⁵⁵

Pilotos mais experientes do que o guarda-marinha Micheel fizeram parte das missões de reconhecimento do Big E nos dias seguintes. Um dos participantes lançados do *Hornet*, porém, além de se perder, esqueceu-se de desligar o rádio de longa distância ao falar ao interfone com seu atirador, que seguia no banco traseiro, sobre o dispositivo YE/ZB. Navios da frota inteira ouviram-no dizer: “Faça esse receptor funcionar. Para que serve este pequeno interruptor? Cara, isso é grave. Você não consegue ouvir nada? Eu também não. Que diabos você acha que há de errado com essa coisa?! Funcionou bem ontem. Pra que servem os sinais de rádio, se você não consegue captá-los?”⁵⁶ Como ninguém localizou inimigos na área, os porta-aviões prosseguiram com sua missão de levar reforços. Uma vez que a ilha de Efate se mostrou despreparada para receber o esquadrão dos fuzileiros navais, ele partiu para Nouméa, a cidade portuária da Nova Caledônia. Após cumprir sua missão, a força-tarefa rumou para o Havaí e os guardas-marinha voltaram a realizar operações de guerra antissubmarino (GA).

Além das rotineiras missões de GA, o comandante da unidade tornou Mike oficial-assistente de mecânica. Como tal, ele começou a trabalhar com os comandantes de voo e sua equipe de manutenção no gigantesco esforço que precisavam fazer para manter o esquadrão de dezoito Dauntless em condições de voar. Os motores radiais Cyclone R-1820 dos aviões podiam apresentar muitos problemas. Mike aprendera sobre motores radiais e outros componentes de avião nos treinamentos, e depois também, quando foi punido em North Island, mas ele não era mecânico. Como oficial, supervisionava o trabalho da equipe e providenciava o processamento da documentação.

Os homens que ele supervisionava formavam parte de seu esquadrão, ou do que chamavam então de a parte da “marinha de sapatos marrons”. O 6º. Esquadrão inteiro, do comandante Gallaher aos mecânicos de aviação mais humildes, como os terceiros-sargentos e ajudantes de mecânico, haviam embarcado no navio como unidade. Como aeronautas, usavam um uniforme formado por uma camisa cáqui, com gravata e calça da mesma cor, e sapatos de couro marrom. Injunções pertinentes ao cumprimento de seus respectivos deveres, no ar ou na sala dos membros do esquadrão, tendiam a separá-los dos elementos da tripulação do navio. Mas o novo trabalho de Mike o fez entrar em contato com os oficiais, oficiais subalternos e marinheiros que serviam no Big E, independentemente dos esquadrões que ele transportava. Esses homens, membros da parte da “marinha de sapatos pretos”, costumavam chamar os aeronautas de “airedales”.

Embora sapatos-marrons e sapatos-pretos servissem na mesma equipe, o surgimento de uma força imprevista gerou conflitos. A Marinha dos Estados Unidos havia sofrido uma transformação profunda. Por mais de 100 anos, o navio de guerra fora o principal elemento da frota. Somente os melhores oficiais conseguiam o comando de couraçados como o USS *Arizona*. Todavia, na década anterior, aviadores navais tinham começado a se opor às suas tradições, estratégia e tática. Argumentavam que o porta-aviões era o navio mais poderoso e que o ataque japonês a Pearl Harbor podia ser visto como uma demonstração do predomínio

decisivo do porta-aviões sobre o navio de guerra.

Essa transformação profunda encontrou resistência entre os marinheiros antigos — os oficiais e subalternos. Os marinheiros mais jovens, marujos e escreventes, tendiam a se preocupar menos com a tradição e mais em preservar alguns privilégios de sua condição de *airedales*. Por exemplo, todo sapato-preto, além de seus deveres normais, tinha que assumir seu posto quando o navio entrava em formação de combate. Além disso, os marinheiros trabalhavam como sentinelas em sistema de rodízio, ao passo que a guarnição de voo, não. Era fácil sentirem inveja da vida fascinante de piloto enquanto suavam a camisa em mais um turno nos abismais porões do Big E. Seus turnos de serviço, porém, permitiam que os sapatos-pretos se considerassem donos do *Enterprise*, de uma forma que era impossível de ser imitada pelos aviadores.

O guarda-marinha Micheel, para ser eficiente, tinha que ter isso sempre em mente. Ademais, estava começando a entender que a rixa entre antigos e novos pilotos do 6º. Esquadrão de Patrulha não existia unicamente em razão do fato de que estes últimos houvessem substituído velhos amigos perdidos em combate. Os veteranos usavam o anel de Annapolis e confiavam nos que o exibiam no dedo, como símbolo da carreira de oficiais navais. Como nenhum deles se desse o trabalho de treinar os novos colegas, a maioria dos quais consideravam “enlatados produzidos em noventa dias”, Mike e John, por exemplo, foram pegando o jeito do ofício com o tempo. Quando não era designado para participar de uma missão, Mike gostava de ficar assistindo às operações de voo do Mirante dos Abutres.

Leva-se muito tempo para entender o trabalho complexo e perigoso que realizavam lá embaixo, no convés de voo. Cada membro dos grupos da guarnição do convés usava um colete de uma cor diferente, correspondente à tarefa que realizava, tal como carregar as bombas do avião, e fazia seu trabalho num momento específico da operação. Mike ficou observando um Wildcat seguir para a área de decolagem. O piloto acelerou, deu o sinal de positivo com os polegares e partiu com a nave roncando pelo convés, em missão de busca. Contudo, assim que o caça saiu e sofreu a costumeira e breve perda de sustentação, ao perder o contato com a pista, não voltou a aparecer. Uma vez que a queda do convés de voo no mar era de uns 25 metros, mesmo sem considerar o impulso inicial do avião, só de pensar nesse infausto acontecimento sentiam arrepios ou até chegavam a se sentir mal. Enquanto o *Enterprise* passava pelo avião acidentado, incapaz de parar, Mike e muitos outros olharam para baixo e o viram começar a afundar. O piloto flutuava, livre dos destroços por uma questão de sorte, mas a colisão com o oceano o desacordara. O avião afundou. E depois, inconsciente, o piloto também. Infelizmente, o “contratorpedeiro de resgate” chegou tarde demais.

Essa perda confirmou a suspeita de Mike. Decolar, ocasião em que um forte vento lateral ou uma falha na potência do motor podia resultar em morte rápida, era mais perigoso do que aterrissar. Por outro lado, quando entrava na rota de recolhimento (procedimento padrão de aterragem), significava que fazia algum tempo que o piloto estivera voando. Nessa situação, uma falha no motor era mais improvável. Depois do acidente, Micheel achou que era melhor orar com mais frequência, principalmente durante as decolagens. À noite, ouviram a Rosa de Tóquio⁹ rever suas alegações sobre os navios de guerra americanos afundados por aeronautas japoneses na recente batalha do Mar de Coral. A Marinha americana, por sua vez, negou que perdera um

porta-aviões nessa batalha. No dia seguinte, as aeronaves de todos os esquadrões do *Enterprise* decolaram. Micheel aterrissou na ilha Ford, no meio de Pearl Harbor, em 26 de maio, perto do local em que seu navio ancoraria depois.

* * *

No dia 26 de maio, vamos encontrar Shofner feliz e aliviado na prisão da cidade de Manila. Após a rendição, vieram semanas de uma vida difícil numa praia sem abrigo e com muito pouca água e comida, até que os japoneses resolveram tirá-los de Corregidor, embarcando sete mil americanos e cinco mil filipinos em três navios. Os navios, porém, não atracaram numa das docas de Manila. Em vez disso, lançaram âncora ao largo de Parañaque. Quando, à tarde, o calor ficou sufocante, os prisioneiros de guerra foram forçados a baldear para um lanchão de desembarque de tropa japonês, que os levou para um ponto situado apenas uns 4 metros aquém da praia. A ordem de desembarque não foi entendida imediatamente. Que seria que os guardas japoneses estavam querendo fazer? Gritos e fuzis apontados foram suficientes, todavia, para convencer os prisioneiros americanos a pular na água com suas mochilas e seguir para a praia com a água até o peito. Ao sair da água, formaram uma coluna de quatro fileiras longas, seguiram marchando pela Dewey Boulevard e atravessaram o centro de Manila.

Grandes aglomerações de filipinos ladeavam as vias pelas quais eles passaram. Levaram algum tempo para atinar com a importância de tudo aquilo, mas, aos poucos, os prisioneiros entenderam que os japoneses estavam realizando um desfile para comemorar a vitória. Queriam que os filipinos vissem os americanos derrotados e emporcalhados. Marchando a custo sob o peso das mochilas, os americanos foram humilhados. Mas os habitantes do lugar não aceitaram prontamente os japoneses como os senhores de seus destinos. O povo, pois, ofereceu água aos americanos e até atirou pedaços de frutas para eles. Esses atos de gentileza irritaram os guardas japoneses, que fizeram gestos ameaçadores com seus fuzis contra os transgressores. Quando eram impedidas de ajudar, algumas pessoas choravam. Através das multidões, prosseguiram os prisioneiros americanos em seu esforço de passar pela cidade rumo aos portões de Bilibid, a prisão de Manila.

Lá dentro, chegaram ao fim os dias de agruras e privações. Uma vez que a prisão só era capaz de comportar dois terços desses homens, era feito um revezamento dos que podiam ser abrigados em suas dependências, para que fossem poupados das intempéries. Os guardas serviam três refeições por dia, a maior parte composta de arroz, e havia água limpa suficiente para se lavarem. Pequenas quantidades de comida enlatada, cigarros e frutas nativas eram vendidos na prisão. A moeda local eram os pesos filipinos que os sortudos tinham escondido dos saqueadores inimigos.

Com a segurança do encarceramento, os saques diminuíram um pouco. Autorizados a voltarem a organizar seus homens, os oficiais começaram a chefiar os destacamentos de serviço na realização das tarefas necessárias aos seus captores. Depois de tanto sofrimento, essa mistura de marinheiros, soldados, fuzileiros

navais e membros de outros serviços das Forças Armadas podia finalmente sentir-se segura. Só uma coisa parecia fora do normal. Os soldados japoneses, e até mesmo os praças, exigiam que todos os prisioneiros, independentemente do posto, batessem continência para eles ou os cumprimentassem curvando-se diante deles. Essa exigência deixava os oficiais revoltados, mas qualquer hesitação em seu cumprimento resultava em surras cruéis para o prisioneiro. Mesmo uma rápida continência nem sempre era suficiente. Os guardas japoneses esmurravam e chutavam os infelizes prisioneiros com frequência, sem motivo aparente.

O 7º. RIFN não desembarcou nas praias. Em 27 de maio, seus soldados terminavam de fazer o descarregamento do equipamento na cidade de Apia, na ilha de Upolu, na então Samoa Ocidental. Estavam se juntando a outras forças americanas que tinham desembarcado no local meses antes. O 7º., com seus geradores de energia, radar, grandes tratores e peças de artilharia pesada, se prepararia para defender o porto da cidade e construiria um aeródromo.⁵⁷ Montou o bivaque no parque da cidade e começou a abrir trincheiras. Como sargento, John Manila não cavava trincheiras. Ele e seu amigo J. P. foram se divertir nos estabelecimentos locais.⁵⁸ À noite, os fuzileiros navais podiam tomar cerveja no armazém ou fazer uma refeição no único restaurante da cidade. Os samoanos receberam os fuzileiros calorosamente. Até um simples praça tinha condições de pagar um morador local para lavar sua roupa. Acharam as nativas bonitas, mas recatadas. Tudo isso contribuía para a boa prestação de serviços por parte da tropa, embora bastasse uma olhadela no mapa para que vissem que havia um oceano Pacífico inteiro entre Samoa e Manila. O estridente alerta de ataque aéreo soou algumas vezes, alarme falso, conforme ficaram sabendo depois, mas serviu para adverti-los de que ainda estavam atuando como forças defensivas.⁵⁹

Após passar uma semana nas águas da praia de Onslow, carregando o pesado morteiro pelas areias enquanto se praticavam aterrissagens, a GP-M4 voltou para o alojamento, onde a aguardava uma licença de fim de semana para participar das comemorações do Memorial Day, dia em memória dos soldados americanos mortos na guerra. Seus membros podiam partir assim que se vestissem adequadamente. Sidney pensou em usar o uniforme de gala. Uma vez que todos sabiam, embora ninguém houvesse dito isto, que partiriam para a guerra depois da folga, Sid preferiu visitar o lar trajando o uniforme azul-escuro com a listra vermelha nas pernas e o boné branco de campanha. Como não recebera o uniforme de gala azul, alugou um por 20 dólares. Ele e o Sub foram para a estrada à noite, onde pediram carona. Embora o vistoso uniforme tivesse feito com que muitos carros parassem, o caminho até Mobile era longo.

Ao chegarem, Sid calculou que só tinha 24 horas para falar com a família e os amigos e despedir-se deles antes de voltar para o quartel. À tarde, a família pegou a câmera e tirou algumas fotos no gramado: Sidney com sua irmã Katherine, Sidney com os pais. Eugene Sledge apareceu por lá, visivelmente impressionado com o uniforme e invejoso das experiências de Sid. Os pais de Eugene não haviam mudado de ideia. Gene, que acabara de terminar o ensino médio, teria permissão, porém, de frequentar o Instituto Militar de Marion no

outono. Estava tudo mudando ao redor deles. Milhares de trabalhadores afluíam como enxurrada para Mobile, onde participariam da construção de navios para a Marinha. No golfo, submarinos alemães afundavam navios americanos. Os nazistas haviam conquistado a Europa; os japoneses, o Pacífico. Enquanto isso, sob o jugo opressivo dos pais, Eugene continuava irritado. Por outro lado, Sidney fazia parte do cataclismo que era essa guerra. Dali a algumas poucas horas, o Sub apareceria e Sid apertaria a mão do pai dele e depois partiria para cuidar da própria vida.

Nota:

1 - A conveniência do leitor, e não a convenção militar, é que guia a nomenclatura usada aqui para a identificação das unidades militares. (N. A.)

2 - Formosa é mais conhecida como Taiwan. (N. A.)

3 - Em inglês, Reserve Officers Training Corps (ROTC). Parte do sistema militar norte-americano que presta ajuda financeira a estudantes universitários em troca de serviço militar depois de formados. (N. T.)

4 - O oficial no comando do batalhão das operações de defesa do CFNA e de seu esquadrão de caças, comandante Winfield S. Cunningham, enviou, sim, uma lista de suas necessidades de ressuprimento e reforços. A maioria dos historiadores acredita, porém, que a citação acima foi uma forma de disfarçar essas necessidades, de tornar mais difícil para o inimigo decifrar a mensagem e, pois, entender a gravidade da situação após o esgotamento dos recursos empregados no combate. (N. A.)

5 - Gíria militar que significa “inexperiente”, “pacóvio”, “tolo”, “bisonho”. (N. T.)

6 - Dos cerca de 1.200 oficiais e soldados do 4º. RIFN que lutaram em defesa de Luzón, 357 foram registrados como feridos em combate, ao passo que 331 ou foram mortos nos conflitos, ou morreram em decorrência de ferimentos, ou desapareceram e foram dados como mortos. (N. A.)

7 - A MIJ não tinha nenhum porta-aviões com o nome de *Ryukaku*. Os americanos afundaram o *Soho*. (N. A.)

8 - Todas essas alegações de afundamento de navios durante a batalha do Mar de Coral estavam cheias de exageros. (N. A.)

9 - Nome dado pelas forças norte-americanas estacionadas no Pacífico Sul a quaisquer das radialistas fluentes em inglês que trabalhavam para a propaganda de guerra japonesa. O nome, porém, geralmente é associado a Iva Toguri D'Aquino, cidadã americana radicada no Japão no início da guerra. Em 1949, D'Aquino foi julgada e condenada por traição pelo governo americano. Mais tarde, foi perdoada pelo presidente Gerald Ford. (N. T.)



ATO II

“VINGADOS E QUITES”

Maio de 1942—Dezembro de 1942

O Império do Japão achava que sua vitória esmagadora em Pearl Harbor e em outros lugares convenceria os americanos a ceder-lhes o controle sobre o Círculo do Pacífico. Mas foi justamente o contrário o que aconteceu. Os americanos sentiam pelos japoneses um ódio sem limites e deram a seu governo carta branca para vingar-se do inimigo. Parte do desafio do governo de Roosevelt era canalizar uma parcela desse ódio para a campanha contra a maior ameaça aos Estados Unidos: a Alemanha nazista. O objetivo estratégico: fazer frente às investidas japonesas para deter o avanço inimigo e, ao mesmo tempo, envidar esforços para derrotar o Terceiro Reich. Mas tal estratégia sofreu uma reviravolta, já que os serviços de espionagem americanos conseguiram decodificar a maior parte das comunicações japonesas. Essas mensagens interceptadas revelaram, primeiramente, uma tentativa de induzir os Estados Unidos a se envolverem em uma batalha de porta-aviões decisiva, seguida de uma tentativa de cortar as vias de abastecimento entre os Estados Unidos e a Austrália. Essas medidas do inimigo exigiam uma resposta decisiva, mesmo sabendo-se que ele detinha uma parte significativa da vantagem militar.



Quando o 6º. Esquadrão de Patrulha decolou de Ford Island com destino ao Big E, já se encaminhando para sua nova missão, o guarda-marinha Micheel levou no avião seu artilheiro definitivo, J. W. Dance. Após pilotar com outros colegas, Mike acabou escolhendo-o como companheiro permanente. Partiram em uma longa missão de patrulhamento na tarde do dia 28 de maio e só voltaram horas depois para a força-tarefa de seu porta-aviões. Separado uns dois quilômetros do *Enterprise*, seguia em missão também o *Hornet*. Em torno deles, partindo do Havaí, uma multidão de cruzadores e contratorpedeiros os acompanhava rumo ao norte. Assim que o gancho da cauda se prendeu no cabo de travamento, Mike deixou o motor ligado para que os empurradores o manobrassem. Ele e Dance saíram da aeronave e foram para a sala de pronto.

A sala estava agitada com as notícias. Um dos aviões torpedeiros se acidentara ao tentar aterrissar e caíra na água. A tripulação foi resgatada, mas, embora o piloto fosse capitão de corveta e o comandante do esquadrão, ela não seria levada para o navio no dia do acidente, pois o Big E estava com pressa. Algo grande estava para acontecer. É possível que Mike tenha achado que era sempre o último a saber dessas coisas. Se foi o caso, estava certo. Havia mais de uma semana que o Big E era movido a pressa, com toda a tripulação imersa num estado de alerta máximo, mas ele não percebera isso. Os membros da guarnição da casa de máquinas souberam que um acontecimento importante estava próximo.⁶⁰ O guarda-marinha novato supora tratar-se de algo rotineiro.

Em 1º. de junho, chegou a notícia oficial do almirante Spruance, o comandante da força-tarefa. Frotas de navios de guerra, porta-aviões e navios-transporte de pessoal inimigos atacariam em breve a ilha de Midway, situada a cerca de 1.600 quilômetros do Havaí. O almirante Spruance planejava atacá-los de emboscada. Achou melhor não revelar muitos detalhes. De acordo com os boatos que circulavam na sala de pronto, os

Estados Unidos haviam decifrado os códigos de comunicação do inimigo. Três forças-tarefas japonesas atacariam a ilha em 4 de junho. “Minha nossa!”, pensou Mike ao ouvir a descrição dessas forças, “eles estão enviando a armada inteira para a ilha de Midway!...”.

Todos os pilotos tinham os olhos grudados na tela do teletipo na parte frontal da sala de pronto. No andar de cima, assim que os relatórios de contato chegassem, o centro de operações aéreas receberia informações, as processaria e as exibiria na tela do aparelho. Até então, só apareceram na tela informações meteorológicas e de navegação. Embora a força-tarefa continuasse a movimentar-se, procurava manter-se em uma área de posição de combate entre 32 graus de latitude norte e 173 graus de longitude oeste. Essa área, a cerca de 523 quilômetros a nordeste da ilha de Midway, havia sido escolhida pelo almirante Nimitz, o comandante da Frota do Pacífico. Por ordens dele, as forças do almirante Spruance deveriam esperar os porta-aviões japoneses ali, área a que Nimitz dera o nome de Ponto da Sorte.

O comandante do 6º. Esquadrão de Patrulha, Earl Gallaher, parecia impassível e tranquilo diante da batalha iminente. Não teve nenhuma conversa preparatória com seus homens nem fez um longo discurso sobre as várias situações táticas possíveis. Preferiu ater-se ao que já se sabia. As principais tarefas de reconhecimento seriam realizadas pelos bombardeiros do Exército B-17 e os aviões de patrulha da Marinha PBY baseados na ilha de Midway. Esses grandes aviões quadrimotores conseguiam percorrer longas distâncias. Estavam incumbidos de achar os porta-aviões do inimigo, que se esperava que atacassem do noroeste. Bombardeiros de mergulho da Marinha e da Força Aérea do Exército estacionados em Midway enfrentariam o inimigo de frente; os bombardeiros de mergulho embarcados no *Enterprise*, no *Yorktown* e no *Hornet* os pegariam de emboscada. Para passar o tempo, o comandante providenciou a exibição de uma série de slides explicando as características dos navios e aviões japoneses. Ele queria que seus pilotos soubessem fazer a distinção entre os caças e os bombardeiros de mergulho japoneses.

No dia seguinte, o oficial de voo escalou Micheel e Dance para uma missão de reconhecimento. A intensa movimentação em zigue-zague dos elementos da força-tarefa tornaria a volta deles mais difícil. Ele recebera ordens para manter absoluto silêncio radiofônico. Se o motor dele falhasse, disse-lhe o comandante, ele teria que fazer um pouso forçado “e esperar no bote de borracha, agarrado às melhores esperanças de ser resgatado”.⁶¹ Mike avançou com o avião até um local rente com o oficial de lançamento, receoso de que o ponto de decolagem fosse avançado demais, achando que seria bom se a pista fosse maior. Mas pisou nos freios, acelerou e começou a recitar linhas do Salmo 23: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, porque tu estás comigo...”, antes de o oficial de lançamento apontar para a proa e retirar-se do caminho para que ele decolasse. O tempo, contudo, estava horrível. E ele foi forçado a voltar antes. Os únicos novos navios visíveis no horizonte eram o USS *Yorktown* e suas naves de escolta, navegando a alguns quilômetros de distância. A força americana era composta agora de três porta-aviões, mais as esquadras em Midway. Esperavam enfrentar quatro ou cinco porta-aviões inimigos, além de uma frota de grandes navios de guerra e a força invasora. Nunca se vira uma batalha como essa antes. Parecia óbvio que a chave da vitória era ir ao encontro do inimigo antes que ele atacasse. Uma vez que podiam esperar que os japoneses lançassem o

ataque a Midway ao amanhecer, os bombardeiros de mergulho fariam todo o possível para atingir os porta-aviões japoneses antes que os aviões inimigos retornassem.

Outros pilotos de operações de reconhecimento saíram em missão em 3 de junho, ao passo que o restante do esquadrão ficou de prontidão, mantendo-se alerta para evitar que os porta-aviões americanos fossem emboscados. Pela manhã, o piloto de um avião de patrulha baseado em Midway reportou que o “corpo principal” da frota inimiga estava se aproximando de Midway pelo oeste. Isso causou certo alvoroço por algum tempo, mas logo depois informaram da frente da sala: “Essa força-tarefa é a tropa de desembarque, e não os porta-aviões.” Por enquanto, ignorariam as forças de desembarque inimigas. Uma vez que o relatório recebido incluía informações sobre rota e velocidade, Mike plotou essa informação no mapa sem muito cuidado. Pelo que sabia, estavam bem longe do alcance dessa força-tarefa, que era o que importava para ele. No fim da tarde, chegou um relatório informando que uma aeronave do Exército localizara quatro grandes navios inimigos, um dos quais ela deixara “ardendo em chamas” com o seu ataque.⁶² Embora vagos, em certa medida, os relatórios recebidos durante o dia inteiro serviram para confirmar a interpretação deles acerca dos planos do inimigo. O dia seguinte seria o dia. Às 19 horas, a última informação sobre navegação a aparecer na parte frontal da sala de pronto anunciava uma mudança geral de rota em direção a Midway. Porém, com o objetivo de tornar-se um alvo difícil para os submarinos inimigos, o *Enterprise* passaria a noite ziguezagueando, de acordo com o plano sete.⁶³ Na manhã seguinte, ele e os outros porta-aviões estariam a uns 321 quilômetros a norte-noroeste de Midway.

Em 4 de junho, o 6º. Esquadrão de Patrulha e outras tripulações de voo ouviram o toque de alvorada às 3 horas. O dia começou bastante estressante na sala de pronto. À medida que o tempo passava, Mike começou, segundo ele mesmo, a “ficar tenso”. Permaneceu sentado no fundo da sala, fumando, procurando descansar e manter-se calmo com uns goles de café, para que não se sentisse mal durante uma longa missão. Quase não se conversava na sala. Pouco depois das 7h30, o teletipo informou “porta-aviões avistados” por um avião de reconhecimento.¹ Todavia, logo esse momento de “certeza” dissipou-se como fumaça, já que o aparelho não passou informações com a posição, o curso e a velocidade dos porta-aviões japoneses. O estado de tensão e frustração aumentou muito. Micheel achou que sem dados de posição, velocidade ou direção no relatório da patrulha era o mesmo que dizer: “Vimos um grupo de navios indo para um lugar qualquer.” Dez minutos depois, outro relatório de aviões patrulheiros apareceu na tela: “muitos aviões inimigos se dirigindo para Midway, posição 320, distância 150.” Os pilotos calcularam que os esquadrões inimigos estavam a cerca de 514 quilômetros a sudoeste deles. Embora essa informação confirmasse a presença de porta-aviões inimigos na região, o 6º. Esquadrão de Patrulha ainda não tinha as informações necessárias para a criação de um plano de voo, de forma que pudesse interceptar esses navios. Movidos pela suposição de que as aeronaves inimigas estavam voando em linha reta, o comando do Big E ordenou a mudança de curso para interceptá-las. O “locutor” (um escrevente com o telefone ao ouvido) conclamou: “Pilotos, a postos!” Os elementos do 6º. Esquadrão de Patrulha se levantaram e fizeram algo inusitado. Cumprimentaram-se com apertos de mãos e,

enquanto saíam pela porta, desejaram sorte uns aos outros. “Abortar!”, gritou logo depois, porém, o escrevente. “Todos os pilotos, voltem para a sala de pronto!”⁶⁴

“Que diabos está acontecendo?”, perguntou um deles enquanto voltavam em fila para a sala. Ao refletir sobre a situação, ocorreu ao guarda-marinha Micheel que nem ele, supôs o combatente, nem os outros pilotos-substitutos jamais haviam decolado de um porta-aviões com uma bomba de quase 230 quilos debaixo da fuselagem e duas outras, com 45 quilos de peso cada, sob cada uma das asas. Ele tinha participado de missões de patrulha com uma carga de profundidade de 160 quilos presa à barriga do avião, mas nunca tentara decolar levando um peso de mais de 300 quilos debaixo do aparelho. Levando em conta a baixa velocidade do vento informada no teletipo, previu que sofreria um breve estol, baixando uns 3 ou 4 metros, assim que perdesse o contato com a proa, antes que seu *Dauntless* conseguisse atingir velocidade de voo.

Passaram-se mais dez minutos até a chegada de notícias definitivas. Outro avião de patrulha *PBY* entrara em contato pelo rádio com a base na ilha de Midway, que depois repassou a mensagem para o *Big E*. “Posição 320 de dois porta-aviões, distância de Midway 180 milhas náuticas.” Os elementos do 6º. Esquadrão de Patrulha adicionaram essa informação às suas pranchetas de tiro — o curso e a velocidade deles e do inimigo — para estabelecerem um provável ponto de interceptação. Os dados indicavam que a força inimiga estava a cerca de 3.200 quilômetros a oeste da força-tarefa de Mike. Os porta-aviões da Frota Imperial Japonesa encontravam-se a 40 quilômetros além do alcance das armas do *Dauntless*.

Com um plano tático em mente, Gallaher voltou de uma reunião com o centro de comando de operações aéreas para instruir seu esquadrão. O *Yorktown* recebera ordens de aguardar os acontecimentos, ao passo que o *Enterprise* e o *Hornet* deveriam tomar o rumo do sudeste para um enfrentamento direto com o inimigo. Em breve, o comandante do grupo aéreo ordenaria que os esquadrões realizassem surtidas na primeira oportunidade. Mesmo com o mar calmo e o céu limpo, o tempo afetaria o ataque de certa forma. A direção do vento, que soprava do sudoeste, obrigaria os porta-aviões a se afastarem de Midway (e do inimigo) para lançarem seus esquadrões. Após decolarem, os quatro esquadrões do *Enterprise* se juntariam a um ataque coordenado. A formação partiria num voo em linha de proa, mais ou menos na direção sudoeste, para realizar a interceptação.

Como parte da rotina, os pilotos anotaram a localização da ilha mais próxima, para o caso de sobrevir alguma emergência. Essa ilha era Midway. Em vez de estabelecer um ponto de reunião específico, local em que deveriam encontrar-se com o *Enterprise* após a missão, Gallaher disse que podiam esperar que ele continuasse a rumar na direção da ilha de Midway. Nisso, começaram a chegar relatórios informando que aviões japoneses estavam bombardeando o local. Os esquadrões de aviões torpedeiros voariam apenas a uns 460 metros de altitude, os bombardeiros de mergulho se deslocariam sob velocidade constante, a cerca de 6.000 metros, e os pilotos de caça avançariam a uma altitude ainda maior com seus *Wildcats*. Em virtude da autonomia menor dos *Wildcats*, Mike ouviu o comandante dizer: “os caças encabeçarão a formação durante três quartos do caminho e depois voltarão.” Embora isso não fizesse muito sentido para ele, o oficial de comunicações disse a Mike que não se desse o trabalho de ligar seu *YE/ZB*, pois o navio não ligaria o radiofarol de recalada. Mike

nem teve chance de perguntar por quê,² pois havia chegado a hora de partir.

Ele anotou as correções de rota e velocidade finais do navio, enquanto Gallaher dizia a seus homens que era bem provável que os porta-aviões inimigos continuassem a avançar na direção de Midway. Após terminarem de processar os dados de navegação em suas pranchetas de tiro, os pilotos chegaram à mesma conclusão.

— Uau! — admirou-se Mike. — Vamos ficar bem perto do alcance máximo! — Por volta das 9 horas, ele e seu colega receberam ordem para embarcar de novo e partir em missão. Quando Mike se enfileirava para sair, seu chefe de seção recomendou:

— Mantenha-se por perto. Não vá se perder. Fique perto. — Só depois de passar pela maioria dos aviões do 6º. Esquadrão de Patrulha, Mike achou o dele, estacionado no aglomerado de aeronaves. Alguns caças da patrulha aérea de combate estavam partindo.

Atrás das aeronaves de seu esquadrão, ficavam os Dauntless do 6º. Esquadrão de Bombardeiros, que transportavam bombas de quase 500 quilos cada. Artilheiros e capitães aguardavam ao lado de cada uma das naves azul-claras. Mike juntou-se a Dance e embarcou no 6-S-17, avião que ele não tinha pilotado ainda, mas cujo motor pegou facilmente. Fez o taxiamento enquanto outros partiam e logo se tornou o segundo da fila de decolagem. Assim que o piloto da frente começou a acelerar, notou que estavam pendurando um novo quadro de avisos na área do controle de voo primário. O pessoal do comando do grupo aéreo estava passando aos pilotos presentes ainda no convés de voo novas informações sobre a localização dos porta-aviões inimigos. “Que loucura!”, pensou Mike, mas avançou para o ponto de decolagem. Segundos antes de fazer sua primeira tentativa de decolar com carga máxima, e talvez no meio da repetição mental do Salmo 23, não copiou, em sua prancheta de tiro, nada das informações atualizadas. Deu o sinal de que estava pronto para decolar e soltou os freios.

Em voos circulares sobre o porta-aviões, os pilotos do 6º. Esquadrão de Patrulha se organizaram em seções de três, com divisões de nove aeronaves, e as três divisões em forma de cunha se juntaram em seguida para formar um grande V de Vs. O 6º. Esquadrão de Bombardeiros tinha que repetir o procedimento, seguido pelos aviões torpedeiros. Sabendo que seu alvo se encontrava em algum lugar da área mais distante a que seu avião podia chegar, Micheel ficou irritado em ter que gastar combustível com a manobra em círculos sobre o navio. Após a decolagem de todos os Dauntless, ele viu os Devastators e os Wildcats começarem a subir de elevador e depois serem empurrados pelos homens do convés até a posição de decolagem. Então, Mike só conseguia pensar em uma coisa: “Pombas, não sei se vou ter combustível suficiente e esses caras ficam sobrevoando o porta-aviões em círculos!...” O *Enterprise* havia se afastado do *Hornet*; cada um dos porta-aviões estava cercado por alguns cruzadores de grande poder de fogo, alguns contratorpedeiros e muitos aviões. O *Yorktown* estava um pouco mais distanciado de todos. Antes, porém, de os esquadrões de Devastators e Wildcats haverem entrado em formação, o comandante do grupo aéreo do *Enterprise* e seus dois alas partiram com ambos os esquadrões de Dauntless rumo ao sudoeste, por volta das 9h30. A formação iniciou sua escalada de 6000 metros a uma velocidade superior aos usuais 120 nós (222 km/h) das missões de patrulha. Depois de

tanto tempo desperdiçado, estavam com pressa agora.

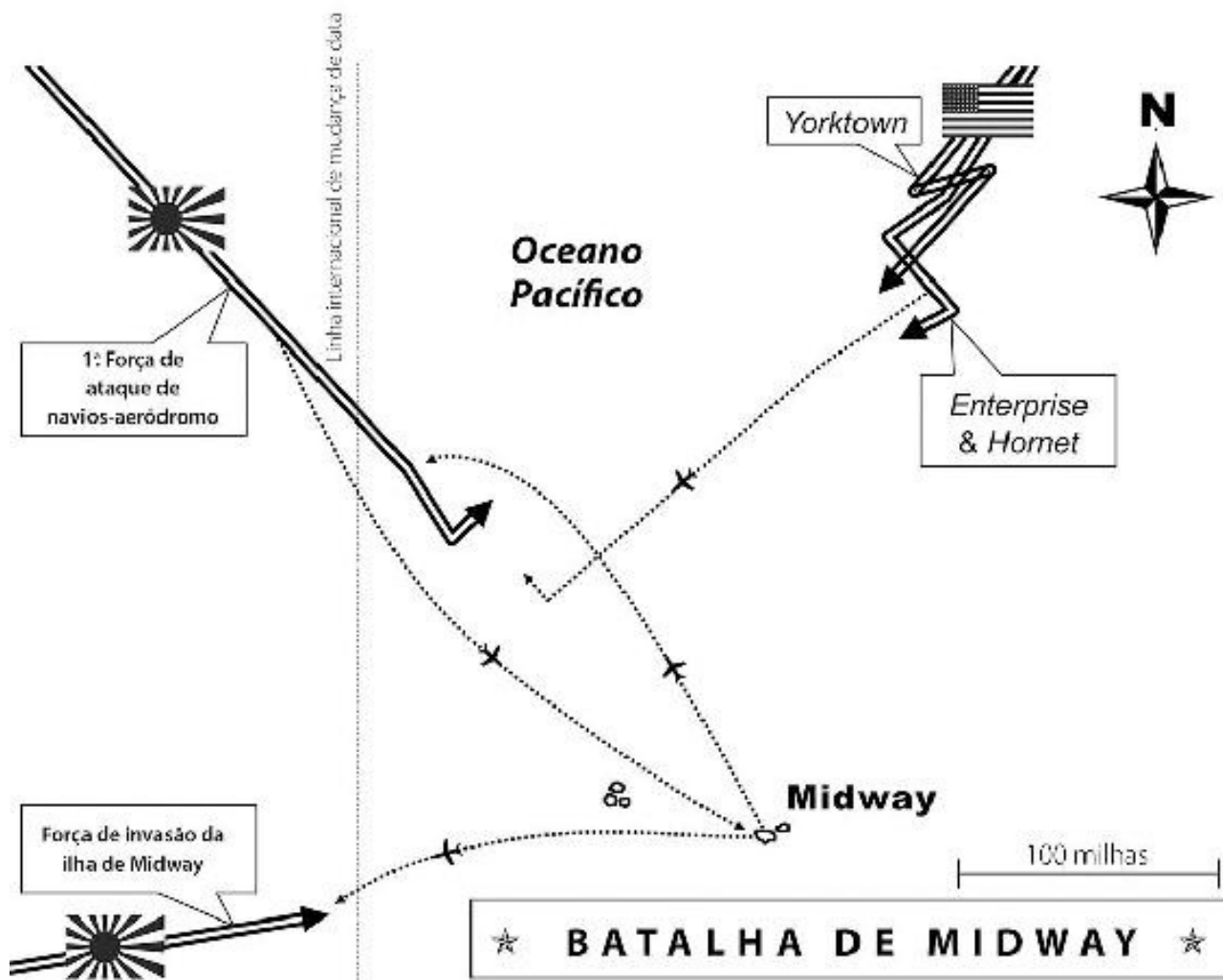
Essa subida para 6000 metros de altitude exigiu que Micheel e Dance usassem suas máscaras de oxigênio. O oceano, a 6.500 metros abaixo deles, era uma amplidão de um azul anil sob um céu pintalgado de pequenas nuvens esparsas e ocasionais. Em obediência às ordens que recebera, Mike ficou perto de seu líder de seção, mantendo a ponta da asa do avião a alguns metros da dele. Essa formação compacta exigia atenção de Mike. Não comparou sua direção real com a que anotara na prancheta, nem fez outras anotações, mas procurava manter o avião na devida posição, além de ficar atento à passagem do tempo e ao indicador de combustível, pois duas horas de voo fariam o *Dauntless* alcançar sua autonomia máxima. Lá embaixo, não via nada, tampouco nenhum dos esquadrões do *Hornet*. Os aviões continuaram a avançar. Mike passou a olhar para o relógio com mais frequência quando começaram a aproximar-se do meio-dia. A essa altura, o 6º. Esquadrão de Patrulha deveria ter chegado ao ponto de interceptação, mas nenhum deles fez a curva para retornar à base. Cada segundo que passava diminuía mais e mais a chance de conseguirem um retorno seguro para a base.

De repente, o comandante do grupo aéreo fez uma curva fechada para a direita. Porém, não foi uma curva de 180 graus, como se fosse voltar para os porta-aviões. Pareceu mais uma manobra sinuosa de busca. Como não podia estabelecer contato pelo rádio para obter instruções, Mike aguardou. Em dado momento, um piloto atraiu sua atenção e fez sinal para que olhasse para baixo, onde avistou um navio, que mal podiam enxergar, de tão minúsculo, pela altitude em que estavam, mas, atrás dele, conseguiu ver também uma longa esteira de espuma branca. Concluiu que o navio devia estar seguindo rápido, já que deixava atrás de si uma esteira funda, de águas bastante agitadas. Dada a sua posição, não podia ser um navio americano. O esquadrão fez uma pequena correção de rumo quando o comandante passou a seguir na linha de avanço do navio. Aumentaram a velocidade e se puseram bem à frente do pequeno navio. Acabaram alcançando a traseira da Frota Imperial Japonesa. Protegidos por contratorpedeiros e ladeados por navios de guerra e cruzadores, quatro porta-aviões avançavam para o noroeste, bem afastados uns dos outros. O guarda-marinha Micheel jamais vira tantos navios.

A frota inimiga continuou avançando, gizando as águas com esteiras espumantes, de um branco vivo.⁶⁵ Não conseguiram ver nenhum caça japonês. O comandante do grupo aéreo não se deu o trabalho de preparar-se para um ataque clássico. Iniciou a descida para uma altitude de bombardeio, ou 3.600 metros, o que também aumentou a velocidade do grupo. Quando sobrevoaram os navios-escolta que rodeavam a frota e se aproximaram de dois porta-aviões, o líder da seção de Mike, tenente West, apontou para um deles e depois deu um tapinha na cabeça. O alvo era o grande porta-aviões da esquerda, o mais próximo deles. As três divisões do 6º. Esquadrão de Patrulha se afastaram umas das outras. Cada uma delas atacaria, de ângulos diferentes, a alongada formação de navios amarela. A divisão de Mike caiu um pouco mais para bombordo (esquerda). Não tinham tempo para assumir a formação de ataque escalonada. O 6º. Esquadrão de Patrulha se posicionou logo acima do porta-aviões principal, um navio tão grande quanto o *Kaga*, e a primeira divisão começou a desaparecer, no que foi seguida rapidamente pela segunda divisão.

O guarda-marinha Micheel tinha muito trabalho pela frente. Como o ar a 300 metros de altitude era muito

diferente da rarefeita atmosfera a 4.500 metros, manuseando os compensadores, fez uma trimagem (ajuste de equilíbrio longitudinal da aeronave para enfrentar as características aerodinâmicas da altitude) um pouco diferente, fechou o bocal do motor (flapes de resfriamento) e modificou o passo da hélice (o ângulo das pás, para alterar o grau de pressão que exercem sobre a massa de ar). Em seguida, moveu as alavancas de armar bombas, de forma que as espoletas se armassem durante o lançamento da carga explosiva. West fez sinal para Mike, indicando que era hora de mergulhar; depois, desgarrou-se da formação e atirou-se num mergulho. Nos últimos segundos antes do mergulho, Micheel pôs a mão esquerda no manete e olhou para seu amigo John Lough, que seguia com o avião dele a boreste. Estavam prontos. Cumprimentaram-se. Segurando o manete com a mão direita, soltou os freios de mergulho e lançou-se bruscamente para o lado com o Dauntless, logo entrando num mergulho de 75 graus. Tãmanha era a velocidade do mergulho que sentia as tiras do arnês imprensarem-lhe fortemente os ombros. Mais ou menos nos primeiros dois mil metros de mergulho, mirou o avião contra o alvo apenas a olho nu, mas, ao ficar a uns 1.800 metros dele, enquadró-o com a mira telescópica. No fundo da mira, um círculo minúsculo percorria uma trilha semicircular.



Martin K.A. Morgan

Essa bolinha indicava se as asas do avião estavam niveladas com o alvo. Se a bolinha saísse do centro, ele estava glissando (desviando-se). De olho na bolinha, continuava a ajustar os compensadores. No centro do telescópio, Mike conseguia ver o avião da frente aproximar-se do alvo. Mais embaixo, bombas explodiam no

convés amarelo do navio enquanto o avião de ataque fazia uma guinada para a direita. Havia um esquadrão de aeronaves no convés do navio.

O mergulho causava uma sensação agradável. “Puxa, isso é bom!”, pensou Mike. “Estou voando para baixo, indo direto para um alvo na forma de um belo sol nascente pintado na proa do navio.” Logo depois, notou uns pontos brancos vindo do navio. Durante alguns segundos, ficou tentando saber o que era, até que pequenas nuvens de fumaça negra apareceram em seu campo de visão. Canhões antiaéreos inimigos estavam sendo disparados contra o avião de Mike, enquanto, a uma velocidade de 240 nós (444 km/h), mergulhava na direção do navio.

Ele mirou contra o convés. A bolinha se mantinha no centro, mas o navio parecia que estava se afastando dele. Tentou acentuar o ângulo de mergulho, já que um voo ainda mais picado aumentava as chances de ele atingir o navio, pois diminuía a distância entre o ponto de lançamento da carga explosiva e o de impacto. Pelo visto, as bombas do avião da frente haviam atingido o navio, uma vez que fizeram o inimigo reagir. Enquanto isso, Dance informava aos gritos a distância que os separava do alvo: 150 metros, 120 metros!... A essa altura, Mike tinha uma visão clara de como o *Kaga* era e que o navio estava escapando rapidamente do alcance da mira deles. Sem mais poder acentuar o ângulo de mergulho, Mike procurou assestar a mira sobre o centro do navio. Nisso, Dance gritou que estavam agora apenas a 90 metros do alvo, porém Mike tentou adiar o ataque um pouquinho mais, até que ficasse a uns 70 metros do navio, para acionar o mecanismo de lançamento da bomba. Tentou retardar o procedimento em mais uns segundos, para que o alvo fosse atingido o alvo em cheio, antes de ele se desviar.

Quando fez isso, sentiu que foi fraco demais o efeito da força gravitacional sobre si e começou a se perguntar se não exagerara no mergulho, já que o *Dauntless* seguiu direto para a água. Entendeu que fora muito autocomplacente, achando fácil demais a realização da tarefa. A velocidade de translação da bomba poderia ter feito o projétil passar por cima do porta-aviões. Mike pensou em cabrar, mas arremetendo para um dos bordos, de modo que pudesse ver que ponto do alvo sua bomba atingira. Todos os colegas haviam feito isso. A manobra, no entanto, o tornaria um alvo fácil e lento para as armas antiaéreas do navio ou para seus aviões de caça. “Não tenho mais como controlar a bomba”, pensou ele. “Ou ela acertou o alvo, ou não. É melhor deixar que o colega de trás me diga depois se atingi ou não o navio.”

Fechou, pois, os freios de mergulho e acelerou ao máximo. O *Dauntless*, porém, não realizou a cabrada brusca que ele esperava. Havia algo errado. Voando rente à água, no meio da frota inimiga, olhou para os lados. As bombas de 45 quilos que levava sob as asas não haviam sido lançadas, pois se esquecera de puxar o gatilho de lançamento. Quando levantou a cabeça, viu que um cruzador atravessaria seu caminho. Embora cruzadores tivessem muitas armas antiaéreas, achou que na proa do navio havia menos do que na popa e lançou-se na direção dela, onde soltou as duas pequenas bombas das asas ao lhe cruzar o caminho. Feito isso, puxou o manche e rumou para as alturas.

Em subida serpeante para esquivar-se de um possível ataque das armas antiaéreas, a certa altura Mike começou a vasculhar o céu à procura de caças inimigos. Se os artilheiros do navio revidaram, ele não percebeu,

mas Dance também não viu nenhuma grande explosão lá embaixo. Continuaram a subir. Ao olhar mais uma vez ao redor de si, Mike ficou surpreso: nenhum avião — nem amigo nem inimigo — à vista. Além de não saber como voltar para o porta-aviões, ignorava onde seria o ponto de reunião, estava com pouco combustível e tinha a impressão de que se achava no lado errado da rota de avanço da frota inimiga. Pegou, pois, a prancheta de tiro, deu uma olhada no relógio e viu que não conseguiria voltar para sua base móvel. Todavia, com base na melhor suposição que podia fazer usando os recursos de que dispunha, rumou com o avião para o leste, indiferente à direção seguida pelos navios hostis lá embaixo. Dance, sentado no banco traseiro e virado para a cauda do avião, ficava atento ao possível aparecimento de caças. Para economizar combustível, Mike nivelou o voo a uns 600 metros de altitude e reduziu a velocidade para 110 nós (203 km/h).

Dance foi o primeiro a avistar aeronaves: dois bombardeiros de mergulho, que se aproximaram por trás e passaram por eles em alta velocidade. Tinham os sinais do esquadrão de bombardeiros do *Enterprise* e pareciam saber como voltar para a base. Com isso, Mike pôde acertar o rumo, mas o impulso de aproximar-se, de voar em formação com eles, deu lugar à advertência íntima de que não tinha tanto combustível para queimar assim. Os dois *Dauntless*, portanto, se distanciaram bastante deles. Mike procurou manter-se calmo. Ainda era belo o dia no Pacífico. De mais a mais, seguia no rumo certo agora, embora mais de uma hora houvesse transcorrido. No entanto, viu surgir no horizonte aos poucos, a quilômetros de distância, a frota americana. Ficou mais esperançoso e animado.

Contudo, os dois aviões que seguiam na frente começaram a perder altitude, tanto que ele os alcançou logo, sem acelerar. De repente, um deles caiu no mar, seguido rapidamente pelo outro. Presumiu que haviam ficado sem combustível, embora ninguém dissesse nada pelo rádio. Vê-los cair em pleno mar aberto deixou Mike assustado. Quando passaram sobre o local em que as duas aeronaves haviam caído, fez uma anotação em sua prancheta de tiro. Olhou para o relógio e viu que faltavam alguns minutos para as 14 horas. Dance girou a cadeira, de modo que ficasse de frente para o oeste e pudesse ver o acidente. Alguns minutos depois, Dance informou, pelo interfone: “Ambas as tripulações conseguiram sair das aeronaves e estão no bote.”

Mike conseguiu fazer sua décima oitava aterrissagem, tranquila e sem problemas. Assim que parou, taxiou para o local em que a guarnição do convoo assumia o controle do aparelho. Pediu que Dance se juntasse a ele na sala de pronto para a reunião de pós-voo e foi para a coberta. Micheel queria ter certeza de que o estado-maior, o capitão do grupo aéreo ou mesmo outro deles soubera da queda dos dois aviões. Ao chegar ao terceiro pavimento da torre de comando, porém, teve muita dificuldade para conseguir falar com alguém, pois, mais ou menos a dois quilômetros de distância, grandes nuvens de fumaça engolfavam o *Yorktown*, com rolos formando uma coluna cujo topo lembrava um enorme cogumelo. O fogo antiaéreo fazia o céu ao redor do navio parecer que a embarcação era uma gigantesca bolha de fumaça estourada.⁶⁶ Com um dos três porta-aviões americanos envolto em combates ferozes para se defender, bem diante da vista de todos, nenhum dos oficiais superiores parecia inclinado a desviar o olhar das cenas impressionantes, para dar atenção a um guarda-marinha com macacão de combate e um Mae West (colete salva-vidas inflável). Mas o guarda-marinha Micheel, em sua primeira visita a esse agitado posto de comando (PC), acabou conseguindo prender a atenção

de um graduado, ao qual repassou a pouca informação que tinha. Disse que “a uns 16 quilômetros à retaguarda” havia quatro homens em um bote inflável precisando de resgate. Apontando para um mapa, ordenou: “Marque um X aqui, no local em que nossos homens caíram.” Fez todo o possível para ajudar os colegas, mas não teve certeza se foi o suficiente.

Na sala de pronto, a euforia era grande. Eles e os membros de outros esquadrões haviam deixado três porta-aviões inimigos em chamas. No espírito de todos ficou a impressão de que “foi o melhor mergulho que fizeram na vida”.⁶⁷ Bill Pittman, o colega de quarto de Mike, disse que não tinha sido atacado por um Zero, mas por um Messerschmitt.³ Foi o artilheiro de Pittman quem derrubara a aeronave, apesar de sua metralhadora ter se soltado do reparo durante o mergulho, obrigando-o a operar a .30 de reparo gêmeo apoiada no colo.⁶⁸ Outros pilotos afirmaram ter visto o artilheiro segurar a fita de munição de 175 projéteis com as próprias mãos e atirar. Foi algo incrível, acrescentaram. Enquanto todos ficaram na parte da frente da sala, conversando animadamente, Mike foi para os fundos com Dance, onde se reuniu com o oficial do serviço de inteligência do estado-maior, que os inquiriu a respeito de suas atuações. O guarda-marinha Micheel respondeu que, além das posições dos dois pilotos derrubados, não tinha muito a acrescentar ao que já se sabia muito bem. Disse também que se lançara sobre o lado esquerdo do porta-aviões, conforme ordenado, e que o navio parecia ser o *Kaga*. Não tinha visto, porém, nenhum caça e observou que teve sorte por haver conseguido voltar. O oficial virou-se para Dance e perguntou se ele tinha algo a acrescentar. “Quando aterrissamos”, respondeu Dance, “tínhamos apenas quatro galões, mas era combustível de sobra”.

Com a tripulação do navio nos postos de combate, o refeitório dos oficiais estava fechado. Mas havia sanduíches e café à vontade. A maioria dos pilotos, contudo, estava mais interessada em saber “quem conseguira realizar ataques certos contra os porta-aviões dos japas e quais deles tinham sido atingidos”. Se não foram o *Akagi* ou o *Kaga* os navios atingidos — conquanto os dois houvessem participado do traiçoeiro ataque a Pearl Harbor —, com certeza eram tão grandes quanto aqueles. Gallaher percebeu que o *Akagi* era o único porta-aviões que tinha a ilha (torre) a bombordo; isso facilitava a identificação.⁶⁹ Os pilotos do 6º Esquadrão de Bombardeiros alegaram que os aviões do 6º Esquadrão de Patrulha os atrapalharam na operação de mergulho e, assim, tiveram que se lançar em ataques ao porta-aviões de um dos extremos da posição da frota. Alguém projetou na tela os contornos dos porta-aviões vistos de cima e cada um dos pilotos indicou o que achava que havia atingido. Foi divertido. Os pilotos, radiantes com a participação no combate, não conseguiam contar suas histórias sem fazer gestos para mostrar as posições e os ângulos relativos entre seus aviões, os respectivos alvos e outras coisas mais. Concordaram que seu comandante, Gallaher, realizara o primeiro ataque certo e que talvez, depois desse, vieram muitos outros ataques eficientes.⁷⁰ Quando indagado, Mike respondeu que lhe haviam dito que mergulhasse sobre o porta-aviões a partir da esquerda e que fora o que fizera. Acrescentou que não tinha certeza do nome do navio atacado ou do outro que seguia próximo a ele. “Só sei que eram grandes porta-aviões.”

Com o passar do tempo, ficou claro que era inútil esperar a chegada de outros Dauntless participantes da

operação. De acordo com a contagem deles, outras sete tripulações ainda não tinham voltado, inclusive a do subcomandante, Dickinson, e a maioria dos elementos da terceira divisão.⁷¹ Cientes agora do infortúnio de alguns colegas, a euforia passou. Mike olhou ao redor e viu que John Lugh não estava ali. Estaria lá fora, num bote inflável?

Quase não tinham tempo para pensar. O *Yorktown*, irmão do Big E, poderia afundar logo, tanto que alguns de seus aviões haviam aterrissado no convés de voo do navio deles. Além disso, pilotos e membros da tripulação divulgavam a notícia das perdas nos outros esquadrões do *Enterprise*. O esquadrão de aviões torpedeiros, principalmente, perdera muitos homens. Essas perdas deixavam um gosto amargo na boca, já que todos sabiam que os velhos aviões torpedeiros eram, nas palavras de um deles, “presas fáceis para os caças dos japas”.⁷² Pior que isso: seus torpedos falhavam com frequência. Do esquadrão de bombardeiros chegaram rumores de que havia “algo estranho” com o novo sistema de armação elétrica das bombas de seus aviões. O mau funcionamento do novo sistema ocasionara o lançamento prematuro de algumas bombas.

Quando, por volta das 17 horas, Gallaher voltou para a sala de pronto, levou consigo notícias de que um novo ataque seria realizado contra outra força-tarefa. Embora acreditassem que o ato de se oferecer como voluntário causasse má sorte à Marinha, o guarda-marinha Micheel queria participar do ataque, pois não queria ficar ali de braços cruzados, esperando que um torpedo atingisse o casco do navio. Portanto, foi procurar o comandante e disse a ele: “Quero participar do segundo ataque.” O tenente Gallaher não tomava decisões baseado na apresentação de voluntários ou, para grande alívio de Mike, de acordo com a patente do combatente, tanto que anunciou que os pilotos cujos aviões estivessem em condições de voar participariam da missão. Conforme verificado pelos comandantes dos aviões, o 6º. Esquadrão de Patrulha tinha sete aeronaves em condições operacionais. Pittman, porém, não participaria do confronto: os aviões inimigos haviam feito um enorme buraco em sua asa direita antes que seu artilheiro conseguisse rechaçá-los.⁷³

Gallaher não se alongou muito nas instruções. Um avião de patrulha localizara um porta-aviões inimigo, dois navios de guerra, três cruzadores e quatro contratorpedeiros a 31 graus e 40 minutos de latitude e a 172 graus e 10 minutos de longitude oeste. Isso indicava que estava a noroeste e bem ao alcance deles. Ficou decidido, pois, que Gallaher encabeçaria um ataque organizado com o que sobrara do 6º. Esquadrão de Patrulha, do 6º. Esquadrão de Bombardeiros e do esquadrão do *Yorktown*, o Bombardeiros Três. No total, poderiam contar com 24 *Dauntless* armados com um número quase igual de bombas de 230 e 450 quilos. Os *Dauntless* do *Hornet* os acompanhariam. Todos os *Wildcats* continuariam a bordo, para proteger os porta-aviões. Vinte minutos depois, Mike e Dance voltaram a pôr-se no ensolarado convés de voo, enquanto o porta-aviões manobrava para avançar contra um vento de 8 nós e ganhava velocidade suficiente para facilitar as decolagens. O convés de voo do Big E, todavia, não estava cheio. Seus aviões, os S-6-17, transportavam bombas de 230 quilos, mas nenhuma sob as asas. Menos aviões era sinônimo de uma pista de decolagem mais longa. Depois de mais uma prece rápida, decolaram. Enquanto os elementos do grupo de ataque improvisado entravam em formação, viram uma enorme nuvem de fumaça evoluindo do *Yorktown*.

Acharam o quarto porta-aviões inimigo rapidamente. Durante a aproximação, Gallaher se pôs ao rádio e informou ao grupo que seu esquadrão e o 6°. Esquadrão de Bombardeiros realizariam o mergulho de ataque contra o porta-aviões. Ordenou que o outro esquadrão, o Bombardeiros Três, se lançasse sobre um dos cruzadores ou contratorpedeiros que o escoltavam. Após transmitir as instruções, Gallaher seguiu à frente do grupo de ataque num voo em torno dos navios. Era óbvio que o comandante queria que seu grupo mergulhasse sobre o inimigo com o sol à retaguarda, já que isso dificultaria a atuação de contra-ataque dos artilheiros do navio inimigo e de seu capitão. De repente, fez sinal para que seus homens entrassem em formação escalonada e iniciaram uma descida a pique, ganhando velocidade à medida que Gallaher os conduzia em direção ao alvo, de tal forma que, durante o mergulho, enquadrassem o navio de cabo a rabo na aproximação final e, assim, tivessem aumentadas a precisão e a eficácia do ataque.

Micheel avistou o porta-aviões. Menor do que o anterior, aparentemente lançava marolas em todas as direções enquanto avançava. De súbito, viu o avião de Gallaher emborcar e mergulhar. Outros dois o seguiram. Logo depois, o líder da divisão bateu continência e mergulhou também. Após rever a lista de verificação operacional, Mike também girou bruscamente a aeronave e atirou-se na direção do inimigo, como se despencasse do sol, de quase 5 mil metros de altitude. Como a manobra de desgarre da formação o pusera na direção oposta à do mergulho do primeiro grupo, foi aos poucos acertando o rumo até conseguir pôr, sob a alça de mira da própria aeronave, o líder da operação de ataque.

Nos dezessete segundos seguintes, viu o fogo da artilharia aérea inimiga vindo em sua direção, enquanto o porta-aviões e suas escoltas singravam as águas em zigue-zagues irregulares. Enquanto mergulhavam, Dance lhe informava a altitude em voz alta. De repente, viram-se envoltos numa nuvem de fumaça. É que, nos segundos finais, o porta-aviões efetuou outro desvio de rumo radical. Mike não conseguia fazer com que o Dauntless acompanhasse a movimentação do navio e, como calculou que acabaria perdendo o alvo, fez a aeronave glissar um pouco para a esquerda e puxou o gatilho de lançamento da bomba. Achou que não conseguira atingir o convés de voo, que talvez só lograra aproximar-se o bastante para danificar o casco do navio. Sem olhar uma única vez para trás, avançou num voo rápido e serpeante por entre os navios-escolta, ganhou altitude e juntou-se ao 6°. Esquadrão de Patrulha, com o qual se retirou sob o ataque de rajadas do fogo antiaéreo inimigo, envoltas em fumaça negra logo que cuspidas dos canhões.

Era a segunda vez que seguiam para o leste nesse dia, com os tanques cheios de gasolina e outra missão triunfal galardoando seus ombros. Quando o 6°. Esquadrão e seus amigos sobrevoaram o Big E e iniciaram o procedimento de aterrissagem, o sol vespertino espriava seus raios rubros sobre o convés.

Mais uma vez, estavam reunidos na sala de pronto, apresentando um relatório verbal da operação, com os ponteiros do relógio indicando quase 21 horas. Os pilotos do Patrulha Seis alegaram haver desferido um golpe direto e certo, e pelo menos um, ou até dois, no quarto porta-aviões, chamado *Hiryu*, segundo constava. O piloto que mergulhara atrás dele disse a Mike que ele não atingira o navio, que sua bomba explodira bem ao lado da proa, a boreste. Mike achou que ele tinha razão. Os pilotos do Dauntless do 3°. Esquadrão de Bombardeiros haviam desobedecido à ordem de Gallaher, pois lhes parecera que o alvo não havia sido

atingido. Depois de quase haver colidido com o avião do líder do 6º. Esquadrão de Bombardeiros, o esquadrão do *Yorktown* conseguira atingir duramente o porta-aviões japonês, deixando-o envolto em chamas da “proa à popa”.⁷⁴ Isso significava que o inimigo perdera dois porta-aviões e tinha outros dois sendo devorados pelas chamas. O almirante no comando da força-tarefa e o capitão do *Enterprise* lhes enviaram os parabéns pelo sucesso da operação. O capitão incluiu na mensagem que torcia para “que muitos de nossos bravos e heroicos colegas do Grupo Aéreo ainda desaparecidos sejam localizados e resgatados”.⁷⁵

Em meio a acaloradas especulações sobre quais deles haviam atingido esse ou aquele alvo, chegaram as primeiras notícias sobre os aviões do *Hornet*. Em seu segundo ataque, haviam ignorado o porta-aviões em chamas e atacaram um dos cruzadores. As perdas do *Hornet* no primeiro ataque não tinham sido tão graves quanto se pensava: alguns de seus aviões aterrissaram em Midway. “Ora essa”, perguntou-se Mike em voz alta, “que diabos eles foram fazer em Midway?”. Ninguém respondeu, pois tinham a atenção voltada para os colegas do próprio navio, já que o *Enterprise* perdera mais da metade de suas tripulações de voo. Já o Patrulha Seis fora o que menos perdas sofrera. Oito de seus dezesseis aviões tinham sido derrubados, mas a tripulação de um deles fora resgatada das águas do oceano. Apenas quatro Devastators do esquadrão de aviões torpedeiros haviam retornado — alguns de seus pilotos acusavam os aeronautas dos Wildcats de haverem permitido que o inimigo abatesse dez deles. Quanto ao *Yorktown*, com seus bombardeios, os japoneses o haviam transformado num inferno, e a nave teve que ser abandonada. Mais uma batalha como essa e todos morreriam. Muitas das conversas travadas ali giravam em torno dos Zeros, um dos tipos de caça do inimigo. Um dos aeronautas disse ter contado seis Zeros na segunda missão, já outros se lembravam de terem visto uma dúzia deles. Um Dauntless fora derrubado durante o mergulho, bem como outros dois, assim que iniciaram a manobra de descida. Alguns deles tinham voltado a bordo crivados das balas inimigas.

O guarda-marinha Micheel ficou se perguntando como fora possível que não tivesse visto nenhum Zero. Ele os teria, por meio de algum artifício mental, apagado da visão e do pensamento? De fato, reconheceu que, ultimamente, começara a alijar do pensamento qualquer coisa que ameaçasse assustá-lo. Ignorar a presença dos Zeros parecia algo mórbido demais, pois todos os outros colegas os tinham visto. Isso o fez sentir algo estranho. Algum tempo depois, passou a achar que, no fim das contas, jamais conseguira se tornar de fato um bom piloto.

Os pilotos do Patrulha Seis devem ter conseguido pegar no sono facilmente, pois, com várias forças-tarefas inimigas ainda seguindo para Midway, inclusive com um porta-aviões, a sirene convocando-os à tomada de postos de ataque, anunciando a ordem para que embarcassem em seus aviões, os acordaria cedo no dia seguinte. Enquanto dormiam, o Big E, o *Hornet* e suas respectivas frotas de navios de apoio e escolta voltavam para as terras americanas, onde estacionariam em uma base longe do inimigo e do avariado *Yorktown*. Nas primeiras horas do dia, porém, a força-tarefa inverteu o rumo. Em 5 de junho, quando voltavam para a sala de pronto, os pilotos foram sendo mais uma vez encaminhados para o combate. Os caças partiram primeiro, com a missão de proteger os portões-aviões que sobraram. Depois, foi a vez dos aviões de busca partirem. A maioria

dos membros do Patrulha Seis ficou na sala de apronto, à espera de ordens. Com o avançar das horas matinais, ficou claro que o inimigo havia desistido. No entanto, a força-tarefa acelerou em seu avanço para o oeste, no encalço do inimigo em retirada.

Nesse e no dia seguinte, os aviões de patrulha localizaram alguns retardatários, navios inimigos de superfície que ou haviam ficado para trás, com o intuito de recolherem seus homens do mar, ou que tinham sido avariados demais para se deslocarem com rapidez. Os bombardeiros de mergulho foram atrás deles. Sem o perigo representado pelos Zeros, esses navios devem ter sido alvos fáceis. Os resultados da operação foram bons por um lado, mas, por outro, não. Pilotos dessas aeronaves-patrulha informaram que localizaram os navios inimigos em vários lugares. Souberam depois que os relatórios eram fruto de equívocos ou totalmente falsos. De fato, os bombardeiros de mergulho embarcados que sobraram atingiram dois cruzadores ou navios de guerra inimigos maiores. Mas um navio japonês, além de conseguir desviar-se das bombas de 32 tentativas de ataque dos Dauntless, derrubou um avião com seus canhões antiaéreos. Ao voltarem dessa missão, na qual, certamente, era injustificável a perda de uma tripulação, Micheel e alguns outros dos novos pilotos receberam o devido crédito pela primeira aterrissagem noturna.

Haviam percebido que não teriam como evitar aterrissar à noite quando ainda estavam bem longe do navio, uma vez que viram a coloração da água mudar aos poucos, de azul para uma cor escura. Alcançaram o Big E justamente no momento em que o farol falhou, fato que gerou dificuldades, já que os Dauntless acabaram travando entre si uma espécie de disputa involuntária para entrar na rota de recolhimento. Uma luz vermelha e fraca iluminava os mostradores e medidores nos painéis de controle dos aviões. Lá embaixo, as luzes de aterragem do porta-aviões foram acesas, delineando o convés de voo com um contorno luminoso. Ao contornar o navio e pôr-se de frente para a popa, Mike viu que o OSP tinha raquetes luminosas nas mãos para orientá-lo durante o pouso e dar o sinal de desligar o motor. Já a bordo do navio, Mike reconheceu que aterrissar naquelas condições foi uma “tarefa aterradora”. Um de seus colegas aterrissara no *Hornet* por engano, enquanto alguns aviões desse navio foram parar no *Enterprise*.

Com a volta dos aviões, a Batalha de Midway chegou ao fim. Na manhã seguinte, os navios japoneses estariam ao alcance dos aviões americanos baseados em terra firme, na ilha Wake. Os esquadrões do porta-aviões americano haviam perseguido o inimigo até onde fora prudente e necessário. Seus pilotos tinham tempo, portanto, para permanecerem no refeitório dos oficiais após o jantar e conversar. Durante o jantar, apareceu uma garrafa de uísque, que circulou entre eles. Embora bebida alcoólica fosse proibida na Marinha do Tio Sam, todos os aeronautas puderam tomar uns goles — bebida que, quando não era de um estoque pessoal, podia ser do próprio médico do navio. Mike tomou uns tragos também. Depois de muita discussão, os pilotos chegaram à conclusão de que o navio que escapara deles era um cruzador leve, mas outros tinham conseguido fugir também, pois eram rápidos ou pequenos demais para serem atingidos. Entretanto, o desaparecimento das forças-tarefas do inimigo, ainda numericamente superiores e nas quais desconfiavam haver um porta-aviões, continuava a ser surpreendente para Mike, pois não fazia sentido para ele.

Nas primeiras horas de 7 de junho, antes de ele e os pilotos do Patrulheiros Seis chegarem à sala de

apronto, o USS *Yorktown* soçobrava de vez, vítima que fora dos torpedos dos submarinos japoneses. Os dois porta-aviões americanos restantes reabasteceram a frota e partiram para o Alasca, que também tinha sido atacado por aviões da Marinha Imperial Japonesa. O dia marcava o aniversário de seis meses do ataque a Pearl Harbor — além disso, o dia 7 de junho caiu num domingo. Os pilotos puderam relaxar e festejar a ocasião. Enquanto isso, os bombardeiros do Exército baseados em Midway enviavam relatórios de mais ataques certos nos navios do inimigo em fuga. Alguns dias depois, uma tempestade formou-se na região em que estavam e os obrigou a cancelar as operações de voo. Não demorou muito e a força-tarefa desistiu de seguir para o Alasca. Fez meia-volta e rumou para Pearl Harbor. No caminho de volta, os operadores da sala de rádio captaram uma transmissão radiofônica de Tóquio. O império alegava ter afundado “porta-aviões do ‘tipo *Enterprise*’ e um do ‘tipo *Hornet*’, cada um deles de 19.900 toneladas”.⁷⁶ A alegação estava em flagrante contraste com a feita pela Rádio de Tóquio em 6 de junho, em que dizia que suas forças haviam afundado seis porta-aviões americanos e capturado a ilha de Midway.⁷⁷ A bordo do *Enterprise* e de outros navios que tinham vencido a batalha de Midway, os homens calcularam em “quatro, ou talvez cinco, os porta-aviões japoneses” perdidos em batalha, além de terem “três navios de guerra avariados ou afundados”, bem como “quatro cruzadores e quatro navios-transporte de pessoal” também danificados ou afundados.⁴ De acordo com eles, nada menos que dezoito a vinte mil japoneses haviam afundado com esses navios.⁷⁸ Uma vez que o *Yorktown* fora abandonado antes de afundar e sua tripulação recolhida pelos navios-escolta, as perdas americanas teriam sido pequenas, comparativamente falando.

O melhor amigo do guarda-marinha John Lough a bordo do *Enterprise* acabou sendo incumbido de examinar todos os pertences dos pilotos desaparecidos. Muitos soldados tiveram essa mesma tarefa na ocasião. “Faça o seguinte”, disseram a Mike, “dê uma olhada em todas as coisas dele... se houver algo questionável”, algo que pudesse afligir os pais dele, “não envie para eles”. Na cabine de John, ele não achou nada que fosse condenável. John tinha sido “um jovem correto”. Na caixa de pertences do soldado, Mike incluiu uma carta, pois precisava dizer algo aos pais dele, já que os conhecia. Manifestações de afeto e de pêsames conseguiram passar pelos sensores, mas certos detalhes não. Embora algumas tripulações de voo tivessem sido resgatadas da água nos dias subsequentes à batalha, Mike tinha pouca esperança de que achassem John. Com o respeito que tinha por John, era inevitável que sua mente se enchesse de pensamentos acerca do próprio destino. “Você não é infalível”, advertiu a si mesmo enquanto empacotava tudo. Sabia que nada poderia protegê-lo de um freio ruim em sua perigosa vida de aviador naval.

Na manhã de 13 de junho, duas semanas após o início da Batalha de Midway, os porta-aviões se aproximaram das ilhas do Havaí e os esquadrões partiram com destino a Ford Island.⁷⁹ Ao chegarem lá, os pilotos receberam folga e um quarto num dos excelentes hotéis da praia de Waikiki — no Royal Hawaiian ou no Moana —, reservado pela Marinha. Os oficiais pagaram 1 dólar pela diária num hotel em que os hóspedes comuns pagavam 70 dólares em tempos de paz.⁸⁰ Certamente, os pilotos viram isso como uma daquelas ocasiões em que a patente podia trazer privilégios. Todavia, os solícitos funcionários e a fina culinária dos

hotéis haviam desaparecido. Além de postas sob o regime de um toque de recolher às 22 horas, as praias de Honolulu estavam cercadas de arame farpado e com postos de controle espalhados pela orla, vigiados por guardas armados. Os negócios no centro da cidade só podiam funcionar umas poucas horas por dia. À noite, a urbe entrava em completo blecaute. Nos dois hotéis, nessas condições e cheios de oficiais da Marinha, os hóspedes tinham a impressão de que estavam em um porta-aviões, com a única diferença de que ali todos trajavam uniformes de gala. As jovens que frequentavam a praia e os restaurantes da cidade atraíam bastante atenção. Mike, porém, achou melhor não abrir caminho pela multidão e puxar conversa com uma dessas beldades.

Todos os civis estavam sabendo da Batalha de Midway, uma vez que os jornais publicavam matérias sobre o assunto desde o início. Em 4 de junho, os líderes militares americanos asseguraram ao público que davam como certo um ataque inimigo ao território americano, em represália ao “ataque a Tóquio em 18 de abril e a outros centros industriais japoneses comandado pelo general de divisão Jimmy Doolittle, com o emprego de 79 intrépidas companhias” de combatentes.⁸¹ O almirante Nimitz, comandante da Frota do Pacífico, fora cauteloso no início com respeito à divulgação do número e dos tipos de navios afundados em Midway.⁸² Em seus comunicados à imprensa, elogiou os esforços de todos os que haviam infligido “grandes danos” ao inimigo, mas principalmente nos comunicados dirigidos às tripulações de voo do Exército, da Marinha e do CFNA. Nos dias subsequentes, jornalistas, citando fontes não reveladas do serviço de espionagem naval, divulgaram a informação de que as forças americanas “sabiam que a força-tarefa estava chegando — e estavam prontas”. Em 6 de junho, Nimitz declarou que “Pearl Harbor foi parcialmente vingado” e começou a fornecer detalhes sobre o que os jornalistas passaram a chamar de “a maior batalha naval da guerra”.⁸³

No dia anterior à chegada dos esquadrões do *Enterprise* aos hotéis de Waikiki, os jornais tinham dado destaque às entrevistas com as tripulações de voo dos grandes bombardeiros da aviação do Exército. “Os pilotos do Exército que lançaram as bombas informaram pessoalmente que haviam atingido três porta-aviões japoneses...”⁸⁴ Todavia, os pilotos dos bombardeiros de mergulho, além de acharem que representavam uma revolução na guerra naval, que a maior parte do público ignorava, estavam convictos de que tinham afundado os porta-aviões.⁸⁵ Na primeira noite no salão de jantar do Royal Hawaiian Hotel, calhou que uma mesa cheia de pilotos do Patrulha Seis e outra, ocupada por pilotos do Exército, ficassem muito próximas entre si.

De repente, as tripulações dos bombardeiros bimotores e quadrimotores deram a falar sobre o afundamento de porta-aviões. Irritado com a narrativa de um dos pilotos do Exército, na qual ele descrevia como vencera a guerra, um dos pilotos dos Dauntless protestou: “Pelo amor de Deus, que mentira nojenta!”, e a briga começou.⁸⁶ Bill Pittman, o colega de camarote de Mike, participou da confusão e lhe contou tudo no dia seguinte.

Enquanto alguns dos pilotos do 6º. Esquadrão de Patrulha criavam um pandemônio nas fileiras inimigas, outros voltavam de um verdadeiro inferno no teatro de guerra. Micheel encontrou por acaso Tony Schneider, um dos pilotos dos Dauntless do Big E desaparecidos. O guarda-marinha Schneider, membro do 6º.

Esquadrão de Bombardeiros, informou que ele e o tenente Edwin Kroeger tinham ficado sem combustível na volta para o navio depois de participarem do primeiro bombardeio. Explicou que haviam aterrissado um ao lado do outro e que os quatro conseguiram socorrer-se com dois botes infláveis. Foram necessários, contudo, vários dias para que os localizassem e resgatassem, contou Tony, que passou cinco dias de solidão no oceano num bote de borracha. Durante a narrativa da própria história, Mike contava que vinham seguindo dois aviões ao retornarem da primeira missão, quando, de repente, algo ocorreu aos dois colegas, reunidos pelo acaso no hotel. Quando descreveram a queda dos dois aviões, Tony e Mike tiveram certeza de que haviam compartilhado do mesmo sentimento de pavor e angústia, causado pelo mesmo acidente, só que vivido por duas situações diferentes.

Ao partir de Mobile com eles, o pai de Sid atravessara de carro o novo túnel de Bankhead e seguira depois pela estrada vicinal à autoestrada. Outro colega, membro da Companhia How que voltava de Biloxi, seguira viagem com Sidney Phillips e William “Sub”. Como conseguir carona para o norte fora difícil, os três chegaram tarde à base em New River. Entraram nervosos em suas dependências, sabendo o que acontecia aos fuzileiros cuja ausência era descoberta. No fim das contas, porém, ficaram sabendo que a maioria dos membros do regimento havia enfrentado o mesmo problema e, assim, o atraso deles fora ignorado.

Na primeira semana de junho, tinham os Dias de Exercícios e, com isso, deixavam o acampamento vazio. Recolhiam o equipamento do batalhão antes de pegarem suas armas, mochilas e sacos de marinheiro cilíndricos. Com a ordem de porem seus casacos e trajes de banho no topo de seus sacos de marujo, não veio, todavia, nenhuma indicação do destino que estavam prestes a tomar.

Em 8 de junho, ficaram o dia inteiro arrumando e recolhendo as coisas e depois embarcaram num trem. Sid e seu amigo John “Decano” Tatum só conseguiram lugares nos dois últimos assentos no último dos vagões. Mas, finalmente, estavam partindo. A sensação de aventura foi aumentando à medida que o mundo que conheciam ia ficando para trás. Fizeram uma parada em Chattanooga para comprar doces e tomar sorvete. Ao cair da noite, carregadores negros arrumaram as camas deles no vagão-dormitório com lençóis limpos. Em poucos dias, a velha locomotiva chegou às amplidões do sudoeste americano. Aos integrantes do pelotão eram desconhecidas as paisagens que se descortinaram diante de seus olhos, mas as fazendas de gado, os poços de petróleo e as manadas de antílopes deixaram Sid e o Decano encantados. Os nomes de certos lugares lhes vinham ao pensamento: Dodge City, Boot Hill e até um monumento a Wild Bill Hickok. Numas das paradas, compraram suvenires de uma indígena e contaram piadas, em que diziam que estavam “fazendo turismo às custas do governo”. Pararam para almoçar em uma loja da cadeia Harvey House, onde uma cliente perguntou se eles eram do CCC.⁵ Tal como muitos civis, ela não reconheceu o uniforme verde do CFNA, mas a resposta irritada que recebeu lhe avivou a memória.

O entusiasmo com as novidades, porém, refletia apenas parte da energia e emoção que impregnavam o ambiente da turma. O caráter transitório da experiência dourava cada momento vivido.⁸⁷ Mesmo após

chegarem a São Francisco, em 13 de junho, onde foram alojados em apertadas cabines com beliches de um navio ancorado no porto, a sensação de um propósito superior impelindo-os para um destino desconhecido os manteve em estado de eufórica despreocupação, mesmo sem terem permissão de sair do navio todos os dias, e muito menos passar um dia inteiro fora. Certa manhã, a Companhia How foi submetida a uma revista de tropa, apenas como forma de se manter a disciplina. Quando tiveram a primeira folga, viram muitos locais vigiados por guardas, como a ponte Golden Gate e a da baía de Oakland. Enquanto alguns membros da Companhia How foram parar num bar e outros preferiram ir ao teatro, o Decano e Sid caminharam até Chinatown, onde placas em inglês davam lugar a ideogramas exóticos. “Amigo”, observou o Decano, “essas chinesas são bonitas pra burro!” Entre os produtos à venda, viram do estranho ao desconhecido. Sid comprou um jornal e, após ler a matéria sobre a vitória da Marinha em Midway, perguntou a si mesmo se seu tio, um piloto da Marinha, participara da batalha. O jornal apresentava também uma história sobre a homenagem ao grande general MacArthur realizada em um estádio local, evento que fez todos os soldados saírem das trincheiras, “tal como ocorreu em Bataan”.⁸⁸ Depois, comprou alguns livros sobre a Guerra de Secessão numa livraria e os enviou para casa.

No domingo, dia 21 de junho, as folgas foram suspensas. Os fuzileiros embarcados no USS *George F. Elliott*, o 2º. Batalhão inteiro do 1º. RIFN (2/1), tiveram que despejar todo o conteúdo de seus sacos de marinheiro no píer para inspeção. Disseram que o navio partiria às 3 horas. Dessa vez, foram avisados em cima da hora. Às 4 horas, o navio zarpou. Quando passou pela ilha de Alcatraz, um dos fuzileiros gritou para um sujeito em pé no cais da prisão: “Ei, sortudo, quer trocar de lugar?!” O *Elliott* atravessou as redes antissubmarino, instaladas embaixo da ponte Golden Gate, e seguiu para o mar aberto. Pouco adiante, outros doze navios se juntaram ao *Elliott*, os quais, segundo a visão agourenta de Sid, infelizmente apresentavam a inscrição AP 13. Tanto foi que, mais além na viagem, ondas enormes e ventos tempestuosos sacudiram o comboio, fazendo todos vomitarem logo depois. Como os que sentiram enjoo engrossaram as fileiras dos que estavam de ressaca, as privadas transbordaram e encharcaram o convés de vômito. Enquanto isso, Sid e o Decano observavam o litoral ficar cada vez mais longe.

No dia seguinte, anunciaram que estavam rumando para a Nova Zelândia, numa viagem que duraria dezenove dias, pois o comboio teria que navegar ziguezagueando, para evitar ataques de submarinos. Quando recebeu a notícia, a maioria dos membros do 2/1 resmungou e amarrou a cara. Até porque, haviam chegado à conclusão, 24 horas depois de embarcados, de que nunca tinham estado num lugar tão desconfortável quanto o *Elliott*. A superlotação do navio tornava difícil dormir, alimentar-se, ficar em pé ou até mesmo pensar. A sensação de desconforto era substituída por um sentimento de revolta toda vez que o pessoal do rancho servia carne de boi defumada, cortada em finíssimas fatias e postas sobre uma torrada, às quais apelidaram de “merda na chapa”. Quando, nos porões, os ventiladores paravam de funcionar, os fuzileiros diziam que era obra da maldade dos marinheiros. No armazém do navio, marinheiros serviam a outros marinheiros primeiro e deixavam as sobras para os “hóspedes”. Do sistema de alto-falantes vinham ordens frequentes, que começavam com um estridente “Atenção, todos!...”. Com o tempo, essa penosa experiência no navio levou os fuzileiros a

criar o hábito de soltar imprecações, como “lata-velha” e “navio negreiro”.

Após alguns dias de viagem, Sid acabou engajado num destacamento de serviço, em que teve que raspar a tinta das superfícies internas do navio. Tal como constatado durante o ataque a Pearl Harbor, anos de camadas de tinta acumuladas queimavam com facilidade. Portanto, a tinta tinha que ser removida para a segurança do navio. Todavia, Sid e outros cinquenta que tiveram que fazer isso, por acharem que estavam apenas inventando algo para eles fazerem, praguejaram muito. Certa manhã, o contramestre, um marinheiro corpulento, foi até Sid enquanto ele raspava a tinta e ordenou que o seguisse.

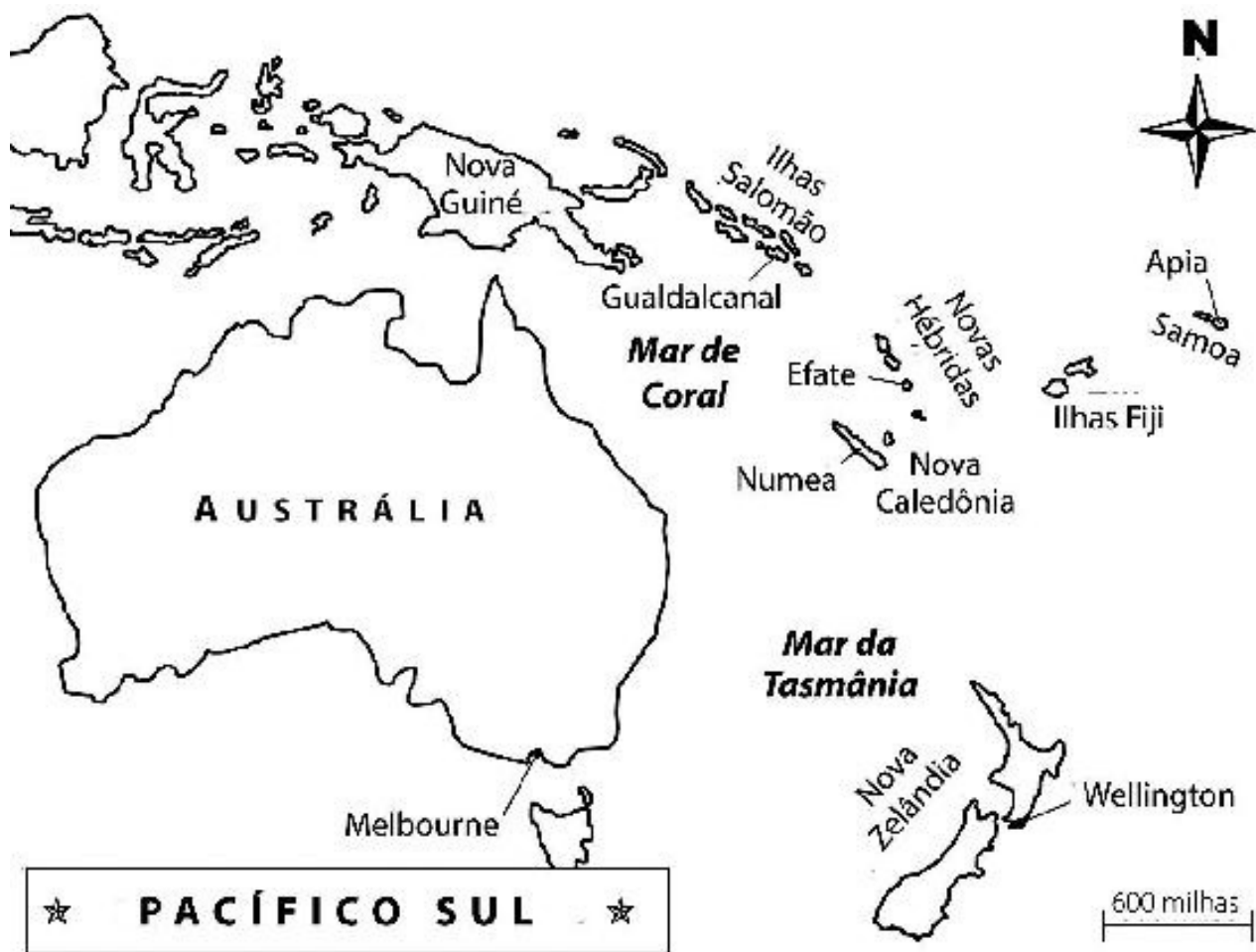
“Vou lhe dar uma das melhores tarefas que temos aqui”, prometeu o chefe, enquanto o conduzia para um grande banheiro. Sid acabara de tornar-se o “capitão” do banheiro dos oficiais. “Daqui a alguns dias, você me agradecerá.” Situado num convés abaixo do passadiço, o banheiro tinha seis pias de porcelana, privadas e mictórios. Seis outros compartimentos sanitários se enfileiravam em outra parede. Como recebera ordens para manter as pias impecavelmente limpas, ficou pensando nas extensas cloacas nojentas que os colegas usavam como privada no pavimento inferior. Como “capitão” do banheiro, ele seria um dos poucos recrutas que teria água limpa para tomar banho e lavar as próprias roupas. O espadaúdo contramestre tinha mesmo razão.

Após a travessia do equador, Sid se sentiu um pouco aliviado dos dias de limpeza de banheiro e das horas monótonas observando peixes voadores. Em 1º. de julho, a tripulação do navio realizou um festejo tradicional da Marinha, um ritual de iniciação dos grumetes que os tornava lobos-do-mar (marinheiros que atravessaram a linha do equador de navio pela primeira vez), iniciados “nos mistérios do pélagos profundo”. Os mais zoados foram os tenentes do 2/1, que tiveram os cabelos besuntados com óleo, por ordem do Rei Netuno, Senhor dos Oceanos. A brincadeira diminuiu um pouco a tensão num navio em que receberam ordem até para não jogar guimbas de cigarro no mar, pois assim não deixariam rastros pelo caminho e evitariam que um submarino inimigo os seguisse. A travessia do equador permitiu que se sentassem no convés em noites de ar fresco e ficassem observando o *Elliott* deixar para trás uma longa esteira de um branco fosforescente. Fascinado por estrelas, Sid ficou emocionado quando finalmente pôde ver a famosa constelação Cruzeiro do Sul, mas se decepcionou quando descobriu que ela era muito “irregular”. “Realmente, estamos fartos de ver apenas água salgada à nossa volta”, admitiram Sid e o Decano.

Quando, porém, dez dias depois, a terra apareceu no horizonte, o clima quente do equador havia ficado bem para trás. O mês de julho era época de frio no hemisfério sul. O *Elliott* entrou no porto de Wellington, localizado em um lugar cercado de altas montanhas e bastante movimentado, em razão da presença de navios de todos os países aliados. Como sempre, uma longa espera precedeu o momento em que os recrutas puderam deixar o navio e sentir o frio e a chuva locais. Sid e o Decano saíram a passeio para imbuir-se da cultura local — placas anunciando barras de chocolate, bondes esquisitos indo de um lado para outro, carros com o volante à direita. O Decano observou que a cidade, embora muito maior do que Mobile, parecia “vinte anos atrasada”.

Os neozelandeses receberam bem os fuzileiros. Certa tarde, na igreja, Sid e o Decano conheceram uma senhora chamada Florence, que os convidou para tomar chá em sua casa. E partiram na companhia da mulher, subindo vielas úmidas e frias, carregando as compras de mercearia da senhora. Pelo caminho, viram canhões

antiaéreos montados em altos edifícios, cujas janelas estavam todas tapadas, para impedir a passagem de luz. Ao chegar à casa da sra. Flo, ela apresentou o pai a eles, um senhor aleijado, e souberam que não tinha geladeira.



Martin K.A. Morgan

A fuga do dever, contudo, durou pouco. Todos os praças do 2/1 tiveram que trabalhar em destacamentos de serviço. Foram informados de que, em breve, o *Elliott* seria submetido a uma classificação de carga. Num navio com carga classificada, o equipamento e os suprimentos bélicos são armazenados de modo que os combatentes sejam abastecidos de forma eficiente.

Em outras palavras, o equipamento e os suprimentos embarcados no navio seriam descarregados para serem recarregados e armazenados de forma especial. Embora, oficialmente, houvessem dito a eles que estavam se preparando para realizar treinamentos de combates na selva com três meses de duração, a velocidade e a forma de execução de todo o processo levaram todos a entender que alguma grande operação estava sendo montada, tanto que todos os navios dos fuzileiros navais estavam fazendo a classificação de suas cargas. O 5º Regimento de Infantaria dos Fuzileiros Navais (5º RIFN), que chegara a Wellington antes deles, deixou o quartel com destino ao porto, onde seus homens começaram a carregar seus navios. Dia e noite, debaixo de chuva, num ritmo frenético e com vários carregamentos ao mesmo tempo, a operação transformou o porto num caos.

Durante dez dias, Sid trabalhou em turnos alternados de quatro horas. Ele e outros colegas carregaram caixotes pesados com munição de todo tipo de arma: projéteis de 155, 105, 75, 90, 81, 37, 60 e 20 milímetros,

com calibre .50, .30 e .45s. Os cunhetes verdes de munição calibre .30 não tinham alças, os projéteis de morteiro vinham em esquisitas embalagens em forma de trevo e não havia luvas para facilitar o transporte dos rolos de arame farpado. Seus mantimentos vieram embalados em caixas de papelão, que se desmanchavam debaixo de chuva. Com isso, dali a pouco os integrantes dos destacamentos de serviço passaram a trabalhar sobre uma grossa camada de pasta de embalagens dissolvidas pela chuva, misturadas com alimentos desperdiçados e sarapintada de reluzentes latas de alimento em conserva.

Com todas as escotilhas abertas, o navio não tinha como manter o interior aquecido. Os oficiais e os graduados só ficaram observando os outros trabalhar; nenhum deles se deu o trabalho de ajudar. Os estivadores do porto de Wellington haviam entrado em greve, mas até alguns dos ianques da Companhia How pareciam ótimos em fugir ao trabalho. Numa atitude típica de fuzileiro, Sid praguejava contra todos, enquanto seus colegas da GP-M4 davam um duro danado. Marinheiros operavam os guindastes, enquanto os fuzileiros dirigiam os caminhões. No transporte braçal de produtos, como caixas de chocolate, os integrantes da estiva enfiaram algumas embalagens nos bolsos. No de roupas, roubaram algumas suéteres para se agasalhar e uma calça nova, cada um. Outros colegas os viram fazendo isso e tentaram imitá-los, mas foram pegos, fato que divertiu muito os membros da esquadra de Sid.

Na maioria dos dias que passaram ali, Sid e outros membros da GP-M4 aproveitaram a folga para ir à cidade, onde compravam muitas frutas, faziam uma boa refeição ou simplesmente se abrigavam dos rigores do clima assistindo a um filme no ambiente acolhedor de um cinema, num dos quais estava em cartaz *Um Ianque na R.A.F.*⁶ Conheciam alguns soldados neo-zelandeses, com os quais compararam armas, emblemas e serviços militares. Segundo os próprios fuzileiros, aprenderam muito com os habitantes locais, graças aos quais passaram a usar o termo “maldito” na maioria das frases, o preferido dos fuzileiros navais, ao contrário dos colegas do Exército, e “ambição celeste”, expressão aprendida com as jovens neozelandesas e que se referia à ambição delas de “se casarem com um americano, na esperança de irem para os Estados Unidos”. Ficaram surpresos quando souberam que os locais não gostavam de ser chamados de britânicos, tal como no caso das pessoas que Sid e o Decano conheciam e que insistiam em chamá-los de ianques.

Mais navios chegaram à baía em que estavam atracados, inclusive uma dúzia dos grandes navios de guerra e cruzadores da Marinha. Quando, em 20 de julho, o trabalho deles ali terminou, os membros da GP-M4 conseguiram dar uma escapulida para tomar chá e comer tortas no posto do Exército da Salvação. Depois disso, todos os membros do 2/1 fizeram uma marcha de condicionamento físico até as montanhas. Acharam a marcha um fresco após o pesado trabalho de carregar e descarregar; pelo menos lhes deu a esperança de que estavam prestes a fazer algo melhor. À noite, Sid e o Decano, depois de saberem que partiriam em breve, compraram um quilo de doces para levarem na viagem. Ficaram surpresos com os olhos arregalados e a cara de nojo dos neozelandeses. Quando, na manhã do dia seguinte, nenhum sargento os procurou para fazê-los trabalhar, todos ficaram convictos de que estavam a caminho da “coisa real”, ou de um destino de verdade. À noite, o *Elliott* zarpu. O longo comboio de navios-transporte de pessoal, inclusive os do 5º. RIFN e alguns navios de guerra, rumou para o norte. Poucos se iludiram com anúncios de realização de “manobras”, mesmo

porque o Decano advertira que só Deus sabia o destino que teriam pela frente. Sid pediu para voltar a trabalhar como “capitão” do banheiro dos oficiais. O nome idiota do “posto” o fez sorrir, mas os direitos e privilégios da “patente” tornavam melhor sua vida a bordo da lata-velha.

A folga deles terminou uma semana depois e os pilotos voltaram a apresentar-se em Ford Island. O guarda-marinha Micheel notou que a maioria dos pilotos veteranos, como o comandante Gallaher, havia desaparecido. Tinham voltado para casa, onde formariam novos esquadrões. Haviam partido assim que receberam as ordens, antes que alguém os fizesse mudar de ideia. A pressa deles pareceu bastante razoável. Micheel e alguns dos outros guardas-marinha do 6º. Esquadrão de Patrulha receberam ordens para apresentar-se ao comandante do 6º. Esquadrão de Bombardeiros na BAeN de Kaneohe. O artilheiro de Mike, J. D. Dance, porém, não iria com ele para o novo esquadrão. O terceiro-sargento radioperador de voo havia requerido uma vaga no curso de pilotagem. Foi com satisfação que Mike enviou uma recomendação do colega, e Dance foi aceito no curso.

Os novos membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros foram recebidos calorosamente na BAeN de Kaneohe, onde uma banda de música e cerveja gelada em abundância esperavam os pilotos e membros da Aeronáutica que chegavam com seus aviões.⁸⁹ Localizada na borda ocidental da ilha de Oahu, Kaneohe tinha acabado de ser construída. Como o quartel, o clube dos oficiais e outros edifícios não tinham ar-condicionado, fazia muito calor em suas dependências internas, que só esfriavam no fim da tarde, quando soprava um vento fresco, geralmente seguido de uma chuva suave. Ao contrário dos aeródromos da grande ilha, em Kaneohe, como as atividades aéreas estavam muito distantes dos padrões de tráfego intenso, quase não havia controle de tráfego aéreo. Era um lugar tranquilo.

O 6º. Esquadrão de Bombardeiros perdera muitos de seus veteranos, transferidos para outras unidades. O tenente Ray Davis, o novo comandante, participara de missões com um esquadrão do *Hornet* em Midway. Nenhum dos bombardeiros de mergulho que haviam decolado do *Hornet* tinha conseguido localizar porta-aviões inimigos. Davis examinou as fichas de seus novos subordinados antes de entrevistá-los. No prontuário do guarda-marinha Micheel, o comandante do 6º. Esquadrão de Patrulha, Gallaher, o descrevera como “um jovem oficial entusiasta e esforçado”. Por seu serviço durante a Batalha de Midway, o tenente Gallaher recomendara a concessão da medalha da Cruz do Mérito Aeronáutico (CMA) ao guarda-marinha Vernon Micheel. Ninguém jamais fizera recomendações tão convincentes quanto essa. Quando o tenente Davis perguntou a Micheel, na entrevista, qual o serviço preferido dele, Mike respondeu que queria continuar a servir a bordo de um porta-aviões no Pacífico. Disse isso num tom de voz calmo, com o olhar firme. Como Ray notou algo de especial no guarda-marinha de cabelos louros e olhos azuis, o tornou o oficial de voo do esquadrão. O trabalho administrativo, que deveria realizar em conjunto com o de missões de voo, não significou tanto para Mike quanto a atitude de Ray. Quando o 6º. Esquadrão iniciou seu período de práticas de pilotagem na BAeN de Kaneohe, o guarda-marinha Micheel descobriu que agora pertencia mesmo à “turma” da força aeronaval americana.

Em abrigos que os protegia do sol quente, com água limpa e suficiente à disposição, os prisioneiros de guerra da prisão de Bilibid pararam de sofrer. Notaram que havia na prisão homens que tinham sido presos, antes da guerra, porque eram filipinos ilustres e leais aos Estados Unidos. Foi aprisionado ali também qualquer um que tivesse pele clara, já que os japoneses presumiam que devia ser ou americano ou britânico. Numa das celas, havia um prisioneiro alemão. Falava um inglês bom o suficiente para contar tudo sobre sua devoção ao Partido Nazista e a Adolf Hitler. Os americanos se habituaram a chamá-lo de Heine. Por falta de algo melhor para fazer, Shofner e seus amigos começaram a alfinetar Heine, cujo maravilhoso país era aliado do império. “É só você falar com o comandante japonês que ele o solta. No fim das contas, você é aliado dos japoneses e não deveria estar aqui conosco. Deveria era receber tratamento de rei.” Heine concordou com eles e exigiu uma audiência com o comandante, o diretor da prisão ou qualquer membro da administração. Voltou da “audiência” moído, cheio de hematomas, pois não tinha como identificar-se ou provar quem era, embora o problema não tivesse sido esse. O fato é que os guardas se lixaram para as origens dele.

Heine não conseguia entender como fora possível que seu país havia se aliado a um povo tão ignorante. Para ele, os verdadeiros alemães não deveriam ter nenhuma ligação com eles. Shofner não conseguiu resistir após ouvir as lamentações do alemão. “Você falou com o homem errado”, observou ele. Heine ficou na dúvida. Mas tempo era o que os prisioneiros mais tinham na prisão e, de mais a mais, como o capitão Shofner estava perdendo no pôquer, continuou a incentivá-lo. “Heine, só depende de você esclarecer as coisas. Você deveria voltar lá e explicar tudo novamente... o intérprete deve ter se enganado de alguma forma...” O Engenhoso e outros colegas se divertiam com essa de instigar o nazista. Por fim, Heine deixou o orgulho de lado e voltou lá, de onde retornou ensanguentado mais uma vez, para imenso deleite de todos.

Certa feita, os guardas foram buscar os filipinos primeiro. Alguns dias depois, voltaram e escolheram um grupo de oficiais superiores e o levou embora. Em pouco tempo, os guardas passaram a embarcar um grupo de algumas centenas de prisioneiros em caminhões, a intervalos de uns poucos dias. Shofner, que estava escrevendo um diário, sabia que era o dia 26 quando ele e cerca de outros duzentos prisioneiros deram adeus a Heine. Muitos desses homens estavam fracos demais para subir nos caminhões. Eles foram levados para a estação ferroviária de Manila, onde os embarcaram em vagões de carga de aço. Os guardas espremeram uns oitenta homens dentro de cada um desses vagões, até que não houvesse mais espaço para se sentar. Assim, durante a viagem os prisioneiros se revezaram: enquanto uns iam sentados, outros tinham que ir em pé. Os que se sentavam tinham que fazer isso pondo as pernas sobre as dos outros. Seis horas depois, chegaram a uma pequena estação, onde baldearam para caminhões. Pouco depois, ficaram sabendo que, dali, fariam uma pequena viagem até o Campo de Prisioneiros de Guerra Número Um, em Cabanatuan.⁹⁰

O muro coberto de arame farpado, entremeado de torres de vigilância, estendia-se em ambas as direções através de um grande descampado. Após passarem pelo portão principal, Shofner e os outros novos prisioneiros foram revistados. As autoridades do campo de prisioneiros tomaram a câmera e a bússola dele. Um dos guardas anotou o nome dele, dando a impressão de que seus pertences iam ser guardados. Pouco depois, encaminharam-no para uma das três seções do campo e o incorporaram a uma esquadra de dez

elementos.⁹¹ Disseram que, se algum dos dez fugisse, todos os demais seriam fuzilados. Chamavam isso de “esquadrão de fuzilamento”.

Uma vez dentro dos muros do campo, Austin Shofner e seus novos colegas se encontraram com alguns antigos oficiais, que tentavam acompanhar a situação dos soldados e queriam saber notícias de fora do campo. Mas os novos colegas não sabiam de quase nada. Em muitas ocasiões, os guardas frisaram bem a realidade fundamental das novas condições existenciais deles: “Nada de Convenção de Genebra!”⁹²

Ao se aproximarem do alojamento, os recém-chegados devem ter notado a impecável fileira de corpos cobertos de moscas. Aos que ficaram chocados, disseram: “Vocês vão se acostumar com isso.”⁹³ Os prisioneiros morriam a um ritmo de quarenta por dia e, além disso, os guardas dificultavam o sepultamento. O cheiro dos corpos em decomposição revirava o estômago dos detentos. O alojamento, feito com nipa e bambu, não tinha nem iluminação, nem água corrente, nem mosquiteiros.

A maioria dos prisioneiros aos quais Shofner se juntou no campo era do Exército, já que a prisão abrigava uns oito mil soldados e por volta de duzentos fuzileiros navais, além de outros membros da Marinha. Shofner ficou horrorizado com os homens sujos e esqueléticos à volta dele. Muitos estavam andrajosos e descalços, com a pele chaguenta e cheia de marcas de infecção. O campo tinha um hospital, mas não era melhor do que o alojamento e estava lotado.

Os homens que lotavam esse campo de prisioneiros chamavam a si mesmos de Bastardos Combatentes de Bataan. Passavam a maior parte do dia enfileirados para encher os cantis com a água da bica ou dentro do alojamento, para se protegerem do sol. Embora as autoridades do campo fornecessem muito pouco para mantê-los saudáveis e quase nenhuma assistência médica aos doentes, em Cabanatuan não tinham ficado em uma situação tão precária e humilhante. A resistência ao Exército Imperial Japonês (EIJ) em Bataan exigira o máximo deles. Depois de quatro meses nessa situação, ficaram subnutridos, doentes e fracos. Quando a batalha finalmente terminou, sete mil homens foram reunidos e receberam ordem de marchar do extremo de Bataan, Mariveles, e percorrer toda a península até Cabanatuan e outros campos de prisioneiros semelhantes, localizados nas redondezas. Muitos desses homens, porém, não tinham forças para marchar os mais de 100 quilômetros até o destino. Muitos outros, aos quais negaram água e comida suficientes durante a marcha, acabaram ficando pelo caminho.

Foi uma marcha macabra, em que os guardas japoneses decapitaram alguns prisioneiros e forçaram outros a matar e enterrar colegas mais fracos. Os americanos morreram às centenas, e os filipinos, aos milhares. Quando, por fim, entraram no campo e os portões de Cabanatuan se fecharam, não demoraram a descobrir que seus captores queriam mesmo que eles morressem. A falta de saneamento básico — havia esgoto a céu aberto na extremidade norte do complexo, pois os japoneses não se preocuparam em criar instalações sanitárias — acabou atraindo enxames de moscas. A diarreia se tornara comum, e muitos não conseguiam afastar-se demais do alojamento sem que tivessem uma crise. Na ausência de papel higiênico, Shofner soube pouco depois, “papel comum, trapos e folhas de plantas passaram a valer ouro”.

Certa noite, Shofner entrou na fila do lado de fora de uma das seis cozinhas que serviam comida aos prisioneiros do complexo. Deram-lhe um aparelho de rancho com arroz fumegante e uma caneca de campanha, cheia até a metade, com uma sopa rala e esverdeada. O arroz, observou ele, “parecia o lixo varrido do chão de um moinho”. O arroz tinha muitos grãos com casca e “continha muitas substâncias estranhas... como pedras, cocô de rato, terra e bichos”. E os prisioneiros não tinham como limpá-lo. Tudo que o prisioneiro podia fazer, enquanto comia sentado no piso de bambu com o aparelho de rancho, era decidir quanto lhe convinha tirar de nojento da massamorda. Uns poucos deles, mais exigentes, tiravam os bichos do arroz, com seus corpos esbranquiçados e cabeças escuras. Shofner preferiu ingeri-los, tal como a maioria dos outros colegas, já que aprendera a ser grato ao fato de que pelo menos tinha alguma coisa para comer.

À noite, assim que sentiu sono, Shofner achou uma vaga para dormir no piso do alojamento número 2, embora acomodado no chão com homens encostados em ambos os lados dele. Ao tirar da mochila o mosquiteiro, notou que quase a metade dos colegas não tinha isso para se proteger dos insetos transmissores de malária. A cerca de 1,20 metro acima dele, ficava uma espécie de mezanino ou jirau, onde outros colegas também dormiam. De manhã, antes do rancho, os prisioneiros recolhiam os que haviam morrido durante a noite. Como sempre, levaram tempo para convencer os guardas a permitirem que os deixassem enterrar os corpos do lado de fora do portão, num arrozal abandonado. Como acabaram permitindo que fizessem isso, embora com a proibição de cerimônias religiosas, os capelães tratavam de abençoar os corpos com antecedência.

O complexo prisional de Shofner, o número 2, ocupava um terreno de 640 metros de comprimento por cerca de 460 de largura, onde passava horas jogando pôquer, para evitar que “sua mente se enchesse de ideias de autocomiseração”. Acabou convencendo os colegas a deixá-lo chefiar o time de softball (espécie de beisebol jogado com bola maior e mais macia), que jogava três vezes por mês. Além disso, lia tudo o que lhe caísse nas mãos. Assim como os outros prisioneiros, esperava com avidez os dias em que os guardas adicionavam uma camada de camote, a parte folhosa da batata-doce filipina, ou um pouco de milho assado duro, à porção de arroz dele.

Essa dieta, ao contrário da que ele tinha antes de se tornar prisioneiro, regrada e controlada por muito tempo, acabou afetando sua saúde. A língua de Shofner ficou com o dobro do tamanho normal, de tão inchada. As feridas nos lábios só podiam significar uma coisa: ele estava com escorbuto. Sua boca ficou tão sensível quanto a parte mais dolorida de seu corpo. Como mastigar se tornou algo insuportável para ele, Shofner passou a tentar ingerir a comida sem deixar que tocasse na língua: simplesmente enfiava-a na garganta, sem mastigá-la. Sem tratamento, o escorbuto acabaria levando-o à morte, se outra doença não o matasse antes. Durante o dia, lambia os lábios e procurava mantê-los afastados um do outro. Enquanto dormia, porém, feridas nos lábios acabavam colando umas nas outras, fazendo-o acordar gritando, quase sufocando. Ele prendia a respiração e depois tornava a gritar ao fazer a dolorosa separação.

Shofner decidiu que precisava achar uma forma de conseguir verduras ou frutas. Certa vez, foi designado para participar de destacamentos de serviço fora do campo de prisioneiros, onde acabou achando um limoeiro

na selva, cujos limões eram grandes como laranjas. Quando teve a chance de colher alguns, os ingeriu rapidamente. Assim que o sumo do limão atingiu os lábios e a língua, foi como se ele estivesse “chupando” uma tocha ardente. O ácido da fruta abrasava tudo em que tocava, mas ele devorou o máximo que pôde das frutas e enfiou algumas no bolso antes que os guardas percebessem. Uma semana depois, suas feridas começaram a sarar.

Em 15 de julho, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros partiu rumo ao *Enterprise*, que já seguia para o sul com sua força-tarefa e outra frota, que navegava em torno do USS *Wasp*.⁹⁴ Mike fez a vigésima terceira de suas aterrissagens, cujo total ele anotava, acompanhado de seu novo artilheiro de cauda, o radiotécnico Gail W. Halterman. Na sala de pronto, o comandante informou que não iriam para um ataque contra bases hostis nem para uma batalha decisiva com porta-aviões inimigos. A próxima missão deles seria de apoio a uma invasão da Marinha às ilhas Salomão. Mas pilotos do 6º. Esquadrão de Bombardeiros não tinham feito nenhum treinamento de operação de apoio de fogo a assaltos terrestres. Todavia, atingir um edifício qualquer na praia, concordaram eles, devia ser mais fácil do que acertar um cruzador leve, navio capaz de realizar curvas acentuadas para boreste, a uma velocidade de 30 nós (55 km/h). Veterano a essa altura, Mike não era designado para participar de enfadonhas missões de guerra antissubmarino, mas o comandante do grupo aéreo deu ordens para criar um ambicioso programa de treinamento de todas as tripulações dos aviões de combate.⁹⁵

Onze dias depois, a força-tarefa do USS *Saratoga* e outra, composta unicamente de cruzadores e contratorpedeiros, se juntaram a eles. Essa grande frota, que incluía três dos quatro porta-aviões americanos, estava incumbida de escoltar um grupo de navios-transporte de pessoal até as ilhas de Guadalcanal e Tulagi, situadas no extremo sudeste de um arquipélago chamado ilhas Salomão. Antes disso, porém, os pilotos dos bombardeiros de mergulho teriam a chance de estreiar em seu novo tipo de missão: o de apoiar um assalto terrestre, em 30 de julho, nas ilhas Fiji.

* * *

A tediosa vida a bordo do USS *George F. Elliott* chegou ao fim. Os oficiais ordenaram a distribuição de munição de guerra. No convés, os artilheiros carregavam suas fitas de munição e os fuzileiros enchiam os pentes de seus BARs (fuzil automático Browning). De repente, o canhão de 3 polegadas do convés começou a atirar, assustando a todos com seus estampidos. Logo depois, para praticar, os artilheiros de alguns canhões antiaéreos de 20 milímetros fizeram uma rápida série de disparos. No dia seguinte, localizaram um submarino, e o comboio entrou em estado de alerta. Os contratorpedeiros lançaram cargas de profundidade e um dos membros da frota informou depois que um deles vira uma mancha de óleo no mar. Enquanto os fuzileiros do 2/1 admiravam a primeira operação de guerra que testemunhavam, o comboio entrou na área de uma grande tempestade, que fez a maioria da tripulação sentir enjoo.

Quando chegaram às ilhas Fiji, o tempo melhorou. Outros comboios se juntaram a eles. Sid estava impressionado com os cinquenta navios que formavam a frota agora, até ver “três porta-aviões despontarem no horizonte de uma vez só”. A enormidade deles e a forma achatada que apresentavam os destacavam bastante dos outros navios. O *Elliott* se aproximou tanto de um dos porta-aviões que conseguiram ver as aeronaves aterrissarem nele. “Muito perigoso”, observou o Decano. No dia seguinte, 27 de julho, os navios ancoraram ao largo de uma pequena ilha chamada Koro, onde fariam um exercício de desembarque. Levaram o dia inteiro se preparando para a manhã seguinte. Como o Decano foi designado cabo interino da GP-M4, indicaram-lhe o barco no qual ele seguiria. Dali por diante, ele usaria um BAR e daria ordens. Sid o substituiu como artilheiro, mas, por enquanto, ainda tinha que carregar a placa-base do morteiro.

Por haver trabalhado como sentinela à noite, o Decano pareceu tonto e sonolento quando se encontrou com Sid e os outros membros da esquadra. Antes de o sol nascer, os Higgins, ou barcos de desembarque de viaturas e pessoal (BDVPs), se soltaram dos turcos, com as redes de carga presas num dos bordos. Sid saiu do porão carregando a mochila de 27 quilos e a placa-base (20 quilos) do morteiro de 81 milímetros. Ele e os operadores de metralhadora, que carregavam tanto peso quanto ele, zurravam como mulas com o esforço que precisaram fazer. No boreste da popa, os membros da seção de morteiros acharam as redes que se estendiam até o barco deles. A placa-base da arma de Sid e outras peças pesadas foram baixadas até o barco deles com uma corda. Nessa operação, um pesado rolo de arame caiu no barco e quebrou o braço de um dos colegas de outra guarnição de metralhadora, levando o tenente Benson a praguejar aos gritos enquanto o pobre Jontiff era içado de volta para o navio.

O avanço para a praia parecia tranquilo: os navios bombardeavam as margens, enquanto as aeronaves do porta-aviões passavam roncando acima deles e lançavam bombas à beira-mar, até que um recife de corais fez os BDVPs pararem bem antes da praia. Os carros-lagarta anfíbios (CLANfs) conseguiram passar por cima das barreiras de corais e alcançaram a praia, mas os BDVPs não podiam correr o risco de sofrerem algum tipo de dano na véspera da operação real. Terminaram criando uma espécie de congestionamento de barcos de assalto e, sem solução, acabaram voltando para o *Elliott*. O tenente Benson irritou-se tanto com isso que fez sua seção de morteiros ficar praticando embarque e desembarque anfíbios até o início da noite. Nos dias seguintes, as coisas não mudaram muito. Como os fuzileiros transportados nos BDVPs não conseguiam desembarcar, mataram o tempo brincando de provocar enjoo uns nos outros. Já os fuzileiros levados para a praia nos CLANfs retornavam todos os dias contando vantagens sobre as mangas, os cocos e as bananas maravilhosas que achavam em terra firme.

Em 30 de julho, os navios recolheram as âncoras e partiram. Cada um dos soldados recebeu um comunicado datilografado de uma página inteira do comandante do 1º. RIFN, coronel Clifton Cates.⁹⁶ “O Dia D e a Hora H estão próximos”, informou ele no comunicado; “o início da primeira grande ofensiva das unidades do CFNA nesta guerra”. Mas o comunicado não revelava detalhes. Os fuzileiros só sabiam que, desde que cada um desse o máximo de si, fariam os japoneses pagarem caro seu “ato injustificável e traiçoeiro”. “Esta não é uma guerra comum”, concluiu ele. “É uma luta em prol do direito à independência e à liberdade” e para a

proteção de suas famílias. “Temos desfrutado as muitas vantagens criadas por nossa forma de governo e, com a ajuda de Deus, preservaremos essa mesma independência e liberdade para os nossos entes queridos e para as gerações vindouras da América.”

A tarefa de inteirar a tropa a cerca dos detalhes ficou a cargo dos oficiais subalternos e dos graduados. “Os japas”, informaram eles, estavam prestes a terminar de construir um aeródromo “na ilha de Guadalcanal”. Os aviões baseados nesse aeródromo seriam capazes de controlar uma região enorme, inclusive as rotas de navegação entre os Estados Unidos e a Austrália. A 1ª. DIFN e unidades subordinadas invadiriam Guadalcanal e uma pequena ilha situada a uns 32 quilômetros de distância, chamada Tulagi. Após desembarcarem em Red Beach, os membros do 1º. RIFN atravessariam três rios, dois pântanos e um antigo coqueiral para alcançarem seu objetivo. Enquanto o 1º. RIFN se empenhasse na tomada e no controle das terras altas, o 5º. RIFN se lançaria na conquista do aeródromo.

Nos dias seguintes, a tropa se preparou para o combate. Como eram brancos os mosquiteiros que receberam, os fuzileiros os escureceram com pó de café enlatado da Marinha. Os carregadores de munição da GP-M4 tiraram seis projéteis dos caixotes de munição e os puseram nos seis bolsos de seus novos ponchos de lona de assalto. Sentado ao lado de Sid no castelo da proa, observando pequenas ilhas sendo deixadas para trás, Decano previa dois resultados possíveis: a morte ou a vitória.

Na tarde do dia 1º. de agosto, o navio entrou em estado de alerta máximo, pois havia localizado um submarino, fato que deixou alvoroçadas as tripulações quando o comboio iniciou as manobras rumo ao alvo e os contratorpedeiros partiram para cima da ameaça. Ademais, o radar do navio captou a presença de aviões inimigos, constatação seguida pelo costumeiro “Atenção, todos!...”, com ordens para que todos os operadores de metralhadora se apresentassem com suas armas no convés descoberto. Enquanto as cargas de profundidade lançavam colunas de água pelos ares ao redor deles, os fuzileiros se mantinham a postos, prontos para atirar, com os olhos atentos no horizonte. Uma hora depois, soou o aviso de que o perigo havia passado. O alerta, porém, em vez de fazer com que se sentissem heróis, os levou a se perguntar se não estavam a caminho de outra Bataan, pois lhes pareceram solitárias e desabitadas as exuberantes ilhas pelas quais o *Elliott* passava de vez em quando. Sid chegou a fazer piada das impressões ambíguas dos colegas, dizendo que bem que gostaria de desembarcar numa delas, onde iria ao encontro da atriz Dorothy Lamour. Mas, agora, essas ilhas escuras pareciam sinistras, tanto que, à noite, os fuzileiros avistaram fogueiras acesas em algumas delas. Bastou isso para que começassem a correr boatos de que eram habitadas por canibais.

No convés, um dos tenentes da Companhia How organizou um treinamento em que simularam combates na selva. O comandante da companhia, capitão Ferguson, disse a seus homens que “cinco mil japosas” se haviam entrincheirado em Guadalcanal, uma ilha com cerca de 100 quilômetros de comprimento e pouco mais de 30 de largura. Esperava que sua seção de morteiros tivesse grande atuação na sexta-feira, dia do desembarque. Ao olhar em volta, um dos tripulantes do comboio notou que os porta-aviões haviam desaparecido; os primeiros rumores deram conta de que tinham partido para atacar Guadalcanal em 4 de agosto, a fim de facilitarem o desembarque do grosso da tropa. Os dias iam ficando cada vez mais quentes, a

ponto de os porões do navio parecerem um verdadeiro forno. Enquanto isso, o Decano mascava tabaco, como se fosse seu último dia de vida. Na manhã de quinta-feira, os fuzileiros perceberam que os navios do comboio aumentaram a velocidade. O *Elliott* parecia avançar a todo vapor. Todavia, ninguém disse a ele a razão disso. Todos os membros da seção de morteiros pareciam um tanto assustados, mas um deles, Herman, dava mostras de um medo tão grande que se tornou perigoso para os demais. Nessa noite, os integrantes do 2/1 ficaram no convés, pois não conseguiam dormir nem podiam fumar, já que era proibido acender palitos de fósforo; assim que anoitecia, eram avisados de que a “lâmpada que indicava permissão de fumar tinha sido apagada”, que, aliás, podia ser vista pelo inimigo se mantida acesa. O Decano rezava para que isso nunca acontecesse e para que Deus os protegesse.

O capitão do USS *Enterprise* anunciou que os exercícios tinham sido um sucesso, embora o guarda-marinha Micheel e pilotos dos bombardeiros de mergulho não tivessem visto legiões de fuzileiros atravessando a ilha de Koro, correndo durante as simulações de incursões aéreas. Talvez a ideia tivesse sido essa mesmo. Quando o comboio partiu no encalço dos alvos, os navios-transporte de pessoal forçaram os porta-aviões a reduzirem a velocidade. Quando se aproximaram das ilhas Salomão, os porta-aviões se puseram na frente do comboio. Além de aumentarem o número de voos de patrulha diários, seus comandantes ordenaram que fizessem isso com mais empenho e determinação. Reuniões na sala de pronto foram feitas para explicar os detalhes da estratégia.

Os japoneses construíram um grande porto para sua Marinha e vários aeródromos para seu Exército em uma ilha situada a quase 1.000 quilômetros a oeste de Guadalcanal, num lugar chamado Rabaul. Entre Rabaul e Guadalcanal, alinhavam-se as ilhas Salomão em duas fileiras irregulares, com um canal passando pelo meio. Com uma gigantesca base em Rabaul e bases-satélite em Guadalcanal e a vizinha Tulagi, a região inteira não podia deixar de ser considerada zona de águas hostis. Nenhum bombardeio prévio à invasão seria realizado, já que o elemento-surpresa era fundamental. A expectativa das tripulações aeronavais e das baterias de canhões antiaéreos do *Enterprise* era que enfrentariam “contra-ataques dos japas”.⁹⁷ Nos dias 5 e 6 de agosto, chegaram notícias informando que o tempo estava ruim na área de operações, o que tornaria “sumamente difíceis operações de interceptação por parte das aeronaves inimigas”.⁹⁸

Na manhã de 7 de agosto, o capitão do navio anunciou, pelo sistema de alto-falantes, que “esta força reconquistará as ilhas Tulagi e Guadalcanal, atualmente nas mãos do inimigo”.⁹⁹ O comunicado foi mais um informe sobre o estabelecimento das metas que teriam pela frente do que simples repasse de informações. No dia anterior, a circular do plano do dia do navio havia informado, com um curioso emprego da expressão “O Dia” em alemão: “Esperamos que amanhã seja ‘Der Tag’ de nosso ataque.”¹⁰⁰ A trilha sonora de hoje dos japas baseados em Tulagi”, prosseguia a circular diária, será “Mudanças Estão a Caminho”. “Essas mudanças serão feitas pelos fuzileiros navais americanos, com a cumplicidade dos grupos aéreos do *Enterprise*, do *Saratoga* e do *Wasp*, que servirão aos nipos um ‘Coquetel da Lua Cheia’ na forma de luminosa chuva de bombas de 500

quilos...”¹⁰¹ Enquanto isso, todos a bordo deveriam guardar seus equipamentos e apetrechos individuais em armários trancados a chave, de forma que, se a MIJ afundasse o navio deles, as “caixas, livros, revistas etc.” da tripulação “não viessem à tona” depois.

Todos os esquadrões do navio receberam instruções sobre as respectivas missões que teriam pela frente e até estudaram fotografias dos alvos.¹⁰² Davis e seu piloto foram incumbidos de atacar Tulagi, uma ilha situada a uns 32 quilômetros a norte de Guadalcanal. As fotos mostravam o pequeno porto e alguns edifícios, nos quais os britânicos abrigavam o aparato de seu governo colonial. No Dia D, parte da força de invasão dos fuzileiros deveria conquistar Tulagi e algumas minúsculas ilhas localizadas perto dela. O 6º. Esquadrão estava incumbido de ajudar os fuzileiros bombardeando concentrações de tropas e bases de canhões antiaéreos entre o povoado de Sasapi e a prisão localizada no lado nordeste da ilha.¹⁰³

Os primeiros aviões, os caças Wildcat, partiram envoltos na escuridão da noite para protegerem a frota de ataques de aviões inimigos — pois achavam que uma aeronave de patrulhamento hostil tinha avistado a força-tarefa — e para destruírem a aeronave cuja base achavam que eram no aeródromo do alvo objetivado por eles. O dia nem havia raiado ainda quando Davis decolou à frente do 6º. Esquadrão do convés de voo, às 6h43. Duas fileiras de luzes amarelo-esbranquiçadas, cobertas e instaladas nas beiradas da superfície de madeira do convoo, indicavam os limites da rota de fuga para o céu. Entrar em formação ao sul de Guadalcanal foi difícil, por causa da pouca visibilidade proporcionada pelo quarto minguante lunar e o grande número de aviões. Todos os três porta-aviões navegavam separados uns dos outros apenas por alguns quilômetros, dos quais grandes grupos de ataques foram lançados. Conforme ordenado, os aviões deveriam deixar acesa “apenas uma luz branca e fraca na cauda enquanto ainda estivessem a uns oito quilômetros de distância de seu respectivo porta-aviões, depois dos quais tinham permissão de acender as luzes de navegação para que pudessem acelerar a operação de reunião” das aeronaves.¹⁰⁴ Sob o manto da noite, os pilotos viam facilmente o par de chamas azuladas do escape do avião da frente. Já a luz da cauda era muito difícil de ver. Algumas seções se perderam. Tal como ocorrera em Midway, desperdiçaram um tempo considerável para entrarem em formação, embora por um motivo diferente. Todavia, pelo menos grupos de aeronaves equivalentes a um esquadrão deveriam operar de forma independente. Assim, logo que Davis conseguiu reunir seus dezoito aviões, partiu à frente do grupo para um sobrevoo em torno da extremidade ocidental de Guadalcanal, onde atravessaram o estreito entre Guadalcanal e Tulagi quando o sol começou a nascer. Lá embaixo, Mike conseguia ver todas as pequenas embarcações em movimento, como elementos de escolta, em volta dos grandes navios-transporte de pessoal perto das duas ilhas. Como grandes cúmulos, com as bases a uns 300 metros acima do solo, pontilhavam o espaço aéreo, atravessaram uma ou duas cortinas de chuva intensa.

O 6º. Esquadrão chegou à pequena ilha navegando sob formação padrão, onde seus aviões mergulharam um atrás do outro, como de costume, para evitar acidentes. Durante o mergulho, Mike quase não viu fogo antiaéreo lançado pelos japoneses e continuou concentrado nos alvos que deveria atingir. Observou os edifícios do povoado, entre os quais havia uma prisão, crescerem rapidamente diante de seu campo de visão.

Sem necessidade de fazer nenhuma correção, aprofundou o mergulho o mais que pôde e lançou sua bomba de quase 500 quilos. Depois, voltou a subir para a cúpula celeste. Nem ele nem seu artilheiro viram um avião inimigo sequer. Colunas de fumaça elevavam-se de ambas as ilhas-alvo, dando a impressão de que tudo corria bem. Mike, que pilotara com Davis na primeira divisão, ficou observando as outras divisões serem reorientadas. A certa altura da operação, o comandante do grupo aéreo, que sobrevoava em círculos toda a região, achou que Tulagi fora suficientemente bombardeada. Essas divisões remanescentes mergulharam sobre duas ilhotas situadas a leste de Tulagi, chamadas Gavutu e Tanambogo. Antes de voltarem para o porta-aviões, o esquadrão disparou suas metralhadoras contra o inimigo. Quando chegou a vez dele, Mike mergulhou e, mais perto do solo, lançou-se em voo de metralhadas sobre alvos fortuitos o mais rasante possível, para que conseguisse o máximo de eficiência no ataque. Depois disso, seu esquadrão voltou para o porta-aviões, onde aterrissou às 9h30, com as tripulações de convés já encharcadas de suor, empenhadas que estavam em auxiliar, num ritmo frenético, operações de decolagem e aterrissagem de aeronaves de patrulha, combate aéreo e bombardeio.

Nas primeiras horas de sexta-feira, cada um deles recebeu uma maçã, uma laranja e três ovos no desjejum. O dia começou com o costumeiro “apressem-se e aguardem”, enquanto se encaminhavam para a área de desembarque. Alguns marinheiros foram ao encontro dos membros da GP-M4 e: “Apertaram nossas mãos como se fôssemos morrer todos no fim do dia; queriam apenas que soubéssemos que não havia ressentimentos entre os marinheiros e os fuzileiros.” Sid nunca tinha visto os grandes canhões de um cruzador expelirem anéis de fumaça quando efetuavam disparos, nem nunca vira aviões realizarem bombardeios e ataques em voo de metralhadas rasantes. Ficou fascinado. Teve a impressão de que um dos projéteis atingira um depósito de gasolina ou algo parecido, pois lançava de si uma enorme coluna de fumaça negra. Não achou nem difícil acomodar-se nos barcos com todo aquele equipamento pesado, nem chato ter que esperar sua viatura anfíbia achar o devido lugar nos anéis de barcos de assalto, cada um dos quais parte de uma vaga de invasão e ataque. De repente, sentiu o cheiro de cordite, o que lhe lembrou dos tempos em que caçava rolinhas. Os membros da GP-M4 sabiam que, desde que o CFNA fizera disso a razão de ser deles como unidade, estavam participando do primeiro assalto anfíbio. Como eram fuzileiros, fizeram muitas piadas e brincadeiras a respeito disso.

O círculo de barcos se desfez antes das 9 horas. Entraram em formação de coluna de esquadra de assalto e avançaram rapidamente para a praia. Sid deu uma última olhada em volta do mar calmo, estendendo-o, da grande bandeira voejante no cruzador, até as pequenas bandeiras tremulantes nos navios atrás da linha de avanço dos BDVPs. Pareceram-lhe estranhas as cartucheiras em volta dos colegas, todas cheias agora de balas cintilantes. Ficou pensando se os homens que participaram da Guerra de Secessão eram tão jovens quanto ele e seus amigos. Pôs munição no fuzil e ajustou o dispositivo de segurança, “determinado a acertar pelo menos um inimigo antes que os aniquilassem”. O barco parou a alguns metros da praia. A rampa de desembarque se abriu de chape sobre a água e partiram em carreira de assalto.

Embora tivessem demorado um pouco a perceber isso, os elementos da primeira vaga de assalto, membros

dos pelotões de fuzileiros, se acomodaram debaixo das árvores e ficaram rindo dos colegas das equipes de morteiros, que enfrentavam dificuldades para sair da água, já que não tinham avistado nenhum inimigo e, portanto, a tropa de assalto não precisou avançar sobre a terra firme. Enquanto isso, outras vagas de ataque iam chegando atrás deles.

As tripulações de convés do Big E recarregaram e reabasteceram um terço do esquadrão de bombardeiros em 45 minutos.¹⁰⁵ Davis, Bill Pittman, Mike e os outros sobrevoaram a região ocidental de Guadalcanal, o lado mais próximo da base inimiga em Rabaul, e enviaram relatórios ao comandante do grupo aéreo (CGA) do porta-aviões *Wasp* assim que alcançaram o espaço aéreo de Tulagi. O CGA recebeu os relatórios de um dos navios que operava nas águas da região, que, por sua vez, entrou em contato com os comandantes dos fuzileiros desembarcados na praia. Esse processo levou tempo. Outra terça parte do esquadrão apareceu e começou a patrulhar a área com eles. Embora não tivessem visto nenhum sinal de fogo antiaéreo inimigo, ouviram muitas conversas dos pilotos dos três porta-aviões pelo rádio. Uma delas tinha a ver com aviões inimigos na área — combates aéreos necessitavam de comunicações entre os pilotos dos Wildcats — e outra delas partira de pilotos ansiosos, na qual anunciavam a chegada de seu esquadrão, o porta-aviões ao qual pertenciam e as bombas que transportavam, e solicitavam a indicação de alvos para atacar.¹⁰⁶

O CGA acabou enviando os oito aviões de Davis para uma ilha verdejante a leste de Tulagi, chamada Gavutu. Quando se aproximavam do alvo, um dos artilheiros informou pelo rádio, aos gritos: “Eles estão vindo! Estão vindo!” Dois Zeros dispararam contra o líder da seção, que seguia na frente de Mike e jogou a aeronave bruscamente para o lado, na tentativa de se desviar dos projéteis inimigos. No banco de trás, Halterman girou a metralhadora e começou a atirar. Outros artilheiros da seção engrossaram os disparos contra os japoneses. Com isso, os Zeros bateram em retirada, levando Mike a gritar: “Conseguimos!” Era a primeira vez que ele via um Zero. O comandante do grupo aéreo do *Wasp*, voando em círculos, orientou os ataques até esgotarem as bombas e as balas.

Os pilotos dos *Dauntless* voltaram para o *Enterprise* pouco antes de completarem seis horas de voo, montados sobre o *Wright-Cyclone*, motor de ronco possante, esperando notícias de muita agitação. Foi um dia difícil. Na sala de pronto, Mike soube que os artilheiros de cauda haviam derrubado um dos caças inimigos. Divisões do 6º. Esquadrão de Bombardeiros realizaram mais dois ataques à tarde, embora sem Davis, Mike e Pittman, a alvos contra localidades em Guadalcanal chamadas Kukum e Tenaru River. No convés de voo do *Enterprise*, o ritmo das atividades continuou intenso e frenético a tarde inteira. Pouco depois, os pilotos disseram ter avistado Red Beach, ainda que a considerável distância, por causa das grandes caixas brancas empilhadas nas praias.¹⁰⁷ É possível que os pilotos que permaneceram na sala de pronto tenham sabido também, certamente por intermédio dos garçons de bordo que serviam o jantar no refeitório dos oficiais, que esquadrões de caça tiveram trabalho o dia inteiro, porquanto bombardeiros inimigos comuns e de mergulho, escoltados por Zeros, haviam tentado esburacar os cascos dos navios-transporte de pessoal e de seus navios-

escolta. Os bombardeiros bimotores tinham partido, das bandas de Rabaul, em grandes formações-delta intercaladas. Alguns dos Wildcats tiveram tanto trabalho que ficaram sem gasolina e foram obrigados a aterrissar no oceano. Foi tão grande o trabalho das tripulações de convés que acabaram estabelecendo “um novo recorde de operações diárias em área de combate”, com 236 decolagens e 229 aterrissagens.¹⁰⁸

Enquanto os oficiais organizavam as coisas, os fuzileiros abriam os cocos que caíam a seus pés, dos quais bebiam a água e comiam o fruto. Algum tempo depois, os fuzileiros partiram à frente da tropa rumo à Colina Relvada. Acharam que marchar através dos coqueirais não era muito diferente de marchar no isolado campo de instrução de New River. Fizeram uma pausa, porém, quando, menos de uma hora depois, alcançaram o rio Ilu, já que era bem mais profundo do que o esperado e, portanto, impossível de vadear. Os fuzileiros ficaram sentados em grupos, decisão típica de soldados inexperientes, esperando que construíssem uma ponte improvisada. Um CLAnf estacionou no meio do rio e engenheiros usaram pranchas de madeira para improvisarem a ponte.

Assim que conseguiram atravessar o rio, contudo, avançaram em marcha forçada através da selva densa. O calor aumentou quando retomaram o avanço. Inseparável da placa-base de 18 quilos, Sid tinha que se esforçar muito para acompanhar os colegas quando eram obrigados a superar obstáculos não muito altos, mas bastante escarpados. As figueiras-de-bengala, as frutas-pães e as inesperadas clareiras davam à selva encanto e beleza aos olhos dos soldados. Sid consumiu a água do cantil em pouco tempo. Embora houvessem atravessado o rio Tenaru, ele e os colegas obedeceram à ordem de não beber água de rios. A certa altura da marcha, receberam a notícia de que o 5º. RIFN, cujos elementos tinham avançado ao longo do litoral diretamente para o aeródromo, haviam enfrentado certa resistência dos japoneses. Até então, para o Decano o conflito se revelara “uma grande guerra”. Perto do anoitecer, exausto e desidratado, Sid pôde livrar-se temporariamente do peso do equipamento. “Recebemos ordens para abrir trincheiras individuais, mas acho que ninguém fez isso.” Abriu sua lata de ração C resmungando que mais parecia comida de cachorro. Com tantas rajadas de armas portáteis soando por toda a parte, ninguém conseguiu dormir direito. Todas começavam anunciando outro ataque do inimigo e terminavam revelando mais um fuzileiro medroso.¹⁰⁹

As grandes cadeias de colinas das ilhas Salomão limitaram muito a eficácia dos radares de rastreamento aéreo do porta-aviões. Porta-aviões não podiam permanecer na parte sul de Guadalcanal. No segundo dia de operações de apoio aéreo, o *Enterprise* lançou seus esquadrões de um local perto da extremidade oriental da ilha, o ponto mais distante em relação a Rabaul. Aviões de caça e um de patrulha antissubmarino foram as aeronaves empregadas nas seis primeiras operações aéreas do dia, pois a MIJ sabia onde eles estavam.¹¹⁰ Pouco depois das 9 horas, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros sobrevoou o estreito, com seus pilotos tomados pela expectativa de enfrentar caças inimigos, pois Micheel ouvira que, em Tulagi, o inimigo estava opondo grande resistência ao assalto dos fuzileiros. Tratou, pois, de concentrar-se na tarefa em execução, procurando localizar

submarinos nas águas entre as ilhas-alvo e a área ao seu redor. Por volta das 10h30, o esquadrão recebeu ordem para bombardear uma minúscula ilha nas proximidades.¹¹¹ Como no dia anterior, Micheel iniciou a descida, lançando-se com seu Dauntless, de 2.000 metros de altitude, na direção do inimigo, de tal forma que seu comandante ficou impressionado com sua “coragem e iniciativa de partir em busca de plataformas de canhões antiaéreos e concentrações de tropas inimigas, para destruí-las”.¹¹² Todavia, as bombas incendiárias disparadas pelos pilotos dos Dauntless não se destinaram a queimar casas de madeira ou barracas de lona.

Seu esquadrão realizou mais duas operações pela manhã, enquanto outras aeronaves de patrulha partiram em busca de aeronautas perdidos no dia anterior. Contudo, Mike não participou dessas operações e só no início da tarde partiu em missão com o esquadrão de patrulha. As aeronaves de ataque sobrevoaram a área em círculos, aguardando a indicação de um alvo e ouvindo conversas sobre combates aéreos pelo rádio. Voltaram para o navio sem lançar nenhuma bomba. A aterrissagem com bombas em porta-aviões levava os pilotos a verificar com redobrada atenção o sistema de disparo de projéteis da aeronave, o que significava também que os bombardeiros não tinham conseguido atacar nenhum alvo. Os pilotos chegaram à conclusão de que os fuzileiros que atuavam em Tulagi precisariam de ajuda mais eficaz, pois o repasse de informações dos fuzileiros em terra, por intermédio dos radioperadores do navio, ao CGA em missão de voo, que por sua vez as retransmitia ao líder das operações de ataque, era complicada.¹¹³

Sem alvos para atacar, a missão de apoio aos fuzileiros em terra parecia terminada. Os caças tinham derrubado treze aviões inimigos. Dos seis pilotos desaparecidos, três foram resgatados. Os pilotos dos Wildcats tinham muito para repassar de sua intensa experiência nos embates com os Zeros. Os oficiais superiores passaram longas horas discutindo os problemas de apoio aéreo e concebendo novas formas de melhorar a comunicação com as tropas terrestres. Sabiam que teriam como reduzir as baixas entre os fuzileiros navais e acelerar a conquista de objetivos. Um deles propôs o emprego de painéis coloridos e/ou bombas de fumaça para a indicação de alvos, bem como “o uso de tranceptores (‘walkie-talkies’), como os empregados pelas forças da polícia civil americana em seu trabalho com radiocomunicações”.¹¹⁴ Perto do anoitecer, os três navios-aeródromos deixaram rapidamente a área, rumando para o sul. Depois de dois dias de combate, calculou o almirante no comando, os submarinos inimigos chegariam a qualquer momento. As tripulações aeronavais e as terrestres receberam com satisfação o desafio de terem que enfrentá-los, mas isso levantava a seguinte questão: quem protegeria os navios-transporte de pessoal do possível ataque de todos aqueles aviões inimigos?

Após mais um dia de marcha forçada através de terreno acidentado, o 2/1 chegou a uma colina coberta de relva. Era esse “o” outeiro, o objetivo que deveriam ter alcançado no dia anterior? O Decano achou que sim. Sid sabia que não era esse, que havia algo errado nos planos, que a água de todos os fuzileiros do 2/1 se esgotara e que estavam morrendo de sede. Mas carregadores de água finalmente chegaram, embora não houvesse comida suficiente. Pouco depois, entrincheiraram-se. Receberam a notícia de que os pilotos dos porta-aviões haviam

derrubado dezenove aeronaves inimigas e que um deles se chocara com o *Elliott*. Viram, na parte do canal marítimo visível de seu ponto privilegiado, o navio e todo o equipamento deles serem envolvidos pelas chamas. Depois de estabelecerem um perímetro de defesa, receberam a senha “Lucky Strike”. Quando escureceu, a lanterna antifumo foi apagada e começou a chover. Horas depois, os navios estacionados no litoral começaram a atirar. Não tivessem sido os relatórios que recebia, como o que informava a origem dos longos estrondos que ouviam e que podiam confundir com trovões, Sid poderia ter achado que, na verdade, o que estava vendo eram enxames de “vaga-lumes”, indo de um lado para outro. Às vezes, os arcos luminosos terminavam numa grande explosão. Começaram a saudar a empolgante atuação da Marinha de Guerra americana. Bombas de iluminação caíam sobre a área de ataque e holofotes a varriam em todas as direções. De repente, um avião se aproximou e soltou uma dessas bombas sobre as posições do 2/1.

De manhã cedo, chegou o informe: “Vamos voltar para a praia.” E os membros do 2/1 iniciaram a descida pela colina, sem café da manhã, almoço e água. Oito homens do pelotão de mais de quarenta membros caíram de exaustão. No meio da tarde, o batalhão alcançou o aeródromo e, uns oitocentos metros depois, o povoado de Kukum. Por fim, chegaram à praia. Não havia navio ancorado no canal. A frota tinha partido. Na batalha naval que haviam testemunhado, prevalecera a Marinha Imperial Japonesa (MIJ), que afundara quatro dos grandes cruzadores americanos. A maioria dos marinheiros que servia no *Elliott* tinha conseguido chegar à praia. Estavam todos abalados, alguns com queimaduras, e uns poucos tinham sido mortos.

Mesmo assim, Sid e outros comemoram. “Jamais teremos que viajar naquela lata enferrujada outra vez!” Também não conseguiram resistir à tentação de se perguntarem em voz alta: “Cadê a Marinha?! Ou será que não temos Marinha?!” Receberam provisões, mas não o bastante para manter cheia a barriga deles até a noite, já que os navios haviam descarregado apenas a metade de seus suprimentos antes de partir. Os membros da GP-M4 começaram a se virar com os cocos que conseguiam nas proximidades, e o Decano tirou da mochila seu último pacote de barras de figo. Ao anoitecer, outra unidade amiga começou a atirar no 2/1, mas eles repetiram, aos gritos, a senha “Amarelo” tantas vezes que conseguiram fazê-la parar antes que alguém se ferisse.

Quando acordou, Mike viu que os colegas só falavam na derrota da Marinha no litoral de Guadalcanal. Ao contrário do desastre em Pearl Harbor, porém, os cruzadores da Marinha americana e da Real Marinha Australiana tinham sido derrotados num combate. Junto com os quatro cruzadores afundados, um quinto, o USS *Chicago*, havia sido gravemente danificado na ilha Savo. Todavia, em vez de os porta-aviões partirem para o norte, com o objetivo de acertarem as contas com o inimigo, a frota de embarcações anfíbias estava indo para o sul, na direção deles. Na sala de apronto, Ray Davis informou a seus homens que davam como certo que os japoneses enviariam tropas de assalto anfíbio para tentar retomar o aeródromo. Segundo ele, o alto-comando achava que uma força-tarefa com um porta-aviões acompanharia a força de invasão inimiga. O *Enterprise*, o *Wasp* e o *Saratoga* ficaram perto o bastante para que estivessem prontos para ajudar, se necessário, mas distante o suficiente para dificultarem um contra-ataque das forças inimigas. Informou também que o programa de guerra antissubmarino e as missões de patrulha seriam mantidos. A frota estava sendo mantida em alerta

máximo. Dois dias depois, patrulhas de Dauntless localizaram e atacaram em voos de metralhadas rasantes um submarino inimigo.¹¹⁵

Parte da confusão acabou sendo solucionada no primeiro dia cheio e agitado das operações perto do aeródromo. Os dois regimentos de fuzileiros navais começaram a dividir a tarefa de manter o controle dessa enorme área plana, a maior parte da qual sem árvores, mas coberta por uma vegetação alta, conhecida como “barão-vermelho”. Como esperavam que o inimigo lançasse seu contra-ataque pela praia, próximo a Kukum, os fuzileiros e os operadores de metralhadora começaram a entrincheirar-se. Os integrantes do pelotão de morteiros de 81 milímetros abriram suas trincheiras a uns 1.000 metros da praia, de modo que o inimigo ficasse ao alcance de suas armas. Com a placa-base da arma assentada, encaixado o tubo e montado o bipé, não tinham que carregá-la, o que era bom, mas agora a árdua tarefa de abrir trincheiras começava. Todo esse trabalho não impediu que Sid, o Sub, o Decano e outros matassem uma das vacas que vagava pela planície. Enquanto a estripava e preparava para consumo, o Decano calculou que o animal pesava uns 200 quilos. Por volta das 15 horas, atiraram contra três grandes bombardeiros inimigos que sobrevoaram suas posições, porém nenhum deles acertou o alvo. Enquanto o Decano preparava um churrasco, o restante da unidade foi garimpar o edifício perto do aeródromo e o povoado de Kukum. Sid tirou à faca insígnias dos uniformes japoneses e guardou no bolso duas fivelas de cinto de oficiais. De repente, notou algo estranho no recente bivaque do inimigo. “O acampamento inteiro cheirava a pasta de dentes.”

Sofreram mais dois ataques aéreos nesse dia, os quais Sid não conseguiu deixar de observar. Já o Decano contou 23 aeronaves numa única formação. Como se não bastassem as bombas lançadas sobre eles, chegou a notícia de que navios japoneses estavam a caminho dali. À noite, muitos fuzileiros disparavam contra árvores, enquanto outros gritavam a senha “Malária!”. Karp, o sargento da GP-M4, ficou com tanto medo que mal conseguia se mover. Mas não foi o único que pareceu ficar com “as pernas congeladas”.

Depois de uma noite difícil, a esquadra aliviou a fome e a tensão voltando a recorrer à caça e ao saque, já que todos estavam fazendo isso também. Resolveram, portanto, matar outra vaca e abateram os porcos que acharam depois. Os depósitos de suprimentos e os edifícios do inimigo se tornaram fontes de toda espécie de lembranças militares interessantes, bem como de artigos de utilidade prática, como colchões portáteis, cigarros, bebida alcoólica e alimento de campanha enlatado. Em seus saques das provisões inimigas, a GP-M4 conseguiu comida suficiente para se alimentar por três dias. Ela veio na hora certa, já que foram informados de que a divisão só tinha comida suficiente para cinco dias. Pelas estradas e caminhos que ligavam Kukum ao aeródromo, fuzileiros circulavam de um lado para outro em viaturas capturadas ao inimigo. Sid caiu na gargalhada ao ver um sorridente fuzileiro dirigindo um rolo compressor a vapor, fingindo total despreocupação e fumando cigarro. Num dos lados do veículo, tinham escrito: “Sob Nova Direção”.

Os ataques aéreos continuaram ao longo do dia. Quando os Zeros lançavam-se sobre eles em ataques rasantes, Sid pegava a pistola .45 e mandava bala. Certa noite, dois submarinos emergiram perto da praia e bombardearam a área por meia hora. Em meio a muitos estilhaços, voando cortantes e ferinos em todas as

direções, os fuzileiros resolveram aprimorar suas trincheiras individuais, seus abrigos antibomba e suas bases de morteiro, cavando mais fundo no rico solo escuro. Destacamentos de serviço entregavam, em caminhões capturados da MIJ, suprimentos transportados da praia Vermelha, onde ocorrera o desembarque. Enquanto isso, outros fuzileiros abriram grandes covas para guardar suprimentos e munição em volta do aeródromo. Os canhões antiaéreos de 90 milímetros dos fuzileiros, cujas plataformas haviam finalmente assentado em torno do aeródromo, começaram a revidar os ataques dos japoneses, obrigando seus aviões a voarem mais alto. Nisso, fuzileiros em missão de patrulha na selva começaram a trocar tiros com o inimigo.

A GP-M4 assumiu seu turno de vigilância na noite do dia 16, ocasião em que realizou uma missão de patrulha ao longo do rio Tenaru, na “mais densa das selvas”. Pouco depois da meia-noite, o Decano teve a impressão de que ouvira “japas fazendo sinais sonoros com cascas de coco”. Impressionado com isso, virou-se subitamente e apertou o gatilho do BAR, disparando quatro balas contra um elemento emboscado adiante. Na ocasião, ouviram alguém pular dentro do rio, seguido por várias explosões de granada. Sid e os rapazes passaram o restante da noite montando guarda, mesmo sem poderem ver nada, “apavorados com a possibilidade de sofrerem ataques de baioneta”. De manhã, procuraram compensar a noite de tensão fazendo o desjejum com tomates, batatas fritas, pastelões, biscoitos de água e sal com manteiga, acompanhados de um bom café. Enquanto possível, tinham que aproveitar esses luxos ao máximo, pois o batalhão de comando mandara postar guardas em volta dos depósitos capturados ao inimigo. Dali por diante, os oficiais decidiram que os soldados do batalhão receberiam uma justa porção de alimentos na hora do rancho. A GP-M4 sabia que isso seria o mesmo que passar fome.

Nos intervalos dos ataques aéreos, apesar do pavor que esses ataques provocavam, bem como nos das tarefas dos destacamentos de serviço, os membros da esquadra tinham a chance de nadar nas tépidas águas do oceano e brincar de atirar cocos uns nos outros. Mas o ritmo desgastante das operações bélicas só permitia que desfrutassem uns poucos momentos como esses. Tanto que, de repente, ouviram um de seus grupos de patrulha destroçar uma patrulha de reconhecimento com dezoito soldados e oficiais japoneses. Como os nipos estavam bem equipados, ficou óbvio que eram patrulheiros de uma força maior, que acabara de desembarcar.¹¹⁶ Outra operação de patrulha conduziu a companhia até os restos mortais dos fuzileiros cujos corpos haviam sido barbaramente mutilados e profanados pelos japoneses. Essas cenas horríveis confirmavam algo que o inimigo deixara claro em várias ocasiões anteriores: não fariam prisioneiros, não respeitariam regras, não teriam misericórdia. Ouvir falar sobre o fim cruel de outras patrulhas impressionara menos do que ver os fatos de perto.

Em 20 de agosto, porém, o ronco de motores de aviões trouxe alegria, em vez de dor. Dois esquadrões de aviões americanos sobrevoaram o aeródromo em círculos antes de pousar. Esses aviões apresentavam a sigla USMC⁷ nas laterais da fuselagem, para grande alegria dos soldados, mesmo porque Bataan nunca recebera reforços como esse. Em Guadalcanal, contudo, as notícias nem sempre eram boas.

Nesse mesmo dia, a seção de morteiros se aproximou mais de Tenaru, pois esperava um ataque. A GP-M4

passou a tarde cavando um novo abrigo e preparando a instalação da arma na base. Essa mudança não obrigou Sid e o Decano a abandonarem o “aconchego” de seu abrigo antibomba, que haviam feito com troncos cobertos com rede, não apenas para protegê-los das bombas, mas também para servirem de mosquiteiro. Os operadores de morteiro ficavam em um dos seguintes lugares: no abrigo de morteiro, que tinha algumas trincheiras individuais ao redor; no acampamento, onde dormiam no chão, ou no abrigo antibomba subterrâneo, no qual entravam correndo quando eram bombardeados por navios ou aviões. Mas ninguém da esquadra ficou no acampamento à noite, já que Benson havia alertado todos para a possibilidade de combates noturnos. Como de costume, muitos integrantes da esquadra de morteiros ocuparam como fuzileiros as trincheiras individuais ao longo do rio, reforçando assim as posições das companhias de fuzileiros. Nessa mesma noite, Sid, o Decano e mais dois colegas ficaram no abrigo do morteiro. Como sempre, enquanto dois deles dormiam no abrigo, outros dois montavam guarda.

Por volta das 3 horas, Sid e o Decano foram acordados pelo pesado fogo de artilharia, metralhadoras e fuzis. O estrepitoso matraquear das armas concentrava-se no encontro entre a praia e o rio que havia à direita deles. Cientes de que não se tratava meramente dos tiros de um sujeito tenso e nervoso, atirando contra iguanas num arbusto qualquer, os quatro se levantaram de um pulo, apressando-se para empregar o morteiro. Trataram logo de verificar se tinham consigo o fuzil e a pistola. Atrás deles, os canhões de 75 milímetros lançavam bombardeios contra o outro lado do rio. Com um combate real travado de tão perto assim, tiveram a impressão de que horas já haviam transcorrido. De repente, chegaram ordens para que a GP-M3 e a GP-M4 avançassem. A esquadra tratou de desmontar o 81 e avançou, aos tropeços e praguejando, envolta no manto da noite, para um ponto em que ficou a uns 100 metros do rio, bem no meio da batalha. Os operadores de metralhadora e os fuzileiros se alinharam na margem do rio, de onde atiraram sem parar. No encontro do rio com o mar, onde um banco de areia facilitava a travessia, os canhões de 37 milímetros despejavam metodicamente uma chuva de projéteis sobre o inimigo. Amanhecera quando conseguiram montar as armas. Durante uma pausa, ouviram os colegas gritarem: “Que bom! Estão trazendo os 81!”

Assim que viram a água borbulhar em seu campo de visão, os membros da GP-M4 abriram fogo. O Decano os fez disparar projéteis com explosivo de grande potência (EGP) contra uma área com linhas uniformes no outro lado do rio. A pouca distância que os separava do alvo exigia que ajustassem o cano para disparos de alta angulação, de modo que os projéteis explodissem no meio do coqueiral. Perto de Sid e do Decano, os carregadores abriram as caixas de munição em forma de trevo, removeram o estojo impermeabilizante e passaram um projétil para o ajudante de artilheiro, Sid, que tirou o excesso de carga de projeção e enfiou o projétil no cano. O Sub tirou um pouco mais de suplementos de carga (pequenos pacotes de pólvora propulsora do projétil) para evitar que deflagrassem acidentalmente. Bem entrosada, a equipe entrou logo num ritmo cadenciado e harmonioso, sem entraves. Mas, em meio aos estrondos da artilharia, não conseguiam ouvir os próprios disparos. As explosões rascantes de EGP atravessavam as fileiras de coqueiros, malignas em seu poder destrutivo. Algumas horas depois, pesado fogo inimigo atravessou as linhas de defesa dos fuzileiros. Os operadores de morteiros japoneses haviam localizado as posições deles. Perto da posição de

Sid, um estilhaço decapitou um soldado. Outro desses projéteis caiu numa trincheira individual ocupada por outros quatro soldados. O cheiro de carne queimada e sangue fresco se misturava ao de cordite. A saraivada de tiros japoneses fez Sid, o Decano e outros recuarem, abandonando suas armas.

Algum tempo depois, em meio a corpos despedaçados, a equipe voltou para o morteiro e tornou a efetuar inúmeros disparos contra o inimigo, ora de uma posição, ora deslocando-se para a esquerda e para a direita. Os fuzileiros e os operadores de metralhadora passaram a esperar os projéteis munidos com EGP atravessarem o campo de batalha e chegarem ao destino. A iminência das explosões afugentava o restante dos inimigos de seus abrigos e os fuzileiros disparavam contra eles. O clima de urgência começou a dissipar-se. O coronel Pollack, comandante do 2/1, foi até eles e ordenou que atirassem em um CLANf abandonado no rio, pois um operador de metralhadora japonês pusera-se atrás dele para se proteger. Só após alguns disparos, a GP-M4 conseguiu atingir a viatura anfíbia. Quando isso aconteceu, ouviram gritos de comemoração. No fim da tarde, chegou a ordem de cessar fogo.

Em pé, próximo ao morteiro da GP-M4 e à espera de ordens, Sid viu de perto os horrores da guerra e a calma que veio depois. Os socorristas terminaram de remover os cadáveres e começaram a recolher pedaços de corpos mutilados. Para além da linha de combate dos fuzileiros, à esquerda, no local do banco de areia, jaziam os corpos do inimigo, empilhados em camadas duplas e triplas. O Decano escreveu em seu diário: “O terreno inteiro do nosso flanco esquerdo estava coberto de corpos de japoneses mortos. A desembocadura do Tenaru estava entupida de corpos.”

Uns poucos sobreviventes tentaram fugir nadando para o mar aberto, mas “nossos homens mataram um após o outro, sem a menor dificuldade”. Outros continuavam no meio da pilha de corpos, só esperando que um fuzileiro se aproximasse o suficiente para tentar matá-lo com uma granada. Um desses ataques fez com que todos aprendessem que deviam atirar em cada um daqueles corpos ou atravessá-los com a baioneta, para se assegurarem de que tinham morrido mesmo. E era fácil saber quais corpos ainda precisavam de mais um tiro, já que muitos deles haviam sido estraçalhados. Eram soldados que tinham avançado direto contra uma chuva de balas e tiros de metralhadora dos canhões de 37 milímetros, cujos projéteis, ao explodirem, espalhavam bolinhas de chumbo, como se fossem tiros de uma espingarda de caça gigantesca, capazes de ceifarem dezenas de vidas de uma vez.

Era óbvia a estupidez do ataque japonês. Sem fintas nem planejamento, e muito menos preocupação com as consequências, as tropas de elite do Exército Imperial Japonês simplesmente arremeteram contra o inimigo. O EIJ não sabia que um ilhéu avisara os fuzileiros sobre o ataque, mas um dos soldados japoneses lançara uma bomba de iluminação antes de iniciarem o primeiro.¹¹⁷ Seus corpos foram transformados numa polpa de carne rubra quando os tanques Stuart passaram por cima do banco de areia no fim da tarde, como parte do movimento em pinça. Um batalhão de infantaria atravessara o rio bem à direita do local e avançou para o norte, em direção ao oceano, fazendo com que o restante deles debandasse na direção dos Stuarts. Matar o inimigo na margem oposta do Tenaru com aquelas armas tirou a graça do combate; foi como se houvessem podido contar com a precisão do fuzil. O coronel Cates, comandante do 1º. RIFN, fez uma visita à posição da GP-M4

para cumprimentar seus integrantes e dizer que fora perfeito o fogo de barragem lançado contra o inimigo. Logo depois, apareceram também os cozinheiros, trazendo café quente e suprimentos. Sid entrou na fila do rancho. Em tom de brincadeira, o colega ao lado dele observou que, até “para entrar no Inferno, os fuzileiros têm que enfrentar fila”.

Os membros da GP-M4 que haviam combatido como fuzileiros chegaram contando histórias de que tinham matado inimigos à queima-roupa. Disseram que a esquadra tinha perdido Karp, o sargento da unidade, cujo rosto fora partido ao meio com um golpe de espada desferido por um coronel japonês, que depois rasgou o peito e o estômago dele e o varara com a arma. Anoiteceu. Os membros da esquadra começaram a encher sacos de areia, como preparativos para passar a noite em sua nova posição. Enquanto isso, os membros da Companhia H não paravam de contar histórias. Leckie, o Sortudo, um dos metralhadores, informou que seu amigo Chuckler vira luzes do outro lado do rio e fora o primeiro a gritar: “Quem vem lá?!”¹¹⁸ Depois que o tiroteio começou, o Sortudo e Chuckler tiveram que mudar a posição da plataforma da arma várias vezes, para evitarem os tiros do inimigo. No encontro das águas do rio com as do mar, apelidado de Cabo do Inferno pelos fuzileiros, o operador de metralhadora Johnny se mantivera firme na posição. Disseram que ele matou uns cem soldados do império antes de morrer, com o dedo ainda grudado no gatilho.

Histórias como a de Johnny Rivers, a quem chamavam de chefe, por causa da descendência indígena, formavam a parte essencial da compreensão desses soldados sobre a Batalha do Cabo do Inferno.⁸ No dia seguinte, todos começaram a pilhar os corpos, procurando não se vangloriar de nada, pois sabiam que haviam sido os membros do 1º. RIFN os autores da façanha, num corajoso combate contra o temido Exército japonês. Nas mochilas dos japoneses, acharam granadas de mão, dinheiro americano e muitos preservativos. As estimativas de inimigos mortos em combate oscilavam entre 750 mil homens. Quatorze foram capturados, embora não pelos fuzileiros da Companhia How, e se somariam aos trezentos do campo de prisioneiros. Sid achou emblemas do CFNA, fotografias de fuzileiros com as namoradas e um caixote de cigarros com a palavra “Guam” impressa nele; esses soldados mortos haviam saqueado os alojamentos dos fuzileiros navais em Guam.¹¹⁹ No conflito, os japoneses puderam contar com dez metralhadoras pesadas, um número bem maior de metralhadoras leves, lançadores de granada e alguns lança-chamas. Estes últimos não foram usados. O batalhão de Sid sofreu 34 baixas fatais e teve 75 homens feridos. Durante o dia, ainda ouviam tiros esporádicos, alguns feitos por atiradores de elite do inimigo, mas outros eram de fuzileiros americanos à procura de inimigos feridos, que matavam quando achavam.

Do outro lado do rio, tratores abriam covas para sepultamento em massa. A caminho das covas, uma ordeira coluna de prisioneiros de guerra coreanos e japoneses passou marchando pela guarnição de morteiro de Sid, para ajudar a enterrar seus companheiros. Um dos policiais militares que acompanhava esse destacamento de serviço gritava, como se estivesse numa praça de armas: “Um, dois, um, dois! Marchem!”

“Bravo, Roosevelt! Os japas quebraram a cara!”, clamava ele, zombando dos vencidos. Com grande senso de humor, Sid morreu de rir. Os membros da GP-M4 ficaram muito orgulhosos com o papel que tiveram na

vitória. Os rapazes do morteiro haviam mostrado o seu valor, e o da arma também. Sid e os colegas da unidade recolheram as fotografias dos fuzileiros e de suas namoradas tiradas de seus corpos e as queimaram. À noite, na cerimônia fúnebre, o Decano rogou, em prece: “Senhor Deus, queiras tu que nossos colegas jamais caiam numa armadilha igual à dos japoneses.”

Em 22 de agosto, os três porta-aviões e suas forças-tarefas seguiam para o norte, rumo às ilhas Salomão. O infame almirante Yamamoto, arquiteto do traiçoeiro ataque a Pearl Harbor, enviara ao sul uma grande frota para varrer as tropas americanas de Guadalcanal. O *Saratoga*, o *Enterprise* e o *Wasp* navegaram a noite inteira para enfrentá-lo pelo caminho, mesmo sabendo que um avião de patrulha os localizara e repassara a posição deles.¹²⁰ Na manhã do dia seguinte, a uns 112 quilômetros a nordeste de Guadalcanal, suas tripulações assumiam seus postos de combate quando chegou a informação de que navios-transporte de pessoal atravessavam, com destino a Guadalcanal, o estreito formado pelas fileiras de ilhas paralelas das Salomão. O Big E, como o porta-aviões de serviço da força-tarefa, forneceu os aviões de patrulha, enquanto os pilotos dos outros porta-aviões ficaram de prontidão. O guarda-marinha Micheel estava entre os 23 patrulheiros que decolaram assim que amanheceu, na tentativa de acharem os vilões primeiro. Mike não localizou nada e voltou algumas horas depois. Já as duas outras aeronaves de patrulha informaram que tinham avistado submarinos. Horas depois, nessa mesma tarde, outro avião de patrulha Dauntless, após localizar um submarino, passou informações alegando que o atingira. Como todos os três submarinos inimigos se dirigiam para o sul a todo vapor, no encalço das naves americanas, presumiram que compunham as unidades de vanguarda das forças marítimas de Yamamoto.¹²¹

Ainda à tarde, outro avião de patrulhamento informou ter localizado um porta-aviões inimigo acompanhado de navios-escolta. O *Saratoga* despachou seus esquadrões de bombardeiros, aviões de patrulha e aeronaves torpedeiras para atacar o porta-aviões *Ryujo*. Os aviões do Sara não acharam nenhum elemento da força inimiga e o tempo ruim os forçou a aterrissarem no Aeródromo de Henderson, em Guadalcanal. Mais tarde, chegou o informe de que os porta-aviões inimigos ainda estavam bem ao norte deles. Com essa inversão nos acontecimentos, o *Wasp* e suas escoltas deixaram a área de combate e rumaram para o sul, onde pretendiam reabastecer. Com a partida desse navio, o Sara e o Big E ficaram na linha de frente.

O 2/1 permaneceu no Ponto do Inferno, pois o comandante do regimento esperava ter que enfrentar outro ataque dos japoneses, ou através do Tenaru, ou pela faixa de praia perto dele. Sid e o Decano se mantiveram perto dos corpos. A maior parte do crédito pela matança dos japoneses foi atribuída às duas equipes de morteiros 81; reconhecer a atrocidade do que fizeram era inevitável e logo ficaram horrorizadas com o feito. No entanto, um dos corpos fez os integrantes de ambas darem boas risadas: ele “estava rasgado da virilha até o queixo, com o peito arreganhado e as costelas quebradas, como se fosse um frango, sem os intestinos, coração, pulmões, sem nada dentro. Parecia um gambá estripado...”. À noite, o rádio transmitiu um programa de São

Francisco comemorando a vitória deles. Ficaram muito contentes ao imaginarem a reação de suas famílias ao receberem a notícia. Entretanto, de repente, começou a chover forte. Impossibilitados de relaxar, ninguém da esquadra conseguiu dormir. A tensão prolongada acabou causando diarreia.

A preocupação de que talvez mais inimigos estivessem a caminho transformou-se em certeza quando receberam a notícia de que quatro navios-transporte de pessoal, quatro contratorpedeiros e dois cruzadores da MIJ avançavam ao encontro deles. Os integrantes da esquadra de Sid trataram de se fortalecer com ovos, toucinho e um bom café. Pouco depois, viram aviões dos dois esquadrões baseados no Aeródromo Henderson chegarem e partir. Antes do almoço, os membros do 1º. RIFN enterraram seus mortos ao som de “Rock of Ages”, “America” e sob o toque de silêncio de corneteiros. Depois do enterro, abriram outros buracos, dessa vez como abrigos de suas novas posições. Nesse ínterim, chegou a notícia de que a Marinha enviara alguns navios, submarinos e aviões para protegê-los. Às 16 horas, o tenente Benson ordenou que a guarnição do morteiro de 81 milímetros ficasse de prontidão. A GP-M4 recebeu cinquenta projéteis de EGP e vinte de explosivos leves. A Marinha Imperial Japonesa chegaria às 4 horas (doze horas depois) com muitos navios. Advertidos de que essa seria a grande batalha, a esquadra ficou na expectativa de passar outra noite insone. Ao redor, os colegas efetuavam disparos para testar as armas, calcular alcances e fazer calibragens. O Decano notou que até os descrentes da esquadra participaram da prece noturna. Finalmente pronta para a batalha, a guarnição de Sid “ficou à espera do inimigo. Portanto, cuidado com os fuzileiros, seu Japa!”.

* * *

A manhã nublada de 24 de agosto acabou dando lugar a um belo dia de céu claro. Às 6 horas, Micheel e outros 22 bombardeiros de mergulho partiram em busca dos navios da MIJ, espalhando-se em todas as direções pelo oceano, com exceção do sudeste, que seria coberto pelos PBYs da Efate e da Espírito Santo. Por ter que atravessar nuvens escuras, Mike precisou de mais de quatro horas para completar seu padrão de busca, durante as quais viu o extenso oceano, com ondas tão grandes que o ajudaram em sua navegação. Quando voltou a bordo, soube que tinham avistado um porta-aviões inimigo e submarinos da MIJ perto de sua força-tarefa. Yamamoto sabia, pois, a localização deles e, portanto, seus bombardeiros de mergulho estavam a caminho. Todos os Dauntless disponíveis foram preparados para outra operação de busca a norte e a leste da posição deles. Os dois porta-aviões seguiam para o sul, com um vento suficientemente forte sobre o convés de voo. Assim que decolaram, os 23 aviões viraram para o norte e se espalharam.

Mike levou quase cinco horas para completar a sinuosa busca. Além disso, não haviam determinado um local exato como Ponto de Reunião; simplesmente lhe disseram que contasse com a possibilidade de o *Enterprise* seguir direto para o norte, numa direção de 000 grau (norte verdadeiro), avançando cerca de 24 quilômetros para cada hora de voo.¹²² Acabou confirmando que acertara no rumo adotado, pois, de repente, viu o casco colossal do *Saratoga* despontando na linha do horizonte primeiro, avançando a cerca de 24

quilômetros de seu porta-aviões. Acercou-se das forças-tarefas a partir de uma rota de aproximação específica, de modo que pudesse se identificar como avião aliado. Todavia, explosões repentinas, acompanhadas de pequenas nuvens de fumaça negra, começaram a deflagrar nas proximidades, sacudindo sua aeronave. Os artilheiros dos canhões antiaéreos do Sara estavam efetuando disparos contra ele, que desviou de rumo bruscamente, enquanto verificava se o seu sistema de identificação amigo/inimigo estava ligado; o sinal transmitido por ele o identificava como piloto de aeronave aliada. Fez meia-volta, pois, e procurou corrigir a rota. Mas os artilheiros do Sara continuaram a atirar nele. “Assim, resolvi manobrar mais uma vez e me pus numa rota de aproximação que não esperavam que tomássemos. E aí ninguém atirou mais em mim!”

O excesso de zelo das baterias antiaéreas lhe pareceu mais compreensível quando entrou na rota de aterragem (recolhimento) do Big E. Foi quando os radioperadores informaram que o navio havia sido atacado, tanto que soltava tufos de fumaça. Na ocasião, mais de vinte aeronaves voavam em círculos em torno da nave, aguardando a vez de pousar. Mike entrou na fila e ficou esperando a tripulação reparar o convés de voo do Big E. Mais uma vez, seu combustível estava acabando, fato que o fazia sentir a incômoda preocupação que ele chamava de “tensão”. Contudo, o *Enterprise* voltou em tempo a ter condições de receber os aviões. Esgotado, após nove horas de tempo máximo de voo e completada sua quinquagésima aterrissagem em porta-aviões, Mike deixou a aeronave aos cuidados da tripulação de convés. No caminho de volta, viu uma grossa chapa de metal cobrindo, à guisa de remendo, uma grande parte do convés de voo. Resolveu ir até outro local, em que uma bomba atingira o navio, no costado de boreste. A bomba explodira bem ao lado de um canhão antiaéreo de cinco polegadas, deflagrando a munição da peça. Mike olhou para a “torre e viu que os colegas haviam sido torrados e que permaneceram no mesmo lugar, do jeito que estavam antes de morrer, como se fossem ovos fritos ou fatias de pão bem tostadas”.

Com o navio danificado e grande possibilidade de mais ataques, Mike sabia que não podia ficar muito tempo ali, para não atrapalhar. Os membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros aguardavam na sala de pronto. Dois marinheiros estavam sentados na frente da sala, cada um com um telefone de bordo ao ouvido. Um deles recebia relatórios do centro de operações aéreas. No outro telefone, o marinheiro falava com o centro de controle de avarias. Este último tinha muita informação sobre as condições do navio para transmitir. Assim que Mike chegou, o marinheiro informou a ele que o leme havia emperrado. “Estamos navegando em círculos.” Logo depois, ocorreu um grande tremor, sentido no navio inteiro. O *Enterprise* havia entrado em marcha à ré para evitar uma colisão com um dos navios-escolta.¹²³ Enquanto isso, num dos telefones o marinheiro gritava coisas como: “Ei, temos um incêndio no compartimento tal e tal!...” ou “Estão consertando o convés nesse ou naquele setor”. Mike não prestou atenção nos detalhes. Não tinha como ajudar nos reparos.

Todavia, interessou-se por notícias sobre as missões de outros pilotos. Davis e seu ala haviam se dirigido para o setor com mais possibilidade de se localizar o inimigo, entre 340 e 350 graus em relação ao norte verdadeiro. Acabaram achando o inimigo e planejaram um ataque perfeito ao seu navio-aeródromo: avançando sobre ele com o sol na retaguarda e contra o vento. De repente, porém, o navio virou tão bruscamente para boreste que havia completado uma guinada de 60 graus quando a bomba de 230 quilos de Davis explodiu, a

cerca de 1,5 metro da parte traseira de seu costado boreste. Quanto à do ala, explodiu a pouco mais de 4 metros do navio. Dois outros colegas haviam se lançado em mergulhos de ataque contra um grande cruzador. Por pouco, erraram também o alvo. Os quatro pilotos falaram em disparos de canhões antiaéreos, cujos projéteis pareciam “moedas de prata”, disparados em “canhoneios” e cuja explosão era um misto de vermelho e preto esbraseados.¹²⁴ Davis repassara as coordenadas ao Big E duas vezes, uma das quais nunca alcançou o destino, ao passo que a outra chegou tarde demais para ser útil.

A perda de suas transmissões deve ter sido considerada indigna de comentários ou, no máximo, fruto de má sorte, em meio ao dilúvio de histórias e informações sobre os acontecimentos desse dia. O guarda-marinha Behr, por exemplo, convidado especial, tinha uma história espantosa. Piloto do Sara, aterrissara no *Enterprise* por causa de um problema no convés do navio. Ele e seu artilheiro haviam localizado os porta-aviões da MIJ também e mergulharam para atacá-los. Como os Zeros os perseguiram durante a maior parte do caminho de volta, não teve como saber do sucesso ou não de seu ataque, mas a bomba do avião de outro colega atingira um deles em cheio. Por enquanto, ficaria subordinado ao 6º. Esquadrão. Seu avião, crivado de balas, voltara para a base inclinado sobre um dos bordos. Outros dois colegas do esquadrão de Mike contaram uma história ainda mais louca. Disseram que estavam voltando de uma operação de busca quando viram bombardeiros inimigos atacando o navio deles. Resolveram enfrentar o perigo e mandar bala nos japoneses. No fim das contas, os bombardeiros Aichi 99 acabaram se retirando sem sinais evidentes de avarias.

Mike não vira nenhum dos aviões inimigos. Preferiu também não mencionar que fora atacado pelos canhões antiaéreos do Sara, já que, aparentemente, os artilheiros haviam atirado em muitos outros pilotos também. Enquanto os pilotos conversavam, o marinheiro falando ao telefone com o centro de operações aéreas anunciou em voz alta que o radar constataria a aproximação de outro esquadrão de ataque japonês. Os Wildcats do *Saratoga* teriam que enfrentá-lo, pois o *Enterprise* não podia realizar operações aéreas, porque dois de seus elevadores estavam com defeito. Diante da notícia, podiam concluir que os navios de Yamamoto não haviam sido detidos. Era bem provável que estivessem rumando para o sul, preparando-se para atacar no dia seguinte.

Enquanto isso, conseguiram pelo menos endireitar o leme do Big E, sem contudo consertá-lo totalmente. Os incêndios prosseguiram. O navio continuava a avançar para o sul, porém num ritmo lento e constante, inclinado uns três graus sobre um dos bordos e ladeado pelo *Saratoga*, um grupo de contratorpedeiros, cruzadores e o navio de guerra *North Carolina*. Algum tempo depois, Mike começou a ouvir notícias sobre seu porta-aviões.

Cerca de trinta aviões haviam atacado o *Enterprise*, em mergulhos cada vez mais ousados e determinados, tal como faziam os Dauntless. Vinte bombas explodiram perto dele, levantando colunas de água, que se chocavam contra o costado e desabavam sobre o convés, fazendo-o inclinar-se bastante. Dois dos pilotos inimigos, cujos aviões se incendiaram ao serem atingidos pelos canhões antiaéreos, haviam tentado fazer suas aeronaves colidirem com o navio. Três deles tinham sido rechaçados e três bombas haviam explodido de encontro ao navio ou dentro dele. As equipes de controle de avarias, que endireitaram o leme e consertaram o

convés para que Mike pudesse aterrissar, tiveram pela frente outras várias horas de trabalho perigoso. Com trajes antichama de amianto, munidas com mangueiras e geradores de espuma contra incêndio, lutaram para extinguir incêndios em vários conveses, conter vazamentos e avaliar os danos causados a dois dos gigantescos elevadores de transporte de aviões. As equipes médicas tiveram que lidar com dezenas de mortos e outros tantos de feridos.

Médicos e equipes de reparos trabalharam a noite inteira. Sob condições precárias, o porta-aviões seguiu para o sul, onde se encontrou com o *Wasp* 24 horas depois, no dia 25. Claro ficara, portanto, que o Big E não apenas se veria obrigado a manter-se afastado da guerra por algum tempo, mas que seus esquadrões não poderiam ficar inoperantes também, mesmo porque os fuzileiros em Guadalcanal precisavam da ajuda de pilotos e aviões com urgência. Decidiram que alguns aviões deveriam permanecer no navio para protegê-lo e que Mike seria levado para Pearl Harbor, enquanto o restante seria encaminhado para combater com os fuzileiros.

Contudo, a execução dessas decisões teria que esperar. Após deixar a zona de combate, o Big E precisaria fazer uma parada e, em observância à antiga tradição da Marinha, deveria entregar seus mortos às profundezas do mar. Setenta e dois recrutas e seis oficiais da tripulação do navio foram mortos num conflito que eles começavam a chamar de Batalha das Ilhas Salomão Orientais. Às 9 horas do dia 26, a bandeira americana foi posta a meio pau e soou o chamado.¹²⁵ “Todos a postos para o sepultamento dos mortos!” O navio parou e a tripulação se reuniu no convés. Os membros do pelotão de honra tomaram suas posições. Quando o capelão chegou para a cerimônia, a Guarda de honra entrou em posição de sentido e bateu continência. Mike ficou observando os corpos, cada um deles envolto em lençóis amarrados a grandes pesos, serem lançados, com os pés voltados para a água, por um dos bordos do navio. Durante a bênção, a tripulação abaixou a cabeça. Um pelotão de sete soldados disparou três salvas de tiros, enquanto os corneteiros executavam toques de silêncio. Quando soou a última nota, o navio retomou o curso e a velocidade, conforme a tradição, e os tripulantes do *Enterprise* se despediram dos colegas mortos voltados para a larga e espumante esteira do navio. Seja feita a tua vontade, assim na Terra...

Raramente, a Marinha e o Exército Imperiais do Japão ficavam um dia inteiro sem combater, tanto que uma nova surpresa do Expresso de Tóquio⁹ chegava a intervalos de algumas horas: navios e submarinos bombardeando as forças americanas à noite, bombardeiros com ataques estrondosos durante o dia. Segundo os membros da esquadra de Sid, os aviões baseados em Henderson e a Marinha americana “estavam varrendo a Marinha japonesa” da região. Enquanto isso, os elementos da esquadra continuavam a roubar ovos ou farinha para fazer panquecas e dar, a cada um dos membros da equipe, duas conchas de arroz no rancho. Em 28 de agosto, o comando mandou distribuir cartões-postais entre os aeronautas para que enviassem notícias à família. Além disso, cada um dos membros do 2/1 recebeu uma das mochilas de campanha capturadas do EIJ. Os membros da GP-M4 escreveram “Lembrança do Cabo do Inferno” em suas novas mochilas. Dois dias

depois, correu o boato de que o imperador fizera o desembarque de nada menos que 150 mil soldados japoneses na ilha, embora outros homens houvessem repassado números menores. Para enfrentar tamanha força, o 1º. RIFN preparou-se para mobilizar dez batalhões, já que, então, os batalhões de assalto paraquedistas tinham sido transferidos de Tulagi para ali. “Desejamos muito”, disseram os fuzileiros navais, “que nada disso seja verdade, pois estamos todos muito cansados e queremos voltar para o velho e bom *States*”. Em sua prece noturna, o Decano acrescentou: “Que Deus faça chegar logo esse dia.”

Os membros dos esquadrões de morteiro eram frequentemente requisitados para participar de um destacamento de serviço em cabo Lunga, onde descarregavam um navio o mais rápido possível. A maior parte da carga era composta de munição, gasolina de avião e provisões, mas, em 1º. de setembro, chegou uma carga equivalente a seis caminhões cheios de correspondências. Pouco depois, bombas inimigas atingiram alguns depósitos de gasolina de avião e bombas aéreas, causando grandes incêndios. Muitas dessas bombas explodiram na área ocupada pelo 2/1 e arredores. Outro bombardeio, às 3 horas, deixou Sid apavorado, fazendo-o correr sem rumo, aos gritos, do lado de fora do alojamento. No dia seguinte, recebeu mais algumas correspondências, já que o chefe do correio militar conseguira organizar as coisas, e alguns jornais de casa. Enquanto isso, outras bombas caíam na área do Aeródromo Henderson. O tenente Benson fez uma inspeção dos fuzis à tarde e, como de costume, disse à GP-M4 que ficasse pronta para enfrentar um ataque intenso e generalizado quando anoitecesse.

Como ainda tinham horas pela frente até o esperado ataque, as guarnições de morteiro organizaram um concurso de piadas. Tudo começara com Durocher, um amigo do pelotão de Nova York, com as chacotas ocasionais que fazia. Ele segurava a baioneta, como se fosse um microfone, para imitar H. V. Kaltenborn, famoso apresentador de rádio de um programa de notícias diárias. “Temos boas notícias esta noite”, começava Durocher, arremedando com perfeição o jeito de falar de Kaltenborn na abertura do programa, apresentado por ele durante décadas. “Como nada parece bom o suficiente para nossos jovens no além-mar”, prosseguia ele, “decidimos que não enviaremos mais nada aos rapazes em Guadalcanal.” Geralmente, após a abertura vinham trechos de algumas canções ou a imitação de comerciais, mas o “programa” podia ser interrompido também pela reprodução de trechos de “conversas informais” do presidente Roosevelt. A voz famosa entre os americanos, com sua entonação característica, começava assim: “Caro cidadão. Eu detesto a guerra. Meu irmão James detesta a guerra. Meu cão Fala detesta a guerra. Minha esposa Eleanor detesta a guerra. Mas, por ter estado na guerra e em Eleanor também, aceito a guerra.” Em momentos como esse, Sid dava boas gargalhadas e esquecia boa parte das dores e do medo que enchiam seu coração de amargura.

No aperto do abrigo antiaéreo, Sid estourou sem querer um grande furúnculo no traseiro do Decano com um torrão de terra. Depois disso, a dor foi tanta que ele mal conseguia andar. “Sangue e pus” escorriam pela perna dele. O Decano jamais praguejava ou blasfemava, mas, tivesse condições então de mover-se mais rapidamente, teria estourado a cabeça de Sid. Já o Sub ficara tão enfraquecido pela diarreia e privação do sono que mal conseguia se manter de pé. Sid cuidava do amigo, levando comida para ele ou conduzindo-o até a trincheira individual para que ele fizesse suas necessidades, mas dizendo ao Sub “o trabalho que ele dava e

quanto todos desejavam que ele parasse de enrolar e de fingir que estava doente...”.

Uma vez que os navios começaram a chegar em pequenos grupos, os graduados ofereceram seus homens como “voluntários” de destacamentos de serviço para descarregar as chatas enviadas à praia. A Companhia How, entrincheirada perto da praia, forneceu muitos homens para o serviço. Como, porém, os membros da esquadra de Sid tinham objetos saqueados para trocar com os marinheiros, podiam conseguir bons produtos enquanto trabalhavam “como mulas”. Assim, ele conseguiu algumas xícaras de açúcar, uma chávena de creme, um pouco de manteiga, sal e bicarbonato de sódio. Com bastantes raspas de coco, que podia usar como tempero, ferveu um pouco de água e fez doce de caramelo na chuva. Mastigando a iguaria pegajosa e acomodados em suas “poças de lama”, conversaram sobre a possibilidade de voltarem logo para casa, pois tinham ouvido um dos tenentes falar, “de forma bastante convincente, sobre voltarem para casa, onde formariam a terceira brigada”.

À noite, o esquadrão atuou como sentinela. Sid e o Decano trocaram as pistolas por fuzis para montarem guarda. O tenente Benson ordenou que entrassem em formação, inspecionou-lhes as armas, a munição e os levou marchando até seus postos, perto do rio. Quando entraram nas trincheiras individuais, Benson ordenou: “Qualquer um que aparecer na superfície é inimigo, que pode e deve ser morto.” Mandou que fizessem suas necessidades na trincheira mesmo, nos capacetes, e informou que sua trincheira ficava atrás das deles. Quando os soldados inimigos chegaram, Benson advertiu: “Não voltem para a saia da mamãezinha, pois a única pessoa que acharão lá é o velho Benny, que está armado com um BAR no automático e poderá parti-los ao meio.” Adicionando uma pitada de seu tradicional sarcasmo à receita de orientação e encorajamento, Benny advertiu que jamais “atirassem... sem necessidade, quando não houvesse nenhum inimigo para acertar, pois isso só serviria para revelar aos japas” a posição deles. Feito isso, retirou-se. O ambiente ficou bem mais tranquilo. No entanto, sempre havia algum tipo de ruído na selva, que para eles era irritante. Mas, de repente, tal como logo constataram, o inimigo começou a gritar: “Fuzileiro, você morre!” Depois de uma pausa, ele repetiu: “Fuzileiro, você morre!” O inimigo queria ver as línguas de fogo dos fuzis americanos, para que soubesse onde atacar. O problema era que ele tinha dificuldade de pronunciar a letra “r”. Portanto, geralmente os fuzileiros ouviam: “Fuzilelo! Muito mole!”

Eles só ficavam de guarda a cada dois dias, embora a sirene de alerta de ataque aéreo soasse duas vezes por dia. Os 26 bombardeiros que chegaram às 11 horas do dia 10 de setembro despejaram suas cargas explosivas sobre as posições do 2/1, envolvendo-as num trovão infernal de detonações. Em situações como essa, Sid ficava enfurnado em seu buraco de terra lamacenta, fitando o Decano de olhos arregalados, onde via amizade e fé em Deus. Sentia que podia mesmo confiar em John Tatum. Quando souo o sinal de que o perigo havia passado, saíram das trincheiras e viram que suas barracas, mochilas e armas haviam sido rasgadas e perfuradas por estilhaços. Algumas ficaram imprestáveis. Viram também que grandes árvores tinham sido derrubadas. Souberam que a Companhia How sofrera onze baixas, três delas membros do pelotão de morteiros de 81 milímetros. Os amigos feridos de Sid foram levados para o aeródromo e, de lá, evacuados por um bombardeiro quadrimotor horas depois. “Estamos todos”, o Decano Tatum escreveu em seu diário, “uma pilha de nervos”.

Em 27 de agosto, onze Dauntless do 6º. Esquadrão de Bombardeiros e suas tripulações receberam ordens para se apresentar ao chefe da aviação aeronaval, na ilha de Efate, para “outras atribuições, conforme orientação da autoridade competente”. Em outras palavras, foram encaminhados para uma base aérea avançada, onde reinava grande confusão. Lá, eles e seus aviões seriam usados conforme fosse necessário. Enquanto seu artilheiro, Halterman, comprimia dois sacos de areia na traseira do avião, Mike inspecionava sua .45, que levava num coldre preso ao ombro. A arma estava limpa, carregada e nunca fora usada. Quando o *Enterprise* virou-se contra o vento, o 6º. Esquadrão partiu para a mesma ilhota das Novas Hébridas que havia sido o objetivo do porta-aviões meses atrás, na primeira cruzada guerreira de Mike.

Em maio, o Big E planejara deixar um esquadrão de pilotos-fuzileiros em Efate para proteger a rota de suprimentos americanos rumo à Austrália, criando uma cadeia de bases militares fora do alcance dos japoneses. Como elo dessa cadeia, Efate dava mostras patentes de crescimento diário desde então, com a criação de instalações portuárias, depósitos de suprimentos, centros de recuperação, de restauração e de alojamentos de tropa temporários. Mike teve uma rápida visão do porto e da base quando seu esquadrão sobrevoou em círculos o aeródromo antes de aterrissar na pista lamacenta.

O tenente Ray Davis e seu esquadrão se apresentaram ao major Harold W. Bauer, que servira no estado-maior do almirante John McCain, o comandante da Força Aérea americana do Pacífico Sul. O major Bauer ficaria contente com a chegada deles. A missão do Comando do Pacífico Sul (COMPASUL) de MacCain e da brigada aérea que Bauer comandava se transformara: de serviço de proteção de uma cadeia de suprimento em operação de apoio a ferozes combates pelo controle de Guadalcanal.¹²⁶ Sua brigada aérea e sua unidade de serviço compunham-se de pouco menos de mil homens. Mas a demanda por mais combatentes aumentava a cada dia. A Marinha tinha enviado a Bauer um grupo de guardas-marinha recém-egressos de uma escola de pilotagem em Pensacola. Esses homens precisavam de tempo para treinar. Os veteranos do 6º. Esquadrão de Bombardeiros seguiriam para Guadalcanal antes dos novatos, quando necessário. Davis, Pittman, Micheel e outros acharam camas vazias nos alojamentos perto do aeródromo e ficaram lá esperando.

Como oficiais, não eram obrigados a encher o barril de cerca de 200 litros usado como chuveiro, embora Mike aprendera que não era bom tomar banho de manhã, sempre muito fria nesse horário. A comida era servida em pratos de lata no salão do rancho, a lama do aeródromo era um tormento para os aviões de navios-aeródromos e os pilotos não tinham muita coisa para fazer. “Como estávamos poupando os aviões para emprego em Guadalcanal, não voamos muito.” Depois do ritmo de vida acelerado no Big E, para eles Efate parecia uma tranquila cidade da roça. Os fuzileiros navais que trabalhavam como guardas na base, porém, disseram aos pilotos que não se afastassem dali, pois os “aborígenes das montanhas... eram canibais”. Uma vez que servira na artilharia de campanha durante o curso universitário financiado pelo CIORM, Mike gostava de brincar dizendo que entrara para a Marinha justamente para evitar esse tipo de vida. O tenente Davis passou os dias preparando um extenso relatório sobre a então recente batalha de porta-aviões e organizando uma lista de recomendações.

Duas semanas depois, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros recebeu ordem de se transferir para a ilha Espírito

Santo e apresentar-se ao comandante das aeronaves de Guerra do Pacífico Sul. Buttons, o codinome dos aeródromos da Espírito Santo, era uma base muito maior e mais movimentada do que a de Efate. Alguns esquadrões eram formados por grandes aviões de patrulha multimotorizados, geralmente o PBY da Marinha, para fornecer serviço de inteligência fundamental sobre as ações do inimigo no Pacífico Sul, como um todo, e nas ilhas Salomão, de forma especial. Mike aterrissou em Buttons em 14 de setembro, sua última parada a caminho de Cactus, o codinome do aeródromo em Guadalcanal. Entre os enormes quadrimotores estacionados nas pistas de taxiamento, havia trinta aviões de navio-aeródromo oriundos do *Saratoga*, torpedeado uma semana depois que o Big E fora atingido.

Em 14 de setembro, Basilone e os elementos da d/1/7 se encontravam no convés do USS *President Adams*, ancorado no porto de Espírito Santo, observando o comboio deles partir.¹²⁷ Os navios que transportavam o 7º. RIFN já haviam tentado reuni-los ao restante da 1ª. DIFN, mas tinham sido rechaçados várias vezes por navios, aviões ou submarinos inimigos. Mas essas retiradas quase não afetaram o moral de seus operadores de metralhadora, notara o sargento John Basilone, por causa da visão que tinham do convés. John Manila e seus amigos “observavam admirados a imponente cena que se estendia diante de seus olhos. No horizonte, até onde a vista alcançava, havia navios, cargueiros, navios-transporte de pessoal, cruzadores pesados, modernos contratorpedeiros e robustos navios-aeródromos...”. Um de seus artilheiros exclamara pouco antes: “Meu Deus, poderíamos ir direto para a baía de Tóquio!”, mas, após dias a bordo do *President Adams*, estavam dispostos a se contentar em apenas participar do grande espetáculo.¹²⁸

Fazia então algum tempo que John Manila, seu amigo J. P. e o restante do regimento ouviam falar do grande combate de sua divisão. Poucos deles se conformavam com a ironia de haverem seguido para Samoa meses atrás, na expectativa de serem os primeiros a combater, quando, no fim das contas, foram empregados apenas em tarefas de proteção de aeródromos e submetidos a longas marchas de condicionamento físico, enquanto o 1º. e o 5º. eram as unidades que, de fato, enfrentavam os japas. As notícias dando conta de que navios do império levavam mais e mais soldados todos os dias para Guadalcanal, numa operação que os rapazes chamavam de “Expresso de Tóquio”, não fazia sentido para John. “Não conseguíamos entender por que nossa Marinha estava em outro lugar. Por que não conseguia deter os navios-transporte de pessoal dos japas?”¹²⁹ No dia seguinte, avistaram uma enorme coluna de fumaça no horizonte. Somente horas depois, souberam que um submarino da MIJ metera quatro torpedos no casco de seu navio-escolta, o porta-aviões *Wasp*. Isso significava que o comboio deles faria meia-volta outra vez? Nenhum dos marinheiros se deu o trabalho de responder.¹³⁰

Pouquíssimos membros do esquadrão de Sid acordaram em 14 de setembro, já que fazia duas noites que não conseguiam dormir. No dia 12, “um avião antigo e rangente” se aproximara e lançara duas bombas de iluminação sobre o Aeródromo Henderson. Todos sabiam o que isso significava. Quando o bombardeio

começou, os membros da esquadra de morteiro “correram trêmulos e nervosos para as trincheiras”. Os navios, além de bombardearem apenas cabo Lunga e o aeródromo, começaram a procurar, com um poderoso holofote, as posições da artilharia pesada dos fuzileiros navais. Por volta da primeira hora do dia, os projéteis do navio inimigo começaram a cair sobre eles, e o pelotão de morteiros teve que se retirar, embaixo de um manto escuro tingido por ameaçadoras explosões vermelhentas, para suas antigas posições, mais à retaguarda.

O amanhecer trouxe consigo uma breve calma, antes que os primeiros caças japoneses aparecessem e fizessem um ataque atrás do outro, lançando-se sobre o aeródromo em voos rasantes e crivando-o de metralhadas. O Sid e o Decano ficaram numa trincheira individual, com as balas inimigas rasgando o solo em volta, temerosos de serem atingidos a qualquer momento. A noite do dia 13 trovejou com a violência devastadora dos grandes canhões e das explosões de seus projéteis, que faziam tremer o chão sob os pés de Sid. Essas deflagrações estrondosas não vinham, porém, do litoral, mas dos canhões de 75, 90 e 105 milímetros da 1ª. DIFN. Quando, à 1 hora, a esquadra de Sid guarneceu seus morteiros, os fogos foram concentrados em um só lugar. Segundo uma expressão usada por todos (exceto pelo Decano), as coisas tinham ficado pretas na parte sul do aeródromo, ou melhor, vermelhas, pois o inferno de fogos e explosões engolfou o extenso cume do morro que havia nas proximidades. O morro, cujo escalvado cimo se elevava acima da floresta, estendia-se a algumas centenas de metros de Henderson e corria bem para o interior da região sul. A GP-M4 se manteve nas proximidades, aguardando ordens. “Mais uma vez, estamos combatendo a vida, a morte e os japoneses.” A batalha continuou no dia seguinte e a esquadra soube que os japoneses estavam rompendo suas defesas em três lugares, mas principalmente ao longo das Colinas Sangrentas, onde se depararam com os batalhões de tropas de assalto paraquedistas. O Decano deu uma olhada no mapa capturado de um oficial japonês, que tinha a posição do pelotão dele assinalada em vermelho.

O bombardeio ininterrupto deu lugar às intermitentes “operações de limpeza”, após outras 24 horas de alerta máximo. Foi quando a esquadra de morteiros teve boas notícias. Tinham recebido ordens em envelopes selados, que deveriam ser abertos apenas em 18 de setembro. O 7º. RIFN estava para chegar a qualquer momento. Com certeza, na visão deles, isso queria dizer que iam voltar para casa. A cada novo dia, os boatos aumentavam, enquanto os fuzileiros esperavam a abertura dos envelopes selados. Chegou então a notícia de que Roosevelt fizera um discurso prometendo “às mães deles que estariam em casa pouco antes do Natal” e a chegada, em breve, de quarenta mil “homens do Doug Toupeira”. Uma grande batalha naval fora travada nas proximidades, na qual diziam que o navio de guerra USS *North Carolina* afundara vinte navios inimigos. Os homens da esquadra de Sid passaram as duas noites seguintes sentados em volta de suas trincheiras individuais cantando músicas folclóricas e hinos sagrados. Foi a primeira vez, após nove dias, que o Decano tirou as botas.

O 7º. RIFN chegou ao litoral de Guadalcanal na manhã de 18 de setembro, numa sexta-feira. O sol nasceu num céu límpido e azul. Do navio, a ilha parecia Samoa: o cume de uma grande colina se estendia de um ponto a outro, embora bem distante das palmeiras perto da praia. Não tivesse sido por um contratorpedeiro, situado à direita deles, distante uns 1.500 metros do litoral e lançando bombardeios contra uma área da costa, o

embarque nos BDVPs e a viagem até a praia os teriam feito ter certeza de que estavam apenas participando de um ensaio.¹³¹

Desceram pela rampa de desembarque e, mais adiante, foram recebidos pelos fuzileiros de cabo Lunga com caçoadas e brincadeiras amistosas, como: “Ora, porra, onde é que vocês estavam?!” e “Vocês deviam ter chegado antes! Agora, não temos mais combates.”¹³² John Manila e seus homens deixaram as mochilas sobre uma pilha de mochilas dos outros quatro mil membros do 7º. RIFN. Diziam que o inimigo podia aparecer a qualquer momento e que os únicos suprimentos com os quais os fuzileiros navais podiam contar eram os que tinham levado consigo. Dali a pouco, os oficiais começaram a dar ordens aos graduados. John, J. P. e outros graduados, tal como eles, as repassaram aos gritos aos praças. Houve certa confusão,¹³³ pois os fuzileiros não haviam sido treinados para descarregar navios e a maioria dos comandantes da companhia de fuzileiros tinha apenas noções básicas de logística. Em todo caso, os recrutas começaram a pegar caixas nas pequenas chatas paradas próximo à margem e as levaram para a praia. Praguejando sem parar, foram empilhando o material onde lhes parecia conveniente.

Como previsto, um avião acabou aparecendo algum tempo depois, provocando certo alvoroço. Os artilheiros dos canhões antiaéreos começaram a atirar. Chegaram a achar que tinham conseguido atingi-lo, pois, de repente, o avião mergulhou velozmente em direção à praia. Já os fuzileiros começaram “a correr para as árvores, uma vez que tinham certeza de que seriam atacados em voo com tiros de metralhadoras rasantes”.¹³⁴ Mas, detido pela cortina de fogos dos antiaéreos, ele se desviou e acabou aterrissando na água. Nisso, um barco partiu para o local da queda, a fim de verificar a situação, e os fuzileiros voltaram a ocupar-se com o trabalho pesado e monótono, de idas e vindas entre a areia e a arrebentação. Mais tarde, ficaram sabendo que o avião era “um dos nossos”, que o artilheiro tinha morrido e que o piloto estava louco de raiva.

O descarregamento dos navios ainda não terminara quando os oficiais do comando se deram conta de que precisavam transferir a prioridade do descarregamento para a indispensável remoção das pilhas de suprimentos da praia e guardá-los organizadamente em depósitos cobertos e espalhados por terra firme. Esse trabalho também teve que ser interrompido ao anoitecer. Após um longo dia de trabalho penoso, os 1.100 homens do 1/7 e as unidades anexas a ele bivaquearam junto a alguns coqueiros em cabo Lunga, perto do povoado de Kukum. Os oficiais subalternos, apesar de terem sido advertidos sobre a situação perigosa do local, não obrigaram os homens a abrirem trincheiras individuais. Horas após o pôr do sol, um navio inimigo entrou no canal e bombardeou a área em torno do aeródromo, inclusive em cabo Lunga, durante duas ou três horas.¹³⁵

Ao longo do primeiro bombardeio, podiam-se ouvir as orações dos elementos do 1/7. As preces “começavam em polonês, italiano ou alemão e depois eles voltavam a orar em inglês”, observou um brincalhão; “acho que queriam ter certeza de que o velho e bom Deus os entenderia”, rogando assim, em mais de uma língua.¹³⁶ De manhã, os elementos da Companhia Dog viram cortes profundos nas árvores, feitos por estilhaços maiores do que a mão humana. Dois membros do 1/7 tinham sido mortos e dois haviam ficado

feridos.¹³⁷ Consta que um dos feridos, ao ser atingido, começou a gritar: “Socorro! Socorro! Socorro!” Ainda com as bombas caindo, o tenente-coronel Puller se aproximou dele e aconselhou: “Filho, tente ficar calmo. Os outros soldados estão enfrentando o mesmo problema... Vou chamar um socorrista para cuidar de você.” O fim da história de Puller, o Peitudo, acossado pelo bombardeio inimigo, tinha um detalhe surpreendente: “O pobre soldado tivera o pé arrancado por uma explosão.”¹³⁸

Eles estavam acostumados com o calor tropical mas, com a destruição provocada pelas bombas inimigas, não. Os novatos viram que os membros do 1º. RIFN e do 5º. RIFN estavam sujos, barbados e, no entanto, nem um pouco impressionados com os acontecimentos da noite anterior.

Por volta do meio-dia, os integrantes do 7º. RIFN receberam ordens para interromper o desembarque. O 2/7 e o 3/7 pegaram o equipamento e rumaram para um ponto ao sul, além do aeródromo, onde guarneceriam um setor de sua área de defesa perimetral. O 1/7 seria empregado em missão de patrulha.¹³⁹ À tarde, Puller, o Peitudo, os conduziu para o oeste, até a Ponte dos Pioneiros, sobre o Lunga. De repente, do outro lado do rio, ouviram deflagrar uma escaramuça na densa floresta, em que houve troca de tiros com um número ignorado de inimigos. Um dos fuzileiros tombou. O Peitudo, posicionado na linha de combate, ordenou que seus homens avançassem. Contudo, a resistência cessou e o 1/7 avançou um pouco mais pela cerrada vegetação antes de se entrincheirar para passar a noite no local. Imersos na selva densa, foram acordados algumas vezes pelas sentinelas, que, nas palavras de John Manila, “ficaram um tanto ‘alegres’” e atiraram em galhos e arbustos. De manhã, o 1/7 voltou para a zona perimetral do aeródromo. Tiveram outra escaramuça com os japoneses, na qual dois fuzileiros foram feridos, antes de o batalhão retornar para o bivaque perto do aeródromo.

John Manila e seus amigos foram tirados do bivaque pelos estampidos de armas de fogo à noite. Soldados do EIJ estavam atacando o 2/7 e o 3/7, e o comandante do regimento ordenou que o 1/7 fosse reforçá-los. Em seu sorrateiro avanço pela escuridão, os homens do 1/7 ouviram muitos tiros, mas acabaram descobrindo que fuzileiros, movidos pelo gosto de atirar por diversão, estavam efetuando disparos inofensivos uns contra os outros.¹⁴⁰ Indignados, oficiais e graduados dispararam rajadas de palavrões e repreensões contra seus homens, exigindo disciplina no emprego das armas. Como reforço da advertência, chegou um comunicado informando que o próprio general Vandegrift ordenara que procurassem contar apenas com a baioneta à noite e enviou para lá um especialista local, o australiano Martin Clemens, para orientar os graduados sobre os costumes e sons e ruídos da floresta.

O 7º. RIFN, segundo estimativa da GP-M4, não passa de “um bando de medrosos. Muito medrosos mesmo”. Isso não foi nem elogio nem piada.

A taxa de mortes diárias em Cabanatuan, que diminuía em agosto, caiu de novo em setembro para cerca de quatorze homens por dia. Os mais fracos tinham morrido de desnutrição, diarreia ou malária. Os mais fortes haviam sido socorridos pela Cruz Vermelha, que recebera permissão para enviar quinino, no combate à

malária. Meses de fome, porém, haviam enfraquecido os prisioneiros. Com a mente sempre preocupada com a obtenção de alimentos, bloqueavam as recordações do lar e perderam o apetite sexual. A fome lançava os prisioneiros numa competição entre si. Alguns deles chegavam a adular os guardas para conseguir comida em troca de informações. Havia médicos que vendiam medicamentos no mercado negro aos que pudessem pagar. Toda vez que um prisioneiro ficava doente demais para comer, os outros não deixavam que sua porção fosse desperdiçada.

Mais ou menos em setembro, os guardas do campo haviam solucionado o problema dos sepultamentos. Passaram a permitir que capelães oficiassem, que túmulos fossem demarcados e que a cada prisioneiro fosse dado um sabonete, embora o fornecimento de água continuasse muito escasso. Começaram a permitir também que, de vez em quando, os prisioneiros comprassem comida e medicamentos dos guardas da prisão, mas exigiam pagamento adiantado e em dinheiro. Conseguir comprar até pequenas quantidades adicionais de comida era uma questão de vida ou morte.

Austin Shofner conseguira levar dinheiro para o campo. Antes de deixar Corregidor, enrolara um maço de notas de 20 dólares filipinos num rolo de papel higiênico, pois “achou que precisaria deles algum dia”. Os guardas vendiam uma lata de comida em conserva por um peso, mas, como nem sempre tinham algo para vender, prisioneiros integrantes de destacamentos de serviço contrabandeavam para o campo latas de comida em conserva, algumas delas vendidas também no mercado negro, geralmente a um preço que variava entre 10 e 20 pesos a unidade. Numa semana boa, Shofner conseguia comprar duas dessas latas, geralmente de salmão ou sardinha.

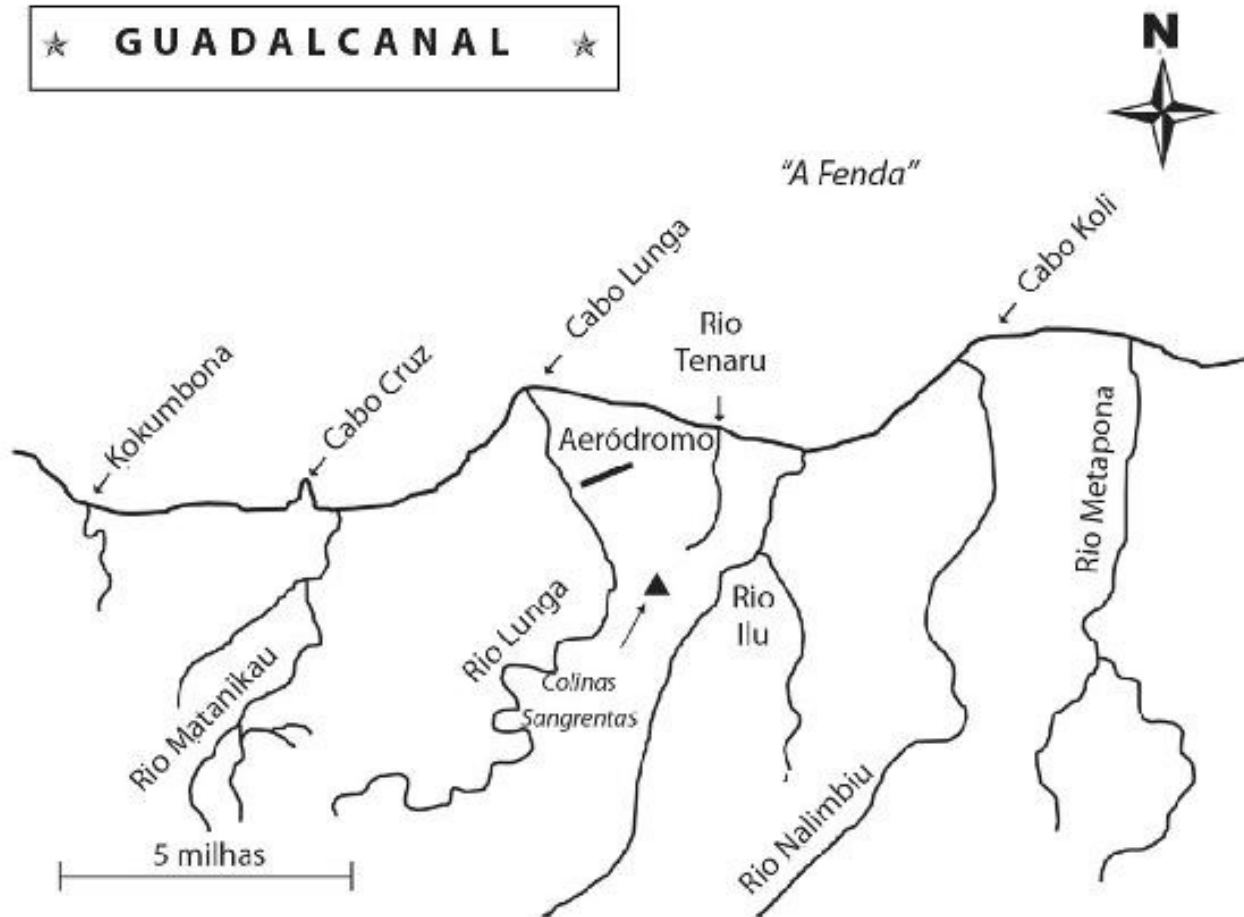
O oficial, porém, dividia toda comida de sobra que conseguisse. Empréstava dinheiro para a compra de comida e medicamentos num mundo em que o conceito de empréstimo não fazia sentido. Os agradecidos companheiros do Campo de Prisioneiros de Guerra Número Um de Cabanatuan não consideravam caridade esses empréstimos ou a comida cedida por ele. Achavam que isso era heroísmo, pois ele estava arriscando a própria vida para salvar as dos outros.¹⁴¹

Obviamente, ele não podia salvar muitas vidas com apenas duas latas de alimento em conserva por semana. A privação generalizada era uma tortura para seus corpos. A sobrevivência exigia atenção constante. Todavia, as exigências físicas e mentais da situação só podiam ser suportadas enquanto o sujeito tivesse esperança, que precisava buscar fora do complexo prisional. No entanto, a perspectiva de serem resgatados diminuía a cada novo mês de cativeiro. Se os Estados Unidos eram mais poderosos do que o Japão, por que haviam mentido em Bataan, dizendo que reforços estavam a caminho? Como era possível que fossem abandonados por seu próprio país? Essa angústia se renovava a cada dia, enquanto tentavam manter as moscas longe da comida e conservar as próprias forças. Embora, a essa altura, todos os prisioneiros de guerra soubessem quanto era fundamental manter a esperança se quisessem sobreviver, isso por si só não bastava para evitar que acabassem sucumbindo. Quando um dos amigos de Shofner lhe dizia: “A morte não é tão ruim assim”, ele sabia que o sujeito estava próximo do fim.

Como todo prisioneiro, Austin Shofner teve que se preparar para o desafio mental e as dificuldades

fisiológicas que a situação lhe imporia. Com muito tempo livre à disposição, foi o que ele fez. Pensava no pai, que jogara futebol americano pela Universidade do Tennessee, tal como ele. Pensava também em seu treinador na UT, Robert Neyland, que tivera tanta influência sobre Shofner quanto seu próprio pai. O treinador Neyland ensinara o time a vencer. “Você tem que procurar brechas e disparar a toda velocidade”, dizia sempre Neyland. “E, quando achar uma brecha, avance e marque!” Neyland fizera de Shofner um jovem robusto e psicologicamente forte, mas lhe ensinara também a avaliar suas chances, a saber quando uma pequena artimanha podia fazer a balança pender a seu favor. Austin descobrira que tinha o tino do apostador profissional, tanto que ganhara o apelido de “Engenhoso”. Essas recordações o faziam lembrar-se também da energia e da força que lhe enchia o mundo íntimo toda vez que se sentia disposto a arriscar e apostar tudo. Após mais de cinco meses na condição de prisioneiro, Shofner passou a encarar a guerra como um jogo de futebol. Ele estava no primeiro tempo. O adversário conseguira mais pontos no placar. Mas o Engenhoso estava começando a reagir.

Pouco antes de completar dois meses na ilha, a Companhia How e o restante do 2/1 saíram de suas posições perto do Cabo do Inferno, na desembocadura do rio Tenaru. Logicamente, como a ordem de transferência chegou logo depois de Sid e o Decano haverem construído para si uma bela cabana nova, ficaram irritados quando souberam que teriam que assumir as posições do 3/1, situadas ao sul do aeródromo, pois os membros dessa unidade estavam em más condições físicas. “Estão ficando loucos?!”, protestou o Decano. “O que eles acham que somos?!”



Martin K.A. Morgan

A GP-M4 se esforçara demais e por muito tempo em suas garimpagens e saques para, de repente, ter que deixar tudo para trás. Pedacos de madeira para construir uma cabana, roupas de cama, obtidas com permissão, nos estoques do inimigo nos primeiros dias — levaram tudo consigo. “Pareciam um bando de ciganos fazendo mudança.” A nova posição deles os punha em estreita ligação estratégica com um trecho do Tenaru situado mais a montante, embora corresse agora à esquerda deles, já que estavam voltados para o sul.¹⁰ A densa floresta abria-se para um grande descampado no centro do trecho da linha de frente ocupado pelo 2/1; para além do campo, à direita, uma mata cerrada os separava das Colinas Sangrentas, onde os batalhões de comandos e paraquedistas haviam travado a grande batalha uma semana antes.

As condições da nova posição deixaram irritados os membros do esquadrão de Sid, pois seus antigos ocupantes não haviam aberto trincheiras nem criado plataformas de armas pesadas. “Dá para ver claramente que o pessoal do 3º. é um bando de incompetentes.” Enquanto isso, outro deles se instalava no “palácio” deixado pelos integrantes do 2/1 no Cabo do Inferno. Felizmente, Benson já lhes havia dito que muito em breve se mudariam para uma nova posição. Sid e o Decano prepararam um pouco de “Naisha Kaika” (mingau de arroz japonês) e ficaram muito contentes em saber que, embora pudessem ouvir o bombardeio contra o aeródromo, as bombas já não explodiam perto deles. Além do mais, comparativamente falando, os atiradores de elite japoneses espalhados pela floresta ao redor pareciam bem menos hostis. Com isso, os membros da GP-M4 tiveram uma boa noite de sono.

Na manhã de 24 de setembro, as três companhias de fuzileiros do 1/7 pegaram apenas o equipamento indispensável e marcharam para o oeste, incumbidas de realizar mais uma missão de patrulha para além do Lunga. Nesse ínterim, corria pela divisão a notícia de que o tenente-coronel Puller preferia, nas palavras do capitão da companhia Charlie, “lutar a comer”.¹⁴² A maior parte da Companhia Dog, inclusive a seção de metralhadoras do John Manila, manteve-se na retaguarda. A essa altura, Basilone achara um pedaço de papel pardo, que usou para enviar uma carta aos pais. “Cheguei a Guadalcanal em segurança” foi, porém, a única coisa que escreveu.¹⁴³ Quanto à situação de seus amigos na missão de patrulha, o primeiro relatório chegou quando, um dia depois, as companhias Able e Baker retornaram com alguns feridos. O documento apresentava mais ou menos as mesmas informações do relatório da primeira patrulha: uma série de tiroteios curtos e intensos, resultando na perda de alguns homens por parte do inimigo e nenhuma solução clara no embate de forças. Logo depois, a Able e a Baker partiram outra vez. Um dia depois, a Companhia Charlie voltou e chegaram também ao acampamento, no meio da noite, aos tropeços e desbaratadas, a Able e a Baker. Richard, o amigo do Manila, que participara da missão com a Companhia Able, disse a ele que a retirada dos componentes da patrulha se transformara “numa debandada desesperada!”.¹⁴⁴

De manhã, nenhum dos participantes da patrulha se mostrou muito disposto a repassar detalhes da ocorrência. Os oficiais do batalhão de comando estavam irritados. Constava que o pessoal do QG do regimento estava muito irritado também. O fato é que a missão de patrulha do 1/7 se transformara numa complicada ofensiva, antes de descambar para verdadeira e atropelada confusão. As companhias Able e Baker acabaram parando numa colina situada além da margem oposta do rio Matanikau, onde perderam contato com as linhas de defesa dos fuzileiros navais e ficaram cercadas por forças inimigas. Nenhum de seus membros tinha levado rádio. Com o inimigo apertando o cerco, tiveram a ideia de tirar a camisa e formar com elas a palavra S-O-C-O-R-R-O no chão. Um piloto americano que sobrevoou o local viu o sinal por acaso e comunicou o fato pelo rádio. Ao receber o comunicado, o Peitudo embarcou num contratorpedeiro e se dirigiu às pressas para o local. Com seu canhão de bordo de cinco polegadas, o contratorpedeiro *Monssen* abriu caminho do Álamo até o mar, por onde os rapazes correram como loucos para salvar a própria pele, acompanhando a trilha aberta pelas explosões.

Com o inimigo esforçando-se bastante para impedir a fuga dos fuzileiros, o grande amigo de John, o sargento de pelotão Anthony P. Malanowski Jr., da Able, pegou um BAR e lhes deu cobertura durante a retirada. Os fuzileiros conseguiram alcançar a praia sob intenso fogo inimigo. Puller providenciara para que alguns BDVPs aguardassem, guarnecidos por membros da guarda costeira e timoneiros da Marinha, bastante corajosos, por sinal, para servirem de alvos, embora involuntariamente, enquanto esperavam que embarcassem. Foi por pouco que os barcos conseguiram sair dali sem que fossem destruídos, mas três timoneiros ficaram feridos. Não admira, pois, que os integrantes dos pelotões de fuzileiros do 1/7 tenham retornado muito irritados. Após dez dias em Guadalcanal, o batalhão sofreu dez por cento de baixas, entre elas nove oficiais.¹⁴⁵ Ninguém conseguia sequer pensar no que os japoneses deviam estar fazendo naquele momento aos fuzileiros

que não tinham conseguido chegar aos barcos — homens como Tony Malanowski, que agira de forma que os colegas tivessem tempo para fugir. Assim, pararam definitivamente de falar sobre a missão. O batalhão atravessou a área do aeródromo, em direção ao sul, e seguiu para a floresta que havia além.

Isolados numa mata cerrada ao sul do aeródromo, a esquadra de Sid recebeu um pequeno relatório: “1º. Batalhão, 7º., cercado em emboscada. 2º. Batalhão enviado para ajudar.” Os operadores de morteiro ouviram dizer também que todos os navios da Marinha Imperial Japonesa estavam avançando na direção deles — até aí nada de novo. Haviam conseguido engordar as magras colheradas de arroz servidas no batalhão com bifés e ervilhas, preparados pelo Decano. Lester, um dos operadores de morteiro que estava atuando como sentinela, ouviu uma coluna marchando pela trilha na direção deles e, conforme lhe haviam ordenado, Les avançou alguns passos e exigiu que se identificassem. Ouviu alguém responder com uma voz áspera:

— Sou o tenente-coronel Puller, comandante do 1º. Batalhão, 7º. RIFN; a melhor unidade do CFN dos Estados Unidos!¹⁴⁶

— A senha, amigo! — gaguejou Lester enquanto Puller, o Peitudo, passava por ele a passos firmes, com uma piscadela quase imperceptível para o jovem fuzileiro de guarda. Os fuzileiros que vieram marchando atrás da “lenda viva”, nas palavras de Les, apenas sorriram ao passar por ele.

O Engenhoso mantinha-se o mais limpo possível. Comprava comida no mercado conforme suas possibilidades do momento, mas ingeria os vermes que vinham no arroz. Comia gramíneas, folhas e qualquer coisa que lhe enchesse o estômago. Contava piadas, jogava softball, caçoava dos amigos e ficava de olho em outros que, como ele, estavam jogando para vencer. O Engenhoso sabia que precisava de uma equipe de homens em que pudesse confiar — para sua própria sobrevivência, quando não para fugir mesmo. Dois desses prováveis companheiros da pretendida empreitada de fuga, Mike Dobervich e Jack Hawkins, dormiam no alojamento dele. Eram ambos fuzileiros navais, fato de grande importância. Os três tinham ouvido falar que mil prisioneiros seriam enviados para outro campo. Discutiram entre si, portanto, a ideia de se apresentarem como voluntários para serem transferidos também. No passado, os prisioneiros faziam tudo para evitar serem incluídos nessas transferências, pois ouviram dizer que alguns colegas tinham sido levados para o Japão. No entanto, concordavam que não podia haver lugar pior do que Cabanatuan. Ficar ali era sinônimo de morte.

Na manhã de 26 de setembro, os prisioneiros souberam que os guardas haviam frustrado uma tentativa de fuga de três oficiais. As circunstâncias da fuga pareciam um tanto estranhas. Não houve julgamento. Bem do lado de fora do portão, à vista de todos, os guardas amarraram os três fugitivos pelos pulsos, com os braços para trás. Uma corda presa ao posto de vigilância logo acima deles foi amarrada aos pulsos e, com ela, suspenderam cada um deles, de modo que somente a ponta dos dedos dos pés tocassem o solo. Sob a supervisão do oficial japonês, os guardas golpearam seus rostos até ficarem irreconhecíveis. Esses homens continuaram pendurados ali durante dois dias, sangrando, com os ombros desconjuntados pelo próprio peso. Não lhes deram nem comida nem água. Membros da equipe médica do EIJ os reanimavam para que fossem surrados outra vez. Não bastasse isso, todo filipino que passasse perto deles pela estrada recebia ordens para golpeá-los. Se o filipino não golpeasse os fugitivos com violência, os japoneses agrediam o filipino.

“Jamais havia imaginado”, escreveu Shofner em seu diário, “que o corpo humano pudesse suportar uma punição como essa, nem que o homem fosse capaz de aguentar tanta dor.” No fim do segundo dia, os guardas cortaram a corda e os obrigaram a caminhar até os arbustos. Um deles, com a perna quebrada, não conseguia andar, mesmo quando o agrediam com a baioneta. Eles o arrastaram, talvez por uns cinquenta metros, até chegarem a três covas rasas. Dois deles foram fuzilados, e o terceiro, decapitado. Todos os prisioneiros do mesmo abrigo dos fugitivos, onde ficava também o Engenhoso, foram imediatamente confinados nos alojamentos e proibidos de sair de lá, exceto quando precisassem pegar comida ou usar a latrina. A punição duraria um mês. Shofner ficou se perguntando se ele e seus dois amigos não tinham acabado de perder a chance de fugir do Campo de Prisioneiros de Cabanatuan Número Um.

O 1/7 transferiu-se para uma linha de defesa com trincheiras individuais e casamatas parcialmente concluídas,

voltadas para o sul. O 3/7 ocupou o setor à direita, no cume de uma das Colinas Sangrentas. À esquerda, a linha se estendia para um setor ocupado pelo 1º. RIFN. Ali, sem a vantagem de um ponto de observação elevado ou de um rio, o 1/7 teve muito trabalho para criar uma linha defensável ao longo da área plana e do solo algo pantanoso de uma floresta tropical.

Os batalhões de canhões de 37 milímetros e canhões de calibre .50 foram para o local mais vulnerável: a extremidade esquerda da linha, onde ela se encontrava com o setor do 1º. RIFN. Nessa área, abria-se para o sul uma planície que se estendia bem para o fundo da floresta. No extremo oposto dessa planície, começava uma trilha aberta pelo trânsito de jipes, que se lançava direto para o norte até a linha deles e desviava um pouco para o oeste, ao atravessar o trecho da linha de defesa do 1/7, antes de voltar a seguir para o norte, na direção do Aeródromo Henderson. Qualquer ataque lançado pelos japoneses certamente seria feito por essa via. No cruzamento formado por ela e suas linhas de defesa, os fuzileiros construíram um cavalo de frisa — uma armação alongada, com arame farpado, usada como obstáculo. Embora mais robusto que a barreira dupla de arame farpado, o cavalo de frisa podia ser aberto, com alguma dificuldade, quando necessário.

O cavalo de frisa ficava à esquerda de Basilone. Os fuzileiros da Companhia Charlie abriram trincheiras individuais ao longo de uma linha que se estendia dali até o cimo da elevação, à direita dele. Manila ordenou que seus homens comessem a criar dois abrigos de metralhadoras, cada um deles grande o bastante para duas metralhadoras posicionadas a 40 metros uma da outra. O tiro ceifante de cada uma das metralhadoras apoiaria os fogos dos fuzileiros posicionados entre elas, além de dar cobertura a uma grande área de ambos os lados de suas posições. Outros homens foram incumbidos de derrubar árvores e arbustos para abrirem clareiras de execução de tiro ou para instalarem barreiras de arame farpado. O vão entre a posição da metralhadora de John Manila e o muro de selva do outro lado da barreira de arame farpado não proporcionava o raio de ação ideal, tão desejado pelos operadores de metralhadora. Atrás dele, o pessoal do batalhão de comando abria trincheiras e instalava fiação telefônica. Uma semana depois, foram informados de que em breve o Peitudo os faria voltar a atravessar o rio Matanikau, de onde iniciariam a ofensiva.

Em 7 de outubro, quando acordaram, os membros do 1/7 foram surpreendidos por um baita café. Na cozinha do batalhão, puseram carne com batatas, frutas, cereais e pão na bandeja de rancho deles, acompanhados de xícaras de café quente para fazer a comida descer.¹⁴⁷ Para homens famintos, acostumados à vida na roça, essa refeição significava, simbolicamente, mais que um simples início saudável: era mais uma espécie de consolo, para que se sentissem otimistas, pois todos sabiam que o EIJ tinha desembarcado muitos soldados e equipamentos no outro lado do rio Matanikau. Diante da perspectiva de terem que voltar ao local, um praça causou em si mesmo um ferimento grave, só para ser evacuado.¹⁴⁸

O novo ataque envolvia muitas unidades, inclusive a maior parte do 7º. RIFN. Os participantes teriam não só o apoio de aviões, mas também o de canhões das divisões de artilharia. Os altos oficiais, notou Manila, haviam aprendido “uma dura lição com o fracasso recente...” deles.¹⁴⁹ Para Basilone e seus amigos, tudo se resumia a isto: o 1/7 e outros dois batalhões atravessariam o Matanikau bem a montante e depois seguiriam

para o norte, onde atacariam concentrações de tropas inimigas pelo flanco. Diferentemente da primeira patrulha, dessa vez a seção de metralhadoras de John Manila acompanharia um pelotão de fuzileiros da Companhia Charlie.¹⁵⁰ Embora fosse sacrificante transportar metralhadoras através da floresta, as primeiras missões de patrulha haviam mostrado que qualquer coisa podia acontecer. Se tivessem que enfrentar uma grande força inimiga, os fuzileiros iriam precisar do apoio das metralhadoras pesadas do Manila.

Quando o 1/7 partiu, os fuzileiros puseram algumas latas de comida em conserva no bolso. Essas pequenas latas douradas continham carne com batata cozida, carne com feijão ou outro tipo qualquer de mistura detestável. O 3/2 foi à frente da tropa, seguido pelo 2/7, com o 1/7 na retaguarda. O Peitudo gostava de usar Fidel Hernandez, um fuzileiro grandalhão, emprestado da Companhia Dog, como seu observador avançado.¹⁵¹ O Peitudo o chamava de “Hombre”, mas John e os outros geralmente o chamavam de “Chefe”, pois, além da visível herança hispânica, descendia de índios americanos. Não muito atrás de Fidel, vinha seu líder de pelotão, o comandante da companhia e o próprio comandante do batalhão. O Peitudo sempre fora claro em relação às suas expectativas para com seus líderes de pelotão e seus comandantes de companhia: “Vocês têm que seguir à frente dos homens”, insistia ele, “e nunca ficar para trás”.¹⁵² Em coluna indiana, partindo do aeródromo, os três batalhões avançaram por caminhos serpeantes rumo ao oeste e depois seguiram para o sul, rumo ao interior da ilha.

No meio da tarde, alcançaram um riacho, um dos tributários do Matanikau. Um tronco de coqueiro ligava ambas as margens e tinha um corrimão precário, feito com fio telefônico esticado.¹⁵³ Somente uns poucos soldados podiam atravessá-lo por vez, o que criou um congestionamento que tornava vulneráveis os elementos do 1/7. Todavia, observadores avançados foram posicionados a jusante e a montante do rio e a travessia prosseguiu sem problemas. Logo que atravessou o rio, a Companhia Charlie começou a subir a encosta escarpada oposta do vale, tarefa muito cansativa e penosa, tanto que os soldados escorregavam, deixavam cair equipamento e praguejavam muito. Levaram uma hora para vencer essas pequenas centenas de metros do terreno íngreme.¹⁵⁴ A companhia estabeleceu um bivaque no topo da colina, onde fez alguns praças montarem guarda. Ainda horas após o anoitecer, as outras companhias continuavam a escalar a encosta e juntar-se a eles.

Antes mesmo de a tropa se levantar pela manhã, as primeiras gotas de um aguaceiro iminente tornaram nada atraente a perspectiva de atravessarem a floresta, já que precisariam enfrentar muita lama. A chuva caiu mesmo torrencial, causando certo atraso. Na manhã do dia 9, o 1/7 atravessou o trecho mais largo do Matanikau. Enquanto continuava a avançar em direção ao oeste, os batalhões da vanguarda começavam a tomar o rumo do norte. O 1/7 prosseguiu um pouco mais para o oeste, antes de virar para o norte, com o objetivo de proteger o flanco esquerdo dos fuzileiros navais.

A julgar pelos estampidos que ouviam, os batalhões da vanguarda tinham deparado uma grande unidade inimiga. Em meio às explosões das bombas dos aviões e da artilharia americana, podiam ouvir também os fogos de revide dos japoneses.¹⁵⁵ A cerca de mil metros do rio, os membros do 1º. Batalhão alcançaram o cimo de um

outeiro, donde tinham abrangente visão do terreno ao redor.¹⁵⁶ Líderes de esquadrão, como Basilone, receberam ordens para escalar o topo, onde mostraram a eles a topografia do terreno. Ao norte, podiam ver o 2/7 disparando contra a tropa inimiga posicionada à esquerda deles, bem como o oceano, situado a uns dois quilômetros para além da posição do 2/7. Essas distâncias, porém, não podiam ser rigorosamente consideradas de forma linear. As colinas íngremes e a densa floresta impunham limites em todas as estimativas de rápida transposição de distâncias.

O Peitudo deu à Companhia Charlie uma tarefa especial.¹⁵⁷ Ordenou que atacasse a seção do flanco do inimigo que estava trocando tiros com o 2/7. O capitão Moore conduziu seus homens até um desfiladeiro, seguindo primeiro para o oeste e, depois, dobrando para o norte. Assim que alcançaram o topo de uma elevação, conseguiram uma boa visão da área. Avistaram, no outro lado de um estreito vale, as posições do inimigo sobre o topo de um morro sem vegetação. O inimigo tinha a atenção concentrada nos elementos do 2/7.

Ninguém atirou antes de o capitão Moore dar a ordem. Os fuzileiros assumiram posições e montaram suas armas. As metralhadoras de Basilone engrossaram o ataque quando a Companhia Charlie começou a varrer, a tiros de peças e à queima-roupa, os soldados inimigos. Com os alvos próximos, contrastando com o céu e, portanto, fáceis de acertar, alguns fuzileiros chegaram a achar que estavam atirando com fuzis.¹⁵⁸ De olhar fixo sobre a linha de visada do cano da metralhadora, Manila observava os “corpos inimigos se contorcendo numa dança louca”.¹⁵⁹ Os japoneses, naturalmente, se viraram bruscamente para encarar a nova ameaça, mas não tinham como se proteger. Além do mais, logo ficou patente o fato de que o grosso dessa força do EIJ estava concentrado na depressão que havia entre as duas forças em conflito.

Os morteiros de 60 milímetros da Companhia Charlie começaram a bater essa área, enquanto os elementos da força americana posicionados no topo do morro lançavam granadas de fuzil contra possíveis alvos. Logo depois, os operadores de morteiros de 81 milímetros, situados atrás, com o restante dos integrantes do 1/7, um pouco mais ao sul e a leste da Charlie, engrossaram os fogos. De repente, os inimigos se viram encurralados no despenhadeiro. Não tinham como sobreviver no alto do morro, e menos ainda de se defenderem. Fizeram várias tentativas de instalar uma metralhadora em uma grande árvore na beira do despenhadeiro. Em todas elas, os que se arriscaram a fazer isso foram esstraçalhados.¹⁶⁰

Durante duas horas a Companhia Charlie não lhes deu uma chance sequer. Os fuzileiros mantiveram a maioria dos soldados inimigos encurralada no fundo do vale. Os projéteis da artilharia, disparados de uma área próxima, começaram a explodir no vale.¹⁶¹ A matança implacável levou o inimigo a desistir de lutar e acabou debandando. Centenas deles haviam morrido e muitos outros foram feridos. A carnificina chegou a fazer alguns membros da seção de John Manila vomitar. De repente, fogos de revide começaram a ser lançados da posição ocupada pelo 2/7. Alguns soldados tombaram antes do fim dos disparos, que cessaram subitamente.

Antes mesmo que toda a resistência fosse aniquilada, que a Companhia Charlie pudesse ter certeza de que todos os inimigos presentes na área estavam mortos, o capitão Moore começou a transmitir ordens para que se

preparassem para a retirada. Certamente, alguns devem ter achado isso estranho. Em todo caso, recolheram seus mortos e feridos e os puseram em macas. Seguiriam por um caminho que se estendia para o leste e corria pela encosta que ocupavam. Alguns fuzileiros resolveram saquear os mortos — uns em apoio ao serviço de inteligência, enquanto outros apenas movidos pela vontade de conseguir suvenires. Encontraram corpos de praças grandes e bem-equipados. Pareceu-lhes óbvio que não fazia muito tempo que essa unidade do EIJ estava em Guadalcanal. Incumbida de atuar como destacamento da retaguarda durante a missão inteira, a Companhia Charlie tinha que ficar atenta ao que acontecia nas imediações à ré de si, enquanto seguia marchando para a desembocadura do rio. Durante o percurso, ouviram alguns disparos, mas o pequeno estorvo foi rareando à medida que se aproximaram da praia. Os outros batalhões atravessaram o rio. A Companhia Charlie ficou vigiando enquanto o restante dos membros do 1/7 atravessava o Matanikau próximo à foz.

Quando caminhões começaram a levar os outros soldados de volta à zona perimetral de defesa na estrada litorânea, a Charlie iniciou a travessia do rio. Do outro lado, os fuzileiros navais estavam em posição de combate ao longo da margem, prontos para qualquer eventualidade. Os caminhões seguiram viagem lentamente, levando primeiro os feridos, entre os quais estava Steve Helstowski, um dos operadores de metralhadora do Manila e grande amigo seu.¹⁶² Fazia já um bom tempo que anoitecera quando pelo menos uma dúzia de soldados esperavam ainda a vez de serem levados nos caminhões, inclusive o capitão Moore e o coronel Puller.

Finalmente, o caminhão chegou e embarcaram. Poucos metros adiante, o caminhão enguiçou. O grupo teve que voltar marchando para o aeródromo. Sem o auxílio da claridade lunar, tudo ficou escuro como breu após alguns passos no caminho de volta. Sem lanternas, acabaram se perdendo. Ficaram vagando pela selva, saindo do local em que haviam estado e voltando para o mesmo lugar, além de passarem pelos postos de comando de várias companhias.¹⁶³ Todos sabiam que isso era uma maneira fácil de levar um tiro de um dos muitos fuzileiros navais espalhados pela área, inclinados a atirar por simples prazer.¹⁶⁴ Furioso, Puller exigiu que essas outras unidades fornecessem guias, mas eles acabavam levando-os de volta ao mesmo lugar onde haviam partido. Por fim, toparam com fuzileiros do 1º. Regimento. Como sabiam que os membros dessa unidade ocupavam posições no flanco do 7º., seguiram para a direita da linha de defesa do 1º..

Os soldados que cumpriam o turno da guarda após a meia-noite viram os últimos elementos da Charlie chegarem cansados e ocuparem suas posições. Pouco depois, ouviram a voz do Peitudo, que estava no quartel-general do batalhão, situado a algumas centenas de metros de distância. Embora fosse indubitável que estivesse falando ao telefone, o Peitudo gritou: “Eu e o restante de meu batalhão voltamos!” Obviamente, a pessoa no outro lado da linha pediu que ele repetisse, pois não tinha ouvido direito. Ele repetiu o que dissera, agora aos berros.¹⁶⁵ Em volta dele, todos soltaram risadinhas.

De manhã, tiveram tempo para juntar as peças da história. Os sargentos que fizeram a contagem dos soldados para registro nos mapas da força informaram ao quartel-general do batalhão que o 1/7 havia sofrido

cinco baixas fatais e que mais de vinte homens seus tinham sido feridos na missão de patrulha. A Companhia Charlie e os soldados da Companhia Dog incorporados a ela tinham levado seus mortos consigo, mas o Peitudo ordenara que outros fossem enterrados no mesmo lugar em que haviam tombado, no lado do rio ocupado outrora pelas forças do EIJ.¹⁶⁶ Informaram também que Steve, o amigo do Manila, tinha sido ferido tão gravemente na perna que precisou ser evacuado.

Os soldados do imperador haviam pagado um alto preço. Manila contou aos amigos que, na Companhia Dog, não deram a mínima chance aos japoneses e que centenas de japas entregaram os pontos, mas, de repente, chegou uma ordem determinando que a C/1/7 se retirasse. Fuzileiros que participaram dos combates bem poderiam ter acrescentando o seguinte: o flanco da Companhia Charlie ficou totalmente vulnerável quando o 2/7 recebeu ordens para se retirar. A inesperada retirada fora ordenada pelo comandante do regimento, que estivera bem à retaguarda do posto de comando (PC) do Peitudo, que berrara algo pelo telefone ao quartel-general do regimento sobre a necessidade de eles levantarem o rabo da cadeira e irem conhecer a realidade da linha de frente antes de darem ordens, mas era tarde demais para se impedir a retirada. Não admira que o Peitudo tenha subido pelas paredes quando finalmente conseguiu voltar para a base.

Manila e o restante dos que se retiraram também receberam notícias dos homens que haviam permanecido no local do conflito, para defenderem a linha de frente do 1/7, pois um comboio de navios de guerra e de transporte de tropa da MIJ fora visto avançando na direção de Guadalcanal.

O Sub, além de haver se recuperado da disenteria, se tornara exímio na arte de furtar. Os outros membros da GP-M4 nem ligavam para as ocasiões em que ele se retirava de mansinho e os deixava cavando os abrigos das armas, pois ele sempre voltava com a mercadoria em busca da qual partia: uns 2 quilos de bacon numa viagem e, alguns dias depois, com o equivalente a quase 8 quilos de massa de pão. Para dar melhor ideia da habilidade do Sub, nesse mesmo dia a intendência do batalhão deu a cada esquadrão “um pacote de goma de mascar, 50 gramas de doces, quatro latas de tabaco” para complementar a ração individual de arroz dos soldados. O Decano, com toda essa massa, fez biscoitos; no dia seguinte, adicionou-lhe geleia para fazer tortas e, pouco depois, usou generosas camadas de melaço para fazer panquecas. O trabalho mais difícil do cozinheiro era manter longe das iguarias as mãos imundas do Sub durante o preparo.

Quando suas novas posições começaram a consolidar-se, o comandante da companhia ordenou que as equipes de morteiro fossem submetidas a exercícios de artilharia com munição de guerra. A primeira seção de 81s abriu fogo, fazendo chover projéteis sobre uma área próxima das posições da Companhia Fox. Mas ninguém foi atingido. De repente, ouviram o Decano resmungar algo sobre o Duffy, elemento da primeira seção, dizendo que ele era louco. Em seguida, a segunda seção, da qual fazia parte o Esquadrão Rebelde, lançou um fogo de barragem com tanta habilidade que foi elogiado pelos oficiais do pelotão.

Feito o embasamento das peças e estabelecidas as balizas de pontaria, o trabalho se resumiu aos cuidados com os 81s. Com exceção dos ocasionais destacamentos de serviço de que participava, o esquadrão de Sid só ficou na espera da próxima batalha. Para além de suas fileiras, patrulhas do 2/1 topavam frequentemente com

patrulhas inimigas; chegaram a localizar dois canhões japoneses de 75 milímetros a uns 8 mil metros das fileiras do 2/1. Um de seus membros informou que uma dessas patrulhas capturara dois atiradores de elite japoneses. Dois ou três alertas de ataque aéreo por dia eram normais. Do abrigo de sua peça, viam “aviões combaterem como loucos bem acima de suas cabeças”. Num dos ataques aéreos, viram “dezessete Caças Zero e 23 bombardeiros” inimigos serem derrubados e calcularam que as “perdas aproximadas dos nipos foram de 6.700.000 dólares, sem incluir o prejuízo com a perda das bombas”.

Como se sentiam bem em estimar as perdas do inimigo, durante um ataque aéreo que durou três ou quatro horas, resolveram se concentrar nos navios. Socorrendo-se dos melhores boatos correntes então, calcularam que a MIJ havia perdido “sessenta navios em sessenta dias”. Boatos positivos alimentavam as esperanças deles. Assim, certa feita chegou aos ouvidos deles o boato de que 45 mil “rapazes do Doug Toupeira” (do Exército americano) haviam desembarcado na ilha de Bougainville, na extremidade oeste do arquipélago das ilhas Salomão. Boatos dando conta de que novos regimentos do Exército substituiriam regimentos de fuzileiros navais nos próximos dias, permitindo assim que os fuzileiros em combate voltassem para San Diego, eram frequentes. Portanto, tinham certo fundamento. Enquanto isso, o esquadrão de Sid continuava a aumentar seu estoque de provisões. Quando receberam a porção de cevada, acharam que “tinha cheiro de japonês”, o que levou o Decano a trocar, com alguns marinheiros de Kukum, sua baioneta de um soldado do EIJ por queijo, grãos, carne de porco enlatada e pão. Em outra noite, o Decano conseguiu preparar rosquinhas antes das costumeiras reuniões do esquadrão, em que se divertiam cantarolando em coro.

Sid, porém, gostava mais de brincadeiras e observações espirituosas do que de cantar. Na noite do dia 12 de outubro, ouvia os canhões do 7º. RIFN lançarem sucessivos ataques simultâneos e maciços, quando, de repente, alguém disse que aquela barulheira toda “devia ser gritaria de jponas mortos de fome tentando se entregar”. No dia seguinte, o Exército desembarcou em Kukum, com cerca de 3.500 homens. O primeiro alarme de ataque aéreo soou às 10h30; o segundo, ao meio-dia. As duas vagas de aeronaves lançaram milhares de quilos de bombas com explosivos de grande poder de destruição. A esquadra de Sid enviou o Sub e outros soldados até Kukum, onde pretendiam ver o que podia ser roubado ou trocado com os praças e os marinheiros.

John Manila também se sentia atraído pelas oportunidades de roubar e trapacear, tanto que ele e seu amigo Richard foram lá também, na esperança de conseguirem trocar algum “butim japona” por “suco de torpedo” (bebida alcoólica).

— Vamos espalhar um boato? — propôs John.

— Que diabos você quer... — disse Richard, pouco antes de os dois toparem com um fuzileiro naval.

— Ei! — anunciou John. — Acharam Amelia Earhart e seu navegador numa ilha, junto com quatro crianças!

Dito isso, os dois retomaram a caminhada, rindo entre si. Ao chegarem ao destino, como não conseguiram nada, voltaram para o acampamento, onde souberam que o 1/7 seria posto na reserva numa área perto do

aeródromo e que o 3/7 o substituiria. Souberam também que um piloto fora enviado ao outro lado da ilha com a missão de resgatar Amelia Earhart e sua família.¹¹

O bombardeio começou com a artilharia do EIJ atirando da margem oposta do Matanikau, sob movimentação metódica, saturando a zona de defesa perimetral dos fuzileiros como um todo e a do aeródromo, em especial. Pesado bombardeio caiu sobre eles após a chegada de Jockstrap à Companhia Dog, nome dado por seus membros ao mascote da unidade. Cão da raça dálmata, Jockstrap pertencia ao subcomandante da divisão, general Rupertus, que talvez tenha dado outro nome ao mascote. Jockstrap, porém, preferia ficar com os membros da Companhia Dog, principalmente com o sargento Conrad Packer, quando as coisas ficavam pretas. Toda vez que ouvia uma explosão, o mascote se encolhia todinho debaixo de Packer.¹⁶⁷ À noite, o bombardeio fez Jockstrap cavar como um louco em busca de abrigo, quando a “máquina de lavar voadora japonesa” apareceu e lançou bombas luminosas, que serviam como ponto de mira para os navios inimigos.

Tudo começou com algo parecido ao barulho de uma porta sendo fechada com toda a força. Num ponto qualquer do canal, ouviram como que uma porta suspensa a uns 3 mil metros de altitude ser fechada com violência. Passado o momento que levaram para entender quanto era absurda essa possibilidade, o sibilo dos primeiros projéteis ficou mais agudo e forte, até se transformar em clangor, como o de um trem de metrô chegando à estação. Logo depois, deflagraram explosões trovejantes, como jamais vistas pelos fuzileiros. Bastante à retaguarda do aeródromo, numa casamata, John Manila viu a ameaça transformar-se em pânico à sua volta, enquanto deflagrações colossais varriam de sua mente outros pensamentos e preocupações. Em apenas uma hora e meia, os navios inimigos dispararam cerca de mil projéteis contra a área do aeródromo. “O estrondo e as explosões eram inacreditáveis. Homens corajosos e bons combatentes não suportaram a situação e choraram como crianças.”¹⁶⁸

Na manhã do dia 14 de outubro, souberam que o bombardeio partira de dois navios de guerra inimigos, que dispararam projéteis de 14 polegadas, cada um com mais de 900 quilos. Nenhum membro do 5º. RIFN ou do 1º. RIFN negou que o ataque que tinham acabado de sofrer fora o pior de suas vidas. Já o Manila, a única coisa que conseguiu dizer foi que tudo parecia “uma tortura longa e insuportável”.¹⁶⁹ Morreram dois segundos-tenentes da Companhia Dog, Richards e Iseman, quando um desses projéteis atingiu em cheio a casamata deles.¹⁷⁰ Morreram também, em consequência do bombardeio, dez homens da Companhia Charlie, que participavam de um destacamento de serviço de descarga de navios. O 1/7 transferiu-se para o aeródromo, onde ficou como unidade de reserva, longe da linha de frente, mas dentro da zona de ataque. Incêndios ardiem em toda a parte. O maior deles era nas áreas de depósito de gasolina. Grandes buracos haviam sido abertos na pista do aeródromo. À tarde, a artilharia inimiga, posicionada do outro lado do Matanikau, começou a bombardeá-los. A Companhia Dog e seu mascote Jockstrap voltaram para as trincheiras.

Na manhã do dia 14 de outubro, os pilotos do 6º. Esquadrão de Bombardeiros souberam na noite anterior que

a Marinha Imperial Japonesa havia bombardeado o Aeródromo Henderson e as posições dos fuzileiros navais ao redor, que uns quarenta soldados tinham sido mortos, que a maioria dos aviões, por causa do ataque, ficara inoperante e que um grande depósito de gasolina incendiara. A necessidade de reforços e reposição era grande. Os oito aviões do 6º. Esquadrão de Bombardeiros, juntamente com um número semelhante de Dauntless de reserva, eram os últimos reforços imediatamente disponíveis no Pacífico Sul.¹⁷¹ O esquadrão, concluía o relatório, deveria partir para Cactus nesse dia.

Não devem ter demorado muito para se preparar e partir, pois fazia algum tempo que estavam esperando a oportunidade de participarem de combates, coisa um tanto rara no meio deles então. Micheel, que tinha sido promovido a primeiro-tenente duas semanas antes, partiu com um novo artilheiro na traseira, o segundo-sargento mecânico-aviador Herman H. Caruthers. O voo durou mais de quatro horas. Quando se aproximaram do aeródromo, devem ter visto nuvens de fumaça, algumas vindas do aeródromo. A 300 metros de altitude, o piloto podia ver duas pistas. A maior, a do Henderson, atravessava uma ampla planície de leste a oeste. A extremidade ocidental terminava pouco antes de um rio.

Com quase 1.200 metros de extensão e 50 de largura, a maior parte dela coberta com placas de aço, a aerofaixa de cascalho tinha sido criada pelos japoneses para o uso de seus grandes bombardeiros de base terrestre. Depois de trinta dias em Efate e em Espírito Santo, Mike se acostumara com a poeira e o cascalho levantados pelos aviões do esquadrão durante a aterrissagem. Seguindo atrás do comandante, saiu da aeropista e entrou na pista de rolagem. Equipes de serviço de pista conduziam os aviões até as áreas ou pátios de estacionamento, separados uns dos outros por pequenos intervalos ao longo das margens da aerofaixa. Alguns coqueiros plantados dentro e em volta dos pátios de estacionamento foram preservados para evitar que fossem avistados de cima. Era um terreno difícil para a manobra de aviões. Mike deve ter visto um número considerável de aviões danificados espalhados pelo local, alguns ainda fumegantes.

Assim que desembarcaram dos aviões, os novos pilotos devem ter notado rapidamente que haviam chegado a um ambiente caótico. Todos ali tinham sido duramente atingidos pelo cataclismo bélico da noite anterior. Seis pilotos e quatro praças haviam morrido. O general dos fuzileiros navais encarregado das operações aéreas, Roy Geiger, estava atarefado com a mudança do centro operacional. O tosco edifício de madeira deixado pelos japoneses, chamado de pagode, em razão das linhas características de seu telhado, fora destruído pelas bombas. O novo centro de controle operacional era agora uma barraca instalada não muito distante dali. As equipes de serviço de pista e os pilotos veteranos tiveram que se livrar o mais rapidamente possível dos efeitos do ataque, pois havia muito trabalho para fazer: avaliar os danos, enterrar os mortos, remover escombros, destroços e enfrentar iminentes ataques do inimigo.

Duas vagas de bombardeiros e caças japoneses tinham atacado o aeródromo pouco antes de Mike chegar.¹⁷² As aeronaves da primeira incursão nipônica lançaram suas bombas sem encontrar resistência, pois os Wildcats não tinham conseguido decolar a tempo. Os caças americanos haviam se preparado, porém, para enfrentar a segunda onda de aeronaves hostis, que chegara aos céus da região às 13h03. Nesse primeiro

conflito, derrubaram quinze bombardeiros e três Zeros. As vagas de aviões inimigos vinham tentando destruir o aeródromo como preparativo para a chegada de seus navios. Às 16 horas, o relatório atualizado da missão de patrulha informou que avistaram um navio de guerra, três cruzadores e quatro contratorpedeiros japoneses avançando na direção de Guadalcanal a 130 graus, a uma velocidade de 25 nós (46,3 km/h), e que, embora essa poderosa força ainda estivesse a cerca de 290 quilômetros de distância, outra força de contratorpedeiros e navios-transporte de pessoal estava ainda mais perto. No início da noite, dois grupos de Dauntless decolaram do Aeródromo Henderson, com o objetivo de atacar os navios-transporte de pessoal japoneses e os contratorpedeiros que os escoltavam. Enquanto esses treze pilotos de bombardeiros de mergulho enfrentavam o inimigo, os recém-chegados recebiam orientações.

Os bombardeiros de mergulho Dauntless compartilhavam a pista principal com os aviões torpedeiros e qualquer PBY ou B-17 que aparecesse. Os Wildcats não decolavam do Henderson. Usavam a pista menor, denominada Caça Um, mas espirituosamente chamada por eles de “Pasto”.¹² Nesse dia, porém, os bombardeiros de mergulho estavam usando o Pasto, pois uma peça de artilharia de campanha inimiga bombardeava a aeropista do Henderson. Quando os membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros foram apresentados, Mike notou que os homens reunidos na base “eram uma mistura dos mais diversos tipos de combatentes”. Aos esquadrões do CFNA, haviam incorporado pilotos de cada um dos três porta-aviões americanos danificados ou afundados pouco antes: o *Enterprise*, o *Saratoga* e o *Wasp*. Mike conhecera alguns desses homens na ilha de Espírito Santo. Apenas um esquadrão havia chegado recentemente como unidade completa. Os outros, como o 6º. Esquadrão de Bombardeiros de Mike, chegaram aos poucos. Ao todo, tinham cerca de 23 Dauntless prontos para decolar, mas havia pouca gasolina.

Espalhada sob as folhas dos coqueiros no lado norte do aeródromo ficava a Garganta do Mosquito, apelido dado pelos pilotos aos alojamentos. Nenhum deles se surpreendeu quando lhes mostraram que o alojamento do grupo era uma barraca de campanha com cinco camas de lona dobráveis. As trincheiras individuais, bem como as abertas anteriormente, perto de cada uma das barracas, chamaram a atenção dos recém-chegados. Após jantarem na barraca do rancho, foram dormir, pois o dia seguinte seria também muito desgastante para eles. Os dois Dauntless haviam chegado da investida contra o inimigo antes do anoitecer. Voltaram com um total de cinco possíveis ataques certos contra navios-transporte de pessoal.¹⁷³ Enfrentaram muito fogo antiaéreo disparado pelos navios-escolta dessas naves. Todos davam como certo que participariam em breve de outro desses ataques. O calor implacável dispensava o uso de cobertores. Demoraram um pouco a pegar no sono os que foram dormir sem tirar a roupa ou só com peças íntimas. Haviam sido avisados que o sujeito que dormisse vestido só tinha o trabalho de correr para a casamata mais próxima quando começasse um bombardeio.

A iniciação do tenente Micheel na Força Aérea de Cactus prosseguiu até altas horas da noite, quando chegou um hidroavião. Assim que isso aconteceu, os pilotos correram para seus abrigos sob a luz de bombas de iluminação pairando acima deles. As salvas de bombas dos navios de guerra inimigos concentraram-se nas

duas aerofaixas, opção estratégica que tornava os recém-chegados o centro do alvo de seus ataques. Sentado numa casamata matando mosquitos, Mike aguentou firme até o ataque passar. Quando soou o alerta de fim de ataque aéreo, ele voltou para o alojamento, onde conheceu o que chamou de “problema de se alojar em barracas”. Estilhaços e pedaços de árvores destroçadas tinham feito grandes perfurações em sua barraca. Seus colegas de alojamento concordaram que precisavam de alguma proteção. Na manhã seguinte, foram roubar algumas grades de aço, conhecidas também como chapas de aço perfuradas, usadas para cobrir parte da aeropista principal. Agora, precisariam delas para cobrir e proteger algo muito diferente.

Com ordens para que metade dos membros da unidade fosse mantida o tempo todo de prontidão, ninguém do 2/1 conseguiu dormir muito na noite de 14 de outubro, visto que outra noite de bombardeio geralmente prenunciava o início de um assalto terrestre. Corria entre eles o boato de um suposto avistamento de comboios da MIJ, a uns 130 quilômetros. Na manhã seguinte, chegou a informação de que sete navios-transporte inimigos estavam desembarcando soldados em Kokumbona. O tenente Benson ordenou que suas equipes de morteiros desmontassem as peças imediatamente e se preparassem para partir. Nesse ínterim, começaram a chegar substitutos para ocupar as posições deixadas pelos membros do 2/1. Os operadores de morteiro “desejaram boa sorte aos soldados do Exército quando embarcaram nos caminhões” e seguiram para o aeródromo.¹⁷⁴ Pelo visto, a artilharia do EIJ deve ter seguido o comboio deles em seu avanço para o norte, na travessia do rio Lunga e depois quando rumou para o sudoeste, onde estacionou em colinas que ficavam de frente para a floresta, sobre a qual 26 bombardeiros japoneses apareceram de repente, para lhes dar as “boas-vindas” com um bombardeio rolante. Os canhões antiaéreos dos fuzileiros navais fizeram dois deles despencarem da cúpula celeste. Ao olharem para o litoral, os membros da esquadra de Sid avistaram soldados desembarcando de navios de tropa japoneses. Aviões americanos os atacaram, com bombardeios e voos de metralhadas rasantes, “matando milhares” de japoneses, mas o esquadrão teve a impressão de que os B-17s foram os que mais duramente atingiram os navios da MIJ, deixando quatro deles fumegantes. Dois dos navios-transporte de pessoal do inimigo fugiram, deixando para trás uma cena macabra: “águas e praias juncadas de corpos”. Os elementos da GP-M4 começaram a se entrincheirar.

Não escalado para voar em seu primeiro dia completo em Cactus, o tenente Micheel foi até a barraca do centro de controle operacional em busca de informações sobre a situação. Tal como na sala de pronto do Big E, havia muito café disponível e, nas barracas em volta do centro operacional, as últimas informações do serviço de inteligência. O uniforme do dia era calça cáqui com camisa de mangas curtas da mesma cor e botas do Exército; os pilotos que não estavam prestes a partir em missão trajavam apenas bermuda e botas. Para se protegerem um pouco da inclemência do sol, os pilotos receberam bonés azuis, mas os dos mecânicos eram vermelhos.¹⁷⁵ Como a maioria de seus companheiros, Mike levava uma pistola no coldre de ombro, mesmo quando não estava pilotando.

O dia 15 de outubro começou mal para a Força Aérea de Cactus. Os buracos no Aeródromo Henderson impediam que fosse usado. Equipes de serviço de pista ainda faziam o levantamento dos danos causados aos aviões e se empenhavam na procura de suprimentos de gasolina, enquanto tripulações de aeronautas tiravam gasolina dos tanques de aviões danificados. Os primeiros Wildcats partiram ao amanhecer, seguidos por um solitário bombardeiro de mergulho Dauntless, o primeiro de quatro incumbidos de realizarem ataques individuais contra os cinco navios-transporte de pessoal e os oito contratorpedeiros que desembarcavam soldados japoneses a alguns quilômetros da praia. Às 6h40, um avião de patrulha comunicou ter visto outro grupo de navios de guerra, mais poderosos ainda, a alguns quilômetros dali, e cinco contratorpedeiros, a cerca de 32 quilômetros de distância.

A procura intensa e generalizada por combustível pela manhã resultou na descoberta de cinco locais separados, em que destacamentos de serviço haviam enterrado barris de gasolina. Um esconderijo de uma centena de barris tinha sido feito na praia, perto de Kukum.¹⁷⁶ Mas muitos barris de gasolina serviam também para indicar claramente a natureza caótica da situação em Guadalcanal. Enquanto isso, no aeródromo, engenheiros usavam uma combinação de equipamentos americanos e japoneses para repararem a pista. Na aerofaixa, havia muito que as equipes de serviço de pista tinham aprendido a manter os aviões em condições de voo, apesar da crônica falta de produtos essenciais. Geralmente, as únicas fontes de peças sobressalentes eram outros aviões danificados, a maioria deles guardada num depósito de sucata perto de um dos lados da pista. Sem carrinhos e guindastes para transportar bombas, esses homens levavam bombas de 230 e 500 quilos de um lado para outro, que carregavam e descarregavam dos aviões apenas com a força dos braços. Além disso, abasteciam os aviões com bombas manuais ligadas a barris com capacidade para quase 210 litros de gasolina.¹⁷⁷ Algum tempo depois, os capitães de voo declararam aptos para voar outros onze Dauntless. Ouviram anunciarem às 11 horas pelos alto-falantes que o inimigo atacaria mais ou menos ao meio-dia, investida cuja vaga de bombardeiros se revelou menor do que a de costume. Depois que os Wildcats combateram os aviões inimigos, alguns Dauntless partiram à tarde em missão de surtidas contra navios inimigos. Um piloto de PBY decolou com dois torpedos presos precariamente nas asas, um dos quais ele conseguiu lançar contra o costado de um navio inimigo. Um caça inimigo perseguiu o lento e pesado PBY durante todo o percurso de volta para o Aeródromo Henderson, onde, a algumas centenas de metros acima do local em que Mike se achava, seis metralhadoras de um Wildcat transformaram o avião japonês numa bola de fogo.¹⁷⁸

O capitão de corveta Ray Davis encabeçou o último ataque do dia. Ele e outros dois pilotos sobrevoaram a área em que três navios-transporte de pessoal estavam sendo consumidos por um incêndio feroz no litoral, onde se lançaram no encalço dos que tentavam fugir pela rota de suprimento inimiga.¹³ Ray achou sua presa a uns 100 quilômetros de distância e mergulhou através da cortina de fogos antiaéreos dos contratorpedeiros inimigos. Um de seus alas conseguiu atingir o alvo. A Força Aérea Cactus barbarizara e pusera para correr o inimigo, pelo menos por enquanto, pois muitos navios do imperador ainda navegavam por aquelas águas.

Um dos poucos aviões de transporte de tropa da Marinha, o R4D (conhecido pelo Exército americano como C-47 e, em outras partes do mundo, como DC-3) chegou com barris de gasolina e partiu levando fuzileiros navais e quinze pilotos exaustos. Depois, chegaram seis Dauntless. Os navios de suprimento que estavam para chegar nesse dia, porém, haviam sido mandados de volta. Ao fim do dia, alguns pilotos dos aviões torpedeiros informaram que iriam pegar fuzis e subir as colinas para ajudar o 7º. RIFN.¹⁷⁹ Mike preferiu ficar, pois havia sido escalado para partir em missão no dia seguinte e achava que, pelo visto, haveria gasolina suficiente.

Antes de conseguir partir, teve que enfrentar em terra um intenso fogo de barragem dos japoneses. Abrigados em casamatas e trincheiras individuais, mil e quinhentos projéteis navais de 8 polegadas mantiveram os aeronautas e fuzileiros navais assustados e encolhidos de medo por mais de uma hora. De manhã, viram que tinham sobrado dez Dauntless em condições de voo. Na barraca do centro de controle operacional, não demoraram para entender a prioridade do dia do comandante: destruir os navios-transporte de pessoal e o material bélico do inimigo. Aviões do navio-aeródromo USS *Hornet*, que chegara à área de noite, os ajudaria. Na preleção de Mike, alguns oficiais do corpo de fuzileiros foram à barraca do centro de operações para ouvir esclarecimentos sobre as localizações do inimigo. Depois de orientarem os novatos e indicarem locais nas Colinas Sangrentas, no rio Matanikau e nas praias de Kokumbona, um deles apontou um lugar com o dedo, olhou direto para os pilotos e ordenou: “Sigam para lá e ataquem esse local...”

Mike seguiu para o Dauntless, estacionado à sombra de um coqueiro. Os buracos provocados por estilhaços tinham sido fechados com uma lima para uniformizar a fuselagem. O capitão de voo e sua equipe não se preocuparam em fechar as pequenas perfurações. Aparafusaram, porém, as bordas de todos os rasgões que achavam que podiam aumentar quando o aparelho estivesse sob grande velocidade. Já os rasgões maiores, os taparam com pedaços de lata tirados da fuselagem de aviões sucateados. Acomodado na cabine, Mike alongou o olhar por uma das asas do avião e viu quatro ou cinco remendos grandes. “Nenhum deles estruturais”, asseguraram; “apenas de aerofólio”.

A aeropista não era tão plana quanto a pista do convés de voo de seu porta-aviões. Mas sua grande extensão proporcionava a Mike todo o espaço do mundo para ganhar velocidade durante a decolagem. Pouco depois de as rodas de seu avião perderem o contato com a pista, ele já sobrevoava a área do alvo, onde olhou para a floresta lá embaixo, voltou a olhar para o mapa na prancheta de tiro e depois tornou a olhar para baixo. Interpretar as precárias informações do mapa para entender o terreno coberto de verde que ele sobrevoava agora era uma tarefa difícil. Quando o chefe da patrulha achou que havia localizado o alvo, contactou a base pelo rádio e recebeu uma resposta lacônica: “Atire essas bombas!” Os aviões se lançaram num breve mergulho para enquadrarem o alvo e despejarem suas bombas sobre o inimigo.

Em vez de uma bomba comum, Mike lançou uma carga de profundidade, em parte porque a Força Aérea de Cactus tinha muitas delas. Além do mais, disseram a Mike que as cargas de profundidade eram “boas para emprego em tropa estacionada em floresta, pois seus estilhaços são arremessados em todas as direções”. O inimigo atirou nele, mas nada poderia atingi-lo na velocidade em que estava, exceto canhões antiaéreos. Mike

completou a missão em menos de uma hora e tornou a repeti-la depois. Por volta das 15 horas, os fuzileiros e o Aeródromo Henderson sofreram ataques de bombardeiros Mitsubishi. Os japas lançaram suas bombas quando os Wildcats mergulharam sobre eles.

Os mais cansados não voltaram para a ilha Cactus à noite. A ausência desses pilotos significava mais trabalho para o 6º. Esquadrão de Bombardeiros. Entraram, portanto, num período de teste de resistência. Passaram a maior parte dos dias numa casamata pelo menos uma hora, onde buscavam refúgio contra os ataques aéreos inimigos. Certa feita, participante da campanha havia apenas alguns dias, o amigo de Mike, Bill Pittman, resolveu pular num buraco para proteger-se, mas caiu sobre um estilhaço com bordas confragosas, que o feriu gravemente, fazendo-o parar no posto de enfermagem. A artilharia dos japoneses posicionada do outro lado do rio infernizava a vida dos americanos baseados no aeródromo. Os operadores do obus de 150 milímetros japonês, que os americanos chamavam de “Pete Pistola”, haviam adquirido o irritante hábito de atirar contra aviões nos trechos finais da trajetória de aterragem.

Embora Mike tivesse visto fuzileiros em toda a parte — marchando sob formação, vigiando as aeronaves —, o refeitório foi o único em que manteve contato mais próximo com eles. Ao entrar na fila, os primeiros elementos do pessoal de serviço que deparou foram os socorristas, que distribuíam Atabrine. Os serventes puseram “guisado de carne com pimentão ou... bolo de carne moída temperada ou algo assim” em seu prato de metal. Sentou-se para comer onde foi possível. Com as conversas que ouvia à sua volta, talvez Mike tenha entendido que as batatas reconstituídas que lhe puseram no prato eram consideradas uma das maiores tapeações que costumavam impingir à tropa, aproveitadas que eram de rações de campanha de emergência. Embora nunca tivesse tomado conhecimento dos detalhes das características da campanha terrestre e das condições de vida de seus integrantes, pelo que ele e seus colegas pilotos podiam ver, “não achávamos difícil que os fuzileiros navais, desde que fossem alimentados e devidamente equipados, continuariam a perseverar no cumprimento do dever”.

As missões táticas do 6º. Esquadrão de Bombardeiros contra tropas terrestres — lançamento de cargas de profundidade e metralhadas em voos rasantes contra concentrações militares — nasceram da óbvia necessidade de ajudar os fuzileiros. Na posse da superioridade aérea da ilha durante a maior parte de quase todos os dias, os pilotos aeronavais podiam muito bem ajudar a infantaria em sua campanha, embora não tivessem sido treinados para prestar “apoio aéreo aproximado”. Comunicação direta pelo rádio entre pilotos e comandantes em terra não existia ainda, na época, em parte por causa de problemas tecnológicos. Os rádios da Marinha eram problemáticos, mas os dos fuzileiros navais eram piores. Os aparelhos instalados no avião de Mike operavam em faixas de frequência diferentes das dos fuzileiros. Embora o artilheiro da cauda pudesse tentar estabelecer contato por meio de frequências mais baixas, essa não era a solução mais fácil. Sem pilotos e fuzileiros treinados em procedimentos comuns a ambos e limitados pela nascente tecnologia do rádio, a liderança era obrigada a achar soluções durante o calor dos combates, onde a praticidade e o improvisado acabavam prevalecendo. Os fuzileiros passaram, portanto, a usar cargas de fósforo branco para indicar os alvos.

O apoio à campanha terrestre ocupava, contudo, mero terceiro lugar na lista de prioridades, a maior das

quais era achar os navios do Expresso de Tóquio e detê-los. Como participante dessa batalha desde o Dia D, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros entendia a natureza do conflito e conhecia as rotas pelas quais o inimigo os atacavam. Diante de tantas dificuldades para porem em operação o maior número possível de Dauntless todos os dias, a organização das patrulhas de busca parecia “uma espécie de acaso feliz” para Mike. E ele sabia por quê. O comandante da Força Aérea Cactus, general Geiger, tomava decisões com base nas aeronaves de que dispunha. Ele e seu estado-maior precisavam manter uma força de ataque composta por Dauntless carregados de bombas, preparados para afundar navios e prontos para emprego imediato, mas tinham, ao mesmo tempo, que despachar outros para missões de patrulha ou de apoio à infantaria. Quatro dias depois da chegada do 6º. Esquadrão de Bombardeiros, o comandante ordenou, apontando para Mike e outro piloto: “OK, você fica com a área central. E você se encarrega da rota de suprimento dos japas.” Dito isso, fixou um horário para partirem em missão de patrulha.

Sobrevoar as ilhas Salomão em patrulha de busca exigia menos do piloto do que participar de missão de patrulhamento em guerra antissubmarino, que envolvia decolagens a partir do *Enterprise* em pleno oceano, dado que as ilhas do arquipélago facilitavam muito a navegação. Mike seguiu, pois, pela rota de suprimento usada pelos japoneses, ciente de que em algum lugar naquelas ilhas, escondidos em inúmeras baías insuspeitadas, os componentes do Expresso de Tóquio estavam esperando escurecer. Tal como o haviam orientado, prestou especial atenção na ilha de Nova Georgia nessa primeira excursão. No entanto, voltou para a base de mãos vazias, sentindo-se fracassado e receoso de que alguém acabasse pagando pela falha dele, passando a noite em sua trincheira individual, enquanto um ou dois cruzadores esmagavam suas defesas. Achava que colegas podiam acabar sendo feridos e que talvez alguns até morressem. À tarde, realizou outra missão contra tropas terrestres, que voltou a repetir no dia seguinte, quando, ao retornar para o Henderson, viu que a maioria dos aviões que sobrevoavam o aeródromo era de japoneses. Por motivo ignorado, os Zeros permitiram que ele aterrissasse com o Dauntless sem ser incomodado, fato que Mike atribuiu a pura questão de sorte. Na barraca do centro operacional, comentavam a notícia de que o almirante Halsey havia substituído o almirante Ghormley como comandante no Pacífico Sul. Depois de quase perder a vida, a notícia de “um almirante desconhecido substituindo outro almirante” não impressionou Micheel nem um pouco.

No dia seguinte, teve mais sorte. Partiu em missão de ataque com doze aeronaves, liderada pelo comandante de outro esquadrão. A pouco mais de 280 quilômetros de distância, localizaram três contratorpedeiros inimigos, cujas poderosas armas defensivas eram reforçadas por uma dúzia de hidroaviões de guerra. Embora a necessidade de evitar os aviões e os canhões antiaéreos inimigos tornasse difícil o mergulho de bombardeio, conseguiram acertar pelo menos um elemento dessa força inimiga, ainda que apenas com um quase acerto.¹⁴ No dia seguinte, as patrulhas não avistaram nenhum navio. Todavia, Mike fez rápidos ataques contra o inimigo na praia de Kokumbona.

Um dia depois, 21 de outubro, os aviões de longo alcance que haviam partido da ilha Espírito Santo informaram terem avistado navios inimigos na Fenda, o estreito marítimo usado como rota de suprimentos pelos japoneses. A equipe de ataque, inclusive Mike, recebeu ordem para partir. Após a preleção na barraca do

centro operacional, ele foi até o avião que reservaram para ele, a fim de dar uma boa olhada no aparelho. Quando decolou, ficou atento aos indicadores e medidores do painel, preocupado em conseguir avaliar prontamente as condições de voo. O capitão de voo não o poria num avião com um grave problema mecânico, mas era diferente o conceito que as tripulações da Cactus tinham da ideia de “problema mecânico” em relação aos colegas de serviço do convés-hangar do Big E. Além dos remendos na fuselagem, o velocímetro do avião podia precisar de ajuste ou o rádio que tivesse sido aprovado nos testes em terra talvez falhasse durante o voo. Às vezes, Mike pilotava sem giroscópio, pois, “quando o tempo está bom, você não precisa disso”.

Mike levantou voo junto com seu amigo Dick Mills. Em voos rasantes ao longo do litoral, os dois pilotos e seus artilheiros dispararam uma pequena rajada com as metralhadoras para testá-las. As metralhadoras de Dick, porém, não haviam sido devidamente sincronizadas com o passo da hélice, que acabou arrancada com o disparo feito por ele. Seu Dauntless começou a perder altitude rapidamente. Mike acompanhou o avião de Dick até o pouso forçado na água, nas proximidades da ilha Russell. Como não podia fazer nada e vendo que Dick, apesar de tudo, fizera uma boa aterrissagem, Mike resolveu acelerar para alcançar seu esquadrão de ataque. Ao sobrevoarem a área do alvo, viram um rochedo, contra o qual as ondas quebravam e cujo topo lambiam, espumantes. Achando que os bombardeiros do corpo aeronaval, voando a grande altitude, tinham confundido essas espumas com esteira de navios, os pilotos da Marinha concluíram pelo equívoco dos colegas e voltaram para a base.

Ao retornar, após informar a perda de Dick a Ray, não houve muito que fazer. Nas horas de folga, Micheel procurava não circular muito pelos outros setores do teatro de operações. Sabia muito bem que era melhor ficar longe das linhas de frente, e, em Guadalcanal, a linha de combate se estendia em todas as direções que ele seguisse. Por mais vontade que sentisse de refrescar-se nas águas do rio Lunga, procurava evitá-lo. Embora os “aventureiros do esquadrão” costumassem nadar no rio, ouvira relatos da presença de atiradores de elite perto de suas margens e, assim, não se “sentia muito animado a compartilhar da área de lazer com um sujeito desses”. O receio de topar com atiradores de elite explicava, porém, apenas parte da atitude dele. Depois de dez dias na Cactus, sentiu o peso real da batalha e achou melhor poupar forças.

* * *

Fazia algumas noites que os trovões da artilharia haviam chegado aos ouvidos de John Manila e do restante do 1/7, que voltara para a selva ao sul do aeródromo. O inimigo continuara a desembarcar soldados do outro lado do Matanikau e seus ataques foram lançados pela foz do rio, o que não fora de surpreender. Apesar de todos os supostos triunfos dos ataques aéreos e das batalhas navais americanas, duas noites atrás o EIJ tentara fazer nove de seus tanques atravessarem a desembocadura do rio. Mas as defesas americanas impediram essa tentativa de avanço. Entretanto, a crescente pressão do inimigo levou o comando americano a fazer a troca das unidades em sua zona de defesa perimetral. No dia anterior, o general Vandegrift fizera uma visita à linha do

1/7, conhecida agora como Setor Três, e a tornou então um “paraíso de metralhadores”. De manhã, ordenou que o 2/7 deixasse o Setor Três e o enviou para onde estavam precisando dele, às margens do rio Matanikau, pois havia alguns espaços vazios na zona de defesa perimetral dos fuzileiros nessa área e, mesmo com a chegada do 2/7, os fuzileiros continuariam apenas na defesa dos altiplanos. O general Vandegrift ordenou que seus homens “combatessem como guerrilheiros” caso todos os japoneses que estavam desembarcando nas proximidades conseguissem atravessar o rio e penetrar num desses claros.¹⁸⁰

A ordem de “combater até a morte” chegou a John Manila e ao 1/7 em alto e bom som.¹⁸¹ Por volta do dia 23 de outubro, contudo, isso não fazia mais sentido, já que os japoneses não lhes davam mesmo alternativa. Além do mais, a ideia de Vandegrift, de ter o Setor Três como o “paraíso dos operadores de metralhadora”, só se aplicava a uma parte da área, como o grande campo que havia na frente do setor da Companhia Able, à esquerda, ou às íngremes encostas das Colinas Sangrentas ocupadas pela Companhia Baker, à direita de Basilone. A Companhia Charlie, à qual duas seções de metralhadoras haviam sido incorporadas, ocupava o centro da linha de frente, formada por uma floresta densa, num terreno plano. A árdua tarefa de criar uma linha de defesa fora iniciada no primeiro emprego que se fizera da unidade nessa área, algumas semanas antes. Só quando retomaram essa tarefa é que entenderam que esse trabalho exigia as habilidades próprias do soldado de infantaria da Primeira Guerra Mundial, e não as do combatente de operações anfíbias. Carentes de soldados e comida, tendo que enfrentar um número cada vez maior de inimigos, os membros do 1/7 “entenderam, até certo ponto, como os rapazes de ... Bataan devem ter se sentido”.¹⁸²

Usando estacas de metal, os fuzileiros de infantaria da Companhia Charlie abriram trincheiras individuais e levantaram uma barreira de arame farpado de colunas duplas. Basilone posicionou suas duas seções distantes uns 40 metros uma da outra, ordenou que seus homens desmatassem um pouco mais a área para aumentarem seus campos de tiro e aprofundou os abrigos das metralhadoras. Cada seção, formada por duas metralhadoras e cinco soldados, podia dar cobertura ao setor da linha entre as seções e, em ambos os lados, a uma extensão semelhante da linha.¹⁸³ Uma vez que davam como certo que o inimigo visaria especialmente as metralhadoras pesadas resfriadas a água, os artilheiros emolduraram as canhoneiras com terra e sacos de areia, encimando-as com troncos de coqueiro, à guisa de defesa. Os morteiros de 81 milímetros, logo atrás deles, e com os obuses de 105 milímetros da artilharia a 1.500 metros na retaguarda, lançaram alguns projéteis contra a área adiante da linha de frente do 1/7.

Uma patrulha voltou à tarde, trazendo um relatório em que informava a localização de equipamento bélico do EIJ, instalado num altiplano a cerca de mil metros ao sul das Colinas Sangrentas. A notícia, como outras dos dias anteriores, significava pouco diante dos ataques infernais em torno do aeródromo, nas margens do Matanikau e no mar. Garland, um dos homens de John, voltou do hospital trazendo a notícia de que Steve Helstowski, um amigo do Manila ferido na última travessia do rio Matanikau, havia sido evacuado de avião.¹⁸⁴

No dia seguinte, começou a chover. Chuva torrencial, que caiu quase durante o dia 24 de outubro inteiro, o suficiente para tornar insuportável a vida nas trincheiras.¹⁸⁵ Além disso, dificultou a movimentação, e os

trabalhos pararam.¹⁸⁶ À tarde, o sargento Briggs, da Companhia Able, levou seu pelotão para o cavalo de frisa instalado na frente da linha de tiro da seção de metralhadoras de John. Feitos de paus pontiagudos e arame farpado sobre uma estrutura de madeira, o cavalo funcionava como portão na trilha que se estendia para o sul, na direção do posto de observação (PO), que ficava numa colina a uns 150 metros ao sul.¹⁸⁷

Por volta das 16 horas, o comandante da Companhia Charlie, como começou a sentir certa apreensão, ordenou que seus homens pusessem suas grossas luvas e criassem mais barreiras de arame farpado, “dando especial atenção à área que ficava atrás do cavalo de frisa”. Mandou que esticassem o arame ao máximo e que fixassem neles “quantas bombas iluminativas com cordel de tropeço detonante tivessem tempo para fixar”.¹⁸⁸

A chuva parou, mas o céu continuava encoberto e os fuzileiros tinham que se virar agora num terreno frio e alagado, imersos na escuridão. “Por volta das 22 horas”, observou Basilone sobre a ocasião em que aguardava o momento de ser rendido na vigilância, “o telefone tocou. Atendi e fiquei escutando”. Em vez da costumeira notícia de outro ataque aéreo, ouviu o sargento Briggs, no PO, informar a Puller, no PC, “que havia um grande grupo de japas” passando pela posição dele e “seguindo na direção” deles.¹⁸⁹ O Peitudo ordenou que seus homens, principalmente os do pelotão de morteiros de 81 milímetros, criassem condições para que Briggs fugisse, parassem de atirar e mantivessem o cessar-fogo durante o maior tempo possível.¹⁹⁰ Antes de interromper a ligação com suas companhias, seu pelotão e suas seções, o Peitudo ordenou: “Cessar-fogo!”¹⁹¹

Quando Manila pôs o fone no gancho, “os japonsas já estavam lançando granadas de mão e dinamite”.¹⁹² Centenas deles avançaram correndo pela Cancha,¹⁵ rumo à seção da Companhia Able, logo à esquerda de John. Ele e o outro artilheiro tiraram as capas das metralhadoras, viraram-nas bruscamente para a esquerda e apertaram o gatilho. A violência dos combates aumentou rapidamente. O núcleo do ataque acabou sendo, tal como esperado, aquele em que a linha de frente da Companhia Able se encontrava com a dos soldados do Exército americano, na beira do campo de tiro. O emprego da maioria das armas pesadas do batalhão, inclusive o dos canhões de 37 milímetros, era o que predominava nessa área.¹⁹³ As metralhadoras da Companhia Charlie só podiam apoiar o restante da tropa procurando escolher como alvo elementos do flanco da força inimiga. A grande distância e com a visão limitada pela floresta, John deve ter usado o mecanismo de pontaria de sua Browning.

Quando, por fim, a vaga de ataque japonesa estancou, os inimigos recuaram para a floresta. Os operadores de metralhadora relaxaram e puderam descansar um pouco. Mas, de repente, ouviram gritos vindos do outro lado: “Muito mole hoje à noite, fuzilelo!” Ouviram também queixas sussurrantes e gritos de inimigos feridos.

O ataque seguinte, encabeçado por soldados munidos com fuzis de baioneta calada, foi feito diretamente contra a Companhia Charlie.¹⁹⁴ Uma chusma de combatentes nipônicos se aglomerou no cavalo de frisa, aclarado pelas bombas iluminativas disparadas pelo tropeço de alguns no cordel de detonação. No entanto, todos aqueles rolos extras de arame farpado instalados na área acabaram compensando o esforço dos americanos, visto que retardaram o avanço dos japoneses. Com isso, a artilharia, os morteiros e as

metralhadoras mandaram chumbo neles. Basilone viu corpos se contorcendo em convulsões dolorosas quando os rios de fogos crivavam suas carnes de balas. A pilha crescente de corpos parecia não intimidar nem um pouco os colegas dos japoneses que vinham atrás, mas, com o tempo, essa impetuosa vaga de assalto nipônica estancou. Quando soube que suas metralhadoras haviam usado muita munição, Manila, em vez de ordenar que alguém fizesse isso, correu até o PC do batalhão, pôs algumas cartucheiras em volta do pescoço e voltou correndo.¹⁹⁵

Dessa vez veio um novo ataque da direita e da esquerda ao mesmo tempo. O inimigo reforçou o ataque dessa vaga atirando muitas granadas. Os homens da seção de metralhadoras de John Manila apontaram os canos para a ameaça e dispararam contra a multidão de corpos em furiosa arremetida. LaPointe, vindo da posição da outra metralhadora de John, pôs-se ao lado dele e gritou-lhe no ouvido: “Sarja, ambas as metralhadoras do flanco direito foram tiradas de combate!”¹⁹⁶ Acrescentou que havia mortos e feridos na posição. John imaginou que talvez as metralhadoras tivessem apenas emperrado. Contudo, “como não queria correr riscos”, pegou uma de suas metralhadoras com o tripé encaixado — os quais, juntos, pesavam mais de 40 quilos — e gritou: “Powell, Garland, venham comigo!” e saiu do abrigo da metralhadora pela retaguarda.¹⁹⁷ Quando alcançaram uma trilha principal, a uns 12 metros à ré do abrigo deles, viraram à esquerda e seguiram correndo para a segunda seção.¹⁹⁸

Em seu rápido avanço através da vegetação, Manila “deu de frente com um pequeno grupo de soldados japoneses — cerca de oito deles”.¹⁹⁹ Com uma pesada metralhadora nos braços, John estava em desvantagem, mas atirou assim mesmo. Powell e Garland atiraram também, fazendo o inimigo baquear. Os fuzileiros retomaram o avanço, em meio a balas traçantes, bombas de iluminação e explosões fulminando na escuridão.²⁰⁰

Ao chegar à outra seção, viu que ela fora atingida por uma granada ou por um tiro de morteiro, pois a maioria dos rapazes não estava se movendo. Contudo, viu também Cecil Evans disparando seu fuzil, gritando como um louco, chamando os japoneses ao encontro dele, para que levassem mais chumbo.²⁰¹ Na casamata, Billie Joe Crumpton empregava o fuzil da melhor forma possível, já que um de seus braços estava encharcado de sangue.²⁰² Todavia, seu rosto não revelava nada da louca bravura de Evans, que corria de um lado para outro aos gritos, movido pela implacável obstinação de defender sua posição de ataques lançados de todas as direções.

Manila não pôs sua metralhadora perto das avariadas, dentro do abrigo, mas do lado de fora. “Eu não queria pô-la na trincheira. Os japas entravam sorrateiramente nesses lugares.”²⁰³ Assim que a posicionou, pôs-se atrás dela. Nisso, avistou vultos atravessando a clareira correndo. Apontou para lá sem mirar e apertou o gatilho. Sabia que, caso se deixasse vencer pelo medo, acabaria esgotando a munição.²⁰⁴ Tinha que confiar em Crumpton, LaPointe e Powell, deixar que combatessem alguns inimigos por si mesmos. Não conseguiram, porém, acertar todos. Alguns dos japoneses mais arrojados conseguiram passar e avançaram bem para a

esquerda ou para a direita antes de o ataque cessar. De repente, viram que os nipos fizeram outra pausa. Depois de passar sua metralhadora para Powell, Manila seguiu de rastros até as metralhadoras danificadas para dar uma olhada nelas.

Mesmo na escuridão, era óbvio que a Browning mais próxima de Crumpton havia sido destruída, junto com sua guarnição. John rolou para dentro do buraco que abrigava a outra metralhadora e apalpou a arma. Precisava esquecer toda a barulheira, ignorar o número crescente de explosões de morteiros, que indicava o início de outro ataque. Ele precisava sentir e ouvir a arma.

Passou os dedos sobre a pesada Browning. Experiente, começou pelo óbvio. Apertou o gatilho, puxou o ferrolho e depois abriu a tampa do alimentador. Seguindo um procedimento padrão, dividiu os problemas em várias categorias principais: as balas estavam sendo postas no alimentador? Sim. Nesse caso, estavam sendo acondicionadas na câmara adequadamente? Sim. Não havia nenhum cartucho quebrado na câmara; tanto o extrator quanto o ejetor pareciam em ordem. Portanto, a causa da impossibilidade de atirar devia ter alguma relação com o percutor, ou com a trava do mecanismo de disparo, ou talvez com o bloco da culatra.²⁰⁵ Eliminou essas possibilidades. O problema era na folga de fechamento, ou no espaço entre a parte anterior da culatra móvel e a base do cartucho.²⁰⁶

Talvez procurar o estojo de ferramentas da arma e usá-lo não fosse uma boa ideia naquela situação. Havia uma forma rápida de consertar a folga de fechamento. Não era precisa, mas também tentar fazer ajustes numa arma quente não era recomendável. John puxou o ferrolho cerca de um centímetro, atarraxou o cano no prolongamento (como não tinha a ferramenta combinada, usou a ponta de uma bala) até o mecanismo fechar (as peças de recuo se estenderam totalmente) sem ser forçado. Em seguida, deu duas desenroscadas no cano, sem tirá-lo. Posicionou a alavanca de fixação da fita de munição acima da canaleta do excêntrico do ferrolho. Tivesse tido tempo, Basilone teria engatilhado a arma e apertado o gatilho para ouvir o percutor se encaixar, porém é mais provável que tenha encaixado a fita de munição logo.

De repente, ouviu gritos que pareciam um coro. Os japoneses estavam vindo. Ele fechou a tampa. As únicas palavras que puderam ouvir em meio à gritaria foram: “Banzai!”¹⁶ e “Muito mole, fuzilelo!”²⁰⁷ O inimigo pretendia destruir as metralhadoras com granadas e tiros de morteiro. Quando Manila puxou o gatilho, para ele foi como se a metralhadora, com seu estrépito matracolejante, suas trepidações ritmadas e psicologicamente tranquilizantes, tivesse ressuscitado. Enquanto atirava, ouvia os estalidos e estampidos das balas à sua volta. Basilone e seus homens estavam encurralados, sob ataques de todas as direções agora, mas firmes na defesa de suas posições.²⁰⁸ De repente, a outra metralhadora silenciou. Billie Joe Crumpton fora atingido de novo, dessa vez por fragmentos de granada na perna, e foi posto fora de combate.²⁰⁹

John ordenou que LaPointe e Evans protegessem os flancos com os fuzis. Precisavam atingir elementos isolados do inimigo. Manila começou a rolar de uma Browning para outra, na tentativa de evitar que superaquecessem, e a mirar contra os grupos que cruzavam a linha de tiro. Às vezes, a lama que se acumulava sobre as fitas de munição o forçava a parar de atirar e limpar o conjunto da caixa da culatra. Doutras, ele ouvia

“Cuidado!”, pegava a pistola .45, virava-se rapidamente e deparava com japoneses se aproximando sorrateiramente por trás, nos quais atirava na única parte visível do corpo: o rosto.²¹⁰ Havia muitos deles, porém, e estavam em toda a parte. Quando os soldados do imperador gritavam, ele, Evans e LaPointe devolviam os gritos com insultos. “Achamos”, observou Basilone, “que nossa hora havia chegado”.²¹¹

Os grandes projéteis da artilharia dos fuzileiros navais explodiam entre as árvores do outro lado da linha de combate, tal como os dos 81s, embora aqueles parecessem cair longe demais, enquanto outros atingiam áreas próximas, em meio às posições dos fuzileiros navais.²¹² John sabia que os soldados inimigos tentariam avançar rastejando pela relva, abaixo, portanto, de sua linha de visada. Só que teriam que se aproximar o suficiente para atingi-lo. Assim, ele varria o terreno a tiros de peça com certa regularidade para evitar que alcançassem sua posição.²¹³

Junto com a sensação de exaustão, veio o momento em que a munição começou a acabar. Manila tinha a impressão “de que ficaram atirando a noite inteira”.²¹⁴ A maioria dos sargentos despachara um soldado para buscar mais munição e, assim, continuou no comando na linha de combate. No entanto, o inimigo fechara o cerco pela retaguarda, isolando os fuzileiros.²¹⁵ Com isso, Manila ordenou que seus homens atirassem com os fuzis o mais possível, pois precisavam poupar as últimas fitas de munição das metralhadoras para usarem no próximo ataque dos japoneses.²¹⁶ John pegou a pistola e, com seus homens dando alguma cobertura, avançou correndo na direção do inimigo, depois se virou e se lançou em outra carreira diante “da linha de combate de sua própria companhia, debaixo do pesado fogo inimigo”,²¹⁷ deixando estupefatos todos os que o viram fazer isso. Todavia, assim que pôde, retomou o caminho de volta, atravessando a linha de frente de sua unidade e internando-se pela selva, rumo ao PC.

Perto dos abrigos de munição, vários sargentos tratavam de prender à cintura fitas de munição da .30 o mais rapidamente possível. Manila pôs algumas nos ombros, a ponto de cambalear de tanto peso, mas pegou também fulminantes de dinamite, já que eram bastante úteis.²¹⁸ Com a pistola na mão, Basilone voltou a custo para as posições de LaPointe e Evans, tomando o caminho que passava diretamente pelo território controlado pelo inimigo.²¹⁹ E como eram pesadas aquelas fitas de munição... As balas fuzilavam pelos ares à sua volta, fazendo-o sentir-se um alvo fácil. Foram necessários quinze minutos para percorrer “aqueles malditos 100 metros”, observou ele tempos depois.²²⁰ A lua apareceu e, assim, iluminou um pouco o ambiente, facilitando o mister de matar. Aproveitando-se disso, a artilharia dos fuzileiros castigou duramente as áreas de concentração de tropa do inimigo, situadas a 100 metros para além da barreira de arame farpado.

Assim que as primeiras luzes do dia atravessaram as copas das árvores, os japoneses lançaram outra impetuosa investida contra os americanos. Os corpos dos mortos sobre a barreira de arame facilitavam a superação do obstáculo pelo inimigo. Como as linhas de tiro de John haviam ficado bloqueadas pela pilha de corpos japoneses, ele mudou a posição de uma de suas metralhadoras para conseguir um ângulo de visão melhor. Mas não começou a atirar imediatamente. Em vez disso, esperou um pouco, até que o inimigo se

aproximasse o suficiente para poder atingi-lo, sem o risco de errar; esperou que, em seu afã de atacar, “os japoneses pudessem ser atingidos à queima-roupa”, poupando-o de ter que mirar tanto, e só então puxou o gatilho.²²¹

Quando esse ataque cessou, Manila viu vários grupos de colegas combatentes afluindo para as trincheiras individuais e os abrigos de metralhadoras, a fim de substituírem os fuzileiros exaustos.²²² Contudo, foi um dos últimos a ver a chegada desses soldados, já que fazia horas que o 3/164 estivera reforçando a linha de combate do 1/7. Os soldados inimigos infestavam a área, tanto que, não muito longe da posição do Manila, uma força inimiga maior, com cerca de quarenta homens, estava determinada a manter o controle da brecha que abrira nas fileiras defensivas dos fuzileiros navais. Enquanto Evans, LaPointe e seu sargento defendiam a própria posição, esquadrões de fuzileiros e soldados iniciaram uma operação de desmantelo da cunha estabelecida pelo inimigo em suas linhas, bem como para aniquilarem infiltrações individuais. Esse processo durou horas, uma vez que só podia ser realizado com ataques à queima-roupa e usando-se fuzis e pistolas.²²³

Os soldados conseguiam esgotar um pente de oito balas quase com a mesma rapidez com que apertavam o gatilho, enquanto os fuzileiros navais tinham que puxar para trás o ferrolho de seus Springfields a cada disparo. Os combatentes armados com essas armas demoravam mais a matar: Banguê! Pausa. Pausa. Banguê! Pausa. Pausa. Já os soldados com os semiautomáticos Garands faziam tau, tau, tau, tau, tau, tau! em grupos de oito, antes que o pente de munição fosse cuspidos pela arma. As operações de “varredura” (“limpeza de terreno”) prosseguiram durante o dia inteiro, em meio a silvos metálicos de pentes sendo cuspidos, enquanto reconquistavam as posições de sua linha defensiva.

O coronel Puller foi até a posição do sargento Basilone para elogiá-lo: “Bom trabalho!”²²⁴ Pelos cálculos do Peitudo, “havia quase mil japoneses — japas mortos, por sinal — lá na frente, além de outras centenas deles, mortos também, entre nossas fileiras e as barreiras de arame farpado”. Um dos combatentes contou 38 corpos empilhados em volta do abrigo da metralhadora de John Manila, do lado direito.²²⁵ Outras várias centenas jaziam defuntas numa área da floresta mais além, atingidas pela artilharia ou pelos grandes morteiros antes que conseguissem engrossar um dos seis “ataques banzai”. Qualquer cálculo aproximado do número de inimigos feridos, levando em conta essas estimativas de mortos em combate, certamente alcançaria a casa dos milhares.

O coronel, assessorado pelos oficiais do 1/7, ouviu com atenção o relato de seus homens sobre os combates, de forma que pudesse preparar relatórios. O número de praças mortos perto da posição de John, embora impressionante, não se comparava com o total de japoneses que tombaram na frente da posição da Companhia Able. Esta, contudo, tinha muito mais armas pesadas que as outras unidades, tanto que suas posições não foram tomadas pelos nipônicos.

O Peitudo deu os parabéns a todos os membros do 1/7 pelo trabalho bem feito, mesmo porque o 1/7 combatera com apenas 75 por cento de seu efetivo e, ainda assim, mantivera o controle de um segmento da zona de defesa perimetral normalmente só defensável por dois batalhões e com alguma ajuda de outros soldados.²²⁶ Quando os sargentos iniciaram a contagem da tropa para registro em seus mapas da força, uma

estimativa preliminar indicava que a noite de combates custara ao 1/7 dezenove mortos, trinta feridos e doze homens desaparecidos em combate. John soube que as metralhadoras haviam queimado 26 mil cartuchos de balas calibre .30. “Depois da luta, como senti fome, fui até o PC para ver se conseguia comer algo, mas só nos deram biscoitos de água e sal com geleia...”²²⁷

No fim da tarde, o 3/167 havia assumido a responsabilidade por esse setor da linha de frente. É possível que, antes de se transferirem para a relativa segurança das Colinas Sangrentas, os elementos do 1/7 tenham se mostrado gratos aos colegas daquela unidade. Antes de se retirar, John foi ver como estavam alguns de seus amigos da Companhia Able, que haviam conseguido barrar a principal arremetida dos japoneses, lançada por eles da Cancha. Ele apontou para um dos canhões de 37 milímetros, que disparara tiros de metralha a noite inteira, e disse a seu amigo Manny: “Que Deus os abençoe, amigos! Obrigado. Essa é a melhor arma que o mundo já viu.”²²⁸ Alguns fuzileiros de sua Companhia Charlie, observou o comandante deles, subiram as Colinas Sangrentas levando os novos Garand.²²⁹

O EIJ atacou novamente à noite. Alguns projéteis caíram nas colinas, mas esse combate era do Exército. Nos dias seguintes, a Companhia Charlie se envolveria no conflito por breves períodos, porém haveria muita discussão a respeito do que acontecera e sobre quem fora atingido. O maior saliente estabelecido pelo inimigo chegara à posição da unidade do Manila, entre as companhias Charlie e Baker. O sargento de pelotão Robert Domokos havia escolhido alguns homens e improvisara uma unidade de assalto, com a qual varrera o inimigo desse terreno conquistado por ele.²³⁰ London “Pappy” Traw, o sargento de um pelotão de operadores de metralhadora que havia estado no terreno por muito mais tempo do que o Manila, estivera presente também no local do ataque, embora como elemento subordinado à Companhia Baker, e acabou morrendo.²³¹ Os soldados contaram mais de dez corpos na frente da posição do praça Edmund Dorsorgna.²³² Uma das guarnições posicionadas no flanco direito de Ed abandonara a luta, deixando-o exposto ao ataque inimigo. Além disso, ele teve que consertar suas metralhadoras quatro vezes na noite do embate. A Companhia Dog, também comandada pelo John, tivera três homens feridos e sofrera seis baixas fatais, entre as quais estava o cabo Weydandt, cujo tempo de serviço findara duas semanas antes, mas ele continuou lutando, embora tivesse decidido não voltar a se alistar. Na Companhia Charlie, oito soldados foram feridos e postos fora de combate, ao passo que outros nove perderam a vida, inclusive Anderson, que levara um tiro no traseiro.

Na manhã de 25 de outubro, o tenente Micheel acordou irritado, pois teve que aguentar outra noite de bombardeio, posto que, no dia anterior, não conseguira achar os elementos do Expresso de Tóquio. E o pior era que, após duas noites de chuva, o Pasto “estava encharcado e escorregadio como nunca”, dificultando muito a decolagem dos Wildcats, uma vez também que essa pista de terra não fora coberta com as tais chapas de aço perfuradas. Contudo, embora a aeropista do Henderson tivesse sido forrada com essas chapas, os Dauntless e aviões torpedeiros não podiam decolar, pois a artilharia japonesa o bombardeava o tempo todo. A gasolina se tornara escassa outra vez. Os primeiros aviões inimigos chegaram às 8 horas. Mike, indignado, “ficou sentado

observando os japoneses atirarem bombas contra eles...”. Enquanto isso, aviões de patrulha enviavam relatórios informando que mais navios inimigos rumavam na direção deles. “Se os Dauntless não decolarem para interceptá-los”, pensou ele, “nunca conseguiremos sair desta ilha”.

De seu PO no topo de uma colina a oeste do rio Lunga, Sidney e seu esquadrão conseguiam ver o Aeródromo Henderson. “Para onde quer que olhássemos, víamos aviões japoneses.” Os fuzileiros observavam entediados o andamento do conflito, já que haviam ficado a maior parte da noite na expectativa de serem convocados para ajudar o 1/7. Haviam sido informados de que a situação ficara difícil no Setor Três, uma vez que a chuva de balas caía tão intensa que fora necessário procurar abrigo apenas para “se ter espaço para respirar um pouco”. Durante a noite inteira, o tataranhar das metralhadoras, os estrondos dos canhões de 37 milímetros e dos 81s do 1/7 feriram seus ouvidos sem parar. A batalha da noite anterior ocorrera após dias observando a infantaria e os aviões combaterem o EIJ ao longo do Matanikau. De alguns dias até então, os aviões e a artilharia americana haviam lançado um fogo de barragem fulminante sobre as posições inimigas para além do rio. Relatórios enviados ao esquadrão de Sid informavam que a pilha de “corpos chegava até a cintura e se estendia por uma área de 8 quilômetros... deixando a praia coberta de japoneses mortos”.

Na manhã do dia 25, no entanto, os aviões americanos demoraram muito a decolar do Henderson. Tiveram a impressão de que os aviões inimigos que o sobrevoavam na ocasião estavam aguardando permissão para aterrissar. Sid e o Decano ficaram observando de seu posto privilegiado até que, por fim, os combates aéreos começaram. “De todas as partes do céu... caía um avião atrás do outro. Zeros explodiam em pleno ar e se desintegravam antes de se esborracharem no solo. As armas antiaéreas terrestres crivaram os bombardeiros e vários Zeros de balas... que caíam como moscas. Três contratorpedeiros japoneses conseguiram entrar no porto. Nós os vimos afundar um navio-transporte de tropa e uma canhoneira americana.” Em seguida, os três navios de guerra inimigos começaram a bombardear Kukum e o aeródromo. “Por favor, meu Deus”, implorou em prece o Decano, “dê-nos mais vitórias e paz!”

Fazia horas que os Wildcats vinham tendo grande trabalho com o inimigo, num esforço para livrar o céu da presença de aviões incursores japoneses, antes que, às 13 horas, partisse a primeira vaga de bombardeiros de mergulho americanos. Cinco bombardeiros de mergulho partiram no encalço de três contratorpedeiros nipônicos que haviam estacionado ao largo das águas de cabo Lunga, horas antes, na manhã desse dia, na qual bombardearam Kukum e o aeródromo. Acabaram achando um cruzador, um cruzador leve e dois contratorpedeiros. Horas depois, um dos pilotos dos Dauntless informou que haviam conseguido efetuar, além de um tiro certo contra um cruzador, mais alguns bons disparos, que, no entanto, foram apenas quase acertos. Pouco depois, outro esquadrão partiu. Por volta das 15 horas, chegou a vez do 6°. Esquadrão de Bombardeiros, cujos quatro aviões, liderados por Ray Davis, conseguiram também dois quase acertos. Mike partiu em missão na quarta onda de ataque, junto com outros três bombardeiros de mergulho, alguns Wildcats e quatro P-39s. Seguiram pela rota de abastecimento inimiga acima, à procura de contratorpedeiros e

quaisquer elementos do Expresso de Tóquio em trânsito pelo canal. Acharam o alvo por volta das 16h30. As quatro excursões dos bombardeiros de mergulho só renderam um quase acerto contra o cruzador leve. O piloto do P-39, contudo, roubou a cena na operação, conseguindo acertar em cheio o cruzador, o maior e mais importante navio do grupo. Os japoneses continuaram a fugir, com dois de seus maiores navios vazando óleo. A missão levou apenas pouco menos de duas horas. Depois disso, voltaram para o aeródromo, onde ficaram observando as furiosas batalhas no céu. Um dos pilotos de caça, o capitão Joe Foss, derrubou quatro Zeros nesse dia.

Mike, porém, não tinha a sensação de vitória, mas o assédio de grande e preocupante dúvida, porquanto era de apenas uma dúzia o total de *Dauntless* em condições de operar, com mais ou menos o mesmo número de *Wildcats* também prontos para emprego em combates. O aeródromo ainda estava em péssimas condições, havia escassez de tudo e os canhões de 150 milímetros da artilharia inimiga disparavam contra eles à vontade. Contudo, da mesma forma que só raramente demonstrava raiva, Mike guardou para si essa preocupação. Quando o comandante do 6º. Esquadrão de Bombardeiros, Ray Davis, avaliou a situação dos homens sob seu comando, foi no tenente Micheel que ele viu um piloto que, “sem nenhuma preocupação de preservar a própria vida ... , realizava todas as missões com determinação e coragem”.²³³

Antes de irem para a cama, souberam que o *Enterprise* e o *Hornet* haviam chegado à região. Geralmente, a chegada de forças-tarefas americanas significava que os navios-aeródromos da Frota Imperial tinham voltado também. Com isso, os cansados pilotos da *Cactus* tiveram uma noite livre de bombardeios de navios japoneses. Na manhã seguinte, na barraca de controle operacional, os pilotos receberam relatórios da batalha que fervilhava entre os porta-aviões apenas algumas centenas de quilômetros dali. Receberam também informes dando conta de que porta-aviões, navios de guerra e todo tipo de navios inimigos se aproximavam de suas posições. Mike e outros dois colegas passaram a noite bombardeando e atacando, em voos de metralhadas rasantes, uma área ao sul da pista de aterragem de caças, que os fuzileiros navais chamavam de Setor Três. Relatórios sobre navios de guerra inimigos não paravam de chegar. Nenhum dos grupos das missões de ataque, todavia, conseguiu localizar esses navios. No fim da tarde, souberam que os bombardeiros de mergulhos japoneses haviam atingido ambos os porta-aviões e que algumas aeronaves americanas tinham sido alvejadas por eles também. No dia seguinte, chegou a notícia de que o Big E era então o único navio-aeródromo americano em operação no oceano Pacífico, pois o USS *Hornet* tinha sido afundado.¹⁷

Tinha fundamento a expectativa da Força Aérea *Cactus* da chegada, para breve, de mais um pouco de alívio — como, por exemplo, na forma do que sobrara dos aviões e dos pilotos do *Hornet*. Em ocasiões como essa, o médico do esquadrão abria uma garrafa de uísque na barraca de controle operacional e deixava seus pilotos tomarem uns goles. Não que isso fosse “uísque medicinal”, distribuído oficialmente pela Marinha. O fato é que o médico conhecia um membro do batalhão de construção naval que tinha um estoque de garrafas de uísque e que era louco por peças de avião. O médico providenciou, portanto, para que arrancassem painéis de instrumentos e outras partes interessantes de aviões sucateados. Perguntou depois ao sujeito o que ele queria

em troca dessas coisas, mesmo porque, pelo que soubera o médico, o construtor naval pretendia “construir um avião depois que a guerra terminasse”. Pelo visto, o Dia da Marinha do ano de 1942 acabou em festa para eles, com algumas viradas de copos.

* * *

Em 26 de outubro, uma segunda-feira chuvosa, mil prisioneiros de guerra se preparavam para deixar a pé o Campo de Prisioneiros de Guerra de Cabanatuan Número Um. Contudo, antes de fazerem isso, precisavam despedir-se dos amigos. Os fortes, que estavam partindo, olhavam para os fracos e se perguntavam se conseguiriam sobreviver por muito tempo, enquanto os que ficariam para trás se perguntavam se o grupo de saída estava sendo levado para o Japão, destino que eliminava qualquer chance de fuga, que tornava remota toda possibilidade de libertação e que, talvez, era sinônimo de morte. Ambos os grupos, porém, queriam muito que pelo menos um deles sobrevivesse para relatar ao mundo a história de Cabanatuan e, sobretudo, para que pudesse contar suas tristes sinas às respectivas famílias quando voltasse para casa.

Na marcha para a estação de trem, o Engenhoso levou um saco cheio de apetrechos e todos os víveres que pôde comprar. Espremidos no que ele chamou espiritualmente de carro de luxo — oitenta homens apinhados num vagão de carga fechado —, o trem seguiu viagem lentamente. “Numa das frequentes paradas do comboio... um grupo de crianças filipinas resolveu testar os guardas japoneses de nosso vagão e descobriu que não entendiam inglês. Elas então cantaram *Deus Abençoe a América*.” O trem os levou para Manila.

Passaram só uma noite em Bilibid e, no dia seguinte, marcharam para o porto, onde embarcaram num navio outrora pertencente aos americanos, chamado SS *Erie*, e agora batizado de *Erie Maru*. O embarque de mil prisioneiros num cargueiro de 8 mil toneladas, cheio de tonéis de gasolina de avião, só podia resultar nas ordens de sempre, ou seja, a de espremer os prisioneiros em apertados compartimentos nos porões do navio. Quando o navio zarpou, os guardas relaxaram. O Engenhoso e seus amigos Mike Dobervich e Jack Hawkins conseguiram chegar ao convés, onde escalaram grandes pilhas de sacos de arroz e havia ar fresco, além de menos aperto. Combinaram imediatamente que um deles permaneceria ali o tempo todo, para impedir que o espaço fosse ocupado por outros prisioneiros de guerra, pois o achado aumentava suas chances de sobrevivência, embora muito pouco. Mesmo assim, lutariam para preservá-las.

* * *

Os combates abrasavam infernais o terreno em volta da posição da GP-M4. Ao sul, o Exército rechaçara outro ataque camicase, matara 65 inimigos e fizera um prisioneiro japonês. A oeste, no Matanikau, os fuzileiros navais tinham matado entre oitocentos e novecentos soldados inimigos, mas não fizeram nenhum prisioneiro. Em matéria de ferocidade, esse último combate pelo controle do Matanikau quase se igualara, de acordo com

os cálculos do Decano, à Batalha do Cabo do Inferno, mas durara apenas oito horas, ao passo que o 2/1 combatera durante dezesseis horas. De hora em hora, grandes projéteis de ambas as artilharias passavam sibilando por cima de suas cabeças.

Sid Phillips e o Decano foram até os destroços de um Zero derrubado, de onde “desenterraram parte do corpo de um piloto”. O Decano pegou a cigarreira do japonês. Já o Sid achou uma moeda num dos bolsos dele. Não foi exatamente um saque, mas pelo menos algo diferente de ficar só esperando e observando.

Nesse dia, ouviram soar o toque de distribuição de correspondência. O funcionamento algo regular do serviço de correio motivava todos a se corresponderem mais frequentemente com os parentes. Foi mais ou menos nessa época que Sid enviou uma carta para Mobile, endereçada a seu amigo Eugene Sledge. “Não se aliste em nenhum serviço”, aconselhou-o Sid, “nem entre para os escoteiros ou para o Exército de Salvação”.

Enviaram um destacamento de serviço para o aeródromo e a praia, de onde voltou para a GP-M4 com um carregamento de provisões de campanha, chocolate e fofocas. Os rapazes da Marinha estacionados no aeródromo adoravam se gabar, já que tinham afundado “três couraçados, quatorze contratorpedeiros, dois navios-transporte de pessoal, seis cruzadores, dois porta-aviões e um tênder de avião”. Estavam na expectativa da chegada não só de mais correspondência, mas também de mais navios da MIJ, e o 1º. RIFN partiria em 11 de novembro. Depois de ler os jornais de Mobile, Sid os emprestou aos colegas. Estavam todos de bom humor, pois voltariam para casa em breve.

* * *

Comer foi a forma encontrada por Micheel para reagir à tensão constante. “Eu ia ao refeitório sempre que podia, pois estava perdendo peso rapidamente. Fiquei com diarreia. O incrível é que eu conseguia participar das missões aéreas sem problemas, mas, assim que eu desembarcava do avião, tinha que correr para o banheiro.” Embora conseguisse preservar as próprias forças dessa forma, a combinação de exaustão física e mental fez seu peso cair para 57 quilos. De uma hora para outra, ficou ansioso para deixar Cactus o mais breve possível e voltar para um porta-aviões.

Foi mais ou menos nessa época que Dick Mills, que caíra com seu avião perto da ilha Russell, voltou. Bastou que Mike desse uma olhada no amigo para ver que Dick parecia melhor do que ele fisicamente. “Perguntei a ele como havia conseguido engordar tanto. ‘Eu comia frango todo dia’, respondeu ele.” A preocupação de Mike pelo colega se dissipou rapidamente, porquanto era óbvio que haviam cuidado muito bem de Dick. Na barraca de controle operacional, Dick aconselhou aos amigos que, caso fossem derrubados ou caíssem, não se livrassem das botas, tal como os haviam recomendado. Explicou que precisariam delas para saírem dos bancos de recife e que cortara os pés por não tê-las consigo. Depois de três semanas de tensão constante em Guadalcanal, Mike perdera quase dez quilos. Simplesmente não conseguiu, pois, levar muito a sério o conselho do amigo e começou a caçoar de Dick, duvidando das consequências do pouso forçado que

ele fizera, dizendo a todos que Dick havia “pirado e ... destróçara a própria hélice com a metralhadora de bordo”.

De todas as pressões sofridas pelo 6º. Batalhão de Bombardeiros, enfrentar a artilharia inimiga era o que levava seus homens à beira da loucura. A artilharia dos nipos ficara conhecida como Pete Pistola, embora o EIJ tivesse vários grandes canhões de 150 milímetros. O Pete Pistola podia disparar projéteis contra eles sem parar, dia e noite. Embora “ele” duelasse com a artilharia dos fuzileiros navais e buscasse atingir concentrações de tropa americanas, era óbvio que o Pete Pistola gostava de atirar nos aviões em seus momentos mais vulneráveis, isto é, os da decolagem e da aterrissagem. Os disparos esporádicos e a excelente camuflagem haviam até então impedido a localização da posição do canhão, mas uma peça de campanha de cinco polegadas era grande demais para manter sua posição incógnita por muito tempo.

Tanto que um dos pilotos do 6º. Esquadrão de Bombardeiros teve uma ideia: “Vamos ver se conseguimos fazer esse cara atirar em nós. Basta que façamos um dos nossos decolar e sobrevoar o topo do presumível altiplano em que está instalado, como se o colega do avião estivesse tentando localizá-lo, para ver se ele atira nele. Enquanto isso, providenciamos para que nossos aviões de combate sobrevoem a área aqui e fiquem observando. Assim que ele atirar e nossos aviões conseguirem localizá-lo, é só atacar.” Valia a pena tentar. Mike aceitou servir como isca. Tal como vinha fazendo havia algum tempo, levaria consigo qualquer artilheiro de cauda que aceitasse partir com ele. O aeronauta Spires se ofereceu como voluntário. Quando os outros aviões tomaram suas posições, Mike começou a sobrevoar a área de forma geral, a oeste do rio Matanikau. E funcionou. “Toda vez que eu rumava na direção dele, não acontecia nada, mas, quando eu fazia meia-volta, BAM! Ele mandava chumbo. Meu artilheiro de cauda dizia: ‘Ele está atirando em nós! Está atirando em nós!’” Quando isso acontecia, Mike entrava em contato com seus amigos pelo rádio e perguntava: “Vocês viram isso?!” e eles sempre respondiam: “Não ... tente outra vez!” Depois de uma hora sobrevoando a área em círculos, Mike finalmente ouviu um colega dizer: “Localizamos o ‘sujeito!’” Mike se retirou e deixou que os outros bombardeassem e varressem a área a tiros de peça, em voos rasantes. Quando aterrissou, seu artilheiro de cauda disse a ele que iria deixar as Forças Armadas. “Não quero mais saber de voar! Vocês estão me usando como cobaia!” No fim das contas, Spires não fez nada disso e voltou a voar. Quanto ao Pete Pistola, ficou fora de combate por cinco dias.

Certa noite do início de novembro, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros atuava como grupo de vigilância quando chegou um informe comunicando que tinham visto outro navio descarregando na área ocupada pelos japoneses. Os pilotos e seus líderes haviam conseguido evitar um confronto com os japoneses penetrando sorrateiramente pela área à noite, da qual se evadiram antes do amanhecer. Os Dauntless haviam iniciado os ataques ao Expresso de Tóquio à noite e por meio de bombardeios planados — realizando uma aproximação sob um ângulo bem menos acentuado do que o de mergulho — quando possível. Alguns dias antes, ao anoitecer de 2 de novembro, três Dauntless haviam partido no encalço de três contratorpedeiros inimigos, que a MIJ usava para transportar soldados e suprimentos até o local por causa de sua velocidade. Entretanto, nenhuma dessas aeronaves retornou da missão.²³⁴ Ray Davis chegou à conclusão de que parecia possível

acertá-los à noite e, para provar isso, faria ele mesmo o primeiro ataque.

Enquanto Mike verificava as condições de seu Dauntless, preparando-se para realizar sua segunda incursão, mergulhou fundo o olhar no céu escuro. Havia participado de missões noturnas antes, uma das quais apenas alguns dias atrás, contra um contratorpedeiro, perto da ilha Russell.²³⁵ Tivera alguma instrução sobre operações aéreas noturnas e pilotara durante várias horas em condições atmosféricas bastante ruins. O sucesso dessas missões dependia da visibilidade. Com a lua cheia em céu límpido, conseguia ver até a linha do horizonte. Mas, mesmo com boa visibilidade, o piloto tinha que contar mais com os instrumentos do avião do que com os próprios sentidos. Para poder contar com o altímetro, o velocímetro, a bússola e alguns outros instrumentos-chave e se manter na rota, eram necessários concentração, experiência e nervos de aço.

Pilotar em uma noite como aquela, todavia, em que a escuridão era intensa, deixou Mike assustado. Céu escuro significava a impossibilidade de avistar o horizonte e, “sem ter o horizonte sob perspectiva”, disse Mike consigo mesmo, “você podia ficar tonto com muita facilidade. Você tem a sensação de que está rodopiando, o fundilho da calça dá a impressão de que você está girando, mas, quando você olha para os indicadores do painel, vê que está seguindo em linha reta”. Geralmente a tentativa de conciliar a sensação produzida pelos sentidos com o que os instrumentos indicavam provocava pânico, ou pior, tontura. O tenente Micheel deslocou-se lentamente com o avião pela pista de rolagem e seguiu para o fim da aeropista do Henderson, onde, com o motor ligado, ficou esperando Ray voltar.

Aterrissar à noite num porta-aviões exigia grande habilidade do piloto, mas bombardear em voo planado à noite — numa noite muito escura, por sinal — beirava o impossível. A tentativa de lançar uma bomba “sobre um objeto escuro e depois desviar-se bruscamente dele” causava tontura, mesmo nos pilotos mais experientes. A realização de tal manobra em alta velocidade, enquanto o piloto se via às voltas com indicadores girando, agulhas oscilando bastante e acossado pelos fortes impulsos dos próprios sentidos, era simplesmente demais para qualquer aeronauta. No passado, alguns participantes dessas missões disparavam bombas de iluminação sobre o alvo, que ficavam mais fáceis de atingir, mas essas bombas ofuscavam a visão do piloto e tornavam mais difíceis a cabragem ascensional e a retomada da rota de volta para a base.

Ray aterrissou na outra extremidade da grande aeropista. Logo em seguida, rumou lentamente na direção de Mike, em vez de entrar na pista de rolagem, e parou a alguns metros dele. O artilheiro de Ray desembarcou da aeronave, correu até o avião de Mike, subiu de um pulo numa das asas do aparelho e gritou, em meio ao barulho do motor ligado: “O comandante disse para você não decolar! Não vá!” Mike experimentou uma sensação de alívio. Seu anjo da guarda pousara em seu ombro. Os dois aviões voltaram para os pátios de estacionamento. No caminho de volta para a barraca de controle operacional, Ray contou que sobrevoara o alvo a pouco mais de 1.500 metros de altitude, mas “estava tão escuro que não dava para ver o navio lá de cima...”. Chegou à conclusão de que “não valia a pena pôr a vida dos aviadores em risco...”. Nenhum dos que voltaram para a barraca contestou a decisão dele.

Além de terem tido uma visão privilegiada do desenrolar da maior parte da batalha, Sid e seus amigos ficaram

sabendo tudo a respeito dela. Os movimentos das unidades, a contagem dos corpos e o número de projéteis disparados — a maior parte disso, simples boatos, sabiam eles muito bem. De acordo com as informações que chegaram até eles, no Setor Três o Exército tinha matado soldados inimigos aos milhares e, além de arrancarem Luger e espadas de samurais cravadas nos corpos dos inimigos, esses soldados estavam travando, segundo constava, verdadeiros duelos com japoneses armados com sabres. Ademais, o rádio de ondas curtas dos fuzileiros navais captara transmissões do inimigo, levando os americanos a deduzir que os aviões inimigos que haviam sobrevoado suas posições em voos rasantes, uma semana antes, tinham sido obrigados a aterrissar no novo aeroporto do império — o Aeródromo Henderson. A notícia foi recebida com vaias, assobios e “Azar o seu, Tojo!”. Todavia, cópias do interrogatório de quatro prisioneiros de guerra japoneses circulavam entre eles. Esses prisioneiros declararam que “não queriam mais saber de guerra, e principalmente de combater os sanguinários fuzileiros”. No porto, a GP-M4 via um número cada vez maior de navios americanos. Em 2 de novembro, destacamentos de serviço desembarcaram sete canhões de 155 milímetros, conhecidos como Long Toms, a respeito dos quais corriam comentários de que seus projéteis eram capazes de atingir alvos a 15 quilômetros de distância.

Todos aqueles navios ancorando ao largo de cabo Lunga indicavam que o 8º. e o 22º. RIFNs desembarcariam em breve. “Dizem que vamos partir para Tulagi no domingo ou na segunda — onde tomaremos um banho de produtos químicos (injeções), e depois, para a Nova Zelândia.” Estavam esperando a próxima grande incursão do inimigo, que continuava a realizar ataques aéreos. Mas tentativas do Expresso de Tóquio de reforçar suas tropas eram agora quase sempre rechaçadas. O número de navios japoneses afundados era tão grande, observou o Decano espirituosamente, que o primeiro-ministro Tojo iria precisar de “um sino de imersão para fazer a inspeção de sua Marinha agora”. Quanto aos outros inimigos japoneses já estacionados na ilha, “nossos aviões deixaram em pânico os japoneses do outro lado, com voos rasantes com tiros de metralhadoras e bombardeios”. Em 7 de novembro, novos esquadrões aterrissaram no aeródromo, incluindo não apenas mais Wildcats e bombardeiros de mergulho, mas também B-17s. Diziam que Guadalcanal se tornaria em breve a maior base americana de B-17s do Pacífico. Quando uma rádio de São Francisco anunciou os planos para a substituição da 1ª. DIFN e sua retirada de Guadalcanal, aos cansados fuzileiros da GP-M4 isso pareceu “bom demais para ser verdade”. Além do mais, outro fuzileiro disse a eles que soubera que o almirante Nimitz fora substituído. A essa altura, os membros do esquadrão de Sid não sabiam mais em que acreditar.

A ordem para partir chegou no fim da tarde do dia 3 de novembro. O 2/7 deparara com um grande contingente de tropas inimigas a alguns quilômetros a leste da zona perimetral de suas defesas. O sargento Basilone providenciou, portanto, a distribuição de munição e víveres, seus homens pegaram o equipamento, as metralhadoras pesadas e deixaram marchando as Colinas Sangrentas.²³⁶ Em vez de ficar esperando um ataque dos japoneses à zona perimetral, o 1/7 ajudaria o 2/7 a tomar a ofensiva.²³⁷

Mais de uma dúzia de navios anfíbios recolheram os fuzileiros em cabo Lunga logo depois das 18 horas. Seguiram para o leste, na direção do cabo Koli. O litoral se estendia à direita deles, envolto em escura monotonia. Passaram-se horas, e nada. Era óbvio que os oficiais estavam tendo dificuldade para achar o local do desembarque. Chegaram a ver luzes na praia, mas não conseguiram saber se eram do inimigo ou do 2/7. O Peitudo e outros oficiais seus sabiam que precisavam desembarcar antes que topassem com um submarino do inimigo ou até com uma de suas lanchas torpedeiras. Assim, todos os lanchões de desembarque das tropas voltaram para cabo Lunga, com o objetivo de se reorganizarem. Lá, os oficiais contataram o 2/7 via rádio e combinaram de dar um ao outro avisos com foguetes de sinalização, como forma de reconhecimento. O 1/7 voltou, pois, para cabo Koli. Por volta da meia-noite, o lanchão de desembarque das tropas deixou os membros do 1/7 na praia, perto de um rio. Depois de montarem um sistema de vigilância, todos dormiram na praia mesmo.²³⁸

O desembarque contribuiu para um infausto começo daquilo que o Manila chamou depois de “caça aos japoneses” por parte do 7º. RIFN.²³⁹ O 1/7 e o 2/7, reforçados por dois batalhões do Exército, passaram quase três semanas empenhados na caçada ao inimigo através dos pântanos e rios a leste de cabo Koli. A operação começou com a destruição das armas e do equipamento abandonados que acharam e depois progrediu para tiroteios breves, mas intensos. Em sua perseguição dos membros do EIJ, avançaram tanto para o leste que foram além do território da operação indicado no mapa. No entanto, como a impossibilidade de se guiar pelo mapa não incomodava o Peitudo nem um pouco, seus subordinados não ligaram para isso também. Em uma das últimas escaramuças, o estilhaço do projétil de um canhão de campanha do inimigo atingiu o infatigável coronel Puller, que ficara na linha de frente, como sempre, mas que acabou permitindo que o evacuassem depois de passado o calor da refrega. O ferimento, porém, não foi grave, nem afetou o resultado da operação. Embora lentamente, as forças americanas acabaram enquadrando a tropa inimiga. A artilharia dos fuzileiros, conquanto situada a quilômetros de distância na zona perimetral de suas linhas defensivas, desencadeou uma tempestade de fogos sobre a área de enjaulamento do inimigo. Contudo, a maior parte dos soldados inimigos escapou, graças às dificuldades impostas pelo terreno e — de acordo com os fuzileiros — à ineficiência das unidades do Exército.

Não apenas força bruta, mas coragem também foi necessária para fazer a operação triunfar e é bem possível que os fuzileiros tenham ficado muito contentes por haverem destruído a ameaça. Mas tiveram que esperar alguns dias, a fim de poderem retornar para a zona de defesa perimetral. Depois de ingerirem “comida fria direto da embalagem” por vários dias, nas palavras do Manila, o moral deles baixou um pouco.²⁴⁰ Embora a recente incursão não tivesse causado muitas baixas no 1/7, apenas 75 por cento de seu contingente original voltou para as Colinas Sangrentas ao retornar para a zona de defesa perimetral, visto que o batalhão tinha começado a perder muitos homens afetados por doenças tropicais, como a malária. Entre essas vítimas estava o comandante da Companhia Charlie. Todos os soldados que ainda conseguiam se manter de pé haviam perdido muito peso desde a chegada deles.

Mas boas notícias os aguardavam no Setor Três. A ausência deles os poupou de outro bombardeio dos navios imperiais japoneses nos dias 11 e 12 de novembro. Puller, o Peitudo, se recuperara das consequências do ataque o tanto que se permitira e reassumira o comando do batalhão. Outro regimento de fuzileiros, o 8º., havia acabado de chegar. Substitutos desembarcaram na praia com o objetivo de recompor o contingente do 1/7. Os toques de chegada de correspondência voltaram a soar com regularidade. Com isso, era possível que o Manila recebesse uma carta-resposta de Helen, a irmã de Stephen Helstowski. John resolvera manter contato com Helen porque achava que as cartas que trocavam entre si acrescentavam algo à vida dele. Contudo, convenceu os colegas J. P. e Richard a escreverem as cartas para ele.²⁴¹

Entretanto, o melhor de tudo foi que os navios de suprimentos haviam levado boa comida para a tropa. No rancho do batalhão, serviam boas e grandes panquecas, com grossas camadas de geleia de morango. Depois de dezoito dias de comida fria, panquecas quentinhas foram para eles uma maravilha.²⁴²

Nos dias seguintes, alguém descobriu que havia um soldado inimigo na fila do rancho. A farda de brim dos fuzileiros navais usada por ele, que permitira que entrasse na fila, agora punha sua vida em perigo iminente, já que a tropa se perguntava como ele conseguira as roupas e o capacete. Levaram-no, pois, diante de Puller, que por sua vez “o levou até o local em que ele as conseguira, enquanto praguejava e ameaçava de todo jeito pelo caminho”, mas foi em vão.²⁴³ O prisioneiro acabou sendo levado embora.

Uma vez que os japoneses não haviam marcado o *Erie Maru* como navio de prisioneiros de guerra, os cativos nutriam a esperança de que um submarino americano o atingisse com um torpedo. Qualquer meio de escaparem dali, ainda que tivessem que arriscar a vida no oceano, parecia melhor do que continuar sendo prisioneiros. De seu lugar privilegiado, no alto de uma pilha de sacos de arroz, o Engenhoso, Dobervich e Hawkins tinham a impressão de que estavam seguindo para o sul. Isso os animou. Observaram os guardas para ver se podiam ser dominados com um ataque-surpresa, mas preferiram não arriscar. Discutiram também a possibilidade de pularem no mar quando, ao passarem por uma ilha qualquer, estivessem a uns 2 quilômetros de distância dela. No entanto, no dia 7 de novembro, viram o navio entrar no porto, onde o desembarque começou às 13 horas.

Os guardas puseram nos caminhões as bagagens dos prisioneiros de guerra junto com os estoques do campo de prisioneiros e partiram. Os prisioneiros marcharam do início da tarde até a noite, alguns dos quais abandonaram a coluna, incapazes de prosseguir, embora ninguém tivesse permissão de parar. A pergunta era inevitável: outra Bataan os esperava? Hawkins e Dobervich desistiram da marcha por volta da meia-noite. Shofner e os outros chegaram aos portões do campo às 3 horas, após marcharem 29 quilômetros.

Os caminhões levaram para o campo os que não aguentaram continuar, mas os japoneses não os castigaram por isso. Em sua primeira manhã no campo, num domingo, os prisioneiros tiveram permissão de descansar. Antiga colônia penal, o campo de prisioneiros ainda abrigava 150 dos dois mil prisioneiros civis originais. Outros novecentos prisioneiros de guerra americanos, oficiais e praças outrora estacionados em Mindanao,

estavam lá também. Foi por meio deles que souberam que o campo recebera o nome de Colônia Penal de Davao, inspirado no de uma grande cidade situada a uns 50 quilômetros dali, no litoral de Mindanao, a mais austral do arquipélago filipino.

Os alojamentos eram grandes edificações com telhados de lata e resistentes pisos de madeira. Cada um abrigava 250 prisioneiros, que se espremiavam no assoalho à noite para dormir. Mas, como não haviam construído neles aquela espécie de jirau do campo anterior, usado também para os prisioneiros dormirem, o Engenhoso achou o abrigo mais arejado. Davao tinha também um refeitório, capaz de receber quase a metade dos prisioneiros de uma só vez. Ter um lugar para sentar-se e, aos domingos, um local para o culto religioso, pareceu um luxo aos novos prisioneiros de Cabanatuan. No almoço e no jantar, a refeição incluía aipim ou batata-doce. Além disso, tinham água fresca para beber, se lavar e tomar banho.

Na primeira reunião, o major Maida queixou-se de que havia “pedido prisioneiros capazes de realizar trabalho pesado”, mas lhe “tinham enviado um bando de defuntos ambulantes”.²⁴⁴ O major acrescentou que todos os oficiais teriam que trabalhar, pois a Colônia de Davao produzia, ao redor do campo, alimentos para o Japão em vários milhares de acres de um solo rico. “No primeiro dia do mês”, ordenou ele, “todo o grupo de prisioneiros americanos complementares tinha que entrar em formação militar e bater continência para a bandeira japonesa, e isso do início ao fim da cerimônia do ‘Sol Nascente’.” O major Maida, contudo, não fizera nenhuma menção de “pelotões de fuzilamento”. O Engenhoso entendeu imediatamente que, desde que os prisioneiros trabalhassem duro e produzissem as quantidades de alimentos exigidas, receberiam comida suficiente para recuperar as forças e a saúde. Pelo jeito, ele havia apostado e vencera.

Os novos esquadrões chegaram a Cactus prontos para a guerra. Ray Davis propôs que atuassem como alas do 6º. Esquadrão de Bombardeiros até que se familiarizassem com a zona de conflito. Fizeram um voo preliminar. Na barraca de controle operacional, durante a preleção, Ray aconselhou os pilotos das novas unidades a se manterem longe da base de hidroaviões, situada a cerca de 150 quilômetros dali. Explicou que o 6º. Esquadrão de Bombardeiros não tentara bombardear essa base porque eles haviam tido outras prioridades e porque era provável que precisassem enfrentar uma reação dos aviões de combate inimigos. Acrescentou que os Dauntless não haviam sido criados para emprego em combate aéreo — tinham sido projetados para repelirem caças inimigos, suportarem alguns ataques e retirarem-se, mas não para iniciarem combates aéreos. Todavia, os pilotos recém-chegados ignoraram a advertência, deixando Mike preocupado com a possibilidade de serem “indisciplinados” demais, mas Ray observou: “OK, eles querem agir por conta própria? Que façam o que quiserem.” Assim, em sua primeira missão, alguns dos novos pilotos não voltaram para a base. Ninguém soube com certeza o que havia acontecido. Os membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros presumiram que talvez tivessem se metido em encrenca.

Mesmo com todos os reforços, Ray decidiu que seu esquadrão não relaxaria. “Participaremos de todas as missões até o fim”, determinou ele. Em 5 de novembro, Ray pediu que Mike atuasse como seu ala em uma missão de patrulhamento pela Fenda acima e ao redor da Nova Georgia, que faz parte das ilhas Salomão.

Quando seguiram para os aviões, Ray observou: “Quando chegarmos à outra extremidade da ilha, não haverá sentido em... voarmos em zigue-zague pelo canal. É melhor sobrevoarmos as montanhas.” Mike concordou abanando a cabeça e lá foram eles.

Depois de sobrevoarem o canal, dobraram à esquerda e se lançaram por sobre as montanhas, onde entraram num colchão de nuvens, que lhes obliterou a visão, mas logo depois Ray os conduziu para fora num mergulho. Quando saíram de lá, viram dez navios da Marinha Imperial Japonesa. Mesmo puxando o manche para trás, ao fim do mergulho em que se lançaram acabaram indo parar, na opinião de Mike, “bem no meio deles”. De repente, Ray viu-se obrigado a realizar rápidos desvios e guinadas, acompanhado por Mike. Por fim, ele e o colega conseguiram se safar, arremetendo para o mar aberto. Ray pegou o rádio e alertou a força de ataque. Em vez de ganhar altitude e armar as bombas, Ray conduziu Mike de volta para o Aeródromo Henderson. Ao chegarem, Mike não perguntou ao comandante por que não tinham voltado para atacar, pois Ray provara a própria coragem tantas vezes que Mike presumiu que ele fizera isso por um motivo justificável qualquer. Três dias depois, em 8 de novembro, continuava se perguntando o motivo dessa decisão quando ele, Ray e o restante dos membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros receberam ordens para embarcar num R4D, onde iniciaram a longa viagem de volta para casa. Foram de avião para a ilha Efate e de lá para Noumea, na Nova Caledônia, onde puderam descansar um pouco. O trabalho deles agora era só esperar o momento de serem levados para casa.

* * *

No topo da colina, na tarde de uma quarta-feira, o esquadrão de Sid observava outra vaga de ataque aéreo inimigo aproximar-se e ser recebida por um tremendo fogo de barragem de canhões antiaéreos. Eram tantas as armas disparadas que a fumaça dos tiros “parecia formar uma estrada asfaltada no céu”. Muitos Zeros e bombardeiros japoneses acabaram vítimas das negrejantes explosões ao redor. Mas aí chegou uma notícia ruim: “o maior comboio japonês da história está a cerca de 5 quilômetros de distância”, frota que talvez chegasse na sexta-feira, dia 13 de novembro, por volta das 3 horas. “Por favor, meu Deus, nos dê força para enfrentar o inimigo, vencê-lo e conseguirmos paz!”, rogou o Decano em suas preces, cuja resposta, aparentemente, veio no dia seguinte, quando três batalhões de infantaria desembarcaram em Lunga. Alguns desses novos fuzileiros navais eram substitutos também, alguns dos quais seguiram para a GP-M4. Mais pareciam, contudo, fuzileiros do arsenal da Marinha — homens mais acostumados a trabalho industrial do que com o emprego de 81s. Contudo, como preparativos iniciais, todos se voltaram para os cuidados com suas fortificações e o apronto das armas para o combate. Nessa quinta-feira, em pleno mar aberto, a coisa ficou preta. Viram grandes navios de guerra dispararem projéteis que rasgavam os céus por vários quilômetros. Na manhã seguinte, sexta-feira, correu o informe de que os Estados Unidos tinham vencido essa batalha, mas o imperador conseguira desembarcar 65 mil soldados a quase 20 quilômetros de distância da zona de defesa

Quando Mike soube que outra grande batalha naval estava sendo travada nas águas ao largo da ilha de Cactus, pensou: “Meu Deus, vão acabar nos mandando voltar para lá!” No entanto, passaram-se horas e dias, mas a convocação não veio. Certa tarde, o comandante Ray reuniu seus homens. Avisou que era necessário tomar uma grande decisão e que, em vez de fazer isso sozinho, queria que todos ouvissem as alternativas possíveis e escolhessem uma por votação. Pela alternativa número um, eles poderiam pegar um navio de passageiros de volta para Pearl Harbor, de onde embarcariam em outro navio com destino aos Estados Unidos. “Ou”, sugeriu ele, “podemos embarcar num cargueiro holandês e seguir direto para os Estados Unidos.” O cargueiro, todavia, levaria muito mais tempo para chegar ao destino e, além disso, seguiria viagem sem escolta. Mas os pilotos não estavam preocupados com um possível ataque de submarinos inimigos. Sem exceção, “receávamos que, caso fôssemos atacados em Pearl Harbor, tivéssemos que dar meia-volta e retornar para o mesmo lugar donde partíramos. Portanto, dissemos: ‘Vamos direto para os Estados Unidos.’”

Depois da votação, Ray foi ao COMSUPAC para tomar providências. Pouco depois, cada um dos membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros recebeu novas ordens por escrito. Mas todas começavam com as mesmas palavras. De acordo com elas, eles deveriam embarcar no cargueiro *Tabinta*, no qual seriam levados para o litoral oeste americano. Quando chegassem ao destino, deveriam se apresentar ao comandante do “distrito naval mais próximo”. Partiram no dia 16. Às 16 horas, Mike ouviu um anúncio estranho pelo sistema de alto-falantes do navio, que servia para anunciar, descobriu depois, a porção diária de bebidas. Ele podia escolher uma lata de cerveja quente ou uma dose de bebida alcoólica qualquer. Foi uma grata surpresa para os cansados membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros. A Marinha americana proibia o consumo de álcool em seus navios, mas os holandeses não.

À noite, quando os rapazes se sentaram para jantar, tiveram um tratamento ainda melhor. “Eles nos serviram salada. E depois nos deram macarrão e almôndegas, comida deliciosa. Como fazia muito tempo que não comíamos algo assim, enchemos a pança de macarrão com almôndegas. Algum tempo depois, os garçons voltaram e perguntaram: ‘Como preferem os bifés, senhores?’ ‘Bem’, respondemos, ‘estamos tão cheios que não aguentaremos comer carne agora. É melhor deixar pra amanhã.’ E foi o que fizemos.”

Uma vez que a velocidade máxima do *Tabinta* era de apenas 20 km/h e que rumava sozinho para leste pelo grande oceano, os pilotos se prepararam para enfrentar a longa viagem. Ao contrário do porta-aviões, nesse navio não havia sirene ordenando, diariamente, a tomada de postos de combate. Todo dia, os membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros desfrutavam do máximo de paz e tranquilidade que eram capazes de “suportar”, acompanhadas de uma dose de bebida às 16 horas.

Sem avisar com antecedência, um guarda levou o Engenhoso para uma sala, onde seria interrogado. Esse tipo de situação era sempre arriscada para o prisioneiro. Um oficial da Marinha japonesa mandou que ele ficasse à vontade, ofereceu-lhe um cigarro e perguntou se Shofner havia conhecido algum oficial da Marinha japonesa.

— Claro — respondeu Shofner. — Tive alguns amigos na Marinha japonesa e achei todos muito gentis.

— Onde?

— Em Xangai.

O oficial falou que nunca estivera em Xangai. Shofner elogiou o excelente inglês do oficial e, em seguida, notando uma brecha, começou a tirar proveito do desprezo da MIJ pelo EIJ, olhando o interpelante direto nos olhos e dizendo que todos das forças militares americanas queriam ser prisioneiros de guerra da Marinha Imperial Japonesa, pois sabiam que seus membros eram verdadeiros cavalheiros. Funcionou. O interrogador concordou com ele e não demorou a dispensá-lo.

Na próxima vez que o levaram para interrogatório, ficara sabendo antecipadamente, por intermédio de outro prisioneiro, que a liderança do campo queria informações sobre as habilidades e instruções militares dos prisioneiros. O Engenhoso, que já conhecia bastante a vida na prisão para saber que trabalhar nos campos de cultivo lhe daria a chance de roubar muita comida, queria fazer parte dos escolhidos para atuar nesse setor. Quando chegou a hora de entrar na sala de interrogatório, ele estava pronto.

— O que você faz? — perguntou vagamente o interpelante.

— Sou fuzileiro naval.

Insatisfeito, o oficial japonês procurou ser mais claro. Na verdade, queria saber se o prisioneiro havia passado por algum tipo de curso de especialização. O Engenhoso sabia que um bom mentiroso não diria simplesmente: “Não tenho nenhum conhecimento especial.” E tampouco daria motivos para que o encaminhassem para outro setor de atividades. Em vez disso, respondeu:

— Sou formado em finanças e contabilidade bancárias.

Explicou que tinha condições de gerenciar um banco, ainda que correndo o risco de os guardas pedirem que cuidasse da contabilidade deles.

— Que mais você sabe fazer?

— Sei jogar futebol americano.

— Tem outras qualificações?

— Só essas duas.

— Saia.

Muito trabalho esperava por ele e pelos outros. A colônia penal cuidava de uma plantação de vários milhares de acres, dos quais uns 75 eram usados para o cultivo de bananas, ao passo que outra grande parte para a produção de mamão, frutas cítricas, abacate, jaca, cocos e outros frutos tropicais. Várias centenas de acres eram usados para a produção de grãos. Os prisioneiros cuidariam também de rebanhos de búfalos-das-filipinas¹⁹ e colher os ovos produzidos por dez mil galinhas.

No dia seguinte, outros rumores a respeito da grande vitória sobre a frota inimiga continuaram a chegar ao topo da colina ocupada pelo esquadrão de Sid. De acordo com eles, onze navios de guerra do império tinham sido afundados, inclusive três couraçados. Os navios-transporte de pessoal inimigos tinham sido obrigados a se

dirigir para a praia, onde a frota e os aviões da Marinha americana atacaram ferozmente os soldados que eles transportavam. No domingo, os navios americanos presentes no canal tentavam recolher da água os sobreviventes. Essa decisão foi recebida com escárnio pelos membros do pelotão de morteiros. Se a situação fosse outra, a MIJ recolheria do mar os nossos colegas? “Não!”, responderam entre si enfaticamente.

Em outra decisão surpreendente, dois oficiais do inimigo e dois de seus recrutas que haviam sido capturados foram soltos em 19 de novembro. O comando pediu que fossem negociar a rendição do restante dos soldados inimigos. Além disso, aviões lançaram mensagens sobre as posições inimigas. Os fuzileiros e o Exército tinham agora 137 peças de artilharia, mas, antes de devastarem as áreas de ocupação inimigas, estavam dando uma chance ao inimigo de se render.

Como o EIJ ignorou a proposta de paz, os combates prosseguiram. Embora os aviões e os atiradores de elite inimigos continuassem a causar baixas, as grandes baterias de artilharia dominavam a área em torno da zona de defesa perimetral dos fuzileiros. As baterias da artilharia dos fuzileiros tornavam quase impossível, por parte dos japoneses, uma ofensiva terrestre de grande escala. Como a posição do morteiro de Sid, situada bastante à retaguarda da linha de combate, se tornara relativamente segura, ele só ficou esperando, observando o desenrolar dos acontecimentos. Aliás, enquanto essa situação perdurou, os membros do esquadrão ficaram cantando suas canções favoritas, o que faziam quase todas as noites, ocasiões que chamavam de “sessões musicais de improviso”.

Começou a circular o boato de que dois coronéis japoneses, que haviam conhecido, antes da guerra, o coronel Cates, o antigo comandante do 1º. RIFN, o haviam contatado pelo rádio e disseram: “Se nós os pegarmos, não teremos misericórdia, embora tenhamos sido amigos no passado.” Acharam isso estranho, já que chegavam mais e mais soldados, suprimentos, aviões e equipamento todo dia. De mais a mais, fazia algum tempo que os fuzileiros sabiam que os japoneses estavam “nas últimas” em tudo. De acordo com outro boato, Cates respondera: “Lembrem-se do Cabo do Inferno.” Nesse mesmo dia, 23 de novembro, Cates anunciou que eles partiriam em breve. Os rumores que davam conta da possibilidade de festejarem o Natal em Wellington, Nova Zelândia, depois de uma rápida parada em Espírito Santo, parecia real agora. Garrafas de uísque haviam sido embarcadas nos navios para os oficiais, alguns dos quais chegaram a se embebedar e sair no tapa, mas, por outro lado, os praças conseguiram uma comida melhor, inclusive bifês com ovos fritos.

Alguns dias depois, o inimigo lançou sobre eles outro ataque aéreo, no qual morreram seis americanos e dezenove ficaram feridos. Porém, a infantaria inimiga, sem água, tentou se render. Mas o Decano ouviu dizer que um sargento “os fuzilou, como cães malditos que eram”. A atrocidade provocou apenas um comentário: “Como não usam de misericórdia para conosco, não devem esperar isso de nós.”

Nas Colinas Sangrentas, os homens de Manila estavam irritados, pois os membros do 1/7 acharam que tinham dado sua cota de contribuição à ofensiva e resolveram deixar o trabalho chato e penoso das longas missões de patrulha ao encargo dos soldados dos batalhões do Exército, recém-chegados ao local. Enquanto isso, permaneceriam em suas linhas de defesa, esperando o dia em que, finalmente, pudessem deixar aquele lugar

horrível. No fim de novembro, o Peitudo assinou a promoção de Basilone ao posto de sargento-chefe de pelotão.²⁴⁵ Manila, que, nos anos anteriores à guerra, fora não apenas soldado, mas fuzileiro naval também, deve ter ficado muito contente em ver que a guerra acelerava bastante o processo de promoções. Todavia, alguns dias depois, ficou tão mal por haver contraído malária que precisou ser levado para o hospital.

O ano de 1942 pareceu uma eternidade para Eugene Sledge.²⁴⁶ A maioria de seus amigos, dos quais Sid Phillips era o maior, havia partido para a guerra. O mais perto que Sledge havia chegado dos combates foi o curso que fizera no Instituto Militar de Marion, escola de ensino superior a algumas centenas de quilômetros de Mobile. Em setembro, no início do curso, o cadete Sledge escolheu química como especialização. Embora usasse uniforme e tivesse que seguir formas e normas da organização militar, seu entusiasmo murchou. Queria mesmo era fazer carreira no CFNA. Estudos adicionais e avançados, embora incluíssem aulas de ciências militares, pareciam sem sentido para ele. No entanto, precisava da permissão dos pais para alistar-se e insistiu bastante nisso. No feriado do Dia de Ação de Graças, acabou conseguindo, a custo, a permissão almejada. O dr. e a sra. Sledge concordaram em assinar o documento de permissão se Eugene aceitasse entrar para o V-12, o novo programa do CFNA. Esse programa proporcionaria a ele a chance de frequentar escolas de nível superior, que era justamente o que seus pais queriam, e o poriam num caminho de acesso ao posto de oficial. Seu pai, portanto, médico famoso na região sul dos Estados Unidos, conseguiu uma vaga para o filho no programa.

Em 3 de dezembro de 1942, quando voltou para o Instituto Militar de Marion, Eugene Sledge se apresentou como voluntário para integrar o grupo de reservistas do CFNA. O documento de alistamento para “servir no CFNA em tempos de guerra” exigia que ele “jurasse solenemente fidelidade aos Estados Unidos da América”; a “servi-los honesta e lealmente contra quaisquer inimigos”; e a “obedecer às ordens do presidente dos Estados Unidos e dos oficiais designados para chefiá-lo...”. Amante da leitura, Sledge leu cada palavra com satisfação crescente, pois era justamente o que ele queria. Assinou o documento apondo-lhe o nome completo, Eugene Bondurant Sledge, e foi promovido a praça de primeira classe. Algumas semanas depois, passou pelos exames físicos de rotina. O examinador atestou que seu estado geral era normal: o praça Sledge tinha boa visão, cabelos e olhos castanhos, media 1,72 metro de altura e pesava 59 quilos. A aprovação nos exames físicos, porém, não trouxe mudanças. Teria que continuar a frequentar o curso até poder entrar para o programa V-12, no verão.

* * *

O *Tabinta* atracou em São Francisco em 6 de dezembro de 1942. Os passageiros desembarcaram no dia seguinte, 7 de dezembro. O tenente Micheel sobrevivera a um ano de guerra. A primeira coisa a fazer agora era receber o pagamento. Assim, ele e os outros passaram no caixa do 12º. Distrito Naval, onde cada um recebeu

220 dólares, que incluíam 6 dólares de gratificação por dia de viagem. Ele, Ray e os outros ficaram alguns dias se divertindo na cidade, embora o lugar tivesse muita gente. Mike preferia a tranquilidade dos bares do hotel e se manteve longe dos lugares agitados e barulhentos. No dia 10, ao se apresentarem na BAeN de Alameda, os pilotos entraram na fila para receber atendimento e instruções. A primeira coisa que Mike recebeu foi uma licença para passar um mês de férias em casa. Ele informou à Marinha onde as passaria, ou seja, em casa mesmo, e a Marinha o fez saber as coisas a respeito das quais ele podia falar e o que estava proibido de comentar enquanto estivesse lá.

Quando Mike se aproximou da extremidade da mesa, um homem perguntou:

— Para onde você vai agora?

— Quais são as opções?

— Bem, você pode voltar para o mesmo esquadrão ou ir para outro; pode também trabalhar como oficial de sinalização de pouso; ou sei lá, fazer outra coisa qualquer...

Mike notou que os outros colegas, ansiosos, se empurravam atrás dele. Estavam todos loucos para saírem dali e voltarem logo para casa.

— Acho que vou continuar no mesmo grupo.

Sua escolha foi devidamente anotada e lhe disseram que a informação com seu próximo encaminhamento seria enviada à sua residência. Enquanto se retirava do local, ficou irritado com o fato de não ter tido tempo para pensar em suas opções, e muito menos saber algo sobre as tais outras.

Embarcou num trem com destino a Davenport, Iowa, trajando o uniforme de gala da Marinha. Junto com as boas-vindas dos pais, de outros membros da família e de todos os tios e tias vieram solicitações de entrevistas dos jornais locais e um convite para discursar no Rotary Club. Foi uma grata surpresa para ele ser recebido em casa como “um grande herói, por haver participado da Batalha de Midway”. Aceitou vários convites para discursar em clubes locais e responder a perguntas sobre o que estava acontecendo no teatro de Guerra do Pacífico. Seus ouvintes não devem ter demorado muito a entender que não saberiam muita coisa sobre o papel exercido por ele na guerra. Mike tinha um jeito especial para evitar esse tipo de assunto. Disse a eles que os fuzileiros navais venceriam a batalha pelo controle de Guadalcanal se lhes dessem o apoio de que precisavam. Quando perguntado se havia conseguido atingir algum porta-aviões, respondeu que não sabia, pois jamais se virava para ver se o tinha atingido.

Certa tarde, fez uma visita aos pais de seu amigo John Lough, que moravam numa casa em frente à dele, do outro lado do rio. Mike tivera breves contatos com eles, quando ele e John pegavam carona para casa durante o curso de instrução de pilotos. Deve ter sido muito difícil para Mike a caminhada pela aleia que conduzia à porta de entrada da casa deles, e ainda mais difícil para os pais de John a gentileza de recebê-lo, embora fizesse seis meses que os Lough houvessem sido informados do desaparecimento do filho. Receberam um telegrama avisando que ele tinha desaparecido em combate no dia 4 de junho de 1942. O telegrama dizia ainda que, assim que obtivessem mais informações, as enviariam.

Mike contou certas coisas que achava que precisavam saber. Como, durante a decolagem no dia 4 de junho,

relatou ele, um defeito no avião na frente da aeronave de John tornou inevitável uma colisão, John acabou participando da missão como integrante da seção de Mike nesse dia.²⁴⁷ A seção era composta por três aviões: o do tenente (Junion Grade) Norman West liderava a seção. Mike voou como o segundo ala, enquanto John ocupou a posição do terceiro ala. Explicou que ele e seus artilheiros haviam decolado do convés de voo do USS *Enterprise* para impedir que os soldados de uma frota japonesa gigantesca invadissem a ilha de Midway. Mike deve ter falado sobre a longa missão de voo, em que operaram sob a autonomia máxima das aeronaves, já que resolveram seguir a alvíssima esteira de um navio inimigo, que acabou permitindo que o localizassem. Quando os aviões do 6º. Esquadrão de Bombardeiros alcançaram os navios-aeródromos do inimigo, viram que nenhum deles tinha sofrido danos. Gesticulando para representar a forma pela qual o *Dauntless* efetuava mergulhos, explicou: “O comandante da seção mergulhou primeiro, e eu fui logo atrás; o John se deslocou para cá e foi o terceiro a mergulhar.” A última coisa que Mike fizera antes de se desgarrar da formação e mergulhar foi bater continência para seu amigo John. “Essa foi a última vez que o vi.”

Mike explicou ainda que os Zeros não tinham sido tão problemáticos para ele quanto foram para os outros. Acrescentou que o maior problema era voltar para o navio. Tanto que aterrissara, prosseguiu ele, com gasolina suficiente apenas “para mais uma volta em torno do porta-aviões”. Disse também que muitos aviões que vinham atrás de si não conseguiram voltar, entre os quais estava o de seu amigo Bill Pittman, que apresentava uma enorme perfuração numa das asas, provocada pelo ataque de um Zero. “Portanto, eles devem ter caído em algum lugar do oceano. Não sei dizer com certeza.” Assegurou-lhes, porém, que a Marinha empreendera buscas no oceano por vários dias com seus grandes hidroaviões PBY. A essa altura, sua história ia chegando ao fim. Ele havia contado a verdade. Embora não fosse de falar muito, Mike esforçou-se para achar palavras. “John... teve... o mesmo treinamento que eu tive e era tão hábil quanto eu; portanto, foi mesmo um grande azar.” Quanto aos Lough, recusavam-se a aceitar a perda do filho, embora a Marinha houvesse dado oficialmente o guarda-marinha Lough como desaparecido em combate. Todavia, eles continuavam a alimentar a esperança de que seu filho havia caído “numa daquelas ilhas...” do Pacífico e que acabaria conseguindo voltar para casa.

Mais uma chuva intensa caiu sobre eles, inundando suas casamatas. Nos alojamentos, a água chegou à altura das camas, cobrindo de lama as armas e o equipamento deles. Foi tanta que a GP-M4 passou a manhã do dia 3 de dezembro removendo lama do abrigo com pás. Quando os membros do 8º. RIFN chegaram, porém, reviraram tudo, pegaram o equipamento e partiram para Kukum. Fortalecidos pela esperança de partirem em breve, esperaram um dia, antes de resolverem armar as barracas. Logicamente, coisas como essas raramente aconteciam no CFN dos Estados Unidos. Durante vários dias seguidos, ficaram matando o tempo, lendo correspondência e jogando baralho. Enquanto isso, notícias sobre a batalha continuavam a chegar e certamente conseguiam ouvir os disparos da artilharia e dos aviões, mas prestavam mais atenção nos que haviam partido e nos que estavam no porto aguardando o momento de partir. Unidades do 5º. RIFN embarcaram num navio e zarparam para a ilha de Espírito Santo, de onde seguiram para Brisbane, Austrália.

O Decano foi promovido a sargento. Com isso, deixou a barraca de Sid e passou a alojar-se com outros graduados. Quanto ao Sid, foi designado para outro destacamento de serviço. Em 11 de dezembro, ele e o Sub se encontravam numa chata, descarregando suprimentos na praia, quando os japoneses fizeram um ataque aéreo. O navio de suprimentos soltou-se da chata “e os abandonou à própria sorte”. Assim, tudo que pôde fazer foi ficar observando o ataque aéreo, enquanto permanecia, como alvo involuntário e fácil, num canal marítimo tão cheio de navios afundados que ficara conhecido como Estreito do Leito de Ferro. Após o sinal de fim de alerta aéreo, foram rebocados de volta para o cais, onde souberam quanto o restante do pelotão de morteiros achara engraçado o aperto em que haviam ficado.

Duas semanas depois, em 17 de dezembro, como foram informados de que sua partida seria somente dali a nove dias, armaram as barracas. Dois dias depois, contudo, os oficiais leram as ordens de embarque. Aos fuzileiros do 2/1, reunidos em grupo, assim como a todas as unidades da 1ª. DIFN, disseram que nenhum membro do 1º. RIFN, ao partir, “deveria levar consigo ou guardar para si nenhuma peça de roupa, qualquer apetrecho ou equipamento do Exército que não tivesse sido devidamente dado a ele por um representante credenciado do Serviço de Intendência do CFNA, ou do qual ele não tivesse o devido recibo de compra”.²⁴⁸ Lida para os soldados em três reuniões de tropa diferentes, a ordem deixava claro que todos os fuzis M1 Garand na posse dos fuzileiros não deveriam ser levados para o navio.

Sid e seus amigos fizeram uma visita ao cemitério da divisão no dia seguinte. Voltaram ao Cabo do Inferno a pé, pelas margens do rio Tenaru. De acordo com a contagem deles, ao longo de cinco meses haviam sofrido 257 ataques aéreos, 163 bombardeios e nove ataques banzai. À noite, assistiram a um filme e embarcaram no navio no dia seguinte, 21 de dezembro.²⁰

Dependendo do tipo de destacamento de serviço, o dia de trabalho começava às 6 ou às 8 horas na Colônia Penal de Davao. A pausa para o almoço era de duas horas. O expediente terminava por volta das 17 horas. O primeiro trabalho do Engenhoso fora transportar pedras para a pavimentação de uma estrada. Achou curioso o fato de serem tão poucas as máquinas que os japoneses tinham que estes davam como certo poder contar com a força dos braços de turmas de trabalhadores, mas isso demonstrava também, claramente, que eles eram pouco familiarizados com maquinaria. Tanto que, quando o motor do trem enguiçou, os guardas forçaram os prisioneiros a empurrá-lo de volta para a estação. Entre empurradas, puxadas e levantamento de pesos, o Engenhoso achou tudo um verdadeiro desperdício de tempo.

Mas pelo menos ele recebia mais combustível para a execução do trabalho pesado do que os poucos punhados de arroz em Cabanatuan. Junto com um variado sortimento de frutas, inclusive frutas exóticas, como jacas, os prisioneiros podiam saborear também ensopado de carne uma ou duas vezes por semana. Além das refeições servidas no refeitório, muitos prisioneiros que trabalhavam nos campos complementavam a dieta com tudo que lhes ficasse ao alcance das mãos. No entanto, ainda comiam muito arroz. Algumas semanas depois de terem deixado Cabanatuan, chegou outro grupo de prisioneiros. Esses homens, americanos e

filipinos, haviam sido capturados em Mindanao e nas ilhas circunjacentes. Os novos prisioneiros chegaram em bom estado de saúde, o que fez os prisioneiros do grupo de Shofner se sentirem verdadeiros “espantalhos”.²⁴⁹ Com o passar das semanas, porém, alguns dos membros desse grupo começaram a sentir que estavam recuperando suas forças.

Os trabalhos foram interrompidos em 24 de dezembro, ocasião em que os prisioneiros ganharam dois dias de folga. No refeitório, um grupo de americanos e filipinos improvisou uma festa para o restante dos colegas. Os filipinos deram aos americanos bolinhos de aipim. Já os oficiais japoneses deram a cada prisioneiro um maço de cigarros Southern Cross. Não querendo ficar de fora da confraternização, os oficiais americanos — do Exército, da Marinha e do CFNA — fizeram uma vaquinha e deram a cada um dos colegas aprisionados um presente ao preço de um peso, dinheiro suficiente para comprar tabaco no mercado negro interno.

Durante a festa, Jack Hawkins disse a Mike Dobervich que não pretendia passar outro Natal na prisão. O assunto fora discutido várias vezes desde a primeira reunião deles com Austin Shofner em Cabanatuan, mas, quando falaram ao Engenhoso sobre a decisão deles, fizeram isso demonstrando uma nova determinação para realizar o feito, pois fugir dali significava continuar vivo, conquistar a liberdade e poder se orgulhar de ser dono do próprio nariz. No entanto, depois de tudo que haviam sofrido, tinham outro motivo, tão importante quanto o outro, para conseguir isso: “Temos a missão”, tal como afirmara o Engenhoso, “de alcançar o território aliado e denunciar o tratamento que os japoneses dão aos prisioneiros de guerra, de forma que possam fazer algo para salvar as vidas de muitos prisioneiros americanos”.

Embora os objetivos da missão pudessem ser facilmente explicados, a forma de alcançar o território aliado, ou seja, a Austrália, situada a mais de 2.400 quilômetros de distância, parecia algo impensável. Eles teriam que se apoderar de um avião ou navio. O avião parecia preferível, já que a Marinha Imperial Japonesa poderia facilmente alcançar um navio instável e precário. Mas, também, havia algo que os favorecia: outros americanos lhes tinham dito que, embora o Império do Japão controlasse a maioria das cidades portuárias, grandes áreas dos agrestes sertões de Mindanao continuavam desocupadas.

Os três fuzileiros arquivaram temporariamente o plano e passaram a se concentrar na preparação da equipe que o executaria. A equipe seria constituída de participantes com habilidades imprescindíveis: um oficial-navegador, um mecânico, um piloto, um socorrista, ou talvez um médico mesmo, e alguém que conhecesse Mindanao para atuar como guia. Os três fuzileiros seriam responsáveis por qualquer combate eventual. Todos os membros da equipe precisavam estar em excelentes condições físicas. Teriam que conseguir também suprimentos, equipamento e armazená-los em lugar seguro. Os detalhes do dia certo da fuga deveriam ser pensados com grande cuidado.

O Engenhoso conhecia um piloto do Exército que combatera com grande bravura na guerra aérea em Bataan, o capitão William “Ed” Dyess, e foi procurá-lo. Dyess sugeriu que incluíssem outro piloto na equipe, como aviador-mecânico. Ele e seus dois homens da Força Aérea do Exército haviam estado nas Filipinas durante um mês antes de a guerra começar, ao passo que os fuzileiros, apenas uma semana. Nenhum deles sabia bulhufas sobre a ilha de Mindanao, nem como partir de lá rumo à Austrália. Mas sabiam que estavam

prontos para pensar bastante em todos os problemas que poderiam vir a enfrentar, se preparar o máximo possível e partir.

Nota:

1 - A maioria das histórias sobre a Batalha de Midway foi tecida com base em um horário convencional, pois abrangiam aspectos de uma batalha travada em regiões com vários fusos horários. Os horários apresentados aqui são os do navio do guarda-marinha Micheel e, portanto, presumivelmente, do relógio do combatente. (N. A.)

2 - O transmissor de UFH YE/ZB do *Enterprise* estava ligado e funcionando. (N. A.)

3 - Pilotos da Marinha americana informaram mesmo terem visto e/ou combatido japoneses pilotando o Me-109 ou outras aeronaves de fabricação alemã com certa regularidade. No entanto, esses relatórios eram imprecisos. (N. A.)

4 - Houve exagero nessas estimativas das perdas. A Marinha Imperial Japonesa perdeu quatro porta-aviões (*Kaga*, *Akagi*, *Soryu* e *Hiryu*), além de um cruzador, o *Mikuma*. Segundo outras estimativas, suas baixas chegaram a nada menos que 2.500 homens. Por outro lado, os Estados Unidos perderam dois navios, o *Yorktown* e o *Hamman* (DD-412), e quase 340 soldados. (N. A.)

5 - A Harvey House era uma cadeia de restaurantes muito conhecida, cujas unidades ficavam perto das estações ferroviárias. CCC era a sigla de Civilian Conservation Corps, que ofereceu trabalho a americanos desempregados de 1933 a 1942. O trabalho da instituição era voltado também para a preservação e melhoria dos recursos naturais. (N. A.)

6 - R.A.F. é a sigla de Royal Air Force (Força Aérea Britânica). Seus Spitfires haviam derrotado os aviões da Luftwaffe na Batalha da Grã-Bretanha. (N. A.)

7 - Sigla de US Marine Corps (CFN dos Estados Unidos). (N. T.)

8 - Os historiadores se referem a ela como a Batalha de Tenaru. (N. A.)

9 - Apelido dado pelos marinheiros e fuzileiros navais americanos às tentativas dos comboios navais japoneses de reforçarem e ressuprirem suas forças militares durante a Batalha de Guadalcanal e a subsequentes operações nas ilhas Salomão durante a Segunda Guerra Mundial. Como aviões americanos baseados no Aeródromo Henderson, em Guadalcanal, tornavam muito perigosas tentativas de aproximação dos japoneses durante o dia, à noite pequenos grupos de espécies de “tênderes-contratorpedeiros” nipônicos seguiam velozmente para o leste através do estreito de Nova Georgia, nas ilhas Salomão, apelidado pelos americanos de “Fenda”, um braço de mar entre as ilhas de Santa Isabel e Savo, e conseguiam chegar ao destino, descarregarem e voltarem rapidamente. Tentativas da Marinha americana de deter esses comboios resultaram em uma série de batalhas navais, iniciadas com a Batalha da Ilha de Savo, em 9 de agosto de 1942, conflitos que culminaram com a Batalha do Cabo de São Jorge, em 26 de novembro de 1943, combate que pôs fim ao Expresso de Tóquio e,

portanto, à resistência dos japoneses nas ilhas Salomão. (N. T.)

10 - Algum tempo depois, em 1943, descobriu-se que o nome que os fuzileiros navais tinham dado ao rio Tenaru era riacho do Jacaré. O Tenaru ficava a oeste da zona perimetral das posições dos fuzileiros e, portanto, se habituaram a chamá-lo de rio Ilu. (N. A.)

11 - Amelia Earhart, pioneira da aviação que recebeu a Cruz do Mérito Aeronáutico, desaparecida em 1937, no oceano Pacífico, enquanto tentava dar a volta ao mundo de avião. (N. A.)

12 - Era um terreno plano e relvado a oeste do Aeródromo Henderson, assim chamado em razão de suas características precárias para servir como aeropista, semelhante que era a um terreno inculto, embora tivesse sido oficial e originalmente denominado “Aeropista de Caças”. Mas, além de aliviar o congestionamento no Henderson, permitia que os esquadrões de Wildcats operassem de forma mais independente. (N. T.)

13 - Os americanos chamavam essa rota de “Fenda” (*Slot*, em inglês). Ver nota sobre o Expresso de Tóquio anteriormente. (N. T.)

14 - Disparos de armas de fogo ou lançamento de bombas cujos projéteis atingem áreas próximas ao alvo, perto o bastante para causar danos. (N. T.)

15 - Forma reduzida da expressão “Cancha de Boliche” ou “Pista de Boliche”. Apelido dado pelos membros de uma unidade americana posicionada no setor próximo a uma clareira de execução de tiro natural, com algumas centenas de metros de largura e quase 2.000 metros de comprimento, existente na área. (N. T.)

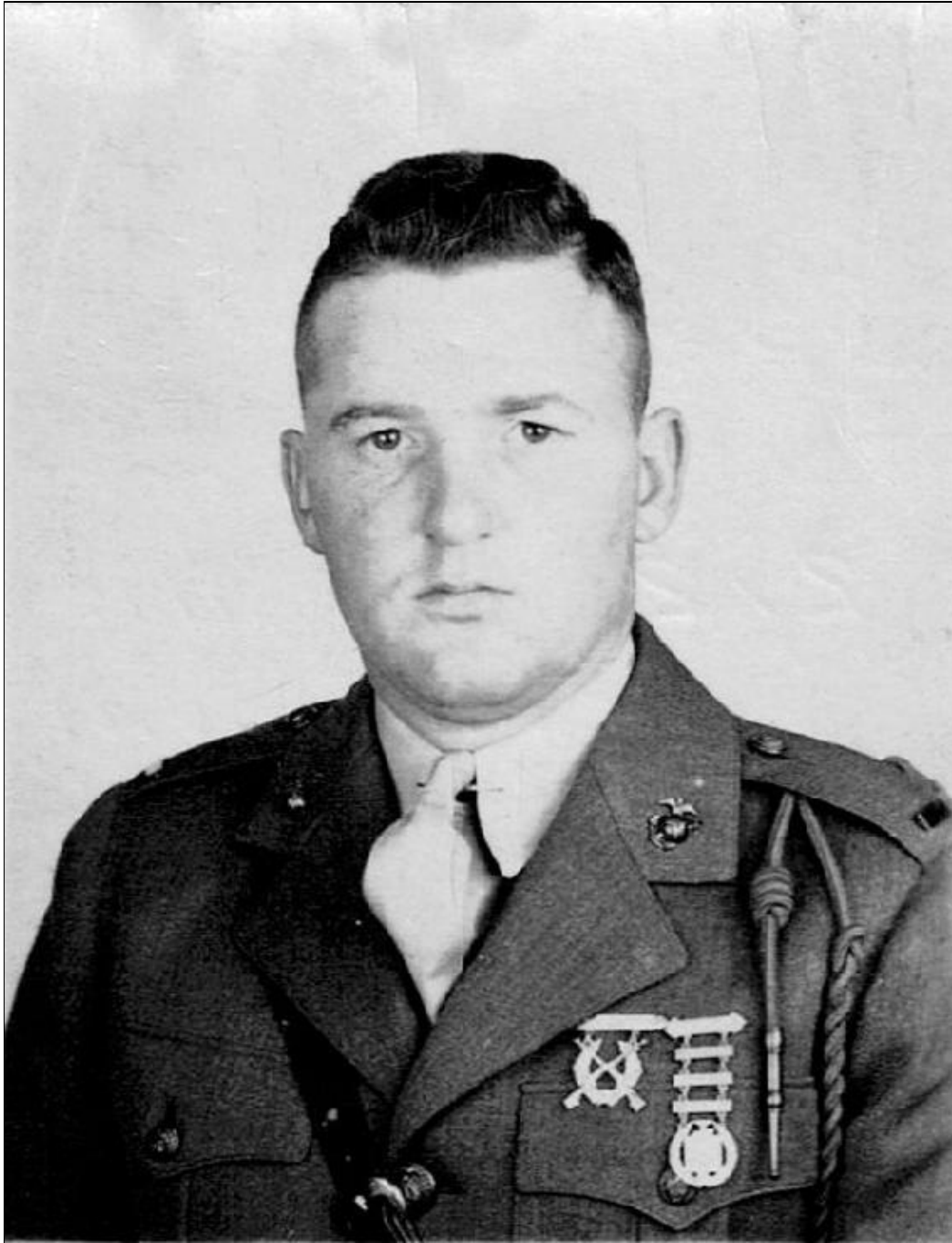
16 - Grito de guerra dos japoneses, para evocação de forças e coragem, geralmente emitido em situações de ataques em massa ou quando desesperados, sem a preocupação de sofrerem baixas, na Segunda Guerra Mundial. Ataque *banzai*, *camicase*. (N. T.)

17 - Essa batalha entre navios-aeródromos acabou ficando conhecida como a Batalha de Santa Cruz. (N. A.)

18 - Essa batalha é conhecida como a Batalha Naval de Guadalcanal. (N. A.)

19 - No Brasil, é conhecido também como carabao (nome de origem filipina), ou búfalo-do-pântano. É uma subespécie do búfalo-da-índia (*Bubalus bubalis*). (N. T.)

20 - O 1º. RIFN desembarcou do navio com 136 oficiais e 2.937 praças, sem contar a equipe médica. Três oficiais e trinta praças foram mortos, ao passo que três oficiais e 41 soldados sofreram ferimentos. Tal como a divisão a que pertencia, o 1º. RIFN perdeu um número muito maior de soldados por causa de doenças, principalmente malária. (N. A.)



Cortesia da Família Shofner

O tenente Austin Shofner dedicou-se por inteiro ao Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. Chegou a Xangai, na China, em 28 de abril de 1941, para sua primeira missão no exterior.



Cortesia de Vernon Micheel

Fotografia do guarda-marinha Vernon "Mike" Micheel usando sua insígnia de Asas de Ouro de piloto aeronaval, obtida após formar-se pela escola de pilotagem em 6 de outubro de 1941.



Cortesia do dr. Sidney Phillips

A passagem pelo campo de treinamento de recrutas permitiu que Sidney Phillips cultivasse um de seus hobbies favoritos – o contato com as armas. Nesta foto, ele posa com um fuzil automático Browning ou BAR. Seu pai, o diretor da Escola de Ensino Médio de Mobile, manteve esta foto sobre sua mesa durante a guerra inteira.



Cortesia do dr. Sidney Phillips

Durante o estágio no campo, Sid recebeu esta foto de seu amigo Eugene empunhando sua pistola favorita na companhia de seus cães, Lady (à esquerda) e Decano. Tinha a seguinte dedicatória: “Seu mais humilde e obediente servo, Gene.”



Cortesia do dr. Sidney Phillips

Eugene Sledge e Sidney Phillips em Mobile, Alabama, no fim de maio de 1942, no momento em que os dois amigos se despediram um do outro.



Cortesia do dr. Sidney Phillips

Sidney Phillips, logo após terminar o estágio no campo de instrução, passou o Memorial Day com a família antes de partir para a guerra.



Cortesia de Jeanne Sledge

Nesta foto da família Sledge aparecem (da esquerda para a direita) o dr. e a sra. Sledge; Eugene; seu irmão mais velho, Edward; e sua tia, Octavia Wynn. Edward, prestes a partir para a guerra, parecia estar sempre um passo à frente de Eugene.



Cortesia da Família Basilone

John Basilone (à esquerda) serviu no Exército em meados da década de 1930 e foi lotado em Manila, a capital das Filipinas. Como tinha o hábito de contar histórias sobre os acontecimentos de sua vida na cidade, acabou ganhando o apelido de “John Manila”.



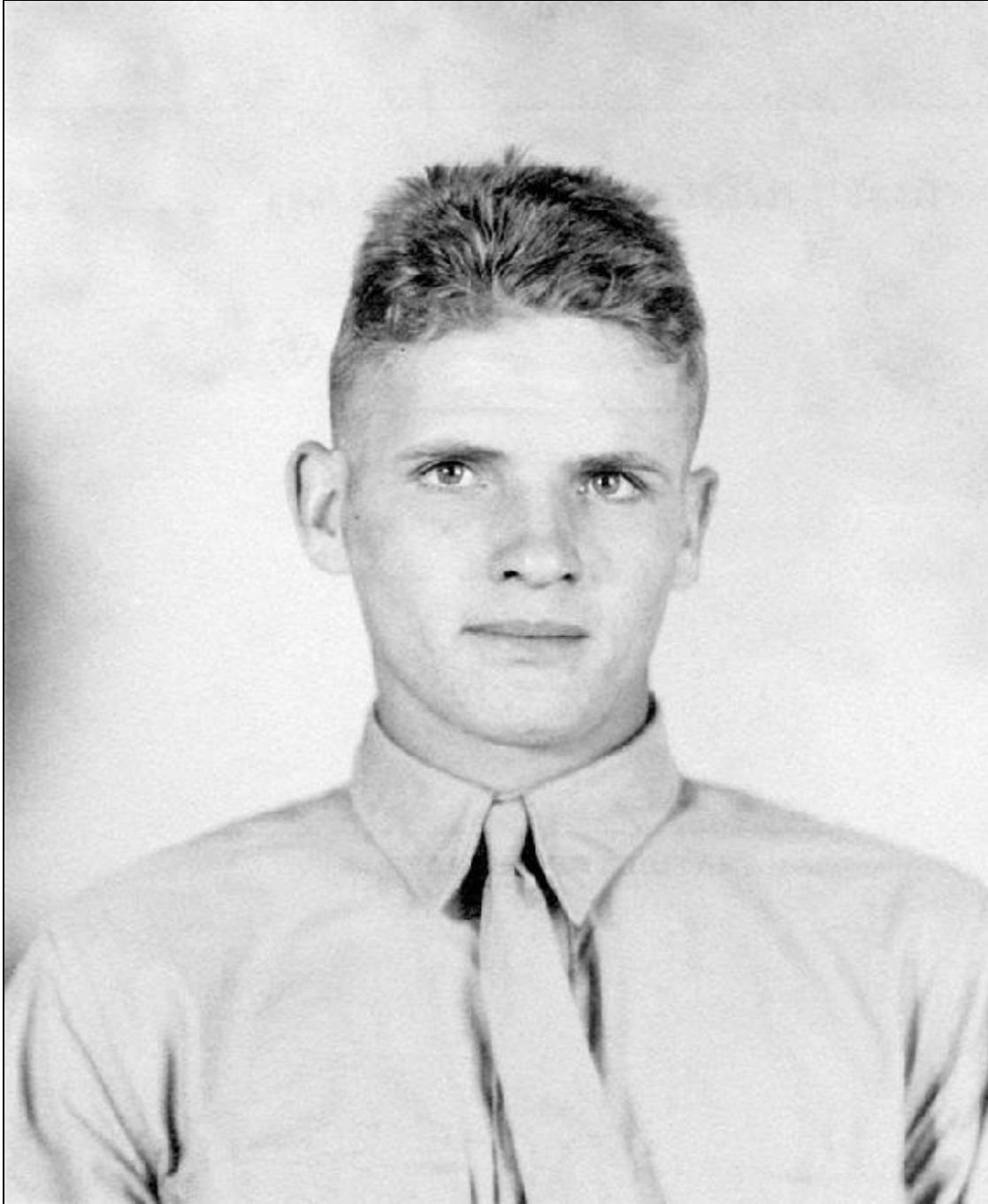
Cortesia da Família Basilone

Tirada em 19 de setembro de 1940, esta foto do praça John Basilone marca a conclusão do treinamento no campo de recrutas do Corpo de Fuzileiros Navais.



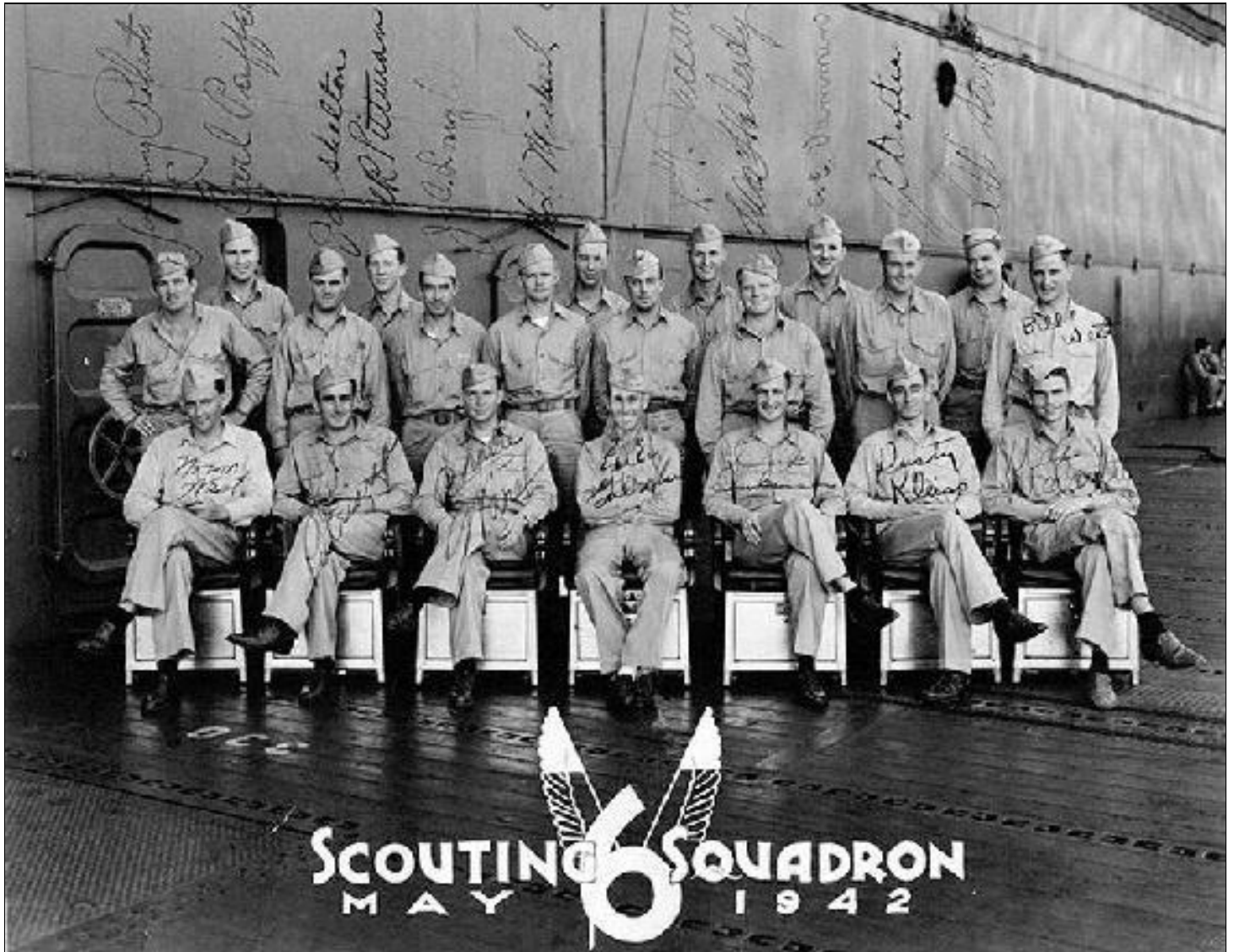
Cortesia da Família Basilone

Logo depois de John Basilone se alistar no Corpo de Fuzileiros Navais, em julho de 1940, ele descobriu que tinha achado seu lugar no mundo. Como se pode ver aqui, na companhia da namorada no fim de 1940, voltou a exibir o sorriso confiante e despreocupado.



Cortesia do National Records Center

Sujeito explosivo, James “J. P.” Morgan só dava ouvidos a uma pessoa — John Basilone. Os dois amigos participaram da Batalha de Guadalcanal juntos.



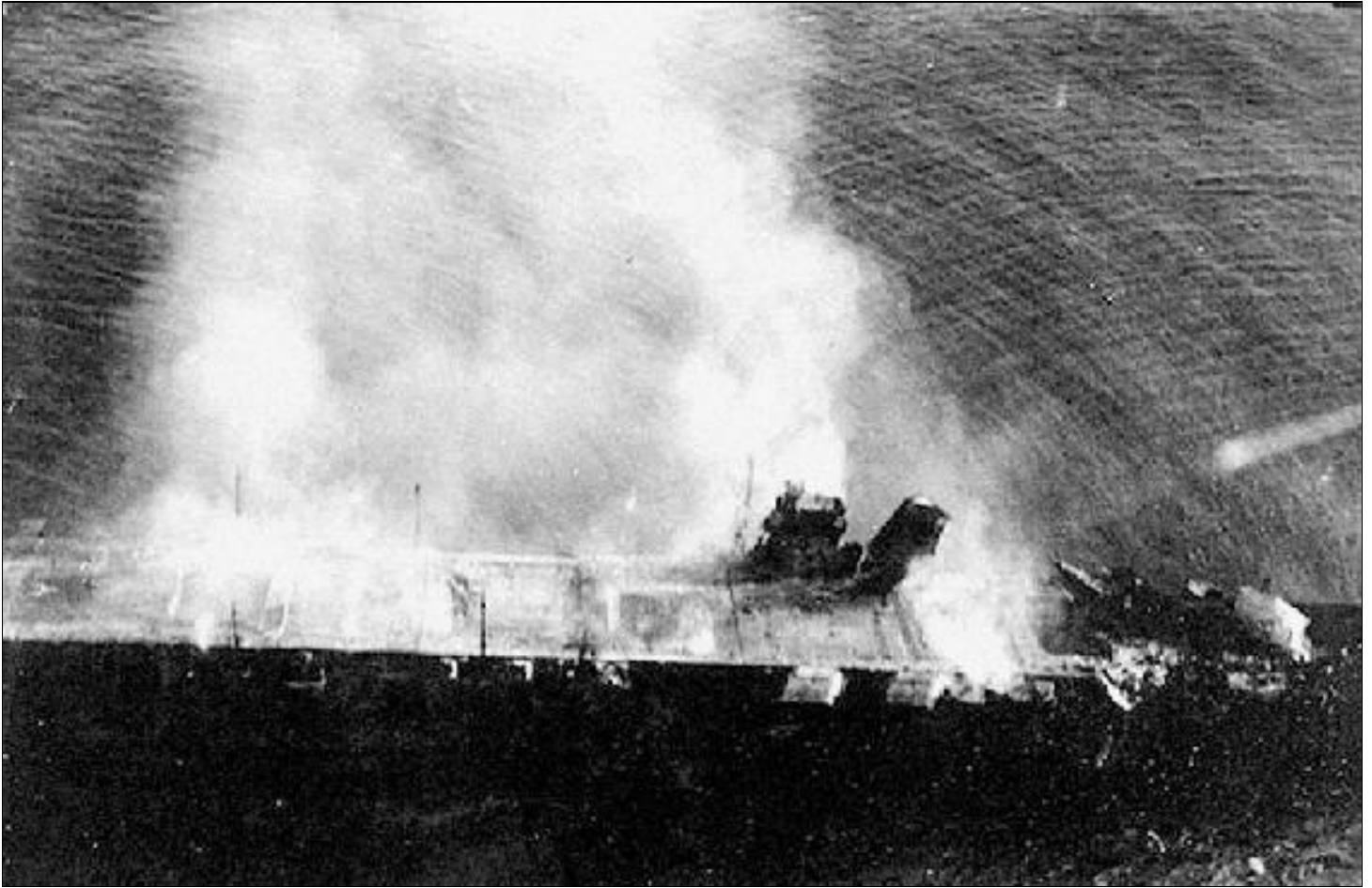
Cortesia de Dennis Rodenburg

Os membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros posam no convés do USS *Enterprise* pouco antes da Batalha de Midway. O guarda-marinha John Lough está na fila de trás — é o quinto a partir da esquerda; seu amigo guarda-marinha Mike Micheel está ao lado dele — é o sexto a partir da esquerda.



National Archives

Um piloto da Marinha aumenta a velocidade do motor ao máximo antes de receber permissão para decolar do convoo de um porta-aviões.



Navy Historical Center

Um piloto da Marinha aumenta a velocidade do motor ao máximo antes de receber permissão para decolar do convoo de um porta-aviões.

Dear *Folks*

I have been transferred overseas and have safely reached my destination.

Please address all mail for me exactly as follows:

P.F.C. Sidney C. Phillips Jr., USMC,
U. S. Marine Corps Unit # ~~605~~ *690*,
c/o The Postmaster, *San Francisco,*
California

Sidney C. Phillips Jr. (signature)

(This card was prepared prior to departure, held and mailed in the United States upon receipt of information of writer's arrival).

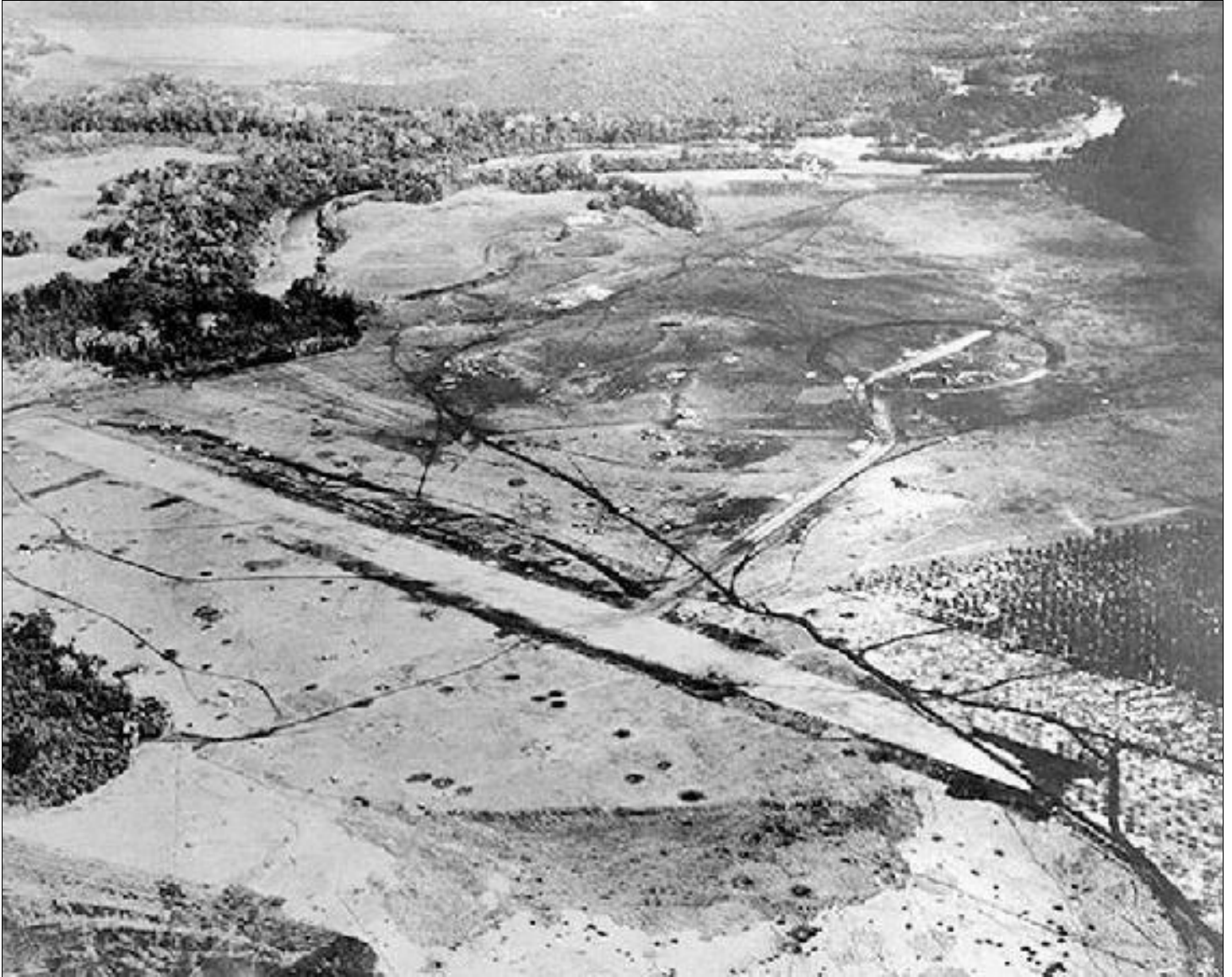
Cortesia do dr. Sidney Phillips

A necessidade de manter em segredo o local de estacionamento da 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais combinada com a de os soldados se comunicarem com a família deu origem a este cartão, datado de julho de 1942.



National Archives

Cortesia do dr. Sidney Phillips



National Archives

A pista de pouso e decolagem conhecida como Aeródromo Henderson, cujo codinome era Cactus, tornou-se o centro do teatro de guerra do Pacífico durante a última metade de 1942.



National Archives

O refeitório dos oficiais do porta-aviões USS *Enterprise*, visto aqui no dia da invasão de Guadalcanal, proporcionava aos pilotos um nível de conforto desconhecido pelos praças.



National Archives

A Batalha do Cabo do Inferno marcou o primeiro combate em Guadalcanal. Sid Phillips ajudou a vencê-la e depois teve que servir perto dos corpos durante semanas.



National Archives

Mike achou o serviço em Guadalcanal tão difícil quanto o de qualquer outro desafio enfrentado por ele. Como membro da Força Aérea de Cactus, ele pilotou um Dauntless, como o apresentado na fotografia, através da “fenda” (estreito) das ilhas Salomão em 1942. Embora não fosse o mais veloz dos aviões, o Dauntless conquistou seu respeito pela confiabilidade e estabilidade durante o voo. Era capaz de realizar mergulhos de 70 graus a mais de 3.600 metros de altitude com graça e impetuosidade.



National Archives

Um avião japonês mergulha através dos fogos antiaéreos na direção do USS *Enterprise* na Batalha das ilhas Salomão Orientais, em 24 de agosto de 1942. Em algum lugar acima do inimigo, Micheel sobrevoa o navio em círculos, esperando ter um navio em que pudesse aterrissar.

**CERTIFICATE OF MEMBERSHIP
DOMAIN OF NEPTUNUS REX**

To All Good Sailors and Marines of the Seven Seas

Greetings

Know Ye that, JOHN BASILONE

Sergeant, USMC., has this date been initiated into the mysteries of the deep in keeping with the traditions of my Realm and has been acclaimed a true and loyal Son of Neptune.

Attest:

P. S. THEISS,

Captain, U. S. Navy,

DAVEY JONES

Y. W. Puller

Given under my hand and seal
in Lat. 00°00'00"

Long. Undet this 1st

day of World War II

NEPTUNUS REX

L. Wolf

Cortesia da Família Basilone

A prova de que John Basilone participou do ritual de iniciação de acesso aos Domínios do Rei Netuno, uma antiga tradição da Marinha americana, foi assinada pelo lendário major Lewis B. "Peitudo" Puller como Davey Jones.



Cortesia de Richard Greer

John Basilone e seu amigo, J. P. Morgan, no início de 1943, na base do 7º. Regimento de Fuzileiros Navais em Mount Martha, Austrália, perto de Melbourne.



Cortesia de Richard Greer

John Basilone (à esquerda) e seu amigo Richard Greer sorriem juntos antes de partirem da base, localizada nos arredores de Melbourne, Austrália. John, imitando Napoleão, preparava-se para curtir a folga brevíssima com uma última visita ao clube dos praças na base.



Cortesia do Melbourne Cricket Ground

O regimento de Sid Phillips teve a sorte de ficar estacionado no Melbourne Cricket Ground, visto aqui em 1943, sob as asas de um Beaufighter da RAAF. As delícias da cidade ficavam a um passo de distância.



Cortesia de Hugh Corrigan

A 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais desfilou pelas ruas de Melbourne, Austrália, no início de 1943, para receber as saudações de uma nação agradecida.



Cortesia do dr. Sidney Phillips

John "Decano" Tatum (*à esquerda*), Stan Bender (novo membro do esquadrão) e Sidney Phillips (*à direita*) exibem seus uniformes provisórios na Austrália, em 1943.



Cortesia da Família Basilone

Ganhador da Medalha de Honra pelos serviços prestados em Guadalcanal, o sargento John Basilone estava de partida para a campanha de levantamento de fundos com parte de um grupo de artistas bastante famosos e que se revezavam em sua participação no evento (aqui, John Garfield está ao lado de Virginia Grey, com um buquê de flores) e outros heróis das Forças Armadas americanas.



Cortesia da Família Basilone

Na ocasião em que as estrelas da Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra se reuniram para uma foto em grupo, o carinho da atriz Martha Scott pelo sargento Basilone ficou óbvio.



Cortesia da Família Basilone

O sargento John Basilone e o ator John Garfield sobem ao palco em 10 de setembro de 1943 para pedir ao povo de Jersey City que ajude o esforço de guerra comprando bônus.



Cortesia da Família Basilone

Como porta-voz do Corpo de Fuzileiros Navais, o sargento Basilone incentivou o ingresso de mulheres na corporação.



Cortesia da Família Basilone

John voltou à sua cidade natal como herói. Foi um dia de orgulho para sua família e para a comunidade ítalo-americana. Seu irmão George não aparece na foto, pois estava servindo na 4ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais, em setembro de 1943, quando ela foi tirada.



National Archives

Em Cape Gloucester, os morteiros de 81 milímetros lançaram tiros devastadores nas poucas ocasiões em que as forças militares precisaram deles.



National Archives

As condições em Cape Gloucester excederam a imaginação dos fuzileiros navais que haviam combatido nas selvas de Guadalcanal.



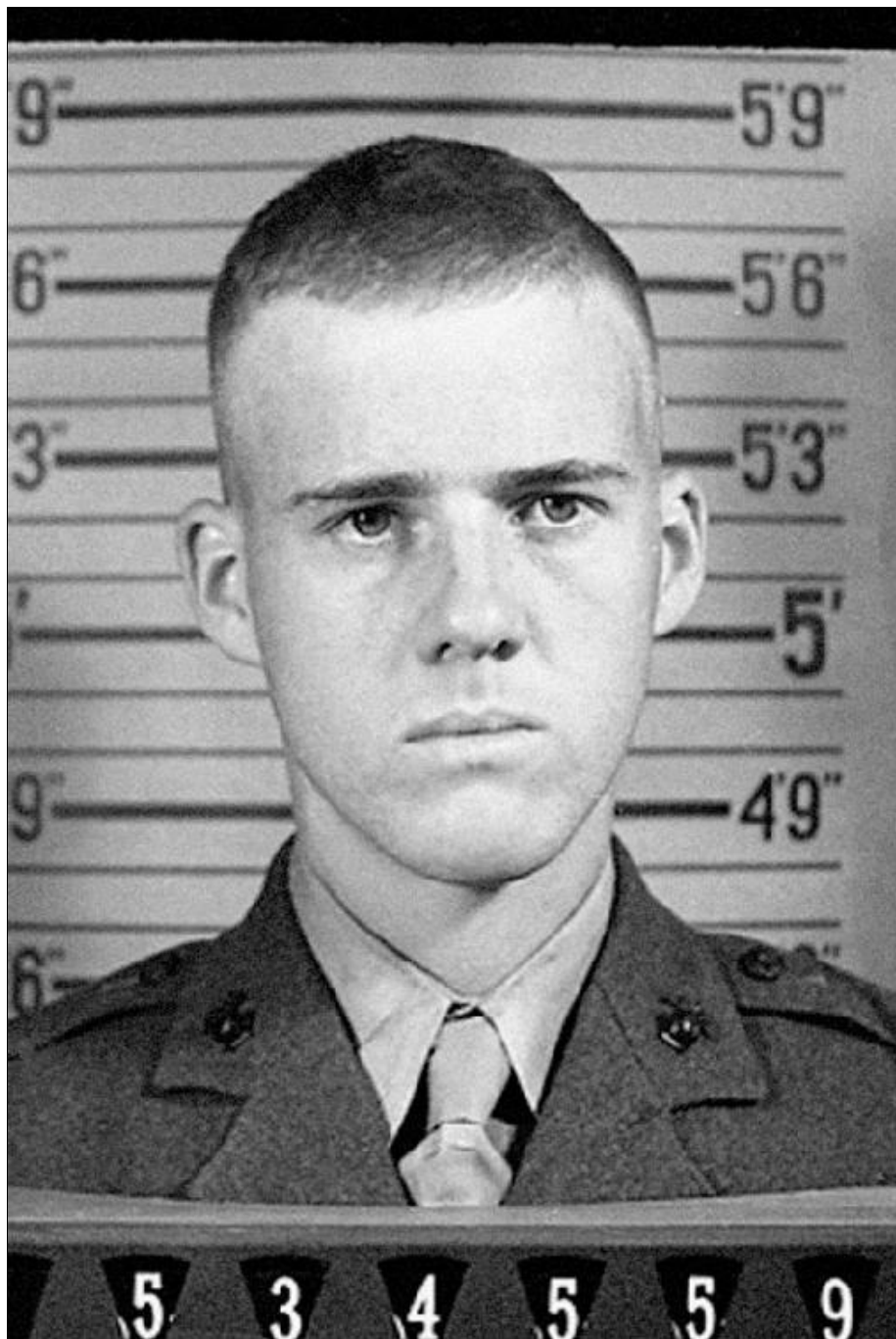
National Archives

A fila do rancho na ilha de Pavuvu, local do acampamento de descanso da 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais.



Cortesia de Steve Moore

Andrew A. Haldane, que foi elevado ao posto de capitão em Guadalcanal, liderou a Companhia King pelas matas de Cape Gloucester e pelo terreno de Peleliu.



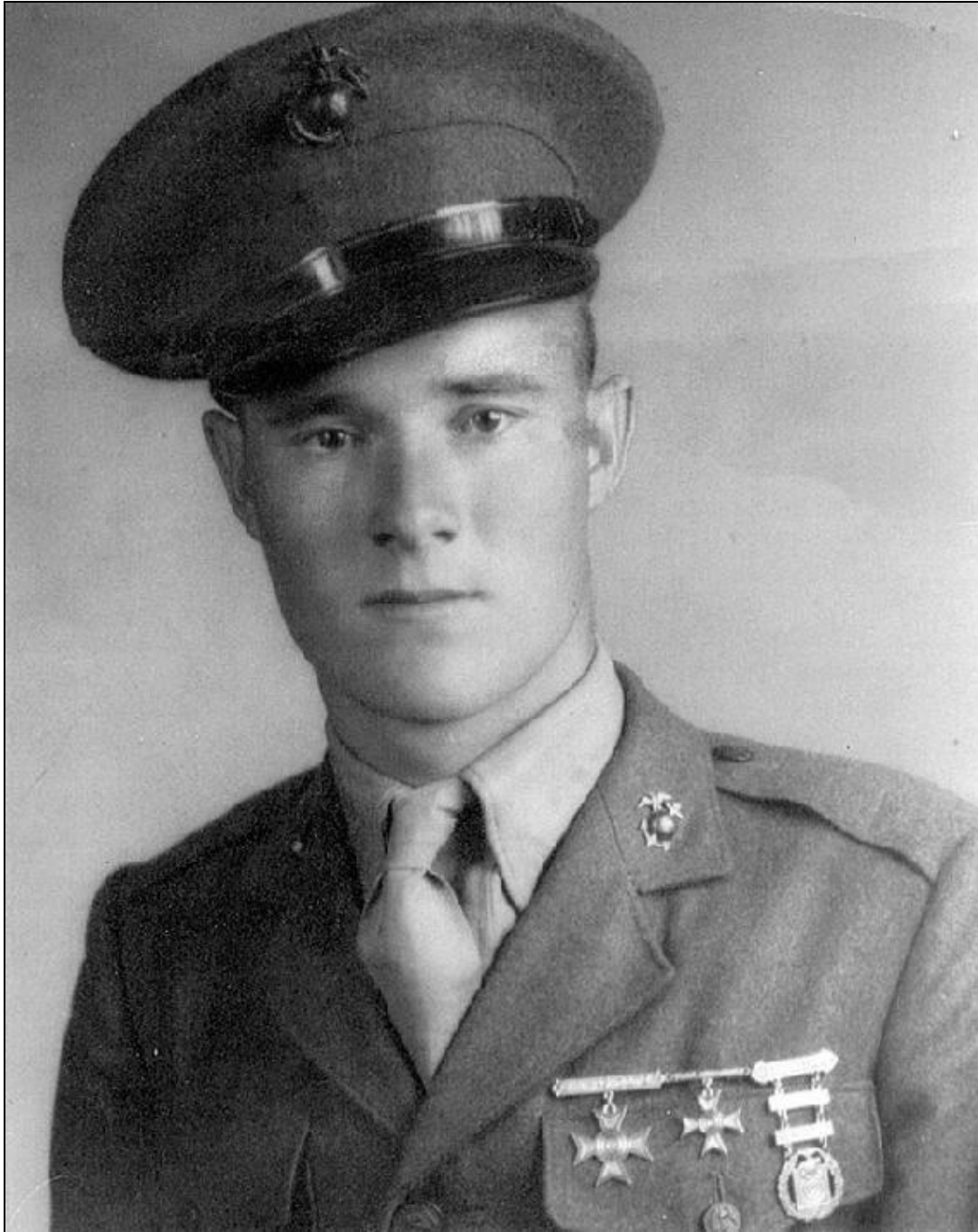
Cortesia do National Records Center

No final de 1943, Eugene Sledge deixou o acampamento. Sua guerra quase não teve nenhuma relação com a guerra lutada pelo seu amigo Sidney Phillips.



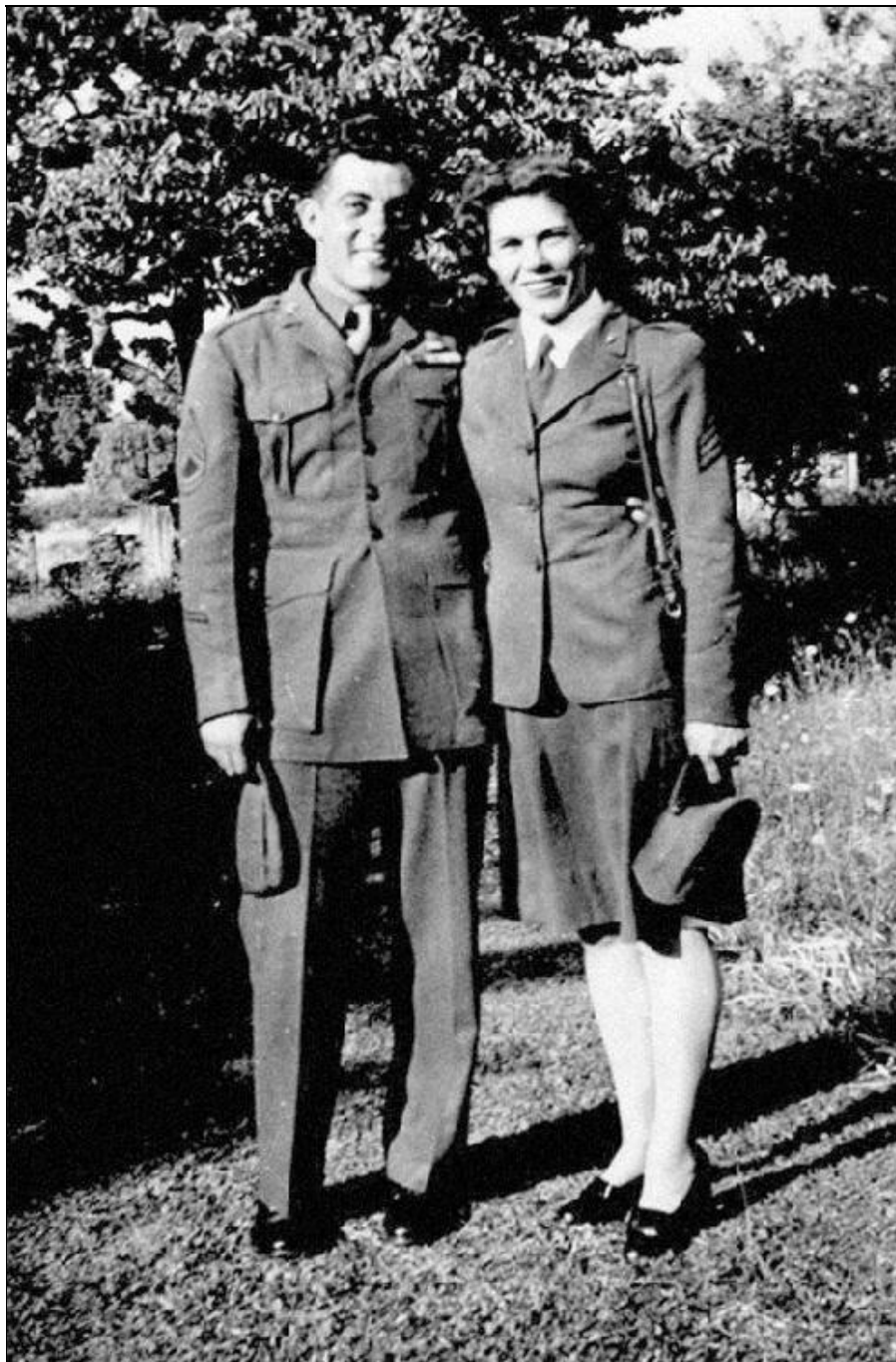
Cortesia do National Records Center

Merriel "Snafu" Shelton, visto aqui em sua primeira foto como fuzileiro naval, era o "melhor filho da mãe do mundo" que Eugene Sledge conheceu. "Eu o amei até a morte", Sledge escreveu depois, "porque ele me salvou muitas vezes".



Cortesia de R. V. Burgin

Romus Valton Burgin, líder do esquadrão de Sledge em Peleliu e em Okinawa, ao se tornar sargento.



Cortesia de Barbara Garner

John Basilone conheceu Lena Riggi no início de 1944, em Camp Pendleton, a grande base do Corpo de Fuzileiros Navais, situada ao norte de San Diego.



Cortesia da Família Basilone

Os padrinhos de casamento de Lena e John Basilone, todos fuzileiros de suas respectivas unidades, posam para a fotografia oficial. Três dos cinco homens presentes no casamento de Lena seriam mortos em combate.



Cortesia da Família Basilone

John e Lena festejam o casamento com os amigos do lado de fora da pequena igreja em Oceanside, Califórnia, em 11 de julho de 1944.



National Archives

O Helldiver SB2C, fotografado aqui com um ala, deu muita dor de cabeça ao tenente Mike Micheel, tanto como piloto quanto como oficial mecânico de seu esquadrão.



Cortesia de Vernon Micheel

No convoo do USS *Hornet* no verão de 1944, Micheel posou para uma foto sentado na cabina do avião de seu esquadrão, um Helldiver SB2C.



National Archives

O avião Helldiver do esquadrão de Mike costumava soltar suas bombas sobre o convés de voo do USS Hornet durante a aterrissagem. Na tarde de 28 de maio de 1944, um corajoso membro da tripulação saiu de seu posto para pegar uma bomba de 45 quilos que se soltara de uma de suas asas.



Cortesia de Mike Micheel

O tenente Vernon “Mike” Micheel, o quarto homem da esquerda da primeira fila, comandou um pequeno esquadrão experimental de “caças-bombardeiros” no verão de 1944. Seus integrantes pilotavam o Hellcat F6F e comprovaram a viabilidade do conceito de combinar os dois tipos de missões de ataque.



National Archives

O tenente-coronel Austin Shofner, com seu operador de radiocomunicação (à direita), foi fotografado quando tinha avançado 25 metros da praia usada para invadir Peleliu, no Dia D. Shofner lutou o dia inteiro para coordenar a movimentação de suas três companhias, sobretudo a da Companhia King.



National Archives

Na manhã de 5 de setembro de 1944, o dia da invasão de Peleliu, um fotógrafo captou esta imagem do posto de comando de Shofner, instalado em uma trincheira, situada a 200 metros da praia.



National Archives

Cada uma das casamatas em Peleliu — e havia várias centenas delas — exigiu um tributo de sangue e sacrifício da 1ª. Divisão de Fuzileiros Navais para sucumbir perante seus ataques.



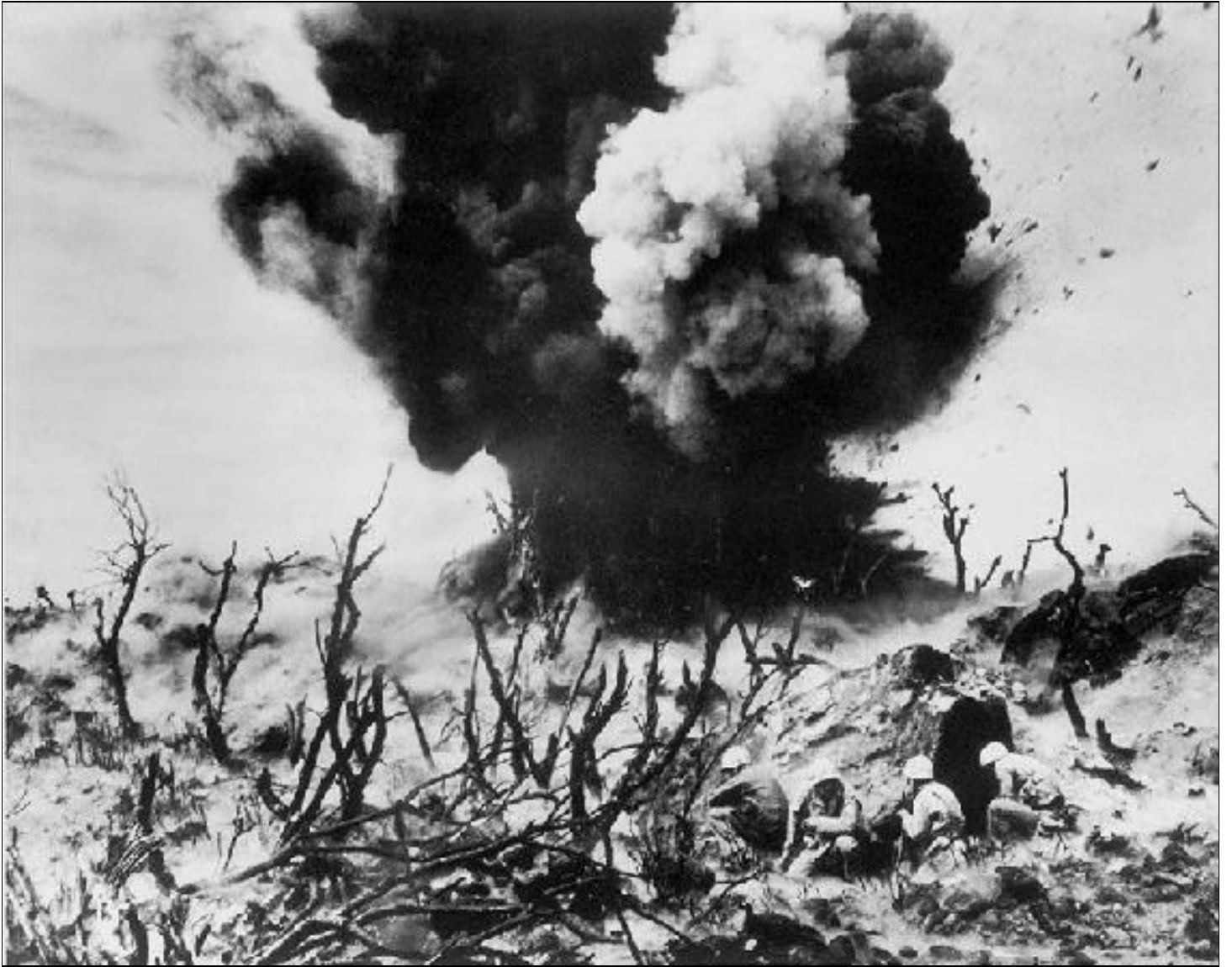
National Archives

Placas como esta, em Peleliu, não mantiveram distantes todos os curiosos, muitos dos quais residiam a pouco mais de 1 quilômetro do local dos intensos combates nas Colinas Sangrentas. Eugene Sledge e outros fuzileiros, que estiveram em seus cimos, não precisaram desse tipo de aviso.



Cortesia do dr. Sidney Phillips

Sid (*fila de trás, ao centro*) conseguiu escapar do tédio na Base Aeronaval de Boca Chica, em Key West, Flórida, em novembro de 1944.



National Archives

Batalha de Iwo Jima acabou se tornando o símbolo da selvageria da Guerra do Pacífico.



National Archives

A brutalidade dos combates aumentava a cada passo que davam na direção de Tóquio.



National Archives

O tenente-coronel Austin Shofner, visto aqui com um mapa, passa instruções a seus homens da unidade de Polícia Militar dois dias antes da invasão de Okinawa, em 1º. de abril de 1945. Shofner detestava o posto de chefe da Polícia Militar, mas o via como o caminho de volta a um posto de comando.



National Archives

Ex-prisioneiro de guerra, Shofner cuidou do povo de Okinawa, que era expulso de casa à medida que a maior das batalhas da guerra avançava através de sua terra natal.



National Archives

Uma peça de artilharia japonesa tipo 89 parada perto de seu abrigo em Okinawa. Nessa batalha, a artilharia de ambos os lados ganhou um apelido: o Deus da Guerra.



National Archives

Fotografia de uma cena dos combates em Okinawa, onde o número de explosões superou o de fuzileiros navais.



National Archives

Quando, no fim de maio, as monções chegaram a Okinawa, Eugene Sledge ficou à beira da loucura.



Cortesia de R. V. Burgin

Os membros sobreviventes da seção de morteiros da Companhia King em 10 de agosto de 1945, após a batalha de Okinawa. R. V. Burgin é o segundo a partir da esquerda, na fileira de trás. Eugene Sledge é o segundo da esquerda, na primeira fila.



Cortesia do Memorial de MacArthur, Norfolk, Virginia

O general Douglas MacArthur e sua esposa diante de seu B-17 especial, com o nome da derrota que pairou sobre sua cabeça para sempre, em 1943.



Cortesia de Jeanne Sledge

Sledge passou a respeitar profundamente a China e a amar seu povo enquanto serviu no país.



Cortesia da Família Shofner

Poucos igualaram e ninguém superou o tenente-coronel Austin Shofner em tempo de serviço no exterior na Guerra do Pacífico. Aqui, ele é visto retornando da China, em 1946.



Cortesia do dr. Sidney Phillips

Eugene Sledge e Mary Houston, fotografados logo após a guerra.



Cortesia de Barbara Garner

Lena (*segunda a partir da direita*) na companhia da mãe de John e das irmãs dele diante da estátua erguida em homenagem ao herói em Raritan, Nova Jersey.



Cortesia do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA

Em dezembro de 1945, Lena Basilone consagrou o USS Basilone, um novo contratorpedeiro, em Beaumont, Texas.



National Records Center, St. Louis

Lena Basilone, a viúva de John, recebeu a Medalha da Cruz da Marinha em seu nome, em 1947. Ela nunca se casou de novo.



Cortesia do Arquivo da Universidade de Auburn

O Marreta (à direita) e Snafu encontram-se numa reunião da K/3/5 décadas depois. Para Eugene, foi como voltar para casa.



Cortesia da Família MacKenzie

Robert "Scotty" MacKenzie (à esquerda); seu fiel sargento, R. V. Burgin (ao centro); e seu colega "Bucky" Pierson numa reunião.



ATO III

“A PAUSA REVIGORA”

Natal de 1942—Natal de 1943

A vitória americana na Batalha de Guadalcanal ensinou a seus líderes que a guerra não seria apenas longa, mas custosa também. Embora Washington não conseguisse avaliar quanto a campanha militar fora devastadora para o Exército e a Marinha do inimigo, sabia que a crise havia passado. Ao fim do primeiro ano de conflito, os Estados Unidos estavam convictos dos laços que os ligavam à Austrália e aliviados com o fato de que a Batalha de Midway enfraquecera a capacidade ofensiva da frota de porta-aviões do Japão.



A bordo do USS *Johnson* no porto de Espírito Santo, o esquadrão de Sid fez uma refeição comum, oferecida pelo serviço de bordo do navio. Cada um de seus membros recebeu uma caixa da Cruz Vermelha. Quando Sid abriu a dele, achou o “conteúdo inútil, mas perfeitamente normal para um estojo de costura”. O soldado que quisesse poderia tomar uma Coca-Cola na loja da cooperativa militar, se conseguisse chegar lá a tempo. Feitas as contas, consideraram esse Natal “o pior e mais sem graça”¹ de todos os de que conseguiam se lembrar. Aos oficiais, naturalmente, serviram peru na ceia de Natal. Quando o 2/1 desembarcou, seus membros foram levados para um alojamento de barracas armadas debaixo de coqueiros e infestadas de mosquitos. O Decano achou uma loja da cooperativa militar, administrada por soldados negros do Exército americano, que vendia doces e cigarros. Quanto ao Sid, pegou alguns de seus “suvenires japoneses” e partiu à procura de alguns navios, nos quais tentaria trocá-los por outras coisas. Subiu a bordo também do USS *Enterprise*, que estava ancorado no canal de Segond, mas achou a tripulação menos generosa do que a do USS *Honolulu*, onde receberam muito sorvete de graça.

Na véspera do Ano-Novo, fizeram a distribuição de uma quota dupla de cerveja, assistiram à apresentação de um espetáculo com atração dupla no teatro da base e o coronel anunciou que partiriam em breve para a Austrália. Mas o tiroteio de armas portáteis deflagrado à meia-noite marcou o início do ano de 1943 e o fato de que os veteranos de Guadalcanal jamais iam a algum lugar sem os seus fuzis, limpos e municiados, nem sem o capacete. Passados alguns dias, embarcaram em outro navio-transporte de pessoal e partiram para a Austrália. Chegaram ao largo da costa de Brisbane, onde, como sempre, ficaram esperando durante alguns dias. O 5º. RIFN já havia desembarcado e fora encaminhado para um alojamento de descanso. Chegou, todavia, a notícia de que o pessoal do 5º. RIFN detestara o acampamento e se queixara muito dele. O general

MacArthur, que comandava as forças americanas estacionadas na Austrália, respondera às queixas dizendo que não podiam levá-los para outro lugar porque não tinham navios disponíveis. Contudo, embora tivesse demorado um pouco, o almirante Halsey conseguiu alguns navios. Assim, o navio de Sid zarpuou para outro destino, enquanto o 1º. RIFN foi levado para Melbourne, ao sul. No decorrer da viagem, o calor dos trópicos foi dando lugar a um clima mais ameno.

Depois de atravessar um estreito braço de mar, o navio entrou numa grande baía, onde, sob a luz de um claro dia de verão dos meados de janeiro de 1943, finalmente atracou. O esquadrão de Sid deu-se conta de que algo mudara quando lhe disseram que deixassem os pesados morteiros para trás, pois outros soldados os desembarcariam. A rampa de desembarque os levou direto para bondes elétricos, nos quais atravessaram a cidade rumo a uma estação, donde foram levados em caminhões para uma breve viagem até o Melbourne Cricket Grounds, um estádio para partidas de críquete. “Mulheres e moças ladeavam as ruas, acenando e assobiando.” Assim que chegaram, Sid e seus colegas de esquadrão “acharam que estavam no paraíso”.

Um grande banquete os esperava no interior do estádio. Nas partes cobertas das arquibancadas, os assentos haviam sido substituídos por alojamentos. Na loja da cooperativa militar, podiam comprar Coca-Cola, cigarros e outros luxos, porém, assim que começou a escurecer, fuzileiros com uniformes manchados e esfarrapados começaram a se retirar. Magros e fracos, mas determinados a fruir a breve folga, os veteranos tiveram que caminhar cerca de um quilômetro e meio para chegar ao centro da cidade. Embora, por precaução, a intensidade da iluminação das ruas e das luzes dos painéis de neon tivesse sido reduzida, os fuzileiros viram pessoas trajando roupas limpas e levando uma vida normal, longe de abrigos. Viram ordem, paz e civilidade. Quanto aos australianos, receberam os fuzileiros calorosamente, como se fossem velhos conhecidos, aos quais geralmente cumprimentavam com algo assim: “Parabéns, ianque!” Sid sentiu uma “alegria, uma satisfação imensa” com tudo isso.

O 7º. RIFN, o último regimento da 1ª. DIFN a desembarcar em Guadalcanal, foi também o último a partir. Após passar o Natal em cabo Lunga, o 1/7 de Puller embarcou em 5 de janeiro e seguiu direto para Melbourne, onde desembarcou no dia 13 do mesmo mês. Os fuzileiros navais do pelotão de operadores de metralhadora de Basilone levaram Jockstrap, o mascote deles, numa mochila cilíndrica de marinheiro. Quando desciam a rampa de desembarque, o funcionário do serviço de imigração australiano viu Jockstrap com a cabeça para fora.

— O cão não pode entrar no país! — advertiu o funcionário. Os artilheiros pararam, irritados e armados.

— Uma porra que não pode! — respondeu um deles. O funcionário resolveu fazer vista grossa e o desembarque prosseguiu.

Na viagem de trem, viram tranquilos as cenas urbanas da cidade de Melbourne deslizarem pelas janelas enquanto o transporte os conduzia pela periferia. Pouco depois, o trem contornou a baía e seguiu para o sul, com destino ao povoado de Mornington, onde caminhões os esperavam para levá-los até o acampamento, em Mount Martha, em que havia fileiras verdoengas de barracas para oito soldados armadas em volta de

edificações provisórias, com coberturas de lâminas de lata. A lonjura do campo em relação à cidade tornava mais difícil uma escapulida à noite. Esse tipo de problema começou no dia seguinte. J. P. Morgan, o amigo de John, permaneceu ausente do acampamento, sem permissão, das 9h30 até as 16h30, quando foi “detido pela polícia militar do Exército americano”.²⁵⁰ Mas não pegaram John Manila.

O tenente Micheel fez outra reunião com Ray Davis e outros membros do 6º. Esquadrão de Bombardeiros em North Island, em San Diego, quando a folga deles terminou, no início de janeiro. Como havia se recuperado, Bill Pittman compareceu à reunião também. Acomodados no alojamento dos oficiais solteiros, os pilotos devem ter ficado sabendo que não acontecera muita coisa no Pacífico desde a volta deles. Mike soube que estavam concedendo medalhas pela participação nos combates em Midway. Por sua atuação no conflito, pilotos de outros esquadrões já haviam sido condecorados com a Cruz da Marinha e a Cruz do Mérito Aeronáutico. Ao contrário do 6º. Esquadrão de Bombardeiros, esses pilotos não foram a Guadalcanal. Tinham ficado à disposição e, portanto, em condições de receber as medalhas. Ray e Bill haviam recebido as suas quando voltaram para San Diego.

Garantiram a Mike que, levando em conta o que haviam concedido a eles e a outros pilotos, em breve ele seria condecorado com uma Cruz da Marinha. Tinham, pois, adivinhado o critério de concessão de medalhas por parte da Marinha. “Todos que participaram de quatro missões aéreas” ganharam a Cruz da Marinha, embora “alguns dos rapazes que não chegaram a participar de quatro missões as tenham recebido também”. Nesse caso, a concessão dependia do fato de haverem participado das duas primeiras missões no dia 4 de junho ou das duas seguintes. “Qualquer um que apenas participara das duas últimas não ganhou medalha. Eles podem até ter ganhado uma Cruz do Mérito Aeronáutico, mas não uma Cruz da Marinha.” Alguns dias depois, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros recebeu seus novos aviões, o novo modelo de Dauntless (-4) e quatorze novos guardas-marinha. O primeiro voo de Mike, após dois meses inativo, foi nos meados de janeiro, ocasião em que seu esquadrão partiu para a nova BAeN, em El Centro, Califórnia. Situada a poucos quilômetros de San Diego terra firme adentro e a um pulo da fronteira com o México, a nova base do 6º. Esquadrão de Bombardeiros ficava em pleno deserto.

O curso de operações em voo começou em marcha lenta, no fim de janeiro. Iniciaram o treinamento com testes para verificar se os novos pilotos eram capazes de pilotar como elementos de uma formação decente. Como oficial-aviador, Mike providenciou para que os veteranos mostrassem aos novatos uma coisa ou outra sobre o emprego de armamentos, bombardeios de mergulho e coisas do tipo. Além disso, ele voara durante algum tempo no banco traseiro de um SNJ, enquanto seus pupilos praticavam “voo por instrumentos”, ou seja, executavam manobras sem poderem ver o lado de fora do avião. “Apesar de procurarmos fazer o possível para que não colidissem conosco em pleno ar” e o fato de lhes repassar outras instruções, “não me lembro de termos feito o menor esforço para ajudá-los a integrar o esquadrão”, pois, assim como ele teve que se virar, achar o próprio caminho e conquistar seu espaço quando embarcou pela primeira vez no Big E, Micheel e seus amigos achavam justo que os novatos passassem pela mesma experiência. Não era fácil estender o benefício da amizade

e da confiança que havia entre Mike, Ray, Bill. Era natural que se esperasse que os recém-chegados se mostrassem à altura disso e do status de verdadeiros pilotos.

No início de fevereiro, Ray Davis fazia uma inspeção mensal do esquadrão. Seus membros, portanto, se reuniram no pátio de estacionamento, do lado de fora do hangar. Depois de alguns passos na direção de seu amigo e primeiro-tenente Vernon Micheel, Ray o condecorou com a Cruz da Marinha, a mais alta condecoração por coragem concedida, inferior em importância apenas à Medalha de Honra. Tinha a forma de uma cruz dourada presa a uma fita, em que uma listra fina e branca ficava entre outras duas listras grossas azul-marinho. Tal como na cerimônia de concessão da honraria aos demais participantes de operações aéreas em Midway, a menção honrosa à atuação de Mike terminava assim: “Sua coragem, perseverança e absoluta renúncia da própria vida foram fatores importantes e decisivos para o sucesso alcançado por nossas forças, atitude à altura, aliás, das mais altas tradições do serviço naval dos Estados Unidos.”²⁵¹ Ray fixou a medalha em Mike, deu um passo atrás e bateu continência para ele.

Em 1º. de fevereiro, Shofner teve “o dia mais feliz de sua vida de prisioneiro”, pois recebeu algumas cartas de casa. Foi para ele uma alegria imensurável saber, por uma carta com o carimbo postal de junho de 1942, que a família estava bem. Isso o comoveu mais do que as caixas da Cruz Vermelha que os guardas haviam distribuído uma semana antes, ainda que com luxos, como chocolate, cigarros e biscoitos, além de coisas indispensáveis, como carne, latas de sardinha e até artigos de higiene pessoal. Junto com todos esses produtos vieram também algumas peças de roupa, uma pequena quantidade de quinino e antibióticos. Cada prisioneiro recebeu duas caixas, embora os guardas tivessem roubado certos produtos de algumas delas. Um exemplar do jornal de Manila era entregue em cada alojamento. Além disso, as autoridades da prisão davam a cada um dos prisioneiros quinze latas de carne e legumes em conserva e não deixavam que ficassem sem cobertores, mosquiteiros, cantis e aparelhos de rancho.

Coroando essa surpreendente generosidade, havia a permissão do comandante do campo autorizando que os prisioneiros enviassem um cartão- postal a seus familiares. A oportunidade de dizer a eles que ainda estavam vivos, mesmo que fosse com um simples cartão-postal, cujos espaços exíguos preenchiam com escassa informação, reacendia neles a chama da esperança. No caso do Engenhoso, o quinino teve utilidade quase imediata, já que ele sofreu seu primeiro surto de malária. Tomou as pílulas, pois, na esperança de evitar ser enviado para o hospital, já que ir para lá significava perda de privilégios e de sua vaga no destacamento de serviço. Implicava, enfim, a possibilidade de ele perder a chance de fugir.

Conquanto, em Davao, a vida dos prisioneiros tivesse melhorado muito em relação a Cabanatuan, quase a metade deles não tinha força suficiente para participar de destacamento de serviços em março de 1943. E não trabalhar tornava mais difícil recuperar-se de doenças ou problemas, como dengue, beribéri, úlceras tropicais, disenteria e coisas do tipo.

As latas de comida em conserva e os estoques de medicamentos eram consumidos rapidamente. Os que eram capazes de trabalhar conseguiam roubar, embora os guardas tivessem ficado mais atentos a isso. A

punição por roubo de comida do imperador do Japão era punida imediatamente com socos, chutes de botina e golpes de porrete. Mesmo assim, os prisioneiros precisavam fazer isso.

O uso do quinino, contudo, preocupava o Engenhoso. Ao contrário dos outros prisioneiros, sua equipe de candidatos a fugitivos estava evitando o luxo de consumir quaisquer latas de comida em conserva, pois precisavam guardá-las para usá-las na fuga, bem como os medicamentos. Todavia, o comandante do campo dificultou o estoque de alimentos quando cortou o fornecimento de legumes e verduras frescas. Todos os prisioneiros passaram a ter que trabalhar nos campos agrícolas para compensar essa perda. No caso do Engenhoso, o remédio funcionou, debelando a malária, e permitiu que continuasse no destacamento de serviço.

Curado, o Engenhoso saiu à procura de um navegador. Em silêncio e discretamente, exibindo o semblante do experiente jogador de pôquer, ficou observando e avaliando os oficiais da Marinha. Como acontecia com a maioria dos oficiais-fuzileiros, doenças e subnutrição haviam tornado a maioria dos integrantes da Marinha incapazes de empreender uma viagem difícil e penosa. Shofner resolveu abordar o capitão de corveta Melvyn McCoy. Num momento apropriado da conversa entre eles, o Engenhoso perguntou se ele seria capaz de levar um navio de Mindanao até a Austrália. McCoy sabia aonde Shofner queria chegar com essa conversa. E gostou da forma pela qual ele a iniciara. McCoy conhecera o Engenhoso em Bilibid, jogara pôquer com ele em Cabanatuan e chegou a vê-lo dar dinheiro a outros prisioneiros para comprarem comida.²⁵² Como sabia que o capitão Shofner tinha força e coragem para triunfar, McCoy respondeu que fora um dos melhores matemáticos na Academia Naval dos Estados Unidos. Acrescentou que podia, portanto, criar uma fórmula para se orientar e navegar pelo grande oceano.

Quando, finalmente, o Engenhoso tocou objetivamente no assunto da fuga, o capitão McCoy informou a Shofner que ele já havia iniciado planos de fuga com outros três colegas e que não podia abandoná-los. Esse pequeno problema os fez interromper a conversa. O comandante e o capitão voltaram para seus respectivos grupos, porquanto tinham que considerar o número total de fugitivos que ambos os grupos poderiam totalizar — dez, o que seria demais. Por outro lado, poderiam os dois grupos se dar o luxo de agirem separadamente no dia da fuga, uma vez que sabiam que, quando o primeiro deles fugisse, estragaria as chances do outro? Além disso, tinham que avaliar a saúde e a capacidade de resistência dos homens do outro grupo, talvez até a habilidade de cada um. Foram tantos os homens que tinham hesitado e voltado atrás nos muitos meses, desde a rendição, que discutir o assunto num grupo tão grande causava muita apreensão. As considerações sobre a questão foram uma verdadeira canseira para os envolvidos. Apesar de tudo, acabaram decidindo que iriam juntos.²

Em vez de perderem tempo com discussões sobre suas chances de triunfarem num pequeno barco vagando em alguma parte do imenso Pacífico, os envolvidos se concentraram nos detalhes práticos do cometimento. O capitão McCoy assumiu o comando da operação, já que era o oficial de mais alta patente, comando que, em parte, Shofner aceitou porque McCoy respeitava o trabalho e o planejamento que Shofner já fizera. Contudo,

certas circunstâncias impediram que McCoy ditasse as linhas gerais de todos os procedimentos. O Engenhoso, por sua vez, envolveu-se em todas as etapas do planejamento da operação. Criaram listas do equipamento e das ferramentas que deveriam empregar, além de registrarem por escrito as quantidades e tipos de alimentos de que teriam necessidade, isso numa colônia penal em que a maioria dos prisioneiros não tinha o suficiente para comer e muitos não tinham sequer “calçados de espécie alguma”.²⁵³ Além de um machado, uma corda e uma barraca ou um pedaço de plástico ou tecido impermeável para servir de abrigo contra chuvas fortes, McCoy insistia na necessidade de conseguirem um sextante, para ser usado na navegação. Estavam fazendo também um estoque de sementes de frutas e legumes, para o caso de serem bem-sucedidos na fuga, mas não conseguiram deixar a ilha.

No fim de fevereiro, Shofner, Hawkins e Dobervich aravam o campo de mandioca com a ajuda de novilhos de zebus. Eles e mais um punhado de outros colegas da equipe usavam os novilhos para amanharem o campo com o arado. O trabalho com os animais de tração requeria que as equipes fossem buscá-los no domingo, dia de folga para todos, e os levassem para apascentar em outro pasto. Isso os obrigava a levar os arados para fora do complexo prisional. McCoy e seus homens trabalhavam no destacamento de serviço encarregado da colheita dos grãos de café, inclusive aos domingos, por determinação do comandante do campo. Com uma supervisão precária, que despistavam facilmente, a equipe escondia latas cheias de suprimentos em vários lugares, inclusive nos favoritos do Engenhoso: debaixo de grandes formigueiros.

Para além do campo em que labutavam, uma barreira de selva densa erguia-se sobre um pântano. O único caminho evidente para fora dos campos agrícolas terminava numa estrada que levava à cidade de Davao. O EIJ achava que os quilômetros de matas cerradas e pântanos profundos formavam uma barreira impenetrável em três lados. Embora relutantemente, a equipe chegou a um acordo. O recrutamento de um guia os forçaria a estender o círculo de confiança para além do grupo de americanos. Mas isso tinha que ser feito. Shofner, portanto, auxiliado por Hawkins, que falava espanhol, supervisionou a escolha. Iniciou o processo de seleção procurando saber tudo sobre os filipinos que haviam sido encarcerados na colônia por crimes comuns. Com o tempo, conheceu dois homens que tinham conhecimento suficiente para indicar a rota inicial da fuga, porém soube que ambos haviam sido condenados por assassinato. Eles se chamavam Benigno de la Cruz e Victoriano Jumarong. Fora o próprio Ben quem lhes dissera que ele havia sido condenado por assassinato, mas que fizera isso num momento de desequilíbrio emocional. Matara o homem que estava tentando roubar sua namorada e disse que se arrependera disso. Já o Victor se dizia inocente. Enquanto jogava cartas com o baralho bem próximo do colete, o Engenhoso aproveitou para verificar o grau de conhecimento que eles tinham da área antes de lhes revelar o plano.

Nem todos os membros da Companhia How, subordinada ao 2º. Batalhão, 1º. RIFN, compareceram à chamada na primeira manhã da unidade no Melbourne Cricket Grounds. Quando alongou a vista na direção da formação, o primeiro-sargento viu talvez uns trinta soldados, bem menos do que os cerca de duzentos que ele tinha no mapa da força. Apesar disso, para cada nome que ele chamava, recebia uma resposta. Estranhando

o fato, resolveu chamar os nomes de alguns soldados que haviam sido enterrados em Guadalcanal, e, para grande surpresa sua, recebeu uma resposta “deles” também! Mas, naquela manhã adorável, o primeiro-sargento McGrath não ligou para isso, já que estava bêbado também.

Em seu segundo dia na Austrália, Sid e os outros praças receberam 15 libras, ou cerca de 48 dólares. Era uma quantia modesta se levarmos em conta que, depois de seis meses de serviço em Guadalcanal, o CFN dos Estados Unidos lhe devia 400 dólares, meses, aliás, nos quais todos ficaram sem receber. Fizeram a distribuição de novos uniformes. Todavia, em razão da falta de fardas de fuzileiros navais, ele recebeu uma jaqueta do Exército. Como esperavam que as mochilas de marinheiro cilíndricas deixadas em Wellington estivessem a caminho, mas que, na verdade, não parecia o caso, o tenente Benson providenciou para que os integrantes de sua companhia preenchessem formulários oficiais do governo listando todos os itens que tinham perdido no USS *George F. Elliott*. O Tio Sam teria, portanto, que indenizá-los pela perda dos objetos pessoais.

Sempre que podiam, os fuzileiros navais eram os primeiros a buscar as ruas. Chegaram a Melbourne muito sedentos: de leite, bifês, cerveja e uísque, mas também de mulheres, sorvete, de tudo, enfim, que lhes fazia tanta falta. Levaria algum tempo, dada a dificuldade de entender os sotaques dos comerciantes, para que Sid conseguisse compreender o novo sistema monetário: *pence*,³ xelins, libras, além de uma estranha unidade, conhecida como “2 bobes” (2 xelins ou 10 *pence*). Contudo, uma tulipa de cerveja (quase 600 mililitros) custava 6 *pence*; já um bife com ovos fritos saía por cerca de 2 xelins; para ir de trem a qualquer lugar da cidade, o passageiro precisava desembolsar apenas 6 *pence*. Sid chegou à conclusão, pois, que as 15 libras que tinha no bolso, já que não precisava pagar aluguel nem comprar comida, faziam dele um milionário.

As calorosas boas-vindas que a 1ª. DIFN recebeu do povo australiano deixaram Sid perplexo, uma vez que a Austrália tinha sido bombardeada por aviões japoneses, seus navios haviam sido atacados, dentro de seus próprios portos, por submarinos nipônicos e dezenas de milhares de outros de seus cidadãos estavam em campos de prisioneiros de guerra japoneses. O ímpeto de conquista do império pelo Círculo do Pacífico parecia visar especialmente aos australianos. A Austrália lutava pela própria sobrevivência e da do Império Britânico, da qual fazia parte. Os jornais informavam ao povo que os fuzileiros navais americanos tinham acabado de conseguir uma importante vitória. Enquanto caminhava pelas ruas, as pessoas se aproximavam de Sid e falavam: “Parabéns, ianque! Você salvou a Austrália!” Geralmente, isso vinha acompanhado de um convite para jantar ou passar um fim de semana na casa delas. Contudo, sempre que isso acontecia, Sid tentava explicar que não era “ianque”.

Os caminhões levaram o 1/7 para a estação, onde ele embarcou no trem para Melbourne. John Manila e seus amigos nem se deram o trabalho de comprar passagens para o trem. Achavam que todo dinheiro gasto com o que não fosse vinho, mulheres e música era um desperdício, “e o trem”, observou Richard Greer, “não tem nenhuma importância”.²⁵⁴ Basilone descobriu um bar, do qual gostou, chamado Barbados. O dono, de

descendência italiana, deu certa liberdade a ele para fazer o que quisesse no estabelecimento. “John costumava fazer o que ele chamava de ‘arrasa quarteirão’. Quando chegava ao bar, pegava uns 30 mililitros de uísque americano, outro tanto de uísque escocês, mais outro de rum e outro de tudo que conseguisse achar. Acabava fazendo uma mistura de bebidas com mais de 300 mililitros”,²⁵⁵ que surtia o efeito desejado. “Você começava a tomar uns tragos dessa coisa de manhã e, na hora do jantar, não conseguia achar o próprio traseiro com ambas as mãos.” Isso não quer dizer que todos os fuzileiros vistos cambaleando pelas calçadas da cidade estavam bêbados. Na verdade, a malária continuava a atingir os soldados que achavam que tinham conseguido escapar de suas garras. Tanto que os fuzileiros encheram o novo hospital de Melbourne.

As jovens de Melbourne confundiam os fuzileiros. As moças abordavam os rapazes nas ruas e se ofereciam para sair com eles. Isso deixava os heróis de Guadalcanal boquiabertos, visto que esse tipo de coisa não acontecia em seu país, mas, também, geralmente, essas “saídas” se limitavam a levá-las para casa, jantar com a família delas ou, da parte deles, fazer um passeio com um novo grupo de amigos, como ir ao cinema, passear pelas galerias comerciais e coisas do tipo. Para alguns, contudo, esses divertimentos se transformavam em casos amorosos assim que certos problemas “logísticos” eram resolvidos. As mulheres não tinham permissão de entrar em bares, e até entrar num simples saguão de hotel era considerado arriscado. Os bares fechavam às 18 horas. Essa restrição de horário criou o que chamavam de “lenga-lenga das seis horas”, com os soldados tomando os últimos goles de seus copos antes de pedirem que se retirassem. Os americanos não demoraram a descobrir, todavia, que os bares e restaurantes de alguns hotéis podiam servir bebida alcoólica até mais tarde; além disso, era mais fácil convencer as namoradas a ir com eles para esses estabelecimentos. Mas para onde ir depois do jantar e dos drinques foi outro problema. Com o tempo, passaram a gostar cada vez mais de fazer longos passeios num dos parques da cidade.

Contudo, chegou um momento em que a ordem e a disciplina voltaram a imperar na divisão. Quase todo dia de manhã, passaram a fazer inspeções e revistas. Cada soldado teve uma ombreira acrescentada ao uniforme provisório, em que as alvas estrelas da Cruzeiro do Sul adornavam um losango de fundo azul. A palavra “Guadalcanal” figurava verticalmente no grande “1” ao centro. A batalha, graças à qual a divisão ganhou a Menção Honrosa do Presidente,⁴ se tornou sua carteira de identidade. Os velhos marinheiros seguiram para os Estados Unidos, onde foram treinar novas divisões. Outros ganharam uma semana de folga e sumiram da cidade. A maioria, porém, teve que se contentar com apenas tardes e noites de folga, embora fosse tempo suficiente para John Manila esbanjar 100 dólares em seu primeiro mês na cidade.

Em 22 de fevereiro, o 7º. RIFN inteiro foi para a cidade, onde entrou em formação com o 1º. RIFN, o 5º. RIFN e o 11º., o regimento de artilharia da divisão. Quando a brisa osculou a Velha Gloriosa,⁵ desfraldando-a, os olhos de Sid se encheram de lágrimas, e ele riu gostosamente quando seu amigo observou, “em voz alta”, como era incrível “que o vento daquelas terras faziam os olhos do sujeito arderem”. Ao meio-dia, a 1ª. DIFN marchou, por seis quilômetros, através de multidões de pessoas entusiasmadas, enquanto bandas do CFNA tocavam *Sempre Fiel*,⁶ *Reluzente Pendão Estrelado*⁷ e o *Hino dos Marinheiros*. Bandas australianas participaram

também da marcha. A deliciosa melodia de uma de suas canções, *Waltzing Matilda*, chamou a atenção dos americanos e contribuiu bastante para o brilho da parada. “Como parte daquele grande aparato esverdeado desfilando pelas ruas de Melbourne”, Sid sentiu imensa sensação de poder brotar-lhe no íntimo. Ver “todos aqueles soldados marchando sincronizadamente, de cabeça erguida, com os ombros aprumados, a milhares de quilômetros de casa”, levou o amigo de Sid a dizer baixinho: “Os fuzileiros do Tio Sam estão abafando.”

À tarde, ficou óbvio que os outros regimentos invejavam a localização privilegiada do 1º. RIFN. As demonstrações de rivalidade e os insultos que se seguiram, pois, não surpreenderam ninguém. Os soldados australianos, porém, começavam a causar problemas sérios. Os fuzileiros atribuíam a raiva deles à inveja que sentiam, já que os fuzileiros tinham uniformes melhores, muito dinheiro e tempo livre, além de serem chamados, pelos próprios australianos, de salvadores da pátria. A 1ª. DIFN tinha chegado a uma cidade onde muitos jovens haviam sido convocados para servir ao país; quando não nas Forças Armadas, pelo menos em outro setor de atividade envolvendo o esforço de guerra. As circunstâncias haviam conspirado para pôr Sid, John Manila e os amigos deste numa situação vantajosa. Como seria de esperar, trataram de tirar o máximo proveito da situação — mas começaram também a se manter mais atentos à retaguarda quando ficavam sozinhos.

No fim de fevereiro, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros recebeu ordens para se apresentar ao superintendente de aeronavegação naval da Curtiss-Wright Aircraft Corporation, em Columbus, Ohio. O esquadrão tinha ido lá pegar novas aeronaves, de onde as levou de navio para sua base na Califórnia. O 6º. Esquadrão de Bombardeiros soube de seu comandante que os novos aviões eram o bombardeiro de mergulho Wright SB2C, conhecido como Helldiver. Alguns pilotos da base de San Diego já haviam recebido alguns desses modelos e Mike ouvira dizer que os rapazes “estavam arrancando o ‘rabo’ dessas aeronaves nos mergulhos” arrojados que faziam. Essa espécie de avião, contudo, não era do tipo que o agradava muito. Alguns dias depois, todos os membros da unidade embarcaram num avião de transporte de tropas e partiram em uma viagem de dois dias para Columbus.

No dia 1º. de março, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros se apresentou ao tal superintendente, que por sua vez o encaminhou ao comandante da Unidade de Entrega de Aeronaves Navais Americana. Ficaram alguns dias recebendo instruções sobre os novos aviões dos representantes da fábrica, que, aliás, lhes garantiram que o novo projeto eliminara os defeitos dos modelos anteriores.

O SB2C fora criado pelos engenheiros para substituir o Dauntless e superá-lo em desempenho. Seu motor maior e uma hélice com quatro pás permitiam que o aparelho alcançasse uma velocidade máxima de 460 km/h. Para o ganho de velocidade e a melhora da manobrabilidade, o “2C” levava sua bomba de quase 500 quilos num compartimento próprio. Seus canhões de 20 milímetros proporcionavam mais proteção à tripulação, e um tanque de combustível maior aumentava a autonomia. Por fim, Mike conseguiu livrar-se dos representantes da empresa e entrou na cabine da aeronave em 5 de março. Pilotou por cerca de uma hora o novo avião que seu esquadrão usaria. “Eu preferia o SBD Dauntless”, observou ele. “Não gostei do 2C. Não

que houvesse algo de errado com ele, acho, mas é que ele não voava como um avião, e sim como um tijolo.” Nos dias seguintes, o esquadrão fez mais alguns voos para familiarizar-se com a aeronave; pouco depois, Mike saiu da fábrica com o Helldiver número 00080.

Atravessar o interior do país pilotando um avião revelara-se mais difícil do que qualquer um dos pilotos podia imaginar. Eles precisavam saber se orientar, seguir as normas de aeronavegação e cumprir um plano de voo, do qual não podiam se desviar. Os pilotos do 6º. Esquadrão de Bombardeiros acharam as normas e os relatórios um tanto maçantes, pois haviam se acostumado a pilotar em pleno mar aberto, no Pacífico, onde “as rotas aéreas estavam sempre livres e você podia ir aonde quisesse, quando desejasse”.

O prisioneiro nunca sabia o que podia acontecer no novo dia que começava. Repetindo a maneira de agir de tempos atrás, o comandante do campo resolveu pagar a todos os oficiais americanos pelo trabalho realizado por eles. No início de março, o capitão Austin Shofner assinou os formulários que lhe apresentaram, alguns dos quais serviam para declarar que haviam dado a ele roupas e comida que ele nunca vira, e recebeu 20 pesos de soldo. As autoridades do campo informaram que haviam aberto uma conta bancária no Japão para ele e para outros oficiais, na qual mais dinheiro fora depositado. Além disso, os guardas abriram uma pequena “cooperativa”, onde vendiam refrigerantes, amendoins, bananas fritas e fumo. “A proporção entre demanda e oferta”, observou o Engenhoso com certa tristeza, “era mais ou menos de dez por um”.

Todas as provisões que pudessem ser adicionadas aos seus estoques eram compradas e levadas clandestinamente, num carrinho, para um esconderijo. A equipe usou também o dinheiro para comprar artigos fundamentais no mercado negro, controlado pelos filipinos: pregos, um martelo, uma chave de fenda, um pequeno rolo de arame, uma bússola, um facão, um mapa rodoviário de Mindanao e binóculos. Na oficina da colônia penal, um sujeito fez uma panela para eles. Coroando a lista de suas necessidades, havia o sextante, feito pelo mecânico da equipe e que excedeu as expectativas de McCoy.

Colheram também informações sobre Mindanao. Os membros do destacamento de serviço que iam à praia para produzir sal tinham algumas informações sobre a cidade, bem como os americanos que haviam sido capturados lá. Os guias filipinos da equipe apresentaram sugestões, e o mapa que haviam comprado serviu como elemento de referência genérica. Escolhido um local de encontro na selva para logo depois da fuga, ficou combinado que, dali, a equipe partiria para Longa-og, um povoado situado a cerca de 25 quilômetros de distância, o qual, aliás, diziam ser o local de estacionamento de alguns guerrilheiros. De Longa-og, atravessariam as montanhas para alcançar Cateel, um povoado situado no litoral leste, “onde nos disseram que havia algumas bancas barcos”.

Em 14 de março, a equipe fez um ensaio da fuga sem as provisões e o equipamento, a fim de saber quanto levariam para chegar ao tal ponto de encontro. Esperavam que os guardas, caso os pegassem fazendo o treinamento, achassem que estavam tentando roubar comida; que depois os espancariam e poriam na solitária, mas sem talvez matar nenhum deles. Combinaram que o Dia D seria 28 de março, um domingo, e ficaram esperando a semana passar. Alguns dias depois, Hawkins, Dobervich e o Engenhoso faziam parte de uma

turma de trabalhadores incumbida de mondar o campo de plantação de cebolas. O oficial americano encarregado do trabalho pegou Dobervich roubando cebolas e começou a repreendê-lo. Seguiu-se uma discussão, na qual Hawkins se intrometeu e, antes que o Engenhoso pudesse esboçar qualquer reação, Hawkins deu um murro no oficial superior. Enfurecido, o oficial apresentou um relatório do ocorrido ao comandante americano do campo, que tirou Hawkins e Dobervich do destacamento de serviço. Outro membro da equipe, Sam Grashio, acabou convencendo as autoridades do campo a deixá-lo substituir Hawkins no destacamento de serviço de cultivo a que o Engenhoso pertencia. Com isso, os dois puderam continuar a levar no carrinho os apetrechos e provisões para o esconderijo, um de cada vez. McCoy, que não conseguira ficar muito irritado com Hawkins e Dobervich, só porque seus próprios homens estavam roubando galinhas em plena luz do dia, teve que se reconciliar com o comandante americano do campo, que se esforçava para manter a paz, como forma de minimizar o número de mortes.

No sábado, dia 27, caiu uma chuva torrencial. O Engenhoso recomendou à equipe que ficasse no barracão, descansando, já que não podiam trabalhar naquelas condições. Todavia, o tenente Hosume, o chefe da guarda e homem que adorava esbofetear os prisioneiros pelo campo, resolveu fazer uma inspeção. Como os prisioneiros deviam estar trabalhando, enfileirou a equipe e esbofeteou a todos. Em seguida, abriu suas mochilas, que só deveriam conter a cota de provisão de arroz individual do almoço. Por sua vez, Shofner sabia que um dos homens tinha algum equipamento consigo, enquanto ele mesmo tinha “uma garrafa em que acondicionara todo o suprimento de quinino para a fuga”, guardando-a em seu bernal de campanha.²⁵⁶ Hosume fuçou o bernal, onde achou a garrafa cheia de comprimidos. Mas estava à procura de alimentos roubados, tais como frutas ou legumes. Sujeito obcecado, no entanto, o guarda que eles chamavam de “O Príncipe Regente do Bofetão” sopapeou Shofner outra vez e prosseguiu com a inspeção. Algum tempo depois, o Engenhoso, fazendo piada da situação, observou que, logo após os bofetões, prendeu tanto a respiração que acabou “batendo o recorde mundial”. No fim das contas, o tenente Hosume achou o pessoal do destacamento de serviço que tinha em seu poder alimentos roubados e ordenou que todos os envolvidos trabalhassem nos campos de arroz no dia seguinte, um domingo, como punição.

Essa punição os forçou a adiar a fuga. Não teriam se importado muito com isso não fossem os lotes de equipamento escondidos perto dos arredores do campo. A equipe trabalhou uma semana inteira apreensiva, temerosa de ser descoberta a qualquer momento. “Ficamos com muito medo.”²⁵⁷

O fato de haver se oferecido como voluntário deixara contente por algum tempo o cadete Sledge, levando-o a fazer progressos constantes na escola. No fim de março, porém, recebera notícias de um amigo que se formara em química pelo programa V-12 e, com isso, ganhara a patente de oficial. Agora, o amigo era um oficial lotado num setor técnico das Forças Armadas, onde trabalhava num laboratório. A possibilidade de trabalhar como químico para o CFNA deixou Sledge enojado. “Com a paixão e interesse que tenho por armas de fogo etc.”, disse ele em carta enviada à mãe, “quero que o diabo me mande para os quintos do inferno se vou permitir que

me enfiem num laboratório e me impeçam de participar de combates”. Afirmou, em seguida, que iria abandonar os estudos e entraria para o corpo de fuzileiros como soldado raso.

Sledge era muito apegado aos pais, principalmente à mãe, para fazer exclusivamente da carta semanal que enviava a ela uma forma de ultimato. A família Sledge era muito unida. Portanto, ele dizia nas cartas que não via a hora de se reunir com os pais no feriado da Páscoa, quando poderiam contemplar as azaleias em flor e ouvir o canto dos tordos-do-bosque. Numa delas, mencionou uma carta enviada a ele por Edward, seu irmão mais velho, em que falava da promoção que tivera. Talvez a notícia do sucesso do irmão o tivesse incentivado. No entanto, como havia muito que Eugene “aguardava com ansiedade a chance de fazer parte de uma unidade de combate de verdade”, não se alongava demais na troca de frases afetuosas com os pais. Queria, pois, que seu pai conseguisse transferi-lo do curso que estava fazendo, pelo programa V-12, para algo que não envolvesse química. “Sei que papai vai achar isso uma tolice, mas não me importo.” Confessou que detestava ciências e que não era nem um pouco bom em matérias científicas. “Pelo menos uma vez na vida, espero que você e papai entendam que tomei essa decisão depois de pensar bem e que vocês... tentem me ajudar, em vez de me forçarem a fazer algo que detesto.”

Tudo começara um mês antes, quando o Decano insistiu para que Sid fosse com ele a um encontro com uma moça desconhecida pelo amigo.

— Por que devo ir? — perguntou Sid.

O Decano explicou que conhecera uma garota e que acabou indo à sua casa para pedir à mãe dela que a deixasse sair com ele. Explicou que a mãe da moça concordara, com a condição de que sua filha, Dorothy, pudesse levar consigo Shirley, a irmã caçula. A senhora acrescentara que só a deixaria sair se as duas fossem juntas.

— Porque preciso de você! — implorou o Decano. — A irmã dela é bonita! Eu a vi!

Sid acabou aceitando o convite do amigo. Os dois foram para o centro da cidade se encontrar com Dorothy e Shirley, a irmã caçula da moça, que deu um passo à frente, sorrindo. Ao vê-la, Sid lembrou-se da atriz Elizabeth Taylor.

Eles foram jantar num belo restaurante e depois seguiram para o cinema. Por onde iam, Sid notava os olhares invejosos dos outros fuzileiros, mirando-o com os olhos vidrados de admiração. Durante o passeio, um senhor australiano sugeriu:

— Dê uma provadinha, ianque! Ela só tem 18 anos!

Os quatro completaram a noite no parque de diversões em St. Kilda. Depois do parque, os casais pegaram o trem rumo a uma pequena casa em Glenferrie, onde Dorothy e Shirley moravam com a mãe, “Tuppie”, e a avó, “Nana”. No meio da conversa, quando achou uma brecha, Tuppie leu para Sidney Phillips e John Tatum “o Código de Guerra”, uma forma de adverti-los quanto à hombridade que esperavam deles com relação à castidade de suas filhas, mesmo porque Shirley Osborne tinha apenas 16 anos, avisou.

Nenhuma das regras lembradas e impostas pela mãe das moças diminuiu o entusiasmo deles por elas nem

pela família Osborne. Embora Sid e o Decano saíssem com outros amigos e tivessem outras aventuras, em algumas noites da semana pegavam o trem para a casa das jovens em Glenferrie. Mesmo com as duas moças trabalhando, eram tempos difíceis no lar dos Osborne. O pai de Shirley combatera na Primeira Guerra Mundial. Acabou morrendo nas trincheiras, num ataque com gás de mostarda. Ficaram sabendo que a família Osborne conhecia muito bem os horrores da guerra, mas não enchia de tristezas suas conversas com isso. O Decano e Sid gostavam de passar na mercearia e comprar alguns mantimentos para elas, com os quais preparavam um generoso jantar. Certa noite, levaram a família para ver *E o vento levou*. Como Tuppie e Nana pareceram confusas, Sid se esforçou ao máximo para explicar o enredo. “Não demorei a perceber que não conseguiria fazer aquilo. Elas não entenderam nada do que tentei explicar.”

Em vez de esbanjar a grana com divertimentos e bebedeiras, Sid enviava para casa a maior parte dos soldos atrasados assim que os recebia. Numa época e lugar em que, com 50 centavos, dava para comprar um pacote de cigarros na cooperativa ou pagar uma rodada de bebidas para todos, ele não precisava de muito dinheiro. Sid pediu ao pai que não fizesse investimentos em bônus de guerra, mas que simplesmente depositasse o dinheiro numa conta de poupança. Certa feita, Sid lembrou-se de perguntar ao comandante do pelotão, tenente Benson, o que resultara dos formulários preenchidos pelos soldados meses atrás, num dos quais Sid listara todos os pertences que perdera quando a lata-velha *George F. Elliott* afundou. Benson respondeu que o governo havia “averiguado a questão e descobrira que o fabricante do Rolex nunca havia produzido tantos relógios assim durante toda a existência da indústria”. Os trapaceiros haviam sido trapaceados, mas a vida com os australianos era boa demais para ele se preocupar com essas coisas.

Quando a How, a companhia de Sid, se reuniu no campo de críquete ao toque da alvorada, um fuzileiro apareceu de forma inusitada no local. Além de atrasado para a chamada e de estar sem o uniforme, o fuzileiro trazia embotado nos ombros um monte de roupas de cama, provocando risadinhas abafadas nas fileiras da tropa em formação. Quando passou correndo diante delas, que seguiriam para o quartel improvisado na arquibancada do estádio, viram que era Bob Leckie. Ele, também conhecido como “Sortudo”, tinha dormido no parque que havia ao lado do estádio. De repente, as risadas se transformaram em “zoadas estrondosas”, já que Sid e seus amigos deduziram que o Sortudo não dormira sozinho no parque.²⁵⁸ Entre os membros do 1º RIFN, “passeios no parque” haviam se tornado comuns. Mesmo assim, enquanto corria até o dormitório para pegar o uniforme, o Sortudo sofreu a perseguição implacável de um coro gigantesco de assobios zombeteiros do batalhão inteiro.

Durante outro dos costumeiros treinamentos matinais, realizado no dia 29 de março, como Sid começou a se sentir esquisito, foi procurar um socorrista. Após examiná-lo, ele o pôs num caminhão, junto com outros colegas. No hospital, onde o diagnóstico revelou icterícia, os médicos o aconselharam a ficar na cama, que descansasse bastante e ingerisse muito suco de frutas. Alguns dias depois, o Decano foi visitá-lo no hospital com Shirley, mas não os deixaram entrar. Contudo, o Decano não ficou muito chateado por ter sido impedido de visitar o amigo, mesmo porque fazia algum tempo que não conseguia parar de pensar em Shirley, que o chamava de “Wes”, forma carinhosa do sobrenome dele, Wesley.

Em 30 de março, poucos dias antes do segundo Dia D, um jovem socorrista do Exército foi displicente além da conta próximo à cerca da prisão. Ele jogou por cima dela um cantil para um amigo. Ao ver isso, um dos guardas da torre de vigilância disparou três tiros, o primeiro dos quais matou o socorrista. Cautelosos, os prisioneiros se juntaram para ver o que tinha acontecido. Descobriram que a vítima não havia estado tão perto da cerca assim, mas se aproximara demais da torre de vigilância. As autoridades japonesas do campo alegaram que o socorrista estava tentando fugir. Os prisioneiros de guerra, cujas vidas ficavam confinadas nas fronteiras impostas pelas torres de vigilância, quiseram saber por que os guardas acharam que um homem tentaria fugir em plena luz do dia, sem comida nem equipamento. Mas os prisioneiros não podiam extravasar sua indignação para além dos limites impostos pelas armas.

Na noite de sábado, dia 3 de abril, a equipe se reuniu. Com calma e naturalidade, empenharam-se na revisão de detalhes fundamentais, procurando não despertar suspeitas. Como Hawkins e Dobervich tinham voltado para a turma de cultivo, ela e o destacamento de colheita de café eram inteiramente formados agora por futuros fugitivos. Estavam todos a par do local em que deveriam se reunir após a fuga e tornaram a ensaiar o sinal que deveriam dar aos filipinos, Ben e Victor, que ficariam de olho neles da igreja. Mas surgiu uma última e grande preocupação: a hipótese de que a fuga deles poderia induzir os japoneses a maltratarem os prisioneiros do campo. Depois de haverem testemunhado um ano de dor e sofrimentos, a ideia de serem causa indireta de violências contra seus amigos os feria fundo, embora tivessem feito todo o possível para evitar comprometer outros colegas com o plano deles. Tanto que somente membros da equipe participavam dos dois destacamentos de serviço. Nenhuma outra pessoa sabia algo a respeito do plano. O mais importante de tudo, porém, era o objetivo nobre que colimavam, pois pretendiam fugir não apenas em benefício da própria sobrevivência, mas também para denunciar ao mundo a atrocidade que estava sendo cometida pelo Império do Japão.

A promessa que os membros da equipe fizeram uns aos outros nessa noite era mais importante do que qualquer pessoa. “Juraram que concordavam que, se algum deles adocesse... e pusesse em perigo o sucesso da operação como um todo, deveria ser abandonado. Ou seja, tínhamos regras para triunfarmos como grupo e, se alguém tivesse um problema, infelizmente era porque o destino queria que fosse assim.” Por muito boa razão, não fizeram nenhum juramento de “um por todos e todos por um”. Dobervich e outros tinham conseguido sobreviver à Marcha Macabra em Bataan. A lembrança dos três colegas espancados até ficarem irreconhecíveis, bem do lado de fora do portão da prisão de Cabanatuan, atormentava a todos. Os fortes sobreviveriam. Sem que soubessem, o Engenhoso levava uma lâmina de barbear enferrujada consigo. Preferia cortar os próprios pulsos a ser capturado.

Pouco antes das 8 horas do dia seguinte, os dois destacamentos de serviço se aproximaram do portão. Nisso, o Engenhoso fez o sinal para Ben e Victor. Os quatro homens que faziam a roteadura com os zebus, mais os seis que cuidavam da colheita de café, passaram pelo posto de controle para iniciar a jornada de trabalho. McCoy transmitiu à coluna a ordem de volver à esquerda e bateu vigorosa continência para o guarda. Continuaram pelo caminho de sempre, até saírem do alcance da vista dos guardas. Por volta das 8h30, os dois

grupos haviam se encontrado no local combinado, um grande formigueiro perto da selva. “Alvorçados, tiramos as cobertas das latas de gasolina, pegamos o equipamento, enrolamos as mochilas e nos preparamos para partir.” Mas onde estavam Ben e Victor? Passaram-se alguns minutos. Os guardas tinham vigilantes e observadores ambulantes na torre. Numa manhã de domingo, certamente relaxariam a vigilância, mas saber da fuga era apenas uma questão de tempo.

A essa altura, fazia uma hora que haviam iniciado a fuga. “Se eles nos delatarem, talvez consigam ganhar 10 mil pesos cada um e se tornar heróis nas Filipinas sob o domínio japonês.” Alguém tinha que dizer isso, embora a ideia da delação não fosse a causa mais plausível do atraso. A discussão sobre a questão foi substituída pela vontade de alguns de partirem imediatamente, sem Ben e Victor. “Não!”, objetou o Engenhoso. “Não sabemos onde estamos nem que direção devemos seguir. Temos que ter alguém para nos orientar.” Quando o medo atingiu um ponto crítico, passaram a achar que deviam tomar uma decisão logo. A equipe começou a pensar numa estratégia para patrulhar a área ao redor, de forma que não fossem pegos de surpresa. Mais de meia hora depois, o Engenhoso reconheceu: “Ficar tão apreensivo, desarmado a 300 metros do quartel dos japoneses era muito pior do que enfrentar o pesado fogo de barragem da artilharia.”

De repente, Ben e Victor apareceram, apressados. Explicaram que os guardas os tinham obrigado a ficar em posição de sentido enquanto revistavam seus dormitórios. Explicada a razão do atraso, com as mochilas postas nas costas, a sensação de liberdade foi imensa. “Praticamente voamos através daquela selva durante a primeira hora de fuga”, observou Shofner, mas esse avanço rápido não durou muito, pois os guias passaram direto pela trilha que conduzia a Longa-og e tiveram que voltar. Nesse ínterim, começou a chover muito, tornando mais difícil para eles acharem a trilha, mas também de serem localizados pelo inimigo. Após mais de uma hora de atraso, resolveram “avançar com a ajuda da bússola, em direção ao nordeste. Essa rota “os levaria para a trilha que conduzia a Longa-og ou para a ferrovia dos japoneses que ia até quase Longa-og”. Ben e Victor foram na frente, abrindo caminho com os facões, enquanto a equipe carregava a equipagem dos filipinos.

Avançando a custo, chafurdando pela selva, pântanos, vários riachos e uns poucos rios profundos, os fugitivos continuaram marchando até as 18 horas. Porém, não fazia sentido se deixarem vencer pela exaustão. Precisaram construir espécies de jiraus para dormir, onde se manteriam acima do chão e do alcance das mortíferas sanguessugas que infestavam a água marulhante em volta de seus pés. Cortando pedaços de colmo, caules finos, grandes folhas e trançando-as entre si, os filipinos lhes ensinaram a fazer camas de palha rústicas. Concluído o trabalho, comeram um pouco e tentaram dormir, mas a chuva intensa não deixou. E depois foi a vez do zumbido chato de uma multidão de mosquitos. Toscamente improvisados, alguns de seus beliches suspensos quebraram, fazendo seus ocupantes caírem nas águas escuras que havia embaixo.

Fizeram o desjejum ingerindo, cada um, uma porção de 170 gramas de carne enlatada, antes de prenderem as mochilas nos ombros e partirem. Cerca de 1.500 metros adiante, foram parar no meio de um pântano com um poder de sucção incrível, onde tiveram que avançar chafurdando com lama até a cintura. Nas matas cerradas pelas quais avançavam não havia nenhum lugar seco em que pudessem se sentar para descansar. Após

algumas horas de marcha através da selva, McCoy e seu amigo Mellnik ficaram esgotados, tamanho era o esforço deles. Diante da dificuldade dos colegas, Shofner resolveu pôr nos ombros, junto com as suas, as mochilas de ambos, pois o Engenhoso era, reconheceu McCoy, “um colosso de força e resistência”.²⁵⁹ Por volta das 15 horas, McCoy e Mellnik disseram que não conseguiriam dar mais um passo sequer adiante. De repente, os filipinos avistaram uma grande árvore tombada, sobre a qual montaram acampamento. Voltaram a improvisar camas e ousaram acender uma fogueira na selva para preparar arroz e chá. Shofner notou que a comida e a bebida quente revigoraram a equipe. Iniciaram um debate para saber se convinha voltar e tentarem achar a trilha que conduzia a Longa-og, ou se deviam continuar na direção nordeste. Mellnik queria voltar, não para achar a trilha, mas para entregar-se aos guardas, pois começara a ver nisso “a única chance de sobreviverem”.²⁶⁰ Todavia, com termos bastante convincentes, o Engenhoso conseguiu trazê-lo de volta à razão. Mesmo com o problema da objeção do colega resolvido, o grupo precisava decidir ainda que direção tomar. O problema foi solucionado pelo inimigo. Por volta das 17h30, Shofner e os outros ouviram “tiros de fuzis, metralhadoras e morteiros. Viram também grandes fogueiras, que concluíram tratar-se de choupanas de nipa em chamas. Sabiam que esse incêndio fora causado pelos destacamentos de busca japoneses e presumiram que estavam na trilha pela qual tinham passado direto. Usaram a bússola para saber o local do incêndio, determinados a seguir naquela direção de manhã. Pelos sons que ouviram, calcularam que os japas deviam estar a uns 3 quilômetros de distância”.

Os enxames de mosquitos aumentavam absurdamente à noite, mas os mosquiteiros os protegiam e os cansados fugitivos conseguiam descansar um pouco. Bem depois do anoitecer, um “barulho estranho” os acordou, “o rufar de tambores de comunicação, percutidos pelos povos indígenas”. Bum-dum-dum-bum! Bum-dum-dum-bum! Alguém lhes falara sobre o “tribograma”, o telegrama da selva dos nativos, mas isso parecia sinistro para eles, pois estavam atolados num pântano e ouviam também, de vez em quando, algo se movendo pela escuridão selvática.

— O que eles estão fazendo? — perguntou um dos fugitivos aos guias.

— Estão dizendo: “Bum-dum-dum-bum!” Ou seja: “Cabeças à vista! Cabeças à vista!” — explicou Shofner, em tom de gracejo, provocando risadas, que amenizaram um pouco a tensão. No decorrer da noite, mais algumas daquelas camas rústicas quebraram. — Não éramos muito bons lenhadores — observou Shofner.

De manhã, diante da perspectiva de sair do pântano, o grupo partiu bem mais disposto. As águas baixaram um pouco por volta do meio-dia e eles alcançaram terra firme mais ou menos às 14 horas. Uma hora depois, acharam a estrada de ferro que levava a Longa-og. Dali por diante, o treinamento de infantaria dos fuzileiros navais se impôs como fator de controle da operação de fuga. Organizaram um destacamento de reconhecimento, que despacharam pela trilha que conduzia ao povoado, e montaram um PO no local em que haviam achado a trilha. Feito isso, o restante do grupo recuou uns 500 metros e ficou esperando. Os patrulheiros retornaram ao anoitecer, depois de marcharem três quilômetros. Acharam algumas cabanas abandonadas e evidências de que uma grande unidade de soldados inimigos visitara o lugar bem pouco tempo

atrás. Estariam os japoneses, portanto, num dos trechos da trilha à frente, perguntaram-se os fugitivos, ou tinham voltado para Davao? Enquanto discutia isso, a equipe tratou também de inventariar as provisões que restavam. Embora cada um só houvesse consumido sua porção diária — uma lata de sardinha ou de carne em conserva de 340 gramas —, não haviam pensado, ao planejar a fuga, na possibilidade de se perderem e, portanto, em providenciarem comida suficiente para o caso de isso acontecer. E ela estava começando a acabar.

De certa forma, a própria vida tomou para eles a decisão do que fazer em seguida, pois não podiam ficar ali, já que lhes restava pouca comida. Não podiam voltar pela selva em nenhuma direção. E pegar a estrada à direita os levaria para Davao. Homens cansados e assustados demoram a chegar a um acordo. Sugeriram partir em formação tática, como fuzileiros que eram: os dois grupos de cinco homens avançariam por passagens de linha ou escalão.⁸ Um deles se manteria ao abrigo de um arbusto ou moita, enquanto o outro avançaria marchando pela trilha. Com um plano traçado para execução pela manhã, começaram a preparar um lugar alto para dormir, longe dos mudos predadores que infestavam o chão da floresta.

Na manhã seguinte, preferiram esquecer o desjejum e partiram em formação de patrulha, com um grupo avançando pelo outro por passagem de linha, ao longo da estrada de ferro. Quatro quilômetros adiante, chegaram ao local em que tinha ocorrido um tiroteio. Havia cartuchos de balas, sangue coagulado, guimbas de cigarro e restos de bolachas de campanha espalhados pelos trilhos. Cerca de 500 metros à frente, chegaram a uma aldeia, por onde galinhas, cães e outros animais domésticos circulavam à vontade, mas que havia sido abandonada por seus habitantes. Algumas choupanas, com os telhados de palmas de nipa e paredes de bambu, tinham sido incendiadas um ou dois dias antes. Depois de postarem sentinelas, o grupo entrou numa das cabanas para fazer comida em sua caixa de areia. Pouco depois, uma das sentinelas voltou, informando que tinha ouvido um clique metálico. Diante disso, resolvera circular pelas proximidades de sua área de vigilância, onde avistara dois filipinos armados no meio dos arbustos que havia perto da estrada de ferro. Os filipinos, prosseguiu a sentinela em seu relato, fugiram na direção de Longa-og ao serem vistos.

É possível que esses homens fossem guerrilheiros, mas também guias a serviço do inimigo. O grupo chegou à conclusão de que deveria se retirar rapidamente na direção de Longa-og, onde procurariam entrar em contato com as forças guerrilheiras. E a estrada de ferro era o único caminho para isso. Após recolherem a comida, que não conseguiram cozinhar a tempo, partiram. Marcharam por dez quilômetros e chegaram ao povoado por volta das 15 horas, onde os aldeões os levaram a um lugar especial e se afastaram em seguida. De repente, ao ouvirem alguém gritar numa língua estranha, se atiraram no chão. Mais gritos fizeram com que alguns membros da equipe respondessem no mesmo tom, até que uma voz trombeteou, de forma clara: “Vocês estão cercados! Rendam-se!”

Os fugitivos não tinham armas, a não ser uns poucos facões. Resolveram, pois, levá-los à guisa de sinal de rendição. Nisso, soou alto um apito e cinquenta homens armados saíram dos arbustos em que se escondiam. Os guerrilheiros filipinos os revistaram, à procura de armas. “Dissemos a eles que éramos americanos.” Mesmo assim, a hostilidade continuou. Quando, porém, Ben e Victor começaram a falar em sua língua nativa, a situação mudou rapidamente, levando os guerrilheiros a começarem a acreditar que o Engenhoso e os demais

não eram espíões. Assim que, todavia, contaram a eles a forma pela qual o grupo conseguira chegar à aldeia, o líder dos guerrilheiros ficou surpreso com o fato de haverem sobrevivido aos perigos do pântano, que nenhum dos habitantes locais jamais ousava atravessar, pois estava infestado de crocodilos.

A certa altura do encontro, os americanos falaram ao líder sobre o fato de terem avistado dois filipinos armados perto da estrada de ferro. O guerrilheiro explicou que esses homens trabalhavam para ele e que haviam atirado em homens que acreditavam que fossem membros do EIJ. “Contudo”, explicou ainda o guerrilheiro, “a munição usada estava defeituosa e o fuzil falhou”. Disse isso sem se desculpar pelo incidente. Mas, por fim, o líder da guerrilha aceitou a identificação pessoal, apresentada verbalmente por eles, e se identificou como Casiano de Juan, capitão do povoado e líder dos guerrilheiros locais. Em seu breve contato com o guerrilheiro, os fugitivos apelidaram Casiano de “Grande Garoto”. Pouco tempo depois, os fugitivos voltaram para o povoado de Longa-og na companhia dos guerrilheiros e na condição de compatriotas.

Os aldeões os receberam como amigos. A generosidade dos filipinos deixou os fugitivos perplexos. Grandes quantidades de frutas, carne, ovos e outras coisas mais foram oferecidas prodigamente aos visitantes, que as aceitaram com gratidão. Após o repasto, o Grande Garoto os levou para a casa de reuniões do povoado, donde outros aldeões enxotaram os galos-de-briga que havia lá. À noite, os filipinos prepararam um banquete para os americanos. Na ocasião, os fugitivos tiveram a oportunidade de conhecer melhor o Grande Garoto, que era sargento dos guerrilheiros de Mindanao e fugira das prisões do inimigo várias vezes, tanto que o imperador pusera a cabeça dele a prêmio. Os americanos conheciam sua tenacidade; agora, o viam personificar a índole do filipino típico: calmo, afetuoso, cordial. No banquete, os aldeões serviram a iguaria local: balute.⁹ No preparo desse prato, os aldeões deixavam uma galinha “chocando” o ovo por vinte dias e depois o cozinhavam. Embora parcialmente formado, o embrião, com penas, bico e tudo, podia ser facilmente reconhecido na melequeira. Os nativos mordiam-lhe o bico, que “estalava como pipoca”, e comiam a gosmeira com volúpia. Como os americanos sabiam que não seria de bom-tom menosprezar a honraria que lhes estavam prestando, o Engenhoso, por exemplo, mordiscou um, sorriu e exclamou: “Bom!...”

Os bifés de búfalo desceram com mais facilidade. Parecido com o búfalo-da-índia, o búfalo-das-filipinas tem uma carne muito saborosa. Nos dias seguintes, os fugitivos passaram a comer a intervalos de poucas horas, descansavam e se lavavam. Em seu diário, o Engenhoso fez uma descrição dos pratos servidos em cada uma das fabulosas refeições que fizeram na aldeia. Aliás, todos os aldeões adoravam os americanos e odiavam os japoneses. E não era para menos, pois que o Engenhoso, por exemplo, conheceu um menino que tivera os dois primeiros dedos da mão direita decepados pelos japoneses para impedir que usasse o fuzil. Na cabana do Grande Garoto, eles adoravam tomar tuba,¹⁰ a primeira bebida alcoólica que saborearam depois de muito tempo. O chefe dos guerrilheiros disse a eles que os apresentaria aos seus superiores assim que tivesse tomado as providências preliminares para isso. Falou-lhes também de uma rádio de Mindanao que mantinha contato com a Austrália. Isso os interessou bastante, tanto que o grupo começou a discutir a possibilidade de mudarem os planos, em vista da notícia surpreendente. No fim das contas, com isso eles poderiam acabar voltando

mesmo para casa. No entanto, por mais que essa notícia o tivesse entusiasmado inicialmente, o Engenhoso preferiu primeiro relaxar por alguns dias. Deitado na choupana, ouvindo a chuva tamborilar no telhado, dava-lhe uma grande sensação de paz. E ele dormia profundamente.

Abastecidos pelo povo de Longa-og, os americanos iniciaram a viagem para a casa do dr. David Kapangagan, que fora evacuado da cidade de Davao e que podia pô-los em contato com integrantes do movimento guerrilheiro. Em cada parada ao longo da viagem, os aldeões os recebiam de braços abertos, os homenageavam com músicas, banquetes e até os deixavam dormir em suas camas. Essa vida tranquila, relaxante e divertida continuou na casa do dr. Kapangagan, onde ficaram hospedados por alguns dias, aguardando providências. Certa noite, entre dez e doze moças muito bonitas foram convidá-los para uma festa. Os americanos seguiram para a festa na procissão do fogaréu e assistiram à apresentação dos aldeões, onde chegaram a devolver-lhes a hospitalidade cantando uma canção. Acabaram pedindo ao Engenhoso que “executasse a dança do Tennessee”.



Martin K.A. Morgan

Em 17 de abril, o capitão Claro Laureta, do Departamento de Polícia das Filipinas, chegou. Confirmou a existência de uma grande força guerrilheira no litoral norte de Mindanao — da qual sua circunscrição fazia parte —, mas recusou-se a ratificar a informação sobre a comunicação via rádio com a Austrália. Os membros da equipe ouviram atentamente, tentando obter mais informações sobre os guerrilheiros, seu paradeiro, seus líderes, objetivos e rotina. Souberam que a trilha que levava ao litoral norte os conduziria através de uma área

remota controlada pelas tribos Atas e Honobos. “Após uma reunião, os membros do grupo decidiram mudar os planos e ir para o quartel-general dos guerrilheiros no norte de Mindanao.” O capitão Laureta providenciou comida para a longa viagem deles, inclusive para os guias. Em 21 de abril, partiram pela longa trilha rumo ao norte.

Nem com o passar do tempo os pilotos do 6º. Esquadrão de Bombardeiros conseguiram gostar do SBC2. O fabricante sugerira o apelido de “Helldiver”. Os pilotos, contudo, preferiram chamá-lo de “Fera Indomável”, pois, por causa de sua indômita instabilidade no ar, exigia muita atenção do piloto em voo horizontal e bastante concentração na aterrissagem. Como parte de seus relatórios, Ray Davis (agora capitão de corveta) precisava obter do tenente Micheel uma declaração formal acerca de sua preferência de setor de serviço. Mike respondeu que preferia atuar agora como piloto de caça num navio-aeródromo no Pacífico. Queria sair de El Centro, uma base de treinamento isolada de tudo, e passar a pilotar o novo caça da Marinha, o Hellcat, que fora muito elogiado por especialistas e pilotos. Todavia, nem Davis nem, aparentemente, a Marinha americana demonstraram interesse em deixar que um talentoso piloto de bombardeiro de mergulho fosse embora. Em meados de abril, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros interrompeu o programa de treinamento e partiu para o leste.

A unidade parou em Columbus, Ohio, onde deixou seus aviões aos cuidados dos técnicos da Curtiss-Wright, para uma inspeção. Com problema no motor, Mike só chegou três dias depois. No entanto, assim que os engenheiros da fábrica liberaram seu avião, de número 00080, ele partiu ao encontro do esquadrão. Mas, como ficou sem gasolina, atrasou-se mais dois dias. Acabou aterrissando, em 22 de abril, muito atrasado em relação ao restante do esquadrão, na BAeN de Norfolk, que era parte de um enorme complexo da Marinha na região. Fazia um ano que os novos pilotos do 6º. Esquadrão de Bombardeiros tinham começado a desfrutar de uma excelente vantagem, exceto Mike: praticar aterrissagem em porta-aviões — nesse caso, no que estava ancorado na baía de Chesapeake — antes de poderem aterrissar em seu novo porta-aviões.

Depois que os novos pilotos obtiveram o brevê, praticando num pequeno porta-aviões de escolta usado para treinamento avançado na baía de Chesapeake, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros aterrissou com seus SB2Cs no novo porta-aviões, o USS *Yorktown*, em 5 de maio.²⁶¹ O *Yorktown* tinha sido posto em operação duas semanas atrás. Seu nome lembrava o navio-aeródromo perdido em Midway, bem como navios dos primeiros tempos do serviço naval do Estados Unidos. Os pilotos encontraram seus passadiços cheios de trabalhadores e técnicos de toda espécie, terminando a instalação de decorações e mobiliário, de sistemas hidráulicos, elétricos etc., bem como de aparelhos e equipamentos.

Logicamente, o novo *Yorktown* era maior. Embora não tão grande quanto o *Saratoga*, o convés de voo do *Yorktown* tinha cerca de cinco metros a mais do que o convoo da outra nave. O convés de voo, que era maior, agradou a Mike, que, apreensivo, sempre “se retraía” mais do que os outros pilotos na hora da decolagem. O 6º. Esquadrão de Bombardeiros se juntara ao Grupo Aéreo Cinco, bem como 36 Hellcats, que formavam um

esquadrão de patrulha que usava também o SB2C, elevando para 36 o total embarcado desse tipo de aviões, e dezoito Avengers, o avião torpedeiro da Marinha. Jimmy Flatley, um dos mais respeitados pilotos de caça da guerra, comandava o grupo aéreo do porta-aviões. Os esquadrões dele começaram a praticar aterrissagem no novo porta-aviões enquanto este ia de um lado a outro da baía de Chesapeake, preparando-se para sua primeira participação na guerra.

Quando Sid recebeu alta do hospital e voltou para a base, soube que seu batalhão havia partido para praticar exercícios de campanha. O 2/1 voltou alguns dias depois e, quando os membros da GP-M4 o viram, se disseram decepcionados com o fato de ele não haver morrido. Sid sorriu com a brincadeira. Depois, o Decano e o Sub lhe contaram histórias de longas marchas, exercícios de formações abertas e práticas de tiros de artilharia para que Sid ficasse contente por não haver participado. Acrescentaram que marchas de condicionamento físico, porém, haviam se tornado um componente comum do serviço matinal, com o tenente Benson, líder de seu pelotão de morteiros, fazendo-os dar várias voltas em torno do Fitzroy Gardens, um belo parque perto do estádio de críquete.

Geralmente, o pelotão de morteiros tinha a tarde livre, além de longas horas de folga nos fins de semana. O Decano e Sid costumavam tomar chá com a família Osborne. Certa tarde, porém, Sid preferiu encontrar-se com Tex, um dos novos integrantes do esquadrão. Tomaram o bonde para o Young & Jackson, um grande bar em frente à estação de trem central, no centro da cidade. Uma das principais atrações do bar era o quadro de uma jovem nua chamada Chloe, cuja nudez Sid, fascinado, ficou admirando enquanto tomava cerveja. Quanto a Tex, bebeu três doses de uísque escocês misturado com água gasosa. Pouco depois, os dois foram para outro bar, na mesma rua, onde, enquanto Sid bebericava uma cerveja, Tex já entornava a terceira dose de bebida. Depois que saíram de lá, toparam, enquanto caminhavam, com seis marinheiros americanos, que atravessavam a rua na direção deles. De repente, “Tex abriu os braços e advertiu que parassem, sem dar mais um passo sequer, e voltassem para o outro lado da rua, pois que aquele lado nos pertencia”. Tex chegou a ameaçá-los, dizendo que limparia o convés com a cara deles se não fizessem isso. Mesmo horrorizado, Sid tentou parecer ameaçador. Para sorte deles, os marinheiros acharam melhor “deixar” essa briga pra lá.

— Você está querendo nos matar?! — perguntou Sid, passado o perigo.

— Sei quais marinheiros querem briga e quais não querem — explicou-lhe Tex.

A cabeça dele parecia nas nuvens, tamanha a sensação de vitória, quando retomou a caminhada. Depois disso, Sid não pensou duas vezes e “deixou Tex ir na frente, sem ele. Para que enfrentar escaramuças sem necessidade, numa guerra tão longa?”.

“Nós fomos”, conjecturou o Engenhoso, “as primeiras pessoas de pele branca a usar essa trilha.” A travessia das montanhas por uma trilha que nem sempre ele conseguia ver direito foi iniciada após alguns dias remando numa piroga. Enquanto os americanos avançavam com dificuldade, se aproximando rapidamente do limite das próprias forças, os filipinos subiam com facilidade as escarpas, mesmo carregando todas as provisões e

equipamento. Seus encontros fortuitos com povos de jubas espessas, grandes e crespas, armados com lanças, escudos, arco e flechas e zarabatanas com dardos envenenadas, acabaram bem. Do outro lado das montanhas, despediram-se da maior parte dos guias, entraram em barcos e começaram a descer o rio Agusan em direção ao litoral norte.

Nas cidades do litoral norte de Mindanao, como Butuan e Buenavista, havia muitos guerrilheiros, mas também guarnições do EIJ. A vida despreocupada do campo foi substituída por um estado de espírito em que a vigilância era uma necessidade constante. Em 5 de maio, o grupo chegou a Medina, onde passou a ser guiado pelo tenente-coronel Ernest McClish, que fora oficial do Exército americano antes da guerra e agora era comandante da 110^a. Divisão de Infantaria, subordinada à Décima Região Militar da Força Guerrilheira de Mindanao. O coronel McClish os levou à casa do governador Panaez, o “Rei do Coco das Filipinas”, para jantar. Sentaram-se a uma mesa forrada e com baixela de prata, guardanapos e uma refeição tão boa quanto o que há de melhor nos Estados Unidos, ao som de uma orquestra com onze instrumentos. Após o jantar, McClish ofereceu um charuto ao Engenhoso, que aceitou.

No dia seguinte, McClish levou todos para um longo passeio a cavalo na cidade de Gingoog. Mas, como o rádio local estava enguiçado, seguiram para um posto avançado da guerrilha em Anakan. De lá, enviaram duas mensagens. Uma para o gabinete do comandante em chefe das forças americanas na Austrália, general Douglas MacArthur, e outra para o QG australiano do CFNA. Ter conseguido manter contato com seus quartéis-generais foi um feito glorioso. Contudo, não receberam nenhuma resposta imediata. À noite, após saborearem uma excelente refeição numa casa com luz elétrica, o Engenhoso reservou um momento para lembrar o passado. Nesse dia, 6 de maio, a rendição em Corregidor completava um ano. Ele e os outros agradeceram a hospitalidade e partiram. No dia seguinte, a comunidade chinesa local doou roupas aos americanos, e bem a tempo, já que algumas festas e festividades os esperavam. O Engenhoso foi com a equipe a uma delas na comunidade chinesa, antes de comparecerem a um baile de coroação de uma rainha. Os colegas riram do Engenhoso quando viram que ele iria de macacão, conquanto limpo, a um baile de gala em que as mulheres usariam vestidos longos, e os homens, ternos brancos de gala.

Em 10 de maio, o capitão de corveta McCoy e o major Mellnik se separaram da equipe e foram para o quartel-general da Décima Região Militar em Misamis, comandada pelo coronel Wendell W. Fertig. Os guerrilheiros da ilha estavam sob o comando do coronel Fertig, inclusive os da divisão de McClish. A ida de McCoy e Mellnik a esse QG foi movida pela esperança de conseguirem enviar uma mensagem à Austrália e obterem informações sobre meios de transporte que partissem de Mindanao. Depois que partiram, Ed Dyess foi atrás deles. O coronel McClish convenceu o restante dos fugitivos a ajudá-lo a administrar seu aparato militar. Promoveu todos os membros da equipe e lhes deu uma tarefa. O Engenhoso se tornou o major da 110^a. Divisão de Infantaria do Exército dos Estados Unidos. Logo depois, Shofner iniciou o trabalho de organização do movimento guerrilheiro de Mindanao para combater os invasores.

John Manila estava se divertindo bastante na Austrália. Porém, embora não falasse muito a respeito do assunto,

geralmente tinha que separar parte do soldo para pagar dívidas contraídas no mês anterior.²⁶² Seu amigo J. P. havia causado um rebuliço em março, quando deixou que seu período de alistamento expirasse.²⁶³ Morgan dissipara o dinheiro do pagamento inteiro, cada centavo de seus 452 dólares, que alguns membros do 1/7 devem ter presumido ter sido gasto por ele numa grande bebedeira. J. P. era conhecido como sujeito que costumava se meter em enrascadas, mas que enviava a Katy, sua esposa, as gordas quantias que ganhava no pôquer. Os amigos íntimos de J. P. sabiam, porém, que os pais de Morgan estavam em uma situação muito difícil, pois um acidente na mina em que seu pai trabalhava o deixara completamente inválido, obrigando sua mãe a cuidar do marido durante 24 horas por dia. É possível, pois, que J. P. tivesse decidido dar baixa no serviço para ajudar a família. No entanto, o dinheiro certo que recebia como sargento acabou prevalecendo e ele se realistou no dia seguinte.

A ligação que o Manila tinha com o corpo de fuzileiros mudou logo depois, quando, em 7 de maio, ele recebeu um documento provisório recomendando sua condecoração com a Medalha de Honra do Congresso, assinado pelo almirante Chester Nimitz, comandante em chefe da Frota Americana do Pacífico. Ele não sabia muito a respeito do assunto — talvez seu comandante lhe tivesse dito que se tratava da maior condecoração concedida pelos EUA por demonstração de coragem —, nem entendia como seria possível que isso poderia mudar sua vida. Duas semanas depois, na praça de armas do acampamento do 7º. RIFN, o regimento realizou uma cerimônia de condecoração com a presença do general Vandegrift, o antigo comandante da 1ª. DIFN, bem como a do novo comandante, o general Rupertus. O mês de maio trouxe consigo o início do inverno no hemisfério sul, onde esfriou bastante. Ainda sem o uniforme de gala do CFNA, os soldados compareceram à cerimônia trajando as toscas jaquetas de lã Eisenhower, com a insígnia da 1ª. DIFN costurada no ombro.

Os anos de serviço do sargento John Basilone lhe haviam familiarizado com as formas e convenções observadas em desfiles, revistas de tropa e inspeções. Dessa vez, contudo, ele não estava com seu pelotão, mas com um pequeno grupo que receberia importantes condecorações e cuja maioria o Manila conhecia. Mitchell Paige, que combatera em Guadalcanal como sargento encarregado de um esquadrão de operadores de metralhadoras, tinha mais tempo de serviço no corpo de fuzileiros do que Basilone e os dois se conheciam bem. Paige estava prestes também a receber a Medalha de Honra por sua valorosa participação nos combates no rio Matanikau. De repente, viram o coronel Puller chegar. Todos se puseram em posição de sentido e bateram continência. Nisso, o Peitudo olhou para Mitch e comentou:

— Sargento Paige, você é veterano aqui e, com certeza, sargento também. — Paige fora promovido a segundo-tenente já em Guadalcanal, antes de partir, e ainda conservava as divisas de oficial no colarinho. Com um sorriso, o Peitudo acrescentou: — Para mim, você será sempre sargento, pois sabe que a espinha dorsal do corpo de fuzileiros é o graduado. — Depois de se virar para Basilone, ele respondeu:

— Sargento Basilone, você marchará ao lado de Paige. — Em seguida, alinhou os demais na formação.²⁶⁴ Quando os membros do 7º. RIFN se puseram em forma, o tenente-coronel Puller atravessou a praça de armas seguido por Basilone e Mitchell Paige, acompanhado por outros mais e pelo porta-estandarte do

CFNA, que carregava a bandeira americana. O Peitudo, desfilando pela praça com o tórax estufado e esquisito, recebera, além da Estrela Dourada, sua terceira Cruz da Marinha. Estava orgulhoso com o fato de que muitos de seus homens do 1/7 estavam recebendo o devido reconhecimento. Billie Joe Crumpton foi condecorado com a Cruz da Marinha. Cecil Evans ostentava agora uma Estrela de Prata no peito.²⁶⁵ J. P. Morgan e outros também receberam a Estrela de Prata, embora não necessariamente por causa da participação na mesma batalha em que Basilone combatera.

Na cerimônia, o tenente Mitchell Paige foi o primeiro a receber a Medalha de Honra.²⁶⁶ Vandegrift leu a menção honrosa do sargento de pelotão John Basilone, que falava em “heroísmo extraordinário... muito além do próprio dever”, e depois pendurou-lhe a medalha no pescoço. Vandegrift disse a Basilone que era uma “grande satisfação entregar a medalha” a ele em nome do presidente dos Estados Unidos da América.²⁶⁷

Jornalistas e fotógrafos oficiais do CFNA circulavam à vontade pelo local, registrando o solene acontecimento.²⁶⁸ Como não poderia deixar de ser, enfileiraram os quatro ganhadores da Medalha de Honra por sua participação em Guadalcanal — Paige e Basilone em pé ao lado do general Archer Vandegrift e do coronel Mike Edson — para tirar uma fotografia, que intitularam “Soldados da Medalha de Honra”.¹¹ Como Edson não tinha a medalha consigo, pegou uma fita emprestada de Paige. Os fotógrafos tiraram fotos dos soldados apertando as mãos. Produziram uma foto em que pediram a um dos presentes que pendurasse a medalha no pescoço do Manila, dessa vez fazendo uma tomada do chão, com o fotógrafo olhando para cima pela lente da câmera e por entre os braços estendidos da pessoa pondo nele a medalha. Tiraram também uma foto enquadrando Basilone do tórax para cima, com o semblante sério e a fita azul e branca pendurada no pescoço.

Mas, ao voltar para a companhia dos membros de seu pelotão, o Manila procurou relaxar. Enquanto isso, os fotógrafos continuavam a tirar fotos e os jornalistas faziam perguntas, tentando confirmar informações. Leram as menções honrosas deles também e pegaram os endereços do local de nascimento de todos. O jornalista que escreveu uma matéria sobre a Medalha de Prata do praça Cecil Evans obteve boas citações de Basilone, que ficou feliz demais em poder atestar a coragem do amigo sob o fogo das forças hostis. “Que rapaz de ouro é o Evans! E só tem 19 anos. Como tem os cabelos encaracolados e só vive descalço, nós o chamamos de *Peck's Bad Boy*.”²⁶⁹¹²

Numa entrevista com outro jornalista, John classificou a Companhia Dog como “a melhor companhia do mundo”.²⁷⁰ O jornalista logo viu que os “fatos confirmavam suas palavras”, pois a própria unidade “reivindicava o status de a companhia mais condecorada” de todas. Além de John Manila, a Companhia Dog teve membros homenageados com três Cruzes da Marinha, quatro Estrelas de Prata e onze Cartas de Recomendação. Todos os soldados receberam Cruzes da Marinha, como Crumpton. O sargento J. P. Morgan obteve uma Carta de Recomendação do almirante William Halsey. O capitão Rodgers, comandante da Companhia Dog, foi honrado com uma Estrela de Prata. O 1/7 recebeu uma menção honrosa do general Vandegrift: sua divisão

fora condecorada com a Menção Honrosa do Presidente.

Por solicitação de um jornalista, todos os membros do pelotão de John se reuniram em volta de uma Browning .30, metralhadora resfriada a água, com John exibindo a medalha, Billie Joe Crumpton mostrando sua Cruz da Marinha e Cecil Evans ostentando orgulhoso sua Estrela Dourada.²⁷¹ Mas agora John mostrava a medalha, uma estrela grande presa a uma fita azul-clara com estrelas brancas menores, guardada num estojo quadrangular. Gravada na medalha, havia uma estranha figura: uma mulher com um escudo repelindo um homem com algumas cobras nas mãos. Enfileirados, todos os outros soldados olharam algo apalermados para a câmera, que disparou em seguida.

Antes de a cerimônia terminar, em 17 de maio, o coronel Chesty Puller, o Peitudo, bateu continência para Basilone. Apesar de toda a euforia do dia, olhar o antigo guerreiro nos olhos e estalar os dedos perto da ponta da sobancelha dele foi o máximo para o Manila.²⁷²

A viagem inaugural do navio-aeródromo de Micheel, o *Yorktown*, teve um início cômico. Os rebocadores tiraram o grande navio do porto na manhã de 21 de maio com toda a tripulação reunida no convés de voo. Quando o corneteiro começou com os toques cerimoniais do evento, um oficial arrebatou o microfone das mãos de outro sujeito e gritou: “Seu idiota, filho da mãe e inútil! Como é que conseguiu fazer algo tão ruim assim?!”²⁷³ E continuou a repreender o corneteiro, fazendo com que rissem todos os que estavam no convés de voo. O indignado oficial berrador era o capitão J. J. Clark, o comandante do *Yorktown*. O espetáculo fora uma prova do boato que circulava pela tropa a respeito do “Chimpanzé” Clark, segundo o qual ele exigia perfeição de todos e repreendia qualquer marinheiro que fracassasse em se mostrar à altura de seus padrões.

Horas depois, o *Yorktown* seguia para o sul, rumo a Trinidad, escoltado por dois contratorpedeiros e um submarino, pois os submergíveis alemães não haviam sido eliminados das águas da costa oriental. Alguns dias depois, a tripulação começou a ter problemas, que iniciaram quando o capitão Clark desceu até o convés de voo, furo de raiva. Ao contrário da maioria dos oficiais veteranos da Marinha, o Chimpa Clark tinha nas costas um tempo de serviço e experiência consideráveis em convés de voo, obtidos no início da carreira. Portanto, achava que os componentes de seu convés de voo não haviam sido “dispostos” corretamente, ou seja, que seus aviões não tinham sido arrumados com eficiência, e começou a passar aos berros instruções aos empurradores de aviões sobre a forma pela qual queria que suas aeronaves fossem posicionadas no convés.²⁷⁴ Nos dias seguintes, os oficiais de manobra do convés tiveram muito trabalho para satisfazerem as exigências do capitão. O *Yorktown* tinha dois pequenos tratores para movimentar aviões no convés — uma ideia nova — e foram usados para comparar a arrumação das aeronaves no convés determinada pelo oficial com a do padrão deles.

Uma vez que todos os aviões ficavam estacionados na popa e decolavam em direção à proa, o local de posicionamento deles determinava a ordem pela qual os diferentes tipos de aeronaves (caças, bombardeiros ou torpedeiros) decolavam. Todavia, dois outros fatores eram igualmente importantes. Cada metro de convés poupado ao se criar esse local e cada minuto economizado na “rearrumação do convés” tornava o *Yorktown*

uma arma mais eficiente e mais letal em combate. Mas, alguns dias depois, Clark tornou a descer esbravejante de seu ninho de águia na torre de controle, a fim de dizer aos rapazes no convés de voo que fizessem tudo de novo. Seus ombros caídos e a barriga saliente pareciam desmentir a agilidade com que se movia. Quando, finalmente, o capitão conseguiu que dispusessem as coisas do jeito que ele queria, virou-se para o tenente Henry “Novelo” Warren, um dos oficiais de manobra do convés, e advertiu:

— Sr. Warren, é assim que se arruma um convés de voo!

— Joe — perguntou Hank Warren a seu ajudante —, quanto tempo isso levou?

— Uns dois minutos a mais do que o seu método, Novelo — respondeu.

— Quanto espaço economizamos? — perguntou o outro oficial de manobra.

A arrumação do capitão, respondera Joe, ocupara “2,5 metros a mais do convés, na direção da popa, do que o jeito de arrumar do oficial de manobra”. Diante disso, o tenente Hank Warren se pôs cara a cara com o Chimpa Clark e ameaçou:

— Capitão, prometo nunca ir lá em cima tentar controlar seu passadiço se o senhor me deixar em paz e prometer não se intrometer mais na arrumação do convés de voo!²⁷⁵ — Após um momento de tensão, os lábios grossos e largos do capitão se abriram num sorriso e ele respondeu:

— Eu prometo.

O tipo de história interessante do Novelo, fazendo o Chimpa voltar atrás, era justamente a coisa de que a tropa mais gostava e isso circulou pelo navio inteiro, chegando até mesmo aos ouvidos de Mike, que fazia alguns dias que não pilotava e que só entraria na cabine dali a outros mais.

As operações aéreas começaram de fato depois que o navio entrou no golfo de Paria, uma enorme massa de água entre a ilha de Trinidad e o litoral atlântico da Venezuela. As duas entradas do golfo haviam sido bloqueadas com redes antissubmarino, permitindo que os porta-aviões americanos — e o *Yorktown* era um dos vários navios-aeródromos, da classe Essex preparando-se para sua primeira excursão de combates — se concentrassem ao máximo nos testes de todos os seus sistemas e de emprego de pessoal. O voo de Mike em 28 de maio, o primeiro dele após três semanas parado, deveria marcar o início dos preparativos finais do esquadrão para uma excursão de combates. Em vez disso, foi o início da extinção do 6º. Esquadrão de Bombardeiros.

Os SBC2s, nas palavras de Mike, “se revelaram um fiasco. Não conseguíamos sequer decolar do navio com eles. Íamos para a posição de decolagem e abríamos as asas, mas estas nem sempre travavam. Assim, tínhamos que taxiar para fora da pista e... pô-los de lado”. O piloto seguinte conseguia travá-las, mas, às vezes, o avião de trás, e depois mais outro, não conseguiam. Com isso, toda a sequência da operação de lançamento se desfez, o que acabou gerando confusão, já que os empurradores e os elevadores não paravam de trabalhar para tirar os problemáticos aviões do caminho. “A maioria jamais conseguiu travar as asas.” A capacidade de dobrar as asas fora uma das vantagens do Helldiver em relação ao Dauntless, uma vez que permitia economizar espaço no convés de voo. Todavia, a cena de quatro ou cinco homens subindo em cada uma de suas asas para tentar travá-

las com o peso do próprio corpo não inspirou confiança na aeronave.²⁷⁶

Depois de alguns dias de luta contra a tecnologia, o capitão Clark ordenou que retirassem os Helldivers de seu navio. Ray Davis incumbiu Mike da tarefa de fazer o desembarque dos aviões defeituosos para ver o que poderia ser feito. Mike e sua equipe passaram uma semana, num aeródromo de Trinidad, quebrando a cabeça com o mecanismo de travamento das asas, até conseguirem fazê-lo funcionar. Num dos testes criados por eles, estacionavam três aviões perto dos SB2Cs e usavam as hélices daqueles para simularem, contra os aviões problemáticos, situações de pilotagem sob vento contrário e forte. Funcionou. Como se abriam inteiramente e travavam sempre que eles as golpeavam com força, atravessaram o golfo pilotando os aviões, de volta para o navio. Mas, uma vez lá: “Na primeira ocasião que nos pusemos na posição de lançamento, as asas não travaram mais.”

Mike ficou furioso com os SB2Cs, tanto que passou a acreditar que SB2C era a sigla da categoria a que o avião pertencia: Son of a Bitch Second Class.¹³ E não disse nada quando o capitão o repreendeu, deduzindo, com tristeza, que o capitão presumira que ele havia passado a semana num bar, em vez de trabalhar. Clark, porém, não conseguiu concentrar sua raiva em Mike por muito tempo, já que os Helldivers dos esquadrões de bombardeio e patrulhamento apresentaram também defeitos significativos. Em 12 de junho, alguns deles acabaram tendo o gancho da cauda arrancado quando, acidentalmente, ele se prendeu no cabo de frenagem ao decolarem, fazendo-os colidir com a barreira de retenção — anteparo de arame usado como último recurso de frenagem, que danificava os aviões e punha em risco a vida da tripulação do convés. Outros dois apresentaram problemas mecânicos e fizeram um pouso forçado perto do navio. Como era de esperar, o capitão Clark, com seu jeito rude, vomitou toda a sua raiva, ordenando: “Tirem essas porcarias do navio! Não quero ver mais nenhum desses aviões em minha nave!” Em 12 de junho, cancelou as operações de voo sumariamente. O navio seguiu para Trinidad, onde, à noite, todos os SB2Cs problemáticos foram postos no aeródromo com o uso de guindastes. Depois disso, o *Yorktown* partiu a todo vapor para Norfolk.

Em 12 de junho, duas semanas após o recebimento da medalha, Manila acabou reservando um tempo para escrever uma carta aos pais, na qual descreveu o local em que estava “como um lugar em que posso curtir a vida”, para que não ficassem preocupados. “Estou com ótima saúde e muito feliz — mesmo porque, outro dia desses, recebi a Medalha de Honra do Congresso. Diga ao papai que o filho dele ainda está muito forte. E agradeça ao Don pelas preces que fazem em nosso benefício na escola.”²⁷⁷ Antes de terminar a carta, pediu notícias da família e se despediu. Incluiu, no envelope, uma fotografia da cerimônia de condecoração. A fotografia que John escolheu para enviá-los mostrava-o em pé, com a medalha no peito, ao lado de Billie Joe Crumpton, que por sua vez ostentava sua Cruz da Marinha.²⁷⁸

Recebeu uma resposta dos pais no fim de junho. Disseram a ele que, desde 24 de junho, quando lhes chegara a notícia da medalha concedida ao filho, viviam cercados de amigos, simpatizantes dando felicitações, bem como de jornalistas e fotógrafos.²⁷⁹ Sal e Dora, os pais do Manila, incluíram muitas cartas na

correspondência que lhe enviaram como resposta. Haviam sido tantas as cartas solicitando fotografias do filho heroico que Dora mandara fazer um cartão-postal com a imagem dele.²⁸⁰ Muitas dessas cartas vinham de mulheres cujos filhos tinham servido em Guadalcanal, esperançosas com a possibilidade de Basilone ter alguma informação sobre seus filhos fuzileiros. Sal e Dora enviaram ao filho exemplares do *Raritan Valley News*, que noticiavam que sua cidade natal planejava organizar uma grande festa de comemoração para ele e lhe dar 5 mil dólares de gratificação, pois, como dizia uma das manchetes, ele havia “Repelido os Ataques de um Regimento Japonês Inteiro Durante Três Dias”.²⁸¹ Um gigantesco pôster de corpo inteiro do sargento Basilone havia sido afixado na Quinta Avenida, em Manhattan. Tony Field, editor da revista *Sensation*, conversara com os pais de John Manila sobre a possibilidade de comprar direitos vitalícios sobre a história do herói, para fazer um filme, tudo dependendo da aprovação do próprio John e do CFNA.²⁸²

As notícias do que estava acontecendo em casa o deixavam triste, mesmo depois de ele e seu amigo Richard Greer passarem o feriado de 4 de Julho com duas amigas, se divertindo na neve, num centro turístico chamado Alpes Australianos.²⁸³ Quando voltou para o quartel, enviou outra carta aos pais. Disse na carta que, com relação a todas as solicitações incluídas na última correspondência enviada por eles, a única coisa que ele podia fazer era responder com uma mentira inofensiva, dizendo que passaram a “mantê-lo muito ocupado” desde que recebera a medalha. Quanto à explicação do motivo de lhe terem concedido a medalha, disse ele na carta: “Fiz apenas o que qualquer outro fuzileiro teria feito em meu lugar.”²⁸⁴ E acrescentou: “Com certeza, eu adoraria voltar para casa, mas tenho ainda muito trabalho a fazer aqui... Estou enviando a medalha para casa. Cuidem bem dela.” E terminou a carta assim: “Diga ao papai que guarde um pouco de vinho para quando eu voltar.” John Manila não disse aos pais, no entanto, toda a verdade. Poucos dias antes, ele havia sido promovido a sargento de pelotão. Uma vez que seu amigo Mitch Paige havia sido promovido a oficial sem passar pelos postos intermediários, Basilone deve ter tido certeza²⁸⁵ de que ele ficaria eufórico com isso. Uma promoção para o respeitado posto de “sarja de pelotão” era como alcançar um nível de sucesso muito além do que ousara acalentar em suas mais caras esperanças. Não obstante, já então, mais uma força militar tinha começado a operar. Seu desejo de enviar, pois, sua nova medalha para os pais não foi realizado.

Quando o *Yorktown* chegou a Norfolk, o 6º. Esquadrão de Bombardeiros trocou os SB2Cs pelos confiáveis Dauntless. Outras grandes mudanças nos esquadrões do porta-aviões vieram da própria Marinha, que decidira aumentar o número de caças embarcados, uma vez que os Estados Unidos não podiam continuar a perder tantos navios-aeródromos quanto acontecera em 1942; mais caças significavam mais proteção contra os ataques dos aviões inimigos. Com o objetivo de conseguir espaço para mais Hellcats no *Yorktown*, o esquadrão de patrulha foi extinto. Mesmo porque os encarregados da reorganização haviam reconhecido também que a diferença entre esquadrões de bombardeio e patrulhamento só tinham existido em teoria, mas na prática, não. Embora, no fim das contas, o novo esquadrão do *Yorktown* acabasse resultando maior do que fora antes, não chegaria a dobrar de tamanho. Alguns pilotos teriam que ser transferidos para outros esquadrões antes que o

novo navio-aeródromo zarpsse para o Pacífico.

O capitão de corveta Ray Davis, que tinha autoridade sobre o oficial no comando do esquadrão de patrulhamento, poderia ter optado por manter o novo 6º. Esquadrão de Bombardeiros, mas preferiu desembarcar e criar um novo esquadrão. Mike desembarcou também, embora, no caso dele, o outro oficial de voo do esquadrão fosse hierarquicamente superior a ele e tivesse optado por ficar no navio. Bill Pittman e alguns dos velhos veteranos do 6º. Esquadrão de Bombardeiros escolheram acompanhar Ray. Acharam que seu comandante os poria em seu novo esquadrão. Todavia, assim que desembarcou em Norfolk, Ray acabou sendo encaminhado para serviço administrativo. Ray, Mike e Bill riram muito do acontecimento inesperado. O 6º. Esquadrão se dissipara “como fumaça”. Mike foi parar no 14º. Esquadrão de Bombardeiros, cujo centro de operações era na BAeN de Wildwood.

No fim de junho de 1943, o tenente Micheel pegou um trem para o litoral norte, com destino ao povoado de Rio Grande, distante algumas centenas de quilômetros, situado na extremidade sul de Nova Jersey e não muito longe de Wildwood, cidade um pouco maior que o povoado. Ao chegar lá, pegou um ônibus para a base, que passou próximo à fedorenta indústria de beneficiamento de peixes local. Localizada em um longo e pantanoso istmo bordado de praias, a BAeN de Wildwood parecia parte de uma base naval. De suas aeropistas, estendiam-se pistas de rolagem que conduziam a fileiras de aviões parados no pátio de estacionamento. O gigantesco hangar, com seu telhado arredondado, tinha poucos oficiais circulando pelo local. Seguindo uma rotina bem familiar para ele agora, Mike deixou suas mochilas no alojamento dos oficiais solteiros e foi apresentar-se ao comandante do esquadrão, o capitão de corveta Grafton Campbell.

Tanto no papel quanto na prática, o 14º. Esquadrão tinha acabado de ser criado. O comandante Campbell havia chegado algumas semanas antes. Quanto aos pilotos, foram aparecendo aos poucos desde então. Mike soube que seu comandante ainda não tinha participado de combates. A Marinha, porém, encaminhara para o novo esquadrão outro experiente veterano, o tenente Harold Buell. Mike conhecia “Hal” Buell, que era de uma classe um ou dois níveis abaixo da dele na escola de pilotagem. Tinham pilotado juntos no segundo dia da invasão de Guadalcanal, ocasião em que Mike partira em missão com o esquadrão de Hal.²⁸⁶ Além disso, Hal atuara algumas semanas como membro da Força Aérea de Cactus. Após deixar o *Enterprise*, assim que ele foi atingido pelas bombas inimigas em 24 de agosto, o grupo de Buell fora forçado a aterrissar em Guadalcanal. Depois da Batalha das Salomão Orientais, o grupo nunca mais voltou a aterrissar no porta-aviões. Buell partira de navio antes que Mike chegasse a Cactus, em outubro, depois de combater o Expresso de Tóquio durante aqueles dias críticos do fim de agosto até setembro.

Não demorou nem um dia para que a nova organização da Marinha atualizasse a situação do 14º. Esquadrão de Bombardeiros, que ela acabou fundindo com o 15º. Esquadrão de Bombardeiros para criar o 2º. Esquadrão de Bombardeiros. Uma vez que nenhum dos dois tivera tempo para desenvolver e firmar a própria identidade, a reorganização dessas unidades transcorreu sem problemas. Campbell promoveu seus oficiais de operação a subcomandantes, pôs Hal Buell no posto de oficial de operações e tornou Mike seu oficial de engenharia. Certamente, o trabalho que ele teve com os problemas do SB2C contribuiu para isso. Tanto Mike

quanto Hal Buell foram postos no comando de uma divisão e receberam a última versão do Dauntless para pilotar.

Bem-relacionado e ambicioso, Hal Buell começou a escolher membros para sua divisão cuidadosamente.²⁸⁷ Só escolheu, portanto, os que satisfaziam seus padrões de habilidade e combatividade. Embora tivesse bombardeado os elementos do Expresso de Tóquio, Hal desejava muito afundar um navio-aeródromo e ganhar a Cruz da Marinha que vinha com o feito. Considerou também a escolha de seu ala uma questão de sobrevivência. Mike percebeu que a divisão de Hal tornou-se uma espécie de panelinha, tanto que, quando novos pilotos eram transferidos para a base, Hal se recusava a aceitá-los em sua unidade. Ele ensinava a seus homens que os bons pilotos de bombardeiros de mergulho não lançavam bombas. Ao contrário, na opinião dele: os bons pilotos de bombardeiro mergulhavam até ficar a uns 50 metros do alvo e só então “disparavam” suas bombas sobre os navios imperiais.²⁸⁸ O comandante Campbell, cujo apelido era “Ensopadão”, gostava do que via em Hal Buell. Este, por sua vez, não gostava de servir sob as ordens de um comandante que acabara de terminar o curso de formação de pilotos e nunca participara de combates.²⁸⁹

Uma vez que tinha ganhado a Cruz da Marinha por sua participação em Midway, certamente Mike era admirado pelos guardas-marinha do esquadrão. O comandante da unidade, que tinha a folha de serviços de Mike, deve ter visto a recomendação de Ray Davis, de dar a Mike o comando de um esquadrão. Houvesse o tenente Micheel mexido os pauzinhos para tanto, poucos teriam visto a decisão dele com os olhos atravessados. Mike admirava a dedicação de Hal à missão que o colega abraçara e o espírito de grupo que procurava incutir nos companheiros, mas o jeito de ser e agir de Micheel era outro, que aceitava qualquer um que fosse encaminhado para trabalhar com ele.

Todos os membros da divisão de Micheel tinham acabado de sair da escola de pilotagem. Tal como se podia esperar de todo grupo de jovens aviadores, os guardas-marinha da unidade estavam cheios de si. Queriam viver a vida intensamente, tanto no ar quanto nos braços das jovens de Wildwood, Nova Jersey.²⁹⁰ Tinham frequentado a escola de pilotagem e aceitavam a necessidade de aprimorarem seus procedimentos de comunicação, gostavam dos treinamentos físicos, pois os mantinham “em forma para seus divertimentos noturnos”, mas praguejavam e se queixavam muito dos enfadonhos filmes de instrução sobre assuntos “empolgantes”, como “medição invasiva da pressão sanguínea a bordo do hidroavião de observação OS2U” e sobre técnicas de “reconhecimento”.

Seu líder de divisão deliberou que a filosofia adotada por ele nos treinamentos seria a de “você começa por baixo e se esforça para chegar ao topo”. Quando, pois, em 30 de junho, o programa de treinamentos começou para valer, os inexperientes pilotos se viram obrigados a praticar ainda voos sob formação antes de passarem para manobras como voos invertidos (de cabeça para baixo), estóis (voos sob velocidade abaixo da qual ocorre perda de sustentação da aeronave) e outras que demonstrassem a habilidade do piloto de controlar o avião. Sorviam tudo com entusiasmo, pois adoravam pilotar. Eram alunos que queriam pular assuntos, como aeronavegação, e ir direto para a prática de manobras, como mergulhos de bombardeio, técnicas de tiro de

artilharia e aterrissagens em porta-aviões.

Os guardas-marinha do 2º. Esquadrão de Bombardeiros aproveitavam todas as oportunidades para realizar chandees (curvas ascendentes de 180 graus) sobre as praias arenosas que orlam o litoral de Wildwood, com o intuito de assustar as banhistas. Nas palavras de um piloto, “não existe nada melhor do que afugentar aquelas belezocas seminuas”. Os jovens pilotos se orgulhavam do prazer doentio que tinham de levar o prefeito da cidade a fazer frequentes telefonemas irados para se queixar com o comandante Campbell. Se tinham alguma preocupação, era a possibilidade de a guerra terminar antes que pudessem participar da refrega.

Quando conversavam sobre combates, Mike enfatizava a importância de desenvolverem duas habilidades acima de tudo. Ensinou-lhes várias formas de economizar gasolina, como empobrecer a mistura de combustível, controlar a velocidade da aeronave e outras coisas mais. Explicou que economizar combustível não era algo que se podia fazer em situações difíceis. De acordo com o tenente Micheel, isso fazia parte do estilo de vida do piloto. Durante seus treinamentos aéreos sobre o Atlântico, Mike lhes ensinava a interpretar as ondas do mar, explicando que bastava o bom piloto observá-las para saber a força e a direção do vento. Acrescentava que uma avaliação adequada do efeito do vento sobre a rota de navegação permitia que o piloto achasse o caminho de volta para o convés do porta-aviões. Inculcar nos jovens aeronautas a compreensão das duras lições da experiência de pilotos era justamente o que a Marinha esperava que o tenente Micheel e Buell fizessem. Enquanto Buell talvez preferisse falar à vontade aos pilotos sobre suas experiências em combates, Mike queria que seus alunos se concentrassem no desenvolvimento da capacidade de interpretar as ondas e de economizar combustível.

Ter dois experientes aeronautas como esses em sua unidade podia dificultar as coisas para o comandante do 2º. Esquadrão de Bombardeiros. Enquanto se preparava para decolar com o esquadrão inteiro, a fim de treinarem como unidade, Campbell informou a seus líderes de divisão que o esquadrão voaria em formação de linha ascendente. Isso significa que todos os aviões atrás da aeronave de Campbell voariam a alguns metros acima e ao lado dele. O tenente Micheel, normalmente um sujeito tranquilo, externou sua preocupação com a ordem. A pergunta que fez ao comandante deve tê-lo surpreendido, uma vez que ele acabara de ser treinado para pilotar sob esse tipo de formação. “Bem”, ponderou Mike, “acabei de ser transferido da frota, onde voávamos em formação de voo em linha descendente. Não se voa mais em formação de voo em linha ascendente... mas descendente.” O 6º. Esquadrão de Bombardeiros atuara na Batalha de Midway sob formação de voo em linha descendente.²⁹¹

A opção de operar em formação escalonada ascendente ou descendente dependia da forma pela qual o esquadrão se protegia dos ataques dos Zeros. Os esquadrões voavam em formação de Vs intercalados para que as armas de todas as aeronaves ficassem na melhor posição possível, com as quais pudessem defender mais eficientemente as outras aeronaves aliadas. As posições relativas dos aviões tinham também tudo a ver com a forma pela qual eles podiam manter coesa a formação. Desde o início da guerra, os pilotos de combate vinham aprendendo que, se voassem em formação escalonada ascendente, seus líderes ficariam abaixo deles. Quando as coisas ficavam complicadas, explicou Mike, “você nunca sabia onde estava quando voava acima do colega”. Se,

porém, o piloto navegasse abaixo do avião da frente, “sempre o tinha diante da vista. Portanto, era assim que operavam”.

Mike não previra que seus comentários poriam em dúvida a capacidade do comandante. Campbell ficou furioso. Afinal, orgulhava-se de haver se formado em Annapolis. O sangue lhe ferveu nas veias, que ficaram quase lívidas, tamanha a raiva. Micheel era apenas um recém-chegado, um piloto-enlatadão, feito em noventa dias. Campbell pegou um manual de instruções na estante e o leu para Mike.

— Mostre-me onde é que diz aí como e quando se deve voar em formação escalonada descendente — pediu a Mike, um tanto irritadamente, sabendo, sem olhar, aquilo que o manual dizia.

— Ora, eles nunca modificam esses manuais durante a guerra; mesmo porque não havia ninguém para fazer isso. Nunca houve um importante lugar de combate que justificasse a inclusão de instruções táticas especiais de forma oficial; elas simplesmente evoluem e, se funcionam quando empregadas, você as acaba assimilando. Mas ninguém se deu o trabalho de editar os livros sobre táticas de combate.

É provável que esses comentários depreciativos tenham resultado do fato de Campbell haver se lembrado do apelido que pilotos como Mike davam aos formados em Annapolis: “frangotes de cursos profissionalizantes”. O tenente Micheel encerrou a discussão reafirmando a importância de sua experiência sobre a questão. Mas Campbell continuou irredutível. O 2º. Esquadrão de Bombardeiros voaria em formação de voo escalonado ascendente.

Em 1º. de julho, o praça Eugene Sledge partiu de Mobile num trem para Atlanta, Georgia, onde se apresentou ao oficial comandante, no Destacamento dos Fuzileiros Navais da Unidade de Treinamento da Marinha da Escola de Tecnologia da Georgia.²⁹² Finalmente, com a longa espera de Eugene terminada, seu entusiasmo agora não tinha limites. Os graciosos arcos dos edifícios de pedra e tijolos ingleses do campus universitário da escola o deixaram bastante impressionado. Estudantes enchiam as calçadas e corredores até mesmo no verão, já que a escola adotara um ano letivo de três períodos para acelerar a conclusão dos cursos e, assim, aliviar a carência de mão de obra especializada no país.²⁹³

O tenente Holmes, o oficial comandante do destacamento dos fuzileiros, informou a Sledge que ele era soldado, e não cabo, e o encaminhou para o Dormitório Universitário Harrison. Moderno edifício de tijolos ingleses na borda sudeste do campus e perto do Depósito de Armas da Marinha, Eugene gostou do Harrison, pois só abrigava fuzileiros navais.²⁹⁴ Gostou também quando lhe deram “roupas de cama da Marinha”, que usaria orgulhosamente em sua cama, e lhe tiraram as medidas para a confecção do uniforme. Mas os primeiros boatos que ouviu a respeito do curso o fizeram perguntar a si mesmo se iria ter que pedir ao pai que telefonasse para seu amigo do CFNA e o “amaldiçoasse até não poder mais”, pois não fora frequentar a escola para estudar engenharia.

No dia seguinte, Eugene quase foi expulso do programa V-12, já que o médico que o examinou constatou que ele estava abaixo do peso. O praça Sledge insistiu para que o médico levasse em consideração o fato de que

acabara de se restabelecer de uma doença e que, em pouco tempo, recuperaria o peso perdido. O médico acabou aprovando-o. Satisfeito com a hábil solução do problema, Eugene começou a comer um pouco mais, pois queria ficar dentro dos padrões exigidos. “Não acredite se alguém lhe disser que o CFNA diminuiu as exigências para ingresso na corporação”, recomendou ele à mãe na carta que lhe enviou. “Se você olhar para o médico com cara de que não está se sentindo bem, está fora.” Diante da perspectiva de usar o uniforme do “melhor serviço militar do mundo”, mandou imprimir papel timbrado com a insígnia do CFNA logo acima do próprio nome, com o qual enviou uma carta a Sid Phillips, seu melhor amigo.

As exigências do serviço, contudo, demoraram um pouco a chegar, pois era óbvio o fato de que os oficiais encarregados do Departamento de Instrução do Centro de Formação de Oficiais da Reserva da Marinha (CEFORMA) estavam bastante ocupados com a turma de Sledge, a primeira turma de alunos do programa V-12, mesmo porque tinham que administrar a vida de mil alunos enviados pela Marinha, bem como a de cerca de trezentos fuzileiros navais, e adaptá-los ao tradicional Programa de Treinamento do CEFORMA. Organizar tanta coisa em um campus lotado de estudantes levaria tempo.

Uma semana depois, o ano letivo começou. Reveille acordou os alunos às 5h45, que entraram em forma para a sessão de exercícios matinais, liderada por um sargento-ajudante; depois disso, a rotina deles foi como a dos estudantes universitários que frequentavam a escola. De hora em hora, das 7 às 17, o apito a vapor indicava o início e o término das aulas dessa ou daquela matéria. O programa V-12 encaminhou seus contemplados para cursos de física e outras áreas da ciência. Sledge queixou-se ao ser informado de que teria aulas de física e biologia, embora tivesse gostado de saber que o currículo abrangia aulas de economia. Depois da aula, eles faziam exercícios militares na praça de armas, chamada de Rose Bowl Field e situada do outro lado do canto do campus em que ficava seu dormitório. O toque de recolher soou às 19h30 durante uma semana e as luzes eram apagadas no Dormitório Harrison às 23h30.

Ter que frequentar a escola técnica em roupas civis deixava Sledge irritado, pois usava farda no Instituto Militar de Marion. Em parte, Eugene se preocupava com a demora da chegada do uniforme do CFNA porque, de vez em quando, perguntavam a ele e a seus amigos por que não haviam se alistado. Perguntas como essas o faziam explodir de raiva. A qualquer um que lhe perguntasse respondia, francamente, que considerava “amarelos” homens que queriam ficar de fora da guerra. No caso dele, pois, o uniforme resolveria o problema. Na carta enviada à mãe, queixou-se: “Estou cansado de agir como fuzileiro e me vestir como civil.”

Eugene ficou surpreso e até um pouco desapontado com a liberdade de que desfrutava. Mas, decidido a tirar proveito disso, vestiu o casaco esportivo e foi dar um passeio a pé pelo centro de Atlanta. Embora a tivesse achado fria, gostou da cidade. Era um lugar tranquilo e ordeiro, ao contrário de Mobile, agitado pelas multidões de trabalhadores, que lotavam suas ruas, lojas e restaurantes. Achou um lugar que vendia barras de chocolate Hershey — havia poucas lojas na cidade que vendiam o produto —, que passou a visitar quase todos os dias.

Não demorou muito e os colegas de turma de Eugene bolaram um plano para escapar à rígida disciplina imposta pelo programa V-12. Nos fins de semana, faziam uma vaquinha para alugar um quarto de hotel, onde

davam uma grande festa, tomavam porres memoráveis e às vezes até namoravam. Mas Eugene não participava dessas coisas. Em vez disso, lia bastante, enquanto comia chocolate caseiro ou outras iguarias que sua mãe lhe enviava em períodos de alguns dias. Correspondia-se com os pais com a mesma regularidade com que a mãe lhe enviava essas delícias. Como era comum para um jovem de 18 anos de idade, Sledge se sentia mais à vontade em revelar à mãe seus verdadeiros sentimentos íntimos do que em conversas diretas com o pai. Portanto, tratava do assunto nas cartas que enviava a ela, que a mãe respondia com sensibilidade e ternura. Uma vez que ela fizera a assinatura de um jornal de Mobile para Sledge, que ele lia com avidez, falavam nas cartas sobre suas vidas e da vida da nação. A maioria das cartas de Eugene continha também certos pedidos, geralmente envolvendo guloseimas e quase sempre produtos que ele não conseguia achar ou não tinha dinheiro para comprar na cidade, como um jogo de toalhas ou a revelação de filmes fotográficos.

Gostava muito de tudo que se relacionava com a vida de fuzileiro, da qual queria sempre mais. Adorava os exercícios militares após a aula, solicitar tarefas escolares extras e esforçar-se para se destacar. Embora não fosse exatamente um dos membros “da turma”, Eugene sabia como ninguém ouvir o que os outros tinham a dizer, principalmente pessoas em cargos de autoridade, e assimilava facilmente os hábitos e costumes dos sagazes e espirituosos fuzileiros. As experiências e a sabedoria da corporação o fascinavam, tanto que vivia à procura de histórias sobre a gloriosa batalha defensiva do corpo de fuzileiros na ilha Wake e assistiu ao documentário sobre a Batalha de Midway, produzido por John Ford, famoso diretor de Hollywood, cujos cinegrafistas haviam sido levados para Midway quando o ataque começou.

As câmeras de Ford filmaram os fuzileiros disparando, de suas casamatas, metralhadoras .50 contra aviões inimigos que sobrevoavam suas posições. As explosões das bombas e a destruição causada por elas foram exibidas sem cortes, enquanto o narrador falava sobre as bombas inimigas que haviam arrasado de propósito o hospital e a capela. Outras câmeras tinham sido instaladas a bordo dos navios-aeródromos, onde os pilotos da Marinha, trajando fardas cáqui com coletes salva-vidas amarelos e capacetes cobertos de entelagem, sorriam para o público. Em certo trecho do documentário, o narrador chamou a atenção do espectador para as “sete almôndegas”, ou seja, flâmulas de guerra imperiais, que enfeitavam o avião de Jimmy Thach. O filme mostrou pela primeira vez ao público o ronco gutural de um Dauntless decolando, após desgarrar-se do trecho final de um convés de voo, com seus flapes de mergulho vermelhos ligeiramente estendidos, e o silvo plangente de um avião inimigo caindo. Numa tomada panorâmica, para um encerramento grandioso, o cinegrafista girou lentamente a câmera ao longo da fumaça negra sobre Midway, procurando primeiro enquadrar destroços de aviões inimigos espalhados pelo aeródromo. Nesse trecho da exibição, a trilha sonora foi substituída por *My Country, 'Tis of Thee*,¹⁴ com o coro cantando “que soe alto o brado de liberdade” até a Velha Gloriosa aparecer nas alturas, bem acima da fumaça. No fim do hino, o coro entoia: “Amém!”

Todos os fuzileiros alojados no Dormitório Harrison se orgulhavam da corporação. Quando, porém, achava desagradável determinada sessão de instrução, Eugene saía à procura de sítios históricos da Guerra de Secessão. Certa vez, levou um amigo a um local que fora um campo de batalha em Stone Mountain. Noutra semana, visitou o Ciclorama de Atlanta, onde os organizadores reuniam uma mistura de arte e música, numa

tentativa de fazer o visitante reviver o 22 de julho de 1864, dia repleto de acontecimentos importantes na Batalha de Atlanta. Ele adorou a visita.

Mas bastou uma fotografia de seu irmão mais velho para apagar a chama de seu entusiasmo por estar no programa V-12. Seu irmão lhe enviara uma fotografia junto ao tanque que ele comandava, levando Eugene a lembrar-se de que Edward estava na guerra, mas ele não, bem como da promessa que fora obrigado pelos pais a fazer. O dr. e a sra. Sledge estavam preocupados com as críticas sutis que o filho fazia ao programa V-12 e que começaram a achar nas cartas enviadas por ele. Ao ser pressionado pelos pais, admitiu que “a oportunidade que estava tendo era maravilhosa”, mas insistia em dizer: “Sou fuzileiro agora e ainda acho um tédio ter que frequentar a escola. Todos aqui são da mesma opinião. Portanto, não se preocupem. Ficaremos felizes quando chegarmos à P. I. Parris Island, mas, até lá, faremos o que ordenarem.”

Basilone não conseguiu guardar só para si a notícia do alvoroço que sua condecoração estava causando em Raritan, Nova Jersey. Deve ter desconfiado de que havia alguma coisa “errada” quando os fotógrafos pediram que ele posasse para mais algumas fotos. Um deles chegou a pedir que vestisse o macacão sujo e o capacete para uma sessão de fotos. De pé, com a câmera apontando para lugar nenhum, o novo comandante da 1ª. Divisão, general Rupertus, e seu ajudante, ambos usando o novo uniforme, observavam tranquilamente. É provável que tenham dito ao Manila que a grande sensação que a história dele havia causado no país acabara atraindo a atenção do Departamento do Tesouro americano, que estava levantando fundos para financiar a campanha militar com a venda de bônus de guerra. Para levar as pessoas a comprarem bônus, o departamento começara a organizar grandes comícios com a presença de figuras famosas. As estrelas de Hollywood atraíam grandes multidões, mas eles precisavam também de importantes elementos da tropa. O sargento de pelotão John Basilone se juntaria a elas, portanto, para uma série de comícios conhecidos como Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra.

Em 22 de julho de 1943, chegou a ordem determinando que ele fosse para Brisbane, de onde seria levado de volta para o país.²⁹⁵ Embora tivesse mais um tempinho para um último gole para comemorar a ocasião, Manila estava ansioso para embarcar no ônibus rumo a umas férias. E foi beber no bar da base. Depois de se encher de cerveja, John resolveu dar uma de gaiato: virou o boné para o lado e começou a dizer que era Napoleão.²⁹⁶ Depois, seu amigo Richard teve que lhe dar uma mãozinha para endireitar a gravata, de modo que pudesse passar pelos guardas e entrar na cidade. Como seus amigos das companhias Charlie e Dog queriam fazer algo pelo amigo, solicitaram uma breve licença para terem a chance de se despedir melhor dele. Fizeram também uma vaquinha e compraram um relógio para o Manila, após conseguirem donativos que chegaram a vultosos 200 dólares — a maior parte talvez advinda do dinheiro ganho no pôquer por seu amigo J. P. Morgan. Mas, como não deu tempo para comprar o relógio, J. P. deu-lhe o dinheiro e recomendou que ele mesmo o comprasse quando chegasse em casa. Manila partiu de Brisbane, Queensland, em 25 de julho. Para grande sorte sua, o cabo Stephen Helstowski, um amigo seu que servira em seu pelotão antes de ser evacuado

A vida do Engenhoso como guerrilheiro não poderia ter tido um início melhor. O coronel McClish o promoveu a subchefe do estado-maior e o tornou o oficial de operações da 110ª. Divisão de Infantaria. O major Shofner viajava por toda a região a serviço da divisão, viagens que incluíam quatro províncias no norte de Mindanao. Em barcos conhecidos como bancas, em canoas, a cavalo, num carro movido a álcool, conheceu os líderes dos quatro regimentos, cujos efetivos estavam incompletos. Quase todos os dias, exigiam a presença dele em eventos, como festas, festejos ou bailes. O povo filipino e um grupo de agricultores ricos forneciam ao pequeno quadro de oficiais militares americanos abrigo, informações e uma abundância fabulosa de comida, cujos pratos foram descritos pelo Engenhoso com termos elogiosos e detalhadamente em seu diário.

“Em todas as províncias, exceto em Davao”, observou Shofner em suas inspeções, “os japoneses estão sendo obrigados a ficar numa pequena área fortificada cercada por nossas forças”. Embora as forças inimigas em Davao chegassem a mais de dez mil homens, a área de operações do Engenhoso não tinha nem mil. Ademais, ao contrário dos homens de Shofner, os soldados do EIJ eram bem treinados, disciplinados e bem armados. Os cinco mil fazendeiros e aldeões que formavam os quatro regimentos da 110ª. Divisão de Infantaria haviam escondido duas mil armas de pequeno calibre, a maioria delas em condições precárias. Conquanto os guerrilheiros procurassem atormentar as guarnições inimigas com ataques constantes nas cidades importantes, concentravam-se mais na tentativa de manter a paz e a ordem nas áreas sob o controle deles.

Ter sucesso como líder guerrilheiro, percebeu ele, não seria fácil, pois “cada tarefa tem mil obstáculos para serem superados”. Contudo, via grande potencial em suas forças. A divisão dele controlava quatro aeródromos, dois grandes portos e vastas áreas litorâneas. As setes lanchas e as muitas bancas à vela da divisão cruzavam regularmente, em ambos os sentidos, toda a área do mar de Mindanao e do rio Agusan, o maior curso de água da ilha. A maior parte da malha rodoviária tinha sido desimpedida para o tráfego do único caminhão a diesel que eles tinham e quatro caminhões movidos a álcool. Um dos lagos da região, calculou o Engenhoso, poderia ser usado como um hidroporto perfeito.

Hawkins, Dobervich, amigos do Engenhoso e os outros membros da equipe de fuga haviam sido promovidos também. Com as incumbências que receberam, foram transferidos para povoados distantes, mas se encontravam com frequência. McCoy, Mellnik e Ed Dyess permaneceram no quartel-general da 10ª. Região Militar, sob o comando da qual estava a 10ª. Divisão, liderada por Shofner, e outras quatro divisões. A Região Militar tinha sob sua responsabilidade a defesa de Mindanao e de algumas ilhotas ao redor. Cerca de 20 mil homens compunham suas fileiras. Com apenas 10 mil fuzis e outras armas portáteis à disposição, cada um de seus soldados dividia o uso das armas com os outros colegas. Embora a 10ª. Região Militar houvesse treinado seus soldados para a guerra, usava-os mais frequentemente como força policial. Além disso, ela era responsável pela emissão e circulação de uma moeda aceita em toda a ilha — e cuja paridade cambial era favorável em relação à moeda usada pelos ocupantes. Os oficiais do quartel-general, e aqueles como o Engenhoso, no âmbito de divisões, cuidavam da formalização de casamentos e das prisões, em vez de liderarem greves e

protestos contra as tropas inimigas.

Durante todo o verão de 1943, o major Shofner e seus subordinados praticaram um jogo de gato e rato com os soldados inimigos em Mindanao. Os soldados do imperador podem até ter tentado fazer com que os americanos transferissem seu quartel-general para outro lugar, mas não chegaram nem perto disso, pois os habitantes locais faziam tudo para que “seu Exército” fosse avisado antecipadamente das ações do inimigo. A organização militar criada pelos oficiais da guerrilha foi a melhor possível. Espionavam o inimigo e enviavam relatórios ao quartel-general da 10ª. Região Militar para que fossem repassados à Austrália via rádio.

Em 2 de agosto, o coronel McClish retornou de uma visita ao quartel-general, donde trouxe calçados, meias, roupas íntimas, lâminas de barbear, cigarros e uma pequena quantidade de munição para fuzis e pistolas. Disse ao Engenhoso e aos outros que esses suprimentos haviam sido lançados ao mar por um submarino americano. Bastava lembrar-se disso que ficava muito emocionado. McClish contou que McCoy, Mellnik e Dyess haviam embarcado no submarino e seriam levados para a Austrália. Antes de partirem para os braços da liberdade, McCoy e Mellnik haviam deixado, acrescentou ele, instruções gerais sobre a melhor forma de ajudarem o Engenhoso e os outros. Já o capitão Ed Dyess escrevera uma carta em que prometia tirá-los dali também. Para Shofner, o Engenhoso, foi um momento em que soube de fato quem os seus amigos eram.

O tenente Holmes e seus graduados distribuíram uniformes do CFNA entre os alunos do V-12 em 20 de julho. Eugene Sledge ficou radiante. Sua nova mochila de marinheiro veio com conjuntos completos de fardas cáqui, macacões e uniformes de gala verdes. Ele gostava do jeitão da farda cáqui e imaginou que ficaria ainda melhor quando a mandasse engomar. Quando perguntou ao tenente sobre o uniforme de gala azul, ele respondeu que essa farda não seria distribuída, mas o fuzileiro podia comprar uma. Eugene começou imediatamente a procurar uma dessas fardas, economizando dinheiro do pagamento para comprá-la. Algum tempo depois, vestiu a farda de gala, ou o uniforme oficial, e tirou algumas fotografias para enviar à família.

A cada dia que passava, via que estava gostando cada vez mais do corpo de fuzileiros, de praticar exercícios em ordem unida, de participar, de manhã, das cerimônias de hasteamento da bandeira e, à noite, de seu arriamento. De noite, estudava o *Manual dos Fuzileiros* e morria de vontade para que chegasse logo o dia em que pudesse pôr as mãos num fuzil. Não tinha nenhuma atração ou interesse por cigarro, bebidas ou farras. Todos os domingos, era visto na igreja presbiteriana da North Avenue. Os bolos que sua mãe enviava o ajudaram a ganhar o peso de que precisava. Para agradecer-lhe, enviou-lhe um broche dos fuzileiros, para que usasse na lapela. Exibia na farda a insígnia da águia, do globo e da âncora com muito orgulho.

O uso do uniforme acabou com seu constrangimento de ter que usar roupas civis. Certo dia, porém, quando passeava pelo centro de Atlanta, topou com um fuzileiro. A julgar pelo jeito de se vestir do colega, Sledge teve certeza de que o fuzileiro era um marinheiro de verdade, ou alguém que participara de muitas campanhas militares no estrangeiro. Quando o marinheiro perguntou a Sledge que tipo de serviço era o dele, Sledge ficou constrangido por ter que dizer que fazia parte do programa V-12. E achou que o sujeito “só não riu dele porque ele era fuzileiro e sabia que Sledge não gostava do ‘serviço’, tanto quanto o marinheiro não

devia gostar nem de ouvir falar no assunto”. Quando voltou para o dormitório, Sledge leu uma carta de sua mãe, que estava apreensiva com a possibilidade de seu de outro filho ser enviado para combater em terras de além-mar. A preocupação demonstrada pela mãe o deixou irritado. Mas ela também preocupava-se com a atitude do filho caçula em relação à escola.

Eugene entendeu que a maior batalha que precisaria travar era com seus pais. Ele os amava, os respeitava e gostava da companhia deles. Era grato por tudo que os pais fizeram por ele. Guardava como um tesouro a fotografia que tirara junto com eles na varanda. Eugene prometera que terminaria o curso financiado pelo programa V-12, pois cumprir essa promessa era importante para ele, tanto que conseguira nota máxima em sua primeira prova de biologia.

A promessa, no entanto, o deixava frustrado. Sua grande força de vontade, inteligência e lealdade às próprias convicções conflitavam com o dever filial. Gene tinha a mente concentrada em uma única meta: servir numa companhia da linha de frente e combater. Em agosto, sua ansiedade em relação à questão chegou a um nível crítico, levando-o a descontar a frustração nos colegas. Quando um amigo de Mobile entrou para o Batalhão de Construção Naval, Eugene observou maliciosamente: “Os fuzileiros consideram esses caras um bando de simples operários. Ouvi dizer que são mesmo muito ruins.” E criticou até a cobertura jornalística das contribuições dos fuzileiros navais ao esforço de guerra. “Todos sabem muito bem que MacArthur deixou o 4º. RIFN como destacamento de retaguarda nas Filipinas, do qual sobreviveram apenas 70 homens”, comentou, acrescentando que os sobreviventes acabaram se tornando prisioneiros. Atacava acerbamente tanto o Congresso americano quanto o governo Roosevelt por forçarem seu adorado CFNA a aceitar recrutas. “Os políticos, o Exército e a Marinha continuam se esforçando, tal como têm feito há 169 anos, para nos rebaixar e aviltar os padrões da corporação.”

No fim de agosto, Sid Phillips fora designado para o serviço de guarda. Ele e outros colegas do pelotão de morteiros acabaram sendo encarregados de fazer a segurança do Quarto Hospital Geral de Melbourne, onde se alojavam em edificações de alvenaria, dormiam em camas de verdade, com lençóis limpos, e senhoras australianas de meia-idade preparavam refeições maravilhosas para eles, servidas em pratos de porcelana, com jarras de leite integral espalhadas pela mesa inteira. Essas senhoras cuidavam tão bem deles que “as chamavam de mãe, coisa que elas adoravam”.

O pelotão de morteiros se revezava com outras unidades na realização de alguns serviços, inclusive na vigilância de prisioneiros militares perigosos e violentos, mantidos algemados e acorrentados no quarto andar do hospital. Para o fuzileiro de guarda, a entrada principal do hospital era o lugar mais movimentado, já que médicos e enfermeiras usavam insígnias de oficiais e, portanto, toda hora obrigavam o guarda a sair da posição de “à vontade” e “apresentar armas”. Mas Sid achava que era capaz de cumprir seu turno de guarda de quatro horas e de movimentos robóticos sem problema, pois trabalhar na guarda do hospital era um serviço bom.

Certa manhã, enquanto servia como guarda na porta da frente, Sid viu seis viaturas cáqui do comando estacionarem na frente do hospital,²⁹⁸ das quais, logo depois, saltaram generais do Exército e almirantes. “Com

certeza”, pensou, “algo importante deve estar acontecendo”. De repente, viu a primeira-dama Eleanor Roosevelt pôr o pé para fora da viatura, trajando o uniforme do Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM).¹⁵ Sid bateu continência, apresentou armas e fez “com que o choque das botas soasse o mais alto possível”. Seu instrutor de exercícios em Parris Island teria ficado orgulhoso se tivesse visto isso. Pouco depois, a sra. Roosevelt se aproximou. Sid lembrou-se da brincadeira sobre Guadalcanal: “Minha esposa Eleanor detesta guerras” quando ela parou na frente dele. Após fitá-lo nos olhos, perguntou:

— Você é fuzileiro, meu jovem?

— Sim, madame!

— Esteve em Guadalcanal?

— Sim, madame!

— Estão lhe dando comida suficiente?

— Sim, madame!

— Estão cuidando bem de você?

— Sim, madame!

— De qual estado você é?

— Alabama! — respondeu ele, cheio de orgulho. A primeira-dama sorriu e disse:

— Eu devia saber.

Um oficial manteve a porta aberta para que a comitiva oficial passasse. O cabo Phillips “continuou com as feições do rosto duras como pedra, na posição de apresentar armas, até todos os figurões passarem. Depois, voltou à posição de descansar armas e ficou à vontade. Passados alguns segundos, notou que estava tremendo”.

No fim do verão de 1943, o programa de treinamentos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros no litoral de Nova Jersey foi rigoroso, mas ameno. A divisão de Dauntless de Micheel levantava voo duas ou três vezes ao dia, mas houve muitos em que não fez nem uma decolagem sequer. Mesmo levando em conta o tempo que precisavam passar na sala de aula, ainda lhes sobrava algumas horas para o lazer.

Muitos desses jovens pilotos começaram a tomar gosto por uma vida de velocidade e agitação. Hal Buell, em virtude de sua condição de veterano e de suas aptidões naturais, tornou-se líder dessa turma de “loucos”. Ele e alguns integrantes do esquadrão alugaram uma casa fora da base, que apelidaram de Rancho da Cobra. Quando não estava escalada para participar de alguma operação, a divisão de Hal realizava festas na casa, para as quais convidava todas as jovens que considerasse dignas do evento. Num jogo de palavras com o jargão dos fuzileiros, um dos organizadores dessas festas disse que eram “uma espécie de escola de pilotagem” em que “os alunos ficavam no mesmo nível dos instrutores”.²⁹⁹ Como, nessa escola, nem todos os guardas-marinha eram convidados a “participar dos seminários e muito menos pesquisar no laboratório”, todas as noites os uivos de alguns dos lupinos conquistadores do 2º. Esquadrão de Bombardeiros “ecoavam pelas ruas e estradas de Wildwood”.³⁰⁰¹⁶ Talvez esse intencional jogo de palavras tenha sido inspirado no brasão da unidade, que

apresentava um lobo chamado Tontura.

No belo hotel de Wildwood, seu proprietário organizava festas ou bailes frequentes para os jovens oficiais da base aeronaval. Mary Jane, a filha do dono do hotel, começou a namorar um dos pilotos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros. Certo dia, pediu ao namorado que levasse alguns amigos seus para conhecer as amigas dela. Não demorou muito para que alguns dos pilotos da unidade passassem a ser vistos com frequência no bar do hotel. Mike chegou a visitar o estabelecimento algumas vezes, onde acabou conhecendo uma linda moça chamada Jean Miller.

Jean trabalhava como contadora para o Serviço de Intendência, no Arsenal da Marinha, em South Philadelphia, e ia a Wildwood nos fins de semana. Desde o dia em que se conheceram, teve dificuldades para fazer Mike pôr os pés na pista de dança, mas começaram a se encontrar nos fins de semana. Como vinha de trem e chegava um pouco tarde, na sexta, geralmente se encontravam às 20 horas. Quase sempre, reuniam-se depois com os amigos no bar do hotel; no fim da noite, ele a levava para casa de bonde. Ao chegarem à casa da namorada, “ficavam sentados no balanço da varanda”, até Mike olhar para o relógio e ver que precisava correr se quisesse pegar o último bonde da noite. No fim de agosto, os dois começaram a passar juntos os sábados e domingos. A casa da avó de Jean ficava mais ou menos a um quarteirão e meio da praia. A mãe de Jean e seus tios estavam sempre lá também, fazendo companhia para sua avó. Mike gostava dessas reuniões com a família da moça. Wildwood tinha um calçadão de madeira à beira-mar semelhante ao famoso calçadão de Atlantic City, em que havia toda espécie de diversões e quiosques, pois a região era um centro turístico de primeira linha. Não havia como não se divertir ali.

Certo dia, Jean pediu ao namorado que a levasse para um passeio em seu avião. Afinal de contas, argumentou, as namoradas de todos os outros pilotos tinham ganhado esse presente. Mike não se entusiasmou com a ideia, já que aquilo era contra o regulamento. Tentou argumentar que não estava preparado para pilotar o tipo de aeronave em que as amigas dela tinham feito o passeio. Não adiantou. “Insisti muito para que eu a levasse.” Ele disse a Jean que não queria fazer isso, mas acabou cedendo. Numa tarde de domingo, Mike a levou para o pátio de estacionamento e apontou: “Lá está o seu avião.” Era um SNJ. Ela achava que seria um avião com uma porta na fuselagem, tal como suas amigas haviam dito. Mike explicou que não tinha conseguido brevê para pilotar o tipo de avião que ela mencionara, o bimotor SMB. Quando o aeronauta deu a ela um paraquedas, ela perguntou:

— O que faço com isto?

— Suba na asa.

Ela olhou para a asa e depois para ele, irritada e frustrada, pois não conseguiria subir sozinha. Depois que o aeronauta a ajudou a subir, ela tornou a perguntar:

— E que faço agora?

— O assento traseiro está logo aí — respondeu ele.

O problema era que a beirada traseira da asa não chegava até o assento de trás e, portanto, não dava para ela entrar sem ajuda. Para entrar no banco traseiro do SNJ, a pessoa tinha que se firmar em apoios para os pés e

segurar-se em pequenos corrimãos. E o paraquedas que ela levava preso às costas tornava difícil o acesso à parte traseira da cabine. Com o aeronauta lhe dando outra mãozinha, Jean conseguiu acomodar-se no banco traseiro. Quando, por fim, Mike foi explicar a ela como prender o cinto de segurança e o que fazer caso... Ela o interrompeu bruscamente.

— Esqueça! Se você cair, eu caio junto... não se dê o trabalho de me dizer o que fazer!

Depois que decolaram, Jean descobriu que não conseguia fechar sua canópia, o que faz ventar muito no interior da cabine. Todas as suas amigas tinham passeado numa bela aeronave com porta. Só ela que não. Foi a última vez que Jean pediu a Mike que a levasse para passear de avião.

A chegada de cem veteranos da Batalha de Guadalcanal a Los Angeles em 25 de agosto chamou a atenção de um jornalista do *Seahorse*, uma publicação do Centro de Instrução de Pilotagem de Pequenas Aeronaves, da Marinha. Na série de entrevistas dos fuzileiros com o jornalista, chegou a vez de John Manila. Na opinião dos “entrevistadores da *Seahorse*, o sargento Basilone parecia uma pessoa afável, embora tivesse ficado um tanto aturdido com tanta atenção. Ele é como os tipos que existem aos milhares nas escolas de ensino médio espalhadas pelo país — forte, simpático, sociável”.³⁰¹ O jornalista pediu que Basilone mostrasse a menção honrosa de sua Medalha de Honra, pedido a que Manila atendeu. Durante a entrevista, John percebeu que não tinha lido a menção e que, portanto, seria a primeira vez que faria isso.³⁰² Quando lhe perguntaram sobre o que achava dos “japas como combatentes”, ele respondeu: “São soldados fortes, troncados, incansáveis e lutam sem parar.”

Assim que passou pela entrevista com a *Seahorse* e pelo sistema de processamento de pessoal do Corpo de Fuzileiros, John enviou um telegrama à sua mãe, uma mensagem com apenas uma frase: “Por favor, envie 50 dólares imediatamente.”³⁰³ O dinheiro permitiu que fizesse uma visita a Hollywood na noite seguinte. Assim que entrou no Jade, ao ver uma moça saindo, ostentando flores nos cabelos, puxou conversa e conseguiu convencê-la a ficar mais um dia no hotel. Dorothy era o nome dela. Trabalhava em Long Beach. Os dois tiveram uma noite muito agradável.³⁰⁴ De manhã, ele partiu para uma base dos fuzileiros navais fora de San Diego chamada Camp Elliott.³⁰⁵ É possível que o oficial que o recebeu quando ele chegou a Camp Elliott tenha dito que, na semana anterior, o quartel-general dos fuzileiros navais em Washington, D. C., lhes enviara telegramas quase todos os dias, querendo saber se ele tinha chegado.³⁰⁶

Por uma feliz coincidência, ele soube que George, seu irmão caçula, estava lotado em Elliott também. George servia na 4ª. DIFN. Os dois irmãos passaram dias divertindo-se muito pela região.³⁰⁷ George sabia muito mais a respeito daquilo que aguardava John e, portanto, estava em condições de pôr o “Bass”, tal como chamava o irmão mais velho, a par de tudo. Disse que os jornalistas haviam entrevistado todos os membros da família, bem como seus amigos e até seus ex-patrões, e que tinham publicado matérias sobre ele; que os figurões de Raritan haviam se reunido para criar o Dia de Basilone; que o juiz do condado, chefe do comitê

organizador dos festejos, prometeu uma gratificação de 5 mil dólares a John e “uma estrondosa recepção — tão festiva e vibrante que os ecos do evento chegariam a Tóquio”.³⁰⁸ Ainda de acordo com George, “como a cidade é pequena demais para lhe dar uma festa de boas-vindas, estão planejando fazer isso em Duke’s Park”.³⁰⁹ Duke’s Park era parte da imensa propriedade da herdeira Doris Duke. Raritan inteira, assim como Somerville e a região circunjacente, queria festejar o herói, o filho daquela terra, cuja Medalha de Honra “equivalia a uma continência de todos os oficiais juntos, inclusive do general MacArthur”.³¹⁰

No dia 30, Basilone recebeu a ordem esperada. Ele deveria se transferir “de avião, imediatamente,” para o quartel dos fuzileiros navais, no Arsenal da Marinha, para “serviço temporário” junto à Divisão de Comunicação Social do CFNA.³¹¹ O Corpo de Fuzileiros o proibiu “de fazer qualquer declaração à imprensa ou ao rádio” e recomendou que “se comportasse de forma decente”. Deram a ele uma generosa gratificação diária de 6 dólares. Antes de partir, chegou a fazer uma ligação para Dorothy, em Long Beach, mas não conseguiu falar com ela,³¹² mesmo porque estava com pressa, pois tinha que pegar o avião, que partiu com ele à tarde e aterrissou em Washington, D. C., na manhã seguinte, às 10h30, de onde uma viatura o levou para o Arsenal da Marinha por volta das 11 horas do dia 31 de agosto.

No início de setembro, os lobos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros decolaram para a costa leste, rumo ao seu novo posto de serviço, a BAeN de Quonset Point, em Rhode Island. Localizada numa península da baía de Narragansett, perto da cidadezinha de North Kingstown, Quonset Point abrigaria o 2º. Esquadrão de Bombardeiros e os esquadrões de caças e aviões torpedeiros que formavam o 2º. Grupo Aéreo. Após haverem aperfeiçoado suas habilidades, tanto individual quanto coletivamente, os pilotos passaram a simular missões como um grupo completo, justamente quando iniciaram os exercícios das primeiras aterrissagens em navio-aeródromo. A necessidade de criar um grupo aéreo que funcionasse como equipe resultava de uma das lições aprendidas pela tripulação do *Enterprise* em 24 de agosto de 1942, na batalha de porta-aviões perto de Guadalcanal. Mike achou agradável a primeira oportunidade que o 2º. Esquadrão de Bombardeiros teve de voar com os outros esquadrões. Conforme determinação do comandante, o esquadrão voou em formação escalonada ascendente. Já os outros esquadrões não voaram com essa formação. O comandante do grupo aéreo, um veterano de batalhas de porta-aviões, foi pedir satisfações depois que aterrissaram. “Por que estão operando dessa forma, rapazes?”, perguntou ele. Depois disso, o 2º. Esquadrão passou a voar em formação escalonada descendente. O capitão de corveta Campbell teve que admitir que estava errado, mas não ficou com raiva de Mike nem guardou rancor dele.

Depois de um mês como subchefe do estado-maior da força guerrilheira, Shofner queria mais. Queria que enviassem armas e equipamento da Austrália para que pudesse liderar ataques guerrilheiros contra os japoneses. Sabia que esses ataques não bastariam para derrotar os soldados inimigos. Mas acreditava que o Décimo Grupo de Exército de Mindanao poderia forçar os japoneses a transferirem duas divisões para o local do ataque, a fim de manterem seu domínio sobre a área. Assim, os japoneses ficariam com menos soldados em outros lugares e isso inspiraria os filipinos a continuarem aliados dos Estados Unidos. Contudo, para tanto, tinha que superar um obstáculo em seu caminho, que não era o coronel Wendell Fertig, mas o general Douglas MacArthur. Este achava que um ataque guerrilheiro de grandes proporções só serviria para levar os japoneses a massacrarem milhares de filipinos, a maioria fazendeiros armados com facões. MacArthur queria que atuassem apenas como espões. Como queria também que os homens de Fertig dessem esperança aos filipinos de que, um dia, poderia devolver a eles a liberdade, MacArthur lhes enviou milhares de caixas de fósforos com sua efígie e as palavras “Eu voltarei” impressas na tampa. Mas Austin Shofner acreditava que MacArthur se recusava a lançar mão do emprego dos guerrilheiros porque achava que esses homens faziam o general lembrar-se da própria covardia, até porque MacArthur havia fugido das Filipinas.

Nem todos os seus colegas fugitivos, porém, viam as coisas dessa forma. Vários concordavam com o tenente Sam Grashio, piloto de caça do Exército, que não via motivos para questionar as ordens do general.

Mas, quando Grashio soube dos “mordazes comentários sobre o Doug Toupeira”, admitiu que a partida do general fora decepcionante para os soldados e que a falta de preparo da tropa para a guerra o deixara indignado. Achava também, todavia, que a situação era mais complicada do que se imaginava e apresentou alguns argumentos plausíveis. Ponderou que o presidente Roosevelt ordenara que MacArthur deixasse Corregidor e: “Pareceu-me de óbvio senso comum eles o haverem poupado para o restante da guerra, em vez de tê-lo deixado cair nas mãos do inimigo.”³¹³ Em seu tempo de piloto, Sam Grashio estivera no Aeródromo Clark no dia do ataque e enfrentara o cerco a Bataan. “Sempre me pareceu”, concluiu ele, “que o governo e o povo americano, em vez de MacArthur e seus assessores, é que foram os principais responsáveis pela precariedade das defesas filipinas”. Ademais, o general garantira a seus homens em Bataan que os reforços estavam a caminho porque essa era a única forma de fazê-los continuar lutando. Shofner teve uma discussão acirrada com Sam, cujo peso despencara para 38,5 kg durante a Marcha Macabra e o tempo que passou na prisão depois. Contudo, confiava em Sam. Este, a seu turno, admirava a força física do Engenhoso e o inabalável otimismo do amigo. Afinal de contas, essas qualidades haviam sido fundamentais para o sucesso deles. Sam e Austin tiveram que esquecer o assunto sobre MacArthur enquanto debatiam o que poderiam fazer como guerrilheiros.

O Engenhoso e os outros fugitivos levaram algum tempo para descobrir que o líder dos guerrilheiros, coronel Fertig, comunicava-se diariamente com a Austrália. O coronel evitara revelar isso a eles porque precisava de homens experientes e preparados para liderar seu aparato guerrilheiro. A 10ª. Região Militar, comandada por Fertig, estava na linha de frente da guerra. Não queria, portanto, que o QG na Austrália soubesse da presença em seu meio de oficiais de infantaria americanos competentes, pois temia que mandassem buscá-los.³¹⁴

Washington estava cheio de oficiais de alta patente. John Manila foi, portanto, apresentado a vários almirantes e generais. Embora administrativamente subordinado ao quartel-general dos fuzileiros navais no Arsenal da Marinha, John apresentava-se diariamente ao diretor da Divisão de Relações Públicas no Edifício da Marinha. Como o diretor e seus assessores ainda não haviam preparado as determinações do programa que Basilone deveria cumprir, parte do trabalho de apresentações e relações públicas prosseguia. Mas todos sabiam que o John seria enviado para Nova York o quanto antes, onde iniciaria seu trabalho como vendedor de bônus de guerra. Estavam trabalhando para integrá-lo à Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra, iniciada meses antes.

O Departamento do Tesouro Americano havia organizado essa campanha com a colaboração do Comitê da Vitória de Hollywood, organização que representava os interesses da indústria cinematográfica.³¹⁵ A campanha não era conduzida por um elemento apenas. Tinha dezenas de componentes. Uma verdadeira “airmada” de atores, humoristas famosos e um seletivo grupo de militares fora criada e dividida em “esquadrões”, que organizavam grandes comícios em cidades de porte médio. Sabu, o famoso garoto do filme britânico

intitulado *The Elephant Boy*, havia acabado de completar uma turnê em que visitara 26 cidades, em favor da propaganda de guerra.³¹⁶ Esses “esquadrões” levantaram milhões de dólares em fundos. Enquanto isso, a Cavalgada das Estrelas de Hollywood viajava pelas grandes cidades. Da cavalgada faziam parte astros como Lucille Ball, Fred Astaire, Betty Hutton, James Cagney, Judy Garland e muitos outros. Ela também angariou milhões de dólares em prol do esforço de guerra. Só a atriz Lana Turner, por exemplo, conseguiu 5,25 milhões de dólares em bônus “vendendo” 105 beijos por 50 mil dólares cada um. O slogan dos componentes da Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra era “Apoie a Guerra”.³¹⁷

Os jornalistas queriam entrevistar John Manila antes que ele iniciasse sua participação na campanha, mesmo porque sua história vinha sendo publicada nos jornais de diversas partes do país desde junho. Os detalhes das “metralhadoras matraqueando estrepitosas durante três dias” deixaram estupefatos todos os que leram a matéria.³¹⁸ A batalha de doze horas se transformara num conflito de três dias por causa das informações obtidas do praça Nash W. Phillips, que servira no pelotão de Basilone em Guadalcanal e fora encontrado num hospital da Marinha em San Diego, onde se recuperava dos ferimentos.³¹⁹ Os detalhes fornecidos por Phillips haviam se tornado parte da história oficial. “Eles se lançavam de assalto contra sua posição de tempos em tempos”, Phillips disse a eles, até que ficasse cheio de corpos o entorno da trincheira individual de John Manila. “Mas ele acabou tendo que se retirar de lá, pois era difícil atirar por cima de 38 corpos de japoneses amontoados!”³²⁰ O departamento de comunicação social do CFNA aceitara e adotara textualmente o relato de Phillips, em vez de aproveitar os fatos apresentados na menção honrosa da Medalha de Honra de John. Meses antes de John voltar, ele divulgara pelas agências de notícias um pôster do herói com o título: “O sarg. John Basilone recebeu a Medalha de Honra do Congresso por heroísmo extraordinário no Pacífico Sul... Manteve-se firme em sua posição, operando a metralhadora por 72 horas, sem comer e sem dormir, e foi responsável pelo aniquilamento de praticamente um regimento de japoneses inteiro.”³²¹ A maioria dos jornais noticiou que John era o único fuzileiro sem patente que recebera tal honraria até então.

As linhas gerais da história eram boas, mas ela esfriara depois de alguns meses. Os jornalistas haviam entrevistado sua família, os amigos e um professor seu do ensino primário, mas agora era hora de entrevistar o homem em si. A primeira entrevista foi feita em Washington, onde John declarou aos jornalistas que não tinha muito que dizer sobre “a noite do ataque-relâmpago” inimigo. Como ficava embaraçado ao falar com jornalistas, começou a transpirar. Perguntaram o que ele achava do inimigo. Depois de explicar que os japoneses corriam como loucos na direção das metralhadoras, concluiu: “Acho que não tinham a inteligência necessária para vencer a batalha.”³²² Na tentativa de se explicar melhor, acrescentou: “Pareciam um bando de gorilas arremetendo contra nós. Deviam saber que não podiam se atirar daquele jeito contra as metralhadoras.”³²³ No fim da entrevista, ele se levantou e confessou: “Isso é pior do que combater japoneses.”³²⁴

Não chegou a ser um sucesso estupendo. Não tiraram uma foto sequer dele. John estava usando o mesmo

uniforme com que chegara a Washington, pois suas duas mochilas de marinheiro não haviam chegado. Mas o pior foi que ele menosprezara a capacidade militar do inimigo, e os agentes publicitários da Marinha, dos fuzileiros navais e do Departamento do Tesouro não queriam que seus porta-vozes se referissem aos japoneses como pessoas estúpidas, pois isso podia diminuir o interesse pela compra de bônus de guerra. E o governo americano precisava do dinheiro gerado com a venda desses bônus. Assim, a Marinha designou o tenente W. Burns para coordenar as aparições em público de John e escoltá-lo. Burns perguntou ao Manila se ele ainda tinha o uniforme de gala azul do corpo de fuzileiros, pois o “azul” tinha mudado.³²⁵ “Quem você acha que sou, tenente?”, perguntou John. “Um fuzileiro do Arsenal da Marinha?”³²⁶ Ou seja, pelo que ele sabia, só os burocratas de Washington é que usavam uniforme de gala azul. Já os fuzileiros envergavam farda de gala verde em ocasiões solenes e, quando precisavam sujar as mãos com óleo de metralhadora, usavam macacão. Recusou-se, portanto, a vestir a farda azul. O tenente Lee não o obrigou a usá-la. Mas avisou que ele teria que abandonar o hábito de chamar o inimigo de “estúpido” e de “gorila” dali por diante. Quanto ao exagero do “ataque-relâmpago”, em seu comunicado à imprensa complementando as declarações de John, as autoridades não retificaram as declarações do Manila, mas corrigiram sutilmente a afirmação de que John fora o primeiro fuzileiro sem patente a receber a maior condecoração do país por coragem.³²⁷ Reconheceram que John era o único graduado vivo agraciado com a honraria. Os jornalistas não perceberam, todavia, que John não se apresentara à imprensa com a medalha e que aquilo que ele ostentava no peito era a barreta.

John e seu relações-públicas e “assessor” pegaram o trem para Nova York, onde chegaram na tarde de sexta-feira, dia 3 de setembro de 1943. Ao contrário de Washington, a iluminação das ruas e dos estabelecimentos fora reduzida, pois refletiam nos navios ancorados no porto e podiam torná-los alvos fáceis para navios de guerra alemães.³²⁸ John se encontrou com os pais, que trouxeram consigo Alfred Gaburo, o copresidente do Comitê do Dia de John Basilone.³²⁹ John havia sido motorista de caminhão da lavanderia de Gaburo. Estavam ansiosos para pôr John a par de muita coisa. Gaburo deve ter falado sobre os planos da parada e dos festejos que fariam em sua homenagem. E é bem provável que seus pais lhe tenham falado com euforia sobre o interesse que a medalha despertara em relação a eles e à família. Em julho, a prestigiosa Columbian Union convidara Salvatore e Theodora para uma festa de gala no Robert Treat Hotel, em Newark, onde os homenagearam com uma placa comemorativa.³³⁰

A distinção e o reconhecimento concedidos a seus pais por um grupo dos mais respeitados e influentes cidadãos de Nova Jersey devem ter deixado o John contente, embora talvez ele não tenha ficado tão impressionado quanto esperavam. Tal reação deve ter levado seu pai a tentar fazê-lo entender isso chamando-o por seu verdadeiro nome, tal como constava na certidão de nascimento: Giovanni.³³¹

Giovanni Basilone fora criado num país cujo povo via os italianos com desprezo. A América dos brancos não gostava da religião deles, de seus livros e de seus costumes. Embora seu filho sempre fosse chamado de John em público, Salvatore Basilone havia sido membro ativo de organizações como Os Filhos da Itália, que

mantinha viva a cultura de sua terra natal. Fazia décadas que Salvatore, imigrante preocupado com as relações entre os dois países, sabia que o objetivo dos Estados Unidos era manter baixa a entrada de imigrantes italianos no país, enquanto incentivavam a imigração dos que eram mais anglo-saxões, mais protestantes e mais brancos. Todavia, a amargura que seu pai sentia diante de tal injustiça não era novidade para John.

Nessa noite, talvez a notícia que os Salvatore lhe deram tivesse a ver com as medidas que o governo vinha tomando contra imigrantes italianos desde que começara a guerra contra a Itália.³³² Disseram a ele que milhares de imigrantes haviam sido presos e que dez mil italianos tinham sido forçados a abandonar suas casas na costa oeste. Outros quinze mil viviam sob o toque de recolher e tinham ordens para nunca deixarem de levar consigo a carteira de identidade. A maioria dessas pessoas morava na costa oeste e fora classificada como estrangeiros inimigos, grupo que incluía todos os italianos nascidos no país, mas que não tinham conseguido a cidadania americana.

O governo, porém, não havia publicado nenhuma informação sobre o cumprimento do decreto de lei número 9066.³³³ O decreto, assinado pelo presidente, autorizava o governo a agir contra os imigrantes assim classificados e — horror dos horrores! — os imigrantes italianos foram classificados na mesma categoria dos imigrantes japoneses. Além disso, o decreto criava a Polícia de Detenção de Imigrantes Inimigos, órgão encarregado de encaminhá-los para reclusão em campos de concentração ou “zonas de confinamento”. Essa corporação havia restringido as atividades pesqueiras de pessoas de descendência italiana nas águas de Nova Jersey, Nova York — em ambos os sentidos do litoral leste. Ademais, ferroviários italianos não podiam trabalhar em certas regiões. Em ação coordenada com o FBI, a Polícia de Detenção de Imigrantes prendia homens que violassem o toque de recolher ou que tivessem uma máquina fotográfica em casa. De acordo com algumas histórias que circulavam na época, houve casos em que agentes do FBI invadiram lares de Nova York no meio da noite e levaram embora os homens da casa. Se um famoso cantor de ópera, como Ezio Pinza, podia ser preso e encarcerado em Ellis Island, nenhum dos filhos da Itália podia viver em paz nos Estados Unidos.

As sanções oficiais haviam incentivado o aumento da discriminação pública. Algumas empresas demitiam pessoas que se comunicassem em italiano com os clientes. Outras simplesmente se recusavam a contratá-las.³³⁴ Todas essas realidades ficavam fora dos principais setores da mídia e, portanto, se tornaram segredos vergonhosos, que passaram de um imigrante para outro. Mas os italianos, o maior grupo de origem estrangeira nos Estados Unidos, sabiam como reagir. Embora cioso de sua origem, Salvatore Basilone se orgulhava também de ser americano. Queria que os Estados Unidos derrotassem o ditador italiano, Benito Mussolini, bem como a Alemanha e o Japão. Criticar as medidas do governo contra os italianos que ele considerava perigosos seria visto como atitude antipatriótica. E reconhecer a discriminação era humilhante.

John carregava em suas costas de homem forte o peso da iniquidade do mundo. Sal, Dora e Alfred devem ter feito o possível para que ele entendesse que a história de John Manila Basilone havia começado a reparar essas injustiças. Em junho, quando a história chegou ao conhecimento da imprensa e do público, o comandante da Marinha que comunicara o fato à mídia afirmou: “Não caio nessa conversa de que os italianos são covardes

natos.” A United Press International, cujas matérias eram publicadas em jornais em todo o país, dirigira incisivamente sua primeira matéria sobre o assunto ao ditador italiano, intitulando-a “Escute aqui, Benito: Temos Orgulho de Nosso Búfalo-Nato Basilone!”.³³⁵ Alguns dias depois, os jornalistas foram parar na cidade natal do herói. Quando inquirido a respeito do filho, Sal falou à nação em nome de todos os italianos: “Claro que estou orgulhoso. Amo minha família e sempre me preocupo com o Johnny, mas também amo este país tanto quanto amo meu próprio filho e quero que esta guerra acabe logo. Fico contente em saber que talvez o Johnny possa ajudar a apressar isso.”³³⁶ Desde então, Sal se distanciara dos grupos que festejavam a descendência italiana. Dora mentira para os jornalistas ao dizer que havia nascido em Raritan, Nova Jersey.³³⁷ Seus pais enfatizaram que três de seus filhos estavam no serviço militar: Alphonse, John e George, sem mencionarem que, nas certidões de nascimento dos dois últimos, seus nomes constavam como Giovanni e Giorgio.³³⁸

Na manhã do dia seguinte, sábado, 4 de setembro, John reuniu-se com um grupo de jornalistas na sala de imprensa da Marinha na Church Street, 90, Manhattan.³³⁹ Providenciaram para que ele comparecesse com elegância à coletiva de imprensa, envergando o uniforme de gala principal, verde e muito bem passado. Iniciou a entrevista dizendo que estava “nervoso”. A confissão, e a forma pela qual ele se retraía, algo assustado, quando os flashes das câmeras eram disparados, começou a cativar a simpatia da assistência. Em voz baixa, John apresentou um resumo do que acontecera naquela noite. Explicou que a “multidão de 38 japas”, a respeito da qual os jornalistas não paravam de falar, não tinha sido morta, na verdade, porque ele a enfrentara sozinho, mas com a ajuda de Billie Joe Crumpton e Cecil Evans. A respeito do inimigo, observou: “Os japas sempre se lançavam contra nós aos gritos. Isso servia para nos alertar” e facilitava a localização deles. Esforçando-se para tornar o relato mais leve, John prosseguiu: “Gritávamos também, mas o que dizíamos não pode ser ‘repetido em público’. O fato é que revidávamos com tudo mesmo.” Os jornalistas gostaram de ver que Basilone descrevera a batalha “sem tentar impressionar” os ouvintes com pose de herói, mas depois fizeram várias perguntas, na ânsia de obterem informações sobre alguma ação heroica, levando Basilone a repetir a observação espirituosa da entrevista anterior: “Isso é pior do que enfrentar japoneses.”

Após a entrevista, John Manila foi levado para um encontro com Fiorello La Guardia, o prefeito de Nova York, na prefeitura.³⁴⁰ Ao chegar ao gabinete dele, John contornou a grande e floreada mesa de um dos mais importantes políticos dos Estados Unidos. Os dois ficaram ombro a ombro, ladeados por bandeiras, olhando para os jornalistas, fotógrafos e uma grande câmera cinematográfica, montada do outro lado. O prefeito La Guardia, sujeito atarracado, uns 30 centímetros mais baixo que Basilone, estava à vontade diante da mídia. Ignorando John, tamborilava os dedos na mesa e mordida os lábios, esperando o sinal. Quando os cinegrafistas disseram que estavam prontos, La Guardia virou-se para John, levantou a cabeça, olhou-o direto nos olhos por alguns segundos e depois para a medalha, enquanto dizia: “Sargento John Basilone, tenho imensa satisfação em recebê-lo, o primeiro fuzileiro graduado a receber a Medalha de Honra do Congresso. Estamos muito

orgulhosos de tê-lo em Nova York!” Como era italiano, o prefeito pronunciava o *e* final de Basilone.¹⁷ Após essas últimas palavras, La Guardia estendeu o braço e apertou com força a mão de Basilone.

— Diga-me, sargento, os japoneses são durões?

— Sim, são durões — respondeu ele —, mas os fuzileiros navais são mais durões que eles. — Basilone disse isso olhando para o teto.

— Os fuzileiros são sempre mais durões.

— Sim, senhor.

— Vejo que ostenta a Medalha de Honra do Congresso — observou o prefeito enquanto estendia o braço para tocar na fita estirada no peito do herói; ele não trazia a grande medalha pendurada no pescoço.

— Sim — respondeu John, olhando vagamente para um ponto qualquer. La Guardia já havia se virado e apagara o sorriso. Normalmente, seu rosto transparecia cansaço e irritação. Olhava agora para o pessoal da mídia, avaliando a reação deles, na expectativa de uma resposta. Distante alguns metros dele, John também aguardava. O prefeito, ao lhe informarem que ele havia errado a fala, voltou-se para Basilone e abriu instantaneamente um sorriso:

— Diga-me, sargento. Os japoneses são durões?

— Sim, senhor. Os japoneses são durões, mas os fuzileiros são mais durões do que eles.

— Os fuzileiros são sempre mais durões!

— Sim, senhor.

— Esta é a barreta da Medalha de Honra do Congresso? — Ele levantou os braços e começou a examinar a barreta.

— Sim. — Mais uma vez, o prefeito baixou as mãos bruscamente, como se tivesse tocado em algo pelando de quente, e olhou para os jornalistas. Em seguida, começou a discutir exasperadamente com seus assessores e jornalistas. E resolveu fazer um discurso. Nisso, a câmera enquadrou-lhe o rosto bem de perto. Começou dizendo que John fizera algo muito além do próprio dever e, com atitude grave e solene, foi escolhendo as palavras para enaltecer a necessidade de os americanos comprarem bônus “muito além do próprio dever.” Mas acabou desistindo, de repente:

— Ah... corta! — Tentou de novo. Dessa vez, com delicadeza, mas enfaticamente, exortou os ouvintes: — Compre bônus de guerra muito além de suas possibilidades, pois temos que abrir mão de alguma coisa. Temos que fazer algum sacrifício... — Como achou que se saiu bem, combinou com os jornalistas para que fizessem outra tomada dele falando com John. E ficou esperando, e Basilone também. Pouco depois, a câmera voltou a enquadrá-los.

— Sargento, poderia nos falar algo sobre como conseguiu fazer isso? Você deve ter feito picadinho deles!

— Sim, senhor! — respondeu John. — Minha unidade era boa. Tinha bons soldados. Tive a sorte de fazer parte dessa equipe. Mas qualquer colega teria feito a mesma coisa no meu lugar.

— Fala como um fuzileiro, hein, sargento?! De onde seu pai é?

— Meu pai é de Nápoles.

— E meu pai é de Foggia. Mas somos americanos! — Dito isso, apertaram as mãos e irradiaram sorrisos sinceros por alguns segundos. Quando, porém, os assessores do prefeito gritaram algo, La Guardia soltou bruscamente a mão de Basilone e se afastou. Nisso, a câmera se aproximou do Manila, enquadrando-lhe o rosto. Longe da câmera, La Guardia pediu a Basilone que explicasse como tinha conseguido ganhar a medalha. Basilone repetiu sua fala sem errar. Repetiram também o trecho em que se perguntavam de onde seus pais eram, com a câmera gravando a fala de Basilone em atitude séria. Depois disso, a encenação terminou. Cada um falara como se estivessem conversando de perto, sem de fato estarem um de frente para o outro. O prefeito cumprira o seu papel e, com isso, mostrara a John Manila como cumprir o dele. Estava pronta a mensagem que deveria ser transmitida aos nova-iorquinos.

Nos dias seguintes, os jornais cumpriram o papel deles. Um jornal de Nova York apresentou em destaque uma grande fotografia de John em sua edição de domingo, com o título “Matador... de 38 Japas”.³⁴¹ As matérias falavam na graça que os jornalistas achavam do fato de John sentir-se constrangido nas entrevistas — diziam que nem os japoneses o faziam se assustar tanto quanto os flashes — e garantiram aos leitores que ele era modesto em relação aos próprios feitos. Acrescentaram que John elogiara os amigos o tempo todo para que seus leitores entendessem que “eles eram uma grande equipe”. Depois de explicarem como foi que ele ganhara o apelido de “Manila”, os jornalistas classificaram como modéstia os seus esforços para explicar que ele era apenas parte de uma equipe. As informações, porém, que não conseguiram arrancar dele, eles as obtiveram de Nash Phillips. A edição de domingo do *New York Times*, por exemplo, explicou como ele matara “38 japas sozinho” em duas noites de combate.³⁴² Foi assim que John Manila Basilone “contribuiu para o aniquilamento de quase um regimento japonês inteiro”.³⁴³ Acrescentaram que na palavra “contribuiu” estava implícita a ideia da cooperação da companhia Able, que sofreu o grosso do ataque; dos outros fuzileiros das companhias Charlie, Baker e Dog, alguns dos quais fizeram tudo que o Manila fez; dos soldados do 164º. Regimento de Infantaria, que haviam chegado ao campo de batalha num momento crítico; dos fuzileiros do 11º. RIFN, que lançaram uma chuva de projéteis do outro lado da barreira de arame farpado; e de Cecil e Billie Joe, que conseguiram defender suas posições — cercados, feridos, corajosos — o tempo suficiente para que John Manila os alcançasse.

Setembro começara tal como agosto terminara. O regimento de Sid havia deixado o estádio de críquete para treinar em outro lugar. Estava bivaqueado agora a uns 30 quilômetros para além do perímetro urbano de Melbourne, numa área campestre, nos arredores do povoado de Dandenong. Não era muito longe do acampamento do 7º. RIFN. E começaram a treinar pra valer: soluções práticas de problemas de campo e marchas de condicionamento físico, entremeadas por inspeções e outras formas de se manter a disciplina. Sid teve poucas oportunidades para experimentar as delícias de Melbourne. Abrigar-se em barracas era sinônimo de ficar exposto ao frio, à chuva e aos fortes ventos do inverno. Certa tarde, o sargento incluiu Sid num destacamento de serviço. Um caminhão cheio de fuzileiros foi para o povoado de Dandenong, onde deveriam

fazer o desembarque de um carregamento de carvão de um trem e pô-lo no caminhão para ser usado nos fogões do 1º. RIFN. Do outro lado da rua, em frente ao pátio de manobras ferroviário, havia um bar. O sargento, depois de fazer seus soldados prometerem que silenciariam sobre o episódio, recolheu 2 xelins de cada um. Em seguida, Pegou Sid e foi até o bar com ele.

No bar, viram uma bela loura sentada com uma caneca de cerveja na mesa, completamente nua do ventre para cima, pois estava amamentando. Sid ficou impressionado com os dotes da mulher. Depois que ela os cumprimentou, saudação que fez com certa simpatia, o sargento pediu uma garrafa de Melbourne Bitter de um litro para cada um dos soldados do destacamento. Enquanto o atendente providenciava o pedido, a mulher, fazendo um gesto na direção do bebê, contou a eles que “o pai do bastardinho ianque” era um marinheiro americano embarcado no cruzador *Quincy*. Sid lembrou-se de que os japoneses haviam afundado o *Quincy* um ano antes nas águas ao largo de Guadalcanal, mas não disse nada à mulher, mesmo porque aqueles grandes seios de fora o deixavam quase hipnotizado. De repente, a jovem mãe começou a fazer críticas e queixas acerbadas contra os marinheiros americanos, dizendo que eram uns “inúteis”. Para grande surpresa da australiana, os dois marinheiros americanos que a ouviam concordaram sinceramente com tudo o que ela disse. O sargento de Sid explicou que “a maioria dos marinheiros americanos fora recrutada entre presidiários, que precisavam da presença de fuzileiros a bordo de seus navios para vigiá-los e fazê-los manter a disciplina”.

O sargento deixou o bar levando consigo o nome e o endereço da mulher, após prometer-lhe voltar com notícias. Sid saiu do estabelecimento com um saco de aniagem cheio de garrafas de cerveja. Após terminarem de descarregar o carvão e passá-lo para o caminhão, os integrantes do destacamento voltaram para o acampamento com muito bom humor, tomando cerveja e cantando “Que Deus Abençoe a Todos” e “Quando Esta Guerra Terminar, Vamos nos Alistar de Novo”. Quando o Decano viu que Sid estava bêbado, passou um longo sermão no amigo, advertindo-o sobre o pecado dos “vícios”.

Na segunda-feira, 6 de setembro, na Divisão de Comunicação Social do CFNA, Basilone recebeu as ordens oficiais com os detalhes de sua turnê para ajudar a vender bônus de guerra. John Manila integraria o 5º. Esquadrão da Airmada e partiria de Nova York em 8 de setembro. Depois dos primeiros eventos, em Newark, no dia 9, viriam outros, em diferentes cidades, realizados diariamente, durante dez dias. O último comício do 5º. Esquadrão seria na cidade natal de Basilone, num domingo, dia 19 de setembro de 1943.³⁴⁴ As estrelas do 5º. Esquadrão começaram a chegar: a atriz Virginia Grey, os atores John Garfield e Gene Lockhart, bem como alguns militares. Organizaram um espetáculo no Capitol Theatre, em Manhattan.³⁴⁵ Participaram também de um programa transmitido ao país inteiro chamado “Pronunciamento à Nação”, que incluía um discurso do presidente Roosevelt.³⁴⁶ Ninguém se esqueceu de repetir o slogan da Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra: Apoie a Guerra! Uma das observações que mais chamou a atenção do público foi a de John Manila Basilone, em que dissera reconhecer que “partes de sua Medalha de Honra do Congresso pertenciam aos rapazes que continuavam nos campos de batalha”.³⁴⁷

Já antes de irem para Newark, cartazes anunciavam a chegada da “Airmada dos Veteranos de Guerra”. Anúncios pagos informavam o horário dos eventos, os nomes dos “heróis de guerra” e dos artistas que estavam descendo “Do Céu ao seu Encontro!”.³⁴⁸ A maioria desses anúncios foi publicada em jornais, mas um pequeno dirigível da Marinha sobrevoou Newark e lançou sobre a cidade “bombas de papel”. John e os outros aterrissaram em Newark às 10h30. A primeira fotografia do grupo de artistas da Airmada mostrava seus integrantes na frente de um avião, porquanto viajar de avião na época dava muito prestígio e o avião fazia parte da campanha.

A viagem do aeroporto até o centro da cidade foi como um desfile. Na frente da comitiva, cujos membros foram levados em carros abertos, ia uma banda de música, acompanhada por caminhões dos bombeiros e unidades militares. Só viram multidões mesmo quando se aproximaram do local do comício.³⁴⁹ No palanque, Virginia Grey e John Garfield chamaram muita atenção, mas também o penteado e o vestido de Grey, além da afirmação de Garfield de que ele “não era durão”. As duas estrelas iniciaram a cerimônia soltando dois pombos-correios, cada um deles para uma das Potências do Eixo; a Itália, a menor ameaça das três, havia se rendido alguns dias antes.¹⁸ Os pombos levavam a mensagem “Pela Vitória — Um Tomba, Dois Continuam!”.³⁵⁰ Acompanhados pelo ator Gene Lockhart, eles entrevistaram “as verdadeiras estrelas do espetáculo”: os “cinco heróis”. Depois que todos falaram, a “tropa” voltou para o hotel, onde se preparou de novo, dessa vez para ir a uma recepção de gala no teatro Vitória e assistir a uma exibição de estreia especial do filme *Mr. Lucky*. Aliás, a rendição da Itália criara um clima de muito otimismo e euforia para a campanha, tanto que o representante do Tesouro americano previu que, só em Newark, Nova Jersey, eles conseguiriam 1,2 milhão de dólares.

Na manhã seguinte, a Airmada partiu para Jersey City, de onde, em 18 de setembro, seguiria para New Haven, Providence, Manchester, Worcester, Albany, Syracuse, Rochester e Scranton.³⁵¹ Visitas à prefeitura e a participação em jantares especiais com “cidadãos eminentes” foram acrescentadas à turnê. Os eventos tinham nomes parecidos: “Almoço de Um Milhão de Dólares” e “*Première* do Herói do Bônus de Guerra de Um Milhão de Dólares”. John Garfield apresentou Basilone várias vezes, ocasiões em que lhe dava um grande sorriso e um forte aperto de mãos, como se não se conhecessem. Garfield dizia ao público: “Não acreditem quando disserem que os italianos não são capazes de lutar. Quando precisam combater, eles lutam muito e pra valer. Temos milhares deles em nosso Exército e sabemos muito bem disso.”³⁵² É possível que o ator estivesse apenas seguindo as orientações do Departamento do Tesouro, que pretendia consolidar a imagem dessas turnês como símbolo da pluralidade racial dos Estados Unidos, enfatizando que a diversidade era o ponto mais forte do país.

O ideal da unidade nacional exercia grande influência sobre as comunidades de imigrantes. Nas multidões que a Airmada atraía, havia pessoas oriundas de todas as partes do mundo, em busca de uma vida melhor nos Estados Unidos da América, onde encontraram um país mais à altura de seus anseios de felicidade do que em seus países de origem, mas onde os obstáculos que a sociedade lhes punha no caminho barravam seus avanços:

na esfera da religião e da preservação de seus valores étnicos. O Departamento do Tesouro americano fez questão de providenciar para que todos os grupos étnicos comprassem sua devida cota de bônus de guerra, como forma de provarem sua lealdade.³⁵³ De acordo com o Tesouro, as portas para a fama e a fortuna estavam abertas a todos que fossem fiéis ao país. O bônus de guerra custava 18,75 dólares, mas, com uns poucos centavos, qualquer um podia adquirir selos e trabalhar para comprar pelo menos um bônus, que valeria 25 dólares cinco anos depois. A compra de bônus representava a defesa do estilo de vida americano. Em sua cobertura da Terceira Campanha de Levantamento de Fundos, os jornais observaram que os heróis representavam todos os serviços das Forças Armadas, bem como “algumas raças”, embora a de John Manila fosse a única mais escura que a dos americanos brancos.³⁵⁴

Geralmente, os jornais gastavam mais tinta com estrelas de Hollywood do que com heróis. Com o tempo, as estrelas eram substituídas por outras — Eddie Bracken e Martha Scott foram as atrações dos espetáculos em Albany — e apareciam também convidados especiais, como o líder de banda e compositor Glen Miller, em New Haven.³⁵⁵ Nas notícias sobre heróis de guerra, geralmente a matéria incluía uma fotografia de John Manila e podia ter como título “Matador de Japas Acena para o Público”, acompanhada por algumas frases, como “moendo japas” e “destroçando dois mil japosas”.³⁵⁶ Já os outros veteranos recebiam menos atenção. Mas o cabo da Marinha Elmer Cornwall, por exemplo, pôde “contar como perdeu 22 quilos quando ficou à deriva num barco salva-vidas por 36 dias com provisões para apenas 15”.³⁵⁷ Houve outros com histórias semelhantes, como os dos que venceram grandes dificuldades para sobreviver, quando tudo indicava que morreriam fuzilados ou estraçalhados pelos japoneses. John Manila, porém, era o único descrito como o que vencera o inimigo num confronto cara a cara.

Basilone gostava de provocar os veteranos da Marinha, dizendo, por exemplo, que os “marinheiros sabiam exagerar...” como ninguém nas histórias que contavam e que “algumas de suas histórias horripilantes me fazem ter vontade de comprar bônus”.³⁵⁸ No fim do dia, quando ele e os colegas iam tomar uns tragos no bar, geralmente John ia embora antes que o excesso de bebida causasse efeitos desastrosos entre os membros da turma. Uma vez que a Airmada ficava hospedada no melhor hotel da cidade, quase sempre aparecia um grupo de pessoas com a esperança de conhecer os artistas de Hollywood.³⁵⁹ Mas nem todos os visitantes estavam interessados em tietar estrelas. Colegas que serviram com John iam lá para deixar uma mensagem para ele na caixa postal da recepção.³⁶⁰ Mães e namoradas dos soldados que serviam além-mar apareciam em busca de notícias dos filhos ou dos namorados.³⁶¹ Certa feita, a mãe de Thomas “Franguinho” McAllister, por exemplo, atravessou a multidão para falar com Basilone — o filho dela tinha servido com ele. A respeito do Franguinho, cujo apelido era resultado de seu jeito e aparência de garoto, John disse à sua mãe: “Ora, ele não é mais o bebezinho da mamãe...”³⁶² Mas o único tipo de visitante que deixava John realmente irritado era “o sujeito que puxava a roupa dele no bar e perguntava: ‘O que é essa fita azul com estrelas brancas que você está usando, soldado?’”

“É por bom comportamento”, respondia John. Procurava esquecer a irritação por ser chamado de “soldado” e procurava ser simpático, embora talvez essa mesma rotina cansativa se repetisse em todas as cidades. Quando o sujeito era de meia-idade, começava “a contar vantagens de sua participação na Primeira Guerra Mundial. Já quando era relativamente jovem, chorava no ombro dele, dizendo que tentara várias vezes entrar para as Forças Armadas, mas sempre fora rejeitado, ora por causa de inflamação no joelho, ora por problema de amígdalas, ora por outro motivo qualquer”.³⁶³

Na noite de sábado, a Airmada voltou de avião para Nova York. O anonimato de que Basilone desfrutava na grande cidade permitiu que tivesse um jantar tranquilo, já que não era tão famoso que pudesse ser reconhecido imediatamente. Certa noite, uma senhora, com pena do solitário fuzileiro que ela vira no restaurante do hotel, resolveu pagar-lhe o jantar. John não falou nada sobre a medalha, a turnê de arrecadação de fundos ou Guadalcanal. A senhora achou Basilone um jovem simpático e agradável.³⁶⁴

Na manhã de domingo, às 8 horas uma viatura foi pegar o Manila para levá-lo ao lugar em que todos conheciam seu nome, seu rosto e sua história.³⁶⁵ As atrizes e os atores que o acompanharam não eram tão famosos: Virginia O'Brien, Louise Allbritton e Robert Paige.³⁶⁶ Foram para Nova York pela Rota 29, a mais de 110 km/h e escoltados pela polícia, que foi na frente, abrindo caminho pelo trânsito. No semáforo do cruzamento da Somerset Street com a Rota 31, que indicava o acesso a Raritan, o prefeito Peter Mencaroni e o presidente William Slattery, do Comitê de Recepção do Distrito, o esperavam para cumprimentá-lo.

Quando entraram em Raritan, viram sua primeira parada, a St. Ann's Church, situada pouco depois da multidão que se juntara mais adiante. Como a programação do dia de John na cidade havia sido divulgada, a igreja ficou lotada durante a Grande Missa e aqueles que não conseguiram entrar ficaram esperando do lado de fora para vê-lo. John Manila encontrou-se com a família na igreja que ela frequentara a vida inteira. John tinha convidado para a missa seu amigo Steve Helstowski, que servira com ele em Guadalcanal. Basilone pediu ao reverendo Graham que celebrasse uma missa em benefício de “seus amigos em Guadalcanal”.³⁶⁷ Durante o sermão, o reverendo observou que a vida de John “seria um exemplo para a juventude americana”, que “Deus o havia poupado para um trabalho grandioso”.³⁶⁸ Depois da missa, os jornalistas quiseram saber o que tinha acontecido dentro da igreja. John respondeu que rezara por todos os colegas de farda e especialmente em favor de um fuzileiro, amigo que “compartilhara das ‘travessuras’ dele na trincheira, mas que não voltou” de lá.³⁶⁹ Não citou o nome do colega. John fez com que Steve o acompanhasse de perto quando partiram para um encontro com “dignitários”, os membros do Comitê do Dia de John Basilone, antes de almoçarem.

No almoço, Steve, seus pais e dois outros padres da igreja sentaram-se com John à mesa. Basilone tinha boas notícias para a mãe. Disse a ela que, depois que completasse a “Turnê de Incentivo da Marinha”, que começava no dia seguinte, teria um mês de folga.³⁷⁰ Após o almoço, foram de carro para Somerville, onde o desfile começou às 13 horas.

Steve foi no banco da frente do conversível, ao passo que seus pais foram no banco traseiro. John Manila

Basilone seguiu na parte de trás do carro, onde a multidão podia vê-lo e saudá-lo. Um destacamento de fuzileiras navais ladeava o carro, que se perfilou na longa fila de automóveis. Doze bandas marciais desfilavam de mistura com uma grande variedade de representantes de organizações civis e militares. Numerosos grupos de sociedades ítalo-americanas participavam do desfile. Um pequeno dirigível da Marinha sobrevoou o local enquanto o carro de John Manila atravessava os três quilômetros do percurso, ocupado por uma multidão de trinta mil pessoas. Ele acenava o tempo todo, sorridente, e às vezes mandava beijos.³⁷¹ Tanto Somerville quanto Raritan haviam sido enfeitadas para a ocasião. Um comerciante mandara pintar na fachada da loja “um cemitério com túmulos de 38 japoneses e uma metralhadora, tendo ao fundo um pôster de Basilone”.³⁷² Em outra loja, o dono mandara fixar dois pôsteres lado a lado: um do general Douglas MacArthur e outro de John Manila Basilone.³⁷³

Uma grande multidão já havia se formado quando o carro de John entrou na propriedade de Doris Duke Park, de frente para o centro de Raritan, do outro lado do rio. Ele, seus pais e Steve Helstowski seguiram para a tribuna de honra. Entre os convidados sentados na tribuna estava John M. Rilley, 66 anos de idade, oriundo de Mountainville e combatente ganhador da medalha de Honra do Congresso por sua atuação na Guerra Hispano-Americana.³⁷⁴ A vitória americana contra a Espanha possibilitara que o país confirmasse sua soberania sobre as Filipinas e, assim, sobre Manila, a querida cidade de John. Harry Hershfield, famoso humorista e apresentador de um programa de rádio transmitido para toda a nação, atuou como mestre de cerimônias. Harry seguiu para o microfone e animou o festejo até o fim. Em todos os alto-falantes, soava forte sua voz fazendo elogios ao heroísmo de John Manila Basilone, apontando-o como um exemplo para todos os americanos. Nos intervalos dos discursos, artistas entraram em cena para animar a festa: o comediante Danny Thomas foi um deles. Outra atração que entreteve o público foi Maurice Rocco, descrito como o “pianista negro do jazz *boogie-woogie* que dispensa o banquinho para tocar”.³⁷⁵

A caminho do palco, a atriz Louise Allbritton parou para dar um beijo no rosto de Basilone, que estava sentado. Quando ela se virou e fez menção de seguir para o palco, a reação da multidão, além do manifesto entusiasmo dos jornalistas e fotógrafos reunidos no local, a fez virar-se, pegar John pelo braço com ambas as mãos e puxá-lo. Ele se levantou lentamente. Nisso, ela fez sinal para o público, como se dissesse: “Vejam!”, e deixou entender que iria beijá-lo na boca. John não quis beijá-la, pois sabia que esse beijo tinha o mesmo significado do aperto de mãos do prefeito La Guardia. Portanto, recusou o beijo, desviando-se ligeiramente e sorrindo meio sem graça. Mas ela o beijou no canto da boca, fazendo a multidão rir com entusiasmo. “Ah!...”, lamentou-se a srta. Allbritton quando concluiu o gesto. “Sempre tive vontade de beijar um herói.” O sargento não sabia o que dizer.³⁷⁶ Alguns jornalistas acharam que a atriz “roubou a cena” e concluíram que John, que até então havia “tido controle total sobre si mesmo”, que passara pelo desfile e pela cerimônia “com a mesma coragem com que enfrentara os japas”, ficou com “medo de beijá-la”. Outro deles observou que “muitas moças ali presentes ficaram com ciúme”.

Por fim, quando o organizador do evento, o juiz George Allgair, subiu no palanque e se dirigiu ao John

para homenageá-lo, levou o público a aclamá-lo de pé. Os fotógrafos da primeira fileira de assentos se levantaram e dispararam uma enxurrada de flashes. A essa altura, quase não dava mais para ver e ouvir Allgair. Quando o juiz entregou a ele os 5 mil dólares de prêmio “em nome dos bons cidadãos de Raritan”, John ficou pálido. O sorriso fácil desapareceu quando o juiz disse que o prêmio era “uma demonstração do eterno amor e gratidão”³⁷⁷ que deviam a ele. Já sabendo como deveria se portar nessas ocasiões, Manila fez uma pausa para que os fotógrafos tirassem uma foto dele recebendo o prêmio.

Quando Basilone se pôs ao microfone, o público vibrou. Ele agradeceu com um belo e grande sorriso. Arrancou um trovão de aplausos do público, pois um de seus concidadãos, filho de um alfaiate, tornara-se um homem rico e famoso, com amigos também famosos. Mal sabiam seus admiradores que essa era uma das raras ocasiões em que pendurara a medalha no pescoço, para que pudessem ver a medalha real, em vez de apenas a barreta, fixada no peitilho. “O Maior Herói de Jersey” apagou aos poucos o sorriso e estendeu o olhar para um pouco além do público. Após agradecer ao juiz e aos “bons amigos de Raritan”, declarou: “Isso parece um sonho. Realmente, não sei o que dizer.” Acabou se esquecendo do papel no bolso com as frases que deveria pronunciar.³⁷⁸ Em seguida, voltou discretamente para o lugar em que se sentia mais à vontade, não sem antes dizer que, com certeza, “seus amigos” nas linhas de combate ficariam gratos a todos que “apoiassem a luta comprando bônus de guerra”. Na verdade, ele havia pretendido dizer: “A Medalha de Honra do Congresso pertence a todos os fuzileiros navais que tão heroicamente combateram em Guadalcanal.” Emocionado, apresentou-lhes o amigo Steve, “rapaz que atuou na mesma trincheira individual, que lutou a seu lado e que entrou de licença médica após deixar o hospital”. Steve levantou-se e se pôs ao lado dele. “E obrigado a todos vocês, do fundo do coração”, agradeceu John no fim do discurso.

Dora, sua mãe, foi para o microfone. John ficou atrás dela, com as mãos nos ombros da genitora, passando-lhe sugestões em voz baixa sobre o que dizer. Ela se esforçou para tentar falar, mas ambos acabaram desistindo. John se pôs ao lado dela e explicou ao microfone: “Típico dos Basilonos — tímida.” O público adorou. Chegou a vez do pai dele, que se levantou e se aproximou do microfone. Salvatore procurou fazer observações relativamente breves, expressas de uma forma digna e somente em italiano. Embora soubesse que muitos na assistência falavam italiano, queria que os que não falavam refletissem sobre o fato.

O grande evento terminou com uma canção original, interpretada por Catherine Mastice e intitulada “John Manila”.³⁷⁹ Basilone ficou sem jeito quando ela começou a cantar. O refrão “John Ma-ni-la, John Ma-ni-la, filho da Li-ber-da-de / A Glo-ri-o-sa ven-ceu corajosamente e libertou seus irmãos” correu melódico pela multidão.³⁸⁰ Quando tudo terminou, a família Basilone voltou para sua casa de dois andares no centro da cidade, não muito longe do parque e cujas portas ela mantinha abertas “para os muitos amigos do filho herói”.³⁸¹ Uma multidão de admiradores ocupava todo o gramado e até a metade da rua. Cinegrafistas filmaram John Manila do lado de fora da casa, alternando olhares nervosos para as câmeras com apertos de mãos de admiradores. De repente, alguém pediu que ele beijasse sua mãe. Com muito boa vontade, atendeu ao pedido e beijou o pai do sujeito também. Logo depois, beijou os dois novamente.

Na manhã seguinte, os jornais noticiavam que o total de vendas de bônus de guerra no Dia de Basileia chegara a 1,3 milhão de dólares. Manila voltou para o trabalho. Um fotógrafo da revista *Life* tirou fotos dele se barbeando, sem se esquecer de registrar, numa delas, ambas as tatuagens do herói. Um jornalista da revista *Parade* se juntou aos representantes da *Life*, todos procurando fuçar-lhe a vida ao máximo, em busca de grandes matérias. Haviam chegado antes do Dia de Basileia e permaneceriam em Raritan durante o restante da semana. Após o café, John Manila iniciou seu trabalho com a Turnê de Incentivo da Marinha. Conquanto a turnê só fosse começar a trabalhar em tempo integral dali a uma semana, ele visitou algumas fábricas das cidades em torno de Raritan.

Em encontros que teria com trabalhadores nas oficinas de fábricas ou na cantina, deveria transmitir a eles a certeza de que as roupas, o equipamento ou os armamentos que fabricavam para o Ministério da Guerra eram a causa das vitórias nos campos de batalha. Pediram a ele também que lhes agradecesse por fazerem horas extras. A empresa Johns-Manville, que havia comprado 500 mil dólares em bônus no Dia de Basileia, fabricava as luvas de amianto que os operadores usavam para manusear metralhadoras quentes. A fábrica de amianto mandou publicar um anúncio com a fotografia do Manila segurando as luvas. “Se não fossem essas luvas de amianto”, dizia o título, “eu estaria aqui hoje com as mãos e os braços inchados ainda”.³⁸² No almoço, “John Manila” foi apresentado ao cozinheiro-chefe da empresa, “Phil Filipino” Abarientos, que era imigrante também.

Manila achou o novo trabalho tão embaraçoso quanto o anterior. Ser apresentado como exemplo da moderna juventude americana o deixava constrangido. E ser o representante dos combatentes não era a mesma coisa que ser combatente.³⁸³ Quando chegou em casa, os jornalistas o aguardavam para fazer algumas perguntas. O fotógrafo da *Life* tirou uma foto dele comendo o macarrão preparado pela mãe.

Setembro havia começado bem para Eugene. O destacamento dos fuzileiros navais da Escola de Tecnologia da Geórgia tinha recebido um novo comandante, o capitão Donald Payzant. Na cerimônia de posse, o praça Sledge ficou observando os símbolos no uniforme do capitão Payzant. As medalhas de serviço em campanha e as distinções por tempo de serviço estavam presas no lado esquerdo do tórax, ao passo que a patente ficava na gola. A insígnia do 1º RIFN, costurada no ombro direito, apresentava uma palavra bem conhecida em todo o Ocidente: Guadalcanal. Payzant deu a Eugene exatamente o que ele queria — mais disciplina e maiores expectativas. O veterano tratava seus subordinados “como homens, e não como um bando de garotos”; se algum deles deixasse de se mostrar à altura dos padrões exigidos, Payzant o repreendia sem pensar duas vezes.

Numa tarde do fim de setembro, Sledge disse ao capitão Payzant que seu amigo Sid Phillips era fuzileiro. As cartas frequentes enviadas por Sid omitiam qualquer informação sobre o paradeiro dele, logicamente, mas Sid havia acabado de enviar à sua irmã Katherine uma placa de metal com caracteres japoneses. Sid disse que a arrancara de um Zero derrubado. O capitão Payzant respondeu que conhecia o praça Sidney Phillips muito bem. Sid servia na H/2/1, a companhia que Payzant comandara em Guadalcanal.³⁸⁴ “Nossa, como este

mundo é pequeno!”, pensou Sledge, bastante surpreso, antes de experimentar uma curiosidade incoercível de saber mais a respeito da vida de Sid. Provavelmente, Payzant deve ter lhe contado uma ou duas histórias sobre a GP-M4. E com elas veio a compreensão: Sid fizera parte da grande vitória; fora a causa da primeira derrota sofrida pelo Exército Imperial Japonês; e essa vitória fora conseguida pelo CFN dos Estados Unidos. Eugene, que tinha acabado de comprar um jogo de escritório, com porta-canetas, pasta de mesa de couro etc., para dar a Sid como presente de Natal, resolveu adiar o envio da carta e do presente.

À tarde, Payzant pôs no quadro de avisos os nomes dos dois rapazes que haviam sido reprovados e que seriam transferidos para a base de treinamento de recrutas de Parris Island. A lista não incluía o praça Eugene Sledge, que a ficou olhando fixamente, com emoções conflitantes fervilhando-lhe no íntimo. À noite, enviou uma carta à mãe dizendo que ainda corria o risco de ser reprovado e, portanto, expulso da escola por causa de suas dificuldades em física. “Eu detestaria sair daqui por ter sido reprovado”, prosseguia ele na carta, “mas também ficaria contente por sair”, pois queria ser como Sidney Phillips e “participar da peleja”. Mais adiante na missiva, abriu-se de corpo e alma para a mãe: “Quando eu tiver passado pela P. I. base de Parris Island, aí, sim, terei autoconfiança. Minha vida terá sentido. E serei um homem de verdade, mas esta chatice e perda de tempo aqui não é bom para ninguém.”

Numa decisão inteligente, sua mãe, que não queria ver o filho se tornar carne para canhão, evitou discutir o assunto do caminho que o filho obstinado achava que devia seguir para se tornar homem. Argumentou que a questão era que ele havia feito uma promessa aos pais. Além disso, ponderou que eles haviam cumprido a parte deles do acordo. Uma semana depois, Sledge enviou outra carta a ela: “Recebi sua carta e gostei do que disse. Estou muito envergonhado por haver dito aquilo e peço que me desculpem. Vocês são os melhores pais do mundo.” Embora, na carta, ele tenha repetido o desejo de abandonar o programa, passou rapidamente a falar de outras novidades. Disse que Katherine, a irmã de Sidney, tinha ido visitá-lo, visita que fora muito agradável, em que trocaram notícias sobre Sid e seus amigos. Katherine comentou que o irmão enviava mais notícias a Eugene “do que a qualquer outra pessoa”. Com as férias do semestre, no fim de outubro, se aproximando, Eugene usou parte dessa carta e da seguinte para combinar com a mãe os preparativos de uma visita sua a Atlanta. Fizeram planos para que os dois, depois que ela tivesse conhecido a escola, voltassem juntos para Mobile. “Sonho com isso”, escreveu ele na carta, “durante 24 horas por dia”.

A vida do John Manila dava publicidade e boas matérias. Assim como milhões de seus compatriotas, ele nascera no seio de uma grande família e de poucos recursos, como filho de imigrantes. Não demorou muito para conhecer sua luta em busca do próprio caminho, para saber o que realmente queria da vida, mas, por causa de seu grande sucesso, seus fracassos ganharam um brilho especial. A história de um garoto que deixara a escola quando ainda cursava a oitava série, do jovem que abandonara alguns empregos, teve um final feliz. Durante os preparativos para o Dia de Basile, muitos jornalistas haviam investigado todos os aspectos de sua vida — da criança turbulenta perseguida pelo touro num pasto; do jovem afável e sorridente que trabalhara como motorista de caminhão de uma lavanderia. Entrevistaram seu irmão caçula, seus ex-patrões, seus antigos

professores. Dora, sua mãe, lembrava-se da primeira surra do Johnny: “Adquirira o hábito de roubar maçãs e lhe dei uma boa surra por isso”, explicou ela.³⁸⁵ Os vizinhos chegaram a falar de ocasiões em que puderam testemunhar a coragem de Johnny quando ainda era garoto. A enxurrada de informações sobre sua vida inundou os jornais das cidades da parte oriental de Nova Jersey e de outras mais.

Na semana após o desfile do Dia de Basilone, os jornalistas da revista *Life* e de outras agências de notícias quiseram saber mais a respeito do homem em si. Enquanto o entrevistavam sobre a época em que ele trabalhara como carregador de tacos de golfe, descobriram uma interessante ligação sua. Ele contou aos jornalistas que carregara os tacos de ricos e influentes homens de negócio japoneses. “Os japas sempre levavam câmeras com eles e as usavam no campo, cujos arredores tinham uma vista maravilhosa, com fábricas, ferrovias e canais. Sempre sorriam e, gentis, deixavam passar os jogadores mais rápidos, que atravessavam o campo em menos tempo.”³⁸⁶ Na ocasião, achou estranho o comportamento deles; agora, via que mais parecia traição.

Já nos meados da década de 1930, sentira “o cheiro de um conflito iminente” no ar e resolveu entrar para o Exército. Quando seu tempo de serviço terminou, chegou à conclusão de que “o Exército não era muito arrojado para ele”. Os jornalistas e fotógrafos estudaram minuciosamente as tatuagens que ele mandara fazer quando estava no Exército. “Como lembranças de seu primeiro alistamento, ele tinha duas tatuagens grandes, belas e sensuais em cada um dos braços”, escreveu um jornalista depois. “No braço direito, ele exhibe, em suaves tons de azul e vermelho, o busto de uma jovem, adulta e sensual, típica do Velho Oeste. No esquerdo, com traços igualmente ousados, ostenta uma espada cravada num coração humano, com a tatuagem toda entrelaçada de estrelas, flores e uma fita, em que está escrito: ‘A morte! A desonra jamais!’”³⁸⁷

Nas entrevistas, John teve a oportunidade de negar algumas das falsas histórias que sua própria família divulgara. Em junho, os Basilone haviam dito aos jornalistas que John Manila “conquistara vários campeonatos de boxe no Exército”.³⁸⁸ Quando lhe pediram detalhes sobre o feito, John disse que chegara a tentar o boxe amador, na categoria peso médio, no torneio Golden Gloves, mas que não fizera “muito sucesso”.³⁸⁹ Diante disso, esqueceram o assunto. Quando um jornalista lhe perguntou depois o que pretendia fazer com o prêmio de 5 mil dólares, ele respondeu: “Quando a garota certa aparecer, vou comprar uma casa de dez quartos e porei um bambino em cada um deles.”³⁹⁰

Obviamente, os jornalistas acabaram voltando ao assunto da noite de 24 de outubro, a respeito da qual John não aprendera a fornecer detalhes muito precisos ou coerentes. Às vezes, confessava que sentira medo de morrer, como na ocasião em que percorrera correndo os 100 metros em busca de mais fitas de munição. Doutras, insistia em dizer: “Eu não sentia medo — nem tinha tempo para isso. Além do mais, tinha que me preocupar com meus homens. Se você não mantém a cabeça fria, não consegue se concentrar em nada.”³⁹¹ Afirmou também que, “no dia seguinte, os japas recuaram”, sem dizer objetivamente que essa batalha não durara três dias, como declarado anteriormente.

Quando pressionado pelo escritor James Golden, ao longo de uma entrevista de quatro dias, “a falar sobre

si mesmo e seus atos heroicos”, John respondeu: “Golden, esqueça a minha parte. Não havia um homem sequer no canal naquela noite ao qual não pertença uma parte da medalha que me foi concedida.”³⁹² Mesmo com essa resposta taxativa, o escritor não desistiu de continuar a pressioná-lo para sua matéria. Afinal de contas, presumiu Golden, John devia ter feito algo de extraordinário para ganhar a Medalha de Honra. Mas acabou chegando à conclusão de que Basilone era “simplesmente... modesto demais”. Nem o próprio Manila sabia exatamente o que ele fizera para merecer a Medalha de Honra, até ler a menção honrosa assinada por Roosevelt, meses depois. Golden convenceu John a pegar a velha azulzinha e usá-la com a medalha pendurada no pescoço para tirar uma foto sua. Quando a reportagem de Golden foi publicada, os leitores viram uma história igual à dos outros jornalistas que o entrevistaram, na qual Golden declarou que John Manila era “um fuzileiro formidável”.³⁹³

Terminadas as grandes entrevistas com a *Life*, a *Parade* e as reuniões com os industriais locais, John se preparou para visitar as fábricas de outras regiões, dando prosseguimento à Turnê de Incentivo da Marinha. Antes de partir, Basilone enviou uma mensagem a J. P., Greer e seus amigos da Companhia Dog,³⁹⁴ na qual lhes falou sobre a manhã que teve em Washington, quando um cabo entrou em seu quarto e perguntou: “Sargento Basilone, o senhor gostaria de se levantar agora?”³⁹⁵ Basilone sabia que seus amigos ririam de chorar com isso. Manila convenceu sua irmã Mary a enviar uma carta aos pais de Greer mandando notícias sobre o filho Richard,³⁹⁶ pois não se esquecera da promessa que fizera a Greer na Austrália. Em 27 de setembro, voltou para o escritório da Marinha em Manhattan e se apresentou ao superintendente de material bélico da Marinha.

Nesse mesmo dia, o tenente Benson ordenou que seu pelotão de morteiros recolhesse o equipamento, pois partiria num navio à noite. Nenhum membro da GP-M4 ficou surpreso com a partida, já que vinham se preparando para isso fazia semanas. Mas a notícia de que a 1ª. DIFN também fora transferida para o comando do general MacArthur, de modo que pudesse atuar na próxima operação de suas forças, caiu como um raio sobre eles, notícia que receberam também com escárnio. Fizeram depois a distribuição de bonés de serviço, que Sid jogou fora antes de embarcar no caminhão. O 2/1 chegou a Queen’s Pier, no centro de Melbourne, às 17h30, mas o equipamento deles só chegou após as 23 horas. Sid e o Decano trabalharam num destacamento de serviço, logicamente, até de madrugada. No dia seguinte, continuaram a tarefa de carregamento do navio, uma das novas naves de transporte de pessoal, chamada Navio da Liberdade. No fim do dia, os trabalhadores receberam uma boa notícia — teriam algumas horas de folga. Os veteranos de Guadalcanal tinham uma ideia muito clara do que os esperava e, portanto, aproveitaram a folga ao máximo. “Todos ficaram bêbados hoje à noite”, anotou o Decano em seu diário, que foi se encontrar primeiro com todas as namoradas antes de seguir para Glenferrie, onde faria uma última visita a Shirley e à sua família. Sid não foi com ele, pois se despedira delas semanas antes.

Durante a inspeção, na manhã seguinte, pegaram o tenente Benson e o sargento bêbados. A surpresa

provocou ruidoso alvoroço e foi seguida pelo anúncio de cortes marciais sumárias. À noite, após os devidos preparativos, embarcaram no navio. Uma grande multidão se reunira no cais, donde “acenava, chorava e agitava bandeiras”. A polícia local e a PM do Exército australiano foram chamadas para conterem a multidão. No convés, os fuzileiros encheram de ar camisinhas que tinham sobrado e as sopraram na direção do mar. Sid achou que os fuzileiros haviam ido longe demais com suas brincadeiras. O navio zarpu e já à noite se achava a considerável distância do grande porto de Melbourne. Na semana seguinte, passou pela Grande Barreira de Coral, paraíso que levou um batalhão de fuzileiros inteiro a praguejar contra Navios da Liberdade, provisões de campanha e o “Doug Toupeira”, pois achavam que estavam sendo levados para Rabaul ou Bougainville. Rabaul ficava a quase mil quilômetros de Guadalcanal, e Bougainville um pouco mais perto. Deduziram, portanto, que haviam feito pouco progresso nos últimos dez meses, desde a última vez em que a GP-M4 atravessara as águas do Pacífico. Diante da perspectiva de passarem mais seis meses confinados na selva, uma turma de fuzileiros abriu o beliche do Decano e começou a jogar cartas a dinheiro, com apostas de até 100 libras.

A turnê de incentivo da Marinha foi desanimada e sem graça, embora com algumas entrevistas, como sempre. Os jornalistas devem ter vencido o Manila pela persistência, já que não parecia tão determinado como antes. Em Nova York, no dia 15 de outubro, a jornalista Julia McCarthy tentou desfazer alguns dos mitos a respeito dele. “Você matou mesmo, sozinho, 38 japoneses ou fomos mal-informados?” Antes que ele pudesse responder, ela fez outra pergunta: “O Manila teve mesmo que mudar sua metralhadora de lugar por causa da pilha de corpos de japoneses que ele matara?” John abanou a cabeça, indicando que era tudo verdade. E quanto aos boatos, prosseguiu McCarthy, de que haviam oferecido uma promoção a ele? “John admitiu no início, mas depois negou a informação de que recusara a oportunidade de se tornar segundo-tenente”.³⁹⁷ É possível que ele tenha negado isso movido pelo desejo de se proteger de críticas, por haver recusado a oportunidade de ser promovido. “Gosto mesmo é de ser chamado de ‘Sarja’”, explicou ele, “e também de conviver com os praças.”³⁹⁸

Como a turnê de incentivo apresentou muitas falhas, John teve que voltar muitas vezes a Washington, onde começou a namorar uma das fuzileiras que trabalhava no edifício da Marinha. Quando, em 19 de outubro, a última viagem da turnê terminou, ocasião em que ganhou um mês de licença, voltou para a casa de três quartos dos pais em Raritan, onde eles haviam criado dez filhos.³⁹⁹ Havia muito, contudo, que a maioria de seus irmãos e irmãs mais velhos tinham saído de casa. Agora, Manila e seu irmão Don, que ainda era garoto, passaram a dividir o mesmo quarto, enquanto outras duas de suas irmãs usavam o outro.⁴⁰⁰

Nos meados de outubro, todas as novas histórias haviam sido publicadas. Sua mãe tinha um grande álbum de recortes de jornais e revistas, embora seja improvável que Basilone o tenha visto ou lido. As longas entrevistas não haviam acrescentado muito ao que ele já tinha dito. Não obstante, o lar dos Basilone recebeu muita correspondência de fãs em outubro. As primeiras matérias do verão tinham levado algumas pessoas a escreverem a John e à sua família. Todavia, o ensaio fotográfico da *Life* e os programas de rádio de alcance

nacional fizeram admiradores enviar-lhe uma enxurrada de cartas de mães que queriam dar parabéns aos pais dele, de pais de colegas de sua unidade que queriam parabenizá-lo. Enviaram recortes de jornais e revistas também, querendo saber se Basilone tinha visto os filhos deles no Pacífico Sul. Até crianças mandaram cartas, pedindo autógrafos, bem como ex-namoradas, em busca de novidades sobre o homem famoso que ele era agora. Mulheres que ele conhecera na turnê escreveram também, querendo saber como as coisas estavam indo. Pelo menos uma dúzia de mulheres enviaram fotografias, na tentativa de se promoverem e fazerem amizade com ele. Não foram poucos os que confessaram quanto era difícil para eles começarem a escrever uma carta endereçada a um herói que não conheciam. Todos, porém, reconheciam que, com tanta correspondência, ele devia estar se sentindo incomodado. Ainda assim, um deles escreveu: “Vou ficar com os dedos cruzados, na esperança de que você responda a esta carta, ainda que chata e mal-escrita.”⁴⁰¹

John gostava de ler as cartas, as quais sua mãe guardava para ele. Alguns amigos de sua época de Exército também escreveram para lhe dar os parabéns. Disseram que estavam orgulhosos de haverem servido com ele. Naturalmente, como eram velhos amigos, não deixaram de caçoar dele também. “A única coisa que me incomoda é o fato de você ter ido para o corpo de fuzileiros”, queixou-se um deles.⁴⁰² Todos — velhos amigos, amigos de amigos, ex-vizinhos, ex-professores, mulheres desconhecidas, fãs —, todos imploravam que ele respondesse às cartas, que lhes telefonasse, enfim, que lhes escrevesse confirmando o recebimento de suas cartas. Conquanto alguns reconhecessem que ele devia ser uma pessoa muito ocupada, imploravam uma visita do herói. Chegavam a telefonar para a sua casa, para os irmãos, e deixavam recado com seus primos.

Certa feita, junto com a correspondência veio uma revista de capa lustrosa do Comitê da Indústria Cinematográfica de Apoio às Atividades Bélicas, em que resumiam o sucesso da Terceira Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra. O 5º. Esquadrão da Airmada, cujos membros eram John Manila, John Garfield, Virginia Grey e outros, tinha vendido mais de 36 milhões de dólares em bônus de guerra. Poucos foram os que haviam conseguido uma arrecadação maior. Com a venda de 94 milhões de dólares em bônus, o 3º. Esquadrão fora o que mais dinheiro conseguira.⁴⁰³

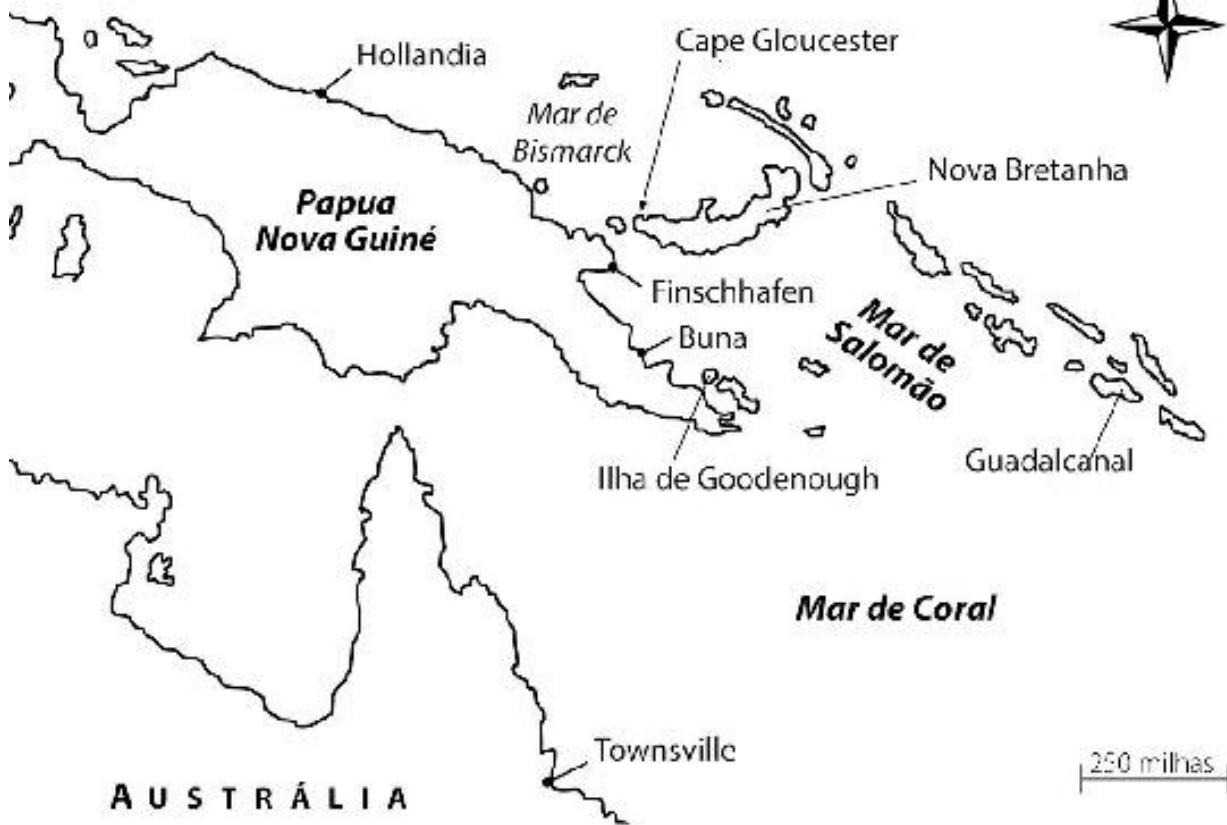
No fim de outubro, John fez uma visita a seu amigo Stephen Helstowski em Pittsfield, Massachusetts.⁴⁰⁴ Mas o verdadeiro motivo da visita, sabia Steve, era o desejo de Basilone de ver Helen, a irmã de Steve. Ele era apaixonado pela jovem desde a época em que recebia suas cartas em Guadalcanal. Desde que voltara para os Estados Unidos, Basilone falara sobre a moça à imprensa, com tanto entusiasmo, que publicaram uma matéria informando que ele se casaria com Helen Helstowski.⁴⁰⁵ Ele passou alguns dias na cidade, durante os quais se encontrou ora com Steve, ora com a namorada, com quem se dava muito bem por sinal, tanto que o namoro virou coisa séria.⁴⁰⁶ Mas não podia ficar lá por muito tempo. No início de novembro, pegou um trem para Raritan,⁴⁰⁷ pois tinha mais trabalho para fazer.

As férias escolares de Eugene Sledge não transcorreram como ele esperava, tanto que voltou para a escola de

tecnologia três dias antes de as férias terminarem. Independentemente da razão que ele tenha apresentado à família, o fato é que a apreensão que o torturava resultava do segredo que ele estava escondendo dela, pois fora reprovado em física e biologia e só conseguira notas regulares em inglês e economia. Na opinião do capitão Payzant, o praça Sledge estava “abaixo da média” em matéria de inteligência e era “pouco inclinado” aos estudos, tampouco tinha as “qualidades necessárias ao oficial”. O reitor da faculdade aceitou a recomendação de Payzant para transferir Sledge. Em 31 de outubro de 1943, o praça Sledge e 44 de seus colegas foram postos sob o comando do cabo James Holt, que os escoltou até a base dos fuzileiros navais em San Diego “para treinamento de recrutas e serviços gerais”.

Os recrutas embarcaram, no dia seguinte mesmo, num trem para San Diego, que fez uma parada de algumas horas em Mobile, antes de iniciar a travessia da região sudoeste do país. Eugene nem tentou telefonar para os pais, pois temia a reação deles. Preferiu esperar para escrever-lhes após findado seu primeiro dia como recruta na Base de Treinamento de Recrutas do CFNA, ocasião em que completava seu vigésimo aniversário. Na primeira carta que lhes enviou da base, disse que não tinha sido reprovado. Explicou que o capitão Payzant, após examinar sua ficha, chegara à conclusão de que Sledge não estava preparado para o curso de engenharia que começaria no segundo semestre, já que não tinha feito nenhum curso preparatório para isso. Acrescentou que, em cima da hora, resolveram “transferi-lo” e que, embora tivesse pedido para continuar no programa, o capitão acabou enviando-o para a base de recrutas. “E não me sinto mal com o fato de ter vindo para cá”, alegou Sledge no fechamento dessa primeira carta aos pais. Na carta, descreveu também a agradável viagem de trem pelo interior do país. Disse que achou belíssimas as montanhas do Arizona, impressão que o levou a sugerir que o fossem visitar depois da guerra.

★ CAPE GLOUCESTER ★



Martin K. A. Morgan

Nos meados de outubro, os batalhões da 1ª. DIFN foram dispersados depois que seus navios-transporte de pessoal ficaram ao alcance dos projéteis de “submarinos e bombardeiros de grande porte japoneses”. Algumas unidades foram parar na extremidade oriental da Nova Guiné. O 2/1, unidade de Sid, bivaqueou na Goodenough, uma das ilhas de um pequeno arquipélago perto da Nova Guiné e sob o controle seguro das forças de MacArthur. Bastou uma olhada na Goodenough para a maioria deles chegar à conclusão de que tinha “voltado para os cafundós de lugar nenhum!”.⁴⁰⁸ Já Sidney viu uma “bela ilha com montanhas que pareciam tocar o céu”. Montaram o bivaque próximo ao sopé da montanha, mas parando a lapsos de alguns minutos por causa do calor irritante. À tarde, descobriram um riacho que parecia nascer nas montanhas. Acharam muito familiar o fato de ficarem perto de um aeródromo e de um rio, embora dessa vez não houvesse forças inimigas na ilha — apenas “chinas”, gíria muito usada entre os fuzileiros para designarem pessoas de pele morena, principalmente asiáticas.

Enquanto aguardavam as ordens de MacArthur, os fuzileiros do 2/1 marcharam através de uma floresta, região pontilhada de aldeias, para se manterem em forma. Certa tarde, quando resolveram descansar por dez minutos, Sid avistou pés de cana nas proximidades. Foi lá, cortou alguns talos e distribuiu pedaços entre os jovens sulistas colegas seus. Após alguns momentos de prazerosa e ruidosa mastigação, acabaram chamando a atenção dos nativos, que “ensinaram os ianques a descascarem a cana e a cortarem em pedaços mais fáceis de mastigar. Dali a pouco, o pelotão inteiro, inclusive oficiais, estava chupando cana. Os ianques acharam os

nativos muito inteligentes”.

Os exercícios em Goodenough incluíam um curso de apresentação das qualidades e do emprego do navio de desembarque de carros de combate (NDCC). Embora, basicamente, um barco Higgins ou BDVP gigantesco, o NDCC tinha um calado muito pequeno, que o permitia atracar na praia. As altas comportas da proa abriam para a frente, formando assim uma rampa, que permitia o rápido desembarque de caminhões, jipes, centenas de soldados, material e equipamento. Os novos tanques Sherman da divisão, bem maiores do que os antigos blindados Stuart e munidos com canhões de 75 milímetros, impressionavam bastante. Os exercícios de desembarque foram realizados em Papua Nova Guiné, em 24 de outubro. Esses desembarques continuaram até a tarde, quando o 2/1 e seus tanques Sherman chegaram a uma aldeia. Sid viu que os nativos estavam praticamente “nus e que a única coisa que as mulheres usavam eram saias feitas de capim. Aproximaram-se deles e ficaram observando-os, sorridentes e embaçados, e eles fizeram a mesma coisa, “admirados e aparvalhados, até os oficiais aparecerem e os tirarem da ilha tão rapidamente quanto haviam desembarcado”, já que não tinham tempo para confraternização. Enquanto o NDCC se afastava da ilha, Sid ouviu alguém dizer maliciosamente: “Esta ilha deve ter recebido muitos missionários.” Quando o 2/1 desembarcou na Goodenough, “como sempre, a Companhia H teve que descarregar o navio”.

Embora perto demais da linha de frente, correndo assim o risco de sofrer ataques aéreos, a Companhia How ficou sob um regime disciplinar próprio de áreas de bivaque. Quando seus membros iam tomar banho no rio e chegavam dez minutos atrasados, o sargento da artilharia ordenava que ficassem sem almoço. Na inspeção que fazia nas barracas, se o coronel achasse uma caneca de campanha no lixo, o pelotão inteiro sofria punição disciplinar. Essas faltas, no entanto, não impediram o Decano de ser promovido a sargento. Com a promoção, veio a transferência para o esquadrão de morteiros de 60 milímetros. Mas, como os operadores de morteiros de 81 milímetros praticavam no mesmo polígono de tiro dos operadores do 60, por algum tempo os dois amigos continuaram a se ver bastante. No polígono, a GP-M4 era a que montava a arma mais rapidamente, efetuava as mudanças de azimute mais precisamente e fazia seus projéteis atingirem o alvo com o menor número de disparos. Antes de partirem da Goodenough, assistiram à demonstração do emprego das novas bazucas e dos torpedos Bangalore. Fascinado, Sid esqueceu por instantes as intermináveis inspeções de fuzis, os exércitos de formigas-de-fogo e as chuvas diluvianas, que quase o afogaram durante as marchas.

Um número considerável dos inexperientes pilotos do tenente Micheel calculou mal sua aproximação do convés da nave durante a aterrissagem e caiu na baía de Narragansett.⁴⁰⁹ Exercícios de aterrissagem com saltos, feitos numa aeropista em terra firme, com a pavimentação apresentando os contornos do convés de voo, exigiam alto grau de precisão e noção de tempo. Com suas grandes raquetes, um oficial de sinalização de pouso ficava em seu canto na pista demarcada, sinalizando para que os Dauntless do 2º. Esquadrão de Bombardeiros aterrissassem. Os aviões aterrissavam com a cauda primeiro, de modo que seu gancho entrasse em contato com o local em que ficavam, num convés de voo real, os cabos de retenção. Logo depois, arremetiam, entravam na rota de aproximação e repetiam o exercício. Doutras vezes, faziam simulação de bombardeios contra um

comboio qualquer nas áreas próximas ou ensaiavam ataques coordenados com unidades do Exército que estivessem marchando em Cape Cod. As noitadas dos lobos haviam chegado ao fim. Mas, com uma grande cidade por perto, com Boston e Nova York ao alcance de qualquer oficial com uma licença de dois dias na mão, achar bons lugares para tomar uns goles e paquerar era fácil.

Mike não gostava da vida louca dos colegas. Encarava essas futilidades com a autoconfiança e a dignidade do veterano. “Só espero não ser atingido pelo inimigo. Para mim, isso basta.” No outono daquele ano, ultrapassara a marca de mil horas de voo e seu comandante recomendou que ele fosse promovido, descrevendo-o como pessoa “tranquila, equilibrada, afável e de grande força de caráter”. Acrescentou que a experiência de Mike fora “muito útil aos outros pilotos do esquadrão”. Vernon Micheel, agora experiente tenente da Marinha dos Estados Unidos, se tornara oficial-aviador de primeira classe.

Jean mantivera contato com ele, tanto que combinou de lhe fazer uma visita na companhia de uma de suas amigas, mas, na última hora, teve que desistir. Quase no fim de outubro, porém, o 2º. Esquadrão de Bombardeiros recebeu ordens para se preparar, pois partiria para a costa oeste. Com isso, os lobos passaram a ter folgas mais longas. Assim, certa noite, Jean sugeriu ao telefone: “Por que você não vem aqui no fim de semana?” Mike concordou em lhe fazer uma visita. Alguns dias depois, pegou o trem e, quando caminhava pelo corredor, viu o amigo Richey, um de seus colegas do esquadrão. Mike sentou-se ao lado dele e puxou conversa:

— Para onde você está indo? — perguntou. Richey respondeu que estava indo para a Filadélfia. — Que lugar da Filadélfia? — tornou a perguntar. Germantown, respondeu Richey. — Ora, também estou indo para lá. Vai encontrar-se com quem?

— Jean Miller.

— Quem?!

— Jean Miller — repetiu Richey. Procurando recompor-se, Mike esperou um pouco antes de voltar a perguntar, fingindo indiferença:

— Como é essa Jean Miller?

— Ah, ela tem mais ou menos esse tanto de altura, cabelos castanho-avermelhados até os ombros. Tem um corpo bonito. — Era muita coincidência.

— Bem, a gente se vê por aí, Richey.

Mike deu uma desculpa e foi sentar-se em outro lugar. Ao desembarcar do trem, a primeira coisa que fez foi procurar um telefone e ligar para Jean, que atendeu. Ele falou:

— Estou na estação North Philly. Você estava me esperando neste fim de semana?!

— Sim. Por que está perguntando isso?

— Ora, acabei de chegar de trem com Richey, que disse que iria se encontrar com uma tal de Jean Miller.

— Ah!... — atinou ela. — Eu a conheço. Ela... mora no bairro ao lado. — Num tom de voz revelando o alívio que sentia, Jean continuou a explicar. Disse que as pessoas sempre a confundiam com a outra Jean, porém teve trabalho para convencer Mike, que por pouco não embarcou no trem de volta para a base. Mas tudo acabou sendo esclarecido. No domingo, despediu-se dela deixando claro que estava de partida para a

guerra. De certa forma, estava preparada para isso, mesmo porque o tenente Micheel lhe dissera que se recusava a imaginar como poderia ser sua vida após a guerra. Não era dado a especulações sobre o futuro, já que não podia controlá-lo. Jean entendera também que não deveria esperar muitas cartas de Mike enquanto ele estivesse fora.⁴¹⁰

Em 24 de outubro de 1943, chegaram as ordens determinando que os pilotos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros partissem com suas aeronaves para Alameda, Califórnia. Antes de partirem, tiraram uma foto do esquadrão com Tontura, o lobo-do-mar, o mascote deles, na frente. Mike telefonou para Jean, a fim de lhe dar o último adeus. No dia 31, ele e seu artilheiro de cauda de sempre, o mecânico de aviação Charles Hart, atravessaram o país em direção ao Pacífico.

Em nenhuma das cartas enviadas para casa, o praça Eugene Sledge tentou esconder sua alegria com o fato de que estava na base de treinamento de recrutas. Para ele, tudo parecia perfeito. A influência da arquitetura espanhola no Centro de Treinamento de Recrutas, com telhas de terracota e pátios cercados de galerias arqueadas, apresentava para ele todo o fascínio do novo e do exótico. No entanto, os importantes edifícios haviam sido pintados com tons de camuflagem. O Pelotão de Recrutas 984, no qual Sledge e outros sessenta jovens foram imediatamente lotados, reuniu-se na frente do sargento instrutor (SI) na primeira noite deles na base. “Na minha opinião, vocês parecem bons rapazes”, falou o sargento, “já que são um pelotão que só tem voluntários”. O SI interrompeu o pronunciamento por um instante, pois estava sendo atrapalhado por um recruta de outro pelotão, que batia continência e dizia “Sim, senhor!” sem parar. Depois de pôr um balde de lata na cabeça do recruta, o SI disse que estava surpreso de ver que os homens de seu novo pelotão estavam em “excelente forma física”. Prometeu aos membros do Pelotão 984 que “receberiam melhor tratamento do que os recrutas do Exército”, já que eles haviam tido a “coragem de entrar para o corpo de fuzileiros sem terem sido recrutados”. Os rostos de todos os jovens do 984 irradiaram alegria e orgulho ao ouvirem o elogio, ainda que talvez revelassem uma pontinha de preocupação com o que acontecera com o recruta do outro pelotão, que continuava com o balde na cabeça enquanto exclamava sem parar: “Sim, senhor!”.

O fato de ter sido rebaixado outra vez, de praça para “marujo”, não incomodou Eugene nem um pouco. Havia se preparado para “comer muita poeira”. Em sua entrevista de iniciação, Eugene deixara de mencionar que fizera parte da banda de música da escola e que tivera aulas de tênis em Marion. Em vez disso, preferiu declarar que praticara boxe e futebol americano. Afinal de contas, não tinha percorrido esse difícil caminho para acabar parando numa banda de música. Ademais, tinha em mira entrar para a Escola de Aprendizes-Marinheiros após passar pela base de recrutas. A Escola de Aprendizes-Marinheiros preparava os fuzileiros para servirem nos navios de guerra e navios-aeródromos da Marinha.

O pelotão dele foi transferido para algumas barracas montadas perto da orla perimetral do terreno da base, ao lado de uma grande fábrica de bombardeiros B-24. A intervalos de alguns minutos, um desses grandes aviões quadrimotores saía da linha de montagem e sobrevoava o local. Como as barracas apresentavam problemas de vazamento, os membros do Pelotão 984 deixavam as camas cobertas com ponchos de campanha

para evitar que molhassem. Em pouco tempo, cama úmida e árduas sessões de treinamento fizeram Gene ter suas primeiras febres e resfriados. Apesar do zelo habitual com as roupas e a higiene, ele adorou isso. Entregara-se de corpo e alma ao CFNA, onde se esforçava ao máximo. As lições aprendidas no Instituto Militar de Marion e com o capitão Payzant o ajudaram a aprender a negociar no traiçoeiro território da base de treinamento, onde qualquer passo em falso era punido imediatamente. E compadecia-se dos colegas que não tinham preparo para isso.

Enquanto alguns colegas do 984 sem treinamento prévio sofreram mais com a necessidade de se ajustarem à disciplina, o problema de Eugene era com os pais. Em razão de sua demora no envio das cartas que lhes costumava mandar, por causa de sua transferência repentina, ficara sem saber a reação deles. Depois, quando voltou a se corresponder com os pais, em meio a todas as cartas eufóricas sobre a vida na base de treinamento, não deixou de justificar sua situação. Argumentou que, tal como ele, quase mil colegas haviam sido injustamente “tirados” do programa V-12. Alegou que todos os colegas concordavam que o programa de formação de oficiais tinha problemas. Eugene Sledge, no entanto, não era bom mentiroso. Em uma de suas primeiras cartas enviadas da base, embora tivesse explicado outra vez que fora transferido porque não tinha nenhum conhecimento prévio de engenharia, declarou: “Para consolo seu e do papai, sempre lamentarei o fato de ter sido um fracasso. Mas tenho um consolo também, isto é, o fato de que, se eu tivesse sido aprovado em tudo, viria para cá de todo jeito. Portanto, na verdade, não sou um fracasso.” Conquanto o relacionamento profundo e sincero que ele tinha com a família possa tê-lo levado a admitir, sem querer, que havia sido reprovado e expulso da escola, isso não o impediu de lhes oferecer algo que equivalia a uma espécie de suborno: “Mesmo que eu tiver que vender ovos e galinhas para conseguir isso, hei de me formar em história ou administração de empresas depois da guerra.”

Ao toque do corneteiro em 16 de novembro, anunciando a chegada de correspondência, Eugene teve certeza de que no malote viera a resposta inevitável, numa carta em que o sr. e a sra. Sledge disseram que se conformavam com a transferência dele. Ele respondeu imediatamente, iniciando a missiva informando: “Recebi suas duas cartas hoje e, para mim, foi como uma transfusão de sangue ter notícias de casa. Vocês não fazem ideia de quanto estou aliviado em saber que entenderam que não é culpa minha o fato de eu estar aqui.” Mas ele compartilhava com os pais a amargura da decepção e sabia que sua súbita transferência os deixara assustados. Revelara-se compreensivo com a surpresa dos pais diante do fato de que evitara telefonar para casa enquanto se encontrava na estação de trem de Mobile. Ficara aborrecido e amargurado por não ter tido permissão de usar o telefone e ligar para eles. Mas, agora que haviam compreendido e aceitado sua situação, estava com a consciência tranquila. Assim, esqueceu o assunto e passou a enviar-lhes cartas descrevendo sua vida na base de formação de recrutas e os rigores dos exercícios em ordem unida. Após relacionar os tipos de doces que gostaria de receber e avisá-los que não precisavam enviar sua farda de gala azul, disse que gostou do novo relógio que a irmã queria comprar para ele. Com seu relógio de ouro guardado em lugar seguro por enquanto, “um relógio americano à prova de água e de choque é justamente” o que ele queria. Mas pediu que “não comprassem um muito caro”.

Como sempre, pediu também que lhe falassem sobre as novidades em casa e as notícias sobre a saúde de seu cavalo, Críquete, e seu cão, Decano. Sabia que seu pai estava fora, no interior do país, numa excursão de caça a patos e esquilos, e lhe doía muito o fato de não poder estar com ele.

O maior acontecimento da semana foi a vinda do comediante e astro do cinema Bob Hope, que se apresentou no teatro da base. Embora os recrutas não tivessem tido permissão para ir ao espetáculo, Hope se apresentou no palco ao ar livre depois. Bob levou consigo o comediante Jerry Colonna e algumas lindas atrizes e cantoras, que fizeram uma apresentação resumida do espetáculo. Ao olhar para a multidão de jovens diante de si, Hope comentou que o cabelo deles tinha sido cortado tão rente “que deviam ter feito isso pelo lado de dentro” da cabeça.

Embora estivesse oficialmente de licença até o fim de novembro, as obrigações de John Manila como relações-públicas continuaram a exigir sua presença de forma esporádica. Em 9 de novembro, ele e seus irmãos Carlo e Angelo foram a Manhattan para gravar uma participação num programa de rádio,⁴¹¹ na qual cada um teve uma fala diferente. O tema da história envolvia um episódio em que John Manila conversava sobre a noite em que “matara todos aqueles japas”. Não fez, contudo, muita coisa além de dizer que “continuaram a atirar até eliminarem todos eles”, e dar a deixa ao irmão Carlo para que dissesse: “Você e sua guarnição mataram 38 japoneses bem na frente da plataforma de suas armas!” A referência indireta à atuação de Cecil e Billie Joe representou uma pequena vitória, bem como o fato de o apresentador haver dito o nome Basilone corretamente, pronunciando o *e* final. O programa objetivava usar o interesse dos ouvintes pela história dele como pano de fundo para o elogio de John aos trabalhadores das indústrias envolvidas no esforço de guerra e que lhes “forneciam o material usado nos combates”.

A conclusão da história terminou com a fala de Carlo, que observou: “Jamais me esquecerei daquele domingo em que você partiu para terras estrangeiras. Lembra-se? Todos nós reunidos na casa da mamãe e, após comermos toda aquela comida, você se levantou para partir...” Nessa parte da história, Angelo entrou com sua fala: “É tudo que você disse foi: ‘Adeus, pessoal! A gente se vê nos quadrinhos!’” Os três riram, como determinava o roteiro: “Ah, ah, ah!...”, enquanto relembavam a tensa noite de três anos atrás, quando John informara aos pais que abandonara o emprego e que entrara para o corpo de fuzileiros. Sal e Dora não gostaram da decisão do filho. Angelo prosseguiu: “É não é que isso acabou acontecendo mesmo?!... Portanto, me corrija se eu estiver errado. Um dia, meus filhos estavam lendo histórias em quadrinhos e, de repente, lá estava você: sargento John Basilone, o herói americano.” “Sim, claro, foi isso mesmo!”, respondeu John, e as risadas saíram mais facilmente, agora que a história se aproximava do fim.

No dia seguinte, dia do aniversário do CFNA, Manila deve ter rido também, mesmo que apenas consigo mesmo. Numa homenagem do rádio à corporação, Basilone exortou as mulheres a entrarem para o corpo de fuzileiros.⁴¹² Uma vez que estava recebendo uma enxurrada de cartas de uma tal de cabo Carolyn Orchovic, membro das reservistas do CFNA, que perguntava quando ele voltaria para Washington, para que pudessem

continuar o namoro, era óbvio que ele não tinha nada contra a presença de mulheres nas Forças Armadas.⁴¹³ O problema era que ele só ia a Washington quando mandavam; do contrário, sua vida resumia-se a Raritan.

Porém, a vida no lugar em que ele fora criado foi se tornando incômoda aos poucos, embora ele gostasse de seus habitantes, e a toda a parte de Raritan que fosse, todos o conhecessem. Seus amigos e familiares sabiam que a licença dele era longa, achavam que o corpo de fuzileiros acabaria dando a ele um trabalho leve, agradável e acreditavam que ele havia se arranjado para o resto da vida. Quando lhe perguntavam, contudo, sobre os eventos públicos, ele respondia: “Sinto-me um fanfarrão.”⁴¹⁴ Todos riam quando ele dizia isso. Embora John não tocasse no assunto, a verdade é que, para ele, seu futuro parecia incerto. As altas autoridades das Forças Armadas gostavam de usá-lo em suas campanhas de comunicação social e haviam ampliado sua licença para facilitar isso. Quando os oficiais conversavam com ele a respeito de suas opções para o futuro, isso incluía a possibilidade de ele servir como instrutor na base da Marinha em Nova York ou de voltar para Washington, onde serviria na companhia de serviço da guarda no Arsenal da Marinha. Ambas as opções implicavam a necessidade de mais aparecimento em público, mais tempo em uniformes de gala, mais tempo gasto atrás de uma mesa ou numa sala com oficiais e menos tempo ao ar livre com a infantaria. Ele começou a fazer longas caminhadas a altas horas da noite, pois a atividade física o acalmava e o ajudava a pensar. Mas também passou a manter uma garrafa de uísque na mesa de cabeceira.⁴¹⁵ Seus amigos íntimos e sua família tinham visto esses sinais antes — anos atrás, essas longas caminhadas precederam as ocasiões em que ele abandonara o emprego. O crescente mal-estar de Basilone, todavia, confundia os amigos e a família, mesmo porque o consideravam um homem de sucesso. Talvez a maneira deles de verem as coisas o tenha convencido a não procurar aconselhamento, tanto que dissera à irmã mais nova: “Eu mesmo tenho que tomar uma decisão.”⁴¹⁶

Em meados de novembro, o carteiro entregou a John uma mensagem de seus colegas da companhia Dog, entre os quais circulara a carta que Basilone lhes enviara. “Você não se esqueceu dos rapazes”, lembraram eles, repetindo a frase que ouviram em Melbourne: “Parabéns, ianque!” Depois de caçoar do “garoto da medalha”, por ele ter “muitas mulheres”, seus amigos tentaram transmitir alguma notícia sobre si mesmos: “Toda a liberdade acabou e talvez você adivinhe o que isso significa.”⁴¹⁷ Não era bem uma questão de adivinhar. Ele sabia que a companhia Dog tinha voltado para os campos de batalha.

Na parte do diário de Shofner sobre sua vida como guerrilheiro em Mindanao, havia mais registros sobre festas e festejos do que conflitos armados. Ele e seus oficiais superiores queriam ir além de operações de patrulhamento e espionagem. O povo filipino esperava que seus guerrilheiros atacassem o inimigo. Mas o quartel-general de MacArthur na Austrália deixou claro que as unidades de guerrilheiros não deveriam atacar alvos japoneses. Os submarinos enviados a Mindanao levavam a bordo algumas armas portáteis e um pouco de munição, porém nada mais potente nem em grande quantidade. Embora Shofner e seus oficiais imediatos costumassem culpar a Austrália, seus problemas não eram apenas de equipamentos: careciam também de organização e preparo. Os líderes de vários grupos guerrilheiros viviam discutindo entre si métodos, objetivos

e cadeia de comando. Além do mais, geralmente manter um programa regular de envio de relatórios à Austrália revelou-se uma tarefa difícil. Sabedor disso, Shofner empregava parte de seu tempo fazendo propaganda para manter a lealdade dos filipinos. Esforçava-se, como líder no mundo guerrilheiro, para conseguir reconciliações enquanto agia. Seu trabalho envolvia política, economia e religião. Mas isso também tinha lá suas vantagens. “Tudo estava tão complicado”, escreveu Shofner no diário numa sexta-feira, que ele decidiu “tirar um dia de folga e recomeçar na segunda”.

Sua vida como líder guerrilheiro chegou ao fim quando o QG do CFNA na Austrália ordenou que o coronel Wendell Fertig mandasse de volta Shofner, Mike Dobervich e Jack Hawkins, embora o restante dos fugitivos fosse voltar também, mas separadamente. O trabalho do Engenhoso como subchefe de operações militares terminou em 1º. de novembro. Ele ficou aguardando o submarino que o levaria para o QG no povoado de Rizal, onde passou a maior parte do tempo. Levou treze dias para receber notícias definitivas a esse respeito e esperou mais dois pelo “Dia D”, ocasião em que tudo deu errado.

O caminhão movido a álcool ficou sem combustível. A bicicleta estava com um pneu furado. O Engenhoso teve que ir a pé, pois, para o local do encontro, até que, pelo caminho, achou uma bicicleta para “confiscar”. No porto, encontrou Jack Hawkins, Mike Dobervich e alguns filipinos esperando a chegada do transporte. Chegou também o coronel Fertig, porém tarde, já que seu cavalo havia desembestado e sumido. Como patrulheiros houvessem sido postados nas estradas num raio de centenas de quilômetros ao redor, sentiram-se seguros contra possíveis ataques dos japoneses. Sua ansiedade deve ter sido quase insuportável, tanto que, quando Dobervich deu o sinal de uma suposta chegada do submarino, foi alvo da furiosa reação provocada pela frustração dos amigos, até que, por fim, às 17h25, o *USS Narwhal* apareceu ao largo da costa. O Engenhoso perdeu uma aposta para Fertig sobre a hora da chegada do submarino e, portanto, teve que lhe pagar um peso filipino.

Mesmo com todo o esforço possível dos envolvidos, o descarregamento do submarino levou mais de quatro horas. Um grande número de guerrilheiros participou do desembarque de caixas de remédio, de munição e da carga de palitos de fósforo “Eu voltarei”, que Shofner detestava. Os fugitivos se despediram do coronel Fertig e de muitos amigos filipinos que haviam arriscado suas vidas para protegê-los. Quando o *Narwhal* zarpou, uma banda de música tocou “Deus Abençoe a América”. Na manhã seguinte, Shofner escreveu em seu diário sobre o submarino: “Passou pelo estreito de Surigao rumo ao Pacífico... sem problemas.”

Embora tivesse que aprender a gostar da cama macia do submarino, a comida familiar e o café quente foram muito bem-vindos. O comandante do submersível, capitão de corveta Parsons, era oriundo de Shelbyville, a cidade natal de Shofner, e o nome de solteira da mãe dele era Shofner também. Ambos tinham muitas novidades para trocar entre si. Enquanto na superfície, o submarino navegou com velocidade máxima. Na primeira de duas ocasiões, avistou aeronaves inimigas. Na segunda, dois aviões inimigos se aproximaram e chegaram a ficar a uns 6 quilômetros deles, após se lançarem sobre eles num voo rasante, a grande velocidade. Diante do perigo, o capitão ordenou que submergissem. O submarino mergulhou quase 50 metros, ponto em

que interrompeu a submersão com uma manobra radical, mas não ouviram a explosão de bombas. Passado o susto, o capitão informou que eles estavam sendo levados para Port Darwin e, se não tivessem mais problemas, chegariam lá em 22 de novembro, de onde um avião os levaria para o quartel-general de MacArthur em Brisbane. Shofner pegou emprestado um livro sobre a atuação de fuzileiros navais em Guadalcanal para se distrair.¹⁹ Quando o *Narwhal* atravessou o equador, Shofner e seus amigos adoraram saber que haviam se tornado “lobos-do-mar”.

* * *

A felicidade de Sledge se desfez como fumaça. Pouco antes do Dia de Ação de Graças, recebeu uma carta dos pais, que haviam sido notificados por carta pelos diretores do programa V-12 na Georgia Tech, informando que seu filho havia sido reprovado e transferido, o que levou seus pais a acusarem-no de mentir para eles. Sentiu-se muito mal com isso, mas não havia como voltar atrás. E iniciou um esforço sistemático para convencê-los de que não tinha mentido nem sido expulso da escola. Deu longas explicações sobre o teor da carta que seus pais haviam recebido, narrando a história de um de seus amigos na base de formação de fuzileiros navais. Esse “rapaz”, alegou Eugene, havia passado nos cursos feitos em Atlanta, porém tinha solicitado transferência. Mesmo assim, acrescentou ele, os pais do rapaz receberam uma carta declarando que o filho deles tinha sido reprovado. Explicou que, embora o inominado rapaz, obviamente, estivesse “louco” e ele mesmo, Sledge, houvesse declarado o desejo de “se tornar oficial”, essa história provava que, “independentemente dos motivos que levavam os jovens a saírem da escola, seus pais recebiam a carta” mesmo assim.

Conquanto eles houvessem continuado a se corresponder para falar de outros assuntos e os pacotes de guloseimas continuassem a chegar, o sr. e a sra. Sledge permaneceram descrentes da história do filho. O caçula da família reforçou a descrença deles: “Eu posso até não ser motivo de orgulho para os Sledge”, ponderou ele, “mas nunca menti para você nem para o papai. E também não menti quando deixei a escola técnica. Se eu tivesse sido reprovado, garanto que teria admitido isso...”. Porém, Gene insistiu: “Acho que vocês sabem que terei que enfrentar muitos perigos antes de voltar para casa, que arrostarei à altura de um Sledge e não fracassarei na defesa da respeitabilidade desse nome. Mas, por favor, acreditem em mim, pois lhes contei a mais absoluta verdade.”

Enquanto isso, na base de preparação a vida dura deles começava a mudar. O Pelotão 984 iniciou a prática de tiro no polígono no fim de novembro. Ainda começavam o dia sendo acordados pelo sargento instrutor às 5 horas. Cada um dos dezenove colegas do alojamento de Sledge acendia imediatamente um cigarro e, por causa disso, começava a tossir. Sledge achava isso uma loucura, até porque os efeitos danosos do tabagismo apareceram rapidamente. Após o rancho, o SI os deixava aos cuidados dos instrutores do polígono de tiro, fuzileiros cuja preocupação era fazer com que os recrutas aprendessem a atirar bem. Eugene, cuja paixão por

armas de fogo existia havia muito tempo, absorvia tudo com entusiasmo. Quando lhe perguntaram qual fora a arma de maior calibre que ele havia disparado na vida, Sledge falou orgulhosamente de sua .54 de carregamento pela boca. Devorando cada detalhe das instruções, mirou no objetivo de conseguir a graduação de especialista, a mais alta no manejo de armas, quando a precisão da pontaria dos membros de seu pelotão passou a ser aferida e registrada. A obtenção de notas altas no curso de instrução de tiro o ajudaria a conquistar o direito de ir para a Escola de Aprendizes-Marinheiros, sua primeira opção como instrução suplementar e consequente serviço militar como fuzileiro embarcado.

O treinamento com o fuzil M1 lhe inundou a mente com uma enxurrada de lembranças felizes dos dias em que caçava com o pai. Queria falar ao pai sobre o treinamento que estava recebendo, de forma que “entendesse por que os Marines são os melhores fuzileiros do mundo”. À noite, quando ouviu os outros colegas do alojamento conversando sobre os pais, percebeu quanto ele e seu irmão Edward eram afortunados. Eugene lhes enviou uma carta falando sobre a conversa que ele e seus colegas de alojamento tiveram sobre o lugar em que gostariam de ir na primeira folga que tivessem. “Podem ter certeza de que falei que iria para casa e que ficaria aí tanto quanto possível. Temos o lar mais bonito, a mais feliz e melhor família do mundo. Realmente, temos muito que ser gratos a muita coisa que fizeram por nós, e eu sou.” Mencionou também o desejo de ir para a faculdade quando voltasse para casa. No entanto, Eugene nunca abriu mão da exigência de que seus pais aceitassem sua explicação sobre a saída do programa V-12. Para ele, esquecer o assunto não bastava.

* * *

Um navio-escolta ajudou o submarino deles a atravessar um campo minado e depois o conduziu até Port Darwin, onde um tenente-coronel do corpo de fuzileiros estava esperando Shofner, Hawkins e Dobervich no cais, de onde os levou para uma casa comum. Enquanto distribuía caixas da Cruz Vermelha, o coronel contou que seriam levados de avião para um hospital em Brisbane no dia seguinte. Ordenou que não divulgassem a ninguém informações sobre si mesmos. Pelo que Shofner pôde ver, as Forças Armadas em Darwin desfrutavam de um nível de conforto que o levou a “achar que essas pessoas não pareciam que estavam combatendo”. Ao chegar ao hospital em Brisbane, ficou muito impressionado. Em 24 de novembro, o Engenhoso dormiu até tarde. Ao acordar, tomou seu primeiro banho de chuveiro com água quente e se barbeou pela primeira vez, após dois anos sem poder fazer isso. No almoço, tomou sorvete como sobremesa. Pouco depois, os médicos iniciaram os exames. Os deveres de Shofner incluíam a obtenção de novos uniformes, cortar os cabelos, providenciar a limpeza dos dentes e preparar um relatório sobre os campos de prisioneiros de guerra dos japoneses. Além disso, jogou pôquer com todos os que visitaram sua enfermaria. Com as péssimas mãos de cartas que recebera, perdeu 17 dólares.

No fim do mês, receberam alta do hospital ele, Hawkins e Dobervich. O comando ordenou que voltassem para os Estados Unidos e lhes deu assentos em classe privilegiada em aviões de transporte de tropa da Marinha.

Alguns dias depois, Shofner entregou uma série de relatórios ao general de brigada C. A. Willoughby, o chefe do serviço de inteligência, ou G-2, do Quartel-General das Regiões Militares do Sudoeste do Pacífico. O oficial viu que Shofner, em seu diário, registrara os acontecimentos nos campos de prisioneiros de guerra de 6 de maio de 1942 a 4 de abril de 1943, bem como o relato da fuga deles e o teor de um documento intitulado “Serviço com as Forças Guerrilheiras na 10ª. Região Militar, Filipinas: de 11 de maio a 15 de novembro de 1943”.⁴¹⁸

Como o oficial mais experiente do grupo de fugitivos, o capitão Shofner deve ter considerado um dever seu preparar um relatório. Todos esses homens desejavam muito que o mundo conhecesse a atrocidade que estava sendo cometida, e um relatório militar feito a tempo seria a base de uma boa denúncia. Na visão de Shofner, a denúncia suscitaria reparações legais e desencadearia uma ação militar mais contundente contra o Japão. Como o único elemento da tropa que coligira um diário, Shofner tinha condições de escrever com um nível de detalhamento que outros não poderiam igualar. A parte final de seu relatório, “Recomendações para as Filipinas”, demonstrava a força de sua objetividade e o grau de sua determinação.

O memorando de Shofner detalhava os meios pelos quais os Estados Unidos poderiam fortalecer as forças guerrilheiras e usá-las para preparar o caminho para a invasão americana. Isso implicava o envio de um grande grupo de oficiais para assumir o comando das forças guerrilheiras em todos os níveis. Ele recomendou que um general fosse posto no comando dessas forças. Sua observação de que o posto de general poderia ser “temporário, se necessário”, combinada com sua insistência na necessidade do concurso do fator “experiência”, indicava que ele tinha alguém em mente para o posto. Por experiência própria, havia aprendido que “os soldados filipinos são bons combatentes quando comandados por oficiais americanos”. Todavia, advertiu que “é necessário tratar o filipino comum como criança”, pois os americanos precisavam entender também que “a paciência extrema como parte da cultura oriental tinha mistérios” insondáveis. O equipamento necessário para essa missão foi relacionado numa extensa lista e recomendado como prioritário e fundamental. “Balas são a melhor propaganda”, assegurou ele. A maior parte da lista era formada por equipamento de sabotagem, munição e armas, embora ele tivesse incluído também medicamentos, roupas e vários tipos de equipamentos de comunicação, inclusive mimeógrafos. A última página tratava de coisas de importância secundária, como capas de chuva, botões e lanternas.

Embora seu memorando se concentrasse na necessidade de preservar a fidelidade dos filipinos aos Estados Unidos e de criar uma força capaz de isolar o inimigo, Shofner incluía em seu plano de ação uma forma de pôr um fim ao sofrimento dos prisioneiros de guerra também. Na opinião dele, vitaminas em forma de comprimidos deveriam ser enviadas para os campos “imediatamente”, pois parte delas chegaria aos prisioneiros, cujas necessidades a esse respeito eram “urgentes”. Isso tinha que ser feito antes que o Japão resolvesse transferir todos os prisioneiros para os campos na ilha de Formosa, local bem no centro de predomínio do império. Os prisioneiros de Cabanatuan tinham ouvido falar nessa possibilidade muitas vezes. Um dos resultados de seus planos para os guerrilheiros de Mindanao, talvez tenha inferido o leitor, seria ir além do simples alívio da vida difícil dos prisioneiros de guerra.

Antes de partir, os três fuzileiros foram levados de carro até o gabinete do comandante das Regiões Militares do Sudoeste do Pacífico, general Douglas MacArthur, que já ouvira falar do sofrimento dos prisioneiros de guerra por intermédio do comandante McCoy e de seus amigos. Os fuzileiros confirmaram a história de McCoy. Shofner revelou que tinha feito a lista de todos os prisioneiros de guerra que achava que haviam traído o juramento feito ao país. MacArthur deu uma resposta vaga a respeito da garantia de que os prisioneiros que retornassem receberiam o devido reconhecimento por seus serviços. Mudaram de assunto, porém, e pararam de falar de guerra. MacArthur revelou que Jean Faircloth MacArthur, sua esposa, era parente distante da família Shofner. Em seguida, veio outra surpresa. O general o condecorou, bem como a Hawkins e Dobervich, com a Cruz do Mérito Militar. Enquanto punha em Shofner a mais alta condecoração militar do Exército americano, o general observou: “Nunca, em toda a minha longa e ilustre carreira, concedi a alguém um prêmio tão merecido.” A menção honrosa, com a data desse mesmo dia, 6 de dezembro, tinha sido concedida não ao capitão que fora capturado em Corregidor, nem ao tenente-coronel dos guerrilheiros, mas ao major Austin Shofner, do CFNA. Como se vê, ele foi promovido. A menção honrosa ao major Austin Shofner, “por heroísmo extraordinário nas ações nas Filipinas”, descrevia sua fuga do campo de prisioneiros, seu serviço voluntário como guerrilheiro e elogiava seu repasse “de informações de grande valor militar para a defesa de Corregidor e o tratamento de nossos prisioneiros de guerra nas mãos dos japoneses”.

Depois que Shofner, Hawkins e Dobervich se ausentaram da presença do general, o novo major externou sua indignação, pois MacArthur ousara falar em “carreira ilustre” a homens que haviam enfrentado as consequências de seu fracasso.⁴¹⁹ Como Engenhoso que era, zombou depois da aura de poder malandramente cultivada pelo general, argumentando sarcasticamente que, durante o encontro, tivera a impressão de que MacArthur era “Deus e ele era o anjo à sua direita. E o pior é que levou 48 horas para ter um pensamento malicioso” a esse respeito. O PBY levando os três heróis a bordo partiu de Brisbane em 9 de dezembro, fazendo escalas em Noumea, Efate e outros lugares ao longo da cadeia de ilhas, antes de aterrissar no Havaí, em 14 de dezembro.

Em 6 de dezembro, John Manila apresentou-se ao Escritório de Vendas de Bônus de Guerra da Marinha em Manhattan, a fim de preparar-se para uma turnê de venda de bônus na cidade de New Windsor. Com cada bônus vendido, ele autografava um panfleto especial, previamente impresso com uma dedicatória à pessoa que o comprara. A frente do panfleto explicava por que era importante comprar bônus de guerra e agradecia ao doador. No verso, havia um trecho da menção honrosa da medalha de John, bem como um pequeno texto explicando que ele “empregara a metralhadora durante três dias e três noites sem dormir, descansar ou comer” e que “matara 38 japas perto de sua trincheira com uma pistola”.⁴²⁰ Pelo menos o panfleto autografado por ele o identificava corretamente, como “o único fuzileiro naval vivo que ostentava no peito a cobiçada Medalha de Honra do Congresso”. Depois de um dia frio circulando num jipe e agradecendo aos compradores de bônus, ele voltou para a cidade, onde compareceria a outro evento de gala, organizado pela Associação Nacional das

Indústrias (ANI) no Waldorf-Astoria, um dos grandes hotéis de Nova York.

Condigno de uma das associações mais poderosas da indústria nacional, a ANI realizou um evento magnífico para os quatro mil membros que compareceram ao seu “quarto Congresso da Guerra”, onde os comentários dos ilustres presentes foram gravados para serem veiculados num programa de rádio de alcance mundial. O presidente da General Motors informou ao público que a GM estava prestes a investir 500 milhões de dólares na “América do pós-guerra”.⁴²¹ O general de divisão A. A. Vandegrift, apresentado no evento como o comandante do CFNA, mas que só assumiria o posto no ano seguinte, advertiu que a vitória sobre o Japão “exigiria o melhor trabalho de equipe” possível.⁴²² John sentou-se na tribuna de honra, ao lado de outro sargento, William Downs, que tinha perdido uma perna na batalha aérea em Stuttgart, Alemanha. Ambos fizeram breves discursos, como parte do agradecimento aos anfitriões.⁴²³

Para tornar possível a presença de John Manila no evento organizado pela ANI, o CFNA voltou a estender seu período de licença, dessa vez para 26 de dezembro. Assim, depois do evento, ele voltou para Raritan, onde teria mais 20 dias de folga. Uma das cartas que recebeu nesse período foi de seu amigo Richard Greer,⁴²⁴ que iniciou a missiva dando notícias sobre a Companhia Dog — quem era agora sargento nesse ou naquele pelotão, quem havia sido rebaixado, quem “quebrara a mão esmurrando o queixo de quem”. Informou que Jockstrap, o mascote da unidade, ainda estava na Companhia Dog e que J. P. Morgan mandava lembranças, mas preferiu não dizer. Acrescentou que os rapazes se achavam estacionados perto do oceano e que, mais uma vez, tomavam banho num rio. Comentaram que viram muitos “beijudos e encrespados”, ou nativos, a maioria homens, mas, às vezes, mulheres também. “Seus jovens são negros de juba crespa e desgrenhadas, com mamilos salientes, e as velhas são gordas, pelancudas, de seios caídos até a cintura.”

Greer disse que, mesmo encavernados no deus me livre, haviam lido as notícias informando que John se casaria em breve com Helen Helstowski, a irmã de Steve. Além de exigir do amigo que lhe pusesse a par das “últimas”, Greer aproveitou para caçoar dele. Como acontece com todas as boas brincadeiras, havia em suas palavras certa verdade misturada com algumas mentiras. “Achávamos que você já tinha bastante com que se preocupar, com esposa e filhos em Minila, sem falar na dos *States*. Recebeu notícias da Nora? A nativa, aquela que, para fugir dela, você escalou um coqueiro correndo uns dezoito meses atrás? Se lembro bem, Morgan tirou você à força de uma igreja na Georgia uma vez... Amigo, você escapou por pouco das outras vezes, mas dessa vez a coisa é séria e você está...” Greer terminou a carta dizendo que todos queriam receber notícias dele. Uma vez que era ele quem escrevia as cartas para John no passado, Greer conhecia o amigo muito bem e, portanto, exigiu que o Manila “arranjasse alguém para fazer isso se ele não quisesse” se dar o trabalho de escrever.

Os meses passados na BAeN de Santa Rosa, ao norte de São Francisco, tinham sido muito parecidos com os meses de treinamento na BAeN de Quonset Point, Rhode Island. Os pilotos da Marinha do 2º. Esquadrão ganharam confiança mais rapidamente do que competência. Referiam-se aos seus Dauntless com desprezo e se

diziam preocupados com o fato de que estavam perdendo a oportunidade de combaterem. A concessão de outro prêmio ao tenente Vernon Micheel só pode tê-los convencido de que estavam certos mesmo. Mike foi notificado pela Marinha de que estava qualificado para ostentar a menção honrosa do presidente, em razão do serviço prestado por ele a bordo do *Enterprise*, navio que havia “participado de quase todas as grandes batalhas de porta-aviões no primeiro ano da guerra”.

A ninguém passou despercebido o fato de que nenhum dos porta-aviões americanos merecia esse tipo de honraria por suas atuações nos conflitos armados de 1943, mesmo porque não houve nenhuma grande batalha entre navios-aeródromos nesse ano, cujo fim estava próximo. De mais a mais, uma olhada no mapa mostrava que os Estados Unidos controlavam apenas as ilhas Gilbertas e as Salomão e que um oceano imenso, mosqueado de centenas de ilhas, os separava de Tóquio. Certa tarde, os lobos souberam que fariam a parte deles no esforço das tropas de alcançarem o território nipônico. Nos meados de dezembro, prepararam seus *Dauntless* às pressas e foram para Alameda, onde, em vez de uma partida imediata para a guerra, acabaram sendo alojados num quartel perto do porto. Como ficaram perto demais de São Francisco e por detestarem não ter nada para fazer, a maioria dos lobos acabou provocando tanta baderna que o esquadrão inteiro sofreu punição disciplinar. A advertência impressionou pouco os líderes dos baderneiros, pois sabiam que o Tio Sam tinha um trabalho esperando por eles. Alguns dias antes do Natal, um guindaste começou a embarcar seus aviões num pequeno navio-aeródromo, conhecido como porta-aviões de escolta. Pouco depois, os pilotos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros embarcaram. “Postaram fuzileiros no cais armados com submetralhadoras”, observaram os guardas-marinha ironicamente, “como se para impedir que criminosos perigosos tentassem fugir em cima da hora”.⁴²⁵ Depois de passarem pela ponte Golden Gate, os membros do 2º. Esquadrão de Bombardeiros curtiram o Natal de 1943 espremidos num espaço exíguo em sua viagem para Pearl Harbor.

Acomodados numa classe especial do avião, Shofner e seus amigos atravessaram o Pacífico em alta velocidade. Aterrissaram em Pearl Harbor em 14 de dezembro. Na viagem para Washington, mudaram de avião em Chattanooga, Tennessee, onde Shofner foi a pé até o aeroporto. “Do outro lado do balcão de atendimento da Pennsylvania Central Airline, Shofner viu... Kathleen King, sua namorada.”⁴²⁶ Eles tinham começado a namorar quando frequentavam a Universidade do Tennessee. Shofner entrou na fila. Pouco depois, Jack Hawkins viu Shofner caminhando na direção dela. Quando ela o viu, desmaiou, pois o homem que conhecera havia perdido parte da juventude, com rugas riscando-lhe a pele bastante bronzeada. Viu que ele perdera alguns dentes também. A última vez que tivera notícia do namorado fora um ano atrás, num cartão-postal informando à família que ele era prisioneiro de guerra. Mas, de repente, lá estava ele, como que surgido do nada, prestes a pegar um avião. Shofner disse a ela que recebera ordens para não falar do sofrimento pelo qual passara, mas que tinha permissão de dar algumas boas notícias: informou que, depois que ele e os colegas se apresentassem ao chefe das operações navais, entrariam de licença. Em breve, pois, se encontraria com ela.

Quando o avião aterrissou em Washington, D.C., uma viatura os esperava para levá-los ao hotel Willard.

Na sala de jantar principal do hotel, Shofner sentiu-se constrangido, uma vez que apresentava “pele mais escura do que a dos hóspedes que, normalmente, tinham permissão de ingressar no Willard”. No entanto, alguns dos hóspedes devem tê-lo reconhecido — se não pela Cruz do Mérito Militar, pela Estrela de Prata, pelo Coração Púrpura ou pelas fileiras de barretas de serviço em campanha, é possível que, pelo menos, pela farda e divisas de oficial, como veterano que retornara do Pacífico. Os três fuzileiros ganharam alguns dias de descanso. Depois de satisfazer algumas exigências burocráticas e receber o pagamento, Shofner resolveu comprar um novo par de sapatos. Contudo, teve que confessar ao vendedor que nunca tinha ouvido falar em cartões de racionamento. Sem eles, não poderia comprar os sapatos. O episódio foi uma coisa que o fez acreditar que sua readaptação não seria tão fácil como imaginara.

A reunião ocorreu em 22 de dezembro, dia em que os três amigos se encontraram com o general Archer Vandegrift, o futuro comandante do CFNA. Tal como o general, os oficiais de seu estado-maior deram as boas-vindas a eles, com os quais trocaram algumas palavras, até que, por fim, cada um dos fugitivos teve uma conversa em particular com Vandegrift. Depois das palavras de elogio, o general falou ao major Shofner sobre a ideia de ele trabalhar com um estúdio de Hollywood num filme sobre sua grande história, pois que, certamente, tinha todos os ingredientes de um grande filme. Austin foi franco com ele. O Engenhoso disse que, em certa manhã no Campo de Prisioneiros de Guerra de Cabanatuan Número Um, ele havia decidido considerar a guerra contra os japoneses uma espécie de jogo de futebol. Explicou que sua vontade de “voltar para o jogo e vencê-lo... era o incentivo que o fazia perseverar”. E que “não se deixaria defraudar da oportunidade de fazer guerra aos japoneses”. O general aceitou a escolha dele e atendeu à sua solicitação. Quando a reunião chegou ao fim, Vandegrift e seu estado-maior informaram aos três que receberiam uma licença de dois meses. Vandegrift falou também que, enquanto conversavam, suas famílias estavam sendo informadas de que eles tinham voltado. Quando, no fim de fevereiro, a licença deles terminasse, o major Shofner e o capitão Dobervich se apresentariam na Escola Superior de Comando e Estado-Maior do CFN em Quântico, Virgínia. O capitão Jack Hawkins iria para Hollywood, Califórnia, onde ajudaria a criar, com o lendário produtor cinematográfico Darryl F. Zanuck, um filme sobre as experiências deles.⁴²⁷

Por enquanto, todavia, teriam que continuar a manter segredo sobre Cabanatuan, a Marcha Macabra e a fuga deles. O grande desejo de contar aos compatriotas as atrocidades cometidas pelos japoneses os ajudara a perseverar. Mas logo agora, que estavam em casa, os proibiram de falar no assunto. A Shofner não disseram por que, exatamente, ele tinha que ficar de boca fechada, até porque todas as pessoas importantes em Washington estavam a par dos fatos. Presumiu que talvez isso tivesse a ver com a decisão do presidente Roosevelt de derrotar a Alemanha primeiro. Achou, pois, que Roosevelt queria que os americanos continuassem a se concentrar na guerra contra a Alemanha, em vez de na luta contra o Japão. Qualquer que tenha sido o motivo, o fato é que o ano para Shofner não terminou bem, e sim de forma frustrante.

Em 23 de dezembro, ele se despediu dos dois amigos, com os quais sofrera tanto, e embarcou num avião para Nashville, onde seus pais o pegaram no aeroporto e o levaram para Shelbyville. Como a viagem de carro pela estreita via asfaltada até o destino levava quatro horas, ele teve tempo de sobra para revelar aos pais o que

achava que podia “ousar” contar a eles, mesmo porque contar histórias de guerra era algo muito arraigado nas tradições de várias gerações de sua família. O terreno sobre o qual se erguia a casa deles tinha sido concedido a um Shofner pelos serviços prestados por ele na Guerra da Independência do país. O avô de Austin servira na cavalaria liderada por Nathan Bedford Forrest durante a Guerra de Secessão. Quando se aproximavam de casa, o carro deles passou por um caminhão de transporte de combustível, dirigido por um dos colegas de Austin da equipe de futebol da escola. Os dois se cumprimentaram. Pouco depois, o carro deles entrou na aleia de acesso à garagem. Finalmente, Austin estava em casa. Logo depois de chegarem, sua mãe começou a preparar o jantar. Enquanto isso, o caminhão de combustível entrava na via de acesso à garagem, acompanhado pelos carros de outros amigos. A festa de retorno ao lar durou até altas horas e continuou no dia seguinte, com a visita de tias, tios, primos e outras pessoas.

A festa provou muita coisa cedo demais. Tudo o que ele havia sofrido nas mãos de seus algozes não podia ser superado em algumas semanas de banhos quentes, tampouco abafado por um uniforme de gala limpo, nem curado pelo caloroso abraço dos pais. Sua atuação de meses como guerrilheiro o ajudara, mas nesse dia, véspera do Natal de 1943, a família de Austin o viu “cair num estado de cansaço físico e mental quase absoluto”.

Com o tempo, os pais de Eugene Sledge acabaram concordando com o filho: ele tinha sido expulso do programa V-12 contra a própria vontade. Agora, a única coisa com a qual ele tinha que se preocupar era com o tempo, uma vez que as chuvas diárias estavam atrapalhando as sessões de treinamento de seu pelotão e o dia do teste final estava se aproximando. Na época, ao constatar que um dos membros do Pelotão 984 estava com meningite, o médico da base pôs a unidade inteira numa quarentena de três dias. Eugene passou o tempo lendo o jornal de Mobile e escrevendo cartas para enviar aos amigos e à família. “Pelo que dizem os jornais”, gracejou ele, “estou mais seguro aqui do que em Mobile, com todos aqueles trabalhadores da indústria naval. Quando voltarmos para casa, espero que todas essas pessoas tenham deixado a cidade para sempre.” Os jornais apresentavam também matérias sobre a invasão dos fuzileiros navais à ilha Tarawa, uma das que compõem as Gilbertas, operação em que os fuzileiros sofreram mais baixas em três dias do que nos seis meses de combates em Guadalcanal, fato inquietante, que ninguém da Base de Treinamento do CFNA conseguiu explicar a ele, exceto dizer que “algo de muito errado devia ter acontecido”.

Quando a quarentena terminou, o Pelotão 984 voltou aos exercícios de pontaria, só que agora como testes valendo notas, o que significava que seus disparos seriam registrados em suas fichas pessoais e influenciaram seu futuro. Eugene efetuou cerca de 300 disparos certos de 340 possíveis, ficando pouco aquém do grau de especialista. Embora desapontado, por ter conseguido apenas a classificação de atirador de escol, fazia um bom tempo que recebia esse tipo de treino e, por isso, sabia que, nessa categoria, mais recompensada pelo CFN do que todas as outras, sua pontuação o punha acima da média. Após os testes no polígono, o pelotão voltou para o quartel, onde teria sua última semana de preparação, e assistiu a uma preleção dos graduados sobre o uso do sabre pelos japoneses. Sledge “achou isso a coisa mais ridícula do mundo, uma vez que o sabre era coisa do

passado, usado muito tempo atrás, na Guerra de Secessão, quando os soldados corriam de um lado para outro atacando o inimigo”. A rigorosa disciplina imposta aos recrutas sofreu certo relaxamento em seus últimos dias de treinamento. Sledge, por exemplo, desde sua chegada à base, teve permissão de confraternizar-se por cartas com a família pela primeira vez e gastou todos os seus dólares restantes comprando presentes de Natal para os parentes.

Poucos dias antes do Natal, escolhidos cuidadosamente e enviados em embrulhos vistosos, começou a receber alguns presentes da família. O treino na base de recrutas terminou oficialmente para o Pelotão 984 em 24 de dezembro. Além de ter sido reconhecido como atirador de escol, Eugene obtivera nota cinco em “obediência” e “sobriedade” e nota quatro nas outras disciplinas, como “Eficiência Militar” e “Inteligência”. Embora já houvesse usado o emblema dos fuzileiros navais, Sledge o prendia no colarinho agora não como estudante, mas como fuzileiro naval dos Estados Unidos. Tinha sido promovido a praça de primeira classe. Partiria para Camp Elliott, uma base de treinamento perto dali, no dia de Natal.

* * *

Em meados de dezembro, a companhia de Sid Phillips teve a chance de rever os detalhes de sua nova atribuição enquanto estudava um mapa tridimensional da ilha da Nova Bretanha. A grande base inimiga de Rabaul ficava numa das extremidades de uma ilha com a forma de uma foice longa e estreita. Fazia dois meses que recebiam relatórios da lenta devastação de Rabaul, provocada pelos ataques de aviões americanos. A 1ª. DIFN desembarcaria na outra extremidade da Nova Bretanha, em Cape Gloucester, perto da Nova Guiné. O avanço já havia começado. No decorrer dos dois meses anteriores, as unidades de sua divisão tinham avançado, por passagens de escalão, pelo litoral norte da Nova Guiné acima. Nesse avanço, cada parada os obrigara a desembarcar do navio, montar e depois levantar acampamento e reembarcar. Quando se aproximaram da ponta da Nova Guiné que quase toca Cape Gloucester, os alertas de ataque aéreo não soaram mais em vão. De vez em quando, bombardeiros inimigos apareciam no céu da região.

Nos últimos dias de dezembro, o 2º. Batalhão de Sid, 1º. RIFN, soube que nem toda a divisão desembarcaria em Cape Gloucester. O batalhão deles, reforçado com algumas unidades de apoio para formar um grupo de assalto anfíbio (GAA-21), deveria tomar uma cabeça de praia perto do povoado de Tauali, situado a quase 13 quilômetros do principal local da invasão. O 2/1 deveria bloquear uma das principais linhas férreas da ilha e, com isso, impedir o inimigo não só de reabastecer suas próprias forças na cabeça de praia principal, mas também de retirar-se dessa posição.⁴²⁸ Com uma última passagem por escalão, eles e o restante do 1º. RIFN conseguiram alcançar Finschhafen; a passagem seguinte os faria entrar em combate com o inimigo. Não muito tempo atrás, Finschhafen estivera nas mãos do inimigo. Sid e o Decano sentiram um interesse especial pelo local dos combates, uma vez que ainda estava cheio de armas, material bélico e equipamento abandonados. Ao porto começaram a chegar navios danificados e homens feridos a caminho da

retaguarda.

Em 23 de dezembro, os graduados ordenaram que os membros da GP-M4 entregassem todos os uniformes cáqui, todas as peças de roupa excedentes e seus pertences. Junto com o equipamento, só tiveram autorização de levar consigo a rede de dormir de selva. Sid gostava desse bivaque individual, que era uma rede de dormir coberta por uma espécie de lona de plástico e um mosquiteiro. Finalmente, os militares americanos haviam criado um meio adequado de protegerem seus soldados da umidade e do chão lamacento. À noite, antes da ceia de Natal, souberam que Cape Gloucester fora bombardeado por uma centena de Liberators, os bombardeiros quadrimotores da Força Aérea do Exército.

Na véspera de Natal, por conta dos preparativos finais para o combate, o 2/1 teve muito trabalho. Todos os homens receberam munição, pílulas de sódio, pastilhas de Halazone (para a purificação da água), Atabrine e boas provisões, rações K do Exército. Fizeram também a distribuição de caixas da Cruz Vermelha. “Como sempre”, observou o Decano a respeito da distribuição, “a Companhia de Comando ficou com o melhor de tudo”. À noite, o tenente-coronel James Masters Sr., teve uma conversa com o grupo de assalto do batalhão. Masters era inexperiente ainda, já que acabara de chegar dos Estados Unidos. Diziam que ele tinha perdido um irmão na ilha Wake. Masters ordenou que seus homens “matassem os filhos da mãe sempre que possível”. Ele fazia Sid Phillips lembrar-se do pai. “Gostei dele imediatamente; ele odiava os japoneses, tal como todos nós.” Um dos amigos de Sid habituou-se a chamar o batalhão de os “Bastardos de Masters”.

À noite, o alerta de ataque aéreo soou algumas vezes. E às 4 horas tornou a soar, meia hora antes de ser dado o toque de alvorada, no Dia de Natal. Depois do desjejum, fizeram uma inspeção no acampamento. Os graduados examinaram as mochilas da tropa. A Companhia Hawk subiu a bordo pelas pranchas do navio de desembarque de infantaria (NDI) 30 às 14h20. Ao contrário do navio de desembarque de carros de combate médio (NDCCM), com o qual eles haviam treinado, o NDI parecia uma nave comum, embora em cada um dos lados da proa uma escada baixasse até o nível da água para o desembarque anfíbio da tropa. O barco de Sid deixou o porto às 15 horas, com destino à Nova Bretanha, acompanhado por outros quatro NDIs, doze NDCCMs e quatorze BDVPMs (barcos de desembarque de viatura e pessoal médios) transportando fuzileiros navais e equipamento do GAA-21. Dois contratorpedeiros escoltaram o comboio, que usou o manto da noite para atravessar às ocultas o estreito de Dampier.

* * *

Basilone estava se sentindo cada vez mais pressionado. Com a aproximação do dia de sua volta ao serviço, que seria em 26 de dezembro, a discussão sobre o assunto se tornou inevitável. Sua família e seus amigos viam claramente o mal-estar dele diante da situação. Souberam que ele recusara uma oferta para ser promovido a segundo-tenente. Ninguém entendia sua aflição, já que, para eles, seu futuro parecia muito promissor. Com o prêmio de 5 mil dólares, ele podia comprar uma ótima casa e um carro. No que se referia à guerra, achavam

que Basilone tinha feito a sua parte. Agora, era “a vez dos outros”.⁴²⁹ Devia, pois, aceitar um trabalho leve e tranquilo, curtir o sucesso duramente conquistado e ficar perto da família.

Tudo isso fazia perfeito sentido para todos, exceto para John, que estava pensando em casar-se com a mulher certa e talvez até ter filhos com ela depois. No entanto, ele tinha clara ideia da vida que o aguardava no quartel-general do corpo de fuzileiros navais, que o obrigaria a manter-se atrás de uma mesa, preparando relatórios. Não fora à toa que John abandonara os estudos na oitava série. Embora o CFNA soubesse que ele era fraco em serviço administrativo, parecia disposto a ignorar isso.⁴³⁰ Fornecer detalhadas informações de segurança a oficiais de alta patente e sobre acontecimentos especiais implicava a necessidade de observar protocolos e rigoroso decoro militar. Apuro nas maneiras e no trajar, requinte no porte militar, nunca fora o forte de John, mas, em Washington, isso era inevitável. Do lado de fora dos edifícios, os oficiais batiam continência para ele quando o reconheciam, em sinal de respeito pela fina e estrelada fita azul, fixada acima de todas as outras medalhas em seu uniforme de gala principal. Em Raritan, John Manila era um herói famoso e motivo de orgulho para a comunidade italiana. O Comitê do Dia de Basilone queria levantar fundos para construir a Biblioteca Pública John Basilone. Mas John se considerava um “fuzileiro profissional” e queria voltar para a vida que fazia sentido para ele.

Ele não conseguia expressar tanta coisa em palavras. Pouco antes do Natal, disse à mãe que pediria para ser transferido. “Não quero ir para Washington, mas preciso me ausentar por dois dias para falar com eles.”⁴³¹ Ele não queria trabalhar no serviço administrativo. Seus irmãos mais velhos, Carlo e Ângelo, tentaram dissuadi-lo do intento. “Johnny, não volte para a guerra. Você já fez o suficiente. Por que voltar?”, questionou Ângelo.⁴³² Além do mais, haviam oferecido a John o posto de instrutor de operadores de metralhadora. Ele era bom no manejo da arma e achava isso seguro. Logicamente, sabia que a função de instrutor podia implicar também o mesmo de sempre, desde que se tornara herói: pôr-se à disposição do Departamento do Tesouro ou do CFNA sempre que precisassem de um herói. Ele disse à família que estava “farto de ser exibido como troféu”.⁴³³ Em benefício de todos os que tinham paixão pela Medalha de Honra e por tudo que ela significava, propôs que a dessem ao comitê, para que este a pusesse em exibição na biblioteca local, se achassem isso útil.⁴³⁴ A ideia deve ter parecido quase sacrílega para sua família.

A decisão de voltar para uma companhia servindo na linha de frente foi difícil — não porque ele não soubesse o que queria, mas por causa das expectativas dos outros. O sargento John Basilone deixou Raritan no dia seguinte ao Natal, num domingo. Na semana seguinte, assim que lhe foi possível, procurou o general de brigada Vandegrift, oficial que, também condecorado com a Medalha de Honra por seus serviços em Guadalcanal, sempre arranjava um tempinho para falar com os homens que haviam lutado com ele em Canal. E ficou contente ao ouvir John dizer: “Ainda há muito trabalho a ser feito lá e quero fazer parte disso até o fim.”⁴³⁵ O general Vandegrift prometeu que ele “estaria entre os primeiros fuzileiros navais a desembarcar em Tóquio”.⁴³⁶

Nota:

1 - Sem bebida alcoólica. (N. T.)

2 - Os homens que participaram da tentativa de fuga são os seguintes, em lista sem ordem de importância: tenente Leo Boelens (Exército); tenente Michael Dobervich (CFN); capitão William Dyess (Força Aérea do Exército americano); tenente Samuel Grashio (Força Aérea); tenente Jack Hawkins (CFN); cabo Paul Marshall (Força Aérea); capitão de corveta Melvyn McCoy (Marinha); major Stephen Mellnik (Exército); capitão Austin Shofner (CFN) e sargento Robert Spielman (Exército). (N. A.)

3 - Moeda divisionária que representa a centésima parte da libra esterlina. Plural de “penny”. Até 1971, correspondia à duodécima parte do xelim. (N. T.)

4 - Ou, no caso de unidades da Marinha, Menção Honrosa do Presidente à Unidade da Marinha e do CFNA por Mérito. É uma honraria concedida pelo presidente dos Estados Unidos a unidades militares das Forças Armadas americanas e de países aliados, por heroísmo extraordinário em combates contra inimigos armados, desde 7 de dezembro de 1941, dia do ataque japonês a Pearl Harbor e início do envolvimento dos EUA na Segunda Guerra Mundial, bem como pela participação de natureza socorrista e humanitária, com esse mesmo espírito, em calamidades e catástrofes públicas. (N. T.)

5 - Forma carinhosa de os americanos se referirem à bandeira dos Estados Unidos. (N. T.)

6 - Ou, no original em latim, “Semper Fidelis”. Lema e nome do hino marcial do CFN dos EUA, composto por John Phillip Sousa, em 1889. (N. T.)

7 - Em inglês, “Star-Spangled Banner”, o hino nacional americano. (N. T.)

8 - Técnica de movimentação de tropa por revezamento de avanços. Ou seja, uma unidade (de duas ou mais tropas) avança até determinado ponto, enquanto a outra se mantém ativa (dando cobertura com fogos etc.) e assim sucessivamente, até alcançarem o objetivo previamente combinado entre si ou determinado pelo comando. (N. T.)

9 - Ou “balut”. Termo de origem malaio-filipina que significa “embrulhadinho”. É um ovo, de pato ou de galinha, com o embrião em pleno desenvolvimento, cozido e comido “na casca”. De alto valor proteico e considerado afrodisíaco, é também vendido nas ruas das Filipinas por ambulantes e, embora tradicional outrora a produção mecanizada no país, sua venda acabou sendo proibida. (N. T.)

10 - Suco de coco fermentado. (N. T.)

11 - Durante a Segunda Guerra Mundial, tanto relatos oficiais quanto não oficiais falavam em “ganhadores da Medalha de Honra”. Desde o fim da guerra, os soldados que a receberam têm envidado um esforço conjunto a fim de mudarem isso para “agraciados com a Medalha de Honra”. Eles acreditam que a Medalha de Honra não é como um prêmio, o qual, como se sabe, só se ganha mesmo em disputas ou em concursos. (N. A.)

12 - Personagem do livro *Peck's Bad Boy and His Pa*, do escritor americano George Wilbur Peck (1840-1916), traquinas e considerado engraçado pelos leitores da época. (N. T.)

13 - Filho da Mãe de Segunda Categoria. (N. T.)

14- Também conhecida nos EUA como *America*, é uma canção patriótica, de louvor à nação, cuja melodia se parece com *God Save the Queen*, o hino nacional britânico, e cuja letra foi escrita pelo jornalista, e depois reverendo, Samuel Francis Smith (1808-1895). Foi, na prática, o hino nacional americano durante a maior parte do século XIX. (N. T.)

15 - Ou, nos EUA, WAC, sigla de Women's Auxiliary Corps, corporação militar que era subordinada ao Exército. (N. A.)

16 - *Wildwood* significa "floresta virgem". (N. T.)

17- Normalmente, os falantes da língua inglesa pronunciam esse *e* final como parte de ditongo nasal em palavras que terminam com essas letras (-one, pronúncia /'ôu ŋ/) e, geralmente, antecidas de f, l, ph etc. (N. T.)

18 - Mas, como o principal país do Eixo, a Alemanha de Adolf Hitler, decidiu impedir que as forças Aliadas conquistassem a Itália, a guerra continuaria em território italiano. (N. A.)

19 - *Into the Valley*, de John Hersey, foi publicado em fevereiro de 1943. Descrevia com detalhes a Terceira Batalha do Matanikau, na qual o 7º. RIFN (unidade comandada por Puller, o Peitudo, e liderada pelos fuzileiros da Companhia Charlie, de Basilone) conseguiu sua primeira vitória incontestável. *Guadalcanal Diary*, de Richard Tregaskis, também foi publicado em 1943. (N. A.)



ATO IV

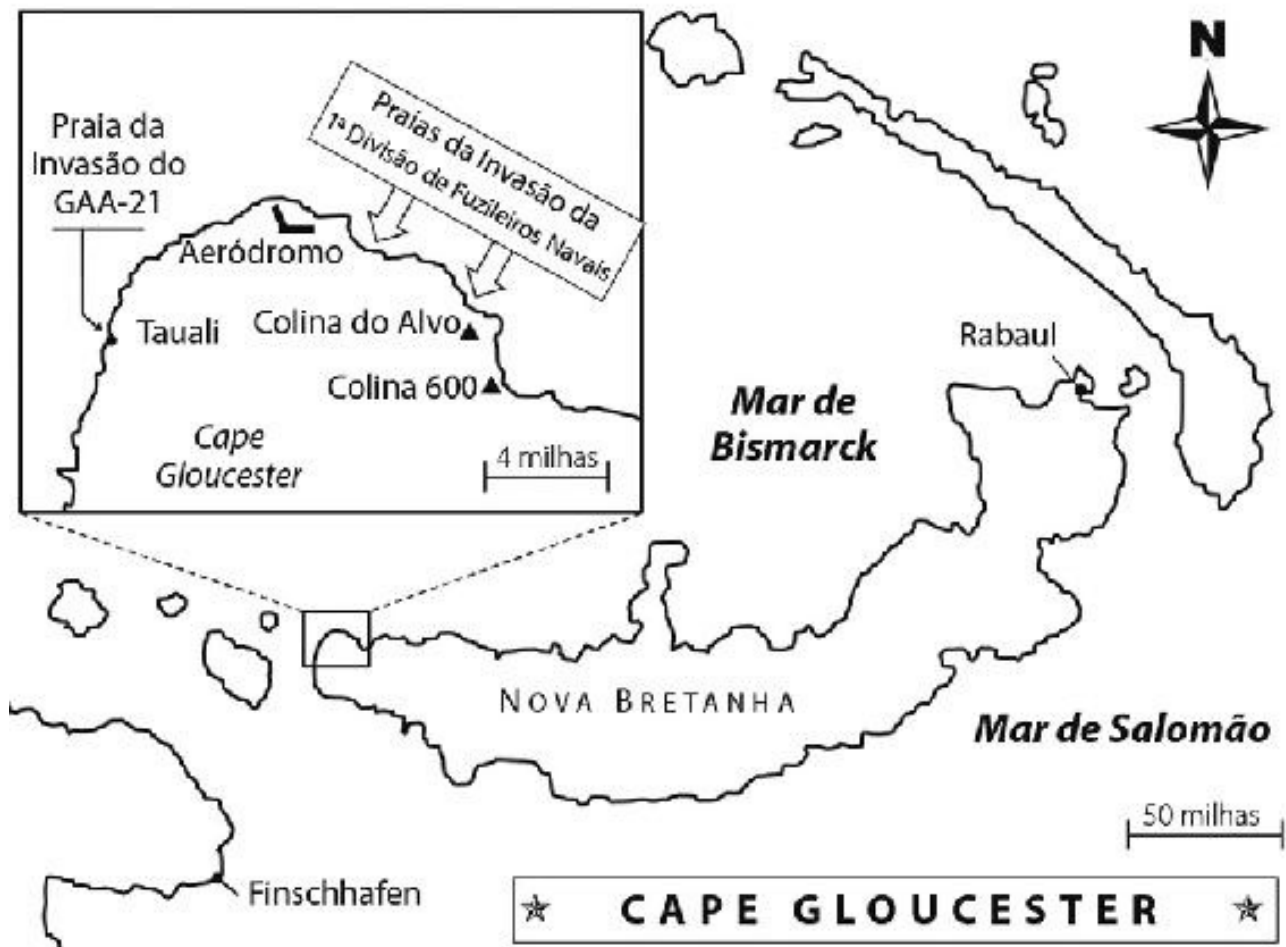
“FARDADO E EMBARCADO”

Dezembro de 1943—Junho de 1945

Durante a maior parte do ano de 1943, a guerra transcorreria de forma lenta, arrastada, com os Estados Unidos e seus Aliados operando na periferia dos domínios do Império Japonês. Embora menos notado, o inimigo se esforçara para compensar suas perdas em armas e tropas. Enquanto a Marinha Imperial encolhia, a Marinha americana experimentava uma expansão sem precedentes. A guerra entrou em uma nova fase no fim de 1943, pois os americanos, nas fábricas, nos laboratórios e nos campos de treinamento militar, haviam passado os dois anos anteriores formando um gigantesco arsenal de armas e equipamentos bélicos, bem como um Exército de homens e mulheres treinados para usá-lo. O advento desse poder tremendo fortaleceu duas violentas ofensivas planejadas contra Tóquio: uma delas liderada pelo general Douglas MacArthur através do Pacífico Sul; a outra comandada pelo almirante Chester Nimitz através da região central do Pacífico. Essa investida devastadora reduziu o Império do Japão a um punhado de forças cujo único recurso era a guerra tática.



A senha em 26 de dezembro, o Dia D em Cape Gloucester, era “Guadalcanal”. Logo após as 5 horas, os membros do pelotão de morteiros avistaram uma longa fila de bombardeiros à sua esquerda, que acharam que iriam bombardear as principais praias da invasão. Às 7h30, os dois contratorpedeiros que operavam nas proximidades começaram a disparar seus canhões de cinco polegadas contra a praia. Sid ouviu um amigo implorar ao Tio Sam que “não fosse tão econômico”, que disparasse mais projéteis e que se danassem as despesas. O bombardeio, porém, parou depois de quinze minutos e um esquadrão de quinze bombardeiros médios bombardeou e atacou a praia em voos rasantes de metralhadoras.⁴³⁷ O caça-escolta dos bombardeiros derrubou oito aviões inimigos. O 2/1 desembarcou no destino às 8h05, sem nenhuma oposição do inimigo. Sid desceu a rampa de desembarque do costado de bombordo e entrou no mar, onde avançou para a praia com a água até os joelhos. Entre eles corria a notícia de que “os japas tinham fugido e abandonado tudo”. A julgar pelas mochilas, fuzis, munição e suprimentos abandonados, isso indicava que o inimigo havia ocupado a área pouco antes do assalto da manhã. A retirada do inimigo passou a fazer mais e mais sentido quando os fuzileiros viram o nível de destruição provocado pelo bombardeio. Alguns dos elementos da tropa de assalto começaram a estabelecer o perímetro de defesa, enquanto outros descarregavam os navios e organizavam o acampamento. Embora não soubessem por quê, não houve descarregamento de provisões para o preparo do rancho.



Martin K.A. Morgan

Acabaram descobrindo que o objetivo da invasão, a ferrovia litorânea, não passava “de uma simples trilha”, pelo menos de acordo com o que Sid pôde constatar. A trilha se estendia pelo topo de umas colinas situadas a uns 200 metros terra firme adentro e paralelamente à praia. O 2/1 tornou as colinas e o trecho da trilha que corria sobre elas o ponto mais alto de seu hemisfério da zona de defesa perimetral, com a linha de frente estendendo-se até a praia em ambos os lados. A zona de defesa abrangia quase três quarteirões do povoado, todos situados enviesadamente da praia até as colinas. Para além delas, erguiam-se íngremes e relativamente próximas as encostas do monte Talawe, elevação que tinha cerca de 200 metros de altura. No centro da zona perimetral, o coronel Masters posicionou suas guarnições de morteiros de 81 milímetros e uma bateria de canhões de 75 milímetros. No dia seguinte à invasão, a GP-M4 continuava a preparar suas posições de tiro embaixo de chuva. Nesse dia, caiu sobre eles um aguaceiro de quase 40 milímetros cúbicos de chuva, com muita água escorrendo através da densa vegetação arbustiva das escarpas, que se estendiam até a praia. A chuva e o trabalho continuaram no dia seguinte. Os destacamentos de serviço recuaram alguns metros pela retaguarda e cortaram parte da vegetação, que era mais densa que a da floresta de Guadalcanal, para instalarem barreiras de arame farpado. Os combatentes gostaram da ração K, uma forma melhorada da ração C, embora, com a ração K tenham ficado convictos de que o Exército recebia a melhor comida. Gostaram mais ainda quando os cozinheiros fizeram as cozinhas de campanha funcionar no dia 28. Na manhã desse dia, ouviram disparos de armas de fogo várias vezes em setores de seu perímetro de defesa e, perto do meio-dia, três patrulhas informaram a ocorrência de escaramuças. Os fuzileiros que guarneciam as linhas de defesa do setor

da Companhia E viram soldados inimigos se movendo em sua direção. O ataque, pois, era só uma questão de tempo. Sid e todos os outros colegas que não se abrigavam em trincheiras individuais se acomodaram em seus bivaques de rede à noite, gratos pelo fato de terem um lugar seco para dormir.

Na incessante chuva do dia seguinte, outra patrulha deparou com uma grande força inimiga no povoado de Tauali. Um vendaval soprou forte na área deles à tarde e o dia escureceu rapidamente. Pouco depois da meia-noite, durante “uma violenta tempestade, com raios e trovões”, a coisa ficou preta no flanco direito da tropa. O posto de observação solicitou coordenadas; o observador de tiro solicitou um tiro de barragem sobre o terreno próximo a essa área da zona de defesa, onde as linhas de defesa das companhias G e H se encontravam.⁴³⁸ Uma missão de fogo tão próxima assim das posições dos fuzileiros exigia uma cuidadosa regulagem do prato graduado do sistema de mira dos canhões, a correta quantidade de carga suplementar em cada um dos projéteis e cálculos precisos com base nas tabelas de alcance. Todos os esquadrões de artilharia tinham recebido uma lanterna monocelular justamente para usar nesse tipo de situação. Mas só a de Sid funcionou e ele ficou se deslocando de um canhão para outro, enquanto os colegas tateavam na escuridão. Para disparar os projéteis e fazê-los passar por cima da barreira de selva, Sid teve que manter os canhões sob um ângulo de elevação de mais de 75 graus. Os grandes obuses de 75 milímetros não podiam fazer isso e, assim, foram inúteis. Os 81 forneceram apoio de fogo. Artilheiro experiente, Sid gostava de disparar projéteis em florestas. Para ele, era como “atirar pedras em inimigos...” que estivessem dentro de um celeiro “com o telhado esburacado”. Seus projéteis explodiram a apenas uns 15 metros além da linha de frente. De vez em quando, os membros de seu esquadrão ouviam fuzileiros na zona de defesa “despejando chumbo” no inimigo; doutras, as explosões se misturavam com os trovões e os confundiam. Já a “tosse” fraca dos morteiros de 60 milímetros, cujos disparos eram orientados, por seu amigo Decano, para atingir um ponto a algumas centenas de metros de distância pela escuridão afora, nunca podia ser ouvida no furor dos combates.

Em dado momento, receberam via telefone informes de lutas corpo a corpo e o total de ataques banzai sucessivos até então, nos quais alguns dos homens do posto de observação de Sid foram feridos. A intensa batalha diminuiu depois do quinto ataque impetuoso dos japoneses e cessou por volta das 7h30. Os membros da GP-M4 tiveram que desenterrar a placa-base do morteiro, pois as concussões a haviam enterrado fundo na lama. O coronel Masters foi dar os parabéns ao pelotão de morteiros de 81 pelo ótimo desempenho. Masters pediu que seus membros se apresentassem a ele e que o cabo Phillips lhe mostrasse a lanterna que tinha funcionado. Foi um momento de orgulho para eles, numa situação que, acompanhada de outras circunstâncias, teria sido frustrante e deprimente. Pouco depois, em vez de comida quente no café da manhã — os cozinheiros e os serventes de rancho haviam passado a noite carregando munição —, receberam mais caixas de papelão encerado com a inscrição “Ração K de Campanha do Exército Americano” encabeçando uma lista das coisas em seu interior. Num esforço mesclado de escorregões para avançar através da lama, chegaram os maqueiros, que recolheram os mortos e os feridos. A Companhia How foi a mais duramente atingida — dos seis mortos em combate, quatro eram da Companhia H, mas, dos dezenove soldados feridos, dezesseis eram dela também. Como a barraca de atendimento cirúrgico ficava próxima à posição do pelotão de morteiros 81, Sid viu de

perto e atentamente o sofrimento dos amigos feridos. Sentiu-se impotente ao vê-los sofrerem uma dor atroz e odiou ficar sem saber o que fazer. Teve um desejo imenso de aprender a curar para poder fazer algo por eles.

Os esquadrões de morteiros de 81 milímetros passaram a manhã limpando a bagunça em volta das posições dos morteiros — a maior parte dela formada pelos invólucros dos projéteis. Havia cartões de alcance amarelos espalhados por toda a parte. Alguns tinham sido beijados pelas jovens da fábrica de munição e apresentavam as marcas de seu batom vermelho. Abaixo dessas marcas, as moças gravavam mensagens, como: “Te amo, Bete”. A disputa pela posse desses cartões fazia o trabalho andar mais rápido. “Davam muito valor a esses cartões, que fizeram circular entre si na chuva, para que todos beijassem as marcas de batom e fizessem comentários obscenos sobre a Bete.” A Companhia How preparava-se para outro ataque. O resultado da contagem do número de mortos inimigos chegou algum tempo depois. Um deles informou que o total era de 185 e que “mais japas foram mortos dentro da zona de defesa do que fora dela”.⁴³⁹ Cinco japoneses feridos tinham sido capturados.

O único inimigo que os fuzileiros não conseguiam matar nem capturar era a chuva, que os atacava implacavelmente. A área dentro da zona de defesa do GAA-21 havia se transformado num lamaçal. Sid, o Sub e o restante dos homens da GP-M4 jogaram fora suas meias e roupas íntimas e só ficaram com o “macacão, as galochas e o capacete”, tal como haviam feito em Guadalcanal. A chuva encharcou um denso capão de selva, que eles apelidaram de Inferno Verde. As formas e a variedade infinitas da vegetação chegavam a irritar e confundir os soldados. Mas Sid via as coisas de outro modo. As chuvas intensas haviam desbotado seu macacão. Nuvens carregadas escureceram tanto a selva que o engolfava que, após algum tempo, ele só conseguia enxergar tons de preto e branco.

O praça Eugene Sledge nutria a esperança de permanecer no Centro de Treinamento de Recrutas em San Diego e depois passar pelo curso de instrução em sua Escola de Aprendizes-Marinheiros, onde o fuzileiro aprendia a servir em destacamentos a bordo de navios da Marinha. Os deveres do fuzileiro embarcado em navios de guerra ou em porta-aviões envolviam extensa participação em cerimoniais, como servir na Guarda de Honra em eventos especiais, bem como em operações de segurança, e o manuseio de alguns dos canhões antiaéreos do navio. Sledge achava que a maioria dos fuzileiros de escol frequentava a Escola de Aprendizes-Marinheiros e ficou desapontado por não ter conseguido isso. Ele chegou no dia de Natal a Camp Elliott, situado nos arredores de San Diego, e soube que o lugar treinava operadores de tanque e soldados de infantaria. Aliviado quando lhe deram uma cama num grande alojamento “com duchas quentes, boa iluminação e calefação”, ele se recuperou de um resfriado e passou a mirar seus esforços na consecução de uma vaga na unidade de blindados ou na de artilharia. O CFNA não demorou a perceber que o cabo Sledge daria um bom operador de morteiro e o lotou na Companhia E de seu batalhão de infantaria.

No Ano-Novo, teve seu primeiro dia de folga desde que fora transferido para o campo de instrução de recrutas. Pensou em fazer uma viagem a Los Angeles. Mas soube dos colegas com os quais falou sobre o assunto que pretendiam ir lá só para conseguir “mulheres e uísque”. Sledge preferiu fazer uma visita à

biblioteca da base e escrever cartas aos pais para dizer que tivera “a sorte de entrar para o melhor setor da corporação”, ou seja, “para uma unidade de operadores de morteiros de 60 milímetros”. Achava que era “o lugar mais seguro depois do serviço administrativo”. Com certeza, essa última afirmação era para diminuir as preocupações de sua mãe, a quem prometera também que só serviria em setores seguros e tentaria chegar ao posto de cabo. Pediu a ela que enviasse seu uniforme de gala azul, incluindo na carta, para lhe facilitar o trabalho, uma lista detalhada das peças e as instruções de embalagem.

Depois de treinar por dez dias, para atuar como unidade de apoio de fogo de artilharia leve, os membros da Companhia E acordaram às 5h30 e se preparam para se juntar ao batalhão, com o qual fariam seu primeiro exercício de operação anfíbia. Levando consigo o equipamento suplementar individual completo — mochila, capacete, cantil e o fuzil M1 —, embarcaram em caminhões para a viagem de pouco mais de 30 quilômetros até a baía de San Diego. Para dar mais realismo ao treinamento, os cais haviam sido cobertos com redes de carga. Os fuzileiros puseram seus cintos salva-vidas e desceram pelas redes para embarcar em LDIs.

O navio de Eugene ficou circulando pela baía por meia hora, onde reconheceu várias espécies de pássaros. Por fim, a flotilha de lanchões anfíbios rumou para o oeste, navegando por entre dezenas de grandes navios ancorados na baía. Gene contou quatro porta-aviões enormes fundeados enquanto seu barco contornava North Island, antes de se lançar pelo mar aberto, no oceano Pacífico. A flotilha continuou rumo ao oeste por mais ou menos um quilômetro e meio, onde as grandes ondas oceânicas atrapalharam a movimentação de certos tipos de lanchões de desembarque, impedindo que alcançassem o litoral. Inexplicável, como sempre, ocorreu outro atraso. Sledge notou que alguns fuzileiros estavam ficando enjoados.

Algum tempo depois, o barco de comando disparou um foguete de sinalização, e as vagas de barcos seguiram para North Island. O tenente de Sledge ordenou que seus três esquadrões de onze homens ficassem abaixados nas amuradas. Na arrebentação, encalharam num banco de areia. O timoneiro esperou que a onda seguinte levantasse o barco; depois disso, acelerando forte, conseguiu levá-los até a praia. No desembarque apressado, Eugene quase tropeçou no homem da frente, que chapinhava contra uma marola. Mas recuperou o equilíbrio e correu na direção da praia.

Na praia, os fuzileiros da Companhia Easy se atiraram no chão e ficaram esperando ordens. Alguns minutos depois, um oficial apareceu para lhes dar os parabéns. Ele apontou para a estrada e ordenou: “Vão pegar o rancho!” Após deixarem os fuzis empilhados, caminharam até o local em que o rancho seria servido, onde fizeram fila para pegar sanduíches e café. Passaram-se horas. Sledge procurou secar o macacão ao máximo e depois foi dar uma olhada num barco de desembarque anfíbio japonês. Viu que ele apresentava várias perfurações de bala. Comparado ao barco Higgins (BDVP), a lancha de desembarque de pessoal do inimigo parecia desajeitada. Dali a pouco, chegou um barco de desembarque de viaturas e material (BDVM), um modelo maior do BDVP, feito para transportar um blindado, no qual a Companhia E embarcou para ser levada de volta à base. Na descrição que enviou por carta aos pais sobre a operação, ele observou: “Aprendemos muito mesmo e agora nos sentimos marinheiros de verdade. Da próxima vez, talvez levemos nossos morteiros conosco.”

O praça Sledge gostava do treinamento, bem como do morteiro de 60 milímetros, embora, quando apareceu outra chance para se tornar operador de tanque, tivesse ido correndo se inscrever. Suas fardas azuis chegaram, impecavelmente passadas, bem a tempo de ele poder usar uma num concerto da orquestra filarmônica.

A chegada de um batalhão de paraquedistas chamou sua atenção. A tropa de paraquedistas lutara em Bougainville e se sentia muito contente em poder contar aos novos fuzileiros tudo sobre combates na selva. Eram homens arrojados e tenazes, veteranos temperados na forja da guerra e que falavam com desprezo sobre os tais de ataques banzai. Sledge não achou muito lisonjeira a opinião deles sobre os soldados de MacArthur. Enquanto contava uma história, um dos paraquedistas observou que “a disciplina do Exército era uma tremenda piada”. Além disso, foi com prazer que os paraquedistas abriram mão de suas facas especiais e botas de salto em troca de belos pares de sapatos de couro e outros apetrechos de uso civil, pois teriam um mês de licença pela frente. Eugene trocou algumas coisas por botas de paraquedista. Junto com seu interesse em conhecer Camp Elliott, procurava encontrar outros soldados oriundos de Mobile. Um deles lhe contou suas histórias sobre a época em que atuara como artilheiro de cauda nas ilhas Salomão. Eugene coletava, estudava zelosamente e memorizava com minúcias todas as novidades relacionadas com a nova profissão. Para sobressair no CFNA, era necessário aprender com os “velhos marujos”, e Gene se esforçava para isso.

O navio do 2º. Esquadrão de Bombardeiros atracara em Pearl Harbor, o eixo central e a causa da guerra de porta-aviões. Após haverem desembarcado seus aviões com guindastes, os mecânicos os prepararam para operar. Assim que puderam, partiram rumo ao leste, para a BAeN de Hilo, uma base aeronaval recém-inaugurada, situada no meio de uma densa floresta tropical e lavrada no duro terreno de rocha vulcânica que borda o litoral do Havaí. Com retumbantes boas-vindas, uma banda de música empenhava-se na execução de “Aloha”, da parte dos cidadãos de uma pequena cidade com o mesmo nome. Das janelas do aquartelamento, viam o oceano numa direção e, na outra, dois grandes vulcões (o Mauna Loa e o Mauna Kea). Micheel gostou da cidadezinha, embora fosse um lugar pacato. Muitos dos cidadãos de Hilo eram de descendência japonesa e nem todos falavam inglês. É possível que os pilotos de seu esquadrão tenham preferido ficar mais perto das luzes intensas de Honolulu a estacionarem na “grande ilha” do Havaí. Sua festa de Ano-Novo não foi grande coisa. Ainda assim, reconheciam que haviam sido transferidos para o paraíso.

Seu regime de treinamentos foi retomado em janeiro, os quais nenhum deles sabia quanto tempo durariam. Quando seu esquadrão de caças do grupo aéreo chegou a Hilo, viram isso como um bom sinal. Em razão do tratamento especial da Marinha ao grupo aéreo, que classificava como equipe e procurava fazê-la funcionar como tal, em vez de simples mistura de esquadrões, a reunião do 2º. Grupo de Caças-Bombardeiros indicava que, em breve, um navio-aeródromo inimigo acabaria aparecendo. O comandante do grupo, assessorado por veteranos como Mike e Buel, esforçava-se para fazer esses treinamentos valerem a pena. A pontaria dos homens de seu esquadrão de bombardeiros não chegara a se tornar precisa a ponto de jamais errarem o alvo. De fato, a mira deles falhava às vezes. Durante um exercício no outro lado da ilha, praticaram operações de

apoio de fogo a tropas terrestres perto da base de fuzileiros navais chamada Camp Tarawa, durante as quais foram informados de que uma de suas bombas de treinamento, que só produzia fumaça, “fora vista fumegando no campo de treinamento de fuzileiros”.⁴⁴⁰ Exercícios de aeronavegação exigiam que longas operações de voo fossem eficazes, pois os dois vulcões que havia perto de Hilo se elevavam a mais de 2.200 metros e eram vistos a 80 quilômetros de distância.

Além de enfatizar o aspecto da necessária precisão matemática nas operações, o tenente Micheel procurava encarecer aos olhos dos pilotos de sua ala a importância da economia de combustível, pois a sobrevivência deles dependia de sua capacidade de fazerem mais do que simplesmente acionar o sistema automático de mistura pobre do combustível. O bom piloto fazia testes com sua aeronave, pondo a alavanca do interruptor próxima ao ponto de “desligamento automático em marcha lenta”.⁴⁴¹ O empobrecimento da mistura de combustível economizava gasolina, mas também aumentava a temperatura da cabeça do cilindro. Nesse caso, as RPMs diminuía também. O piloto tinha que compensar isso, bem como tomar decisões sábias sobre velocidade, altitude e efetuar a devida centragem do avião. Enfim, tinha que saber quanto, quando e por que podia exigir do aparelho — as respostas a essas questões requeriam um discernimento que só a experiência podia dar. E o 2º. Esquadrão de Bombardeiros tinha muito tempo para ganhar essa experiência, ao contrário do 6º. Esquadrão, do guarda-marinha John Lough e de muitos outros que haviam operado em Midway.

O tenente Micheel nunca mencionava Lough em suas sessões de instrução. Não era do feitio dele. Talvez tivesse muito boas razões para isso. Os pilotos do 2º. Esquadrão tinham o pré-requisito do sucesso: confiança em si mesmos, e muita confiança. Os lobos adoravam pilotar e amavam a vida de aeronautas. A piada mais frequente entre eles era sobre a vida enfadonha que levavam na pequena cidade. “A cultura em Hilo elevou às alturas a brilhante cúpula do saber; não podia ser diferente.” Em seus dias de folga, davam uma de turistas, visitando centros e sítios culturais havaianos ou fazendo passeios em carros alugados para apreciar a paisagem. Exploraram muitos locais, bem ao feitio dos preparados aeronautas que eram. Embora somente algumas semanas depois, os lobos finalmente organizaram uma “Festa do Esquadrão” no Country Club de Hilo. “A orquestra era pequena”, conta um dos lobos, “mas as bebidas eram fortes”.⁴⁴² Muitas jovens atraentes compareceram ao evento, e a questão da “cultura desapareceu tão rapidamente quanto inesperada fora a sua chegada”.⁴⁴³

Em suas missões de patrulha, os Bastardos de Masters continuaram a se deparar com pequenos contingentes de forças inimigas na selva de Cape Gloucester. Encontraram soldados inimigos comendo coco sentados em troncos, e também dormindo, sem sequer montarem um sistema de vigilância. Uma dessas patrulhas matou uma coluna de soldados do EIJ inteira, que vinha marchando por uma trilha sem patrulha de ponta. Outra delas achou esconderijos com equipamentos do CFNA tomados dos filipinos. Embora sempre houvesse a ameaça de a Lavadora Charlie¹ atacar à noite, raramente o alerta de ataque aéreo noturno terminava com um bombardeio dos japoneses. No início de janeiro, os fuzileiros navais estacionados em Cape Gloucester

começaram a vencer o inimigo com facilidade. Todavia, os mares revoltos tornavam difícil o ressuprimento. Na manhã de 3 de janeiro, o coronel Masters providenciou para que B-17s lançassem caixotes de munição de morteiros e de outras provisões fundamentais dentro da zona de defesa perimetral.

Um oficial japonês se dirigiu para as linhas americanas portando uma “bandeira de rendição” e se entregou.⁴⁴⁴ No entanto, como todos os veteranos de Guadalcanal sabiam que esse fora um caso isolado, permaneceram atentos, na expectativa de outro ataque dos japoneses. A artilharia inimiga lançou seus projéteis sobre as posições do GAA-21 algumas vezes, a maior parte dos quais caíra na área de arrebentação da praia, na retaguarda. Numa dessas ocasiões, os elementos do PO solicitaram que o pelotão de morteiros lançasse “tiros de contrabateria” para destruir a artilharia inimiga. Depois de determinarem o azimute e a distância, dispararam alguns projéteis de fósforo branco. Nisso, o pessoal do PO pediu a correção das coordenadas para a regulação do tiro. Feitos os ajustes, a bateria inteira de 81s da GP-M4 lançou contra o inimigo uma concentração de fogos de 40 projéteis por peça. A bateria inimiga silenciou apenas por alguns minutos. Pelo menos, quando voltou a operar, sua mira continuava ruim. Enquanto isso, circulava pela tropa o boato de que o oficial japonês que acabara de se entregar se oferecera para trazer mais quinhentos homens desejosos de se render, mas o coronel Masters recusara a oferta.

No dia 5, uma quarta-feira, chegou o aviso para que a tropa se mantivesse bem alerta, pois soldados inimigos haviam se infiltrado em suas fileiras. “Nada de tiros hoje à noite”, ordenou o coronel Masters. “Peguem uma faca ou uma baioneta e cortem a garganta do bastardo amarelo, façam o sangue dele escorrer.” Depois do alarme, não ocorreu nada de grave, exceto muitas horas de sono perdidas.

As escaramuças ocasionais com pequenos grupos de soldados inimigos não justificavam a presença constante dos Bastardos de Masters na trilha perto de Tauali. Uma força de combate seguiu para o norte pela trilha, rumo ao povoado de Sag Sag, que diziam ser o local de uma fortaleza inimiga. O capitão que comandava a força achou que os nativos do lugar estavam cooperando com os japoneses e ordenou que incendiassem o povoado. Depois, ao avançar mais para o norte, a patrulha encontrou-se com outra, que se dirigia para o sul, enviada pelo comando do regimento dela. Constataram, pois, que o trecho da trilha estava livre da presença inimiga. O GAA-21 completara sua missão e agora iria se reintegrar à 1ª. DIFN. Nesse ínterim, lanchões anfíbios de vários tipos começaram a chegar à praia. O mar agitado atrasou-lhes a aproximação, mas acabaram conseguindo atracar e destacamentos de serviço começaram a embarcar os equipamentos. Embora os aviões inimigos baseados em Rabaul ainda realizassem ataques aéreos esporádicos, corria o boato de que navios da frota americana haviam “entrado no porto de Rabaul em plena luz do dia, os bombardearam e, agora, o local devia estar deserto”.

Conquanto o equipamento deles tivesse sido levado de navio, os homens do GAA-21 receberam ordens para marchar até a zona de defesa perimetral da divisão, onde as unidades de apoio se separariam deles e eles voltariam a ser o 2/1. A marcha de dois dias pela estreita trilha que conduzia ao norte, através do inferno selvagem, foi um verdadeiro suplício. Em dado momento, em meio a “escorregadelas e palavrões”, enquanto avançava “em fila indiana carregando a mochila cheia e um bipé de morteiro de 20 quilos”, Sid ficou cara a cara

com o coronel Masters, que reconheceu o praça Sidney Phillips como o soldado do incidente com as lanternas.

— Está cansado, Phillips?

— Não, senhor.

— Você me parece cansado — observou Masters, que ordenou uma parada de dez minutos para descanso, o que deixou Sid impressionado.

“Ordenar uma pausa para descanso de dez minutos porque um de seus soldados parece cansado?”, pensou Sid. Assim que ele pôs o equipamento no chão e sentou-se, ouviu alguém chamar: “Vejam isto!” Depois de caminhar uns 20 metros, deparou com um hangar de hidroaviões camuflado. Ao se aproximar dele, “sentiu um arrepio e enfiou um pente na carabina”. Outros colegas fizeram o mesmo. Lá dentro, acharam um cais, barris de gasolina, uma hélice de aeronave e outros equipamentos. Mesmo sem o hidroavião no cais, “sabiam que tinham achado um dos hidroportos da Lavadora Charlie”. A ocasião foi um dos momentos de alívio ao longo da penosa marcha para o norte.

A ordem de transferência chegou em 13 de janeiro. John deixou Washington com apenas 7 dólares na conta bancária e pegou o trem com destino ao oeste, onde se integraria à sua nova unidade, o 27º. RIFN, 5ª. DIFN. Desembarcou em Oceanside, uma pequena cidade ao norte de San Diego. Acostumado a se virar, pegou carona para Camp Pendleton. No portão principal não havia uma área de recepção. Só depois de alguns quilômetros, viu alguns edifícios. A estrada corria sinuosa por uma região árida e centros militares com edifícios de madeira, comandos de regimentos, comandos de batalhões e fileiras após fileiras de equipamentos de guerra. As unidades da divisão ficavam alojadas em alguns acampamentos espalhados por uma área de 500 quilômetros quadrados.⁴⁴⁵

Por fim, achou o quartel-general do 27º. RIFN, alojado num edifício de madeira de dois andares e situado a uns 16 quilômetros do portão principal.⁴⁴⁶ O estado-maior do regimento estava ocupado com a organização da unidade e a nova divisão, a 5ª. DIFN. Poucos oficiais e soldados tinham chegado. Os que haviam chegado tinham as mãos ocupadas com a criação de uma divisão a partir do zero.⁴⁴⁷ Faltavam só alguns dias para que a 5ª. DIFN fosse oficialmente ativada. Havia apenas alguns dias que o 4º. RIFN partira para sua primeira missão além-mar. O sargento Basilone apresentou-se ao assistente do ajudante.

Com uma divisão sendo criada do nada e o mais rapidamente possível, um sargento experiente podia se encaixar facilmente em qualquer setor da unidade, mas John fez questão de solicitar que fosse lotado num pelotão de metralhadoras.⁴⁴⁸ O assistente foi verificar essa possibilidade com o ajudante, que deixou o escritório para cumprimentar Basilone. Aceitou a solicitação de John prontamente e, em pouco tempo, este pegou a estrada e se dirigiu para o 1º. Batalhão. Mas, ao chegar lá, os oficiais do estado-maior do batalhão não sabiam ao certo o que fazer com John. O comandante, tenente-coronel Justin Duryea, viu um fuzileiro naval transitando pelo local com “apenas metade da farda” e perguntou ao seu sargento: “Quem é ele?” Quando falaram o nome dele e da medalha que havia ganhado, Duryea ordenou que todos fossem cumprimentar o

herói.⁴⁴⁹ Como John deixou claro que não viera de tão longe só para fazer trabalho administrativo, o comandante o encaminhou temporariamente para o pelotão de metralhadoras da Companhia Baker.⁴⁵⁰ Pouco tempo depois de chegar ao destino, John avistou “a longa fileira de metralhadoras arrumadas perto da torre de comando” e ficou radiante por haver voltado para o próprio meio. “Tive vontade de beijar as pesadonas.”⁴⁵¹

O comandante da Companhia Baker, capitão Wilfred S. Le François, tinha muita papelada para cuidar e poucos soldados. Contudo, ganhara suas divisas servindo no 2º. Batalhão de Assalto no Ataque de Makin Island, em 1942.⁴⁵² Ao encaminhar John para a Companhia Baker, ele deve ter acrescentado que o 27º. RIFN, pelo fato de ter sido aquartelado em alojamentos de madeira, era uma unidade de sorte, tanto que o 28º. RIFN, unidade subordinada também à 5ª. DIFN, tinha sido alojada em barracas numa área chamada Las Pulgas, que em português significa “pulgueiro”.⁴⁵³

As longas edificações de madeira que lhes serviam de abrigo, separadas entre si por uma distância equivalente ao seu comprimento, tinham sido pintadas de uma cor creme fosca e sem graça. No centro de um de seus extensos lados, havia duas grandes portas de folhas duplas. Em seu interior, uma escada dividia a construção de dois andares em quatro grandes seções, cada uma para um pelotão. Após entrar por uma de suas portas, John percorreu um pequeno corredor, no lado esquerdo do qual havia pequenos cômodos para os graduados do pelotão. Pelo visto, usufruíam de certa privacidade. No lado direito, ficavam a sala de comando e os banheiros. Mais adiante, o corredor terminava num grande salão com beliches de metal enfileirados em ambos os lados. Cada um desses beliches tinha dois armários de madeira, em forma de baú, um na cabeceira, junto à parede, e outro na outra extremidade do leito. Uma fileira de lâmpadas se estendia pela ala central, entre os beliches, mas a maior parte da luz provinha das janelas. O salão tinha espaço suficiente para abrigar um pelotão inteiro em beliches, porém John só viu dois homens no local, dormindo. Um deles se levantou da cama de um pulo e bateu continência, dando mostras claras de que era um novato. O outro se movia devagar, deixando claro que estava de ressaca.

— Sou John Basilone. — A apresentação não teve nenhum efeito no bêbado, mas o jovem deu a impressão de que ia desmaiar. — Vou servir na Companhia B, na seção de metralhadoras. Serei o instrutor de operação das peças. — Falou isso de forma calma e espontânea, e até amistosa. Em seguida, perguntou o nome deles e pediu que informassem seus postos.⁴⁵⁴ Com evidente euforia, o jovem soldado respondeu:

— Sou da Companhia B também.⁴⁵⁵

Ao dizer isso, ficou óbvio para Basilone que nenhum de seus subordinados tinha recebido nenhuma ordem nem sabia o que estava acontecendo.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Três dias.

— Não se preocupe. Outros fuzileiros chegarão dentro de poucos dias. Estamos montando a 5ª. Divisão de Fuzileiros Navais, a melhor unidade da corporação.⁴⁵⁶

Dito isso, Basilone partiu à procura de um lugar para guardar suas coisas no compartimento dos sargentos. De manhã, conduziu marchando sua companhia de dois homens para o refeitório, onde comeram, e depois os levou de volta. Na entrada do alojamento, ele ordenou:

— Quero ver tudo isto aqui limpo e bem arrumado quando eu voltar.

Os dois fuzileiros puseram mãos à obra. Lustraram o piso com óleo de pinho e tiraram as teias de aranha das janelas. Tinham muita coisa para fazer. Quanto a John, procurou convencer o comandante a autorizar que o Corpo de Fuzileiros lhe concedesse um empréstimo, pois estava sem dinheiro.

Basilone enviou uma carta aos pais. Disse que estava aguardando ser encaminhado definitivamente para uma unidade, mas sabia que “seria numa companhia de metralhadoras outra vez”, justamente o que ele queria. Seu irmão George, lotado na 4ª. DIFN, tinha zarpado dois dias antes de ele chegar. Ele gostou de ter ficado em terra firme. “Os dias aqui são quentes, mas as noites são frias.”⁴⁵⁷ “Uma coisa que se pode fazer muito aqui é dormir bem”, já que as noites eram muito tranquilas. Ele incluiu um pedido no fim da carta: “Mãe, sabe aquelas cartas que me enviaram? Poderia ver se consegue achar algumas das enviadas pelas moças da Califórnia e enviá-las para mim? Beijos e abraços a todos. Amo vocês. Johnny.”⁴⁵⁸

No segundo dia, a marcha pela trilha em torno de Cape Gloucester levou menos tempo, pois o 2/1 teve que percorrer apenas cerca de cinco quilômetros. O comandante geral da 1ª. DIFN, general Rupertus, passou pela coluna acompanhado pelo general Kreuger, um dos mais graduados generais do Exército. Esses oficiais provocaram tantos comentários por parte dos fuzileiros, que avançavam a custo pelo chão lamacento, quanto os recebidos pelo próprio 2/1, na ocasião em que este chegou à zona de defesa perimetral da divisão. A unidade de Sid, a Companhia How, montou acampamento num descampado lamacento, cheio de buracos de explosões. Além do mais, o terreno estava cheio de tocos de árvores disformes. O equipamento individual deles, inclusive seus bivaques de campanha, fora levado para o local de navio. Quando, um após o outro, os soldados começaram a tirar o seu da pilha de equipamento, descobriram que pelo menos um quarto deles havia sumido. A notícia mais comentada entre eles era sobre os membros do 7º. RIFN, vários dos quais tinham sido encontrados decapitados horas antes.

De manhã, o 2/1 recebeu suprimentos da cooperativa militar: cigarros, doces e artigos de higiene pessoal, junto com a notícia de que seguiriam para os combates que estavam sendo travados na Colina 660. Souberam que na Companhia K, unidade que substituiriam em breve, “restavam apenas 61 homens e nenhum oficial, mas que haviam matado mais de duzentos japoneses”. Enquanto pensavam naquilo que os esperava, a Colina 660 foi assolada por uma violenta tempestade de fogos de artilharia. No dia seguinte, em sua marcha pela colina, viram-se obrigados a chapinhar e chafurdar por um terreno com lama até os joelhos. Mas as coisas pioraram. A Companhia How chegou a custo ao ambiente desolado da violenta batalha, onde só conseguiu conquistar uma parcela da Colina 660. “Estamos agora na posição ‘não-ligue-para-o-que-vê’, onde o ar está empestado do cheiro pútrido de carne humana em decomposição, tanto de soldados deles quanto dos nossos. Várias

trincheiras individuais se encontram cheias de mortos, equipamentos e apetrechos estão espalhados por toda a parte.” Mesmo assim, acharam espaços em meio ao silêncio fúnebre da devastação para montar suas armas e seu bivaque.

O silêncio não durou muito. Como sempre, japoneses esperaram até o meio da noite para atacar. Em três horas e meia de ataques, a artilharia americana deflagrou tanta munição no topo da colina que os membros da Companhia How se perguntaram se “os 660 pés de altura da elevação não foram solapados para meros 30 pés”. Enquanto esperava o bombardeio passar, o pelotão de morteiros de Sid ficou matando mosquitos. Mas a chuva e o bombardeio continuaram de forma constante por dois dias seguidos. Os contra-ataques inimigos pareciam uma prova de seu desespero, mesmo porque as unidades do EIJ tinham sido cercadas. Com os constantes trovões dos grandes canhões dos fuzileiros navais, os homens posicionados na Colina 660 ficaram convictos de que nada sobreviveria no outro lado do campo de batalha.

Sem um papel ativo na batalha, todavia, a tropa ficou entediada. Sid e o Sub desceram uns 500 metros por uma trilha e acharam o que sobrara de “um hospital de campanha japonês, montado numa barraca abandonada, com cerca de 10 metros de comprimento por 20 de largura e corpos de soldados japoneses uniformizados jazendo em macas enfileiradas... todos reduzidos a esqueletos, sem nenhum cheiro, exceto um odor parecido com dentifrício em pó”. Na barraca, sobre uma mesa dobrável, havia equipamentos médicos de todo tipo. Sid examinou seringas de vidro, ampolas e “um belo microscópio binocular”. Em seguida, passeou o olhar pelo terreno, onde viu que “todos os japoneses mortos ainda estavam com as perneiras e a farda”. A caça a suvenires ganhou força nos dias seguintes. Alguns fuzileiros começaram a escavar túmulos depois que descobriram que os cadáveres tinham consigo alguns dos melhores troféus. Mas consegui-los dessa forma levava mais tempo — o fedor os fazia parar e vomitar antes de conseguirem cavar um pouco mais. Depois de mais uma vomitada, retomavam as escavações.

Um major do comando do batalhão pôs um fim à investida aos antigos bivaques, locais de armazenamento e hospital do inimigo. Ninguém pôde mais deixar a área sem a permissão do major. O tédio aumentou. Começou a correr um boato provindo de uma fonte confiável, dando conta de que voltariam para Melbourne, mas não informava quando isso aconteceria. O pessoal do rancho serviu carne assada no jantar, na noite anterior ao dia em que o sol apareceu — e não apenas de forma tímida, porém forte e claro — pela primeira vez, depois de um mês. Em 21 de janeiro, os homens correram para pegar suas roupas e cobertores e pô-los para secar no sol quente. O dia belo e muito bem-vindo terminou com um ataque aéreo às 20 horas. Os canhões antiaéreos do 11º RIFN cobriram a escuridão celeste com constelações de fogos e deflagrações vermelhas, que afugentou a Lavadora Charlie.

Por volta da meia-noite, Sid e seu amigo Les assumiram sua vez no turno de vigilância. Sentaram-se na escuridão ao lado do telefone do pelotão, onde ficaram “alimentando os mosquitos”. De repente, o telefone tocou. Era o comando do batalhão, que informou que sobrevoavam a área “aviões de caça noturnos e que, se houvesse um sinal vermelho (alerta de ataque aéreo), eles telefonariam para avisar”. Após algum tempo, quando Les e Sid ouviram o “ronco de aviões”, ambos observaram que, “realmente, era parecido com o da

Lavadora Charlie”. Ficaram, pois, esperando o telefone tocar. A Charlie sobrevoou a posição deles, sobre a qual lançou três bombas, que quase caíram “nos bolsos” deles. Logo em seguida, os canhões antiaéreos dos fuzileiros começaram a trovejar. Inabalados, a Charlie e seus amigos voltaram a sobrevoar a área e soltaram mais bombas sobre as posições dos fuzileiros, fazendo os membros da Companhia How praguejarem enquanto abandonavam seus bivaques de campanha em busca de abrigo nas trincheiras.

Na hora da chamada do pelotão de morteiros, na manhã seguinte, o tenente Benson informou a Sid e a Les que os dois “ficariam no serviço do rancho para sempre”. Tentativas de se explicar não adiantaram, pois Benny recusava-se a ouvi-los. Todos sabiam que Benny iria puni-los por causa dos danos causados ao seu precioso bivaque de campanha, que, no desespero para sair de lá, ele mesmo o rasgara com a faca quando as bombas começaram a explodir. Sabiam também que a severidade da punição provinha do desejo de Benson e seu superior, tenente Gaze Sotak, de vingar-se de Sid por causa de um incidente ocorrido meses atrás. Quando estavam na Austrália, o tenente Sotak quisera usar Sid como testemunha numa corte marcial envolvendo Whitfield, amigo de Sid. Numa pequena cidade de Melbourne, Sotak dera a Whitfield uma “ordem mesquinha e estúpida”, a qual Whitfield dissera a Sotak que ele sabia muito bem onde deveria enfiar. Na ocasião, o indignado tenente, após medir bem com o olhar o físico avantajado de Whitfield, resolveu puni-lo por insubordinação. Quando pressionado a servir como testemunha, o praça Sidney Phillips dissera que “não ouvira bem o que Whitfield havia dito, mas ficaria de ouvidos atentos para ouvir bem se ele o repetisse”.

Quase sempre, os oficiais venciam as demandas. O tenente Gaze Sotak riu por último quando viu Sid e Les pegarem o equipamento e partirem para o bivaque do serviço de rancho, situado a 200 metros de distância. Ao chegarem lá, o pessoal do rancho os pôs para trabalhar como “ajudantes de cozinheiro”, o serviço mais vil do setor, para cuja execução se dirigiam para um riacho que existia perto da cozinha, no qual ficavam areando grandes panelas com trapos misturados com areia e pequenas pedras. “Não era um trabalho pesado”, observou Sid. “E os japas deixaram de ser um problema.” Na fila do rancho, podiam ouvir as últimas notícias e boatos, como a de que o 5º. RIFN tinha encontrado resistência no litoral; que haviam prometido que o 7º. RIFN “estaria em casa no Dia dos Pais”; ou que os “japas desembarcaram um regimento reforçado na noite anterior” e estavam se concentrando em massa ao longo da linha de frente do 2/1. Nada disso, contudo, parecia importar muito para o ajudante de cozinha.

No fim de janeiro, o 2/1 transferiu-se para o topo da Colina 660, onde o 5º. e o 7º. RIFNs haviam travado grandes batalhas. Enquanto o restante da Companhia How avaliava a devastação, Sid e Les se viam montando acampamento perto de outro riacho. As duas “Cinderelas” perceberam tarde demais que todas as melhores árvores para a fixação de seus bivaques de campanha já estavam sendo usadas por outros colegas. Portanto, tiveram que fazer isso em árvores situadas num ponto mais alto da encosta. Na noite seguinte, houve uma tempestade, que se intensificou tanto que a chuva parecia uma cachoeira. Com o tempo, a força da água foi removendo a terra em que as raízes das árvores se fixavam e, com o vento forte, eles foram derrubados junto com os abrigos.

Sid continuou deitado em seu bivaque de rede, nu e apenas envolto no cobertor de lã, torcendo para o

melhor desfecho possível. De manhã, abriu o zíper do bivaque e vestiu as roupas encharcadas. Pouco depois, quando ele e Les Clark volveram olhares atentos lá para baixo, onde ficava a cozinha do batalhão, “caíram na gargalhada”, pois viram que os bivaques dos cozinheiros “estavam em frangalhos, que haviam perdido suas roupas, bem como suas armas”. Viram também que “a barraca do rancho, os fogões, os fornos e as caixas de comida tinham sido levados pela chuva”, mas que ele e Clark “estavam num lugar alto e seguro, rindo de chorar”. O riacho, transformado num rio caudaloso pela torrente, tinha arrastado tudo consigo. Quando o nível da água chegou à altura dos bivaques de rede dos cozinheiros, estes foram obrigados a abandonar seus leitões quentes e secos e tiveram que subir em árvores completamente nus, onde ficaram esperando ajuda até de manhã. Sid e Les iriam ajudar, mas, como eram fuzileiros navais, preferiram primeiro dar umas boas risadas à custa do infortúnio dos colegas despídos e empoleirados nas árvores. Mais ou menos no meio da manhã, voltou a chover, mas uma chuva leve dessa vez.

Enquanto se recuperava em casa, o major Shofner recebeu um telegrama em 27 de janeiro do CFNA. “A divulgação de sua experiência será feita em breve por Washington.” Em poucos dias, o país ficaria sabendo da atrocidade dos japoneses, que haviam matado muitos homens. A notícia teria sido excelente não tivesse vindo acompanhada por ordens superiores. “Sem primeiro contatar o escritório de comunicação social da Marinha ou do CFNA mais próximo, você não deve fazer comentários nem dar entrevistas à imprensa e precisa tomar cuidado ao relatar quaisquer experiências suas após a fuga ou os meios usados para fugir...” Dois dias depois, recebeu outro telegrama para ser informado de que esses cuidados deveriam incluir também os “cinejornais”. Essas ordens eram lógicas? Uma divulgação oficial da história deveria tornar desnecessários maiores sigilos sobre o assunto. Havia alguma coisa errada.

Os telegramas devem ter estimulado outra discussão no lar dos Shofner sobre a guerra de forma geral e sobre prisioneiros de guerra americanos em especial. Como família de um prisioneiro de guerra, eles haviam ficado bastante atentos aos acontecimentos relacionados com a guerra. Além das cartas de Austin, tinham recebido duas cartas do CFNA. Uma delas fora enviada para notificá-los sobre a Estrela de Prata; na outra, diziam que ele fora dado oficialmente como desaparecido em combate. Afora isso, a maior parte do que haviam sabido a respeito da conquista japonesa das Filipinas viera do general MacArthur. Em seus pronunciamentos em 1942, ele descrevera a defesa heroica da região e, com isso, conseguira melhorar sua imagem como um dos mais notáveis generais da nação. Após a derrota, receberam pouca coisa em matéria de notícias ruins.

A maioria dos especialistas no assunto concordara com Thomas Dewey, ex-governador de Nova York, que explicou que a derrota não tinha sido culpa do comandante. O general MacArthur, declarou Dewey, tinha “feito um verdadeiro milagre com suprimentos, uma Força Aérea e forças terrestres precários”.⁴⁵⁹ Os jornais, em seus editoriais, não puderam explicar o que havia acontecido nas Filipinas desde a rendição. Em junho de 1943, o estúdio cinematográfico MGM estreou um filme intitulado *Bataan*, cuja estrela foi Robert Taylor, um de seus melhores atores. Essa grande estreia foi seguida por um filme de menor duração, intitulado *Letter from*

Bataan, exibido pela primeira vez em 1942.⁴⁶⁰ Esses filmes haviam ajudado o público a conscientizar-se da perda das Filipinas, da ilha Wake e de Guam. Os militares americanos, principalmente os do Exército, haviam travado uma luta valorosa, mas fadada ao fracasso. A compreensão disso, suscitada pelos produtores cinematográficos de Hollywood sob a orientação do governo, objetiva levar o povo a concentrar suas energias no esforço de guerra.

Hollywood não havia conseguido, porém, resolver duas questões inquietantes: por que houve uma rendição? Por acaso eram os americanos menos corajosos que os japoneses? As dúvidas em relação a essas questões vinham torturando as consciências da nação, levando muitas famílias, como a de Shofner, a experimentar uma angústia sem fim.

As preocupações das famílias dos prisioneiros de guerra foram tratadas com toda atenção pelos membros do Congresso.⁴⁶¹ Tanto que, no outono de 1943, apenas um mês antes de Shofner e seus amigos serem levados para a Austrália, um projeto de lei fora apresentado no Congresso “para providenciar a promoção de certos prisioneiros de guerra”.⁴⁶² Uma vez que muitos dos soldados detidos nos campos de prisioneiros de guerra haviam servido na Guarda Nacional do Novo México, o senador desse estado americano criou uma lei que determinava que todo “prisioneiro de guerra subisse um posto” na hierarquia militar de acordo com cada ano de cativo. O honrado Dennis Chávez queria justiça para os homens de seu estado e também para outros que, “sem terem nenhuma culpa por isso, eram prisioneiros de guerra”. Uma vez que todos sabiam que “eles não tinham os meios para combater”, os prisioneiros de guerra deveriam ter o direito ao mesmo programa de promoções dos “funcionários de gabinete” de Washington.

O projeto de lei do senador Chávez, recebido com interesse por todos os membros do Congresso, não era visto com bons olhos pelo Ministério da Guerra. Em novembro de 1943, o ministro da Guerra Henry L. Stimson tinha enviado uma carta ao presidente da Comissão de Assuntos Militares do Senado explicando que não poderia dar promoções indiscriminadamente, pois não era possível “distinguir os homens que, por haverem lutado até o limite de suas forças, podiam merecer uma recompensa, na forma de promoção, dos que haviam se rendido em circunstâncias em que seria razoável esperar deles um esforço de resistência”.⁴⁶³ O ministro Stimson não estava disposto a absolver os prisioneiros de guerra da responsabilidade pela derrota.

Sua carta provocara polêmica no país, principalmente nas famílias dos prisioneiros de guerra e em estados como o Novo México, que tinha centenas de homens dados como desaparecidos em combate. Munido com cartas de muitas famílias indignadas, Chávez liderara um número crescente de congressistas dispostos a enfrentar a oposição de Stimson.

Obviamente, a questão da rendição se transformara num debate sobre o fato de o Exército de MacArthur ter sido ou não provido pelo governo com os meios para vencer o inimigo. O grupo de Chávez venceu o debate. Ficou assente que nenhum navio tinha sido enviado para ajudar MacArthur. Além disso, chegaram à conclusão de que os soldados não haviam se rendido, mas que o general Wainwright ordenara a rendição. Stimson e seu gabinete não podiam argumentar que seu Exército nas Filipinas estava bem equipado, pois,

examinada a questão retrospectivamente, via-se que isso não era verdade. Ademais, a validade de tal argumento implicava a ideia de que os rapazes americanos eram covardes. Tampouco Stimson podia culpar MacArthur. O governo Roosevelt, depois de retirar o general de Corregidor, havia confiado a defesa da Austrália e a liderança do Exército a ele.

Ajudar a própria família a entender o papel de MacArthur nas Filipinas foi algo em que Austin Shofner deve ter se empenhado bastante. Ele não via a hora de chegar o momento em que a nação soubesse da verdade sobre Douglas MacArthur. Para a família Shofner, esse momento chegou quando ela recebeu a edição de 7 de fevereiro de 1944 da revista *Life*, que apresentava uma longa reportagem na página 25 com o título “Prisioneiros do Japão: Dez Americanos Fugidos Recentemente das Filipinas Denunciam as Atrocidades Cometidas pelos Japoneses em seus Campos de Prisioneiros de Guerra”. Embora a matéria incluísse fotografias de cada um dos dez fugitivos, apenas dois contribuíram para a reportagem. O comandante Melvyn McCoy e o tenente-coronel Stephen Mellnik tinham “finalmente quebrado” o silêncio sobre a sina do Exército americano nas Filipinas. A história deles, ditadas de seus leitos no hospital, havia sido enviada ao ministro da Marinha, que a repassara ao presidente Roosevelt. O editor da revista *Life* adorou o furo de reportagem. “No terceiro ano da guerra, a censura finalmente levantou o véu de mistério que encobria o que aconteceu em Corregidor e Bataan após a rendição americana.”

Não fora, todavia, a revista *Life* que levantara o véu que ocultava a história dos prisioneiros de guerra. Sua matéria só foi publicada depois de uma semana com reportagens veiculadas pelo *Chicago Tribune* e os cem jornais afiliados a ele. A série de reportagens do *Tribune* prosseguiria até o fim de fevereiro, detalhando a história do tenente-coronel William E. “Ed” Dyess, o piloto da Força Aérea do Exército que havia retornado com McCoy e Mellnik. A forma pela qual o coronel Dyess iniciou sua história demonstrou que ele tinha uma mensagem diferente da apresentada por McCoy e Mellnik e publicada pela *Life*.

Dyess iniciara o relato de sua história dois dias antes do ataque japonês às Filipinas, a fim de impressionar os leitores com o fato de que as forças americanas estacionadas no Extremo Oriente estavam esperando um ataque japonês. Dyess descreveu, com grandes detalhes, a rápida destruição do poderio militar americano em Luzón, seguida por sua lenta desintegração na península de Bataan. Várias vezes, ele fez questão de frisar que a coragem não poderia compensar o problema da deficiência em matéria de números, armas e material bélico que os americanos e os filipinos haviam enfrentado. A esse respeito, a grande piada que circulava pelos meios da Força Aérea do Exército relacionava-se a uma mensagem escrita enviada ao presidente Roosevelt: “Excelentíssimo Sr. Presidente: Por favor, envie-nos outro P-40,² pois o que tínhamos aqui foi totalmente destruído.”⁴⁶⁴ Dyess apresentou também relatos da ocasião em que tiveram que caçar lagartos para se alimentar, quando suas provisões acabaram. Enquanto Ed Dyess deixava claro que os americanos haviam sido abandonados por seu próprio país, o *Chicago Tribune* publicava tabelas apresentando as centenas de milhões de dólares em tanques, aeronaves e peças de artilharia que os Estados Unidos tinham enviado à Grã-Bretanha, à União Soviética e a outros Aliados nessa mesma ocasião. Os fatos apresentados denunciaram a política do

governo Roosevelt de “A Europa Primeiro” de forma nua e crua, enquanto o verdadeiro inimigo dos Estados Unidos era o Japão.

Quando Dyess, em sua série de relatos, chegou à ocasião da rendição, complementou a história apresentada por McCoy e Mellnik. A matéria da revista *Life* omitira completamente o início da guerra, evitando, assim, tratar de quaisquer questões atinentes às razões pelas quais os americanos acabaram sendo derrotados, e preferiu concentrar-se no tratamento que os japoneses davam aos seus prisioneiros de guerra. Prendeu a atenção dos leitores com relatos de atrocidades específicas perpetradas na Marcha Macabra, iniciada em Bataan. A segunda página da reportagem apresentava como destaque, pelas mãos de um artista, o relato de um desses horrores. Explicava a legenda da fotografia: “Os americanos foram forçados a enterrar outros americanos vivos. Ameaçado com uma baioneta apontada para ele, este homem foi forçado a matar um compatriota com uma pá e enterrá-lo.” Seguia-se a isso uma longa descrição das condições de sobrevivência no campo de prisioneiros de guerra, onde os japoneses haviam matado cinco mil americanos indefesos. Mellnik e McCoy acreditavam que “não mais do que dez por cento dos prisioneiros militares americanos nas Filipinas conseguiriam sobreviver por mais um ano nas condições que existiam na época da fuga” deles.

Em meio a garantias de que nenhuma dessas descrições tinha sido exagerada, os autores deram amplas explicações de que tudo isso ocorrera como resultado de uma política deliberada por parte do governo imperial japonês. McCoy e Mellnik queriam deixar esses fatos indelevelmente registrados para impedir que os japoneses alegassem depois que essas atrocidades não haviam sido cometidas ou que sua liderança política jamais soubera das condições existentes nesses campos. Dessa forma, a reportagem poderia servir para pressionar o governo japonês a ter mais cuidado com seus prisioneiros. Todavia, desejavam, acima de tudo, intensificar no povo americano o sentimento de urgência e encarecer aos seus olhos a necessidade de ele fazer um esforço de guerra supremo.

A história da monstruosa crueldade cometida em Cabanatuan e em outros lugares produziu no país a impressão de que todos os prisioneiros de guerra, e não apenas os dez que haviam fugido, tinham delirado. O *Chicago Tribune* declarou, em seu editorial, que os Estados Unidos estavam enfrentando, no Pacífico, “a tarefa de ter que lidar não apenas com Hitler e seus gângsteres, mas também com uma raça de Hítleres que havia transformado o gangsterismo em religião oficial do Estado”.⁴⁶⁵ Congressistas passaram a empregar termos como “vingança” e a fazer promessas de “destruírem o Japão” com bombardeios a Tóquio. Por sua vez, o povo começou a comprar mais bônus de guerra para acelerar o ritmo com o qual a América se esforçava para destruir o detestado inimigo.⁴⁶⁶ O presente que McCoy, Dyess, Shofner e outros desejavam tanto dar aos colegas deixados em Cabanatuan havia sido entregue.

As histórias apresentadas pelos fugitivos serviram também para alimentar os debates no Congresso sobre a promoção de prisioneiros de guerra. O senador Chávez e seus aliados acreditavam que tinham todas as provas necessárias para justificar tais promoções. As famílias dos prisioneiros ficaram mais exigentes e incisivas, pois consideravam a questão das promoções uma forma de reconhecimento dos sacrifícios de seus filhos e de seus

irmãos. Entrevistado por congressistas que o visitaram na Nova Guiné, MacArthur declarou que seus homens “não se renderam ... que lutaram até ficar tão fracos que não conseguiram mais se manter de pé para combater”.⁴⁶⁷ Com esses comentários, ele parecia apoiar a ideia das promoções dos prisioneiros de guerra.

Austin Shofner via o debate sobre as promoções como uma forma de se desviar a atenção do que realmente importava. Como fugitivos que eram, ele e os outros haviam provado sua coragem e tinham sido rapidamente promovidos ao retornar. Todavia, a forma pela qual Melvyn McCoy e Stephen Mellnik haviam se tornado famosos como líderes da operação de fuga o irritava, embora ele não dissesse nada. Shofner queria que a indignação do público pelo fracasso em Bataan assumisse a forma de uma crítica franca e severa à atuação do general Douglas MacArthur como líder. Pelo que ele tinha visto, teria sido possível evitar que a invasão japonesa acabasse resultando na Marcha Macabra. MacArthur e seu estado-maior haviam permitido que sua Força Aérea fosse destruída em terra nove horas antes de haverem tomado conhecimento da ofensiva inimiga. A estratégia defensiva que ele criara acabou redundando numa derrota fragorosa e humilhante. Centenas de toneladas de alimentos jamais conseguiram chegar a Bataan. Dezenas de milhares de soldados pagaram um preço altíssimo pelos erros cometidos por MacArthur. Mas ninguém fez um relato ou a publicação desses fatos.

Na discussão que se instalou no país inteiro após a divulgação do sofrimento dos prisioneiros, o pesar pelo malfadado destino deles deu lugar à aceitação de que os soldados americanos não haviam sido equipados para combater o Japão. Embora questão não discutida, mas que certamente fazia parte da calculada prudência necessária com relação ao povo, era a percepção cada vez mais clara de que a guerra exigia sacrifícios, e penosos por sinal. Na avaliação de especialistas, os combatentes que haviam lutado em Bataan e Corregidor tinham atrasado o avanço do inimigo e dado aos Estados Unidos tempo para se prepararem para a guerra; acabaram servindo para levantar o moral do povo americano e inspiraram seus soldados, tal como jamais ocorrera “desde a Batalha do Forte Álamo”.⁴⁶⁸ Essa lógica os punha como personagens de uma das histórias favoritas dos americanos: a valorosa resistência diante de uma causa perdida. Além do mais, livrou os prisioneiros de guerra do estigma da vergonha. O ministro Stimson, portanto, passou a nadar contra a correnteza. O sofrimento das famílias dos prisioneiros de guerra, que haviam se indignado e angustiado muito por tanto tempo, seria aliviado.

Uma poderosa mistura de mitologia, patriotismo, necessidade prática e um hábil programa de comunicação social venceu todos aqueles que, como Shofner, haviam conhecido outra verdade. O povo entendeu que o sacrifício era uma necessidade infausta e que, assim que o labéu de covardia tivesse sido apagado, devia seguir em frente. A opinião pública, em relação à sorte das Filipinas, contrastava muito com o desprezo com que os americanos viam o almirante Kimmel e o general Short, os dois comandantes das forças americanas presentes no Havaí em 7 de dezembro de 1941. Esses líderes tinham sido sumariamente destituídos de seus postos após o ataque a Pearl Harbor, e suas carreiras, arruinadas, ao passo que Douglas MacArthur fora condecorado com a Medalha de Honra “por sua conduta heroica nas operações de defesa e

ofensiva na península de Bataan”.

Em 10 de fevereiro, Eugene Sledge completou o curso de instrução com um teste para avaliar sua habilidade com o manejo e emprego do morteiro de 60 milímetros. Obteve nota 94, dois pontos abaixo da que lhe concederia o certificado de especialista. Ficou muito irritado por haver chegado tão perto, pois o fazia lembrar-se do teste de emprego do fuzil, mas também porque uma nota de especialista o ajudaria a conseguir o posto de cabo mais rapidamente. Como sempre, porém, estava se esforçando bastante. Tinha acabado de participar de um exercício com munição de guerra e agora só dispararia uma bala de verdade dali a uma semana. Embora seu pedido de transferência para uma unidade de tanques não tivesse sido atendido, estava gostando da vida de fuzileiro.

Seu pelotão não recebera carabinas (fuzis semiautomáticos leves), sinal inequívoco de que partiriam em breve. A maioria do pelotão, todavia, foi “armada até os dentes” com pistolas e facas. A censura militar o proibia de se mostrar muito óbvio em relação à partida iminente, mas os sinais desse acontecimento estavam presentes em suas cartas. Pediu que lhe tirassem algumas fotografias trajando a farda azul de gala e, junto com uma caixa com pertences que não considerava fundamentais e que não podia levar consigo, as enviou para casa. Agradeceu aos pais por haverem contratado uma pessoa para providenciar a “reforma” do quarto dele, como preparativo para sua volta, e lembrou ao genitor o pedido que lhe fizera de comprar uma pistola .45 automática para ele. Eugene não via a hora de partir. Numa das cartas endereçadas à mãe, fechou a missiva com “Amo você e papai mais do que é possível dizer com palavras e do que o coração seja capaz”. Nos meados de fevereiro, o praça Sledge foi lotado no 46º. Batalhão de Substitutos. Uma semana depois, seu batalhão de substitutos partiu no navio *USS President Polk*.

Durante a viagem, Eugene leu bastante, principalmente o Novo Testamento, buscando fortalecer a própria fé, mas também algumas revistas de esportes ao ar-livre, que o fizeram se lembrar das expedições de caça que fazia com o pai. Em pé ao sol, observando a imensidão do Pacífico, sentiu o orgulho tão almejado por dar sua parcela de contribuição ao país. Com o passar dos dias, ganhou um bronzeado típico dos fuzileiros navais, além do pé de marinheiro³ e algo que desejava muito, mas que só agora conseguia admitir. Ele estava tirando o atraso em relação a Edward, seu irmão mais velho, em matéria de experiência nas Forças Armadas, o qual tinha embarcado num navio com destino à Inglaterra em novembro.

O boato chegou a Hilo dias antes da chegada dos aviões. No início de fevereiro, o 2º. Esquadrão de Bombardeiros trocou seus Dauntless por SB2C Helldivers. A troca do velho Dauntless pelo moderno bombardeiro de mergulho da Marinha significava que seriam empregados num porta-aviões muito em breve. Todos gostaram da ideia, principalmente os jovens lobos, até porque o Helldiver transportava mais bombas, era mais veloz e tinha quatro canhões de 20 milímetros. Os boatos que corriam sobre a “Fera Indomável”, apelido pejorativo dado à aeronave, não os intimidaram, pois a Fera “tinha asas, motor... e várias outras

coisas”.⁴⁶⁹ Os Helldivers que receberam não tinham vindo direto da fábrica. Ao se dirigir para eles no pátio de estacionamento, Mike confirmou sua primeira impressão no pré-teste de voo, isto é, o fato de que “tinham enviado algumas latas-velhas”. As condições dos aviões preocuparam Mike tanto como piloto quanto como oficial de engenharia do esquadrão.

O comandante do 2º. Esquadrão de Bombardeiros via Mike como o oficial mais preparado para chefiar a transição, pois era o único que havia pilotado o SB2C. O esquadrão foi informado de que tinha um mês para capacitar e brevetar todos os seus membros, a fim de que pudessem operar com o SB2C em porta-aviões. Como resposta, o tenente Micheel Ihes falou sobre a questão da alta velocidade de estol da aeronave, ou seja, isso significava que precisariam imprimir maior velocidade ao aparelho durante a aproximação de pouso. Decolaram algumas vezes do aeródromo, com Mike à frente do grupo, e partiram para um lugar em que, espremidos entre o oceano e dois grandes vulcões, mostrou a eles como era impossível fazer a centragem correta da Fera. Enquanto no Dauntless a centragem era possível, graças à qual o avião voava com estabilidade e equilíbrio, isso era impossível no SB2C. E o piloto tinha que ficar de olho no aparelho. Em pouco tempo, Mike, como oficial de engenharia e instrutor de voo, viu-se ocupadíssimo com o acúmulo de funções, ainda mais porque a aeronave continuava a apresentar o mesmo problema que levava o modelo e Mike a serem expulsos do *Yorktown* um ano atrás: o defeito no travamento das asas.

O fabricante do Helldiver, a Curtiss-Wright, solucionara o problema do travamento das asas instalando uma alavanca de tranca manual dentro da cabine do piloto. Quando as asas eram baixadas na posição de voo, os pinos de travamento internos eram inseridos nos orifícios. Para inserir os pinos de travamento, o piloto puxava a alavanca de travamento das asas, que ficava ao lado de um dos pés dele. Contudo, a alavanca apresentou problemas, provocados pela vibração do avião durante o voo. Mike e seus colegas perceberam que, “pouco depois da decolagem, viam essa coisa se movendo e tinham que se ajeitar no assento para pô-la no lugar com o pé”. O tenente Micheel acabou fazendo uma visita ao hangar, movido pelo desejo de achar uma solução com os mecânicos. De repente, um dos subtenentes da tripulação teve uma ideia: “Que tal pormos uma corda elástica nela?” Mike testou a ideia, que funcionou. Com isso, conseguiram manter a alavanca no lugar e também destravá-la rapidamente. Instalaram a corda em todas as cabines, onde prenderam uma ponta a uma parte da alavanca e a outra a uma peça de metal do interior da fuselagem.

Os novos SB2Cs, agora providos com alavancas de travamento de asas melhoradas, chegaram para substituir os antigos, nos quais haviam treinado. A Fera, porém, não conquistara a confiança dos pilotos, ao contrário dos Dauntless. O comandante do esquadrão, Campbell, informou a seus superiores que a “maioria dos pilotos achava que a mudança tinha sido indubitavelmente para pior”. Acrescentou que “a fama do SBC2 não era boa; que, de forma geral, os pilotos não confiavam no avião” e “achavam que não conseguiriam realizar mergulhos precisos por causa disso”.⁴⁷⁰ Mas era tarde demais. Seus superiores informaram que o outro esquadrão do grupo aéreo, de aviões torpedeiros, havia chegado. Além disso, explicou o comandante do 2º. Grupo Aéreo, eles tinham sido designados para servir a bordo do USS *Hornet*, pois o grupo aéreo embarcado

então no *Hornet* “não estava se saindo muito bem” e eles “teriam que substituí-los”.

Provenientes dos mais diversos lugares, os fuzileiros navais que formariam a Companhia Baker foram chegando aos poucos a Camp Pendleton. Os homens que haviam sido paraquedistas do CFNA chegaram com as calças enfiadas nas botas de salto. Outros, a maioria graduados, tinham sido tirados do serviço administrativo em Washington. De modo geral, estes últimos se achavam acima do peso, mas pelo menos não eram melindrosos, nem se sentiam inferiorizados, como os homens escolhidos a dedo para serem soldados da tropa de assalto paraquedista. Já os outros fuzileiros se consideravam tropa de elite, ainda que não tivessem participado de nenhum combate. Alguns veteranos de guerra, como John Basilone, se sentiram perfeitamente integrados à Companhia Baker, 1º. BIFN, 27º. RIFN. Um dos novos membros da unidade, o cabo Tremulis, fizera parte da guarnição de um canhão antiaéreo de 20 milímetros do convés de voo do USS *Yorktown*. Quando o capitão ordenou que abandonassem o navio durante a Batalha de Midway, Tremulis teve que nadar em pleno mar aberto para salvar a própria pele.⁴⁷¹

Contudo, a maioria dos soldados que chegaram ao 1/27 no fim de janeiro veio da base de treinamento de fuzileiros navais. Acharam o novo batalhão um tanto desorganizado, onde foram submetidos a certa rotina, com treinamento físico todas as manhãs, feitos na frente do alojamento. Certa tarde, o capitão Le François obteve licença para ir a San Diego, de onde não voltou mais. Oficialmente arrolado como ausente sem licença, Le François, no jargão dos fuzileiros, tinha “dobrado o cabo da Boa Esperança”. A ausência desautorizada de militares experientes não acontecia de forma esporádica e isolada, embora alguns acabassem voltando — felizes da vida por serem rebaixados em troca de alguns dias de folga.⁴⁷² Mas o fato é que a Companhia Baker recebeu um novo comandante e jamais voltou a ter notícias de Les François.

O comando da 5ª. DIFN iniciou um programa de treinamentos oficiais em 8 de fevereiro, antes mesmo da chegada de todos os militares esperados.⁴⁷³ O programa começou com o condicionamento físico do soldado, o manejo e o emprego individual da arma (familiarização) e treinos de entrosamento e atuação conjunta com os elementos do esquadrão. Este marchava até um dos polígonos de tiro espalhados pelo terreno imenso de Camp Pendleton. Enquanto a maioria das divisões treinava cinco dias por semana, o comando da 5ª. Divisão decidiu acelerar a fase de treinamento, fazendo seus homens se exercitarem dez dias seguidos e folgarem três.⁴⁷⁴ Os fuzileiros do pelotão de metralhadoras de John se concentraram no adestramento do manejo e emprego da metralhadora Browning calibre 30, resfriada a ar.

Numa das tardes no polígono de tiros de metralhadora, o sargento Basilone ficou observando o praça Charles Tatum, o rapaz de 17 anos de idade que conhecera em seu primeiro dia na Companhia Baker, fazer a metralhadora rabear e atirar sem parar, como se fosse uma mangueira de água descontrolada. Basilone deu um tapinha no ombro dele e explicou: “Tatum, talvez você seja o pior operador de metralhadora do CFNA. Você tem que ser gentil com a arma. Não atire sem parar.”⁴⁷⁵ Tornou a adverti-lo também a respeito da inconveniência de fazer o cano esquentar demais. “Dispare rajadas curtas, em vez de contínuas. Trate a arma

com delicadeza.” Explicou que a metralhadora não era uma arma onipotente. Tatum absorvia-lhe as explicações com grande interesse.

Todos os fuzileiros conheciam o nome John Manila, bem como sua história, nome que invocava imagens de “força bruta e determinação”.⁴⁷⁶ Os membros da Companhia Baker, porém, conheceram outro sargento, um que não se dava importância demais e que tampouco se considerava uma pessoa especial. Com isso, dava-se bem com o grupo. Como as palavras “medalha de honra” nunca lhe saíram da boca, ninguém chegou a conhecer “John Manila”.⁴⁷⁷ Os membros do pelotão o chamavam de sargento. Já outros sargentos o chamavam de John, porque nenhum deles convivera o suficiente com ele no passado para ter a liberdade de chamá-lo de “Manila”. De mais a mais, não fazia questão de que o chamassem assim.⁴⁷⁸ Talvez achasse que o nome pertencia à lenda, e não a ele.

A felicidade e o entusiasmo que os soldados viram nele anunciavam a volta do jeito natural de ser de John.⁴⁷⁹ Em meados de fevereiro, o 1º. BIFN voltou para o quartel após completar sua primeira série de bivaques. Depois de conceder a eles algum tempo para se organizarem, o coronel Butler ordenou que o batalhão entrasse em formação para uma inspeção. Os soldados se apresentaram com a farda cáqui bem passada, gravatas-borboleta de campanha, da mesma cor e usadas tal como prescrito, unhas limpas e os cadarços no tamanho padrão. Não tinham mochilas consigo, e sim apenas os cintos de munição e suas armas de soldado. As companhias passaram marchando diante do palanque do coronel Butler, o comandante do batalhão. Quando se puseram na frente dele, o tenente da Companhia Baker ordenou em voz alta: “Olhar à direita!”, e os soldados bateram continência ao passarem pelo coronel.⁴⁸⁰ O coronel Butler inspecionou cada um dos soldados e suas armas, seguido de perto pelo comandante da companhia. Inspeccionar centenas de fuzileiros levava tempo. Mas o coronel gostou do que viu. Tanto que elogiou os homens pelo bom trabalho e lhes prometeu bifes com ovos fritos como recompensa.⁴⁸¹ Em seguida, pediu ao sargento John Basilone que desse um passo à frente. Quando ele fez isso, o coronel lhe entregou alguns papéis e falou: “Agora você é o sargento de pelotão John Basilone.”⁴⁸²

Era uma promoção para a qual ele havia trabalhado muito. Antes de a guerra começar, os soldados haviam dedicado a maior parte de suas vidas à conquista do respeitado posto de sargento de pelotão. Dali por diante, ele seria chamado de “sarja” (ou instrutor). No mundo dos homens que treinavam duro e participavam de guerras, o sarja de pelotão tinha autoridade, certa autonomia e era bastante respeitado. Oficiais como o coronel Puller, o Peitudo, costumavam dizer com frequência que os graduados experientes eram a “espinha dorsal da corporação”. A promoção veio com um polpudo soldo mensal de 158,90 dólares, além de uma gratificação de 2 dólares “pela Medalha de Honra”.⁴⁸³ Uma vez, porém, que a Companhia Baker havia designado um sargento de armas pouco tempo atrás, John foi transferido para a Companhia Charlie. Basilone mudou-se, pois, com sua mochila de marujo, para o alojamento da C/1/27, situado a uns 100 metros de seu antigo abrigo. Agora, estava realmente onde sempre quisera estar.

O navio-transporte de tropa dirigiu-se para o cais de um porto movimentado, onde Eugene Sledge e os outros fuzileiros navais do contingente de substitutos desembarcaram. Fileiras de barracas do posto de substitutos em Noumea, Nova Caledônia, esperavam por eles. Situado perto da igreja da antiga missão, o campo tinha um refeitório que servia a melhor comida que Sledge havia experimentado na corporação, inclusive suco de frutas. Tiveram que seguir muitas normas, além de enfrentarem a demora de sempre para saber o que aconteceria em seguida. Como eram frequentes as chegadas e partidas de soldados do posto de substitutos, eram raras as chances de se fazer amizade no local. A não ser algum treinamento físico, tinham pouca coisa para fazer. Passaram-se dias, semanas, até que, por fim, Sledge conseguisse ser completamente integrado ao sistema.⁴⁸⁴

Até as cartas enviadas pela família finalmente o alcançarem, contentou-se com a chance de poder ler o que levava consigo. Adorava ver e rever a coletânea de fotografias da família, de seu cavalo e de seus cães, de sua coleção de armas premiadas, da casa. Conseguia pintar no quadro mental as belas azaleias e as camélias florescendo nas terras de Georgia Cottage. Ia frequentemente à cidade de Noumea, cuja arquitetura achou idêntica à do bairro francês de Nova Orleans, e na qual, a cada esquina que dobrava, esperava deparar com o hotel Cabildo, um dos pontos de referência de Nova Orleans. À noite, passava às vezes no posto da Cruz Vermelha para pegar gratuitamente uns impressos de V-mail,⁴ embora não se importasse com o problema das “cartas censuradas” e achasse difícil escrever, já que “tudo era considerado segredo” militar. Não via a hora de ser lotado numa unidade e começar a tentar a igualar-se a Sid Phillips. Depois de algumas semanas, ouviu seu nome pela primeira vez na lista de anúncio de chegada de correspondências. Era uma carta de Sidney, que, embora esperasse voltar definitivamente para casa, brincou dizendo que continuaria na guerra se Eugene fosse encaminhado para sua unidade.

A licença do major Shofner terminou em 27 de fevereiro. Finda a licença, apresentou-se para o serviço no Pentágono durante alguns dias, antes de passar a fazer isso junto ao comandante das escolas do CFNA. A corporação tinha muita coisa para ensiná-lo sobre os avanços na teoria, na prática e nos armamentos da guerra. Nos meses seguintes, solicitações de aparições públicas feitas pelo gabinete do diretor do Centro de Comunicação Social do CFNA interromperam o curso que ele estava fazendo. Shofner, bem como os outros ex-fugitivos de guerra, encarou esses eventos como uma oportunidade para incorporar e simbolizar a bravura dos combatentes das Filipinas. Toda vez que um dos fugitivos aparecia em público, as famílias dos desaparecidos em combate o cercavam e, súplices, tentavam obter qualquer informação possível — Você se lembra desse nome? Reconhece o homem nesta foto?⁴⁸⁵ Essas fotografias de entes queridos devem ter avivado suas lembranças dos horrores sofridos além-mar. E deve ter sido difícil para eles voltarem à sala de aula. Poucos dos outros alunos receberam uma carta enviada pelo próprio general Vandegrift, que escreveu a Shofner para expressar “profunda gratidão por sua dedicação ao serviço e sua conduta heroica”. Vandegrift incluiu na carta a segunda Estrela de Prata de Shofner, esta com o emblema do Exército.

Shofner ficou muito feliz com o reconhecimento e os preparativos para voltar a combater. Todavia, com

uma perspicaz demonstração de entendimento da forma pela qual as grandes burocracias funcionavam, a resposta que enviou ao comandante do CFNA incluía “dados sobre seus serviços não demonstrados em nenhum registro das tropas”. Este, um documento considerado sagrado, elaborado mensalmente por todas as unidades da corporação, era a base do cálculo do soldo mensal do fuzileiro, com sua experiência em diferentes tipos de comando (por exemplo, como oficial de operações, ou G-3), promoções, tempo de serviço e coisas semelhantes. O Engenhoso pretendia receber a compensação por todo o serviço prestado, inclusive o da época em que atuara como “subchefe do estado-maior” e como “G-3”.

Além disso, estava providenciando uma indenização dos pertences cujo abandono fora forçado a ordenar naquele horrível dia do Natal de 1941, num armazém em Olongapo. Relacionou detalhadamente, pois, em doze páginas, sua coleção de estatuetas de marfim, de ternos de gala e todo o conteúdo de suas malas. Após calcular certas perdas, embora levando em conta a inevitável “desvalorização”, o montante de sua lista de patrimônio “perdido, danificado ou destruído por causa de operações de guerra” totalizou 2.621,90 dólares.

Como resposta ao interesse que ainda havia pelo sargento de armas John Basilone, este se sentou à mesa, acompanhado por um especialista em comunicação social, para fazer uma declaração que pudesse ser enviada a todos os que solicitassem entrevistas.⁴⁸⁶ Após reconhecer que havia conseguido fama e fortuna, Basilone esforçou-se para achar uma palavra que expressasse o que sentia em relação à questão de fazer discursos sobre a venda de bônus de guerra. O problema era que ele queria usar uma palavra que não podia. O escritor-fantasma deve ter sugerido a palavra “hipódromo”. Como era uma palavra incomum para alguém que não tinha nem o ensino médio, explicou que ela se referia a um jogo cujos resultados são previamente combinados. Deliberadamente enunciada, para contrastar com a evidente satisfação de voltar a fazer parte da tropa de combatentes, entendeu perfeitamente a conotação pejorativa da palavra.

John sentiu-se coagido a negar que “gostava de dar um duro danado no Pacífico Sul e deixar que homenzinhos com cara de mico atirassem mais nele do que no colega ao lado... mas que, uma vez que as coisas eram assim para todos também, ele preferia mesmo era passar o restante da guerra além-mar”. Achava que “todos os verdadeiros fuzileiros navais, que não estivessem fisicamente despreparados, pensavam da mesma forma”. Sua irritação diante das incessantes perguntas, feitas a ele pelos amigos, pela família, pelos jornalistas e até por outros fuzileiros, o forçara a explicar detalhadamente por que solicitara que permitissem que voltasse para a força de fuzileiros do esquadrão. “Sempre ambicionei, desde Pearl Harbor, fazer parte da unidade que reconquistaria Manila. Ficava pensando quanto seria ruim se alguns fuzileiros desembarcassem na Dewey Boulevard, zona portuária de Manila, e John Manila não estivesse entre eles.” Assim que a guerra terminasse, ele pretendia usar os 5 mil dólares do prêmio para comprar um restaurante ou uma fazenda e retomar seu relacionamento com sua “namorada do leste”.

O nome da jovem não foi mencionado na matéria, mas John estava se referindo a Helen Helstowski, de Pittsfield, Pensilvânia,⁴⁸⁷ da qual recebia notícias “dia sim, dia não”; numa das cartas que enviou aos pais, tocou

no assunto e brincou com a mãe, dizendo: “Quem sabe se não vamos ter um casamento em breve?” John incluiu na carta um recorte de jornal de uma reportagem sobre seu irmão George, que participara da invasão da 4ª. DIFN às ilhas Marshall, no fim de janeiro. Quanto à participação dele na guerra, disse que, na ocasião, não tinham muita coisa para fazer na base, pois estavam esperando mais soldados para treinar. Independentemente do número de soldados existentes então na Companhia Charlie, o sarja Basilone sempre os levava para treinar. Certa tarde, foi dar uma espiada num velho amigo da Companhia Dog, chamado Clinton Watters. Não demorou muito, aproximou-se dele e o cumprimentou. Depois que puseram a conversa em dia — soube que Clint havia tido icterícia na época dos combates em Guadalcanal e que, portanto, não participara da refrega —, John perguntou por que ele estava num pelotão de fuzileiros. Quando Clint lhe disse que iria para onde quer que o enviassem, John respondeu que daria um jeito nisso. No dia seguinte, o sargento Watters apresentou-se para o serviço na C/1/27.⁴⁸⁸

Clint não fora muito íntimo de John quando os dois serviram na Companhia Dog. Ele era praça na época do curso de formação em New River e ficara fora da grande batalha. Era, porém, uma pessoa que John conhecia antes dos tempos em que se tornara celebridade. Passaram a sair juntos depois do trabalho para tomar uma cerveja e se divertir um pouco. John ia com a farda cáqui, que não tinha insígnia, exceto as divisas de sargento. Aonde quer que fossem, John sofria o assédio de civis, fuzileiros e outros membros do serviço militar. Mas entendia a vontade deles de conhecerem um herói e sempre dava um aperto de mãos e dizia algo gentil.⁴⁸⁹ Tanto Clint quanto John tinham algumas histórias de marinheiro para trocar entre si. Watters contou, por exemplo, que havia sido encaminhado para os *Marine Raiders* (tropa de assalto de elite da Marinha), que combatera em Bougainville e em outras ilhas das Salomão. Já John contou algumas histórias engraçadas. Quanto à medalha, falou a Clint sobre a ocasião em que Puller, o Peitudo, batera continência para ele.⁴⁹⁰

Clint não acompanhou John na noite de 23 de fevereiro, ocasião em que Basilone tomou a estrada para uma visita ao hotel Carlsbad, situado próximo ao povoado de mesmo nome. Era um belo hotel, relativamente novo, com as linhas ao estilo da arquitetura dos missionários espanhóis. Muito mais elegante e caro do que os lugares que John frequentava, o pequeno bar, instalado num dos lados do saguão principal, geralmente recebia frequentadores ricos, vindos de Los Angeles pela autoestrada litorânea. Ele e alguns amigos estavam em pé no bar quando Myra King, membro das reservistas do CFNA, os cumprimentou, e depois seu grupo de amigas ao dele.⁴⁹¹ Uma de suas amigas sentadas à mesa atraiu a sua atenção, uma jovem chamada Riggi pelos amigos. Também membro do corpo auxiliar dos fuzileiros, Lena Riggi usava pouca maquiagem e roupas folgadas. De repente, Basilone fixou o olhar nos olhos castanhos da jovem, realçados por basta cabeleira de fios negros como breu. Era belíssima. Embora a aparência de John Manila levasse algumas de suas amigas a ficar com “falta de ar”, a reação estampada no rosto de Riggi dizia tudo: “Bonito. E daí?”⁴⁹²

As mulheres convidaram John e seus amigos a se juntar a elas. Eles aceitaram o convite. Embora Lena não tivesse falado muito, a John o pouco que disse pareceu franco e sensato. Talvez Basilone tenha observado que o

jeito dela de falar indicava que Lena tivera um passado semelhante ao dele e acabou perguntando se podia levá-la para casa. “Não”, respondeu ela, “pois, como você não me trouxe, também não vai me levar de volta”.⁴⁹³ Disse que queria vê-la novamente. Lena respondeu que ficaria de licença por cinco dias. Basilone perguntou então se podia telefonar quando ela voltasse. Ela disse que sim, já que achou que, como “ele podia ter qualquer mulher que quisesse”, nunca telefonaria para ela. John anotou o telefone do refeitório dos oficiais em que Lena trabalhava.⁴⁹⁴

Quando chegaram as ordens para que se apresentassem para o serviço no USS *Hornet*, onde realizariam “operações em porta-aviões”, os lobos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros sorriram. “Os órfãos”, observou depois o tenente Hal Buell, amigo de Micheel, “tinham ganhado um lar”.⁴⁹⁵ No íntimo, o tenente Vernon “Mike” Micheel preferia que seus guardas-marinha tivessem tido mais tempo para treinar na “Fera Indomável”. No início de março, partiram pilotando para Ford Island, em Pearl Harbor, onde embarcariam no navio e se encontrariam com os membros do 15º. Grupo Aéreo, a unidade aeronaval que iriam substituir. Os membros do 2º. Esquadrão de Bombardeiros conheciam os pilotos do 15º. Esquadrão de Bombardeiros, pois os dois esquadrões haviam treinado na BAeN de Wildwood. No clube dos oficiais, os novos pilotos do *Hornet* ouviram a história dos antigos pilotos do navio. Quinze deles haviam começado a servir no navio logo depois de ele entrar em operação, em novembro de 1943, no qual passaram por meses de treinamento sob a supervisão do capitão Miles Browning, mas acabaram sendo sumariamente substituídos assim que chegaram a Pearl Harbor, antes da primeira expedição de combates do porta-aviões. Durante alguns *happy hours*, falaram aos colegas do 2º. Esquadrão de Bombardeiros quanto o capitão do navio era chato, agressivo, vingativo e tirânico. Explicaram que o capitão Browning fizera da nave um lugar muito desagradável para se trabalhar.

Dois anos antes, durante a Batalha de Midway, Browning servira a bordo do *Enterprise*. Seu papel fundamental na grande vitória em Midway acabou lhe valendo uma Cruz do Mérito Militar, bem como o respeito da Marinha inteira e o prestígio para comandar um navio-aeródromo. O novo *Hornet*, porta-aviões da classe Essex, era o primeiro navio que ele comandava.⁴⁹⁶ O curso de qualificação dos lobos a bordo do porta-aviões de Browning começou em 9 de março e transcorreu de uma forma mais satisfatória do que a esperada por Micheel. Os pilotos conseguiram fazer suas três aterrissagens sem problemas. Todavia, quanto mais tempo de serviço acumularam a bordo, mais claramente perceberam o descontentamento da tripulação. O exemplo vinha de cima. Os caprichos do capitão deixavam todos desequilibrados e desconfiados.

Ninguém no 2º. Grupo Aéreo, ou de seu esquadrão de bombardeiros, gostava da ideia de ter que trabalhar para um capitão assim. Pelo menos no que diz respeito ao futuro imediato de sua carreira, Mike sofreu uma reviravolta assustadora quando descobriu que o oficial que chegara para assumir o comando do estado-maior do porta-aviões era ninguém menos que o contra-almirante J. J. “Jocko” Clark. Um ano antes, certa feita Clark expressara aos brados sua insatisfação com o desempenho do tenente Micheel no *Yorktown*. Mike achou que talvez Clark não se lembrasse dele, já que os problemas com a “Fera Indomável” haviam feito o almirante gritar

com muitas pessoas naquele verão, mas, por precaução, deliberou ficar longe do caminho de Jocko. Felizmente, seu trabalho não exigia contato com o capitão Browning nem com o almirante Clark. As responsabilidades de Micheel eram treinar os pilotos de sua divisão e cuidar da manutenção dos aviões de seu esquadrão. Ele e seus pilotos procuraram, portanto, se concentrar na missão que teriam pela frente, pois nenhum deles estava disposto a deixar que os mandachuvras estragassem sua participação na expedição militar. Micheel achou contagiante o entusiasmo deles e uma semana de treinamentos passou rapidamente. Iniciara sua segunda expedição militar com mais de mil horas de voo e 65 aterrissagens em porta-aviões em litorais. Sentia-se muito realizado como piloto aeronaval. “Eu tinha todos esses números na cabeça.”

Em março de 1944, a linha de frente da guerra de porta-aviões ficava num ponto bem distante do oceano Pacífico. O *Hornet* partiu de Pearl Harbor às 20h40 do dia 15 e juntou-se aos contratorpedeiros da escolta e a outros porta-aviões. Navegaram em direção ao sudeste por cinco dias e, pelo caminho, realizaram treinamentos com as peças de artilharia de bordo, além de outros exercícios. Outro porta-aviões, junto com seu grupo-tarefa, seguia a uns 50 quilômetros ao sul deles, rumando para o mesmo destino.⁴⁹⁷ Entraram no atol de Majuro, nas ilhas Marshall, na manhã de 20 de março, onde uma estreita faixa de corais formava um círculo quase completo e encerrava uma laguna com mais de 32 quilômetros de diâmetro. A abertura no lado norte do atol permitiu que os navios de apoio da grande frota de porta-aviões da Marinha americana tivesse um ancoradouro perfeito no meio do oceano Pacífico. Os pilotos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros, quando seu navio-aeródromo entrou na laguna, viram o que lhes pareceu “a Frota do Pacífico inteira” ancorada no local.⁴⁹⁸ O *Hornet* juntou-se a um grupo-tarefa composto por mais um porta-aviões, semelhante ao deles, bem como por dois porta-aviões menores e suas escoltas. O grupo-tarefa 58.2 partiu logo depois para as ilhas Palau, onde realizaria sua primeira missão de combate. Outros dois grupos-tarefa se reuniram a eles às 15 horas, junto com o almirante Spruance, o comandante da Quinta Frota.

Com mais pilotos do que aviões em seu esquadrão, Mike quase não pilotara desde que partiram de Pearl Harbor, já que os novatos tinham a primazia no uso das aeronaves, pois precisavam acumular toda experiência possível. No entanto, quando deixaram o atol de Majuro, o comandante do grupo programou um treinamento coletivo para ver como seus esquadrões se saíam em operações de ataque coordenado em grupo. Na hora combinada, Micheel decolou com seu *Helldiver* e ganhou altitude, juntando-se à divisão. Quando subiu bastante, conseguiu abarcar com a vista a frota inteira. “Nunca vi um número tão grande de navios em minha vida.” Comparando a cena diante de si com a da lembrança de sua primeira expedição militar, viu que “a diferença era simplesmente fenomenal” e como eram “grandes as frotas americanas, e que quantidade enorme de navios os americanos tinham. Pareciam estar em toda a parte. Achavam-se a uns 65 quilômetros à frente deles”. Ao pensar em todos aqueles pilotos bem-treinados, em todos aqueles porta-aviões cercados por uma multidão de navios de apoio, sentiu grande confiança. “Como poderiam perder a guerra com tudo isso?”, perguntou-se. É possível que a cena tenha deixado admirados os lobos, que seguiam atrás dele, já que estavam ali porque fora ruim seu desempenho no treinamento coletivo.⁴⁹⁹ E os problemas envolvidos na questão iam

além da falta de concentração, já que vários dos Helldivers apresentaram certas deficiências. Assim, o capitão Browning os fez abandonar as aeronaves, que ficaram estacionadas num canto.⁵⁰⁰

Todavia, o treinamento do 2º. Grupo Aéreo terminou com esse voo, pois a força-tarefa havia sido incumbida de executar a Operação Desecrate One, cujo objetivo era destruir a capacidade ofensiva do inimigo nas ilhas Palau. As forças inimigas nas Palau precisavam ser neutralizadas para facilitar o avanço do general MacArthur pelo litoral norte da Nova Guiné. Contudo, a força-tarefa não seguiu do atol de Majuro direto para o oeste. Em vez disso, rumou para o sul, onde ficaria fora do alcance das armas da grande base inimiga em Truk, e atravessou o equador em 25 de março. Mesmo com o combate iminente, a tripulação do navio aproveitou a oportunidade proporcionada pelo cruzar da linha do equador, a fim de realizar a iniciação dos homens em sua primeira travessia. Veteranos de Guadalcanal, os tenentes Buell e Micheel haviam atravessado a linha em 1942, mas, infelizmente, como não tinham consigo comprovantes válidos, atestando que eram lobos-do-mar de Netuno, foram submetidos aos trotes do ritual “iniciático” junto com o restante dos lobos. No entanto, a cerimônia foi breve, pois, como o número de grumetes no *Hornet* era consideravelmente maior do que o de lobos-do-mar, decidiram não levar muito longe o ritual de humilhações.

No dia 26, outro grupo-tarefa se juntou a eles, aumentando para 11 o total de porta-aviões. O *Hornet* pôs-se ao lado do *Kankakee* para reabastecer-se de combustível e gasolina de avião. Encher plenamente os tanques de combustível, bem como aumentar cada vez mais o número de patrulhas aéreas de combate (PACs) e as patrulhas antissubmarino (PAs), era indício certo de que estavam na fase final de longos meses de preparação. No dia 28, um dos aviões de patrulha avistou um bombardeiro bimotor japonês, que os combatentes chamavam de Betty.⁵⁰¹ O piloto americano, que voava num avião torpedeiro, partiu no encalço da aeronave inimiga. O bombardeiro japonês se livrou de suas bombas e fugiu. A fuga do avião inimigo significava que os japoneses sabiam que a grande frota avançava a todo vapor na direção deles. No dia seguinte, outro avião japonês viu a frota avançando contra o inimigo. Perto dos aeródromos inimigos a essa altura do avanço, a tripulação do *Hornet* se manteve em seus postos de combate durante o resto do dia; a força-tarefa preparava-se para um contra-ataque do inimigo, que começou às 20h46. Nenhum caça decolou para enfrentá-lo, pois o comandante da força-tarefa não queria se arriscar com a realização de operações aéreas noturnas. Assim, os portões-aviões iniciaram manobras de emergência, enquanto os navios de guerra lançavam contra as forças adversárias enxurradas de fogo antiaéreo. Nenhum dos projéteis, porém, sequer chegou perto do alvo. Dali a pouco, enviaram da torre a informação de que o ataque às ilhas Palau iria ser transferido para o dia seguinte, 30 de março.

No início de março, logo depois de Lena Riggi voltar da licença, John ligou para o trabalho dela. Conversaram um pouco antes de ele perguntar a que horas Lena deixava o serviço. Ela aceitou encontrar-se com ele à noite no clube da USO, em Oceanside.⁵⁰² No clube, John atraiu uma multidão. Como Lena concluiu que a preferida do Manila era ela, não ficou nem um pouco enciumada com todas as mulheres que o rodeavam. Por fim,

conseguiram um tempo para conversar e descobriram bastante coisa em comum, além das relacionadas com os assuntos do CFNA. Lena disse a ele que seus pais haviam imigrado da Itália para os Estados Unidos, que tinha cinco irmãos, que fora criada numa fazenda perto de Portland, Oregon, e que aprendera a fazer tudo que seus irmãos mais velhos faziam.⁵⁰³ Confessou que acabou fugindo da fazenda e se mudando para Portland, onde conseguiu trabalho.⁵⁰⁴ Mas se cansou do serviço de escriturária numa loja de departamentos, em Montgomery Ward. “Certa manhã, ao acordar”, contou ela, “disse à minha amiga do apartamento da frente: ‘Sabe de uma coisa? Vou entrar para o serviço militar.’” Pouco depois, saiu de casa e foi parar no Centro de Recrutamento do CFNA, onde se alistou em 5 de julho de 1943.⁵⁰⁵ Talvez a história dela tenha feito John se lembrar de sua busca pelo próprio caminho na vida, cujos passos decisivos foram dados no dia 6 de julho de 1940 e acabou entrando para o CFNA.

Assim como ele, Lena havia treinado em New River, Carolina do Norte, antes de ser transferida para Pendleton, aonde chegou no fim de janeiro e descobriu que fazia pouco que as mulheres tinham começado a ser encaminhadas para servir nessa base.⁵⁰⁶ Embora fosse apenas cozinheira de campanha, ela se tornaria sargento assim que o corpo auxiliar formalizasse o sistema hierárquico.⁵⁰⁷ A franqueza de Lena deu lugar a certo senso de humor quando passou a conhecê-lo melhor. Ele gostava de rir, era modesto e dava mostras claras de ser muito afeito à família. Ambos gostavam de praticar esportes e até suas predileções a esse respeito eram parecidas — os dois favoritos deles eram o softball e o golfe.⁵⁰⁸ Como John não precisou falar muito sobre a medalha ou sua participação nos combates em Guadalcanal, quando o assunto veio à tona, explicou: “Foram meus homens que ganharam esta medalha. Eu a uso apenas por eles.”⁵⁰⁹ No fim do primeiro encontro, ela se recusou a dar um beijo de despedida nele. No entanto, começou a chamá-lo carinhosamente de Johnny.⁵¹⁰ Algum tempo depois, por sua vez, ele passou a dar um pulo no refeitório dos oficiais para vê-la dia sim, dia não, após o serviço.⁵¹¹ Suas amigas simpatizaram com ele imediatamente, mesmo porque viram logo que ele não pensava como os outros militares de Pendleton, que se referiam às fuzileiras navais como FuBunGras: Fuzileiros da Bunda Grande.

Em 30 de março, ao sinal da tomada de postos de combate, anunciado pelo sistema de alto-falantes, os membros do 2º. Esquadrão de Bombardeiros se reuniram na sala de preleções, onde Campbell voltou a passar instruções sobre o ataque. Disse que o 2º. Esquadrão de Bombardeiros não voaria como esquadrão. Explicou que duas divisões, com seis aviões cada uma, comporiam a primeira investida. As duas outras divisões fariam o segundo ataque. O mapa do arquipélago das ilhas Palau tinha um monte de nomes estranhos, como Babelthuap. Campbell, na liderança de uma divisão, e Buell, na da outra, se reuniram em pleno voo com alguns dos caças e aviões torpedeiros do grupo aéreo para atacar os navios inimigos no porto da ilha de Koror. Acrescentou que o inimigo sabia que eles iriam atacá-lo. Enquanto Campbell falava sobre os detalhes do ataque, tal como exposto no quadro-negro e no teletipo — assuntos, distâncias, codinomes e coisas do tipo —,

os pilotos envolvidos na missão faziam esforços frenéticos para tomar nota de tudo, sem deixarem de praguejar de quando em vez: “Merda, bem aqui na frente!”⁵¹² De repente, veio a ordem pelos alto-falantes: “Pilotos, para os aviões!” Com o paraquedas preso às costas, os pilotos das 1^a. e 2^a. divisões seguiram para o convés de voo rumo à primeira missão do esquadrão. Micheel e o restante dos pilotos, antes de voltarem para a sala de preleções, onde ficariam aguardando, devem ter conseguido um lugar no “Mirante dos Abutres” para assistir ao lançamento.

Com a tensão provocada pela iminência dos combates somada à euforia dos pilotos, um dos lobos descreveu o clima na sala de preleções como “uma mistura de ambiente de Coliseu de Roma em seu apogeu e um espetáculo de fenômenos paranormais”.⁵¹³ A verdade, porém, era bem menos emocionante, já que eles fumavam e jogavam gamão enquanto se preparavam para a missão seguinte. Os pilotos mais entusiasmados passavam vários minutos conversando sobre assuntos técnicos, nos quais faziam a comparação das qualidades de cada tipo de aeronave — tais como carga unitária e aspectos das asas. Lá embaixo, na loja de bordo do navio, podiam comprar maços de cigarros por 7 centavos cada. Do outro extremo do corredor, no lado de fora, um jovem afro-americano cuidava de uma pequena despensa. O marujo Roland E. Williams preparava refeições leves para as tripulações de voo quando o refeitório dos oficiais ficava fechado, mas não via a hora de a guerra terminar, para que pudesse frequentar a escola de barbeiros. Outros marujos limpavam os camarotes dos oficiais-pilotos e lavavam roupa. No convés de voo, logo acima da sala de preleções, equipes de serviço de pista faziam a localização de aeronaves em pleno voo e cuidavam das operações de auxílio a pousos e decolagens das missões de PAC e PA. Na execução dessas missões, em que um único avião era lançado por vez, o comandante não ordenava que virassem o *Hornet* contra o vento. Preferia que partissem usando a catapulta.

O primeiro grupo de ataque voltou quase três horas depois, trazendo notícias boas, em sua maioria. No porto da ilha-alvo, os Helldivers haviam achado oito navios inimigos, a maior parte naves de transporte de pessoal de 5 mil ou 8 mil toneladas, mas havia entre elas também um contratorpedeiro e um sampana. O 2º. Esquadrão de Bombardeiros conseguira atingir dois navios em cheio, além de haver bombardeado outros dois, cada um com uma bomba, porém falhou no ataque ao contratorpedeiro. O sampana sofrera um ataque em voo de metralhadas rasantes devastadoras — e isso com o canhão de 20 milímetros do SB2C, arma cujo “poder de destruição” os pilotos acharam “tremendo”.⁵¹⁴ Embora soubessem que caças inimigos estavam operando nas proximidades do ataque, na ilha de Peleliu, o único avião inimigo que avistaram fora um “Tojo”, que fugira. O fogo antiaéreo inimigo, porém, havia sido intenso, tanto que um dos aviões deles não retornou. O piloto e seu artilheiro, vistos pela última vez quando o avião americano iniciou o mergulho, foram dados como desaparecidos em combate.

Horas depois, chegou a vez de Mike seguir com o Helldiver para os combates. Ele partiu na liderança da segunda divisão, ao passo que o comandante do esquadrão foi à frente da primeira.⁵¹⁵ O alvo era o aeródromo da ilhota de Peleliu, situada a 180 quilômetros de distância. No mapa, as pistas do aeródromo pareciam formar um gigantesco número quatro, entalhado no solo de uma ilha de formato irregular. As “Feras Indomáveis”

estavam tendo seus compartimentos de bombas carregados com um projétil de 450 quilos e dois de 45 quilos, um sob cada uma das asas. As bombas menores tinham o regulador de detonação ajustado para que explodissem imediatamente e, com isso, aumentassem a força de dispersão dos estilhaços. As maiores tinham um retardo de um segundo, de forma que ganhassem maior poder de destruição contra paredes e anteparos de defesa. A visibilidade não tinha obstáculos. Além disso, oito caças e sete aviões torpedeiros os acompanhariam, já que o inimigo dera mostras de uma defesa antiaérea eficiente. Na sala de preleções, quando começaram a copiar informações importantes em suas pranchetas de tiro, os pilotos devem ter começado também a prestar bastante atenção no local de operação do submarino de resgate. A Marinha começara a postar um navio nas proximidades da zona de ataque para resgatar as tripulações de aviões derrubados.

Mike não achou a missão nem um pouco estimulante. “Veja aonde fui parar. Depois de passar por dois esquadrões, que eu mesmo treinei, eles nos dão um alvozinho como Palau.” Depois de anos de treinamento para atacar navios em movimento, a perspectiva de atacar um aeródromo e seus hangares o fez dar risadas. “Meu Deus!”, exclamou ele com ironia. “Errar um alvo grande como um aeródromo?!” Nisso, soou o chamado para que embarcassem em seus aviões.

Os pilotos subiram a escada que levava do convoo à popa, onde o ar ficava impregnado do cheiro de combustível e gases expelidos pelas aeronaves. Os Helldivers haviam sido espremidos numa área desse local, com parte de suas asas dobrada para cima, de modo que dessem espaço a outras aeronaves. Os pilotos dos Hellcats e dos Avengers decolaram antes de Mike, bem como os integrantes da divisão do comandante. Na manobra para entrar na posição de lançamento, ele apertou um botão e as asas baixaram. Antes de Mike partir, o capitão da aeronave e outro membro do serviço de pista verificaram se suas asas estavam travadas. Feito isso, Mike avançou para a posição de decolagem, com o nariz do avião obstruindo a frente de seu campo de visão.

Ficou nervoso ao aproximar-se do local de lançamento. Certamente, o SBC2 Helldiver tinha muito mais potência no motor do que o velho Dauntless, mas o comandante do grupo aéreo e o capitão Browning “havam anulado essa vantagem ao reduzirem a pista de arranque do convés de voo”, pois preferiram ter mais aviões estacionados no convés prontos para serem empregados. Com mais aeronaves na traseira do convés de voo, tiveram que deslocar mais para a frente o ponto a partir do qual Mike deveria iniciar o arranque e a decolagem. Não gostou da ideia de que houvessem “calculado” com exatidão “quantos metros podiam tirar da pista para que o piloto não caísse” no mar, em vez de decolar. O aquecimento do motor parecia ótimo. Quando acelerava ao máximo, o avião vibrava, como que cheio de força reprimida. O diretor de voo apontou para a proa e se abaixou. Quando Mike soltou os freios, a Besta se lançou impetuosamente para a frente. Ao ganhar velocidade, a cauda levantou-se, fazendo o avião nivelar-se com a pista e permitindo que ele visse o que havia na frente. Achou que o fim da pista parecia perto demais. Quando se desagarrou da proa do navio, a aeronave sofreu uma leve decaída. Então, viu que estava certo; “só depois de ficar talvez a uns 7 metros do convés é que se ganhava velocidade de decolagem”. Assim que julgou razoável, Mike fez uma curva suave para boreste, a fim de favorecer a incidência do vento sobre o avião de trás e ajudar a sustentação dele. Teve também que soltar o cinto de segurança, de forma que pudesse esticar o braço até uma parte do piso ao lado dos pés e puxar a

alavanca, para recolher o trem de pouso.

Voando em círculos, viu outros dois porta-aviões também às voltas com o lançamento de aeronaves a alguns quilômetros de distância. Notou a presença de nuvens pesadas nas imediações. Os Hellcats e os Avengers voavam em círculos com ele. Apenas nove dos doze Helldivers programados para participar da missão decolaram — mais problemas técnicos — e partiram rumo ao alvo. Levaram menos de uma hora para chegar ao destino. O líder tinha que localizar a ilha certa em meio a um grande número de ilhas minúsculas, verdejantes e atóis espalhados pela região, tarefa que exigia concentração. Deparam com uma infundável variedade de formas, cercadas pelo azul-claro de águas rasas e recifes de corais alvacentos. Foi fácil localizar o principal porto na maior das ilhas, pois navios japoneses em chamas enchiam as águas do local e aviões americanos enxameavam o céu.

O comandante encabeçou sua vaga de ataque a partir do nordeste. Quando se aproximou do alvo, lançou-se à frente do grupo, num mergulho rasante, para ganhar velocidade. Antes disso, os lobos fizeram os ajustes nos motores, nas hélices e depois a compensação das aeronaves para o mergulho. Estavam a uns 3 mil metros de altitude quando se alinharam ao longo da pista de Peleliu estendida no sentido nordeste-sudoeste. Podiam ver claramente o grande quatro das pistas riscado sobre o terreno relvado. De repente, Micheel desgarrou-se do grupo e embicou com o avião para a pista. Quando a agulha do velocímetro de sua aeronave se aproximava de 300 nós (555 km/h), um avião de caça passou roncando por ele e mergulhou sobre a área num voo rasante com tiros de metralhadoras, na tentativa de ajudar a reduzir a intensidade do ataque dos canhões antiaéreos inimigos. A velocidade do avião de Mike aumentava a cada segundo. “Estava me aproximando, em minha manobra de mergulho, e me encontrava talvez a uns 1.200 metros de altitude quando, de repente, pou! Senti que algo atingira o avião. Olhei para fora e... vi que minha asa de estibordo estava em chamas.” Mike achou que ainda daria para completar o mergulho, pois “talvez o fogo se apagasse”. Quando estava a uns 600 metros do alvo, soltou a bomba de 450 quilos e puxou o manche com ambas as mãos. Foi violentamente imprensado contra o assento pela força da gravidade.

“Quando me retirei e segui para o oceano, vi que o fogo tinha se apagado e que meu elerão estava todo despedaçado...” Ele podia perder o controle da aeronave a qualquer momento. “Preparando para fazer um pouso forçado no mar!”, avisou ele pelo intercomunicador. “Vamos pousar perto do submarino de resgate!”

“Ah, senhor!”, queixou-se John Hart, o artilheiro. “Espero que consigamos voltar para o navio. Fui atingido e estou sangrando. Não posso pegar o bote salva-vidas e não sei nadar. Espero que consigamos chegar ao navio.” Mike voltou a olhar para a asa, onde “viu um grande buraco” e que o cabo do elerão estava sendo atirado violentamente de um lado para outro. Se ele se partisse, talvez Mike não conseguisse pousar e parar suavemente perto do submarino de resgate. Além disso, seu artilheiro estava ferido. Se o pouso fosse problemático — geralmente é quando se faz isso na água —, era possível que Mike não conseguisse sair da aeronave antes de ela afundar.

“Vamos tentar voltar”, informou ele pelo intercomunicador. “Não sei se o elerão vai aguentar. Se aguentar e eu conseguir equilibrar a aeronave com o leme, talvez cheguemos lá.” Fez a curva e rumou para o porta-aviões.

A viagem de volta levou mais de uma hora, até que alguns elementos do grupo-tarefa começaram a surgir ao longe. Mike entrou em contato com o porta-aviões para avisar que seu colega estava ferido. Informou também a avaria que a aeronave sofrera para que ajuizassem da gravidade da situação. Contudo, seu pedido de permissão para pousar imediatamente foi negado. “Espere.” Houve uma pausa e depois o controlador solicitou: “Suba para 1.500 metros... e aguarde.” Segundo consta no relatório das avarias de Mike, o controlador de voo do *Hornet* sabia que era bem provável que ele faria um pouso forçado no convés de voo. Assim, Mike ficou voando em círculos até que todos os outros pilotos tivessem aterrissado e uma grande barreira de contenção fosse erguida.

Enquanto aguardava, voando em círculos, Mike teve tempo para pensar. Viu que tinha muita gasolina. Caso o elerão aguentasse, ele ficaria bem. Tão grave quanto o buraco na asa do aparelho era a perda de fluido hidráulico, que o fogo havia consumido. Sem o fluido, o avião de Mike ficaria sem os flapes de aterrissagem, o que daria mais força de sustentação às asas a baixa velocidade. Como o fluido era usado também no mecanismo de acionamento do trem de pouso, ele iria ter que baixá-lo manualmente. Assim que houvesse feito isso, tinha que aterrissar no porta-aviões, pois não podia pousar na água, já que as rodas e os montantes atritariam com ela e fariam o nariz do avião embicar violentamente ao contato com a água. Com isso, a aeronave capotaria antes de afundar. Mas foi assaltado por outra preocupação: “E se apenas uma das rodas do trem se abrir?”, pensou. Em seguida, voltou a contatá-los pelo rádio:

— Vocês não esqueceram que estou aqui, certo?

— Não, senhor! — respondeu o controlador. — O senhor será o último a aterrissar. Vamos levantar a barreira de frenagem para isso.

Para aterrissar, Mike tinha que saber a velocidade na qual o avião poderia entrar em perda de sustentação, o que significa que, caso isso acontecesse, perderia totalmente o controle da aeronave. Começou a fazer experiências nesse sentido, reduzindo a velocidade até quase entrar em perda, mas depois normalizava o voo, aumentando a velocidade e assim por diante. Queria obter os números exatos, pois sabia que teria que aumentar um pouco a velocidade para compensar o arrasto adicional (aumento da resistência aerodinâmica) que seria gerado quando baixasse o trem de pouso. “Calculei que teria que me aproximar a uns 37 km/h acima da velocidade de aterrissagem normal.” Depois de mais algum tempo, recebeu a permissão para pousar e entrou com a “Fera Indomável” na rota de aterragem. Baixou o trem de pouso numa aproximação a favor do vento.

Com uma manobra de aproximação clássica, Mike se pôs num dos lados do porta-aviões, que seguia na direção contrária, à sua esquerda. Pouco depois, baixou o gancho da cauda. “Sei que estou rápido demais. Quando me aproximar bem do navio, inclino a asa danificada para cima, de forma que o pessoal da ponte de comando possa ver a perfuração que existe nela!” Porém, antes mesmo que Mike pudesse começar a fazer a curva final para aproximar-se do navio por trás, o OSP acenou para que ele abortasse o procedimento. “Em seguida, ele pega o rádio e diz: ‘Você está rápido demais! Tem que reduzir a velocidade!’” Mike circundou o navio em baixa altitude, preparando-se para outra tentativa, procurando achar um ponto de equilíbrio entre a velocidade de estol e a que poderia ser excessiva. Mais uma vez, contudo, o OSP acenou para que ele

abandonasse a rota de aterrissagem. Disse a Mike pelo rádio que fizesse uma aproximação mais longa; que, em vez de fazer uma curva de 90 graus em relação à popa do navio, se aproximasse da nave em linha reta e nivelado com o convés, como se fosse aterrissar num aeródromo. O problema era que, ao aterrissarem, os aviões de base terrestre tocavam a pista com as rodas primeiro, ao passo que os de porta-aviões aterrissavam com o gancho da cauda prendendo-se ao mecanismo de frenagem do convés de voo. E pôr o avião na posição que permitisse que o gancho se prendesse ao cabo de retenção fazia com que o nariz da aeronave bloqueasse toda a parte frontal do campo de visão do piloto e que as asas impedissem que ele visse o que havia embaixo. Era por isso que, normalmente, os pilotos de porta-aviões faziam uma curva fechada para aterrissar — a curva acentuada baixava a asa de bombordo e permitia que vissem o convés e o OSP até quase o último segundo do procedimento. Sem curva, não podiam ver o que estava acontecendo na frente.

O OSP, aviador experiente, submetido a treinamento avançado, sabia exatamente o que havia pedido que o piloto fizesse. Felizmente, esse piloto tinha nos ombros mil horas de voo e havia enfrentado um mês de grande tensão nos combates em Guadalcanal. Como recomendado, pois, Mike fez em linha reta a longa aproximação pela popa. “O oficial de sinalização de pouso simplesmente deixou que eu me aproximasse com a velocidade que eu achasse mais razoável, mas me fez desligar o motor antes do tempo normal, de modo que eu continuasse a planar um pouco mais antes de tocar a pista. Normalmente, quando você aterrissa, chega bem perto da beira da popa; só então ele pede que você desligue o motor... E aí você engancha: Bam! Bam! Contudo, dessa vez, ele pediu que eu desligasse o motor bem antes e eu consegui ver a popa do navio!” Quando o OSP deu o sinal para cortar o motor, Mike desacelerou, silenciando-o. “Ah, eu tinha que confiar nele. Não podia fazer mais nada. Só podia fazer o que ele dissesse, pois ele sabia o que estava fazendo e era para isso que estava lá.” A Fera planou silenciosa, por um momento que pareceu uma eternidade. O pessoal na janela à direita da torre se levantou rapidamente. A escolha do momento de desligar o motor tinha sido perfeita e “o fez parar direitinho no convés”. O gancho da cauda prendeu-se ao cabo de retenção.

Quando olhou para cima, Mike viu as barreiras de frenagem começarem a baixar e atingir o convés com um baque. Ele avançou um pouco, parou, saiu do avião e o deixou aos cuidados da guarnição de manobra. Uma equipe foi correndo até o avião e levou John, o artilheiro de cauda, para a enfermaria de bordo. Mike foi para a sala de preleções, onde apresentaria um relatório da operação. Depois de um feito como esse, o piloto recebia os parabéns dos membros do esquadrão. Embora os guardas-marinha tivessem ficado impressionados com a aterrissagem de Micheel, seu comandante ficou impressionado mesmo foi com o fato de Mike ter conseguido completar o mergulho sobre o alvo com uma das asas em chamas. Os outros pilotos confirmaram que a bomba de 450 quilos lançada por Mike tinha “atingido quase em cheio o cruzamento das duas pistas principais do aeródromo em Peleliu”.⁵¹⁶ Esse feito do chefe da divisão serviu como exemplo aos homens de sua ala. O inimigo teria muita dificuldade para reunir condições de revidar lançando-se no encalço do *Hornet*, pois a primeira coisa que ocorreu a Mike foi tirar todo proveito possível desse ataque, destruindo ao máximo suas forças. Para Campbell, “a habilidade de Micheel e sua corajosa dedicação ao dever, mesmo diante de um fogo antiaéreo intenso e preciso, estavam à altura das mais altas tradições de combate da Marinha dos Estados

Enquanto transmitia o relatório, Micheel soube que o seu não fora o único avião a ser atingido por uma rajada de fogo antiaéreo. Foi informado de que outro avião fora alvejado também, só que sofrera danos menos graves que o dele e que um terceiro Helldiver se incendiara sobre Peleliu. O piloto, John Houston, virara o avião de barriga para cima, de forma que ele e seu artilheiro de cauda pudessem sair rapidamente da aeronave. Membros da tripulação de um navio viram dois paraquedas se abrirem sobre o território inimigo. Houston e seu artilheiro aterrissaram na água, a uns 100 metros do litoral da praia inimiga, perto demais da força adversária para que pudessem ser resgatados.⁵¹⁸

“Depois que terminei de apresentar meu relatório, desci até o convés-hangar para dar uma olhada no avião.” Os mecânicos haviam mantido as asas abertas para estudar os danos causados pelo ataque inimigo. “Fui lá e me enfiar até os ombros pelo buraco feito na asa. Era tão grande que dava para me virar em todas as direções.” Não admira, pois, que haja tentado voltar para o porta-aviões com certa pressa. Ao examinar o aparelho com mais atenção, viu também que o SB2C tinha ainda três dos cabos que controlavam o elerão e que apenas um havia sido danificado. Ainda assim, nem o cabo atingido tivera os fios totalmente rompidos; somente lhe dera a impressão de que isso tinha acontecido porque ficara chicoteando a asa. Notou que, no compartimento do banco traseiro, o projétil que havia mutilado John arrancara o punho esquerdo de sua metralhadora calibre .30. Diante da constatação, “desceu para ver seu colega artilheiro e deparou com alguns homens saindo da enfermaria de bordo, que disseram:

— Ele está bem. Não há nada errado com ele. Ele está bem.

— O que você quer dizer com isso?

— Que ele só perdeu o dedo indicador.

— Você quer dizer que ele não conseguiu puxar o bote salva-vidas porque perdeu o dedo? — perguntou Mike.

— Ora, ele estava assustado. Ficou em estado de choque, pois não sabia bem o que havia acontecido e estava sangrando...”

Ao pensar no episódio, Mike achou que não podia culpar John por haver desejado uma aterrissagem na água. A ideia não agradara a Mike também, mas o problema com o cabo do elerão lhe havia “apagado completamente a luz da razão”. Quando a tensão diminuiu, ele riu de si mesmo. “Achei que eu era o tal, já que eu tinha tudo muito bem-estudado. Aí, de repente, um projétil perfura minha asa e a incendeia.” Dali por diante, decidiu que não seria mais tão convencido, que deveria entender que isso podia acontecer com ele, apesar de sua grande habilidade. No primeiro combate de sua segunda série de ataques, tinha “mudado a maneira de pensar” e procurou ser “sempre cuidadoso”, mas também tornou-se “um piloto apreensivo”. Pouco antes das 21 horas, aviões inimigos se aproximaram da força-tarefa. Nenhum deles se aproximou demais do *Hornet*, mas a tripulação se manteve nos postos de combate até às 23 horas. Essa vinda do inimigo atrapalhou o sono de todos.

Quando, no dia seguinte, Mike se apresentou na sala de preleções, soube que John Hart havia decidido parar de participar de missões aéreas. Outros colegas se apresentaram para ocupar a vaga de artilheiro de cauda e, dessa forma, o colega mutilado pôde voltar a servir como mecânico de aviação comum. Embora Hart tivesse participado de missões aéreas com Mike desde agosto, bastou uma missão de combate para que desistisse. Outro aeronauta se apresentou e participou de um ataque com ele num lugar chamado Corro. O porta-aviões teve outro dia agitado, embora a maior parte dele tenha sido triunfal para os americanos. Um dos aviões torpedeiros, contudo, não conseguiu parar no convés de voo e caiu na água.

No terceiro dia de combate, 1º. de abril, o grupo aéreo transferiu sua atenção das ilhas Palau para o atol de Woleai. Mike não participou da operação. Durante a partida da vaga de ataque das 9 horas, uma das Feras apresentou uma falha tão grave na decolagem que o piloto, “na prática, simplesmente taxiou até cair pela proa”.⁵¹⁹ O avião e sua tripulação desapareceram antes que o contratorpedeiro de ronda conseguisse alcançá-los. Os dois ocupantes do avião tinham mulher e filhos. O preço de uma segunda missão contra o litoral de Woleai foi a perda de um Helldiver, derrubado pelo fogo antiaéreo inimigo. Antes do almoço, os porta-aviões e os grupos aéreos haviam completado suas missões e zarparam para Majuro.

Na sala de preleções, em dado momento o comandante Campbell começou a repreender Hal Buell, que liderara a segunda divisão na vaga de ataque de Campbell. Disse a Hal que ele não devia mergulhar antes da divisão de Campbell, mas seguir a orientação dele, já que ele era o líder da operação. Se o comandante esperava que Hal fosse aceitar isso, estava redondamente enganado. Hal olhou-o direto nos olhos e disse que o líder não deveria retardar o ataque voando em círculos sobre o alvo — pois isso dava aos artilheiros inimigos tempo de acertarem a mira de seus canhões antiaéreos. Argumentou que a técnica correta exigia uma aproximação em alta velocidade — uma descida impetuosa da altitude de cruzeiro para a de mergulho —, seguida imediatamente pelo mergulho. “Você tem que se pôr em cima do alvo e depois se retirar!” Campbell não podia aceitar essa contestação de sua autoridade. Os dois acabaram se apresentando perante o comandante do grupo aéreo. Campbell tinha a patente a seu favor. Já Hal era um veterano experimentado, que conhecia bem táticas de guerra. Como era líder de divisão, Mike poderia ter participado da polêmica, mas evitou fazer isso, pois se dava bem com Campbell, o Ensopadão, embora concordasse com Buell. Micheel tinha visto muitas situações como essa e sabia perfeitamente como tudo acabava: Diriam a Hal que ele tinha que obedecer às ordens de seus superiores e Campbell pararia de circular os alvos antes de atacar.

Três dias depois, o primeiro ataque americano às ilhas Palau terminou de forma absolutamente triunfal. As forças inimigas estacionadas nas ilhas Palau não podiam ameaçar o avanço de MacArthur pelo litoral da Nova Guiné; 130 mil toneladas de cargas marítimas dos inimigos tinham sido afundadas; dezenas de seus aviões haviam sido derrubados e outros mais destroçados em terra com ataques de metralhadas rasantes. A força-tarefa perdera cerca de duas dúzias de aviões, mas os submarinos resgataram algumas das tripulações dessas aeronaves. Mike achava inquietante o fato de que as perdas operacionais houvessem superado o número de aviões perdidos nos combates com caças e nos ataques antiaéreos inimigos. Durante a viagem de volta para

Majuro, correu o boato de que o próximo ataque deles seria na Nova Guiné.⁵²⁰ Antes disso, puderam sair um pouco do navio e pôr os pés na terra firme do atol de Majuro, enquanto os navios recebiam suprimentos e gasolina. Alguns soldados jogaram beisebol na praia, ao passo que outros preferiram nadar, mas não havia muita coisa para fazer em Majuro. Um dos lobos deu aos colegas sua definição exótica da palavra “atol” — nada de mulher, nada de uísque, nada de coisa nenhuma.⁵

Embora tivesse sido muito intensa e prejudicial a chuva em Cape Gloucester, em março os combatentes do 2/1 tiveram que reconhecer que “a época das chuvas parecia ter apenas começado”. Choveu muito e todo dia. A chuva criou verdadeiros mares de lama, que atrasaram as operações militares da infantaria. A sirene de alerta de ataque aéreo soava de vez em quando, embora raramente aparecessem aviões inimigos. Os únicos soldados do Exército Imperial Japonês que os fuzileiros viram foram os que estavam sendo mantidos como prisioneiros nos povoados — cada um deles tinha capturado pelo menos cinco ou seis prisioneiros. Os nativos “davam uma surra tremenda em todos os japoneses que conseguiam capturar”, como vingança pelos maus-tratos que os invasores os haviam infligido outrora. Para serem mantidos ocupados, os membros do 2/1 tinham aulas sobre armamentos, eram submetidos a inspeções e faziam alguns serviços no acampamento.

Sid, como integrante da equipe de cozinheiros, vira seu prestígio murchar. A tropa detestava comer a mesma coisa todo dia. Duas vezes nos dois últimos meses, haviam servido bife com ovos fritos para quebrar a monotonia de rações K e C requeitadas. No início de abril, os cozinheiros experimentaram servir peixe como entrada. O Decano deu uma olhada no peixe e disse aos cozinheiros: “Por mim, eles podem enfiar esse salmão no rabo!” Quando John Wesley “Decano” Tatum praguejava, significava que a coisa estava mesmo insuportável. O comando do regimento tentou melhorar a situação. Distribuiu cigarros, pastas de dente e outros luxos. Era também uma oportunidade para os soldados gastarem um pouco do dinheiro deles. Mas ninguém quis saber dessas coisas. Depois, começaram a exibir filmes à noite, em um lugar que se tornou o único que tinha luz na selva.

Na noite de 5 de abril, fizeram uma exibição com duas atrações. Como a chuva diminuiu, permitiu que os soldados assistissem aos filmes antes de irem dormir. Por volta das 4 horas, um estouro assombroso acordou Sid, que ouviu alguém gritar: “Colegas atingidos por árvore!” Sid saiu de seu bivaque individual e viu uma árvore gigantesca, com um tronco talvez com uns 3 metros de diâmetro e uns 15 metros de altura, tombada em cima de uma barraca a cerca de 6 metros dele. Dali a pouco membros do serviço de rancho apareceram com suas lanternas e a Companhia H inteira correu para ajudar. A árvore havia esmagado as pernas de um dos ocupantes da barraca. O Decano e o Sub estavam com Sid quando os integrantes da companhia removeram o tronco, tirando um homem ferido e um corpo que havia debaixo dela. A vítima fatal era Don Rouse, um dos membros originais da GP-M4.

Horas depois, o tenente Benson incumbiu Sid de cuidar dos pertences de Rouse, enquanto uma equipe de marinheiros se apresentou e começou a inspecionar a mata que havia dentro e nas redondezas do campo. Dois deles carregavam um gigantesco traçador, como se fossem uma equipe de maqueiros. Cortaram em pedaços a

árvore que matara Rouse. Entre os pertences de Don, Sid achou uma folha de propaganda que fora lançada de avião pelos japoneses sobre suas posições na Nova Guiné. Don tinha uma dessas porque fora transferido para a seção de espionagem da companhia. Em razão do conteúdo pornográfico do panfleto — os japoneses haviam confundido os fuzileiros navais com australianos e pretendiam semear discórdia entre os Aliados com isso —, Sid o apresentou a Benson, que disse a ele, simplesmente, que podia ficar com o panfleto, pois já tinha um.

Pelo visto, a chuva tinha afetado a firmeza das raízes, tanto que todas as árvores maiores e mais pesadas haviam caído. Um marujo oriundo do Oregon derrubava árvores com precisão, sem ao menos pedir que as barracas fossem mudadas de lugar. A companhia realizou o funeral do praça Don Rouse, natural de Biloxi, Mississippi, às 14 horas. Enterraram o corpo dele no cemitério. A lápide tumular que puseram em sua cova não permaneceria por muito tempo em pé em Cape Gloucester. Nada que o homem fizesse durava muito no inferno verde. Enquanto isso, ao lado das barracas os marujos cortavam as árvores derrubadas e os fuzileiros tiravam do caminho as partes cortadas.

Algumas noites depois, a Companhia How soube que estavam fazendo listas dos soldados que seriam enviados para casa. Além disso, haviam criado um sistema de concessão de licenças para os que tivessem direito a descanso, embora os que requisitavam licença acabassem retardando a volta para casa. Mas só seriam dadas quando saíssem de Cape Gloucester, Nova Bretanha. A primeira notícia confiável a respeito da partida deles foi recebida pela tropa no sábado da Páscoa, dia 9 de abril. Um graduado veterano organizou uma reunião especial, na qual anunciou que a 40ª Divisão os substituiria dali a sete ou dez dias. A 1ª DIFN iria ou para Noumea, Guadalcanal, ou para alguma ilha das Russells.

No domingo da Páscoa, vamos encontrar o praça Eugene Sledge ainda no acampamento do batalhão de substitutos em Noumea, Nova Caledônia. A Cruz Vermelha providenciara a celebração de missas. A chance de ir à igreja o deixou feliz, fazendo-o reviver as doces lembranças da época em que frequentava com a família a igreja presbiteriana da Government Street, em Mobile. É o que vemos no que ele disse ao pai numa carta escrita nesse dia: “Você e mamãe fizeram com que Edward e eu aprendêssemos a ver a vida com irrepreensível pureza cristã, visão que jamais perderemos, independentemente de quem viermos a ser no futuro.”

O batalhão de substitutos fazia longas marchas pelas montanhas que havia nos arrabaldes da cidade. Marchavam quase 30 quilômetros, num ritmo tão intenso que Sledge ficou “convicto de que os soldados de Stonewall,⁶ caso os vissem, os achariam muito bons” nisso. Seu olhar atento não perdeu as cacatuas e os periquitos empoleirados nas árvores. Deliciava-se com as cores vivas dos pássaros e suas graciosas reações, como se fossem repreensões contra toda perturbação de sua tranquilidade paradisíaca debaixo de seus ninhos verdejantes. Algum tempo depois, quando os fuzileiros iniciaram a prática de manobras anfíbias, teve a atenção atraída pelas diminutas conchas da praia, as quais o levaram a interessar-se pela vida marinha.

Agora que estava além-mar, Eugene adotou o linguajar dos fuzileiros. A um amigo de Mobile que tinha “acabado de entrar para a melhor corporação militar do mundo”, advertiu: “Você terá poucas folgas e muito trabalho duro, mas, quando tiver passado por tudo isso, poderá dizer que é fuzileiro. Sinto orgulho de poder

lhe dizer isso agora.” À sua tia, que o vira numa fotografia recente e tivera a infelicidade de comentar que Gene “parecia um piloto de caça da Real Força Aérea britânica”, ele respondeu: “Se algum homem me dissesse isso, eu o agarraria pelo grampo de ensarilhar e deixaria preta a pontaria dele. Em outras palavras — quebraria sua cara. Não que eu tenha algo contra a Real Força Aérea britânica, mas o fato é que estou numa corporação com 169 anos de tradição, de um espírito combativo sem igual, e não me agrada ouvir dizer que pareço uma ‘celebridadezinha voadora.’” Seu orgulho pelos fuzileiros navais, porém, era imensurável só na aparência, pois não chegava ao ponto de se permitir tatuar com símbolos da corporação. Muitos dos rapazes da base mandaram tatuar nos braços ou no tórax a águia, o globo e a âncora, mas ele sabia que seus pais ficariam “horrorizados” com isso.

Todavia, o praça Sledge contraiu também o hábito de manifestar repúdio pelas más notícias enviadas de casa. Advertiu à mãe que, “enquanto estivesse lá fazendo o melhor que podia”, não queria ouvir falar de “greves, problemas raciais ou mesquinhas políticas”. Ele gostava dos recortes de jornais sobre caça ou história que a mãe lhe enviava, mas pediu que parasse de mandar notícias sobre a guerra — explicou que a sala de recreação vivia cheia dessas coisas e que ele não aguentava mais ouvir falar no assunto. No que diz respeito à política, declarou: “Quando vencermos a guerra, espero que os políticos tenham deixado sobrar alguma coisa da América para vivermos em paz.”

O *Hornet* partiu de Majuro em 11 de abril para ajudar o Exército do general MacArthur a avançar mais pelo litoral norte da Nova Guiné. Em razão de uma drástica mudança no comando, o porta-aviões de Micheel havia se tornado o navio-capitânia do Grupo-Tarefa 58.1, que incluía o USS *Bataan* e mais dois porta-aviões leves, sob o comando de Jocko Clark. O grupo-tarefa avançava com os outros grupos-tarefa da Força-Tarefa 58, composta por um total de doze porta-aviões e dezenas de navios-escolta. Em matéria de capacidade ofensiva, não havia nada igual.

A navegação conjunta, com uma armada de doze cruzadores, contratorpedeiros e outros porta-aviões, tornou mais difícil o processo de lançamento de aeronaves, pois o porta-aviões tinha que se virar contra o vento, independentemente da direção dele, e aumentar a velocidade. O deslocamento dos porta-aviões a velocidades maiores tornava difíceis as coisas para os navios mais lentos. Na viagem para a Nova Guiné, o almirante Clark informou a seu grupo-tarefa que seu “comando invertido” seria, dali por diante, um procedimento operacional padrão. Como comandante de porta-aviões, Clark inventou “o comando invertido”, por meio do qual seu porta-aviões separava-se da formação em grupo a uma velocidade de 25 nós (46,3 km/h), enquanto os outros navios mantinham a velocidade constante de 18 nós (33,3 km/h).⁵²¹ Isso economizava combustível. Agora que comandava o 58.1, Jocko Clark determinou que o grupo-tarefa inteiro executasse o comando invertido, cujo nome, considerado prosaico, foi modificado para “Fornalha Reformada”, de forma que ficasse mais compatível com o jargão naval. Jocko, ex-piloto, ordenou a mudança porque dava prioridade às necessidades de seus porta-aviões. Seu plano irritou muito os capitães dos navios de guerra, cruzadores e

contratorpedeiros, que tiveram que “ceder o lugar” aos porta-aviões.⁵²² A Fornalha Reformada provocou o desmantelo de séculos de tradição e doutrina militar naval, pois, outrora, a formação com os grandes navios de guerra era a que imperava nos mares. O rompimento com essa tradição significava que os navios de guerra não deveriam preparar-se mais, como antes, para participar da batalha naval decisiva; dali por diante, seus canhões existiriam apenas para proteger os porta-aviões do ataque aéreo inimigo. O almirante Mitscher, oficial no comando de todos os grupos-tarefas, ostentava também as Asas Douradas de piloto aeronaval. Quando Mitscher observou o 58.1 de Jocko executar o comando invertido, chegou à conclusão de que era a melhor formação de todas e ordenou que fosse adotada por todos os grupos-tarefas da Quinta Frota.

Na sala de preleções do 2º. Esquadrão de Bombardeiros, Campbell mostrou a seus homens um mapa da Nova Guiné e do alvo de MacArthur, Hollandia. Como sempre, eles ajudariam os soldados destruindo vários aeródromos das proximidades do local. Relatórios enviados por missões de reconhecimento do Exército informavam a existência de um total estimado de 350 aeronaves japonesas na região. Enquanto outros esquadrões ficariam incumbidos de atacar Hollandia em si, os lobos receberam a missão de atacar bases situadas a quase 200 quilômetros para o oeste, ao longo do litoral. Em parte do apronto de pré-voos, discutiram a questão da procura do melhor local, caso alguém tivesse problemas, para aterrissar ou pousar de paraquedas. O ataque a alvos no litoral da Nova Guiné lhes proporcionava muito mais oportunidades operacionais do que nas ilhas Palau, porém, com um sorriso Mike advertiu a seus homens: “Não aterrissem na selva, que está cheia de aborígenes... antropófagos!” Quando se aproximaram da Nova Guiné, voltaram a ficar ao alcance das armas dos aviões inimigos. A Patrulha Aérea de Combate (PAC) começou a ter que enfrentar aeronaves sem identificação, que apareciam sozinhas, e não em esquadrões.

Nas primeiras horas da manhã de 19 de abril, dia anterior à missão de combate seguinte, houve uma tremenda e perigosa confusão entre os elementos da armada. Enquanto o navio se virava contra o vento para iniciar o lançamento de algumas PAs de rotina, soou o alerta de tomada de postos de combate.⁵²³ Mike e outros pilotos tiveram que permanecer na sala de preleções. Souberam depois que o porta-aviões tinha entrado na rota de outro navio do grupo-tarefa. Mais informações sobre o incidente vieram depois, quando Hal Buell retornou de sua rotineira missão de PA. Ele viu dois navios quase colidirem com o *Hornet*. Estava sentado no avião, com o motor ligado, e, numa das olhadas que deu para estibordo (lado direito), viu a proa de outro navio se aproximando dele, varando a escuridão. Felizmente, a nave passou de raspão, embora talvez só a uns 6 metros de distância. Todavia, mal se recobrou do susto e ainda respirava fundo, quando viu outro navio aparecer, cuja proa “parecia ter a altura de nosso convés de voo” e dava a impressão de que estava “em rota de colisão direta” com eles. Desesperado, Hal desligou o motor, soltou o arnês e pulou do avião. Sem saída, ficou observando. Viu o navio-tanque entrar em marcha à ré e passar a apenas “alguns centímetros da proa”, tão perto que “daria para ter pulado da popa para o convés a partir da ponte de comando dele...”. Pouco tempo depois, chegou a informação de que o capitão Browning estava no leme quando isso aconteceu e que foi duramente repreendido pelo almirante Clark, “que foi correndo até o passadiço vestido apenas com o roupão

de banho”.⁵²⁴ A repreensão terminou com Jocko fazendo uma advertência a Browning: “Nunca mais faça isso!”⁵²⁵ O capitão do navio se retirou abanando a cabeça.

Em 20 de abril, os aviões da Força-Tarefa 58.1 passaram quatro dias atacando alvos em Sawar, Sarmi e na ilha Wakde. O tempo estava muito ruim, com um teto tão baixo que os Helldivers iniciaram seus mergulhos a partir de 1.200 metros de altitude.⁵²⁶ Operar a baixa altitude facilitava o trabalho da artilharia antiaérea inimiga. Em poucos dias, os lobos perderam oito aviões.⁵²⁷ No entanto, erros e problemas de funcionamento do equipamento foram, mais do que o fogo antiaéreo inimigo, a maior causa dessas perdas. Dois aviões colidiram. Outro deles apresentou problemas de motor logo após a decolagem e caiu enquanto tentava voltar para bordo do navio. O piloto sobreviveu, mas seu artilheiro, não. Outra dessas aeronaves falhou durante a decolagem e caiu no mar. O artilheiro conseguiu sair do avião, porém o piloto teve que ser retirado dos destroços, pois sofrera traumatismo craniano e morreria. Os pilotos sabiam por que isso acontecera: a alavanca para recolher o trem de pouso ficava fora do alcance da maioria dos aviadores, tanto que estes tinham que decolar com as correias do cinto de segurança dos ombros soltas, pois só assim podiam recolher o trem de pouso rapidamente. Recolhê-lo com rapidez ajudava o Helldiver a alcançar velocidade de voo em menos tempo e, desse modo, era menor o risco de colidirem com a água. Com as correias soltas, porém, o tenente Bosworth sofrera um forte golpe na cabeça quando sua Fera chegou ao fim da popa e caiu na água, que ficava a uns 16 metros abaixo do convés.

O acidente levou o comandante a fazer tudo para que a Marinha entendesse a gravidade do problema. Campbell solicitou também providências imediatas para a instalação de alavancas maiores nas aeronaves. Explicou que os pilotos tinham que poder recolher as rodas sem terem que soltar o cinto de segurança. Na ocasião em que outro SB2C teve problemas na decolagem e acabou caindo na água, o piloto estava usando o cinto. Quando foi resgatado, disse que ficara “preso na cabine e afundara uns dez ou doze metros antes de conseguir soltar-se das correias”.⁵²⁸ O acidente levou Hal Buel e Mike a se reunirem para uma conversa. Achavam que tinham que fazer alguma coisa para resolver de vez o problema, pois o grupo aéreo tinha sofrido dez acidentes. Após reverem e discutirem as circunstâncias de cada um desses acidentes, os dois veteranos chegaram à conclusão de que, pelo menos em um ou dois deles, a culpa fora do piloto, ao passo que, com relação aos outros, a causa fora a “insuficiência de vento” no convés de voo. Enquanto os outros aviões do navio, os Hellcats e os Avengers, aparentemente conseguiam decolar sem problemas, mesmo com vento fraco, um SB2C com a carga máxima precisava de bastante vento e um trecho de pista do convés de voo bem grande. Buell achava que Campbell, o comandante do esquadrão, não compreendia bem a extensão do perigo e sugeriu que passassem por cima da autoridade dele e fossem falar diretamente com o comandante do grupo. Mike concordou com a ideia. Roy Johnson, o CGA, ouviu atentamente seus veteranos e concluiu que tinham razão. Acabou achando uma forma de convencer o capitão Miles Browning a adotar manobras que fizessem incidir sobre o navio ventos com 45 a 55 km/h ou permitisse que os Helldivers voassem com, no máximo, 680 quilos de bombas, em vez dos costumeiros 907 quilos. Logicamente, Campbell, o comandante do 2º. Esquadrão de

Bombardeiros, ficou sabendo da reunião e reprovou a atitude de Buell.

O grupo-tarefa deles passou mais alguns dias na área, fornecendo cobertura aérea e serviços de escolta, como elementos de apoio às forças de ataque de MacArthur. Em pouco tempo, porém, ficou claro para eles, com base nas notícias que ouviam pelo rádio, que o “departamento de comunicação social de MacArthur não parava de exaltar os feitos da invasão do Exército a Hollandia, mas não dizia uma palavra sequer sobre o apoio prestado pela Marinha”.⁵²⁹ A única coisa que restava aos lobos era abanar a cabeça, por enojados com as maquinações descaradas do “Doug Toupeira”. Parte da frustração que sentiam, todavia, resultava da impressão de que seus ataques não tinham sido eficientes, mesmo porque não haviam conseguido saber, com antecedência, a localização exata das instalações do inimigo. Descobriram que seus alvos terrestres ficavam encobertos por um “número muito grande de coqueiros”, bastante espalhados pela área. “Os mergulhos foram feitos, portanto”, queixou-se Campbell, “em certas aéreas da ilha, em vez de sobre um alvo específico. Na maioria dos casos, foi uma questão de sorte o fato de termos acertado algum alvo importante e tê-lo destruído”.⁵³⁰

Em abril, John Basilone enviou outra carta à família — logicamente, sua mãe deve ter lhe passado um sermão daqueles, advertindo-o que escrevesse com mais frequência — para dizer que passara a primeira parte do mês fora da base, na região campestre de Camp Pendleton.⁵³¹ Explicou que tinha sido fácil para ele viver com os mantimentos levados na mochila de campanha. “Estou bem; o único problema é que peguei muito sol. Fiquei preto como o ás de paus.” Como sempre, a maior parte do teor da breve missiva foi para perguntar como a família estava — pediu notícias da avó, que estava doente; do pai, que fora contratado por uma respeitada loja de roupas; dos irmãos e das irmãs. Ficou sabendo que o irmão Al havia entrado para o CFN. Contente com a decisão do irmão, Johnny pediu à mãe que dissesse que desejava ao mano “toda a sorte do mundo”. Terminava as cartas com as seguintes palavras: “Amo vocês. Beijos de seu amado filho, Johnny.” Pediu também, na carta, que a mãe lhe enviasse um exemplar da revista *Parade*. “Quero mostrá-la aos rapazes.”⁵³²

“Os rapazes” eram alguns dos sargentos da companhia: Clinton Watters, Jack Wheeler, Rinaldo Martini e Edward Johnston. Eram seus amigos do peito na Companhia Charlie, unidade que acabara de voltar das manobras de campanha numa área rural. Os graduados precisavam acostumar seus fuzileiros inexperientes a atirar com munição de guerra, familiarizá-los com a execução de missões de patrulha e operações de infiltração de posições inimigas à noite, rastejando por terrenos sob o ataque de armas de fogo.⁵³³ Durante as manobras, os fuzileiros da Companhia Charlie observavam atentamente o comportamento e as ações de seu sargento de armas, pois Basilone era uma pessoa especial. Toda a fama e a fortuna que ele tinha tornavam evidentes algumas coisas para esses homens que haviam deixado a base pela primeira vez. Viam que ele adorava ser fuzileiro e que acreditava que a guerra era um esforço que valia a pena. Sabiam que ele sempre daria o melhor de si. Essas verdades permaneceram vivas neles, mesmo quando o brilho da fama deu lugar à familiaridade nascida da necessidade de acamparem no campo. Não que o praça, de forma geral, chegasse a ter muita

intimidade com um graduado experiente; o fato é que, no trato com todos, o jeito tranquilo do sargento de pelotão acabou desfazendo a imagem estereotipada que eles tinham de John Manila.⁵³⁴ Basilone procurava deixar claro, acima de tudo, que desejava contar com eles também quando os combates começassem. Fazia-os entender que era a confiança mútua que formava uma equipe, e não a adulação.

Johnny contava com seus sargentos — Clint, Ed, Jack e Rinaldo — para ajudá-lo a administrar a companhia e usar os manuais para explicar assuntos teóricos aos soldados. Ensinava seus homens a operarem e fazerem a manutenção da Browning .30, metralhadora leve, dando ele mesmo demonstrações práticas. As novas Brownings, resfriadas a ar, pesavam bem menos do que os modelos resfriados a água e isso ajudava muito quando participavam de operações de apoio de fogo às equipes de assalto. A paixão que ele tinha por metralhadoras e pelas exigências físicas dos problemas de campanha impressionava seus homens. Acabaram incorporando a visão que ele tinha do verdadeiro significado da condição de ser do fuzileiro. Os membros da Companhia Charlie sabiam que veriam seu sargento instrutor atuando na linha de combate, à frente de seus homens.

Na base, às vezes o encontravam no bar, ou mesmo numa cervejaria em Oceanside, onde tomava uns goles “com o mesmo gosto com que um milionário saboreia champanhe”.⁵³⁵ Quando Lena tinha que trabalhar, ele ia para a cervejaria com Clint, Ed, Jack e Rinaldo. Ed fora jogador semiprofissional de beisebol e era o melhor atleta entre eles. Jack era o mais calado e tranquilo. Rinaldo se transferira tanto de um lugar para outro, em busca de trabalho, que dizia que não tinha cidade natal.⁵³⁶ Quando Johnny voltava para a base com o boné da guarnição virado para o lado, imitando Napoleão, seus amigos sabiam que era só brincadeira. Já os fuzileiros de outras companhias do 1º. BIFN viam isso com outros olhos. Entre eles, pairava no ar a impressão de que “ele fazia isso sem ser punido porque foi condecorado com a Medalha de Honra”.⁵³⁷

Quando a missão deles na Nova Guiné terminou, em vez de voltarem para o ancoradouro da frota em Majuro, os navios da Força-Tarefa 58 preferiram enfrentar uma violenta tempestade e seguir para a ilha de Truk, no arquipélago das ilhas Carolinas. Todos os membros da Marinha conheciam a terrível fama da ilha Truk, como local do ancoradouro da grande frota avançada do inimigo. Fazia algum tempo que os B-24s, aviões da Força Aérea, vinham atacando o local, que a frota de porta-aviões havia atacado também anteriormente. Contudo, a Marinha Imperial enviara mais aviões para lá, e os lobos ainda temiam essa área controlada pelo inimigo.⁵³⁸ Enquanto o *Hornet* avançava para o norte, os membros do 2º. Esquadrão de Bombardeiros começaram a estudar mapas, num esforço para se familiarizarem com os vários atóis que formavam o local conhecido como Truk. Em seu novo mapa, estava indicada a localização de todos os edifícios, bem como sua finalidade e seu tipo de construção. Nas preleções, o comandante deixou claro que lançariam primeiro contra a área uma onda maciça de caças de varredura, com o objetivo de aniquilar os caças inimigos, de forma que os bombardeiros de mergulho pudessem fazer o trabalho deles. Explicou que partiriam do navio quando estivessem a cerca de 160 quilômetros dos alvos.

Antes do amanhecer do dia 29 de abril, o *Hornet* entrou na rota de ataque a uns 100 graus do norte verdadeiro, a uma velocidade de 25 nós (46,3 km/h). Caças decolaram de todos os porta-aviões do grupo.⁵³⁹ Pela manhã, derrubaram 59 caças inimigos e destruíram outros 34 em terra. Quando Campbell liderou as primeiras missões do 2º. Esquadrão de Bombardeiros, alguns Zeros os atacaram, mas os problemas dos lobos não foram causados pelos aviões inimigos nos dias seguintes. Nos onze ataques contra Truk e outras bases inimigas no arquipélago das ilhas Carolinas, os canhões antiaéreos do inimigo causaram muitas avarias em seus aviões. Mike liderou quatro ataques, castigando qualquer sinal de vida com bombas de mais de 200 quilos. Numa dessas surtidas, um canhão antiaéreo inimigo atingiu uma das asas de seu avião. Por sorte, o projétil falhou, mas ainda assim fizera uma perfuração de quase oito centímetros de diâmetro na borda frontal de sua asa esquerda, que ele demorou a perceber. Mas também outros esquadrões perderam muitos homens para o intenso fogo antiaéreo inimigo. As notícias dessas perdas demoravam a chegar à sala de pronto do esquadrão, geralmente aos poucos e incompletas. Mas o fato é que os pilotos precisavam saber o que estava acontecendo. Mais da metade dos 46 aeronautas derrubados foi resgatada. Só o submarino de resgate USS *Tang*, por exemplo, recolheu 22 homens. Hidroaviões lançados dos porta-aviões resgataram outros mais, graças à ideia do almirante Clark, que a pusera em prática expedindo ordens do alto da torre de comando do porta-aviões *Hornet*.

A operação de neutralização da fortaleza marítima inimiga transcorreu bem, porém a “Fera Indomável” não aguentou o esforço. Várias dessas aeronaves despencaram sobre a pista na aterrissagem, uma das quais acabou se incendiando e teve que ser lançada no mar depois. Além disso, o mecanismo de soltura da bomba do Helldiver começara a emperrar.⁵⁴⁰ No último dia da missão, esse problema tornou-se grave e perigoso. Num desses casos, um dos pilotos aterrissou no *Hornet* com uma bomba de 45 quilos ainda presa sob uma das asas, embora ele tivesse tentado todo tipo de manobra para fazê-la se soltar no voo de retorno, mas em vão. Assim que ele tocou a pista do convés de voo, porém, ela se soltou, rolou pela pista e explodiu. Dois homens morreram. Em vinte minutos, fizeram reparos temporários aos danos causados ao convés, permitindo que as operações aéreas prosseguissem. Horas depois, outro piloto aterrissou com uma bomba de quase 230 quilos em seu porta-bombas central, a qual também se soltou no impacto da aterrissagem, caiu pelas portas do compartimento de bombas da aeronave, passou rolando pela hélice ainda girando e avançou pelo convoo.⁵⁴¹ Todos os membros da tripulação de serviço saíram correndo do convés e se refugiaram no passadiço que se estendia por baixo dele, em torno do navio. Quando viram que nada acontecera, um dos lobos deu uma espiada pela beirada da pista. Teve a impressão de que o convés de voo “parecia uma cidade fantasma”.⁵⁴² No fim das contas, a tripulação do convés pegou um carrinho, pôs nele a bomba e se livrou dela.

Após examinar os relatórios e as fotografias tiradas no último ataque, os altos oficiais do estado-maior decidiram que a missão havia terminado. Na noite de 1º. de maio, a Força-Tarefa 58 separou-se do restante das forças mobilizadas no Pacífico e voltou para as ilhas Marshall. Agora, os lobos podiam relaxar.

Alguns dias antes de Sid Phillips e o restante do 2/1 partirem de Cape Gloucester, sabiam que iriam para as ilhas Russell, perto de Guadalcanal, que havia sido transformada numa grande base americana. Portanto, suas esperanças de voltarem para Melbourne haviam sido frustradas. As notícias provocaram muitas queixas entre os soldados — fizeram-nos “chupar bala”, nas palavras de Sid, pois não adiantava nada —, enquanto trabalhavam nos destacamentos de serviço para carregar os navios. Em 24 de abril, o 2/1 embarcou no *President Adams*, que zarpou no dia seguinte. O calor sufocante tornava difícil a respiração nos porões do navio, local em que ficavam os alojamentos da tropa. À noite, na galeria da embarcação, foram servidas grandes costeletas de porco, e sorvete na noite seguinte, como tentativa de tornar a viagem mais agradável. Dois caça-submarinos e dois contratorpedeiros escoltaram os dez navios-transporte de pessoal na operação de transferência da 1ª. DIFN do inferno verde para um lugar que, segundo os boatos, chamava-se ilha Buvuvu, cujo verdadeiro nome souberam, depois, que não era esse. A 1ª. DIFN livrou-se do controle de MacArthur e reincorporou-se à Marinha americana em 28 de abril de 1944, ocasião em que desembarcou em Pavuvu, nas ilhas Russell.

O desembarque começou às 9 horas, numa pequena ilha, cuja maior parte estava coberta por plantações de coco. O único acampamento à vista era o do 15º. Batalhão de Suprimentos de Campanha. Os fuzileiros navais tinham, portanto, que montar seu próprio acampamento. Ficaram todos muito irritados por terem que fazer isso. Em todo caso, destacamentos de serviço foram organizados para armar longas fileiras de barracas. Mas descobriram que, antes de poderem fazer o serviço, tinham que remover do chão camadas e mais camadas de cocos em decomposição. Contudo, o primeiro longo dia terminou bem, pois receberam as novas rações dez-em-uma. Criadas para alimentar cerca de dez homens cada uma, tinham sido experimentadas pelos fuzileiros navais, que as consideraram um avanço em matéria de mantimentos de campanha. Todavia, o trabalho duro prosseguiu por vários dias, durante os quais começaram a remover e transportar pedaços de corais. O coronel Lewis Puller, o Peitudo, que havia assumido o comando do 1º. RIFN em Cape Gloucester, decidiu que eles não podiam usar os jipes para transportar os pedaços de corais. Sid e o Sub se sentiram verdadeiros “peões asiáticos”, transportando com dificuldade, em seus capacetes abarrotados, pedaços de corais, espalhados depois pelas trilhas e no chão das barracas, num esforço para tornar menos demorado o trânsito pelo terreno alagadiço e lamacento. Enquanto isso, os engenheiros instalavam lanternas nas barracas, começando pelas tendas dos oficiais e dos graduados.

Quando, em 4 de maio, o 15º. Batalhão de Suprimentos de Campanha transferiu-se para Banika, os fuzileiros correram para pegar toda caixa, mesa ou materiais de construção que tivessem deixado para trás, já que os veteranos sabiam que qualquer migalha de conforto sempre ajudava. Quase todas as noites, um ou mais dos regimentos e, geralmente, o comando da divisão exibiam um filme. Embora os projetores costumassem enguiçar, a atração da noite de 9 de maio interessou a todos. Fizeram um sorteio para saber quem do 2/1 entraria de licença e passaria uns dias em casa. No pelotão de morteiros, cerca de trinta pedaços de papel foram postos num capacete. A metade deles tinha um número escrito. Em dado momento, o coronel anunciou que o soldado que tirasse um desses papéis numerados iria para casa, mas, se ele tirasse dois papéis, perderia essa

chance. Assim, todos os fuzileiros “apalpavam com cuidado o capacete antes de tirar um pedaço” dos papéis de sorteio. Tanto Sid quanto o Sub foram sorteados, bem como o tenente Benson. O Decano, amigo deles e que agora era sargento, não teve sorte, nem nenhum dos membros da GP-M4. O Decano notou que o coronel dera passagens de volta para casa a alguns fuzileiros considerados “física e mentalmente despreparados”, bem como aos que tinham “problemas domésticos”.

A barraca do coronel Puller ficava perto do refeitório do regimento, apenas a alguns metros da fileira de tanques, os quais o praça Sidney Phillips mantinha cheios de água quente, a fim de que os encarregados lavassem os utensílios do rancho. À tarde, antes do rancho, quando Puller saía da barraca, via Sid trabalhando, atiçando o fogo debaixo dos “caldeirões de campanha”. Perguntou ao Sid como ele fora parar no serviço de rancho e riu muito quando ele contou sua história. Sid ficou surpreso com a estatura do coronel, que tinha “talvez 1,68 metro” de altura, já que Puller, o Peitudo, era uma figura lendária na corporação. “O que mais me impressionou foi saber quanto ele era simpático e espontâneo.” Com um cachimbo curto e grosso enfiado na boca, Puller cumprimentava todo mundo. Perguntou a Sid como era sua família, sua terra natal e quais eram seus planos de vida. “Quando contei a ele que eu queria fazer medicina, ele disse que não seria fácil, mas que nada me impediria de conseguir isso, se era mesmo o que eu queria.” Sid se achou um sujeito de muita sorte, já que havia tido a chance de falar com um “grande americano”, enquanto atiçava o fogo para ferver a água, a ponto de “ser perigoso aproximar-se dos caldeirões na hora do rancho”. Achava que não “tinham do que reclamar, pois estava fazendo um trabalho muito bom”.

O coronel Puller fez sua primeira inspeção do acampamento do regimento em 20 de maio. Esperava que os fuzileiros tivessem conseguido se organizar e reservara uma parte de seu tempo para garantir o cumprimento desse objetivo. Seus homens, por sua vez, aprenderam o que esperar dele.⁵⁴³ Em 21 de maio, os batalhões começaram a receber sua parcela dos 1.400 substitutos que haviam chegado à região. Puller submeteu o 1º. RIFN a um programa de treinamentos. O toque de alvorada soava às 5h30, seguido por exercícios físicos e depois pelo rancho matinal. Todos achavam longos e enfadonhos os trabalhos nos destacamentos de serviço, exceto Sid e o Sub. Em 23 de maio, os soldados devolveram seus equipamentos e apetrechos. Todos os que estavam indo para casa foram lotados numa “companhia de encostados”.

A vida no início de maio transcorreria para os membros do 2º. Esquadrão de Bombardeiros como se estivessem num paraíso. O atol de Eniwetok, nas ilhas Marshall, havia se tornado um lugar importante, tanto que muitos membros dos batalhões de construção aeronaval tinham sido levados para lá com o objetivo de construir uma base, onde, portanto, havia também um clube de oficiais, local em que serviam muita cerveja gelada. E todos sabiam que os lobos gostavam de organizar festas... Já alguns dos pilotos mais intrépidos foram visitar as casamatas em que os japoneses haviam enfrentado os elementos da 4ª. DIFN.

Certa noite, nos meados de maio, alguns milhares de membros da tripulação do navio se espremeram no convés-hangar para assistir a um filme. Um convés cheio de cadeiras dobráveis em sua parte escura podia funcionar como um grande cinema. Quando terminou a exibição do desenho de abertura, ouviram “um forte

chiado” nos fundos da sala. “De repente, alguém gritou: ‘É uma bomba!’ O alarde provocou uma fuga atropelada dos fundos da sala para a dianteira do recinto.”⁵⁴⁴ A onda de pânico avançou destruidora pelas cadeiras de madeira até acenderem as luzes. A cena de corpos estendidos pelo hangar inteiro deixou furioso o almirante Clark, pois achava que medo infundado não devia ter lugar em seu navio. No entanto, cerca de trinta homens tiveram que ser enviados para a enfermaria de bordo e outro precisou ser resgatado da baía. Quando, por fim, conseguiram esclarecer e normalizar a situação, reiniciaram a sessão.

Dois dias depois, o corpo de um marujo do *Hornet* foi encontrado flutuando no porto. Logo em seguida, apareceu a história de que outro marinheiro, o que tinha sido retirado do mar durante a confusão na sessão de cinema, informara ter visto outra pessoa na água. Na ocasião, não fizeram nenhuma lista de chamada nem realizaram uma operação de busca. Simplesmente arrumaram as cadeiras e reiniciaram a sessão. Enquanto instalavam uma comissão de inquérito para investigar a morte, o *Hornet* zarpou para Majuro, onde se reuniria ao restante da frota. Nesse ínterim, boatos sobre o pânico no cinema e a próxima missão não paravam de circular pela sala de pronto do 2º. Esquadrão de Bombardeiros. No fim das contas, a comissão de inquérito fez uma declaração, nem um pouco concludente, informando que a morte do marinheiro fora acidental. O almirante Clark, porém, ordenou que reinstalassem o inquérito para que “se conhecessem os culpados” de fato.⁵⁴⁵ No atol de Majuro, o porta-aviões começou a receber combustível e suprimentos para a realização de outro ataque. Em 30 de maio, o comandante da frota de porta-aviões, almirante Mitscher, tirou o capitão Miles Browning do escalão de comando. O capitão W. D. Sample apresentou-se no navio-capitânia do almirante Clark às 10h38, para substituí-lo.

Histórias sobre o irascível Miles Browning não podiam cair no esquecimento, embora alguns casos de marinhagem incompetente, bem como muitos exemplos de mesquinhas cruéis em seus serviços a bordo do *Hornet*, contrastassem muito com a opinião predominante na Marinha, qual seja, a de que a mente brilhante de Browning engendrara a vitória em Midway — uma vitória tão grande que mudara o curso da guerra no Pacífico. Segundo alguns comentários, Mitscher enviara Browning para o comando da BAeN de Leavenworth, Kansas. Em outras palavras, a carreira dele chegara ao fim. Quanto à questão de como fora possível que um herói como ele tivesse sido descartado tão rapidamente e ficasse em completo abandono, não havia quem não tivesse uma opinião a esse respeito. Além disso, histórias sobre o excesso de bebidas de Browning e até um caso de adultério começaram a circular.⁵⁴⁶ O tenente Micheel evitou entrar na polêmica. Todavia, não lamentou a perda de um capitão que tinha encurtado o convés de voo de seus pilotos e que, quase sempre, deixava de providenciar condições para que conseguissem o vento de proa de 25 nós (46,3 km/h) durante os lançamentos das aeronaves, mesmo porque Mike media sua expectativa de vida por esses poucos metros de pista e força de vento adicionais.

Sample, o novo capitão, causou boa impressão no grupo aéreo. Passados dois dias de sua chegada, representantes do CFNA subiram a bordo para uma preleção com os oficiais do grupo aéreo a respeito da Operação Forager, a invasão das ilhas Marianas. Informaram aos oficiais que, para deter esse assalto anfíbio, o

Japão enviaria sua frota de navios-aeródromos para a região. Porta-aviões não travavam combates desde outubro de 1942, ocasião em que trocaram umas porradas nas águas próximas a Guadalcanal.

Nas áreas rurais da região de Camp Pendleton, o treinamento dos fuzileiros de Basilone foi novamente modificado. Os exercícios para aprimorar a habilidade individual dos soldados no manejo e emprego das armas portáteis, assim como as manobras de integração dos elementos dos esquadrões, cederam lugar a outros,⁵⁴⁷ que incluíam o uso de morteiros pesados, canhões de 37 milímetros e viaturas de meia-lagarta equipadas com obuses de 75 milímetros. A fase seguinte, com exercícios envolvendo um regimento inteiro, veio logo depois. Unidades de artilharia, de engenharia, de viaturas de transporte de pessoal mecanizadas, de membros da PM e de outros setores haviam sido incorporadas ao 27º. RIFN. O regimento reforçado recebeu o nome de Grupamento Tático Regimental (GTR). Os oficiais do comando tencionavam prover os três GTRs da 5ª. DIFN de tudo o que fosse necessário para que conseguissem se manter sozinhos nos combates.

Após um dia de trabalho no campo, o sarja Basilone saiu com Lena, sua namorada, disposto a levá-la a qualquer lugar que ela quisesse. De vez em quando, ele e seus amigos passavam no refeitório dela para uma visita rápida e comer alguma coisa. Procurava sempre fazer com que suas folgas coincidissem com as dela para que pudessem ir a Los Angeles, onde se hospedavam no hotel Biltmore. Mas Lena achava que “nunca conseguiam ficar a sós” de fato, pois, aonde quer que fossem, arrastavam gente consigo.⁵⁴⁸ Outras mulheres sempre a importunavam com a pergunta: “Como é que você conseguiu fisgá-lo?”

“Não sei”, respondia ela. “Vocês é que vivem correndo atrás dele, crianças. É por isso que não conseguiram nada. Têm que bancar a difícil”, arrematava, rindo. Seu senso de humor combinava com o de Johnny e dos amigos dele. Quanto às formas de diversão preferidas, dançar, beber, assistir a espetáculos e curtir a vida, cabia tudo numa licença de 48 horas. No início de junho, ao cabo de um desses fins de semana divertidos, Johnny foi até o quarto de Lena, que disse a ele, assim que terminou de arrumar a mala, que tiraria licença para visitar os pais em Oregon.

— Que tal a gente se casar e ir para Oregon juntos? — propôs ele.⁵⁴⁹

— Tudo bem — concordou ela. Achando que ele havia dito isso por brincadeira, não deu muita importância ao pedido de casamento. Pouco depois, partiram num trem de Los Angeles para Oceanside. No terminal rodoviário, enquanto esperavam o transporte que os levaria para a base, Johnny perguntou a Lena se ela ia começar a espalhar a notícia. — Achei que você estava brincando — respondeu ela.

— Não. Eu estava falando sério — replicou ele.⁵⁵⁰ Ela também.

Sob o amparo da relativa segurança que, geralmente, o trabalho no serviço de rancho proporcionava, Sid ficou observando os colegas do 1º. RIFN iniciarem um programa de treinamentos. No ambiente sombrio do acampamento em Pavuvu, o toque de alvorada soava às 5h30 e os soldados passavam pelo exercício físico antes do rancho matinal. O tenente McGrath, da Companhia How, resolvera superar as expectativas do coronel

Puller e realizava um tipo diferente de inspeção (de roupas, barracas ou equipamento) quase todos os dias. O Decano e os outros soldados que continuariam na tropa e, portanto, participariam de outra batalha rogavam pragas macabras contra McGrath enquanto trabalhavam duro em destacamentos de serviço, como revestir capacetes com entelagens camufladoras. Em outros desses serviços, usavam seus ponchos de campanha para remover, aos arrastões, pilhas de putrescentes cocos fedidos e abriam mais valas para escoar a água que se acumulava em volta de suas barracas. Só no fim da tarde tinham algumas horas de folga.

Sid achava que jamais conseguiria sair vivo desse “lamaçal horroroso”. Depois de dois anos de isolamento em lugares ermos, ele e os outros “veteranos se tornaram especialistas em fabricar e esconder ‘suco’ de frutas” com os “recursos da selva”. Armazenar e roubar frutas em conserva suficiente para produzir licores e bebida alcoólica revelou-se uma tarefa difícil, mas não impossível. Com o Decano distraído com seus deveres de sargento da seção de morteiros, os membros da GP-M4 de Sid davam uma festa “sempre que um novo lote de bebidas ficava pronto”. O tédio o atraía também para a barraca de seu amigo Bob Leckie. Esse fuzileiro da artilharia, conhecido como Sortudo, tinha uma coleção de livros que ele chamava de a Biblioteca do Congresso do Pacífico. O Sortudo emprestava livros a Sidney, mas fazia questão de que fossem devolvidos. No fim de maio, chegou um navio trazendo mais substitutos e partiu em 1º de junho com o Sub Brown a bordo. Ele e outros colegas da primeira leva de substituídos tinham partido para servir em casa. Nem essa cena, talvez auspiciosa para outros, convenceu Sid de que ele “um dia sairia de Pavuvu”. Sua passagem de volta para casa parecia um sonho do qual despertaria brutalmente.

Eugene Sledge ficara irritado com a longa espera, ansioso para ser lotado numa boa unidade e “conhecer um pouco do Pacífico”. Outros fuzileiros do acampamento de substitutos em Noumea haviam sido mobilizados, alguns deles encaminhados para a 1ª. DIFN, fato que o deixou com inveja, embora tivesse lido nos jornais que forças americanas estavam sendo mandadas para a China, para onde também gostaria de ser enviado, se fosse o caso. O pessoal da USO organizava um ou outro espetáculo no acampamento de quando em vez, na tentativa de minorar o tédio da tropa. Nesses espetáculos, assistiu às apresentações de artistas, como Eddie, o Rei do Banjo, antes de receber a ordem de partir. Embarcou no USS *General R. I. Howze*, que partiu do norte de Noumea e chegou ao pequeno porto de Pavuvu em 1º de junho, numa quinta-feira. Eugene Sledge foi lotado numa seção de morteiros da Companhia King, 3º. Batalhão, 5º. RIFN (K 3/5) da famosa 1ª. DIFN. Gene sabia que o CFNA sempre operara, até 1940, como regimentos, e não como divisões. Sabia também que o 5º. RIFN era um dos mais antigos e mais condecorados regimentos da corporação. Portanto, entrar para uma tropa de elite como essa deixou o praça Sledge eufórico.

Enquanto caminhava por entre fileiras e colunas de barracas com capacidade para oito pessoas, à procura da viela do QG da Companhia King, viu homens cansados e com os macacões esfarrapados. Suas barracas e outros equipamentos pareciam gastos também. Em comparação com o acampamento de Pavuvu, o que havia deixado em Noumea parecia um lugar com coisas muito boas.

Por fim, achou o chefe do pelotão de morteiros da Companhia King, tenente Ellington, que era oriundo de

Birmingham e frequentara o Instituto Militar de Marion antes de entrar para a Escola de Aspirantes a Oficial. “Filho”, advertiu o tenente, “você verá que as coisas, na maior parte do tempo passado no além-mar, são exatamente como as daqui”. Eugene achou que o tenente quis dizer com isso que a maior parte de sua vida de fuzileiro seria tediosa, mas isso era correto apenas até certo ponto ou em certo sentido. Na verdade, as palavras dele poderiam ser traduzidas assim: “Filho, você terá que se acostumar a viver no caixa-pregos.” O tenente o encaminhou para Johnnie Marmet, o sargento do pelotão de morteiros, que, por sua vez, lotou-o numa das guarnições de morteiros de 60 milímetros. O cabo R. V. Burgin era o chefe da peça da GP-M2, soldado a quem todos chamavam de Burgin ou Burgie, já que muitos ali eram conhecidos pelo sobrenome e também porque R. V. eram as iniciais de Romus Valton. Um varapau de sujeito, R. V. Burgin enfileirava frases curtas, truncadas e entrecortadas por apartes, enunciadas com um leve sotaque texano e cuja ausência de modulação revelavam a pessoa de espírito rude, prático e objetivo que ele era. Em seus primeiros contatos com ele, talvez Sledge o tenha chamado de cabo Burgin.

Burgin e outros da Companhia King tinham a pele amarelenta e cheia de manchas roxas nas partes que socorristas haviam friccionado com medicamentos para debelar infecções. Os dedos dos pés de Burgin haviam começado a gangrenar em Gloucester e ele perdera as unhas de dois deles.⁵⁵¹ A primeira impressão deixou Gene assustado, embora houvesse tido boas notícias, graças ao conhecimento que travara com o praça Merriell “Snafu” Shelton. Snafu, artilheiro da GP-M2, era oriundo de Hammond, Louisiana. Sulistas, e não ianques, eram líderes em sua guarnição, notou Gene com satisfação. Viu também, após enfrentar a primeira fila do rancho, que a qualidade da comida diminuía em sua curta viagem de Nouméa até ali e que o rancho era quase todo desidratado — ovos e batatas em pó. Quando viam que iam comer carne em conserva ou “carne pré-cozida”, era um alívio para os soldados na fila, diante da mesmice odienta das rações C requentadas. Não obstante, Sledge cometeu o erro de reclamar da comida. Ao ouvir isso, o cabo R. V. Burgin, fervendo por dentro, explodiu numa torrente de palavrões para cima dele. Argumentou que passara quatro meses em Cape Gloucester e que aquilo ali fazia Pavuvu parecer um luxo. Advertiu, pois, que seria melhor que Gene e outros garotos com cara de frescos e novatos, acostumados com lençóis limpos, procurassem ficar de boca fechada.

Em pouco tempo, os sulistas da GP-M2 ficaram sabendo do passado e da formação do novo colega. E começaram a zombar dele, chamando-o de “garoto universitário”. Burgin fora criado numa fazenda sem água encanada e energia elétrica, enquanto Snafu teve que parar de estudar na sétima série para começar a trabalhar.⁵⁵² Ao contrário deles, Eugene levava uma vida confortável e privilegiada. “O único trabalho que você tinha em casa”, presumiu Burgin com frieza, “era dar comida ao cachorro”. Como era de esperar, em obediência à disciplina militar, Sledge engoliu o sapo. Ele e outros novos colegas foram incumbidos de realizar o penoso trabalho de remover pilhas de cocos e transportar pedaços de corais.

Somente dois dias depois, Eugene teve a chance de procurar o amigo Sid. Localizar seu melhor amigo em meio à 1ª. DIFN inteira e às unidades anexas a ela deu trabalho, mas acabou topando com um sujeito que conhecia Sid.

Um dia após a partida do Sub, Sid estava sentado na cama quando, de repente: “Vi um sujeito caminhando pela viela da companhia à procura de alguém, entrando em todas as barracas. Quando ele estava a três barracas de distância, vi que era o ‘Ugin’, saí correndo pela viela e gritei ‘Ugin!’ o mais alto que pude. Nisso, Gene correu em minha direção, e eu na dele. Nos abraçamos, trocamos socos e rolamos pelo chão numa briga de mentirinha, entre gritos e vivas. Atraímos uma multidão, soldados achando que estávamos brigando. Eu o apresentei aos amigos e depois voltamos a trocar mais uns socos de brincadeira.”

Depois da calorosa recepção, Eugene soube que Sid “não havia mudado nem um pouco”. Por milagroso que pareça o encontro deles em Pavuvu, mais ainda poderíamos dizer dos laços de amizade que havia entre os dois. Depois de um longo dia de exercícios e trabalhos pesados, Eugene ia à procura de Sid, que ele encontrava atiçando o fogo dos caldeirões muito além do necessário. Conversavam sobre armas, sobre a tristeza que sentiam com o fato de que Mobile estava se transformando num “lugar agitado”, mas também sobre a guerra. O veterano falou ao amigo sobre Cape Gloucester, de onde os japoneses estavam sendo expulsos. Sid confirmou a ideia que Ugin tinha da realidade que era a vida dos fuzileiros navais americanos. Disse que o amigo passaria noventa por cento de seu tempo exatamente como ocorria ali. “Os jornais levavam as pessoas a acreditarem que o soldado ficava sob o ataque das armas de fogo do inimigo o tempo todo”, soube Gene depois, quando, na verdade, “é possível que ele fique sentado na cama lendo o caderno de histórias em quadrinhos de um jornal qualquer... Estou tão seguro aqui quanto se estivesse em casa”.

Sledge relatava nas cartas que enviava aos pais as coisas que ficava sabendo por intermédio de Sid. Queria que soubessem que suportavam muito bem as dificuldades e privações da guerra, pois os fuzileiros navais “só se preocupam quando estão realmente em perigo, ao contrário dos pais, que se preocupam o tempo todo”. Disse que, em sua vida de fuzileiro, “vivia numa barraca, comia boa comida, tomava banho todo dia e trabalhava”, mas não mencionou os esforços constantes para matar multidões de ratos. Como no acampamento de Pavuvu só conseguia balas duras, numa carta escrita à luz de uma vela, posta sobre “uma garrafa de cerveja usada como fumigador”, pediu que sua mãe lhe enviasse chocolate, bolinhos recheados de figo e mais revistas. Não deixou de contar aos pais uma das conversas que tivera com Sid, em que falaram a respeito de alguns de seus outros amigos. Eugene contou que, quando mencionara, na conversa, que Billy, amigo deles, tinha continuado no programa V-12, Sid afirmara, à guisa de conclusão: “Esse cara é amarelo.” Acrescentou que a opinião do amigo o deixara chocado, já que ninguém que conhecia Sid podia esperar que ele fosse capaz de dizer algo tão mordaz a respeito de um amigo. Obviamente, Eugene tinha uma boa razão para contar isso aos pais.

Ugin confidenciara ao velho amigo que ele havia provocado a própria expulsão do programa V-12,⁵⁵³ pois achara insuportável a ideia de terminar a guerra como um segundo-tenente que nunca tivesse visto um fuzil na vida. Sid respeitava a decisão do amigo de combater como voluntário e sabia que ele se sairia bem, mas, no fundo, Sid sabia também que Eugene era sensível e sério demais para as “dificuldades, os aspectos desagradáveis, o destino cruel” que faziam parte da vida do fuzileiro raso. Eugene ficou muito feliz por ter alguém com quem pudesse conversar sobre algo que não envolvesse uísque e mulheres. Sid não se esqueceu de

mostrar a Ugin uma fotografia de Shirley Finley, a namorada que ele teve na Austrália, mas que não tinha esperanças de ver mais, já que o coronel lhe dissera que ele seria enviado para casa. Sledge achou a moça “muito bonita”.

Assim que Sid terminava suas tarefas no serviço do rancho, geralmente os dois iam assistir aos filmes da sessão do dia e se sentavam num dos troncos de coqueiros no cinema improvisado. Durante as cenas de amor, brincalhões na plateia “tentavam sobrepujar trechos do roteiro” soltando algumas piadas obscenas e espirituosas, tiradas que Sid achava muito engraçadas. Na noite de 6 de junho, exibiram um filme com o título *Esta terra é minha*, que falava da história de um professor de uma escola francesa que fora obrigado pelo regime nazista a agir contra o próprio país. Mas, de repente, a cena congelou. Dessa vez, contudo, o projetor não havia enguiçado. O fato é que, logo depois, apareceu um oficial anunciando uma notícia sobre os acontecimentos na segunda frente de batalha. Ele informou que os Aliados tinham invadido a França ocupada. “A terra tremeu com os gritos de alegria, literalmente.”⁵⁵⁴

A notícia da invasão da Normandia pelos exércitos Aliados fez Eugene pensar no irmão Edward, cuja unidade ficara estacionada na Inglaterra, local de onde a invasão fora lançada. Respeitava o irmão e o via como exemplo, mesmo porque ele se formara pela Citadel, prestigiosa academia militar americana, e se tornara oficial. Sua mãe lhe enviara um quadro com a fotografia de Edward, que lhe pareceu elegante e impressionante com o uniforme. Gene mantinha a foto perto da cama. “Em comparação com Edward”, pensou ele, “jamais fiz algo realmente importante”. Todavia, numa tentativa de chegar pelo menos aos pés do irmão, realizou um pequeno gesto. Enviou ao pai, como presente, uma quantia em dinheiro por ordem de pagamento. Disse a ele que gastasse o dinheiro como quisesse, desde que não fosse para comprar um bônus de guerra para seu filho caçula, Eugene. O presente, enviado com a intenção de demonstrar sua “gratidão pelos milhões de coisas” que seus pais haviam feito por ele, era uma imitação do presente que Edward dera ao pai em abril.

No grande atol de Majuro, três novas frotas de navios-aeródromos se juntaram à Quinta Frota do almirante Spruance, permitindo que ele criasse o Grupo-Tarefa 58.4. O almirante e Mitscher, o comandante de seu porta-aviões, mudaram um pouco as atribuições dos componentes da armada. O USS *Yorktown*, o antigo navio de Micheel, foi transferido para o Grupo-Tarefa 58.1, do *Hornet*, que também incluía dois navios-aeródromos leves, o *Belleau Wood* e o *Bataan*. Os outros dois grupos-tarefas (58.2 e 58.3) tinham quatro porta-aviões cada um. Um total de quinze navios-aeródromos, pintados com uma camuflagem de formas geométricas agressivas, levantou âncora também.

Às 12h32 de 6 de junho de 1944, a frota de velozes porta-aviões da Marinha americana e um enorme grupo de navios-escolta partiram de Majuro com destino ao Império do Japão.⁵⁵⁵ Como seu ponta de lança, Mitscher escolheu o mais agressivo de seus almirantes e o mais competente de seu grupo-tarefa. Sua escolha recaiu sobre o almirante J. J. “Jocko” Clark, que atribuía seu espírito combativo ao sangue cheroqui que lhe corria nas veias. Um jornalista que acompanhava a frota descreveu Clark como um “homem inconstante e

irritadiço”, cujo lábio inferior era “largo e mole” e “que inchava bastante quando ele ficava irritado”.⁵⁵⁶

Com o *Hornet* de Clark na vanguarda, a viagem da frota para o arquipélago conhecido como ilhas Marianas levou cinco dias. O ritmo intenso da batalha começou no dia 11, com os porta-aviões reabastecendo sua frota de escoltas às 5 horas. O *Hornet* lançou sua PAC e sua PA por volta das 8h30. Os caças localizaram três aviões inimigos durante a ronda da tarde e os derrubaram. Todos presumiam que as forças inimigas estacionadas nas ilhas sabiam que eles estavam chegando. À tarde, quinze caças decolaram, juntando-se a duzentos Hellcats dos outros porta-aviões, para lançarem ataques de varredura aniquiladoras sobre os caças inimigos de quatro das ilhas Marianas que tinham aeródromos (Guam, Saipan, Tinian e Rota). Quatorze dos quinze Hellcats do *Hornet* voltaram às 18h44; intenso fogo aéreo inimigo forçara um deles a aterrissar na água perto da ilha de Guam. Para enfrentar esse tipo de emergência, Campbell, o comandante de Mike, acompanhara a vaga de ataque com alguns botes salva-vidas no compartimento de bombas de seu avião. Contudo, o piloto aterrissara perto demais da praia, onde havia muitos canhões antiaéreos japoneses para se tentar lançar um bote salva-vidas. Apesar disso, o submarino de resgate dirigiu-se prontamente, submerso, para o local e conseguiu resgatá-lo. Pouco depois, o almirante Clark ordenou que seu grupo-tarefa se retirasse para um local ao sul, onde pretendia que ficassem até o dia seguinte.

A frota se retirou da região das Marianas porque os japoneses acabariam achando um jeito de atacar à noite, embora os japas tivessem perdido cerca de 150 aviões nesse dia. Pouco antes das 2 horas, um avião japonês sobrevoou a área deles. Os Hellcats equipados para combates noturnos enfrentaram dificuldades para se desincumbirem da tarefa de achar a aeronave inimiga. Seus pilotos haviam aprendido a decolar e aterrissar à noite, mas localizar o inimigo — mesmo com radar — foi difícil. O avião japonês acabou desaparecendo.

O dia de serviço do 2º. Esquadrão de Bombardeiros começou às 2 horas, com o café matinal. Os lobos se reuniram na sala de pronto por volta das 3 horas e a primeira onda de ataque partiu do convés de voo às 5 horas.⁵⁵⁷ Nos três dias seguintes, o esquadrão de Mike atacou os aeródromos, as defesas contra desembarques, bem como os povoados de Guam e Rota, nada menos do que cinco vezes. Tantas missões assim sobrecarregaram bastante os mecânicos do esquadrão, pois o SB2C exigia mais homens-hora para ficar pronto do que outros tipos de aviões.⁵⁵⁸ Depois de cada missão, menor era o número de aviões disponíveis para emprego na missão seguinte. Muitos desses motores radiais não puderam ser regulados para serem usados com a potência máxima.

A carência de aeronaves acabou gerando uma disputa para a obtenção desses aparelhos, pois a maioria dos pilotos reclamava toda chance possível para participar das missões de combate. Como oficial de voo, o tenente Hal Buell tinha autoridade, assim como o comandante, para determinar quem pilotaria e quem aguardaria a próxima oportunidade. Os lobos sabiam que o piloto precisava participar de certo número de combates para ganhar a Medalha da Aeronáutica e que certa quantidade dessas medalhas o qualificava para ganhar uma Cruz do Mérito Aeronáutico, a cobiçada CMA, um nível abaixo da Cruz da Marinha em importância. Em junho de 1944, foi mais fácil para o piloto ter confiança nas vitórias do que em 1942. A Quinta Frota, uma armada

gigantesca, com sua superioridade esmagadora, cercada de dezenas de contratorpedeiros e submarinos dedicados ao resgate de aeronautas derrubados em combate, certamente podia aumentar o empenho do piloto e transformar isso numa ambição mais pessoal e mais tola. E o tenente não fazia mistério a esse respeito, já que ele mesmo “cobiçava a conquista de uma importante condecoração da pior forma” possível.⁵⁵⁹

Mike não atribuía o entusiasmo de seus pilotos a “sede de medalhas”, necessariamente, tampouco criticava os que tivessem essa ambição, mesmo porque os lobos eram exatamente aquilo para o qual o programa de aviação naval fora concebido: criar pilotos de bombardeiros de mergulho bastante motivados, agressivos e bem treinados. Além do mais, Buell havia provado seu valor em várias batalhas de porta-aviões pelo Pacífico e em Guadalcanal. Portanto, os novos pilotos conheciam os perigos possíveis, talvez inteirados disso pelo próprio Buell. De mais a mais, o fogo antiaéreo inimigo em Guam e Rota havia derrubado um dos aviões do 2º. Esquadrão de Bombardeiros e atingira outros mais. Some-se isso o fato de o esquadrão haver sofrido seis “perdas operacionais” envolvendo SB2Cs. Duas delas ocorreram durante a decolagem. Os dois artilheiros de cauda foram resgatados, mas apenas um sobrevivera. Nenhuma delas, porém, surpreendeu os membros do 2º. Esquadrão de Bombardeiros. Para pilotar a “Fera Indomável”, portanto, era necessário coragem.

No entanto, o oficial de voo do esquadrão não recebia solicitações do tenente Micheel a esse respeito. Alguns contestavam o plano de combates de Buell; já Mike: “Eu o aceitava sem problema. Quando chegava a minha vez, eu simplesmente partia, mas não implorava para participar dessas missões.” É possível que um cínico achasse que o tenente Micheel não tinha um espírito bastante combativo ou que talvez estivesse algo convicto de que a Cruz da Marinha que ele tinha não podia ser concedida com base no número de missões realizadas pelo piloto. Esse cínico estaria equivocado, pois Mike liderou sua divisão em quatro das dezoito missões de que participou, nas quais se lançou com ímpeto e coragem contra o inimigo. Mergulhava fundo com sua Fera na direção dos alvos, em meio a intenso fogo antiaéreo e, às vezes, através de nuvens carregadas. Da meia dúzia de ataques fulminantes realizados pelo 6º. Esquadrão de Bombardeiros em suas investidas, Mike teve dois deles confirmados: um contra o grande depósito de munições em Guam e outro contra uma bateria de costa com quatro canhões de 75 milímetros, protegidos pelo fogo intenso de baterias antiaéreas, posicionadas na extremidade nordeste de Cabo Oca.⁵⁶⁰ Graças a esses ataques triunfais, o inimigo ficou com um número menor de grandes canhões e menos munição para enfrentar o assalto anfíbio dos fuzileiros navais, cuja execução estava programada para 15 de junho.

Numa das preleções, os pilotos haviam sido informados de que seus ataques contra as Marianas e a iminente invasão de Saipan fariam os japoneses enviarem a frota imperial de porta-aviões contra eles. Finalmente, pois, podiam contar com a possibilidade de enfrentarem os porta-aviões inimigos em suas missões. Nos dois primeiros dias após o informe de que os porta-aviões japoneses apareceriam, as patrulhas em busca desses navios inimigos foram feitas em vão, mas, no fim do dia 21, um dos aviões americanos localizou um comboio da MIJ se dirigindo para Guam. Hal Buell partiu à frente de uma equipe de busca “para despistar o inimigo”, antes que um ataque devastador pudesse ser organizado por parte da frota americana. Ele e seus

homens avançaram ao máximo com seus SB2Cs, em busca dos navios inimigos, porém, assim que os localizaram, foram forçados a voltar, em razão da insuficiência de combustível. Quatro dos aviões da patrulha tiveram que aterrissar no *Bataan*, o primeiro porta-aviões que alcançaram. Mas os quatro pousaram de forma errada, atravessaram as barreiras de contenção e destruíram os quatro Helldivers. No dia seguinte, o *Hornet* lançou uma vaga de “ataque especial”, composta de seis caças e dois bombardeiros de mergulho, que localizou o comboio inimigo, formado por quatro contratorpedeiros e dois navios-transporte de pessoal. No fim da operação, deixaram dois navios inimigos desfazendo-se “num incêndio voraz”.⁵⁶¹ Nesse ínterim, Mike conduziu uma divisão até a praça do centro de Agaña, a maior cidade de Guam, para lançar panfletos sobre o local. Os japoneses ficaram sabendo da chegada iminente dos americanos, mas estes queriam que os nativos chamorros tivessem uma chance de se preparar.

Enquanto a frota continuava a se preparar para a invasão de Saipan e Guam, o Grupo-Tarefa 58.1, comandado por Clark, iniciou a manhã do dia 14 de junho com uma mudança de rota para 000 grau. Na ocasião, um navio-tanque abordou o capitânia para abastecê-lo de combustível e gasolina de avião, e um navio-escolta também, este com a finalidade de pegar alguns dos lobos e levá-los para um navio-aeródromo de escolta nas proximidades. Horas depois, voltaram para a base com sete Helldivers e alguns Hellcats novos, além de alguns substitutos de piloto. Informações sobre a missão seguinte chegaram ao inimigo também nas ilhas Bonin, situada ao norte e cujos aeródromos os japoneses podiam usar para receber aviões lançados de Tóquio com destino às Marianas. A tarefa de impedir que os japoneses recebessem reforços provocou uma breve e acirrada discussão entre o almirante Clark, comandante do *Hornet*, e o almirante Harrill, no comando do Grupo-Tarefa 58.4. Harrill recebera ordens de seguir com seu grupo junto às forças de Clark para o ataque às ilhas Bonin, mas recusou-se a partir, argumentando que o tempo estava ruim e que seu combustível era insuficiente.⁵⁶² Por volta das 12h30, Clark embarcou no banco traseiro de um SB2C e decolou do porta-aviões para falar com o relutante almirante pessoalmente. Voltou algumas horas depois. A tripulação inteira ficou sabendo da essência da conversa entre os dois almirantes, com tantos detalhes que todos os marinheiros seriam capazes de preencher quaisquer lacunas sobre o que Jocko dissera e até sobre a atitude que adotara durante a conversa. Os preparativos no *Hornet* continuaram. Pouco depois das 16 horas, o porta-aviões “lançou ao mar aeronaves problemáticas”.⁵⁶³ Nas salas de apronto, os pilotos estudavam gráficos, mapas e reviam os planos da nova missão. Enquanto o restante da frota continuava a atacar alvos em Saipan e Guam, eles cuidariam de destruir uma das rotas de suprimento dos japoneses. As ilhas Bonin tinham um centro de comunicações, um porto e um aeródromo. Às 18h40, o *Hornet* partiu para o norte, seguindo à frente do Grupo-Tarefa 58.1 rumo a Chichi Jima e Iwo Jima, ilhas situadas a cerca de 800 quilômetros da principal ilha do território japonês. O Grupo Tarefa 58.4 foi logo atrás. Jocko conseguira convencer Harrill a cumprir o próprio dever.

Num dia do mês de junho, após longas jornadas de treinamento em Camp Pendleton, Johnny conseguiu uma hora vaga para escrever a mais extensa carta em todo o seu período de guerra: “Querida mamãe, preciso lhe contar uma longa história. Primeiro, quando cheguei aqui, conheci uma garota, com a qual tenho saído desde então. Ela é uma jovem muito bonita e é italiana também. Tem os mais lindos olhos que já vi. Nós vamos nos casar em 12 de julho, numa quarta-feira. Estava tentando conseguir uma licença longa o bastante para ir para casa, mas não consegui. Portanto, vamos para a casa dela, que é em Oregon. Vamos nos casar numa igreja católica em Oceanside, na Califórnia, que fica a uns 16 quilômetros da base. Ela é membro dos fuzileiros também, e então, como vê, está tudo em família. Gostaria que você estivesse presente no casamento. Acabei de voltar de uma visita ao padre e ele foi muito simpático, perguntou por você e pelo papai. Ela vai usar véu e grinalda. Mãe, não pense que estou sendo precipitado, só espero que entenda que é a única chance que tenho de conseguir uma licença de sete dias. Sei que você vai gostar dela quando a conhecer. Uma coisa que ela sabe fazer bem é cozinhar, e é o que ela faz aqui na base. Os rapazes aqui não pararam de caçoar de mim assim que souberam que íamos nos casar. Mãe, não se esqueça de me telegrafar, você recebeu o telegrama que enviei sobre a certidão de nascimento. Vou lhe enviar uma foto do casamento assim que for revelada. Portanto, espero receber notícias de vocês por telegrama em breve. O nome dela é sargento L. Riggi, mas logo será Basilone. Escrevi para a Helen e falei a ela sobre isso também, assim espero que ela não fique magoada. Mãe, você sabe que sou um homem de família, assim como papai. Quero ter filhos para eu poder relaxar quando a guerra terminar. Lembranças a todos. Fale a todos aí sobre as notícias, tá bom? Beijos e carinhos de seu filho sempre amado, Johnny.”⁵⁶⁴

Austin Shofner, o Engenhoso, formou-se pela Escola Superior de Comando e Estado-Maior do CFNA em 14 de junho. Durante os meses de treinamento anteriores, por solicitação de seus superiores, comparecera também a eventos sociais. Enquanto isso, a corporação terminou o cálculo dos soldos atrasados dele. Enviou-lhe, pois, a quantia de 4.531 dólares, juntamente com várias páginas de documentos contábeis. Certamente, o Engenhoso examinou com cuidado as datas e os soldos relativos a cada graduação. De forma geral, recebera notas bem altas em seus Relatórios de Aptidão de Oficial, principalmente na categoria “lealdade”. Assim, a corporação decidira promovê-lo a tenente-coronel. Contudo, no relatório de aptidão final, suas notas nas áreas de “atenção ao dever, cooperação, inteligência, discernimento e senso comum” tinham caído para o nível da média geral. Mas o pior foi que seu comandante indicara que não “tinha muito interesse em tê-lo” sob seu comando, nem ficaria “contente por tê-lo consigo”; mas estaria “disposto a tê-lo” em uma unidade sua nos campos de batalha. Não foi, portanto, um relatório lisonjeiro.

Todavia, o relatório não o desanimou. Em 15 de junho, o tenente-coronel Shofner iniciou a viagem de

volta para o Pacífico. O primeiro tempo havia terminado.

Interceptações das comunicações japonesas revelaram em detalhes as intenções do inimigo e foram repassadas ao grupo-tarefa de Clark. O inimigo tinha enviado um grande número de aeronaves para o aeródromo em Iwo Jima, com o objetivo de formar a base de ataque contra a Quinta Frota ao largo da ilha de Saipan. A eliminação da capacidade ofensiva dos japoneses implicava a destruição desses aviões, bem como das instalações de radares e comunicações em Chichi Jima. Em 14 de junho, chegou ao *Hornet* o informe de que uma patrulha tinha avistado a frota de navios-aeródromos do inimigo, que estava se dirigindo para as ilhas Marianas para deter a invasão. Os pilotos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros estavam preocupados com a possibilidade de perderem a chance de participar de uma grande batalha entre porta-aviões que ia tomando forma para as bandas do sul. Aparentemente, o almirante Clark achou também que isso podia acontecer, pois ordenou que o Grupo-Tarefa 58.1 aumentasse a velocidade do avanço. O tempo ficou ruim em 15 de junho, mas o ataque prosseguiu. Primeiro, foram lançados os aviões da PAC e da PA. Depois, às 15 horas, a cerca de 217 quilômetros de Iwo Jima, uma vaga de caças de varredura partiu para pegar o inimigo de surpresa. Logo em seguida, foi lançada uma vaga de ataque de 22 Helldivers, 12 aviões torpedeiros e sete caças. Como o mar agitado fazia o convés arfar e balançar muito, cada decolagem teve que ser feita de modo que o avião chegasse à proa no momento exato em que ela estivesse inclinada para cima. Mas um vento que variava entre 14 e 18 nós facilitou o procedimento.

Mike ficou na sala de pronto com os outros, esperando a operação terminar. Quando os aviões das patrulhas retornaram, seus pilotos revelaram grande emoção por haverem voado para além da parte norte de Chichi Jima e, portanto, por terem chegado bem perto do próprio Japão — ao contrário dos ataques anteriores, a outros redutos das forças inimigas, como em Truk, agora os pilotos do *Hornet* estavam abrindo o caminho para que as forças americanas avançassem sobre Tóquio. O ataque dos Hellcats fora tão bom que produziu um fenômeno raro: um novo ás da aviação. O tenente Lloyd Barnard teve confirmada a derrubada de cinco aeronaves inimigas num só combate.⁵⁶⁵ Já os pilotos de bombardeiros de mergulho voltaram dizendo que haviam tido uma tarde difícil. Uma tempestuosa frente fria havia intimidado Campbell, que conduzira sua ala por um trajeto esquisito, cheio de contornos, descidas e subidas, para evitar as piores partes da tempestade. A viagem deles até Chichi Jima levava duas horas. Assim que chegaram lá, tiveram uma “calorosa” recepção dos canhões antiaéreos japoneses. A travessia da grande massa de nuvens os desviara do alvo — alegaram ter conseguido disparar alguns tiros certos contra a base de hidroaviões e alvos na cidade de Omura, mas não acertaram nenhum dos oito ou dez navios ancorados no porto de Futami Ko. Um Helldiver de Dan Galvin fora derrubado. Quando a esquadrilha retornou, deparou com um convés de voo que parecia inclinado uns 30 graus sobre as ondas.⁵⁶⁶ O comandante informou no relatório que “a fadiga ocasionada pela necessidade de pilotar até um ponto tão distante, em condições atmosféricas bastante adversas e sobre águas revoltas”, tinha sido determinante para as falhas na operação.⁵⁶⁷

Na manhã seguinte, com os porta-aviões ainda avançando na direção dos alvos, continuava a ventar forte. Por volta do meio-dia, o Grupo-Tarefa 58.1 virou-se para o leste, onde deparou com um céu sem nuvens. Chegou a chance de Mike participar dos combates. Ele encabeçaria o ataque do Bombardeiro Dois a Iwo Jima. Enquanto os esquadrões de outros porta-aviões atacavam os povoados de Motoyama e Minami e outros aeródromos, ainda em construção, ele arremeteu contra o aeródromo principal, o Motoyama Número Um. Na sala de pronto, chegou a notícia de que submarinos americanos haviam localizado uma frota de porta-aviões inimiga atravessando o arquipélago das Filipinas, rumo a Saipan. Ficaram sabendo que a principal batalha de porta-aviões poderia ser travada sem a participação deles e que as aeronaves do porta-aviões do outro grupo-tarefa, comandado pelo almirante Harrill, não participariam da missão por causa do tempo ruim.

O *Hornet* e seus elementos de apoio lançaram 66 aeronaves, entre as quais Helldivers, Hellcats e Avengers. O tenente Micheel partiu do norte à frente de seu grupo e, quando se aproximaram do alvo, ele ganhou velocidade ao mergulhar de 2.500 para 1.600 metros de altitude. Assim que a visibilidade melhorou, ele pôde ver a pequena ilha com o vulcão numa de suas extremidades. A falta de confiança de Mike na “Fera Indomável” o levou a perguntar-se, quando se desgarrou da formação, iniciou o mergulho e foi imprensado contra o banco do piloto, o que aconteceria se seus freios de mergulho não funcionassem. O fogo antiaéreo inimigo só ficou perigoso mesmo quando seu avião desceu abaixo dos 1.300 metros de altitude.⁵⁶⁸ O líder do ataque continuou a mergulhar à frente do grupo, até ficar a um pouco mais de 300 metros acima do mar, antes da soltura das bombas. A bomba de 500 quilos de Mike acertou “em cheio um grande hangar inimigo”, perto da extremidade sul da pista do Motoyama Número Um.⁵⁶⁹ Seus alas também conseguiram atingir outras partes do aeródromo. Os lobos notaram que muitas aeronaves haviam permanecido praticamente inteiras, apesar do bombardeio. Informado a respeito disso, Mike conduziu o grupo em alguns ataques rasantes de metralhadas. O canhão de 20 milímetros de suas aeronaves rasgava os alvos como se fosse uma serra elétrica faiscante, mas mirá-lo contra os alvos implicava apontar radicalmente o avião para o solo. Num voo a uma velocidade de 200 nós (370 km/h) abaixo de 300 metros de altitude, Mike lançou-se sobre os alvos com mergulhos breves e ligeiros, disparando rajadas curtas, em rápida sucessão. Quando voltaram para a sala de pronto, o capitão elogiou o trabalho deles, onde souberam também que o 58.4, o outro grupo-tarefa, havia partido para o sul sem eles.

O dia 17 de junho amanheceu trazendo melhores condições de voo. A surtida das primeiras horas envolveu vinte aviões, que partiram numa busca sobre uma área gigantesca, entre 150 e 240 graus, ou “a área a oeste das Marianas”, com a missão de “detectar a aproximação da frota inimiga”.⁵⁷⁰ Os ataques a Iwo Jima haviam terminado e todos sabiam por quê. O fato era que a Quinta Frota, ainda estacionada ao largo das águas das Marianas, onde permanecia com vistas a proteger o desembarque dos fuzileiros navais em Saipan, precisava que o Grupo-Tarefa 58.1 voltasse para a batalha que seria travada com a frota inimiga, que se aproximava. Como preparativo para a batalha, o almirante Clark providenciou para que o *Hornet* abastecesse todos os seus navios-escolta antes de ordenar que avançassem a todo vapor. Na ocasião, submarinos americanos haviam

comunicado que nove porta-aviões, seis navios de guerra, treze cruzadores e 27 contratorpedeiros da Marinha Imperial se dirigiam para Saipan, nas ilhas Marianas. Além disso, aeródromos nas Filipinas contavam com outras centenas de aeronaves. Uma batalha entre porta-aviões tão grande quanto as outras parecia despontar no horizonte. Horas depois, alguns pilotos teriam conseguido “informações quentes”, ou seja, informações confidenciais, oriundas do Alto-Comando. De acordo com essas informações, o almirante Clark havia discutido a ideia de avançarem mais para o oeste do que para o sul, com a finalidade de pôr seu grupo-tarefa e o de Harrill numa posição atrás da frota da Marinha Imperial.⁵⁷¹ O capitão do *Yorktown* endossou a ideia; já o almirante Harrill a rejeitou e continuou a avançar para o sul, ao encontro dos outros porta-aviões, bem à frente do *Hornet*, do *Yorktown* e dos outros navios da frota.

Aparentemente, Clark decidiu não enfrentar a frota inimiga de nove porta-aviões sozinho, pois, às 10h32 do dia seguinte, o Grupo-Tarefa 58.1 reuniu-se ao 58.2, 58.3, 58.4 e 58.7 numa faixa de mar que se estendia a oeste de Saipan. Os porta-aviões americanos levavam a bordo um total de 950 aviões, em meio a uma frota de embarcações, entre navios e submarinos. Armada de tal forma que o mundo jamais vira, a Quinta Frota aguardava com ansiedade o tira-teima. Enquanto isso, patrulhas faziam buscas num raio de quase 600 quilômetros, a fim de evitarem surpresas e darem aos Estados Unidos a oportunidade para lançar o primeiro ataque. Os aviões voltaram da missão de mãos vazias e as telas dos radares mostraram apenas um ou outro avião de patrulha japonês. Mas um submarino informou que havia afundado um porta-aviões inimigo. Portanto, os japoneses não estavam muito longe. O almirante Jocko Clark e muitos outros aviadores navais chegaram à conclusão de que era hora de partirem para o oeste em busca do inimigo. A Quinta Frota, porém, virou-se para o leste ao anoitecer, contra o vento, a fim de recolher seus últimos aviões de patrulha, e distanciou-se do inimigo, para grande tristeza dos ansiosos aviadores navais.

No dia seguinte, a ansiedade começou a aumentar já nas primeiras horas. Alguns aviões de espionagem japoneses apareceram, oriundos dos aeródromos de Guam, situados a menos de 160 quilômetros dos porta-aviões americanos. A presença dos aviões inimigos foi uma surpresa para eles. Era óbvio que tinham vindo das Filipinas no dia anterior e corria a informação de que haviam comunicado à sua base nipônica a posição da frota americana. Oito caças da Marinha, lançados nas primeiras horas do dia, acharam muitos aviões inimigos estacionados em Guam, e outra vaga de oito Hellcats partiu em missão às 9h53. Às 10 horas, chegou um informe dando conta de que tinham visto “uma grande patrulha inimiga a 250 graus, 180 milhas de distância”. Essas aeronaves haviam sido lançadas dos porta-aviões inimigos. Hal Buell, designado para comandar um ataque com 14 bombardeiros de mergulho, acompanhado por 12 Hellcats e sete Avengers, recebeu ordem para “esvaziar o convés de voo e neutralizar os aeródromos de Guam”. Com o inimigo chegando, o almirante queria que o convés estivesse pronto para operações com caças. As tripulações de convés haviam ficado tão ocupadas com os Hellcats que não conseguiram municiar completamente os aviões de Buell. A maioria deles partiu com o compartimento de bombas vazio.

No horizonte, durante o dia inteiro, de quando em vez os canhões antiaéreos dos navios que resguardavam a frota lançavam rolos de fumaça negra no céu. Grupos de caças chegavam e partiam de hora em hora, fazendo

os primeiros rumores de vitória circularem pelos passadiços abaixo do convés. O radar do *Hornet* captou a presença da terceira vaga de aviões de patrulha japoneses pouco antes das 13 horas, ocasião em que as aeronaves de Buell começaram a retornar. Nisso, um cruzador posicionado próximo à quadra da popa de bombordo do porta-aviões lançou uma barragem de fogo antiaéreo contra os aviões inimigos. Na preleção, Buell admitiu que a maioria de seus aviões ficara simplesmente sobrevoando a área em círculos. Todavia, haviam lançado quatro bombas sobre o aeródromo de Agana, a maior cidade de Guam.

Os Hellcats venceram com facilidade as vagas de caças inimigos. Centenas de Zeros da Marinha Imperial Japonesa despencaram do céu em chamas. Impedir que os poucos elementos do inimigo ainda em condições de combate tivessem acesso aos aeródromos de Guam seria como dar outra punhalada no coração da frota de porta-aviões japonesa. Micheel seguiu para o convés de voo logo depois das 14 horas para liderar quatorze Helldivers num ataque a Guam.⁵⁷² Levava, em sua prancheta de tiro, os detalhes para a destruição do aeródromo de Orote. Seu avião fora municiado com quase 500 quilos de TNT. Uma vez que estava incumbido de ser o primeiro a partir, seria o piloto que teria a menor área de pista livre para decolar. Com a estolagem de seis metros sofrida pela aeronave após desgarrar da ponta do convés, Mike encolheu-se, assustado e apreensivo, até a Fera Indomável ganhar velocidade de voo e subir.

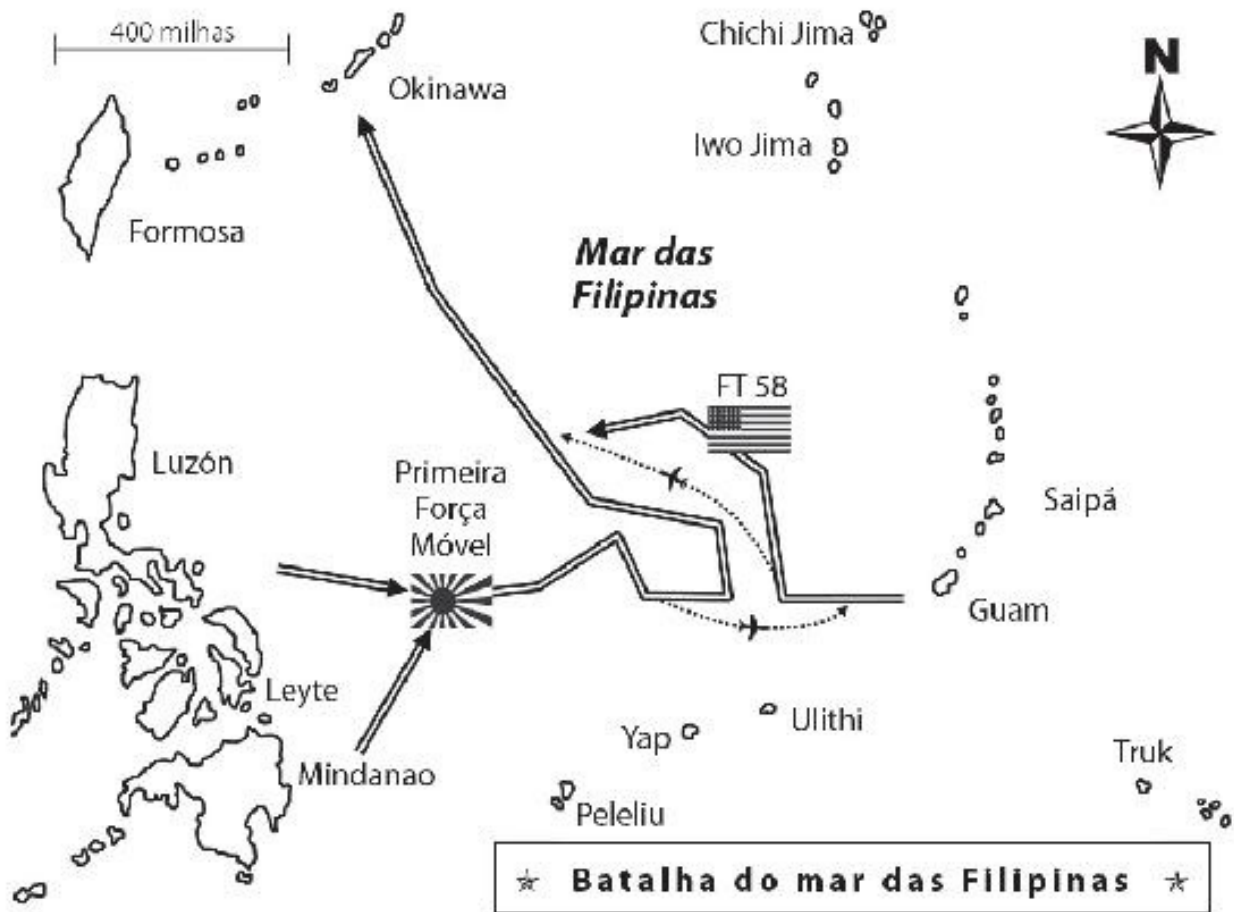
Doze Hellcats e sete Avengers acompanharam Mike na surtida. Tiveram que atravessar nuvens carregadas. O alvo ficava a pouco menos de 160 quilômetros de distância. Os navios seguiram para leste, atrás deles, onde formariam o Ponto de Opção e onde os pilotos voltariam para o porta-aviões deles, que ficaria mais perto. Ele iniciou o ataque pelo sul. Os japoneses deflagraram fogos num trovejante coro de canhões antiaéreos. Mike saiu da formação, mergulhou e ficou observando o alvo desenhar-se nitidamente adiante. Os japoneses haviam montado uma imitação de avião na extremidade da pista do aeródromo, talvez para servir como isca. Porém, Mike mirou numa grande bateria de canhões antiaéreos e acionou o mecanismo de soltura da carga explosiva a uma altitude superior à normal, mais ou menos a uns 150 metros do solo. Feito isso, desviou-se bruscamente e virou-se no assento para que pudesse observar. Como líder do ataque, ele teria que apresentar um relatório. Seis explosões arruinaram a pista do aeródromo e outras cinco cargas detonaram perto das baterias de grandes canhões.

Eles voltaram cerca de duas horas depois e viram que era tremenda a movimentação de aeronaves no porta-aviões. Mike e metade de sua força de ataque aterrissaram. Logo depois, ele e seus aviões foram levados para o convés inferior às pressas. Outra onda de aviões de patrulha japoneses havia acabado de aparecer na tela do radar do *Hornet*. O cruzador posicionado perto da quadra da popa de bombordo do porta-aviões começou a disparar seus canhões antiaéreos. Um grupo de caças aterrissou. O navio lançou uma surtida de Hellcats e, em seguida, Buell partiu em missão de combate à frente de quatorze lobos. Na sala de apronto, começavam a chegar aos poucos mais relatórios comunicando a consecução de uma vitória maciça. Segundo esses relatórios, os caças americanos estavam derrubando aviões inimigos às centenas. Porém, o restante dos componentes do grupo de ataque de Mike chegou trazendo más notícias. Um dos elementos do grupo tinha desaparecido em combate. Já outropiloto informou que havia perdido seu artilheiro de cauda. Acrescentou que o fogo

antiaéreo inimigo havia atingido seu avião, que se incendiara. Explicou que ordenara que o artilheiro saltasse da aeronave, ordem a que o aeronauta, Arne Ulin, obedeceu de imediato. Acrescentou que, aparentemente, Arne tinha aterrissado de paraquedas pelo menos a uns 3 quilômetros da ilha e não muito longe do submarino de resgate. Sem poder fazer nada, o piloto concluiu que deveria voltar, já que achou que conseguiria fazer isso e foi o que fez.

O grande dia terminou com os Hellcats do Grupo-Tarefa 58.1 contabilizando um total de 402 derrubadas “confirmadas”, conseguidas pela força-tarefa como um todo.⁷ Outros pilotos de caça se tornaram ases da aviação. Os Estados Unidos perderam 31 aviões, mas alguns dos pilotos dessas aeronaves foram resgatados, bem como algumas dezenas de marinheiros dos poucos navios que o inimigo conseguira atingir. Os pilotos do Helldiver devem ter ficado algo desapontados por não haverem tido a chance de ter uma participação mais significativa. No entanto, receberam boas notícias: as forças-tarefas, lideradas pelo 58.1, avançariam para o oeste a noite inteira, à caça de porta-aviões inimigos no mar das Filipinas. Os caças haviam tido a vez deles; agora, os pilotos de bombardeiros de mergulho queriam ter a sua e terminar o trabalho iniciado pelos colegas. Finalmente, os lobos teriam a chance de realizar a missão para a qual os bombardeiros de mergulho haviam sido criados. Eles estavam fartos de bombardearem aeródromos.

O telefone tocou em cada um dos camarotes de oficiais às 4h30. Quando os pilotos atenderam à ligação, ouviram: “É o oficial de serviço. A postos em vinte minutos!”⁵⁷³ Antes que o alarme soasse anunciando a ordem de formação geral e todos estivessem prontos para assumir seus postos de combate, eles se vestiram e subiram a escada para a Sala de Pronto Quatro. Vinte minutos depois, as catapultas lançaram oito caças e quatro Helldivers — com os compartimentos de bomba vazios para aumentar a autonomia — numa missão de patrulha de mais de 500 quilômetros, cobrindo uma área entre 285 e 325 graus. Horas depois, a Patrulha Um retornou. Seus pilotos não tinham avistado nenhum porta-aviões. A Patrulha Dois partiu depois do almoço. A entrega de medalhas a alguns pilotos de Hellcat, que haviam conseguido a grande vitória no dia anterior, transformou em alegria a longa espera desse dia tão desejado. Às 15h45, o *Hornet* “recebeu um relatório informando que a frota inimiga estava a 15°00’ de latitude norte, 135° 25’ de longitude leste, numa rota a 270°, a uma velocidade de 20 nós”.⁵⁷⁴ Momentos depois, Jocko ordenou que o grupo aéreo decolasse. Quase um convés inteiro de aviões havia sido preparado: quinze Hellcats, oito Avengers e quatorze Helldivers SB2C. O comandante Campbell, que sempre liderara o primeiro ataque contra novos alvos, encabeçou esse ataque, com Buell como líder da segunda divisão. No estudo que fizeram do plano de voo, os lobos viram que a missão exigiria toda a autonomia do avião e que só voltariam ao anoitecer ou horas depois. Conversaram muito sobre um meio de economizarem combustível. Ficou determinado, pois, que Campbell, em vez de voar em círculos após a decolagem, seguiria direto pela rota que conduzia ao alvo, com a velocidade reduzida ao máximo para que seus pilotos pudessem alcançá-lo. O primeiro avião partiu às 16h19.



Martin K.A. Morgan

Micheel e os pilotos designados para partirem na segunda vaga de ataque devem ter ficado observando a partida da primeira, já que isso era muito importante. Nesse caso, viram as asas de um SB2C serem desdobradas e travadas enquanto a aeronave taxiava para a posição de decolagem. De repente, o pessoal do Centro de Controle de Voo Primário pendurou uma placa na torre com novas informações sobre condições de voo e posições de aeronaves. A placa informava que os porta-aviões inimigos estavam agora em outra latitude, ou a quase 100 quilômetros de distância. Assim, a viagem de ida e volta aumentaria, ganhando uns 200 quilômetros a mais. Mesmo antes de partir, os pilotos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros, juntamente com o 2º. Esquadrão de Caças, o 2º. Esquadrão de Aviões Torpedeiros e os outros grupos de todos os porta-aviões, viram que a vaga de ataque 1 poderia ter problemas sérios pela frente.

Mas o tenente Vernon Micheel teve a mesma sensação de sempre. “Ah, sempre a mesma coisa. Eles nos faziam navegar para além de um limite seguro.” Os aviões eram maiores, mais velozes, e eles tinham um número maior dessas aeronaves, porém, nessa missão, “sabiam que só a terminariam quando tivesse anoitecido”. Os membros da tripulação de convés começaram a pôr aviões nos três elevadores do *Hornet* e a enviá-los para o convés de voo. Enquanto isso, na sala de pronto do esquadrão, os pilotos da surtida de Mike “reviravam todos os cantos à procura de balas traçantes coloridas, que pegavam aos montes” quando as achavam. Disparavam esses projéteis com suas pistolas .38 à noite, parte do dia em que precisavam usá-las para ajudar os contratorpedeiros a achá-los flutuando nas águas do Pacífico, se necessário. Caso disparassem

projéteis comuns, “talvez eles nem se aproximassem”. Já uma traçante azul ou vermelha acabava atraindo um navio Aliado. O medo de se virem numa situação de perigo os fizera agir com insensatez e acabaram levando uma quantidade excessiva desses projéteis. Embora levando em conta a experiência deles, Mike advertiu que bolsos abarrotados de traçantes coloridas “podiam atrapalhá-los”. Em outras palavras, se caíssem na água à noite, podiam não ter tempo para usar o bote salva-vidas. Nesse caso, ao piloto só restaria o colete salva-vidas. “Talvez vocês tenham que se livrar de todas essas coisas para conseguir boiar.” A sensata advertência de Mike não adiantou nada e ele mesmo acabou entupindo os bolsos com essas munições também.

O *Hornet* virou-se contra o vento. A luz do sol já se mostrava tinta pelas cores do fim de tarde. Mike subiu na asa de bombordo da Fera, enquanto o capitão do avião permanecia em pé na asa de estibordo. Logo em seguida, firmou o pé no pequeno estribo da fuselagem, enfiou a outra perna na cabine e, assim que entrou, pôs o arnês, conectou o tubo da máscara de oxigênio e ligou os fios do rádio. Por fim, examinou a lista de controle operacional. Viu que seu bombardeiro de mergulho deveria ser o primeiro a decolar depois da partida de seu caça de escolta. As hélices dos Hellcats começaram a girar. “Fiquei esperando, tenso como nunca”, perguntando-se “por que, toda vez que participavam de uma missão difícil, dispunham de pouca gasolina”. Assim que o lançamento começasse, as coisas andariam rápido. O capitão do avião deve ter gritado “Pista livre!” para que Micheel ligasse o motor e se preparasse para taxiar. Quando alcançasse os porta-aviões inimigos, já teria escurecido. “Como o inimigo estava fora do alcance de voo das aeronaves... fiquei com medo.” Na ocasião, o “Anjo da Misericórdia” interveio e o poupou de participar de uma missão da qual ele tinha certeza de que não voltaria vivo. Quando o primeiro Hellcat acelerou os motores diante do diretor de voo para testá-los, o almirante cancelou a missão. “Ainda bem...”, falou Mike, aliviado. A tripulação do convés começou a liberar a pista para a volta do Grupo de Ataque 1A. O *Hornet* fez uma volta de 270 graus, pondo-se na mesma rota pela qual vira o inimigo avançar pela última vez e tentou aproximar-se de seus Helldivers, Hellcats e Avengers.

Mike resolveu esperar os amigos do lado de fora. Ele sabia que, se tivessem achado o inimigo, estaria quase escuro quando retornassem. Independentemente do que tivessem deparado em matéria de PACs e fogo antiaéreo inimigos, os membros do 2º. Esquadrão de Bombardeiros teriam que mergulhar, retirar-se e reunir-se antes do anoitecer. Reunir-se após anoitecer era uma tarefa difícil, pois as pequenas luzes de navegação brancas das aeronaves começavam a parecer-se com o brilho minúsculo das estrelas. Infelizmente, nessa noite não podiam contar com a luz da lua para ajudá-los. Mike sabia como o piloto se sentia ao navegar na escuridão. A atuação do piloto na cabine resumia-se a regular bem o motor e fazer a centragem correta da aeronave, enquanto procurava conter o desejo de elevar-se a altitudes maiores ou de aumentar a velocidade, ignorando o medo provocado pelo fato de não conseguir distinguir o céu do mar. O YE/ZB, o aparelho de comunicação de bordo, era de grande alcance e seu radar ajudava o piloto assim que estivesse se aproximando do destino. No navio, mensagens de rádio cifradas começaram a chegar. “Fui atingido” e “estou sem gasolina; vou cair na água”.

Jocko Clark, o almirante que ordenara que seus esquadrões atacassem antes mesmo de receber ordens de seu superior, sabia o que estava acontecendo. Seu navio-capitânia, o USS *Hornet*, acendeu as luzes de

navegação brancas às 19h59. A iluminação intensa tornava o navio um alvo perfeito para submarinos inimigos, mas isso tinha que ser feito. Os pilotos mereciam essa ajuda. O oficial de sinalização de pouso (OSP) assumiu seu posto na quadra da popa com as raquetes iluminadas, prontas para orientar o pouso dos pilotos. De repente, Mike ouviu um avião se aproximando; os dois primeiros chegaram bem próximos um do outro. “Fiquei sentado num dos passadiços observando os rapazes tentando aterrissar quase aos pares... Os colegas entraram numa disputa para conseguir um lugar no circuito de aterragem e poder pousar.” O primeiro recebeu do OSP o sinal de cortar os motores. Enquanto isso, o segundo procurava alongar sua curva com o vento de cauda, a fim de dar tempo ao avião pousado para sair do convés. De repente, surgindo subitamente da escuridão, um terceiro avião tomou a vez de aterrissar da segunda aeronave. Mike não condenou o piloto por isso, pois o terceiro avião talvez não tivesse nem visto a segunda aeronave em meio a tanta escuridão. Mais aviões se aproximaram do circuito de aterragem, com os pilotos apreensivos diante da possibilidade de ficarem sem combustível a qualquer momento. Mike viu que a disciplina ia sendo substituída por “é eu ou você”. O circuito de aterragem virou uma bagunça. Era uma cena angustiante. “Não aguentei ficar lá.” Na sala de pronto, soube que os “navios-escolta começaram a disparar bombas de iluminação e a acender holofotes para ajudar os aviões a acharem os navios da força-tarefa”.⁵⁷⁵ Isso começou às 20h45. Duas mensagens via rádio, de homens caindo em algum lugar nas proximidades, foram de cortar o coração. Na hora seguinte, dois pousos forçados e uma mudança de direção do vento provocaram sérios atrasos, já que os membros da tripulação de convés tiveram que remover os destroços e o capitão precisou manobrar o navio. Um das aeronaves aterrissou na água, perto da proa, a estibordo. Às 22h15, o OSP fez sinal para que o último avião aterrissasse. Aparentemente, não havia “mais nenhum outro no ar”.⁵⁷⁶

Nas águas escuras em volta dos navios, o resgate dos pilotos e artilheiros acidentados prosseguia, enquanto o 2º. Grupo Aéreo fazia a contagem dos homens que haviam retornado. Um Helldiver tinha sido atingido durante o mergulho sobre o alvo. Dois de quinze Hellcats e um de quatro Avengers estavam desaparecidos. Os SB2Cs foram os que tiveram mais problema na volta: nove dos quatorze Helldivers não conseguiram aterrissar num porta-aviões.⁵⁷⁷ Um total de nove aviões do *Hornet* havia se acidentado durante a aterrissagem, matando um de seus tripulantes. Como sempre, a “Fera Indomável” foi a que apresentou as piores estatísticas: somente uma de quatorze dessas aeronaves estaria em condições de voar no dia seguinte. A essa altura, começavam a chegar relatórios de aviões do 2º. Grupo Aéreo pousados em outros porta-aviões.

Na manhã seguinte, o alerta de tomada de postos de combate soou às 5h52. As notícias que circulavam pela sala de pronto do esquadrão eram boas: os lobos haviam recebido o crédito por oito dos dez ataques certos a um porta-aviões da classe Shokaku, um dos navios da Frota Imperial Japonesa. Todavia, nesse ataque os navios-escolta e outros navios-aeródromos tinham conseguido escapar. Depois desse, não chegou mais nenhum outro relatório de contato. De acordo com as expectativas do almirante, os navios da MIJ seguiriam para o norte, na direção do Japão. Micheel partiu, no comando de um grupo de nove bombardeiros de mergulho, acompanhado por alguns caças e aviões torpedeiros, para a missão de “atacar qualquer frota

inimiga que estivesse ao alcance” deles.⁵⁷⁸ Em seu diário de bordo, contudo, havia uma prioridade um pouco diferente: “procurar colegas e navios japoneses.”⁵⁷⁹ Em sua viagem para o norte, viu “inúmeras manchas de óleo... e uma quantidade considerável de destroços”. Quando notou que tinha consumido a metade de seu combustível, fez meia-volta e retornou para a base.

Ao voltar, encontrou a tripulação do *Hornet* feliz da vida,⁵⁸⁰ já que, a essa altura, sabiam da situação de todos os componentes do grupo aéreo. Cinco aeronaves tinham voltado de outros porta-aviões, onde haviam aterrissado na noite anterior. Só um dos aviões que retornaram era um bombardeiro de mergulho. Além disso, numa reviravolta surpreendente, Mike soube que contratorpedeiros haviam resgatado oito pilotos e artilheiros de aeronaves do 2º. Esquadrão de Bombardeiros aterrissadas na água, mas que o tenente Hal Buell, embora tivesse voltado para o *Hornet*, havia feito um pouso forçado no convés de voo do *Lexington*. Bastante pálido e com muitas dores, Hal tinha sido atingido por estilhaços, além de haver matado acidentalmente um artilheiro do 2º. Esquadrão de Bombardeiros. Esse fato aconteceu durante o pouso forçado. Na ocasião, quando Buell estava prestes a receber o sinal para desligar os motores, obteve, em vez disso, um sinal para arremeter. Nessa fração de segundo, Buell lembrou-se do problema em sua Fera, que tinha uma grande perfuração numa das asas e estava sem gasolina.⁵⁸¹ Ele resolveu cortar os motores. O gancho de cauda de sua aeronave, porém, não agarrou no cabo de retenção, seu avião passou raspando pelas duas barreiras de contenção e acabou pousando em cima do Helldiver de seu amigo Dave Stear. Na colisão, morreram o artilheiro de Dave e um dos membros da tripulação de convés. Alguns dos integrantes da tripulação do *Lexington* fizeram acusações raivosas contra Buell. Acharam que ele entrara na rota de aterragem quando não deveria ter feito isso.⁵⁸²

Em seu porta-aviões, todavia, Hal Buell foi recebido calorosamente, onde ninguém quis falar muito a respeito das aterrissagens da volta de uma missão quase suicida. Hal fizera o que haviam determinado que fizesse. Ele se pusera à frente da divisão de Campbell com um plano de voo próprio e voando a uma altitude menor. Quando as ondas de ataque se posicionaram acima de um dos três grupos de navios da MIJ, o tenente Buell iniciou a aproximação em alta velocidade, durante a qual pediu permissão para atacar e a obteve — não de seu comandante, mas do comandante do grupo aéreo.⁵⁸³ A divisão de Buell mergulhara de mais de 4 mil metros de altitude num verdadeiro mar de fogos antiaéreos inimigos, com “explosões vermelhas, verdes e alaranjadas e bombas pontudas, aerodinâmicas, de fósforo branco”. Contrastando com a escuridão do céu, o espetáculo pirotécnico foi diferente de tudo que se tinha visto antes. Enquanto os caças observavam e um avião de registro fotográfico lançado do *Bataan* tirava fotos, os japoneses “concentravam um cone de fogos de dispersão na seção de aviões do tenente Buell”.⁵⁸⁴ O porta-aviões inimigo tinha virado radicalmente para estibordo e completara sua virada de 90 graus antes de o tenente iniciar o ataque. Buell conseguiu posicionar sua divisão ao comprimento do navio e deflagrara a destruição da nave lançando em cheio sobre ela várias bombas de 450 quilos.⁵⁸⁵ Campbell veio logo atrás e repetiu a descarga devastadora sobre o inimigo. Terminado o ataque, não veio a ordem de seguirem para um ponto de reunião. Alguns aviões inimigos lançaram ataques

curtos e rápidos sobre as aeronaves americanas enquanto estas procuravam voltar rapidamente para o navio. Os japoneses os perseguiram com fogo antiaéreo por quase 15 quilômetros. Uma de suas rajadas abriu um grande buraco numa das asas do avião de Buell, que acabou sendo atingido também por alguns estilhaços.

Outros pilotos contaram também histórias assustadoras sobre difíceis aterrissagens noturnas no Pacífico. Com isso, iniciaram a discussão sobre a missão da noite anterior, a mais dramática da expedição de combates deles até então. O *Hornet* se reabasteceu. Os aviões de patrulha não conseguiram achar o restante dos componentes da frota inimiga. Ainda avançando para o norte na manhã seguinte, os marinheiros nos postos de sentinela “começaram a avistar vários botes salva-vidas, ao passar o navio, na noite de 20 de junho, pela área em que os pilotos foram forçados a aterrissar na água. Contratorpedeiros de escolta foram despachados para averiguar a situação”.⁵⁸⁶ Muitos navios-aeródromos tiveram aviões derrubados. Assim que os contratorpedeiros terminaram o trabalho de resgate em todos os botes e não conseguiram achar mais ninguém, a frota de porta-aviões encerrou as operações de resgate. Todos os navios-aeródromos do grupo se retiraram após essa batalha e voltaram para o ancoradouro da frota, exceto o grupo de Jocko. O *Hornet* e seus acompanhantes partiram para Iwo Jima, onde lançaram um ataque de varredura pouco antes das 6 horas do dia 24 de junho.

Os fuzileiros em Pavuvu ficaram sabendo de tudo a respeito da batalha de porta-aviões no mar das Filipinas, na qual foram derrubados, segundo ouviram dizer, “mais de trezentos aviões dos nipos”, algo bem próximo do que realmente aconteceu. Toda noite, junto com os filmes, vinham notícias; já algumas informações confidenciais chegavam por vias “mais oficiais”. Souberam que a 2ª. e a 4ª. DIFNs haviam desembarcado em Saipan. Porém, ao contrário da experiência em Guadalcanal e Gloucester, essas divisões não tinham avançado pela praia. Em 16 de junho, chegou a Pavuvu a notícia de que os B-29, aviões da Força Aérea do Exército, haviam castigado Tóquio com centenas de toneladas de bombas, fato que lhes alegrou bastante o dia.

Eugene e Sid se encontravam quase todas as tardes, nas quais faziam planos para os tempos do pós-guerra. Já quanto ao plano de concretizações mais imediatas, Sid prometeu a Eugene que levaria sua coleção de conchas para casa e entregaria à mãe dele, numa visita que pretendia fazer aos Sledge quando voltasse — Sid disse isso sorrindo —, caso seus pais o deixassem sair de casa novamente. Na noite do segundo aniversário de Sid como combatente além-mar, dia 22 de junho, no cinema montado ao ar livre exibiram o filme *Gung Ho*, que relatava o ataque anfíbio de um Batalhão de Tropa de Assalto do CFNA à ilha Makin, incursão realizada mais ou menos na mesma época do desembarque da 1ª. DIFN em Guadalcanal. Nessa investida, os fuzileiros chegaram a atirar-se sobre as barreiras de arame farpado para permitir que outros colegas vencessem o obstáculo. Arremeteram de peito aberto contra as rajadas das metralhadoras japonesas — numa investida em que foram massacrados, mas na qual um fuzileiro tirou a camisa e lançou-se impetuoso, seminu, contra uma casamata, com uma granada na mão. De modo geral, contudo, essa exibição de violência brutal e tanta bravura não impressionaram os veteranos da 1ª. Divisão.

Sid e Gene tiveram uma tarde juntos antes de o praça Sidney Phillips se apresentar a bordo do navio-

transporte de tropa, que partiu do porto de aço de Pavuvu em 24 de junho. A divisão, talvez por entender que muitos dos fuzileiros que ficaram nos campos gostariam de ter ido para casa também, mandou servir dois ovos fritos e uma xícara de chocolate a cada um deles. No dia seguinte, domingo, Sledge relaxou, absorvendo-se na leitura da edição dominical do jornal de Mobile para estudar o mapa do Pacífico, mas também pelo prazer de curtir as fotografias de casa. Sid prometera que faria uma visita ao sítio histórico da Guerra de Secessão favorito deles, onde tiraria algumas fotografias e as enviaria para ele. Aproveitou o dia também para escrever uma carta aos pais, na qual lhes pedia que deixassem Sid pegar emprestado o que ele quisesse em seu quarto, inclusive sua ótima câmera fotográfica. Achava que, na visita que Sidney faria a seus pais, certamente estes o submeteriam a um interrogatório, mas Sledge gostava da ideia de Sid contar a seus pais tudo o que ele não podia incluir nas cartas por causa da censura. “Acredite em tudo que ele lhes disser”, recomendou ele aos pais, “e não achem que ele está tentando evitar que vocês se preocupem comigo. Ele dirá a verdade”. Com a perda da companhia de Sid, Eugene Sledge só teria como amigos agora os integrantes da Companhia King, 3º. BIFN, 5º. RIFN, 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais.

Em 29 de junho, Johnny passou três dias na enfermaria de Camp Pendleton, onde teve febre, calafrios, vômitos e dor de cabeça. Como Basilone havia contraído malária em Guadalcanal, sua aparência despertou pouco interesse na equipe médica que tratava dele. A recidiva deve ter sido ocasionada pela pressão que estava sofrendo então. Mas estava prestes a conseguir tudo o que queria.

Nos últimos dias, Johnny e Lena Mae ficaram ocupados com os preparativos para o casamento. Tinham procurado o capelão do regimento para falar sobre o desejo de se casarem. O capelão aceitara celebrar o casamento deles na capela de Camp Pendleton, porém só depois que Lena passasse por duas semanas de “orientação”.⁵⁸⁷ Lena não quis saber disso.

— O senhor já foi casado? — perguntou ela ao capelão.

— Claro que não!

— Nesse caso, como pode me orientar, já que não conhece a vida de casado? O senhor não tem condições de me dar nenhuma orientação — replicou Lena, com seu jeito de contestadora. Ademais, sabia que eles não tinham duas semanas para isso, pois precisavam se casar antes que conseguissem as licenças. Além disso, ela queria se casar numa igreja que tivesse uma longa nave central, e não na capela da base. Certa manhã, John saiu à procura do capelão do 28º. RIFN, padre Paul Bradley. Este, que tinha a mesma idade de John, entendeu a situação e concordou com a ideia deles.⁵⁸⁸ Lena marcou o casamento para o dia 11 de julho, cuja celebração seria na Igreja da Virgem Maria, Estrela do Mar, em Oceanside.

Junto com a pressão do casamento, veio o momento de tomar uma decisão de grande importância. Em 6 de julho, o tempo de serviço militar de quatro anos de John no CFNA terminaria. É possível que ninguém soubesse que seu tempo de serviço estava prestes a findar, pois, na esteira do ataque a Pearl Harbor, todos haviam se alistado para servir até seis meses após o fim da guerra. Esse fato evitava que o pessoal do serviço de

alistamento ficasse perguntando: “Quando você vai dar baixa?” O fim de seu tempo de serviço o fazia sentir algo que conhecia bem, pois sua família e seus amigos de Raritan não queriam nem que ele pedisse transferência de Washington. Já em Camp Pendleton, todos os fuzileiros acharam impressionante a volta dele para uma unidade de combate. Mas ele não gostava de ser impressionante.

O grande dom de John era conhecer a si mesmo. Ele se sentia feliz com a vida de sargento de pelotão. Tinha também um forte senso de dever para com seus homens da Companhia Charlie, 1º. Batalhão, 27º. RIFN. Talvez sempre soubesse que seria “embarcado”, ou que se realistaria, mas, em algum momento, teria que dizer isso a Lena: “Preciso voltar para além-mar. Tenho homens em meu pelotão que nunca estiveram lá.” Lena sabia que “ele não podia enviá-los para lá e deixar que algo de ruim acontecesse a eles”.⁵⁸⁹ Em 3 de julho, o primeiro-sargento John Basilone embarcou discretamente para prestar no exterior mais dois anos de serviço militar. Em seu contrato com a corporação, constava que ele se “comprometia a servir por mais seis meses após o fim da guerra ou por motivo de emergência nacional, se necessário”. Quatro dias depois, Johnny e Lena foram pegar a certidão de casamento. Ele comprou o anel de casamento, que custou 6 dólares.⁵⁹¹ No dia seguinte, a Associated Press distribuía uma matéria publicada por vários jornais do país e principalmente pelos de Nova Jersey: “Herói de Guadalcanal Prestes a se Casar.”⁵⁹²

No dia 3 de julho, para festejar a Independência americana, a 1ª. DIFN distribuiu cerveja entre todos os membros da tropa. Sledge vendeu a sua cota, como sempre, e ficou observando os rapazes desfrutarem de uma noite bastante divertida, em que alguns cantaram, outros jogaram pôquer e outros assistiram a um filme com Frank Sinatra como a atração principal. Quando o famoso cantor apareceu na tela, alguns soldados na plateia, fingindo-se muito emocionados, simularam desmaios. Gene gostou mais das brincadeiras deles do que da atuação de Sinatra.

⁵⁹⁰No dia seguinte, uma terça-feira, os colegas da barraca de Sledge acordaram de ressaca. À tarde, serviram sorvete na área de exibição de filmes da divisão. No palco pequeno e tosco, seis mulheres da Cruz Vermelha esforçavam-se para servi-los da forma mais rápida possível, pois uma enorme multidão havia se concentrado no local. Eugene não sabia se tinham ido lá para ver as mulheres ou se para pegar sorvete. Como nenhum oficial se dera o trabalho de impor ordem e organizar a distribuição, uma grande massa de gente se imprensava contra o palco. Os empurrões acabaram degenerando em briga e confusão. Sledge não ficou nem um pouco surpreso, portanto, quando viu a PM se esforçar em vão para evitar brigas, embora elas o tivessem deixado indignado. Dois soldados foram nocauteados e um terceiro sofreu um ataque cardíaco antes de Eugene desistir de tentar pegar sorvete.

Ele voltou para a barraca, sentindo cansaço e um calor sufocante. Alguém tinha levantado as partes laterais da barraca para arejar as fileiras de camas. “Em tempos de paz”, pensou Gene, “tenho certeza de que o homem branco, desde que mentalmente saudável, não moraria nesta parte do mundo”. Com tanto calor, sentia vontade de estar na França com Edward. Todavia, uma série de caixas cheias de luxos e guloseimas enviadas pelos pais

amenizava a dura vida na barraca de Sledge. Quando não biscoitos ou bolos, Sledge tinha exemplares da *Reader's Digest* e da *Muzzle Blast* (revista sobre armas antigas) para pegar emprestado, material de leitura que era devorado com a mesma avidez com que comia as guloseimas, pois ajudava a evitar o tédio.

Certa feita, ainda deitado, ouviu um dos colegas dar um grito de raiva, enojado com um rato enorme que vira debaixo da cama. Num acesso de fúria, seu amigo pegou um grande porrete e atacou o animal. O rato saiu correndo da barraca, seguido de perto pelo soldado enfurecido, que gritava: “Mata! Mata!” Avançaram pela fileira de barracas, com o rato procurando lugar para se esconder e evitar os golpes. Passaram por cinco barracas abertas, provocando a maior bagunça e confusão. Surpresos, os fuzileiros queriam saber o que estava acontecendo, até que, finalmente, o irritado fuzileiro acabou conseguindo dar um “golpe de misericórdia” no asqueroso, nas palavras de Eugene, pondo um fim à batalha, para grande alegria e diversão dos espectadores.

O Engenhoso desembarcou do navio em 7 de julho. A viagem do tenente-coronel Shofner para Pavuvu durara três semanas. Mas uma olhada no aspecto do local deve tê-lo feito sentir-se em casa — afinal de contas, ele estava de volta aos cafundós do inferno para iniciar o segundo tempo de seu jogo de guerra. De acordo com as normas, ele tinha que se apresentar para o serviço no quartel-general do regimento. O coronel Harold D. “Bucky” Harris comandava o 5º. RIFN, unidade em que Shofner fora lotado. O coronel Harris servira em Guadalcanal como subchefe do estado-maior e acabara conseguindo o comando do regimento por sua atuação em Cape Gloucester. Shofner foi apresentado ao estado-maior de Bucky Harris e a outros comandantes de batalhões. Quando possível, ele faria uma visita ao QG da divisão para conhecer o general Rupertus e seu estado-maior. Quase todos eram veteranos de Guadalcanal. O Engenhoso estava procurando também seu primo que servia no 11º. RIFN, o regimento de artilharia da divisão.

Durante a recepção e apresentação do coronel Shofner a Pavuvu, lugar que todos diziam que mais parecia “um chiqueiro do que uma área de repouso”, Bucky Harris e seu estado-maior devem ter dito a ele que aquela era única opção que tinham.⁵⁹³ Embora, na gigantesca base em Guadalcanal, houvessem podido contar com edificações e abrigos metálicos com luz elétrica e muita comida boa, o lugar tinha também algumas desvantagens. O chefe de Rupertus, o general Geiger, receara que seus homens fossem postos para trabalhar como estivadores, se ele tivesse estacionado sua tropa em Guadalcanal. Geiger queria que seus homens descansassem depois da campanha em Cape Gloucester. Queria também ter a garantia de que ficariam livres para iniciar novos treinamentos. Quanto a uma base de repouso na Austrália, Shofner soube que manter a 1ª. DIFN longe da Austrália significava mantê-la fora do controle do general Douglas MacArthur.

Os fuzileiros continuavam ressentidos por terem servido sob as ordens de MacArthur para apoiar sua campanha na Nova Guiné. Porém, a selva em Cape Gloucester acabou se revelando uma dor de cabeça, disseram a ele, onde “houve mais soldados feridos com a queda de árvores do que por ataques do inimigo”. Soube também que o estado-maior da divisão já havia iniciado planos para a campanha seguinte, cujo alvo, prometera o comando, seria um lugar em que ficariam livres da selva e da praga da malária. Contudo, essa promessa do comando não os livraria de ter que servirem sob as ordens do general MacArthur, pois a próxima

operação seria para apoiar outra campanha de MacArthur, dessa vez a invasão da ilha de Mindanao. Essa notícia deixou Shofner animado, mesmo que isso implicasse prestar ajuda a MacArthur. Já que, por si mesmo, o Engenhoso não podia libertar os colegas da Colônia Penal de Davao, em Mindanao, pelo menos ajudaria a tornar possível a libertação deles.

A 1ª. DIFN ficaria encarregada de neutralizar as ameaças ao flanco de MacArthur advindas da ilha de Peleliu, no arquipélago de Palau, bem como das ilhas Yap e do atol de Ulithi, pois as aeronaves baseadas nesses locais podiam lançar ataques contra Mindanao. “O general MacArthur”, haviam informado aos fuzileiros, “acreditava que não podia lançar um ataque anfíbio contra as Filipinas se essa possível ameaça às suas fileiras não fosse eliminada”.⁵⁹⁴ Mas nem todos os fuzileiros concordavam com MacArthur. Outras ideias sobre qual deveria ser o alvo seguinte dava muito que falar no refeitório dos oficiais, com ou sem referências ao general MacArthur, principalmente quando a conversa recebia uma pitada de fermento, na forma de rumores emanados dos supremos escalões do oficialato. De acordo com um deles, por exemplo, o almirante Halsey recomendara que se apressasse a guerra passando direto pelas Filipinas e lançando um ataque contra Taiwan ou o Japão.

Os jantares no tosco refeitório de oficiais devem ter sido animados também, levando-se em conta as descrições das belas mulheres australianas e neozelandesas. Certa noite, quando a conversa passou a girar em torno das condições de vida em Pavuvu, Shofner ouviu uma indireta dos colegas: “Se você acha isto aqui ruim, devia ter visto quando tudo começou.” Ficou surpreso, já que eles sabiam que ele tinha sido prisioneiro de Hirohito. Imaginou que, se achavam mesmo que as condições da vida de combatente em Pavuvu iriam desanimá-lo, ficaria óbvia a falta de maiores conhecimentos deles sobre certos aspectos e realidades da guerra. Começou a sentir certo descompasso em relação a seus colegas oficiais, sentimento que não diminuiu com o passar dos dias. No entanto, depois de algum tempo, percebeu a causa disso. Embora ele tivesse conquistado o respeito deles com suas experiências de guerra, não pareciam dispostos a aceitá-lo prontamente como “membro da turma”. Afinal, os integrantes da 1ª. DIFN haviam passado por muitas situações difíceis juntos. Guadalcanal vinha à baila na maioria das conversas, tanto no que diz respeito ao início dos conflitos quanto no que se referia ao fim dele. A experiência em Guadalcanal estabelecera entre eles um laço do qual Shofner, naturalmente, não compartilhava.

No entanto, um número recorde de veteranos de Guadalcanal estava sendo levado para casa. Em pouco tempo, a divisão recebeu 260 oficiais e 4.600 praças para substituir os que eram embarcados de volta para o país. Em todos os níveis, os recém-chegados se misturavam com os veteranos. Bucky Harris designou o coronel Shofner para o comando do 3º. Batalhão, 5º. RIFN (3/5). O Engenhoso seguiu para o QG, onde conheceria os oficiais do 3/5.

O comando de seu batalhão abrangia os membros da Companhia Extranumerária. Dezesseis oficiais, auxiliados por graduados e praças, apoiavam e orientavam o trabalho das três companhias de fuzileiros do batalhão: a Item, a King e a Love.⁸ A maioria de seus oficiais, inclusive seu subcomandante, tinha sido lotada

no batalhão após os combates em Guadalcanal, embora alguns deles só depois da campanha em Gloucester.⁵⁹⁵ A presença relativamente escassa de combatentes veteranos no 3/5 o deixou alarmado. Pelo menos a Companhia King, comandada pelo capitão Andrew A. Haldane, tinha um líder experiente. Haldane combatera em Guadalcanal como tenente de outra unidade e tinha boa reputação. Quando Shofner lhe pediu informações sobre seus oficiais, Haldane deve ter falado das qualidades de seus líderes de pelotão. A K/3/5 tinha poucos oficiais experientes. Seu subcomandante, o primeiro tenente Thomas J. Stanley, servira com a King em Cape Gloucester, bem como seu chefe de seção de morteiros, o segundo-tenente Charles C. Ellington.⁵⁹⁶ Alguns de seus graduados superiores haviam provado seu valor em Guadalcanal.

Oficiais subalternos sempre evitavam apresentar queixas a um novo comandante. Se alguém os inquiriu a respeito disso, é bem provável que Haldane e outros oficiais do estado-maior do batalhão tenham admitido que o moral da tropa baixara para “um nível jamais visto”.⁵⁹⁷ Todos os oficiais sabiam disso. A tropa passara os meses anteriores removendo cocos podres da área do acampamento e carregando baldes cheios de corais triturados para pavimentar pátios e caminhos. Mas ainda tinham trabalho a fazer. Além disso, a batalha contra ratos e caranguejos estava sendo perdida. E todos sabiam que, enquanto isso, a tropa de serviço estacionada nas ilhas próximas (Banika e Guadalcanal) estava comendo e bebendo melhor do que os fuzileiros navais. Já em Pavuvu, carne aparecia nas mesas do refeitório apenas uma vez por semana e a cerveja era limitada a umas poucas latas a cada sete dias.

O Engenhoso não podia mudar as condições em Pavuvu. Sabia que discursos sobre a vida do prisioneiro de guerra em Cabanatuan não ajudariam, mesmo porque tinham ouvido falar da história dele ou a leram na revista *Life*. Quando, por fim, ele se pôs à frente do batalhão, procurou deixar claro para seus homens que “tinha contas para acertar com os japoneses”.

Na tarde do dia 10 de julho, John Basilone e seus dois padrinhos de casamento — os sargentos encarregados de suas seções de metralhadoras (Clint e Rinaldo) — compareceram à cerimônia trajando a farda de gala com o emblema da 5ª. Divisão no ombro.⁵⁹⁸ John escolhera Clinton Watters, o veterano da Companhia D, como padrinho. As madrinhas de Lena, fuzileiras também, estavam vestidas com o uniforme branco, exceto Mary Lambert, sua dama de honra.⁵⁹⁹

Lena chegou atrasada à igreja, visivelmente frustrada com o atraso, exibindo um vestido de tafetá branco. O outro chefe de seção de metralhadoras de John, Ed Johnson, a recebeu. Ele a conduziria ao altar, onde a entregaria ao noivo.⁶⁰⁰ Lena seguiu pela nave central com Ed, pensando: “Sempre quis uma longa nave. Mas, agora, preferia que não fosse tão longa.”⁶⁰¹ Quando ela chegou ao altar, John abriu um grande sorriso e ela parou de chorar. Fizeram juras de fidelidade se olhando nos olhos: “Até que a morte nos separe.” Dito isso, o padre fez um sinal com a cabeça para John, que beijou a noiva.⁶⁰²

Depois da igreja, foram para a festa de casamento no hotel Carlsbad. Lena explicou que o homem que a

levaria para a igreja, um motorista de táxi que ela contratara para isso, havia se esquecido dela. As explicações de suas tentativas desesperadas para entrar em contato com o motorista pareciam engraçadas agora na calorosa animação da festa no hotel. Muitos de seus amigos foram embora depois de alguns passos na pista de dança e um ou dois drinques — as bebidas no Carlsbad eram caras. Alguns convidados ficaram para o jantar e depois os noivos foram desfrutar as núpcias. Na manhã seguinte, o sr. e a sra. Basilone saíram cedo do hotel para pegar o trem com destino a Salem, no Oregon.⁶⁰³ Lena queria apresentar o marido aos irmãos.

* * *

O tenente Micheel passou a tarde de 10 de julho participando de uma missão de bombardeio contra Rota, uma das ilhas das Marianas, como parte dos preparativos para a invasão dos fuzileiros navais em Guam, os quais haviam começado em 1º. de julho, ocasião em que, após um breve descanso no ancoradouro da frota, o grupo-tarefa de Clark voltara para as ilhas Bonin, onde ficara durante vários dias. Determinados a impedir que o império tivesse acesso a Guam, tal como haviam feito com Saipan, os lobos tinham passado dias destruindo o aeródromo reparado pelos japoneses e seus novos aviões estacionados em Iwo Jima. Atacaram também os navios e a estação de radares em Chichi Jima. Os canhões antiaéreos do inimigo tinham sido um grande problema para eles, principalmente nessa última ilha. O bombardeio a Chichi Jima custara ao tenente Micheel a perda do ala. Além de perderem artilheiros para o fogo aéreo inimigo, os lobos haviam perdido também alguns colegas pilotos, pois tentaram realizar a manobra do “giro da vitória” e acabaram caindo no mar. Diante disso, o comandante Campbell decretara: nada de giros da vitória dali por diante. Contudo, seus problemas haviam diminuído com a volta deles para Guam e Rota alguns dias antes, locais em que o fogo antiaéreo inimigo não era tão intenso.

Numa tarde em que havia apenas algumas nuvens no céu de Rota, Mike liderou um ataque de sua divisão à refinaria de açúcar da ilha, onde bombardearam alguns alvos e depois fizeram a curta viagem de 130 quilômetros de volta para o *Hornet*. No caminho, o guarda-marinha William Doherty o contatou pelo rádio para informar que estava com problemas em seu SB2C. Disse que não conseguia controlar seus elerões.⁶⁰⁴ Tal como todo bom piloto faria, o guarda-marinha Doherty tratara de investigar a situação. Mesmo com ambos os elerões virados para cima e travados, conseguia se manter em linha de voo normal, já que o leme permitia que ele virasse a aeronave sem os elerões, embora de forma não muito apropriada. Doherty diminuiu a velocidade para ver como o aparelho se comportaria em velocidade de aterragem. Quando reduziu a velocidade para 100 nós (185 km/h), Doherty informou ao tenente Micheel pelo rádio que, nesse ritmo, o SB2C ficava “muito lerdo e certamente nada seguro”, por causa da resistência aerodinâmica sobre cada uma das asas. Quando ele baixava o trem de pouso, tinha que aumentar a velocidade para 120 nós (222 km/h) para continuar voando. Como uma aterrissagem em porta-aviões a uma velocidade de 120 nós estava fora de questão, Mike aconselhou Doherty a fazer um pouso no aeródromo de Saipan, que ficava perto de onde estavam. A essa

altura, os americanos haviam assumido o controle de uma parte tão considerável de Saipan que seu campo de pouso, o Aeródromo de Isley, tinha sido destinado a aterrissagens de emergência. Além do mais, a extensão da aeropista de Isley permitia pousos em alta velocidade. Mesmo assim, porém, como Doherty não confiava muito na Fera quando ela ficava com o trem de pouso baixado, ele o manteve recolhido e aterrissou com a barriga do avião.

O problema que Doherty teve foi semelhante ao que o guarda-marinha Reynolds enfrentara pouco tempo antes. Após um arrojado mergulho em Guam, o avião de Reynolds “virara violentamente de barriga para cima, fazendo-o ficar desacordado por alguns instantes”. Mas ele se recuperara e conseguira endireitar seu SB2C. “Segurando o leme de acordo e usando todo o poder de manobra de seu elerão direito, conseguiu voltar para a formação. Na ocasião, notou que, a baixas velocidades, seu elerão esquerdo ficava baixando e levantando, com o controle do avião sendo mantido apenas por meio do elerão direito. Reynolds subiu para 2.900 metros, onde ele e seu artilheiro saltaram de paraquedas na frente da formação do grupo-tarefa e foram resgatados por contratorpedeiros.”

Ao perceber a semelhança entre o problema de Reynolds e o de Doherty, Campbell ordenou que o oficial de engenharia, tenente Micheel, “investigasse o que havia de errado com esses aviões”. O fabricante do Helldiver, a Curtiss-Wright, tinha um representante a bordo do *Hornet*, que embarcou na traseira de um Avenger em 11 de julho e seguiu com Mike para Saipan, onde o guarda-marinha Doherty deve tê-los recebido com certo entusiasmo. Conquanto o aeródromo de Saipan fosse seguro, a ilha não era, tanto que, apenas três dias antes, mais de três mil soldados japoneses haviam lançado um ataque suicida contra o Exército e os fuzileiros navais.

O funcionário da fabricante do avião sabia exatamente o que examinar. Só levou alguns minutos antes de informar: “Achei o problema.” Dentro da asa, o cabo que controlava os elerões passava por uma manivela em cotovelo. Ambas as manivelas do avião de Doherty haviam se partido. Ao examiná-las, Mike viu que eram feitas de um metal branco. Ficou claro para eles que, durante o mergulho, a aeronave de Reynolds tivera apenas uma dessas manivelas partidas e que, quando ele tentara nivelá-las, a que não se movera, por defeituosa, fizera seu avião girar.

— Qual a solução? — perguntou Mike ao engenheiro.

— Obter mais manivelas — respondeu o homem.

A solução parecia muito simples. Como o Avenger que Mike pegara emprestado tinha lugar para os três, voltaram juntos para o *Hornet*. Após ouvir seu relatório de oficial de engenharia, Campbell examinou os documentos apresentados pelo tenente e viu que, no Pedido de Reposição de Peças nº. 71, datado de 3 de junho, estava especificado “manivelas em cotovelo de aço e hastes de controle de elerões”.⁶⁰⁵ Traduzindo: mais de um mês antes do surgimento dos problemas, a Curtiss-Wright sabia que as manivelas estavam falhando. Mas o representante da empresa não falou nada sobre o defeito. No fim de junho, o 2º. Esquadrão de Bombardeiros havia recebido muitos SB2Cs novos para repor os perdidos na Batalha do Mar das Filipinas, cujas manivelas em cotovelo eram defeituosas também. Quando os militares entenderam bem a gravidade do

problema, o representante da fabricante dos aviões deve ter ficado num aperto daqueles. Mergulhos arrojados, bastante picados, faziam essas manivelas falharem. E uma falha num lado do avião fizera parecer que o piloto tentara executar um giro da vitória quando saía do mergulho. “É possível”, informou o capitão ao comandante do grupo aéreo, “que muitas outras perdas sobre o alvo tenham sido causadas por essa falha, e não pelo fogo antiaéreo inimigo, como se havia pensado antes”. A verdade foi um golpe “duro no moral do esquadrão de bombardeiros”.

Campbell recomendou que o uso do SB2C fosse “evitado em bombardeios de mergulho ou em quaisquer ataques de alta velocidade...” até que as partes defeituosas fossem substituídas. Os depósitos do navio não tinham manivelas em cotovelo. Mike viu o “funcionário da Curtis Wright descer até o departamento de engenharia, onde começou a fabricá-las com aço”. Em 13 de junho, havia consertado quase a metade delas, as quais esperava que durassem até que as novas chegassem. O *Hornet* passou o dia 13 se reabastecendo. Em 14 de julho, o tenente Micheel estava entre os que embarcaram num *Helldiver* para continuar suas missões em Guam e Rota. Apesar dos problemas, os pilotos do navio-capitânia do almirante Clark continuaram eficientes. “Os mergulhos”, observou Campbell, “passaram a ser feitos numa inclinação relativamente menor...”

As partidas em massa e a enxurrada de substitutos geraram muitas mudanças na 1ª. DIFN. Homens experientes foram promovidos, o que criou a necessidade de se fazerem novas atribuições. Em 16 de julho, o pelotão de morteiros da Companhia King organizou uma competição. O tenente Ellington, que comandava o pelotão, testou a habilidade de cada um dos membros da unidade no manejo e emprego do morteiro de 60 milímetros. O praça Eugene Sledge foi o vencedor. Agora, ele servia na GP-M2, ao lado de Snafu Shelton, onde este atuava como artilheiro e o cabo Burgin era o chefe da unidade, que incluía alguns carregadores de munição.

Sledge podia até ser um ex-universitário capaz de calcular azimutes mais rapidamente do que os demais, mas era voluntário também. Isso tornava mais fácil para ele conhecer os colegas da guarnição. Snafu Shelton gostava de fumar e beber, era cobra no pôquer, em razão dos anos que trabalhara como garçom num bar chamado 400 Club e falava com um sotaque que poucos conseguiam decifrar. Snafu não sabia os nomes das cidades em que seus pais haviam nascido.⁶⁰⁶ O cabo Burgin trabalhara como caixeiro-viajante por alguns anos após terminar o ensino médio. Burgin se apresentara como voluntário no CFNA em 13 de novembro de 1942, pois achava que tinha que fazer isso de um jeito ou de outro — ou entrava assim ou por recrutamento.⁶⁰⁷ Apesar de tanta arrogância, tinha muita fé em Deus, tal como Sledge. Tanto Snafu quanto R. V. não tinham participado dos conflitos em Guadalcanal. Entraram para a Companhia King quando estavam na Austrália. Merriell Sheldon ganhara o apelido de Snafu na Austrália por causa de seu jeito amalucado.⁹

O tempo que passaram na Austrália permitiu que Snafu e Burgin aprendessem termos da gíria australiana, como *cobber*, que significa amigo, mas eles idolatravam homens como os sargentos Johnnie Martmet e Hank Boyes, ambos participantes da batalha de Guadalcanal. As histórias de Martmet sobre Guadalcanal deixaram

Burgin fascinado. No entanto, a Companhia King tinha apenas alguns homens como Marmet e menos elementos feitos do “velho estofado”, ou homens que fizeram parte da corporação antes da guerra. Eugene Sledge, por sua vez, via Snafu e “Burgie” com admiração, pois tinham servido em Cape Gloucester.

Sledge queria informações sobre os conflitos em Gloucester. Soube que a Companhia King, comandada pelo capitão Haldane, havia rechaçado meia dúzia de ataques banzai na noite de seu desembarque. “Antes do ataque banzai”, contou-lhe Burgin serenamente, “os japas — eles tinham um japonês que falava inglês, e o sargento de nosso pelotão, Harry Raider, era o encarregado das metralhadoras. E esse japonês perguntou: ‘Harry, Harry, por que não atira?! Harry, por que não atira?!’ Com muita calma, Raider respondeu: ‘Mete uma pequena rajada nele, de uns 250 tiros.’” A rajada ajudara o inimigo a descobrir a posição da metralhadora. Antes do amanhecer, os japoneses lançaram o ataque. “Um desses japoneses veio... até a minha trincheira individual, onde enfiei a baioneta na parte superior de seu estômago, atirei nele... e o joguei por cima do ombro. Acho que dei uns três tiros no sujeito antes de me livrar dele... Devo tê-lo varado com a lâmina da baioneta inteira. De manhã, no mesmo ataque banzai, matei um japonês que estava a um metro de mim, bem perto mesmo, com o rosto quase colado no meu... Não me lembro de quantos japoneses matamos nessa noite, mas foi um número considerável, foram muitos os japoneses que... cometeram suicídio nessa noite.”

Matar o inimigo era para Burgin a mesma coisa que “matar um cão doido”. Ele odiava os japoneses, por causa da brutalidade com que tratavam os fuzileiros. E não fazia prisioneiros. Além de explicar os ataques banzai, Burgie deve ter falado a ele e aos outros novatos sobre os combates na selva: com atiradores de elite nas árvores, clareiras de execução de tiro, o truque do inimigo de gritar para um fuzileiro durante a batalha. Quando, nas manhãs seguintes, o praça Jay de L’Eau começou a acordar tarde, Burgin passou a ir até a barraca dele, onde despejava um balde de água fria sobre Jay, emborcava sua rede de campanha e saía sem dizer uma palavra.

Os membros da Companhia King treinavam, viviam e se divertiam juntos. Pavuvu não tinha nenhum tipo de distração. Gene iniciou seu trabalho como membro da GP-M2. Sentia falta de Sid, naturalmente, e ficou radiante ao receber uma carta dele em meados de julho. Sid escreveu para informar que havia conseguido chegar ao litoral oeste americano. Disse que a América nunca lhe parecera tão bela. Além disso, confirmou a promessa de que enviaria a Gene tudo de que ele precisasse. A carta levou Eugene a imaginar como deve ter sido a chegada de Sid a Mobile. Sorriu quando pensou nisso. Sidney Phillips tinha feito a parte dele e merecia voltar para casa. Eugene sabia que o amigo pintaria aos olhos dos moradores da cidade um quadro com as cores verazes dos fatos da guerra real. Após refletir bastante, Sledge se convenceu de que não importava que Sid fosse oriundo da classe baixa de Mobile. “Ele é o meu melhor amigo”, pensou.

O navio-transporte de Sid entrara no porto de San Diego numa manhã ensolarada de meados de julho. No cais, a banda dos fuzileiros navais tocava *Sempre Fiel e Estrelas e Listras para Sempre* enquanto os veteranos desciam sérios a prancha de desembarque. Quando a banda começou a tocar “Dixie”, Sid Phillips quase chorou, já que fazia tempos que não ouvia uma banda ao vivo nem punha os pés no solo da pátria. Alguns

soldados se ajoelharam e beijaram o chão do cais. Caminhões levaram os veteranos para o Centro de Recrutamento do CFNA em San Diego, onde deixaram o equipamento, tal como o trouxeram, num bivaque de barracas.

Na hora do almoço, iam a pé até o grande refeitório. Sid notou que ele e os outros “veteranos, com a pele amarelada de tanto tomarem quinacrina”, atraíam bastante a atenção de um número infindável de jovens fuzileiros, arrumadinhos, na fila do rancho. Sid e seu colega pegaram suas bandejas e se dirigiram para a alface. “Perguntaram se havia limite na quantidade de alface” que podiam pegar “e, quando disseram que não, encheram suas bandejas, com o feixe dividido em quatro partes. Voltavam lá toda hora para pegar mais alface, tanto que um grupo de curiosos do serviço de rancho se juntou à sua volta para vê-los comer um molho de alface atrás do outro. Fazia mais de dois anos que não comiam a verdura, até porque os australianos não comiam alface”.

Para o coronel Shofner, o trabalho em Pavuvu nunca terminava. Assim que as preleções começaram para valer, soube que os planos para a operação seguinte ainda estavam sendo elaborados em conjunto pelos comandos da 1ª. DIFN, do corpo de suprimentos ao qual a 1ª. DIFN estava subordinada, e da Marinha. Cada um deles tinha sua própria interpretação das ordens que haviam sido enviadas do gabinete do almirante Nimitz, comandante em chefe das Regiões Militares do Pacífico, em maio.

Originalmente, os planos da campanha envolviam ataques às principais ilhas do grupo de Palau (Angaur, Peleliu e Babelthuap), bem como às bases japonesas em Yap e Ulithi. Depois de muita discussão, os objetivos da missão passaram a se concentrar nas ilhas que tinham aeródromos: Angaur, Peleliu e uma ilhota perto de Peleliu chamada Ngesebus. Os outros alvos foram abandonados, pois as guarnições inimigas que havia neles não representavam ameaça. Ulithi continuou, porém, como parte dos planos porque seria fácil de conquistar e serviria como excelente ancoradouro para a frota. A 1ª. DIFN estava encarregada de conquistar alguns desses objetivos como parte do Corpo de Assalto Anfíbio Provisório Raios X (Força-Tarefa 36), que incluía outras unidades, das quais vale destacar o grupamento tático de regimento (GTR) da 81ª. Divisão de Infantaria do Exército.

O comandante da 1ª. DIFN travou uma batalha com seus colegas da Marinha pela escolha dos alvos discriminados na ordem em que deveriam ser atacados primeiro. O general Rupertus insistia que Peleliu e Ngesebus fossem os primeiros. Já o general Rupertus, além de discordar da Marinha, não gostava de seu subcomandante de divisão, general de brigada Oliver Smith. Este, que passara mais tempo do que Rupertus trabalhando nos planos, foi afastado do processo.⁶⁰⁸ Além disso, Rupertus assegurava que sua divisão poderia conquistar Peleliu sozinha e, por isso, recusou-se categoricamente a incluir na força de ataque o GTR da 81ª. DI. Rupertus planejava lançar uma operação de assalto contra Peleliu com dois regimentos da divisão, enquanto o regimento restante ficaria como unidade de reserva. Na opinião dele, as tropas do Exército poderiam muito bem conquistar Angaur depois, já que os combates, como parte de uma operação marcada para começar em 15 de setembro, seriam grandes demais para serem travados em julho.

Embora o resultado da disputa pela predominância de estratégias fosse afetar os planos da invasão tática, aos comandantes de batalhão dos fuzileiros navais, como Shofner, foi dito que invadiriam Peleliu e que havia muitas partes envolvidas na operação em que poderiam trabalhar. Bucky Harris, o comandante de Shofner, havia ajudado a colar uma coleção de fotografias de Peleliu em folhas de compensado para criar um gigantesco quadro do alvo. Tiradas por pilotos da Marinha em março e depois por tripulações de bombardeiros do Exército, as fotografias permitiam que estudassem as características do terreno. Fotografias da praia haviam sido tiradas também pela tripulação do USS *Seawolf*, um submarino, o que lhes dava uma visão próxima do solo do alvo imediato deles. Junto com as imagens, os oficiais superiores consultaram um mapa de Peleliu feito numa escala de 1 por 20 mil. Certamente, Harris deve ter feito comparações com as informações detalhadas contidas nele com as do mapa de Guadalcanal, feito à mão e com uma imprecisão grosseira, mas que Vandegrift levava consigo ao desembarcar na praia, em 7 de agosto de 1942.

Peleliu tinha muitas praias apropriadas para operações de assalto anfíbio. Fazia tempos os planejadores haviam tido a atenção atraída para a faixa litorânea ocidental da ilha, onde a praia tinha uns 220 metros de extensão. Com o leito coberto de corais duros, a praia se elevava, sob ligeira inclinação, da água até à vegetação herbácea da orla. Embora o inimigo houvesse provido a área de fossos antitanque, instalado campos minados e levantado barreiras com troncos de árvores, os CLANfs e tanques anfíbios conseguiram avançar por um terreno plano até o aeródromo. Todo o sistema rodoviário da ilha se concentrava no povoado que havia no lado norte do aeródromo. Ao norte do povoado de Asias, membros de uma operação de reconhecimento aéreo constataram que o terreno apresentava certas elevações. Embora a mata cerrada ocultasse as colinas, qualquer artilheiro experiente posicionaria seus canhões nos cumes para controlar o acesso ao aeródromo e às praias.

A 1ª. DIFN havia enfrentado japoneses posicionados nos altiplanos de Cape Gloucester, mas nunca tinha atravessado uma barreira de corais. A faixa de corais que circundava Peleliu se estendia por uns 400 ou 600 metros a partir da parte ocidental da linha costeira. Certamente, em seus estudos na Escola Superior de Comando e de Estado-Maior do CFNA, Shofner deve ter aprendido que uma barreira de corais como essa fora um fator decisivo no fiasco da invasão a Tarawa, já que retardara o assalto. Velocidade, força e poder de fogo eram a chave do sucesso em qualquer operação anfíbia. Teria sido razoável considerar, portanto, que os japoneses esperavam tirar proveito do obstáculo que a barreira de corais de Peleliu representava. Todavia, muitos equipamentos anfíbios especializados haviam sido desenvolvidos desde a malograda invasão a Tarawa e os oficiais superiores do estado-maior passaram muito tempo planejando o emprego deles.

O equipamento especializado de preocupação mais imediata para o comandante de batalhão era o carro-lagarta anfíbio (CLANf), viatura que, com suas poderosas lagartas de aço, passaria por cima da barreira, levando a bordo a tropa de assalto anfíbia, que ele desembarcaria na praia. Algumas dessas viaturas, em vez de transportarem fuzileiros navais, tinham acoplado no topo um canhão antitanque de 37 milímetros. Esses novos CLANfs avançariam por terra firme acompanhados pelos fuzileiros em marcha, enquanto os CLANfs comuns voltariam até a barreira de corais para pegar mais soldados de outros barcos. Shofner achou tudo muito bom, exceto o fato de que o número de CLANfs de que a 1ª. DIFN dispunha não chegava nem perto do

necessário. Mesmo porque os novos carros-lagarta não tinham chegado. Além do mais, o Engenhoso não tinha um número suficiente de fuzileiros que soubessem operar os CLAnfs e ninguém podia treinar nas novas viaturas. Desesperado, o estado-maior deu a alguns recrutas o manual de operação dos novos CLAnfs para que o estudassem.

Treinar a tropa revelou-se uma tarefa difícil na minúscula ilha de Pavuvu. Shofner explicou a seus oficiais que os membros do 3/5 “tinham que ser capacitados a fazerem seu trabalho mesmo quando exaustos, amedrontados, feridos, famintos, sedentos e chocados com a violência da batalha”. Embora, com certeza, seus oficiais concordassem com isso, havia alguns problemas em relação aos treinamentos. Exercícios com unidades grandes, como batalhões, estavam fora de questão, pois a ilha era tão pequena que tentativas para simular problemas de campanha de larga escala acabaram obrigando soldados a se movimentarem e operarem “entre as barracas e os refeitórios de sua área de bivaque”.⁶⁰⁹ Como ex-líder guerrilheiro, Shofner aprendera a se virar com qualquer coisa de que pudesse dispor.

Inevitavelmente, o treinamento em Pavuvu concentrou-se no soldado em si, no pelotão e na companhia. Num dos exercícios, os soldados eram forçados a avançar de rastro por uma rota previamente estabelecida e sob disparos de balas de verdade. Instrutores faziam demonstrações de luta corpo a corpo com facas, baionetas e qualquer coisa ao alcance das mãos. O tempo que passavam no polígono de tiro envolvia arremesso de granadas e instruções preliminares sobre o emprego de outras armas que os pelotões de fuzileiros tinham começado a receber em grande quantidade: as bazucas e os lança-chamas portáteis.

O coronel Shofner acreditava que o condicionamento físico era um fator essencial para o sucesso dos combatentes. Os desafios que enfrentara em Corregidor, em Cabanatuan e por toda Mindanao o haviam ensinado como “fazer os soldados darem mais de si do que achavam possível”. Ele pretendia levar para os combates homens que tivessem força para combater. No entanto, também nesse particular o tamanho de Pavuvu limitava suas opções para pôr isso em prática. Fazia muito que recorriam a longas marchas, com os fuzileiros carregando mochilas cheias e equipamento, de forma que se fortalecessem para os rigores do combate. Para fazer seus homens marcharem com a mochila cheia, a maioria dos oficiais punha suas colunas de soldados na estrada litorânea. Mas, uma vez que a estrada circundava apenas uma parte da ilha, eles marchavam em círculos, avançando por uma parte da estrada abaixo e depois subindo pela outra em sentido horário, enquanto as outras unidades faziam o mesmo, só que em sentido contrário. Obviamente, os elementos das unidades em marcha viviam trombando uns nos outros.

Shofner começou a ganhar a fama, entre os comandantes dos outros batalhões, de comandante exigente, um oficial que fazia seus capitães e tenentes darem o máximo de si.⁶¹⁰ Harris e os outros oficiais superiores, porém, estavam impressionados com os esforços do Engenhoso para preparar seus homens e com o grau de consciência e compreensão para com as responsabilidades que teria na campanha próxima. Os graduados do 3/5, como Hank Boyes, e os praças do batalhão, como Eugene Sledge, achavam que Shofner era muito bom.⁶¹¹

Em 21 de julho, após passar semanas transformando Guam num monte de escombros, o 2º. Esquadrão de Bombardeiros participou de uma missão de apoio ao desembarque da 3ª. DIFN no local. O tenente Micheel decolou às 5h50 à frente de nove Helldivers, 13 Hellcats e seis Avengers como alas seus. Levou-os para Cabo Nan, na extremidade norte da ilha, onde ficaram voando em círculos a quase 3.000 metros de altitude, para se apresentarem ao comandante da aviação de apoio quando ele estivesse pronto. O primeiro alvo seriam as Praias do Desembarque Vermelho, sobre as quais os bombardeiros se lançaram em mergulhos de pouca inclinação para atirar contra elas as bombas de demolição de 230 quilos, transportadas no compartimento de bombas da barriga do avião. Ficaram sabendo depois que o segundo alvo seria uma série de colinas com posições defensivas plantadas em seus cimos e encostas. Quando estava em seu ponto de lançamento, a uns 600 metros de altitude, Mike viu que “os cimos das colinas... estavam bem castigados com os ataques das bombas”. Despejou sobre o inimigo as bombas que levava presas às asas, mas não viu nenhuma explosão de fogos antiaéreos à volta dele. O grupo de ataque começou a aterrissar no navio às 8h34. Ele não voltou a pilotar nesse dia, nem no seguinte. Em 22 de julho, o grupo-tarefa partiu para a próxima missão: o ataque à ilha Yap. Durante uma agitada semana de ataques na região, o tenente Micheel completou sua centésima aterrissagem em porta-aviões.

No entanto, as Feras continuavam a apresentar problemas: seu canhão de 20 milímetros emperrava quase trinta por cento das vezes quando empregado e o 2º. Esquadrão de Bombardeiros parava de usar os compartimentos de bomba por causa da tendência deles de soltá-la no convoo do *Hornet* durante a aterrissagem, em vez de sobre o alvo. Mas o pior foi que a Fera matou outro colega de Micheel naquela semana. “Quando o avião começou a sair do mergulho”, relatou o capitão de voo ao comandante do grupo aéreo, “a asa esquerda dele se soltou, o avião virou de barriga para cima e, de repente, mergulhou a pique para o solo. Como não havia fogo antiaéreo a essa altura do ataque, presumiram que o problema na manivela em cotovelo do elerão deve ter sido a causa da queda da aeronave”. Diante disso, os lobos passaram a efetuar mergulhos com apenas 45 graus de inclinação. Mas também suas bombas começaram a cair fora do alvo.

Certa noite, durante o jantar, Shofner estava sentado perto de Puller, o Peitudo, quando chegou um mensageiro trazendo a notícia de que o tenente-coronel Sam Puller, o irmão mais novo de Puller, havia morrido durante a invasão de Guam. Ao receber a infausta notícia, o Peitudo ficou pensativo e convidou Shofner para tomar um drinque com ele. Achou bom desfrutar um pouco da companhia de um velho fuzileiro “chinês”, como ele. O Peitudo era o subcomandante do 2º. Batalhão, 4º. RIFN, quando Shofner chegou a Xangai em junho de 1941. Puller passou a noite “tomando uns goles de uma garrafa de uísque e contando a Shofner histórias sobre a vida de Lou e Sam Puller em Tidewater, Virgínia”.

Com a chegada de outras informações e a volta do general Geiger, o comandante da Força Anfíbia Raios X, agora chamada de 3º. Corpo de Assalto Anfíbio, mudaram de assunto de repente e passaram a falar da nova tarefa que teriam pela frente. Geiger soube, com base em documentos apreendidos em Saipan, que a guarnição do inimigo em Peleliu era formada por onze mil soldados, muito mais do que haviam esperado. No fim de

julho, homens-rã haviam se aproximado das praias à procura de minas e outros obstáculos. Descobriram que as praias da parte ocidental não tinham sido muito fortificadas. Com isso, o general Geiger impôs algumas mudanças nos planos de ação do general Rupertus, comandante da 1ª. DIFN.

A ideia de um segundo desembarque, para pegar o inimigo com um movimento em pinça, foi definitivamente abandonada. Geiger modificou também os planos de Rupertus de empregar dois regimentos e manter o terceiro como unidade de reserva, pois precisariam de mais fuzileiros. Um batalhão ficaria como força de reserva. Geiger, porém, não forçou Rupertus a incluir os soldados na operação. Uma vez que Angaur, a outra ilha-alvo, só seria invadida quando os fuzileiros tivessem um sólido controle sobre Peleliu, Geiger determinou que o GTR da 81ª. permanecesse como força de reserva. Ele e Rupertus acharam que isso seria suficiente. Todavia, como recém-formado pela escola de comando do CFNA, a Shofner teria ocorrido que a melhor relação entre atacantes e defensores numa operação anfíbia era de três para um. E, levando em conta o número de inimigos que iam enfrentar, os três regimentos da 1ª. DIFN não chegavam nem à proporção de um por um.

Contudo, parte dessa desvantagem no número de combatentes terrestres seria compensada pela Quinta Frota. Embora as aeronaves dos navios-aeródromos da Marinha americana já houvessem feito ataques pesados a Peleliu, elas voltariam em breve. Dias antes da invasão, os grandes navios de guerra da frota navegariam em volta da minúscula ilha, sobre a qual despejariam uma tempestade de fogos de dezenas de canhões de 5, 12 e 16 polegadas — estes últimos bem maiores e mais devastadores do que os da artilharia terrestre — como jamais vista. Nada sobreviveria na ilhota. O Império Japonês não tinha mais uma Marinha que pudesse impedir, e muito menos ameaçar, a ação da frota americana, embora, certamente, os almirantes não vissem a hora de os japoneses lançarem a próxima surtida com o restante de seus portaaviões, para que pudessem terminar o trabalho que haviam deixado inacabado perto de Saipan. A tropa passara a chamar a batalha de porta-aviões travada perto de Saipan de “Tiro ao Pato das Grandes Marianas” porque centenas de pilotos japoneses haviam sido mortos. Ninguém esperava que Peleliu, situada bem ao sul das Marianas, se tornasse o local da batalha final entre porta-aviões. Apesar disso, os japoneses tinham que reagir e lutar em algum momento, em um lugar qualquer.

Os japoneses estacionados em Peleliu que sobreviveram ao bombardeio da Quinta Frota seriam derrotados pelo fator velocidade. Capaz de se deslocar só a pouco mais de 7 km/h na água, a velocidade do CLAnf não parecia muita coisa. Os oficiais do estado-maior calcularam que o deslocamento das viaturas anfíbias, da barreira de corais até a praia, levaria 15 minutos. Mas o comando das Forças Armadas havia prometido fornecer um número suficiente de CLAnfs para formar uma espécie de esteira transportadora gigantesca. Na hora H, CLAnfs munidos com canhões antitanque de 37 milímetros avançariam pela praia acima e depois por terra firme para destruir casamatas. Um minuto depois, a primeira vaga de fuzileiros navais desembarcaria, com mais vagas de assalto desembarcando a cada cinco minutos. Em vinte minutos, cinco batalhões com 4.500 homens estariam posicionados nas praias indicadas como objetivos pelo comando. Logo depois, viriam os fogos de apoio da divisão de blindados anfíbios, viaturas cujos flutuadores permitiriam que se

deslocassem da barreira de corais para a praia, bem como os fogos dos obuses de dorso de 75 milímetros montados sobre CLAnfs. As companhias de artilharia do regimento desembarcariam cinco minutos depois, levando para a praia seus obuses de 105 milímetros nos “patos” (caminhões anfíbios sobre rodas com flutuadores ou CANfs-SR, chamados oficialmente de DUKWs)¹⁰ providos de guindaste. Enquanto isso, os CLAnfs vazios voltariam para a barreira de corais, onde pegariam mais soldados e retornariam à praia. Uma hora e vinte e cinco minutos depois da hora H, outros três batalhões de infantaria desembarcariam. Portanto, 8 mil fuzileiros navais avançariam de uma ponta à outra de Peleliu, enquanto os primeiros elementos dos 17 mil soldados da tropa de apoio da divisão desembarcassem para fornecer suprimentos e logística e sustentar o avanço.

O coronel Shofner, que combatera o inimigo em Mindanao como guerrilheiro, com alguns fuzis Enfield enferrujados, remanescentes da Primeira Guerra Mundial, deve ter ficado impressionado com a sofisticada tecnologia e a organização que tornavam possível essa poderosa ofensiva. E, melhor do que ficar impressionado, era que ele mesmo podia controlar uma parte da operação, pois Shofner desembarcaria com seu próprio grupamento tático regimental de COSOPAC (Companhia de Sinaleiros de Operação de Assalto Combinado). Era um grupo formado por um oficial de ligação de tiro aeronaval, um oficial de ligação da aviação e um oficial de serviço de praia, além de seus assistentes e equipamentos de comunicação. “Assim que chegasse à praia”, informava o plano da operação de assalto, “o comandante do batalhão precisava apenas virar-se para um oficial ao lado que pesados canhões, prontos para disparar projéteis de 16 polegadas, ou aviões, capazes de realizar bombardeios, ataques rasantes de metralhadoras e lançamento de foguetes, estavam à sua disposição”.⁶¹² Isso é que é apoio de fogo.

Harris escalou o 3/5 de Shofner para desembarcar na hora H, ao lado do 1/5. O 2/5 desembarcaria logo depois. Os integrantes do 5º. RIFN atravessariam a grande planície de Peleliu, ocupada em parte por floresta e em parte pelo aeródromo. Quando chegasse à extremidade oposta do litoral, o 5º. RIFN dividiria ao meio as fileiras inimigas e assumiria o controle da maior parte do aeródromo. À direita de Shofner, batalhões do 7º. RIFN se lançariam de assalto contra a rochosa extremidade sul da ilha. Assim que conquistasse essa ponta da ilha, o 7º. seguiria para o norte, atravessaria a área do 5º. RIFN e ajudaria o 1º. RIFN, comandado pelo Peitudo. O 1º. Regimento, uma vez que seus membros atravessariam as praias setentrionais de Peleliu, teria pela frente o desafio de conquistar o altiplano que ficava ao norte do aeródromo, bem como a área de principal concentração de tropas do inimigo. Enquanto os fuzileiros navais arremetessem para a praia, o fogo de barragem lançado pelos navios de guerra da Marinha visaria as casamatas inimigas assentadas no topo do morro. Quatro horas após o desembarque, o canhão de artilharia de 155 milímetros do 11º. RIFN seria desembarcado atrás dos elementos do 5º., onde ficaria pronto para bater com fogos maciços quaisquer posições inimigas difíceis de vencer no terreno à frente do setor do 1º. e do 5º..

O desembarque dos batalhões do Engenhoso na Praia Laranja 2 seria encabeçado pelas companhias Item e King, com a Companhia Love logo atrás. Seus comandantes de companhia receberam mapas das áreas de

atuação com escalas de 1 para 5.000 e de 1 para 10.000. As companhias de fuzileiros haviam treinado da melhor forma possível numa ilha minúscula, com pouquíssimos CLAnfs e um número muito pequeno de tanques. Quando os CLAnfs de assalto chegaram, sua tripulação montou um obus de 75 milímetros, e não um canhão antitanque de 37 milímetros, tal como estipulado nos manuais de operação distribuídos entre os homens que estavam aprendendo a operá-los.

Eugene Sledge não notou nenhum aumento na intensidade dos treinamentos no fim do verão. Mas soube que mais um sargento se juntara à K/3/5, conhecido como “Pop” Haney. Era um sujeito que tinha a fama de ser muito “pirado”, ou “asiático”, conforme costumavam dizer na época. Burgin o chamava de “louco matador de japas”, já que Pop Haney ganhara uma Estrela de Prata em Cape Gloucester. Corria entre os elementos da tropa a informação de que Haney servira com a Companhia King na Primeira Guerra Mundial. Era levado de volta para o país ou transferido com frequência, mas, sempre que o tiroteio começava, Pop retornava para a Companhia King. Com apenas 24 veteranos de Guadalcanal em sua companhia de 240 homens, o capitão Haldane deu a Haney permissão para se incorporar à unidade outra vez.⁶¹³ O experimentado veterano juntou-se aos jovens fuzileiros em suas marchas, na maior parte das quais se manteve isolado.

Durante as marchas, que achava penosas e enfadonhas, Eugene se distraía admirando a beleza dos pássaros. Ficava maravilhado com os hábitos e o porte singular dos martins-pescadores e das cacatuas-brancas. Como na Nova Caledônia, as cacatuas pareciam olhar dos coqueiros com rancor para seus admiradores. “Os pássaros pareciam os únicos seres para os quais a floresta não era suficiente. Mas para mim era.” Os papagaios-vermelhos davam a impressão de formar uma rubra esteira de luz quando atravessam a floresta voando. Um dos fuzileiros capturou um deles e deixou que Gene o pusesse no ombro. O pássaro subia-lhe pelos braços e se acocorava em sua cabeça, onde adorava ficar ciscando o cabelo de Sledge. À noite, enquanto relaxava, talvez Gene ficasse observando os morcegos saírem para caçar de seus ninhos nas altas palmeiras. Enquanto isso, quase sempre o sargento Pop Haney, achando que não tivera um bom desempenho durante o dia, empenhava-se em tarefas extras, tal como servir como sentinela ou fazer solitários exercícios com a baioneta.⁶¹⁴ Todos achavam esquisita a atitude de Pop de impor maior disciplina a si mesmo. O hábito de Pop de limpar vigorosamente o corpo com a escova de campanha — com cerdas tão duras que esfolavam a pele — era uma cena dolorosa de se ver. Sledge, que havia decorado, com seu amigo Sid, muitos dos poemas de Rudyard Kipling sobre combatentes, deve ter visto a semelhança que Pop Haney tinha com o Gunga Din, o famoso personagem de Kipling.

A chegada de Pop Haney e de mais CLAnfs gerou muitos boatos sobre a missão seguinte. Enquanto Eugene prelibava seu primeiro gostinho de combate, recebeu um recorte de jornal anunciando que o tenente Edward Sledge ganhara uma Medalha de Prata. Gene leu a citação em voz alta para os colegas da barraca. Mostrou a eles a fotografia de Ed recortada do jornal, recebendo a condecoração. Gene sabia que deveria sentir, e sentia, orgulho do irmão mais velho, mas passou a achar também mais íngreme o caminho que teria

que trilhar para alcançá-lo.

* * *

Sid Phillips desistira de telefonar para casa. Longas filas de fuzileiros se estendiam diante dos poucos telefones no Centro de Recrutamento de San Diego. Decidira, pois, enviar uma carta, na qual informou: “Estou de volta ao país e voltarei para casa assim que for liberado.” No início de agosto, foi para casa num trem de transporte de tropa que passou por Nova Orleans. Sid saltou em Meridian, onde se despediu de “Benny”, o tenente Carl Benson, que havia treinado a GP-M4 e comandara o pelotão de morteiros de 81 milímetros. Sid não guardara rancor de Benny por causa dos meses de trabalho como ajudante de cozinha a que ele o condenara.

Um ônibus levou Sidney para Mobile. Ao chegar à estação do destino, telefonou para casa. Sua família chegou logo depois para pegá-lo. Todas as suas esperanças para um reencontro feliz se concretizaram. “Minha família me tratou como se eu tivesse voltado do túmulo. Ficamos acordados até tarde e conversamos até quase o amanhecer.” No começo, Sid achou difícil conversar, pois os anos de serviço que passara com a ralé dos fuzileiros, entre os quais, quase sempre, a maior parte do linguajar era de palavrões, o forçava a pensar nas palavras que poderia usar para evitar que algo abominável aos ouvidos de seus familiares lhe saísse da boca. Por fim, todos foram dormir, mas ele ficou apenas deitado no quarto em que fora criado, sem conseguir pegar no sono. Sid tinha um mês inteiro de folga antes de voltar para a guerra.

O 2º. Esquadrão de Bombardeiros e seu grupo-tarefa passaram o início de agosto nas ilhas Bonin. O tenente Micheel e sua divisão fizeram seu terceiro ataque, dessa vez contra um comboio de navios-transporte de pessoal e seus contratorpedeiros de escolta no porto de Chichi Jima. Com o lado temerário de suas personalidades aflorado, os lobos acentuaram a inclinação do mergulho para atingir mais facilmente os alvos. Através de nuvens de fogo antiaéreo, os Helldivers mergulharam sobre o porto de Chichi Jima, verdadeira bacia de bordas altas, no qual atingiram dois alvos em cheio e conseguiram dois quase acertos com as bombas de 230 quilos. As surtidas continuaram, até que destruíssem todos os inimigos. Todos os esquadrões do Grupo-Tarefa 58.1, comandado pelo almirante Jocko Clark, circularam à vontade pelo céu das Bonins, à procura de focos de resistência em Iwo Jima, Haha Jima e Ototo Jima, ocasião em que souberam que a palavra japonesa “jima” significa “ilha”.

No início de agosto de 1944, o Grupo-Tarefa 58.1 se tornou o dono das “Jimas”, ilhas situadas a apenas 800 quilômetros de distância de Tóquio. Os membros do 2º. Grupo Aéreo resolveram criar o “Corpo de Empreendimentos Imobiliários de Jocko-Jima”. Emitiram títulos de seu primeiro lote de ações, um para cada piloto do *Hornet*, conferindo ao portador uma ação de uma empresa que oferecia “Áreas Privilegiadas de Todos os Tipos em Iwo, Chichi, Haha & Muko Jima”.⁶¹⁵ O presidente da empresa, Jock Clark, assinou os títulos e enviou a primeira ação para um de seus superiores, o almirante Mitscher.

Clark levou seu grupo de porta-aviões de volta para Saipan, onde, em 9 de agosto, o almirante Mitscher subiu a bordo do *Hornet*. Toda a tripulação se apresentou no convés de voo com o uniforme de gala. Mitscher entregou várias condecorações aos homens do TG 58.1, inclusive Cruzes da Marinha ao almirante Jocko Clark, ao capitão de corveta Campbell e a Hal Buell, que ganhara a medalha porque conseguira bombardear um porta-aviões da Marinha Imperial ⁶²⁰Japonesa no mar das Filipinas.

Enquanto o sr. e a sra. Basilone desfrutavam a lua de mel no Oregon, o presidente Roosevelt fez uma visita a Camp Pendleton, onde assistiria a um exercício de assalto anfíbio com força máxima, de unidades do 26°. RIFN, a uma praia do Pacífico. Dias depois, o 26°. partiu num navio com a missão de ser a força de reserva embarcada da operação de invasão de Guam da 3ª. DIFN. A partida do regimento, constataram os Basilone ao retornarem da lua de mel, aparentemente não havia aumentado o número de apartamentos para alugar na cidade de Oceanside. “Todos os síndicos e proprietários disseram a mesma coisa; estava tudo alugado.”⁶¹⁶ Lena achou que John deveria se valer um pouco de seu prestígio.

— Diga a eles quem você é que a gente consegue.

— Não — respondeu ele. — Não vou usar meu nome para conseguir alugar um apartamento.⁶¹⁷

Assim, continuaram a viver separados, em barracas na base. Lena deu início ao processo para a mudança de sobrenome em sua ficha na corporação. Já Basilone usou o sobrenome para tirar da cadeia, sob fiança, alguns de seus fuzileiros por causa de briga e bebedeira.⁶¹⁸ A partida iminente do regimento estimulava os fuzileiros da Companhia Charlie a se anteciparem um pouco no papel de valentões — no qual cometeram certo exagero — que deveriam cumprir na guerra.

Em 11 de agosto, foram informados que partiriam de ônibus no dia seguinte do porto de San Diego. Logo após saber que partiria, Johnny encontrou a esposa trabalhando na cozinha do refeitório dos oficiais. “Acho que partiremos em breve”, anunciou ele. “Queria ficar a sós com você” nessas últimas horas.⁶¹⁹ A amiga de Lena, que tinha um apartamento em Oceanside, sugeriu: “Por que não pegam a chave e ficam no meu quarto esta noite?” Lena aceitou a ideia. John ficou esperando o turno dela terminar. Mas, de repente, o telefone tocou. Era para ele, que tinha que voltar para a base imediatamente. Ambos sabiam do que se tratava. Ele partiria e somente meses depois poderia vê-la novamente. “Eu voltarei”, prometeu.

Logo depois das 3 horas, os ônibus transportando dois regimentos da 5ª. DIFN começaram a atravessar o portão de Camp Pendleton e seguir para a autoestrada litorânea. Quando amanheceu, a notícia foi divulgada. Esposas e filhos dos fuzileiros ladeavam a estrada acenando e saudando a tropa com todo o entusiasmo possível, que passava por eles a bordo dos ônibus.⁶²¹ Nos cais em San Diego, havia longas filas de fuzileiros subindo com fuzis, mochilas e metralhadoras pelas pranchas de embarque de navios-transporte de pessoal. O navio de John, o USS *Baxter*, zarpou em 12 de agosto e, após contornar North Island, seguiu para o mar aberto. Agora com o navio longe do porto, alguns cães apareceram no convés — todos eles mascotes

embarcados clandestinamente.⁶²² No dia seguinte, souberam, pelos alto-falantes do navio, que estavam indo para a cidade de Hilo, na grande ilha do Havai.

Os navios anfíbios do *Baxter* levaram os membros do 1/27 para as praias de Hilo uma semana depois, onde não encontraram uma bela nativa sequer com saias de folhas de capim dançando para eles.⁶²³ Disseram que esperassem, pois havia chegado a informação da ocorrência de um caso de poliomielite. Os integrantes do 1º. BIFN foram postos de quarentena num parque público de uma ilha perto da praia, onde armaram suas barracas de abrigo, abriram trincheiras individuais e ficaram esperando. As lojas do outro lado da rua, algumas com placas em japonês, ficavam fora da área de isolamento. Porém, foi difícil obedecer à ordem de quarentena quando os rapazes ficaram sem cigarros e doces, até porque tinham muito tempo livre. Nesse ínterim, começou a circular um boato informando que, quando os fuzileiros da 2ª. DIFN desembarcaram no local, após a Batalha de Tarawa, alguns deles tinham visto japoneses no meio da multidão. Segundo o boato, os fuzileiros atiraram contra eles quando os nipos festejaram ao verem a surra que os fuzileiros tinham levado do inimigo.⁶²⁴

Após semanas de trabalho, planejamento e alguns cálculos elementares, o estado-maior preparou um plano de ataque anfíbio a Peleliu. O “Grupo de Shofner” consistia do 3º. Batalhão, 5º. RIFN, com um total de 38 oficiais e 885 praças. Ao 3/5 haviam subordinado um pelotão de engenharia, um pelotão de artilharia, alguns pioneiros (que descarregavam navios) e sua equipe de COSOPAC (que se comunicava com navios e aeronaves). Desse grupo faziam parte também as tropas transportadas em CLAnfs, viaturas que os levariam para a praia, e as tropas dos CANfs-SR, como elementos de apoio ao assalto. Portanto, o total de participantes chegava a 1.300 soldados e sessenta oficiais.⁶²⁵ Mais de 250 deles, no entanto, eram motoristas dessas viaturas, enquanto a metade do total das tropas esperava servir na linha de frente como combatente.

Os combatentes navais do 3/5 desembarcariam nas praias em seis vagas de assalto. Treze blindados anfíbios leves (CLAnfs), munidos, cada um, de um canhão de 75 milímetros, desembarcariam primeiro. Oito CLAnfs comuns, transportando ao todo 192 fuzileiros, fariam o desembarque na segunda leva de ataque. Já a terceira onda de assalto era formada por doze CLAnfs com 288 fuzileiros navais a bordo, combatentes que desembarcariam com o equipamento completo. Outros cinco CLAnfs blindados, com canhões acoplados também, comporiam a quarta vaga de assalto, que seria seguida pelos doze CLAnfs da quinta. Os CANfs-SR com peças de artilharia a bordo arremeteriam contra as praias como a onda de assalto 6. Restariam a Shofner, pois, dois CLAnfs para carregar munição; um CANf-SR para levar o rádio principal; um CLAnf para conduzir às praias o estado-maior da divisão; e outro CLAnf para o transporte de Shofner e do comando de seu batalhão. Estes últimos elementos da operação estavam programados para chegar a terra firme após a quarta vaga. Shofner, com a orientação de seu grupo tático, organizou também a ordem de assalto de outras seis vagas, das quais faziam parte a companhia de reserva de seu batalhão (Companhia Love) e outros componentes fundamentais do 5º. RIFN.

Mas o embarque de todas essas tropas de assalto não fora planejado ainda porque a Marinha não tinha enviado informações detalhadas sobre o número e tipos de navios que seriam usados. Em 10 de agosto, chegaram os dezessete navios-transporte de pessoal para levar a divisão ao destino da operação. Assim, o estado-maior do 3º Grupo de Transporte chegou também para trabalhar com os fuzileiros. De acordo com o plano, o grupo de Shofner partiria para Peleliu em NDCCs, que também transportavam seus CLAnfs. A flotilha de 30 NDCCs para o transporte da divisão chegou em 11 de agosto. Foi fácil para ele organizar o transporte de suas equipes de assalto: a Companhia King seria levada no NDCC 661, a Item no 268, enquanto a Love e o comando do batalhão, no 271 e no 276. Os oficiais dos fuzileiros haviam imaginado uma forma criativa de levar para o destino uma quantidade maior de sua carga indispensável — munição, rolos de arame farpado, tambores de água potável — embarcando-a primeiro, pondo sobre ela uma camada protetora e levando os CLAnfs em cima de tudo, já que os capitães da Marinha haviam rejeitado a ideia de “subestiva”, que tornava ainda mais difícil o desafio de elaborar rapidamente todos os detalhes da operação de transporte.⁶²⁶

Como todos os comandantes de batalhão, Shofner tinha que se empenhar para conseguir embarcar nos navios tudo de que precisava, bem como para achar soluções para uma centena de outros problemas e ainda manter um programa de treinamento para seus homens. No fim de agosto, Bucky Harris, seu superior, começou a ficar preocupado com o estado de agitação de Shofner,⁶²⁷ cujo estresse, cada vez maior, parecia derrotá-lo aos poucos. A Marinha informou à 1ª DIFN que, por falta de espaço, só poderia levar 30 dos 46 tanques dos fuzileiros. Além disso, embora cada um de seus esquadrões de assalto pudesse contar com um lança-chamas, não havia chegado ainda um número suficiente da versão melhorada do lança-chamas M2-2. Quando, finalmente, os fuzileiros embarcaram em seus navios, alguém descobriu que as unidades da operação haviam sido embarcadas de forma errada. Portanto, as subsequentes ondas de assalto formadas pelo 5º e 7º RIFNs — a menos que fossem transferidos de navio — atravessariam o caminho uma da outra durante o desembarque, tornando grande a chance de desembarcarem nas praias erradas. Isso tinha que ser corrigido. Portanto, os fuzileiros desembarcaram desse ou daquele dos nove navios e tornaram a embarcar em outro. Apesar de tantos problemas, os fuzileiros partiram de Pavuvu no dia programado. Seus navios levantaram âncora em 26 de agosto e iniciaram a pequena viagem para Guadalcanal.

* * *

A Força-Tarefa 58, os navios-aeródromos da Quinta Frota, voltou para o ancoradouro nas ilhas Marshall, mais precisamente para os atóis de Eniwetok e Majuro, no início de agosto, onde toda a tripulação teve algum tempo de folga e assistiu a um espetáculo da USO, cuja atração foi a apresentação de “cinco jovens em carne e osso”. Tiveram também comida fresca, servida imediatamente. Quando a folga terminou e o 2º Esquadrão de Bombardeiros começou a se preparar para a missão seguinte, soube que grandes mudanças haviam sido feitas. A Marinha resolvera dar um descanso aos almirantes Mitscher e Clark. A 58, a força-tarefa deles, passaria a

chamar-se Força-Tarefa 38 quando o almirante Bill Halsey assumisse o comando. Já o Grupo-Tarefa 58.1 se tornaria o 38.1, sob o comando do almirante “Slew” McCain e sua equipe. Clark permaneceria a bordo durante algum tempo, até que McCain e seu estado-maior se familiarizassem com a operação e o comando do navio. Outra grande mudança, incentivada por Clark, foi feita também junto com essa.

Quando a nova versão do Helldiver, o SB2C-3, chegou ao atol para substituir os antigos e problemáticos SB2C-2 do esquadrão de Micheel, um número menor deles foi embarcado no *Hornet*, pois Clark não queria mais saber desses aviões. Achava que, se o Helldiver, por causa de falhas técnicas, só podia transportar uma bomba de 230 quilos no porta-bombas central, os pilotos de bombardeiros poderiam muito bem usar os Hellcats, o avião de caça da Marinha, capazes de transportar bombas de 230 quilos, embora não tivessem um compartimento para isso. Em meados de agosto, o 2º. Esquadrão de Bombardeiros recebeu quinze SB2C-3s a menos e quinze F6F Hellcats a mais. A equipe seria transformada em uma nova unidade: de bombardeiros de combate.

O comandante do 2º. Esquadrão de Bombardeiros deu ao tenente Micheel o comando da nova ala de caças-bombardeiros do *Hornet*, uma decisão e tanto pela experiência que representava.⁶²⁸ Embora só então o comandante Campbell tivesse dado o cobiçado posto a seu imediato, fazia um tempo que Campbell reconheceria que o tenente Micheel daria um excelente líder de esquadrão. O comando do 2º. Esquadrão de Bombardeiros de Combate representava um grande passo nessa direção. Finalmente, o ex-fazendeiro de Iowa conquistara o respeito do homem de Annapolis.

Em 26 de agosto de 1944, o tenente Micheel conseguiu ficar livre da “Fera Indomável”. Mike escolheu 19 pilotos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros para seu grupo enquanto iniciava os treinamentos operacionais no Hellcat F6F, o caça da Marinha. Decolando do aeródromo de Eniwetok, testaram as capacidades do F6F como caça-bombardeiro. Voos de teste a baixa altitude e de curta duração bastaram para que se familiarizassem com a nova aeronave. Sob velocidade mínima de rotação, a aeronave produzia um ronco bem característico e inconstante, pois seu motor Pratt & Whitney R2800 tinha 18 cilindros e dez canos de descarga.⁶²⁹ Mike se apaixonou pela máquina imediatamente. O Hellcat era muito possante, atravessava os céus com tremenda velocidade e manobrava com graça e agilidade. Voava suavemente, fazendo com que seus pilotos passassem a confiar nele. “É como um Cadillac e um Ford”, observou Mike, tentando comparar o F6F com o SB2C, “ou talvez como um Cadillac e um caminhão Mack!”.

Uma vez que, como sempre, o grupo-tarefa tinha que cumprir um determinado programa, o período de treinos de Micheel foi abreviado. Realizaram voos em formação e alguns exercícios de tiro; no dia seguinte, fizeram entre seis e oito aterrissagens de teste no aeródromo do atol. Os treinamentos terminaram no dia 28, quando chegou uma ordem do Alto-Comando, talvez de Jocko: “Todos a bordo!” No dia 29, ele e seus homens decolaram do porta-aviões para praticar tiro ao alvo contra uma pequena embarcação levada a reboque pelo navio. Mike fez sua primeira aterrissagem em porta-aviões com o Hellcat F6F nesse dia, a centésima terceira de sua carreira. Foi o único exercício de aterrissagem de seu grupo de caças-bombardeiros com a

aeronave.

Armado com quatro grupos aéreos, o *Hornet* e seu grupo-tarefa rumaram para Peleliu. Durante a viagem, pediram a Mike, à medida que a experiência evoluísse, que reduzisse sua equipe de vinte para treze pilotos. O grupo-tarefa parecia seguir diretamente para o oeste, em vez de navegar em círculos ao sul, a fim de evitar as bases inimigas em Truk ou Yap. Em 7 de setembro, o comandante do grupo aéreo decidiu que um ataque de varredura de caças era desnecessário. Às 5h31, com a ilha a 331 graus norte, a uma distância de 128 quilômetros, o *Hornet* preparou um gigantesco ataque com caças, que seria seguido por um de caças-bombardeiros, depois por um de aviões torpedeiros e, por fim, por um com todos os SB2Cs do convoo de um porta-aviões. Os oito Hellcats da vaga de ataque do tenente Micheel transportavam a mesma carga explosiva levada pelos SB2Cs, com a diferença de que aqueles, ao se desgarrarem do convés, arremetiam fácil e velozmente para as alturas. Grupos de ataque de outros dois porta-aviões se juntaram a eles. A grande formação estabeleceu contato visual às 7h05. Aeronaves do *Wasp* foram na frente, ao passo que os aviões do 2º. Grupo Aéreo ficaram voando em círculos a leste da ilha. De seu ponto privilegiado, Micheel viu que o fogo aéreo inimigo havia diminuído bastante desde a última vez que se lançara em surtidas sobre Peleliu.

Havia muito que não tinham mais que adotar rigorosos silêncios de rádio. Micheel foi contatado quando o outro esquadrão terminou sua missão e sua ala ainda se achava no convés de voo. Ele trouxe seus Hellcats do norte, aumentando a velocidade à medida que descia para 2.700 metros de altitude, antes de se lançar num mergulho com uma inclinação de 72 graus. Ele e seus dois aviões de ala apontaram suas bombas para uma bateria de canhões antiaéreos, posicionada na extremidade da pequena ilha e bem perto de Peleliu, chamada Ngesebus. Quando ficou abaixo de 900 metros, a 430 nós (800 km/h) de velocidade relativa indicada, Mike deve ter notado a pequena ponte que ligava as duas ilhas ao lançar as bombas. Ele saiu do mergulho quando estava a 600 metros acima do mar, sentindo a força do F6F, que voltou a galgar possantemente as alturas. Os novos macacões antidesmaio tornavam muito mais fácil suportar a imensa força da gravidade que o piloto experimentava ao sair do mergulho. Mais à frente dele, os SB2Cs do 2º. Esquadrão de Bombardeiros estavam bombardeando a ilha de Peleliu. Na retaguarda dele e dos alas, os outros caças-bombardeiros procuravam atingir anteparos defensivos e casamatas em torno do aeródromo de Ngesebus. A equipe de Micheel se reuniu com os outros aviões a uns três quilômetros a leste do alvo e depois voltaram todos para suas bases flutuantes. Nos relatórios de suas respectivas missões, todos os pilotos do grupo aéreo admitiram que não podiam avaliar os danos que haviam infligido aos alvos. Afirmaram que Peleliu e Ngesebus “pareciam muito castigadas pelos ataques anteriores”.

As vagas de ataque da tarde partiram para bombardear Agnaur, a mais austral das ilhas de Palau e que também tinha um aeródromo. Os pilotos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros informaram no relatório que seus novos SB2Cs, os da série 3, tinham um desempenho melhor do que os SB2C-2s. À noite, o grupo-tarefa se retirou para o leste, o procedimento padrão para dificultar um ataque noturno das aeronaves inimigas. Porém, os únicos aviões de patrulha que acabaram aparecendo eram aeronaves Aliadas. No dia seguinte, 8 de setembro, enquanto os esquadrões realizavam mais alguns ataques, apenas como garantia para evitar qualquer

revide do inimigo, o grupo-tarefa do almirante Clark continuou a avançar para o oeste, com destino à ilha de Mindanao, nas Filipinas. Os contratorpedeiros e os navios de guerra, que haviam escoltado os porta-aviões durante meses, aproveitaram a oportunidade para cercar Peleliu e bombardear todos os alvos indicados em seus mapas.

A 1ª. DIFN e o grupo tático de combate de regimento (GTGR) da 8ª. Divisão de Infantaria — junto com o 3º. Corpo de Assalto Anfíbio — fizeram seus exercícios de desembarque em Guadalcanal de 27 a 29 de agosto. Equipes de apoio aéreo a aeronaves embarcadas, guarnições de fogos de artilharia naval (FAN) e todos os navios anfíbios aplicaram na extremidade ocidental da famosa ilha o golpe que o general Rupertus esperava. Os exercícios transcorreram bem. Depois disso, os fuzileiros tiveram permissão de visitar a grande base e a cooperativa militar, que oferecia todo tipo de delícias.⁶³⁰ Poucos deles tinham visitado Guadalcanal antes, mas, em 1944, as mulheres da Cruz Vermelha haviam ficado estacionadas ali por quase um ano.⁶³¹ A maioria das unidades dos fuzileiros navais passava por Guadalcanal quando a caminho de outro destino qualquer. Burgin foi à cooperativa, onde conseguiu alguns picolés.

A moleza acabou em 4 de setembro, quando o 3/5 embarcou em seus NDCCs e seguiu para o norte, rumo a Peleliu, numa viagem em que choveu vários dias. Esses navios, considerados alvos grandes e lentos por muito boa razão, partiram primeiro; os outros navios os alcançariam facilmente durante a viagem. O NDCC 661 de Sledge levava um barco de transporte de carros de combate BDCC preso ao convés descoberto, bem como dois grandes pontões, usados para fazer um cais flutuante após o assalto. Como o 661 se tornaria o navio-oficina de CLAnfs depois de desembarcar sua carga, o grande guindaste e pilhas de equipamentos de manutenção levados a bordo não deixavam muito espaço para o transporte de outras coisas. Debaixo do convés principal, em ambos os lados do grande porão cheio de CLAnfs, havia duas longas fileiras de beliches de metal, nas quais os membros da Companhia King dormiam. O NDCC tinha o fundo chato como o de um lanchão de assalto anfíbio, o que lhe permitia flutuar seguro como uma rolha no meio de um mar revolto. Felizmente, em 7 de setembro, a chuva e o mar agitado passaram. Os elementos na dianteira do 3º. Corpo de Assalto Anfíbio atravessaram, pois, 340 quilômetros de um oceano de águas tranquilas antes do tempo previsto. No convés de popa, o sargento Pop Haney fez seus solitários exercícios de combate com baioneta todos os dias.⁶³²

O tenente-coronel Shofner não via a hora de iniciar os combates, visto que chefiaria uma ofensiva maciça, cuja força destrutiva excedia tudo que o inimigo lançara contra ele em Corregidor. Embora seus soldados não fossem desembarcar em Mindanao, o Engenhoso se consolava com o fato de que esse assalto marcava o ataque inicial da invasão de Mindanao, programado para começar em meados de outubro. Em breve, os homens do campo de prisioneiros de guerra da Colônia Penal de Davao seriam libertados. Porém, na visão de Bucky Harris, o comandante do regimento, o estado de espírito de Shofner não parecia tão impregnado de ferocidade

represada. Harris via que o comandante do 3/5 estava fazendo todos os esforços possíveis para triunfar, mas achava que a grande irritação que ele deixava transparecer parecia afetar sua condição de líder.

O último dia da licença de um mês de Sid Phillips em Mobile chegou rapidamente. Ele passara boa parte do tempo com os amigos, aproveitando cada momento da folga, cada copo de água potável, cada minuto de repouso numa cama quente, aconchegante e com lençóis limpos. Os pais de Sledge emprestaram a Sid o carro do filho. Como o dr. Sledge o usava para caçar pássaros, o carro parecia cheirar a cachorro molhado. Sid aproveitara a oportunidade para ir ao edifício das autoridades de trânsito da cidade, onde “fez teste de direção, contou ao guarda algumas histórias de guerra e voltou de lá com a carteira de motorista”. Para sorte dele, o bom médico havia deixado o tanque cheio, fato bastante significativo, já que ainda havia racionamento de gasolina.

Em seu último dia de folga, Sid e seu amigo George foram ao Merchant’s Bank. Quando George passou num guichê para cumprimentar a mulher do caixa, Sid a reconheceu imediatamente. O nome dela era Mary Houston. “Quase desmaiei.” Fazia anos que não a via. A última vez fora na Escola de Ensino Médio Murphy. Ele achava que ela havia se casado. “Ela estava mais bonita ainda do que antes.” Sid saiu do banco recriminando a si mesmo, já que ficara tomando cerveja com os colegas no Gulf, quando poderia ter usado esse tempo para tentar conquistar o coração de Mary Houston. No dia seguinte, embarcou num ônibus com destino à sua próxima estação de serviço: a BAeN de Boca Chica, Flórida. Como não havia lugar para se sentar, o praça Phillips viajou um dia inteiro em pé no corredor do ônibus.

* * *

Levado de caminhão e de trem, o 1/27 de Basilone partiu de Hilo com destino à base. Os velhos marinheiros souberam que estavam chegando à nova base quando suas viaturas saíram da exuberante floresta tropical e entraram num altiplano desértico. Obviamente, Camp Tarawa, assim chamada pela 2ª. DIFN, fora construída no deserto, a 20 quilômetros do litoral, onde o vento soprava cinzas vulcânicas vermelhentas contra alguns edifícios, algumas edificações metálicas semicirculares e um mar de barracas de campanha para oito pessoas cada.⁶³³ Não admira que os fuzileiros navais achassem esse local o lugar mais feio do Havaí. “Foi por isso”, observou um dos marinheiros, “que a 2ª. Divisão ficou tão feliz por invadir Saipan...”⁶³⁴ O 26º. RIFN havia chegado primeiro e ficara com a melhor parte do acampamento. Mas, pelo menos, o 27º. RIFN ficou com a segunda opção e deixou a pior parte para o 28º..

John enviou uma carta à família, que deve ter ficado surpresa com o fato de que ele cumprira a promessa de lhes escrever. “Querida mamãe, papai e todos aí”, escreveu, “voltei para o sudoeste do Pacífico”. Após perguntar pela saúde de todos, inquiriu: “Receberam notícias de minha esposa? Quero muito que ela tire uma licença e faça uma visita a vocês. Pois, com certeza, ela adoraria ir a Raritan para conhecer todos aí. O que acharam de

nossa fotografia de casamento?” Ele tinha esperança de poder ver seu irmão George, cuja unidade, a 4ª. Divisão, estava estacionada também no Havaí. “Mamãe você precisava me ver agora que raspei a cabeça e estou ficando escuro como um negro.” Basilone, bem como seus amigos Clint, Ed, Rinaldo e todos os operadores de metralhadora de sua seção, havia raspado a cabeça por diversão.⁶³⁵ John não tinha certeza do que podia passar pela censura. “É um lugar bonito, quente durante o dia e frio à noite.” Depois de enviar a todos beijos e abraços, solicitou, antes de encerrar a carta, que não se esquecessem de escrever para ele e enviassem uma carta à sua esposa também.⁶³⁶

* * *

A Força-Tarefa 38 circulara à vontade pelo litoral das Filipinas. Seus ataques a Mindanao, que começaram em 9 de setembro, haviam enfrentado pouca resistência, para grande surpresa de todos.⁶³⁷ O 2º. Grupo Aéreo destruiu os pequenos navios que achou no porto de Davao e os aviões estacionados nos aeródromos perto da cidade. Embora tivessem programado um ataque previsto para durar seis dias, Mindanao precisou de apenas dois. A frota continuou a avançar pelo arquipélago e, depois de atacar Leyte, ficou esperando a reação dos japoneses. Micheel atravessou Leyte à frente de seu esquadrão de caças-bombardeiros rumo à ilha de Negros, situada no lado ocidental das Filipinas. Enquanto seu grupo metralhava um sampana em voos rasantes, Micheel avistou dois caças inimigos e foi atrás deles. Fez vários ataques contra as aeronaves hostis, mas conseguiram escapar. Os esquadrões do 2º. Grupo Aéreo viram mais aviões enfileirados em ambos os lados das pistas de aeródromos do que no céu. Em 12 de setembro, um dos pilotos de caça caiu perto da ilha de Leyte, porém voltou para bordo do *Hornet* no mesmo dia; depois de conseguir chegar à praia com seu bote de borracha, fora resgatado por guerrilheiros, que entraram em contato com a frota e conseguiram enviá-lo para sua base flutuante perto do meio-dia.

O piloto resgatado, o guarda-marinha Thomas Tillar, levou consigo para bordo notícias dos nativos, informando que os aeródromos japoneses em Leyte haviam sido esvaziados. O relatório apresentado por ele confirmou a realidade constatada pelos pilotos até então, isto é a de que o grosso da guerra não era ali. O almirante Clark repassou o relatório de Tillar para o novo comandante do navio-aeródromo, o almirante Bill Halsey.¹¹ Os lobos prosseguiram em sua caçada ao inimigo. Nesse mesmo dia, o tenente realizou um ataque com um SB2C. Durante o mergulho, para destruir quatro aviões que localizara no Aeródromo de Saravia, na ilha de Negros, enfrentou “escasso” fogo antiaéreo. Ao voltar, Mike aproximou-se do *Hornet* pela popa, desligou os motores no trecho final da aterrissagem e conseguiu pegar o cabo de retenção com o gancho da cauda, mas o cabo arrancou o gancho e o avião colidiu com a barreira de contenção, partindo a hélice em mil pedaços e afugentando a guarnição do convoo, que correu em busca de abrigo. Foi a última vez que Mike pilotou a Fera.

De vez em quando, um ou outro avião inimigo apareceu na tela do radar do *Hornet* enquanto este se dirigia

para o sul. Em 14 de setembro, o grupo de caças-bombardeiros de Micheel reuniu-se na sala de pronto antes das 5h30 para receber sua nova missão. “Com Davao a 284 graus a norte, a 180 quilômetros de distância”, a Vaga de Ataque 1 partiria às 6 horas. A 4 mil metros de altitude, uma densa barreira de nuvens cobria o céu. Mas, a 1.500 metros de altitude, eles poderiam ter boa visibilidade. O líder da onda de caças de varredura, que partira alguns minutos antes do grupo de Micheel e dos SB2Cs de Buell, informou pelo rádio que tinha avistado um contratorpedeiro inimigo no golfo, perto do porto de Davao. Micheel, que seguia atrás de Buell, o viu lançar-se para bombordo, à frente de seu grupo de 11 Helldivers. Quando ele se aproximou de Davao, viu a ala de Buell avançando para o norte, na direção deles. Enquanto o grupo fazia uma curva, Buell atingiu o contratorpedeiro em cheio. Depois deste, vieram outros ataques certos. O contratorpedeiro revidou com bastante fogo antiaéreo, mas em vão. As Feras destruíram a popa do navio, que “embicou rapidamente pela proa e afundou em dois ou três minutos...”.⁶³⁸ Mike e seus colegas sobrevoaram o aeródromo à procura de aviões escondidos atrás de anteparos de defesa ou tanques de armazenagem. Pouco depois, partiu à frente deles para o golfo, onde o grupo de Buell sobrevoava em círculos a mancha de óleo — tudo o que sobrara do contratorpedeiro da MIJ — e dali voltaram para o *Hornet*. Horas depois, o comandante lideraria outro ataque, só para fazer o inimigo ter a certeza de que o porto de Davao estava desativado agora e que Mindanao ficara isolada do Império do Japão.

* * *

Embora fora do alcance da visão, seis navios-aeródromos de escolta os acompanhavam de perto, como elementos de proteção do Grupo de Shofner. Os fuzileiros do tenente-coronel Shofner teriam muito apoio aéreo aproximado. Outros quatro porta-aviões menores estavam esperando por eles nas águas ao largo de Peleliu. Esses navios, que operavam com a proteção de cinco navios de guerra, quatro cruzadores e 14 contratorpedeiros, tinham começado a bombardear Peleliu em 12 de setembro. Um dia antes do Dia D, ou 14 de setembro, os NDCCs se aproximaram do alvo. Os navios-transporte de pessoal, que haviam partido de Guadalcanal logo atrás deles, os alcançaram. Shofner e os outros oficiais abriram uma carta selada enviada pelo comandante da 1ª. DIFN. Nela, o general Rupertus informava a seus soldados que a batalha de Peleliu “seria extremamente difícil, mas breve”, com duração de “não mais do que quatro dias”. Enquanto essa mensagem chegava aos ouvidos dos outros fuzileiros, os homens de Shofner devem ter recebido outra notícia boa. Os grandes canhões da Marinha destinados ao bombardeio antes da invasão (FAN) começavam a ficar sem alvos. Era uma mudança muito bem-vinda em relação à situação informada pelo relatório recebido antes da partida deles de Pavuvu: fotografias de reconhecimento aéreo tinham revelado a existência de trilhas deixadas pelo deslocamento de blindados perto do aeroporto. A divisão de tanques havia se transferido para o norte, para longe da zona de operações imediatas de Shofner.

Embora com interrupções da leitura durante a viagem, Eugene Sledge tentara ler seu novo livro, *River Out of Eden*, que falava da aventura de um garoto em sua excursão, numa chata, pelo rio Mississippi acima. Um dia antes do Dia D, porém, ele enviou alguns V-mails. Um deles foi para Sid, no qual lhe agradecia as fotografias do Forte Espanhol e dizia que prosseguisse com os planos da visita que pretendiam fazer, assim que encerrado o conflito mundial, aos campos de batalha da Guerra de Secessão. Gene enviou-lhe também uma descrição do que acontecia à sua volta no convés descoberto: o piso inteiro ficava cheio de grupos de colegas jogando cartas. Disse também que os sargentos da Companhia King tinham que passar por cima dos colegas e se desviar de outros enquanto gritavam ordens, que sempre pareciam começar pelas palavras “Ei, pessoal!”.⁶³⁹ A descrição de Gene passou sem problemas pela censura, embora ele tivesse informado ao praça Phillips que seu amigo Ugin ficaria encrencado em breve.

Eugene enviou uma carta aos pais também, conquanto bem menor que as usuais, mas, em nenhum momento, deu qualquer indício de onde estava ou o que estaria esperando por ele no dia seguinte. A maior parte da missiva era uma continuação de breves considerações sobre a lista das coisas que gostaria de ganhar no Natal, uma vez que seus pais comprariam seus presentes antecipadamente, na tentativa de fazer com que chegassem a ele a tempo, pelo correio. Tornou a falar com a mãe sobre a viagem que pretendia fazer com ela a Nova Orleans, cujas recordações entesourava no coração. Quando anoitecia, poucos soldados desciam para dormir. A brisa fresca sobre o convés aliviava um pouco o calor. Os que não conseguiam dormir podiam passear pelo navio. Haviam esquecido o ronco possante e abafado das máquinas do navio, até que pareceram desligá-las, envolvendo a todos num silêncio repentino e funéreo.⁶⁴⁰

Em 14 de setembro, John Basilone “mexeu os pauzinhos”. Quando descobriu que havia um tráfego aéreo considerável entre sua base, no Havaí, e a de seu irmão George, em Maui, solicitou uma carona para visitá-lo.⁶⁴¹ Foi visitar o mano de avião, que estava treinando com a 4ª. Divisão. Tinham se visto pela última vez em agosto de 1943. George participara da invasão de Kwajalein, nas ilhas Marshall, e da invasão de Saipan, nas Marianas. No entanto, ao contrário de John, George não servia numa companhia de fuzileiros.⁶⁴² Ele trabalhava com suprimentos. John enviou para a mãe e a esposa uma fotografia dele ao lado de George. Dora Basilone autorizou que um jornal incluísse a fotografia numa pequena reportagem intitulada: *Encontro dos Basilone no Pacífico*.

Depois do café da manhã, muitos membros da K/3/5 foram para o convés descoberto, onde ficaram contemplando o nascer do sol por trás de Peleliu, envolvendo num amplexo de luz a ilhota escura e ferindo seus olhos com raios fúlgidos. A cada minuto que passava o bombardeio ficava mais intenso. Os trovões dos canhões dos encouraçados ribombavam, distintos, em meio à veloz sucessão de estampidos dos tiros de curta distância dos contratorpedeiros e do ronco feroz dos aviões da Marinha, em mergulhos de ataques devastadores. Não demorou muito e a série ritmada de explosões ribombantes fundiu-se em uníssona

tempestade de fogos colossais. No íntimo, os fuzileiros diziam que essa violência era boa e necessária, que não havia inimigo que conseguisse sobreviver a tamanha fúria destruidora, que cobria a ilha com uma mortalha de fumaça e destroços, produzida pelos incêndios que ardiavam embaixo. Mas ficaram apreensivos diante de tanta destruição, que lhes parecia grande demais, muito além do necessário para esmagar vidas. “Todos para o porão!”⁶⁴³ Ao notar que alguns elementos de sua guarnição pareciam nervosos, Burgin aconselhou: “Fiquem calmos que tudo vai dar certo. Basta que façam a sua parte.”

Quando se entranharam no cavername de aço do NDCC, os elementos da Companhia King acharam seus 13 CLANfs.⁶⁴⁴ Os gases produzidos pela descarga do motor encheram o ar dos porões de poluentes. Os três mais próximos da porta da popa tinham um canhão montado sobre eles, enquanto os quatro seguintes eram modelos mais modernos, com rampa de desembarque na traseira, e estes estavam levando também canhões antitanque de 37 milímetros da King. Os fuzileiros dos seis CLANfs restantes tiveram que escalar o costado dessas viaturas para embarcar. Sledge e sua GM-2 foram lotados no CLANf 13, que fazia parte da segunda vaga de CLANfs com soldados a bordo. De repente, quando uma luz coou-se por uma das extremidades do porão, aceleraram os motores e, um após a outra, as viaturas anfíbias começaram a sair do navio.

Quando a viatura de assalto anfíbio mergulhava no mar, as cabeças dos soldados a bordo ficavam quase niveladas com a água. Tinham a impressão de que tudo se agigantava à sua volta. Vestidos apenas de camiseta, com uma caneca de café na mão, marinheiros absorviam as cenas com grande interesse.⁶⁴⁵ Alguns chegavam a acenar animadamente para os colegas de capacete lá embaixo. Pouco depois, os outros três NDCCs do 3º BIFN ancoraram nas proximidades, vomitando também mais viaturas anfíbias. Os CLANfs avançaram lentamente para suas posições. No interior das viaturas anfíbias, o barulho do bombardeio começava a revelar os corajosos e os medrosos. Somente gritando no ouvido do colega, Sledge conseguia comunicar-se com ele. Snafu ofereceu um cigarro a Sledge, que recusou, dizendo que não fumava. “Por enquanto”, previu Snafu,⁶⁴⁶ fazendo Burgin soltar uma risada ao ouvir isso.

Shofner embarcou em seu CLANf, pelo qual avançaria com a vaga 3, ou a segunda leva de tropa de assalto. Uma vez dentro da água, não conseguiu ver muita coisa, mas achou que tudo parecia bem. O fogo aeronaval (FAN) começou precisamente às 5h30, mas seus projéteis continuavam a fuzilar acima dele. As águas tranquilas do mar se agitavam com as titânicas bandas de artilharia (descargas de todas as peças de um dos bordos de uma vez), que partiam estrondosas dos navios, já que o recuo das peças balançava a embarcação e criava uma onda. Às 8 horas, o círculo de CLANfs se desfez. Formaram uma linha e começaram a avançar em direção à praia.⁶⁴⁷ Em seguida, foi a vez do pequeno círculo de viaturas anfíbias 2, que repetiu o procedimento e depois avançou também. A primeira pergunta que veio à mente de Sledge foi: “Será que conseguirei cumprir o meu dever ou me acovardarei? Terei coragem de matar?”⁶⁴⁸ As descargas simultâneas dos grandes canhões e as subsequentes concussões isolavam uns dos outros todos os soldados. Eram tão barulhentas, tão intensas que Sledge mal conseguia pensar. “Será que conseguirei ver minha família novamente?” Essas forças desconhecidas

desencadearam a primeira onda de pavor entre os soldados, cientes de quanto eram frágeis e vulneráveis, por imersos num mar de aço e estilhaços de fúria implacável. O CLAnf de Sledge alcançou a barreira de corais e começou a atravessá-la.⁶⁴⁹ Mas o motor morreu pouco antes de iniciarem a travessia. Ficaram parados ali por algum tempo, em meio a colunas de água lançadas aos ares pelas explosões próximas — o inimigo estava revidando. O medo intenso que lhe causaram o surpreendeu: “Você se pergunta por que não tinha pensado nisso antes... pela primeira vez, me dei conta: ‘Meu Deus, esses metais ferem mesmo!’” O medo o deixou com uma sensação de impotência, levando-o a imprensar-se contra um dos lados da viatura, como se fosse possível se proteger assim. Foi invadido por um pavor tão angustiante e incoercível que pensou: “Achei que ia mijar na calça.”⁶⁵⁰ De repente, o motor pegou. Subiram pela barreira de corais e iniciaram a travessia. Ao espiarem por cima de um dos bordos da viatura, os operadores de morteiros viram que alguns CLAnfs tinham sido atingidos e estavam em chamas. Eugene “viu vários carros-lagarta serem atingidos, algo simplesmente horrível, pois os fuzileiros eram atirados pelos ares e algumas dessas viaturas se incendiavam... O único consolo era xingar os japas”.⁶⁵¹ Viram também fuzileiros boiando na água, esforçando-se para chegar à praia, onde havia alguns incêndios, cujas chamas fremebundas lambiam os ares embaixo de uma enorme coluna de fumaça negra. Ao verem a cena, os veteranos, como Burgin, arregalaram os olhos, já que o perigo agora era outro, talvez maior, tanto que Burgin implorou no íntimo: “Deus, proteja-me, pois lhe pertença!” Nisso, uma chuva de balas atingiu uma área na frente da viatura, levando um deles a gritar: “Mantenham a cabeça abaixada se não quiserem perdê-la!”

* * *

As duas vagas de ataque de CLAnfs à frente de Shofner haviam começado a se agrupar. Na barreira de corais, grandes “pedaços de coral”, semelhantes a rochas e combinados com alguns obstáculos plantados pelo homem, reduziam a área natural de acesso à praia a apenas algumas vias de avanço. A maioria dos CLAnfs congestionou as vias livres, enquanto outros tentaram avançar por outras partes da barreira, mas encalharam.⁶⁵² Os elementos que conseguiam se aproximar da praia eram atacados por um canhão antiembarcação de 47 milímetros, cujos disparos vinham de uma ilhota que se projetava para o mar à direita deles.⁶⁵³ As baterias de canhões do navio não conseguiam atingi-lo, uma vez que estava posicionado para além da ilhota. Os aviões do navio-aeródromo também não conseguiam localizá-lo. Com seus ataques, devastou a frota de CLAnfs que tinham como local de desembarque as praias Laranja Um e Laranja Três.

O carro-lagarta saiu lentamente da água e parou. Logo depois, Sledge ouviu: “Para a praia!”⁶⁵⁴ A guarnição de morteiros escalou com certa dificuldade um dos lados da viatura para desembarcar. Sledge seguiu atrás de Snafu, mas escorregou e caiu embolado na praia. Tinham a impressão de que todos os projéteis, todas as balas,

cuspidas através de longas e esbranquiçadas línguas de fogo das metralhadoras, eram direcionados a eles. Embora o chão da praia fosse claro e plano, não era de areia, mas de corais duros. Como os fardos compostos pelo fuzil, o escudo do morteiro e o equipamento individual se tornaram difíceis de transportar em meio à tempestade de fogos, Gene precisou se esforçar muito para acompanhar a guarnição. Mais adiante, depararam com barreiras de arame farpado reforçadas com estacas de ferro, que se estendiam em todas as direções e, assim, impediam que os soldados avançassem de rastros.

Após atravessar a praia de corais brancos, Sledge se abrigou num capão, cuja maior parte estava em chamas ou tinha queimado e onde quase pisou numa mina terrestre. Notou que seu pé ficou apenas a alguns centímetros da placa de detonação. Quando levantou a cabeça, viu um fuzileiro pisar numa delas “e ser pulverizado, simplesmente desaparecer”. No coqueiral, os membros da Companhia King correram para dentro da armadilha de tanque,⁶⁵⁵ cuja profundidade os mantinha fora da linha de fogo inimiga. Hank Boyes, um dos sargentos da King, observou que “todos ficaram muito contentes por conseguirem abrigo ali, num lugar que parecia seguro”.⁶⁵⁶ Com as balas passando por cima deles, Gene solicitou:

— Burgin, me dá um cigarro.

— Gene, você não fuma.

— Me dá um cigarro! — Burgin lhe deu o cigarro. “Quando olhei para ele, vi que o tinha posto na boca. Alguns segundos depois, vi que mastigava o cigarro, de tão nervoso que estava.” Já Burgin, quando notou que Sledge estava com os olhos “arregalados”, recomendou que não prestasse muita atenção nas balas que fuzilavam por cima de suas cabeças. “Merda”, protestou Gene, “são balas de verdade!”.⁶⁵⁷

Quando o comandante do 3º. BIFN desembarcou, viu que muitos fuzileiros estavam esperando que outros colegas avançassem. Shofner se levantou e ordenou: “Vamos! Esta ilha não tem um japonês vivo!”⁶⁵⁸ Ele avançou correndo para uma cratera aberta por explosão a uns 25 metros da praia. Levava consigo a carabina, o estojo de mapas e um radioperador.⁶⁵⁹ Tentou fazer uma avaliação da situação. Viu que a Companhia Item tinha avançado por terra firme, que os elementos da King, a outra companhia, estavam confusos e que seus oficiais estavam se esforçando para organizar a tropa. O barulho tornava a comunicação verbal praticamente impossível. Todo o treinamento de operações táticas com pequenas unidades dependia da integração e organização dos esquadrões e dos pelotões. O tempo corria. Parte de um pelotão se aproximou do esquadrão, da área em que a Companhia Item desembarcara.⁶⁶⁰ Quinze minutos depois, identificaram o problema do atraso. O canhão antiembarcação, posicionado à direita deles, tinha feito os CLAnfs do 7º. RIFN se deslocarem para o setor de desembarque da unidade de Shofner. E o pior foi que a unidade do 7º. que desembarcara com eles fora a Companhia King do 3º. Batalhão. Duas companhias King estavam, portanto, lutando para separar e organizar seus homens. Além disso, o CLAnf que transportava o equipamento de comunicações de Shofner foi atingido. Alguns de seus tripulantes nadaram até a praia, mas sem o pesado equipamento. Assim que os pelotões se prepararam para partir, os projéteis dos morteiros inimigos

começaram a explodir à volta deles. Um deles matou o subcomandante de Shofner. A movimentação na área da praia usada pela King parou. Os últimos componentes da Companhia Item, posicionados à esquerda, avançaram.

O fogo de barragem inimigo durou 15 minutos. Assim que parou, iniciaram o avanço por terra firme. Shofner avançou para uma trincheira antitanque, onde estabeleceu o posto de comando do 3/5, embora, sem um rádio potente, seu conhecimento dos acontecimentos e o controle sobre eles tenham ficado limitados. O rádio que seu assistente levava podia alcançar os comandantes de sua companhia, o coronel que liderava o 1/5, ou até mesmo o regimento, ou talvez não. Ele precisava de mensageiros. Escreveu uma mensagem e a entregou a um deles para que a levasse ao PC da divisão: “3/5 avançando em estreito contato com” o 7º. RIFN. “Necessidade urgente de pessoal de comunicação” e “Enviar as últimas sobre o avanço” do 1º. RIFN.⁶⁶¹ Pouco depois, recebeu dados atualizados da situação. A Companhia Item tinha alcançado seu objetivo e estava coordenada com o 1/5, à esquerda de Shofner. O 1/5 havia sido detido em seu avanço por uma resistência feroz dos japoneses. À direita de Shofner, a Companhia King tinha começado a avançar.

Em seu avanço seguinte, a King saiu da trincheira e enfiou-se pelo mato. Um dos fuzileiros achou que “ninguém sabia para onde estava indo. Tudo o que faziam era simplesmente pularem num buraco, permanecerem ali e um ficar olhando para a cara do outro. Quando um deles avançava, o outro avançava”.⁶⁶² A densa vegetação reduzia bastante a visibilidade. O bombardeio continuava à volta deles. Os operadores de morteiro mantinham-se com o fuzil em posição de ataque, na expectativa de toparem com o inimigo a qualquer momento, enquanto procuravam continuar juntos, em meio ao emaranhado da mata. Um pouco mais adiante, chegaram à linha de escaramuça dos fuzileiros, que haviam parado na borda de uma enorme clareira, na qual ficava o aeródromo⁶⁶³ e onde algumas casamatas lhes impediam o avanço. Na ocasião, o sargento Hank Boyes ordenava aos gritos que seus homens transferissem a coluna de avanço para a direita, pois a King não estava coesamente coordenada com o 3/7, à sua direita, e esse claro era perigoso.⁶⁶⁴

Shofner “estava numa situação difícil, dividido entre a necessidade de manter contato com o alto-comando da 5ª. DIFN e a de fazer as companhias de fuzileiros se manterem empenhadas num esforço coordenado contra um possível contra-ataque dos japoneses”. Quando a Companhia Love desembarcou, ele a despachou para cobrir uma lacuna que começava a se formar entre a Item, à esquerda, e a King, à direita. Finalmente, seu batalhão começou a avançar por terra firme adentro. Talvez Shofner tenha sido informado de que a metade dos tanques fora atingida antes mesmo de chegar à praia. O 2/5, o último dos três batalhões do regimento a desembarcar, começou a chegar pouco antes das 10 horas e iniciou a marcha para ocupar uma brecha entre o 1/5, situado na extremidade do flanco esquerdo da tropa, e a posição de Shofner, à direita.

O cabo Burgin e sua GP-M2 haviam alcançado alguns fuzileiros, posicionados agora na borda de uma vasta

área plana e descampada. Burgin viu uma grande peça de artilharia inimiga perto da pista do aeródromo. Ficou observando os japoneses se revezarem no emprego da peça toda vez que disparavam o canhão. Achou estranho o fato de cada membro da guarnição inimiga ter a sua vez no carregamento da peça; não tinham artilheiro fixo. Como, porém, todos os membros da guarnição japonesa tinham mais de 1,80 metro de altura, eram alvos fáceis. Assim, Burgin fez com que seus homens começassem a “matar um de cada vez”. Enquanto isso, o ataque se intensificava e o avanço da tropa ia se encorpendo à sua direita, onde a área do aeródromo dava lugar à vegetação. De repente, chegou um blindado dos fuzileiros, que achou que os membros da Companhia King eram inimigos e se lançou num ataque contra eles. Os elementos da GP-M2 começaram a gritar o nome da unidade deles, mas parecia inútil. O tanque Sherman não tinha nenhum membro da infantaria nas proximidades que pudesse se fazer ouvir pela tripulação do blindado.

Olhar de frente para o cano do canhão de 75 milímetros do Sherman avançar ameaçadoramente na direção deles os deixou apavorados. Um dos fuzileiros nas proximidades subiu nele correndo, mas foi atingido por algo e caiu. Nisso, o sargento correu para a traseira do tanque, onde ficava o telefone, e subiu na viatura, embora tal ousadia o expusesse a possíveis ataques inimigos. No entanto, pelo visto o telefone parecia quebrado, pois o graduado não conseguiu contato. Enquanto isso, a maioria dos integrantes da Companhia King assistia a tudo estupefata, vendo-o seguir na traseira do blindado como se fosse um vaqueiro. A essa altura, o inimigo passara a concentrar seus disparos na ameaça maior e mais imediata: o tanque de Boye, que conseguiu orientar o poder de fogo do Sherman para a posição da peça de artilharia e de outras três casamatas japonesas, em cujo interior os projéteis de 75 milímetros do tanque explodiam, após penetrarem uma após a outra.⁶⁶⁵ À direita, o assalto prosseguia, longe do aeródromo e pela mata adentro.

* * *

Após o 2/5 ter assumido uma posição em seu flanco esquerdo, Shofner tirou a Companhia Item dali, fez a unidade contornar a posição da Companhia Love, postar-se à retaguarda dela e depois a fez avançar para coligar a Love com a King. Quando lhe informaram que a King havia achado algumas casamatas, ele solicitou pelo rádio um ataque aéreo.⁶⁶⁶ A King havia retomado o avanço quando Shofner recebeu uma mensagem pelo rádio do 7º. RIFN, posicionado em seu flanco direito. O comandante do 3/7 disse que “a unidade do flanco esquerdo se achava numa trilha que se estendia em sentido norte-sul, situada a uns 200 metros à frente do flanco direito do 3/5”.⁶⁶⁷ Os dois oficiais decidiram que seria melhor o 3/7 manter sua posição até que a King o alcançasse. Shofner enviou uma ordem à Item e à King determinando que avançassem.

Cem metros adiante, os esquadrões de fuzileiros da King depararam com uma grande trilha que corria para o leste, perpendicularmente à rota de avanço deles. Permaneceram ali por algum tempo, pois o capitão Haldane precisava se coligar às unidades posicionadas em ambos os lados dele. Logo depois, a Companhia Item

alcançou seu flanco esquerdo. Ambas as companhias atravessaram a trilha e retomaram o avanço através da mata.⁶⁶⁸ O primeiro pelotão da Companhia King interrompeu o avanço antes do meio-dia, quando seus integrantes avistaram água à frente. Eles haviam atravessado a ilha, praticamente. As outras partes da companhia alcançaram-na uma hora depois. Nenhum desses soldados tinha contato com o PC do batalhão.⁶⁶⁹ A água dos dois cantos de cada um estava acabando. O calor e o esforço físico dos membros da GP-M2 “encharcaram seus corpos de suor”.⁶⁷⁰ Eles se prepararam para enfrentar um contra-ataque.

Por volta das 15 horas, Shofner já não sabia exatamente onde sua Companhia King estava, mas foi informado dos lugares em que não estava. O comandante do 3/7 contactou Shofner pelo rádio para dizer que a informação sobre “a posição da unidade da ala esquerda do 3/7 estava errada”.⁶⁷¹ Explicou que ela não tinha avançado tanto quanto ele informara antes e que, portanto, a unidade dele não estava em contato com a King de Shofner. Isso significava que os grupos de assalto do 3/5 se achavam bastante à frente da linha de combate da divisão inteira, expostos em ambos os flancos a possíveis ataques inimigos. Quando entendeu a situação, Shofner ordenou à Companhia K que dobrasse o flanco direito para trás, num esforço para coordenar-se com o 3/7. Ficou preocupado também com a Item, situada no centro da sua linha de combate. A Companhia Love, posicionada à esquerda, estava bem: em contato com o flanco dela, a 5ª. DIFN, e avançando de forma constante pelo aeródromo.

Burgin ordenou que Sledge e Snafu montassem o morteiro no lado oposto do vasto descampado em que ficava o aeródromo. Acharam uma cratera para usar como abrigo do morteiro. “Snafu pôs a arma no chão, soltou a fivela, abriu o bipé e encaixou a mira.” A mira, um dispositivo simples, tinha dois botões para ajustar a elevação do cano e o grau de deriva (para compensar um possível desvio na trajetória do projétil causado pelo vento). Snafu “fez uma rápida estimativa das coordenadas de uma área que ordenaram que atacassem e fincaram uma estaca na borda da cratera”.⁶⁷² Logo depois, veio a ordem de atirar. Snafu deu uma olhada na tabela de alcance que indicava o número de cargas suplementares. Sledge “repetiu em voz alta o alcance, tirou a quantidade correspondente de suplementos para que a munição ficasse com a devida carga, puxou o arame de segurança, levantou o projétil” com a mão esquerda e manteve o percutor pressionado com o polegar. Quando soltou o projétil, ele desceu pelo tubo e, ao atingir o fundo, detonou com um sussurro suave e abafado. Logo depois veio a ordem para cessar fogo. A guarnição de morteiro ficou esperando, sob um calor insuportável. “O inimigo vai lançar um ataque banzai à noite para tentar nos expulsar da ilha. Vamos destruí-lo!”, previram os veteranos.⁶⁷³

De repente, quando alongou o olhar para o norte, pela imensidão do aeródromo, Sledge viu algumas viaturas se movendo em meio às explosões e perguntou:

- O que todos aqueles carros-lagarta estão fazendo perto das linhas de defesa dos japoneses?
- Seu idiota! — respondeu Snafu. — São tanques japoneses! — O coração de Sledge quase parou ao

Ainda às 17 horas, Shofner continuava a lutar com uma rede de comunicações problemática para conseguir organizar e coordenar seus homens com outras unidades. Quando o oficial de comunicação do 5º. RIFN chegou e os dois começaram a buscar uma solução para o problema, um projétil explodiu perto deles. Shofner “ficou com a boca seca e dificuldade de respirar. Como não conseguia sentir o braço esquerdo, olhou para baixo e viu que seus ossos estavam expostos. Um estilhaço lhe havia arrancado a pele e os músculos. Levantou a cabeça e tentou falar, mas não havia com quem pudesse fazer isso. Depois, como se em câmera lenta, viu fuzileiros das unidades adjacentes entrarem na cratera. Ouviu alguém chamar um socorrista aos gritos e outro deles gritar: ‘Os malditos japas atingiram o Engenhoso!’ Em seguida, desmaiou”.

Acordou numa maca, enquanto atravessavam a praia com ele. Puseram-no num barco anfíbio. Tinham enfaixado seu braço e ele estava tomando soro. Shofner “tentou protestar, mas estava tonto e deve ter notado que haviam aplicado uma dose de morfina nele”. Nisso, um fuzileiro recomendou: “Não se preocupe, Mac. Você vai ficar bem.” Shofner voltou a adormecer. Quando abriu os olhos novamente, viu que estava deitado numa maca no enorme convés de transporte de CLAnfs do NDCC. Sua cabeça doía muito. “Senti que estava nu, deitado sobre um lençol, coberto só com um. Seu braço esquerdo latejava.” As equipes médicas da Marinha se movimentavam rapidamente para atender os muitos feridos. Ao ver que ele acordara, um socorrista chamou seu supervisor. “Coronel Shofner, o senhor é um homem de sorte”, observou e informou que ele ficaria bem. Quando Austin quis saber o que havia acontecido, disseram que ele “era o único sobrevivente de seu grupo de comando”. Logo depois, perguntou quando poderia voltar para sua unidade. O socorrista “desconversou e sugeriu que ele descansasse um pouco”.

Os tanques inimigos não conseguiram avançar muito para o sul. O grande aeródromo e a planície em que ele ficava estavam quase completamente vazios. Embora os estrondos dos grandes canhões trovejassem por toda a parte, Sledge e sua equipe de morteiros eram ameaçados, sobretudo, pelos tiros de armas portáteis. Com os pelotões de fuzileiros combatendo o inimigo a essa altura, o comandante da Companhia King, capitão Haldane, ordenou que os membros de seu quartel-general ajudassem a coordenar sua linha de ataque com o 7º. RIFN, mas não adiantou. O comandante ordenou então que sua companhia estabelecesse um sistema de defesa perimetral. Todavia, o chão, de corais brancos e duros, não podia ser cavado com as mãos. Os fuzileiros resolveram então amontoar todo pedaço de coral possível para criarem um pequeno anteparo de defesa. Ao escurecer, a Companhia King ainda se achava numa posição em que se expunha a possíveis ataques do inimigo, ainda não coligada e coordenada nem com o flanco esquerdo nem com o direito do restante da tropa, mas estava determinada a lutar e manter sua posição.⁶⁷⁵ O maior medo deles era um ataque banzai. A King instalara barreiras de arame farpado, as equipes de morteiros e metralhadoras deram mostras de que pareciam em ordem e preparadas para o combate, ao passo que o capitão Haldane providenciou contato com a artilharia via

telefone. Contudo, na opinião de Sledge: “Estávamos sós e confusos no meio de um caos infernal, com explosões trovejantes e atiradores de elite em toda a parte, sem nenhum contato com outras unidades. Achei que íamos ser aniquilados.”⁶⁷⁶

Os tiros de armas portáteis diminuíram ao anoitecer. Algumas horas depois, chegou a ordem de recolher o equipamento, pois a King deveria recuar. O batalhão queria que ela se coordenasse com a Item no flanco esquerdo, tendo a unidade do 7º. RIFN à direita, antes que o ataque banzai começasse. Em sua marcha pela borda da vegetação que circundava o aeródromo, praguejaram muito por causa dos tropeços e trombadas com arbustos e tufo de mato rasteiro, mas se aproximaram o suficiente do local designado para poderem se entrincheirar.⁶⁷⁷

Embora imperfeitamente coordenados com a Item, a Love ou o 7º. RIFN, os fuzileiros da Companhia King começaram a instalar barreiras de arame farpado no perímetro do aeródromo, como tentativa de deterem o ataque banzai.⁶⁷⁸ Durante a noite inteira, ouviram tiros de obuses, canhões navais, morteiros pesados e metralhadoras, a maioria vinda da extremidade norte do aeródromo e dos navios no litoral, embora os projéteis de morteiros inimigos chovessem sobre a praia. Além disso, os navios da Marinha disparavam bombas de iluminação enormes, que serpeavam lentamente pelo céu durante a queda, lançando sombras sobre uma paisagem castigada e em chamas.⁶⁷⁹ Os fuzileiros da GP-M2 amontoaram pedras em volta de suas posições e se abrigaram em buracos abertos por bombas. Acobertado pela escuridão, Sledge resolveu tirar as botas, pois seus pés estavam encharcados de suor. Snafu o viu fazer isso e gritou: “Que porra é essa que você está fazendo?! É melhor calçar essas botas... Por Deus, a gente nunca sabe quando terá que abandonar correndo a posição!”⁶⁸⁰ Abrigado perto deles, Burgin riu quando viu Snafu praguejar contra o novato, por haver agido como um “burro filho da mãe”. Tal como em Gloucester, o cabo Burgin se manteve na expectativa de um assalto inimigo a qualquer momento. Como estava preocupado com a pouca água que restava nos cantis da guarnição, começou a mascar uma pastilha de sódio.

Nas primeiras horas de 16 de setembro, viram que Burgin estava certo em sua previsão: os japoneses atacaram mesmo. As metralhadoras do 2/5, uma brutal concentração de fogos à esquerda, derrubavam os vultos escuros de japoneses que arremetiam contra eles.⁶⁸¹ Os elementos da GP-M2 dispararam muitas bombas de iluminação, que forneciam, cada uma, claridade por uns trinta segundos. Com algumas dessas bombas pairando sobre as posições deles, deu para ver que não havia nenhuma vaga de assalto japonesa avançando contra a King. A barulhenta confusão de combates ferozes prosseguia em ambos os lados das posições dos americanos.

Quando amanheceu, os que ainda tentavam dormir tiveram que desistir do intento, uma vez que a essa altura os cantis da guarnição de Burgin estavam vazios. As equipes de apoio levaram água para eles em latões de 19 litros e em tambores de 190 litros. Todos tiveram que encher os cantis. O primeiro gole, contudo, provocou choque e repulsa nos membros da GP-M2, pois a água tinha gosto de óleo diesel, mas alguns dos colegas das outras unidades a beberam assim mesmo. Burgin fez piada do ocorrido, dizendo que bastava

acender um fósforo perto da boca para se transformar em lança-chamas. Depois, vieram as cólicas estomacais e alguns vomitaram. Como sempre, porém, na vida do combatente, receber água boa ou ruim era pura questão de sorte, tanto assim que outras guarnições de peça da Companhia King receberam dois cantis de água limpa.⁶⁸²

A tarefa que tinham pela frente era a travessia do aeródromo, tarefa que achavam que levaria uma eternidade. Burgin calculou que talvez ela tivesse mais de 300 metros. Quando receberam o sinal, as linhas de escaramuça dos fuzileiros avançaram correndo para o descampado, donde começaram a atravessar a pista de corais brancos do aeródromo. Tal como haviam esperado os fuzileiros, os japoneses lançaram um fogo de barragem contra eles. Enquanto os combatentes avançavam correndo para o leste a todo vapor, grandes projéteis, morteiros e balas de metralhadora fuzilavam os ares à sua volta. A maioria dos disparos inimigos vinha de suas posições na extremidade norte do aeródromo, à esquerda da King. Quase todo o seu regimento e o 1º. RIFN inteiro ficaram, portanto, entre a King e as armas japonesas. A Companhia Love avançava à esquerda, bem perto dela. Cada passo adiante que davam parecia o último. Durante o avanço, Burgin observou: “Gene ficou recitando o Salmo 23 e Snafu seguiu ao meu lado; não consegui ouvir o que ele dizia, mas acho que a maior parte eram palavrões.”⁶⁸³ Enquanto avançava, Burgin via as balas traçantes gizarem a atmosfera escura, até que, por fim, achou um abrigo no outro lado do descampado. “Não sei como conseguimos sobreviver — não sei mesmo.”⁶⁸⁴ Nenhum deles soube.

A cerrada vegetação em que se enfiaram retardou o avanço deles para o oceano, mas, assim que fizeram isso, a resistência inimiga rareou. Mais adiante, alcançaram um denso manguezal que bordava a orla marítima. Nessa área, à direita, a King estabeleceu contato e coordenou-se com o 7º. RIFN, cujos elementos estavam bastante ocupados em manter a defesa da extremidade sul da ilha. À esquerda deles, um pouco mais para o norte, ao longo do litoral leste, a Companhia Love estabeleceu contato e coordenou-se com eles. A Companhia Item, a outra unidade do 3/5, avançou um pouco mais para o norte. A Companhia King entrincheirou-se, conforme ordenado, fora do alcance da vista inimiga e longe da batalha.⁶⁸⁵

Agora, com tempo para respirar e pensar, Sledge achou que as últimas 36 horas tinham sido “decisivas” em sua vida.⁶⁸⁶ Quase tudo que achava que sabia — pela leitura dos livros sobre a Guerra de Secessão e pela memorização que fizera do *Barrack-Room Ballads* — ela não tinha nada a ver com a carnificina, o caos, o medo imenso que ameaçava engolfá-lo num torvelinho de morte voraz. Quando viu um fuzileiro morrer, Gene ficou horrorizado com a lamentável perda de uma vida e a crueldade envolvida. Vira também dois fuzileiros arrancarem suvenires dos corpos de dois japoneses e ficou se perguntando se a guerra conseguiria “desumanizá-lo” também. Achava que precisava assimilar e avaliar essas experiências, que tinha o dever de contar os detalhes dessa batalha à família, para que todos soubessem tudo que os futuros livros sobre os combates em Peleliu talvez omitissem. Assim, resolveu fazer anotações em sua Bíblia de bolso para que não esquecesse os horrores que testemunhava.⁶⁸⁷ “O ataque ao aeródromo de Peleliu”, E. B. Sledge escreveu depois

com base nessas anotações, “foi a pior experiência de combate que tive durante a guerra inteira”.⁶⁸⁸

Ele vira seus colegas fuzileiros tombarem durante a apressada travessia do aeródromo, embora houvesse procurado olhar somente para a frente enquanto avançava correndo. Não fizeram a contagem dos soldados feridos, já que os números do dia da invasão foram maiores do que a capacidade de levantamento da tropa.¹² Pelo menos um fuzileiro morrerá, com certeza. O praça Robert Oswalt, amigo de Gene, fora atingido na cabeça por uma bala ou pelo estilhaço de uma bomba.

As guarnições dos grandes canhões inimigos acharam a posição da King antes do anoitecer. Burgin ficou deitado de bruços, abraçado à terra, ouvindo os sibilos ligeiros dos projéteis e sentindo o sopro das explosões. Para eles, os projéteis eram tão grandes que conseguiam vê-los facilmente, mesmo imersos na escuridão. Pedacos de corais, lama e destroços da vegetação do manguezal choviam sobre os membros da GP-M2. A força das explosões era tanta que quase morreram de medo. Com um telefone de campanha instalado em sua trincheira individual, Burgin mantinha contato com os outros pelotões, com o PC da companhia de Haldane e, de lá, com o batalhão, mais à retaguarda. Burgin se pôs ao telefone e, quando ouviu alguém responder (não teve certeza de quem era), informou que a posição dele estava sendo atacada por fogo amigo. Mas ouviu o sujeito responder:

— Não, não é nosso — é dos japas.

— É nosso, sim! — protestou Burgin e começou a praguejar. — Sei de onde acabamos de vir e que a artilharia está vindo para o local em que estávamos. Portanto, sei que são tiros amigos. Faça isso parar! — O outro fuzileiro não se convenceu. Mas Burgin tinha certeza de que os projéteis eram de 155 milímetros e gritou: “Se querem mesmo atirar... atirem contra um ponto mais distante, pois vão acabar matando meu grupo inteiro!”⁶⁸⁹ No entanto, o tiro de barragem ficou mais intenso e mais perigoso. Os projéteis explodiam a uns 6 ou 9 metros do chão, lançando estilhaços pelando de quente sobre eles. A King não tinha proteção quase nenhuma. A única coisa que podiam fazer era aguentar firme e esperar o ataque passar.

Quando o bombardeio, tanto dos americanos quanto dos japoneses, diminuiu, os fuzileiros tentaram conseguir água. Alguns acharam um líquido cinzento no fundo de uns poucos buracos mais profundos, abertos pelas explosões — em Peleliu o lençol freático ficava muito próximo à superfície. Os soldados que beberam dessa água adoeceram, até mesmo os que evitaram ingerir grandes partículas de sujeira cerrando os dentes. Nas guarnições de morteiros, Stepnowski, um sujeito corpulento oriundo da Georgia e que chamavam de Ski, acabou sendo posto fora de combate. O calor e a desidratação foram demais para ele, que foi entregue aos socorristas, que o levaram para a retaguarda. A falta de água foi a causa de um terço das baixas.⁶⁹⁰ Sledge notou que os colegas maiores tendiam a ser vencidos pelo calor mais facilmente do que os de menor estatura. Terminaram o dia levantando barreiras de arame farpado para se defenderem de ataques banzai.

Quando a noite passou sem um ataque sequer, os membros da Companhia King chegaram à conclusão de que, até então, haviam tido mais sorte do que os outros e alguns deles sabiam por quê. No entanto, E. B. Sledge não pensava assim. Os colegas que ele vira feridos e mortos, em meio a concussões devastadoras dos explosivos

de grande potência, o deixaram apavorado. Mas aguentou firme. Pegou projéteis de morteiro e preparou-se para empregar a peça da GP-M2. No dia seguinte, ficaram observando as colinas ao norte serem impiedosamente atacadas pelos projéteis dos canhões dos navios, dos aviões da Marinha e dos obuses do 11º RIFN. De manhã, a King marchou em direção a essas colinas, atrás do restante do 3/5. Ao longo do lado leste do aeródromo, viram que o aeródromo estava coberto de milhões de pedaços de metal com as bordas irregulares e cortantes — estilhaços.⁶⁹¹ Os destroços de aviões eram de mais de duas dúzias de bombardeiros médios e dezenas de caças.⁶⁹² A King chegou à encruzilhada da pista em forma de cruz, onde, inexplicavelmente, a Companhia Item se entrincheirou, enquanto a Love e a King se aproximaram do povoado que se estendia em torno da extremidade norte do aeródromo. De repente, o fogo de armas portáteis se intensificou, embora os soldados não estivessem ainda na linha de frente. O 2/5 estava à frente deles. Mais além estavam as unidades do 1º RIFN.⁶⁹³

Logo depois, a King avançava pela borda oriental de uma louca mistura de crateras, aeropista e edifícios em ruínas, cuja maior parte se achava mais para o oeste, à esquerda deles. A Companhia Love estava na área, coordenada com as unidades do 1º RIFN, no grosso do tiroteio, a julgar pela intensidade e pelo número dos estampidos. No fim do dia, a GP-M2 tinha avançado pela pequena concentração de edifícios até um ponto a partir do qual eles podiam ver as colinas ao norte. A King estabeleceu contato e coordenou-se com integrantes do 2/5,⁶⁹⁴ à esquerda do qual, o lado oeste deles, ficavam as colinas; ao norte e ao leste, estradas que conduziam a terras desconhecidas. Ficaram observando a tentativa das outras unidades de avançar para o norte. “Toda vez que algum dos colegas tentava se levantar, os japoneses começavam a lançar contra nós não apenas tiros de metralhadora e fuzil, mas projéteis de artilharia também.”⁶⁹⁵ Em sua observação dos acontecimentos, Gene não conseguia localizar as posições do inimigo; tudo que via era turbulenta confusão, medo e dor. Os japoneses disparavam tantas armas, as barreiras de corais eram tão difíceis de ultrapassar, que ele pensou: “Com certeza, chegamos a um obstáculo intransponível.” Para ele, a suavidade sinistra com que os projéteis de morteiro vinham na direção deles era como se “uma bruxa macabra lhes dissesse: “Tudo bem, dessa vez errei, mas acerto vocês na próxima!” O barulho dos combates durou a noite inteira, embora o inimigo houvesse falhado outra vez na tentativa de lançar um ataque suicida em massa. Apreensivo, Burgin começou a pensar: “Devem estar aprontando alguma. Estão combatendo com uma tática totalmente diferente dessa vez.”

No dia seguinte, o terceiro da “campanha de três dias”, como observou um deles com acerto, a King deslocou-se para leste. As estradas e edifícios deram lugar a um pântano. Com cerca de 100 metros de comprimento, um pequeno caminho de terra atravessava o pântano à guisa de estrada natural suspensa e alargava-se ao chegar a uma clareira, onde os fuzileiros depararam com alguma resistência. Os membros do GP-M2, juntamente com os fuzileiros da Companhia Item, atravessaram correndo o caminho elevado sobre o pântano e deram apoio à operação de assalto contra um pequeno grupo de edificações na clareira maior, situada no lado oposto da primeira.⁶⁹⁶ Os japoneses haviam abandonado a maioria de suas posições de bivaque na área, mas existia ainda no local uma casamata, em forma de enorme pílula de concreto, com uma grande

antena em cima dela.⁶⁹⁷ A King, apoiada pela Item e por integrantes do 2/5, avançou contra o fogo de armas portáteis e tiros de morteiro da guarnição inimiga e conseguiu eliminar toda a resistência dos japas na área. A King sofreu treze baixas de soldados feridos em combate, seu primeiro dia de perdas com dois dígitos.⁶⁹⁸ Quase totalmente cercada por um manguezal, a King e a Item abriram trincheiras voltadas para a única avenida que dava para uma área de solo firme e as posições inimigas: o sul.

Três dias haviam se passado antes que o tenente-coronel Shofner pudesse voltar a desembarcar em Peleliu, sem saber por que o haviam retido por tanto tempo e tendo um curativo pequeno e bem-feito cobrindo-lhe o braço ferido.⁶⁹⁹ Partiu ao encontro do QG do 5º. RIFN para apresentar-se ao coronel “Bucky” Harris. É possível que ninguém no QG estivesse em bom estado de espírito e que a primeira impressão de Shofner deve ter sido a de que a batalha não estava indo nada bem. As perdas eram altas e o progresso, lento. Harris havia sido ferido no joelho pelo estilhaço de um projétil que explodira em seu PC, matando um soldado perto dele; recusara-se a ser evacuado e agora caminhava mancando e com dor. Bucky informou a Shofner que não voltaria para o comando do 3º. Batalhão. Explicou que um major fora encarregado de chefiar a unidade e que até então ele tinha se saído bem. O coronel designou o tenente-coronel Shofner seu oficial de ligação do regimento, junto ao QG da divisão.

Shofner considerou a indicação mera encheção de linguiça. Como coronel com acesso tanto ao regimento quanto à divisão, porém, achava-se na posição de saber muita coisa sobre o que estava acontecendo no campo de batalha. Tomou conhecimento de muitas más notícias, uma das quais dava conta de que o dossel de vegetação da floresta impedia a plena visão do que acontecia no terreno das operações. As fotografias de reconhecimento aéreo haviam revelado a existência de colinas de crista alongada a norte do aeródromo, mas o combate ao inimigo ali se revelara um problema muito maior.⁷⁰⁰ As explosões das bombas e as engolfantes chamas de napalm deixaram expostas cerca de cinco barreiras de coral feias, rugosas, serpeantes, formando um labirinto com espinhaços entremeados de valas. O inimigo transformara em fortaleza cada uma dessas miríades de formações coralinas, permeando suas escarpas de muitas casamatas, cavernas e odiosos buracos usados como abrigos de atiradores de elite.

Foi contra essa fortaleza que Puller, o Peitudo, lançara seu 1º. RIFN. Desde o Dia D, todos os dias Chesty fustigara seus homens, exortando-os a atacar, para que rompessem as defesas inimigas. Seus batalhões sofreram perdas imensas. A demora em romper o bastião inimigo, situado quase ao norte do aeródromo, irritara o chefe de Chesty, general Rupertus, cuja obstinação em alcançar esse objetivo se tornara quase insuportável.⁷⁰¹ O tempo todo Rupertus circulava mancando pelo QG da divisão exigindo resultados, ainda que com muita dor, por conta de um ferimento no tornozelo sofrido algumas semanas antes.⁷⁰² O plano era de que o 7º. RIFN, cujos membros estavam prestes a concluir a conquista da extremidade sul de Peleliu, apoiassem o ataque do 1º. RIFN às barreiras de corais. O 5º. RIFN prosseguiria e receberia a mais fácil das três incumbências.

Depois de uma noite tranquila, a Companhia King passou o dia 19 de setembro avançando para o sul por uma via estreita e alcançou uma ilha no lado leste de Peleliu.⁷⁰³ Uma estrada atravessava a área descampada, ladeada de mangues e pontuada por umas poucas edificações. No flanco esquerdo da unidade, a Item envolveu-se num breve tiroteio diante de outro fortim. A King não encontrou quase nenhuma resistência.⁷⁰⁴ Atrás dela, o pesado fogo de artilharia inimiga começou a diminuir. Acabou transformando-se em mero fogo de inquietação, já que ficou óbvio que eram disparos feitos a esmo.⁷⁰⁵

Não conseguiram concluir a tarefa de patrulhar esse confuso tabuleiro de solo e manguezais no fim do dia. Contudo, o calor diminuiu um pouco, caindo para próximo dos 26 graus, ainda relativamente alto para os soldados.⁷⁰⁶ Na manhã seguinte, a maior parte da Companhia King retirou-se para outra ilha, esta com um litoral banhado pelo Pacífico, e montou acampamento em Purple Beach. O capitão Haldane ordenou que se montasse um patrulhamento reforçado, tanto que juntou o GP-C2, o tarimbado sargenteante da peça, seu operador e uma esquadra de operadores de metralhadora aos fuzileiros do 1º Pelotão, destacamento cuja missão era vigiar a extremidade sul da ilha maior que havia atrás da Purple Beach.⁷⁰⁷ A patrulha partiu. Curioso, Eugene ficou observando o chefe da peça, pois adorava esses sujeitos, embora tivesse aprendido em Pavuvu que jamais deveria tentar “domesticar” um.¹³

O patrulhamento correu bem durante o dia. No fim da tarde, seus membros se entrincheiraram perto de uma laguna, com a densa vegetação do manguezal lhes restringindo o alcance da visão a apenas alguns metros adiante. De onde estavam, podiam entrever outra península no extremo oposto da pequena angra em que se abrigavam. Nenhum deles sabia exatamente como todas essas áreas se entrosavam e se comunicavam. De acordo com informações recebidas, havia mil e quinhentos soldados inimigos nas áreas próximas. Segundo entendiam os integrantes da GP-M2: “Fomos lá para impedir que atravessassem a laguna enquanto a maré estivesse baixa.” Quando um deles informou que tinha ouvido vozes próximo à sua posição, os outros colegas começaram a se perguntar o que aconteceria assim que a maré baixasse. A vegetação tornava quase nula a eficácia do morteiro de 60 milímetros. Burgin deu uma última olhada nas cercanias antes de anoitecer e concluiu: “Se os japas atravessassem a área em ondas maciças, matariam a todos nós.”⁷⁰⁸ Ele lutara com a Companhia King na Batalha de Cape Gloucester, na qual sua unidade conseguira rechaçar uma série de ataques suicidas japoneses, mas fora necessário muito mais homens e um poder de fogo bem maior para fazer isso. Ficaram quietos, imersos na escuridão, esperando a hora de enfrentar o desafio.

“Não muito depois de anoitecer, um colega começou a clamar e gritar.” Ficaram todos apavorados. Mesmo debaixo de uma escuridão total, Burgin conseguiu saber que os gritos e clamores vinham do ajudante do graduado encarregado do canhão, já que estava “bem perto” dele. Ordens para fazê-lo parar de gritar e conter o

desespero do sujeito foram inúteis, mas um socorrista conseguiu chegar até ele e aplicou-lhe uma dose de morfina. Só que, como apenas uma não surtiu efeito, Burgin viu o socorrista “aplicar mais morfina no colega, o suficiente para matar um cavalo. No entanto, o efeito foi praticamente nulo, como se tivessem posto apenas água na seringa. Ele ficou totalmente fora de si; clamava, gritava e, assim, ia revelando a posição deles ao inimigo, e isso não podia acontecer. Portanto... um dos colegas acabou matando-o com uma pá de trincheira naquela noite, para fazê-lo silenciar”. Pelo visto, o fuzileiro louco não morreu imediatamente.

Nas primeiras luzes da manhã seguinte, tiveram que encarar a dura realidade: “Um dos próprios colegas” tinha sido morto por outro colega. A maioria deles, porém, chegou à conclusão de que deviam matá-lo. Burgin deu graças ao fato de que não fora ele quem tivera que fazer isso. Já o sargento Hank Boys achou que essa noite foi “terrível”.⁷⁰⁹ Nenhum deles revelou o nome do soldado que usara a pá de trincheira para matar o colega. O tenente, líder de pelotão de fuzileiros cujo apelido era Hillbilly, chamou o capitão Haldane e “disse a ele que iria reunir os outros soldados, pois não estava disposto a passar outra noite ali”, já que sua pequena força de combate não conseguiria repelir uma força inimiga daquele tamanho. “E assim o comandante da companhia respondeu: ‘Tudo bem, chame-os de volta.’ Portanto, voltamos e nos juntamos à companhia.”⁷¹⁰

A Companhia King se instalara no extremo norte da ilha chamada Purple Beach porque ficava de frente para o oceano, longe da batalha, mas não distante das tentativas de infiltração dos japoneses. Ouviram disparos vindos de além de um bambuzal de uma ilha próxima. Eram tiros dos fuzileiros da Companhia Item, que livraram o local da presença de japoneses e foram à posição dos colegas americanos dizer que tinham matado “cerca de 25 japas”.⁷¹¹ Esse dia, 21 de setembro, terminou sem que a King sofresse uma baixa sequer. Seus homens haviam sobrevivido a seis dias em Peleliu. No entanto, talvez tivessem a mente ocupada com seus amigos da Companhia Love, ainda realizando ataques às barreiras de coral perto do aeródromo, mas também com os 34 feridos e quatro fuzileiros mortos até então.⁷¹² Nesses números não estava incluído o ajudante do sargenteante do canhão, já que não fazia parte do mapa da força, mas significavam um pesado tributo sobre os 240 soldados que estiveram lá.

Logo depois das 5 horas do dia 21 de setembro, os telefones tocaram nas cabines de oficiais dos lobos a bordo do porta-aviões USS *Hornet*. Eles se reuniram na sala de pronto para receber instruções sobre o alvo: Manila, a cidade conhecida como a Pérola do Oriente. Os lobos estavam lá justamente para iniciar o processo de libertação dos prisioneiros de guerra filipinos e americanos. Com a cidade de Manila a 250 graus e 142 milhas de distância, às 7h59 o capitão liderou a primeira onda de SB2Cs a deixar o navio.⁷¹³ Mike apareceu no convés de voo por volta das 8h30. As nuvens e as lufadas carregadas de chuva em volta do *Hornet* seriam um desafio a mais, complicando a missão do dia. Nenhum artilheiro de cauda foi encontrar-se com Mike. O Hellcat, pintado de um azul-marinho escuro e escotilhas brancas circulares, tinha linhas angulosas e regulares, contrastando com as formas muito arredondadas dos Helldivers estacionados na popa. Incumbidos de cumprir a segunda missão de ataque do dia, doze caças partiram primeiro, seguidos por seis caça-

bombardeiros do tenente Micheel, depois dos quais decolaram outros doze SB2Cs.

Aos poucos viram a neblina dissipar-se e por fim sobrevoaram a baía de Manila. O ataque anterior de Campbell deixara um petroleiro da Marinha Imperial Japonesa soltando grossos rolos de fumaça e adernando pesado sobre um dos bordos, embora fosse apenas um dos cerca de quinze navios ancorados no centro do vasto ancoradouro natural. Mike conseguiu avistar outros dez navios dentro do píer do porto de Manila.¹⁴ A maioria deles parecia pequena o bastante para ser tida como meros vapores destinados ao transporte regular entre as ilhas, além de sampanas ou barcos comuns. Ele se concentrou no contratorpedeiro, a embarcação mais importante entre eles. Seus caças-bombardeiros foram os primeiros a se lançar contra o alvo, despencando das alturas em mergulhos a pique, a fim de evitarem o escudo de artilharia antiaérea com que o contratorpedeiro procurava proteger-se. O F6F era capaz de mergulhos radicais. Contudo, o contratorpedeiro virou-se muito rapidamente, fazendo com que todas as seis bombas de 230 quilos errassem o alvo. Os SB2Cs fizeram uma segunda tentativa, mas de novo não conseguiram atingir a “lata”. Após realizadas as investidas, os Helldivers se reuniram para voltar à base, com seus indicadores mostrando que só tinham meio tanque de combustível sobrando.

Todavia, ao contrário das Bestas, os F6Fs tinham muita gasolina, além de foguetes sob as asas. Mike deixou seus homens livres para seguir à caça de “alvos oportunos”. O centro de Manila estava fora do alcance de visão deles e ignoraram a ilha de Corregidor. Alguns partiram em busca de aeródromos, mas a maioria seguiu com Mike, em rápidos voos ao longo do litoral de Manila. Os canhões antiaéreos de 3 e 5 polegadas dos japoneses, posicionados em plataformas ao longo da Dewey Boulevard, fizeram muitos disparos, mas não conseguiram causar sequer um arranhão ou uma única moosa na fuselagem dos caças-bombardeiros. Com seus foguetes, o esquadrão de Hellcats de Mike incendiou em seus ataques os pequenos navios ancorados nos píeres. Na periferia da cidade, ele disparou suas metralhadoras .50 contra “qualquer coisa que se parecesse com viaturas militares seguindo pela estrada”. Notou com satisfação, enquanto os colegas voltavam a recompor o esquadrão, que “não sobrou muita coisa” após os ataques.

Mike aterrissou no convés de voo a tempo para o almoço. No mesmo dia, mais dois ataques sobre Manila e suas cercanias foram lançados a partir de seu porta-aviões, horas depois. Seu amigo Hal Buell participou da missão.

A manhã seguinte começou com a detecção de aeronaves voando na direção de seu grupo-tarefa. Logo após as 5 horas, dois invasores apareceram nas telas dos radares, mas desapareceram depois que enviaram aeronaves de patrulha ao encontro deles, e os primeiros aviões do ataque a Manila partiram. Contudo, as aeronaves invasoras continuaram a se aproximar, entrando e saindo da área de alcance do radar. Quando mais aviões inimigos começaram a aparecer nas telas dos radares, o *Hornet* encabeçou uma manobra de evasão de seu grupo de navios, com uma série de mudanças de curso e velocidade. Os Hellcats da Patrulha Aérea (PA) informaram que haviam derrubado algumas das aeronaves invasoras, mas, pouco antes das 7 horas, “duas explosões de bombas na água, a bombordo, 225 graus, 2.700 metros”, deixaram todos apreensivos. Alguma aeronave americana simplesmente se livrara de duas bombas, lançando-as ao mar? Ninguém conseguia dizer

com certeza. O porta-aviões de Mike prosseguiu com as manobras evasivas, sinalizando ao grupo-tarefa que assumisse “formação de cruzeiro 5V”. No entanto, a mudança de rumo, para que se afastassem da linha de avanço de uma das aeronaves inimigas, fazia o grupo entrar na de outra, e o capitânia era obrigado a seguir uma rota de avanço diferente. Quinze minutos depois, um avião inimigo atacou o *Monterey*, posicionado a estibordo do *Hornet*, lançando contra ele duas bombas, que caíram a algumas centenas de metros a bombordo de sua proa.

O *Hornet* deu o sinal de “velocidade de emergência 25, virar à direita 300°”. O porta-aviões abandonou a curva que fazia para a esquerda e lançou-se para a direita (estibordo), enquanto aumentava a velocidade. Sua bateria de canhões antiaéreos de bombordo abriu fogo contra um Zeke (avião inimigo), que “mergulhava através das nuvens a uns 190 graus, descendo de cerca de 1.400 metros de altitude”. A bateria antiaérea disparou também quando o avião inimigo lançou um ataque em voo rasante contra a artilharia do convoo, num confronto em que o piloto japonês desafiava, com as metralhadoras 7.7 e os canhões de 20 milímetros de seu avião, os canhões de 5 polegadas, 40 milímetros e 20 milímetros do *Hornet*. “De repente, o avião lançou-se numa curva fechada para a esquerda e galgou rapidamente os ares, afastando-se do bombordo do navio”. Seus projéteis haviam atingido um dos canos dos canhões do porta-aviões e deixara o convés entabulado de voo queimando sem chamas, mas fumarento. Os navios de proteção da frota continuaram a atirar no Zeke e a PA atirou-se no encalço dele por meio de instruções passadas via rádio. Com seus canhões cuspidos intenso fogo contra uma segunda aeronave inimiga, o porta-aviões de Mike prosseguiu em sua curva radical até quase colidir com o *Wasp*. Enquanto os capitães tentavam evitar a colisão com as naves amigas, os operadores dos canhões do *Hornet* abriram fogo “contra o Zeke em sobrevoos na proa, a bombordo, e fora do perímetro de proteção”.⁷¹⁴ Atirar contra um avião inimigo sobrevoando o lado oposto do contratorpedeiro de escolta era indício de que estavam nervosos. Todavia, a aeronave inimiga escapou de novo. Na pausa após o combate, muito das conversas entre os tripulantes dos navios do grupotarefa girou em torno da atuação dos canhões antiaéreos, que haviam atirado perto demais dos outros navios do grupo. O céu desanuviou-se o suficiente para que lançassem ondas de ataque e os aviões retornassem à base. Porém, outra vaga de aeronaves inimigas apareceu por volta das 11 horas, deixando o porta-aviões em estado de alerta máximo durante o restante do dia, enquanto os operadores dos canhões antiaéreos e a patrulha aérea de combate davam proteção ao navio.

O grupo-tarefa seguiu para o sul no início da noite, para longe do enxame de aeronaves inimigas que ele havia deparado. A reação a essa retirada por parte de Jocko Clark, que estava a bordo como conselheiro do novo comandante do grupo-tarefa, embora sem autorização para tomar decisões, foi dizer ao novo almirante que ele precisava de um controlador de voo melhor. A manhã de 21, o dia começou com os preparativos para enfrentar possíveis ataques adicionais de aviões japoneses. Como ficaram um bom tempo sem aparecer no céu, a tripulação do *Hornet* realizou os funerais de dois membros da tripulação, mortos nos ataques em voos rasantes dos nipos. O grupo-tarefa seguiu para o sul, próximo à costa das ilhas filipinas. Micheel e os lobos realizaram mais algumas missões, e os caças-bombardeiros ganharam crédito por um ataque certo e vários quase acertos contra um navio-transporte de pessoal, antes que o grupo-tarefa seguisse para o ancoradouro da

frota, que fora transferido para as ilhas do Almirantado.

Durante quatro dias, a Companhia King permaneceu em Purple Beach, despachando patrulhas à procura de atiradores de elite, enquanto aguardava ordens. Não sofreu nenhuma baixa. O QG da divisão, sabendo quanto era importante para o moral da tropa o anúncio da chegada de correspondência, começou a enviar malotes de cartas para as companhias da linha de frente.⁷¹⁵ No rancho, os fuzileiros tiveram rações C e K, suplementadas com frutas em conserva e sucos de frutas. A temperatura continuou amena. Das anotações que Gene fazia a respeito das próprias experiências nos campos de batalha, nenhum desses fatos fazia parte. Tinha ainda a mente conturbada diante de tudo que vira. Observador sagaz, sabia que a batalha pela conquista de Peleliu era muito pior do que tudo que a 1ª. DIA havia enfrentado.

Resolveu tirar da mochila seu exemplar dos poemas de Rudyard Kipling. Todavia, as gaiatices espalhafatosas e grosseiras de “Gunga Din” já não o cativavam. Mas um poema diferente de Kipling, intitulado “Prelúdio”, atraiu-lhe a atenção.⁷¹⁶ Nele, o poeta admitia que os versos sobre a guerra escritos por ele eram uma piada de mau gosto para qualquer pessoa mais madura. Até 15 de setembro de 1944, Sledge fora um dos “alojados” que ria com as palhaçadas do “Gunga Din” porque a cantiga ocultara, melodiosa, a verdade que agora ele conhecia. Muitos dos homens que Gene aprendera a amar iriam morrer aos golpes de dores extremas. Ao pensar nisso, experimentou, horrorizado, um repúdio íntimo. Gene fizera muito sacrifício para se tornar fuzileiro naval dos Estados Unidos. Ademais, sentia imenso orgulho de haver estabelecido estreitas ligações com os colegas da Companhia King. O questionamento de Kipling aos “queridos afetos de além-mar”, compreendia Gene agora, punha em palavras a tristeza e a amargura existentes na alma de todo veterano cujos amigos jaziam enterrados no campo de batalha de terras estrangeiras. Sledge, praça de primeira classe, jamais conseguiu ter certeza de que a morte de Robert Oswalt seria justificada um dia. Para ele, era uma perda enorme.

Para além dos horizontes da morte (a dele mesmo ou a de seus amigos), Gene via claramente que essa batalha poderia custar-lhe a própria alma. Os combates rebaixavam os soldados à condição de selvagens. Apesar disso, Sledge respeitava a disciplina militar. Orgulhava-se dos hábitos de higiene pessoal e da própria lucidez. Não tinha dúvidas de que os fuzileiros alcançariam a vitória, embora, no fundo, soubesse que as manchas criadas pelo que os fuzileiros foram obrigados a fazer — matar um irmão de armas com uma pá de trincheira — eram inapagáveis e, talvez, de um peso insuportável. Eles tinham sido forçados a matar o assistente da peça por causa do fanatismo dos japoneses e isso o fazia odiar o inimigo ainda mais.

Gene procurou livrar-se desses pensamentos caminhando pela beira da praia, onde achou umas conchas, que considerou bonitas, e resolveu levar algumas para a mãe, tentando demonstrar que ele pensava nela o tempo todo.

Na manhã de 25 de setembro, o restante do 1º. RIFN começou a chegar à Purple Beach.⁷¹⁷ Os fuzileiros de Puller haviam sofrido 54 por cento de baixas, algo raro em guerras. Quando o 1º. RIFN assumiu as

posições da Item e da King, Sledge obteve muitas informações sobre o que havia acontecido nas Colinas Sangrentas, como, por exemplo, o fato de que a pesada artilharia da Marinha não conseguira destruir as posições inimigas e de que lançar-se de assalto contra uma casamata de metralhadoras acaba pondo um pelotão inteiro sob o fogo de uma infinidade de outras posições inimigas. Ademais, os fuzileiros não conseguiam ver as aberturas nas casamatas das quais as balas partiam. Apesar disso, o coronel mantivera a pressão sobre o inimigo e continuara a ordenar que seus fuzileiros avançassem correndo através do intenso fogo cruzado das metralhadoras inimigas, mesmo depois que seus batalhões tinham sido arruinados, suas companhias destroçadas, seus pelotões desintegrados. Um dos soldados disse que Puller “ia acabar matando a todos”.⁷¹⁸ Ao observar os poucos sobreviventes, sujos e exaustos, Sledge achou “injustificável” a atitude do Peitudo.⁷¹⁹

Nas poucas horas que os membros da Companhia King estiveram com a 1ª. CIFN, os veteranos da batalha pela conquista do cume de uma das colinas teriam tentado transmitir outras verdades, mais específicas. Integrantes do 2/1 relataram que os japoneses haviam tentando usar as senhas e contrassenhas do 2/1 para se aproximar de suas linhas de frente, mas o pessoal do 1/1 informou que “os oficiais japoneses” — os que portavam as cobiçadas espadas de samurai — haviam caído em armadilhas militares.⁷²⁰ Informaram também que descobriram que as granadas de fuzil estavam todas com defeito e que deveriam ser jogadas fora.⁷²¹ Após se despedir da 1ª. CIFN e desejar-lhe boa sorte, a Companhia King atravessou o estreito caminho de terra suspenso que conduzia à ilha maior. O quartel-general do 5º. RIFN havia sido estabelecido ali.⁷²² Cozinhas de companhia, equipamentos e membros, tanto do regimento quanto do 3/5, tinham sido aquartelados no local. A Companhia Item juntou-se a eles também, enquanto a Companhia Love continuava combatendo perto das colinas.

De acordo com alguns informes, o 5º. RIFN recebera ordens para conquistar o extremo norte de Peleliu. Os fuzileiros em combate estavam ficando sem munição, disseram os oficiais; portanto, ordenou que “levassem tudo que tivessem com eles”.⁷²³ Às 13 horas, caminhões começaram a levar o 1º. Batalhão, seguido pelo 3º., unidade de Eugene, e por último partiram com o 2º. Batalhão.⁷²⁴ Voltaram para Peleliu pela estreita via elevada, seguindo depois para sudoeste através das ruínas de edificações erguidas em torno do aeródromo. Enquanto isso, a artilharia da divisão bombardeava as elevações de terreno à direita. O 7º. RIFN estava combatendo nesse terreno alto e acidentado. À esquerda dele, destacamentos de intendência haviam montado depósitos de suprimentos. Gene notou que alguns membros do batalhão de engenharia civil ficaram olhando para ele. “Usavam macacões e bonés limpos, estavam barbeados e pareciam descansados. Olhavam para nós com curiosidade, como se fôssemos animais selvagens num desfile circense.”⁷²⁵ Ao contrário deles, E. B. Sledge disse que estava “barbado, sujo, cansado e abatido”. Já os veteranos de três dias de combate e quatro dias passados em Purple Beach acharam “a cena dos não combatentes os *Seabees*, limpos e bem-dispostos, ... deprimente”.

No fim de setembro, o sargento de armas John Basilone e os outros tarimbados graduados do Haváí foram informados de que o 5º. RIFN havia sido posto sob “estado de alerta”, pois, caso fosse convocado, tinha que se preparar para reforçar a 1ª. DIFN em Peleliu rapidamente.⁷²⁶ Os oficiais da divisão de John realizavam reuniões diárias de instruções e informes sobre a operação em Peleliu. Embora poucos detalhes tivessem vazado dessas reuniões, era claro o alerta de que a batalha, codinominada “Operação Impasse”, não estava correndo bem.

Diante das condições da Batalha de Peleliu, houve mudança no foco do treinamento dos membros da 5ª. DIFN.⁷²⁷ Instruções militares de técnicas de guerra na selva foram extintas. Daí por diante, as equipes de tiro de cada pelotão de fuzileiros receberam instruções para concentrar o emprego de suas diferentes armas (fuzis M1, granadas e fuzis automáticos Browning), bem como sua eficiente coordenação com as armas de apoio (lança-chamas, bazucas e metralhadoras), no assalto às posições fortificadas do inimigo. Era inequívoco o fato de que as equipes de demolição completaram o processo de destruição dessas posições atirando, sobre cada uma, um saco de carga explosiva C-2. Com isso, conseguiram fechar as aberturas de tiro das casamatas. Peleliu e outras batalhas recentes haviam sido alvo de um grande número de baixas entre os oficiais subalternos (tenentes e capitães) e graduados. O reformado programa de treinamento dava ênfase à necessidade de cada soldado assumir qualquer função desempenhada pelos integrantes das equipes de tiro ou usar quaisquer de suas armas.⁷²⁸ Os recrutas do 1/27 revezaram-se no emprego de uma metralhadora .30 e receberam instruções do uso de lança-chamas observando demonstrações de emprego da arma.

Apesar das baixas, Bucky Harris recusou-se a dar outro comando a Shofner. Talvez o Peitudo já houvesse adivinhado que sua nova posição tivesse a ver com seu desempenho em 15 de setembro. As companhias de seu batalhão ficaram confusas durante o Dia D inteiro, tanto que, à noite, duas delas acabaram caindo numa situação de perigoso isolamento. Shofner, quando participou das conversas a respeito disso, teria advertido que parte dessa confusão resultara do fato de dois 3º. Batalhões (o dele e o do 7º. RIFN) haverem desembarcado um ao lado do outro. Quando o barco anfíbio os deixou no lugar errado, tal como frequentemente ocorria, instalou-se um verdadeiro caos, pois deu-se o encontro de duas companhias King, duas companhias Love e assim por diante. E o mais grave de tudo foi a destruição de seu posto de comando e de seu equipamento de comunicação, fato que prejudicou muito seus esforços. Os rádios não eram confiáveis. Tais argumentos, no entanto, não explicavam por que Shofner, assim que entendera a situação, não partira para orientar as companhias King e Item e endireitar as coisas.

Rumores circulavam pelo QG questionando por que Shofner havia situado seu posto de comando numa trincheira antitanque, pois todos sabiam que o inimigo informara de antemão, à própria artilharia, a posição dessas trincheiras. A falta de discernimento, especulavam os fofoqueiros, havia facilitado aquele ataque de morteiro que ele sofrera. Mas o pior de tudo foi o boato segundo o qual o tenente-coronel Shofner, quando atingido, tentara passar o comando para o médico do batalhão. Dava conta ainda o mexerico de que, num

momento crítico, o Engenhoso havia “enlouquecido”.⁷²⁹ Houvesse de fato ouvido esses cochichos, o Engenhoso Shofner teria exigido que lhe explicassem como podia ser que um homem fosse responsabilizado pelo que dissera após ter sido atingido pela explosão de um morteiro. Isso o fizera despertar e reagir. Todavia, o mais provável foi que se conscientizou, antes que pudesse combater os japoneses novamente, de que precisaria lutar pela reconquista do posto.

Depois de passar pelas Colinas Sangrentas, à direita de Sledge, seu caminhão dobrou à direita e seguiu para o norte, por uma estrada de corais plana, que se estendia das colinas até o oceano, à esquerda deles. O 3/5 atravessou uma área de bivaque japonesa localizada na praia, agora controlada pelo Exército americano, enquanto a tropa se mantinha na reserva. Dali, um “Zippo” passou a acompanhar os caminhões da King em seu avanço para o norte.⁷³⁰ Com o nome inspirado numa famosa marca de isqueiro, o blindado anfíbio Zippo era munido com um grande tanque de napalm e uma bomba potente o bastante para lançar suas chamas incinerantes a uns 150 metros de distância. Um pouco mais adiante, o espinhaço das colinas, à direita deles, começou a diminuir de altura e afastar-se da estrada, ponto em que os caminhões pararam perto de uma floresta densa. Haviam se aproximado da linha de combate ao máximo quando transportados em caminhões, tanto assim que um dos soldados acabou sendo atingido por um atirador de elite. O 1º. BIFN, 5º. RIFN, fora incumbido de continuar avançando para o norte pela estrada e conquistar a área de uma estação de radiocomunicação. Enquanto o 2/5 permanecia como força de reserva, o 3/5 partiu para o oeste, onde tentaria conquistar uma colina de formato cônico, de cujo cimo se tinha uma visão panorâmica da região. A Item e a King, reforçadas de novo pela Companhia Love, atiraram-se com ímpeto através das próprias linhas de escaramuça defensivas e depois avançaram cautelosas para o leste, embrenhando-se pela selva. A Love manteve contato com o 1/5 ao norte, onde o inimigo concentrava seus fogos de artilharia. A King procurou atuar no centro da linha de frente, enquanto a Item se encarregaria de proteger o flanco direito da tropa. Durante o avanço, depararam densa floresta e enfrentaram tiros ocasionais de morteiro.⁷³¹

Começava a anoitecer quando os esquadrões de fuzileiros se aproximaram das escarpadas colinas de corais. No céu logo acima, viram estalar gigantescas granadas de sinalização. Eram os navios da Marinha, que acendiam na abóbada celeste seus projetis iluminativos de 5 polegadas, clareando tudo diante deles, de repente. O inimigo pareceu intimidar-se com tanta luz, mas tentou deter o avanço dos fuzileiros para o cimo de uma das colinas riscando o céu com disparos esparsos de balas traçantes e seus distintos rastros luminosos, de um azul esbranquiçado. Outra meia hora de espocar de granadas iluminativas permitiu que os americanos conseguissem montar barreiras de arame farpado, pois sabiam que sofreriam um contra-ataque.⁷³² A criação de uma linha defensiva naquele terreno acidentado levou tempo, embora a luz das explosões das bombas de iluminação tivesse facilitado bastante a tarefa. Os oficiais que haviam solicitado ajuda à Marinha resolveram chamar a colina cônica de Colina das Estrelas.⁷³³ Contudo, a luz dessas bombas, embora úteis, criavam também o problema do “ofuscamento” na tropa. Logo que a luz apagava, os olhos dos soldados tinham que se

readaptar às condições do ambiente. Com isso, os graduados inteligentes aprenderam a ordenar que um em cada dois de seus homens entrincheirados fechasse os olhos, que assim não eram afetados pela luz intensa e permitiam que o soldado ficasse pronto para atirar.⁷³⁴

Tal como haviam esperado, os japoneses atacaram sua linha de frente à noite. Lá atrás, perto da estrada, as guarnições de morteiro ou não tinham espaço suficiente para atirar, ou não dispunham de um observador avançado, que pudesse ajudá-las a assestar bem a mira. Mas projéteis de grandes obuses postados na retaguarda começaram a explodir na frente das linhas de combate do 3/5, pulverizando com eficiência as posições inimigas. De repente, o ataque parou, embora nenhum deles soubesse quanto tempo isso duraria. Invasores penetraram na seção de morteiros entrincheirada perto da estrada. Sledge avistou dois vultos escuros⁷³⁵ e Burgin viu três homens atirando-se para dentro das trincheiras perto dele.⁷³⁶ Em seguida, ouviram alguns tiros e sons abafados de alguém lutando. Quando um dos vultos saiu da trincheira em que se lançara, eles o mataram. Todos os demais continuaram firmes no lugar, prontos para atirar.

De manhã, encontraram um fuzileiro morto no local. Depois de falar com alguns colegas, Sledge chegou a uma conclusão segura sobre o que havia acontecido. Burgin e outros discordaram da conclusão dele, mas, embora Sledge anotasse todos os aspectos horrendos do ocorrido, eles sabiam que era melhor não dar muita importância a esse tipo de coisa.⁷³⁷ O próprio Burgin tinha visto o mesmo acontecimento trágico em Cape Gloucester. Momentos depois, chegou a ordem para partir. Ainda pela manhã, as companhias King e Love conquistaram o acidentado terreno da Colina das Estrelas. À noite, tudo ficou mais silencioso e tranquilo.



Na manhã de 27 de setembro, a Companhia King separou-se da Love e da Item para tomar ao inimigo o controle das Colina das Estrelas. Enquanto isso, a companhia de Sledge marchou para o norte, onde daria apoio ao ataque do 1/5 contra uma pequena colina que havia nessas bandas.⁷³⁸ Durante a marcha, a companhia inteira riu bastante de uma história que correu de boca em boca pela unidade. Na noite anterior, Bill Leyden, batedor de um dos pelotões de fuzileiros, havia comido ração enlatada japonesa, achada por ele numa caverna na Colina das Estrelas. A comida em conserva causara um “embrulho tão infernal” em suas entranhas que Bill teve diarreia rapidamente, tão grave “que parecia que ia explodir”.⁷³⁹ Postado agora na linha de frente e impossibilitado de sair da trincheira, Bill teve que se aliviar das próprias necessidades em latas de ração C. O “problema” era que ele se livrava das latas, cheias do próprio “alívio”, lançando-as pela colina abaixo. Ainda segundo a história, de repente os fuzileiros americanos começaram a ouvir gritos de nojo e protestos dos inimigos posicionados lá embaixo, mas alguns fuzileiros acharam que essas vozes eram prenúncios de um ataque japonês, o que acabou levando todos a atirar. Depois que começou a “distribuir” entre os japas seus “presentes” na forma de “ração enlatada”, o próprio Leyden divertiu-se muito com as imitações que fez da raiva ininteligível que ouvia da parte do inimigo. “Meu Deus, a gente só conseguia imaginar o que eles diziam. Com certeza, estavam praguejando contra nós em japonês”, concluiu. Todos confirmaram a história, já que, a essa altura, não havia um só deles que não tivesse que fazer necessidades numa lata de ração C.

É provável que o motivo das risadas foi esquecido quando atravessaram o cruzamento da West Road, na qual estavam, com a East Road, estrada que conduzia ao sul, para o outro lado das Colinas Sangrentas.⁷⁴⁰ De repente, pararam, com ordens de ficarem de prontidão. Lá na frente, o 1/5 engrossava o poder de fogo de tanques e Zippos para realizar um ataque brutal contra as colinas que, com os túneis que escavaram nelas, os engenheiros japoneses pareciam tê-las transformado em enormes pedaços de queijo suíço. O comandante do regimento, Bucky Harris, aumentara o próprio poder de fogo tomando emprestado um gigantesco canhão de 155 milímetros do Exército. O coronel Harris ordenou que disparassem, à queima-roupa, o obus colossal contra o interior das cavernas.⁷⁴¹ Os projéteis criavam uma concussão dupla e dolorosa, já que a ignição e a explosão desses colossos ocorriam com a diferença de um segundo apenas entre uma e outra, fazendo com que ondas de corais estilhaçados deslizassem pela encosta. Apesar do ataque maciço, os fuzileiros do 1/5 não puderam avançar. O revide contra os tiros de fuzis e metralhadoras do inimigo era reforçado também por disparos de morteiros feitos pelos americanos por trás da colina. Mas o pior era que o 1/5 estava sendo alvo também dos tiros vindos da direção oposta.

De suas posições na minúscula ilha situada a uns 100 metros de distância, chamada Ngesebus, basicamente os japoneses atacavam o 1/5 e o 2/5 da retaguarda. Esses batalhões tiveram um dia difícil quando a situação ficou fora de controle. No fim da tarde, nove blindados passaram pela Companhia King. Acharam uma área a partir da qual podiam bombardear Ngesebus, perto de uma pequena ponte erigida por esforço braçal e que ligava duas ilhas, e lançaram sobre o inimigo um fogo de barragem de projéteis de 75 milímetros, em velozes

rajadas de quatro balaios, dos quais o quarto era sempre uma bomba de fumaça. Enquanto isso, os tanques forneciam fogo de cobertura para quatro CLANfs, que entraram na água e contornaram o extremo norte de Peleliu, onde localizaram o núcleo do sistema de defesa japonês da parte elevada do terreno. Os CLANfs dispararam à queima-roupa contra um grande fortim. Sem o apoio que tinham de seu apoio de pesado fogo de morteiros, a resistência inimiga na área mais próxima da posição de ataque dos americanos começou a se esfarelar. Tanques-tratores avançaram pela estrada norte e cobriram as casamatas inferiores com pedaços de coral e terra.⁷⁴²

Embora a região ao norte deles estivesse longe de ser um local seguro, não precisariam da ajuda do 3/5. No fim do dia, unidades do Exército substituíram o 3/5 no cruzamento. A King, a Item e a Love seguiram para o sul, em demanda de um ponto de reunião perto do QG do regimento. Para proteger a movimentação dessas unidades, a artilharia criou outra cortina de oclusão com suas bombas de fumaça, uma das quais caiu perto do QG do regimento e, para horror de todos, “bem no meio dos chefes de peças”. Estes tinham sido trazidos para a linha de frente, onde ajudariam a proteger os fuzileiros de infiltrações noturnas do inimigo. Seus corpos ficaram cobertos do fósforo branco usado para produzir “fumaça”. A terrível substância queimou suas vestes e depois a pele, fazendo-os gritar e uivar de dor atroz. Ao se deparar com o quadro, Bucky Harris não viu saída e ordenou que os serventes de peça os matassem. Foi o que fizeram, “todos com os olhos cheios de lágrimas”.⁷⁴³

No anoitecer de 27 de setembro, o 3/5 foi informado de que invadiria a pequena ilha, avistável a uns 100 metros dali, chamada Ngesebus.⁷⁴⁴ Fazia algum tempo que os japoneses posicionados na ilha, além de efetuarem disparos contra os fuzileiros em Peleliu, despachavam à noite chatas lotadas de reforços para aquelas bandas. Sledge sentiu uma pontada no estômago ao pensar na possibilidade de ter que realizar outro ataque anfíbio, embora, nos últimos dias, a King houvesse sofrido apenas uma ou duas baixas diárias.⁷⁴⁵ Mas era provável que um assalto anfíbio a outra ilha aumentasse essa taxa. Entrincheirado perto de uma unidade do Exército, Sledge tinha a oportunidade de conversar com seus membros. Os soldados da 321ª. Equipe de Combate Regimental já haviam tomado a pequena ilha de Angaur, distante dali uns 20 quilômetros. Foram para Peleliu com o objetivo de reforçar a 1ª. Divisão, e E. B. Sledge, como camaradas de armas que eram, lhes deu as boas-vindas, respeitando-os como iguais seus.⁷⁴⁶ O Eugene Sledge que antes ria dos “malditos veteranos”, por achá-los desleixados e patéticos, não existia mais.

O USS *Hornet* zarpou das Filipinas ao ritmo de formação geral, no embalo de exercícios de operações de voo, na prática de tiro e na operação de canhões de baterias antiaéreas — enfim, movido por todos os infindáveis preparativos que o tenham elevado à condição de alta eficiência em combates —, embora a nave e sua tripulação tenham feito jus a um merecido descanso. Em 27 de setembro, o contra-almirante Joseph “Jocko” Clark reuniu a tripulação, tanto os sapatos-pretos quanto os sapatos-marrons, no convoo, onde lhes entregaria condecorações pelo dever bem cumprido. No dia seguinte, o porta-aviões estacionou no Atracadouro 16 do porto de Seeadler, na ilha Manus, no Almirantado do Grupo. O 2º. Grupo de Combate

Aeronaval havia completado sua missão e iniciava o desembarque. No dia seguinte, embarcaria no navio o 11º Grupo de Combate Aeronaval, o substituto da unidade. Jocko Clark ofereceu um jantar de despedida a seus pilotos, no qual o anfitrião agradeceu a seus aviadores aeronavais os esforços realizados, enquanto os convidados devoravam bifés, batatas, frutas e verduras, tudo coroado depois com boas charutadas. Dali a alguns dias, o tenente Vernon Micheel e os lobos embarcariam num navio-transporte de pessoal para serem levados de volta à terra natal. Nos seis meses e meio de excursão militar do esquadrão, treze dos 46 pilotos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros, bem como quinze artilheiros de cauda, tinham dado a própria vida em prol do serviço à pátria.⁷⁴⁷ Micheel detestava a distinção entre mortes classificadas como “operacionais” e mortes “relacionadas a combates”.

O tenente Micheel sabia que a Marinha o encaminharia para uma base aeronaval em algum lugar dos Estados Unidos. Já os membros mais jovens da unidade só podiam mesmo era conjecturar qual seria o destino deles no futuro imediato. No entanto, todos sabiam que tinham sido uma pequena parte da equipe que derrotara decisivamente a frota de porta-aviões inimiga. Quando o inimigo abandonou o campo de batalha, as rápidas forças-tarefas de porta-aviões da Marinha americana impediram que ele usasse as ilhas Jimas e o porto de Manila, embora por pouco tempo. O outrora vasto Império do Japão havia encolhido drasticamente. Antes do conflito, em suas considerações sobre o rumo que a Guerra do Pacífico poderia tomar, Mike e seus amigos “ficaram preocupados com o que iria acontecer com os aviões de caça terrestres quando aterrissassem no Japão. Como poderiam lidar com um país grande como aquele? Tinham os americanos muitos porta-aviões e navios, mas eram muito pequenos para combater um país inteiro e seu povo”.

Cruzadores e contratorpedeiros americanos começaram a atirar contra Ngesebus às 6 horas. A artilharia do 5º. RIFN participou do ataque também. De novo lhes sobreveio a tempestade de fogos, estrondando tão perto que o 3/5 teve uma visão clara e privilegiada da tempestuosa ação militar. Em meio aos ataques cada vez mais intensos, quarenta CLAnfs comuns, quarenta CLAnfs munidos com um obus de 75 milímetros e quinze blindados anfíbios enfileirados na praia da extremidade noroeste de Peleliu.⁷⁴⁸ O bombardeio prévio à invasão durou três horas. Aviões da Marinha e dos fuzileiros navais atacaram o alvo também, com voos rasantes de caças com metralhadoras e bombardeios. Bill Leyden, um dos fuzileiros da Companhia King, observou que pilotos do CFNA, em sobrevoos de assalto com seus notáveis Corsairs, “sempre pareciam voar mais baixo sobre os alvos, em tentativas mais ousadas para destruir as posições japonesas, e os fuzileiros adoravam quando faziam isso”. O último ataque dos Corsairs veio com os tanques da vanguarda do assalto, quando estavam a uns 30 metros da praia.⁷⁴⁹ Às 9h11, onze minutos depois de partirem, a primeira onda de CLAnfs de assalto chegou a Ngesebus, ocasião em que um soldado inimigo atacou um dos carros anfíbios com um torpedo Bangalore.⁷⁵⁰ O blindado perdeu uma das esteiras e seu condutor foi morto. Alguns minutos depois, a Companhia King desembarcou no flanco esquerdo da praia, com a Item à direita. Levado num novo CLAnf, com a rampa de desembarque na traseira, dessa vez Sledge não teve o trabalho de desembarcar pela amurada.

Enquanto os soldados desembarcavam e arremetiam contra o inimigo, os blindados anfíbios de assalto miravam seus canhões nas casamatas da linha de defesa japonesa e efetuavam disparos a curta distância dos alvos.⁷⁵¹ Atrás deles, uma multidão de tanques Sherman alcançava a praia. Por volta das 9h30, o batalhão de assalto inteiro havia desembarcado nessa faixa litorânea.

Não demorou muito, estabeleceram uma cabeça de praia e os esquadrões de fuzileiros encabeçaram o avanço por terra firme adentro. O fogo de revide inimigo aumentou rapidamente quando, às 9h42, os fuzileiros iniciaram correndo a travessia do pequeno aeródromo para alcançarem suas edificações e pistas de manobra. Mais adiante, enfiados em arbustos, depararam dura resistência inimiga, que interrompeu o ímpeto do assalto. Tinham, tal como gostavam de dizer os oficiais, de “reduzir” o poder de fogo lançado de uma série de cavernas, *bunkers* e casamatas de concreto. Na área de atuação da King, o terreno mostrou-se mais acidentado e mais difícil para os tanques fornecerem apoio de fogo.

Burgin e os membros de sua GP-M2 pararam quando viram os fuzileiros correrem em busca de abrigo adiante. Abrigados num fortim, Snafu e Sledge montaram o morteiro de 60 milímetros, preparando-se para atacar, enquanto Burgin procurava saber qual seria a melhor maneira de fornecer apoio de fogo às equipes de assalto. De repente, advertiu Sledge: “Burgin, vi alguns japoneses naquela coisa!” Burgin olhou de relance para uma pequena edificação de formas estranhas, parcialmente enterrada na areia. Tinha cerca de 1,5 metro de altura e uns 5 metros de comprimento por 1,20 de largura. Como seu sargento lhe dissera que “não havia nenhum japonês lá”, ele respondeu:

— Seu Marreta, você sabe mesmo o que está falando?!⁷⁵²

— Sim, estou ouvindo eles conversarem!

Nisso, Burgin viu uma pequena abertura de ventilação perto dele. “Subi pela parede lateral da casamata e, quando olhei para dentro, vi um japa com a cara quase colada ao buraco... Ah, disparei quatro ou cinco tiros contra ele, antes que conseguisse abaixar a cabeça.” Mesmo depois de ter esvaziado o pente da arma, “eles continuaram conversando, enfiaram o cano de uma metralhadora no buraco e fizeram alguns disparos”. Lançaram granadas também por outras aberturas na casamata.

— Sledge — ordenou Burgin —, dê uma olhada lá em cima e veja o que pode fazer. — Sledge correu até uma parte da fortificação e deu uma espiadela por cima da porta lateral, mas atirou-se ao chão com a mesma rapidez com que fizera isso. Em seguida, ouviram uma rajada de metralhadora. “Bem, sabendo que ele era novato”, concluiu Burgin, “jamais deveria tê-lo enviado lá”. O chefe da GP-M2 começou a perguntar-se também: “Quantos japas deve haver naquela coisa? Preciso fazer algo, pois, do contrário, vão matar todos nós.” Ouviram explodir mais granadas do inimigo, cujos fragmentos atingiram dois soldados de seu esquadrão. Burgin fez uma avaliação das características da casamata. As grossas paredes de concreto aguentariam qualquer coisa que ele atirasse nela; tinham uma metralhadora lá dentro e granadas — e sabe-se lá o que mais. “Cheguei à conclusão de que não estávamos fazendo um bom trabalho e sabia que, se continuássemos a cometer asneiras, alguém podia acabar morrendo.” R. V. foi correndo até a retaguarda para tentar conseguir mais poder de fogo.

Depois de recuar uns 75 metros na direção da praia, achou um tanque Sherman e Womack, um dos membros da King, armado com um lança-chamas. Burgin explicou a Womack que precisava da ajuda dele e começou a orientar o tanque na direção do inimigo pela traseira, usando um telefone. A viagem de volta levou apenas alguns minutos, carregados de ansiedade. Quando se aproximou do alvo, o Sherman efetuou três ou quatro disparos à queima-roupa, até que um dos projéteis acabou penetrando o concreto e explodiu no interior do fortim. Em seguida, Womack avançou alguns passos e disparou um jato de chamas pelo buraco aberto pela explosão. A violência do ataque fez Burgin achar que o inimigo havia morrido, mas os japoneses saíram correndo do abrigo pelas portas laterais, alguns segurando a calça com uma das mãos, enquanto outros com borrões de napalm comburentes colados em seus corpos. A maioria estava armada com fuzil.

Snafu, Sledge e outros atiraram nos japoneses quando saíram da casamata. Foi breve a pausa nos disparos quando terminou a fuga da primeira leva de inimigos expulsos do abrigo, pois outro japonês saiu de lá em seguida. “Mirei no peito dele e fiz um disparo atrás do outro”, contou Sledge. “Quando a primeira bala o atingiu, ele contraiu o rosto de dor e deixou cair a granada.”⁷⁵³ A ocasião ficou gravada no coração de Gene para sempre, que observou atentamente todos os detalhes da primeira vez que matou um ser humano. “A expressão no rosto daquele homem encheu-me de vergonha e repúdio pela guerra...” Mas outro pensamento lhe ocorreu: a idiotice do “sentimento de vergonha por haver matado um maldito inimigo antes que ele pudesse atirar uma granada em mim!”.

Burgin esperou um pouco antes de caminhar até a pequena passagem que conduzia ao interior do abrigo. Curvando-se com seu 1,82 metro de altura, entrou na câmara para tentar entender como haviam conseguido absorver o impacto de um ataque tão violento. “Havia um japonês estendido no chão que não me pareceu morto e tentei fazê-lo virar-se com a ponta do pé pressionando-a contra as costelas dele. E, como de fato não estava morto, matei-o com um tiro.” Ele contou dezessete corpos estendidos no chão ao se movimentar pelos diferentes cômodos do abrigo. Viu que tinham muitas armas. Burgin percebeu que “foi muita sorte nossa nenhum de nós ter morrido”. Como os dois integrantes feridos de seu esquadrão não precisaram ser evacuados, cumprimentou a si mesmo pelo “excelente trabalho”.

Alguns êxitos semelhantes ao longo da linha de frente permitiram que o 3/5 atravessasse a principal linha de defesa inimiga por volta das 12h50.⁷⁵⁴ Contudo, os japoneses resistiam, e os navios da Marinha haviam terminado seu trabalho como baterias de artilharia e pararam de atirar.⁷⁵⁵ Mais ou menos às 17 horas, a King e a Item tinham avançado apenas 350 metros, quando se entrincheiraram para pernoitar. Uma hora depois, chegaram alguns pelotões como reforços. Horas após a chegada deles, elementos das forças inimigas se infiltraram nas fileiras americanas, provocando breves, mas ferozes trocas de tiros. Espalhadas por toda a extensão de Peleliu e Ngesebus, guarnições de morteiros dispararam projéteis de iluminação, de modo que às vezes uns poucos sobrepairassem as posições deles ao mesmo tempo.⁷⁵⁶

Na manhã seguinte, iniciaram o ataque às 6h30 e, às 8 horas, os primeiros fuzileiros começaram a chegar à extremidade oposta do litoral de Ngesebus.⁷⁵⁷ Antes que pudessem relaxar, “um grande canhão japonês de 77

milímetros disparou à queima-roupa contra as companhias de fuzileiros”.⁷⁵⁸ A Companhia King não participou do tiroteio, combate que eliminou a guarnição do canhão inimigo. Entre todas as companhias, era a que tinha sofrido o maior número de baixas na batalha pela tomada de Ngesebus (com três mortos e nove feridos) e as perdas mais graves desde a invasão.⁷⁵⁹ A maior parte do dia foi usada para “limpeza de terreno”, operação para terem certeza de que não haviam deixado de eliminar nenhum remanescente da resistência inimiga. Mas isso servia também para dar tempo aos fuzileiros de obterem recordações de guerra. Violar corpos inimigos era, pelo menos no que dizia respeito ao cabo Burgin, “uma prática comum”.

A atitude vulgar de seus amigos de pilhar corpos inimigos, combinada com o trauma resultante da súbita devastação provocada pelo canhão de 77 milímetros inimigo, encheu os olhos de Gene de lágrimas. “Tão cansado e emotivamente esgotado por haver sentido medo durante sete dias seguidos, era como se eu não tivesse mais forças para nada.”⁷⁶⁰ Na ocasião, Sledge tomaria nota das palavras de incentivo ditas a ele pelo tenente do pelotão, Charles Ellington. Apelidado de “Duke” por ter o mesmo sobrenome do famoso músico de jazz negro Duke Ellington, o tenente o tinha visto combater e revelou a ele: “Eu me senti assim também.” O gesto do oficial ajudou Eugene, que passou a ter um respeito especial por Duke, o mesmo que tinha por todos os oficiais da Companhia King, que ele via como homens fortes, corajosos e sinceros. Essa visão de Eugene refletia seu amor inato à ordem e à disciplina e seu respeito pelas autoridades. Precisava acreditar agora, mais do que nunca, na coragem e na retidão de seus comandantes. No entanto, em sua maneira de ver as coisas, Sledge deixou de notar o ódio crescente no cabo Burgin, que duvidava da coragem do tenente Ellington nos campos de batalha. Para ele, Duke nunca parecia estar no lugar certo, nos locais em que os combates eram travados.⁷⁶¹

Quando a ordem chegou, voltaram marchando para a praia da invasão, onde estrugiam os trovões da artilharia em Peleliu. Uma unidade do Exército substituiu o 3/5 às 18 horas. Os blindados CLAnfs levaram a King para Peleliu, cujos membros, depois, foram transportados de caminhão para um local no sul, próximo às Colinas Sangrentas, e, em seguida, para o leste, atravessando a primeira via elevada, até o QG do regimento, instalado na primeira das ilhotas da região. O fato de ficarem tão perto de Purple Beach, a nova área portuária, os fez ter a esperança de que estivessem sendo levados para lá como preparativo de um embarque rumo a outro destino.⁷⁶² Após uma boa noite de sono, a Companhia King teve pela frente um longo dia de chuva, em que limpou as armas, recebeu comida quente da cozinha de campanha e pôde tentar confirmar se o boato sobre a partida deles tinha fundamento.⁷⁶³

* * *

O praça Sidney Phillips não se empolgou muito com a vida na BAeN de Boca Chica, mesmo depois de saber que ficava apenas a uns 12 quilômetros a norte de Key West, Flórida. A maior parte dos membros da base era,

como ele, de veteranos da 1ª. DIFN recém-chegados. Nenhum deles gostou do fato de os terem aquartelado num lugar isolado ou, mais precisamente, numa das ilhotas que se estendia para o golfo do México, pois o fuzileiro só conseguiria chegar a Miami se tivesse um fim de semana inteiro de licença. A tarefa de vigiar o portão principal, os tanques de gasolina e outras importantes instalações do governo parecia quase sem sentido para eles.

A maioria dos pilotos da Marinha estacionados na base tinha acabado de cursar a escola de aviação e recebido as douradas insígnias de aviador. Geralmente, o primeiro gostinho da prestigiosa magia de atuar como piloto, combinado com o soldo considerável e o respeito que se tinha pelos oficiais, os deixava envaidecidos e confiantes demais. Portanto, podia acontecer de guardas-marinha olharem com desprezo para os subalternos fuzileiros de guarda no portão e até lhes agradecer por “vigiarem seus aviões”. Já os oficiais veteranos achavam que, às vezes, era melhor não tratar os briosos fuzileiros dessa forma. Certa tarde, porém, uma viatura com quatro capitães a bordo parou no portão principal. Sid notou as quatro listras de patente no uniforme dos oficiais, mas viu também que um deles não trazia consigo a plaqueta de identificação. Diante disso, não acenou para que passassem pelo portão. O altivo veterano, com um grande “1” na insígnia do ombro, ia questioná-lo sobre a ausência da plaqueta, mas a viatura fez menção de avançar pelo portão. “Nisso, Sid pôs minha mão em meu revólver e mandou que parassem, fez todos saírem do carro e os conduziu até o posto da guarda para liberá-los, depois de cumpridos os procedimentos formais de permissão de ingresso. Fez tudo isso educadamente, mas com firmeza e as indispensáveis continências.”

Sid e os outros veteranos adoravam tratar com disfarçada irreverência colegas de outros setores da Marinha. Assim, outros oficiais da Marinha que chegassem ao portão principal podiam ser solicitados a sair da viatura e abrir o porta-malas para inspeção. Marinheiros que tentassem entrar clandestinamente na base, através de uma passagem ilegal na cerca, talvez ouvissem um tiro, que os fazia achar que havia sido disparado contra eles, dissuadindo-os, assim, de tentarem entrar sem autorização. Esses tipos de atitude fizeram Sid e seus amigos ganharem a fama de “veteranos do Pacífico maus e caxias”.

Mas Sid acabou fazendo algumas visitas a Key West, até porque havia na cidade um bar ao lado outro. Certa feita, Sid foi a tantos deles de uma vez só que, no dia seguinte, acordou bêbado numa boate de striptease, mas num estado em que conseguiu ver os colegas explicando a PMs por que não deviam se preocupar com ele. Logo depois, viu, próximo ao cotovelo direito, uma jovem “rebolando e requebrando... ao som do Hino de Guerra Havaiano”. A moça estava encharcada de suor e tinha cabelos longos e revoltos. “Achei que ela não era muito atraente e resolvi deixar o corpo voltar a desabar, estendendo-se no chão. Eu teria que aguentar vários dos longos sermões do Decano se ele tivesse visto isso.”

Às 8 horas do dia 1º. de outubro, chegou a vez do 3/5. Os outros dois batalhões do 5º. RIFN permaneceram em relativa segurança enquanto Sledge e seus colegas marchavam em direção às Colinas Sangrentas.⁷⁶⁴ O 3º. Batalhão havia sido coligado ao 7º. RIFN, cujo comandante anunciou que sua unidade “faria um ataque

devastador para aniquilar o restante da guarnição japonesa” presente no local.⁷⁶⁵ O 7º. continuaria o avanço para o norte iniciado pelo 1º. RIFN, comandado por Puller. A marcha da King, Item e Love para a linha de frente não estava muito longe de acontecer. De repente, avistaram as colinas. Com um incessante ataque contra as elevações, usando todas as armas de seu vasto arsenal, o corpo havia queimado e devastado a vegetação selvática que cobria o terreno, deixando as Colinas Sangrentas com várias de suas medonhas quebradas expostas.

O 3/5 substituiu o 2/7 no lado leste das colinas. Algumas unidades do 2/7, com efetivos equivalentes aos de companhias, desceram das colinas que já haviam sido tomadas ao inimigo. Desde 17 de setembro, os colegas rendidos pelo 3/5 não tinham ingerido nenhum alimento, nem haviam tido um lugar seguro para dormir. Receber munição e suprimentos médicos e retirar os feridos da área em conflito era uma tarefa difícil, relataram seus oficiais, já que havia atiradores de elite inimigos em toda a parte e o terreno era esquisito.⁷⁶⁶ Alguns fuzileiros conduziram os colegas da Companhia Item pelos íngremes caminhos até os taludes de corais para mostrar-lhes suas posições. A King e a Love permaneceram no fundo do vale, distantes do ponto de maior penetração do ataque. No céu sobre o sinistro terreno fervilhavam explosões abrasadoras e ameaças macabras. Os incessantes estrondos dos canhões eram o testemunho seguro de que, em algum lugar nas proximidades, alguém estava sendo ferido, tanto assim que, enquanto os pelotões da King tentavam achar suas posições naquela tarde, atiradores de elite japoneses mataram dois soldados americanos e feriram outros dois.

O início do ataque em direção ao norte não ocorreu no dia seguinte. O 2/7 deslocou-se para a direita, a fim de ficar de frente para uma solitária colina que se estendia ao longo da praia ao leste. O plano elaborado para o dia 3 de outubro envolvia a tarefa do 7º. RIFN de expugnar o cume que havia na frente dele. À esquerda do cume visado pelo 7º., num vale plano e descampado, ficava o reduto de corais conhecido como as Cinco Irmãs, o objetivo do 3/5.⁷⁶⁷

A GP-M2 engrossou os fogos de morteiros que outras equipes começaram a lançar às 6h30. Quinze minutos depois, a artilharia pesada abriu fogo, na tentativa de fazer os japoneses recuarem de suas posições de tiro e, assim, permitirem que os fuzileiros atacassem seus alvos de perto. Às 6h55, os projéteis com carga de alto poder destrutivo deram lugar a bombas de fumaça. Os fuzileiros da Item e da King tomaram a dianteira, num avanço pelo terreno plano e descalvado, com o bojo das Colinas Sangrentas estendendo-se à esquerda e as Cinco Irmãs situadas a uns 500 metros, bem na frente deles. No flanco direito do 3/5, dois tanques e três carros-lagarta do 7º. entraram pelo extenso vale conhecido como Ferradura. Na ponta direita, os fuzileiros do 7º. se lançaram de assalto sobre o cume que se elevava perto da praia.⁷⁶⁸

Embora os operadores dos morteiros de 60 milímetros não estivessem encabeçando a investida, ficaram sob o ataque direto dos tiros japoneses. “Quase todas as cavernas no lado direito do morro no flanco esquerdo estavam cheias de japoneses”, tal como o comandante da King, capitão Haldane, descobrira. “Tanques, lança-chamas portáteis, granadas, bazucas e cargas de demolição foram usadas para eliminá-los.” À Companhia Love coube a tarefa de varrer o inimigo das áreas da retaguarda da King e da Item, que avançavam.⁷⁶⁹ Diante da

constante mudança de aspecto das duras superfícies coralinas, aparentemente infundáveis, os fuzileiros viram-se obrigados a se manter atentos aos detalhes do terreno, em razão dos traiçoeiros tiros de armas portáteis do inimigo. Durante esse difícil trabalho, os fuzileiros passaram a antipatizar com o emprego dos CLANfs munidos de lança-chamas, conhecidos também como “Ronsons”, apelido originário de uma marca de isqueiro.⁷⁷⁰ Para ser eficaz no lançamento das chamas, o tanque tinha que chegar muito perto do alvo e, uma vez que blindados e tropa tinham de trabalhar em conjunto, isso obrigava os soldados a se aproximarem mais das casamatas do que quando pudessem combater ao lado de um tanque Sherman comum. Tudo que o Ronson conseguisse atacar com o lança-chamas, o Sherman podia atingir com um projétil de 75 milímetros de uma distância segura. Apesar de toda a terrível brutalidade dos viscosos lençóis de napalm, este causava menos destruição do que um projétil com carga explosiva de grande potência. E a Companhia King media seus êxitos pelos metros de terreno conquistados por violenta destruição imposta ao inimigo.

Os elementos da vanguarda da King alcançaram o sopé das Cinco Irmãs em pouco tempo. Um de seus pelotões deparou com um escabroso desfiladeiro na vertente esquerda das Irmãs e levou um tanque com ele para sondar o local. A Love aproximou-se deles pela direita, ao passo que a Item permaneceu na retaguarda para varrer os inimigos da área a tiros de peça, enquanto os fuzileiros iniciaram a escalada das encostas um, três, quatro e cinco do conjunto de elevações. Nesse entretempo, as guarnições de morteiros se mantiveram de prontidão para lançar fogo de supressão ou bombas de fumaça. Para saber a ocasião certa de intensificar o ataque e a necessidade de recuar, era preciso ser capaz de se fazer uma avaliação fria e objetiva dessas condições especiais de combate, condições em que nenhum deles tinha a mínima experiência. Coube ao capitão Haldane, o comandante da tropa, expor a riscos a vida de seus homens da forma mais cautelosa possível, enquanto procurava obter as conquistas que seus superiores exigiam dele. Haldane fez questão de tomar decisões, nesse sentido, postando-se ele mesmo na linha de frente do destacamento. Num terreno aparentemente sem nenhum tipo de abrigo e alvejado por tiros de fuzis disparados de locais ignorados, os integrantes da King foram obrigados a se atirar no chão.⁷⁷¹ Quando a intensidade dos disparos aumentou, solicitaram às guarnições de morteiros que lançassem bombas de fumaça. Assim que os canos dos 60 milímetros começaram a cuspir seus projéteis, a King recuou 200 metros. À direita, o 7º. RIFN teve que se retirar também da Ferradura por causa das baixas, tanto entre os soldados quanto entre as viaturas blindadas, pois as cavernas abrigavam canhões grandes o bastante para destruir cada um desses couraçados.⁷⁷²

O assalto custou a Companhia King a morte de sete soldados e cerca de trinta feridos, inclusive o sargento Hank Boyes.⁷⁷³ O alto número de baixas foi um choque para a tropa.⁷⁷⁴ Os soldados comeram um pouco de suas rações K, todos bastante conscientes do que a noite traria. A seção de morteiros havia usado quase todo o seu suprimento de projéteis iluminativos de 60 milímetros.⁷⁷⁵ Os inimigos devem ter visto os fuzileiros se entrincheirarem, pois pareciam saber em qual trincheira individual entrar e onde atirar suas granadas. Os invasores fizeram incursões durante a noite inteira. A situação ficou tão grave que, quando o sargento gritou: “Rapazes, vocês precisam de ajuda aí em cima?!”, recebeu uma resposta curta e grossa: “Feche o bico!”, por seu

ato inconveniente.⁷⁷⁶ Ao amanhecer, Sledge ouviu os colegas gritarem: “Desça, Joe!” e “Desça, Pete!”, enquanto matavam o restante dos nipos infiltrados a poucos metros uns dos outros.⁷⁷⁷ Assim que ficaram em segurança, os fuzileiros contaram 27 defuntos inimigos no reduzido perímetro ocupado pela companhia.⁷⁷⁸ Resolveram partir para as Cinco Irmãs novamente. Burgin e os membros das guarnições de morteiros alcançaram o sopé da encosta. Embora tivesse ouvido falar no sistema de cavernas, ficou impressionado ao vê-las. “O japa podia entrar correndo numa das entradas e reaparecer no outro lado do morro.” Alguns metros após a entrada, geralmente o túnel dobrava uns 90° para a esquerda ou para a direita e se estendia por alguns metros adiante. Essas sinuosidades e curvas bruscas ajudavam a proteger seus ocupantes. “Algumas das cavernas tinham portas de aço”, observou ele. “Mas acabamos conseguindo subir com nossas peças de artilharia e as derrubamos. Usando lança-chamas, arrancamos todos os japas de lá.”

“Era difícil”, comentou Sledge sobre a destruição de uma caverna, “nos aproximarmos o mínimo que fosse delas, por causa do fogo cruzado vindo de outras cavernas”.⁷⁷⁹ Como observador avançado de sua equipe, Burgin avançou com um grupo de elementos do serviço de inteligência. Acabou encontrando alguns fuzileiros amarrados e usados pelos japoneses como alvos para adestramento no uso de baionetas. Os soldados mortos tiveram “os testículos decepados, a garganta cortada e os membros mutilados. E quaisquer dessas práticas com a baioneta teria matado um homem. Mas eles, os japoneses, eles não sabiam quando parar. Simplesmente continuavam a cometer atrocidades contra o fuzileiro. E você não precisa muito desse tipo de coisa para... para sentir muito ódio”. Pouco antes das 10 horas, os tanques avançaram até a base das Cinco Irmãs para evacuar os feridos.⁷⁸⁰ Os fuzileiros posicionados adiante e acima de Burgin descobriram que as cavernas que eles tinham livrado da presença de inimigos no dia anterior estavam ocupadas novamente. Às vezes, o inimigo morto na entrada da caverna no dia anterior parecia uma “salsicha na chapa, chiando e estalando”, quando atingido pelo lança-chamas, mas uma bala ou uma série delas podia ser disparada a qualquer momento, como tiro de misericórdia.⁷⁸¹

Os pelotões da King e da Love alcançaram o cume, enquanto outros fuzileiros se esforçavam para avançar através do desfiladeiro, à esquerda. Ambas estavam tentando chegar ao segundo morro, a pouca distância deles, ao norte. As bombas de fumaça começaram a ser lançadas no início da tarde e, por volta das 17 horas, a linha de frente do destacamento teve que recuar uns 70 metros das Irmãs.⁷⁸² Meia hora depois, um projétil de morteiro de 155 milímetros explodiu perto da base do 3/5.⁷⁸³ A lista de baixas do dia aumentou para seis homens mortos e treze feridos.⁷⁸⁴ O capitão Haldane manteve alguns homens consigo para conservar a linha de frente a uns 300 metros ao sul das Cinco Irmãs durante o pernoite. Além disso, fez a King avançar um pouco mais para o sul, até um ponto em que ela contornasse a base sul das Colinas Sangrentas.

A companhia de Sledge entrou na área em que o 1º RIFN fora destroçado no Dia D. Muitos membros do 7º haviam tombado ali também, mas seus corpos foram removidos. Os inimigos mortos, todavia, continuaram lá. Ao olhar em volta, Burgin viu corpos em toda a parte, que “inchavam e ficavam totalmente cobertos por

moscas, da boca a tudo o mais”. Com tanta comida, as varejeiras se reproduziam rapidamente e logo havia grandes enxames delas. Seus movimentos perto de um dos corpos fazia um número enorme delas revoarem ruidosamente, num enxame “tão denso que chegava a fazer sombra, como se uma nuvem pairasse sobre eles e o sol”. As moscas atrapalhavam os fuzileiros na hora do rancho, pois podiam pousar na ração quando era aberta e assim que ia ser ingerida. Era enxotar uma que outra aparecia logo. De tão insistentes, o fuzileiro “não conseguia comer”. O fedor dos corpos em decomposição, misturado com as fezes ao ar livre, parecia impregnar tudo. O mau cheiro “era tão desagradável que acho que nenhum ser humano deveria ser obrigado a suportá-lo”.

Exausto após o assalto às Cinco Irmãs, Burgin obteve permissão para procurar um lugar um pouco mais na retaguarda. Acabou se instalando numa cratera aberta por explosão, perto das baterias de morteiros de 81 milímetros, e adormeceu. Os morteiros foram usados durante toda a noite para manter o inimigo sob tiro de inquietação e fornecer iluminação com bombas. “Ouvi o disparo de uns três projéteis e só”, até o sargento acordá-lo de manhã, às 8 horas.

No amanhecer do dia 5 de outubro, o comandante da 1ª. DIFN, general Rupertus, viu-se numa situação difícil, pois um de seus regimentos fora enviado de volta para Pavuvu, arruinado. Outro deles, o 7º., havia perdido sua eficácia de combate. Ademais, a recente investida do 5º. contra as colinas causara um número de baixas igualmente alarmante e tinha conseguido pouco avanço no campo de batalha. Segundo as palavras de um oficial superior, “predominava em todos uma sensação de desânimo e impotência”.⁷⁸⁵ O tenente-coronel Shofner testemunhou o fato, já que, pouco antes, tinha sido banido definitivamente para o QG da divisão de Rupertus.

O coronel Harold D. “Bucky” Harris, do 5º. RIFN, fez uma reunião com Shofner no fim de setembro, na qual lhe disse que, sob muitos aspectos, o achava um ótimo oficial, além de excelente fuzileiro. Contudo, Harris recomendara que Shofner “fosse transferido para os Estados Unidos pelo período de um ano antes de voltar a servir nos campos de batalha”. O comandante do 5º. RIFN “acreditava que o estresse causado durante o tempo que ele passou como prisioneiro dos japoneses lhe havia causado uma doença nervosa que, por enquanto, tornava inconveniente a permanência do oficial nos campos de batalha”. Com esse relatório de aptidão militar, o coronel Harris sabia que estava pondo um fim à carreira de Shofner como oficial da frente de combate. Shofner, que só queria lutar, tinha plena consciência disso quando o assinou.⁷⁸⁶

Três dias depois, porém, sobreveio um acaso feliz. O chefe da polícia militar da divisão feriu-se em 3 de outubro. O Engenhoso foi nomeado seu substituto, além de receber o comando do estado-maior da divisão, enquanto a recomendação de Harris para a transferência dele era enviada a autoridades superiores. Não houve quem não percebesse o caráter irônico da nova incumbência de Shofner, que incluía a supervisão dos prisioneiros de guerra inimigos.

Enquanto supervisionava o QG da divisão, Shofner soube da dificuldade de Rupertus. Mas é possível que

não tenha sabido que o general passara o comando das futuras operações em Peleliu para Bucky Harris, que não apenas comandava o mais poderoso regimento, mas tinha também advertido Rupertus que evitasse bombardear de frente a fortaleza de corais. Quando o “ataque com a força máxima” do 5º. e do 7º. fracassou, em seu objetivo de conseguir o maior número de ganhos possível, o general convocou Bucky para uma reunião secreta, na qual este prorrrompeu em lágrimas e se queixou: “Estou no limite de minhas forças!” Em 5 de outubro, ele deu permissão a Harry para procurar outra forma de quebrar a resistência do inimigo.⁷⁸⁷

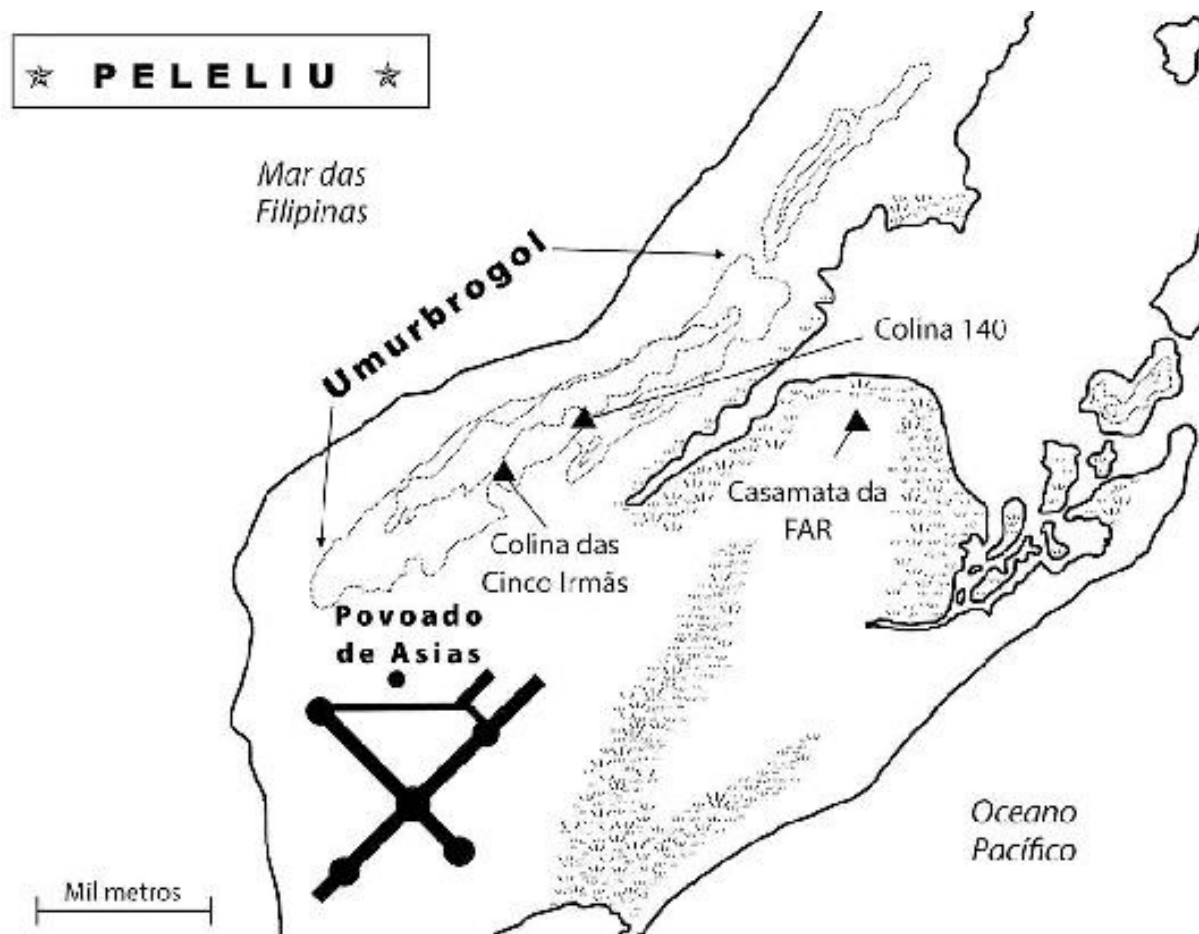
O coronel Bucky Harris embarcou num pequeno avião de reconhecimento, em que sobrevoou de uma ponta à outra a pequena área, à procura do lugar certo, contra o qual pudesse lançar o 5º. RIFN. Sua escolha afetaria tanto os rumos da vida de Shofner quanto os da vida dos membros do GP-M4, quase na mesma medida que aos do Engenhoso.

A GP-M4 passou o dia 6 de outubro executando tiro de inquietação.⁷⁸⁸ Burgin deu ordens para que efetuassem tiro progressivo à esquerda e à direita. Snafu ajustou o azimute, enquanto Sledge removeu o devido número de cargas excedentes da base do projétil, levantou-o e soltou-o dentro do cano quando recebeu ordem para fazê-lo. Os tiros disparados por eles e por outras guarnições de 60 milímetros forneceram um fogo de cobertura que permitiu muita movimentação e a reorganização das tropas Aliadas na linha de frente.

O 7º. RIFN aproveitou a cobertura para se desempacar da linha de combate. Tinham como objetivo alcançar Purple Beach e marchar para Pavuvu, deixando a batalha para o 5º.. Bucky enviou o 2/5 e a maior parte de seus blindados para as proximidades da West Road e as áreas limítrofes setentrionais da fortaleza japonesa. Quando estivessem prontos, atacariam as posições inimigas ao sul. Uma mistura de fuzileiros e unidades de apoio guarneceu uma linha defensiva na frente das Cinco Irmãs, no Vale da Ferradura e na colina do leste. Peças de artilharia pesada foram enviadas para apoiar as operações desses combatentes. Enquanto esses soldados procuravam assentar posições de combate, os morteiros de 60 milímetros do 3/5 não cessaram de atirar. Fazer o 7º. RIFN alcançar a colina leste, onde seus integrantes conseguiram avançar um pouco, exigiu muitas bombas de fumaça e a cobertura protetora do manto noturno. O 1º. Batalhão substituiu o 7º. — com ordens para que seus integrantes levassem consigo uma unidade de fogo e uma quantidade de ração suficiente para um dia.¹⁵

Em 7 de outubro, os três batalhões de Bucky atacaram de três direções. Porém, os membros da Companhia King permaneceram em suas posições, enquanto a Love e a Item tentavam penetrar pelas Cinco Irmãs. O 2/5 avançou sobre elas de outra direção e o 1/5 efetuou disparos contra as elevações do outro lado do Vale da Ferradura.⁷⁸⁹ Os grandes canhões do 7º. RIFN, a artilharia, apoiou o esforço deles, como sempre. A Item avançou cerca de 200 metros pelo Vale da Ferradura, com seus fuzileiros e os tanques destroçando e incendiando muitas cavernas, antes que as balas do inimigo, disparadas de três direções, tornassem indefensável a posição deles. Quando tentou seguir para o norte através de um desfiladeiro, a Love foi subitamente detida em seu avanço. Os morteiros cobriram com a fumaça de suas bombas toda a linha de frente para proteger sua

retirada. A Love e a Item haviam perdido doze soldados, dos quais oito feridos e quatro mortos. Voltaram a se reunir à King, e o 3/5 passou os dois dias seguintes um pouco ao sul da terra de ninguém. A posição ocupada por eles ficava entre o aeroporto e as colinas.



Martin K. A. Morgan

Os Corsairs do CFNA sobrevoaram a posição do 3/5, em missões de bombardeio, de tão curta duração, que os pilotos não tiveram tempo nem a necessidade de recolherem seus trens de pouso. Tal como solicitado, no dia 8 os aviões lançaram bombas de 230 quilos nos desfiladeiros e nas escarpas.⁷⁹⁰ Harris ordenou também que os aviões lançassem centenas de quilos de napalm nas partes ocidental e setentrional da fortaleza japonesa, para que destruíssem um pouco mais a vegetação que os ocultava. Logo depois, o coronel ordenou que atacassem os novos alvos com maciços fogos de artilharia.⁷⁹¹ Recorreu ao emprego do máximo poder de fogo de que podia dispor na ocasião, enquanto dois de seus batalhões, o 1/5 e o 2/5, continuaram os combates em suas respectivas zonas de ação nos dias seguintes.

Enquanto isso, a King permanecia na área cheia de corpos de soldados mortos, fezes e edificações arruinadas, alimentando-se com ração fria, aguardando sua vez de agir.⁷⁹² Felizmente, a população de moscas havia diminuído, já que aeronaves tinham pulverizado produtos químicos sobre a ilha. Enquanto os obuses de 105 e 155 milímetros atiravam à queima-roupa contra quaisquer aberturas nas escarpas de corais, os fuzileiros ficaram quatro dias sem sofrer baixas.⁷⁹³ A missão recebida pela companhia de Sledge no dia 10, continuada

no dia seguinte, era localizar as origens dos projéteis dos atiradores de elite e dos morteiros, ainda disparados das colinas do extremo sul, das quais os japoneses tinham sido varridos pelo 1º. RIFN semanas antes. As missões de patrulha ao longo dos cumes se tornaram uma tarefa terrível para aqueles que atuavam lá, pois não achavam nenhum indício claro da presença do inimigo, tampouco conseguiam disparar um tiro certo contra ele — e tiveram uma baixa fatal, além de sete combatentes feridos.

Raramente os integrantes das guarnições de morteiros participavam dessas missões. No entanto, ver seus amigos dos pelotões de fuzileiros baquearem sob o disparo de um inimigo invisível deixava o cabo Burgin roxo de raiva, já que, na opinião dele, aquilo não era guerra. Atiradores de elite inimigos matando um soldado aqui e outro ali não impediriam a conquista da vitória pelos americanos. Era algo simplesmente maligno. O texano parecia sufocar de raiva e frustração. O inimigo “estava naquelas cavernas e você simplesmente não sabia quem... Você não conseguia ver o que estava combatendo. E eles não saíam de lá para enfrentá-lo...”. E os japoneses continuavam mesmo nas cavernas, vigiando em silêncio a presença do inimigo. Quando os americanos começavam a sondar outra parte da região, “eles efetuavam um ou dois disparos e depois sumiam”; as patrulhas “tinham muito trabalho para achar a caverna da qual eles atiravam...”.⁷⁹⁴

Nenhuma patrulha em missão de caça a atiradores de elite foi despachada em 11 de outubro. O comandante da King, Haldane, e os outros capitães do 3/5 foram se encontrar com os oficiais do 2º. Batalhão para serem inteirados da posição deles no lado norte das colinas. Ficaram sabendo que outro plano de impetuoso assalto contra o inferno de corais estava em andamento. Seus oficiais estavam pelo menos tentando achar outra forma de penetrar a fortaleza do inimigo. Quando iniciaram essas tentativas, Sledge sempre ouvia os fuzileiros exclamarem: “Ainda bem que ‘Bucky’ é o nosso comandante, e não o Peitudo!” A demora na execução das ações aumentou o tédio, que foi impregnando aos poucos o espírito dos fuzileiros da Companhia King, que haviam permanecido na borda externa da zona de combate por quase uma semana. Alguns dos rapazes queriam pegar lembranças de guerra das cavernas próximas. Embora tivessem recebido ordens para não irem à cata de espadas de samurai e coisas do tipo, alguns dos “cabeças-duras”, tal como Sledge os chamava, “entravam nelas em busca de lembranças e nunca mais voltavam”.

O QG da 1ª. DIFN no aeródromo havia se transformado num complexo impressionante. Milhares de homens operavam o aeroporto e davam apoio aos combatentes. As trincheiras individuais dos combatentes, localizadas na extremidade sul das colinas, não ficavam muito distantes dos homens que se abrigavam em barracas de campanha, onde cuidavam de seus afazeres diários.⁷⁹⁵ Assim, o comandante do batalhão do estado-maior, tenente-coronel Shofner, vivia em estreita proximidade com os soldados enquanto se desincumbia de suas tarefas cotidianas. Alguns de seus fuzileiros mantinham o QG da divisão limpo e bem-cuidado. Com seu jeito exigente de ser, providenciava para que jamais deixassem de fazer o trabalho deles.⁷⁹⁶

Em seu posto de chefe de polícia militar, Shofner comandava a unidade de policiais militares da divisão. Os PMs vigiavam os depósitos de suprimentos e orientavam o tráfego de viaturas. Mas seus homens capturavam

trânsfugas também, que eram levados de volta para suas unidades. Embora, entre esses, houvesse fuzileiros das companhias da linha de combate incapazes de explicar por que estavam tão longe de suas trincheiras individuais, havia também soldados de unidades de serviço que não sabiam explicar aos PMs por que iam parar na linha de frente. O problema de “fuzileiros de unidades de apoio escalando as colinas... à procura de suvenires para negociá-los com marinheiros” ficou tão grave que alguns oficiais chegaram à mesma conclusão, quase ao mesmo tempo. Shofner ordenou que “fuzileiros perto da linha de frente sem a posse das armas” recebessem “outras e fossem encaminhados para uma companhia de fuzileiros participante da missão de assalto, onde permaneciam até que seus próprios oficiais fossem buscá-los. Todos os fuzileiros em retirada da linha de frente eram incumbidos de atuar como maqueiros, a fim de que descessem com feridos pelas escarpas íngremes e os levassem para as ambulâncias”.⁷⁹⁷ Com outros oficiais emitindo ordens parecidas, as selvagens viagens de turismo terminaram subitamente.

Com isso, Shofner, que queria voltar a combater, procurava punir marinheiros indisciplinados, enviando-os para a linha de combate durante o tempo que serviu como oficial do estado-maior ou, segundo os fuzileiros, que serviu “na retaguarda protegido pela guarda”. Somente uma coisa poderia ter sido pior para Shofner, o Engenhoso — ser enviado de volta para a terra natal.

Sua atribuição como chefe da polícia militar tinha um aspecto interessante: atuar como encarregado de cuidar dos prisioneiros de guerra. Ninguém esperava que os soldados imperiais japoneses fossem acabar se rendendo, embora houvesse sido feita uma tentativa de fazê-los se entregar. Duas semanas antes, entre 12 e 16 horas, haviam oferecido uma oportunidade de rendição a uma guarnição de inimigos posicionada nas colinas.⁷⁹⁸ Seis soldados japoneses saíram do abrigo e se renderam. Mais recentemente, corra o boato de que fuzileiros tinham descoberto uma caverna com 77 japonesas. Como as mulheres haviam se recusado a deixar o abrigo também, a caverna foi fechada. Não obstante, o chefe da polícia militar tinha prisioneiros de guerra à disposição, os quais falaram sem reservas, fornecendo valiosas informações ao serviço de inteligência. Um deles revelou que os elementos de sua guarnição, uma unidade recém-formada, tinham recebido ordens de “entrar na água nus” quando ocorresse uma invasão, “nadar até o ponto mais distante da praia possível e tentar tirar de ação, com explosivos, barcos de desembarque de pessoal”.⁷⁹⁹

Ao todo, algumas centenas de soldados da guarnição inimiga tinham sido capturadas até então. Muitos desses soldados eram coreanos recrutados como trabalhadores.⁸⁰⁰ Pelos menos dezessete dos prisioneiros encarcerados na prisão militar de campanha eram oriundos de Okinawa.⁸⁰¹ Tinham sido levados para a ilha com o objetivo de construir o aeroporto. Quando o alimento começou a escassear, os japoneses permitiram que os oquinauenses, trajando apenas tangas, se rendessem.¹⁶ Os poucos combatentes inimigos capturados, entre os quais membros da Marinha e do Exército japoneses, estavam feridos ou tão fracos, subnutridos e com tanta sede que não conseguiram opor nenhuma resistência. Na prisão militar americana, tinham camas de lona dobráveis, cobertores, água e, duas vezes por dia, caminhavam até o depósito de suprimentos para pegar rações. O coronel Shofner não deixou de tomar medidas para evitar que fuzileiros enraivecidos atirassem nos

prisioneiros, como se fossem “peixes num aquário”. Todavia, pelo que o Engenhoso pôde saber ou perceber, a recuperação da saúde dos japoneses apenas gerou desprezo por parte dos nipos, em vez de gratidão. Com a ajuda de oficiais intérpretes do CFNA, o Engenhoso fez questão de que os prisioneiros entendessem que ele tinha visto a forma pela qual os japoneses tratavam seus prisioneiros de guerra na China. Explicou-lhes, com alguns detalhes, sua própria experiência como prisioneiro de guerra nas Filipinas. Ordenou que o tradutor enfatizasse que, “em comparação com as condições que ele enfrentara, os prisioneiros japoneses estavam vivendo como reis”.⁸⁰² A ideia que mais queria transmitir e fazer com que entendessem — o ódio que sentia por eles — ele guardou para si, expressando-a no “japonês do campo de prisioneiros” que ele aprendera a duras penas.

Em 12 de outubro, o 3/5 partiu cedo. Seguiram pela West Road. Antes de alcançarem o cruzamento da East Road com a Colina das Estrelas, viraram à esquerda. Às 7 horas, o 3/5 começou a substituir o 2/5 no lado norte da parte defensiva final da fortaleza japonesa, situada na zona interiorana das colinas.⁸⁰³ A desnorteante mixórdia de estranhas características geográficas do terreno tinha recebido apelidos das unidades que combateram no local. O Exército mantivera uma posição de bloqueio nessa área semanas antes. O 7º, havia iniciado um assalto contra o terreno, mas suas unidades acabaram substituídas pelo 2/5. O problema com os apelidos, contudo, era que os soldados podiam discordar quanto ao lugar a que se referiam — principalmente nas regiões selváticas de Peleliu.⁸⁰⁴ Ocupar as posições do 2/5 como unidades substitutas — o terreno impedia o assentamento de qualquer coisa semelhante a linha de frente — exigiu muito cuidado, tanto que a Companhia Love teve que avançar para o leste ao máximo, até a extremidade da Colina 140, antes de virar-se e rumar para o sul. A Love tinha o flanco esquerdo protegido por uma escarpa vertical da colina. A King seguiu para a Colina 140, incumbida de proteger o flanco direito da Love, com a Item no flanco direito da King, enquanto o 3/5 se preparava para avançar em direção ao sul.

Para poder se orientar de manhã, o comandante da Companhia King, o “Antiaéreo” Haldane, fez um avanço pequeno e sorrateiro para sondar as condições de seu setor. Metralhadoras japonesas haviam impedido o avanço da unidade que a companhia dele tinha ido substituir. A substituição seria difícil. Ele precisava conhecer as posições do inimigo, mas um atirador de elite o localizou primeiro e o atingiu na cabeça. Até então, o capitão Andrew A. Haldane era considerado um líder com tanto prestígio que conseguia manter os membros de sua companhia convictos de que podiam cumprir essa missão. Enquanto outros oficiais diziam a seus homens: “Vocês conseguirão fazer isso”, ele profetizava: “Nós conseguiremos fazer isso”.⁸⁰⁵ A informação da morte do comandante espalhou-se pela tropa. O mensageiro de Haldane, Dick Higgins, ficou muito transtornado com a notícia, tanto que teve que ser contido por quatro soldados e levado para a retaguarda. Foi uma perda que comoveu a todos, engolfando Gene Sledge em profunda tristeza por ter que se separar para sempre de um homem tão talentoso e carismático.⁸⁰⁶ O capitão Haldane personificava tudo quanto E. B. Sledge adorava no CFNA. No íntimo, o comandante esperava que os integrantes de sua Companhia King

dessem de si próprios só o que ele mesmo dava de si: cem por cento de empenho nos combates. Chocada e sob o fogo inimigo, a Companhia King teve dificuldades para conseguir assentar posições.

O subcomandante da companhia, tenente Thomas J. “Stumpy” Stanley, tornou-se o novo comandante da unidade. O processo de rendição do 2/5 transcorreu lentamente nessa manhã e estendeu-se até a tarde, enquanto o comandante ordenava que seus líderes de pelotão conduzissem seus homens na busca de posições avançadas.⁸⁰⁷ A área que o 3/5 ocupou fora preparada com tanques Sherman, que efetuavam disparos à queima-roupa, e Ronsons, que abriam com napalm clareiras de centenas de metros de diâmetro.⁸⁰⁸ Para ajudar os novos ocupantes de suas posições, os fuzileiros que partiram deixaram suas granadas e munições sobressalentes nas trincheiras individuais.⁸⁰⁹ As equipes de demolição informaram que, nas três grandes cavernas da área, “havia entre 400 e 500 japas mortos ou inconscientes, como resultado do ataque de projéteis e de napalm dos tanques”.⁸¹⁰ Para manter a coesão das ações e facilitar a comunicação, era necessário instalar fios de telefonia de campanha entre as posições dos pelotões e estabelecer as guarnições de morteiros em um lugar seguro. Além disso, os fuzileiros precisaram transportar a quatro mãos um obus de 75 milímetros para uma colina na posição avançada deles, as Colinas de Waddie, onde tiveram que montá-lo.⁸¹¹ Na falta de sacos de areia e terra suficientes, os fuzileiros levaram para o cume pedaços de blindagem também, na tentativa de criarem uma plataforma para o canhão. Nesses trabalhosos processos, alguns dos integrantes do 2º. Batalhão que tentavam sair de lá após o serviço foram atingidos pelo canhão inimigo, que feriu também sete soldados da King e matou um de seus combatentes.⁸¹²

Burgin estava ao lado do colega morto pelo atirador de elite japonês que o atingira na testa. O socorrista dos fuzileiros foi buscar seu corpo. Outro fuzileiro ocupou sua posição, situada na beira da íngreme encosta de corais, com quase 20 metros de altura e de onde se viam, mais adiante, outros acúmulos informes de corais. Como observador avançado, Burgin assumiu uma posição na linha de combate, com sua GP-M2 logo atrás. Todos os soldados postados na linha de tiro prepararam suas respectivas posições de ataque, distantes apenas alguns metros umas das outras. “E ficamos deitados na beira daquela coisa, atirando através do vale e matando um a um todo japa que avistássemos do outro lado.” Quando anoiteceu, adotaram o procedimento de sempre. Outro sim, outro não, os homens enfileirados na linha de ataque se revezaram nas asas do sono, enquanto outros mantinham a vigilância.

Após a meia-noite, Burgin ouviu dois homens lutando a duas trincheiras da dele. Mas não conseguia ver bem o que estava acontecendo nem podia sair de sua posição. Estariam sofrendo infiltrações? Será que algum fuzileiro acabaria ficando assustado e começaria a atirar nas sombras? Burgin pegou o fuzil, sentindo a adrenalina subir. De repente, um homem deu “um dos gritos mais pavorosos que ele tinha ouvido na vida ou que, tão apavorante assim, só ouvira falar a respeito” em histórias contadas por outros colegas. O grito veio de um combatente atirado pelo precipício. “E ele continuou gritando durante a queda inteira, até atingir o fundo.” Todos entraram em alerta, ansiosos para saber o que aconteceria em seguida. Quando, horas depois, amanheceu, Burgin perguntou ao colega o que havia acontecido. “Achei que eu ia morrer”, respondeu o colega,

“pois não conseguia me desvencilhar da gravata” do japonês. Teve a impressão de que ia desmaiar, mas a solução para se livrar do nipo lhe ocorreu como um relâmpago. “Segurei a cabeça do japa com uma das mãos... e arranquei os olhos dele com a outra.” Quando o japonês o soltou, o fuzileiro o agarrou “pela nuca e pelos fundos da calça e o atirou pelo precipício”. A história dele foi apenas uma de muitas outras na companhia naquela manhã. Mesmo com foguetes de iluminação pairando no céu, foi uma noite “muito conturbada”.⁸¹³

O dia foi agitado também para a guarnição de morteiros de Burgin, durante o qual efetuou disparos contra áreas avançadas para ajudar as patrulhas a achar vias de avanço. O terreno impedia o emprego de viaturas blindadas, mas fuzileiros da Companhia Item conseguiram algum progresso no setor deles. Fecharam a entrada de algumas cavernas, o que permitiu que a King seguisse para a Colina 140. Um obuseiro de dorso foi levado para a linha de frente, como forma de remover mais alguns obstáculos.⁸¹⁴ Antes de anoitecer, estenderam barreiras de concertina de arame um pouco à frente da linha de avanço. Quando, à noite, ouviram ruídos, os fuzileiros lançaram granadas. Ao amanhecer, depararam com seis invasores mortos.⁸¹⁵ Os elementos do posto avançado do 3/5 informaram que conseguiram ver o inimigo fazendo visitas à noite à pequena lagoa que havia no cânion. Isso lhes pareceu promissor. A artilharia tinha agora uma nova missão. À noite, enquadriaria a lagoa com fogo de barragem de vez em quando. Na primeira noite que tentou fazer isso, Bucky Harris relatou que sua artilharia conseguiu pegar de arrastão “24 nipos e, na segunda noite, uns doze”.⁸¹⁶

Na segunda noite, a King não estava presente no local para acompanhar a contagem dos inimigos mortos. Em 15 de outubro, guias levaram até eles soldados da 81ª. Divisão, os Wildcats. As metralhadoras e os atiradores de elite do inimigo não interromperam o processo de substituição das posições dos fuzileiros, sinal do progresso conseguido pelo 3/5.⁸¹⁷ O 3º. Batalhão, a penúltima unidade de fuzileiros ainda em combate, retirou-se em marcha para a West Road. Dali, seguiu para o extremo norte do terreno em que combatera. Enquanto, perto de Purple Beach, o restante do regimento desfrutava de banhos quentes e fazia o rancho nas cozinhas e campanha camufladas, as companhias do 3/5 se revezavam na vigilância da colina setentrional. Havia mais elementos de infiltração lá em cima, aos quais Harris enviou uma “generosa ração de ‘cerveja’”.

Tiveram um dia de descanso. Mais uma vez, Sledge teve a oportunidade de conversar com alguns soldados. “O Exército parecia nos considerar combatentes durões, capazes de realizar grandes coisas. Achei isso muito engraçado, pois não somos mais durões do que eles ou do que quaisquer outros. Somos apenas rapazes americanos, iguais a eles.” O 3/5 foi informado na manhã seguinte de que voltaria para os combates. O Exército, em sua investida contra a Colina 140, conseguira avançar rapidamente e acabou se vendo sob fogos inimigos lançados contra os flancos. O 3/5 recebeu ordens de fazer a limpeza das armas, encher os cantis e esperar. Os caminhões chegaram. Algum tempo depois, às 11 horas, o coronel Harris lhes deu algumas horas de folga. “Como sabia que ficariam muito tristes se perdessem uma última chance de atuar nas perigosas colinas de corais”, Bucky mandou que dessem outras duas latas de cerveja a cada soldado.⁸¹⁸

Nos dias seguintes, tiveram camas de lona, comida quente, banhos de chuveiro e até exhibições de filmes.⁸¹⁹

Podia ser longo o processo de redução da tensão da tropa, de modo que alguns fuzileiros conseguissem apresentar condições para desfrutar dessas conveniências básicas, típicas da vida comum.⁸²⁰ A Companhia King foi reorganizada em dois pelotões. Os únicos oficiais que ainda restavam da antiga composição da unidade eram Stumpy Stanley e Duke Ellington. Gene estimou em 64 por cento o total de baixas sofridas pela companhia. Contudo, por mais grave que isso fosse, os membros do 3/5 sabiam que o comandante do regimento arriscara o próprio pescoço por eles. Bucky Harris havia exigido que fosse tentada uma nova rota de acesso ao objetivo, em vez de continuarem batendo a cabeça, em seu avanço para o norte, rumo às Cinco Irmãs, contra a resistência inimiga deparada pelo caminho. Os combatentes ficaram muito gratos a ele por isso.⁸²¹

Embora o serviço diário de correios tivesse sido retomado, passaram-se três dias antes que Eugene conseguisse enviar correspondência aos pais. A cada novo carimbo postal, as cartas enviadas por eles foram ficando cada vez mais cheias de manifestações de angústia e desespero. A crescente preocupação de seus pais entre uma carta e outra fora agravada pelas notícias enviadas da Europa por seu irmão mais velho, que informava que havia sido ferido em combate pela segunda vez. Em 18 de outubro, Eugene lhes enviou uma curta mensagem, com postagem de entrega rápida, para avisar que estava tudo bem com ele. Pouco depois, a Cruz Vermelha fez a distribuição de material de papelaria, permitindo que ele enviasse uma carta mais detalhada, em que pedia desculpas pela demora no envio de notícias, pois sabia quanto estavam preocupados, mas explicou: “Estamos sempre combatendo, embora com breves interrupções aqui e ali e, por isso, não temos serviço postal.” Assegurou-lhes que o envio de cartas semanais seria retomado. Pensar nos pais o fez lançar-se, em voos imaginários, pelos bosques e campos ao redor de Georgia Cottage — onde o “outono acabara de chegar” — para longe dos trópicos, onde tudo “era de um calor sufocante e fedorento”. Em breve seu pai deixaria o lar para mergulhar num mar de lindas cores, com seus novos cães, em excursões de caça. “Procure pensar em quanto adoraria estar com você”, escreveu ele. Esperava que Sid acompanhasse seu pai nas caçadas e perguntou, caso o amigo fizesse isso, se não poderia tirar algumas fotos para ele. Gene pediu também uma foto do novo cãozinho da família, a que seus pais tinham dado o nome de Grunt.

Em 20 de outubro, realizaram uma pequena cerimônia no Cemitério Número Um das Forças Armadas Americanas em Peleliu: 1.058 soldados de todas as armas haviam baixado à terra para o descanso eterno, numa área a uns 50 metros da praia Laranja Dois.⁸²² O capitão Haldane foi enterrado quase no mesmo lugar em que havia desembarcado na praia, à frente da Companhia King, no Dia D. Se tivesse comparecido à cerimônia, Gene teria mais uma vez imerso em reflexões sobre os versos de “Prelúdio”, o poema de Kipling que fazia quatro semanas que lhe vinha fervilhando no imo do ser:

Comi do vosso pão e do vosso sal.

Bebi da vossa água e do vosso vinho.

Às mortes que perecesteis assisti ao vosso lado,

E as vidas que levastes eram minhas.

*Houve algo de que não compartilhei
Na vigília, no labor ou no folgar —
Alegria ou tristeza que não comunguei,
Queridos corações de além-mar?
Escrevi a história de nossas vidas
Para alegria de um povo abrigado
Em máscaras de zombaria — mas vós sois sábios
E sabeis quanto vale a folia, na flor dos lábios.⁸²³*

O número de inimigos mortos foi mais ou menos de 10.685 homens. Os corpos que não ficaram soterrados em suas próprias cavernas foram jogados em valas comuns, em locais convenientes, por turmas de sepultamento de unidades de serviço.⁸²⁴

Em 20 de outubro, o general MacArthur desembarcou na ilha de Leyte, nas Filipinas. Em meio ao que fora anunciado como uma atitude ousada, MacArthur tinha evitado Mindanao, a ilha situada no extremo sul do arquipélago. Sua volta teve a cobertura da imprensa mundial. O mundo considerou esse ato um passo decisivo a favor do fim da guerra. Para Shofner, o homem que ele criticara acerbamente havia meramente optado por invadir uma ilha menor e menos importante. A opção de ignorar Mindanao significava que a hora da libertação de seus amigos na Colônia Penal de Davao havia sido adiada e que o sofrimento deles continuaria.

* * *

A tinta dedicada à cobertura dos relatos de MacArthur nas Filipinas pareceu faltar para o espaço que se deveria dar à Batalha de Peleliu nas primeiras páginas dos jornais. Era óbvio que o motivo da decisão de tomar Peleliu, para proteger o flanco de MacArthur enquanto ele invadia Mindanao, se tornara controverso. Enquanto os membros da Companhia King descansavam, liam a correspondência e ouviam as notícias, esses dois fatos ficaram claros para todos que prestaram atenção neles. Gene Sledge foi dos que prestaram atenção e, quando lhe ocorreu a ideia de que todo aquele sacrifício havia sido inútil, ficou muito amargurado. “Foi tudo em vão.”⁸²⁵

É provável também que Gene e seus amigos tenham notado, com fundo pesar, que as unidades posicionadas ao redor do aeródromo e o restante do efetivo do 5º. RIFN, estacionado em Purple Beach, desfrutavam de condições superiores às do 3/5, postado na extremidade setentrional de Peleliu. Em seu local de combate, de vez em quando soldados japoneses perdidos desciam a colina e davam as caras, mesmo sob grande risco de morrerem. Jamais ocorreu aos fuzileiros navais tentar fazer com que os japoneses se rendessem. Eles os matavam imediatamente.⁸²⁶ Certa feita, Burgin viu seu amigo Jim Burke pegar emprestado um fuzil, de

um colega parado perto dele, matar friamente um japonês que caminhava pela beira da praia e agradecer ao colega após devolver a arma. Quando percebeu que ele atirou para matar, Burgin ficou impressionado por ver “quanto ele parecia calmo”.⁸²⁷

Dez dias de descanso não serviram para diminuir nem um pouco a exaustão deles. Em 27 de outubro, caminhões os levaram para Purple Beach. O 3/5 reuniu-se ao restante do regimento. Uma frota de CANf-SR começou a transportar aos poucos os membros do regimento para o navio-transporte de pessoal.⁸²⁸ Quando a Companhia King se reuniu na praia, Sledge viu “um brincalhão aparecer com uma antiga máquina fotográfica e tirar uma foto dos sobreviventes da Companhia K”. Na pose para a foto, alguns conseguiram sorrir.

O 5°. RIFN tinha sido levado para Peleliu em três navios-transportes de pessoal e seis NDCCs. Os “sobreviventes”, tal como Sledge os chamava, couberam todos no navio *USS Sea Runner*.⁸²⁹ Tiveram que escalar a rede de embarque a partir do CANf-SR para subir a bordo da nave. Os membros do 3/5 apresentaram-se no compartimento A2 do navio, puseram seu equipamento nas tarimbas e ficaram esperando os colegas embarcarem e lhes passarem os regulamentos. Quando anunciaram a hora do rancho, entraram na fila com seus utensílios e o novo cartão de rações. Os fuzileiros do 3°. Batalhão atuavam como sentinelas no quinto e sexto dias de viagem. Todos os soldados deveriam estar prontos para a inspeção diária às 10h30. Às 22 horas, seria a vez de uma inspeção de segurança. Pelo menos recebiam leite gelado e pão fresco após cumprirem a rotina disciplinar diária. O mar agitado atrasou o carregamento do equipamento deles e, somente dois dias depois de rígida disciplina a bordo, o *Sea Runner* finalmente levantou âncora.⁸³⁰ Segundo o boato que corria pela nave, estavam indo para a Austrália.

Sempre que alcançava uma região com um novo fuso horário, a tripulação do *Sea Runner* acertava os relógios de bordo, o que resultava na necessidade de acordar os fuzileiros uma hora mais cedo e, com certeza, provocava descontentamento entre eles. O navio chegou à baía de Macquitti, em Pavuvu, em 7 de novembro. No desembarque, ocorrido ao meio-dia, uma grande quantidade de correspondência, cerveja, Coca-Cola e listas de rodízio de contingentes esperava pela unidade.⁸³¹ Os nomes da maior parte dos que haviam entrado para a corporação após o ataque a Pearl Harbor e que tinham lutado em Guadalcanal constavam nas listas. Com algumas exceções, aqueles cujos nomes estavam na lista voltariam para casa. A primeira leva de substitutos já havia chegado.⁸³²

Quando desembarcou, Gene viu uma mulher da Cruz Vermelha servindo refrigerantes à tropa. A cena o deixou chocado. Tinha visto americanas em Pavuvu e na grande base de Guadalcanal, mas, em seu mundo de amarguras, não podia admitir em seu meio a delicada beleza e a civilidade que ela representava. “Assim como os políticos, ela não tem nada que fazer aqui”, pensou ele. Ao ver que Sledge hesitava em deixar o navio, um tenente ordenou: “OK, filho, andando.” Quando se virou, Sledge viu “um tenente dos fuzileiros de pele clara, com um uniforme novo em folha, impecável”.⁸³³ O jovem oficial olhou o veterano fixamente nos olhos, mas só viu indiferença, um olhar perdido na imensidão. A atitude de Sledge deixou o tenente constrangido, levando o

oficial a procurar rapidamente outra coisa para fazer. O momento representou parte do que Eugene Sledge tanto desejava conquistar em seu anseio de se tornar fuzileiro: a autoconfiança do combatente veterano. Compreendeu, porém, que seu olhar vago resultara não da calma de alguém que fora provado em situações difíceis e que conhecia a própria coragem. Na verdade, o fato é que teve a visão ofuscada por recordações de cenas de atrocidades explícitas, que o fizeram se desligar do mundo ao seu redor.

O tenente Micheel chegou a Alameda, Califórnia, em 1º de novembro de 1944, quase na mesma época de sua volta anterior, em dezembro de 1942. Contudo, dessa vez estava preparado para o trabalho de triagem e instrução que a Marinha submeteria os veteranos do 2º. Esquadrão de Bombardeiros. Assim que chegou, fez alguns telefonemas: para Jean Miller, sua namorada da Filadélfia, e para Ray Davis, seu antigo capitão, que ainda “pilotava” uma mesa numa base perto de Norfolk. Em 2 de novembro, o tenente Micheel recebeu ordens para apresentar-se na BAeN de Jacksonville, Flórida. Após desfrutar de uma licença de um mês, Mike se tornaria instrutor. Solicitou e obteve permissão para viajar em condução própria, mas foi para casa de trem, em Davenport, onde visitou os pais e fez outra visita aos pais de John Lough.

Precisou apenas de uma pequena quantia em dinheiro para trocar o Dodge cupê, ano 1936, que havia guardado num galpão, por um novo Dodge sedã. O problema era conseguir gasolina, que continuava racionada, deixando muitas pessoas revoltadas com essa situação. A Marinha lhe tinha dado alguns vales, mas não o suficiente para ir de carro a Jacksonville, passando pela Pensilvânia. No entanto, quando chegasse a Davenport, veria que havia um envelope com vales-combustível esperando por ele, fornecidos pelo pai de Jean. O bilhete incluído no envelope pelo pai da jovem tinha uma história engraçada, em que contava a forma pela qual ele conseguira, com certa malandragem, os vales extras para Mike. Os vales permitiram que Micheel conseguisse gasolina suficiente para chegar à Filadélfia, onde passou um feriadão inteiro com Jean e a família dela. Foi com o carro até Norfolk, onde varou uma noite pondo a conversa em dia com Ray, que lhe deu também vales suficientes para voltar de carro para Jacksonville.

Em 2 de novembro de 1944, o general de divisão William Rupertus apresentou um relatório sobre a aptidão para o serviço do tenente-coronel Austin Shofner, que fazia parte do estado-maior da divisão. Informou que Shofner havia melhorado em muitos aspectos. Na maioria das categorias de sua qualificação como oficial, sua nota foi “Excelente”, inclusive no que se refere ao treinamento de soldados, ao exercício do comando da tropa e às suas relações com outros oficiais. Em matéria de lealdade, foi considerado “extraordinário”. Já nos quesitos de cooperação, inteligência, discernimento, presença de espírito e liderança, o comandante da PM lhe deu “Muito bom”. Apesar das boas qualidades que via em Shofner, Rupertus acreditava que, “conforme relatado anteriormente, sua experiência como prisioneiro de guerra tornou o colega uma pessoa que se exalta com muita facilidade”. Embora tivesse verificado que a experiência de Shofner na prisão não “afetou sua coragem nem sua dedicação ao dever”, o general recomendava a dilatação do período de recuperação de Shofner, antes que recebesse permissão para voltar a combater. Cumpre notar que o general Rupertus preparou o relatório

sobre condições de aptidão física e mental no dia em que ele mesmo foi substituído em seu posto de comando e sumariamente enviado de volta para o país por seu fracasso em Peleliu.

Logo depois de voltar para Pavuvu, Shofner recebeu também uma carta do gabinete do comandante do CFNA tratando da questão de seu requerimento de indenização pela perda de objetos pessoais, obrigado a abandonar em Olongapo, no Natal de 1941. Foi informado de que, embora suas roupas, inclusive algumas peças exóticas, tais como seu lustroso terno sharkskin (espécie de tropical), se enquadrassem nas diretrizes de reembolso da corporação, muitos itens não constavam na “lista de compensações aprovadas” pela instituição, entre eles roupões de renda femininos, a coleção de bolsas femininas e as elegantes peças de decoração doméstica, como as estatuetas de elefante, esculpidas em marfim. No entanto, o chefe do departamento de pessoal resolvera não incluir no cálculo a “desvalorização” que Shofner mencionara em seu pedido de indenização e autorizou que cada centavo dos 2.621,90 dólares reivindicados fosse ressarcido.

O tenente-coronel Shofner recebeu a visita de Hank Boyes, seu sargento outrora no K/3/5. Hank se recuperara dos ferimentos e foi lhe pedir ajuda. O sargento Boyes contou ao Engenhoso uma história sobre o Dia D, em que usara um tanque para aniquilar as guarnições de algumas das principais plataformas de canhão do inimigo. “Subi no tanque”, relatou Boyes, “e informei a ele, o comandante do tanque, que éramos da K-3, mas não especifiquei que pertencíamos ao 5º. RIFN, e ele permaneceu conosco até as 14 horas, acabou ficando sem munição e descobriu que não éramos do 7º. RIFN”.⁸³⁴ Em outras palavras, Hank lançara mão de certa esperteza para manter o tanque por perto e ajudar a King nos combates. Quando o comandante do tanque, um tal de sargento Meyers, descobriu a verdade, Boyes tinha voltado correndo para seu regimento, mas não antes que o oficial superior de Meyers pudesse notar sua ausência. Agora, Meyers estava enfrentando uma corte marcial. O Engenhoso gostou da história de Hank e foi com satisfação que explicou ao comandante de Meyer que seu tanquista não fora negligente no cumprimento do dever. Com isso, as acusações contra Meyers foram arquivadas.

* * *

Pavuvu não parecia tão ruim para Eugene Sledge agora, até porque nenhum invasor interrompeu seu sono. Numa demonstração impressionante de dedicação ao filho, seus pais lhe tinham enviado 18 pacotes enquanto ele esteve em combate. Mas Sledge não lhes respondera imediatamente. Ele dormia, lanchava, tomava dois ou três banhos de chuveiro por dia e começou a ler algumas das novas revistas e cartas que recebera. Viu que o *Mobile Press* publicou uma reportagem sobre Peleliu como notícia de primeira página,⁸³⁵ na qual anunciava, com ênfase, “o mais esmagador bombardeio aéreo” que precedera a invasão. Talvez Gene tenha notado um fato fundamental, que passou despercebido pela maioria dos leitores então: o bombardeio prévio, que durara nove dias, havia se concentrado não em Peleliu, mas “em Babeltuape, a maior ilha das Palaus”. O jornal assegurava aos leitores que o CFNA tinha “coordenado” sua ofensiva contra a fortaleza do inimigo “com o general

MacArthur”.

Os jornais de Mobile publicaram muitas matérias sobre a marcha do Exército americano através da França, onde o irmão mais velho de Sledge servira. Entre as muitas cartas dos pais que Eugene leu, uma lhe informava que Edward tinha sido promovido a capitão. Já numa carta de Sidney Phillips, o amigo contou que quase morrera por causa de um furacão na base de Boca Chica. Disse que todo o pessoal da BAeN tinha sido evacuado antes da chegada da forte tempestade — todos, exceto os fuzileiros navais, que haviam sido deixados lá para vigiar o que ficasse de pé. Sid relatou a história como se fosse uma piada muito engraçada.

Eugene não estava muito disposto a escrever. O aniversário do CFNA, em 10 de novembro, data comemorativa que merecera da parte dele uma carta cheia de entusiasmo no ano anterior, não foi sequer mencionada. Ele foi visitar os amigos de Sid do H/2/1, pois queria saber como haviam se saído. Entre os colegas com os quais conversou, talvez estivesse o Decano, que sobrevivera aos combates em Peleliu e estava aguardando o momento de ser levado para casa. A 1ª. DIFN nunca sofrera tantas baixas quanto em Peleliu e muitos fuzileiros sentiam a mesma necessidade de saber o que acontecera com outros colegas. Na ilha inteira, colegas de outras unidades apareciam na área de ocupação de outras companhias para saber notícias sobre um amigo. Bill Leyden, um dos fuzileiros da Companhia King, circulou entre os membros da unidade à procura de informações sobre amigos seus. Soube que alguns estavam no hospital em Banika, uma ilha próxima, e que outros haviam ficado tão gravemente feridos que tinham sido embarcados num navio com destino aos *States*. Mas, quase sempre, ao indagar sobre o paradeiro de um grande amigo: “Seus colegas — de alojamento — contavam como ele havia morrido e você ficava com o olhar triste e perdido ... mas depois diziam: ‘Sente-se um pouco’ e ofereciam uma cerveja, caso tivessem ... , pois sabiam como a gente se sentia. E depois você voltava para a própria unidade.” A essa altura, Gene já tinha um número considerável de histórias sobre o destino de integrantes do CFNA. O 2/1, do Decano, sofrera mais baixas em cinco dias de combate em Peleliu do que o 3/5 em trinta. Ainda que veterano, o Decano ficara chocado com a resistência inexpugnável das fortificações do inimigo, mesmo diante de bombardeios brutais e implacáveis. Na opinião dele, Peleliu fora “a Corregidor japonesa”.

A primeira vez em que Sledge se dera o trabalho de escrever deve ter sido para registrar alguns fatos específicos sobre as batalhas de Peleliu e Ngesebus.⁸³⁶ Das lembranças ele não se esqueceria, mas os detalhes seriam perdidos se não fossem registrados por escrito, e E. B. Sledge compreendia a importância desses detalhes. Depois de algumas semanas, voltou a escrever aos pais com regularidade. Os atrasados parabéns pelo aniversário da corporação por parte de seus pais começaram a chegar no fim de novembro, numa carta em que o amor manifestado por eles o comoveu, levando-o a responder com o mesmo carinho. Conseguira guardar as conchas que coletara em Peleliu e fizera um colar com elas para sua mãe. “Levei-as comigo durante toda aquela operação e durante Ngesebus”, contou a ele. “Espero que goste, pois essas lindas conchinhas vieram de um lugar tão pavoroso que a senhora não deixará de apreciar sua beleza e saber que ... você esteve em meu pensamento o tempo todo.” Enquanto ele escrevia para os pais, chegou um novo lote de correspondências. Como sempre, recebeu um pacote, no qual o pai lhe enviou uma pistola automática Colt .45 — a melhor coisa

para atravessar noites em meio a combates. Embora compartilhasse as guloseimas com os colegas da barraca, a .45 se tornou sua “menina dos olhos”, da qual “cuidava como se ela fosse uma criança”. A pistola representava os laços profundos que havia entre ele e o pai, em razão da paixão de ambos pela caça. “Papai, sei que estou mais perto de você do que qualquer dos rapazes, em seus sonhos de estarem junto aos pais deles.”

Em 29 de novembro, chegou outro navio cheio de substitutos ao atracadouro de aço. Um grande número de veteranos devolveu suas armas e preparou-se para partir. O sargento Elmo Murray Haney embarcou no navio também. Depois de apenas alguns dias em Peleliu, “Pop” Haney chegara à conclusão de que combater “era coisa para jovens” e resolvera abandonar os campos de batalha, mas ninguém viu com malícia a decisão do veterano de 46 anos de idade, que se oferecera como voluntário para lutar por seu país.⁸³⁷ Haney seguiu para os Estados Unidos após ser promovido a sargento de pelotão.⁸³⁸ Richard Higgins, o antigo mensageiro do capitão Haldane, recebeu também passagem de volta para casa após participar de três batalhas. O novo comandante da King, Stumpy Stanley, deu a Higgins os pertences do falecido capitão: um livro de bolso, uma bandeira e mais algumas lembranças. Em nome da companhia, Stumpy ordenou que Higgins fosse visitar os pais de Andy Haldane. Muitos integrantes da King estavam presentes no cais quando os veteranos de Guadalcanal começaram a subir a rampa de embarque. “A Rubber Lipped Division Band deu o melhor de si”, observou Stumpy com satisfação, para dar a eles “uma homenagem de despedida decente”.⁸³⁹ A banda havia aprendido a tocar *Waltzing Matilda*, a canção pela qual se apaixonaram em Melbourne e que se tornou o hino deles. Tal como os Antigos Guerreiros que os antecederam, os “Homens de Guadalcanal” zarparam de volta para a pátria, confiando a 1ª. DIFN às mãos da geração seguinte.

A chegada da nova leva de substitutos implicava a necessidade de reorganização da tropa. O sargento Hank Boyes tornou-se o sargento de pelotão da Companhia King.⁸⁴⁰ Já o tenente George Loveday, que servira na companhia de armamentos do 3/5 em Peleliu, foi promovido a subcomandante. R. V. Burgin conseguiu o posto de sargento, atuando como sargenteante da seção de morteiros, que teve o número de armas aumentado para três. A seção de morteiros perdeu Duke Ellington, que foi transferido, e recebeu como membro o tenente Robert MacKenzie, recém-saído da Escola de Formação de Oficiais (EFO). Outros novos tenentes se juntaram à companhia, principalmente aos pelotões de fuzileiros. Hank Boyes levou cada um dos oficiais a um canto e disse: “Tenente, gostaria que conhecesse os nossos graduados. São combatentes bons e experientes. Você poderá aprender muito se observá-los, conviver bastante com eles e fizer perguntas.”⁸⁴¹

Eugene não foi promovido. Todavia, ganhou o que sempre cobiçara: a fama, conforme diziam então, de ser “um bom combatente nos campos de batalha”. O respeito dos colegas era tudo para ele. O exemplo dos que foram bons fuzileiros em Peleliu era o padrão de competência que os substitutos deveriam alcançar, independentemente da posição hierárquica. Era impossível que os recém-chegados não entendessem o olhar fixo e distante, ou seja, a maneira de demonstrar tédio, que os veteranos apresentavam às vezes.⁸⁴² Tal como outrora, quando os Antigos Veteranos cumprimentaram os fuzileiros de Guadalcanal, os substitutos aprenderiam quem os heróis do K/3/5 eram: dizendo a eles que era pouco provável que conseguiriam igualar

seu padrão de combatentes. Embora todos os veteranos da Companhia King tivessem histórias de coragem para contar, a de um deles era a mais impressionante de todas.

No início de dezembro, os destacamentos de serviço terminaram de criar um campo de beisebol em Pavuvu, num terreno cheio de coqueiros, próximo ao qual penduraram uma grande placa num pedestal de madeira com a inscrição “Campo de Beisebol Haldane”.⁸⁴³ Trinta fuzileiros participaram da festa de inauguração, na qual efetuaram três salvas de tiros. Esses mesmos trinta fuzileiros haviam combatido sob a liderança do capitão Andrew Haldane durante a “Batalha do Riacho Suicida”, em Cape Gloucester, e seguido com ele através das áreas devastadas de Peleliu e Ngesebus. Achavam que, de todos os amigos que haviam perdido, esse eles precisavam honrar reunidos em grupo. Sabiam que Andrew Haldane via a si mesmo como um homem que estava lá para cumprir o seu dever, em vez de um sujeito que só pensava em zelar pela carreira de oficial.⁸⁴⁴ Entrara para a reserva do CFNA enquanto frequentava o Bowdoin College, no qual concluíra o curso de formação de oficiais a tempo de servir em Guadalcanal, onde provara o seu valor. Havia tombado apenas 48 horas antes de seguir viagem de volta ao lar. Na homenagem do campo dedicado à memória dele, um dos majores do batalhão de comando tentou dizer aquilo que o sargento Hank Boyes escreveria depois: “Haldane foi um líder extraordinário, com sua calma, seu jeito de considerar todas as possibilidades antes de agir e sua coragem para tomar decisões. Com certeza, foi um exemplo e era respeitado por todos os integrantes da Companhia K.”⁸⁴⁵ Após a cerimônia, os rapazes tiraram a camisa, vestiram o calção e, numa bela tarde ensolarada, os oficiais do regimento enfrentaram um time formado por membros do 3/5. O placar do jogo inaugural no Campo Haldane ficou zerado até quase o fim da partida, quando os praças conseguiram marcar dois pontos.

O tenente-coronel Shofner olhou as listas de rodízio de serviços com a esperança de não achar seu nome nelas. Queria muito voltar a liderar tropas em combate: por um lado, porque era fuzileiro profissional; por outro, porque precisava remover a mancha que tisonava sua folha de serviços como militar. Duas coisas o favoreciam. A saída de cena do general Rupertus era uma delas. A outra era a iminente possibilidade de alguns dos veteranos de Guadalcanal serem convocados para participar de uma quarta campanha. Mas, como sabiam muito bem todos os oficiais superiores, isso representava um “sério desafio relacionado ao moral da tropa”.⁸⁴⁶ O plano, iniciado no início de novembro, levaria vários meses para ser concluído, pois o soldado só era rendido quando outro chegava para substituí-lo. A divisão achava que, quando o processo terminasse, suas fileiras seriam divididas em três grupos. Um terço dos homens seria formado por veteranos de duas batalhas (Cape Gloucester e Peleliu); o outro um terço, de elementos participantes de uma invasão; e o último um terço seria composto de soldados sem nenhuma experiência de combate. Assim, todo oficial experiente que desejasse continuar a servir talvez fosse requisitado.

Mais surpreso do que ele ficou com as ordens de transferência, recebidas às 15h30 do dia 15 de dezembro, era impossível. O novo comandante da 1ª. DIFN, general Pedro del Valle, foi procurar o tenente-coronel

Shofner no salão de rancho dos oficiais, onde lhe atirou um envelope, dizendo: “Leia isto e chore!”⁸⁴⁷ De acordo com as ordens, Shofner seria levado “para o provável local de estacionamento do 14º. Corpo de Exército ... , onde deveria apresentar-se ao general comandante do 14º. Corpo de Exército para serviço temporário como observador ou para a realização de tarefas conforme atribuições determinadas pelo comandante geral da unidade, ou por outra autoridade competente”. Em outras palavras, o Engenhoso Shofner fora designado oficial de ligação e consultor sobre assuntos de guerra de guerrilha junto ao comando de Douglas MacArthur para planejar a invasão de Luzón. O Engenhoso foi aprontar as malas correndo. Ele e MacArthur voltariam para a ilha em que suas guerras tinham começado.

Em dezembro, o ritmo dos treinamentos da 5ª. DIFN na grande ilha do Havaí diminuiu. A tropa recebeu mais licenças de fim de semana, embora o único destino que seus integrantes podiam tomar fosse Hilo, cidade pequena e um tanto pacata. A base deles em Parker Ranch tinha um clube da USO e uma cooperativa militar, mas isso não os fazia ficar muito longe da rotina, mesmo porque os fuzileiros gostavam muito de praticar esportes. Desses, o mais perigoso eram as partidas de futebol americano. O rigoroso treinamento militar os mantinha em grande forma. Sabiam que a folga significava que partiriam em breve. Isso costumava levá-los a fazer qualquer coisa para se distraírem, como jogar pôquer, beber, jogar futebol ou lutar — e faziam isso com total despreocupação das consequências. O sargento de pelotão John Basilone preferiu ficar com o futebol.

O processo de embalar equipamentos e apetrechos para partir começou quando os sargentos do 27º. RIFN deram uma festa de Natal, para a qual poucos oficiais foram convidados.⁸⁴⁸ Era o tipo de evento noturno em que os fuzileiros arranjavam os meios de sua própria diversão. Uma versalhada composta pelo 1º. RIFN na Austrália se tornou a favorita deles:

*Que Deus abençoe a todos!
Os baixos, os altos e os altanados!
Não haverá promoção este ano
Deste lado do oceano!
Portanto, ânimo, companheiros!
Que Deus abençoe a todos!
Quiseram trazer MacArthur para Tulagi,
Mas o general MacArthur disse: Não!
Bobági!
E explicou a razão: não era a estação!
Além do mais, lá não tem diversão!*

Adaptada de uma canção báquica, era o tipo de cantiga a que costumavam adicionar novos versos toda vez

que a cantavam. Alguns dias após o Natal, a 27^a. Equipe de Combate Regimental começou a deixar o campo. Contudo, só depois de duas semanas e da véspera do Ano-Novo é que os membros do batalhão de John subiram nos caminhões com destino ao porto. Embarcaram depois no USS *Hansford* e seguiram para o Havaí, onde ficariam alguns dias assistindo aos oficiais da Marinha realizarem exercícios de manobra da grande frota.

Os dias de tédio acabaram quando o navio deles entrou em Pearl Harbor. Após seis meses no Havaí, o 1^o. BIFN finalmente teria a chance de desembarcar na grande cidade. Em pé no convés da nave, viram que navios de todo tipo congestionavam o porto, inclusive os navios-transporte de pessoal levando cerca de vinte mil fuzileiros da 4^a. DIFN. John teve que dizer a seus homens que teriam apenas um dia de folga e que esta só seria concedida a um quarto deles a cada 24 horas. Mas, para revolta de metade da tropa, dois dias depois o *Hansford* e os outros levantaram âncora. A frota saiu de Pearl Harbor em 21 de janeiro, preparada para enfrentar os japoneses.

Na manhã seguinte, porém, voltaram a fazer exercícios militares, dessa vez como divisão. Os planos de desembarque, embora cuidadosamente elaborados, resultaram em grande fiasco.⁸⁴⁹ Grandes navios, como os NDIs, erraram os alvos; embarcações fizeram tanta água que afundaram. Os fuzileiros deixaram rapidamente seus CLANfs e arremeteram contra seus objetivos, embora o solo fofo, de cinzas vulcânicas, dificultasse não só os seus movimentos, mas os das máquinas também. Dependendo das condições do terreno, quando não lhes enchiam os pés de lama, subiam em grandes nuvens de poeira fina.⁸⁵⁰ Disseram a eles que essa ilha era muito parecida com a ilha X, o alvo que objetivavam.⁸⁵¹ Após um jantar frio, com rações K, passaram uma noite mais fria ainda na ilha. O *Hansford* e o restante da frota levaram a divisão de volta para Pearl, onde, diariamente, metade dos soldados podia deixar o navio para um passeio. Perto do cais, tinham de cerveja gratuita a aparelhos e equipamento para praticar esportes. Honolulu ficava a uns 13 quilômetros de distância, mas todos os meios de transporte viviam lotados. Muitos fuzileiros preferiram enfrentar as multidões, movidos pela necessidade de fruir momentos de liberdade na grande cidade.

Sargentos de pelotão tinham muito mais facilidade para se divertir no Havaí do que os praças. John e seu amigo Watters conseguiram localizar George, o irmão do Manila.⁸⁵² Tiveram algumas horas agradáveis e tiraram outra foto para enviar aos pais. John não era de se preocupar com o dia seguinte, tanto que, pouco antes de voltar para o cais, combinou com o irmão: “Vejo você na praia.”⁸⁵³ Antes de partir, John enviou uma carta à sua mãe para dizer a ela que estava tudo bem. Desculpou-se por não haver escrito antes, “pois andavam um tanto atarefados” e informou também: “George, com certeza, parece muito bem, mãe.” Ele tinha recebido uma carta de Mary e Delores poucos dias antes. “Diga a Delores que todos gostaram da foto dela, que ela ficou muito bem.” Enviou também: “Lembranças e beijos a todos. Sempre os amarei, Johnny.”⁸⁵⁴

Sid viu um anúncio sobre o Programa V-12 no quadro de avisos da BAeN de Boca Chica, no qual ofereciam a chance de combatentes se tornarem oficiais, perspectiva que não entusiasmava Sid nem um pouco, bem como a

possibilidade de ganhar créditos nas disciplinas universitárias, os quais estava “muito ansioso” para conseguir. A primeira parada no processo para consegui-los foi uma entrevista com o primeiro-sargento de sua unidade, que, ao examinar o prontuário do praça de primeira classe, exclamou que nunca tinha visto uma pontuação mais alta no teste de aptidão geral. Portanto, Sid tinha as qualificações para participar do programa. Mas um oficial precisava assinar o formulário do candidato e os dois sabiam que o major era um homem mesquinho e vingativo, que podia atrapalhar os planos de Sid. Mas o sargento garantiu a Sid que, se ele tivesse paciência, arrumaria um jeito de dispensar a aprovação do major.

No fim do ano, um coronel de Washington, D. C., foi fazer uma inspeção no destacamento dos fuzileiros. Como o coronel Hill usava uma insígnia da 1ª. DIFN, Sid sentiu que ele era “um dos nossos”. O coronel terminou a inspeção com uma pequena conversa com os fuzileiros, em formação diante dele na praça de armas. Autorizou que fossem procurá-lo em seu gabinete na base caso precisassem de alguma coisa. “Quando ele disse isso, o primeiro-sargento olhou direto para mim e meneou levemente a cabeça.”

Sid guardou seu equipamento e correu para o gabinete do oficial. O primeiro sargento foi lá também, para se assegurar de que o coronel Hill entenderia o caso. Após dar uma olhada no formulário do candidato, Hill o pôs em sua pasta. Em seguida, virou-se para Sid “e mandou que ele fizesse as malas, que os documentos estariam na mesa do comandante na segunda de manhã”. Hill perguntou a Sid se ele conhecia o general Vandegrift. Sid respondeu contando uma história sobre a ocasião em que tomava banho no rio Lunga, em Guadalcanal, com muitos outros colegas, quando, de repente, viu um sabonete flutuando na direção dele. Sid alongou o olhar pelo rio acima e viu o general comandante com a mão estendida, pedindo que lhe devolvesse o sabonete. Hill soltou uma risada ao ouvir isso e prometeu que lembraria a Vandegrift do ocorrido. Nisso, “bateu continência e saiu esfuziante do gabinete, louco para dar um abraço no primeiro-sargento”.

Na manhã de quarta-feira, Sid recebeu ordens para comparecer ao gabinete. “O sargento disse: ‘Aqui estão seus documentos. Daqui a uma hora, o ônibus o pegará no portão principal.’ Meus amigos foram comigo até o portão principal, carregando minha mochila de marinheiro, para se despedirem de mim.” O ônibus, que saiu de Florida Keys com destino a Miami, tinha muitos lugares vazios. “Parece que era comum no serviço”, observou ele, “a vida do sujeito sofrer reviravoltas constantes, fazendo-o oscilar entre picos de alegria e abismos de infelicidade”.

O coronel Shofner se reuniu com o 14º. Corpo de Exército Americano em Port Moresby, Nova Guiné — local não muito distante de Pavuvu. O Engenhoso “não tinha nenhuma simpatia pelo Exército nem interesse em servir com seus integrantes, já que soubera que todos os soldados que serviram com MacArthur haviam sido escolhidos por sua lealdade ao general, e não por sua capacidade como combatentes”.⁸⁵⁵ Ele se apresentou ao QG do corpo, onde foi incorporado à 37ª. DI como observador. Sem encargos oficiais, embarcou no USS *Mount McKinley* em 31 de dezembro para uma viagem da Nova Guiné até Luzón. Seu navio passou por Mindanao, localidade ainda nas mãos do inimigo. Uma semana depois, quando comboios de navios se aproximaram da extremidade norte das Filipinas, aviões japoneses decolaram para atacá-los. No entanto, esses

aviões não tentaram bombardear os navios, já que eles mesmos eram as bombas. Seus pilotos tentavam fazer suas aeronaves colidirem com o navio maior e mais próximo de seu campo de visão, de preferência navios-aeródromos.

Shofner assistiu ao ataque, investida a que o governo japonês chamara nos jornais de Tóquio de sua Força-Tarefa Camicase Especial. Portanto, esses ataques eram esperados. Os aviões suicidas inimigos não atacaram o *McKinley*. Todavia, atingiram dezenas de outros navios do comboio. Os pilotos aeronavais a bordo dos porta-aviões-escolta se mantiveram sob alerta máximo, bem como os operadores dos canhões antiaéreos dessas naves. No entanto, o número de camicases envolvidos nesse esforço e o elogio à força-tarefa especial feito nos meios de comunicação japoneses revelaram um problema grave, que aumentava rapidamente. Assim, a ânsia do inimigo de realizar ataques suicida em massa para dificultar ao máximo a vitória dos americanos não foi nenhuma surpresa para os veteranos de Peleliu.

O bombardeio sofrido no dia da invasão nas Filipinas foi algo que Shofner testemunhara também, embora não numa escala tão grande como os vistos por ele outrora. Em 9 de janeiro, mil navios enchiam o golfo de Lingayen quando as primeiras salvas de artilharia das naves couraçadas aniquilavam todas as formas de vida que houvesse nos caminhos dos soldados. A 37^a. desembarcou nesse dia, junto com o Engenhoso, no mesmo local em que os japoneses haviam iniciado a invasão em 1941. Shofner ficou observando o desempenho das companhias e dos batalhões. O general MacArthur tinha 131 mil combatentes e mais oitenta mil soldados como força de apoio. Em pouco tempo, Shofner constatou, imbuído de um sentimento de imensa reprovação, a precária atuação das lideranças do corpo de Exército e dos escalões acima. Achou que as tropas de assalto demoraram muito para avançar por terra firme adentro.¹⁷ Mas cumpre considerar que sua indignação provinha da rivalidade existente entre as diferentes corporações militares, embora resultasse também de seu grande desejo de libertar os americanos presos no Campo de Prisioneiros de Guerra de Cabanatuan.

Com essa atitude, conseguiu poucos amigos entre os integrantes do estado-maior do 14^o. Corpo de Exército. O Engenhoso achava também que os comandantes do Exército “menosprezaram” os grupos guerrilheiros, recusando-se a empregá-los em algo que considerassem superior a missões de reconhecimento e espionagem. Embora não tivesse contato direto com o general MacArthur, Shofner passou a acreditar que o general se recusava a envolver os filipinos porque eles continuaram a combater os japoneses até muito depois de ele fugir da região. Essa atitude, que Shofner considerava comum entre muitos dos oficiais do Exército, irritava-o, pois acreditava que os guerrilheiros filipinos eram “heróis” que haviam “empenhado suas vidas, riqueza e honra no combate aos japoneses e nos cuidados com seu povo”.

Os oficiais da 37^a. DI devem ter questionado a lógica de Shofner, por insistir que as mais poderosas forças de invasão de todos os tempos deveriam coordenar seu avanço com os grandes e bem-intencionados, embora rebeldes e mal-equipados, movimentos guerrilheiros em Luzón. Para os soldados, a avaliação do visitante coronel dos fuzileiros desconsiderava as décadas de serviço prestado nas Filipinas pelo general MacArthur e por seus mais graduados generais. Além disso, havia anos que o estado-maior de MacArthur mantinha contato ininterrupto com os grupos guerrilheiros. Todavia, além de com os líderes do general que atuaram na Batalha

de Bataan, o Engenhoso tinha conhecimento direto do relacionamento de MacArthur com os guerrilheiros, e era isso que o fez chegar a outra conclusão.

Na reunião de 23 de janeiro, O Engenhoso Shofner insistiu que a 37ª. DI precisava concentrar seus esforços na ajuda aos prisioneiros de guerra. Argumentou que milhares de americanos haviam sofrido mortes lentas e demoradas, que tinham sido enterrados como indigentes. Acrescentou que, para conseguirem resgatar os prisioneiros, os soldados precisariam da ajuda dos guerrilheiros filipinos. Os soldados do Exército acabaram mandando buscar um estenógrafo para registrar as considerações dele.⁸⁵⁶ O Engenhoso fez uma descrição de Cabanatuan, do Campo de O'Donnell e da prisão de Bilibid. Mas o fato de ter sido prisioneiro tornava um tanto vago o seu relato das características e localização geográficas do local. Todavia, ele acreditava que as lembranças de sua experiência como prisioneiro eram o principal motivo de ele ter sido levado para Luzón.⁸⁵⁷ Ainda assim, nesse mesmo dia, foi afastado do serviço e enviado para o aeroporto, onde aguardaria para ser transferido. No dia 27, embarcou num voo para Guadalcanal e, de lá, foi levado de avião para Pavuvu.

Em Pavuvu, muitos fuzileiros passavam suas horas de ociosidade procurando meios de fermentar uvas-passas ou qualquer coisa semelhante e fácil de obter para produzir uma bebida alcoólica conhecida como “pinga de marinheiro”. As garrafas de cerveja distribuídas algumas vezes por mês não eram suficientes para lavar o tédio da alma e nem todos os fuzileiros se interessavam pelas pilhas de livros no salão de recreação. Em dada ocasião, após a distribuição de uma ração de cervejas, Eugene “sentou-se em sua cama e ficou observando os bêbados se esmurramem. Por fim, depois de terem despedaçado suas camas, a briga foi interrompida pelo OD, o oficial do dia. Logicamente, achou tudo muito lamentável, mas, para eles, foi pura diversão. Assim, continuou a vender sua cota de cerveja aos beberrões e a deixá-los extravasar seus instintos de trogloditas, surrando uns aos outros”. Pelo menos as partidas de pôquer — que Eugene notou que costumavam terminar com os rapazes “se atracando” — geralmente eram realizadas na barraca vizinha.

Gene gostava de ficar em sua barraca na companhia dos colegas de esquadrão. Geralmente, exercícios ou inspeções militares duravam a manhã inteira, mas, à tarde, tinham tempo para conversar. Além de um bife ou uma porção de sorvete ocasionais, o rancho que lhes serviam era, como os exercícios, parte da vida de durezas e provações que tinham que enfrentar juntos. No entanto, compartilhavam entre si as guloseimas e os luxos enviados por suas famílias, embora nenhuma delas enviasse tanto dessas coisas quanto o dr. e a sra. Sledge. Mas, no Natal, Snafu recebeu uma grande lata de frango frito, que dividiu com os colegas. Gene fumava um dos cachimbos que o pai lhe enviara e gostava de ostentar o antigo dinheiro dos Confederados, oriundo do “bom e velho país dos rebeldes”. Os fuzileiros que haviam estado na Austrália contavam tantas histórias que levavam os novatos a presumirem que “a Batalha de Melbourne deve ter sido o maior conflito enfrentado pelo Corpo de Fuzileiros Navais de todos os tempos”.⁸⁵⁸ É possível que Snafu tenha contribuído para reforçar esse mito, mas R. V. Burgin não. Costumava dizer que o tempo que passou em Melbourne ele dedicara a uma tal de srta. Florence Riseley, para os braços da qual prometera voltar. Certa vez, Gene resolveu ler um trecho de uma

carta recente de sua mãe em voz alta, na qual ela dizia que as pessoas “falavam de Peleliu com espanto e admiração”. Ao ouvir isso, seu amigo George protestou: “Ah, tá! Espanto e admiração uma pinoia!” Todos riram da tirada. Era apenas uma das muitas ocasiões que Gene adorava e que guardou no escrínio de suas mais caras lembranças. Agora se sentia realmente parte da turma.

No Ano-Novo, a 1ª. DIFN começou a treinar seus homens nas técnicas de “luta de rua”, exercícios que estimularam os praças a especular sobre o local de sua próxima missão. Entre os locais mencionados, figuravam Taiwan, a China e até o próprio Japão.⁸⁵⁹ A mãe de Gene estava sempre querendo saber o que acontecia na vida do filho. E fazia perguntas. Numa delas, pediu que o filho fizesse uma comparação entre as suas experiências e as do irmão, que combatia na Europa. “Com certeza”, respondeu Gene, “para receber tantas condecorações, a unidade de Ed deve ser boa. Ouvei dizer que ganhamos a Citação Presidencial por nossa atuação em Peleliu. Mas não sei se é verdade”.¹⁸ Quando a sra. Sledge se disse curiosa em saber qual seria a próxima missão do filho, ele respondeu: “Não tente imaginar as coisas que os figurões do alto-comando farão — faz tempo que aprendi que é inútil tentar saber essas coisas. Entendi que estamos nas mãos de Deus e que, em breve, nos reuniremos todos em Georgia Cottage.”

Austin Shofner voltou para Pavuvu após uma cruenta batalha com o Exército americano em Luzón. Ao chegar, viu que não havia nenhum batalhão esperando por ele como comandante da unidade. Mas o lado bom da história foi que “descobriu no general Pedro del Valle, comandante da 1ª. DIFN, não só um amigo, mas também um líder inspirador”. Del Valle teve problemas na gestão da tropa, pois “a partida dos homens experientes não ocorreu de forma que coincidissem com a chegada dos novos”.⁸⁶⁰ Uma vez que alguns de seus oficiais superiores não tinham direito ainda de serem enviados de volta para o país, o general começou a enviá-los para a Austrália, onde desfrutavam de uma folga prolongada. Isso dificultava a execução de um programa de exercícios. Mas, como era um problema com que Shofner estava familiarizado, o Engenhoso fez o melhor que pôde para ajudar seu novo comandante.

Na viagem de volta para New River, Carolina do Norte, Sid Phillips precisou embarcar com sua mochila em vários ônibus e trens. Chegou ao destino num dia frio de janeiro, fardado com o verde-oliva de gala, e donde foi levado de carona para o quartel. A base que ele conhecera como New River havia se tornado um complexo com edificações e era chamada agora de Campo de Lejeune. Ao chegar ao alojamento, jogou a mochila na cama. Os colegas os cumprimentaram e um deles perguntou:

— De qual estado você é?

— Alabama! — respondeu ele em voz alta. Nisso, um sujeito grandalhão perguntou:

— De qual cidade?

— Mobile.

— Sou de lá também! — informou o corpudo. Num piscar de olhos, Sid ganhara um novo amigo.

Marion Sims, apelidado de “Beliche”, participou de combates em Saipan e Tinian. Tinham tempo de sobra para se conhecerem, já que o programa V-12 não havia iniciado o semestre oficialmente ainda. “Nos disseram que o corpo de fuzileiros estava fazendo uma experiência no V-12, pondo combatentes veteranos no programa, já que muitos de seus alunos estavam deixando que os reprovassem de propósito para saírem do programa, de forma que pudessem entrar numa unidade de combate.” Contudo, antes de começarem a frequentar as salas de aula, cerca de 200 fuzileiros da turma de Sid tiveram que enfrentar várias semanas de rigorosa disciplina. Sid achou essa etapa “tão ruim quanto à de Parris Island”. Além de o programa tirar todas as divisas e graduações deles, exigia que continuassem solteiros até concluírem o curso, ocasião em que receberiam a graduação de segundos-tenentes. Alguns de seus colegas não gostaram do rebaixamento, até porque, além das perdas no soldo, sofreram as duras consequências da vida de soldados rasos. Por fim, acabaram tendo permissão de voltar a desfrutar do status de seus antigos postos e graduações. Sid a recebeu com “grande satisfação”, pois “não aguentava mais enfrentar a lama, navios-transporte de pessoal e rações C”.

* * *

O 1º. Batalhão do 27º. RIFN embarcou no USS *Hansford* e partiu em 27 de janeiro. O oficial comandante do batalhão, coronel Butler, esperou dois dias para anunciar o destino deles pelo sistema de alto-falantes da nave.⁸⁶¹ E confirmou aquilo a respeito do qual alguns dos homens de John Basilone já tinham ouvido falar: eles estavam indo para uma ilha chamada Iwo Jima. A 5ª. DIFN e a 4ª. DIFN iriam invadir uma ilha mais perto do Japão do que qualquer outra em que os fuzileiros haviam posto os pés. Informou que instruções sobre a operação seriam repassadas em breve.

Todos os informes sobre a operação envolviam mapas. Mapas do Pacífico mostravam a localização de Iwo Jima em relação aos aeródromos de Saipan, dos quais os B-29 da Força Aérea do Exército partiram para bombardear o Japão. As informações de outros mapas se concentravam exclusivamente na ilha-alvo ou mostravam os diferentes setores nos quais “Iwo” tinha sido dividida. Cada um dos navios da Marinha bombardearia um setor. A presença de muitos navios assinalada no mapa significava que os setores eram pequenos. Grandes mapas em 3D feitos de gesso indicavam altitudes e características geográficas. Nas semanas seguintes, todos os dias os fuzileiros passavam algumas horas na frente de pelo menos um mapa ou fotografia aérea, diante dos quais eram orientados por um oficial. Com alguma riqueza de detalhes, cada instrução foi informada em particular por que Iwo Jima tinha que ser conquistada. E todos ficaram bem informados sobre as características do terreno e a localização das plataformas de canhões do inimigo. Os integrantes do 1º. BIFN foram informados por que a Batalha de Iwo Jima duraria três dias, ou cinco, no máximo.⁸⁶²

Quanto ao fato de que os japoneses lutariam com extremo fanatismo, até a morte, não havia dúvida. Segundo estimativas do serviço de espionagem americano, o Alto-Comando do Império havia mobilizado cerca de 14 mil soldados para defendê-la.¹⁹ Desconfiavam também de que a ilha contava com “reforços

complementares” formados por algumas prostitutas.⁸⁶³ Para diminuir o poder dessas forças, os bombardeiros do Exército americano tinham iniciado um lançamento diário antecipado de bombas sobre elas com duração de três meses. A essa altura, mesmo com uma rápida olhada nas fotografias aéreas, via-se que os edifícios que outrora enchiam a ilha haviam desaparecido. Os navios da Marinha começariam a bombardeá-la três dias antes da invasão. Levando em conta todas as unidades de reforços (inclusive a 3ª. DIFN), a “força expedicionária” passava dos 110 mil soldados, transportados em 500 navios. Em menos de 45 minutos, 482 CLAnfs e um conjunto de outras embarcações anfíbias desembarcariam 9 mil fuzileiros da 5ª. e da 4ª. DIFNs nas praias de Iwo Jima.

John Basilone nunca se preocupara muito com preleções. Para ele, bastava saber que, como em Guadalcanal, Iwo Jima tinha um aeródromo controlado pelos japoneses, o qual os Estados Unidos precisavam. Os fuzileiros tinham que desembarcar nas praias nipônicas e conquistá-lo. É provável que a lógica da estratégia quase não tenha impressionado John. Mas, com certeza, ele entendia as linhas básicas da operação. Sabia que a conquista do aeródromo facilitaria o trabalho dos B-29 de incendiar as estruturas de papel e madeira de Tóquio. E quanto maior o incêndio, mais cedo voltariam para casa.

O interesse de John se concentrava mais nas instruções relacionadas com a missão específica de seu batalhão. O 1º. e o 2º. BIFNs desembarcariam no centro da extensa praia do início da invasão. O rochedo de Futatsu, o solitário e alongado maciço que se estendia ao largo da longa praia, era o marco divisório de suas zonas do assalto anfíbio. O 1º. BIFN, o batalhão de John, desembarcaria no lado direito de Futatsu, na Praia Vermelha Dois, enquanto a Companhia Baker faria isso à esquerda. O coronel deixou a Companhia Able como força de reserva. O C/1/27 de John, combinado com o B/1/27, constituía uma tropa de assalto composta por cerca de quinhentos fuzileiros atravessando a Praia Vermelha Dois na Hora H. Em ações coordenadas com as companhias do 2º. BIFN, conquistariam a extremidade sul do aeródromo, conhecido como Motoyama nº. 1, situado a uns 600 metros terra firme adentro. Com um avanço de outros 1.500 metros, alcançariam o litoral oposto. Assim que chegassem ao outro lado, dobrariam à direita e seguiriam para o norte, onde atuariam em conjunto com a 4ª. DIFN para conquistarem a parte mais larga da ilha.

Disseram aos fuzileiros que, no mínimo, deveriam estabelecer uma sólida cabeça de praia no fim do dia, pois os japoneses preparariam um ataque banzai com o máximo de suas forças, que realizariam na primeira noite da invasão ou no início da manhã seguinte.⁸⁶⁴ As fortificações do inimigo eram suficientes para abrigar apenas quatro de seus nove batalhões de infantaria. De acordo com os oficiais do serviço de espionagem americano, os cinco batalhões nipônicos restantes e seus tanques atacariam as fileiras de avanço dos fuzileiros.⁸⁶⁵ A expectativa era de que, assim que esse ataque banzai tivesse sido vencido, o avanço dos americanos prosseguiria rapidamente.

O primeiro desafio da Companhia Charlie, como mostravam as fotografias da Praia Vermelha Dois, seria vencer os altos terraços na areia, socoados pelas ondas marítimas. Para ajudar na superação desses difíceis obstáculos, a primeira vaga de ataque do 1º. BIFN levaria escadas de assalto para a praia. Mas, logo que

conseguisse atravessar os vários socalcos naturais da extensa praia, a Companhia Charlie teria pela frente uma área relativamente plana durante a travessia inteira da ilha, entrecortada por pistas de pouso, decolagem e taxiamento do Motoyama. Havia no local também crateras por toda a parte.

Após estudar o terreno, os integrantes do serviço de espionagem puseram finos decalques sobre os mapas. Os decalques indicavam em vermelho a localização das casamatas e das fortalezas japonesas. Eram muitas as indicações em vermelho. Para fazer o soldado sentir um frio no estômago, ou até para demonstrar que talvez fosse inútil tentar memorizar a localização de todas, um número suficiente de posições inimigas de vários tamanhos tinha sido assinalado com tinta vermelha.⁸⁶⁶ Os oficiais explicaram que o bombardeio da Marinha antes da invasão duraria três dias. No Dia D, o couraçado *New York* cuidaria do setor de desembarque da Companhia Charlie. Assim que tivessem conseguido sair da praia e avançar para o aeródromo, entrariam na zona de atuação do cruzador pesado *Salt Lake City*. A parte final do aeródromo assinalava também o início da zona de atuação do couraçado *Arkansas*. A artilharia pesada desses navios de guerra lançaria contra o inimigo fogos de “barragem rolante”, ou seja, essas naves não parariam de atirar na hora H — continuariam a martelar, com projéteis, alvos inimigos situados a uns 400 metros adiante da primeira vaga de assalto dos fuzileiros. Caso os fogos de barragem comesçassem a atingir áreas muito além das posições de John e de seus homens, os couraçados recuariam o ponto de incidência de seus ataques e voltariam a atacar algumas áreas bombardeadas antes. Para fornecer apoio de fogo de tiros diretos, os CLAnfs blindados, com seus canhões de 75 milímetros, acompanhariam as duas ondas de assalto das companhias do 1/27.

Mas os oficiais da espionagem tiveram que explicar que os japoneses haviam se preparado para enfrentar os CLAnfs blindados. Como o inimigo havia plantado trilhos de aço na área de arrebentação da praia, talvez algumas dessas viaturas anfíbias ficassem fora de combate.⁸⁶⁷ Ademais, junto com os obstáculos submersos, a primeira onda de assalto teria que enfrentar o perigo de minas antitanque e barris de gasolina em chamas, bem como “unidades de ataque corpo a corpo”, ou ataques banzai localizados.⁸⁶⁸ Para enfrentar as chamas, as primeiras vagas de assalto aplicariam “creme antichamas” no rosto.



Martin K. A. Morgan

Os oficiais planejaram cada uma das rotas de avanço dos pelotões através de Iwo Jima. Os 57 homens do pelotão de metralhadoras de Basilone foram divididos para apoiar os grupos de fuzileiros de assalto.⁸⁶⁹

O sargento de pelotão da Companhia Charlie desembarcaria na terceira onda de assalto, que chegaria à praia oito minutos depois dos CLANfs blindados.⁸⁷⁰ Trinta minutos depois da primeira onda, os tanques da Companhia A do 5º Batalhão de Blindados desembarcariam na Praia Vermelha Dois. Após explicar os detalhes da missão de assalto do C/1/27 em Iwo Jima, os oficiais passaram instruções sobre como tratar os prisioneiros de guerra, além da forma de identificar aeronaves inimigas e de como prestar primeiros socorros em combate. Uma vez que, geralmente, os japoneses gritavam “Socolista!” para atirar nele, disseram aos membros do 1º BIFN que gritassem “Tallulah!” se precisassem de socorro médico. A maioria dos fuzileiros deve ter notado que esse codinome com tantos “ls” provinha do nome da famosa atriz Tallulah Bankhead.⁸⁷¹ A tropa de assalto recebeu também seringas com doses únicas de morfina. Entre uma preleção e outra, os experientes graduados faziam questão de obrigar a tropa a fazer a limpeza diária das armas, embora não com o objetivo de afastar o tédio, mas porque a maresia as deteriorava com uma rapidez alarmante.⁸⁷²

O comboio chegou a Saipan em 11 de fevereiro, onde a 3ª DIFN aguardava para se juntar à 5ª e à 4ª DIFNs. A Companhia Charlie, de Basilone, fez o transbordo do *Hansford* para o NDCC 929.⁸⁷³ Era um dos três NDCCs transportando as vagas de assalto do 1/27 e seus CLANfs.⁸⁷⁴ Os fuzileiros devem ter considerado

o desconforto que enfrentaram a bordo do “alvo grande e lento” o suprassumo da experiência de sua vida. No entanto, os marinheiros disseram a eles que esses navios tinham acabado de participar do lançamento da invasão de Luzón.⁸⁷⁵ Em torno deles, quinhentos navios assumiram suas posições. O 5º. Corpo Anfíbio, criado para essa missão, se reunira para realizar a operação.

Como sempre, tinham que enfrentar alguns dias de tédio inexplicável, bem como participar de outro ensaio de assalto anfíbio numa ilha próxima. Basilone acabou passando um longo período de tempo num navio no porto de Saipan. Em dias de céu limpo, gigantescos bombardeiros B-29, com suas reluzentes fuselagens, decolavam de Saipan e Guam e rumavam para o norte, sobrevoando seu navio. Em 15 de fevereiro, o NDCC de John levantou âncora e seguiu para o norte. A viagem para Iwo Jima duraria quatro dias.

A notícia foi transmitida em 31 de janeiro e, nos dias seguintes, se transformou em sensação e acabou chegando aos ouvidos do tenente-coronel Austin Shofner em Pavuvu. Segundo a notícia, uma unidade dos Comandos de Assalto do general MacArthur havia penetrado fundo no território controlado pelo inimigo, com a missão de resgatar os prisioneiros das forças Aliadas num campo prisional chamado Cabanatuan. A história do ousado resgate e do encontro de MacArthur, em 1º. de fevereiro, com “noventa amigos de Bataan e Corregidor”, virou notícia em rádios e jornais, causando grande sensação e entusiasmo, pois, finalmente, a redenção havia chegado — e não apenas para MacArthur, mas para a nação também. Todavia, Shofner ficou sem saber qual foi a contribuição que seu diário dera a essa operação, se é que deu alguma.²⁰ Ele tinha feito o que fora possível. Contudo, se para o mundo o resgate de 531 prisioneiros de guerra tinha o gosto de uma grande vitória, nele o que ficava era o travo amargo de saber que a fome e a sede supremas e os castigos bárbaros aplicados em Cabanatuan haviam destruído, aos poucos e dolorosamente, pelo menos mil de seus colegas de cativeiro. Mas, homem piedoso, Austin sabia que esse era o momento de dar graças e louvores a Deus, pois o longo e terrível pesadelo havia passado.

Em 1º. de fevereiro, ele voltou a assumir seu posto de chefe da PM. Dias depois, recebeu o Coração Púrpura, “pelos ferimentos causados pelo inimigo em Palau”.

Os pais de Eugene haviam se queixado do fato de ele não escrever com a mesma regularidade de antes. Isso foi nos últimos meses de 1944, mas, em fevereiro de 1945, escreveu aos pais com mais frequência. Geralmente, tinha algo para agradecer, como o fato de seu pai havê-lo inscrito na Associação Nacional de Fuzileiros. No entanto, a censura ainda era rigorosa, a ponto de restringir bastante os tipos de assunto de que podia tratar. Suas queixas sobre o calor que fazia em Pavuvu, que ele achava pior do que o do Alabama, não foram suficientes para encher uma página. “Jay P. de Leau, de Los Angeles, é um de meus melhores amigos. Servimos juntos na última campanha e posso dizer que, dos que conheci, ele é o sujeito mais parecido com Sid.” Por falar em Sid, Eugene tinha acabado de receber uma missiva do amigo, que relatara em cartas quanto os pais de Gene haviam sido gentis com ele, em todos os aspectos. Eugene agradeceu aos pais a gentileza e, como talvez não

ainda soubessem disto, enviou a seguinte notícia: “Sid acabou de dar o primeiro passo para ingressar no V-12. Só espero que ele não esteja fadado a passar por um infortúnio parecido com aquele que experimentei. Enviei uma carta a ele hoje para lhe dar os parabéns.”

Entre as muitas revistas que a mãe de Sledge enviou ao filho em fevereiro, ele achou uma cópia da *Life* do mês anterior, que trazia uma matéria de destaque sobre a Batalha de Peleliu, escrita e ilustrada por um combatente do CFNA, um artista chamado Tom Lea, que desembarcara com a tropa no Dia D. Lea oferecia aos leitores um quadro vivo e implacável, com as cores brutais da guerra. Segundo ele, três dias antes de os fuzileiros chegarem, os aviões de transporte haviam riscado “alvos visíveis” do mapa, de tal forma que fizeram “os 12 mil japas de Peleliu” se refugiarem em suas fortalezas, onde ficaram esperando, “com os ouvidos vedados e o coração cheio de ódio”.⁸⁷⁶ Numa grande imagem realista intitulada “O Último Passo”, Lea plasmou em cores vívidas o drama de um fuzileiro em seus últimos segundos de vida, no instante em que ele percebeu que não podia se mover porque a última explosão havia arrancado grande parte de sua pele, músculos e ossos. O artista havia presenciado a desgraça do colega e sabia que “ele nunca tinha visto um japonês, tampouco dera um único tiro sequer”. Lea fez uma citação do coronel Herman Hanneken, que, assim como o coronel Puller, o Peitudo, havia participado de muitas guerras em seus 31 anos de serviço: “Este conflito é o mais cruel e feroz que já vi.”

Em certo trecho da narrativa, o autor indaga: “Quanto sofrimento o ser humano é capaz de suportar?” Eugene enviou recortes da matéria de Lea aos pais para que os guardassem. Ele também estava em busca da resposta à pergunta feita pelo autor.

O dia 19 de fevereiro amanheceu com o céu limpo e um clima agradável, graças ao vento, que afastava o calor. Após os primeiros preparativos de sua rotina militar, John Basilone e seus homens embarcaram no CLAnf. Logo depois, foram lançados ao mar pela boca de seu NDCC num ponto do litoral a uns 10.000 metros de distância da praia, em meio a uma tempestade de explosões e brutalidades, com os trovões da guerra trombeteando acima, em volta e à frente deles, num quadro de uma imponência assombrosa. Avançaram lentamente, até ficarem a cerca de 4 quilômetros da praia. À esquerda, viram o vulcão da ilha agigantar-se aos poucos diante deles. Às 8 horas, o bombardeio parou. Nisso, uma vaga de bombardeiros lançou um ataque contra a ilha, seguido rapidamente por dezenas e mais dezenas de aviões aeronavais, que enxamearam o céu de Iwo Jima durante vinte minutos. Às 8h25, os aviões desapareceram e o bombardeio dos navios da Marinha recomeçou. Cinco minutos depois, a primeira vaga de CLAnfs se desgarrou do círculo de embarcações anfíbias, entrou em formação de colunas de esquadrão duplas e atravessou a linha de partida. Em seguida, foi a vez da segunda onda de assalto. Na terceira, John aguçou a atenção. Logo depois, as viaturas de sua vaga se alinharam e avançaram para a praia, mantendo-se a uns 300 metros atrás da onda de assalto da frente.

Os CLAnfs atravessaram a coluna de couraçados, passando tão perto deles que sentiam a onda de calor dos fogos toda vez que detonavam uma salva de tiros. Nos minutos finais, os canhões atiraram cada vez mais rápido, até pouco antes das 9 horas, quando os disparos cessaram. A partir do sul até um ponto além do vulcão,

os aviões dos navios-aeródromos lançaram outro ataque, com rápidas incursões e metralhadas em voos rasantes, formando um quadro espetacular com sua atuação. De repente, um paraquedas iluminativo com luz âmbar pipocou sobre a praia. Era o sinal de que a primeira vaga de assalto havia desembarcado. A essa altura, o CLANf de John estava a algumas centenas de metros da praia, com o rochedo de Futatsu próximo, à esquerda.

Seu CLANf saiu da água às 9h12. Ao descer pela rampa traseira do anfíbio, ele deve ter notado que a maioria dos CLANfs blindados, tanques anfíbios leves da primeira onda de assalto, ficou patinando de um lado para outro à beira da praia, embora estivessem incumbidos de avançar por terra firme para atacar alvos inimigos com seus canhões de 75 milímetros. Enquanto isso, CLANfs de transporte de pessoal vazios voltavam para os navios. Ao desembarcar, John sentiu seus pés afundarem na areia escura da praia. Armado com o mosquetão, avançou com dificuldade até a base de uma duna preta, cuja crista se elevava a uns 5 ou 6 metros acima de sua cabeça. Como não havia escada por perto, foi necessário cravar os dedos e as pernas na areia para, com grande esforço, chegar ao topo da duna, já que o monte de terra escura e fofa não tinha ponto de apoio. Após a escalada, um número considerável de combatentes permaneceu deitado no cume ou perto dele.⁸⁷⁷ Assim que ergueu a cabeça acima da borda, Basilone percorreu com o olhar um trecho vazio da praia de uma ponta à outra, formado por uma série de terraços menores. Viu que alguns fuzileiros haviam se transferido para o terraço seguinte, enquanto outros atravessavam uma chuva de explosões de morteiros inimigos, mas que setenta por cento deles não avançaram. A grande extensão de praia de areia escura não tinha nenhum abrigo natural contra os projéteis de morteiro.

Além disso, estavam confusos. A Companhia Baker havia desembarcado na praia da Charlie. Oficiais e graduados de ambas as companhias gritavam e se esforçavam ao máximo para organizar seus pelotões embaixo dos silvos ameaçadores dos gigantescos projéteis da Marinha americana. De repente, projéteis de morteiros japoneses explodiram no descampado, ferindo vários soldados. No terraço imediatamente acima dele, é possível que tenha notado o impaciente matraquear compassado dos fogos de metralhadoras.

Às 9h35, a intensidade e o número das explosões de morteiros na praia Vermelha aumentaram drasticamente.⁸⁷⁸ Todos os fuzileiros começaram a abrir trincheiras. O problema era que, a cada punhado de cinzas retirado do solo, outro tanto voltava para o buraco. Além de não haver nenhuma outra forma de se protegerem, o barulho das explosões tornava impossível ouvirem os gritos do colega próximo, mesmo quando apenas a alguns metros de distância. Os oficiais e graduados da Companhia Charlie, como o John, perceberam que uma crise havia se instalado.⁸⁷⁹ Foi quando Basilone gritou: “Vamos, rapazes! Temos que remover essas armas da praia!”⁸⁸⁰ Ele se levantou, ordenou que os soldados perto dele o seguissem e avançou a custo,⁸⁸¹ patinando pela areia fofa, acompanhado por alguns fuzileiros. Desviando-se dos soldados estendidos sobre a areia escura, conseguiu chegar ao terraço seguinte, onde deparou com outro trecho escalvado de areia escura. Viu que os fuzileiros presentes no local ficavam se abaixando e desviando das rajadas de metralhadora dos nipônicos. Basilone notou que havia se juntado aos colegas da primeira onda de assalto, pois tinham os rostos cobertos com uma grossa camada de creme antichamas, para impedir que se queimassem ao passarem próximo

aos barris de gasolina inflamados. O creme lhes dava uma aparência macabra. Diante da furiosa tempestade dos fogos de morteiro, era inútil tentar dar ordens aos subordinados, mesmo aos gritos. Basilone se levantou, atravessou o terraço correndo e colou-se contra a parede para espiar por cima da borda. Viu que havia uma metralhadora montada no local.

Ele golpeou de leve o capacete do artilheiro para chamar sua atenção e apontou para a abertura num fortim.⁸⁸² O fuzileiro virou-se para ele. Era Chuck Tatum, o jovem da Companhia Baker que ele conhecera um ano atrás, no primeiro dia de sua volta aos campos de batalha. Tatum ficou na dúvida quanto à localização do alvo. Quando John fez com que ele olhasse para o alvo orientando-se pelo braço dele, como se fosse uma linha de visada, Tatum localizou a abertura do fortim. Nisso, viram surgir, de uma grande casamata de concreto encravada no talude de uma pequena colina, a ponta do cano de um canhão de grosso calibre, que estava atirando contra alvos na praia, à direita deles. Com a boca quase colada ao ouvido dele, Basilone gritou: “Dispare contra aquele alvo!” Tatum montou o tripé e seu ajudante enfiou o pivô no encaixe. Assim que carregaram a arma, Tatum engatilhou e disparou. Mas não houve disparo. Ao abrir a recâmara, o jovem fuzileiro viu que estava entupida de areia preta. Tatum deixou o colega cuidando da arma e rolou por um pequeno trecho da duna para pegar o estojo de limpeza na mochila. Começou a limpar o mecanismo de disparo com uma escova de dentes. Basilone ficou esperando. Por fim, Tatum fechou a culatra, puxou o ferrolho e começou a atirar. Quando Basilone deu uma espiada para ver onde os projéteis estavam atingindo, constatou que o ângulo de ataque era ruim. A canhoneira pela qual o inimigo disparava ficava à direita deles. Ele sinalizou para que Tatum se transferisse para o lado direito dele. Tatum e seu amigo pegaram a arma e se mudaram para uma posição no terraço a uns 30 metros de onde estavam.

Quando abriram fogo, conseguiram acertar o alvo com suas rajadas. Ao verem que estavam encurralados, os japoneses pararam de atirar. Enquanto isso, John já havia pensado no próximo passo que deveria dar. Fez Pegg, especialista em demolições, avançar. Seguindo paralelamente à trajetória das balas de Tatum, Pegg conseguiu aproximar-se da casamata. Logo em seguida, Basilone correu até a posição de Tatum e bateu de leve no capacete dele, fazendo com que interrompesse os disparos da metralhadora. Foi quando Pegg atirou um saco cheio de explosivos C-2 pela abertura da fortaleza e se retirou, correndo como um louco. Todos se abaixaram. Depois do ataque com explosivos, foi a vez do lança-chamas. Enquanto o operador se aproximava do fortim, Tatum fez mais alguns disparos para lhe dar cobertura. O operador enfiou o cano do lança-chamas na canhoneira e fez alguns longos disparos.

John passou a carabina para Tatum, despreendeu a Browning do tripé, segurou-a pela alça com a mão esquerda e, com a direita, empunhou o cabo. Avançou correndo e, quando alcançou o topo da duna, atirou nos soldados nipônicos que tentavam escapar pelos fundos da casamata em chamas. Com a metralhadora apoiada num dos lados do corpo, segurou firme o gatilho, atirando uma chuva de balas contra oito ou nove japoneses, a maioria dos quais coberta de napalm inflamado. Foi uma manobra executada à risca. Tatum, seu apontador, bem como outros fuzileiros, se juntaram a ele no ataque, mas, a essa altura, só tinham corpos de inimigos estendidos no chão para atirar. Basilone pegou de volta a carabina, entregou a metralhadora e acenou para que

o seguissem.⁸⁸³

Deixaram as cinzas negras para trás e se transferiram para um local cuja paisagem parecia a de um pesadelo terrível, de cujas árvores e arbustos mirrados só haviam sobrado cotocos queimados. A relva fibrosa e os galhos retorcidos das árvores ainda queimavam com napalm. As bombas haviam enchido o solo de crateras e demolido a rede de muros baixos de pedras que antes dividiam a área. Faziam paradas frequentes, à procura de casamatas e aguardando detonações. John os conduziu através das poucas centenas de metros que iam do terraço até a borda do aeródromo, o Motoyama nº. 1. À direita deles, um grande talude indicava o fim da pista principal, cujo leito ficava muito acima de suas cabeças. Contornaram o extremo sul da pista. Como, ao escalarem a rampa de acesso ao leito, explosões ribombaram à sua volta, buscaram refúgio se atirando em alguns buracos. Num deles, foram parar Tatum, seu apontador, e outros dois fuzileiros. Relativamente seguros no interior do abrigo, procuraram recuperar o fôlego. Viram que, em certa direção, jaziam os destroços de aviões e equipamentos, com o aeródromo, crivado de buracos de explosões, um pouco mais adiante. O vulcão, distante cerca de 1.500 metros, na direção oposta, se erguia imponente diante deles. Correram os olhos pelo lugar donde tinham vindo e viram que não havia ninguém na retaguarda. Tatum deu uma olhada no relógio. “São 10h33. Desembarcamos às 9 horas. Faz uma hora e trinta minutos que estamos em Iwo.”⁸⁸⁴ O tiro de barragem se intensificou. Pareceu-lhe que parte desses fogos vinha de Suribachi, uma área acima deles, enquanto outra era lançada do outro lado do aeródromo. A Marinha começou a bombardear as posições deles — o ponto de incidência do fogo de barragem rolante estava sendo recuado. Era como se estivessem no centro de um alvo. Amedrontados, dois fuzileiros começaram a recuar para a praia.

Mas John os deteve: “Conquistamos esta área e agora temos que mantê-la em nosso poder! Vamos entrincheirar! Vou voltar para buscar mais soldados! Fiquem aqui, aconteça o que acontecer!”⁸⁸⁵ Em seguida, voltou correndo para a praia. Ao descer dois terraços, John deparou com três tanques enfrentando grande dificuldade para saírem desse terreno difícil de transpor, cheio de socalcos naturais e campos minados. O problema é que blindados eram como ímãs. Embora tivesse sido treinado para subir na traseira deles, pegar o telefone e orientá-los, John ficou em pé na frente de um deles para que pudesse ser visto. Por se arriscar tanto assim, ganhou a confiança das nervosas guarnições dos blindados, que já haviam perdido quatro colegas. Ao contrário deles, John continuou calmo enquanto os conduziu para terreno firme.⁸⁸⁶ Após encaminhar os tanques para uma área coberta de vegetação arbustiva, John correu em direção à praia, onde centenas de fuzileiros, abrigados no seguro interior de crateras de explosões, ficaram observando-o, estupefatos.

Até porque o tiro de barragem lançado pelo inimigo sobre a Praia Vermelha Dois havia se transformado numa torrente de fogos.⁸⁸⁷ Grandes projéteis de artilharia pesada explodiam a intervalos regulares, varrendo a praia paralelamente à beira da água. A certa altura, as explosões passaram a incidir em pontos cada vez mais próximos da praia e depois, gradativamente, mais distantes dela, num vaivém constante. Morteiros de grosso calibre caíam também em meio às suas posições em grande número. Eram explosões tão violentas que chegavam a atordoar os sentidos, fazendo todos os fuzileiros se sentirem inclinados a tentar avançar correndo.

Essa vontade impulsiva fazia seus corações baterem acelerados. No entanto, avançar correndo na esperança de não ser atingido era o mesmo que enfrentar uma pancada de chuva intensa esperando não se molhar. Apesar do perigo, na areia escura e fofa, que dificultava a marcha, seus corpos afundavam, causando uma sensação de conforto e segurança maravilhosa. Os CLANfs, agora auxiliados pelos BDVPs e BDVPMs, haviam conseguido desembarcar o regimento na praia.⁸⁸⁸ Contudo, diante do intenso ataque inimigo, o regimento inteiro ficou imobilizado.²¹ Foram tantos os enormes esguichos de água, estilhaços de madeira e metal das embarcações americanas destroçadas pelos canhões nipônicos que as operações de desembarque tiveram que ser interrompidas. O número de mortos e feridos estava aumentando rapidamente.

John reuniu mais alguns homens e partiu com eles para o aeródromo, avançando às carreiras, de cratera em cratera.⁸⁸⁹ Quando venceu o último terraço, deparou com Clinton Watters e alguns colegas de guarnição. John pulou para dentro de uma cratera junto com o amigo. Só na travessia da praia, Watters havia perdido muitos homens. Outros mais tinham sido atingidos, enquanto outros ainda lutavam para subir com suas metralhadoras pelos terraços. A área que tinham pela frente, tão tranquila no primeiro avanço de John, fervilhava agora com os fogos de armas portáteis.

Watters fora detido em seu avanço por alguns japoneses, que atiravam granadas de um sistema de trincheiras situado mais adiante. De repente, John gritou: “Vamos avançar eu e você juntos! Você vai naquela direção e eu vou nesta. Vamos conseguir!”⁸⁹⁰ Nisso, uma explosão fez Watters se abaixar, mas Basilone não esperou pelo amigo. Quando Watters conseguiu alcançá-lo, John tinha se lançado na trincheira do inimigo e estava atirando neles com sua carabina. Assim que conseguiram matar os soldados, Watters ouviu John gritar algo como: “Vamos fazer o seguinte agora!...” e o viu partir rapidamente. Nos vinte minutos seguintes, todas as rochas pareciam haver se transformado em casamatas de concreto. Antes que Watters conseguisse entender o plano ou localizar o alvo visado pelas forças antagônicas, John arremetia contra o inimigo para executar o intento. Quase nenhum sargento, como chefe de pelotão, teria optado por liderar o ataque, em vez de orientá-lo, mas Basilone nem sequer olhava para trás, procurando saber se o estavam seguindo. Watters foi no encalço de Basilone, acompanhado pelo restante da guarnição.

Quando, na tentativa de alcançar o aeródromo, iniciaram a travessia de um platô coberto de arbustos espinhosos e buracos de explosões, os tiros da artilharia japonesa se intensificaram. Enquanto os japoneses procuravam saturar a área com fogos para impedir o avanço do inimigo, os canhões da Marinha americana tentavam criar condições para os fuzileiros avançarem sobre o aeródromo. Aviões embarcados começaram a sobrevoar o local, onde lançavam latões de napalm. Disparos de armas portáteis vinham de todas as direções. Watters, Basilone e parte da esquadra se separaram.

Quando se aproximou da parte final da pista do aeródromo, tinha ainda, acompanhando-o pela retaguarda, quatro graduados. Quando entraram em trincheiras, um projétil de morteiro atingiu uma delas em cheio, justamente aquela em que haviam se abrigado os quatro graduados. A Companhia Charlie acabara de perder mais elementos de sua liderança.⁸⁹¹ Ao se levantar para correr, John foi atingido por projéteis numa área na

parte direita da virilha, no pescoço e no braço esquerdo, que foi arrancado quase por inteiro.⁸⁹² John Basilone teve uma morte dolorosa sobre a terra de um local perto do Aeródromo de Motoyama nº. 1. Em meio à chuva de balas, nem os colegas próximos a ele puderam socorrê-lo, mesmo porque esse não era o trabalho deles. Os mortos eram deixados aos cuidados da unidade do serviço de sepultamento. Mas a notícia da morte dele se espalhou: “John foi atingido.”⁸⁹³ Watters ouviu essas palavras quando chegou ao navio-hospital um pouco depois. O marinheiro que as pronunciou não conhecia Clint nem os laços que ele tinha com Basilone. Mas todos conheciam John.

Do outro lado da Linha Internacional de Data, Lena Basilone leu por acaso a manchete de um jornal de 19 de fevereiro enquanto trabalhava no refeitório. A manchete informava que 10 mil fuzileiros haviam desembarcado em Iwo Jima. Embora ela não tivesse ouvido falar na ilha, tomou um susto ao ler a notícia e acabou derramando parte do conteúdo da panela de gordura quente que estava segurando, incidente que lhe causou graves queimaduras na parte inferior da perna e num dos pés. Ela foi levada para a enfermaria de um navio.

“Sinto grande pesar pela situação dos rapazes em Iwo”, revelou Eugene na carta enviada aos pais em 24 de fevereiro, “pois tenho uma ideia muito clara do que estão enfrentando”. Não entrou em detalhes. Como sempre, Gene fez o possível para evitar escrever algo que pudesse aumentar a preocupação deles, sem ter que fingir que estava totalmente seguro. Quanto a isso, sua dificuldade decorria do fato de que Peleliu o transformara de tal forma que só agora ele começava a entender. A expectativa de participar de outra batalha a qualquer momento, e as leis de censura, o impedia de se aprofundar, no contato com as pessoas em que mais confiava, no assunto que lhe dominava o pensamento. Mas, em pedaços de papel que guardava dentro de uma Bíblia de bolso, anotava os fatos básicos de sua experiência de combatente — pequenas referências para ajudar a definir os demônios pavorosos que lhe atormentavam a alma.

Afinal, vira em Peleliu os corpos de fuzileiros transformados em grotescas esculturas macabras, plasmadas pelas facas do inimigo. A cena incrustara-lhe na alma um ódio voraz, tornando-o um fuzileiro incapaz de sentir compaixão pelos que não considerava seus iguais. “Meus colegas pilhavam tudo das mochilas deles... e arrancavam seus dentes de ouro”, escreveu E. B., “mas nunca vi um fuzileiro cometer o tipo de mutilação bárbara como a que os japoneses cometiam se conseguissem alcançar nossos mortos”.⁸⁹⁴ Todavia, por enquanto suas tentativas de dar uma definição de moralidade nos campos de combate tinham que ficar retidas em seu mundo íntimo.

Como leitores sagazes que eram, os pais de Sledge devem ter percebido parte da tormenta íntima do filho. Uma menção que ele fizera, por exemplo, de haver finalmente conseguido recuperar o peso que perdera, deve tê-los deixado curiosos sobre o motivo que o levava a desistir de manter a forma. Quando ele disse numa carta o quanto gostava de jogar voleibol, que era uma verdadeira febre em Pavuvu, acrescentou: “É realmente muito divertido podermos jogar, como se voltássemos todos a ser crianças de novo.” Quando sua mãe lhe contou que um de seus amigos da cidade estava se preparando para se alistar, Gene advertiu: “Diga ao Billy que sempre tive grande estima por ele, que sei que tem muito bom senso e, se tiver mesmo, que não entre para esta unidade.” Embora alguns fuzileiros fossem encaminhados para serviços tranquilos no próprio país, Gene contradisse o que recomendara antes: “Billy teria muita sorte se viesse para uma unidade corajosa como esta.” Sua mãe deve ter ficado curiosa com a resposta do filho, que veio justamente quando a solicitou que providenciasse cinco cópias de uma fotografia dele acompanhado de Snafu, Burgin e outros colegas da GP-M2.

Nos meados de fevereiro de 1945, manifestaram-se todos os sinais plausíveis de uma partida iminente, ao encontro de outra batalha. Os novatos haviam tido alguns meses de treinamento. Enquanto isso, Gene encontrava paz em seus momentos de adoração. Apreciava certos tipos de poesia, principalmente as inspiradas no angustiado niilismo dos poetas ingleses que haviam sobrevivido às trincheiras da Primeira Guerra Mundial. Gostava de música clássica, embora ela fosse rara em Pavuvu, por motivos óbvios e justos. Tanto é que,

algumas semanas depois de a divisão ter voltado de Peleliu, músicos profissionais fizeram uma visita a Pavuvu, onde tentaram realizar um concerto no píer de aço, mas foram expulsos do palco pelos fuzileiros com vaias.⁸⁹⁵ Logo depois, um espetáculo da USO chegou a Pavuvu e deixou encantada, com músicas populares, piadas vulgares e indecentes, uma plateia lotada. Por tudo isso, Eugene sabia que era diferente dos “cascas-grossas”. Quando sentia necessidade de isolar-se, mergulhava na leitura de suas revistas *Muzzleloader* e ficava admirando as fotografias da família, do lar e dos animais de estimação.

Uma carta enviada pelo amigo Sid Phillips sempre deixava Eugene feliz e animado. No fim de fevereiro, Sid enviou uma carta para dar boas notícias. Disse que havia conseguido passar pela primeira parte do curso, em Lejeune. Informou aos pais de Sid: “Ele vai sair de licença e seguirá para a Universidade da Carolina do Norte. Espero que tudo dê certo para ele. Fará uma visita a vocês também durante a licença. Agradeço muito por você e papai havê-lo tratado tão bem na licença anterior.” A conversa que mantinha com os pais nas cartas, nas quais falava sobre seus planos para o futuro, o levou a escrever para o Instituto Politécnico do norte do Alabama, solicitando uma lista dos cursos oferecidos, e a perguntar aos pais o que achavam da ideia de ele optar por especializar-se em silvicultura, como seus primeiros passos na senda de sua carreira profissional.

Com ordens no bolso para se apresentar à Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, Sid Phillips foi para casa, em Mobile, onde teria uma folga de dez dias, sentindo-se o dono do mundo. Voltou a tomar emprestado o carro do dr. Sledge e foi direto para o Merchant’s Bank, “para ver se aquela graciosa mulher ainda estava lá e solteira ainda. Como viu que ela não tinha nenhum anel de compromisso no dedo”, se dirigiu para o posto de trabalho da moça com o propósito de falar com ela. Quando se apresentou, ela disse: “Ah, sim! Eu me lembro.” Conversaram um pouco e marcaram um encontro. Sid voltou ao banco alguns minutos antes da hora de fechar “e matou o tempo conversando com um antigo guarda na porta do banco, exibindo o elegante uniforme militar de gala, e contou ao guarda algumas histórias de guerra que talvez até tivessem algo de verdadeiro. De repente, viu sair pela porta Mary Victoria Houston, trajando um vestido azul-marinho de bolinhas e salto alto, com os cabelos castanhos ondulados e balouçantes”. Ao vê-la, ficou tonto de tão fascinado. Tanto que, ao atravessarem a rua, continuaram andando pelo quarteirão, até ele perceber que não tinha ideia de onde havia estacionado o carro. Ficou desesperado. Começou a contar uma lorota inofensiva, dizendo que o usara tanto nesse dia que agora precisava lembrar-se de onde o havia deixado. Com voz suave e amorosa, Mary “disse que não se preocupasse, que ela sabia onde ele tinha estacionado o carro. Foram parar num estacionamento ao lado da antiga cadeia, e lá estava ele. Quando Sid perguntou como é que ela sabia, respondeu que sua família sempre estacionava ali quando iam à cidade”. Desnecessário dizer que ele nem sentiu o restante da folga passar, de tão deslumbrado.

O conhecido cheiro de base aeronaval — da mistura inconfundível da atmosfera saturada de partículas de água do mar com o odor de gasolina de alta octanagem — impregnava o ambiente da BAeN de Melbourne, Flórida, tal como nas BAeNs de Wildwood, de North Island e de todas as outras bases em que o tenente Vernon Micheel servira e trabalhara por meses a fio, aperfeiçoando suas técnicas de pilotagem. No fim de fevereiro de 1945, achava-se muito contente com seu posto de instrutor de voo de pilotos de caça da BAeN de Melbourne. As missões dos pilotos aeronavais não pararam de evoluir. Micheel deu aulas sobre o emprego de foguetes em operações de apoio de fogo aéreo aproximado e sobre técnicas de bombardeio em voos planados, bem como sobre “Combates Avançados”.

Mike gostou desse tipo de trabalho. Pilotava seu Hellcat por cerca de trinta horas mensais e dava aulas de instrução em terra. A viagem de carro até a pequena cidade de Melbourne, que ficava às margens do oceano Atlântico, era rápida. Sua namorada, Jean Miller, continuou a enviar-lhe cartas duas vezes por semana, às quais ele respondia sempre que possível. Decidira que só pensaria em casamento depois que a guerra acabasse. Em parte, essa atitude vinha do desejo de proteger Jean e a ele mesmo. Por outro lado, tinha a ver com a inalterável preferência da Marinha de ter “pilotos solteiros” em suas missões. Com 27 anos de idade, Mike queria progredir. E suas perspectivas eram boas. No relatório operacional elaborado por seu oficial comandante, Mike figurava com um grau de aptidão notável, no qual o tenente Micheel foi elogiado por sua capacidade de liderança, suas habilidades e seu “jeito de ser tranquilo e agradável”. Quando lhe perguntaram onde preferia servir, Mike solicitou que fosse enviado para um porta-aviões no Pacífico, pois achava que ainda tinha trabalho a fazer lá, já que lhe haviam dito também que “os fuzileiros tinham feito pouco progresso” quando desembarcaram em Iwo Jima e que “não tiraram de combate muitos dos canhões que pretendiam destruir”.

* * *

Em 7 de março, Lena Basilone comemorou seu trigésimo segundo aniversário entevada na cama do hospital da base, onde se recuperava das graves queimaduras sofridas na perna, em 19 de fevereiro. No dia do aniversário, parecia pronta para receber alta.⁸⁹⁶ Todavia, seu tenente apareceu na enfermaria para lhe entregar uma mensagem, mas antes falou com o médico, que foi até o leito dela e disse que precisaria transferi-la para um quarto particular.

— Você me disse que eu ia poder voltar para o quartel hoje — protestou Lena.

— Bem, é só por enquanto, pois preciso de vagas na enfermaria.

Levaram-na numa cadeira de rodas para outro quarto, onde o tenente lhe entregou o telegrama, que informava que John havia morrido e pedia que ela não divulgasse nada à imprensa. Ao saber da morte do marido, Lena deu um grito. O médico aplicou-lhe uma injeção, que a fez dormir. Quando acordou, Lena soube que ficaria dez dias de licença. Apesar de lhe haverem solicitado sigilo, era impossível evitar que a notícia da morte de seu marido se espalhasse.

A 1ª. DIFN seguiu de navio para Guadalcanal, onde participaria de manobras de grande porte no fim de fevereiro. Para o Engenhoso, participar de exercícios em Guadalcanal era como reviver, desde o começo, todos os acontecimentos de Peleliu, embora dessa vez o tenente-coronel Shofner comandasse uma companhia da polícia militar, em vez de um batalhão de assalto.⁸⁹⁷ O próximo alvo de sua divisão, a ilha de Okinawa, exigiria que ela coordenasse ações conjuntas com outras divisões pela primeira vez na guerra. O 10º. Corpo de Exército, junto com várias divisões do Exército e duas divisões de fuzileiros navais, deveriam arrancar do poderio japonês uma grande ilha, não muito distante de Tóquio. Porém, as várias centenas de milhares de oquinauenses que moravam na ilha representavam novos problemas. Precisavam separar essas pessoas — as inofensivas das perigosas —, abrigá-las em áreas seguras e alimentá-las. Para o cumprimento dessa grande missão, a pequena unidade de PM de Shofner foi coligada à unidade da junta militar do 10º. Corpo de Exército.

A unidade da junta militar (JM), tal como soube rapidamente, era um conglomerado de unidades semelhantes à dele, originárias de todas as divisões participantes da operação, com um pequeno núcleo de oficiais de estado-maior especializados em legislação internacional. Quando Shofner se encontrou com eles em Pavuvu, ficou claro que os oficiais da JM tinham recebido uma missão e que sabiam muita coisa sobre os “deveres das forças de ocupação sob os impositivos legais das leis internacionais”.⁸⁹⁸ Os especialistas da junta militar não tinham sido informados sobre onde estavam seus equipamentos e suprimentos ou como essa carga seria levada para Okinawa. A unidade da JM tinha recebido lotes de cartazes cheios de inscrições em japonês. Via-se que, com inteligente providência, os criadores haviam deixado espaços vazios nesses cartazes, para que fossem preenchidos conforme necessário, mas, durante semanas, a cúpula da JM ficou sem ter a mínima ideia do que significavam as inscrições, e muito menos a forma pela qual eles deveriam ser usados. Quando, no fim de fevereiro, a divisão iniciou os ensaios de suas operações de assalto em Guadalcanal, o comando da JM conseguiu localizar os seis intérpretes japoneses que lhe haviam prometido. Eram americanos cujos pais haviam nascido no Japão. Aprenderam a falar japonês no convívio com a família. Sua capacidade de se comunicarem com os oquinauenses tornou possível a missão de governar os civis, em vez de simplesmente encarcerá-los.⁸⁹⁹

Alguns desses tradutores, que pareciam japoneses, mas se expressavam como americanos, foram incumbidos de ajudar Shofner, que recebeu também uma companhia de PMs do Exército, rapidamente integrados na companhia por ele. Sua unidade de PMs, denominada “Destacamento A”, acompanharia sua divisão na travessia da ilha, durante a qual criariam postos de coleta de civis e de coleta e detenção de prisioneiros de guerra (combatentes inimigos). O plano exigiria que ele repassasse ambos os grupos de capturados para os “Destacamentos B”, os quais providenciariam para que recebessem o devido tratamento de longo prazo, enquanto a 1ª. DIFN prosseguisse em sua travessia pelo território inimigo. A junta militar deu uma série de palestras aos PMs, nas quais os instruíram sobre “princípios de governo militar, segurança pública, leis de ocupação bélica, tratamento de propriedades do inimigo e enfrentamento de problemas

práticos que achavam que eles teriam”.⁹⁰⁰ Contudo, todo oficial experiente conseguiu enxergar que a falta de um plano de logística claro punha em risco o sucesso da estratégia da junta militar inteira. Todas as divisões de infantaria americanas tinham recebido ordens para fornecer às unidades da JM milhares de barracas, centenas de milhares de rações e, ao mesmo tempo, tratassem de derrotar o Exército Imperial Japonês.

No início de março de 1945, os navios da 1ª. DIFN partiram das ilhas Salomão. Seguiram para o atol de Ulithi, local da nova base avançada da Marinha, aonde chegaram em 21 de março. De hora em hora, o coronel Shofner era obrigado a refazer a ideia que tinha do tamanho da grandiosa frota da Marinha americana, à medida que centenas de navios lançavam âncora nas águas locais. A mais impressionante das cenas que testemunhou, uma coluna de navios-aeródromos da classe Essex, parecidos com o *Hornet*, apareceu logo depois, assomando como gigantes navais diante das outras naves. Ela foi apelidada de “Coluna de Assassinos”. Enquanto Shofner contemplava esses componentes titânicos de sua missão, recebeu boas notícias. O general de divisão Pedro del Valle, comandante da 1ª. DIFN, entregou-lhe o relatório de aptidão militar para que o assinasse. Ele tinha dado “Excelente” a Shofner em todas as categorias, exceto em “Lealdade”, que ele considerou “Notável”. No resumo que fez de Shofner, disse que ele era “jovem, dinâmico e que fazia um bom trabalho”. O Engenhoso estava no caminho de volta para os campos de batalha.

* * *

Em Ulithi, Eugene e seus colegas deixaram temporariamente o navio-transporte de pessoal para fugirem um pouco do aperto em que viajavam e foram “tomar umas Cocas e cervejas, infelizmente não muito geladas”.⁹⁰¹ Em 24 de março, o navio-aeródromo *Franklin* aportou em Ulithi. R. V. Burgin chegou a ficar “a uns 30 metros do *Franklin*”, que havia sofrido grandes avarias com os ataques dos aviões suicidas inimigos uma semana atrás, quando os porta-aviões se aproximaram do Japão e atacaram suas bases aéreas. Os alertas vermelhos, emitidos quase todas as noites na grande baía de Ulithi, serviram para alertar os fuzileiros de que os aviões espões do inimigo estavam de olho neles.

A essa altura, as instruções finais sobre a batalha de Okinawa eram repassadas aos montes, com caráter de urgência e acompanhadas de um número infindável de mapas e fotografias. Stumpy Stanley, comandante da Companhia King, lhes advertiu da existência de cobras venenosas letais e que evitassem “matar a sede, lavar-se ou tomar banho com água que não fosse fornecida pelas unidades de purificação de água”.⁹⁰² Incumbido de realizar a mais difícil das tarefas em Peleliu, o 1º. RIFN ficaria na reserva, enquanto o 7º. RIFN e o 5º. RIFN encabeçariam o assalto. Com tantas invasões sendo realizadas no Pacífico, os estrategistas do Estado-Maior haviam batizado o dia da invasão de Love Day, em vez de Dia D, para evitar confusão. Todos sabiam que, no Love Day, enfrentariam “grande resistência” em Okinawa.⁹⁰³ Apesar de toda a conversa deles sobre o bombardeio antes da invasão, que diziam que abriria caminho para o avanço deles, os instrutores reconheceram que o 5º. RIFN “teria que atacar esse local da praia e avançar subindo escadas”; seu setor de

desembarque “deveria ser uma faixa à direita da base do penhasco, no início da praia”.⁹⁰⁴ Subir escadas durante o desembarque os deixaria extremamente vulneráveis. Mas a tarefa dos primeiros a desembarcar com o uso de escadas coube a outras companhias. A Companhia King desembarcaria na quinta vaga de assalto. Ela continuou a bordo de um navio-transporte de pessoal enquanto essas companhias da onda de ataque eram transferidas para NDCCs, nos quais fariam o trecho final da viagem.

Durante as várias semanas desde a sua partida de Pavuvu, Eugene Sledge escreveu algumas cartas, cujo teor dava a impressão de que tinham sido escritas enquanto permanecia deitado em sua cama de campanha, numa barraca quente e abafada, no meio de um coqueiral. Sua insistência para que não lhe enviassem, dos Estados Unidos, notícias sobre a guerra se tornaram um tanto agressivas. Para Sledge, já não interessava o que ele ou qualquer conhecido seu pensava ou dizia sobre a guerra, pois achava que ela ia “acabar logo”. Pediu à mãe que não lhe “perguntasse por que eles não usavam certas armas e tipos de tática” de guerra, já que ele mesmo era “um dos americanos que participavam” dos combates e que, mesmo “que soubesse, não podia dizer” nada a ela sobre isso. Contudo, Sledge herdara dos pais a notável capacidade de observação. Portanto, é possível que tenham visto em seu pedido de que lhe enviassem “um gorro de tricô por via expressa, se possível” um sinal de sua partida iminente do calor dos trópicos.

No navio-transporte de pessoal, os membros da GP-M2 ouviram o toque de distribuição de correio, anunciando a chegada de correspondência. Burgin recebeu “uma carta do pai, informando que seu irmão... tinha morrido na França. Ele morreu em fevereiro, mas estavam no fim de março quando recebeu a notícia da morte dele”. A família soube algo sobre a morte de Joseph porque “o capitão da companhia enviou uma carta à mãe e ao pai de Burgin informando que o irmão havia sido atingido por fogos de artilharia e morrera instantaneamente”. Burgin conversou com Sledge e seus amigos da unidade sobre Joseph, seu irmão mais novo, então com apenas 18 anos de idade, e confessou: “Não sei nem em qual companhia ele serviu — só sei que ele tinha acabado de chegar e que estava lá havia apenas um ou dois dias quando morreu.” R. V. ficou muito irritado ao imaginar o irmão participando de um combate como “recruta inexperiente”, pois Burgin sabia que, por ser novato, “não tinha nenhum amigo” na unidade.

Antes de os navios-transporte de pessoal lançarem âncoras em Ulithi, Eugene recebeu também uma carta falando de seu irmão Edward. A carta dizia que Edward, seu irmão mais velho, adicionara uma Estrela de Bronze à sua coleção de medalhas, uma Estrela de Prata e dois Corações Púrpura. Como sua mãe revelou na carta que ficava curiosa com o fato de Gene nunca ter tempo para se corresponder com o irmão, ele prometeu que daria os parabéns a Edward, “um irmão que é motivo de orgulho”, assim que pudesse. Enquanto isso, implorou aos pais que dessem ao Decano, seu grande amigo, “o melhor dos tratamentos”, levando em conta o problema de coração dele, a respeito do qual lhe haviam falado. Os navios-transporte de pessoal, os porta-aviões e os navios de suprimentos partiram em dias diferentes, mas, em 27 de março, estavam todos a caminho de seus objetivos.

Na manhã de 1º de abril, soou forte a imensa dissonância dos fogos da guerra, cujos estampidos e rimbombos excederam os de Peleliu em todos os aspectos: o número de projéteis, de sobrevoos de aviões

embarcados, de navios — corria o boato de que, nesse teatro da guerra, havia mais navios do que na invasão da Normandia —, mas os veteranos da Companhia King ficaram assistindo a tudo do Navio de Assalto Anfíbio (NAAnf) 198, sem moverem um dedo,⁹⁰⁵ pois sabiam que nada disso importava. O inimigo estava escondido em abrigos seguros, só esperando o desembarque dos fuzileiros. Quando desceram pelas redes de carga para embarcar nos BDVPs, ficaram mais uma vez fora do manto protetor dos grandes navios e logo a única proteção contra os estilhaços que teriam seriam seus macacões de algodão. “Detestamos a ideia de que a invasão seria num domingo e, o que é pior, num Domingo da Páscoa”, comentou Sledge. “O general Stonewall Jackson o general dos Confederados jamais iniciou uma batalha no domingo e, sobre isso, disse algo assim: ‘Aquele que forçar o início de uma batalha no Domingo da Páscoa conhecerá a ira de Deus’”. Entretanto, o sargento Burgin só pensava na chacina cometida pelos japoneses contra os fuzileiros — matança em que deceparam mãos, cabeça e órgãos genitais dos americanos — e estava decidido a “matar até o último deles”. Quanto ao seu próprio destino, ele o havia posto nas mãos do Criador. “Deus, cuide de mim, pois lhe pertence.”

Por volta das 9h30, os barcos do 3/5 alcançaram a barreira de corais, distante uns 4.000 metros da praia. Como seus BDVPs não conseguiriam atravessá-la, precisaram ser transferidos para CLAnfs, que haviam partido da praia ao encontro deles.

— Como se faz para entrar nisso? — perguntou um deles a um membro da tripulação de uma dessas viaturas.

— É só vir andando. Sem problema.⁹⁰⁶

Os veteranos de Peleliu chegaram à praia por volta das 10h30, onde ficaram bastante surpresos ao verem todos de pé. Nada de chuva de projéteis nem nenhum muro alto para escalar. Soldados e obuses de 75 milímetros eram desembarcados na praia como se fossem entregues por uma gigantesca linha de produção. Certamente, os grandes canhões da Marinha haviam varrido o inimigo da cabeça de praia. Nenhum deles tinha a mínima ideia do que os japoneses deviam estar aprontando, mas, como era 1º. de abril, o dia provocou muitos comentários. Viram que, com a foz do rio Bishi Gawa à direita deles, estavam no local planejado. Ao longe, num altiplano, podiam ver companhias do 1º. BIFN avançando cautelosamente através de uma área atapetada de lavouras minúsculas. “Deus deve estar conosco, pois, com certeza, nos tem tratado bem e está cuidando de nós aqui”, concluiu Gene.

Entraram em formação. O 3/5 avançou a 400 metros de distância do 1/5, unidade que cuidaria de proteger o flanco direito da divisão inteira, enquanto a Companhia K seguiu no lado direito da linha de frente de seu batalhão. Milhares de fuzileiros avançaram marchando rumo a um mundo estranho e desconhecido, ao longo de estreitíssimas estradas de terra ou através de lavouras e pastos. O avanço foi lento e penoso, embora num ritmo bem mais rápido do que o esperado. O bombardeio cessou rapidamente. Esqueletos de casas e de vilarejos inteiros pontilhavam a paisagem, com noventa por cento das edificações destruído.⁹⁰⁷ Aparentemente, os moradores haviam fugido, mas alguns civis tiveram que ser recolhidos e entregues ao Comando do

Regimento.⁹⁰⁸ Ao longo do dia, chegou a informação de que os fuzileiros estavam sendo atacados por pequenos grupos de soldados inimigos. O Comando do Batalhão fora atacado também por alguns focos de resistência, aparentemente despercebidos pelas ações de varredura do 1º. BIFN, e o comandante do 3/5 tinha sido ferido e foi evacuado. O major John Gustafson liderara seus soldados durante toda a travessia de Peleliu, mas desaparecera num dia claro e fresco, quando tudo parecia transcorrer bem.

Ao olharem para o oeste, na direção do poente, os integrantes da GP-M2 viram o oceano lá embaixo, com uma grande Marinha singrando suas águas. No céu, um avião lançou-se a grande velocidade na direção dos navios. Burgin e Sledge ficaram observando. Era japonês. Os navios começaram a atirar, com seus canhões cuspidos fogo de forma cada vez mais rápida e intensa. Ficaram na expectativa de verem o avião ser atingido por um projétil antiaéreo, mas ele continuou a mergulhar. Algum tempo depois, o camicase chocou-se contra uma nave que parecia de transporte de pessoal, provocando explosões com grandes rolos de fumaça e chamas. “Minha nossa!”, disse Burgin em voz baixa, espantado.⁹⁰⁹

Assentaram seus abrigos de morteiro num campo de cevada. Sledge estava com várias camadas de lã embaixo da jaqueta de campanha para espantar o frio. Com a chegada da noite e o fim do Love Day, a expectativa de um ataque banzai começou a deixar todos apreensivos. Era uma possibilidade que mexia com os nervos até dos veteranos. Os soldados dos pelotões de fuzileiros atiravam granadas contra qualquer ruído na escuridão.⁹¹⁰

Na manhã do dia seguinte, o Love Day mais 1, descobriram que os ruídos estranhos eram balidos de cabras e ovelhas.⁹¹¹ Receberam ordens dos escalões superiores determinando que o 3º. BIFN fosse posto no flanco direito da divisão, fazendo-o deslocar-se para a vanguarda dos outros dois batalhões. A Companhia K seria posicionada no lado direito do batalhão, decisão que a tornaria responsável pela proteção do flanco direito da divisão.⁹¹² Lançaram o ataque às 7h40, mas a operação se transformou em longa caminhada. O clima estava agradável e até fazia frio às vezes. Marcharam através de uma região agrícola, com criações de gado, hortas e alguns civis. Os japoneses haviam montado um grande número de imitações de embasamentos de canhão na área pela qual passaram. Esperavam deparar com atiradores de elite e núcleos de resistência atrás de muros e nas encostas de todas as colinas, já que o inimigo tinha dezenas de milhares de soldados na ilha. A guerra eclodiria a qualquer momento.

O tenente-coronel Shofner, seus PMs e os membros de sua junta militar chegaram um dia após o Love Day. Sua unidade foi uma das últimas unidades da divisão a desembarcar. O QG fora estabelecido entre as ruínas da cidade de Sobe.⁹¹³ Shofner ficou sabendo que cerca de 500 civis já haviam sido recolhidos. Esse grupo de oquinuaenses era formado por pessoas idosas e mães com filhos pequenos. Haviam passado a noite na praia sem nenhum tipo de proteção ou abrigo. A única comida que conseguiam era a oferecida pelos fuzileiros em trânsito. As equipes médicas da divisão queixaram-se desse estado de coisas, qualificando-o de insatisfatório. Os advogados da JM concordaram com eles. Disseram que, embora as pessoas postas aos cuidados de seus

homens fossem inofensivas, o comandante da PM deveria considerá-las inimigas. Como os oquinauenses falavam um dialeto local, e não o japonês, os tradutores nisseis tiveram problemas de comunicação. O Destacamento A, do Engenhoso, e o Destacamento B, do Exército, fizeram um trabalho conjunto, com o intuito de transferir os civis para o que restara das edificações da cidade de Sobe.

A falta de resistência de unidades das forças militares regulares japonesas criou muita confusão. Além disso, o rápido avanço dos militares americanos através da ilha começou a ampliar muito a rede logística. Os caminhões de suprimentos provocavam engarrafamentos de tal monta que era necessário mobilizar a PM para acabar com eles.⁹¹⁴ Mesmo em meio a um mar de caminhões, os PMs não conseguiram achar nenhum veículo que pudesse transportar os idosos e os feridos. Durante alguns dias, os PMs e membros da JM tiveram dificuldade para conseguir comida e, por isso, só puderam dar a seus prisioneiros uma refeição por dia. E o pior era que os PMs não tinham nem arame para criar um cercado prisional. Assim que os problemas de suprimento das JMs foram minorados, as companhias de fuzileiros seguiram para locais situados além do alcance do apoio de fogo da artilharia, que então teve que ser transferida para locais avançados também. Portanto, não havia unidade ou alguém que pudesse abrir mão de um caminhão para transportar civis. Na tentativa de trabalhar pelo menos com o mínimo de recursos possível, os PMs do Engenhoso “confiscaram” um caminhão anfíbio, que usaram para transportar os civis, fazendo com que as unidades da JM realizassem missões de reconhecimento e de ligação estratégica a pé.

Nos dias seguintes, o Engenhoso teve que abraçar um novo problema: cuidar de cerca de dez mil refugiados. Enquanto isso, a 1ª. DIFN transferira seu QG mais para o oeste, já que suas companhias de fuzileiros estavam se aproximando do litoral oposto da ilha de Okinawa. As equipes de apoio e suprimentos postadas na praia e em Sobe estavam trabalhando num ritmo frenético para ajudar o avanço das tropas. Descobriram que, na verdade, muitas das “estradas” da ilha eram meras “trilhas”. Os PMs tiveram muito trabalho para orientar o tráfego de caminhões.

Shofner deixou Sobe aos cuidados do Destacamento B, tal como planejado. Avançou com seus homens e ergueu um novo acampamento em Ishimiwe Kutoku, mais perto da “linha de frente”, onde deparou com mais engarrafamentos e “um número considerável de fuzileiros navais que haviam se extraviado de suas unidades”. Com o tempo, os PMs foram recolhendo mais e mais civis, a maioria deles formada por pessoas idosas e frágeis. Só uns poucos pareciam prisioneiros de guerra em potencial. O número e as necessidades dos cativos eram muito maiores do que as possibilidades de serviço dos PMs, mesmo com Shofner achando que tinha o dever de continuar junto à sua divisão para ajudar. Cerca de dez dias após o Love Day, os MPs e a equipes da Junta Militar supervisionavam 14 mil civis em dois campos: um em Sobe e o outro em Gushikawa, perto do QG da 1ª. DIFN, no litoral leste, uma área de pastoreio tranquila, com poucas estradas.

A 1ª. DIFN alcançara seu objetivo com facilidade, em poucos dias. Enquanto isso, outras divisões americanas do 10º. Exército haviam localizado e combatido soldados do EIJ na parte norte da ilha, mas também em sua metade sul. Enquanto outros de seus colegas combatiam, a 1ª. DIFN ocupou o centro da ilha e ficou esperando. A ocasião parecia ideal para que Shofner passasse o controle dos cuidados com os

prisioneiros ao Destacamento C, dos comandos do corpo de Exército anfíbio, conforme determinava o plano. Os desafios representados pelos números imensos excediam a capacidade de sua unidade de lidar com eles, e menos ainda fazer a triagem de todos eles. Os oficiais-intérpretes que o Engenhoso tinha em sua equipe conseguiam se comunicar com os oquinauenses, mas com alguma dificuldade. Todavia, os nisseis não haviam recebido nenhuma instrução sobre a arte de traduzir, técnicas de espionagem para coleta de informações ou práticas de interrogatórios, o que dificultava os esforços dos PMs para manter livre de sabotadores as áreas da retaguarda.⁹¹⁵

Era com ansiedade que os oquinauenses faziam o melhor que podiam para cooperar. Além disso, os oficiais do serviço de espionagem americanos souberam que os militares japoneses de Okinawa haviam recrutado todos os oquinauenses do sexo masculino que tivessem entre 17 e 45 anos de idade. Esses fatos, no entanto, não liberaram o Engenhoso de suas obrigações de vigilância e controle. Nas palavras dele, “uma população grande e potencialmente favorável aos japoneses não podia ter permissão para circular livremente entre as praias da invasão e as linhas de frente”. Ele queria transferir suas obrigações para uma autoridade competente. Contudo, o estado-maior do corpo de Exército anfíbio, bem como o do comando da ilha, acabou inventando motivos para justificar que o Destacamento C não estava em condições de assumir essa responsabilidade. Mas o pior foi que as respostas que deu indicavam a improbabilidade de virem a assumi-la num futuro próximo.⁹¹⁶

* * *

Para grande surpresa da tropa em geral, o 3/5 conseguira chegar ao litoral leste de Okinawa em quatro dias.⁹¹⁷ O 5º. RIFN havia matado 21 inimigos e capturado quatro prisioneiros de guerra.⁹¹⁸ Quatro de seus fuzileiros morreram e 27 ficaram feridos, a maioria por causa de acidentes. No quarto dia de sua presença na região, o tênue fio de gente deslocada de guerra que passou por suas fileiras se transformou numa enxurrada de refugiados. Nas vielas de terra e pequenas estradas, os fuzileiros depararam com grupos de nada menos que 75 pessoas, compostos de gente muito idosa, muito jovem ou ferida. Os adultos carregavam alguns pertences em mochilas ou cestas. Muitos caminhavam descalços. Os oficiais ficavam nervosos só de pensar no que aconteceria se os japoneses atacassem e o tiroteio começasse enquanto os fuzileiros nipônicos avançassem através de uma multidão de aldeões.

Uma vez que só conseguiu ver pessoas muito idosas ou muito jovens, R. V. Burgin se perguntava se os civis jovens e saudáveis não estavam ajudando o inimigo. Mas soube também que, além de haverem matado aqueles que os ofenderam, os japoneses haviam estuprado e torturado os oquinauenses. Pelo que podia ver, os oquinauenses “estavam felizes com a presença dos americanos. Queriam que os libertassem dos japas, pois estavam fartos deles. Não gostavam deles”. E. B. Sledge achou os oquinauenses “patéticos”. Viu “medo,

desânimo e perplexidade em seus rostos”.⁹¹⁹

A região que os fuzileiros atravessaram marchando fez Sledge lembrar-se da Carolina do Norte, com riachos cortando vales e cumes cobertos de pinheiros. Estreitos caminhos ligavam pequenas vilas às lavouras. Haviam recebido informes sobre a ocorrência de escaramuças, mas não testemunharam nem participaram de nenhuma. Durante uma marcha em 6 de abril, uma granada de fragmentação explodiu acidentalmente, por causa da imprudência de um cabo dos pelotões de fuzileiros, que a enganchara no cinto.⁹²⁰ “Depois disso, não foi necessário dizer a mais ninguém sobre a necessidade de se manterem cinco passos afastados uns dos outros”, observou um fuzileiro naval. “Todos passaram a marchar a uns quinze passos uns dos outros. Isso serviu para nos alertar.”⁹²¹ À noite, o 3º. BIFN montou um sistema de defesa em torno do vilarejo de Inubi para proteger o quartel-general do regimento instalado na cidade.⁹²² Feliz da vida por não enfrentar combates, Eugene notou que, de forma geral, os telhados das edificações da vila eram de telhas, enquanto, na área rural, os das casas das lavouras eram de palha, sustentados por paredes de pedras. Nessas pequenas fazendas, eram cultivados alimentos que ele conhecia, como cevada, mas também arroz, nas encostas socalcadas.

Nos dez dias seguintes, como ficaram num único bivaque, puderam montar suas barracas. Com o passar dos dias, os fuzileiros começaram a fazer “incursões” nas fazendas. No começo, investiram contra os galinheiros, à procura de ovos, colheram batatas e cortaram alguns pés de cana, mas não demorou muito para começarem a se servir das vacas e dos porcos dos oquinauenses. Os membros do pelotão de morteiros acabaram conseguindo seis cavalos para transportar seus equipamentos, feito que os deixou eufóricos. Os cavalos serviram também como fonte de diversão, já que Sledge e os outros fizeram algumas cavalgadas. Montado num dos animais, ele prosseguiu em suas observações da região. Viu que eram raros os pinheiros que atingiam mais de 7 metros de altura e notou que as pombas que sobrevoavam os campos eram “muito parecidas com as do Alabama, embora as de Okinawa tenham manchas dorsais mais claras e planem por distâncias consideráveis durante o voo”.

Encantado com a tranquilidade dos campos, Sledge mudou de opinião sobre os oquinauenses e passou a procurar oportunidades de conhecê-los. Viu que seus cabelos negros emolduravam rostos de pele de um pardo desbotado e olhos escuros. A maioria deles era mais baixa do que Eugene, que os achou parecidos com índios, com a diferença de que usavam quimonos presos com faixas e usavam tamancos. Os oquinauenses receberam com simpatia as gentilezas do americano. Uma jovem tentou ensiná-lo a contar até dez em seu dialeto, mas ele não conseguiu passar do três. Teve a impressão de que todas as mulheres carregavam um bebê nas costas, a ponto de achar que “provisões agrícolas e crianças eram os principais produtos da ilha”. Costumes esquisitos, como o de lavar o rosto antes de entrar em casa, cativaram Sledge, que conseguiu ganhar um quimono dos aldeões, com cinto de seda e tudo, o qual enrolou e pôs na pochete de campanha, outrora usada para guardar a máscara antigás. Tinha agora mais um presente para dar à sua mãe.

Os dias de aquartelamento em barracas de campanha para dois e o ato de acompanhar as esporádicas missões de patrulha tinham um quê de irrealismo para eles, já que nenhum dos veteranos jamais duvidou de

que os japoneses lutariam para defender sua terra natal. Notícias de combates no Sul — as divisões do Exército estacionadas na região haviam enfrentado sólida oposição — chegaram ao conhecimento do pelotão de morteiros. Podiam ouvir as distantes troadas e ver os clarões da artilharia e os aviões sobrevoarem a região. Quando olhavam para o litoral, viam as luzes dos holofotes vasculhando o céu. Mas nem todos entendiam o que esses sinais prenunciavam. Parece que, toda noite, aos veteranos, “os jovens novatos diziam: ‘Que nada! Vocês falam de guerra o tempo todo, mas isto aqui é um piquenique’”. Aos quais os veteranos respondiam: “Tá bom! É só esperar. Esperem que vocês verão!”⁹²³

No dia 13 de abril, a notícia da morte do presidente Roosevelt chegou ao acampamento da King em Inubi. Sledge, que nunca se importara com ele, esperava que Truman, o vice-presidente, pudesse ser empossado “sem muitos conflitos políticos”. O serviço de correios os alcançou também, já que agora alguns dos problemas de congestionamento, principalmente com relação à distribuição de suprimentos, haviam sido solucionados. Os pais de Eugene lhe enviaram o recorte com a matéria em que seu irmão Edward exibia a medalha de bronze e a notícia de que Ed tinha sido ferido pela terceira vez. Sid aproveitou para enviar uma carta e algumas fotos aos pais. Eugene foi até um posto da Cruz Vermelha pegar papéis de carta e envelopes. Em 15 de abril, depois que ele tinha começado a escrever algumas cartas, os militares suspenderam a censura imposta às correspondências da tropa. Agora, os praças podiam escrever o que quisessem, já que aquilo que dissessem nas cartas não importava mais. Depois de Okinawa, a próxima parada seria Honshu e as outras ilhas do Japão.

Mesmo livre das restrições para escrever, Sledge evitou tratar nas cartas de assuntos que pudessem transtornar seus familiares. Preferiu descrever os oquinauenses e falar de seus costumes. Pediu que lhe enviassem uma “câmara fotográfica barata” para que pudesse registrar algo das coisas que via. Falou também sobre o programa de rádio da Rosa de Tóquio, que tocava canções populares para atrair a atenção dos fuzileiros, entremeadas de propaganda em favor do império. Em 17 de abril, a Rosa de Tóquio fez desvairadas alegações sobre o número de baixas que os Estados Unidos haviam sofrido até então e uma denúncia contra o “Imperialismo Americano”. A acusação fez Gene dar muitas risadas.

De tão tranquila que estava a situação e tendo tão pouco para fazer, seu amigo Jay de l’Eau foi visitá-lo. Jay servira na King em Peleliu e fora transferido para o pelotão de armas especiais da Companhia de Comando, liderada pelo tenente Ellington. Jay agora era operador de bazuca. Ele e Gene tinham gostos parecidos em matéria de música e livros. Ao contrário de Eugene, porém, Jay e os membros de seu pelotão não gostavam muito do tenente Ellington. A visita foi uma ocasião especial para os dois amigos, embora companhias do 3º BIFN estivessem acampadas próximas umas das outras. Mas chegou o momento em que Jay teve que ajudar nos serviços em torno do PC do batalhão, ao passo que Gene estava escalado para participar de missões de patrulha.

As patrulhas pelas regiões campestres quase não davam em nada. Certa tarde, a esquadra de Gene viu um senhor idoso caminhando na direção deles, com uma enxada no ombro.

— Sledge Marreta — sugeriu um colega —, você conhece o idioma dessa gente. Pergunte ao velho onde fica a casa das gueixas. — Gene gostou da ideia de mostrar aos rapazes quanto estava “dominando cada vez

mais o idioma”. Ele se voltou para o oquinauaense e tentou fazer-lhe a pergunta.

— Não — respondeu o ancião com um inglês perfeito. — Não conheço nenhuma casa de gueixas. Havia uma em Naha, mas tenho certeza de que foi destruída pelas bombas.²²

Ainda com grande surpresa estampada no rosto, Sledge viu “os colegas dando piruetas e saltos à sua volta, rindo muito do Marreta por se dirigir em oquinauaês ao velho, que falava inglês perfeitamente”.⁹²⁴ Mas, sendo Gene, não podia deixar de perguntar ao homem como ele havia aprendido inglês.

— Passei uma temporada na Califórnia, onde fui trabalhar nos campos agrícolas com um visto de trabalho e fiquei lá por quase dois anos.

— Por que o senhor não foi trabalhar no Japão?

— Ora, os japoneses são tão cruéis com os oquinauaenses que era melhor ir para os *States*.

No fim de abril, as companhias King e Item foram incumbidas de uma missão nas ilhas situadas ao largo do litoral leste de Okinawa, onde havia necessidade de se verificar a situação nesses locais. CLAnfs os deixariam na praia da parte setentrional de Takabanare. Os preparativos para esse assalto anfíbio costa a costa tornou-se rapidamente outro caso de “apressem-se e aguardem”, já que todos ficaram só esperando, sem nenhuma providência, até Burgin ouvir alguém tirar o pino de segurança de uma granada. Como tinha ouvido isso muitas vezes, sabia que ela tinha sido armada. Seu corpo reagiu imediatamente, acelerando os batimentos cardíacos, mas, em vez de uma explosão, “houve apenas um estalo surdo”, já que alguém tinha removido a carga explosiva e, portanto, ocorreu apenas o disparo do detonador. Foi tudo uma brincadeira. Mas Burgin protestou, aos berros:

— Qual foi o filho da mãe estúpido que fez isso...?

— Fui eu — confessou o tenente Robert MacKenzie, parado na frente de seu pelotão de morteiros. — Estava sem a carga explosiva.

Mesmo ao saber quem fizera a brincadeira, Burgin não se conteve:

— Pelo amor de Deus, como alguém pode ser tão estúpido assim?!⁹²⁵

O rompante deixou E. B. Sledge chocado, já que nem em sonho pensaria em falar desse jeito com um oficial superior.⁹²⁶

A viagem até Takabanare levou quase três horas. Perto do fim do dia, as duas companhias conseguiram avançar até o centro da ilha, onde ficava seu vilarejo principal. Com o tempo, viram que patrulhar a ilha não diferia em nada das patrulhas que faziam na outra, aparentemente com a única diferença de que, nesse local, Burgin achava que havia mais civis. Depois de um longo dia revistando casas, ele e o tenente MacKenzie, que fora apelidado de “Scotty”, estenderam alguns tapetes num lugar isolado, onde se deitaram para passar a noite. De repente, Burgin notou algo de errado com a pistola .45 do tenente.

— Ei, Scotty, o mecanismo de segurança de sua pistola está destravado.

— O quê?!

— Sua pistola está destravada. Destravada — repetiu Burgin.

Scotty deu uma olhada e disse:

— Podia jurar que a tinha travado!

Scotty explicou que a destravara de manhã, quando revistaram a primeira casa e, portanto, continuara destravada o dia inteiro. “Por Deus!”, pensou Burgin. “Esse cara vai acabar matando alguém ou a si mesmo!” Por negligências como essa, alguns dos rapazes começaram a se referir a MacKenzie como o “Louco Mack” pelas costas.⁹²⁷

No entanto, até o veterano sargento enfrentava certa dificuldade para lidar com aquele estranho mundo de guerra sem combates. Certa tarde, Burgin ficou tão distraído em sua missão de revista que se esqueceu de que estava em território inimigo. Depois de revistar uma casa, resolveu fazer uma vistoria no celeiro por conta própria. Num ambiente muito pouco iluminado, caminhou de um lado para outro na esperança de achar uma galinha. Enquanto se mantinha com ambas as mãos ocupadas, remexendo aqui e ali, um homem saiu de seu esconderijo. Burgin sentiu a adrenalina subir abruptamente. Tratou de pegar a pistola rapidamente e sentiu-se mais seguro quando a levantou e apontou para o sujeito. Passados alguns segundos, entendeu que o homem estava apenas se escondendo e que não havia perigo. Burgin entendeu que, se essa tivesse sido uma situação perigosa, teria sido morto pelos erros cometidos: estava sozinho, com a arma no coldre e distraído.

Após quatro dias em Takabanare, a Companhia K voltou para a base do regimento nas cercanias de Inubi, onde passou alguns dias tranquilos. Depois disso, recebeu ordens para entrar em formação e lhe disseram: “Preparem-se. Vamos partir amanhã para o sul.”⁹²⁸

Em 30 de abril, enquanto alguns de seus amigos partiram em busca de uma vaca para conseguirem um pouco de carne fresca, Eugene sentou-se para escrever, num “dia claro e fresco, com ventos fortes”, ao passo que os integrantes da King se preparavam para marchar guiados pelos estrondos dos canhões. Parecia esperançoso. Achava que a guerra terminaria em breve. Teve a chance de enviar o quimono para sua mãe e o gorro de lã que solicitara havia chegado, o qual era “a melhor coisa do mundo para enfrentar as noites” frias. Soube que a sra. Phillips, a mãe de Sid, tinha enviado lírios para sua mãe, numa demonstração de amizade que o deixou muito contente. Mesmo sem a censura agora, Eugene sabia que precisava evitar revelar o medo terrível que abrigava no íntimo. Num parágrafo cheio de expressões de tristeza, reagiu à notícia da morte recente de seu amigo Decano rememorando o dia em que o adotara como se fosse um cãozinho de estimação, com os detalhes desse dia ainda muito claros em sua mente. O Decano, observou ele no desfecho do assunto, agora estava no “paraíso dos amigos de estimação”.

Nos meados de abril, o tenente-coronel Shofner e os outros oficiais da Junta Militar conseguiram ter uma visão segura e completa da situação. Souberam que o número de civis excedia o das previsões.⁹²⁹ Ficou claro que a vasta maioria de refugiados não representava nenhuma ameaça às forças de ocupação, embora tivesse havido alguns casos em que soldados japoneses disfarçados com roupas de civis, de pessoas comuns armadas ou de civis forçados a servirem de escudos humanos para soldados nipônicos — as diferenças não eram muito

claras — entraram em conflito com as forças americanas. Além disso, os oquinauenses tinham o lamentável hábito de se deslocarem à noite, quando, por exemplo, sentiam necessidade de se dirigirem para os campos em busca de refúgio ou de tentar voltar para seus lares e lavouras. Isso não podia continuar, pois os fuzileiros atiravam em qualquer coisa que se movesse à noite. Era necessário concentrar os refugiados em um único lugar para facilitar o serviço de saúde e a distribuição de alimentos. Quase todos os civis haviam se tornado refugiados, já que a guerra conturbara toda a vida na ilha, rompendo vínculos sociais e geográficos.

Contudo, o estado-maior da JM não tinha recursos humanos para enfrentar problemas de tão difícil solução, embora houvesse lutado para garantir o direito de dar ordens a Shofner, o comandante da PM, e continuaram tentando conquistá-lo, posto que as JMs precisavam dos PMs para manter a ordem nas áreas ocupadas. Mas Shofner não aceitava isso de jeito nenhum. Seus homens tinham que prestar contas a ele e a mais ninguém.

Certo dia, Shofner recebeu uma visita do comandante do 3/5, batalhão em que ele servira. O coronel Miller se queixou de que os oquinauenses estavam “destruindo seus salvo-condutos e... transitando por onde quisessem”. Miller achava que essas pessoas estavam mantendo contato com o inimigo.⁹³⁰

Enfrentando todo tipo de escassez e dificuldades para atender as necessidades de milhares de refugiados, Shofner tomou uma decisão sem consultar nenhum dos especialistas do governo de ocupação. Achou que a longa península que se estendia para o leste daria um bom campo de refugiados. Calculou que bastava separá-la de Okinawa levantando uma cerca na divisa natural que a separava da ilha. O Engenhoso escolheu alguns dos oquinauenses mais fortes e saudáveis para estender uma cerca de arame farpado através do estreito que passava pela península de Katchin. Feito isso, providenciou para que seus PMs, ajudados por alguns fuzileiros de sua divisão, transferissem os civis para essa área, embora enfrentando protestos do estado-maior de outra JM.⁹³¹ Em pouco tempo, mais de vinte mil oquinauenses foram transferidos para a península. Os membros do governo de ocupação tiveram que reconhecer que, realmente, a solução dele “fez com que os incidentes noturnos praticamente cessassem”.⁹³²

Como precisava de mais ajuda para cuidar dessas pessoas, Shofner fez uma reunião com todos os oquinauenses do sexo masculino saudáveis. Já os tradutores tiveram seu trabalho facilitado no contato com alguns dos homens mais jovens, que tinham sido forçados a aprender a falar japonês. Os homens que Shofner julgou problemáticos ele enviou para os campos de prisioneiros de guerra, conforme as ordens que recebera. No entanto, identificou 204 homens que considerou bastante saudáveis e cooperativos, os quais apelidou de “marinheiros oquinauenses” e os pôs para trabalhar. Os escolhidos montaram barracas, encheram sacos de areia e construíram abrigos antiaéreos. Mas os advogados do estado-maior da JM “solicitaram que o chefe da PM abandonasse esse método, pois gerava controvérsias quanto ao tratamento de civis e representava uma usurpação das funções do governo de ocupação”. Entretanto, os marinheiros oquinauenses eram “tão úteis e o método de lidar com eles era tão eficiente” que o comando da 1ª. DIFN autorizou que o Engenhoso continuasse fazendo o seu trabalho.

Os relatórios que Shofner recebeu no QG da divisão devem ter deixado claro que Okinawa se tornara o lugar da batalha que todos temiam. A 6ª. DIFN havia tomado emprestado alguns batalhões da 1ª. DI para ajudá-la a livrar a extremidade norte da ilha da presença inimiga. Todavia, o extremo sul estava ocupado pelo grosso do EIJ. Em seu avanço para o sul, várias divisões do Exército americano depararam com uma cadeia de montanhas e colinas perfeitamente integrada a um antigo centro do poder oquinauense, conhecido como Castelo Shuri. O EIJ havia fortificado essa rede de proteção natural com um número de peças de artilharia pesada maior do que qualquer outro que os militares americanos haviam enfrentado. Por causa disso, as perdas que estavam sofrendo eram espantosas. Como o oficial comandante de Shofner, general Pedro del Valle, tinha muito com que se preocupar, ficou contente quando seu chefe da PM tomou sobre si a responsabilidade de enfrentar um de seus muitos problemas. Quando o general o elogiou por isso, Shofner não perdeu a oportunidade de lembrar a seu comandante que ele era “um soldado de infantaria, e caso ele precisasse de alguém com essas qualificações”...

No fim de abril, o processo de criação de um governo rudimentar no campo de refugiados de Shofner na península começou a avançar, com a supervisão dos oficiais da JM. Formaram capatazes e criaram uma polícia constituída por nativos. Os capatazes foram encarregados de supervisionar a distribuição e o racionamento de alimentos. Destacamentos de serviços compostos por civis partiram acompanhados por guardas em busca de roupas e com planos de voltarem para o campo munidos de provisões. Os desafios continuaram, já que o número de refugiados nos oito campos principais da ilha ficou bem acima de cem mil pessoas. Contudo, a crise havia passado. Em 27 de abril, o comando do 10º. Corpo de Exército avisou a 1ª. DI que se preparasse para seguir rumo ao sul, onde travaria combates. Uma das divisões do Exército que estivera combatendo chegou e seus integrantes começaram a substituir a PM na execução de certos serviços. Os oficiais do governo de ocupação encarregados dos assuntos civis acabaram reconhecendo os méritos do tenente-coronel Austin Shofner. “Na primeira fase, o chefe da PM mostrou-se um oficial diligente, dinâmico, ansioso para cumprir, de forma integral, pelo menos a parte do serviço que lhe cabia, ou até mais, com relação ao problema dos civis. Realizou um trabalho de uma eficácia extraordinária, recolhendo e transferindo civis em grandes números para áreas de segregação, numa escala que qualquer unidade do governo de ocupação teria muita dificuldade para igualar.”⁹³³ Nas palavras do próprio Shofner, ele “não gostava dos japoneses”, nem desejava se tornar chefe da polícia militar. Apesar disso, “entendia a necessidade de cuidar dos prisioneiros e dos refugiados”.

A K/3/5 partiu do vilarejo de Inubi em caminhões, às 6h30 do dia 1º. de maio.⁹³⁴ Sem considerar as filas de oquinauenses seguindo na direção contrária, a viagem para o sul foi como se estivessem sendo levados para um desembarque em BDVPs numa praia qualquer: foram se aproximando aos poucos dos rimbombos dos canhões. A temperatura havia baixado e as pancadas de chuva ocasionais passavam rápido. À medida que foi se aproximando do destino, a Companhia K deve ter passado por uma série de baterias de artilharia pesada — com canhões de 105 e 155 milímetros. Ouvir aquelas erupções troantes, sofrer suas concussões, fazia o

soldado sentir uma fisgada no estômago; alguns fuzileiros novatos chegaram a experimentar um desagradável gosto de metal na boca. Quando desembarcaram dos caminhões na autoestrada 5 e ouviram os projéteis do inimigo vindo em sua direção, sentiram todos que não havia ninguém entre eles que não estivesse com medo.⁹³⁵

Os membros do 5º. RIFN ocuparam as posições deixadas pelos integrantes do 105º. e do 106º. Regimentos de Infantaria da 27ª. DI do Exército. Os elementos do 3/5 se instalaram nas posições do lado direito da linha de frente, enquanto os do 2/5 ficaram no lado esquerdo e os do 1/5 se entrincheiraram à retaguarda deles, como força de reserva. Correu entre os membros da Companhia King a informação de que os japoneses haviam mantido seus colegas encurralados nesse local por mais de uma semana, levando alguns deles a achar que os veteranos não haviam se empenhado o suficiente.⁹³⁶

Bombas fumígenas foram disparadas para ocultar sua movimentação, mas, assim que os membros da Companhia King correram para ocupar as trincheiras individuais, projéteis da artilharia e morteiros do inimigo começaram a causar baixas em suas fileiras. Sob o ataque dos fogos inimigos, debaixo de uma chuva fina e gelada, talvez os fuzileiros navais não tenham conseguido notar que o regimento do Exército que estavam substituindo fora reduzido a um efetivo equivalente ao de seu 3º. BIFN.⁹³⁷ Enquanto sua unidade substituía uma das unidades do Exército, R. V. Burgin ouviu um dos sargentos do Exército dar ordens a um de seus homens e o soldado responder: “Vá pro inferno! Faça isso você mesmo!” Ficou chocado. O sargento R. V. Burgin não conseguia acreditar no que acabara de ouvir, tampouco imaginar que um fuzileiro da GP-M2 pudesse dizer algo assim a ele. Mas isso não importava. Estava chovendo. Os japoneses disparavam morteiros contra eles, e os fuzileiros haviam sido informados de que, no dia seguinte, iam “escalar aquelas colinas. Continuem correndo até chegarem a um talude.”⁹³⁸

Como observador avançado de seu pelotão de morteiros, Burgin se pôs num lugar alto, de onde pudesse avaliar a situação. Foi como nos velhos tempos. “Os japas tinham se entrincheirado num altiplano.” Tinham posições de tiro perfeitas e pareciam atirar ao notar o menor movimento. O vale que havia entre os inimigos tinha a aparência feia e conhecida de uma terra de ninguém. Quando se deitaram para dormir, cobrindo-se com seus ponchos de campanha, o 3/5 havia sofrido quinze baixas. Assim como a chuva, as bombas continuaram a cair de tempos em tempos nessa noite.

Na manhã seguinte, a artilharia e os canhões navais americanos lançaram um fogo de barragem com força máxima contra os cumes das elevações situadas na frente das linhas do 5º. RIFN. Os batalhões da artilharia posicionados na retaguarda engrossaram os fogos, atirando todos ao mesmo tempo contra os mesmos alvos, aumentando muito a ferocidade do ataque. Enquanto as outras companhias do 3º. BIFN passaram o dia consolidando suas posições na linha de frente, os pelotões de fuzileiros da Companhia King se prepararam para atravessar o campo em demanda do terraço no lado oposto da colina. Em seu avanço numa missão de reconhecimento, uma patrulha achou um grande “morteiro dos nipos” e sua tripulação, posicionados num dos flancos da companhia. Stumpy perguntou via rádio ao pessoal da artilharia: “Vocês não poderiam dar um jeito

neles?”⁹³⁹ Logo depois, a patrulha teve que voltar correndo para suas fileiras. Nisso, o esquadrão de morteiros de Burgin começou a disparar bombas de fumaça para dar cobertura à patrulha em sua fuga. No dia seguinte, a tarefa das guarnições de morteiros de 60 milímetros seria semelhante: apoiar os pelotões de assalto, primeiro encortinando o avanço deles com bombas fumígenas e depois bombardeando as posições inimigas — com uma operação que, se não servisse para matar os elementos das forças defensivas adversárias, serviria para fazê-los manter a cabeça abaixada o tempo suficiente para que os fuzileiros se aproximassem.



Martin K. A. Morgan

Os fuzileiros navais passaram mais uma noite entrincheirados na terra escura de Okinawa, mas com um navio ancorado perto da praia fornecendo iluminação para eles. Mais uma vez, acordaram em meio a um cataclismo de violentas explosões de 105s e 155s, num ataque visando destruir as posições inimigas nos cimos das elevações adiante. Às 8h30 dessa quarta-feira, dia 3 de maio, os fuzileiros da King iniciaram a travessia pelo campo, mas a Companhia Love não conseguiu se juntar a ela a tempo. Porém, mais adiante, à esquerda, fuzileiros navais do 2/5 estavam atacando o inimigo também. Mal deram alguns passos, projéteis e morteiros da artilharia inimiga começaram a explodir em volta dos fuzileiros. A maior parte dos tiros de metralhadora vinha de um penhasco à sua esquerda, situado na frente do 2/5. Foram avançando aos poucos, de uma cratera para outra. Os elementos avançados conseguiram alcançar o talude, no qual tinham alguma proteção contra os tiros diretos dos inimigos. Fogos de apoio da artilharia e dos canhões navais foram solicitados. Chegaram dois

caminhões lança-foguetes, preparados para atirar sobre o inimigo uma saraivada de fogos devastadores.⁹⁴⁰

Os fuzileiros que alcançaram o talude iniciaram a escalada rumo ao topo da elevação. Sua tarefa era sumamente perigosa, já que, organizados em equipes munidas com armas leves, tinham que avançar até a entrada de cada caverna usando bazucas, armas portáteis e metralhadoras. Numa das cavernas, tiveram que empregar o lança-chamas para livrá-la da presença inimiga e depois atirar uma carga explosiva em seu interior para vedar a entrada. Foi a velha técnica de “explodir, queimar e soterrar” que haviam empregado em Peleliu.

Os esquadrões de morteiro avançaram para apoiar os elementos da vanguarda. De repente, Burgin viu que, mais diante, havia um grande obstáculo de terra, talvez com uns 9 metros de largura, construído na frente do que lhe pareceu uma caverna. Toda vez que um fuzileiro tentava contornar esse obstáculo, era alvo dos ataques de uma metralhadora inimiga. Ficaram impedidos de avançar. “Procurei, procurei, mas não consegui localizar o local donde efetuavam os disparos de metralhadora, embora pudesse ouvi-los. De forma geral, eu conhecia os arredores, mas não conseguia achar o local exato” da posição da arma. Burgin tentou avançar para uma posição à direita, presumindo que talvez conseguisse achar uma área de desenfiumento e localizar a posição da metralhadora sem ser atingido. Quando contornou a extremidade direita do obstáculo, balas da metralhadora inimiga “fizeram duas perfurações na perna esquerda de seu macacão e outra na direita, entre os joelhos e os tornozelos”. Mas Burgin não foi atingido, já que vira as línguas de fogo saindo do cano da metralhadora. Foi o caso também de Hank Boyes, que transmitiu novas coordenadas a Burgin. Depois de efetuarem um disparo com o 60, Boyes passou dados para a correção do tiro. “O segundo disparo deve ter atingido um ponto entre o japa e a metralhadora, já que o nipo foi para um lado, e a metralhadora, para outro... Portanto, acho que isso resolveu o problema.”

No início da tarde, as companhias tinham avançado quase 300 metros e alcançaram o altiplano. Foi um passo importante, que permitiu o avanço também dos batalhões situados nos flancos. No entanto, o inimigo lançou contra eles um fogo de barragem infernal. Em pouco tempo, os tiros de flanco e os projéteis de morteiro tornaram a posição deles indefensável. Enquanto isso, um elemento das forças adversárias, munido com um lança-granadas leve, conseguiu infiltrar-se atrás da posição avançada da King e ficou atacando-os pelas costas. Os membros da Companhia King começaram a baquear um atrás do outro, rapidamente.⁹⁴¹ A situação ficou insustentável. Os fuzileiros se retiraram do altiplano. Posicionada à esquerda, a Companhia Love lançou um tiro de barragem com projéteis de morteiro de 81 milímetros e tentou retomar o ponto principal da elevação. A King tentou dar fogo de apoio a ela, mas um bombardeio feroz do inimigo a deteve. Pelo rádio, Stumpy contactou da retaguarda Hank Boyes, o sargento de pelotão, dando ordens para que fizesse a companhia recuar. O 2/5 não conseguiu manter suas posições também, e ambas as unidades tiveram que se retirar às pressas enquanto os homens de Burgin lançavam bombas de fumaça. Conseguiram ver o sargento Hank Boyes no topo do promontório de 30 metros de altura, usando um boné, em vez do capacete, enquanto atirava granadas fumígenas para proteger os maqueiros que se retiravam com os feridos, que levaram consigo dezoito vítimas do ataque inimigo, o grosso das vinte baixas que o 3/5 sofreu nesse dia.

Boyes foi o último elemento da companhia a retornar.⁹⁴² Tinha uma perfuração de bala no boné e alguns estilhaços na perna.⁹⁴³ Sua companhia havia perdido outro líder de pelotão de fuzileiros, um sargento, e nove fuzileiros. De acordo com as possibilidades de avaliação de Gene Sledge, o ataque como um todo foi “um desastre”.⁹⁴⁴ Da retaguarda, os fuzileiros levaram mais munição para seu morteiro de 60 milímetros. Entre os que carregaram as caixas, estava um capitão que era membro do estado-maior do comando da divisão. O fato é que, pelo posto que ocupava, Paul Douglas não era obrigado a atravessar um arrozal correndo para levar munição a Sledge. Alguns dos jovens fuzileiros achavam que ele era um velho tolo e louco. Apesar dos cabelos brancos e das divisas de capitão, Douglas carregou mais munição e fez mais viagens do que os outros.⁹⁴⁵ Mas ninguém se surpreendeu com isso, já que ele tinha feito a mesma coisa em Peleliu.

A King precisava reorganizar suas unidades. No dia seguinte, permaneceu perto do posto de socorro do batalhão, enquanto a Love e a Item avançaram, conquistando a fortaleza, que passaram a chamar de Colina Arredondada, num tiroteio feroz. No extremo oposto do cume, tanques conseguiram apoiar o avanço deles. Receberam também o apoio de um ataque aéreo, no qual alguns foguetes atingiram integrantes da Item. Perto do fim do dia, a King avançou para uma posição à retaguarda da Item, enquanto a Love e a Item repeliram um contra-ataque por volta das 21 horas, que pareceu quebrar a resistência inimiga, já que, nos dois dias seguintes, conseguiram avançar mais 600 metros. A essa altura, a King ainda sofria baixas, entre as quais estavam mais dois segundos-tenentes, atingidos a alguns metros de suas trincheiras individuais. Como estava perto quando tudo aconteceu, Hank Boyes cuidou de um dos feridos, que tentou fugir apenas com uma das pernas. Assim, conseguiram aplicar-lhe uma dose de morfina e minorar seu sofrimento.

Na tarde de 5 de maio, a King avançou para varrer o inimigo da área do flanco esquerdo do batalhão. Em manobras como essa, Burgin costumava voltar às posições de seus esquadrões de morteiros para verificar se estava bem coordenado e amarrado com elas. Posicionar os morteiros sob os fogos do inimigo podia ser um trabalho difícil. Geralmente, Burgin descobria, quando voltava à posição de um de seus esquadrões, que ela havia se instalado num local ruim. “Pelo amor de Deus!”, repreendia-os, aos gritos. “Deixe-me mostrar uma coisa. Observem o terreno. Vejam só onde vocês estão!” A escolha da posição errada podia “fazer o sujeito levar um tiro fatal no traseiro”. Burgin ordenava que mudassem de posição. E, para deslocar os canhões, era necessário desmontá-los, arrastá-los através da lama, abrir novas trincheiras e criar novas bases para essas armas. Sempre que isso acontecia, um deles se queixava dizendo que fora o “Scotty” (tenente MacKenzie) que ordenara que se instalassem naquela posição. Burgin procurava o tenente e explicava: “Scotty, precisamos transferir essa unidade para cá. Ele nunca discutia comigo.” Com sua experiência, Scotty sabia que era melhor acatar o que praça dizia. Nesse dia, o pelotão de fuzileiros solicitou muitas salvas de bombas fumígenas.

O 3/5 passou três dias realizando uma operação de varredura da área. Tanques com lança-chamas chegaram para atacar os núcleos de maior resistência. Sobre uma região situada mais à frente deles, os Corsairs do CFNA lançaram toneladas de napalm, enquanto os batalhões da artilharia castigavam seus cumes. No dia 8 de maio, realizaram uma operação especial, com uma gigantesca saraivada de fogos maciços, lançada por todos

os canhões dos batalhões de artilharia e dos navios da Marinha, para homenagear a vitória de seus Aliados na Europa. “Não consigo entender como essas bestas aguentaram a surra esmagadora que lhes demos, dia e noite”, perguntou-se Sledge. “Não devem ser humanos e talvez estejam completamente dopados.”⁹⁴⁶ Enquanto isso, os fuzileiros navais usaram tanques e o M-7, um obus de 155 milímetros autopropulsado, para varrer os japoneses das cavernas com tiros à queima-roupa. Fuzileiros tiveram que acompanhar as viaturas para protegê-las de ataques suicidas de esquadras nipônicas armadas com minas. O batalhão perdeu trinta homens nessa operação. Entre essas perdas, estavam homens que sofriam as consequências das concussões provocadas por um número infindável de explosões.⁹⁴⁷

Na tarde do dia 9 de maio, depois que os grandes canhões tinham feito tudo o que foi possível, a King e a Item avançaram para a bacia de Awacha. Burgin ficou observando o avanço dos fuzileiros. Mesmo após ser alvo de uma chuva de fuziladas, o inimigo ressurgia aqui e ali e começava a revidar. Não era possível, raciocinou Burgin, que os morteiros do EIJ estivessem posicionados na encosta do penhasco. Achava que só podiam estar em algum aclave perto do topo, o que talvez explicasse por que a munição disparada contra suas encostas não era totalmente eficiente. Mas ele teve uma ideia. “Tomei a decisão de saturar aquela coisa com tiros de morteiros de 60 milímetros.”⁹⁴⁸

Voltou a entrar em contato com seu pelotão de morteiros via telefone e explicou o plano. A GP-M1 atiraria contra uma posição à esquerda e depois deslocaria seu fogo de barragem para a direita. A GP-M2, de Snafu, miraria seus disparos numa área à direita também, só que numa faixa de terreno a 15 metros da área direita batida pela M1 e depois voltaria para a esquerda, com fogos de varredura. A GP-M3 deveria atingir uma área 15 metros ao sul e voltar, varrendo essa faixa com fogos da esquerda para a direita. Quando Burgin disse que cada um dos canhões dispararia vinte projéteis, ouviu Scotty, seu tenente, protestar ao telefone:

— Pombas, não! Não vamos efetuar vinte tiros por peça — não temos tanta munição assim. Isso poderia esgotar a nossa munição!

— Ah, vamos! — retrucou Burgin. — Vamos atirar sim! — Scotty, que estava na retaguarda com os morteiros, começou a berrar protestos pelo telefone, mas não conseguiu fazer Burgin mudar de ideia. “Por fim, disse a ele que, ou ele cuidava pessoalmente de fazer a observação avançada, pondo o rabo na linha de frente, em vez de ficar na retaguarda, a cem metros de distância, ou deixava que eu mesmo fizesse isso.”

— Porra, Burgin, o problema é que não temos munição. Digo, vamos ficar sem nada para atirar! — insistiu Scotty.

Pouco depois, Burgin pediu que o encarregado da comunicação de campanha o pusesse em contato com o posto de comando. Quando ouviu alguém atender, perguntou:

— PC?

— Sim.

— É o Burgin. Você poderia enviar para cá cem projéteis com munição explosiva imediatamente?

— É pra já. — Em seguida, Burgin voltou-se para seu pelotão de morteiros, que ainda estava na linha de

frente: “Só atirem quando eu mandar.” Quando as guarnições dos canhões fizeram o ajuste das miras e avisaram o observador avançado que estavam prontas, ele ordenou que efetuassem a primeira salva do ataque. Pouco depois das 16 horas, as companhias King e Item partiram. Por volta das 19 horas, conquistaram o cume de uma colina na entrada da baía de Awacha. Tinham alcançado seu objetivo, mas tiros lançados do topo da elevação seguinte, situada mais ao sul, detiveram o avanço deles. Precisavam se entrincheirar, antes que anoitecesse.

Burgin estava louco para ver o que ele havia atingido. Do outro lado do cume, a encosta se estendia quase a pique até uma estrada que corria paralelamente a ela. Um pouco além da estrada, havia uma ribanceira com uns 5 ou 6 metros de altura. Portanto, a estrada servia como uma posição de desenfiamento perfeita. Os japoneses haviam assentado seus morteiros nesse estreito profundo, enquanto observadores e fuzileiros guarneciam posições no cimo desse altiplano. Assim, a artilharia dos fuzileiros navais e os bombardeios dos navios da Marinha ora atingiam a parte frontal da colina, onde não surtiam efeito quase nenhum, ora seus projéteis passavam por cima da elevação e caíam no campo que havia além da segunda escarpa. No entanto, os tiros dos 60 de Sledge haviam atingido o vale em cheio. Agora, mais de cinquenta corpos jaziam estendidos na estrada. Ele fez a contagem.

Na manhã seguinte, o 5º. RIFN iniciou o assalto contra as colinas de Dakeshi com a ajuda do 7º. RIFN. As aeronaves que forneceram apoio de fogo aproximado despejaram suas bombas numa área situada entre 40 e 50 metros adiante das fileiras de combate do 3/5. A Companhia King fez um pequeno avanço e, com isso, estabeleceu ligação entre os dois regimentos. As unidades que haviam se aproximado das colinas de Dakeshi ao meio-dia acabaram sendo rechaçadas no início da noite, num combate com poucos resultados, em que outros 29 membros do 3/5 tombaram.

Foi numa noite assim que, por coincidência, Burgin, Scotty MacKenzie e mais alguns outros tiveram que compartilhar da mesma trincheira. Burgin ficou ouvindo Scotty e os outros conversarem sobre mortos e feridos. Foi uma conversa comum. Viu MacKenzie comentar que muitas das baixas eram de oficiais. Nisso, Burgin observou: “É... Quando se trata de combates, os segundos-tenentes valem um centavo a dúzia”, já que eram mortos ou feridos rapidamente. Mas oficiais subalternos não eram os únicos a serem postos fora de combate. O primeiro-sargento da Companhia King, W. R. Saunders, ficou de cama, doente, e não avisou a ninguém. O sargento de pelotão se dava o trabalho de ir de trincheira em trincheira “para fazer a chamada, saber o que acontecera com cada um dos homens ausentes e elaborar o boletim matutino”.⁹⁴⁹

Em 11 de maio, o 7º. RIFN prosseguiu em seu avanço para se lançar de assalto contra os altiplanos das colinas de Dakeshi, enquanto o 5º. RIFN continuou onde estava, para que seus homens descansassem um pouco. O barulho dos combates diminuiu e três dias se passaram sem que vissem um inimigo sequer. Mas todos sabiam que havia a possibilidade de os japoneses que escaparam de suas operações de limpeza de terreno aparecer à noite para atacar fuzileiros desprevenidos ou que os observadores de sua artilharia podiam acabar localizando-os. Mesmo assim, era melhor do que estar na frente de combate. No dia seguinte, Boyes enviou Snuf para um hospital de campanha na retaguarda para tratar uma grave infecção pulmonar.

A operação de limpeza de sólidos núcleos de resistência inimiga em Iwo Jima prosseguia ainda quando os integrantes da 5ª. DIFN participavam de uma cerimônia de inauguração do cemitério da unidade. Em pé diante deles, um capelão confessou que não sabia o que dizer. “Alguns de nós enterraram nossos melhores amigos aqui... Aliás, neste exato momento, continuamos vivos porque os homens que jazem aos nossos pés tiveram a coragem e a força para dar suas vidas por nós.” Alguns desses homens enterrados ali haviam servido à pátria tal como seus ancestrais na Guerra da Independência. Outros “a amavam com a mesma paixão, pois eles mesmos ou seus pais haviam fugido da opressão em busca de suas praias abençoadas”. Ricos e pobres, brancos e negros, praças e oficiais, esses fuzileiros navais jazem aqui sob o espírito da “mais alta e pura democracia”. O capelão pediu a todos que fizessem tudo para que o sacrifício dos colegas tombados não fosse em vão. Ponderou que, do sofrimento, certamente adviria “o nascimento de uma nova liberdade para os filhos dos homens em toda a parte”.⁹⁵⁰

Um dos fuzileiros navais que ouviu as palavras do capelão foi George Basilone, irmão de John. Em meados de maio, George enviou de Iwo Jima uma carta a Lena para dizer que John havia tido um enterro decente, sobre o qual esperava contar tudo a ela um dia.⁹⁵¹

Lena já tinha ouvido bastante sobre John. A notícia da morte dele recebeu ampla cobertura da mídia e reavivou o interesse pelos serviços prestados por ele em Guadalcanal e na Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra. A causa que dera origem à reportagem especial sobre ele foram os debates em torno do que os jornalistas chamaram de “a opção de John Manila”.⁹⁵² Como estrela e herói que ele era, “poderia ter permanecido nos Estados Unidos”. Meses depois, Lena receberia uma carta com elogios do oficial comandante de John em Iwo Jima, que se referiu a Basilone como “amigo e colega de trabalho”, e os pertences do marido.⁹⁵³ Não era muita coisa — apenas um medalhão com uma mecha de cabelos, um rosário, seu anel de casamento e algumas fotos.

Pelo menos na opinião de Sidney Phillips, “Chapel Hill era o paraíso na Terra para o Fuzileiro naval raso”.²³ A disciplina era amena. Os alojamentos, embora espartanos, eram confortáveis. Achava o serviço de lavanderia uma maravilha e ótima a comida servida no refeitório da Marinha. Tinha aulas seis vezes por semana, das 8 às 17 horas, como parte de um curso intensivo do período letivo. Empolgado com o fato de que receberia créditos nas disciplinas da faculdade, não tirava a cara dos livros. O período letivo durava dois meses. Sid passou suas duas semanas de folga em Mobile, na companhia de Mary Houston. “Tinha uma paixão louca e incurável pela moça.” Achou que havia impressionado bem os pais dela, mas estava preocupado com seus seis irmãos, todos mais velhos que a jovem, “quatro dos quais na Marinha e três deles oficiais. Ele sabia que não se importariam que sua bela irmã namorasse um fuzileiro naval raso e desprezível. Assim, tentou fingir que era ajuizado”.

O cerco em que a 1ª. DIFN acabou caindo, situação semelhante à enfrentada pelos soldados nas trincheiras da

Primeira Guerra Mundial, tornou um pouco mais fácil o trabalho do comandante da PM. Poucos civis ousavam mostrar a cara em meio à tempestade de fogos bélicos e, assim, o encaminhamento deles para os campos de recolhimento caiu para quase zero nas primeiras semanas de maio.⁹⁵⁴ Shofner e sua equipe mantiveram operantes as unidades de coleta móveis, na tentativa de aliviarem o fardo de preocupações que os comandantes do batalhão carregavam nos ombros. Seu árduo trabalho valeu a pena, tanto que, quando um dos comandantes do batalhão da divisão baqueou, o comandante geral convocou o Engenhoso para ocupar sua vaga.

O tenente-coronel Shofner transferiu para outrem as suas obrigações “da forma mais rápida possível” e se apresentou no quartel-general em 10 de maio, onde passou vários dias com o subcomandante do 1º. RIFN para ser posto a par da situação. O comandante do batalhão que ele estava substituindo havia sido ferido durante um ataque na Colina 60. Seu novo batalhão, o 1º. RIFN, sofrera um grande número de baixas. Apesar das perdas, varreu o inimigo do topo da Colina 60, numa impressionante demonstração de coragem e trabalho de equipe. Em 13 de maio de 1945, Austin Shofner conseguiu aquilo pelo qual vinha lutando desde setembro de 1944. Seguiu para a linha de combate, onde assumiria o comando do 1/1.

O 1º. RIFN encaminhou um operador de rádio para trabalhar com Shofner e os dois partiram para o quartel-general do 1/1, situado a cerca de 700 metros de distância. Haviam marchado uns 300 metros quando uma bala disparada por um atirador de elite japonês lançou por terra seu operador de rádio, que morreu. Aos gritos, Shofner deu ordens a alguns engenheiros posicionados nas proximidades para que cuidassem do corpo do colega morto. Logo depois pôs o rádio nas costas, pegou os livros de códigos e continuou a avançar. Quando se aproximou da linha de tiro, Shofner deu uma olhada numa grande cratera, onde entrou e ficou cara a cara com um fuzileiro.

— Quem é você? — perguntou Shofner.

— Sou Roberts, o praça de primeira classe, Companhia Charlie, 1º. RIFN, 1ª. DIFN. E quem é você?

— Meu nome é Shofner. Sou seu novo comandante de batalhão e agora você é meu novo operador de rádio.

Shofner o levou para o QG do batalhão, onde conheceu seu subcomandante e seu oficial de operações e foi informado de que o 1/1 estava na reserva. A grande notícia do dia foi que haviam achado um livro de códigos que identificava a unidade inimiga posicionada de frente para o 1/1 como o 12º. Batalhão de Infantaria Independente.⁹⁵⁵ Em seguida, Shofner foi localizar seus comandantes de companhia e fazer o reconhecimento do terreno. Os outros batalhões do 1º. RIFN haviam destroçado um contra-ataque japonês de manhã. A chance que tiveram de ver grandes contingentes do inimigo em terreno aberto e matá-los dera a todos os participantes dos combates uma gostosa sensação de vingança. À tarde, pouco antes da chegada de Shofner, o 2/1 e o 3/1 haviam atacado as colinas de Wana, em apoio ao assalto do 7º. RIFN contra as de Dakeshi, embora não tivessem se aproximado muito da foz da bacia de Wana. Já havia anoitecido quando Shofner conseguiu voltar para o QG de sua unidade. De lá, enviou seu novo operador de rádio, o praça de primeira

classe Roberts, de volta para seu esquadrão. Os operadores de rádio do 1/1 eram índios navajos, sabia o Engenhoso horas depois, “que se comunicavam entre si via rádio no próprio idioma, sem codificar a linguagem, confiantes de que era absolutamente incompreensível para o inimigo”.⁹⁵⁶

O trabalho de reconhecimento era parte da determinação do Engenhoso de “usar todos os meios possíveis para continuar o avanço e, ao mesmo tempo, evitar ao máximo a perda de vidas americanas”. Queria evitar cometer o mesmo erro do coronel Puller, o Peitudo, que Shofner achava que recorrera exclusivamente ao “ataque frontal” em Peleliu. Todavia, os cimos do altiplano que ele tinha pela frente se estendem para além de sua zona de atuação, chegando aos setores de outras divisões, o que lhe dava poucas oportunidades de manobras de flanqueamento, já que, ademais, o inimigo parecia ter sob a cobertura de suas tropas todas as vias de avanço possíveis. Para avançar, o 10º. Corpo de Exército teve de recorrer ao emprego de um poder de fogo maciço para abrir caminho para seus fuzileiros.

No dia 14, o 1/1 encabeçou o ataque, no qual se saiu bem. O 1º. BIFN alcançou seu objetivo, qual seja, a extremidade ocidental das colinas de Wana. A Charlie, uma das companhias de Shofner, foi a unidade que avançou mais e seus integrantes começaram a abrir trincheiras para defender a conquista. Como recompensa pelo feito, Shofner providenciou para que a correspondência chegasse às suas trincheiras. No entanto, a Charlie não conseguiu coligar-se com o 7º. RIFN, posicionado à esquerda. Essa brecha na linha de frente deixava a companhia vulnerável a ataques do inimigo. O primeiro sinal de perigo apareceu quando quatro tanques Sherman tentaram contornar a ponta ocidental das colinas e foram postos fora de combate por um canhão encravado em algum lugar do lado austral delas.⁹⁵⁷ Pouco depois das 19 horas, os japoneses lançaram um de seus raros contra-ataques à luz do dia, descendo aos bandos das colinas com o objetivo de devastar as posições da Companhia Charlie, liquidando-a de vez. Morteiros atingiram o posto de comando de Shofner. O comandante entrou em contato com o Engenhoso via rádio e pediu permissão para se retirar. O coronel autorizou a retirada, principalmente porque não tinha como conseguir reforços para ajudá-los, e solicitou a deflagração de bombas de fumaça.⁹⁵⁸ O comandante da Companhia Charlie foi ferido enquanto recolhia seus homens e retirava seus feridos das Colinas de Wana. O 1º. RIFN saiu da linha de combate em 15 de maio, deixando que o 5º. RIFN assumisse seu lugar na vanguarda do ataque.

Sua passagem para a reserva regimental permitiu que o 1º. RIFN recuasse para um ponto em que seus homens podiam desfrutar de banhos e comida quentes e receber uniformes limpos.⁹⁵⁹ Mas, de início, contentaram-se em poder se atirar aonde quisessem para descansar.⁹⁶⁰

* * *

O assalto do 5º. RIFN contra as colinas e a bacia de Wana exigiu o emprego de grandes volumes de fogos de canhão e napalm. Tanques munidos com lança-chamas, agora não mais o velho Ronson, mas um modelo mais

poderoso, denominado Satã, apoiava a infantaria. Os fuzileiros navais puderam contar também com o apoio do pelotão de lança-rojões — um obuseiro autopropulsado de 12 toneladas, equipado com um obus M7, que disparava foguetes de 4,5 polegadas da Marinha. Mas Eugene Sledge e o restante do 3/5 ficaram na reserva. O 3º. BIFN recebeu substitutos e ficou aguardando enquanto os outros dois batalhões combatiam na Colina 55, uma das principais elevações do sistema defensivo do inimigo na cadeia de colinas de Wana. Na tarde do dia 14 de maio, o inimigo partiu num contra-ataque contra as posições da Companhia King.

Quando Scotty percebeu que os esquadrões de morteiros estavam com grande necessidade de munição, formou um destacamento de serviço com alguns substitutos. Nisso, o inimigo começou a disparar seus morteiros de 90 e 105 milímetros contra a seção de morteiros que apoiava a operação e assalto de seus colegas americanos. Abrigado em sua trincheira individual, Gene, quando ouvia os projéteis de 105 se aproximar, tinha a impressão de que seria “levado para os braços de Jesus dali mesmo”.⁹⁶¹ O destacamento de serviço tinha pegado as caixas de projéteis de morteiro e estava voltando quando, de repente, as bombas inimigas começaram a cair perto dele. “Vão acabar matando todos nós!”, gritou Scotty. “Ponham essa coisa no chão e deem-se!” Os soldados obedeceram. Logo em seguida, Sledge ficou observando Snafu ir correndo até a posição do pessoal do destacamento de serviço. Via com satisfação a volta de Snafu aos combates. Snafu era baixo e, como quase não tinha pescoço, “quando usava o capacete, parecia uma tartaruga, mas era o melhor filho da pistola do mundo” que Sledge conhecera na vida. Snafu tirou o pente de sua submetralhadora e enfiou na jaqueta. Quando se aproximou de Scotty, segurou a arma pelo cano, com a coronha voltada para o oficial. Embora Sledge não tenha conseguido ouvir o que ele disse, viu que Scotty pôs seus homens para trabalhar. A munição chegou ao destino e os morteiros de 60 milímetros cumpriram seu papel na destruição do inimigo. Horas depois, Sledge perguntou a Snafu o que ele havia dito a Scotty. “Disse o seguinte: ‘Seu maldito, se você não mexer esse rabo e fizer esses caras levarem a munição para a linha de frente, vou estourar seus miolos com esta submetralhadora.’” Sledge achou que o incidente era mais uma prova da loucura do Mad Mack. Apesar disso, o sargento Burgin aprendera a respeitar Scotty, pois, ao contrário de Duke Ellington, seu antecessor, sabia que Scotty passava boa parte do tempo na linha de combate e que, embora ele tivesse tomado uma decisão errada, estava aprendendo.

Em 17 de maio, Sledge juntou papel e caneta para enviar uma carta aos pais e, assim, evitar o sofrimento pelo qual todos passaram durante a campanha em Peleliu. Admitiu na carta que, após um “período muito difícil”, os últimos dias haviam sido bons para ele e que o clima continuava agradável, sem chuvas. Vinha recebendo correspondência com muita frequência — algo bastante surpreendente, considerando-se a situação — e ficou na expectativa de receber a carta que dizia que seu irmão Edward estava a caminho de casa. Nas cartas, Gene tentava consolar o dr. e a sra. Sledge, preocupados com a possibilidade de Ed ser enviado para o teatro de operações em que Sledge servia, dizendo a eles que os três Corações Púrpura de Ed, mais uma Estrela de Prata e outra de bronze, valiam por uma passagem de volta para casa. Quanto a ele, Gene foi sucinto: “Acho que não conseguiria ter um nome ou uma descendência melhor, e sei que meus pais são os dois cristãos mais adoráveis do mundo... quando nos reunirmos em Georgia Cottage de novo, saberei que Deus terá atendido às

minhas preces.”

O 3/5 deve ter sabido que os outros batalhões do 5º. RIFN quase conseguiram romper as defesas inimigas na Colina 55 e das colinas de Wana “após intensos combates corpo a corpo” e que os primeiros fuzileiros começaram a surgir na estrada que conduzia ao Castelo de Shuri quando os trens chegaram, em 21 de maio.⁹⁶² De repente, começou a cair uma chuva fina, tão gelada que parecia alcançar os ossos. Em vez de passarem, as nuvens carregadas de chuva continuaram sobre a região. A unidade de Gene foi informada de que seguiria para a linha de frente, onde substituiria um batalhão do 4º. RIFN. Mas a chuva, tal como o bombardeio inimigo, tornava lenta a movimentação da tropa.

Iniciaram o bombardeio da forma usual. A artilharia pesada, que os soldados chamavam de a Guerra de Deus, começou a atirar. R. V. Burgin estava lotado no posto de observação com seu amigo Jimmy. Quando os projéteis começaram a cair mais perto, atiraram-se numa cratera aberta por explosão. E escaparam por pouco. Burgin caiu de bruços no fundo do buraco, onde sentiu a concussão da explosão e depois o peso da terra que caiu em cima dele, soterrando-o. Mas Jimmy o ajudou a sair de lá. Depois disso, viram que a atmosfera ficara um pouco nebulosa. “Estavam nos bombardeando com tudo o que tinham... era um ataque infernal.”

A aproximação dos americanos do Castelo de Shuri desencadeara contra eles um furioso ataque da artilharia japonesa.⁹⁶³ Aparentemente, para o inimigo, suas preocupações de manter seus canhões ocultos ou de controlar com inteligência seus minguantes estoques de projéteis não importavam mais. Já alguns elementos do 3/5 “achavam que os japas não estavam mais disparando seus projéteis contra a artilharia dos fuzileiros navais, como seria de esperar. Estavam era tentando destruir o moral dos fuzileiros da linha de frente e estavam conseguindo fazer um trabalho muito bom, já que ninguém aguenta ser bombardeado dessa forma um dia após o outro”.⁹⁶⁴ As explosões constantes os faziam dissociar a causa do efeito: árvores desapareciam no meio de labaredas e fumaça, mas os ouvidos não conseguiam perceber nenhum efeito de Doppler, nem nenhum senso de direção ou até o barulho rascante do projétil destroçando a árvore. O barulho embotava os sentidos e desorientava a mente. “Os projéteis da artilharia inimiga fuzilavam em quase todas as direções e atingiam os soldados... e estilhaços voavam por toda a parte” quando, de repente, ocorre uma breve suspensão dos disparos. Burgin ouviu Katz “rezando em voz alta para que caísse uma tempestade”. “Katz”, gritou Burgin, “fecha esse bico! Se quiser rezar, reze... mas em silêncio. Não fique gritando desse jeito... pois deixa os meus soldados nervosos”.

Não tão nervoso quanto anestesiado pelas concussões, R. V. “estava sentado em cima do capacete de Burgin, comendo presunto enlatado com feijão-de-lima, quando Burgin foi atingido no pescoço por um estilhaço com cerca de 10 centímetros de comprimento”. Ao pôr a mão no metal de bordas cortantes, queimou os dedos. Pegou algo para arrancá-lo da pele e o pôs no bolso. “Katz aplicou um pouco de enxofre no ferimento, fez um curativo e fui a pé para um hospital de campanha, situado a uns 800 metros na retaguarda.” De lá, uma ambulância o levou para um hospital maior.

Além das roupas novas, os fuzileiros da unidade de Shofner receberam substitutos, que na verdade eram dez por cento de efetivo extra, treinado pelo comando da 1ª. DIFN em Pavuvu e que ele manteve, até quando necessário, em vários “destacamentos de serviço” para descarregar navios. Levaram dois dias para treinar os substitutos e encaminhá-los a unidades. “Iniciamos um treinamento intensivo desses homens imediatamente”, conforme determinado pelo comandante da divisão. “Demos ênfase ao manejo e emprego de armas de fogo, bem como ao ensinamento de táticas operacionais em escala de esquadra e pelotão.”⁹⁶⁵ Em 18 de maio, Shofner partiu com o comandante do regimento para inspecionar as posições do 7º. RIFN, já que, no dia seguinte, substituiriam os integrantes dessa unidade. O 1/1 de Shofner substituiu o 1/7, que estava em “estado de defesa passiva”. O 3/1 assumiu a difícil tarefa de avançar diretamente para as colinas de Wana. Mas, em 24 horas, todos os três batalhões da 1ª. DIFN iniciaram a conquista da Colina 55 e das colinas de Wana metro após metro, com a troca de tiros, lançamentos de granadas e o inimigo muito próximo da linha de ataque.

Mais uma vez, a Companhia Charlie, subordinada ao comando de Shofner, capturou uma área das colinas de Wana que seus homens apelidaram de “Caco de Dente”.⁹⁶⁶ No entanto, só porque conseguiram dominar a crista da elevação, isso não significava que os japoneses entrincheirados no lado oposto bateriam em retirada. Ao contrário, o inimigo usou com eficiência seus meios de proteção e contra-atacou à noite, ocasião em que cem fuzileiros navais lutaram corpo a corpo com um grupo de japoneses que variava entre cem e duzentos soldados. Os japoneses conseguiram voltar para o topo nas primeiras horas do dia 22 de maio, mas a Charlie se reorganizou e conseguiu fazê-los recuar. O problema ficou claro. A artilharia pesada, e até os tanques e os obuses 105 autopropulsados, não conseguia atingir o lado contrário das encostas. Os engenheiros contornaram o problema estendendo mangueiras sobre os cimos das colinas de Wana e bombearam centenas de litros de napalm contra as posições japonesas do outro lado. Quando saturaram bem o terreno inimigo com o produto, inflamaram suas poças de gasolina incendiária com granadas de fósforo branco. Mas o infernal dilúvio de napalm incandescente também não conseguiu silenciar os que defendiam o terreno.

Em 21 de maio, choveu o dia inteiro e, em meio à intensificação das chuvas ao longo do dia 22, correu pelas fileiras da Companhia King o informe de que ela partiria em missão no dia seguinte.⁹⁶⁷ O comando do batalhão avisou também aos fuzileiros que “ficassem atentos a possíveis nipos disfarçados com uniformes americanos”. O aumento das chuvas dificultou ainda mais o arrastado avanço das tropas. Só iniciaram a substituição dos elementos do 2/4 às 14 horas. Os membros do 3/5 viram que, por mais devastador que tivesse sido o bombardeio nos dias anteriores, deflagrado contra as posições ocupadas outrora por eles, pouco antes das linhas de combate, seus efeitos haviam sido muito piores ali, na linha de frente em si. Gene ficou horrorizado ao deparar com um “terreno cheio de crateras, coberto de lama e corpos, com cristas enlameadas e castigadas por explosões”.⁹⁶⁸ Já os esquadrões de morteiros viram buracos cheios de água, ocupados com corpos de fuzileiros navais ou japoneses mortos. A lama e os bombardeios impediam que os soldados se movimentassem ou enterrassem os corpos. Por conta disso, os rapazes apelidaram a elevação de “Colina das

As patrulhas do dia seguinte não foram despachadas por Stumpy Stanley. Com malária, foi tirado da linha de combate. Perplexo, Sledge ficou observando os socorristas o levarem embora. Pior do que saber que havia perdido outro membro da turma que ele considerava da Velha Guarda era saber que o subcomandante da companhia ocuparia o seu lugar. Sledge não gostava do tenente George Loveday, apelidado de “Sombra”. Loveday era desleixado com a própria aparência, observava E. B. Sledge, e era frio com seus subordinados. E. B. detestava o fato de que haviam confiado ao Sombra “o destino individual e coletivo” dos soldados.⁹⁷⁰ Entretanto, o sargento Burgin e o sargento de pelotão Hank Boyes notaram que o Sombra tinha uma coragem extraordinária, tanto assim que assumiu a liderança da tropa atuando com ela na linha de combate. Enquanto ele fazia isso, Hank Boyes permanecia no PC da companhia, cuidando das necessidades logísticas da King. Quando o Sombra precisava voltar ao QG para passar instruções, Boyes avançava para a linha de frente, onde verificava a situação. Embora Sledge não percebesse isso, o sargento de pelotão da King e o novo comandante da companhia trabalhavam em equipe para dar conta do serviço. Em parte, isso era um reconhecimento da experiência de Boye. Por outro lado, era resultado da perda ou do desaparecimento de elementos-chave da companhia, como o primeiro-sargento.⁹⁷¹

Obrigadas a enfrentar um pegajoso lamaçal e sob o fogo de armas de todos os calibres, as patrulhas despachadas pelo Sombra em 24 de maio não conseguiram quase nenhum progresso. A terceira patrulha partiu às 17 horas e conseguiu avançar até o vilarejo de Asato, onde, relatou ela, “enfrentou cinquenta japas” e matou doze deles antes de ser repelida pelo inimigo. O Sombra ordenou que alguns de seus homens bombardeassem cavernas nas colinas quando o inimigo começou a cobrir seu terreno com muitas cortinas de fumaça, já que isso podia ser o prenúncio de um contra-ataque dos japoneses. Ele chamou seus homens de volta. Como nada aconteceu, ao anoitecer deu por findado o serviço do dia.

Na manhã seguinte, outras patrulhas conseguiram avançar também para além da Colina das Larvas, conhecida também como Colina da Meia-Lua, e alcançaram o vilarejo de Asato, pouco antes do meio-dia. Como havia, nessa área, atiradores de elite nipônicos efetuando disparos de todas as direções, a Companhia King bateu em apressada retirada e os japoneses reocuparam suas posições. Gene serviu como sentinela no PO, junto com os fuzileiros combatendo na linha de frente. Os japoneses conseguiram posicionar um canhão de 70 milímetros na extremidade esquerda dele e “dispararam esse filho da mãe diretamente contra suas fileiras de combate”.⁹⁷² Com o primeiro disparo, destruíram seus tanques. Mas efetuaram disparos também contra as trincheiras individuais da Companhia King. Gene viu o terceiro projétil dos japoneses atingir um abrigo a duas trincheiras de distância da sua, lançando pelos ares um dos três colegas que o ocupava. Os dois colegas abrigados na trincheira vizinha à de Sledge pularam para fora e começaram a correr de um lado para outro, um dos quais gritou: “Minha nossa, fui atingido!” Já o outro implorou: “Meu Deus, deixe-me morrer, dói demais!” Logo depois, o fuzileiro que gritara que fora atingido caiu por terra. Assim que começaram a sair da trincheira, Sledge e outros colegas pediram aos gritos que os socorristas acudissem. Um sargento arrancou Gene do caos

e ordenou, aos berros: “Marreta, volte para o morteiro! Talvez precisemos de você para revidar os fogos do canhão dos japas!”

Logo depois, a Companhia King disparou tudo o que tinha contra o canhão de 70 milímetros dos japoneses. Enquanto trabalhava em seu abrigo de canhão, Gene viu os maqueiros levando embora alguns de seus amigos. “Marreta, você acha que vou perder a perna?”, perguntou um dos fuzileiros enquanto era retirado do campo de batalha. Ele já havia perdido a parte inferior da perna. Mas Gene mentiu ao responder: “Amigo, você vai ficar bem.” Enquanto proferia essas palavras, viu o colega morrer. Nisso, Gene dirigiu algumas palavras a Bill Leyden, o outro fuzileiro transportado na maca, mas ele estava inconsciente e talvez morto.

Nos dias seguintes, patrulhas despachadas pela King só “conseguiram avançar 200 ou 300 metros adiante das linhas de combate”.⁹⁷³ O Comando do Batalhão ordenou que procurassem “conservar consigo toda munição possível e que se preparassem para um contra-ataque inimigo com força máxima”.⁹⁷⁴ Mas não informaram a forma pela qual talvez o inimigo atacasse. Durante o dia, as grandes peças de artilharia das forças contrárias reinaram absolutas, a maior delas um canhão de 8 polegadas trazido de Singapura.⁹⁷⁵ A chuva não parava, inundava todos os buracos e encharcava as estradas. Nesse grande atoleiro, os feridos tinham de ser evacuados em CLAnfs.⁹⁷⁶ Com a maior parte da malha rodoviária inundada, foi necessário que os pilotos da Marinha sobrevoassem a área com seus Avengers e lançassem suprimentos das aeronaves. Como a situação, controlada pelo Deus da Guerra, chegou a ponto de lhes parecer desesperadora e até insuperável, o moral dos fuzileiros navais caiu muito, tanto assim que os membros da Companhia King “ficavam o tempo todo escavando o solo, na tentativa de se aprofundarem ainda mais no lamaçal” para se proteger.⁹⁷⁷ Um senso de fatalidade cada vez maior tomou conta de suas almas, a sensação de que “a única forma de conseguir sair de lá era ser morto” pelo inimigo.

Snafu e Eugene dividiam entre si “uma trincheira profunda e usavam seus ponchos para se proteger da chuva. Não havia goteiras, porém um deles tinha de se levantar toda hora para tirar a água que se infiltrava pelo chão da trincheira. Mas ela tinha um piso de madeira, o que permitia que a água passasse por baixo, escoasse para um buraco especial e depois fosse retirada com uma lata”.⁹⁷⁸ Procuravam ficar agachados, na tentativa de manterem a si mesmos e suas armas prontos para o combate. Nas trincheiras individuais próximas, muitos colegas sucumbiram — principalmente os novatos.

Certa manhã, o Sombra apareceu com alguns substitutos na linha de frente. Segundo a contagem de Gene, cerca de 25 novatos foram posicionados às pressas no *front*. No fim do dia, restavam apenas seis deles. A maioria desses novatos, que tinham vindo praticamente direto de campos de instrução nos EUA, “ficou apavorada. O lugar era tão terrível que não suportavam nem a aparência física do campo de batalha”.⁹⁷⁹ Outros colegas disseram que esses jovens tinham sido vítimas de “fadiga de combate”, mas Hank Boyes registrou o caso deles no mapa da força como “perdas fora de combate” e providenciou para que os levassem para a retaguarda. O número desses tipos de baixa foi maior do que o de soldados mortos em combate. Era frequente

a sensação que Gene experimentava de que ia simplesmente “empacotar”, já que o medo que também sentia o sufocava e seus sentidos como que se impregnavam da podridão e da sujeira que o rodeavam. Começou a ter alucinações, durante as quais via soldados mortos se levantando dos túmulos como fantasmas.⁹⁸⁰ Ficava observando Hank Boyes percorrer as trincheiras “incentivando” os soldados ou “fazer algo extremamente corajoso” e isso servia de exemplo para ele.⁹⁸¹ Desistir de combater implicava passar a parcela do fardo que lhe cabia para Snafu, Hank e os outros colegas. Mas ainda não tinha condições de voltar a lutar.

Entre os dias 24 e 27 de maio, os membros do 1/1 se mantiveram agachados em seus abrigos, esperando o tempo melhorar e a chegada de mais munição e comida. Como a tempestade impediu os aviões de decolar, seus suprimentos só chegaram porque foram levados nas costas por outros fuzileiros. É provável que Shofner tenha sido informado pelo QG de que observadores tinham visto muita movimentação de soldados inimigos nas proximidades do Castelo de Shuri.⁹⁸² Após a chegada desse relatório inicial, um observador avançado se apresentou para informar que grandes quantidades de soldados inimigos marchavam para o sul. Estavam voltando para a próxima linha de posições previamente preparadas. Quinze minutos após o recebimento da solicitação de tiro, os primeiros projéteis de artilharia e de fogos dos canhões navais chegaram ao destino indicado pelas coordenadas. Logo depois, aviões de combate entraram em ação, ainda que sob péssimas condições atmosféricas. Mas o prêmio foi grande e o esforço, altamente compensador. Nas palavras do general Pedro del Valle, os “nipos foram pegos de surpresa na estrada com os quimonos levantados”.⁹⁸³ Em 28 de maio, o céu desanuviou. As estradas continuavam intransitáveis, mas o QG da divisão acreditava que os japoneses haviam abandonado o Shuri em troca de outra linha de combate. Os comandantes de batalhão, como o tenente-coronel Shofner, sofreram muita pressão para não deixar de perseguir o inimigo. Assim como outros, ele exigiu mais substitutos para fortalecer o ataque.

O dia 29 começou com uma chuva fina. Às 9h30, receberam boas notícias. Elementos do 5º. RIFN haviam conseguido penetrar no Castelo de Shuri enfrentando “pouca ou nenhuma resistência”,⁹⁸⁴ onde hastearam uma bandeira dos Confederados no antigo centro de comando do Exército Imperial Japonês. O 1º. RIFN recebeu ordens para partir em missão de apoio ao 5º.. O 3/1 encabeçou a marcha e, por volta das 16 horas, escalou a íngreme colina e os paredões de rocha maciça do Shuri. Suas companhias e fuzileiros, cujo contingente fora reduzido a menos da metade de sua força original, encontrou dificuldades em sua passagem pela Colina 55, onde se envolveu num tiroteio feroz com o inimigo. Mas, em vez de ordenar que tentassem aniquilar as posições inimigas que disparavam contra eles, o Engenhoso traçou um novo plano em conversas com seu comandante de regimento. Com sua movimentação coberta por um fogo de barragem de artilharia, o 1/1 se deslocou um pouco para o sul em fila indiana e entrou no Shuri através do quartel da fortaleza, onde se coligou ao 3/1. Eles haviam se posicionado na retaguarda de um grupo de japoneses que ainda dominava o lado setentrional do castelo. Os batalhões de fuzileiros navais agiram rapidamente para criar uma defesa unificada, com frentes de combate voltadas para o norte e o sul, antes que anoitcesse. Contudo, como não tinham água

potável suficiente, os que sentiram sede tiveram de beber água acumulada em buracos abertos por explosões. Durante a noite, os disparos de fuzil dos japoneses aumentaram bastante e um dos operadores de metralhadora de Shofner matou 35 inimigos em uma das vielas de pedra, mas não empreenderam nenhum avanço importante depois disso.⁹⁸⁵

No dia seguinte, aviões da Marinha despejaram sobre suas posições sacos de suprimentos presos a paraquedas, enquanto o Engenhoso mantinha o controle da grande fortaleza com o 3/1. Os dois batalhões estavam na extremidade austral do Shuri. Patrulhas enviadas para o norte através do complexo, em direção às fileiras americanas da retaguarda, depararam com soldados inimigos armados com canhões de 47 milímetros e metralhadoras. Os fuzileiros se retiraram, em busca de reforços. À noite, os japoneses abandonaram completamente a fortaleza. Na manhã seguinte, em pouco tempo as patrulhas de Shofner reportaram a falta de resistência organizada por parte do inimigo. A operação de limpeza de terreno dos redutos e das fortificações em torno do Castelo de Shuri havia começado.⁹⁸⁶

A invasão do Castelo de Shuri pelo 1/5 aumentou muito o moral da Companhia King e de todas as unidades do 3/5. No dia em que o 1/5 penetrou o bastião, Sledge e seus colegas ficaram encurralados depois de avançarem 600 metros para além da Colina das Larvas. Animaram-se ao saber que o núcleo de resistência do inimigo havia sido destruído, embora os soldados japoneses posicionados no terreno na frente deles não dessem nenhum sinal de mudança em seu fanatismo como combatentes. Os fuzileiros entraram numa área em forma de ferradura que, de acordo com a contagem deles, tinha 58 cavernas, cada uma delas guarnecida com atiradores de elite e metralhadores. Boyes informou ao QG via rádio que não conseguiriam avançar enquanto as cavernas não ficassem livres da presença do inimigo e/ou não fossem seladas.

No dia seguinte, 30 de maio, caíram mais chuvas de projéteis enquanto a Companhia King realizava uma operação na Ferradura. Pelo menos os fogos da artilharia inimiga se tornaram esporádicos. Às 14h30, os Avengers sobrevoaram suas posições para reabastecê-los de água e dos seis tipos de munição de que precisavam.⁹⁸⁷ O problema com os fardos lançados de paraquedas pelos aviões era que representavam mero paliativo para o problema, e não a solução em si, até porque os homens que montavam os fardos e os pilotos que os lançavam não tinham nenhum preparo ou treinamento para isso.⁹⁸⁸ Os fuzileiros usavam painéis ou sinalizadores de fumaça coloridos para indicar a zona de lançamento da melhor forma possível. Mas, para confundir as coisas, os japoneses deflagravam bombas de fumaça da mesma cor. Os pilotos sobrevoavam a área a uns 80 metros de altitude e a uma velocidade um pouco superior à de perda de sustentação da aeronave, ou a 175 km/h, atravessando um teto riscado de fogos disparados por ambos os lados das frentes em conflito.⁹⁸⁹ Geralmente, a Companhia King recebia quantidades mínimas em relação às suas necessidades reais e, quase sempre, quando abria os pacotes, deparava itens que eram desnecessários.⁹⁹⁰

No dia seguinte, 31 de maio, viram mais fardos de provisões descendo de paraquedas sobre suas posições, os quais chegaram quinze minutos antes de os fuzileiros do 3/5 saírem como enxames de suas trincheiras

individuais e partiram para o sul. A queda do Shuri ante as forças americanas havia destrambelhado as defesas inimigas e, nos dias seguintes, a King capitaneou avanços diários que variaram entre 1.500 e 2 mil metros de extensão em seu setor, deparando pouca ou nenhuma resistência. Atravessaram uma estrada de grande importância estratégica e depois conquistaram intacta uma ponte sobre o rio Kokuba. De vez em quando, enfrentavam uma ou outra escaramuça, tal como a que arrostaram no extremo oposto da ponte, em altiplanos, como as colinas 42 e 30, ou em cidades importantes, como Gisushi. Foram raras as vezes em que tiveram problemas com infiltrações noturnas, a não ser na noite de 2 de junho, em que os japoneses fizeram um esforço conjunto de invasão ao longo da linha de frente americana inteira. Havia muito que os fuzileiros navais tinham desenvolvido técnicas de contramedidas — algumas tecnológicas, outras com base em treinamento da tropa — que impediam que o inimigo lhes causasse grandes perdas. Uma delas consistia em assentarem, quando as tinham, balas traçantes do fuzil M-49 com cordéis de tropeço detonantes em volta de suas posições e atirar em qualquer coisa que se mexesse assim que deflagradas.

Caminhões com suprimentos não acompanharam o avanço para o sul, pois as estradas ainda estavam intransitáveis. Os suprimentos chegaram até eles levados nas costas pelos fuzileiros navais ou na barriga dos Avengers da Marinha. A tarefa de manter seus fuzileiros abastecidos exigiu muito do Sombra e do sargento Boyes. Em 5 de junho, o trabalho deles ficou um pouco mais fácil quando os primeiros caminhões chegaram à cidade de Gisushi.⁹⁹¹ No dia seguinte, a Companhia King enviou algumas patrulhas ao cume da Colina 107, onde não encontraram nenhuma resistência. Companhias da 1ª. DIFN chegaram depois para assumir o controle sobre o local. Sem haver sofrido nenhuma baixa em três dias, o 3/5 passou para a reserva.

As companhias de fuzileiros da 1ª. DIFN receberam substitutos enquanto realizavam operação de limpeza de terreno no Castelo de Shuri. Antes de serem incorporados a elas, esses novos fuzileiros navais estavam carregando suprimentos para suas linhas de frente, exceto o capelão do regimento, que se ofereceu como voluntário, com muito bom ânimo, para carregar caixas de ração de 18 quilos com os praças.⁹⁹² Os novatos deram seus primeiros passos como combatentes durante a inspeção de amplas cavernas que havia debaixo do castelo, muito bem construídas por sinal, e que permaneceram intactas ante as saraivadas dos canhões de couraçados ou de projéteis de 155 milímetros.⁹⁹³ O período de doutrinação dos substitutos durou até 4 de junho, quando o 1/1 avançou para o sul e atravessou as fileiras do 2/5 e do 3/5 na Colina 107. As ordens de Shofner eram para que continuassem a ofensiva a partir da Colina 107 e expugnassem o altiplano ao norte dos dois vilarejos chamados Iwa e Shindawaku. Enquanto ele se preparava para executar a missão, chegaram ordens para que esperasse até que os problemas de ressuprimento fossem resolvidos. Meia hora depois, essas ordens foram revogadas, pois o 7º. RIFN, posicionado no flanco direito dele, tinha avançado e o flanco esquerdo dessa unidade não podia ficar desprotegido. Às 16h30, os fuzileiros de Shofner avançaram, deixando os integrantes do 5º. RIFN em suas trincheiras na colina. O 1/1 avançou quase 800 metros sem que um único tiro fosse disparado, mas um riacho, torrencial agora com a intensa chuva dos últimos dias, lhes detivera a

marcha. O Engenhoso foi informado de que não havia nenhuma ponte ao longo da linha de frente inteira da divisão — exceto uma passarela, descoberta pelos batedores de seu setor. No entanto, essa ponte intacta representava um objetivo tático fundamental. Ele ordenou que seus homens a atravessassem imediatamente.⁹⁹⁴

Quando dois pelotões da Companhia Charlie atravessaram a passarela, metralhadoras postadas num altiplano abriram fogo contra eles e projéteis de morteiros começaram a explodir, encurralando a Companhia Charlie. A lama, a chuva e as nuvens densas e baixas impediam apoio de fogos dos batalhões de artilharia e dos navios próximo ao litoral. Shofner ordenou que seus homens se entrincheirassem e fornecessem todo apoio de fogo possível. Depois que o sol se pôs, deu início à tarefa de levar seus homens e sua castigada retaguarda para o outro lado do rio. Contudo, numa noite chuvosa, seus fuzileiros não queriam saber de avançar. Preferiam continuar na segurança de suas trincheiras, mas, para fazer a travessia, precisavam do manto noturno como escudo contra os ataques das metralhadoras nipônicas. Depois que todos atravessaram a passarela, Shofner ordenou que o 1/1 voltasse para o ponto de partida e ficasse lá na noite de 4 de junho.

O comandante do regimento não ordenou que o 1/1 tentasse atravessar o rio pela passarela de novo. Em vez disso, Shofner teve permissão para fazer com que seus homens entrassem, por um dos flancos da tropa, na zona de atuação do Exército e depois avançassem para o sul, de modo que conseguissem contornar o altiplano que havia detido sua marcha. Isso os abrigou a avançar com grande dificuldade através da lama, que chegou a arrancar as solas das botas de alguns combatentes. As semanas de permanência em trincheiras cheias de água haviam afrouxado a coesão das tropas e isso se tornou outro problema.⁹⁹⁵ Durante a marcha forçada, cinquenta soldados do 1/1 abandonaram as fileiras por exaustão.⁹⁹⁶ Shofner perdeu contato com o comando do regimento e algumas de suas companhias. Nesse dia, conforme relatado pelo comando do regimento, “praticamente não houve” ressuprimento.

Após contornar o altiplano, ao amanhecer o 1/1 seguiu para o oeste e depois para o norte, onde, da retaguarda, atacaria as posições inimigas em torno de Iwa. Shofner espalhou suas companhias ao longo de uma longa linha de escaramuças e elas avançaram para o norte, passando durante a marcha por outra unidade de fuzileiros navais, que seguia na direção contrária. Acharam alguns ninhos de metralhadora abandonados e capturaram alguns prisioneiros. Para grande espanto de todos, seus homens chegaram a flagrar alguns soldados inimigos tentando se disfarçar com roupas de civis. Com muito poucos disparos, por volta das 14 horas o 1/1 havia feito a limpeza de terreno de sua zona de atuação, inclusive das colinas que se elevavam próximo à passarela. Logo depois, Shofner foi informado de que seu batalhão havia feito jus a um descanso.

Embora a Companhia King acabara sendo passada para a “reserva do corpo” e, portanto, ficara bem atrás da linha de combate, alguns luxos estavam à sua espera. Em 5 de junho, a chuva diminuiu, mas havia impedido o escalão de retaguarda da divisão de acompanhá-los em sua marcha para o sul no mesmo ritmo. De imediato, não tiveram à disposição roupas novas e banhos quentes, exceto comida fresca e munição. Burgin chegou ao bivaque da companhia quando Sledge, Snafu e outros colegas iniciavam a secagem geral de suas coisas. Burgin

tinha se recuperado do ferimento no pescoço e voltara para a King de carona. Sledge e os outros tentaram pô-lo a par de todos os acontecimentos marcantes, das chuvas intensas e prolongadas, da lama e da falta de suprimentos. Burgin apenas “sorriu” durante toda a conversa, até porque estava acostumado com isso, curtido que fora pelas agruras sofridas em Cape Gloucester.

Em 9 de junho, o 3/5 marchou para o sul em formação de coluna para se manter perto da linha de frente em seu avanço. A King despachou algumas patrulhas, mas, em vez de inimigos, acharam oquinauenses em busca de proteção. Após algumas semanas sem verem um único oquinauense sequer, os fuzileiros receberam mil deles no dia 11 e outro tanto no dia 12.⁹⁹⁷ Depois de transcorridos alguns dias, sem sofrerem uma única baixa em combate, começaram a achar que a Batalha de Okinawa estava chegando ao fim. A King recebeu em suas fileiras, como substitutos, 49 praças e um oficial — um tenente. Conquanto, outrora, esse número de novos soldados pudesse equivaler, no máximo, ao de um pelotão, agora, na prática, chegava a fazer a companhia dobrar de tamanho.⁹⁹⁸ Recém-saídos de campos de treinamento dos EUA, esses homens eram incorporados a unidades da reserva para que tivessem pelo menos algum tempo — horas ou dias — para obterem alguma instrução. O sargento Hank Boyes informou discretamente ao novo tenente que ele não seria líder de pelotão, que um praça de primeira classe experiente continuaria a liderar o 3º. PIFN. Na visão de Hank, sua decisão não “foi nenhum menosprezo pelo oficial, mas não podiam interferir na continuidade do comando num momento tão crítico”. Junto com os substitutos veio a correspondência, no meio da qual algumas cartas para Eugene.

Ele teve tempo para responder. “Esses foram talvez os doze piores dias que tive na vida”, escreveu no início da carta, talvez com uma sinceridade inevitável, embora pudesse enviar boas notícias também. “Soube que Nimitz afirmara que sua campanha estava quase no fim.” A sensação de que “em breve” estaria a caminho de casa o encorajou a confessar que “ficavam quase o tempo todo sob o ataque de morteiros e da artilharia e chovia tanto que às vezes era difícil até de enxergar”. Numa carta para dar prosseguimento aos assuntos tratados em 14 de junho, Gene declarou: “Estou cansado de servir no exterior. Quero ser civil de novo. Só espero que isso não demore muito.” Agradeceu ao pai por haver incluído, em um dos envelopes, o alvo de papel descartável usado pelo genitor numa recente sessão de prática de tiro ao alvo num polígono. O objeto o fazia se lembrar da paixão que ambos tinham por armas e pela caça esportiva. Mostrou-o orgulhoso aos amigos, que ficaram devidamente impressionados e afirmaram que o dr. Sledge “devia ser muito bom de pontaria”.

Em 8 de junho, os homens de Shofner voltaram para a linha de ataque, onde, às 16 horas, substituíram o 3/1 num vilarejo chamado Yuza e receberam a má notícia de que a resistência japonesa parecia estar aumentando, que aviões americanos “tinham bombardeado e atacado, em voos rasantes com metralhadoras e foguetes, uma área perto das posições do 3º. BIFN, causando duas baixas”.⁹⁹⁹ Nesse dia, porém, os suprimentos chegaram à frente de batalha em maior quantidade, já que as estradas haviam secado e os pilotos de aviões se tornaram mais eficientes no lançamento de fardos com provisões. Shofner teve um dia para se preparar para a missão seguinte.

Em 10 de junho, o comando do regimento ordenou que o 1/1 do tenente-coronel Shofner atravessasse o rio Mukue e conquistasse a colina Yuza, “o altiplano situado a cerca de 700 metros a oeste de Yuza”.¹⁰⁰⁰ Como o 2º. BIFN já havia tomado o altiplano no flanco direito, daria apoio à operação de assalto de Shofner atirando contra alvos oportunos. À esquerda dele, elementos da 96ª. DI do Exército americano lançariam um assalto contra uma colina com paredões escarpados chamada Yuza Dake, que tinha ligação com seu alvo. O ataque conjunto seria tão importante que contaria com o máximo do apoio de fogo dos batalhões de artilharia e dos canhões dos navios pertos do litoral. Na véspera do ataque, tratores limpavam as estradas e removeram bastante terra para o rio, de modo que criassem um vau para a travessia dos tanques. O tempo dedicado aos preparativos e a espera da chegada de apoio de viaturas blindadas tiveram um preço. “Desta vez”, confessou Shofner a seus comandantes de companhia, “eles tiveram que fazer isso da forma mais difícil”.

Iniciaram o dia com uma barragem rolante, varrendo com fogos as partes baixas do terreno e depois fazendo-os bater contra as encostas da colina Yuza acima. A Companhia Charlie de Shofner partiu às 9h15. Do outro lado do rio Mukue, os fuzileiros atravessaram um descampado plano. Os operadores de metralhadora japoneses esperaram o momento certo e os acertaram em cheio. Dos 175 membros da companhia, 75 baquearam antes que o esquadrão da vanguarda alcançasse o sopé da colina Yuza. Shofner ficou esperando as unidades do Exército posicionadas em seu flanco esquerdo engajar as forças hostis e, assim, aliviarem um pouco a pressão do inimigo sobre a Companhia Charlie. Contudo, a 96ª. DI foi encurralada. A Companhia Baker de Shofner tentou atravessar o setor de combate do Exército e chegar à colina Yuza, mas o inimigo posicionado na Yuka Dake mandou uma chuva de balas sobre eles. Já a Companhia Charlie, com a ajuda dos blindados, alcançou a crista da elevação. O inimigo ainda ocupava muitas fortificações ao redor deles, continuava a disparar morteiros de posições invisíveis, na vertente oposta da colina, e da Yuza Dake. A Charlie estava vulnerável e em perigo. No fim da tarde, Shofner ordenou que a Companhia Baker recuasse, se transferisse para a direita e seguisse o caminho percorrido pela Charlie em sua escalada colina acima. As duas companhias se entrincheiraram para preservar sua conquista. No entanto, o desastre continuou, com projéteis de morteiro e bombas de artilharia pesada caindo sobre suas posições e as balas de metralhadoras inimigas gizando a paisagem.

Nesse dia, Shofner vira seus homens avançar sobre o inimigo, enfrentando furiosos ataques de metralhadoras e tomar a colina Yuza, um feito “à altura”, acreditava ele, do realizado nos arredores dos “Salões de Montezuma”,²⁴ uma referência a uma das primeiras batalhas do CFNA e que se tornara sua pedra de toque. Solicitou o máximo possível de apoio de fogos da artilharia. Pouco depois, foi pedir satisfações ao comandante do regimento da 96ª. DI do Exército. O Engenhoso entrou no PC e exigiu que ele explicasse por que “havia deixado uma brecha enorme em seu flanco esquerdo”. Após elogiar o 1º. BIFN de Shofner, o coronel do Exército explicou o que havia acontecido com os seus soldados na Yuza Dake. Insatisfeito, o tenente-coronel Shofner disse ao coronel: “Você e seus homens são responsáveis pela morte e mutilação de muitos de meus fuzileiros. Sei que entenderá por que não confiarei mais em você” e saiu de lá revoltado.¹⁰⁰¹

O “infundável dilúvio” de cargas explosivas de alto poder destrutivo em que o inimigo engolfava o 1/1 prosseguiu, do início da noite, até às 4 horas, quando o inimigo resolveu sair de suas trincheiras e atacar. A Charlie e a Baker conseguiram manter suas posições, embora todos os oficiais da Companhia Charlie “ou morreram, ou ficaram feridos”, e o total de baixas das duas exauridas companhias tivesse passado de 120 homens.¹⁰⁰² Os dois dias seguintes exigiram mais combates árduos e coragem para varrer o inimigo da Colina Yuza, enfrentar bombardeios e esperar que a 96ª DI destruísse as posições inimigas na Yuza Dake, o penhasco principal e anexo à cadeia de escarpas. Em 15 de junho, o 1º BIFN de Shofner foi substituído pelo 3/5, a antiga unidade comandada por ele. Em que pese qualquer constrangimento que talvez ele tenha sentido ao lembrar-se de Peleliu, o Engenhoso acreditava que havia provado o seu valor ao 1/1 nas últimas semanas — sua liderança, principalmente sua atuação no Castelo de Shuri, conquistara a confiança deles. No QG do regimento, Shofner recebeu a boa notícia: o regimento seria passado para a reserva da divisão, mas lhe deram também uma notícia ruim: em doze dias, a unidade tinha perdido vinte oficiais e 471 praças.¹⁰⁰³ Quanto aos integrantes da 1ª DIFN, estavam “rezando para não terem de voltar para as linhas de combate”.¹⁰⁰⁴

Em 15 de junho, a Companhia King montou guarda na ponte Bailey, construída pelos engenheiros sobre o rio Mukue. As outras companhias do 3/5 atravessaram a ponte e escalaram o cume da colina Yuza para substituir o 1/1. Bastou uma olhada nas posições do 1/1 na colina para confirmarem que a unidade se envolvera num embate cruento com o inimigo, em que sofreu muitas baixas. Mas o pior era que o 7º RIFN estava sendo duramente golpeado em sua tentativa de conquistar a elevação seguinte, ao sul, chamada Kunishi, e o 2/5 tinha ido ajudá-lo.

Apesar disso, tantos soldados japoneses haviam se rendido que o comando do 10º Corpo de Exército resolveu tentar avançar mais. Aeronaves americanas e os obuses de 105 milímetros da artilharia lançaram muitos panfletos sobre as posições inimigas no sul de Okinawa, incentivando o inimigo a render-se e explicando qual era a melhor forma de fazer isso. A chamada guerra de papéis incluiu também a edição do jornal semanal *Ryukyu Shuho* para oferecer aos destinatários uma sugestão de um futuro alternativo.¹⁰⁰⁵ Mas, para os veteranos de Peleliu, era só uma questão de tempo até que Sledge e seus colegas fossem convocados de volta aos campos de batalha, pois achavam que explosões de papéis jamais derrotariam o EIJ. Essa convocação chegou em 17 de junho.

Quando anoiteceu, o 2/5 havia conquistado “cerca de três quartos dos 1.200 metros das colinas de Kunishi na zona de atuação do regimento”.¹⁰⁰⁶ Contudo, essa conquista do 2º BIFN durou pouco. Um Exército de foguetes, tanques, obuses 105 autopropulsados, navios e aeronaves haviam castigado a colina de Kunishi durante dias, mas os contrafogos do inimigo vieram tão densa e rapidamente que fuzileiros navais feridos tiveram de ser evacuados em blindados. Um trator blindado havia começado a abrir caminho pela encosta acima. Nesse ínterim, a Companhia King avançou a marche-marche para a base da colina e começou a estabelecer contato com o 2/5. Brockington, o novo tenente, despachou um esquadrão de tiro para “ver se

atraíam os fogos” do inimigo”.¹⁰⁰⁷ “Talvez essa tenha sido a missão mais curta de uma equipe de tiro da Companhia K durante a campanha”, observou um combatente. Depois das 16 horas, quando o volume e a intensidade de fogos das forças hostis aumentaram, os fuzileiros se entrincheiraram. Cerca de 250 japoneses saíram das cavernas e lançaram um contra-ataque à noite, marchando sobre o cume das colinas e arremetendo pela encosta abaixo contra o 2/5, mas atacando também a King. A guerra, antes quase sempre com o predomínio de canhões, se transformara num combate de conflitos aproximados, com o emprego de armas portáteis, que durou até a manhã seguinte.¹⁰⁰⁸

Durante o dia 18, o 1/5 contornou a extremidade ocidental das Kunishi para atacar outro de seus setores. Em horas avançadas desse mesmo dia, o 3/5 partiu em missão de apoio de fogo ao 1/5, mas ficou esperando anoitecer para atravessar um campo e voltar a escalar a colina, certos apenas de que estavam combatendo pela conquista de mais uma, ou de seu cume, ou ainda de uma posição fortificada dos japoneses que não tinham nenhuma importância na guerra, a não ser para os soldados, civis e fuzileiros navais envolvidos na operação. Blindados subiram a colina para levar água, provisões e munição.¹⁰⁰⁹ O tiroteio da noite acabou com a feroz resistência inimiga na colina de Kunishi. O lento, perigoso processo de destruição das cavernas, dos atiradores de elite e das forças de infiltração tinha apenas começado. A King deixou as Kunishi no fim do dia, depois de perder cinquenta praças e o tenente Brockington.¹⁰¹⁰ Nem todos os soldados atingidos tinham morrido, mas muitas das baixas fatais haviam sido alvejadas à queima-roupa, na cabeça.¹⁰¹¹ O sargento Hank Boyes conseguiu menos de 60 provimentos de ração do oficial da intendência para alimentar todos os seus homens.

A manhã do dia 19 começou com um grande estrondo, quando nove projéteis de 47 milímetros explodiram no setor do 3/5, causando baixas e danos.¹⁰¹² A caverna de onde haviam sido feitos os disparos não foram identificadas imediatamente. Hank e o Sombra organizaram os integrantes da King e partiram na retaguarda das outras duas companhias do 3º. BIFN, que seguiam na esteira do avanço do 8º. RIFN, que se tornara a unidade da vanguarda. Durante a passagem do 3/5 por um vilarejo, a Companhia Item interrompeu a marcha e o ocupou. A Companhia King tomou o altiplano, chamado Colina de Komesu, enquanto a Love continuou marchando, até alcançar a praia. A 1ª. DIFN tinha alcançado a extremidade austral da ilha de Okinawa. Mas o último tiro ainda não havia sido disparado. O 8º. RIFN e outras unidades enfrentavam ainda as forças adversárias em várias colinas. Centenas de civis precisavam ser submetidas a triagem e encaminhadas. À noite, a King matou 35 invasores. O fato de o inimigo se recusar a se render, mesmo quando “não tinha para onde ir”, e seu desejo de matar mais fuzileiros, apesar de derrotado, deixou Eugene furioso. “Qual o problema com esses loucos malditos?”¹⁰¹³ No dia seguinte, chegaram caminhões e o trabalho de explodir, queimar e soterrar prosseguiu por vários dias. Segundo os cálculos do 3º. BIFN, seus homens mataram mais 175 japoneses ao custo de cinco fuzileiros.

A longa e árdua batalha não havia terminado, mas apenas se transformou num conflito localizado, bem menor e muito difícil. Os soldados estavam exaustos, cansados de estarem sempre no limite e permanecerem

no fundo de trincheiras. Mas não tinham opção. Certa tarde, enquanto a companhia marchava em fila indiana e com seus membros separados por alguns passos uns dos outros, “uma bala passou fuzilando ao lado da coluna, raspando” pela orelha de Burgin. “Que som sinistro, meu Deus!” Nessa hora, várias coisas lhe passaram pela cabeça: “Acho que ele me escolheu porque eu era um dos mais altos de todos” e que os atiradores de elite “atiravam e depois esperavam um pouco... para que não localizassem a posição deles”. As divisões do 10º. Corpo de Exército controlavam Okinawa inteira, enquanto a Marinha americana dominava o oceano Pacífico. Apesar disso, os soldados japoneses optaram pelo próprio aniquilamento, na esperança de conseguirem matar antes mais alguns fuzileiros. “Na maioria dos casos, o inimigo estava armado apenas com granadas e sabres e não oferecia muita resistência”, concluiu o comandante do 3/5.¹⁰¹⁴ O fanatismo deles parecia sem sentido e inexplicável para os fuzileiros navais, uma fonte de dores, tristeza e ódio. De acordo com Eugene, a Companhia King inteira sabia que tinha de “matar todos eles para sair daquela maldita ilha”.¹⁰¹⁵ A sensação de segurança para os membros da K/3/5 só veio aos poucos.

Eugene localizou um lugar numa pequena colina de cume arredondado, coberta de pinheiros, onde pôde descansar. Ele e seu amigo Jay ficaram apreciando a paisagem, osculados pela brisa, extasiados. “A paisagem no extremo sul da ilha era o cenário que todos queriam ver”, pensou Eugene, pois “significava que tinham vencido”. Agora que os combates haviam terminado, as perdas começaram a ser calculadas. O 5º. RIFN havia perdido cerca de dois terços de seus homens, enquanto o 3/5 tivera a vida de oito de seus comandantes ceifada, mas esse total não foi o mais alto no regimento.¹⁰¹⁶ Num levantamento mais amplo, souberam que a Companhia King tinha menos de cem integrantes, a maioria deles substitutos. O padrão efetivo de uma companhia de infantaria era de 235 membros. A King recebera 250 substitutos durante a batalha.

As estatísticas que fascinaram Eugene foram o número de soldados que haviam sobrevivido tanto aos combates em Peleliu quanto em Okinawa. Ele se referia a esses combatentes como “os originais” e, após consultar o sargento Hank Boyes, Gene calculou que, dos 67 soldados participantes de ambas as batalhas, 26 deles estavam no acampamento da King no fim de junho.¹⁰¹⁷ Metade dos 26 originais, calculou ele, não havia ficado fora da unidade por um dia sequer por doença ou ferimentos. Já R. V. Burgin e Snafu foram postos fora de combate por breves períodos. O uso que Sledge fazia da palavra “original”, termo curioso para alguém que entrara para a turma da Ralé dos Fuzileiros no verão de 1944, expressava seu extremado orgulho por haver aguentado o rojão até o fim, mesmo porque o Exército Imperial Japonês disparara todo o seu imenso poder de fogo contra ele, mas ele cumprira fielmente todas as ordens que lhe deram.

Os integrantes do 1/1 viram o 1º. RIFN realizar o assalto final à colina de Kunishi “como se tivessem assistido a um filme”.¹⁰¹⁸ Nos dias seguintes, o esquadrão da retaguarda chegou, trazendo consigo chuveiros e comida quente.¹⁰¹⁹ O general comandante do 10º. Corpo de Exército anunciou que Okinawa seria transformada numa grande base das forças do Exército, da Marinha, da Força Aérea do Exército e dos fuzileiros navais, como preparativo para a iminente invasão do Japão. Em 22 de junho, o tenente Austin Shofner avançou à

frente de seu batalhão alguns quilômetros para o norte. Tomaram ao inimigo posições com barreiras instaladas ao longo da autoestrada que atravessava toda a ilha, voltadas para o sul. Outras unidades estacionadas no sul marcharam para o norte também, na direção deles, e pelo caminho aniquilaram inimigos abrigados em cavernas, recuperaram equipamentos e suprimentos descartados e eliminaram focos de resistência. Os homens do Engenhoso ficaram com a parte fácil do trabalho, já que o 8º. RIFN e outras unidades cuidaram da tarefa de matar outros oito mil soldados japoneses, enquanto se encarregavam de aceitar a rendição de quase três mil militares das forças nipônicas.

Com a batalha terminada, os membros da 1ª. DIFN esperavam ser enviados para o Havaí, onde se recuperariam. Parecia muito justo, já que a Ralé dos Fuzileiros permaneceu no Deus-me-livre desde que deixara Melbourne, dois anos antes. Nenhuma outra divisão de fuzileiros navais tinha ficado longe da civilização por tanto tempo. O general Del Valle prometera a seus homens uma viagem para o Havaí, enquanto alguns dos combatentes do escalão da retaguarda da divisão deixados em Pavuvu haviam sido enviados para Pearl Harbor, onde preparariam o terreno. Mas corria um boato que dizia que, quando o último fuzileiro tirou os pés da ilha de Pavuvu e embarcou no navio, “milhões de ratos e caranguejos foram até o cais e fizeram gestos obscenos para dizer que Pavuvu foi a única ilha do Pacífico que a 1ª. DIFN não conseguiu conquistar”.

Sob a orientação de seus sargentos, como Burgin, Eugene Sledge e os outros praças da Companhia King haviam cumprido a tarefa de recolher os grandes estojos de latão de projéteis deixados pela artilharia, tarefa que odiaram e não viam a hora de voltar para a civilização. Contudo, em 30 de junho de 1945, foi anunciado que a 1ª. DIFN permaneceria em Okinawa,¹⁰²⁰ onde deveria construir seu próprio quartel. Com isso, o moral da tropa despencou. Alguns dias depois, a divisão marchou para o norte, atravessando toda a extensão da longa e estreita ilha. Viram que a Okinawa que conheceram havia se transformado. Esquadrões de B-29 e aviões de caça enchiam os aeródromos no centro da ilha. Novos aeródromos, estradas maiores, depósitos, hospitais, QGs e edifícios administrativos haviam sido construídos ou estavam em construção. Ao alcançar a península de Motobu, a divisão deparou com uns mil homens armando suas barracas numa área tranquila, ao longo do litoral oeste.

Eugene a achou “a área mais bela da ilha inteira”. Montaram barracas perto de um riacho, onde começaram a recuperar as horas de sono perdidas. No toque de correio, Eugene recebeu um malote inteiro de cartas, com caixas de guloseimas e revistas enviadas pela família. Semanas antes, seus pais haviam comprado um novo cocker spaniel, já que Gene sofrera muito com a perda do amigo Decano. Quando soube do desejo deles de batizar o cão de *Semper Fidelis*, não gostou: “Não vou querer nada que tenha relação com o serviço militar quando eu der baixa.” Com pouca coisa para escrever a essa altura, ficou pensando nas coisas de casa, entre as quais a que mais lhe ocupava o pensamento eram as caçadas com o pai e a frequência aos cultos da igreja, embora a notícia de que amigos de seus pais tivessem dado a ele mais algumas “reliquias dos Confederados” o deixaram encantado, gesto a que não se esqueceu de agradecer. “Nunca esquecerei que o dr. Dole Parco me

deixava explorar as antigas dependências de escravos e o celeiro” de sua propriedade. Deitado na cama de campanha, Gene e um amigo seu passavam as horas conversando sobre a Guerra de Secessão e fazendo planos para visitar alguns de seus sítios mais importantes.

O mês começou bem para o tenente-coronel Austin Shofner. Em 4 de julho de 1945, o general Del Valle enviou-lhe uma carta elogiando seus serviços como comandante da Polícia Militar. “Embora o aparato da Polícia Militar de que dispúnhamos fosse bastante precário, você usou a força com que podia contar de maneira sumamente eficiente. Seus métodos de organização e controle de tráfego e a ajuda prestada no recolhimento de mais de 30 mil civis reduziram muito o congestionamento nas áreas avançadas.” Essa carta não seria algo que o Engenhoso penduraria na parede ou a respeito da qual falaria com os amigos, mas ele a guardou em seus arquivos, onde ficaria como lembrança de mais um passo dado em sua carreira.

A essa altura, planos para o passo seguinte na derrota do Japão já haviam sido traçados e Shofner deve ter recebido instruções sobre a Operação Downfall, que seria comandada pelo general MacArthur. As projeções sobre as intenções e as habilidades do inimigo vinham, obviamente, das recentes experiências em Iwo Jima, Luzón e Okinawa. A experiência do 10º. Corpo de Exército contribuía também para formar um quadro daquilo que aguardava os soldados americanos. Sem contar as perdas significativas da Marinha nas praias de Okinawa, mais de sete mil americanos haviam sido mortos em combate, mais de 31 mil tinham ficado feridos e mais de 26 mil acabaram como “perdas alheias ao combate” ou incapacitados para lutar por fadiga de combate. Fazer estimativas sobre possíveis perdas na campanha seguinte com base em deduções sobre a experiência do 10º. Corpo de Exército produziu resultados assustadores, já que muito mais divisões participariam da Batalha do Japão.

Em meio a reflexões sobre a perspectiva de um futuro temível, Shofner passou o mês de julho servindo como presidente da corte marcial. A chegada de relatórios informando o aumento do número de infrações sinalizava para a necessidade de tornar mais rigorosa a disciplina, tanto para os veteranos quanto para os novatos. Os veteranos do 1/1 e elementos da divisão inteira detestaram o aperto na disciplina, queixando-se de que a “mesquinaria” voltaria a imperar no seio da tropa.¹⁰²¹ Houvessem passado pelo Havaí para um descanso, não teriam ficado momentaneamente livres de rigorosa disciplina militar. Os oficiais sabiam que o moral da tropa estava muito baixo e que, em parte, a causa disso estava no fato de não terem tido umas férias em Honolulu.¹⁰²² Entretanto, algo mais importante tomava corpo de forma oculta. Após terem sobrevivido à maior e mais longa batalha do Pacífico, os fuzileiros navais chegaram a um impasse. Era um fato óbvio. Na próxima vez que entrassem em combate, desembarcariam nas praias da baía de Tóquio. Nas palavras de um integrante do batalhão de Shofner: “Ninguém sobreviverá. Nem fuzileiros nem japas.”¹⁰²³

Os membros da Companhia King estavam recebendo instruções também. A 1ª. DIFN não participaria da primeira invasão do Japão, programada para dezembro. Em vez disso, desembarcaria, em março de 1946, no

istmo formado pela baía de Tóquio, junto com outras 24 divisões no maior assalto anfíbio da história. Em meio a descrições de que essa operação iria mais do que dobrar o tamanho das tropas desembarcadas na Normandia, no Dia D, veio também a notícia de que não esperavam que sobrevivessem os primeiros elementos a desembarcarem dos barcos anfíbios e escalarem os penhascos. Aos oficiais subalternos, como o tenente Scotty MacKenzie, disseram: “Você é descartável”,¹⁰²⁴ como elemento da tropa que estava entre os que podiam ser sacrificados por motivos estratégicos.

Eugene sabia que participaria da campanha seguinte porque um rodízio por “sistema de pontuação”, com direito a folga nos *States*, havia sido anunciado. O general Del Valle criara o sistema para impedir a instalação em suas fileiras de um grave problema de queda do moral da tropa. O sistema permitia que o general embarcasse no navio, para umas férias, oitocentos combatentes da divisão que tivessem estado além-mar por trinta meses, bem como iniciar o rodízio dos mais de três mil que haviam servido na divisão por dois anos. Depois de estudar o “sistema de pontuação”, levando em conta os dozes meses de serviço que prestara à divisão, Sledge sabia que praças como ele “só seriam liberados quando a guerra acabasse”. Como seu amigo Snafu tinha 87 pontos, embarcou no navio numa manhã dos meados de julho.¹⁰²⁵

Tentativas de tornar a vida mais agradável para o restante da tropa — com a instalação de iluminação elétrica nas barracas, levando até eles um espetáculo da USO e a construção de um refeitório num penhasco que dava vista para o Mar da China Meridional — foram insuficientes para diminuir o medo de Eugene diante do Apocalipse iminente. Esse medo alimentava seu ódio intenso por tudo o que fosse japonês. Seu ódio achou também outro alvo, mais surpreendente. Ele incluiu numa das cartas um cheque de 225 dólares, correspondente ao pagamento de sua participação na Batalha de Okinawa e ao soldo de alguns dos meses que a antecederam. “Qualquer marinheiro”, afirmou ele, “ganha a mesma quantia para ficar sem fazer nada por duas semanas”. A observação cáustica veio depois de sua decisão de cancelar a assinatura da revista *Leatherneck*, pois a achou “ingênua e chauvinista demais”.²⁵ Seus comentários revelavam um cinismo crescente em relação aos americanos, que pareciam gostar de fantasiar a experiência horrível e cruel que vivera, com clichês sobre glória, coragem e sacrifício quando eles mesmos faziam pouco ou nenhum sacrifício. “Apenas rezo para que este caos terrível acabe logo, pois não quero ver nem mais uma gota do bom sangue americano desperdiçada”.

Em 9 de agosto, Gene soube pelo rádio: “A Rússia²⁶ declarou guerra ao Japão. Espero que seja mesmo verdade — sem dúvida, isso abreviaria a guerra.” O rádio anunciara também o segundo emprego de uma nova arma, uma tal de bomba atômica, e “todos ficaram fazendo apostas sobre quem acertaria e o que aconteceria em seguida”. Quanto ao que lhe dizia respeito, Gene começou a pensar no próprio futuro. “Em breve, farei 22 anos e estou mais perto de tomar um rumo na vida após a guerra do que estava um ano atrás. Portanto, espero poder voltar à vida de civil logo. Talvez eu esteja impaciente demais, mas também ansioso para retomar meus estudos na faculdade.” Muitos fuzileiros, principalmente seus oficiais da Companhia King, comemoraram a notícia tomando um porre. Gene tinha um toca-discos e, pelo menos dessa vez, a música popular, que ele detestava (qualquer tipo de jazz e, principalmente, Frank Sinatra), deu lugar ao *Quebra-Nozes*, de Tchaikovsky.

“Ouvimos tantos boatos, recebemos tantas informações”, reconheceu Eugene, que ele não conseguia ter certeza do que iria acontecer nos dias seguintes. Portanto, arriscar-se a achar que o Japão se renderia podia parecer ao mesmo tempo razoável e ridículo. Em 13 de agosto, ele soube que o Japão havia se rendido. “Sem dúvida, a nova bomba fez os homens amarelos finalmente aceitarem que haviam sido derrotados.” Ainda assim, a ideia de que os japoneses haviam se rendido não era fácil de aceitar de forma definitiva, tanto que o almirante Nimitz os advertira sobre a possibilidade de atos de “traição” por parte dos nipos, já que, por muito tempo, o inimigo fingira render-se como forma de matar mais alguns fuzileiros. Enquanto um de seus amigos ficou ouvindo Frank Sinatra “cantar um de seus sucessos no toca-discos”, Gene e outros amigos seus preferiram conversar sobre a seguinte questão: “Se a guerra acabar agora... quanto tempo levaremos para chegar em casa...?”

* * *

Em 14 de agosto, o dia em que o presidente Truman anunciou a vitória dos americanos sobre o Japão, Sidney Phillips e seus amigos “montaram uma fogueira gigantesca no meio da principal rua de Chapel Hill”. O fogo intenso “incendiou o asfalto e queimou o semáforo suspenso no meio da encruzilhada”.

O tenente Micheel comemorou o fim da guerra com os outros oficiais na BAeN Auxiliar de Kingsville, Texas, para onde tinha sido transferido alguns meses antes. Ele havia sido incorporado a um grupo de treinamento de caças noturnos, a especialidade mais perigosa que o piloto aeronaval poderia ter, dado o rudimentarismo dos aparelhos eletrônicos existentes então. O fim da guerra levou a Marinha a dissolver o grupo de caças noturnos. As necessidades imediatas relacionadas com a guerra haviam terminado e nascia a era do motor a jato. De volta à sua carreira na Marinha, Mike seria “atirado aos ventos”.

Notas:

1 - Apelido dado pelos combatentes americanos a bombardeiros bimotores leves e caças japoneses cujos motores produziam um ruído comicamente estranho. (N. T.)

2 - Curtiss P-40, avião de caça monomotor americano de assento único e fuselagem metálica usado em operações de ataque terrestre na Segunda Guerra Mundial. (N. T.)

3 - Habilidade do marinheiro de caminhar, sem perder o equilíbrio ou sem ficar enjoado, em navio que joga, arfa e balança, em razão das condições do mar. (N. T.)

4 - Abreviação de "Victory Mail" ou "Correio da Vitória". Eram impressos, junto com envelopes especiais, para o envio de mensagens cujo teor era fotografado e transferido para microfilmes. Foram usados num serviço postal inventado pela Inglaterra e depois adotados pelos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial para facilitar a correspondência entre a tropa mobilizada além-mar e seus familiares nos EUA, pois os microfilmes, além de poderem armazenar muito mais informações, ocupavam bem menos espaço e eram muito mais leves, por exemplo, do que alguns milhares de cartas com uma única folha cada. (N. T.)

5 - Em inglês, a pronúncia da palavra "atol" é parecida com a da expressão *at all*, que significa "nada", "nenhum". Ou seja, segundo a brincadeira, atol é igual a lugar sem nenhum tipo de distração. (N. T.)

6 - Thomas Jonathan "Stonewall" Jackson tornou-se um dos mais respeitados generais confederados da Guerra de Secessão, famoso por seu brilhantismo em táticas de guerra. (N. A.)

7 - Em inglês, essa vitória ficou conhecida depois como "Tiro ao Pato das Grandes Marianas", a primeira fase da Batalha do Mar das Filipinas. Como acontece em todas as batalhas aéreas, o número de derrubadas sofreu um aumento indevido e exagerado. Todavia, nessa batalha não houve exagero no propalado tamanho da vitória. (N. A.)

8 - O 3º. Batalhão de um regimento do Corpo de Fuzileiros não tinha uma Companhia J, porque, segundo consta, numa época de mensagens manuscritas, a letra J podia ser confundida com a letra I. (N. A.)

9 - Acrônimo muito popular em todos os setores das Forças Armadas americanas durante a Segunda Guerra Mundial, SNAFU é a sigla de "Situation Normal: All Fouled Up". (N. A.) Ou seja: "Situação Normal: Tudo Arruinado, Confuso". (N. T.)

10 - Essa denominação oficial é dos americanos. O acrônimo tem a pronúncia idêntica à da palavra inglesa *duck* ("pato"). Daí o apelido dado por eles também a esse tipo de veículo. (N. T.)

11 - Nesse dia, 11 de setembro de 1944, o almirante Halsey enviou uma mensagem ao almirante Nimitz recomendando o cancelamento da invasão de Mindanao. Em 14 de setembro, com a permissão do general MacArthur, um novo plano estratégico foi aprovado, determinando que o Exército ignorasse Mindanao e invadisse Leyte em 20 de outubro. (N. A.)

- 12 - O 5º. RIFN desembarcou com 3.227 elementos, entre soldados e oficiais. Sofreu 250 baixas no Dia D e no Dia D + 1, o total de baixas de dois dias de perdas fatais mais alto da campanha inteira sofrido pelo regimento. (N. A.)
- 13 - No original, a gíria militar *war dog* (“cão de guerra”, em tradução literal) significa “sargenteante”, “encarregado”, “chefe da peça”, “veterano” em português. (N. T.)
- 14 - As instruções que Micheel recebera antes de partir em missão não incluíam nenhum aviso sobre o fato de que o Japão estava embarcando milhares de prisioneiros de guerra americanos para as ilhas japonesas em navios sem identificação. Talvez os altos oficiais da Marinha americana não houvessem tomado prévio conhecimento disso em setembro de 1944. Mesmo que tivessem, não poderiam ter ordenado que seus pilotos interrompessem os ataques destrutivos contra as tentativas de embarque japonesas. (N. A.)
- 15 - Unidade de fogo é a quantidade de munição necessária para suprir de balas o armamento do fuzileiro (carabina, morteiro de 60 milímetros e outras armas) para um dia inteiro de combates pesados. (N. A.)
- 16 - O arquipélago do qual faz parte Okinawa foi reconhecido como território pertencente ao Japão bem antes da Segunda Guerra Mundial. O episódio descrito aqui atesta as complicadas relações entre os “japoneses” de Okinawa e os das “ilhas nativas”. (N. A.)
- 17 - Embora isso não tivesse sido publicado na época, o general MacArthur concordou com Shofner, achando também que à operação de assalto comandada pelo general Krueger faltou velocidade e agressividade. (N. A.)
- 18 - Sledge se referiu à Citação Presidencial de Unidade. Realmente, a 1ª. DIFN recebeu essa honraria pela segunda vez, por sua participação em Peleliu. A primeira fora concedida por sua atuação na Batalha de Guadalcanal. (N. A.)
- 19 - As estimativas passadas aos fuzileiros a bordo do navio estavam erradas. Os japoneses haviam reforçado suas defesas em Iwo Jima com cerca de 22 mil soldados. (N. A.)
- 20 - O diário de Shofner chegou às mãos do comandante da 37ª. DI. De lá, foi enviado ao comandante do 14º. Corpo de Exército, que o repassou à seção de espionagem do general Walter Krueger, comandante do 6º. Exército. Foram esses oficiais que planejaram a incursão. O diário dele chegou ao gabinete dos oficiais dois dias antes de os líderes do grupo guerrilheiro local haverem dito a eles que era provável que os guardas dos campos de prisioneiros japoneses assassinassem todos os prisioneiros de guerra antes de os campos serem invadidos pelas forças contrárias. Portanto, o diário do “Engenhoso” ajudou a inspirar a missão que passou a ser conhecida como A Grande Investida. (N. A.)
- 21 - Às 10h42, o Comando do 27º. RIFN enviou uma mensagem pelo rádio: “Todas as unidades imobilizadas pelos fogos de artilharia e morteiro inimigos. Precisamos do apoio rápido de blindados para nos movermos em qualquer direção que seja.” (N. A.)
- 22 - Naha era a maior cidade de Okinawa. (N. A.)
- 23 - Em suas memórias, Sidney Phillips escreveu a palavra “Fuzileiro” com maiúscula, tal como fazem muitos

fuzileiros orgulhosos de seu mister. Não é uma convenção observada por historiadores. (N. A.)

24 - Alusão à Batalha de Chapultepec, travada em setembro de 1847, em torno do Castelo de Chapultepec, da qual os fuzileiros navais americanos participaram, como parte da Guerra Mexicano-Americana, vencida pelos norte-americanos. (N. T.)

25 - A revista *Leatherneck* foi criada pelo Corpo de Fuzileiros Navais americano em 1917, que a tornou semiautônoma em 1943. Sua missão é enaltecer a importância e os feitos da corporação. (N. A.)

26 - Os americanos costumavam se referir à extinta União Soviética como "Rússia". (N. T.)



ATO V

“LEGADOS”

Os líderes japoneses haviam apostado que, se conseguissem tornar bem alto o preço da vitória americana, os Estados Unidos abrandariam sua exigência de rendição incondicional. Os camisas representavam a extensão lógica dessa política. A explosão da segunda bomba atômica convenceu o imperador Hirohito a sobrepor-se à autoridade dos outros membros da Junta Militar e levar sua nação à rendição, tornando possível ao país trilhar o caminho de um futuro alternativo. Se os americanos invadissem o Japão, a selvageria que essa decisão provocaria seria cinco vezes maior do que a de Okinawa ou de Iwo Jima. O fato de ter podido evitar esse conflito apocalíptico permitiu que os Estados Unidos fossem magnânimos com o inimigo derrotado. Naturalmente, seus veteranos combatentes reagiram de forma diferente em relação à paz e à prosperidade que resultaram dessa atitude. A capacidade do homem de esquecer a própria dor ou de reconhecer o avanço da civilização que a vitória dos EUA facultou não derivava apenas de uma função de sua personalidade, mas também de onde, quando e como ele serviu.



No mesmo dia, 14 de agosto de 1945, em que o almirante Nimitz ordenou que cessassem as hostilidades contra os japoneses, o tenente-coronel Shofner e outros oficiais superiores souberam que a 1ª. DIFN partiria de navio para a China no fim de setembro. Os fuzileiros navais precisavam formalizar a rendição dos japoneses na China, assumir o controle das cidades dominadas pelos nipônicos, bem como de seus estoques de armas e equipamento, e passar tudo para as forças nacionais chinesas. Já aos comunistas chineses seria negado o acesso a esses locais-chave e equipamentos essenciais. Seria de esperar que os praças de Shofner detestassem essa nova missão, até porque muitos deles já tinham começado a afirmar que os membros da 1ª. DIFN — como a primeira a chegar e a última a partir — mereciam ser recebidos como heróis num desfile em Nova York. Outros diziam que isso devia acontecer em Tóquio. Mas seria razoável esperar também que muitos oficiais se revelassem ansiosos por uma passagem de volta para sua terra natal, pois, com certeza, tinham os pontos para serem os elementos da vez do sistema de rodízio.

Teria sido impossível para qualquer fuzileiro ou soldado estacionado em Okinawa ter servido em missão de combate por um período de tempo maior do que o de Austin Shofner, o Engenhoso. Ele estava lá no dia em que tudo começou. Mesmo assim, não queria ir para casa. Fora muito satisfatório para ele atuar como comandante do 1º. BIFN, 1ª. DIFN. Ele era um fuzileiro naval profissional e tinha uma mancha em seu currículo. O serviço militar na China o levaria de volta para o lugar onde ele começara e lhe daria outra chance de se destacar. Todavia, alguns dias depois, seu currículo melhorou muito. O general Del Valle condecorou o tenente-coronel Austin Shofner com a Legião do Mérito por “conduta excepcionalmente meritória”. Em parte, a citação dizia o seguinte:

Após assumir o comando de seu batalhão no meio de uma batalha crítica, o tenente Shofner, com sua

habilidade tática, inesgotável determinação e coragem extraordinária, conduziu as atividades de sua unidade rumo à exitosa conclusão de inúmeras atribuições. Embora seu batalhão estivesse com sua eficácia reduzida por importantes baixas, ele prosseguiu firme na liderança e supervisão da tropa, mesmo diante da feroz resistência do inimigo... Foi uma inspiração para seus homens em seu exercício do comando.

O comandante de seu regimento, coronel Mason, complementou subsequentemente a distinção proporcionada pela medalha com um excelente relatório de aptidão física e mental. Embora em duas áreas, como “cooperação com os colegas”, o desempenho de Shofner tivesse caído para o nível de “muito bom”, na descrição que fez dele na seção de comentários Mason afirmou que o considerava “um oficial bastante agressivo, do tipo dinâmico e engenhoso”. O Engenhoso estava de volta, mesmo porque jamais desistira.

Eugene Sledge falou em nome da maioria dos praças do CFNA quando escreveu no fim de agosto: “Entrei para o corpo com o objetivo de ajudar a vencer a guerra — agora que a vencemos, não vejo a hora de dar baixa.” Pouco antes, o sistema de rodízio havia sido modificado para se adequar ao do Exército. Gene recebeu um ponto para cada mês de serviço, um ponto para cada mês de serviços no exterior, cinco pontos para cada condecoração e cinco pontos para cada campanha em que houve a concessão de uma condecoração de combate. Outros fatores, como filhos, somavam pontos a favor do combatente. O número mágico era 85. Gene informou aos pais que ele tinha sessenta pontos. “Pequeno, se comparado com o de Ed, né?” Seu irmão mais velho já estava a caminho de casa, e seu amigo R. V. Burgin partiria em breve. Gene viu-se diante da possibilidade de ter de continuar servindo além-mar por mais algum tempo. Permanecer em Okinawa teria sido aceitável — Gene gostava de lá e tinha em tão alta estima o povo local que era conhecido como o soldado que se curvava para saudar os oquinauenses.¹⁰²⁶ Mas havia combatido o EIJ por tanto tempo que não conseguia perdoar os japoneses, a quem chamava de gente de “coração perverso”. Por isso, torcia muito para que não fosse enviado para Tóquio. Em 1º de setembro, para se assegurar disso, enviou um requerimento solicitando dispensa do CFNA.

No fim de agosto e início de setembro — no rádio, na imprensa e nos cinejornais —, quase todas as manchetes envolviam o nome de Douglas MacArthur. Numa atitude ousada, em 30 de agosto o general desembarcou num aeródromo nos arredores de Tóquio no avião presidencial, com a palavra “Bataan” estampada no nariz da aeronave.¹⁰²⁷ Nos arredores, milhões de soldados japoneses ainda não haviam se rendido oficialmente. Ele pusera os pés na pista trajando a farda cáqui, sem jaqueta, gravata ou medalhas. Usava óculos de aviador e levava na mão um cachimbo de sabugo de milho. Seu quepe, famoso em todo o mundo, era o de marechal de campo do Exército Nacional das Filipinas. De pé no solo japonês, ele simplesmente declarou: “Foi longa a viagem de Melbourne a Tóquio, mas, pelo visto, valeu a pena.”¹⁰²⁸ Alguns dias depois, MacArthur presidiu a cerimônia em que representantes do governo militar japonês assinaram o documento de rendição incondicional. Os documentos legais que eles e os líderes das potências Aliadas assinaram haviam sido

impressos num pergaminho raro, achado em meio aos destroços de Manila. A cerimônia foi realizada no convés da belonave USS *Missouri*, ancorada na baía de Tóquio e cercada pela enorme frota de navios de guerra americanos. Nas declarações de MacArthur, não havia nenhuma acusação. Ao contrário, ele propôs que orassem para que “a paz fosse restaurada no mundo”. Expressou sua esperança de que “do sangue e da carnificina do passado” nascesse um novo mundo. “Tampouco devemos nos reunir aqui... com um espírito de desconfiança, malícia ou ódio. Ao contrário, cumpre-nos, tanto aos vitoriosos quanto aos vencidos, agir à altura daquela dignidade superior que, somente ela, convém ao objetivo sagrado a que estamos prestes a servir.”¹⁰²⁹

“Bem, agora que a guerra está ganha”, exclamou Eugene, “quem foi que assumiu o comando de tudo?! Foram MacArthur, Nimitz, Halsey e os generais dos fuzileiros navais que venceram a guerra! Agora, o show é só do Exército! Enquanto isso, a Marinha e o corpo de fuzileiros ficam na plateia sorrindo forçado, enquanto os figurões do Exército levam todo o crédito!”. Assim como muitos fuzileiros, Eugene acreditava que a Campanha do Pacífico Central, liderada pelo almirante Nimitz, tinha sido mais importante do que a Campanha do Sul do Pacífico, comandada por MacArthur.¹ Os cinejornais mostrando MacArthur atravessando a arrebentação de praias em sua volta para as Filipinas ou presidindo à solenidade da rendição foram, portanto, interpretados por muitos fuzileiros navais nos campos de batalha como puro exibicionismo para impressionar o público. “Acho que o corpo de fuzileiros navais ganhou a sua parcela do crédito e a Força Aérea do Exército também, mas a Marinha, não. Com certeza, nossa Marinha é muito boa também. Todos nós detestamos o fato de Nimitz ter sido menosprezado, depois do excelente trabalho que ele e a Marinha fizeram.”

Com o inimigo derrotado, as Forças Armadas dos Estados Unidos se prepararam para manter sua presença militar em países por todo o Pacífico, principalmente no Japão. Os integrantes da Companhia começaram a receber instruções diárias sobre os deveres das forças de ocupação. “Os *States* vão ficar com Okinawa”, esperava ele, “pois é uma boa base para ficar de olho nos nipos... Eles vão se comportar direitinho, com humildade, e quando acharem que ninguém está vigiando... Pimba! Cometerão algum tipo de traição”. Quando cada um dos fuzileiros do 3/5 recebeu três novos cobertores, um sobretudo, ceroulas e roupas de lã, Gene achou que eles iam deixar Okinawa. Logo depois, ele e outros praças souberam que partiriam para uma missão na China.

R. V. Burgin, que fazia tempos que achava que, a qualquer momento, seria enviado de navio para o Texas, recebeu a boa notícia, em 15 de setembro de 1945, informando que seria transferido para os *States*. “Quase me ofereci como voluntário para servir na China com a 1ª. Divisão, mas fiquei pensando nisso e concluí: ‘Ora, depois de participar de três batalhas, vou pra China e acabo sendo atropelado por um maldito riquixá ou algo assim e morro... Pra mim, isso não faz sentido. Vou é pra casa mesmo.’” Ele se despediu dos colegas e pegou um caminhão para o sul, rumo à zona portuária. Duas semanas depois, a companhia dele também seguiu viagem para o porto.

A 1ª. DIFN deixou a China depois da partida do 7º. RIFN, cujos membros haviam desembarcado em seu litoral como tropas de assalto, antes do 5º. RIFN. O 1/1 do tenente-coronel Shofner embarcou no USS *Attala* e seguiu para o oeste, onde desembarcou, em 1º. de outubro, na cidade portuária de Taku, no rio Hai Ho. Caminhões, muitos deles outrora propriedade do Exército Imperial Japonês, os levaram por 5 quilômetros rio acima, até a cidade de Tangku, a qual lhes haviam dito que tinha uma população de cem mil pessoas e: “Que era esperado que saíssem todas às ruas para nos saudar quando entrássemos marchando na cidade. Iniciamos a marcha em colunas de quatro, mas acabamos reduzidos a uma fila indiana, já que todas aquelas pessoas nos espremiavam, com abraços e beijos.”¹⁰³⁰ O povo sabia os sacrifícios que fizemos para derrotar o Japão e ficou grato. Dali, trens levaram o 1/1 para Tientsin, uma cidade com mais de um milhão de habitantes. O batalhão avançou por ruas largas e pavimentadas até uma área da cidade que tinha uma aparência marcadamente ocidental. Seus quarteiros haviam sido construídos pelos ingleses e, até pouco tempo atrás, tinham sido usados pelo Exército japonês como áreas de quartéis.

Embora os chineses cobrissem os fuzileiros navais com gestos de gratidão e carinho, aquilo que os fascinou mesmo foi sua antiga civilização. Os receios dos comandantes americanos, como Shofner, de que os cinquenta mil soldados japoneses estacionados em sua área talvez optassem por combater as tropas de ocupação não se confirmaram. A ocupação da China começou com algumas semanas de problemas de logística e abastecimento, o que significava que uma das primeiras preocupações de Shofner seria providenciar para que seus soldados fossem alimentados. Com a chegada do 5º. Regimento de Infantaria de Fuzileiros Navais, as unidades da 1ª. DIFN se espalharam para proteger algumas cidades-chave, bem como seus portos e as estradas de ferro que os coligavam. O Comando da Divisão e o 5º. RIFN se instalaram em Peiping, a antiga capital da China. O 1º. RIFN permaneceu em Tientsin, enquanto o 7º. RIFN ficou protegendo Chingwangtao.²

Na frente do Edifício Municipal Francês, no dia 6 de outubro o 1º. RIFN recebeu a declaração de rendição das forças militares inimigas estacionadas em Tientsin e seus arredores. A cerimônia foi realizada diante de uma grande multidão de chineses, que encheram as ruas, as janelas e os telhados. Os oficiais do Exército Imperial entregaram as espadas a seus pares e deixaram o local marchando em coluna, “ao som do Hino dos Fuzileiros Navais”.¹⁰³¹ Com as formalidades concluídas, os fuzileiros começaram a inspecionar as bases e os quartéis dos japoneses. Sem nenhuma hesitação ou objeção, os japoneses aceitaram todas as determinações, entregando todo o material desnecessário à sua subsistência. Sua imediata cooperação lhes deu o direito de continuarem a administrar a própria vida nos quartéis. Um em cada dez soldados japoneses teve permissão de ficar com o fuzil e cinco balas. Os Estados Unidos haviam deliberado que os nipônicos precisavam de alguns fuzis para se proteger das turbas de chineses enraivecidos.

Em 13 de outubro, a animosidade dos chineses para com o inimigo derrotado se transformou num ataque em Tianjin. Os integrantes do 1º. RIFN precisaram intervir, espremendo-se por entre as partes em conflito para separá-las. Por causa desse e de outros incidentes, os Estados Unidos impuseram sua política de segurança, determinando que os japoneses fossem repatriados o mais rapidamente possível. Enquanto isso, não

permitiriam que atos de vingança pelos crimes cometidos contra o povo da China fossem perpetrados por cidadãos raivosos. Certa tarde, dois cavaleiros japoneses bem-vestidos apareceram diante do quartel-general de Shofner. Pediram para falar com o comandante dos fuzileiros navais e foram levados até o gabinete dele. Diante da mesa, apresentaram-se, explicando que haviam sido oficiais do consulado japonês antes da rendição. Os dois disseram: “Muito obrigado, muito obrigado mesmo, por proteger o nosso povo.”

“Esse incidente mostra a diferença que existe em matéria de honra entre o seu país e o nosso”, respondeu Shofner, aguardando que assimilassem a mensagem antes de lhes contar os fatos havidos em Bataan, Bilibid, Cabanatuan e Davao. Os dois diplomatas ficaram constrangidos e acabaram declarando que nada sabiam a respeito desses lugares. Quando Shofner achou que os havia informado o suficiente, falou: “Seus agradecimentos são desnecessários. Vocês podem ir agora.”¹⁰³²

Embora parecesse estranha a proteção dispensada aos soldados e civis japoneses, a outra missão dos fuzileiros navais a superou. Essa proteção, que foi estendida a outras cidades, estradas de ferro e portos, impedia que os comunistas chineses tivessem acesso a essas coisas. O governo nacionalista chinês, que estava em guerra com os comunistas havia anos, era fraco demais para proteger esses importantes locais com seus próprios soldados. Assim, os fuzileiros foram usados para proteger o maior número possível de locais fundamentais. Porém, como não havia fuzileiros suficientes, os nacionalistas deixaram que unidades das forças japonesas permanecessem no mesmo lugar. Essa atitude dos americanos irritou muito os comunistas, que os ameaçaram com uma guerra, mas só conseguiram atacá-los em escaramuças ocasionais. Além disso, o 1/1 de Shofner estava incumbido não só de proteger o inimigo, como também de combater ao lado dele. O mundo que a 1ª. DIFN encontrou na China acabou se revelando muito mais estranho do que podiam imaginar.

A cabana de tijolos em que a seção de morteiros da King se aboletou tinha água corrente aquecida, luz elétrica, sofás e dois jardins de inverno. Ela fazia Eugene Sledge lembrar-se de um campus universitário e, embora tivesse servido como alojamento militar por muito tempo, ele achava que era “assombrada pelo espírito de Rudyard Kipling”.¹⁰³³ Sledge disse que a calorosa recepção que os chineses deram a eles foi: “Um lindo sonho, algo simplesmente inacreditável. Quatro meses atrás, eu estava numa trincheira individual em Okinawa — ontem à noite, estava sentado na sala de jantar do Wagon Light Hotel saboreando um jantar com cinco tipos de pratos e ouvindo valsas de Strauss executadas por um pianista e violinista russo. O jantar foi gratuito, cortesia do governo chinês.”

Na parte de Pequim em que estava alojado, ficavam os melhores restaurantes e teatros da antiga cidade. Em dias alternados, ele ficava de folga das 14 às 22 horas. Como um passeio no riquixá custava apenas 5 centavos de dólar, partiu em visita à Cidade Proibida, para tomar seu primeiro copo de leite depois de dezenove meses e aproveitar ao máximo a grande oportunidade de conhecer uma cultura bela e milenar. Enquanto isso, muitos de seus colegas “passavam seu tempo tomando cerveja numa das três imitações baratas de bares americanos, mesmo conhecendo tanto de Pequim quanto ele conhecia de Londres”. Na Cidade Proibida, Gene viu uma

estátua do Buda de ouro maciço com 1,5 metro de altura, em que cada centímetro de sua larga cintura estava coberto de pedras preciosas. Aprendeu rapidamente a gostar da culinária chinesa, começou a comer com pauzinhos e conseguiu ficar longe do “refeitório, com sua comida desidratada”. Fez amizade com o dono de um restaurante que falava inglês e que tinha prazer em ensinar um pouco de sua cultura e de seu idioma a Gene.

Alguns dos oficiais do 3/5 tentaram impedir que os praças frequentassem alguns restaurantes finos. Sledge os chamava de “os oficiais Semper Fidelis (pra mim o melhor e que se danem vocês!)” e ficou exultante quando o esforço deles fracassou.³ “Logicamente, os dias que convivemos uns com os outros nas linhas de combate, comemos com a mesma colher e usávamos apelidos foram esquecidos por esses senhores, que, mais uma vez, se beneficiam do sucesso, do trabalho glorioso realizado pelos fuzileiros em Peleliu e Okinawa.” No relato que fez aos pais, explicou: “O Exército pode ter oficiais como Ed, que fez coisas que de fato trouxe condecorações, só que em sua unidade — os soldados realizavam as façanhas, mas eram os oficiais que ficavam com os méritos.” Talvez Gene estivesse se referindo ao tenente George Loveday, o Sombra, que ganhou a Estrela de Bronze no fim de outubro por seus feitos em 1º. de outubro, em Okinawa.¹⁰³⁴ Logo depois, o Sombra foi enviado para casa pelo sistema de rodízio. Num livro sobre suas experiências, E. B. Sledge recontou depois a série de problemas enfrentados por ele em seu convívio com os novos oficiais e os graduados que chegaram para substituir os veteranos. Ele ficava ressentido em ter de obedecer a ordens de homens que não tinham participado de combates.¹⁰³⁵

Eram brandas as obrigações de Gene na cidade, onde ele jamais deixava de notar algo interessante, como as tentativas dos habitantes de seduzir os fuzileiros com placas que diziam: “Por favor, suba e bebidas e bolos.” Ele entrava nas lojas à procura de presentes para a família. “Uma vez que os nipos levaram a maior parte dos artigos de seda genuína para o Japão, produtos mais refinados são raríssimos.” Ele fez amizade também com uma família chinesa e passava a maior parte de seu tempo livre em sua companhia. A família Soong “abriu o coração” para ele e a amizade demonstrada por ela aprofundou seu respeito pelo povo chinês. Foi uma amizade que o ajudou a curar as feridas do próprio coração.¹⁰³⁶ Quando se aproximaram do inverno, ele descobriu que conseguia distinguir uma pessoa falando chinês de outra que estivesse se expressando em japonês. Notou que a primeira falava com certa monotonia melódica, agradável, ao passo que a última se exprimia com “vigor e emitia sons como se estivesse com a boca quase fechada”. Todavia, os japoneses que ainda viviam em Pequim tentavam ser discretos e se manterem longe das ruas. Quando o inimigo de outrora cruzava com Sledge, batia continência para ele, independentemente do posto ou da patente do soldado americano. Sempre que Sledge passava por “um nipo nas ruas”, via “os chineses apontarem para ele e fazerem um gesto de degola”.

No fim de outubro, Eugene prestou serviço numa região que ficava entre Pequim e Tianjin, na qual os comunistas eram ativos. Além de frio e desconfortável o local do serviço, era também perigoso. Pelo menos em uma ocasião, tiros foram disparados. Embora nas cartas que enviava à família não tivesse comunicado o incidente, o teor de suas missivas mudou radicalmente. As afetuosas manifestações de sua vontade de voltar o

mais breve possível para Mobile, de forma que pudesse participar de caçadas com o pai, fazer passeios a cavalo e outras coisas mais, deram lugar a críticas mordazes contra a política externa americana.

“Em minha opinião, a afirmação de que ficaremos aqui até que todos os japoneses tenham sido levados de volta para casa é uma farsa. Enquanto estivermos aqui, os comunistas rezeirão entrar em Pequim e, uma vez que o Governo Nacional é fraco demais para detê-los, aqui ficaremos. Não há nenhuma razão no mundo para nos envolvermos numa guerra civil na China e todos os fuzileiros desta área se ressentem de terem de ficar aqui correndo o risco de perder a vida.” Os fuzileiros perceberam também que os cidadãos chineses comuns eram mais simpáticos ao governo comunista do que ao governo nacionalista.¹⁰³⁷ Os oficiais militares americanos explicaram que a falta de navios havia atrasado o processo de inclusão da tropa no rodízio para uma folga nos *States*, mas Gene ficava irritado com essa retórica. “Cerca de dez dias atrás, 21 navios-transporte americanos levaram quase vinte mil japas para casa.” Essas viagens vinham sendo realizadas fazia meses. Além disso, a Marinha tinha ajudado o governo nacionalista transportando suas forças de navio de um lado para outro. Quando não pôde comparecer ao casamento de Edward, a paciência de Eugene com a própria “indignação” se esgotou. Numa carta após a outra, começou a pressionar sua mãe a juntar-se às “mães de outros fuzileiros” para “protestarem com veemência, de tal forma que os que tivessem pontos fossem levados para casa”. A essa altura, Eugene tinha mais pontos para conseguir licença pelo sistema de rodízio do qualquer outro membro da Companhia King. “Se alguém lhe perguntar por que ainda estou na China”, avisou ele aos pais, “diga-lhes que estou defendendo os futuros interesses comerciais dos grandes negócios americanos na China”.

No fim de 1945, Austin Shofner recebeu uma carta da Casa Branca. Tinha sido enviada a todos os americanos que foram repatriados como prisioneiros de guerra.⁴ O presidente dos Estados Unidos queria “dar-lhes as boas-vindas e expressar, em nome do povo americano, a alegria que sentiam com o fato de terem sido libertados das garras do inimigo” e dizer que foi “motivo de grande satisfação o fato de que seus esforços para conseguir a volta deles tivesse sido bem-sucedida”. Essa carta chegou às mãos de Shofner não em sua casa em Shelbyville, Tennessee, mas em Tienjin, China. Ela revelava que fora outra pessoa, e não o tenente-coronel Shofner, que o havia libertado. A pessoa que levou o crédito pela libertação dos prisioneiros de guerra foi o general Douglas MacArthur.

Austin Shofner deve ter se perguntado quando MacArthur levaria o imperador Hirohito, o regente japonês com poderes supremos, a julgamento. O Engenhoso “desejava muito que o imperador do Japão fosse enforcado, por causa das atrocidades que permitiu que seus soldados cometessem contra os prisioneiros de guerra e as nações ocupadas” por eles. Muitos americanos nutriam esse mesmo desejo. Dos primeiros julgamentos dos criminosos de guerra, iniciados em dezembro, em Tóquio, não fez parte Hirohito. O general MacArthur havia chegado à conclusão de que o imperador fora “um verdadeiro Charlie McCarthy”.⁵ Em conversas sigilosas, MacArthur começou a convencer Washington de que Hirohito não deveria ser submetido a julgamento por crimes de guerra. Além disso, transformou o Japão.¹⁰³⁸

“Desde o momento em que fui nomeado comandante supremo”, escreveu MacArthur mais tarde, “elaborei as políticas que eu pretendia seguir, executando-as por intermédio do imperador e da máquina governamental do Império... as reformas que contemplei eram de natureza que pusessem o Japão atualizado com o pensamento progressista e a dinâmica moderna. Primeiro, era necessário destruir o poderio militar. Punir os criminosos. Edificar a estrutura de um governo representativo. Modernizar a Constituição. Organizar eleições livres. Criar um movimento trabalhista livre. Incentivar a iniciativa privada. Extinguir a opressão policial. Desenvolver uma imprensa livre e responsável. Desregulamentar a educação. Descentralizar o poder político. Separar a Igreja do Estado.”¹⁰³⁹ As mudanças sem precedentes elaboradas por MacArthur foram além do que ele havia sido autorizado a fazer. Em sua essência, porém, esse programa representava a vontade de seu povo: para ele, a vingança tinha um preço que a humanidade não podia pagar.

O semestre de Sidney Phillips terminou no fim de dezembro de 1945. O programa V-12 havia sido cancelado. Ele voltou para Mobile com dois anos de créditos universitários e a oportunidade de obter o diploma, pois, com a aprovação da Lei do Pracinha, o Tio Sam se encarregaria de pagar as contas. Sentindo-se endinheirado, “gastou cada centavo que tinha para comprar um relógio para Mary, mas ela fez beijo, dizendo que queria um anel”. Depois do Natal, época em que chegaria ao fim seu período de serviço militar, ele fez uma rápida viagem de volta à Carolina do Norte para passar o Ano-Novo lá. Sid Phillips recebeu uma dispensa honrosa do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos por quatro anos de bons serviços.

No fim de 1945, vamos encontrar Mike Micheel servindo na BAeN de Miami. A Marinha, assim como todos os ramos das forças militares, havia retomado a corrida para aumentar bastante seus efetivos e adaptar-se ao mundo do pós-guerra. Mas ela conhecia aqueles que deveria manter e promovera Micheel a capitão de corveta, que iniciou sua rotina como diretor da escola de pilotagem. Seu comandante o descreveu, no bom sentido, como um instrutor “agressivo, mas também um amigo que incentivava a amizade entre os colegas e facilitava o trabalho com outros”. No início de 1946, ele recebeu um telefonema de Jean Miller, sua namorada, que tinha sofrido um acidente de carro. Explicou-lhe que, com bastante descanso, ela conseguiria se recuperar totalmente. Seu médico havia aconselhado que ela fugisse do inverno da Filadélfia e que fosse para algum lugar de clima quente para se recuperar. Ela concluiu que Miami seria o melhor local para isso e perguntou se ele achava que seria uma boa ideia. “Sim, claro”, respondeu ele. Jean foi para Miami, onde ficou num hotel à beira-mar.

* * *

A 5ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais voltou para Camp Pendleton em dezembro de 1945, onde foi dissolvida. Como Lena Basilone ainda estava servindo lá, deve ter sido informada pelos fuzileiros da unidade

de seu falecido marido que a Marinha soubera, antes da invasão de Iwo Jima, que o bombardeio de 72 dias dos B-24 havia produzido “resultados pífios” e que o número de posições fortificadas do inimigo havia continuado a aumentar nos meses que antecederam o Dia D.¹⁰⁴⁰ Além disso, a Marinha tinha reduzido a duração do bombardeio prévio à invasão. Havia muita insatisfação e irritação entre os membros da 5ª. DIFN. Dos cinquenta integrantes da seção de metralhadoras de seu finado marido, 29 tinham sido feridos e treze morreram. Era impossível que a sina dos cinco sorridentes soldados presentes em sua festa de casamento pudesse ter sido pior. Johnny fora enterrado perto de seus amigos Edward Johnston e Jack Wheeler. Rinaldo Martini e Clinton Watters tinham sofrido ferimentos graves, mas Clinton recuperou-se totalmente do ferimento que sofrera na perna. Já Rinaldo perdeu um braço em Iwo Jima.

A obrigação de que seu Johnny fugira coube a ela enfrentar agora. A convite do ministro da Marinha, ela viajou para Beuamont, Texas, em 21 de dezembro, onde foi madrinha de batismo de um novo contratorpedeiro, o USS *Basilone*, e deu uma entrevista a uma estação de rádio.¹⁰⁴¹

Nos meados de janeiro de 1946, a enxurrada de fuzileiros navais substitutos desembarcados na China chegou a 11 mil, o que permitiu que os “combatentes com sessenta pontos”, como Eugene Sledge, partissem num navio no mesmo dia em que “combatentes com 50 pontos” embarcaram rumo à pátria. Levaram três semanas para atravessar o Pacífico. Sua dispensa em Camp Lejeune, em meados de fevereiro, ocorreu quando ele estava em meio a um processo de promoção automática a cabo, mas ele não se importou. O pessoal do CFNA examinou seus pertences para ter certeza de que ele sairia somente com as roupas e os uniformes a que tinha direito, e nada mais. Ele teve de devolver a cartucheira, o cantil, o bornal, o garfo, a colher, a faca, a mochila e “uma lata de carne em conserva com a tampa”. Gene servira por um ano, onze meses e três dias. O corpo pagou a ele o saldo que ele ainda tinha na conta, mais um adicional de 100 dólares pela baixa, e lhe entregou um broche de Bons Serviços Prestados. Ao ser perguntado sobre seus planos para o futuro, Eugene respondeu que pretendia entrar para a faculdade, mas continuava indeciso quanto às suas preferências profissionais. O curso universitário que mais lhe interessava era história.

Em 5 de fevereiro de 1946, o tenente-coronel Austin Shofner partiu da China num avião rumo aos *States*, com escala na Índia. Por ser oficial superior, teve permissão de levar para casa quase 50 quilos de bagagem sem custo algum. Mas, segundo Shofner, a franquia de bagagem e o ressarcimento anterior pela perda de seus pertences nas Filipinas não saldavam a dívida que a corporação tinha com ele. Um dos primeiros itens em sua pauta de serviços foi enviar outro pedido de indenização dos pertences que teve de abandonar no cais em Olongapo, em dezembro de 1941. Ele calculou que o CFNA lhe devia mais 600 dólares. A corporação examinou os documentos enviados por ele, recusou o pedido de compensação pela perda das estatuetas de mulheres chinesas em marfim e acabou dando ao Engenhoso uma indenização de 410 dólares.

De licença em casa, antes de partir para seu próximo posto de serviço, o Engenhoso foi a Chattanooga

visitar sua *alma mater*, a Universidade do Tennessee.¹⁰⁴² Foi encontrar-se com Bob Neyland, seu antigo técnico de futebol americano. Neyland tinha retornado à instituição para treinar os Volunteers depois de servir como general de brigada no Exército durante a guerra. Shofner jogara no time como lançador em 1936 e 1937, durante algumas temporadas decepcionantes.¹⁰⁴³ Sentaram-se no escritório do técnico na companhia de alguns dos jogadores atuais, onde Shofner lhes contou sobre a longa guerra que enfrentara. Quaisquer manifestações de aversão por MacArthur não encontrariam acolhida nos ouvidos do treinador, que servira sob o comando de MacArthur, anos antes, como auxiliar de técnico de futebol em West Point. Contudo, a experiência com o general MacArthur não era a peça central na história do Engenhoso Shofner, que havia trilhado os caminhos da guerra do início ao fim. Neyland se disse curioso em saber como ele conseguira sobreviver a tantas adversidades ao longo da guerra. “General”, respondeu o Engenhoso, “apenas fiz o que você nos ensinou”. Neyland ficou pasmo ao ouvir isso. “Você sempre dizia que devíamos romper barreiras no campo e, quando conseguíssemos fazer isso, pontuássemos... Suas palavras me mantiveram vivo”, completou o Engenhoso.

Mary Houston queria casar-se em 15 de abril de 1946, dia de seu 23º aniversário. “Claro, querida”, concordou Sidney Phillips. No dia do casamento, a Capela Episcopal de Trinity, em Mobile, foi enfeitada com lírios-brancos. Mary usou “um bolero azul-claro”.¹⁰⁴⁴ Sid pediu a Eugene que fosse seu padrinho de casamento. A cerimônia começou às 17 horas. “Graças a Deus que os japas bombardearam Pearl Harbor”, pensou Sidney. “Serviu para manter os rapazes longe da Mary até eu crescer.” Sid entrou para a faculdade de medicina e tornou-se médico em 1952. Passou a vida trabalhando como clínico geral numa pequena comunidade perto da cidade de Mobile, até 1991, ano em que se aposentou. Teve três filhos com Mary, a quem perdeu em 2000, quatro dias antes de completar seu quinquagésimo quarto aniversário de casamento. “Ficarei bem e superarei a morte dela nos próximos 25 anos.” Atualmente, trabalha ao ar livre, cuidando de sua propriedade rural. Às sextas-feiras, encontra-se com a “turma do almoço”, cujos integrantes são todos veteranos, ocasião em que “contam mentiras”. Ao ouvi-lo contar suas histórias, a pessoa é levada a achar que seu tempo de serviço durante a guerra foi uma grande travessura. Sid jamais deixou de achar “que o Corpo de Fuzileiros navais foi muito bom” para ele.

Na primavera de 1946, o capitão de corveta Vernon Micheel viajou para Iowa, onde fez uma visita ao tio, que administrava o negócio de laticínios da família, e lhe perguntou:

- Que acontecerá se eu voltar para cá? Poderei pôr em prática algumas de minhas ideias?
- Não, a menos que você invista mais dinheiro nisso do que eu — respondeu-lhe o tio. A resposta não lhe pareceu muito animadora. Mike havia sondado Jean também sobre a ideia de voltar para Iowa. Ela “decidira que Mike e ela se tornariam meros amigos e só se falariam por cartas caso ele se mudasse para lá”. Mike voltou para Miami e acabou solicitando transferência para a reserva da Marinha, para um setor de serviço comum da

força, solicitação que foi aprovada. Vernon Micheel e Jean Miller se casaram em agosto de 1946, na Filadélfia, cidade natal de sua esposa. Ele continuou no serviço militar por mais 31 anos, ao longo dos quais ganhou a patente de capitão e atuou em vários postos, inclusive no de comandante das brigadas aéreas de caças a jato. No decorrer desses anos, ganhou mais medalhas por seus serviços na Segunda Guerra Mundial, inclusive quatro Medalhas de Serviços Relevantes, uma Cruz do Mérito Aeronáutico por sua liderança no ataque à baía de Manila, e uma Estrela de Ouro, em vez de uma segunda CMA, por haver aterrissado com seu SB2C no *Hornet* apresentando uma grande perfuração numa das asas, provocada pelo fogo antiaéreo inimigo em Peleliu. Todos os colegas com os quais ele serviu a bordo do USS *Enterprise* e do USS *Hornet* — sapatos-pretos e sapatos-marrons — ganharam Citações Presidenciais de Unidade. Embora Mike não soubesse, Ray Davis, seu antigo comandante, o indicara para a concessão de uma segunda Cruz da Marinha por seus serviços em Guadalcanal. “Sem nenhuma preocupação de preservar a própria vida”, escreveu Ray, “realizava todas as missões com determinação e coragem”. O fazendeiro de Iowa teve uma carreira brilhante na Marinha dos Estados Unidos.

Ao longo de mais de sessenta anos, várias foram as vezes em que Jean Miller viu o marido silenciar quando, em suas conversas, começavam a falar sobre a guerra. “Ele era incapaz de dizer ‘eu fiz isso’, ou ‘nós fizemos aquilo’. Continuava sentado e calado, ouvindo os outros conversarem.” Apesar disso, em certas ocasiões seu trabalho exigiu que ele usasse o uniforme de gala, que era coberto de condecorações. E as condecorações do capitão Micheel costumam levar a fazer perguntas os que sabem de sua importância. Sempre que pilotos da Marinha ficam sabendo de algo sobre o seu passado, perguntam: “Você pilotou em Midway?” Sim, ele responde. Perguntas complementares, Jean sabe disto, “têm como resposta apenas ‘sim’ ou ‘não’”. Estudiosos ávidos por informações sobre a Batalha de Midway são mais insistentes, pois sabem que vários ataques certos com bombas lançadas pelo 6º. Esquadrão de Bombardeiros na primeira surtida, em 4 de junho, não puderam ser atribuídos a ninguém. Seu amigo Hal Buell considera modéstia a recusa de Mike em admitir que sua bomba atingiu o porta-aviões *Kaga*. Mike a considera justa.

Nos anos imediatamente posteriores à guerra, Austin Shofner ficou um tanto em dúvida quanto ao próprio futuro, em razão da incerteza sobre o futuro de seu adorado CFNA. Enquanto ele servia na base dos fuzileiros navais em Quantico, Virgínia, o Congresso americano debatia a ideia da “unificação” das Forças Armadas. De forma geral, o Exército apoiava a ideia da criação de um Departamento da Defesa, mas a Marinha se opunha a isso. O general Archer Vandegrift, o comandante da corporação, acreditava que a aprovação do projeto levaria os fuzileiros navais a ficarem “subjugados ao status de inutilidade e servilismo”. O grande herói da Batalha de Guadalcanal advertiu o Congresso: “Ficar de joelhos dobrados não é tradição em nossa corporação.”¹⁰⁴⁵ Afirmou que preferia que ele fosse dissolvido a vê-lo subordinado.

Em 1947, Vandegrift saiu vitorioso em seu pleito principal, quando o presidente Truman sancionou a Lei de Segurança Nacional, que determinava que o CFNA teria a atribuição especial de força militar anfíbia. Apenas duas das seis divisões que combateram na guerra sobreviveram. A 1ª. DIFN, a última divisão de fuzileiros navais a voltar do serviço ativo no exterior, retornou ao país em 1947 e estabeleceu seu quartel em

Camp Pendleton.

Nesse mesmo ano, Austin Shofner se casou com sua namorada de faculdade, a ex-miss Kathleen King, de Knoxville, Tennessee. Nos 12 anos seguintes, o Engenhoso ocuparia vários cargos, inclusive o de adido naval na embaixada americana no Peru, e foi membro do estado-maior do chefe de operações navais em Washington. Com o passar dos anos, recebeu mais honrarias, entre as quais a Bronze Oak Leaf Cluster, em vez de uma segunda Estrela de Prata, por bravura em combates em Corregidor, em abril de 1942, e a “Special Breast Order of the Cloud and Banner”, outorgada pelo Governo Nacionalista da República da China. Ele usava também a Citação Presidencial de Unidade, em homenagem a todos os colegas que serviram na 1ª. DIFN em Okinawa.

Em 1959, ano em que se aposentou, Shofner foi promovido ao posto de general de brigada. Ele, a esposa e os cinco filhos voltaram para Shelbyville, Tennessee, onde passou a cuidar de vários negócios. Perderiam um filho numa tragédia, mas viram os outros quatro se tornarem homens de grandes realizações. A maioria dos colegas com os quais Shofner fugira deixou registrada por escrito a época em que atuaram como guerrilheiros em Mindanao. O Engenhoso, que tinha um diário pessoal, jamais publicou um relato de suas experiências.

Depois da guerra da Coreia, o Engenhoso recebeu um telefonema do praça Arthur Jones, que servira como seu mensageiro em Corregidor em 1942. Combinaram um encontro, no qual Jones disse que ainda tinha a plaqueta de identificação do 4º. RIFN que, no dia em que Corregidor se rendera, o capitão Shofner entregara aos seus cuidados. Jones tinha sido enviado de volta para um campo no Japão, onde servira e recebera baixa em agosto de 1945. Tinha visto a morte de perto muitas vezes. Disse que manter a placa em segurança fora parte das coisas que o fizeram perseverar. Agora, Arthur Jones queria entregá-la a Austin para completar sua missão. Shofner adorou a história e o gesto do colega, mas disse que a plaqueta não pertencia a ele, e sim ao Corpo de Fuzileiros Navais. Combinaram de repassá-la ao museu dos fuzileiros. Na pequena cerimônia de entrega, Jones comentou: “Esta placa tem uma história que fala da disciplina, da lealdade, do espírito, da resistência e da força dos fuzileiros navais...”¹⁰⁴⁶ Quanto ao Engenhoso, declarou: “Uma vez fuzileiro, sempre fuzileiro.”

O general de brigada Austin “Engenhoso” Shofner faleceu em 1999, alguns anos depois de sua amada “Koky”. Em seu funeral, o pastor concluiu a cerimônia narrando um fato sobre ele conhecido por todos os vizinhos. Em suas conversas com eles, Shofner gostava de perguntar: “Há alguma coisa que eu possa fazer por vocês?” Após sua morte, os moradores de Shelbyville ergueram um monumento em sua homenagem na 615 N. Main Street.¹⁰⁴⁷ A grande placa de metal com letras pequenas apresenta apenas um singelo resumo da carreira militar do Engenhoso Shofner.

As lembranças de Eugene Sledge como combatente o transtornavam e afligiam. A gratidão do povo chinês por haver sido liberto e o amor da família Soong haviam ajudado a lavar parte da angústia e da tristeza que lhe compungiam a alma. Estar de volta ao seio da família significava tudo para ele. Entretanto, participar do culto na igreja presbiteriana da Government Street, momento tão longamente esperado por ele, não marcou seu

retorno a uma vida tranquila e feliz. Quando, finalmente, pôde ir caçar com o pai, percebeu que era o tipo de coisa que não lhe interessava mais. “A guerra”, escreveria Sledge depois, “me modificou mais do que eu tinha imaginado”.¹⁰⁴⁸ Sofria com o que ele chamava de “depressão profunda”.¹⁰⁴⁹ Passou a maior parte do ano de 1946 fazendo por escrito um detalhado relato de sua participação na guerra, recorrendo a anotações que fizera durante os combates e a outras, mais extensas, que ele registrara em sua passagem por Pavuvu e pela China.¹⁰⁵⁰

Outro fato que agravou o trauma psíquico que sofrera em Peleliu e Okinawa foi que Eugene se sentiu “totalmente despreparado para assimilar a rapidez com que a maioria dos americanos que não participaram de combates se esqueceria da guerra”.¹⁰⁵¹ Quanto à escolha de uma carreira, pensou em seguir a do pai, mas soube que as notas reprovadoras que ele tivera no programa V-12, pelo qual passara com o intuito de servir ao país, agora o impediam de frequentar a faculdade de medicina.¹⁰⁵² Foi para ele uma amarga ironia, já que, somente enfrentando duros combates, voltou a se interessar por ciências. Assim, fez um curso de administração de empresas no Instituto Politécnico do Alabama (agora Universidade de Auburn) e tentou seguir a carreira de vendedor de seguros. Por outro lado, seu irmão Edward teve um bom início de carreira ao voltar da guerra. Parecia que Ed estava, como sempre, um passo à frente de Eugene.

A maioria dos homens que Gene conheceu no fim da década de 1940 se dizia veterana. Ele notou que “até os que haviam sido simples funcionários administrativos do serviço de correios em Nouméa” tinham muita coisa para contar sobre sua participação na guerra. Suas queixas, e a incapacidade dos civis para distinguir entre “elementos dos escalões da retaguarda” e “combatentes” de fato o deixavam irritadíssimo. Achou que os civis e os aquartelados eram todos uns sem-noção. “Sempre me pareceu um tanto estranho”, observou ele numa carta a um amigo, “que o sujeito que sofria um daqueles ferimentos da sorte grande e acabava sendo evacuado era considerado um herói condecorado, enquanto seu colega que nunca era atingido, mas que permanecia nos campos até sofrer uma crise de nervos provocada pela tensão, era arrolado como baixa alheia ao combate”. Seus pesadelos não diminuiriam e trabalhar como vendedor de seguros não lhe trouxe nenhuma alegria também.

No casamento de um amigo, conheceu Jeanne Arceneaux, também natural de Mobile. O relacionamento entre os dois se aprofundou rapidamente e se casaram em março de 1952, menos de um ano depois de haverem se conhecido. Embora ele não conversasse com a esposa sobre sua participação na guerra, a tia de Gene a advertiu de que jamais acordasse o marido tocando nele — pois ele se lançaria imediatamente sobre o pescoço dela. Jeanne aprendeu a pôr os lábios bem perto do ouvido dele e sussurrar: “Marreta.” Ele abria os olhos rapidamente.¹⁰⁵³ Ela reparou também que ele sempre levava um cantil cheio de água nos passeios ao ar livre.

— Por que você faz isso? — perguntou ela.

— Ora, ficamos com tanta sede em nosso primeiro dia em Peleliu que meti na cachola que nunca mais ficaria sem ter água por perto.¹⁰⁵⁴

Ele acabou voltando à faculdade para estudar ciências e conseguiu um PhD em biologia pela Universidade da Flórida. Descobriu que, quando passou a dominar a fundo as informações de sua nova carreira, conseguiu se livrar dos pesadelos. Com o passar dos anos, Gene notou que muitos veteranos, inclusive seu irmão mais

velho, lutavam com as próprias lembranças, de tal forma que tornavam mais difíceis as suas vidas e as de seus familiares. E. B. tornou-se professor de biologia da Universidade de Montevallo, no norte do Alabama. Em seu tempo livre, colecionava livros sobre a Segunda Guerra Mundial e o Corpo de Fuzileiros Navais. E continuou a encher páginas com as recordações das experiências de sua época de combatente.

Em 1968, Sledge quase desistiu de escrever. Pouco tempo atrás, recebera os mapas da força da K/3/5 e, ao ler os nomes e ver os registros da época e do lugar em que seus amigos foram feridos ou mortos, lhe doeu muito. Embora houvesse tido a sensação de que chegara “ao limite de suas forças” com respeito aos escritos, não conseguiu parar. Explicou isso depois a R. V. Burgin: “O sentimento de que eu tinha o dever para com nossos amigos de contar tudo como realmente foi me fez continuar escrevendo — quase sempre contra a minha vontade.”¹⁰⁵⁵ Achava que os livros que lera não conseguiam transmitir com fidelidade os horrores da guerra porque, na maioria dos casos, se baseavam em registros oficiais e citações de soldados que não haviam servido numa companhia de fuzileiros.¹⁰⁵⁶

Na década seguinte, 1970, o Japão se transformou numa potência econômica, com democracia estável e firme aliado dos Estados Unidos. Os americanos tendiam a não comemorar muito a maravilhosa transformação que tinham feito tanto para ajudar a consolidar, nem reconheciam a enorme perseverança e o trabalho árduo dos japoneses para fazer seu país ressurgir das cinzas, até porque os americanos consideravam o Japão um de seus concorrentes na esfera econômica. Em 1972, os Estados Unidos devolveram a ilha de Okinawa ao Japão, que considerou essa devolução o ato final da guerra. Dois anos depois, o antigo oficial comandante do segundo-tenente Hiroo Onoda, do Exército Imperial Japonês, voltou de avião às Filipinas para assegurar a Onoda que o Japão havia capitulado (e não se rendido) e para ordenar que ele depusesse as armas. O tenente Onoda abandonou a selva em 1974 — uniformizado. Estava armado com granadas de mão, um fuzil e quinhentas balas. Nos 29 anos subsequentes ao fim da guerra, trocou tiros com os filipinos locais em várias ocasiões e matou cerca de trinta pessoas. Voltou ao Japão como herói e escreveu um livro.¹⁰⁵⁷

Em dezembro de 1980, E. B. Sledge terminou seu manuscrito, que não considerava “uma história, mas o relato pessoal de um combatente”.¹⁰⁵⁸ Seu relato sincero revelou o turbilhão de medos e a violenta desumanização que ele sofrera. Tanto ele quanto Jeanne, que datilografaram o manuscrito, esperavam que o relato incentivasse líderes a não usar a guerra como meio de solução de conflitos.¹⁰⁵⁹ Um editor ajudou a resumir o rascunho, que tinha originalmente mais de oitocentas páginas datilografadas. Sledge queria intitulá-lo *Band of Brothers*, mas o título foi alterado para *With the Old Breed at Peleliu and Okinawa*. Quando o livro foi encaminhado para o prelo, ele escreveu a seus amigos R. V. Burgin e Stumpy Stanley para informar: “Agora estou pronto para depor a caneta. Acho que conquistei o privilégio de poder esquecer. Cumpri a obrigação de pôr tudo no papel em homenagem aos amigos vivos e aos mortos. Agora, quero desfrutar da felicidade de ter aquelas maravilhosas amizades da K/3/5 em nossas reuniões e esquecer o que tentei lembrar por tanto tempo.”¹⁰⁶⁰ Nesse mesmo ano, ele participou da reunião anual da 1ª. DIFN pela primeira vez. Encontrou-se com R. V. Burgin, Snafu e muitos outros colegas que tanto estimava. Contaram histórias sobre a guerra,

usaram apelidos que não ouviam fazia décadas e puseram em dia os acontecimentos sobre suas vidas. Soube que Burgin tinha feito carreira no serviço de correios americanos no Texas e que Snafu fizera a sua numa madeireira na Louisiana.

Na viagem de volta, Gene chorou no avião. Amava a esposa, os dois filhos, mas despedir-se dos amigos da Companhia King “era como se estivesse abandonando o próprio lar”. Sentia um orgulho supremo por haver servido com a K/3/5, ainda que odiasse a guerra. Dividido por esse sentimento ambivalente e impulsionado por uma sinceridade profunda, o livro de memórias de Sledge se tornou o mais importante relato pessoal sobre a Guerra do Pacífico que se escreveu até hoje. O sucesso do livro tornou difícil para ele continuar participando das reuniões com os amigos, embora tivesse mantido contato com eles e adorasse explorar com Bill Leyden certos acontecimentos da guerra sob novas perspectivas. Na tentativa de ajudá-los a aprender a conviver com a dolorosa experiência da guerra, Leyden escreveu: “Nossos colegas que perderam a vida eram tão amados pelo Criador quanto os que sobreviveram...” Eugene Bondurant Sledge faleceu em 3 de março de 2001. Um ano depois, Jeanne Sledge publicou outra parte do manuscrito original sob o título de *China Marine*.

A partir de 12 de agosto de 1946, dia em que o ministro da Marinha concedeu postumamente a ele a Cruz da Marinha, a aura mitológica em torno do lendário John Manila Basilone aumentou bastante. Condecorado por seus serviços em Iwo Jima, a citação começava assim: “Sempre na vanguarda das tropas de assalto, ele avançou com uma coragem implacável e uma determinação férrea... e contribuiu efetivamente para o avanço de sua companhia durante o período crítico inicial do ataque.” A recomendação de concessão da medalha tinha sido redigida logo depois da batalha por um tenente da Companhia Charlie que desembarcara com John na Praia Vermelha Dois.¹⁰⁶¹ A medalha o pôs num panteão da elite de heróis militares americanos. Lena a recebeu em seu nome numa cerimônia em dezembro desse ano, vestindo luto. Ela sempre tinha o cuidado de “nunca dizer ou fazer algo que manchasse o nome de seu marido”.¹⁰⁶²

Em janeiro do ano seguinte, Lena foi dispensada da corporação. Voltou para sua casa em Oregon para uma temporada e depois passou a trabalhar como secretária. Como mulher de poucos recursos, não pôde participar da cerimônia do segundo sepultamento do corpo de John, no Cemitério Nacional de Arlington, em março de 1948, embora tivesse sido ela que escolhera o local para enterrá-lo.¹⁰⁶³ Também não pôde assistir ao desfile que a cidade de Raritan organizou para homenagear John, em junho, onde dezenas de grupos cívicos e comunitários passaram marchando através de uma multidão de dez mil espectadores. Como destaque do tributo ao herói, Dora, a mãe de John, inaugurou uma estátua erguida em sua homenagem na Bifurcação da Legião Americana, onde três das importantes vias da cidade se cruzavam.¹⁰⁶⁴

Lena fez uma visita ao leste americano em 1949, onde se encontrou com os pais de John e Mary, a irmã dele, em Boston, no mês de julho, para a cerimônia de lançamento do USS *Basilone*.¹⁰⁶⁵ A viúva de John foi a madrinha de batismo do navio, mas não discursou. No discurso inaugural, o capitão declarou que o USS *Basilone* estava “pronto para prestar qualquer serviço exigido pelo país, tanto na guerra quanto na paz”. Depois

do evento, Lena visitou a cidade natal do marido e da família dele, onde Dora e suas filhas mostraram a ela a estátua em homenagem ao herói. Por sua vez, Lena mostrou a eles algumas fotos do casamento. Mas o encontro deles foi tenso, tal como o primeiro, pois não a conheciam bem nem confiavam nela, já que ela havia se casado com John depois que ele se tornara famoso e, na visão de Sal e Dora, numa época em que ele deveria ter ficado mais perto de casa. Os Basilone souberam da morte do filho por intermédio de um jornalista, que havia chegado à casa deles antes do telegrama. O jornalista os visitara em busca de alguma declaração sobre o funesto acontecimento. Alguns minutos depois da chegada do telegrama, ouviram o rádio anunciar a morte do herói. Logo em seguida, começaram a aparecer as primeiras visitas e mais jornalistas. A tristeza da família fora prontamente divulgada pela mídia e diante da maioria dos habitantes de Raritan. No dia da visita de Lena, tiveram de enfrentar de novo o desafio de compartilhar o amor por seu querido Johny. Para comemorar o encontro, o jornal local tirou uma foto deles juntos, enquanto contemplavam uma fotografia de John num porta-retratos.¹⁰⁶⁶

Para aproveitar a viagem ao máximo, Lena se encontrou com uma amiga e seguiram para Washington, onde visitaram o túmulo de John, no Cemitério Nacional de Arlington. Depois do almoço, ela e sua amiga Laretta pegaram um táxi. Durante a corrida, Laretta resolveu arriscar e perguntou ao taxista “se ele conhecia um posto da Legião Americana com o nome em homenagem a John Basilone.”¹⁰⁶⁷ O taxista sorriu como quem soubesse de alguma coisa.

— Sim — respondeu ele. — Esse posto existe.

— Estamos tentando achá-lo — explicou Laretta —, mas não consta na lista telefônica e ainda não conseguimos localizá-lo.

— É fácil! — assegurou o taxista, rindo. — Eu mesmo sou um de seus membros.

— Puxa! — disse Laretta, surpresa. — Esta aqui é a sra. Basilone.

Suas palavras fizeram Vance, o taxista, virar bruscamente a cabeça para trás. Tratou logo de se apresentar às duas senhoras e lhes dar as boas-vindas. À noite, o posto da Legião Americana John Basilone organizou uma recepção para Lena em suas instalações provisórias, no quartel do Corpo de Bombeiros de Arlington, onde ela conheceu fuzileiros que combateram em Iwo Jima e em outros lugares. Apesar de haverem perdido outros amigos também, de terem conhecido outros fuzileiros igualmente corajosos, preferiram dedicar o posto ao John. Além disso, deram uma contribuição em dinheiro para pagar as despesas com a estátua erguida em sua homenagem em Raritan, da qual tinham uma fotografia pendurada na parede. Disseram que Lena era sua convidada de honra. Ela, que “havia ido lá em busca de uma recordação”, achou-a. Foi a última vez que Lena viajou para o leste.

Nos anos seguintes, o legado de John continuou a comovê-la, bem como a família Basilone.¹⁰⁶⁸ Ficou claro, de uma vez por todas, que os Estados Unidos jamais se esqueceriam do sargento de pelotão John Basilone, tanto assim que criaram outros monumentos em sua homenagem a espaços de alguns anos. Para sua família e a viúva, esses tributos eram justos e merecidos. No caso de John, enquanto durou a memória de seu

legado, a aura de herói em torno de seu lendário nome não parou de crescer.

No fim de 1962, Phyllis Basilone Cutter, uma das irmãs de John, publicou sua história em capítulos no jornal local, o *Messenger-Gazette*, de Somerset. O esforço dela foi generoso e louvável. A Guerra Fria a tinha levado a advertir os americanos: “Independentemente de... quanto seja desesperadora nossa situação, por esse ou aquele motivo, em qualquer parte deste imenso caldeirão de culturas, sempre surge um grande americano para dar vida e esperança a um povo cansado e sofrido, para inspirá-lo e conduzi-lo como líder, das amargas profundezas do desespero, para os píncaros da vitória com seu brilhante exemplo de pura coragem e abnegada dedicação à pátria.”

Com base nas próprias lembranças, em suas conversas com alguns de seus amigos e uma descuidosa interpretação dos artigos de jornais do álbum de recortes da família, Phyllis criou um Basilone maior e melhor. Para ela, seu irmão fora o invicto campeão de pugilismo do Exército americano que servira em Manila; o herói que corra de um lado para outro de Guadalcanal, durante dois dias, a pé e descalço, e vencera a batalha sem a ajuda de ninguém; o homem cuja estrela brilhara tanto na campanha de arrecadação de fundos com bônus de guerra que o CFNA queria mantê-lo na campanha indefinidamente, a ponto de John haver tido de lutar para conseguir sair disso. Afirmou que ele tinha voltado para uma unidade de combate perfeitamente consciente de que iria morrer em combate, mas voltou assim mesmo. Os irmãos e as irmãs de Phyllis concordavam entre si a respeito da maior parte dessa imagem de Basilone criada por eles.¹⁰⁶⁹ Escrito para homenagear um homem que uma vez zombou de si mesmo por dizer “fanfarrices”, o artigo abriu a porteira para o livre curso de ideias imaginosas sobre o herói.

Desde a publicação da série de artigos de Phyllis Cutter no *Messenger-Gazette*, de Somerset, a intervalos de alguns anos um escritor especializado em história militar acabou achando a história de John contada por Phyllis Cutter. Os artigos tinham títulos como “O Fuzileiro Naval Perfeito que Implorou para Morrer” e “Ganhador da Medalha de Honra Preferiu uma Morte Heroica a uma Vida de Herói”.¹⁰⁷⁰ A lenda de John Manila Basilone ultrapassou todos os limites. Segundo um dado mais recente e ainda não comprovado, o general Douglas MacArthur chamou John Basilone de “Exército de um só homem”.

Em 1981, os alunos integrantes da banda da Escola de Ensino Fundamental de Raritan-Bridgewater enviaram uma carta à prefeitura perguntando por que não realizavam mais paradas para homenagear John Basilone. Os membros da Câmara de Vereadores acharam a parada uma boa ideia e resolveram criar um comitê para organizá-la.¹⁰⁷¹ A primeira parada, um tanto modesta, entrou em formação na estação ferroviária, desfilou por um curto trecho da rua La Grande, atravessou marchando a Somerset inteira e terminou o desfile diante da estátua de John Manila. Os membros da Banda da Raritan-Bridgewater marcharam com orgulho. Desde então, a Parada em Memória de John Basilone não parou de crescer.

Mais ou menos desde a época em que a parada se transformou em tradição anual, Lena Basilone parou de participar de homenagens públicas a seu finado marido. Recusou-se também a conversar com a maioria dos autores que escreveram sobre ele. Deu prosseguimento à carreira de secretária. Após se aposentar, continuou a

frequentar sua igreja em Lakewood, Califórnia, e era integrante ativa de um grupo de apoio aos veteranos. Não se casou outra vez. Quando, no fim da vida, perguntaram a Lena por que continuara viúva, ela respondeu: “Já que tive o melhor, não poderia me contentar em ter o segundo melhor.”¹⁰⁷² Lena Basilone faleceu em junho de 1999 e foi enterrada com seu anel de casamento.

Nota

1 - Desde então, historiadores têm questionado a presumível sabedoria da decisão e da necessidade de avançar sobre o Japão por duas linhas de frente. (N. A.)

2 - Peiping é conhecida agora como Pequim, Tientsin como Tianjin e Chingwangtao é grafada atualmente como Qinhuangdao. (N. A.)

3 - É uma expressão latina que significa “Sempre Fiel”. É o lema do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. Na Segunda Guerra Mundial, a versão abreviada “Sempre Fi” era usada com frequência pelos fuzileiros que discordavam entre si quanto a atender a uma solicitação de um colega fuzileiro ou como Sledge fez acima. (N. A.)

4 - De acordo com a história oficial das operações do CFN americano na Segunda Guerra Mundial, dos 1.343 fuzileiros navais que se renderam em Corregidor e Bataan, 490 morreram antes de poderem ver a reconquista da liberdade. Quando considerados junto com todos os soldados americanos que caíram como prisioneiros nas mãos dos japoneses (a maior parte formada por elementos do Exército americano), a taxa de mortalidade baixava significativamente. Contudo, suas chances de sobrevivência eram muito menores do que as dos prisioneiros de guerra americanos na Alemanha. (N. A.)

5 - Charlie McCarthy era o nome de uma marionete. Nessa época, o ventríloquo que se apresentava em espetáculos com ela tinha um repertório de fama mundial. (N. A.)

NOTAS FINAIS

ATO I

- 1 A história do general de brigada Austin C. Shofner é baseada nas seguintes fontes: entrevista com o cel. Elmer Davies, do Departamento de História do Corpo de Fuzileiros Navais Americano (CFNA), 1978, Acervo de História Oral do CFNA; “The WWII Memories of BGen. Austin Shofner, USMC”, mst. não publicado, 18 de janeiro de 2000, de Austin C. Shofner, cópia de cortesia da família Shofner; “The End of the Beginning”, mst. não publicado de Austin C. Shofner, data desconhecida, cópia de cortesia da família Shofner; “The Diary of Austin C. Shofner, 1941—1943”, mst. não publicado, datilografado pela Biblioteca e Arquivo Estadual do Tennessee, Nashville; entrevista do coronel Hawkins com o autor, acervo do autor; Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Austin C. Shofner, National Records Center, St. Louis, Missouri (doravante designado NRC); Relatório do capitão A. C. Shofner, CFNA, 3 de dezembro de 1943, Box 7, RG 127, National Archives and Records Administration (doravante referido como NARA).
- 2 “A Vida em Olongapo”, *Leatherneck*, janeiro de 1939, vol. 22, #1, pp. 5, 6.
- 3 Kenneth W. Condit e Edwin T. Turnblach, *Hold High the Torch: A History of the 4th Marines* (Washington, D. C.: USMC Historical Division, 1960), p. 190.
- 4 Tom Bartlett, “Apesar de Todas as Previsões em Contrário”, *Leatherneck*, junho de 1976, vol. 59, #6, p. 38.
- 5 Hanson W. Baldwin, “O 4º. RIFN em Corregidor: Parte I”, *Marine Corps Gazette*, novembro de 1946, vol. 30, #11, p. 15.
- 6 A história de Vernon “Mike” Micheel é baseada nas extensas entrevistas e cartas trocadas entre Micheel e o autor; nas entrevistas do Acervo da Playtone com Micheel, supervisionadas pelo autor; na Folha de Serviços do oficial da Marinha americana; no Diário de Bordo de Vernon Micheel, outros documentos pessoais e pedidos relacionados a seus serviços; no Diário de Bordo de Convoio do USS *Saratoga*, 7 de dezembro de 1941; nos Diários de Bordo de Convoio do USS *Enterprise*, de

1942 (inclusive), NARA; nos Relatórios de Pós-Combate do VS-6, NARA.

7 Diário de Bordo de Convoio do USS *Saratoga*, 7 de dezembro de 1941.

8 A história do dr. Sidney C. Phillips é baseada nas entrevistas do Acervo da Playtone com o dr. Phillips, supervisionadas pelo autor; as memórias da Segunda Guerra do dr. Phillips intituladas "You'll Be Sor-ree", mst. não publicado, cópia de cortesia do autor cedida pelo dr. Phillips, para cuja citação o autor obteve autorização por escrito e assinada; o diário de John Wesley "Decano" Tatum, mst. não publicado, fornecido pela Família Tatum; vasta correspondência e entrevistas do autor com o dr. Phillips; entrevistas com uma dúzia de veteranos da H/2/1 (companhia do dr. Phillips); Relatórios de Pós-Combates do CFN; Mapas da Força do 2º. BIFN, 1º. RIFN, NARA.

9 Entrevista de Richard Greer (D/1/7) com Bruce McKenna, Acervo da Playtone; "A Vida e a Morte de John Manila", *Time*, 19 de março de 1945.

10 Entrevista de Richard Greer com o autor, acervo do autor; Phyllis Basilone Cutter, "A História de Basilone", *Somerset Messenger-Gazette*, séries de artigos iniciadas em 15 de novembro de 1962 (doravante grafadas como Artigos de PBC).

11 Ed Sullivan, "Pequena Velha Nova York", artigo sem data em jornal não identificado, Acervo da Biblioteca Pública de Raritan, Raritan, Nova Jersey (doravante mencionada como BPR); artigos de PBC.

12 Keith Sharon, "Estrela Cadente: A História de John Basilone", Parte 1, *The Orange County Register* on-line (www.ocregister.com), outubro de 2004.

13 Artigos de PBC.

14 Keith Sharon, "Estrela Cadente: A História de John Basilone", Parte 1, *The Orange County Register* on-line (www.ocregister.com), outubro de 2004.

15 Entrevista de Richard Greer com Bruce McKenna, Acervo da Playtone.

16 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone, NRC.

17 "Irmão: O Johnny Voltou para Cuidar 'Daquelas Crianças' na Guerra", recorte sem data de jornal não identificado, BPR.

18 Baldwin, "O 4º. RIFN em Corregidor: Parte I", p. 15.

19 Ibid.

20 Condit e Turnbladh, *Hold High the Torch*, p. 202.

21 William Milhoun, "Vamos, Nojentos!", *Leatherneck*, abril de 1946, vol. 29, #4, p. 19.

22 Condit e Turnbladh, *Hold High the Torch*, p. 219.

23 Baldwin, "O 4º. RIFN em Corregidor: Parte I", p. 52.

24 Ibid.

25 John Costello, *The Pacific War* (Nova York: Quill, 1982), p. 196.

26 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone, acervo do autor.

27 "Alguns Conquistam Glória, Outros Deparam com a Morte, Outros Enfrentam Problemas",

Newsweek, 1945.

- 28 Entrevistas do autor com Clinton Watters (D/1/7); entrevista de Albert Masco com o autor (D [C?]/1/7); entrevista de Richard Greer com o autor (D/1/7).
- 29 Relatório de Aptidão Militar de John Basilone de janeiro-abril de 1942, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone, acervo do autor.
- 30 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de James P. Morgan, NRC.
- 31 Ed Sullivan, “Pequena Velha Nova York”, coluna sem data de jornal não identificado, BPR.
- 32 Cel. Jon T. Hoffman dos Oficiais da Reserva do CFNA, *Chesty: The Story of Lieutenant General Lewis B. Puller* (Nova York: Random House, 2002), p. 138.
- 33 Carta de Marshall Moore (antigo comandante da C/1/7) a Gary Cozzens, cópia de cortesia do autor de Gary Cozzens.
- 34 Baldwin, “O 4º. RIFN em Corregidor: Parte I”, p. 54.
- 35 Quadro de Transportes, Anexo A do Plano de Embarque Número 1-42, 1º. de janeiro de 1942, RG 127, NARA.
- 36 “A Guerra Chega ao Japão! Aviões Atacam Quatro Áreas Industriais do País”, *Honolulu Star Bulletin*, 18 de abril de 1942, p. 1.
- 37 *Ibid.*, p. 4.
- 38 “Japoneses Solucionam Mistério de Investidas”, *Honolulu Star Bulletin*, 20 de abril de 1942, p. 1.
- 39 Oficial Comandante do 6º. Esquadrão de Bombardeiros, Relatório de Combates, 4-6 de junho de 1942, datado de 20 de junho de 1942, NARA.
- 40 www.cv6.org.
- 41 Clarence E. Dickinson, *The Flying Guns* (Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1942), p. 41. Dickinson foi o líder de divisão de Micheel.
- 42 Edwin P. Hoyt, *The Carrier War* (Nova York: Lancer Books, 1972), p. 37.
- 43 > Condit e Turnbladh, *Hold High the Torch*, p. 232.
- 44 Baldwin, “O 4º. RIFN em Corregidor: Parte II”, *Marine Corps Gazette*, dezembro de 1946, vol. 30, #12, p.31.
- 45 *Ibid.*, p. 28.
- 46 Baldwin, “O 4º. RIFN em Corregidor: Parte IV”, *Marine Corps Gazette*, fevereiro de 1947, p. 40.
- 47 Relatório do cap. A. C. Shofner do CFNA, 3 de dezembro de 1943, Arquivo de Assuntos Gerais de 1940 a 1953, Box 7, 38-2 HQ CFN dos EUA, RG 127, NARA.
- 48 Comd. Melvyn McCoy da Marinha Americana e ten.-cel. S. M. Mellnik dos EUA, conforme relatado pelo ten. Welbourn Kelley do Corpo dos Oficiais da Reserva da Marinha Americana (CORMA), “Prisioneiros do Japão”, *Life*, 7 de fevereiro de 1944, vol. 16, #6, p. 27.
- 49 Dickinson, *The Flying Guns*, p. vii.
- 50 Robert J. Casey, *Torpedo Junction: With the Pacific Fleet from Pearl Harbor to Midway* (Nova York:

Bobbs-Merrill Co., 1942), p. 290. Este livro, de autoria de um experiente jornalista militar, é uma excelente fonte de informações sobre “o que eles sabiam e quando ficaram sabendo disso”.

51 Dickinson, *The Flying Guns*, p. vi.

52 Edward P. Stafford, *The Big E: The Story of the USS Enterprise* (Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2002), p. 84.

53 Casey, *Torpedo Junction*, p. 337.

54 Dickinson, *The Flying Guns*, p. 135.

55 Casey, *Torpedo Junction*, p. 423.

56 Ibid; p. 340.

57 Relatório de Unidade, 3ª. BrigIFN, FMF, 10 de junho de 1942, NARA.

58 Caderneta de Serviços Militares de John Basilone, registros da Caderneta de Soldos de maio-agosto de 1942, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone, NRC.

59 Entrevista de Richard Greer com o autor.

ATO II

60 Casey, *Torpedo Junction*, p. 361. Tal como fazem muitas outras fontes, Casey deixa claro que muitos no Havaí, principalmente na Marinha, sabiam, de algum modo, que a batalha estava próxima.

61 Dickinson, *The Flying Guns*, p. 137.

62 Casey, *Torpedo Junction*, p. 374.

63 Oficial comandante do USS *Enterprise*, Batalha da Ilha de Midway, 4-6 de junho de 1942 — Relatório do Comandante em Chefe, Relatório da Frota do Pacífico, Serial 01849 de 28 de junho de 1942, Relatórios de Combates da Segunda Guerra Mundial, NARA.

64 Dickinson, *The Flying Guns*, p. 73.

65 No relatório do *Enterprise* sobre a batalha, “Batalha Aérea do Pacífico de 4-6 de Junho de 1942, Relatório da”, de autoria do almirante Spruance, consta que foram informados de que a frota japonesa estava realizando “manobras radicais”. Nem Micheel nem seu líder de divisão, o ten. Clarence Dickinson, rememoraram os fatos dessa forma.

66 Dickinson, *The Flying Guns*, p. 172.

67 Ibid., p. 153.

68 Oficial comandante do 6º. Esquadrão de Bombardeiros, Relatório de Combates do, de 4-6 de junho de 1942, datado de 20 de junho de 1942, NARA.

69 E-mail do cap. N. J. “Dusty” Kleiss à Mesa-Redonda sobre a Batalha de Midway, enviado em 5 de janeiro de 2008, Edição N°. 2008-02.

70 Oficial comandante do 6º Esquadrão de Bombardeiros, Relatório de Combates do, de 4-6 de junho de 1942, datado de 20 de junho de 1942, NARA.

71 No Relatório de Combates do VS-6 de 4-6 de junho, Gallaher declarou que (a) a 3ª. Divisão inteira

não conseguiu voltar e (b) William Pittman serviu como piloto na 3ª. Divisão. Mas Pittman aterrisou no convoo do *Enterprise*. Esse mesmo relatório informa sua participação em surtidas posteriores.

72 Dickinson, *The Flying Guns*, p. 140.

73 Robert J. Cressman et al., *A Glorious Page in Our History* (Missoula, Montana: Pictorial Histories Publishing Co., Inc., 1990), p. 108.

74 Oficial Comandante do 6º. Esquadrão de Bombardeiros, Relatório de Combates do, de 4-6 de junho de 1942, datado de 20 de junho de 1942, NARA.

75 Cressman et al., *A Glorious Page in Our History*, p. 140.

76 “Comunicado dos Japas: ‘Nós Vencemos os Americanos em Midway — Nossos Soldados Estão nas Aleutas’”, reportagem da AP, *San Francisco Chronicle*, 11 de junho de 1942; Stafford, *The Big E*, p. 117.

77 Casey, *Torpedo Junction*, p. 396.

78 *Ibid.*, pp. 393, 408.

79 Diário de Bordo do USS *Enterprise*, 1º. de junho de 1942—23 de setembro de 1942, Registros Gerais, Diários de Bordo de Navios e BAeNs, 1801-1946, RG 24, Registros da Diretoria do Pessoal da Marinha, NARA.

80 Dickinson, *The Flying Guns*, p. 110.

81 “Couraçado Japonês, Porta-Aviões Atingido”, *San Francisco Chronicle*, 5 de junho de 1942 (baseada numa reportagem de 4 de junho da AP enviada de Honolulu), p. 1.

82 “Gigantesca Frota de Invasão dos Japas Esmagada em Midway — Fugindo!” *San Francisco Chronicle*, 6 de junho de 1942, p. 1.

83 “Desastre Japonês”, *San Francisco Chronicle*, 7 de junho de 1942, p. 13, “Sabia que a força-tarefa do Japão estava vindo — e estava pronta”, *San Francisco Chronicle*, 7 de junho de 1942, p.3.

84 Robert Turnbull, “Testemunha Ocular da Vitória: Cel. Sweeney conta como seu Esquadrão Esmagou a Tentativa de Invasão dos Japoneses” (cabeçalho do jornal: Com a Força Aérea do Exército dos Estados Unidos no Pacífico, 11 de junho), *San Francisco Chronicle*, 12 de junho de 1942, p. 1.

85 Dickinson, *The Flying Guns*, p. vi.

86 Stafford, *The Big E*, p. 121.

87 Robert Leckie, *Helmet for my Pillow* (Nova York: Random House, 1957; ibooks, 2001), p. 52.

88 “Dia de MacArthur: Exército Planeja Grande Espetáculo com P-38s no Manobras Espetaculares”, *San Francisco Chronicle*, 10 de junho de 1942, p. 1; “Dia de MacArthur: Estádio Kezar é Transformado em Campo de Batalha, uma Advertência a Todos os Inimigos dos EUA”, *San Francisco Chronicle*, 14 de junho de 1942, p. 1.

89 Stafford, *The Big E*, p. 119.

90 Grande parte da história da vida de Shofner como prisioneiro de guerra se baseia em seu diário e
num relatório elaborado por ele na Austrália, enviado ao quartel-general de MacArthur. Este último
foi datado de 3 de dezembro de 1943.

91 “Prisioneiros do Japão”, *Life*, p. 29.

92 *A Marcha Macabra de Bataan*, documentário, produtor executivo: Charlie Mayday, The History
Channel.

93 “Prisioneiros do Japão”, *Life*, p. 29.

94 Relatório com o Relato das Operações de Apoio Militar em Guadalcanal do cap. A. C. Davis —
Desembarques em Tulagi, Relatório de Combates dos, USS *Enterprise*, 24 de agosto de 1942,
NARA; Diário de Bordo Oficial do Piloto Vernon Micheel.

95 Diários de Bordo do USS *Enterprise*, junho-agosto de 1942, RG 24, Box 3, NARA.

96 Cel. Clifton Cates, “Agora Pode Ser Contada”, 30 de julho de 1942; cópia do autor, cortesia do dr.
Sidney Phillips.

97 “Plano do Dia”, 6 de agosto de 1942, USS *Enterprise*, www.cv6.org.

98 Relatório com o Relato das Operações de Apoio Militar em Guadalcanal do cap. A. C. Davis —
Desembarques em Tulagi, Relatório de Combates dos, USS *Enterprise*, 24 de agosto de 1942,
NARA.

99 Stafford, *The Big E*, p. 125.

100 “Plano do Dia”, 6 de agosto de 1942, USS *Enterprise*, www.cv6.org.

101 Ibid.

102 Relatório com o Relato das Operações de Apoio Militar em Guadalcanal do cap. A. C. Davis —
Desembarques em Tulagi, Relatório de Combates dos, USS *Enterprise*, 24 de agosto de 1942,
NARA.

103 Relatório de Combates de 7 e 8 de agosto de 1942, 22 de agosto de 1942, Grupo Aéreo do
Enterprise, Anexo A, de autoria do comandante do 6º. Esquadrão de Bombardeiros (EB-6), RG 38,
Box 351, NARA.

104 Relatório com o Relato das Operações de Apoio Militar em Guadalcanal do cap. A. C. Davis —
Desembarques em Tulagi, Relatório de Combates dos, USS *Enterprise*, 24 de agosto de 1942,
NARA.

105 Relatório de Combates de 7 e 8 de agosto de 1942, 22 de agosto de 1942, Grupo Aéreo do
Enterprise, Anexo A, de autoria do comandante do EB-6, RG 38, Box 351, NARA.

106 Comandante do Grupo Aéreo do *Enterprise*, “Combate Aéreo de Tulagi-Guadalcanal e Operação da
Força de Desembarque Anfíbio de 7-8 de agosto de 1942 — Narrativa e Comentários Relativos ao”,
10 de agosto de 1942, NARA.

107 Ibid.

108 “Plano do Dia”, 11 de agosto de 1942. USS *Enterprise*, www.cv6.org.

- 109 A. A. Vandegrift conforme relatado a Robert B. Asprey, *Once a Marine: The Memoirs of General A. A. Vandegrift, USMC* (Nova York: W. W. Norton & Company, Inc., 1964), p. 126.
- 110 Relatório com o relato do cap. A. C. Davis sobre as Operações de Apoio Militar em Guadalcanal — Desembarques em Tulagi, Relatório de Combates dos, USS *Enterprise*, 24 de agosto de 1942, NARA.
- 111 Relatório de Combates de 7 e 8 de agosto de 1942, 22 de agosto de 1942, Grupo Aéreo do *Enterprise*, Anexo A, de autoria do comandante do EB-6, RG 38, Box 351, NARA.
- 112 Recomendação do ten. Ray Davis para a concessão de uma Cruz do Mérito Aeronáutico, Arquivo da Marinha de Micheel, NRC.
- 113 Relatório com o relato do cap. A. C. Davis sobre as Operações de Apoio Militar em Guadalcanal — Desembarques em Tulagi, Relatório de Combates dos, USS *Enterprise*, 24 de agosto de 1942, NARA.
- 114 Ibid.
- 115 “Relatório de Combates, Combates Antissubmarino por Aeronaves, Relatório de”, Comandante do EB-6, 12 de agosto de 1942.
- 116 Relatório de Pós-Combates em Guadalcanal da 1ª. DIFN sobre a 2ª. Fase da “História do 1º. Regimento de Infantaria de Fuzileiros Navais” (hora H de 7 de agosto — início da noite de 9 de agosto), RG 127, Box 42, NARA.
- 117 Ibid.
- 118 Leckie, *Helmet for My Pillow*, p. 77.
- 119 Relatório de Pós-Combates em Guadalcanal da 1ª. DIFN sobre a 2ª. Fase da “História do 1º. Regimento de Infantaria de Fuzileiros Navais” (Hora H de 7 de agosto — início da noite de 9 de agosto), RG 127, Box 42, NARA. Este documento informa detalhadamente que os prisioneiros de guerra capturados disseram que tinham vindo de “Guam, Japão, e de Truk”.
- 120 Comandante do Grupo Aéreo do *Enterprise*, “Relatório de Combates na Região das ilhas Salomão de 22-25 de agosto de 1942 e Narrativa do”, 2 de setembro de 1942, RG 38, NARA.
- 121 Do Oficial Comandante do *Enterprise*, “Combates de 24 de agosto de 1942, Incluindo o Ataque Aéreo ao USS *Enterprise*, Relatório de”, 5 de setembro de 1942, RG 38, NARA.
- 122 “Relatório de Combates de 24 de Agosto”, 6º. Esquadrão de Bombardeiros, 31 de agosto de 1942, RG 38, NARA.
- 123 Diário de Guerra do USS *Enterprise*, 24 de agosto de 1942, www.cv6.org.
- 124 “Relatório de Combates de 24 de Agosto de 1942”, 6º. Esquadrão de Bombardeiros, 31 de agosto de 1942, RG 38, NARA.
- 125 Diários de bordo do USS *Enterprise*, junho-agosto de 1942, RG 24, Box 3, NARA.
- 126 Henry I. Shaw Jr. e Douglas T. Kane, *History of the US Marine Corps Operations in WWII: Isolation of Rabaul, Volume II* (Washington, D. C.: Departamento de História do CFNA, 1963), Apêndice E;

ver também p. 34.

- 127 Registro do CFNA de John Basilone, NRC.
- 128 Artigos de PBC.
- 129 Ibid.
- 130 Entrevistas de Richard Greer (D/1/7) com o autor.
- 131 Entrevista de Gilbert Lozier (C/1/7) com Gary W. Cozzens, Documentos Pessoais de Gary Cozzens, Arquivo do CFNA, Acervos Especiais do, Quantico, Virgínia. O autor gostaria de agradecer a Gary Cozzens, que lhe enviou seu manuscrito sobre a C/1/7, intitulado “Suicide Charlie”, no qual relata a história da atuação da companhia até a Operação Tempestade no Deserto (copyright 1994). Esse manuscrito alertou o autor para as entrevistas dos integrantes do 1/7 realizadas pelo sr. Cozzens, bem como pelo escritor Eric Hammel. Os doativos para essa pesquisa feitas pelos senhores Cozzens, ele mesmo outrora comandante da Companhia Charlie, e Hammel, renomado escritor sobre livros da Segunda Guerra Mundial, permitiram que eu e futuros estudiosos continuemos nosso trabalho.
- 132 Hoffman, *Chesty*, p. 153.
- 133 Correspondência do cel. Charles Kelly com Eric Hammel, Documentos Pessoais de Eric Hammel, Arquivo do CFNA, Coleções Especiais do, Quantico, Virgínia. Meus agradecimentos ao sr. Hammel foram apresentados anteriormente, na nota 72.
- 134 Entrevista de Gilbert Lozier com Gary W. Cozzens, Arquivo do CFNA.
- 135 “Platoon Sergeant John Basilone”, mst. sem data, autor não identificado (segundo consta, John Basilone ditou esse mst.), BPR; Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone, NRC; Resumo das Operações do 1º. BIFN, 30 de setembro de 1942, RG 127, Box 44, NARA.
- 136 Entrevista de Thomas Boyle com o autor (D/1/7), 10 de março de 2004.
- 137 Resumo das Operações do 1º. BIFN, 7ª. DIFN, 18 de setembro de 1942, RG 127, Box 43, NARA; Resumo das Operações do 1º. BIFN, 30 de setembro de 1942, RG 127, Box 43, NARA (doravante designados Relatórios do 1/7 de Puller).
- 138 Entrevista de Albert Masco (D/1/7) com Bruce McKenna, Acervo da Playtone.
- 139 Relatórios do 1/7 de Puller.
- 140 Hoffman, *Chesty*, p. 157.
- 141 “Relatório sobre o Período de Cativo” para o comandante do CFNA, elaborado pelo cap. M. H. McCoy da Marinha americana, março de 1946; Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Shofner, NRC.
- 142 Marshall Moore ao cap. Gary W. Cozzens, 7 de maio de 1986, cópia do autor, cortesia de Gary W. Cozzens.
- 143 “A Vida e a Morte de John Manila”, *Time*, 19 de março de 1945. Existe uma boa razão para se acreditar que essa carta passou pela censura ou que foi enviada antes da instauração de um eficiente

processo de censura.

- 144 Entrevista de Richard Greer com o autor (D/1/7), 30 de março de 2004, arquivo #2.
- 145 Relatórios do 1/7 de Puller.
- 146 Lester W. Clark, *An Unlikely Arena* (Nova York: Vantage Press, Inc., 1989), pp. 94-95.
- 147 Entrevista de Gilbert Lozier com Gary W. Cozzens, Arquivo do CFNA.
- 148 Mapa da Força da D/1/7, 31 de outubro de 1942, NARA.
- 149 Artigos de PBC.
- 150 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone, NRC. No mapa da força da Companhia D, 1º. BIFN, 7ª. DIFN, consta que John Basilone não participou dos combates de 7-9 de outubro. Mas os registros em sua folha de serviços pessoais indicam que ele participou.
- 151 Entrevista de Richard Greer com o autor (D/1/7), acervo do autor.
- 152 Correspondência do cap. Marshall Moore com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.
- 153 Correspondência de Charles Kelly com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.
- 154 Hoffman, *Chesty*, p. 175.
- 155 Correspondência de Charles Kelly com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.
- 156 Mapa da Força da C/1/7 e da D/1/7, outubro; Correspondência de Charles Kelly com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.
- 157 Relatórios do 1/7 de Puller.
- 158 Correspondência de Charles Kelly com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.
- 159 Artigos de PBC.
- 160 Correspondência de Charles Kelly com Eric Hammel, Arquivo do CFNA; Artigos de PBC.
- 161 Ten.-cel. Frank Hough et al., *History of USMC Operations in WWII, Volume I* (Washington, D. C.: Departamento de História do CFNA, 1989), p. 320.
- 162 Mapa da Força dos Oficiais e Praças do CFNA, Companhia "D", 1º. BIFN, 7º. RIFN, 1ª. DIFN, Força de Fuzileiros Navais da Frota, no campo, 1-31 de outubro de 1942, CFNA, NARA.
- 163 Correspondência de Marshall Moore com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.
- 164 Correspondência de Charles Kelly com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.
- 165 Correspondência de Charles Kelly e Marshall Moore com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.
- 166 Relatório do 1/7 de Puller; Mapa da Força das companhias Dog e Charlie, 1º. -31 de outubro de 1942, NARA.
- 167 Entrevistas do autor com Richard Greer, acervo do autor. Jockstrap foi mencionado também numa carta de Richard Greer enviada a John Basilone, com data de 1943, do Acervo da Família Basilone.
- 168 Artigos de PBC.
- 169 Ibid.
- 170 Mapa da Força da Companhia Dog, 1º.-31 de outubro de 1942, NARA.
- 171 Thomas G. Miller Jr., *The Cactus Air Force* (Nova York: Bantam Books, 1987), p. 126.

172 Diários da Guerra de MAG23, 20 de agosto-16 de novembro de 1942, Força Aérea de Cactus, Box
14, 1054, RG 127, NARA.

173 Ibid.

174 Clark, *Unlikely Arena*, p. 97.

175 Miller, *The Cactus Air Force*, p. 73.

176 Ibid., p. 129.

177 Arvil Jones e Lulu Jones, *Forgotten Warriors: Challenge at Guadalcanal* (Paducah, Kentucky: Turner
Publishing Co., 1994), p. 46.

178 Miller, *The Cactus Air Force*, p. 132.

179 Ibid., p. 130.

180 Guido Colamarino, “Fuzileiro Ganhou Cruz do Mérito Naval, Apesar de Metralhadora Defeituosa”,
Marine Corps Times, 8 de outubro de 2007, cortesia da Família Dorsorgna.

181 Ed Sullivan, “Pequena Velha Nova York”, artigo sem data, publicado em jornal não identificado,
BPR.

182 Hoffman, *Chesty*, p. 181.

183 “Sargento Basilone Conta História da Proeza que o Tornou Herói, Dá Crédito aos Colegas”,
Somerset Messenger-Gazette, 9 de setembro de 1943, p. 1, Acervo da Família Basilone (doravante
grafada como “Basilone Conta História”).

184 Mapa da Força da Companhia Dog do 1/7, 1º.-31 de outubro de 1942, CFNA, NARA.

185 “Basilone Conta História.”

186 “Sargento de Pelotão John Basilone”, mst. sem data, BPR.

187 Relatório do 1/7 de Puller; Carta de Marshall Moore a Gary W. Cozzens, Arquivo do CFNA.

188 Carta de Marshall Moore a Gary W. Cozzens, Arquivo do CFNA.

189 “Basilone Conta História.” Ver também “Recap. de 24-25 de Outubro de 42”, mst. de John Basilone
não publicado, BPR (doravante MST de JB); na opinião do autor, esse documento parece autêntico,
levando em conta seu conteúdo e o estilo em que foi redigido.

190 Relatórios do 1/7 de Puller.

191 “O Herói na Capa”, *Collier's*, 24 de junho de 1944 (doravante “O Herói” da *Collier's*).

192 A descrição dessa operação foi coligida com base em uma série de entrevistas que John Basilone deu a
jornalistas, principalmente uma entrevista a um jornalista do CFNA em Guadalcanal, conforme
citado em *The Old Breed: A History of the First Marine Division in World War II*, de George
MacMillan (Washington, D.C.: Infantry Journal Press, 1949), p. 107; ver também “Basilone Conta
História” e MST de JB. Existem incoerências entre essas descrições. Outras fontes serão citadas
conforme necessário.

193 Mapa Planimétrico do 1/7, 23-25 de outubro, de autoria de George McGillivray, acervo do autor.

194 A informação dada por Marshall Moore numa carta enviada a Eric Hammel em 1963 difere

ligeiramente, quanto a esse ponto, de suas declarações feitas numa carta endereçada a Gary Cozzens em 1986, Arquivo do CFNA.

195 MacMillan, *The Old Breed*, p. 107. MacMillan faz aí uma citação de um jornalista do CFNA que entrevistou John Basilone logo depois da batalha.

196 Artigos de PBC.

197 MST de Basilone; Artigos de PBC; “Fuzileiro Herói Visita Amigos em Manville”, reportagem da Johns-Manville Corporate Publication, sem data, Acervo da Família Basilone.

198 MST de Basilone; “Basilone Conta História”.

199 MST de Basilone.

200 Carta de citação de condecoração militar a John Basilone de autoria do cel. Lewis Puller.

201 “Agradece a um Herói”, recorte sem data de jornal não identificado, BPR.

202 Citação de condecoração da Cruz do Mérito Naval concedida ao praça Billie Joe Crumpton, SPOT AWARD, Serial 777, assinada pelo ministro da Marinha em 17 de agosto de 1943.

203 “O Herói”, da *Collier's*. Isso foi escrito enquanto Basilone ainda estava em Camp Pendleton, Califórnia; é improvável, pois, que o jornalista tenha falado com ele.

204 Ibid.

205 *TM 9-1005-212-25 (Metralhadora Calibre .30: Browning, M1919A4)*, Manual Técnico do Departamento de Armamentos do Exército Americano, de autoria de James Jones, junho de 1969.

206 “O Herói”, da *Collier's*.

207 MST de JB; “Herói Elogia os Colegas”, 4 de setembro de 1943, *Somerset Messenger-Gazette*, Acervo da Família Basilone.

208 “Basilone Conta História.”

209 Citação de condecoração da Cruz do Mérito Naval outorgada ao praça Billie Joe Crumpton; Mapa da Força da D/1/7, 1º. de outubro a 31 de outubro de 1942, NARA.

210 “O Herói”, da *Collier's*.

211 MacMillan, *The Old Breed*, p. 107.

212 Correspondência de Charles Kelly com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.

213 Ed Sullivan, “Pequena Velha Nova York”, artigo sem data de jornal não identificado, RPL.

214 MST de JB.

215 Carta de Lewis Puller de 31 de outubro de 1942 ao oficial comandante da 1ª. DIFN, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Basilone, acervo do autor.

216 “Basilone Conta História.”

217 Carta de Lewis Puller de 31 de outubro de 1942 ao oficial comandante da 1ª. DIFN, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone, NRC.

218 Ed Sullivan, “Pequena Velha Nova York”, artigo sem data de jornal não identificado, RPL.

219 “Herói dos Fuzileiros Navais Visitará a Cidade” e “Comitê de Recepção”, recortes sem data de jornais

não identificados, Acervo da Família Basilone.

- 220 “O Herói”, da *Collier's*.
- 221 James Golden, escritor do Estado-Maior, “Sargento de Pelotão Basilone se Manteve Firme”, artigo sem data [circa de outubro de 1943] em publicação não identificada, Arquivo do Departamento de História do CFNA (doravante identificado como Artigo de Golden).
- 222 Artigo de Golden.
- 223 Relatórios do 1/7 de Puller, Marshall Moore a Gary W. Cozzens, Arquivo do CFNA.
- 224 MST de JB.
- 225 MST de JB; “Basilone Conta História”. Em suas entrevistas, os números fornecidos por Basilone mudaram um pouco. O relatório do cel. Puller cita números diferentes; a recordação de Basilone é usada aqui.
- 226 Carta da Medalha de Honra de Lewis Puller, 31 de outubro de 1942; Relatórios do 1/7 de Puller; Mapa da Força da C/1/7, 1º. de outubro de 1942 a 31 de outubro de 1942, NARA.
- 227 MacMillan, *The Old Breed*, p. 107.
- 228 Entrevista de Manuel Berkowitz, Acervo da Playtone.
- 229 Marshall Moore a Gary W. Cozzens, cortesia de Gary W. Cozzens.
- 230 Medalha de Citação do Mérito Naval; Cozzens, “Suicide Charlie”, mst. não publicado, p. 4.
- 231 Mapa da Força da D/1/7 de 31 de outubro de 1932, NARA.
- 232 Colamarino, “Fuzileiro Ganhou a Cruz do Mérito Naval, Apesar de Metralhadora Defeituosa”, *Marine Corps Times*.
- 233 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Micheel; Recomendação de concessão da Cruz do Mérito Naval a Micheel, fevereiro de 1943.
- 234 Miller, *The Cactus Air Force*, p. 179.
- 235 Diários de Guerra de MAG23, 20 de agosto–16 de novembro de 1942, Força Aérea de Cactus, Box 14, 1.054, RG 127, NARA.
- 236 Carta de Charles Kelly a Gary Cozzens, cortesia de Gary W. Cozzens.
- 237 Resumo das Operações do 1º. BIFN, 7º. RIFN, do período de 3–8 de novembro de 1942, RG 127, Box 43, NARA (doravante incluído em citações subsequentes dos Relatórios do 1/7 de Puller).
- 238 Carta de Marshall Moore a Gary W. Cozzens, cortesia de Gary W. Cozzens; correspondência de Charles Kelly com Eric Hammel, Arquivo do CFNA.
- 239 “Basilone Conta História.”
- 240 Ibid.
- 241 Carta de Richard Greer a John Basilone, 27 de novembro de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 242 “Basilone Conta História”; entrevista de Clarence Angevine, Acervo da Playtone.
- 243 Entrevista com Albert Masco, acervo do autor.
- 244 “Prisioneiros do Japão”, *Life*, p. 99.

- 245 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone.
- 246 Que eu saiba, as descrições da história da vida de Eugene Sledge são baseadas nas extensas cartas que ele enviou aos pais, a intervalos de alguns dias, de 1942 a 1946, em entrevistas com ele (cortesia da Lou Reda Productions, da Kenwood Productions e do Arquivo do CFNA), em entrevistas com os colegas com os quais ele serviu e em sua folha de serviços do CFNA, NRC. As cartas de Eugene Sledge são parte do Acervo de Eugene B. Sledge, Acervos Especiais e Arquivos da Universidade de Auburn (doravante denominadas CEUA) e são usadas aqui com autorização.
- 247 Cressman et al., *A Glorious Page in Our History*, p. 108.
- 248 Ordem Geral de Regimento Reinstaurada Números 1-42 — “Posse de Roupas e Apetrechos de Campanha”, 28 de dezembro de 1942.
- 249 “Prisioneiros do Japão”, *Life*, p. 99.

ATO III

- 250 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de James Pierpont Morgan.
- 251 Citação da Concessão da Cruz do Mérito Naval de Micheel, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Micheel.
- 252 Cap. M. H. McCoy da Marinha americana, “Relatório sobre o Período de Cativo” para o Comandante do CFNA, março de 1946, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Shofner, NRC.
- 253 “Prisioneiros de Guerra”, *Life*, p. 105.
- 254 Entrevista de Richard Greer com o autor (D/1/7), 30 de março de 2004, acervo do autor.
- 255 Entrevista de Richard Greer, Acervo da Playtone.
- 256 “Prisioneiros do Japão”, *Life*, p. 106.
- 257 Ibid.
- 258 Leckie, *Helmet for My Pillow*, p. 161.
- 259 Cap. M. H. McCoy da Marinha americana, “Relatório sobre o Período de Cativo” para o comandante do CFNA, março de 1946, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Austin Shofner, NRC.
- 260 Michael Dobervich ao Caro Shof e Família, 4 de dezembro de 1995, CEUA. Mellnik deu uma versão diferente nos três relatos publicados que ou ele escreveu ou para o qual contribuiu. (Esses três relatos são citados em outras partes desta obra.) O relato de Dobervich e Shofner foi confirmado por Grashio em seu livro (citado alhures), por Hawkins em entrevistas com o autor e por McCoy, na carta que ele escreveu durante a guerra que faz parte da folha de serviços pessoais do CFNA de Shofner (citada alhures).
- 261 Em *On the Warpath in the Pacific: Admiral Jocko Clark and the Fast Carriers*, Clark Reynolds declarou que o grupo aéreo embarcou em 6 de maio (p. 191); prefiro me basear no diário de bordo de Micheel.

- 262 Richard Greer a John Basilone, 27 de novembro de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 263 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de James P. Morgan, NRC.
- 264 Mitchell Paige, *A Marine Named Mitch* (Palo Alto, Califórnia: Content Management Corporation, 1975), p. 175.
- 265 “Agradece a um Herói”, recorte sem data de jornal não identificado, BPR.
- 266 Cel. Mitchell Paige, fuzileiro naval de grande caráter e realizações, ficou incomodado com a honraria ostentada por John Basilone — o primeiro praça dos fuzileiros navais a ganhar a Medalha de Honra. Paige acreditava que ele tinha sido o primeiro. Para mais informações sobre isso, ver a revista *Leatherneck*, “Mitchell Paige: Herói Esquecido”, reportagem de Tom Barttett, outubro de 1992. Mas o combate que fez Basilone ganhar a Medalha de Honra ocorreu na noite anterior ao do combate travado por Paige. Além do mais, quando recebeu a medalha, em maio de 1943, Paige era oficial, e não graduado. Paige baseou sua reivindicação na data em que seus documentos foram encaminhados; para o autor, isso é uma infeliz distinção de sutilezas a que se obriga a fazer. A verdade é que nem Paige nem Basilone foram o primeiro dos praças na Segunda Guerra Mundial a ganhar a Medalha de Honra, tal como se poderá ver.
- 267 Artigos de PBC.
- 268 Fotografias e legendas oficiais do CFNA (#56749, 56785, 56971, 56974, 56786, 56588, 56987), Divisão de Imagens Estáticas, NARA.
- 269 “Agradece a um Herói”, recorte sem data de jornal não identificado, BPR.
- 270 “‘Unidade Mais Condecorada’ da Companhia de Basilone”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 271 Fotografia do CFNA #56532, BPR.
- 272 Carta de Clinton Watters ao autor, 22 de novembro de 2007.
- 273 Clark G. Reynolds, *On the Warpath in the Pacific: Admiral Jocko Clark and the Fast Carriers* (Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 2005), p. 192.
- 274 *The Fighting Lady*, documentário produzido a bordo do navio em 1943-1944 pela 20th Century Fox, conforme citado em Reynolds, *On the Warpath*, p. 196.
- 275 Reynolds, *On the Warpath*, p. 197.
- 276 “USS *Hornet* (CV-12), Relatório de Cruzeiro de Adestramento na baía de Chesapeake, área das Bermudas e durante o trajeto — 28 de dezembro de 1943 a 1º. de fevereiro de 1944”, Box 1.038, RG 38, NARA.
- 277 “Fuzileiro Naval de Raritan Ganha Medalha de Grande Mérito Após Matar 38 Japas em Guadalcanal”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 278 “Medalha de Ouro do Congresso Dada a Basilone por Heroísmo como Fuzileiro de Guadalcanal”, 24 de junho de 1943, recorte de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 279 “‘Só Cumpri o meu Dever’ — Basilone”, recorte sem data de jornal não identificado, BPR.

280 “Muitas Cartas”, recorte sem data de jornal não identificado, BPR.

281 “Fuzileiro Naval Rechaça Regimento dos Japas Inteiro por Três Dias”, Reportagem da AP, 24 de junho de 1943, recorte de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.

282 “Informações Complementares”, recorte sem data do Raritan Valley News, BPR.

283 Entrevista de Richard Greer com o autor; sgt. Thomas J. McAllister a Mary G. Basilone, 25 de maio de 1985, Acervo da Família Basilone. Embora Mitchell Paige, em seu livro *A Marine Named Mitch*, tenha declarado que Basilone ficara contente com a perspectiva de voltar para casa, preferi acatar as recordações dos colegas que o conheciam melhor.

284 “‘Só Cumpri o meu Dever’ — Basilone”, recorte sem data de jornal não identificado, BPR.

285 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone.

286 Relatório de Combate de 7 e 8 de agosto de 1942, 22 de agosto de 1942, Grupo Aéreo do *Enterprise*, Anexo A, do comandante do EB-6, RG 38, Box 351, NARA; ver também Harold L. Buell, *Dauntless Helldivers* (Nova York: Orion Books, 1991), p. 100.

287 Entrevista de Harold L. Buell com o autor.

288 Buell, *Dauntless Helldivers*, p. 205.

289 William “Billy” Bush, “Memories: Bombing Squadron Two”, mst. não publicado, março de 2002 (doravante Memórias de Bush), sem paginação, cópia do autor, cortesia de Vernon Micheel.

290 Edwin Wenzel et al., “Tempo de Cunha a Cunha... Crônica do 2º. Esquadrão de Bombardeiros de 1º. de junho de 1943 a 1º. de novembro de 1944” (mst. publicado por conta própria, edição limitada a 200 exemplares, sem paginação), cortesia de Vernon Micheel (doravante “Cunha a Cunha”).

291 Dickinson, *The Flying Guns*, p. 147.

292 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Eugene Sledge.

293 *Georgia Tech Alumnus*, maio/junho de 1943, p. 87, cortesia do Arquivo do Georgia Institute of Technology.

294 Mapa do campus e do terreno da Georgia School of Technology, 1940-41, publicado pela Alpha Phi Omega, cortesia do Georgia Tech Historical Center.

295 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone.

296 Coleção de Fotografias de Richard Greer; entrevistas com Richard Greer.

297 “Visita Amigo”, recorte sem data de jornal não identificado, Álbum de Recortes dos Basilone, BPR.

298 Essa história é uma transcrição integral das memórias não publicadas de Sid Phillips, intituladas “You’ll Be Sor-ree!” (p. 78). Foi usada com sua autorização.

299 “Cunha a Cunha.”

300 Ibid.

301 *The Seahorse*, publicação da Base Roosevelt, 28 de agosto de 1943, Acervo da Família Basilone.

302 “Basilone Conta História.”

303 Telegrama enviado por John Basilone via Western Union à sra. Dora Basilone, 25 de agosto de 1943,

Acervo da Família Basilone.

304 Carta de Dorothy a John Basilone, 10 de novembro de 1943, Acervo da Família Basilone.

305 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Basilone.

306 Ibid.

307 “Irmão de John Manila Prefere a Força Aérea do Exército ao Exército e aos Fuzileiros Navais”, recorte sem data [setembro de 1943] de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.

308 “Dia de Basilone”, *Raritan Valley News*, 1º. de julho de 1943, BPR.

309 Carta de George Basilone a John Basilone, 22 de julho de 1943, Acervo da Família Basilone. Essa carta, levando-se em conta a sua data, não deve ter chegado às mãos de Basilone na Austrália. Ela demonstra que George conhecia detalhes sobre o evento em Raritan e que estava ansioso para lhe contar isso.

310 “Dia de Basilone”, *Raritan Valley News*, 1º. de julho de 1943, BPR.

311 Ordens Oficiais do CFNA, Acervo da Família Basilone; Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone.

312 Carta de Dorothy Zimmer a John Basilone, 10 de novembro de 1943, Acervo da Família Basilone.

313 Samuel C. Grashio e Bernard Norling, *Return to Freedom* (Spokane, Washington: University Press, 1982), p. 29.

314 Maj. Austin Shofner ao comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, 16 de março de 1944, Folha de Serviços Pessoais do CFNA do gen. de brig. Austin Shofner, NRC; Grashio e Norling, *Return to Freedom*, pp. 154-155.

315 Reportagem: A Indústria Cinematográfica na 3ª. Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra, Comitê de Atividades Bélicas da Indústria Cinematográfica, sem data, Acervo da Família Basilone.

316 Lawrence R. Samuel, *Pledging Allegiance* (Washington, D. C.: Smithsonian Institute Press, 1998), p. 58.

317 Samuel, *Pledging Allegiance*, p. 5.

318 “Fuzileiro Naval de Jersey Condecorado: Matou 38 em Guadalcanal, Ganhou a Medalha de Honra do Congresso por Rechaçar Violentamente o Inimigo por Três Dias Seguidos Sem Esmorecer”, *New York Herald Tribune*, 23 de junho de 1943, Acervo da Família Basilone.

319 “Família Basilone Recebe Enxurrada de Cartas”, recorte sem data de jornal não identificado, BPR.

320 “Fuzileiro Naval Rechaça Regimento dos Japas Inteiro por Três Dias”, 24 de junho de 1943, recorte de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.

321 “Basilone Participará de Campanha de Venda de Bônus, Harry Hirshfield Aceita Missão do CFNA”, recorte sem data [junho ou julho de 1943] de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.

322 “Zomba da Inteligência dos Japas”, recorte e telefotografia da AP sem data, Acervo da Família

Basilone.

- 323 “Fuzileiro Naval Chama os Japas de Gorilas”, reportagem da AP, *New York Journal-American*, 4 de setembro de 1943, Acervo da Família Basilone; ver também “Medalha de Honra do Congresso por Matar 38”, *New York Journal-American*, 3 de setembro de 1943, cortesia da Família Dorsorgna.
- 324 “Herói dos Fuzileiros Navais Visitará a Cidade”, recorte sem data [de antes da campanha de venda de bônus] de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 325 Fotografia sem data de John Basilone em uniforme de gala azul com uma divisa (praça de primeira classe), Acervo da Família Basilone.
- 326 Entrevista com W. Burns Lee no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions.
- 327 “Para Fins de Propaganda”, sem data, fonte desconhecida, Acervo da Família Basilone.
- 328 “Escurecimento Parcial Dá Lugar a Novo Blecaute Parcial; Em Vigor a Partir de Segunda”, *The New York Times*, 27 de outubro de 1943.
- 329 “Basilone Inicia Campanha de Venda de Bônus Hoje”, recorte sem data [9 de setembro de 1943] de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 330 23 de julho de 1945, recorte de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 331 Giovanni Basilone, Certidão de Nascimento de, Secretaria de Saúde do Estado de Nova York, Cidade de Buffalo (registro 11393), data da certidão de 6 de novembro de 1919 [data de nascimento: 4 de novembro de 1916], Acervo da Família Basilone.
- 332 Relatório ao Congresso Americano: Parecer sobre as Restrições contra Pessoas de Descendência Italiana durante a Segunda Guerra Mundial, Departamento de Justiça Americano, www.usdoj.gov/crt/Italian_Report.pdf.
- 333 Ibid.
- 334 Ibid.
- 335 “Escute aqui, Benito: Temos Orgulho de Nosso Búfalo-Nato Basilone!”, reportagem da UPI, 24 de junho de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 336 “Fuzileiro Naval de N. J. Aniquila Ataque Japonês”, *New York Post*, 24 de junho de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 337 “Herói dos Fuzileiros Navais Visitará a Cidade”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone; veja também “Herói de Guerra de Jersey e sua Metralhadora Mataram Tantos que Ele Teve que se Mudar de Posição”, reportagem da UPI, *Newark Star-Ledger*, sem data, BPR.
- 338 Entrevista de Donald Basilone com o autor.
- 339 “Herói Elogia os Colegas”, *Somerset Messenger-Gazette*, 4 de setembro de 1943, Acervo da Família Basilone; “Basilone Conta História”.
- 340 “Encontro com o Prefeito La Guardia”, vídeo achado em www.youtube.com.
- 341 *Sunday Mirror*, 5 de setembro de 1943, Acervo da Família Basilone.

- 342 “Herói de Guadalcanal Recebido com Entusiasmo pela Cidade”, *The New York Times*, 5 de
setembro de 1943.
- 343 “Herói Elogia os Colegas”, *Somerset Messenger-Gazette*.
- 344 Fitzpatrick, “Biografia da Turnê de Basilone”, mst. sem data, Acervo da Família Basilone.
- 345 Ed Sullivan, “Pequena Velha Nova York”, artigo sem data de jornal não identificado, BPR.
- 346 Reportagem: A Indústria Cinematográfica na 3ª. Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus
de Guerra, Comitê de Atividades Bélicas da Indústria Cinematográfica, sem data, Acervo da Família
Basilone.
- 347 “Basilone Estreia Hoje como Protagonista da Campanha de Levantamento de Fundos”, 8 de
setembro de 1943, recorte de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 348 Anúncio Publicitário da “Airmada”, jornal não identificado, sem data, Acervo da Família Basilone.
- 349 Coleção de fotos da Campanha de Levantamento de Fundos, Acervo da Família Basilone.
- 350 “Estrelas do Cinema Lançam 3ª. Campanha de Levantamento de Fundos, recorte sem data de jornal
não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 351 Fitzpatrick, “Biografia da Campanha de Basilone”, mst. sem data, Acervo da Família Basilone.
- 352 “Heróis de Guerra Ajudam a Vender 2 Milhões de Dólares em Bônus”, recorte de jornal sem data.
- 353 Samuel, *Pledging Allegiance*, p. xix.
- 354 “Heróis de Guerra Ajudam a Vender 2 Milhões de Dólares em Bônus”, recorte de jornal sem data.
- 355 “Albany Pronta para Receber Caravana de Heróis”, recorte sem data de jornal não identificado,
Acervo da Família Basilone; “Heróis e Estrelas Partem para Campanha de Arrecadação”, recorte sem
data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 356 “Matador de Japas Acena para o Público”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da
Família Basilone.
- 357 “Mãe do Cabo Schoenecker Pretende Conversar com o Colega de seu Filho”, recorte sem data de
jornal sem identificação, Acervo da Família Basilone; recorte sem título e sem data, jornal de
Plainfield, Acervo da Família Basilone.
- 358 “Gosto de Servir no Exterior”, declaração do sgt. de pelotão John Basilone, Arquivo do CFNA.
- 359 Coleção de fotografias da Campanha de Levantamento de Fundos, Acervo da Família Basilone.
- 360 Carta de George Walker, 20 de setembro de 1943; carta da sra. Lloyd T. Schenker, 10 de setembro
de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 361 “Mãe do Cabo Schoenecker Pretende Conversar com o Colega de seu Filho”, recorte sem data de
jornal sem identificação, Acervo da Família Basilone; recorte sem título e sem data, jornal de
Plainfield, Acervo da Família Basilone.
- 362 Sgt. Thomas J. McAllister a Mary G. Basilone, 25 de maio de 1985, Acervo da Família Basilone.
- 363 “Gosto de Servir no Exterior”, declaração do sgt. de pelotão John Basilone, Arquivo do CFNA.
- 364 Sra. C. B. Butts a John Basilone, 13 de outubro de 1943, Acervo da Família Basilone.

- 365 “Com Público Recorde, Celebridades Saúdam Basilone em Comício de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra, *Raritan Valley News*, 23 de setembro de 1943.
- 366 “Estrelas do Cinema, Unidades Militares, 12 Bandas em Parada de Três Quilômetros”, *Raritan Valley News*, 16 de setembro de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 367 “*Life* Cobrirá Recepção a Herói de Regresso ao Lar”, 11 de outubro de 1943 (doravante Artigo da *Life*).
- 368 “Com Público Recorde, Celebridades Saúdam Basilone em Comício de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra, *Raritan Valley News*, 23 de setembro de 1943.
- 369 Artigo de Golden.
- 370 “Irmão de John Manila Prefere Força Aérea a Exército e aos Fuzileiros Navais”, recorte sem data [setembro de 1943] de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 371 Cenas do filme de cobertura da Parada do Dia de Basilone, acervo do autor.
- 372 “Informações Complementares”, *Raritan Valley News*, 16 de setembro de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 373 Artigo da *Life*.
- 374 “Com Público Recorde, Celebridades Saúdam Basilone em Comício de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra”, *Raritan Valley News*, 23 de setembro de 1943.
- 375 “General Bowers Adverte Público Presente à Parada do Dia de Basilone contra Ilusões e Excesso de Otimismo”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.
- 376 “Beijo de Atriz Deixa Amedrontado o Corajoso Sgt. Basilone”, “20 Mil Homenageiam Herói de Guadalcanal”, “Comício Arrecada 1.300 Milhão de Dólares com a Venda de Bônus”, todos artigos do *New York Herald Tribune*, 20 de setembro de 1943.
- 377 Notícia de cinejornal da Movietone, “Sargento do CFN John Basilone Volta para Casa”, em posse do autor, bem como uma versão mais longa, não editada, desse mesmo filme.
- 378 Discurso de John Basilone, cartões manuscritos, sem data, Acervo da Família Basilone.
- 379 “General Bowers Adverte Público Presente à Parada do Dia de Basilone contra Ilusões e Excesso de Otimismo”, recorte sem data de jornal não identificado.
- 380 “John Manila”, letra de W. A. Jack e melodia de Joseph Memoli, mst., Acervo da Família Basilone.
- 381 “Dia de Basilone”, recorte sem data do *Raritan Valley News*, BPR.
- 382 “Herói do CFNA Visita Colegas em Manville”, Johns-Manville Corporate Publication, sem data, Acervo da Família Basilone.
- 383 “Gosto de Servir no Exterior”, declaração do sgt. de pelotão John Basilone, Arquivo do CFNA.
- 384 Sledge à “Querida Mamãe”, 28 de setembro de 1943, CEUA.
- 385 “Raritan se Lembra de seu Herói Fuzileiro como Criança Corajosa”, recorte sem data do *New York Journal-American*, BPR.
- 386 “Comitê de Boas-Vindas”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.

- 387 Ibid.
- 388 “Herói de Raritan Vive a Aventura que Buscava no CFNA”, 24 de junho de 1943, recorte de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone; ver também *New York Herald Tribune*, 23 de junho de 1943.
- 389 “Comitê de Boas-Vindas”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone. A história da proeza de John no boxe aparece em quase todos os relatos de sua vida. Junto com essa entrevista, o autor cita dados da ficha de cadastro de John no CFNA, na qual lhe foi perguntado quais eram seus esportes preferidos. Ele marcou “softball” e “golfe” [duas vezes], mas boxe, não.
- 390 Artigo de Golden.
- 391 “Comitê de Boas-Vindas”, recorte de jornal sem data.
- 392 Artigo de Golden.
- 393 Ibid.
- 394 Carta do sgt. James J. Nicholl a John Basilone, 15 de novembro de 1943, Acervo da Família Basilone. Na missiva, Nicholl diz que havia recebido a carta de John “cerca de um mês antes”. Considerando o tempo que a carta de John levou para ser entregue a ele, somos levados a supor que a data da carta de John foi dos fins de setembro.
- 395 Entrevista com Albert Masco (D/1/7), acervo do autor.
- 396 Virginia Greer a Mary Basilone, 11 de outubro de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 397 Julia McCarthy, “Ele Recebeu Munição — e a Medalha de Honra”, jornal não identificado, “Caderno do Brooklyn”, 15 de outubro de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 398 Ibid.
- 399 Folha de Serviços de John Basilone; entrevistas e e-mails com Donald Basilone, acervo do autor.
- 400 Entrevista de Donald Basilone com o autor, acervo do autor.
- 401 Sylvia Spears a John Basilone, 14 de outubro de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 402 Ten. Pat Heles, Comp. A, 29º. Bat., Forte McClellan, Alabama, 14 de outubro de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 403 Reportagem: A Indústria Cinematográfica na 3ª. Campanha de Levantamento de Fundos com Bônus de Guerra, Comitê de Atividades Bélicas da Indústria Cinematográfica, sem data, Acervo da Família Basilone.
- 404 “Visita Colegas”, recorte sem data de jornal não identificado, Livro de Recortes dos Basilone, BPR.
- 405 Recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone; ver também carta de Richard Greer a John Basilone, novembro de 1943, Acervo da Família Basilone.
- 406 Fotos da Família, Acervo da Família Basilone.
- 407 Telegrama de John Basilone enviado via Western Union, 2 de novembro de 1943, Acervo da Família Basilone. John enviou um telegrama a Mary, pedindo que alguém fosse pegá-lo na estação de trem de Raritan às 22 horas; ele estava voltando da Pensilvânia.

408 Thomas J. “Stumpy” Stanley, “To All Hands”, 1982, CEUA.
409 “Cunha a Cunha.”
410 Entrevista de Jean Micheel com o autor.
411 John, Carlo e Angelo Basilone, 9 de novembro de 1943, LWO 5833, GR11, 6B3, Biblioteca do Congresso Americano.
412 Carta de Dorothy Zimmer a John Basilone, 10 de novembro de 1943, Acervo da Família Basilone.
413 Cartas do cabo Carolyn M. Orchovic a John Basilone, 23 de outubro, 1º. de novembro e 14 de dezembro de 1943, Acervo da Família Basilone.
414 Thomas Gallaher, “O Fuzileiro Naval que Teve de Voltar” [a Combater], artigo sem data de revista não identificada, Arquivo do CFNA.
415 Troca de e-mails e entrevista de Don Basilone com o autor, novembro de 2008, acervo do autor.
416 Entrevista com Mary Basilone no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions.
417 Sarg. James J. Nicholl a John Basilone, 15 de novembro de 1943, Acervo da Família Basilone.
418 Desde o fim da guerra, outros fugitivos têm escrito livros sobre suas experiências. Obviamente, nos detalhes de seus escritos, existe todo tipo de diferenças. O memorando de Shofner enviado ao QG de MacArthur, datado de 3 de dezembro de 1943, foi usado aqui em combinação com suas memórias e seu diário porque esta é a história de Shofner. Ver também: Stephen Mellnik, *Philippine War Diary*; Jack Hawkins, *Never Say Die*; Sam Grashio e Bernard Norling, *Return to Freedom*; o relato de Ed Dyess, publicado em capítulos no *Chicago Daily Tribune* (a partir de 30 de janeiro de 1944); Melvyn McCoy e Stephen Mellnik, *Ten Escaped Tojo*; e a carta de Michael Dobervich datada de 4 de dezembro de 1995, enviada ao “Caro Shof e Família”, CEUA.
419 E-mail de Martin Shofner ao autor, acervo do autor.
420 Folhetos e fotografias desse evento podem ser vistos em www.cimorelli.com/pie/heroes/basilone.
421 “Investir nos EUA”, fotografia sem data, *New York Journal-American*, Acervo da Família Basilone.
422 Ibid. Muitos biógrafos de Basilone afirmam que ele falou com Vandegrift nesse evento, onde pediu para ser incorporado à tropa de combate. No entanto, uma leitura mais atenta aos documentos revela que é impossível conhecer a data certa em que Basilone fez essa solicitação. A hipótese implícita de que Basilone iria precisar de ajuda de Vandegrift para ser reincorporado ou remanejado não foi comprovada e sua validade permanece suspeita. Parece claro que, se Basilone falou mesmo com Vandegrift ali, teve de fazer essa solicitação novamente depois. Para o autor, a data inscrita na base da estátua de John Basilone em Raritan, combinada com a recordação de sua irmã, Mary Basilone, é decisiva para firmar a convicção. A data inscrita na base informa que sua volta foi em 27 de dezembro de 1943. Essa data não confere com as das ordens de transferência de John ou com a de qualquer documento oficial relacionado à sua transferência. Ela é a data de sua partida de Raritan para retomar o serviço ativo em Washington, D. C. Quando combinada com a da citação de Mary Basilone, bem

como com a da brevíssima notícia intitulada “Herói de Guadalcanal se Cansou de Conversa — Ele Quer Ação”, pertencente ao Acervo da Família Basilone, essa data nos remete à ocasião em que John disse aos pais, antes de partir para Washington, D. C., que iria solicitar reincorporação ao serviço ativo. Ele não voltou para casa e, portanto, 27 de dezembro se tornou a data que sua mãe passou ao escultor. A primeira solicitação de transferência de John feita pelo gabinete do comandante foi datada de 29 de dezembro de 1943, mas ela não tem o nome do comandante. Levando a data em conta, o referido comandante deve ter sido o gen. Thomas Hocomb, o antecessor de Vandegrift.

423 “Militares Recebem Condecoração”, 11 de dezembro de 1943, recorte de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.

424 Richard Greer a John Basilone, 27 de novembro de 1943, Acervo da Família Basilone.

425 “Cunha a Cunha.”

426 A história do reencontro com a namorada, tal como relatado por Shofner na p. 70 em suas “Memórias da Segunda Guerra Mundial”, foi confirmada na entrevista do cel. Jack Hawkins com o autor. Mas a maior parte do restante da descrição que Shofner fez, em suas memórias, de sua visita a Washington, D.C., não confere com o que consta nos registros oficiais de sua folha de serviços, com os relatórios que ele elaborou e com o que está registrado em seu diário pessoal.

427 Entrevista com o cel. Jack Hawkins, acervo do autor. Esse filme nunca foi produzido porque, de acordo com o cel. Hawkins, os censores rejeitaram os roteiros. Hawkins voltou ao serviço ativo e participou da Batalha de Okinawa.

428 O diário de John W. Tatum forneceu a data em que sua companhia foi instruída sobre os detalhes da invasão. Os detalhes em si constam na “Fase II, Parte II, dos Desembarques na Praia Verde”, do Relatório de Combates Especial do 1º. RIFN, Box 232, RG 127, NARA.

429 “A Família Contemplando John Basilone”, *Observer*, 11 de fevereiro de 1988, p. 9, BPR; ver também entrevistas com os membros de sua família em *A Saga de John Manila*, documentário produzido pela Chuck Tatum Productions.

430 Caderneta de Serviços Militares do CFNA de John Basilone, Folha de Serviços Pessoais, NRC.

431 Entrevista com Mary Basilone no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions.

432 Entrevista com Angelo e Carlo Basilone no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions.

433 “Herói de Guadalcanal se Cansa de Conversa — Ele Quer Ação”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone. Essa pequena notícia jornalística foi publicada depois que John partiu para a Califórnia.

434 “Sargento John Basilone, Herói dos Fuzileiros Navais, Morre em Iwo Jima”, recorte sem data de jornal não identificado, BPR.

435 “Herói de Guadalcanal se Cansa de Conversa — Ele Quer Ação”, recorte de jornal sem data.

436 “Basilone Morre Enquanto Liderava Pelotão em Iwo”, *Courier News*, 8 de março de 1945.

ATO IV

437 “Fase II, Parte II, Desembarque na Praia Verde”, Relatório de Combates Especial do 1º. RIFN, Box 232, RG 127, NARA.

438 O Relatório de Combates Especial do 1º. RIFN informa que o inimigo atingiu a Companhia G. Mas, no diário de Tatum e nas memórias de Phillips, os autores deixam claro que a maior parte das baixas foi sofrida pela Companhia How.

439 Esses números vêm do diário de Tatum. O número real de inimigos mortos, de acordo com o relatório de Masters, foi 83. Os inimigos feridos tinham sido levados embora arrastados pelos colegas.

440 “Cunha a Cunha.”

441 John McCarthy em suas memórias “Scouting Six at Midway”, disponível em www.cv6.org, fala sobre esses procedimentos de economia de combustível.

442 “Cunha a Cunha.”

443 Ibid.

444 “Fase II, Parte II, Desembarque na Praia Verde”, Relatório de Combates Especial do 1º. RIFN, Box 232, RG 127, NARA.

445 Robert Witty, *Marines of the Margarita: The Story of Camp Pendleton*, 1970, p. 10. Um veterano enviou trechos desse livro ao autor, mas as informações sobre publicação não foram incluídas.

446 Charles W. Tatum, *Iwo Jima: Red Blood Black Sand Pacific Apocalypse* (Stockton, Califórnia: Chuck Tatum Productions, 2002), p. 36.

447 Howard M. Conner, *The Spearhead: The WWII History of the Fifth Marine Division* (Nashville, Tennessee: The Battery Press, 1950), p. 2.

448 Entrevista com Walter Bandyk, Companhia de Comando, 27º. Regimento, acervo do autor.

449 Entrevista com o ten. Justin Duryea no documentário *A Saga de John Manila*, Chuck Tatum Productions.

450 Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 41; entrevistas com Chuck Tatum, acervo do autor. A caderneta de serviços de Basilone não informa que ele serviu na Companhia B, 1/27, mas que foi encaminhado para servir algum tempo no comando do batalhão antes de ser lotado na C/1/27.

451 “Gosto de Servir no Exterior”, declaração do sgt. de pelotão John Basilone, Arquivo do CFNA.

452 Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 33.

453 Ten. John Keith Wells, *Give Me Fifty Marines Not Afraid to Die* (publicado por conta própria, 1995), p. 89.

454 Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 38.

455 Entrevista com Charles Tatum, Acervo da Playtone, 07B.

- 456 Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 39.
- 457 John Basilone aos “Queridos papai e mamãe”, sem data, Acervo da Família Basilone.
- 458 Carta a John Basilone, assinatura ilegível, datada de 25 de janeiro de 1944, terça-feira, Acervo da Família Basilone.
- 459 Atas e Debates da 78ª. Assembleia do Congresso, 2ª. Sessão, Anexo, Vol. 90, Parte 11, “O Papel do General MacArthur na Guerra contra o Japão, Comentários do Exmo. Carl Hatch”, pp. A3943-A4906. Hatch cita Thomas Dewey, ex-governador de Nova York, o autor dos comentários citados aqui.
- 460 www.imdb.com
- 461 Senado dos Estados Unidos, “Troca e Tratamento de Prisioneiros de Guerra: Comentários do Exmo. Elbert D. Thomas”, 78ª. Assembleia do Congresso, 1ª. Sessão, 18 de novembro de 1943, p. 1. Thomas, então senador por Utah, declarou que “os gabinetes de quase todos os senadores estão telefonando para o seu gabinete e fazendo perguntas referentes a prisioneiros de guerra mantidos retidos pelo inimigo no Extremo Oriente”.
- 462 “Promoção de Certos Prisioneiros de Guerra Americanos”, audiências perante o Comitê de Assuntos Militares, Senado dos Estados Unidos, 78ª. Assembleia do Congresso, primeira e segunda sessões (15 de outubro–1º. dezembro de 1943), pp. 1, 29.
- 463 *Ibid.*, p. 11.
- 464 Ten.-cel. W. E. Dyes, “Dyess — Soldado Escorraça Sozinho de Bataan Frota de Suprimentos Inteira dos Japas”, *Chicago Daily Tribune*, 2 de fevereiro de 1944, p. 1.
- 465 “As Feras do Pacífico”, *Chicago Daily Tribune*, 29 de janeiro de 1944, p. 10.
- 466 John H. Criders, “Arrasem o Japão!”, *The New York Times*, 29 de janeiro de 1944, p. 1; ver também “A Venda de Bônus de Guerra Aumenta Muito Aqui como Reação às Atrocidades”, *The New York Times*, 29 de janeiro de 1944, p. 1.
- 467 “Promoção de Certos Prisioneiros de Guerra Americanos”, audiências perante o Comitê de Assuntos Militares, p. 23.
- 468 Condit e Turnbladh, *Hold High the Torch*, p. 195.
- 469 “Cunha a Cunha.”
- 470 Relatório de Pós-Combates, EB-2, cópia do autor de cortesia do Museu Nacional da Aviação Naval, Pensacola, Flórida.
- 471 Entrevista com Charles Tatum, Acervo da Playtone; Tatum, *Red Blood Black Sand*, pp. 45-46.
- 472 Wells, *Give Me Fifty Marines*, p. 97; Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 33.
- 473 Conner, *The Spearhead*, p. 1.
- 474 Wells, *Give Me Fifty Marines*, pp. 95-96.
- 475 Entrevista com Charles Tatum, Acervo da Playtone.
- 476 William Douglas Lansford, “A Vida e a Morte de ‘John Manila’”, *Leatherneck*, outubro de 2002, vol.

85, #10.

- 477 Entrevista com Charles Tatum, Acervo da Playtone.
- 478 Entrevistas com Roy Elsner, Lucille Otis e Clinton Watters, acervo do autor.
- 479 “Irmão: Johnny Voltou para Cuidar ‘Daquelas Crianças’ na Guerra”, recorte sem data de jornal não identificado, BPR.
- 480 Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 67.
- 481 Entrevista de Charles Tatum com o autor, acervo do autor.
- 482 Entrevista com Charles Tatum, Acervo da Playtone.
- 483 “Recibo Administrativo de Seis Meses de Gratificação a Título de Antecipação de Indenização por Falecimento”, Folha de Serviços Pessoais do CFN de John Basilone, NRC.
- 484 A carta de Sledge com o anúncio de sua chegada foi datada de 17 de fevereiro de 1943; a data de chegada que consta em sua folha de serviços do CFNA é 16 de abril de 1943.
- 485 Entrevista com Jack Hawkins, acervo do autor; Grashio e Norling, *Return to Freedom*.
- 486 “Gosto de Servir no Exterior”, declaração do sgt. de pelotão John Basilone, Arquivo do CFNA. O estilo culto e o uso de palavras de significado obscuro tornam óbvio que não foi Basilone que escreveu esse artigo. Como o escrito não foi explorado imediatamente por nenhum jornal, é provável que tenha sido uma medida preventiva por parte do CFNA, talvez instigada por Basilone. A menção de a “garota do leste” significa que isso foi escrito antes de ele haver conhecido Lena e depois de sua promoção a sargento de pelotão.
- 487 John Basilone aos “Queridíssimos papai e mamãe”, carta sem data, Acervo da Família Basilone. John a inicia com uma referência à sobrevivência de seu irmão George à invasão da 4ª. Divisão às ilhas Marshall.
- 488 Entrevista com Clinton Watters, acervo do autor; Mapa da Força da C/1/27, 31 de janeiro de 1945.
- 489 Carta de Clinton Watters ao autor, 5 de julho de 2007.
- 490 Ibid.; Carta de Watters ao autor, 22 de novembro de 2007.
- 491 “Legado de Basilone Continua Vivo no Coração de Veterano da 2ª. Guerra”, notícia sem data publicada no *Scout*, o jornal da base do CFNA em Camp Pendleton (doravante Entrevista de Lena Basilone, Matéria do *Scout*); entrevista de Lucille Otis com Dustin Spence, acervo do autor. Todos os participantes discordam quanto à data exata de seu encontro. A própria Lena fez declarações diferentes. O registro de sua mais viva lembrança — de haver entrado de licença um dia após tê-lo conhecido — foi encontrado em sua Folha de Serviços do CFNA, que informa a data dessa licença.
- 492 Entrevista de Lena Basilone, Traditions Military Video, www.militaryvideo.com.
- 493 Ibid.
- 494 Matéria do *Scout*.
- 495 Comte. Harold L. Buell, oficial da reserva da Marinha americana, “A Morte de um Capitão”, *Proceedings*, fevereiro de 1986, p. 92.

496 Diário de Bordo do USS *Hornet* (CV-12), Box 953, RG 38, NARA.
497 Ibid.
498 Memórias de Bush.
499 Ibid.
500 Reynolds, *On the Warpath*, p. 327.
501 Diário de Bordo do USS *Hornet* (CV-12), Box 953, RG 38, NARA.
502 Matéria do *Scout*.
503 Entrevista de Barbara Garner com Dustin Spence, acervo do autor.
504 Entrevista com Lena Basilone, Traditions Military Video, www.militaryvideo.com.
505 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Lena Riggi Basilone, NRC.
506 Witty, *Marines of the Margarita*.
507 “Resposta à Inquirição do NPRC”, 24 de julho de 1999, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Lena Riggi Basilone.
508 Folhas de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone e Lena Riggi Basilone.
509 Tatum, *Red Blood Black Sand*, citando Lena Basilone.
510 Entrevista de Barbara Garner com Dustin Spence, acervo do autor.
511 Fotografia de John com Lena e suas amigas, 8 de março de 1944, Acervo de Lucille Stacy Otis.
512 “Cunha a Cunha.”
513 Ibid.
514 Relatório de Pós-Combates do EB-2, registro de 30 de março de 1944, Museu Nacional da Aviação Naval.
515 Os Relatórios de Pós-Combates do 2º. Esquadrão de Bombardeiros Dois (EB-2) são difíceis de decifrar, já que os horários e as datas dos ataques não coincidem com as datas do diário de bordo de Micheel nem com as do diário de guerra do *Hornet*. Ademais, não fazem sentido (ex: os registros informam que a maioria dos ataques ocorreu à noite). O autor chegou à conclusão de que essa incoerência se deve ao fato de que o EB-2 adotava o horário civil de Greenwich em seus relatórios de pós-combates, e não o horário local. O diário de guerra do *Hornet*, cujas horas e as datas são registradas no horário local, e o diário de bordo de Micheel, ambos os quais o autor considera documentos confiáveis, foram usados.
516 Relatório de Pós-Combates do EB-2.
517 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Micheel, NRC.
518 Relatório de Pós-Combates do EB-2.
519 Memórias de Bush; Relatório de Pós-Combates do EB-2, registro de 1º. de abril de 1944.
520 Memórias de Bush.
521 Reynolds, *On the Warpath*, p. 331.
522 Ibid., p. 332.

- 523 Cmtc. Harold L. Buell, oficial da reserva da Marinha americana, “A Morte de um Capitão”,
Proceedings, fevereiro de 1986, p. 94.
- 524 Ibid.
- 525 Reynolds, *On the Warpath*, p. 335.
- 526 Memórias de Bush.
- 527 Relatório de Pós-Combates do EB-2, NARA.
- 528 Buell, *Dauntless Helldivers*, p. 230.
- 529 Memórias de Bush.
- 530 Relatório de Pós-Combates do EB-2, NARA.
- 531 John Basilone à “Querida mamãe e a todos”, 22 de abril de 1944, Acervo da Família Basilone.
- 532 Carta de John Basilone, sem data, Acervo da Família Basilone.
- 533 Conner, *The Spearhead*, p. 3.
- 534 Cartas de Clinton Watters ao autor, 5 de julho e 10 de julho de 2007, acervo do autor; entrevista de
Calvin Anderson com o autor, maio de 2004.

- 535 William Douglas Lansford, "A Vida e a Morte de 'John Manila'", *Leatherneck*, outubro de 2002, vol. 85, #10, p. 25.
- 536 Carta de Clinton Watters ao autor, 22 de maio de 2007.
- 537 Entrevista com William "Bill" Lansford (QG/1/27), Acervo da Playtone; entrevista de Jim Turner (A/1/27) com o autor, 22 de março de 2004; entrevista de Calvin Anderson (C/1/27) com o autor; entrevista de Charles Tatum (B/1/27), Acervo da Playtone.
- 538 Memórias de Bush.
- 539 Diário de Guerra do USS *Hornet*, 1º.-30 de abril de 1944, Box 953, RG 38, NARA.
- 540 "Anexos A e B do Relatório 20-44 do ACA 1", Relatório de Pós-Combates do EB-2.
- 541 O Diário de Guerra do *Hornet* de 1º.-28 de maio de 1944 informa a explosão da bomba de 45 quilos, mas não há nenhuma menção da bomba de 230 quilos que se soltou. Esse último incidente vem da entrevista de Micheel Vernon com o autor e das memórias de William "Billy" Bush sobre o EB-2.
- 542 Memórias de Bush.
- 543 Na grande biografia do coronel Puller, o *Peitudo*, elaborada por Hoffman, este declara que o oficial fez sua primeira inspeção após a chegada dos substitutos (ver a página 261). Mas John "Decano" Tatum foi claro no registro que fez em seu diário sobre a data da primeira inspeção do Peitudo. Puller só apareceria de novo cinco dias depois.
- 544 Cmte. Harold L. Buell, oficial da reserva da Marinha americana, "A Morte de um Capitão", *Proceedings*, fevereiro de 1986, p. 95.
- 545 Reynolds, *On the Warpath*, p. 339.
- 546 Cressman et al., *A Glorious Page in Our History*, pp. 214-216. Escrito por um grupo de eminentes historiadores especializados na aviação naval da Segunda Guerra Mundial, nesse livro eles argumentam que Miles Browning foi um mestre da tática e que desempenhou um papel fundamental em Midway, apesar de seus problemas de personalidade.
- 547 Conner, *The Spearhead*, pp. 1, 5.
- 548 Entrevista com Lena Basilone, Traditions Military Video, www.militaryvideo.com.
- 549 Matéria do *Scout*.
- 550 Ibid.
- 551 Entrevistas de Romus Valton Burgin com o autor, 2003-2009, acervo do autor.
- 552 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Merriell Allen, NRC.
- 553 Mike Jernigan, "Through Memories, Sledge Reveals the Horrors of Warfare", *Auburn Alumnews*, maio de 1990, pp. 9-10; entrevista do dr. Sidney Phillips com o autor, 19 de maio de 2009.
- 554 Diário Pessoal de John Wesley "Decano" Tatum, registro de 6 de junho de 1944, acervo do autor.
- 555 Diário de Guerra do USS *Hornet*, 1º.-30 de junho de 1944, Box 953, RG 38, NARA. Em sua excelente biografia do almirante Clark, *On the Warpath in the Pacific: Admiral Jocko Clark and the Fast Carriers*, Clark Reynolds declarou, na página 342, que o USS *Hornet* lançou seus ataques de

Kwajalein, mas a essa altura o Diário de Guerra do navio-aeródromo estava vazio.

556 Reynolds, *On the Warpath*, p. 335.

557 Memórias de Bush.

558 Relatório de Pós-Combates do EB-2, cópia do autor, cortesia do Museu Nacional de Aviação Naval.

559 Buell, *Dauntless Helldivers*, p. 212.

560 Relatório de Pós-Combate do EB-2.

561 Diário de Guerra do USS *Hornet*, 1º.-30 de junho de 1944, NARA.

562 Reynolds, *On the Warpath*, p. 347. O Diário de Guerra do *Hornet* deixa claro que Clark voltou às 15h18, e não às 16 horas, segundo informa Reynolds.

563 Diário de Guerra do USS *Hornet*, 1º.-30 de junho de 1944, NARA.

564 John Basilone à “Queridíssima mamãe”, sem data, Acervo da Família Basilone.

565 Lee W. Merideth, *Grey Ghost: The Story of the Aircraft Carrier Hornet* (Sunnyvale, Califórnia: Rocklin Press, 2001), p. 43.

566 Memórias de Bush; Relatório de Pós-Combates do EB-2.

567 Relatório de Pós-Combates do EB-2.

568 Ibid.

569 Concessão da Cruz do Mérito Aeronáutico, de julho de 1947, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Micheel, NRC; Relatório de Pós-Combates do EB-2 (ver mapa para saber o local do ataque).

570 Diário de Guerra do USS *Hornet* (CV-12), 1º.-30 de junho de 1944; Relatório de Pós-Combates do EB-2, NARA.

571 Em *On the Warpath* (pp. 352-353), Reynolds deixou claro que pelo menos um piloto se lembrava de ter ouvido a ideia do almirante. Embora, depois de 50, 60 anos, nem Micheel, Bush ou Buell conseguiram se lembrar de ter ouvido falar nessa ideia; o autor a incluiu na obra como suposição porque (a) pilotos adoravam especular sobre uma ideia importante como essa e, portanto, se algum deles ouvira falar nela, é provável que a tenha informado a outros imediatamente; (b) a ideia em si deve ter sido quase óbvia para os pilotos veteranos e (c) do jeito que é difícil para uma pessoa se lembrar de certos detalhes meio século depois de haverem ocorrido, é ainda mais difícil para ela se lembrar de acontecimentos que não ocorreram.

572 Diário de Guerra do USS *Hornet*, 1º.-30 de junho de 1944; Relatório de Pós-Combates do EB-2, NARA.

573 “Cunha a Cunha.”

574 Diário de Guerra do USS (CV-12), 1º.-30 de junho de 1944; Relatório de Pós-Combates do EB-2, NARA.

575 Ibid.

576 Ibid.

577 O Diário de Guerra do *Hornet* e o Relatório de Pós-Combates do EB-2 apresentam algumas

incoerências insignificantes quanto aos números.

- 578 Relatório de Pós-Combates do EB-2.
- 579 Diário de Bordo Oficial da Marinha Americana, de Vernon Micheel.
- 580 Buell, *Dauntless Helldivers*, p. 264.
- 581 Ibid., p. 261.
- 582 Ibid., pp. 263-264.
- 583 Relatório de Pós-Combates do EB-2.
- 584 Ibid.
- 585 Em seu livro *On the Warpath*, Reynolds afirma que esses ataques certos contra o *Zuikakau* foram realizados pelos aviões do *Yorktown*.
- 586 Diário de Guerra do USS (CV-12), 1º-30 de junho de 1944; Relatório de Pós-Combates do EB-2, NARA.
- 587 Entrevista com Lena Basilone no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions.
- 588 Entrevista com o monsenhor Paul Bradley no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions; ver também “O Discreto Heroísmo do Padre Paul”, reportagem de Judy Peet, *Newark Star-Ledger*, 8 de julho de 2005, BPR; e “Capelão da Marinha Aposentado Recorda Hasteamento de Bandeira em Iwo Jima”, *AMS News*, verão de 2002, BPR. O padre Paul Bradley ganhou uma Estrela de Bronze e um Coração Púrpura por seus serviços junto ao 28º. RIFN em Iwo Jima.
- 589 Entrevista com Lena Basilone, artigo do *Scout*.
- 590 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone.
- 591 Entrevista com Lena Basilone; artigo do *Scout*.
- 592 “Herói de Guadalcanal Vai se Casar”, reportagem da AP, 8 de julho de 1944, folhas de serviços pessoais do Departamento de História do CFNA, de John Basilone.
- 593 George W. Garand e Truman R. Strobridge, *History of the U.S. Marine Corps Operations in World War II: Western Pacific Operations, Volume IV* (Washington, D. C.: Departamento de História do UFNA, 1971), p. 89.
- 594 Ibid., p. 52.
- 595 “Terceiro Batalhão”, no arquivo “Quartel-General, 1ª. DIFN como parte da Força de Fuzileiros do Esquadrão nos campos de batalha/nas listas das bases (25 de agosto de 1944)”, Box 305, RG 127, NARA.
- 596 Ibid.
- 597 Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, p. 90.
- 598 Escala de Serviço do Pelotão de Metralhadoras da Companhia “C”, 1945, cópia por cortesia de Clinton Watters; fotografias da cerimônia de casamento de Riggi-Basilone cortesia de Lucille Stacy

Otis, Barbara Garner e Acervo da Família Basilone.

- 599 Fotografias da cerimônia de casamento, Acervos da Família Basilone e de Barbara Garner; certidão de casamento de Basilone, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Lena Basilone, NRC; entrevista com Lucille Otis, acervo do autor.
- 600 Nota Oficial de Divulgação à Imprensa do CFNA, 12 de julho de 1944, Assessor do Subdiretor do Departamento de Relações Públicas (Seção da Costa Oeste), Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone. Houve um erro nessa nota de divulgação à imprensa, informando que Edward Johnston era cabo. Na escala de serviços da Companhia C, consta que ele tinha a graduação de sargento.
- 601 Entrevista com Lena Basilone no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions.
- 602 Entrevista com o monsenhor Paul Bradley no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions.
- 603 Entrevista de Lucille Stacy Otis com Dustin Spence, acervo do autor; Nota de Divulgação Oficial do CFNA à Imprensa, 12 de julho de 1944, Assessor do Subdiretor do Departamento de Relações Públicas (Seção da Costa Oeste), Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone. Embora outras fontes informem períodos de licença maiores ou menores — a própria Lena tem apresentado diferentes relatos a esse respeito —, o autor usou as informações constantes na Nota de Divulgação Oficial do CFNA à Imprensa impressa no dia seguinte ao casamento deles.
- 604 Relatório de Pós-Combates do EB-2; Diário de Guerra do USS *Hornet*, 1º.-31 de julho de 1944; entrevista de Vernon Micheel com o autor.
- 605 Relatório de Pós-Combates do EB-2.
- 606 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Merriell Allen Shelton.
- 607 Entrevista com Romus Valton Burgin, coleção do autor; Folha de Serviços Pessoais do CFNA cortesia de R. V. Burgin.
- 608 Entrevista do gen. Gordon Gale com o autor. O general Gayle comandou o 2/5 durante a Batalha de Peleliu e depois criou uma monografia sobre ela.
- 609 Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, p. 91.
- 610 Entrevista com o general Gayle, 1º. de agosto de 2005, acervo do autor; Thomas Stanley a Eugene Sledge, “Reflexões sobre as Anotações de Bucky”, 17 de agosto de 1981, CEUA.
- 611 Henry “Hank” Boyes a Eugene Sledge, 16 de dezembro 1979, CEUA; Eugene Sledge, *With the Old Breed at Peleliu and Okinawa* (Novato, Califórnia: Presidio Press, 1981), nota de rodapé da p. 70.
- 612 Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, p. 103.
- 613 Eugene Sledge a Henry “Hank” Boyes, 14 de janeiro de 1980, CEUA; Thomas Stanley, “Canal Men Who Made Peleliu”, mst. não publicado, 15 de setembro de 1980, CEUA.
- 614 Boyes a Sledge, 28 de janeiro de 1980; entrevista com R. V. Burgin, Acervo da Playtone; entrevista

com William "Bill" Leyden, Acervo da Playtone.

- 615 Reynolds, *On the Warpath*, p. 383.
- 616 Entrevista com Lena Basilone no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions.
- 617 Entrevista com Lena Basilone, Traditions Military Video, www.militaryvideo.com.
- 618 Entrevista com Adolf Bursa, acervo do autor; entrevista com William Lansford, acervo do autor.
- 619 Entrevista com Lena Basilone no documentário *A Saga de John Manila*, sem data, Chuck Tatum Productions.
- 620 Entrevista com Lena Basilone, Traditions Military Video, www.militaryvideo.com.
- 621 Wells, *Give Me Fifty Marines*, p. 110.
- 622 Conner, *The Spearhead*, p. 13.
- 623 Ibid., p. 15.
- 624 Wells, *Give Me Fifty Marines*, pp. 112-113.
- 625 Apêndice #1, Anexo E da Operação Plano 1-[?], CT-5, cont. da p. 3, arquivo: B13-1 do 5º. RIFN, ordem administrativa 1-44 (11 de agosto de 1944), NARA.
- 626 Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, p. 95.
- 627 Relatório sobre a Aptidão dos Oficiais do CFNA, Folha de Serviços Pessoais do CFNA do ten.-cel. Austin Shofner, 18 de agosto de 1944 a 20 de setembro de 1944, assinado pelo coronel Harris.
- 628 "Operações do Grupo de Caças-Bombardeiros", Anexo A, Relatório de Pós-Combates do EB-2, NARA.
- 629 *F6F Hellcat*, documentário sobre; produzido por Teleteam, Inc.
- 630 Capitão Flagg, Diário de Guerra do: Peleliu, RG 127, Box 299, NARA.
- 631 Fotografia do CFNA #57862, Divisão de Imagens Estáticas, NARA.
- 632 Carta de Boyes a Sledge, 28 de janeiro de 1980, CEUA.
- 633 Conner, *The Spearhead*, pp. 15-16.
- 634 Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 82.
- 635 Fotografias de Clinton Watters e entrevistas com o autor.
- 636 Carta de Basilone, sem data, Acervo da Família Basilone. Essa carta foi escrita antes de 15 de setembro, já que a foto que Lena tirou de George e John juntos no Havaí tinha a data de 17 de setembro de 1944.
- 637 Diário de Guerra do USS *Hornet* (CV-12), 1º.-30 de setembro de 1944, NARA.
- 638 Relatório de Pós-Combates do EB-2, NARA.
- 639 Carta de Sid Phillips à sra. Sledge, 1º. de outubro de 1944, CEUA.
- 640 Entrevista com Sterling Mace (K/3/5), acervo do autor.
- 641 A inclusão desse encontro foi feita com base no registro da Caderneta de Serviços de John Basilone, na qual constava sua viagem de avião de 20 minutos em 14 de setembro; na fotografia dele e George

tirada por Lena, com data de 17 de setembro; e no recorte sem data “Basilones se Encontram no Pacífico”, de um jornal não identificado, em que fizeram a descrição do encontro, do Acervo da Família Basilone.

642 Praça George W. Basilone à sargento Lena Basilone, 8 de maio de 1945, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Basilone.

643 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.

644 Apêndice #1 Anexo E da Operação Plano 1-[?], CT-5, cont. da p. 3, arquivo: B13-1 do 5º. RIFN, ordem administrativa 1-44 (11 de agosto de 1944), NARA.

645 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.

646 Entrevista de R. V. Burgin com o autor.

647 Registro das Operações do 3º. BIFN, 5º. RIFN, Divisão de Gestão dos Fuzileiros do Esquadrão, Durante o Período de 26 de agosto de 1944 a 7 de novembro de 1944, CEUA, original no NARA (doravante abreviado como Registro do 3/5).

648 Entrevista de Eugene Sledge em “Liderança em Combates”, filme de instrução do CFNA, cortesia do CFNA.

649 Sledge, *With the Old Breed*, p. 57. Sledge diz no livro que seu CLANf enguiçou depois de quase ser atingido por um projétil inimigo. Em suas entrevistas e nas memórias de R. V. Burgin consta que foi o recife de corais que deteve o avanço de sua viatura anfíbia.

650 Entrevista com o dr. Eugene B. Sledge no documentário *Peleliu 1944: Terror no Pacífico*, Kenwood Productions, Minneapolis, Minnesota, 1991 (doravante KPI). O autor recebeu de R. V. Burgin uma versão não editada dessa entrevista.

651 Entrevista com o dr. Eugene B. Sledge, Lou Reda Productions, usada sob permissão (doravante LRP).

652 Registro do 3/5; Diário de Guerra do capitão Flagg: *Peleliu*, RG 127, Box 299, NARA.

653 Trechos de Relatos de Combates do Grupo de Inteligência Aérea — Palau, Relatório do Exército Americano, NARA.

654 LRP.

655 Thomas Stanley a Sledge, 18 de fevereiro de 1980, CEUA.

656 Henry “Hank” Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA.

657 Entrevista com R. V. Burgin, acervo do autor.

658 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.

659 Fotografia do QG do 3/5 na manhã de 15 de setembro de 1944, Fotografia do CFNA #95503, 127-GW-713, Divisão de Imagens Estáticas, NARA.

660 Thomas Stanley a Sledge, 17 de dezembro de 1981, CEUA.

661 Diário da D-2, 1ª. DIFN, *Peleliu*, RG 127, Box 299, NARA.

662 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.

663 Henry “Hank” Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA. Reconciliar os dados das muitas
entrevistas com os das fontes oficiais ficou mais fácil quando foi possível estabelecer uma distinção
entre o aeródromo e a pista de pouso e decolagem.

664 Ibid.

665 Ibid. Boyes ganhou uma Medalha de Prata por isso, e Sledge tem uma cópia dessa citação
(datilografada por Hank) em seu acervo. Mas Sledge afirmou, na página 70 de seu *With the Old
Breed at Peleliu and Okinawa*, que o fuzileiro naval que realizou a operação foi “tragicamente... morto
por um atirador de elite” inimigo. Talvez ele estivesse se referindo ao primeiro soldado que se
aproximou do blindado.

666 Diário da D-2, 1ª. DIFN, Peleliu, RG 129, Box 299, NARA.

667 Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, p. 118.

668 Registro do 3/5, p. 3. As cartas gradeadas “Mapa Especial — 4 de out., Seção Central”, usadas pelo
3/5 foram utilizadas também pelo autor para traçar a rota diária do 3/5 durante a batalha de Peleliu.
Esse Mapa Especial foi achado na pasta das Ordens de Campanha da 1ª. DIFN B12-3 — Peleliu,
Box 305, “Mapas Geográficos, Peleliu”, RG 127, NARA (doravante, Mapa Especial).

669 Registro do 3/5; Boyes a Sledge, 28 de janeiro de 1980, CEUA.

670 Entrevista de R. V. Burgin, acervo do autor.

671 Tenente-coronel Shofner ao comandante do Corpo de Fuzileiros Navais, 9 de março de 1950, RG
127, Box 6, NARA.

672 LRP.

673 KPI. Existem algumas diferenças entre os acontecimentos que ele relata no documentário da
Kenwood Productions, *Peleliu 1944: Terror no Pacífico*, e os que descreve em seu livro *With the Old
Breed at Peleliu and Okinawa* e em suas entrevistas com LFP.

674 LRP.

675 Thomas Stanley ao ten.-cel. James Rogers, 21 de agosto de 1980, CEUA.

676 Sledge, *With the Old Breed*, p. 69.

677 Thomas Stanley ao ten.-cel. James Rogers, 21 de agosto de 1980, CEUA; Hank Boyes a Sledge, 28
de janeiro de 1980, CEUA; Registro do 3/5.

678 Comentários do cel. Harold Harris, p. 130, Box 2 de 5, RG 96, CEUA (doravante, Comentários de
Harry); Registro do 3/5.

679 Hank Boyes a Sledge, 28 de janeiro de 1980, CEUA; Relatório sobre Fogos de Canhões Navais,
Operação Palaus [sic], p. 4, 14 de outubro de 1944, A4-8, Box 298, RG 127, NARA.

680 Entrevista com R. V. Burgin, acervo do autor.

681 Registro do 3/5, p. 3.

682 Hank Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA.

683 KPI.

684 Entrevista com R. V. Burgin, Acervo da Playtone; entrevista com Richard Higgins, acervo do autor.
685 Comentários de Harris; Registro do 3/5, p. 3.
686 KPI.
687 Sledge mencionou essa decisão em várias cartas que escreveu durante a elaboração de seu manuscrito, inclusive a carta enviada a Walter McIlhenny, datada de 31 de maio de 1977 (CEUA).
688 Sledge, *With the Old Breed*, p. 80.
689 Entrevista com R. V. Burgin, Acervo da Playtone. Bucky Harris fala também de um incidente com “fogo amigo” em sua área nos comentários de Harris.
690 Diário da D-2, 1ª. DIFN, Peleliu, RG 127, Box 299, NARA.
691 Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA.
692 Relatório do G-2 Nº. 5, 19 de setembro de 1944, III Corpo Anfíbio, A4-16, Box 298, NARA.
693 Comentários de Harris, p. 132.
694 Registro do 3/5, p. 4; Mapa Especial.
695 KPI.
696 Comentários de Harris.
697 Relatório do Exército sobre as Defesas Japonesas, Box 305, NARA; Relatório do 3/5, p. 4.
698 Thomas J. “Stumpy” Stanley, “To the Men of K-3-5”, mst. não publicado, 17 de outubro de 1980, CEUA.
699 Fotografia do ten.-cel. Austin Shofner em Peleliu, Peleliu Collection, Divisão de Imagens Estáticas, NARA.
700 Em *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, p. 58, Garand e Strobridge dizem que a selva “encobria o relevo do terreno e frustrou todas as tentativas de reconhecimento aéreo antes da invasão”. Ver também general Harris a Stumpy Stanley, 17 de julho de 1981, CEUA.
701 Comentários de Harris; Stanley a Sledge, “Reflexões sobre as Anotações de Bucky”, 17 de agosto de 1981, CEUA.
702 Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, p. 94.
703 Diário da D-2, 1ª. DIFN, Peleliu, RG 127, Box 299, NARA.
704 Comentários de Harris; Registro do 3/5.
705 Relatório do G-2 Nº. 5, 19 de setembro de 1944, III Corpo Anfíbio, A4-16, Box 298, NARA.
706 Ibid.
707 Registro do 3/5, p. 5; entrevistas com R. V. Burgin, acervo do autor.
708 Entrevista com R. V. Burgin, acervo do autor.
709 Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA.
710 Entrevista com R. V. Burgin, acervo do autor. Sledge escreveu, na página 102 de *With the Old Breed at Peleliu and Okinawa*, que o tenente (Hillbilly Jones) telefonou para o comando do batalhão e falou com o major Gustafson. É possível, mas isso foi feito fora da cadeia normal de comando. Foi o que R.

V. Burgin, que usava o telefone frequentemente, conseguiu lembrar.

- 711 Registro do 3/5.
- 712 Thomas J. “Stumpy” Stanley, “To the Men of K-3-5”, mst. não publicado, 17 de outubro de 1980, CEUA. Stanley e Sledge eram críticos severos dos números de baixas oficiais apresentados pelo CFNA e empatarem muito tempo e dinheiro para descobrir os números reais por si mesmos, com base em registros oficiais e recorrendo a entrevistas com outros colegas.
- 713 Diário de Guerra do USS *Hornet* (CV-12), 1º.-30 de setembro de 1944, NARA; Relatório de Pós-Combates do EB-2, Museu Nacional de Aviação Naval.
- 714 Diário de Guerra do USS *Hornet* (CV-12), 1º.-30 de setembro de 1944, NARA.
- 715 Anexo G — Fase II — Relatório de Combates Especial — Operação Palau, p. 1, Box 298, RG 127, Arquivos Geográficos do CFNA, Peleliu.
- 716 Sledge a Walter McIlhenny, 31 de maio de 1977, CEUA; “Quando jovem praça dos Fuzileiros Navais, integrante da seção de morteiros da K-3-5, durante a Segunda Guerra Mundial, levava comigo um livro de poemas de Kipling, entre os quais estava seu ‘Prelúdio’. Eu pensava constantemente no tema do poema [em Peleliu]”.
- 717 Registro de 3/5, p. 6.
- 718 LRP.
- 719 Sledge a Stanley, 16 de janeiro de 1984, CEUA.
- 720 Relatório do G-2 Nº. 5, 19 de setembro de 1944, p. 3, III Corpo Anfíbio, Box 298, NARA.
- 721 General comandante, III Corpo Anfíbio ao comandante do CFNA, 18 de outubro de 1944, “Munição Defeituosa”, Box 298, RG 127, Arquivos Geográficos do CFNA, Peleliu, NARA.
- 722 Registro do 3/5; Comentários de Harris, pp. 132-133.
- 723 Comentários de Harris, p. 134.
- 724 Relatório de Unidade, 26 de setembro de 1944, Nº. 11-44 0800, 25 de setembro a 0800, 26 de setembro, CT-5, arquivo A6-3.
- 725 Sledge, *With the Old Breed*, p. 103.
- 726 Conner, *The Spearhead*, p. 19.
- 727 Ibid.
- 728 Ibid., p. 23; entrevista com Charles Tatum, Acervo da Playtone.
- 729 Entrevista com o gen. Gordon Gayle, 22 de novembro de 2006, acervo do autor; Thomas Stanley, “Peleliu Veterans — A Roll of Honor with K-3-5 at the End of Okinawa”, mst. não publicado, sem data, CEUA.
- 730 Stanley a Sledge, 17 de agosto de 1981, CEUA.
- 731 Registro do 3/5, p. 6; Comentários de Harris, p. 134. Ambos os relatos são claros em relação à batalha. Sledge o descreveu de outra maneira, mas é óbvio que fez isso sem consultar o Registro do 3/5 — e tenho quase certeza de que ele recebeu o registro de Harris tarde demais no processo de

elaboração do livro para poder incluí-lo.

- 732 Comentários de Harris, p. 134. Os comentários de Harris estão em ligeiro desacordo com o Registro do 3/5; o autor escolheu o relato de Harris, já que é óbvio que a noite significava tanto para ele.
- 733 Comentários de Harris, pp. 134-135, 136.
- 734 General comandante, III Corpo Anfíbio ao comandante do CFNA, 26 de maio de 1945, p. 2, Relatório de Espionagem do Exército, Box 306, NARA.
- 735 Sledge, *With the Old Breed*, p. 106.
- 736 Entrevista com R. V. Burgin, acervo do autor.
- 737 Ibid.; entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 738 Relatório de Unidade, 26 de setembro de 1944, Nº. 11-44 0800, 26 de setembro a 0800, 27 de setembro, CT-5, arquivo A6-3.
- 739 Entrevista com William "Bill" Leyden, Acervo da Playtone. Bill Leyden não pôde dizer com exatidão quando isso aconteceu. Mas foi no topo de um morro ou no cimo de uma cadeia de colinas. Uma vez que a Colina das Estrelas foi a única colina que Bill deparou antes de ser ferido em Ngesebus, a correlação foi forte o suficiente para merecer a inclusão da história aqui.
- 740 Registro do 3/5, p. 6.
- 741 Comentários de Harris, p. 135.
- 742 Relatório de Unidade, 28 de setembro de 1944, Nº. 11-44 0800, 27 de setembro a 0800, 28 de setembro, Ct-5, arquivo A6-3.
- 743 Comentários de Harris, p. 136.
- 744 Registro do 3/5, p. 6.
- 745 Thomas J. "Stumpy" Stanley, "To the Men of K-3-5", mst. não publicado, 17 de outubro de 1980, CEUA.
- 746 Sledge, *With the Old Breed*, p. 104.
- 747 Embora não sejam números oficiais, esses dados são do manuscrito "Cunha a Cunha". Coligidos pelos veteranos do EB-2, incluem uma lista de seus membros e dos que foram mortos em combate.
- 748 Registro do 3/5.
- 749 Comentários da Monografia da 1ª. DIFN (Peleliu) do ten.-cel. W. Walt, CFNA, RG 127, Box 6, NARA.
- 750 Ibid.
- 751 Relatório de Unidade, 29 de setembro de 1944, Nº. 11-44 0800, 28 de setembro a 0800, 29 de setembro, CT-5, arquivo A6-3.
- 752 Entrevista com R. V. Burgin, acervo do autor.
- 753 Sledge, *With the Old Breed*, pp. 116-117.
- 754 Relatório de Unidade, 29 de setembro de 1944, Nº. 11-44 0800, 28 de setembro a 0800, 29 de setembro, CT-5, arquivo A6-3.

- 755 Relatório de Fogos de Canhões Navais, Operação Palau [sic], pp. 5, 6, 14 de outubro de 1944, A4-8, Box 298.
- 756 Relatório sobre Material Bélico, Operação Palau, elaborado pelo Oficial do Corpo de Material Bélico, p. 5, 24 de outubro de 1944, Box 298, NARA.
- 757 Relatório da Unidade, 29 de setembro de 1944, N°. 11-44 0800, 28 de setembro 0800, 29 de setembro, CT-5, arquivo A6-3.
- 758 Registro do 3/5, p. 9, Mapa Especial.
- 759 Eugene Sledge criticava muito os números de baixas oficiais apresentados pelo CFNA. Ele e Thomas Stanley trabalharam muito para chegar aos que consideram reais. Nesse caso, Stanley conseguiu os números citados aqui. Em seus achados, Sledge apresenta oito mortos e 24 feridos em combate.
- 760 Sledge, *With the Old Breed*, p. 125.
- 761 Entrevista com R. V. Burgin, acervo do autor; Stanley a Sledge, março de 1980 (dia desconhecido), CEUA.
- 762 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 763 Comentários de Harris, p. 136.
- 764 Relatório de Unidade, 2 de outubro de 1944, N°. 16-44 0800, 1º. de outubro a 0800, 2 de outubro, CT-5, arquivo A6-3.
- 765 Comentários de Harris, p. 137.
- 766 Diário de Guerra do 1/7 RIFN, p. 16.
- 767 Relatório de Unidade, 3 de outubro de 1944, N°. 16-44 0800, 2 de outubro a 0800, 3 de outubro, CT-5, arquivo A6-3; Diário de Guerra do 1/7 RIFN, p. 16; Registro do 3/5, p. 11.
- 768 Diário de Guerra do 1/7 RIFN, p. 18.
- 769 Registro do 3/5, p. 11.
- 770 Relatório de Material Bélico, Operação Palau, elaborado pelo Oficial do Corpo de Material Bélico, p. 9, 24 de outubro de 1944, Box 298, NARA.
- 771 Mapa Especial. Registro do 3/5, p. 11.
- 772 Diário de Guerra do 1/7 RIFN, p. 18.
- 773 Henry “Hank” Boyes a Sledge, 16 de dezembro de 1979, CEUA.
- 774 Thomas J. “Stumpy” Stanley, “To the Men of K-3-5”, mst. não publicado, 17 de outubro de 1980, CEUA.
- 775 Diário da D-2, 1ª. DIFN, RG 127, Box 299, NARA.
- 776 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 777 E. B. Sledge, “Palestra na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Força Aérea”, 1993, CEUA.
- 778 Registro do 3/5, p. 11.
- 779 Eugene Sledge aos “Queridos papai e mamãe”, 5 de fevereiro de 1945, CEUA.
- 780 Diário de Guerra do 1/7 RIFN, pp. 19-20.

- 781 Entrevista com Sterling Mace (K-3-5), acervo do autor.
- 782 Relatório de Unidade, 5 de outubro de 1944, Nº. 17-44 0800, 4 de outubro a 0800, 5 de outubro, CT-5, arquivo A6-3.
- 783 Diário de Guerra do 1/7 RIFN, pp. 19-20.
- 784 Registro do 3/5; Thomas “Stumpy” Stanley, “To the Men of K-3-5”, mst. não publicado, 17 de outubro de 1980, CEUA. Stanley chegou a um total diferente das baixas desse dia, tal como, quase sempre, é o caso. De acordo com ele, foram sete feridos e um morto em combate.
- 785 Comentários de Harris, p. 137.
- 786 Relatório de Aptidão, 18 de agosto de 1944 a 30 de setembro, assinado pelo coronel Harris, Folha de Serviços do CFNA de Shofner, NRC.
- 787 Comentários de Harris, p. 137; general Bucky a Stumpy Stanley, 17 de julho de 1981, CEUA.
- 788 Ordem de Campanha Nº. 1-44, CT-5, No Campo, 5 de outubro de 1944, Box 305, Peleliu, Arquivos Geográficos do CFNA, RG 127.
- 789 Registro do 3/5, p. 13; Relatório de Unidade, 8 de outubro de 1944, Nos . 20-44 0800, 7 de outubro a 0800, 8 de outubro, CT-5, arquivo A6-3.
- 790 Relatório de Unidade, 9 de outubro de 1944, Nº. 21-44 0800, 8 de outubro a 0800, 9 de outubro, CT-5, arquivo A6-3.
- 791 Comentários de Harris, p. 138.
- 792 Stanley a Sledge, “Reflexões sobre as Anotações de Bucky”, 17 de agosto de 1981, CEUA.
- 793 Thomas J. “Stumpy” Stanley, “To the Men of K-3-5”, mst. não publicado, 17 de outubro de 1980, CEUA; Diário de Guerra do capitão Flagg: Peleliu, RG 126, Box 299, NARA.
- 794 Entrevista com R. V. Burgin, Acervo da Playtone; Stanley a Sledge, “Reflexões sobre as Anotações de Bucky”, 17 de agosto de 1981, CEUA.
- 795 Frank O. Hough, *The Assault on Peleliu* (Washington, D. C.: Divisão de História do CFNA, 1950), p. 162. Nesse livro, o autor declara que o 3/5 estava perto do PC da divisão.
- 796 Entrevista com o gen. Gordon Gayle, acervo do autor.
- 797 Shofner, “WWII Memories”, pp. 83-84. Shofner alega que foi o criador dessa solução. Sua alegação é difícil de provar, já que é óbvio, pelo testemunho de que dispomos, que muitos oficiais a propuseram também. É provável que essa prática tenha começado com os oficiais das companhias da linha de frente, que perceberam a ação dos “turistas” em sua zona de combate.
- 798 Diário Pessoal de John Wesley “Decano” Tatum, cópia do autor, cortesia da Família Tatum.
- 799 Relatório do G-2 Nº. 5, 19 de setembro de 1944, p. 3, III Corpo Anfíbio, A4-16, Box 298, NARA.
- 800 Derrick Wright, *The Battle for Iwo Jima* (Phoenix Mill, UK: Sutton Publishing Limited, 1999), p. vii.
- 801 Comentários de Harris, p. 141.
- 802 Shofner, “WWII Memories”, pp. 82-83. Shofner fez descrições desse incidente com grande riqueza

de detalhes. O autor, após fazer um exame comparativo das memórias coligidas por Shofner numa fase posterior de sua vida com os registros escritos, chegou à conclusão de que algumas descrições foram ornamentadas com alguns acréscimos inverídicos.

803 Relatório de Unidade, 12 de outubro de 1944, Nº. 25-44 0800, 11 de outubro a 0800, 12 de outubro, CT-5, arquivo A6-3.

804 No diário de unidade do 3/5 consta que o local deles, em 12 de outubro, era as Colinas de Wattie. Esse mesmo local está registrado na p. 137 de *The Assault on Peleliu*, do Departamento de História do CFNA, como “Colinas de Waddie”.

805 Entrevista com Richard Higgins, acervo do autor.

806 Sledge a Walter McIlhenny, 31 de maio de 1977, CEUA.

807 A descrição da atuação do ten. Thomas J. “Stumpy” Stanley como líder nos combates, em divergência com o que consta do livro de Sledge, vem das entrevistas do autor com R. V. Burgin, Ray Wilson, Sterling Mace e outros veteranos da K/3/5.

808 Relatório de Unidade, 12 de outubro de 1944, Nº. 25-44 0800 11 de outubro a 0800 a 12 de outubro, CT-5, arquivo A6-3.

809 General comandante, III Corpo Anfíbio ao comandante do CFNA, 26 de maio de 1945, com referência ao Relatório de Espionagem do Exército: Peleliu, RG 127, Box 306, NARA.

810 Comentários de Harris, p. 140.

811 Relatório de Unidade, 13 de outubro de 1944, Nº. 26-44 0800, 12 de outubro a 0800, 13 de outubro, CT-5, arquivo A6-3, NARA. O relatório de unidade está errado quanto ao nome das colinas — seu nome correto é Colinas de Wattie. O nome incorreto é usado aqui porque foi esse o usado pelo 3/5 no dia da operação. *The Assault on Peleliu*, de autoria do Departamento de História do CFNA, excelente obra de referência, informa que o canhão de 75 milímetros foi assentado na Colina 140. O autor preferiu usar o relatório de Harris. As evidências indicam que nada menos que três obuses de 75 milímetros foram postos nas colinas nessa área, mas fazer a discriminação exata de horários e locais é impossível.

812 Os números das baixas vêm do registro do 3/5. Esse é apenas um dos muitos exemplos em que ele apresentou números diferentes dos de Thomas J. Stanley; ver “To the Men of K-3-5”, mst. não publicado, 17 de outubro de 1980, CEUA.

813 Diário da D-2, 1ª. DIFN, Peleliu, RG 127, Box 299, NARA.

814 Sledge a Henry “Hank” Boyes, 25 de julho de 1970, CEUA; ver também nota 375, anteriormente.

815 Registro do 3/5; Relatório de Unidade, 15 de outubro de 1944, Nº. 28-44 0800, 24 de outubro a 0800, 25 de outubro, CT-5, arquivo A6-3.

816 General Harris a Stumpy Stanley, 17 de julho de 1981, CEUA.

817 Comentários de Harris, p. 141.

818 Harris a Stanley, 17 de agosto de 1981, CEUA; Comentários de Harris, pp. 141, 143.

- 819 Anexo G — Fase II — Relatório de Combates Especial — Operação Palau, p. 1, Box 298, Arquivos Geográficos do CFNA, Peleliu, RG 127.
- 820 Registro do 3/5, p. 16; entrevista de Harvey Lund (cabo da K/3/5), acervo do autor.
- 821 Stanley a Harris, 30 de dezembro de 1983, CEUA; Sledge a Stanley, 16 de janeiro de 1984, CEUA.
- 822 Anexo G — Fase II — Relatório de Combates Especial — Operação Palau, p. 3, Box 298, Arquivos Geográficos do CFNA, Peleliu, RG 127.
- 823 Rudyard Kipling, “Prelude”, *Departmental Ditties*, 1886.
- 824 Anexo G — Fase II — Relatório de Combates Especial — Operação Palau, p. 1, Box 298, Arquivos Geográficos do CFNA, Peleliu, RG 127.
- 825 KPI. Nessa entrevista, Sledge asseverou que ele e seus amigos souberam que a tomada das colinas era desnecessária assim que começaram a conquistá-la. Mas, levando em conta a data de desembarque de MacArthur, essa afirmativa parece um lapso de memória.
- 826 Registro do 3/5.
- 827 Na p. 16 do Registro do 3/5 há menção desses soldados extraviados; entrevista de R. V. Burgin, acervo do autor. Em seu livro *With the Old Breed at Peleliu and Okinawa* (p. 138), Sledge conta a história de uma forma um pouco diferente.
- 828 Stanley a Sledge, 7 de outubro de 1980, CEUA.
- 829 Sledge a Henry “Hank” Boyes, 25 de julho de 1970, CEUA.
- 830 5º. Regimento de Infantaria de Fuzileiros Navais — Ordem de Movimento — Peleliu, Nº. 1-44 24 de outubro de 1944, p. 1, B13-3, Box 305, RG 127, NARA.
- 831 Registro do 3/5.
- 832 Ibid.
- 833 Diário Pessoal de John Wesley “Decano” Tatum, acervo do autor; Stanley a Sledge, 10 de dezembro de 1982, CEUA.
- 834 Sledge, *With the Old Breed*, p. 164.
- 835 Henry “Hank” Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA; Boyes a Sledge, 16 de dezembro de 1979, CEUA.
- 836 “Os Americanos Invadem Duas Importantes Bases Ilhéus dos Japas”, *The Mobile Register*, 14 de setembro de 1944, #133, p. 1.
- 837 Sledge a Walter McIlhenny, 31 de maio de 1977, CEUA: “... logo após havermos deixado Peleliu, comecei a escrever sobre as experiências que meus colegas e eu tivemos lá.”
- 838 Folha de Serviços do CFNA do sgt. Elmo Haney; Stanley a Sledge, 30 de novembro de 1983, CEUA. Hank Boyes disse que Haney partiu dois dias depois. Já Sledge, ao rememorar a ocasião, disse que, alguns dias depois, ele participara da malfadada “patrulha dos veteranos”.
- 839 Thomas J. “Stumpy” Stanley, “To All Hands”, 1982, CEUA.
- 840 Henry A. “Hank” Boyes a Sledge, 28 de janeiro de 1980, CEUA.

841 Entrevista com Sam Menzelos (2º. ten. da K/3/5), acervo do autor.

842 Entrevista com Harry Bender (K/3/5), acervo do autor.

843 Fotografias do CFNA #106562, 106554 e 106565 e respectivas legendas (da Divisão de Fotografias Estáticas do Arquivo Nacional) contam essa história.

844 Correspondência de Andrew A. Haldane, Acervos e Arquivos Especiais do Bowdoin College. O autor gostaria de agradecer a Steve Moore, sobrinho de Haldane, por lhe fornecer cópias desses documentos.

845 Henry “Hank” Boyes a Sledge, 16 de dezembro de 1979, CEUA.

846 Garand e Strobridge, *USMC Operations em WWII*, Vol. IV, p. 87.

847 Gen. de brig. Austin C. Shofner, Folha de Serviços Pessoais do CFNA, NRC. A pasta com a folha de serviços de Shofner contém cópias de suas ordens de transferência. O relato de seu tempo de serviço no Exército americano se origina de suas “WWII Memories”, p. 82. É necessário acrescentar uma observação sobre suas memórias. Escritas em 2000, elas refletem as lembranças de um homem que talvez tenha tido tempo demais para abrilhantá-las ou, tal como observado por outros que o conheciam, as de um homem com problemas de memória. Em ambos os casos, existem exageros e interpretações equivocadas que podem ser provados como tais. Já outras afirmações achadas em suas memórias não podem ser nem provadas nem desmentidas até esta data. O autor incluiu apenas os aspectos das descrições que foram confirmadas de forma isenta e independente.

848 Wells, *Give Me Fifty Marines*, p. 118.

849 Ibid., p. 134.

850 Conner, *The Spearhead*, p. 25; Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII*, Vol. IV, p. 483.

851 Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 112.

852 Entrevista com Clinton Watters, acervo do autor.

853 Artigo de PBC.

854 Carta de John Basilone aos pais, sem data, Acervo da Família Basilone.

855 Shofner, “WWII Memories”, p. 85.

856 “Memorando ao G-2 do 6º. Exército”, ditado por Austin Shofner, 23 de janeiro de 1945, RG 338, Registro 44469, Box 24, Pasta 383.6, e guia de encaminhamento anexo assinado pelo cel. Horton White e outros, NARA.

857 Austin Shofner escreveu em suas “WWII Memories” (p. 85) que o almirante Nimitz havia solicitado sua presença e que ele serviu junto ao general Krueger nessa missão. Mas as ordens achadas na pasta da folha de serviços do CFNA de Shofner indicam que essa atribuição veio do estado-maior da 1ª. Divisão. O memorando que Shofner ditou foi concluído pelo estado-maior da 37ª. Divisão, que o repassou ao QG de Krueger. Ademais, Shofner assegurou que esteve presente em Cabanatuan em 31 de janeiro de 1945 para cumprimentar os prisioneiros, dia em que foram libertados. Suas ordens, bem como o relato por escrito feito por ele em 1945, deixam claro que ele partiu de Luzón em 23 de

janeiro, antes do início da “Grande Incursão”.

- 858 Entrevista com Harry Bender, acervo do autor.
- 859 Thomas J. “Stumpy” Stanley, “To All Hands”, 1982, CEUA.
- 860 Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, p. 87.
- 861 Entrevista com Charles “Chuck” Tatum, Acervo da Playtone.
- 862 J. R. Kerin, memórias não publicadas e entrevista com o autor; entrevistas de Calvin Anderson e Adolf Brusa com o autor.
- 863 Wells, *Give Me Fifty Marines*, p. 146.
- 864 Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, pp. 474, 523.
- 865 Conner, *The Spearhead*, p. 35.
- 866 Wells, *Give Me Fifty Marines*, p. 137.
- 867 Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. xi.
- 868 Garand e Strobridge, *USMC Operations in WWII, Vol. IV*, p. 473; entrevista com Adolf Brusa, acervo do autor.
- 869 Escala de Serviço do Pelotão de Metralhadoras da C/1/27, cortesia de Clinton Watters.
- 870 Entrevista de Clinton Watters com o autor; entrevista de Charles “Chuck” Tatum com o autor.
- 871 E-mail de Charles “Chuck” Tatum ao autor, acervo do autor; Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 123.
- 872 Lynn Kessler, *Never in Doubt* (Annapolis, Maryland: Naval Institute Press, 1999), p. 53.
- 873 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone.
- 874 Conner, *The Spearhead*, p. 40.
- 875 Kessler, *Never in Doubt*, p. 53; Tatum, *Red Blood Black Sand*, p. 134.
- 876 Tom Lea, “Peleliu”, *Life*, janeiro de 1945, p. 61.
- 877 J-O-U-R-N-A-L, Quartel-General da Unidade, 1º. BIFN, 27 de mar., 5ª. DIFN, 0800, 19 de fev. de 1945 a 1600, 19 de fev. de 1945, NARA.
- 878 Ibid.
- 879 Relatório do comandante da C/1/27, 24 de abril de 1945; Citação de concessão da Cruz do Mérito Aeronáutico a John Basilone, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone, NRC.
- 880 Artigo de Bob Gallo, sem data e de jornal não identificado, BPR. Uma reportagem da *Newsweek* de 1945 tem uma citação semelhante, de palavras ditas por Basilone nessa ocasião.
- 881 Entrevista com Roy Elsner; entrevista com Joe Rawlinger, 3 de maio de 2004; e-mail de William Weber ao autor; todos oriundos do acervo do autor.
- 882 Charles “Chuck” Tatum, “The Death of Manila John Basilone”, mst. não publicado; entrevistas com Charles “Chuck” Tatum, acervo do autor.
- 883 O relato de Chuck Tatum, feito em “The Death of Manila John Basilone” e também numa entrevista (Acervo da Playtone), era um pouco diferente do que consta na Citação de Concessão da Cruz do Mérito Aeronáutico, em que John figura destruindo a casamata “sozinho”.

- 884 Tatum, "The Death of Manila John Basilone".
- 885 Tatum, "The Death of Manila John Basilone"; entrevista com Charles "Chuck" Tatum, Acervo da Playtone.
- 886 Relatório da Companhia C, 24 de abril de 1945, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de John Basilone, NRC; Testemunho de George Migyanko (C/1/27), 24 de abril de 1945 para a Citação da Concessão da Cruz do Mérito Aeronáutico de Basilone; entrevista de Adolf Brusa, acervo do autor.
- 887 J-O-U-R-N-A-L, Quartel-General da Unidade, 1º. BIFN, 27 de mar., 5ª. DIFN, 0800, 19 de fev. de 1945 a 1600, 19 de fev. de 1945, NARA.
- 888 TranspDiv 47, 1ª. Viagem de Barcos, RG 127, NARA.
- 889 Entrevista com Roy Elsner; Tatum, "The Death of Manila John Basilone"; entrevista com Charles "Chuck" Tatum; entrevista com Joe Rawlinger; entrevista com Calvin Anderson; entrevista com Jim Turner (A/1/27); e-mail de William Weber (C/1/27); todos do acervo do autor.
- 890 Entrevista e e-mail de Clinton Watters, acervo do autor. Para ser justo com o sr. Watters, achei conveniente incluir aqui suas dúvidas em relação ao relato do sr. Tatum envolvendo sua atitude para com Basilone na ocasião.
- 891 Entrevista de Roy Elsner; Tatum, "The Death of Manila John Basilone"; entrevista com Charles "Chuck" Tatum; entrevista com Joe Rawlinger; entrevista com Calvin Anderson; entrevista com Jim Turner; e-mail de William Weber (C/1/27); todos do acervo do autor. Em *The Spearhead*, p. 48, Howard Conner declarou que quatro homens foram atingidos junto com ele.
- 892 Prontuário Médico de Basilone, "Resumo de Diagnóstico", 19 de fevereiro de 1945, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Basilone. Um número considerável de veteranos entrevistados para a elaboração desta obra alegou que estava perto de Basilone quando ele morreu. Todos eles dão versões diferentes, mas são acordes em dizer que foi um projétil de morteiro que matou John, versão que consta em relatos escritos. Com todos os fuzileiros usando roupas praticamente iguais e com todas as testemunhas correndo perigo extremo nesse momento, é possível que suas lembranças tenham sido obscurecidas pelos nefastos vapores da guerra. No caso dos relatos escritos, eles não constam no prontuário médico citado aqui. Já que os integrantes do Serviço de Sepultamento de Guerra tinham de examinar o corpo, recolher a plaqueta de identificação do soldado morto, fazerem os devidos registros e enterrarem o corpo, o relato deles é definitivo.
- 893 Cel. J. Shelton Scales, oficial da reserva do CFN, ao autor, 10 de setembro de 2007, acervo do autor; entrevista com Adolf Brusa, entrevista com Charles "Chuck" Tatum e entrevista com Clinton Watters, todos do acervo do autor; Kessler, *Never in Doubt*, p. 123.
- 894 Sledge, *With the Old Breed*, p. 148.
- 895 Diário Pessoal de John Wesley "Decano" Tatum, registro de 24 de novembro de 1944, cópia do autor, cortesia da Família Tatum.
- 896 Artigo do *Scout*; entrevistas com Barbara Gardiner e Lucille Otis, ambas do acervo do autor;

entrevista com Lena Basilone, Traditions Military Video, www.militaryvideo.com.

- 897 “Companhia de Fuzileiros Navais é submetida à última inspeção de armas pelos oficiais da unidade, sob o comando do ten.-cel. Shofner”, 29 de março de 1945, é a legenda da fotografia do CFNA #116686 da Divisão de Imagens Estáticas, NARA. O Plano de Governo de Ocupação do 10º. Exército citado abaixo parece diferir quanto ao número de soldados que Shofner comandou.
- 898 QG do 10º. Exército, Plano de Operações Experimentais 1-45: Junta Militar, QG do 10º. Exército, Pasta B-16, Box 278, RG 127, NARA.
- 899 Cap. H. Prudhomme, oficial da reserva do CFNA (assessor do Comitê de Assuntos Cíveis), “Anexo K: Comentários sobre as Operações da Junta Militar, Okinawa, 1ª. DIFN, 1º. de abril-26 de junho de 1945”, 6 de junho de 1945, Box 278, RG 127, NARA (doravante, Anexo K).
- 900 Ibid.
- 901 Benis M. Frank e Henry I. Shaw Jr., *History of the U.S. Marine Corps Operations in World War II: Victory and Occupation, Volume V* (Washington, D.C.: Departamento de História do CFNA, 1968), p. 94.
- 902 Thomas J. Stanley a William “Bill” Leyden, 20 de junho de 1980, CEUA.
- 903 Entrevista com R. V. Burgin, acervo do autor.
- 904 Entrevista com Sterling Mace (K/3/5), acervo do autor.
- 905 Praça A. R. Fournier do CFNA, “Diário da Companhia King, 3º. BIFN, 1º. RIFN”, Box 260, RG 127, NARA (doravante Diário de Fournier).
- 906 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 907 Relatório das Atividades da Junta Militar, 1º. de junho de 1945, Box 278, RG 127, NARA.
- 908 Relatório de Combates Especial do 3º. RIFN, RG 127, Box 260, NARA (doravante RCE do 3º. BIFN).
- 909 Entrevista com R. V. Burgin, acervo do autor; Diário de Fournier.
- 910 História oral de Harry Bender, acervo do autor.
- 911 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 912 RCE do 3º. RIFN; Relatório de Combates Especial do 5º. RIFN, RG 127, Box 260, NARA (doravante RCE do 5º. RIFN).
- 913 QG – Bt., 1ª. DIFN – Diário – Okinawa, NARA.
- 914 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais, RCE II Okinawa, RG 127, NARA.
- 915 Anexo K.
- 916 Ibid.
- 917 RCE do 3º. BIFN.
- 918 RCE do 5º. RIFN.
- 919 Sledge, *With the Old Breed*, p. 192.
- 920 Thomas J. “Stumpy” Stanley a William “Bill” Leyden, 20 de junho de 1980, CEUA.

- 921 Entrevista com Harry Bender (K/3/5), acervo do autor.
- 922 RCE do 3º. BIFN.
- 923 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 924 E. B. Sledge, "Palestra na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Força Aérea", 1993, CEUA.
- 925 Entrevista com Romus V. Burgin, Acervo da Playtone.
- 926 Sledge, *With the Old Breed*, p. 203.
- 927 Boyes a Stanley, 14 de março de 1981, CEUA.
- 928 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 929 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais, RCE II Okinawa, RG 127, NARA.
- 930 Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, p. 172.
- 931 Diário de Fournier.
- 932 Anexo K.
- 933 Ibid.
- 934 RCE do 3º. BIFN.
- 935 RCE do 5º. RIFN.
- 936 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 937 Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, p. 199.
- 938 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 939 Livro de Registro das Radiocomunicações do 3/5, 1º. de maio-14 de julho de 1945, RG 127, Box 258, NARA.
- 940 Ibid.
- 941 Entrevista com Sam Menzelos, acervo do autor; entrevista com Sterling Mace, acervo do autor; RCE do 3º BIFN. O Relatório de Combates Especial do 3º. Batalhão e o Livro de Registro das Radiocomunicações do 3/5 apresentam relatos diferentes sobre qual das companhias liderou a operação de assalto nesse dia.
- 942 Nota de Divulgação Oficial do CFNA à Imprensa, sem data. Elaborada pelo correspondente do CFNA no campo de batalha logo depois do incidente, o documento foi incluído numa carta de Boyes enviada a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA.
- 943 Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA.
- 944 Sledge a Boyes, 31 de março de 1980, CEUA; Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA.
- 945 Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA.
- 946 Sledge aos "Queridos papai e mamãe", 17 de abril [17 de maio] de 1945, CEUA. É óbvio que a carta recebera a data errada, pois, levando em conta o seu teor, não podia ter sido escrita em 17 de abril.
- 947 Stanley a Sledge, 9 de junho, terça-feira (ano desconhecido), CEUA.
- 948 Entrevista com Romus V. Burgin, acervo do autor. Burgin contou essa história como se tivesse ocorrido em 1º. de maio, mas o único dia em que a King fez um rápido avanço sobre uma colina e

manteve o controle sobre o terreno conquistado (o ponto capital da história) foi 9 de maio.

949 Boyes a Sledge, 28 de janeiro de 1980, CEUA.

950 Conner, *The Spearhead*, pp. 123-124.

951 Praça George W. Basilone à sgt. Lena Basilone, 28 de maio de 1945, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Basilone.

952 A data da edição do programa de rádio Treasury Salute [produzido pelo Departamento do Tesouro americano para promover a venda de bônus de guerra] fornecida pelos arquivos de gravações radiofônicas da Biblioteca do Congresso é 00/00/194, com narração de Hally Hull, LWO 5757 r28A4. Ver também “Alguns Conquistam Glória, Outros Deparam com a Morte, Outros Enfrentam Problemas”, *Newsweek*, 1945, p. 25; “Sargento John Basilone, Herói dos Fuzileiros Navais Morre em Iwo Jima”, recorte sem data de jornal não identificado; e “Herói de Guadalcanal Morre na Primeira Vaga de Ataque a Iwo”, reportagem de Lisle Shoemaker, da UPI, datada de 21 de fevereiro “atrasada”; todas as referências são da BPR.

953 Edward Kasky a Lena Mae Basilone, 10 de maio de 1945, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Basilone.

954 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais, RCE II Okinawa, RG 127, NARA.

955 Relatórios da D-2 (Ligação), 1º. RIFN, Okinawa, NARA.

956 Currículo de Ted Reuther (1/1, Comunicações), Northwood Institute, Midland, Michigan.

957 “Notas sobre a entrevista com o ten.-cel. Austin C. Shofner, do CFNA”, de autoria do cap. James R. Stockman, por solicitação do quartel-general do CFNA, 19 de março de 1947, NARA.

958 Relatório de Combates Especial do 1º. RIFN, Box 258, RG 127, NARA (doravante RCE do 1º. RIFN); Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, p. 239; Livro de Registro das Radiocomunicações do 3/5, 1º. de maio–14 de julho de 1945, RG 127, Box 258, NARA.

959 RCE do 1º. RIFN.

960 Diário de Fournier.

961 E. B. Sledge, “Palestra na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Força Aérea”, 1993, CEUA. A data desse incidente foi extraída do Mapa da Força dos Oficiais e Praças do CFNA, 3º. BIFN, 5º. RIFN, 1ª. DIFN, 1º. de maio a 31 de maio de 1945, no qual constavam as datas do tempo de internação hospitalar de Snafu.

962 Ronald J. Brown, *A Few Good Men: A History of the Fighting Fifth Marines* (Nova York: Ballantine Publishing Group, 2001), p. 185.

963 RCE do 3º. RIFN.

964 Entrevista com William “Bill” Leyden, Acervo da Playtone.

965 RCE do 1º. RIFN.

966 “Notas sobre a entrevista com o ten.-cel. Austin C. Shofner, do CFNA”, de autoria do cap. James R. Stockman, por solicitação do quartel-general do CFNA, 19 de março de 1947, NARA.

- 967 RCE do 3º. BIFN.
- 968 Sledge a Stumpy, 20 de março de 1980, CEUA.
- 969 Carlisle L. Tiller a Stumpy, 28 de abril de 1985, CEUA. Tiller disse que só soube o verdadeiro nome da colina quando leu o livro de Sledge.
- 970 Sledge a Stanley, 6 de fevereiro de 1980, CEUA.
- 971 Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA. A principal crítica que os membros da K/3/5 faziam ao livro de Sledge foi em relação à descrição que ele fez de George Loveday. O sgt. Johnny Marmet, o sgt. de pelotão Hank Boyes e o sgt. R. V. Burgin achavam que Sledge tinha cometido uma injustiça contra o colega. Sem dúvida, parte da revolta de Sledge provinha de um incidente ocorrido na China, envolvendo ele e Loveday. Ver o livro de Sledge intitulado *China Marine* (Tuscaloosa, Alabama: The University of Alabama Press, 2002).
- 972 E. B. Sledge, “Palestra na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Força Aérea”, 1993, CEUA; carta de Sledge “A Quem Interessar Possa” [declaração do estado de saúde de Leyden], 26 de outubro de 1982, CEUA.
- 973 RCE do 3º. BIFN.
- 974 Livro de Registro das Radiocomunicações do 3/5, 1º. de maio–14 de julho de 1945, RG 127, Box 258, NARA.
- 975 Entrevista com Sterling Mace, acervo do autor.
- 976 Hank a Sledge, 31 de março de 1980, CEUA.
- 977 Entrevista com William “Bill” Leyden, Acervo da Playtone.
- 978 Sledge aos “Queridos papai e mamãe”, 12 de junho de 1945, CEUA.
- 979 E. B. Sledge, “Palestra na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Força Aérea”, 1993, CEUA.
- 980 Sledge, *With the Old Breed*, p. 269.
- 981 Sledge a Boyes, 31 de março de 1980, CEUA.
- 982 Relatório Periódico do G-2, 25 de maio 2400-26 2400 de maio de 1945 #50, 1º. RIFN, Okinawa, NARA.
- 983 Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, nota de rodapé das pp. 277-278.
- 984 RCE do 1º. RIFN.
- 985 “Notas sobre a entrevista com o Ten.-Cel. Austin C. Shofner, do CFNA”, de autoria do cap. James R. Stockman, por solicitação do Quartel-General do CFNA, 19 de março de 1947, NARA.
- 986 RCE do 1º. RIFN; Relatório Periódico do G-2, 28 de maio 2400-29 2400 de maio de 1945 #53, 1º. RIFN, Okinawa, NARA.
- 987 RCE do 3º. BIFN.
- 988 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais, RCE II Okinawa, RG 127, NARA.
- 989 Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, p. 374.
- 990 Hank a Sledge, 31 de março de 1990, CEUA.

- 991 RCE do 3º. BIFN.
- 992 “Notas sobre a Entrevista com o Ten.-Cel. Austin C. Shofner, do CFNA”, de autoria do cap. James R. Stockman, por solicitação do Quartel-General do CFNA, 19 de março de 1947, NARA.
- 993 Relatório Periódico do G-2, 30 de maio 2400-31 de maio 2400 de 1945 #55, 1º. RIFN, Okinawa, NARA.
- 994 RCE do 1º. RIFN.
- 995 Ibid.
- 996 Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, p. 327.
- 997 RCE do 3º. BIFN.
- 998 Sledge a Boyes, 31 de março de 1980, CEUA; Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA.
- 999 RCE do 1º. RIFN.
- 1000 Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, p. 333.
- 1001 Shofner, “WWII Memories”, p. 96. Cumpre notar que a versão de Shofner sobre essa atitude, escrita numa fase posterior de sua vida, contém alguns exageros e/ou distorções, que foram omitidos. O acontecimento foi incluído no livro porque ele relatou essa “declaração de guerra” nas “Notas sobre a Entrevista com o Ten.-Cel. Austin C. Shofner, do CFNA”, de autoria do cap. James R. Stockman, por solicitação do Quartel-General do CFNA, 19 de março de 1947, NARA.
- 1002 RCE do 1º. RIFN.
- 1003 Ibid.
- 1004 Diário de Fournier.
- 1005 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais, RCE II Okinawa, NARA.
- 1006 Frank e Shaw, *Marine Corps in World War II: Vol. V*, p. 345.
- 1007 Carlisle L. Tiller a Stumpy, 28 de abril de 1985, CEUA.
- 1008 RCE do 3º. BIFN está em ligeira contradição com *With the Old Breed at Peleliu and Okinawa*, de Sledge, quanto à cronologia dos acontecimentos nas Colinas de Kunishi (ver a p. 294).
- 1009 Sledge aos “Queridíssimos papai e mamãe”, 24 de junho de 1945, CEUA.
- 1010 Boyes a Sledge, 5 de maio de 1980, CEUA; Sledge a Boyes, 31 de março de 1980, CEUA. No RCE do 3º. BIFN, houve um total de apenas 31 baixas nessa operação, mas Sledge e Boyes apresentaram dados convincentes em favor de um número maior de baixas.
- 1011 Stanley a Sledge, 9 de junho, terça-feira (ano desconhecido), CEUA.
- 1012 RCE do 3º. BIFN.
- 1013 KPI.
- 1014 RCE do 3º. BIFN.
- 1015 KPI.
- 1016 Brown, *A Few Good Men: A History of the Fighting Fifth Marines*, p. 191.
- 1017 Sledge a Stanley, 26 de agosto de 1980, CEUA; ver também Stanley, “Peleliu Veterans — A Roll of

Honor with K-3-5 at the End of Okinawa”, mst. sem data, CEUA; Boyes a Sledge, 28 de janeiro e 8 de maio de 1980, CEUA; Sledge a Boyes, 31 de março de 1980, CEUA.

1018 Entrevista do sgt. Joe Frangona (1/1) com o dr. Dave Thompson, 3 de março de 2004, acervo do autor.

1019 Diário de Fournier.

1020 Brown, *A Few Good Men: A History of the Fighting Fifth Marines*, p. 191.

1021 Entrevista com William Phillips (1/1), acervo do autor.

1022 1ª. Divisão de Infantaria de Fuzileiros Navais, RCE II Okinawa, RG 127, NARA.

1023 Currículo de Ted Reuther (1/1, Comunicações), Northwood Institute, Midland, Michigan.

1024 Entrevista com Sam Menzelos (K/3/5), acervo do autor.

1025 Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Merriel Allen Shelton, NRC.

ATO V

1026 Entrevista com Jeanne Sledge, Acervo da Playtone.

1027 Frank L. Kluckhohn, “Parada’ de Atsugi Está de Pé”, *The New York Times*, 30 de agosto de 1945, p. 1.

1028 Richard B. Finn, *Winners in Peace: MacArthur, Yoshida e Postwar Japan* (Berkeley, Califórnia: University of California Press, 1992), p. 8.

1029 Ibid., p. 10.

1030 Currículo de Ted Reuther (1/1, Comunicações), Northwood Institute, Midland, Michigan.

1031 Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, p. 557.

1032 Cabo Bill Farrell, “Grande Ironia”, *Leatherneck*, abril de 1946, vol. 29, #4, p. 19.

1033 E. B. Sledge, *China Marine* (Tuscaloosa, Alabama: The University of Alabama Press, 2002), p. 24.

1034 Thomas Stanley a Sledge, 10 de dezembro de 1981, CEUA.

1035 Sledge, *China Marine*, p. 102.

1036 O amor recebido da família Soong, que funcionou como verdadeiro remédio para ele, embora Sledge houvesse falado sobre isso nas cartas enviadas ao lar, foi tratado com mais detalhes por ele, principalmente, em seu segundo livro, *China Marine*.

1037 Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, p. 352.

1038 Finn, *Winners in Peace*.

1039 Douglas MacArthur, *Reminiscences* (Nova York: McGraw-Hill, 1964), pp. 282-283.

1040 Frank e Shaw, *Marine Corps Operations in World War II: Vol. V*, p. 492.

1041 Artigo do Scout; Programa da Cerimônia de Lançamento do USS *Basilone*, BPR; Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Lena Basilone, NRC.

1042 Shofner, em suas “WWII Memories”, p. 73, afirmou que esse encontro ocorreu em 1943. Mas Coach Neyland serviu no exterior durante a guerra e, portanto, esse importante encontro só pode ter

acontecido em 1946.

- 1043 Bob Gilbert, *Neyland: The Gridiron General* (Savannah, Geórgia: Gold Coast Publishing Co., 1990).
- 1044 “O Elegante Casamento de Houston-Phillips”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo de Sidney Phillips.
- 1045 J. Robert Moskin, *The U.S. Marine Corps Story* (Nova York: McGraw-Hill, 1977).
- 1046 Tom Bartlett, “Apesar de Todas as Previsões em Contrário”, *Leatherneck*, junho de 1976, vol. 59, #6, pp. 39-41.
- 1047 Kay Rose, “Novo Monumento Homenageia Shofner”, *Shelbyville Times-Gazette*, 5 de maio de 2003, p. 1, cortesia do cel. Otto Melsa.
- 1048 Sledge, *China Marine*, p. 154.
- 1049 Sledge a Stumpy e Valton, 3 de dezembro de 1980, CEUA.
- 1050 Sledge a Stanley, 6 de fevereiro de 1980, CEUA; Sledge a Hank Boyes, 25 de julho de 1979, CEUA; Sledge a Walter McIlhenny, 31 de maio de 1977, CEUA.
- 1051 Sledge, *China Marine*, p. 135.
- 1052 Entrevista com o dr. Sidney Phillips, acervo do autor.
- 1053 E-mail de Jeanne Sledge ao autor, 2008, acervo do autor.
- 1054 KPI.
- 1055 Sledge a Stumpy e Valton, 3 de dezembro de 1980, CEUA.
- 1056 Sledge a Stanley, 16 de janeiro de 1984, CEUA. Está claro que Sledge não teve acesso ao Registro do 3/5 ou ao RCE do 3º. BIFN, citados várias vezes aqui. Quando, anos depois, ele viu o primeiro desses documentos, ficou enojado.
- 1057 A história de Hiroo Onoda foi extraída de um verbete da www.wikipedia.com.
- 1058 Sledge a Stanley, 16 de janeiro de 1984, CEUA.
- 1059 Entrevista com Jeanne Sledge, maio de 2004, Acervo da Playtone.
- 1060 Sledge a Stumpy e Valton, 3 de dezembro de 1980, CEUA.
- 1061 Tenente Kasky (comandante da C-1-27), 24 de abril de 1945, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Basilone.
- 1062 Artigo do *Scout*.
- 1063 Carlo Basilone ao gen. A. A. Vandegrift, 12 de abril de 1946, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Basilone; A. A. Vandegrift à sra. Basilone, 29 de setembro de 1947, Folha de Serviços Pessoais do CFNA de Basilone; “Irmã de Herói da Segunda Guerra Mundial Morre em Acidente de Carro em Somerville”, *Newark Star-Ledger*, 15 de novembro de 2003, BPR; fotografia do funeral em Arlington, Acervo da Família Basilone; Ed Sullivan, “Pequena Velha Nova York”, artigo sem data de jornal não identificado, BPR.
- 1064 “Raritan Inaugurará Estátua em Homenagem a Basilone”; Local da Parada”, *Courier News*, 4 de junho

de 1948. “Estátua Dedicada a Basilone”, 7 de junho de 1948, recorte de jornal não identificado de Newark, Nova Jersey, BPR.

1065 Programa da Cerimônia de Lançamento do USS *Basilone*, BPR.

1066 “Encontra-se com a Família”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.

1067 Herbert Lansner, “Táxi Tomado por Acaso Reúne Viúva e Colegas de seu Marido Herói”, recorte sem data de jornal não identificado, Acervo da Família Basilone.

1068 “Seu Marido Herói Não Voltou para Casa”, *Newark Star-Ledger*, 28 de maio de 1950, Acervo da Família Basilone.

1069 “Uma Visão da Família do Herói John Basilone”, *South Plainfield Observer*, 11 de fevereiro de 1988, p. 9, BPR.

1070 Jim G. Lucas, “Ganhador da Medalha de Honra Prefere Morte Heroica a uma Vida de Herói”, *New York World-Telegram*, 1962, Acervo da Família Basilone; Robert Leckie, “O Fuzileiro Naval Perfeito que Implorou para Morrer”, *Saga Magazine*, 1964, cortesia da Família de Robert Leckie.

1071 “Como Jovens Estudantes Iniciaram a Parada em 81”, Suplemento do Jornal Forbes, 19 de setembro de 1990, BPR.

1072 Entrevista com Lena Basilone, artigo do *Scout*.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

THE PACIFIC

Skoob do livro

<http://www.skoob.com.br/livro/354696->

Site do autor

<http://hughambrose.com/>

SUMÁRIO

CAPA
ROSTO
CRÉDITOS
DEDICATORIA
AGRADECIMENTOS
INTRODUÇÃO
O ELENCO
ATO I - CASTELO DE CARTAS
ATO II - VINGADOS E QUITES
FOTOS
ATO III - A PAUSA REVIGORA
ATO IV - FARDADO E EMBARCADO
ATO V - LEGADOS
NOTAS FINAIS
COLOFON
SAIBA MAIS